# NOSSA HISTÓRIA 3



**Prudenciano Pinto**
Trisavô
∗Cerca de 1820
Falecido



**Francisca Pinto**
Trisavó
∗Cerca de 1825
Falecido



**Francisco Lopes Carvalho**
Trisavô
∗Cerca de mai de 1815
Falecido



**João Lino dos Santos (1)**
Trisavô
∗Cerca de 1824
Falecido



**Joaquina Rosa de Jesus**
Trisavó
∗Cerca de 1826
Falecido



**Maria Antônia (Jesus?)**
Trisavó
∗Cerca de 1835
Falecido



**Francisca Maria De Jesus**
Trisavó
∗1821
19 de ago de 1871 (~50 de idade)



**José Francisco Pinto**
Bisavô
∗1851
5 de nov de 1918 (~67 de idade)



**Camilla Rosa ou Ritta de Jesus Pinto**
Bisavó
∗Cerca de 1850
Falecido



**Luiz Silva**
Trisavô
∗Cerca de 1820
Falecido



**Maria Camila Silva**
Trisavó
∗Cerca de 1825
Falecido



**Antonino Lino dos Santos**
Bisavô
∗Cerca de 1844
Antes de 1923



**Januário Lopes de Carvalho**
Bisavô
∗5 de jun de 1861
Falecido



**Camilla Maria de Jesus de Carvalho**
Bisavó
∗Cerca de 1865
Falecido

**Izaltino Raimundo Pinto**



Pai
∗23 de jan de 1918
13 de mar de 1990 (72 de idade)

**Minervina Lina Pinto**



Mãe
∗9 de jul de 1915
25 de abr de 1999 (83 de idade)



**Maria Francisca de Jesus**
Bisavó
∗1860
1932



**João José da Silva**
Bisavô
∗Cerca de 1850
8 de mar de 1920 (~70 de idade)



**João Ladislau Pinto**
Avô
∗Antes de jul de 1878
1 de fev de 1944



**Flausina Valentino Pinto (born Lopes)**
Avó
∗14 de fev de 1883
22 de abr de 1932 (49 de idade)



**Minervina Antônia Silva (born Jesus)**
Bisavó
∗Cerca de 1855
Antes de 1919



**João Lino dos Santos (2)**
Avô
∗10 de set de 1885
15 de mai de 1933 (47 de idade)



**José Francisco Pinto**
Tio
∗2 de mai de 1921
8 de dez de 2007 (86 de idade)



**Sebastiana Ladislau Pinto**
Tia
∗4 de mar de 1923
Falecido



**Januária Eulália Silva (born Pinto)**
Tia
∗28 de jun de 1906
2 de jan de 1940 (33 de idade)



**Antonia Minervina dos Santos Couto**
Avó
∗13 de abr de 1891
17 de mar de 1940 (48 de idade)



**Maria Lino dos Santos**
Tia
∗1914
6 de nov de 1936 (~22 de idade)



**Olga Lino dos Santos Freitas**
Tia
∗29 de dez de 1919
12 de set de 2020 (100 de idade)



**Vitalino Amaro Pinto**
Tio
∗15 de jan de 1913
16 de mai de 1986 (73 de idade)



**Donato Orlando Pinto**
Tio
∗dez de 1910
5 de set de 1970 (59 de idade)



**Rita Gonçalves (born Ladislau Pinto)**
Tia
∗29 de dez de 1908
Falecido



**João Lino dos Santos (4)**
Tio
∗8 de jul de 1924
7 de mai de 1982 (57 de idade)



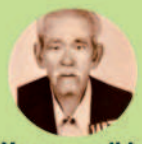
**Sebastiana Silva (born Lino dos Santos)**
Tia
∗5 de abr de 1922
Falecido



**Jandira Lino da Costa**
Tia
∗6 de jun de 1926
7 de dez de 2015 (89 de idade)



**Arminda Olinda Pinto**
Tia
∗21 de set de 1915
24 de jan de 1940 (24 de idade)



**Hermenegildo Rogério Pinto**
Tio
∗13 de abr de 1904
30 de mai de 1978 (74 de idade)



**Maria Pinto**
Tia
∗21 de ago de 1902
Falecido



**Nathália (Niguita) Cruz (born Lina dos Santos)**
Tia
∗9 de jul de 1917
10 de set de 1983 (66 de idade)



**Carmen Lina dos Santos**
Tia
∗8 de nov de 1928
19 de jul de 2018 (89 de idade)



**Ilda Lino dos Santos**
Tia
∗7 de mai de 1933
1 de dez de 1970 (37 de idade)

# Nossa História 3 - Família Lino e Pinto

**Desde julho de 2017** estou envolvido com histórias da nossa família. Tudo começou na comemoração dos 75 anos do mano Expedito, quando decidimos viajar para Visconde do Rio Branco e São Pedro dos Ferros, em Minas Gerais, para irmos atras das nossas origens. Visconde do Rio Branco é berço de mais de 95% dos nossos parentes, nascidos antes de 1960.

O fruto dessas viagens e muitas pesquisas, nos rendeu alguns livros e até uma árvore genealógica com mais de 1.000 parentes, coisa impensável até então, considerando que mal sabíamos os nomes dos nossos avós. Com a árvore, conseguimos chegar até o ano de 1820, e no meu caso, encontrar os nomes dos meus trisavós, maternos e paternos. Meus filhos e os filhos dos meus primos estão na vantagem. Já tem tataravós para chamarem de seus.

Essas andanças e pesquisas, renderam muito material como; vídeos, áudios e muitas histórias. Tudo isso graças ao meu filho Júnior que captou grande parte do material nessas viagens.

Na verdade, o Júnior já tinha iniciado esse processo de historiador em 2008, na festa de 70 anos do Zezito, meu irmão e, 3 anos depois, em 2011, quando fiz 60 anos e ele levou alguns irmãos meus a Visconde e Juiz de Fora, onde gravou alguns vídeos e entrevistas com parentes, como um presente para mim.

Parte desse material e histórias foram revelados nos livros anteriores. Porém muita coisa ficou de fora.

O que fazer? Guardar tudo isso e não divulgar? Entendi que não. Pelo contrário, é um material muito importante para as futuras gerações das famílias Pinto e Lino dos Santos. Material que, se olharmos bem, conta mais de 200 anos das nossas famílias.

É muita história. Com certeza alguém se interessará no futuro.

Nesse novo livro tem muita gente participando, com testemunhos inacreditáveis. Agradeço a todos eles, especialmente a Nilza, com sua memória prodigiosa. Além dela temos, o Expedito, Olga, Luiz, Marta, Zezito e outros parentes, como o Tãozico e Lourdinha, suas irmãs, Lourdes, Maura e Regina, O Zil e a Creuza filhos da Tia Carminha. De Juiz de Fora temos o Osmar Lino de Freitas e as tias Olga e Jandira. Para complementar temos; Toni, Adenize, Márcio e Rodrigo.

Decidi também, criar um site da família, nele teremos todo esse material na íntegra, além dos livros anteriores, fotos, vídeos, áudios e muito mais.

Todo esse material estará no site: https://www.familialinopinto.com.br/

Espero que vocês apreciem e estimulem os mais jovens a conhecerem nossa história.

Antônio Lino Pinto
Maio/2025

Existem várias maneiras de colocar essas histórias no papel. Escolhi a forma que julguei mais apropriada: Na sequência em que aconteceram e foram relatadas.

Começo em 2008 no aniversário dos 70 anos do Zezito e término em 2025, em mais uma visita a Visconde.

Esse será então o roteiro dos registros:

2008 - Sítio Morada do Sol - Santa Isabel: Aniversário dos 70 anos do Zezito.

2011 - Visconde do Rio Branco: Documentário do meu filho Júnior nos meus 60 anos.

2017 - Setembro - Visconde e São Pedro dos Ferros.

2018 - Setembro - Visconde do Rio Branco.

2019 - Janeiro - Juiz de Fora e Visconde.

2019 - Junho - São Pedro dos Ferros e Visconde.

2020 - Janeiro - Juiz de Fora e Visconde.

2021 - Outubro/Novembro - Visconde e São Pedro dos Ferros. Com os Sobrinhos.

2022 - Setembro - Visconde do Rio Branco – 80 anos do Expedito.

2023 - Maio - Visconde do Rio Branco - 80 anos do Zizinho.

2023 - Setembro - Visconde do Rio Branco - 50 anos do casamento do Tãozico e Lourdinha.

2024 - Setembro - Borrazópolis, PR - Visita onde o Tio Donato e Izaltino moraram.

2024 – Novembro – Visconde do Rio Branco.

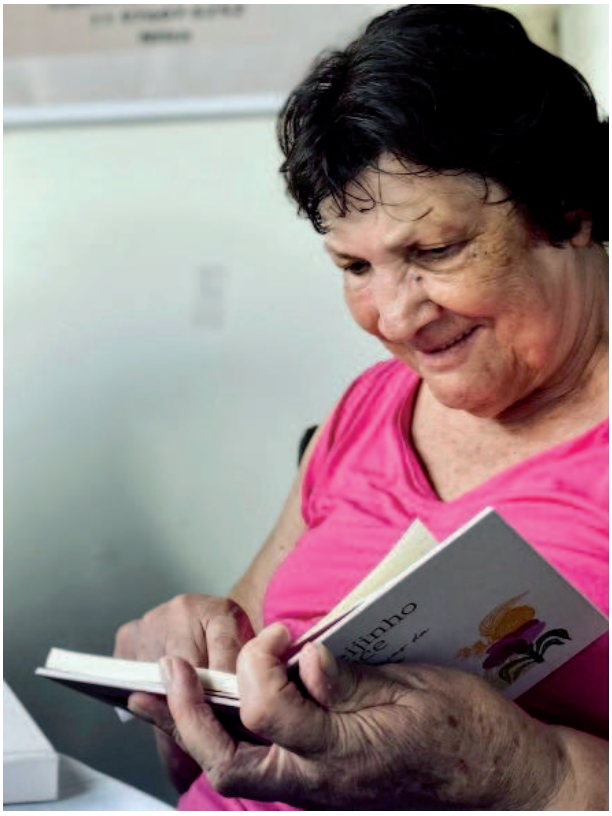
2025 – Visconde do Rio Branco.

Essa será, portanto, a base para o livro. Muitas histórias. Algumas inacreditáveis. E, principalmente, mostrando como essa família é forte.

Muitos dos relatos a seguir, por culpa do tempo, contém alguns erros, principalmente em relação a datas.
Para não modificar o que foi dito, preferi fazer observações com (parênteses em vermelho) naqueles que julgo importantes para o registro real. Lembrando que até 2017 sabíamos muito pouco do nosso passado.
Datas por exemplo só foram possíveis definir corretamente, com as informações da Nilza.

# Nossa História 3

## Tudo que vocês lerão a seguir foi fruto de 2 pessoas muito especiais.



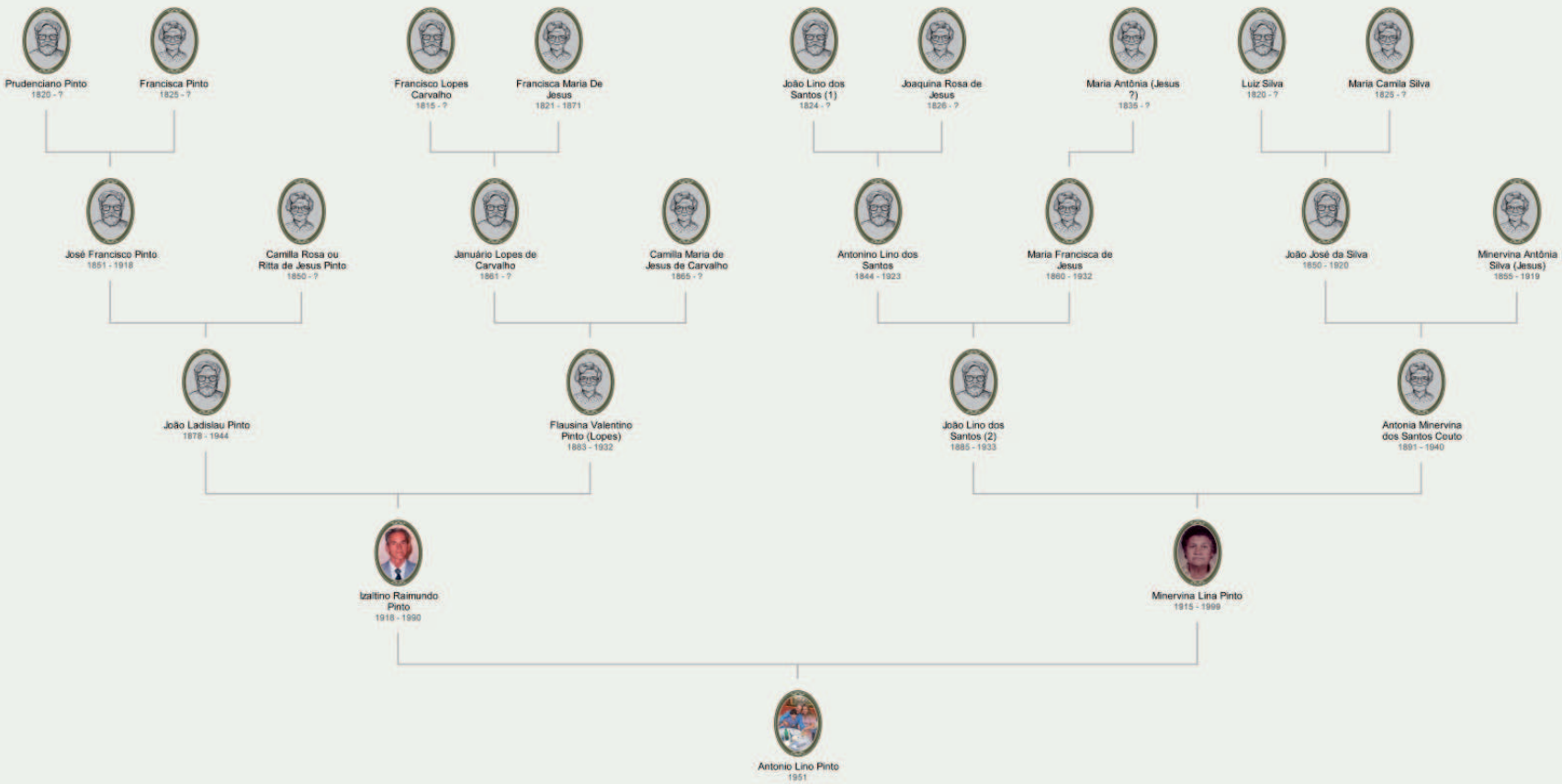
Minha irmã, Nilza Maria Pinto da Costa (Duduca) que com sua memória prodigiosa nos relatou coisas do arco da velha. Incrível como aos 77 anos em 2017, ela tivesse tantas lembranças e histórias. Ganhou até um livro próprio em 2022.

A segunda pessoa mais importante foi esse bonitão ao lado, que nos acompanhou em todos os cafundós de Minas e Paraná, registrando tudo, em fotos e vídeos.

Graças a ele temos essa riqueza de histórias. Além de tanto talento ele é, por acaso, meu filho, Antônio Lino Pinto Júnior



# Antepassados de Antonio Lino Pinto




MyHeritage
Produzido por MyHeritage

# Nossa árvore genealógica

Aqui temos nossos antepassados, trisavós, bisavós e avós, paternos e maternos por parte do Izaltino e da Minervina.

## Paternos

### Trisavós:




### Bisavós:




### Avós:




### Izaltino e irmãos:




## Maternos

### Trisavós:




### Bisavós:




### Avós:




### Minervina e irmãos:




**Essa árvore significa que, no topo (trisavós):**
**Para mim e meus primos, são nossos trisavós/tetravôs.**
**Para nossos filhos, eles são tataravós.**
**Para nossos netos, eles são avós ou pentavôs.**
**Para nossos bisnetos, eles são hexavôs.**

# Violência contra os filhos, Alcoolismo, Tabagismo e Ciúme.

**(Temas relatados nesse livro)**

**Violência contra os filhos:** É muito importante que entendamos que se tratava de uma cultura que só foi minimizada após os anos 1970. Até então, a educação era assim. Os pais repetiam o que seus pais e avós praticavam. Tinha muito amor envolvido também. O amor era com certeza muito superior às surras. Portanto vamos perdoar nossos pais. Eles nos amavam, do jeito deles.

**Alcoolismo:** Problema universal até hoje, sem solução. Imaginem as pessoas naquelas fazendas, sem recurso, sem luz elétrica, com 12, 13 filhos. A cachaça era a companheira para desafogo. Crianças e até bebês eram tratadas com o famoso Biotônico Fontoura, que só recentemente perceberam que tinha dosagem alcóolica maior que de cerveja. Com certeza a dependência já vinha desse medicamento que toda criança no interior tomava.




**Tabagismo:** Um vício comum naquela época, era normal crianças com 12 anos fumarem. Era motivo de orgulho pois mostrava maturidade.

**Ciúmes:** Esse é um grande drama universal. No Brasil temos o termo feminicídio para definir a violência do marido contra a esposa. Nunca se matou tanto as esposas e namoradas, como agora.

Nos relatos desse livro, temos muitas situações de ciúmes. De novo, imaginem essas pessoas vivendo em condições precárias, sem estudo, metidos naqueles cafundós, em 1920, 1930, 1940, 1950... Época sem nenhuma orientação psicológica.

No relato da tia Olga em 2011, ela fala que escutava muito dos mais velhos, que, alguns maridos, quando iam trabalhar, fechavam as portas e levavam as chaves, para a esposa não sair. Por sorte, o marido dela, embora muito ciumento, nunca teve essa atitude.

Ciúme e álcool juntos geravam e, ainda geram, uma verdadeira bomba.

Por sorte não tivemos nenhum caso de violência muito grave, ou de morte.

Meu pai, Izaltino, é muito citado, pelo alcoolismo e pelo ciúme. No entanto era uma pessoa extremamente honesta, trabalhadora e responsável. Ele parou de beber em 1965 aos 47 anos e diminuiu muito o grau de ciúmes.

Foi muito decente em reconhecer os erros e pedir perdão para minha mãe, Minervina, que o perdoou. Isso mostra seu caráter. Da minha mãe também, pois uma pessoa que perdoa só pode ter um espírito muito elevado. Que era o caso dela.

Tenho muito orgulho de ter tido ele como pai. Só tenho coisas boas de lembranças dele.

Para entender os tempos antigos, sugiro essa música do Ivan Lins e Vitor Martins.

É uma música com cunho político, mas reflete bem nossos erros e a capacidade de pedir perdão.

"Aos nossos filhos"
Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de um abraço
Perdoem a falta de um espaço
**Os dias eram assim**

Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
**Os dias eram assim**

Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
**Os dias eram assim**

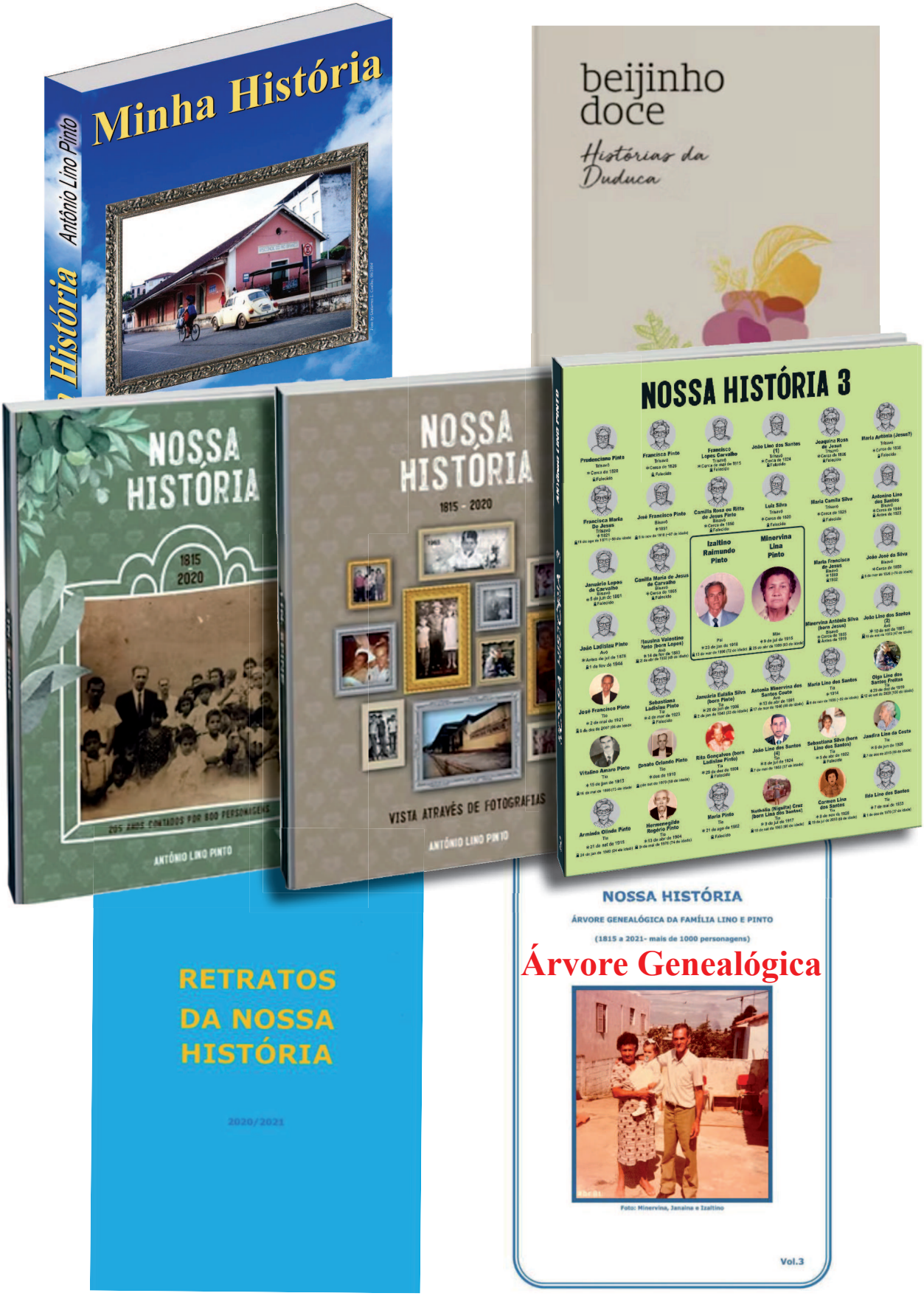
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim

E quando largarem a mágoa
E quando lavarem a alma
E quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim

Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim

A seguir nossas histórias e relatos entre 2008 e 2025, conforme dito acima.

Material para leitura que complementa a nossa história. Estão todos no site no site, embora vários parentes tenham recebido os livros fisicamente.



# 1º Evento



**José Lino Pinto**
**Nascimento: 17/10/1938**
**Festa dos 70 anos**
**Depoimento ao Júnior em 2008**

Nosso primeiro registro, feito pelo meu filho, foi em 2008, quando fizemos uma festa em um Sítio, para comemorar os 70 anos do mano Zezito, Jose Lino Pinto, nascido em 17.10.1938

- É o Zezito lá embaixo! Êta nós!

- A chegada aqui demorou.

- Filma ele! Filma ele!

- O dono desse sítio se isola mesmo, né?

- Não sei se a gente ia acostumar-se, né? Mas que é legal, é.

- É bom a gente relembrar aqueles passado, né? Se diz que não deve relembrar os passado, eu gosto de relembrar.

- Não, o que é bom é pra ser relembrado, né? Deixar o que são as coisas ruim pra lá.

**Júnior:** Aqui lembra um pouco o sítio que vocês moravam lá, não?



**Expedito:** E como lembra! A saracura que ele viu agora aí é uma coisa que a gente vivia armando arapuca pra pegar.

**Júnior:** Pegava o quê? Pra comer?

**Expedito:** É, pra comer mesmo.

**Jr:** Fazia assadinho depois?

**Zezito:** Tinha também o preá, né?

**Expedito:** Preá eu já comi, preá é aquele... aquele rato, não tem o ratão grandão? Preá é igual aquilo lá, a gente matava e comia. Quanta besteira, né?

**Expedito:** É coisa de... de criança, né? Porque hoje em dia a gente... acho que a gente não faria mais isso aí não, ficar pegando aqueles passarinho pra matar e comer. Pegava o passarinho, torcia o pescoço, jogava lá na chapa do fogão, metia sal...

**Zezito:** É uma judiação, né?

**Júnior:** E como é que era a infância lá? A senhora lembra?

**Nilza:** Não tinha. Não tinha infância não. Eu com 4 anos eu já... eu ajudava minha mãe, ajudava meus irmãos, entendeu? Esse meu irmão que morreu, o João, ele... a minha mãe ia trabalhar na roça e eu ficava

com ele, tinha que levar lá na roça onde minha mãe estava pra dar de mamar, chegava a hora de mamar, eu o pegava e levava lá, sabe? A minha mãe levantava... isso aí quando nós éramos pequenas, a minha mãe levantava 4 horas da manhã pra costurar, numa maquininha de mão, ela se levantava pra costurar e eu ficava cuidando dos meninos, ela só não deixava a gente fazer comida, não deixava nós pegarmos no fogão de jeito nenhum, que eram aqueles fogões de lenha, né? E ela tinha medo da gente se queimar, então ela ficava sentada costurando e na hora da comida ela levantava, fazia comida, aí a gente ia lavar as louças, arear tudo, guardar tudo bonitinho, quando era à tarde era a mesma coisa, ficava dia e noite costurando.




**Júnior:** E ela cozinhava o que pra vocês?

**Nilza:** Era... comida nossa lá só tinha arroz no domingo se tivesse visita. Era... era angu, né? Eu lembro até agora, né, era angu, feijão, canjiquinha, né? Hoje eles falam quirela, é a canjiquinha, mingau de couve, é... que fala sopa de couve. Quando ia cortar a abóbora pra fazer era um... uma lapa assim, bem grandona, que era muita gente, né? Pra dar comida, né? Nós éramos em 11 irmãos, o papai e a mamãe, era muita gente.

**Júnior:** E como é que era o vô? Ele era muito bravo? Muito... Carinhoso?

**Nilza:** Nós tínhamos um medo danado dele!

**Nilza:** O papai batia com o que tivesse na frente. Uma vez ele pegou o Zezito com aquela vara de tocar boi, virou assim, ó, nas costas do coitado do menino e eu ficava chorando, né? Que eu tinha dó deles. E... ele era assim, a gente ia trabalhar na roça com ele, né? Que era eu, o Zezito e ele, ele pegava assim o Zezito assim e eu assim, nós dois acompanhava ele o dia inteiro na enxada, na hora do almoço a gente se sentava pra almoçar e ele ficava em pé, ele falava que ele não podia sentar não, que se ele sentasse nós deitávamos! Ele não podia se sentar não, tinha que ficar em pé, como diz, botar respeito, né? Então a gente... chegava a hora do almoço a gente sentava e ele ficava lá, ficava em pé com a enxada assim e o cigarro na mão, aí passava aqueles minutinhos, né, aí voltava nós de novo pra trabalhar. Era assim, a gente cantava na roça o dia inteirinho, ele não dava uma conversa com a gente, ele só pegava a música que a gente estava cantando, ele assobiava, mas não dava atenção pra gente não.




**Jr:** A senhora lembra alguma música daquela época que vocês cantavam?

**Nilza:** Ah, meu Deus, Chiquita Bacana nós cantávamos.

**Jr:** Chiquita Bacana? Como que é?

**Nilza:** Né? Chiquita Bacana. Chiquita Bacana lá da Martinica, ela se veste com uma casca da banana nanica... é música de carnaval.

**Nilza:** Meu pai mandava a gente vender banana na cidade, eu e o Zezito, ele cortava, tinha uma... um botequim, eles falavam botequim, né, na cidade, no comecinho da cidade, (Chamava venda do Filipinho) o papai vendia as bananas lá e cortava e mandava nós entregar, aí a gente ia entregar a banana, não podia pegar um tostão pra comprar uma bala, ele não deixava, falava "traz o dinheiro inteirinho", e nós levávamos, aí nós tínhamos medo de ir embora de noite, que a gente ia, pegava a cesta na cabeça, pesada, né? E na hora de vir

embora a gente tinha medo de vir sozinho naqueles trilhos, aí passava um cavaleiro nós íamos correndo atrás, eu, o Zezito e o Expedito, a gente corria atrás que a gente tinha medo, então eles maneiravam os cavalos assim porque eles sabiam que as crianças estavam com medo, sabe? Engraçado que não tinha perigo, né, antigamente, era só o medo que a gente tinha...o perigo que tinha era cachorro bravo, boi... (fatos ocorridos por volta de final dos anos 1940 início dos anos 1950).

**Jr:** E a senhora tem saudade daquele tempo ou era...

**Nilza:** Ah, eu tenho, eu acho que com tudo que é fácil hoje, algumas coisa naquele tempo era melhor. Com tudo que a gente passava, mas eu acho que a gente era... era mais feliz.



**Zezito:** Era muito difícil a vida na roça pra nós, né? Hoje é tudo mais fácil, né? Aquele tempo era muito difícil. O Zé Ventura, né, o administrador da fazenda lá morreu na miséria, morreu... miserável, ele não permitia que a gente catasse uma manga, cheio de manga lá, manga perdendo lá, nem porco queria mais, não podia catar a manga, você lembra disso Expedito.

**Expedito:** O incrível era ele não deixar a gente... pegar aquelas manga, né, que estava tudo apodrecendo lá e como tinha manga, hein?

**Zezito:** Tinha uma manga que estava... a gente passava assim no caminho assim e a casa dele era lá assim, tinha uma manga pendurada lá, aquela manga eu nunca esqueço dela até hoje. Aquela manga tá entalada aqui, até hoje, ó, eu passo lá e eu vejo, juro por Deus, eu não esqueço dessas coisas.

**Expedito:** Quem permaneceu mais na roça de todos os irmãos fui eu.

**Zezito:** Eu saí com 17 anos.

**Expedito:** E o João, né? O João que morreu.

**Zezito:** Com 17 anos eu já puxei o carro.



**Expedito:** Você saiu fora cedo.

**Jr:** Lá de Rio Branco vocês foram pra onde?

**Nilza:** De Rio Branco a gente veio embora... pra Zona da Mata. É... como é que fala? São Pedro dos Ferros.

**Nilza:** São Pedro dos Ferros, é. Foi onde meu pai foi (7 ou 8 de Julho de 1957) quando eu tinha casado, tinha 8 dias de casada, (Casou em 29/6/1957) e meu pai foi embora pra esse lugar, aí depois de acho que 2 anos, 3 anos parece, eu fui também, é... São Pedro dos Ferro, onde nasceu a Marta em 1958, onde nasceu a... essa minha filha, a Marlí em 1964, mãe das meninas... de lá da Zona da Mata meu pai veio embora pra São Paulo, depois de muitos anos é que eu vim também pra cá, aí a gente não separou mais.

**Zezito:** 1958 eu estava em Governador Valadares, depois vim pra Rio Branco de novo, pra cidade. Depois fui pra roça de novo, depois voltei pra Rio Branco, de Rio Branco eu fui pra Ubá, de Ubá eu fui pra Juiz de Fora, de Juiz de Fora eu vim pra cá. Em 1961 eu fui pra São Paulo, (janeiro de 61).

**Nilza:** O Zezito foi o primeiro, ele veio, depois ele chamou o Expedito, depois ele chamou o João e ficaram um bom tempo trabalhando e mandando dinheiro pra mãe, né? Aí depois ele foi lá e buscou todo mundo. (1963)

**Zezito:** Aí eu mandei, o Expedito, buscar os meus pais, ele foi lá e... não conseguiu trazer, que eles eram que nem bicho do mato, ele não queria vir por que tá acostumado lá na roça, vai vir pra cidade? É igual que se sair da cidade, não conhece o mato, quer ir pro mato e tem medo de cobra. Ele tinha medo de ir pra cidade, aí eu falei

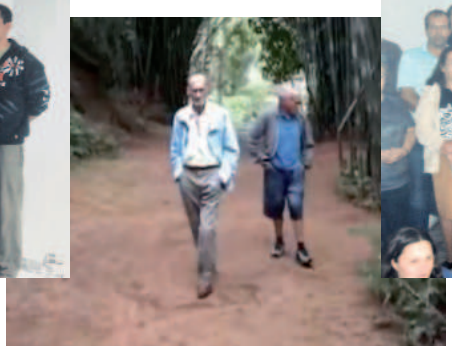


"filha da puta, você não trouxe? Eu vou lá buscar eles", fui lá e trouxe.




**Nilza:** Quando a gente veio aqui pra São Paulo (1965) o Zezito tinha uma maquininha, foi lá em casa e juntou nós e tirou, eu, banguela, de saia rodada, de chinelinha... como é que fala? É... sapatilha, aquele arquinho na cabeça, cabelo de permanente, maior situação [risos] (Foto foi tirada depois, em 1966,quando ela morava na Rua Nova Friburgo 32).








**Adendo:**

Quando terminei esse capítulo, fiquei curioso pois me lembrava de poucos detalhes dessa festa de 70 anos. Comecei a maratona perguntando aos parentes, mas todos também tinham vaga ideia do local. Afinal havia se passado 16 anos!

Achar onde foi passou a ser uma questão de honra, embora não fosse algo tão relevante para o livro.

Acionei em seguida o Wagner, filho do Zezito e meus sobrinhos Marcelo e Tony.

Os três se envolveram muito e graças a um video que o Márcio, filho da Olga, nos enviou começamos a ter mais condições de localizar onde tinha sido.

O Tony se mandou para Arujá e Santa Izabel, sem sucesso. Na segunda ida com algumas fotos e com seu irmão José Antônio, consefuiu o local exato.

Meus parabéns a todos, especialmente ao Tony que comprou o desafio.  Agora sabemos.

**Sitio Morada do Sol - Estrada do Retiro, 7.000, Município de Santa Isabel, Estado de São Paulo.**

Para nossa tristeza o sítio foi desativado, a empresa dona de uma pedreira vizinha comprou a área.

## Situação do sítio hoje:











# Homenagem do Júnior pelos meus 60 anos em 2011

Em 2011, meu filho me fez uma surpresa. Foi a Juiz de Fora e Visconde do Rio Branco, resgatar algumas histórias sobre mim e a família. Ele levou o Expedito, a Olga, o Ivan, filho do Expedito, a Marta e a Marcela, as duas ficaram em Juiz de Fora.

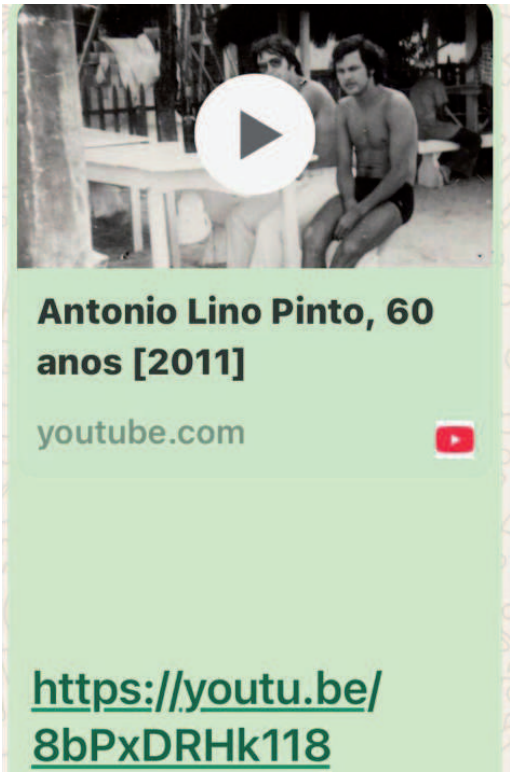
O Júnior, colheu histórias de várias pessoas, tanto sobre mim quanto sobre como viviam nossos parentes. Juntei isso em um bloco com 7 depoimentos. Marta Lino Pinto, Luiz Lino Pinto, Expedito Lino Pinto, José Lino Pinto, Tia Olga Lino de Freitas (com a participação da Tia Jandira, Osmar Freitas e sua esposa Regina), Olga Lino Pinto dos Santos, Sebastião Lopes da Cruz, o Tãozico, e sua esposa Lourdinha.

Embora eu tenha sido o foco das conversas, com elogios exagerados sobre mim, muita coisa interessante, sobre nossas famílias foram lembradas e registradas. Vale a pena a leitura.

As conversas começaram em Juiz de Fora na casa da Tia Olga e em seguida com o primo Tãozico em Visconde. Em São Paulo, na volta, ele conversou com a Marta, Olga, Expedito e Zezito.

A seguir as conversas na íntegra.

**Assistam ao vídeo dessa homenagem no YouTube.**
**Digite o link abaixo no navegador (Google ou Edge)**
**https://www.youtube.com/watch?v=8bPxDRHk118**



# Nilza Maria Pinto da Costa (07/05/1940)
# Depoimento ao Júnior em 03/10/2011



**Duduca** – Hoje eu vou mexer com o dedinho aqui? Hã hã.

**Pergunta** - E aí, daquelas histórias que a senhora já estava me falando de umas histórias que não tinha falado no outro vídeo!

**Duduca** – Então, eu perguntei! Há! Há! Há!

**Pergunta** – Então, que era, a senhora falou de umas histórias do Zezito eu acho!

**Duduca** – De moer cana?

**Pergunta** – Isso! Como é que é? O Vô chegou a trabalhar naquela Usina?

**Duduca** – Não! Papai não! A gente só cortava cana! Entendeu? O Zezito que trabalhava lá para colocar cana no engenho onde eles falam! Né? E a gente só trabalhava, cortava cana, pra levar pra lá! E ele trabalhava, tinha que colocando a cana assim para poder moer! Quem trabalhava mesmo era o meu tio!

**Pergunta** - Como é que era o trabalho lá na usina? Cortava a cana e levava pra onde? O que faziam?

**Duduca** – A gente cortava, a gente levantava as cinco horas da manhã pra ir pra roça, cortar cana, e não era cana queimada não, era quando você tinha que limpar com o facão, e aí, tinha os carros de boi né? Então você cortava a cana e a gente recebia por carro, R$ 25,00 reais o carro de cana, ou sei lá quanto que era de reais naquele tempo lá, a gente comprava, então a gente cortava a cana, quando o carreiro chegava a gente mesmo tinha que encher o carro de cana pegava e carregava por cima assim, aí eles levavam para o engenho.

**Pergunta** - Aí trabalhava só o vô ou, ...

**Duduca** - Não! Era eu e o Natanael, papai, o Expedito, o João também, o Zezito ficava no engenho colocando a cana na moenda!

**Pergunta** - E com a cana o que eles faziam?

**Duduca** - Com a cana fazia garapa e fazia a pinga no alambique, meu tio fazia pinga! Então moía aquela garapa, descia no cocho assim, lá bem longe, agora tem uns canos, que lá antes eram aquelas coisinhas de madeira que faziam, de tábua né? Aí ia descendo, tinha uns tachos lá embaixo, meu tio fazia pinga!

**Pergunta** - Fazia rapadura também?

**Duduca**- Rapadura eles não faziam não, nesse tempo era só pinga só!

**Pergunta** - Com quantos anos vocês trabalhou lá?

**Duduca - Eu tinha acho que era uns 11 anos! Eu adorava quando era pra ir pra roça, porque em casa era muita criança e era eu que tinha que ficar fazendo tudo, e pra cuidar deles né? Quando era tempo de ir pra roça era bom porque tinha hora de almoço, esses dois aí ele e o Antônio, mamãe fazia comida**

**um punha prato ali e outro comia aqui, tinha que comer, ia ela e o Antonio eram os dois maiorzinhos né? Tinham uns outro pequenos, então eu não tinha tempo, quando eu saía pra roça era bom porque ali eu descansava!**

**Pergunta** - Você é quem cuidava dos irmãos todos?

**Duduca - Todos eles, eles eram tão bonitinhos quando eram pequenos!**

**Pergunta** - Quem dava mais trabalho?

**Duduca** - Martinha, ela era chorona! Ela, o Antonio era chorão! Nossa!

**Pergunta - O que a senhora lembra do meu pai quando ele era pequeno?**

**Duduca - Eu lembro das brincadeiras, de antigamente, quando eles brincavam lá, o brinquedo deles era de miolo de abóbora, quando mamãe batia a abóbora assim, tirava e ficava o miolo, aí quando mamãe matava galo, tirava a espora, e ela guardava a espora, aí o Zezito fazia o carrinho, igual aquele ali, (pega ali pra eu mostrar pra ele) o Zezíto fazia isso aqui ó, ele arrumava dois miolos de abóbora, colocava os chifrinhos e fazia um boizinho! Sabe? Aí eles brincavam! Aí quando o miolinho da abóbora murchava, eles jogavam fora! Entendeu? Mas aquele, a espora do galo ficava sempre guardada! Era assim que era o brinquedo deles lá! Brincar de bola era uma meia que enchia de pano, sabe? Enchia uma meia de pano pra chutar! Quando sujava tudo jogava fora e arrumava outra!**

**Pergunta** – A senhora brincou muito assim quando criança?

**Duduca** – Eu não! Eu nunca brinquei não, porque eu era a mais velha, eu tinha que ajudar a cuidar dos meninos, né? A mamãe quando tinha filho, ela só ficava na dieta, quando saiu os cinco dias pra sair da cama, aí já deixava por minha conta, eu dava banho nos neném, tudo era por minha conta, sabe? Ela só cuidava até cair o umbigo! Caía o umbigo era eu que fazia! Brincava de roda, quando tinha uma reza assim no vizinho, papai não deixava eu sair também.

**P** - Brincava de passa anel. Né?

**D** – Brincava de passa anel! A gente ia apanhar café, a gente encontrava aquele ramo de café junto falava gêmeos, então a gente guardava pra brincar de passa anel. Quando tinha uma festinha a gente brincava de passa anel. Passar o Felipe. Chamava de Felipe. Aquela roda de moças assim, meninas, depois tinha que adivinhar com quem estava aquele caroço de café, falava Felipe, com quem tá o Felipe? Aí dali ia passando pro outro! Era a brincadeira da gente, ia jogar peteca! Era assim!

**Pergunta** – No mato, tinha brincadeira que vocês faziam?

**Duduca** – Como assim?

**Pergunta** – Subir em árvore, coisa assim...

**Duduca** – Ah subir em árvore a gente subia, a gente via mamão maduro, a gente subia, pra catar!

**Pergunta** – Mamão maduro?

**Duduca** – Maduro é...

**Pergunta** – Roubava frutas do vizinho?

**Duduca** – Não, na mata mesmo, lenha, a gente via o mamão temporão, mixirica, era um sacrifício pra tirar, os passarinhos tinham comido dentro, só ficava a casca, subia muito em árvore, brincava de balança, fazia balança de cipó e ficava brincando, nos pé de árvore, quando a gente ia buscar lenha né? A gente aproveitava...Não sei se falei da outra vez, a mãe mandava a gente buscar lenha, eu e o Zezito e o Expedito e o João, eles ficavam no açude, eu falei da outra vez? Então, eles ficavam no açude brincando e eu morrendo de medo de eles se afogarem dentro do açude, e eu ia buscar lenha e eu entrava no mato e eles não apareciam,

então eu tinha que fazer um feixe de lenha deles, se não eles iriam apanhar quando chegasse em casa! Então fazia o meu e o deles, além de tudo eu ficava preocupada de eles se afogarem dentro da água lá! Assim eles faziam! Então, não estavam nem aí, meu filho! Pegava e...Aí eles entravam, vamos embora vamos pegar lenha, pegar lenha, aí eles pegavam o feixe de lenha deles e saíam, iam embora, faz de conta que eles estavam comigo, mas não estava, eu entrava sozinha!

**P** – A senhora trabalhava pelos três!?

**D – É...porque eu tinha medo do papai bater neles, papai batia muito, eu nunca apanhei não viu?**

**P** – O vô era muito bravo?

**D** – Essas pessoas são assim, do jeito que elas são criadas, eles querem criar os filhos, né? Meu pai dizia que ele foi criado no couro, apanhando! Então vai nascendo os filhos vai fazendo a mesma coisa, entendeu? Mas eu nunca apanhei dele nem da mãe!

**P** – A vó batia nos outros meninos também?

**D** – Essa daí, a Marta, apanhava muito, ela era chorona, mas às vezes a mãe ameaçava assim pro meu lado e eles falavam, essa daí não! Não vai passa mão nela não! Não deixava não, bater em mim! Eu não dava motivo pra me bater, não dava motivo de ficar apanhando não, tudo o que me mandavam fazer eu fazia! Não tinha preguiça, sabe? Levantava de madrugada, pra fazer o café lá, e a gente quando é novo, a gente tem muito sono né? Quando foi...Não sei se eu já falei isso aí, quando era a Maria Helena, era eu que sempre esquentava a mamadeira de noite, de madrugada, aí a menina chorava, eu tinha que sair igual uma doida do quarto pra ir lá esquentar a mamadeira e a mamãe deixava o leite numa canequinha encima do fogão e tinha que por dentro do caldeirão de feijão que estava cozinhando, colocar a latinha ali pra esquentar o leite, aí um dia o sono era tanto que ao invés de colocar o leite, eu coloquei a luz, essa lamparina alí ó, coloquei a lamparina dentro do feijão! Aí eu falei, meu Deus do céu e agora? Aquele medo de apanhar, mas eles não bateram não! Não bateu porque a tia Carminha não deixou! Não vai bater nela não, pra quê? A menina trabalha o dia inteiro ainda tem que levantar de madrugada pra esquentar mamadeira? Aí eles não bateram em mim! Ia bater porque o feijão ficou cheio de querosene! Há! Há! Há! O Sono era tanto, você levantava com o olho fechado e ia lá fazer as coisas! Sabe? Era assim! E tinha um tal de lavar o coador ir lá na bica, não podia lavar dentro de casa, tinha que sair no escurinho e ir lá naquela bicas, descia, lavar lá embaixo da bica esfregar e fazer o café! Sacrifício!

**P** – Era Coador de pano?

**D** – Coador de pano, é!

**Pergunta** – O café vocês mesmo colhiam!?

**Duduca** – É a gente mesmo colhia, não podia lavar dentro de casa, tinha que deixar lavadinho, tinha que ir lá na bica e lavar!

**Pergunta** – Como é que era colher o café, diz que dá muita cobra, né?

**Duduca** – Dá, muita cobra e o seu Zezito, ele pegava, sabe aqueles "mandruvá"? Eles falam que é bicho de __??__ né? Então a gente...essa época o Zezito trabalhava na roça com a gente, então a gente ia malhar o café, eu e ele e o papai, aí chegava a gente levava comida cedo, que era muito longe, o almoço era muito cedo, aí a gente deixava aquela cesta com as coisas de comer, embaixo do pé de café, na hora de esquentar, papai mandava eu, o Zezito passava na frente, não deixa eu é que vou esquentar, e ele um dia, que o papai mandou a gente esquentar o café, ele saiu, mandou esquentar o café, ele ficou bem caladinho não quis ir não. Ah! Pode mandar a Duduca aí, aí eu fui, chegou lá ele encheu a cesta de mandruvá, (risos) ele sabe que eu tinha medo, não sei onde esse menino arranjou tanto mandruvá pra por dentro da cesta, mas ele ria que fazia gosto quando ia fazer maldade, era triste, Zezito era triste!

**P** - Mas diz que apanhava né?

**Duduca** - E ria, não adiantava, bater! Batia, ele ria, mas ele punha mandruvá dentro da cesta, ele sabia que eu tinha medo então vou por, porque ela vai vir esquentar o café e era desse jeito, cobra tinha muito mesmo, e as cobras eram da cor das folhas, a gente nem via! Sabe? Você sabe que gente viveu a vida toda lá, nunca a gente foi mordida de cobra, eu não! Nunca fui mordida de cobra! O João foi mordido de cobra, mas foi lá na Zona da Mata, lá em Rio Branco não! Mas a malhação de café era gostoso! Sabe? Era gostoso!

**P – Quando aparecia cobra o que faziam, matavam?**

**D – Às vezes matavam, ou às vezes, saía correndo pra lá, largava aquele pé de café e pegava outro era assim! Era assim! Era longe, trabalhava quase o dia inteiro, era eu a Carmem, a Lurdinha irmã do Tonzico, é que trabalhava na roça, né? Assim!**

**P** – E o vô cantava também?

**D** – O vô não! O vô era marrudão! Ele não cantava não! Ele era legal quando ele bebia uma cachacinha! Ai assoviava, mandava a gente cantar, sabe? Mas era só aquele dia! Ele chegava da...da....ele ia na...todo mundo lá tinha um tal de beber um pouquinho de tarde, pra, porque passava no alambique né? Pra jantar,... aí quando ele vinha assoviando, a gente já sabia que ele tinha bebido, Então teve um dia que ele comprou focinho de porco, né? Gostava de comer aquelas coisas, aí chegou em casa..“faz um beiço pra mim, muié!?” era beiço de porco “faz um beiço pra mim, muié!?”...aí a mãe fazia de noite, aquelas coisas, mas ria que fazia gosto! Aí era bom, fora isso era aquela cara fechada sabe?

**P** – E como que era dentro de casa, o vô e a vó eram muito rígidos, como é que era?

**D** – Era, era, quando,...agora eu vou falar de mim, quando a gente, começou, arrumou, quando a gente ia casar antigamente, não era igual agora né? Então...Eu estava na escola, a gente ia pra escola, longe, a gente passava perto de onde tinha as pessoas trabalhando né? Passava perto...Aí um dia chegou um cara e falou pro papai assim, é o senhor está com uma filha casadeira na escola, aí papai tirou, no meu tempo não vai estudar não, papai pegou e me tirou da escola, e vai pra dentro de casa ajudar sua mãe a cuidar das coisas, então fui pro fogão, entendeu? Não deixava eu estudar não, aí quando é pra casar alguém fala assim, o Izaltino tem uma moça muito boa pra casar, aí alguém gostava, viu a gente, uma cara, era difícil pra vir, aí mandou meu tio que era irmão da mãe, pedir, se podia, não pedia pra namorar, mas se podia casar,...(aí meu Deus do céu)...aí mandou meu tio perguntar ao papai se podia casar, papai nem sabia quem era, se eu sabia, se eu conhecia, nada, ele conhecia era fazendeiro por ali, nem perguntou nada não falou que podia, ele falou tá bom, aí ele foi lá um dia lá em casa, conversou com meu pai lá, os dois já conversaram lá, o papai já marcou casamento, entendeu? Papai já marcou casamento prazo de oito meses...

**P** – E você o quê que achou disso?

**D** – Eu achei ruim demais, nem sabia quem era o “troço” lá...então aí, mas aí no nosso tempo, era pra casar pra sair de casa (como a gente vive nesse país de chatos(??) a gente achava que casando, a gente vai ficar livre, dos pais, ter a vida da gente né? Mas é engano, o marido é pior do que o pai, porque os pais com o tempo eles mudam, papai mudou muito depois, sabe? Aí foi aquela situação, quando tinha três anos de casado já tinha arrependido, já tinha arrependido acho que até depressão ficou, com oito dias mamãe foi embora pra Zona da Mata, esses meninos que já estavam acostumados comigo, ficaram todos doentes por causa de mim, era longe, não tinha dinheiro pra poder viajar, não tinha nada, mamãe ia muito na casa da gente, assim, quando ela estava com saudade um dia ou outro comprava passagem e ia, mas era muito esquisito nosso tempo, viu? Aí no dia do casamento, meu pai falou assim, tinha muita gente né? Festa de casamento lá, nossa! Aí papai falou que não era pra dormir não! Que não era para dormir lá! Aí estava tudo arrumadinho lá!

Ele foi lá, estava todo mundo tirando foto! Pena que não tinha foto antigamente nem filmagem nem nada, meu quarto vivia cheio de criança, em vez de cheio de moça, cheio de criança, tudo __??__. Aí meu pai foi lá caladinho e falou pra mim assim, a hora que acabar a festa não é pra ir dormir lá não, eu era muito

criança ainda tinha 17 anos, aí acabou a festa, todo mundo foi embora eu fui dormir no quarto dos meninos, há há, aí fui lá pro quarto dos meninos dormi lá, porque ele não deixou, não podia ficar, entendeu? Aquelas coisas...

**P** – E como que foi a festa? Era numa igrejinha?

**D** – Não, a festa foi em casa mesmo, a festa de casamento foi em casa mesmo! E aí como meu pai era muito chato, a gente quando eu ia casar, aí a mãe falou assim, a mamãe chorou muito quando eu casei, que eu ia fazer muita falta pra ela, era a primeira, aí casar sem primeiro combinar direito, ela chorava então ela falou, se for pra você ter um casamento como eu tive, preferia um caixão ao invés do casamento, aí é essa a história. Aí chegou no dia do casamento, a gente foi embora, aí não tinha ninguém pra levar, aí ficamos lá na porta da igreja né? Esperando por conta de ir embora pra roça né?! Ninguém tinha carro pra levar!

Aí meu cunhado tinha caminhão, aí conversando, eu falei que de caminhão eu não vou não, fiz assim, aí um padrinho dele, do meu marido lá, com carro levou a gente, quando a gente foi chegando lá embaixo, o carro atravessou no meio da estrada, e tinha um buraco, a estrada estreitinha assim né? E tinha um buraco lá no rio, na hora que o carro atravessou, eu falei, aí a praga da mãe! Pensei que o carro ia cair dentro do buraco! Ela tinha falado, se for pra ter um casamento igual eu tive, preferia um caixão no dia do casamento! Na hora que aconteceu aquilo lá, o carro atravessando na estrada, eu falei: pronto! Foi o que a mamãe falou! Vai ser mesma coisa dela! Aí dali onde o carro parou, a gente foi andando até em casa! Entendeu? Essas coisas assim que aconteceu na vida da gente! Mas pra mamãe não falou nada, pois o motorista não sabia dirigir, a estrada era muito apertadinha né? Tinha aqueles barrancos, lá embaixo tinha um fio de água.

**P – E logo que a senhora casou a vó foi para São Pedro dos Ferros.?**

**D – É tinha oito dias então! Aí, como eu estava de casamento marcado, eles não podiam mudar, tinham que ir pra lá e voltar pra fazer o casamento, então tiveram que fazer o casamento primeiro, pra depois, ir, entendeu? Aí a gente casou no sábado, quando foi no outro, naquela segunda feira quando fez oito dias, ela foi embora,...**

**P** – Aí senhora ficou...em Rio Branco!

**D** - Aí eu fiquei, eu fui pra lá, fiquei morando na casa da minha sogra, eles tinham feito casa pra gente, casa de pau a pique né? Casinha de barro! E a casa foi,...acabaram de fazer no dia de São João, ajuntou a turminha pra assentar o barro, pra secar né? Então dia 29,vai ver tá molhado ainda, aí nós ficamos na casa da minha sogra, dentro de casa lá até secar, pra gente poder mudar pra lá! Uma casinha pequenininha com um quarto, um corredorzinho, uma cozinha, não tinha fogão, um fogão de barro depois foi ele que fez, e assim! Lá nasceu, nessa casinha nasceu a Célia, nasceu o Zé e nasceu o outro, esse bigodudo aí! Tudo nasceu nessa casinha aí! Casinha de barro!

**P** – Depois a vó voltou ou a senhora foi para São Pedro dos Ferros?

**D** – Não, aí a mamãe foi pra lá, quando eu estava, já quando o Zé nasceu, papai veio passear lá em Visconde, e levou a gente passear lá em São Pedro dos Ferros, aí eu estava de dieta ainda, tinha que acabar a dieta pra poder ir, vou levar vocês lá onde a gente está morando, e a gente foi pra lá, aí a gente chegou na cidade, (Isso foi início de junho de 1958) só tinha um jipe pra levar aonde a gente morava, não tinha mais não, se você chegou na estação e o jipe não estava lá, você podia esquecer, tinha que ir a pé porque não tinha mais, às vezes já tinha saído pra levar, aí a gente pegou chegou aí o jipe não estava, aí nós fomos a pé, tem que ir andando que não tinha carro não, não existia carro sabe? Aí nós fomos a pé mesmo, e eu não aguentei andar, com nenê no colo né? Andava, sentava, andava, sentava, chegamos na casa quase de madrugada já.

Três léguas e meia, pra andar sem parar, hoje fala kilometro né? (A distância conferida em 2017 era de 16 quilômetros) Na estrada, essas estradinhas pequenininhas, aí chegamos lá, e uma outra vez, aí então, ficamos lá na casa da mamãe, ela estava esperando a Marta, (A Marta nasceu em 29/07/1958) e a mamãe queria que eu ficasse lá né? Com ela pra poder ajudar ela, a cuidar, ficar com ela lá, mas a gente não podia

ficar e aí a gente foi embora, aí nunca mais eu fui, depois em abril de 1960, morreu uma menina, a Maria Helena uma menina que morreu envenenada...abaixo do seu pai,

**P** – Ela comeu alguma coisa?

**D - É tinha a Olguinha, o Antônio, então, abaixo do Antônio, diz que ela comeu a "comigo ninguém pode" mas a gente não sabia...o médico falou que era né? Ela tinha 5 anos, quando ela morreu! Quando eu recebi a notícia que a menina morreu, já tinha um mês que ela tinha morrido, não tinha como saber, sabe? Aí era assim, tinha alguém na cidade lá de Rio Branco, responsável quando chegava uma correspondência, aí eles escreveram a carta, aos cuidados da pessoa lá né? Aí ele ficou, se passasse alguém da roça pra...que eles vissem que conhecia a gente, ele mandava entregar, senão ficava lá,... aí um dia meu primo foi pra escola, e aí o moço deu pra entregar, aí já tinha um mês já que minha irmã tinha morrido, aí a gente foi lá, a gente já sabia onde que era, a gente pegou e foi, aí esse dia o jipe estava, a gente foi segurando a porta assim, porque estava amarrada com uma corda, sabe? Estava quebrado, amarrado assim, então a gente sentou e ficou segurando assim, nas curvas, igual as curvas de Santos, aí a gente foi pra lá, a gente ficou lá, sabe? Quando fez um ano que a menina morreu, minha mãe ficou desgostosa e não quis ficar mais lá, a gente voltou tudo pra trás, pra Rio Branco de novo. Voltamos todos pra Rio Branco, eu voltei para a mesma casa que eu já estava morando, né? Porque eu já tinha os meninos, que eu tive as crianças lá, voltei pra lá, aí a mamãe ficou morando no lugar depois a mamãe voltou pra Mata de novo, e eu fiquei sozinha de novo, entendeu?**

**Fiquei sozinha de novo, aí depois a gente foi pra Zona da Mata de novo, pra lá onde eles estavam morando foi outra vez pra lá, de lá a mãe veio pra São Paulo, em junho de 1963 e fiquei quatro 4 anos sem ver a mãe, (na verdade 2 aos e meio, pois a Nilza veio pra SP em agosto de 1965) nem notícia tinha, aí depois Zezito foi e levou, trouxe todo mundo, aí o Zezito apareceu lá, e trouxe o papai e a mãe,...e...**

**P** – A senhora veio antes...então, pra São Paulo?

**D** – Não eu vim depois! Nossa! Já tinha os meninos todos quando eu vim! Aí vieram todos papai trouxe quem estava em Minas era o Antônio e a Olguinha o Luís e a Marta né? Os quatro. O Sérgio nasceu em São Paulo.

**P** – E a senhora sentia saudade? Como é que era?

**D** – Nossa! Quê que é isso! A gente não via ninguém! Não sabia notícia! Eu morava numa gruta, que só via gente quando era tempo de plantar roça! Só tinha isso! E aqueles macaquinhos, como é que chama aqueles macaquinhos, aqueles pequenininhos que fica pulando?

**P** – Mico?

**D** – Como chama aqueles macaquinhos? Então tinha assim, parece uma ilha, tinha uma lagoa né? E lá no mato, lá no meio dessa lagoa tinha uns matos que tinha esses bichos, esses macaquinhos, só tinha isso! Era uma tristeza tão grande! **Aí eu ia buscar lenha, assim no mato, assim, pegava, ficava lá em cima, eu olhava assim pra cá, parece que lua estava baixinha, mas não era, era tristeza que a gente ficava, né?**

**Parece que as luzes estavam tão baixinhas, não tinha como...até que um dia, mandaram eu rezar pra almas, mandaram – Reza pras almas que as almas contam aonde está sua mãe, olha a bobeira!?** Aí eu rezei e sonhei com sangue, aí fiquei desesperada e pensei que a mãe tinha morrido, mas é mesmo a nossa imaginação né? O que as almas vão contar? Não vão contar nada? Aí diz que eu falei, ai meu Deus do céu...nossa sonhei com muito sangue, será que mamãe morreu? Aí ficou...aí um dia a mãe apareceu lá, sem mais, sem menos! Apareceu lá e...

**P** – Como é que foi esse dia? A senhora estava fazendo o quê?

**D** – Nossa! Não sabia se chorava, se coisa ela...aí a mamãe chegou lá numa boa, a mãe não esquentava a cabeça não, assim ela tinha saudade da gente mas ela não fica assim desesperada não! Então não tinha jeito de entrar em contato, ela arrumava um jeito e ia lá, entendeu?! Essa vez foi muito tempo! Nossa! Muito tempo!

Muito tempo mesmo! Aí depois a gente veio pra aqui, então você vê, eu parecia uma sina de eu chegar e eles irem embora! Aí quando eu vim pra São Paulo, com um monte de menino, cinco menino, isso também atrapalhou, e eu com cinco crianças pequenininhas, com mala dentro de casa, e meus irmãos estavam todos solteiros, né? Quem tinha casado era só eu, aí depois, menino, perderam lá a ponta do cipó lá como diz..., o Zezito foi pro Paraná e eu ainda dentro de casa com eles, o Zezito foi pro Paraná arrumou lá serviço pro meu pai, (O Zezito só nos levou pro sítio do Tio Donato, irmão do Izaltino que não via desde 1940) do mandou papai pra lá, eu pagava aluguel né? E meu marido não arrumava emprego, arrumava assim de servente, assim, aí o papai foi pra lá eu fiquei, nessa casa que papai morava, e tinha dois dos meus meninos que estavam internado com sarampo, estavam internados na Santa Casa, e não podia voltar pra trás e os meninos lá internados, não podia ir pra casa da mãe, que eu já não queria mais morar junto com ninguém, aí a dona da casa foi e fechou a casa, uma portuguesa, sabe? Falou assim, vou...fechou assim a casa grandona, né? Que eles moravam, e tinha uma cozinha assim, ela falou, vou deixar esse cômodo aqui, vou deixar esse aqui e vou fechar a casa e aqui a senhora pode ficar aí, a senhora muda quando a senhora arrumar lugar pra eles, aí a senhora sai. Aí nós ficamos ali, não tinha fogão, não tinha...só tinha um tanque, né? Pra lavar a roupa e eu dava banho nos meninos, eu tinha trazido um tipo pinico bem grande lá de Minas, sentava eles assim, dava banho neles, não tinha nada, a máquina tinha ido embora.

**P** – A senhora sentia falta lá da roça?

**D** - É, mais aí eu estava..., aí eu pensava assim, eu acho que é melhor eu ir embora porque lá eu já sei como que é, pra mim acompanhar a mãe, não vou, não dá pra ir pra lá onde a mamãe está! Aí mãe da sogra do Zezito, ela falou assim, se você quiser ir embora, você pode ir, quando as crianças sairem de alta, eu escrevo pra você, você vem buscar! Mas eu não tinha coragem de deixar! Aí um dia a nós fizemos uma lista para ir na polícia pedir dinheiro pra ir embora, sabe? Aí o tio Zé Pinto não deixou, sabe quem é? Irmão do papai!

**P** – Acho que eu vi a foto dele lá...

**D – Aí ele pegou e falou assim, vocês não vão embora não, eu vou...tem uns tijolos lá em cima, eu vou fazer um cômodo lá em cima pra vocês, que ele tinha uma casa de aluguel lá, aí juntaram lá fizeram um cômodo pequenininho assim ó! Pequenininho assim! Aí o Tuta, o Zezito começou a arrumar serviço, iam inaugurar um restaurante, ele arrumou pro Tuta lá! Aí o Tuta foi trabalhar lá, e lá ele trazia comida de lá, sabe? Lá do restaurante! Trazia comida! E...então, a gente não tinha fogão, tinha uma paneleira__??__ só tinha uma panela assim,__??__ aí um dia eu fui levar a comida na roça, (Não era roça) lá onde o pai deles estava trabalhando, quando eu cheguei, pra fazer a comida de novo, o Zé tinha...passou o garrafeiro ele trocou em troca de doce a panela, (Como é que pode) aí falei assim...aí estou esperando a panela, falei cadê a panela?**

**Ele falou assim, a gente trocou o garrafeiro passou, eu não bati, não fiz nada, fiquei com dó, fiquei sem panela!** Aí falei, meu Deus, que ele fez? Trocou em troca de doce, aí fiquei sem comer de novo e... aí o tio fez esse cômodo lá e ele falou assim, vocês vão sair daqui, quando vocês ficarem ricos, __??__ aí casa estava alugada, tinha uns rapazes que moravam, comecei a lavar a roupa dos rapazes, aí já comecei a ganhar um dinheirinho, também eu tinha que lavar roupa até sexta feira, usar o tanque até sexta feira, porque sábado, a gente não podia ficar lá, fazendo as coisas lá, que era bem na porta dos rapazes, eram três rapazes que moravam, aí comecei a lavar as roupas deles, passar, aí comecei a lavar as roupas dos outros garçons também, sabe? Comecei a lavar os aventais, os gorrinhos, aí começaram a mandar as roupas de passeio também, aí lavava por peça, foi aí que eu estava banguela, tinha dois anos que eu estava sem dente, aí meu marido falou assim, eu vou receber na roupa lá, aí eu vou te dar um dinheiro para você por dente, nessa época eu juntei Cr$ 27,00 cruzeiros, acho era cruzeiros naquela época, pra poder colocar um dente, era assim gente, não gastava com nada, não comprava pão, não comprava leite,...

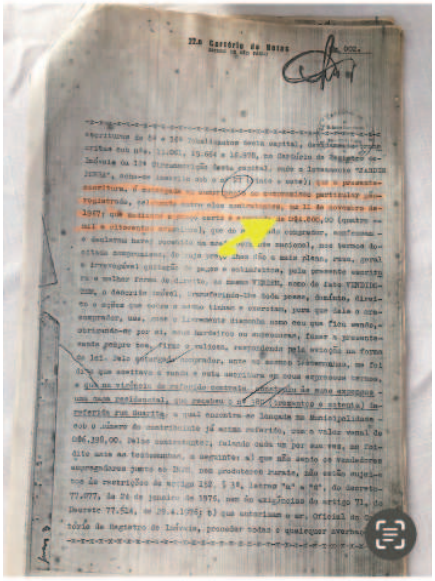
**P** – Que comida se fazia?

**D** – Fazia um arrozinho, uma verdura, nabo de taioba, que a gente fazia, comia tudo, só comprava...às vezes

ele comprava uma bengala de pão, mas era muito difícil ele comprar, sabe? Muito difícil, não tinha dinheiro, não! Porque as pessoas faziam caderneta, mas a gente não podia fazer! Porque ele ganhava pouco não podia fazer caderneta, na padaria pra comprar...

**P** – Tinha jeito de plantar alguma coisa na casa?

**D** – Não! Não! Lá não tinha espaço...aí mas...eu tô falando, então ele falou assim, aí vocês fiquem aí, aí aqueles rapazes mudaram da casa, um até era professor, mudaram, da casa, aí o tio vendeu a casa,...o tio vendeu a casa, aí mudou um casal,...uma mulher e o marido e dois filhos, aí o tio falou assim,...aí a tia Santa falou assim, olha, vocês não..., eles falam que essa mulher que comprou aqui, aqui ela é muito ruim, se você não, primeiro dia, se vierem, se você não gostar, você fala pra mim que eu vou arrumar outro lugar para vocês irem, morar, a tia falou, né? Aí menino, precisa de ver a mulher fez uma amizade comigo, ...as crianças tomavam banho junto com os meus meninos, aí já tinha chuveiro né? Aí já tinha chuveiro, tomava banho no chuveirinho lá com os meninos, a comida que eu fazia a menina dela também comia, junto, aí eu ficava reclamando que a Marli que ela era magrinha, a Marli era tão magrinha, aí ela falou assim, mas não é nada não dona Nilza, porque a Cristina come a mesma comida da senhora e ela é gorda, a menina dela, era gordinha, então era desse jeito, fazia festinha chamava os meninos, sabe? Festinha de aniversário, chamava os meninos, aí um dia o marido dela falou pra mim,...o marido dela era amigo do Zezito, de restaurante, trabalhava no restaurante, junto, era muito amigo..., aí ele falou um dia assim pra mim, assim, é mas a senhora sabe que a minha mulher não combina com ninguém, e ela gosta muito da senhora viu? Nossa!...Mas não tem como não gostar, porque as pessoas, quem faz os vizinhos é a gente, não acha? Se você é chato o outro vai ser chato né? Então eu acho,...a gente morou lá, o dia que eu ia mudar aí foi assim, então o tio falou, pra gente sair de lá só quando ficar rico, mas aí...Tuta tinha falado, com ela... queria voltar pra trás, não queria mais ficar em Rio Branco não...aqui em São Paulo não, aí um dia deu treze anos nesse restaurante, do Gouveia, na estação, só acabou quando passou o Metrô, aí foi mandado embora, aí quando ele chegou ele falou assim, eu fui mandado embora, aí eu comecei a chorar que eu já não queria mais voltar pra Rio Branco, já estava gostando daqui, aí ele falou, não, não se preocupa que a gente não vai embora não, vou comprar um terreninho pra nós, falei então tá bom, aí ele comprou, aquele terreno na rua Guaritá, hoje tem três casas lá! (O terreno foi comprado em 11/11/1967)



**P** – Qual que é o terreno?

**D** – Lá na zona leste, é que você não conhece lá! Lá onde mora o Luiz, né?! Então, na outra rua!

**P** – Acho que aquela ele já me mostrou. (..??..)

**P** – Aonde morava o Joãozinho da sorveteria ali?

**D** – É...Não...é pra cá na zona leste, é Jardim Penha ali...

**P** – Casa de quem?

**D** – Casa, não tem a rua Bastos, a rua do Luiz? Então, como é que chamava a rua ali gente? Esqueci o nome da rua! Da igreja, São Judas, então, essa casa lá embaixo! Aí ele pegou comprou o terreno lá, e...a gente lá não tinha luz, né? Não tinha nada, então foi no meio do mato! Comprou o terreno, e eu ajudei a cortar a cortar os paus pra poder fazer o barraco, né? Não podia comprar tijolo, fez o barraco de madeira, e a casa...o barraquinho que nós morávamos lá, aí fez o pequenininho de tijolos, o tio Zé Pinto fez, um puxado assim, né? Depois o tio trabalhava na Estrela, levou um caminhão de madeira, fez mais um cômodo puxado de

madeira, sabe?Aí quando a gente comprou lá, o dono da casa falou, que nós podíamos tirar aquelas madeiras podia usar, podia levar, que ele queria só a parte do tijolo, aí nós tiramos dali, carregava de madrugada as coisas pra fazer o cômodo lá! Aí depois ele arrematou uma laje,...as pessoas faziam laje né?...Assim de madeira, aquelas madeiras pra encher laje, aí ele arrematou, cheia de cimento, pra gente poder acabar de fazer lá, fez um quarto e uma cozinha só, a gente foi carregar não tinha luz, aí fez um poço, papai que fez o poço, mas aí o poço, não...papai já tinha ido embora já...é isso mesmo...mandou fazer o poço, não podia furar muito, porque tinha que por tijolo e não tinha dinheiro pra compra tijolo, então...tinha que fica esperando a água juntar, pra poder usar, acabava, depois ajuntava de novo, porque não podia cavar mais, que tinha que fazer de tijolo né? Assim, de tijolo, era assim!

**P -** E o vô aqui em São Paulo, começou a furar poço?

**D** – É, o vô, o papai...mas nessa época, que eu comprei o terreno lá, papai já tinha ido embora! Papai trabalhava, toda a construção que tinha, meu pai trabalhava! Pegando os poços pra fazer!

**P** – Ele aprendeu aqui em São Paulo?

**D** – Ele aprendeu aqui, papai aprendeu aqui, fazer as coisas!

**P** – E a vó fazia o quê?

**D – A mamãe costurava, a mamãe fazia, vendia verdura na rua! Mamãe vendia doce! Fazia tudo, não parava não! Alí onde está o Luís, ali tem aquele sobrado né? Ali era um terreno sozinho! Ali tinha tudo de verdura, tinha até cana e no meio do quintal, tinha um pé de abacate. Quando era tempo de abacate, mamãe punha na cesta e meninos e vendiam. Vendia na rua o abacate. Depois eles cortaram o pé, e ali atrás onde era o terreno vazio, mamãe plantava mandioca, couve, plantava tudo de verdura, ali, sabe? E ela fazia aqueles maços de couve assim, colocava na cesta e os meus meninos iam vender.**

**P** – E quem que morava com a vó e o vô nessa época?

**D** – Era a sua mãe, nessa época era a sua mãe e o Luiz. Né? Porque, porque quando morava ali no Luiz. Não é não, era o Antônio, era...não estava todo mundo lá, isso mesmo, estava todo mundo lá. Me lembro até de quando eles compraram aquela casa lá, você vê como é, o João tinha o terreno, não construía nunca no terreno não, aí quando apareceu essa casa pra vender, o corretor pegou o terreno de entrada e o seu pai, trabalhava na...trabalhava no centro da cidade, não sei que serviço que ele estava trabalhando, a minha irmã trabalhava na dona Sylma, aí a minha mãe foi lá no patrão do Antônio, pediu 50 reais emprestado, ou 100,00, não me lembro direito, foi na Sylma e pediu o dinheiro 70 cruzeiros, adiantado, pra poder ajudar a dar entrada lá aonde eles compraram, entendeu? Tudo assim! E o Antônio estava de pouco lá e o patrão adiantou o dinheiro entendeu? Pra mamãe poder comprar, não tinha essas coisas que tem agora, e aí fizeram, ficou num quarto, uma sala e uma cozinha e aí fizeram um barracão, na parede pros meninos, dessas folhas de Duratex, foi até o meu marido que fez e meu filho que fizeram, puxado assim né? Lá era o Zezito e o Expedito e o João, e os meninos, os dois, que eram o Antônio e o Luís, que eram pequenos, e a Marta tinha o quarto dela né? O quartinho dela ali no cantinho, você chegou a ver aquele quartinho, lá!? Aí depois as coisas foram melhorando, meu pai pegou, fez, tirou aquele barraco da parede, fez embaixo, depois tirou aquele barraco dali debaixo, aumentou toda a casa, de laje e tudo, aí o João casou, morou ali, o Expedito também casou, foi cuidar da vida dele, Zezito também, foi ficando só o Luís e a Marta e a Olguinha e o Antônio. Foram os que ficaram, por último.

**P** – Minha avó se acostumou bem em São Paulo, ela gostava, ou ela tinha vontade de voltar?

**D** – Não! A mãe era metida! Há! Há! Minha mãe era metida! Ah! Como ela gostava de ficar aqui, sabe? Coitada! Ela...então, aí uma vez ela fazia costura! Ela ia ajuntando! Sem ver os meninos, mais ou menos ela sabia como é que eles eram, ela fazia ela mandava levar, não...isso aí eu estou misturando, aqui...eu estava na Zona da Mata ainda né? Aí um dia veio um primo da gente, veio arrumar serviço, veio pra cá, por causa

deles pra trabalhar, aí não arrumou serviço, e eu estava com a mão na cara triste, num dia de sábado né? Chovendo, os meninos sem roupa, falei ai meu **Deus!? Como é que eu vou fazer? Fiquei pensando, assim! Aí bateu palma na porteira, tinha uma porteira, bateu palma lá, bateu...aí tô vendo lá, tinha um rapaz com uma mala na mão! A senhora é a dona Nilza? Falei, sou! É que eu tive lá na casa do seu Izaltino, pra eu arrumar emprego, mas eu não dei sorte não! Então ele pediu,...a dona Minervina pediu pra eu entregar essa mala pra senhora! Quando eu abri essa mala, mas eu ganhei tanta roupa! Há! Há!**

**Shortinho pro meninos, camisa, ela fazia camisa assim, roupa usada da Marta que servia pra Célia, pano de saco assim, uma blusa de saco branco, a gente usava muito essas coisas! (..??..) Nossa mas eu não acredito! Roupa do Expedito foi pro meu marido, servia pra ele também, precisa ver! Era assim! Desse jeito! Até a gente vir a ajuntar todo mundo de novo!**

**P** – Mesmo de longe ela continuava cuidando!

**D – Continuava cuidando, então quando nasceu a Marli, ela ficava com vontade de ver né? E não podia ver! Então a gente pegou o cachinho do cabelo, cortei o cachinho do cabelo, amarrou numa fitinha e mandou na carta pra ela! Ela guardou, ela punha assim na gavetinha da máquina! Que ela costurava né? Ela punha na gavetinha da máquina, diz que ela estava vendo aquilo, mesmo que ela não via a menina, olha, o amor que a pessoa tem! Era assim! Nossa! Também era só os meus, nessa época, era...neto eram só os meus, que os outros meninos demoraram pra casar!**

**P** – Mas era o jeito dela mesmo? Cuidar bem de todo mundo!

**D** – Era, não tem jeito! Você vê esses meus filhos todos marmanjões, até hoje ouço eles falando dela, o Zé, sabe? Fala aí mas que saudade da vó! Fica falando! Era assim!

**P** – O que mais que ela fazia assim, pra agradar os filhos e os netos?

**D** – Eu não sei, ela tinha um jeito que,...ela só falava assim que ela queria os filhos todos juntos, ela falava, só falta você, não quero que fique longe não porque quando eu morrer, eu não quero dar trabalho pra ninguém, se os filhos moram longe, a gente escuta no rádio, tem filho que tem quarenta anos que não vê a mãe, nem o pai, eu não quero isso! Quero vocês todos perto de mim! E aí que ela conseguiu mesmo da gente vir todos pra cá! Dinheiro não, não tinha negócio de mandar dinheiro pra ninguém não, mas ela ajudava a gente assim com roupa entendeu? Sapatinho, mandava para os meninos sabe? Ela mandava, sabia a idade deles, ela pegava, comprava e mandava, quando tinha a oportunidade de alguém ir pra lá, ela mandava, era assim!...Até quando ela morreu né? Que ela estava no hospital, quando morreu...então os parentes ficavam lá, eu e ela mais__?__, ela ficava dando receita pras enfermeiras lá, aí um dia lá ela deu a receita de um viradinho, aí a enfermeira falou assim, mas o vó, o viradinho não deu certo, ela falou assim, é porque você não fez direito!! Há! Há! Há! Faz de novo, tenta de novo que vai dar certo! Aí quando a mãe morreu, uma enfermeira que gostava muito dela, ela foi muito bem cuidada a mãe,...Nossa!

**P** – Que hospital que era?

**D** – Albert Einstein, aí ela pegou, mas ela não morreu lá...ela ficava lá né? Mas quando ela morreu ela estava no Sírio Libanês, é isso mesmo, mas a moça também gostava dela, aí ela pegou e falou assim, aí a moça vinha que ela gostava muito,__??__ então nesse dia ela tinha tido um plantão, e era outra, e aí quando ela chegou, no domingo que a mãe tinha morrido, ela falou assim, - Aí vó! Morreu deixou pra ir embora num domingo que a família está tudo em casa, né?! Há! Há! Há! Deixou pra ir num domingo né vó? Que está todo mundo em casa, né vó? E chorou, chorou! Sabe? Uma tristeza! Tadinha! E foi mesmo...morreu no domingo,...na segunda feira foi o enterro!

**P** – A senhora que ficou com ela no hospital?

**D** – Eu e minha irmã, que ficávamos, nós duas! Aliás teve uma época que a gente estava tão cansadas que a gente não aguentou ficar assim três dias seguidos, então, era assim, eu ia....a minha irmã ia hoje, aí ficava o dia inteiro, a noite inteira, de manhã eu ia, ficava o dia inteiro a noite inteira, no outro dia minha irmã ia...

entendeu? A gente não estava mais aguentando ficar.

**P** – Do quê que a vó morreu? Foi alguma coisa...

**D** – Ah! A Mãe...ah...Não sei...os médicos falavam pra ela assim,...passavam e...é dona Minervina, êh coração hein dona Minervina? Que ela não tinha nada no coração...ainda brincavam com ela e falava...esse chazinho de losma que a senhora tomava é muito bom! Brincava com ela! Depois paralisou os rins, aquelas coisas lá, eu ainda acho que a mãe tinha era depressão, teve uma época que ela ficou tão triste, tanto faz viver...

**P** – Depois que o vô morreu?

**D** - Não! Quando papai morreu ela achou bom! Nossa a mãe chegou do velório...
(Meu pai estava sofrendo muito).

**P** – Eles brigavam bastante né?

**D** – Nossa! A mãe era assim, engraçada né?...E eu morria de medo da mamãe morre primeiro de que o papai! Morria de medo, ai meu Deus do céu, se ela morrer como é que eu vou fazer, né? Se a mamãe morrer primeiro que o papai? Aí no dia do velório, né?...do enterro lá, todo mundo foi embora, foi indo embora, mamãe foi lá pro fogão fazer café...

**P** – O vô ficou doente um tempo?

**D** – Ele ficou mas o papai não ficava internado não! Ele ficava em casa!

**P** – O que ele tinha?

**D** – O papai tinha um machucado na perna, diz que tinha esse machucado desde que ele tinha quinze (15) anos, ele cortou uma verruga com facão, cortou, inflamou e nunca mais sarou, e antes não tinha tratamento né? Então, tratava com raiz, sabe esses raizeiros assim(?), meu avô levou o raizeiro pra ficar dentro de casa, pra cuidar do papai, era só dieta, das coisas de comer, esse tipo de coisa assim, mas não sarou, ficou crônico aquilo, entendeu? Aí uma vez fui com ele no médico, levar ele no hospital, o médico falou que ia operar, ele levantou da cadeira e saiu! – Não, não vou operar não, eu tenho isso desde os quinze anos, não sei quantos eu tenho esse machucado, não vou operar não! Diz que ia fazer um enxerto, ele não quis! Não quis operar...e aquilo ali, foi agravando, agravando...sabe?!

**P** – Ele mesmo cortou a verruga?

**D** – É! Molecada né? Estava trabalhando...pegou lá o facão, inflamou...mas como foi bem no nervo assim, ficou assim, então ele não ficava internado, ele ia para o hospital depois voltava! Ficava bem em casa! Depois voltava de novo! Mas acho que morte dele foi mais por isso aí! Subiu derrame! Até um dia eu estava trabalhando, trabalhava lá no Tatuapé, e a mulher onde eu trabalhava...eu trabalhava na casa deles eles tinham pastelaria, e a minha patrôa gostava muito deles né? Aí quando eu ia ela falava, você vai passar na sua mãe? Eu falei, eu vou Dona Maria, ela falou assim, leva umas esfirras pro seu pai, aí eu pegava o ônibus em Cangaíba, descia lá, essa época eu morava lá no Jardim __??__. Aí um dia eu subi né? Desci do ônibus, cheguei lá, falei assim pra ele, e aí pai? O senhor está bom pai? Ah! Tô nada, acho que eu preciso morrer! Falei Ih!...Fala que tá bom pai, pra melhorar! Aí ele, não sei...isso foi numa sexta feira, eu falei então mãe,..Ah! mas você já vai embora? Eu falei vou...falei assim, amanhã eu venho, amanhã é sábado, eu saio mais cedo, eu vou ficar o dia inteiro aqui tá?...A tarde toda aí!

Tá bom! Aí quando foi no sábado, eu fui trabalhar...a minha irmã liga lá, Ai Duduca, o papai tá ruim,... eu falei assim, mas quando eu passei lá ontem ele estava bom, então ele passou mal tá internado, se você não for lá ver ele, você nem vê mais, eu falei, ai meu Deus,...aí quando foi no domingo a gente foi pra ver ele, sabe? A gente foi lá pra ver ele no domingo, porque eu não estava trabalhando né?

Aí no domingo, foi eu e ela, pra ver ele, aí ele já tinha melhorado, aí, comoa eu estava falando, aí quando eu vim, a mamãe falou, amanhã eu vou lá ver seu pai, foi na segunda feira ela foi, quando eu vim do trabalho eu passei, falei mãe e o papai? Senhora foi? Fui,...falei e ele? Ela falou assim...Ih! Minha filha, ele

ainda vai voltar viu? Tá bom! Fiz assim sabe? O danado ainda vai voltar pra casa! Brincando né? Ai mãe graças a Deus, por que ela estava lá todo cheio de fio lá no aparelho sabe? Aí ele, e só falando assim, que o papai não falava o nome da mamãe, ele não falava o nome da mamãe não, ele falava sua **mãe ou então "muié" há! Há! Era assim a sua mãe ou aquela "muié" lá, era assim ele não,...aí esse dia, nós estávamos ali, ele só falou, a sua mãe vai vir me ver? A Minervina vem me ver? Vem pai, ela vem amanhã! Então,...fala pra Minervina vir me ver! Eu falei, tá bom! Amanhã ela vem! Aí quando foi na segunda feira mamãe foi eu vim do serviço passei lá, perguntei, a mãe disse que ele queria voltar, que ele queria voltar, quando** foi de noite, o seu pai passou onde eu morava, lá não tinha interfone não! Aí nós morávamos no mesmo corredor, que morava a síndica, a mulher do síndico, e ela ia na escola, aí o seu pai passou e pôs um bilhete no portão, não podia entrar né, pôs um bilhete no portão, aí a mulher passou, não tocou a campainha do nosso apartamento não, ela enfiou embaixo da porta, e a Célia como sempre levanta muito cedo, aí ela pegou o bilhete e falou, mãe!? O tio passou aí disse que é pra senhora ir lá na casa da vó! Ih! Célia, quê que foi? Não, falou pra senhora ir lá na casa da vó!

Aí nós fomos o Sergio levou, nós fomos pra lá, chegou lá eu vi aquele movimento lá, e ele tinha morrido! Tá!? Ele tinha morrido! Mas ele só esperou a mãe chegar lá sabe? Só esperou a mãe chegar, mas a mãe era boazinha, ela não desesperava não, sabe?

**P** – A senhora falou que o vô melhorou muito!?

**D** – Ah! De quando da nossa criação?

**P** – Do tempo da roça? Tudo?

**D** – É! Nossa!

**P** – O quê que ele melhorou?

**D** – Melhorou assim o jeito de tratar os filhos né? Porque ele era muito esquisito! Você vê as meninas, a minha irmã casou grávida ele nem soube! E a gente não podia nem sentar perto do namorado, não podia sentar não, não podia conversar, ele que conversava, entendeu? Era assim!

**D** – Com a Marta também ele era muito chato, mas ele era implicante, mas não proibia nada não sabe? Implicava com tudo! Mas ele não proibia de namorar, também a Marta não deu muito trabalho não! Pro papai não! Assim, sempre cuidou da vidinha dela pra lá...

**P** – E ele era muito ciumento com a vó?

**D** – Nossa! Muito! Ele era muito ciumento!

**P** – Como que era o casamento deles?

**D** – A vivência deles?

**P** – É!

**D** – Ah! Ele ficava falando que...Sei lá! Quando os filhos nasciam, quando era filha,...que às vezes... quando a mãe ficou grávida da Marta, mamãe tinha ido lá na minha casa na roça, nós morávamos lá em Rio Branco, aí você vê, a Marta ela é mais nova do que meu filho mais velho! Entendeu? Então quando a mamãe foi passear lá, e logo a mamãe ficou grávida, então ele falou que não era dele, que a mamãe tinha __??__(sabe aquela bobeira(?)), era isso, entendeu? Ele tinha aquela cisma, ele ficava contando, ___?____, não, meu não é porque você não estava aqui, olha? Você não estava aqui, essa criança não é minha! Quando a Marta nasceu ele ficou quinze dias sem entrar no quarto, (...?...), disse que a menina não era dele, aí essa daí (?) quando ela nasceu também, ela era branquinha né? Diz que a menina não era dele, aí um dia ele cismou com umas pessoas lá, porque a mamãe costurava né?

O Zezito ia entregar a costura... as pessoas iam levar costura lá, a mamãe não podia ver a pessoa não, então ele que pegava, eles marcavam lá como eles queriam e levava pra mamãe, mamãe não podia aparecer não, na hora de entregar as costuras, o Zezito que ia entregar, pegava as costuras, ia entregar numa venda

que tinha lá, e o pessoal ia pegar, depois papai ia em seguida, então ficou com aquela cisma lá, aí a mamãe falava, se esse filho que vai nascer não for seu, quero morrer junto, aí a minha mãe começou a passar mal, pra ter ela, ele foi buscar papel, chegou a menina nem tinha nascido nem chorou, aí ele arrependeu, ele olhou e viu que era a cara dele né? A menina era a cara dele, aí ficou tão arrependido, (deu esse casal que separou no batizado..(?)) aquelas coisas assim, sabe?

**P** – Quando ele bebia ficava mais ciumento?

**D – Não! Ele não bebia assim igual muita gente bebe hoje, pra cair! Nossa! O João, o Zezito, o papai não, ele bebia era na hora da janta lá, na hora do almoço, ninguém tinha esse negócio de ficar bebendo nas vendas não! Ele ficava alegre, quando ele bebia ele ficava alegre, nós gostávamos, o Zezito gostava de tocar violão e o Expedito gostava de tocar cavaquinho, então ele mandava nós cantarmos,... mandava nós cantarmos, pro Zezito tocar violão... (O Izaltino parou de beber em 1965, aos 47 anos. Nunca mais bebeu nada com álcool).**

**P** – Era música o quê? Sertaneja?

**D** – Nada, essa que eu cantava mais o Expedito, (...?...) então o Zezito tocava o violão, e nós cantávamos, então a gente cantava aquela lá, uma fazia a voz fina o outro a grossa, cantava aquela música lá de....Encosta sua cabecinha, no meu ombro e chora, E conta logo suas mágoas todas para mim. Quem chora no meu ombro eu juro, que não vai embora, Que não vai embora, porque gosta de mim,...eu e o Zezito nós cantávamos, papai ria, aí ele mandava nós dançarmos, era tão engraçado...e eu, quando a mamãe brigava, falando com a mãe, falava muito, eu começava a cantar, em vez de eu responder, chorar, ficava cantando...

**P** – E a vó, tinha muito ciúmes do vô?

**D** – Não! Minha mãe não tinha essas coisas com ela! Ela queria ser...uma a pessoa você vê! A mãe quando o pai morreu, elas estavam todas pequenas, o pai deixou nove irmãos, nove filhos, meu vô morreu diz que não tinha 40 anos, (47 anos, 1885 - 1933) então as mais velhas, foram cuidar dos mais novos, elas nunca tiveram quem mandasse nelas, elas tiveram a liberdade, entendeu? Elas viveram! Agora então, quando a mãe casou, ela queria ter a vida assim, fazer as coisas, e ela era assim, se ela não fosse pra roça, papai não ia, ele enrolava, enrolava e não saía, às vezes a mãe estava barriguda esperando nenê, lá vai mamãe com enxada nas costas saindo pra roça, ficava o dia inteiro, trabalhando, sabe? Ele não ia, só enrolava, e papai era meio preguiçoso, então aí a mamãe casou, depois casou a outra, tia Niguita, e ficou os outros...pequenos...lá

**P** – A vó contava a história da infância dela pra senhora?

**D** – Não! Eles não tinham infância não! Naquele tempo não tinha infância não! Era só trabalhar mesmo...

**P** – Ela casou com quantos anos, você sabe?

**D** – A mãe? 24 anos! Meu pai tinha 18! (Minervina tinha 22 anos e ele 19 anos)

**P** – Casou porque quis ou foi arranjado também?

**D** – Também naqueles tempos lá? Mesma coisa! Eu sei que a mamãe tinha um caderno, que o papai escrevia bilhete pra ela sabe? E ela guardava tudo no caderno, tinha até há pouco tempo, é que minha irmã (guardou(?)), tinha aqueles versinhos que papai escrevia e mamãe também escrevia pra ele, sabe? Sabe aquelas coisas de namorado mesmo, então o papai falava que lá em Minas tem um passarinho, ele é todo vermelho e tem a cabecinha preta, todo vermelho, então e a mamãe usava, diz o papai que a mamãe usava um vestido vermelho, diz que quando ele via ela de longe, ele falava, lá vem meu chau baeta, que era o nome do passarinho, então isso estava tudo nos bilhetinhos que ele mandava pra mãe, sabe? Precisava ver que engraçado que era!

**P** – Então eles namoraram um pouquinho assim de longe?

**D** – Namoravam, não tinha esse negócio de ir na casa dos outros, na casa de alguém, mas namoravam.

**P** – Mas ela conheceu ele antes de casar?

**D** – Conheceu porque era vizinho de fazenda!

**P** – E eles já brigaram assim de separar?

**D** – Não! Eu me lembro que mamãe falava que eles viveram treze anos de casado, igual a dois namorados, o que eles não tinham namorado quanto estavam novos, eles tiveram com treze anos de casados. Depois não sei o que que deu, que meu pai ficou daquele jeito, sabe? Ela conta umas coisas esquisitas que ele fazia...

**P** – Mas ela sempre ficou do lado dele, eles nunca se separaram depois voltaram?!

**D** – Não! Eles nunca separaram, a gente pedia pra ela separar(?), e ela não, não separaram de jeito nenhum! É aquela coisa assim, casou, tem que ficar, né? Mas meu pai, não partia para agressão física, era só aquela falação, sabe? Aquela falação, vinha gritar com a gente! Mas ele tinha um pouquinho de medo da mãe!

**P** – (risos) Tinha medo dela?

**D** – Tinha...

**P** – (risos) Por quê?

**D** – Um dia mamãe correu atrás dela com a enxada! Ele se mandou! Correu atrás dele com a enxada e falou, vem aqui seu fdp, vem aqui vem!? Vem!

**P** – O que ele fez pra vó ficar brava assim?

**D** – Ele falou, vou embora a mulher tá ficando doida! Começava aí!

**P** – Ele tinha feito alguma coisa pra ela?

**D** – É...não sei o que ele falou lá, eu estava solteira, que ela enfezou, pegou a enxada e correu atrás dele!

**P** – Vocês não estavam casados ainda, nessa época?

**D** – Quem eu?

**P** – Ah! Você estava solteira?

**D** – Estava, nessa época eu estava solteira! Aí a gente tinha medo né? Só que a mãe era assim, ela podia brigar, mas ela não ficava sem comer e nem sem dormir, a máquina tá caindo e ela está comendo(?), e ela e meu pai, tinha mania de falar de se matar, aí teve um dia que ele pegou a navalha, sabe navalha de fazer barba? Ficou na frente do espelho fazendo assim, disse que ia passar a navalha no pescoço, e nós começávamos a rezar, né? Com medo! E se ele fizesse assim ele cortava mesmo, né? Aí nós saímos caladinhos, correndo eu e o Zezito, ia chamar a tia Niguita pra ir lá, ele só obedecia ela! Aí ela chegava lá, faz isso não compadre, faz isso não, para com isso, compadre! Quê que é isso? Ele acalmava! Aí ela pegava aquela navalha, e tinha aquele caixotão de café, apanhava café pro ano inteiro, né? Então ela escondia aquilo lá no fundão da caixa do café, pra ele não ver! E passava! Era assim! E a gente ficava com medo quando era de noite, a mãe nem separada ela não dormia, dormia junto, a gente tinha medo de ela matar ela de noite, a gente não tinha sossego, e ela não estava nem aí! Dormia lá folgada! Então era essas coisas, vou me matar, vou morrer, vou me matar! Corta o pescoço! Cortava não! Mas a gente que era menina ficava com medo, né? De acontecer mesmo!

**P – Conta um pouquinho de umas histórias do meu pai, assim, que a senhora lembra, de quando ele era pequeno, como é que ele era?**

**D – Não lembro muita coisa dele! Mas,...é...bom, tá certo assim, quando eu casei eles eram muito pequenos, sabe? Eles eram muito pequenininhos, quando eu casei, teve a Olguinha, depois um ano depois teve ele, em 1955 teve essa que morreu envenenada! Em 1953 teve o outro menino que morreu, Ivo, até...quando ele morreu, a mamãe pegou, falou assim, o Luís era nenezinho, aí nasceu o Luís né? 1954**

**Aí mamãe falou assim, pode ficar com esse daqui pra você que ele vai morrer também, ela me deu o Luís pra mim, e eu pensava que era verdade, e eu que cuidava, eu levava pra benzer, dava banho, cortava o cabelo, dos meninos, ela largou pra lá! E agora já a Marta, a Marta já nasceu, né? Lá na Zona da Mata! Aí da Marta eu não lembro não, mas Antônio nasceu lá em Visconde do Rio Branco, ele era muito chorão, ele tinha...tadinho, ele tinha dor de ouvido, ele chorava muito, e ele gostava de enfrentar o papai, o papai brigava com ele pegava um pedaço de pau, assim ó, vem, vem pra ver! Vem pra você ver! Vem procê ver! Vem procê ver! Eu te jogo esse pau hein, te jogo esse pau? E chorava, e chorava, o papai só ria. E na hora de comer, se ele não quisesse a comida, tinha que dar outra, ele me chamava de Cuca, aí colocava a comida ele queria uma outra vasilha, ele ficava, eu quero arroz na tigela Cuca! Eu falava, pega essa daqui!? Não eu quero na outra tigela Cuca! Mas chorava, e chorava, era muito birrento! Aí eu tinha que pegar aquela tigela, pra colocar o arroz naquela tigela, punha aqui, ó, pra ele comer! Tudo assim! Mas ele tinha muita dor de ouvido tadinho! Nossa Senhora!**

**P** – Isso bem pequenininho?

**D** – É, desde pequeno, é...antes não tinha tratamento, não tinha remédio, não tinha nada! Era assim!

**P** – E quando ele decidiu estudar, como é que foi? O vô aceitou ele indo estudar, como é que foi?

**D – Não, papai gostava que estudasse, a gente não podia no meu tempo, né? Não é que não podia, não precisava, mas aqui não, ele era até contra o Luís, que o Luís não gostava na escola não, né? O Luís não gostava de escola, não ele não gostava de escola ele não, mas o Antônio nossa, eu lembro de quando ele estava estudando no Miguel, (Escola Miguel de Cervantes) na quinta série, né? Depois ele foi pra,...quer saber de uma coisa? Eu vou dar o fora daqui, porque aqui não vai dar pra aprender nada não! Aí foi que ele começou a estudar na cidade! Entendeu? Aí ele começou a estudar na cidade! ( Isso foi em junho de 1970, eu estava no 2º ano ginasial)**

**P** – E ele ajudava quando pegou idade pra trabalhar?

**D – Nossa! Ele nunca teve preguiça, até quando a gente morava lá na Zona da Mata eles moravam longe de mim! Então ele ia lá pra casa pra trabalhar, aí eu falava pra ele assim, era assim, ele ia pra casa da gente trabalhar, na roça né? E depois o meu marido ia trabalhar pro papai pra pagar os dias do papai tinha trabalhado na roça nossa), ele trabalhou três dias na minha casa, depois de lá de casa ia na casa do papai trabalhava três dias pra pagar, trocava dia né? Então falava assim pra ele, aí Antônio, o sol tá muito quente, deixa, ele falava não...ele não tinha medo, preguiça, ficava no sol o dia inteiro, só assim assoviando, não conversava, plantava arroz, esse pássaros pretos, comia tudo, aí o que que ele fazia? Ele levantava de madrugada, colocava um chapelão do papai na cabeça, colocava uma camisa, tipo espantalho ficava lá no meio, no meio do arrozal, aí a hora que sol esquentava, os passarinhos iam embora, ele ia pra dentro, eles catavam tudo, 5:30 aquela "manada" de pássaro preto baixava no arroz, chupava tudo o melzinho do arroz, e ele fazia isso, ficava lá, feito um espantalho lá, depois o papai fazia né? Colocava, pros passarinhos não chegar até o arroz e madurar...assim, não tinha preguiça não! Então, quando a gente casou ele era muito pequeno, foram pra Zona da Mata, ficou pra lá, depois...quando eu vim é...a mamãe ficava mudando com eles, né? Muda para um lugar, muda pro outro, quando eu chegava, morava perto deles, pois papai mudava de novo, então a gente não tinha muito assim...na adolescência dele, não tinha muito assim, contato com ele não, sabe? Aí depois ele estava aqui em São Paulo, aí eles foram pro Paraná, depois veio mais a minha irmã embora, e foi lá, buscou o papai de novo, pra cá, sabe? Ele começou a trabalhar, falou, vou trazer o papai pra cá, aí trouxe, a Olguinha estava trabalhando na casa da Dona Sylma com a tia Carmem de novo, e ele não sei aonde que ele arrumou serviço, aí papai veio embora, mas aí quando ele veio pra cá mais a Olguinha, só ficou o Luiz, a mamãe e o papai lá, sabe? É...o Luiz, a Marta, a mamãe e o papai lá! Ficou lá! Trouxe todo mundo de volta pra cá!**

**P** – Então a senhora conviveu mais com ele em São Paulo mesmo?

**D** – É, mais foi aqui!

**P** – E aqui em São Paulo no que ele chegou a trabalhar assim...?

**D** – Você sabe que eu nem sei de quê que ele trabalhava? Só sei que em restaurante ele não trabalhava não! Quem trabalhava em restaurante era só os outros mais velhos, em restaurante ele não trabalhava não! Ele trabalhava em escritório! É isso mesmo, ele trabalhava em escritório da dona Cândida, (VEF) até sua mãe também já trabalhou lá, não sei se era Bom Retiro, sei lá onde era esse escritório, ele trabalhava de empregado lá, até nos tínhamos uma foto, não sei quem tem, se é minha irmã que tem, ele tinha uma camisa de renda, (Não era renda, dei essa camisa pro Luiz, olha ele na foto usando ela.) aí minha irmã falou, essa aqui é quando ele era pobre, mas eu não sei onde está essa foto, não sei se está com o Luís, sabe? Ele trabalhava em escritório, então é isso mesmo, ele trabalhava em escritório, isso mesmo, Junior, depois ele levou a Marta pra trabalhar lá, depois ele levou o Zé meu pra trabalhar nesse escritório, mas ele era empregado, trabalhava lá, sabe? Isso mesmo, só não sei onde era esse escritório. (Trabalhei em muitas coisas, em 1967, voltando do Paraná, trabalhei na Mercearia do Bezerra, na Ponte Rasa, depois na Rua Santo Antonio em uma Mercearia, depois fiquei em um bar na mesma galeria onde ficava essa mercearia, por 2 meses, depois em 1968 foi para um escritório de Contabilidade Socilex, o Luiz trabalhou lá também, na rua do Seminário, depois fui pra Distribuidora Robles entre 1969 e 1970, depois na VEF de 1970 até 1981 e daí fui pra Talent Propaganda).




**P** – Como é que era ele com a vó, meu pai, como é que era, ele agradava ela?

**D** – Nossa! A mãe era tudo pra ele, e ele não tinha vergonha da mãe, sabe? Ele levava a mãe pra passear assim, levou a mãe pra Argentina, (Foi Santa Catarina) ele tirava foto da mãe comendo dentro do avião, depois que a gente via, e ele não tinha vergonha da mãe não, ele levava a mãe pro Rio de Janeiro, na época de carnaval, ele levou a mãe pra lá, ele...eu até achei engraçado, uma vez, ele ligou pra mãe e falou assim né? A senhora fica pronta aí, que o meu amigo vai passar aí pra pegar a senhora que a gente via pro Rio, a mamãe morava lá onde a Marta está morando aqui, aí a mãe arrumou tudo e foi, o casal passo pra pegar a mãe, eu falei mãe, a senhora é doida? Não! Antônio falou que eles vão passar aqui me pegar! Mãe!? E se for um bandido? Há! Há! E vai sequestrar a senhora aí? Brincando com ela né? Ah! Quê que é isso menina? Não tem perigo não! Imagina? Pois foi! Chegou lá, o casal (Atílio e esposa) pegaram ela. Ela ia mesmo, não tinha medo não, aí ela falou que ele levou ela pra todo lado lá no Rio, diz que passou com ela numas favelas da Rocinha lá! Ela disse que nunca tinha visto uma escola de samba de perto, diz que passou até a mão nas saias das baianas, e foi subir no bondinho, né? Diz que a Regina, essa época ele estava com a Regina, (Eu já estava separado) diz que ela...ficaram os dois olhando e deixou ela subir né?



E ela foi, aí diz que tinha um japonês atrás dela na fila, diz que o japonês falou assim, véio não passa bem não, véio não pode e ela falou, quem é veio aqui? Diz que ficou lá numa boa, dando risada, ela não tinha medo de nada a mãe, sabe? Ele gostava de levar ela em todo lugar! (Foi no carnaval de 1992, fomos no Pão de Açucar no Sambódromo e a Minervina passeou de Helicóptero até o Cristo Redentor. As duas primeiras

fotos são no Sambódromo e a última acho que foi o Cristo. O Alípio foi com ela no Helicóptero, ele é negro, voltou branco de tanto medo e a Minervina feliz da vida).

**P** – Ela gostava de passear?



**D** – Nossa! A mãe? Ih! Não tinha luxo, não tinha nada, chamou pra ir, ela se mandava, era assim, aproveitou bastante...agora às vezes tem dia que eu fico falando, se eu fosse igual a mãe, eu ia lá pra Minas e ficava lá, porque eu fico a tôa aqui, assim a tôa assim...mas eu não sei fazer o que a mãe fazia, assim viajar sozinha, eu acho...parece que eu tenho medo sei lá, sabe? Que é quando ela estava boa nós íamos todo ano a gente ia pra lá, a gente ia duas vezes no ano a gente ia mês de Dezembro e mês de Julho, sabe?...Janeiro e Julho, a gente ia nas férias dos meninos ela ia mesmo. Marcava e a gente ia pra lá!

**P** – E ela viajava sozinha assim de ir pra lá!



**D** – Ia também, sozinha, ia, só não ia mais porque papai brigava que ela ia sozinha, então ela pegava um dos meninos, ou então ela chamava a Lourdes, pra ir com ela.

**P** – E a educação de vocês foi muito diferente, assim, desde o mais velho até o mais novo? Ou ela educou todo mundo igual?

**D** – A mãe?

**P** – É!

**D** – Não! A mãe mesma coisa, só papai que mudou muito, papai mudou muito depois, os mais novos ele já não era muito rígido como era com a gente, com os mais velhos, minha mãe não era tudo igual!

**P** – Com vocês o vô era mais rígido!

**D** – Com os primeiros ele era mais rígido, os quatro primeiros, né?

**P** – E você lembra de alguma história de quando vocês vieram pra cá? Como que foi quando vocês vieram pra São Paulo?

**D** – Ah! Não tem história não foi o marido de Elza, filha do tio Vitalino quemtrouxe nós aqui, a mãe gostava, queria que a gente ficasse perto, e a gente não podia vir, aí eu só lembro que meu sogro tinha vendido os terrenos lá e peguei dinheiro emprestado pra gente poder vir, que era pra gente vir e não tinha dinheiro pra comprar as passagens, aí eu pedi pra ele uns 50 contos, emprestou, assim quando chegar lá, eu peço para os meus irmãos, te devolvo pro senhor, já nessa época eu já estava morando dentro de casa com meu sogro, já era muito ruim, eu tinha 5 filhos, era muito difícil, né? E a gente preparando pra vir pra cá, mas não tinha como vir. Aí ele emprestou o dinheiro pra gente, aí um primo da gente que já tinha estado aqui, falou, se vocês pagarem a passagem pra mim eu levo vocês lá, aí nós pagamos a passagem pra ele e ele trouxe a gente, mas também não dava pra vir sozinho, e também tinha que vir de trem até Juiz de Fora, o ônibus só de Juiz de Fora pra cá...

**P** – Chegaram de trem em São Paulo?

**D** – Não, chegamos de trem em Juiz de Fora, que antes não tinha ônibus direto que tem agora né? Agora tem ônibus direto pra Minas, antes não tinha, então você ia de trem até Juiz de fora, de lá você pegava um ônibus pra vir pra cá! Entendeu? A gente pegava o trem 5:30 da manhã lá em Rio Branco, chegava em Juiz de Fora pra pegar o ônibus da tarde, chegava de noite aí!




**P** – Chegaram aqui em São Paulo era de noite?

**D** – Então, era de noite, nem pegava taxi, nada, pegava ônibus pra descer lá, muito difícil...

**P** – Faz quanto tempo que a senhora não vai pra Visconde?

**D** – Não só tem um ano, dia 12 fez um ano que estive lá! (Ela foi então em outubro de 2010)

**P** – Vê se a gente combina de ir!

**D** – É vamos ver, mas agora está difícil, eu estou com esse problema no joelho

**P** – Que fruta que tinha lá? Que vocês falavam que subiam em árvore! Que árvore que tinha lá de fruta?

**D** – Tinha jabuticaba, pitanga, quando era época né? Fruta do conde, antes a jabuticabeira era muito alta, precisava pegar uma escada pra subir, pra catar, sabe? O pé de manga era alto, mas tem aqueles galhos que dava pra subir, mas a jabuticaba não, eram aqueles pés retos, então tinha que por a escada, uma escada de bambu pra poder pegar! Mixirica, não, os pés eram grandes, mas quando crescia, os galhos viravam assim, e podia catar!



**P** – Tinha sapoti também?

**D** – É,...tinha sapoti também, lá na fazenda que você foi ver, lá tinha sapoti também, mas lá era, tinha que falar com o administrador, tinha que pedir, poder passar na porteira, pra entrar lá era muito chato, ninguém gostava daquilo, sapoti, a jaca, caía dentro daquele coiso do moinho lá, precisava tirar com a enxada pra jogar fora que ninguém comia jaca, ela já amadurecia e caía, dentro do moinho, aquela roda, pra pegar água ali, ia rodando assim, pra poder fazer o fubá, ali entupia todo o rego da água, porque as jacas caiam lá dentro, mas ninguém comia aquilo lá não! Agora sapoti eu comia.

**P** – E os passarinhos, qual que eram os passarinhos? A senhora falou desse vermelhinho, que parecia a vó!

**D** – É, papai falava que a mamãe gostava de roupa vermelha, era o meu chau baeta, não sei se dá pra ver mais, mas dava pra ver na beira do rio, a gente vê eles na beira do rio, são grandões assim, mas vermelhinho, precisa de ver, é do tamanho de um sabiá, eles fazem ninho bem naquelas amarras de espinho pra ninguém tirar, bem espinhudo mesmo, ode eles fazem o ninho...

**P** – Que outros passarinhos tinham bastante lá?

**D** – Pois é...seriema, saracura, nhambu,...é uma passarinho que parece uma rolinha e ele não tem rabo não! Há! Há!...Aí ele corre e se esconde dentro das moitas e o ovo dele é azul!

**P** – Seriema é verdade que come cobra?

**D** – Quem come?

**P** – Seriema!

**D** – Ela só come cobra...

**P** – Ah é?

**D** – É...elas batem o bico, faz assim ó,...quando eu fui dessa vez lá a gente escuta de longe elas gritarem, sabe? Mas, não dá pra ver mais...até mostrei pra Lourdes, que a Lourdes não conhece, escuta Lourdes, aquilo lá que é Seriema, elas ficam no alto do morro, sobe lá no alto e elas fazem o ninho também no último galho da árvore, os ovos dela são assim...lá ainda tem!

**P** – E vocês comiam cobra esses bichos esquisitos assim ou não?

**D** – Não! Deus me livre! Se deixasse a cobra comia nós! A gente não comia essas coisas não! Não tinha esse negócio, mas tatu a gente comia, sabe aquele bicho que tem espinho?

**P** – Porco espinho?

**D** – Eles falam ouriço, né? Mas a gente falava outro nome, então eu e o Zezito, a gente ia buscar lenha, mas tinha uns, a gente furava ele até ele cair da árvore, e não caía coisa no olho da gente, diz que joga espinho é mentira, né? A gente via eles, eles corriam, a gente achava, eles corriam e subiam na árvore, quando subia na árvore a gente arrumava um pau e ficava fazendo assim até ele cair, a hora que caía a gente pegava e a mamãe não deixava a gente fazer no fogão, pra comer, que é bicho, né? Mas era de comer, a carne dele parece de frango, a gente sapecava ele lá fora, tirava o couro dele, lavava ele na bica, fritava na fornalha, onde a mamãe fazia sabão, a gente fritava o bichinho lá, era gostoso! Ha! Ha!

Tatu também, eu corria atrás de tatu, quando era tempo de lua clara, eles saem, aí um dia eu fui na tia Carminha, com os meninos passear, pedi pra sair de noite, né? Na hora de vir embora eu vi um tatu, passando, eu joguei o Luís no chão e corri atrás do tatu! Há! Há! Taquei no rabinho dele assim, consegui segurar, aí não vai dar mais (?), corria mesmo! Aí o tatu mamãe fazia, eu não sabia tirar a casca não! Aí a mamãe fazia o tatu pra gente! Mas assim cobra, preá, a gente não comia essas coisas não! De jeito nenhum!

**P** – Vou filmar a senhora cozinhando um pouquinho pode?

**D** – Fritando as batatinhas? Vocês comem fritura comem?

**P** – Só não come bicho!

**D** – Minha irmã falou que vocês não comem carne né? Mas eu fiz carne pra ela, pra minha irmã, deixa eu pegar minha panelinha, deixa eu te mostrar minhas panelas de ferro.

**P** – Essa daqui é a que cozinha mais parecido com a vó?

**D** – Não acho que não está mais não...olha quanta panela de ferro eu tenho ó!?

**P** – É lá de Minas?

**D** – Essa aqui ó essa panela aqui foi a mãe que deu pra Célia...

**P** – Essa é de pedra né?

**D** – Essa não, é ferro!

**P** – De ferro também?

**P** – Fica muito diferente a comida nessa panela?

**D** – Ah! Eles falam que fica! É que a gente tem esses costumes, né? Esse aqui é da Carmem ela foi pra clínica e ela mandou trazer, tá aqui o dela!

**P** – Nunca tinha visto pequenininha assim, só vi daquelas grandonas!

**P** – A senhora usa de vez em quando?

**D** – Eu uso direto, essa aqui é de fazer bolinho de chuva, essa aqui é de fazer feijão, essa daqui quer ver? Humm...Essa é de fazer bolinho de chuva, essa é de fritar frango, fritar franguinho. Mas, aqui os meninos

não comem mais bolinho de chuva, esse aqui foi o nosso primo que fez, ó! Sobrinho do papai que fez! Fez um pra mim e outro pra mãe! Sabe cobre? Derrete cobre e fazia! É primo do papai! (Essas panelas eram feitas pelo Chico Pinto, filho do Francisco Pinto que era irmão do pai do Izaltino. O filho era primo do Izaltino, não sobrinho. O Izaltino era sobrinho do Chico Pinto pai)

**P** – Aí derrete...

**D** – É...derrete e faz o tachinho, a gente saía, ia lá pra roça, passava na cidade, encomendava pra ele, antes da gente ir embora a gente pegava, sabe?

**P** – Cozinha o quê? O quê que é bom cozinhar em panela de cobre?

**D** – Aqui?

**P** – É!

**D** – Não! Aqui se a gente quiser fazer frituras, se você quiser ferver leite, o que você quiser fazer, mas eu gosto pra enfeitar, porque está pendurado! É que a gente reformou o apartamento o ano passado, tirou as coisas, os pregos, né? E ficou assim! Pendurado! Ah! Mas eu acho que panela de cobre não é bom pra cozinhar não! Mas lá na roça sim, né?

**P** – Diz que assim que é boa, né?

**D** – É!

**P** – Que receita que a vó fazia que a senhora faz ainda?

**D** – Ô meu filho! Não tem receita não!

**P** – Frango com quiabo!?

**D** – Não tem receita não, isso aí, as coisas que ela faz, então tem o doce de leite, mas você não vai poder filmar aqui, só comer o docinho, eu também faço,...(??)

**P** – O doce de leite que ela fazia?

**D** – É lógico que eu faço, mas aí vocês, da próxima vez que você vier, vou fazer, tá? Doce de leite!

**P** – Mas eu queria filmar a senhora fazendo o doce pode?

**D** – Pode!

**P** – Ou é segredo a receita!?

**D** – Ah! Não, o doce de leite não!

**P** – Mas tem receita que não pode filmar né?

**D** – Na outra vez, eu me atrapalho né? Eu faço pé de moleque, é fácil, pé de moleque é fácil de fazer, eu vou fazer, não dá trabalho não, mas o doce de leite você tem que concentrar ali senão não dá ponto né?

**P** – E esse moedor é de carne ou...

**D** – É de café...de carne é aquele lá, tudo funciona viu? Só que eu deixo aqui! Essa....

**P** – Você usa ainda ou não?

**D** – Não! Se quiser usar pode, mas eu não uso não!

**P** – Quando vocês colhiam o café, o moedor era assim também?

**D** – Nada! Era pilão meu filho! Era pilão! Essa daqui ó, muitos anos, o Rodrigo era pequenininho, estava indo lá pra minha casa, que ele achou a frigideirinha, ele falou, leva pra Cuca...(risos) aí tá aí, uma vez mandei fazer arranjo, uma vez por isso que pintou, mandei fazer arranjo, aí fica pendurado, depois quando

eu enjôo, eu tiro, sabe? Eu tiro os negócios de dentro...é o Rodrigo, cabeçudo lá! A minha irmã, todo dia tinha que ir lá em casa com eles, se não fosse com eles, eles não sossegavam não! Todo dia! De tardezinha quando ela não estava trabalhando, né? De tardezinha, dava banho neles e ia lá em casa passear! Só dar uma voltinha, pronto, sossegou! Era assim! Esse moinho veio lá do Paraná, de Maringá esse moinho, foi aquela mulher da casa onde nós morávamos que trouxa e que deu pra mim! Agora esse daí não, esse daí foi a mamãe que deu...

**D** – Ai meu Deus!  Noz moscada...

**D** – Isso aqui é uma carne ó! Carne de panela...

**D** – Só que eu não coloco muita coisa não...que ás vezes eu coloco...é mas eles não comem não, com batatinha, pimentão eu enjoei de comer...espera aí que eu vou pegar uma cebola...pegar uma cebolinha...

**P** – A senhora sabe cozinhar em fogão a lenha ainda?

**D** – Se eu sei?

**P** – É!

**D** – Adoro!...Eu gosto...

**P** – A comida fica outra coisa né?

**D** – É...então lá na tia Carminha, eles têm fogão de gás e ela usa o da lenha lá! Tá?

**P** – É, é tudo de lenha, a maioria né?

**D** – É! Mas as pessoas novas não veem a diferença não, né? Mas a gente que é mais velho já gosta!

**P** – Como é o nome da filha da tia Carminha?

**D** – A Creusa?

**P** – Será que é a Cleusa?

**D** – É a Creusa!

**P** – Que ela também cozinha no fogão de lenha ali! Né? Acho que foi na casa dela que eu fiquei!

**D** – Foi, é! Eles tem fogão de lenha e fogão de gás! A Creusa usa o fogão do gás, pra fazer bolo, ferver leite, fazer café de manhã, sabe?

**P** – Hã! Hã!

**D** – Que ela faz...mas mais é o fogão...um dia...um ano atrás que eu tive lá, teve um almoço lá, dos jogadores...e aí a tia fez vaca atolada,...

**D** – Ó aqui Junior! Tem a minha idade ó!?

**P** – Essas colheres?

**D** – Eu guardo as coisas, a mãe...era da mãe né? A mãe comprou quando tinha eu, aí quando eu fui morar sozinha, guarda essas coisas lá porque elas tem a sua idade, eu sei que você não vai dispor delas, e tá aí! Tem 71 anos!

**P** – Eu ia te pedir pra você fazer um tempero desse pra mim, pra eu levar pra casa!

**D** – Ah! Eu tenho pronto, você pode levar!

**P** – Tempero tempera tão gotoso!

**D** – Eu tenho você pode levar! Até eu ia dar pra sua mãe se ela viesse, sabe?

**P** – Eu vou trazer ela pode deixar!

**D** – Ah! Ela prometeu que vai vir! Ela falou pra minha irmã ontem, que ela falou pra mim que ela vai vir sim! Diaz que vai limpar o quintal lá, né?

**D** – Diz que o homem lá não limpou direito!...Mas é assim mesmo...o Zezito diz que paga um homem pra limpar o quintal e não faz nada que presta! Viu? Acho que vocês já estão com fome né?

**P** – A vó fazia muita abóbora lá em Minas?

**D** – A vó?

**P** – Cozinhava muita abóbora?

**D** – Fazia, porque lá, as coisas de comer lá, arroz era muito difícil, entendeu? Arroz era mais para os pequenos né? As crianças pequenas! O Expedito era muito enjoado pra comer, então tinha que tomar muito cuidado com ele, não era qualquer coisa que ele comia, então mamãe tinha que estar sempre com um arrozinho pra fazer pra ele, a abóbora ele só comia assim só aquela rapinha verdinha de cima, se tivesse o miolo ele não comia, entendeu? Era muito enjoado pra comer. Arroz tinha que deixar queimar a rapa no fundo pra poder comer, se não ele não comia, então como as coisas eram muito difíceis, a mamãe deixava, era os meninos pequenos né? Então ela deixava o arroz mais pra eles, porque nós comíamos qualquer coisa, papai me chamava de boca de cabrito, que tudo que se fazia eu comia, gostava de comer não ligava não! Qualquer verdura que mamãe fazia a gente comia, tinha boca de cabrito, que cabrito onde passa a boca come tudo! Há! Há!

**P** – E qual que era sua comida preferida quando tinha que era gostoso assim?

**D** – Ah! Não tenho preferência não! Como tudo! Não tinha assim escolha, sabe? Agora, quando tinha, todo mundo que fazia aniversário a mamãe matava um galo, por isso que eu falei pra você que tinha as esporas pra guardar, ela, então eles ficavam todos contentes, né? O papai, do jeito que ele era chato! Nossa! A mamãe cuidava muito bem dele, viu? Ela ia matar,...quando ela matava um frango, o peito era inteirinho do papai, aí quando ela matava porco, né? Assim, matava capado, o caldeirão do meu pai era coberto de torresmo por cima, ela cuidava muito bem dele, e ela ainda falava assim, ah! "Do frango eu só gosto do peito, o resto vai a eito"! Há! Há! Daí ele falava assim, então ela cuidava muito do papai! Sabe? Então todas a vezes que papai fazia aniversário, 23 de janeiro ele fazia aniversário, aí a gente tinha aquele almoço, macarrão, aquele macarrão de mineiro, tutu de mineiro e __??__com macarrão, então a gente ficava contente, quando chegava o aniversário do papai a gente sabia que ia comer comida boa, sabe? Durante a semana era só aquela gororoba lá! Era engraçado!

**P** – E a vó comia,qual que era a parte dela no frango?

**D** – A mamãe gostava do pescoço, ela gostava do pescoço!

**P** – E cada um tinha uma parte?

**D** – É...eu era os dois pés, por isso que eu não tenho dinheiro...há! Ha! Há!

**P** – Quem come pé de frango não ganha dinheiro?

**D** – Não...diz que a galinha onde passa cisca, por isso não tem dinheiro! Há! Há! Brincadeira...mas quem passava mais mal nas misturas era eu e a mãe, porque a mãe, só comia o pescoço e eu eram os dois pés, diz que tinha que comer um, tinha que comer o outro né? Então achava bom, não tinha gosto de nada...era assim! Às vezes a situação não era boa quando ia matar aqueles porcos, lá, aqueles "capadão" lá, tinha que vender, precisava vender né? Toicinho só ficava aquela parte dos miúdos, né? Só ficava aquilo lá...

**D** – Ele quando melhorou de situação né? Chegava na época da escola, ele falava assim, e aí? Dá a lista da molecada aí, Dá a lista da molecada aí pra mim! Pra comprar o material deles, assim ele comprava pra gente, mas depois, parou, né? Porque...a família cresceu, rendeu muito. Há!...Rendeu muito não dá mais, isso aí ele já estava melhor de vida, sabe? Na cidade já...

**P** – Seu marido trabalhou de quê tia?

**D – Ele trabalhava no restaurante, serviços gerais, não tinha profissão, depois é que ele aprendeu a fazer tudo, né? Começou a trabalhar de pedreiro, sabia até colocar azulejo, mas aprendeu assim, sozinho sabe? Trabalhando! Mas quando a gente veio pra aqui, ele trabalhava no restaurante! Trabalhava no restaurante do Gouveia. Trabalhava no restaurante do Juca Pato, quando o Gouveia acabou porque passou o Metrô, aí ficou o Juca Pato, depois de lá foi mandado embora, foi trabalhar na Moóca, pra uns sócios lá, montou uma pizzaria né? Levaram os empregados pra lá, aí ele foi, de lá que ele ficou doente que ele, deu esse problema no coração, aí teve que operar, operou, depois, ficou aposentado, aí não teve mais jeito...não me deixa esquecer do tempero, tá?**

**P** – Tá!

**D** – Eu tenho em casa eu faço bastante, ontem mesmo a Marli veio...

**P** – É uma delícia aquele tempero!

**D** – A Marli ontem trouxe um pouquinho de alho ela gosta do meu tempero também, mas não pegou, acho que vai casar né?

**P** – A Bárbara cozinha bem né? Fiquei lá na casa deles!

**D** – Ela faz...a Cibele também!

**P** – A Cibele cozinha super bem mesmo!

**D** – A Cibele quando casou, ela tinha 16 anos!

**P** – É, novinha né?

**D** – Já falo (risos)

**D** – Aí quando ela casou, viu Marcela, as mães como sempre, tem que se preocupar com vocês, ___??____ uma criança,..(risos)...menina, foi pra lua de mel e quando vieram, foram, eles já tinham arrumado a casa, foram morar lá na Vila Maria, aí lá nos fomos no domingo passear, eles que convidaram, quando eu cheguei lá, que casa arrumadinha__??__.

**P** – Olha que surpresa!

**D** – Aí o João__??__

**P** – Eles iam lá pra casa, mas o Joãzinho falou que __portas (?)___fica muito difícil de sair!

**D** – Fica, e ela não estava trabalhando, ela foi essa semana, ela foi duas vezes lá pro escritório, aí a Marli falou que ela já estava quase dando a luz já, porque ela não vai...que dia que a tiazinha vai trabalhar que o João já está quase dando a luz já, então diz que ela foi terça feira ela foi...

**P** – Esse que é o segredo? Esse temperinho?

**D -** Não conta pra ninguém não, tá? (risos)

**P** – Vou falar pra você, depois conta pra Marcela, conta pra Marta...

**P** – Tinha uma coisa que a vó inventava pra cozinhar né? Que ela comia, casca de batata, né?

**D** – Então...não é que inventa, você vê que agora tem tudo isso, né Marcela?

**P** – É então...agora é super chique comer essas coisas!

**D** – É...eu mesma já fiz muito casca de batata frita!

**P** –Eu adorava quando a vó fazia!

**D** – Fica bem crocante, não fica?

**P** – É!

**D** – Mas na hora, pra comer na hora! Pra você guardar fica mucho! Mas você acabou de fazer e frita e come é uma delícia!

**P** – Mas o tio Luiz falou pra mim que ela inventava muita coisa assim porque vocês passavam muita necessidade antes né?

**D** – E outra coisa que ela fazia pra comer...não sabe o cacho da banana?

**P** – Ãhm!

**D** – Não tem aquele negocinho embaixo? Então! Ela tirava a casca, ia tirando, tirando, até quando ficava aquele miolinho, quando ficava o miolinho ela refogava pra gente, ferventava ele, tirava toda a nódia da banana, e, aqui Junior, esse aqui, eu faço bastante vidro, o último é esse, eu faço e deixo aí, que eu não gasto muito não mas eu dou...

**P** – Que que tem aí? Pode falar?

**D** – Pode! Isso não é segredo não? Sabe com quem que eu aprendi a fazer esse? Eu fazia um outro, que a mamãe fazia! Batido no liquidificador, mas ele fica molengo, né? Você bate, tem que por na geladeira! E... então eu aprendi com a mãe! Quando o Antônio tinha o bar lá que a gente assava frango, que ele vendia frango assado, a mamãe ia pra lá me ajudar, fazer os temperos. Quando era época de natal era cinco, seis caixas de frango que nós tínhamos que temperar, pra colocar naquelas máquinas lá, lá naquele restaurante que tinha lá, come é que fala? Lanchonete! Antônio meu! Aí, depois eu aprendi com a Carmem a fazer esse aí são secos, não precisa por na geladeira não, você coloca é...alho, e depende do tanto de alho que você fizer, duas nóz moscada ralada, caldo Knorr ralado, pimenta do reino, orégano, aji-no-moto eu ponho por minha conta, coloca o sal, aí depois você bate o alho no processador, você coloca numa vasilha grande assim ó! Batido aquela massa, você coloca aí, depois você coloca o sal, e vai colocando a coisa e misturando assim, tá? Depois põe em um vidro, depois guarda até um mês, dois, três, não estraga não, sabe?...E aquele que a gente faz batido com óleo ele estraga, não é que estraga, ele perde o gosto, entendeu? Já não fica mais gostoso, igual você...igual a gente vai fazer a,...igual a esse que a gente faz assim...quanto mais você guarda esse daqui, mais bom ele fica né? O outro não, ele perde o gosto, fica parecendo é...gosto de comida de gente rica(?)...cadê ela? Célia?

**P -** Não é a Olga...

**D** – A Célia tá lá?

**P** – Cadê a Célia?

**D** – Não tava?...Saiu?

**P** – É que sua casa é muito grande né tia?

**D** – Saiu você nem viu né?

**P** – É...(risos)...

**D** – Não!...Ela falou pra mim, pode deixar que a salada eu venho preparar...

**D** – Então seu Junior... parece que é dela, não é, é porque a gente fica lá só fica recordando as coisas, que nós trabalhávamos na roça juntos, eu e a Carmem, a gente trabalhava na roça juntas, cortar cana, apanhar café, carpir café,...

**P** – A Carmem está lá em Rio Branco ainda?

**D** – Não é essa que está aí na Clínica, na casa de repouso a tia, casa de repouso...

**P** – Aaah!...

**D** – Até minha irmã falou que você queria conhecer ela né?

**P** – Mas como é que ela está? Está contando história assim?

**D** – Ah! Ela também conta...ela também conta...história...

**P** – A gente podia combinar de ir lá um dia...então!?

**D** – Então...ela mora na...a casa de repouso é aqui na...no Tatuapé...

**P** – Tatuapé?

**D** – Na mesma calçada que mora a minha filha! Às vezes a minha filha passa do trabalho, passa lá.....nessa clínica onde a Carmen está morando.

**P – Como é que é?**

**D – As bananas que a gente vendia lá...essa daqui é lá da casa do Zezito essa banana, ele veio aqui ontem, veio sábado em casa, ele trouxe, verdinha, então era essas penconas de banana, você cortava assim ó, agora já está "madurando"...cortava e colocava na cesta, eu levava 120 bananas na cesta, punha na cabeça, fazia uma rodilha assim ó, deixa eu fazer pra você...fazia assim ó, mas um pano grosso né? Colocava aqui ó, e punha a cesta e ia embora...pra cidade levar banana! (Vendiam na venda do Felipinho) Há! Há! Era essa aqui ó!...Cortava, colocava tudo bonitinho dentro da cesta, que papai mais a mãe mesmo faziam, cesta de bambu e a gente ia vender tá? Entregava lá na...no botequim da mulher lá,...dona Chiquinha, então o Zezito veio, na casa dele tem muita banana e a Lourdes trouxe pra mim, sábado.**

**P** – O quê que a vó cozinhava que você falou? Qual que era a parte da banana que ela fazia?

**D** – É a ponta da banana, não sei como é que fala? Nós falávamos que era o umbigo da banana, quando tem o cacho, ela vai crescendo, as bananas vão engrossando e vai ficando aquela coisa comprido assim né? Aquela ponta assim né?

**P** – Aaah! Sim!

**D** – Então...é aquela ponta ali! Aí quando as bananas estão todas no ponto de cortar, pra tirar do cacho, aquele está bem fininho assim, aí a mamãe tirava aquela casca roxa de fora, e cortava assim na água, depois ela ferventava e refogava, igual assim, arroz, feijão...pra comer com arroz e feijão...ela até que enfeitava(?) um pouquinho, mas a gente comia, era gostoso,...

**P** – E ela conhecia bastante mato assim? Diferente?

**D** – Ela?

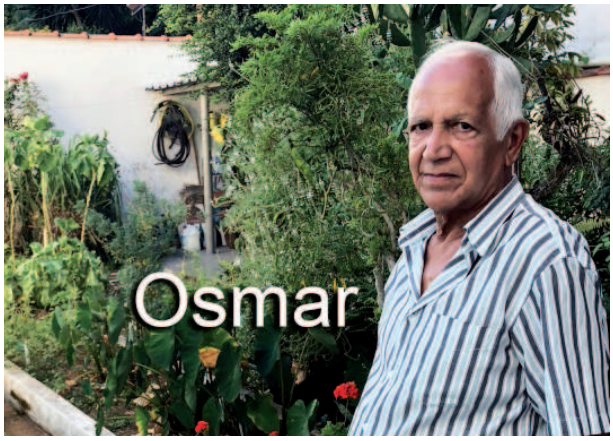
**P** – É!

**D** – A mãe conhecia...

**P** – O quê que ela fazia dos matos que tinham lá?

**D** – Tinha capim sova, também é gostoso também, por aqui também tem ,na feira que tem aquelas bancas de japonês tem, serralha, taioba, né? Que ela costumava fazer muito, era assim!




# Olga Lino dos Santos Freitas (29/12/1919 – 12/09/2020)
# Jandira Lino da Costa (06/06/1926 – 07/12/2015
# Osmar Lino de Freitas (04/08/1943)
# Depoimento ao Júnior em 09/12/2011

**Tia Olga:** Ah, mas a mulher comprou linguiça lá e vinha trazendo, aí o carro enguiçou no caminho e ela ficou lá de um dia pra outro, sei lá como é que foi e a linguiça apodreceu tudo, isso é a história!

**Expedito:** A história do meu pai foi mais triste ainda, que ele comprou umas linguiças lá... na cidade. Linguiça, comprou umas linguiça lá na cidade e vinha pra roça à noite, né, com uma escuridão danada, né? E dando umas beliscadinhas na linguiça, quando foi no outro dia que clareou que ele foi ver a linguiça estava tudo cheia de bicho.

**Tia Olga:** É, mas ele era assim mesmo.

**Expedito:** Ele já tinha comido um monte sem perceber!

**Expedito:** É, não tá pendurada lá no açougue? De noite, o cara cambaleando pelo caminho, já tomou uma, duas...né?

**Tia Olga:** Mas já estava com varejeira, com certeza!

**Olga:** Já estava, né, tia? Com certeza!

**Osmar:** Lembro dela, a Minervina, que uma vez nós fomos pra Rio Branco juntos, aí chegou lá em Rio Branco, fui eu, a Regina, ela, tinha mais uma outra pessoa, né? O Zezito! Foi quando o Zezito. desse dia?

Ele estava bebendo, ele tinha feito uma cirurgia, ah, o Zezito começou a dar umas idas de casa em casa das pessoas antigas conhecidas nossas lá ela ia e foi nessa época que ela comprou esse pedaço de porco lá do Venturini...

**Tia Olga:** Passava em pinguela de pau fininho, passava e ia de um lado, do outro lado na casa dos amigos dela pra lá.

**Olga:** Tinha uma disposição né?

**Tia Olga:** Nossa, era danada pra andar, né? Danada pra andar, nossa. Aqui tem uma... ela tem uma sobrinha, agora igual, a Imaculada, da Jandira. Como anda! Não para também de jeito nenhum.

**Osmar:** Ah, é? Mas a tia Zina ia lá num tal de valão, um tal de Cruzeiro lá em cima.

**Tia Olga:** Valão, Cruzeiro, ali afora, tudo ela andava.

**Expedito:** A minha mãe chegava lá em São Paulo com um monte de tranqueirada! Até limão ela levava.

Tudo quanto é bicharada que ela arrumava, ela levava. Tudo... Quando ela chegava lá, ela fazia... ela chamava todo mundo, um pedacinho pra cada um.

**Olga:** Ela fazia canjiquinha...

**Expedito:** Doce, queijo, manga, feijão, enfim...

**Regina esposa do Osmar:** E as panelas que ela levava? Lembra aquelas panelas que era de ferro? Panela de ferro que ela levava? Um monte de panela de ferro! Chegava aqui na Dona Olga ela pegava as panelas tudo pra levar pra São Paulo!

**Tia Olga:** Ela ia na feira, né?

**Regina:** Ela ia na feira, né, vó?

**Tia Olga:** Ela ia na feira buscar.

**Olga:** Ainda tem panelas até hoje, viu?

**Expedito:** E não tinha carro, não tinha nada. Não! Ela ia de ônibus.




**Tia Olga:** Ela dava um jeitinho que ela levava tudo. Ô gente, acho que é o nome, deve ser, a mãe do meu marido também era a mesma coisa. Acho que é o nome!

**Osmar:** Ah, é, que a vó também chamava Minervina, né? (A mãe do tio Zé Loide chamava Beneviva)

**Tia Olga:** Minervina (Beneviva), é, essa Minervina carregava até pedaço de cana pros meninos.

- Ah, é?

**Tia Olga:** É, a Minervina, (Beneviva) a vó do Osmar a mãe do Zé. Toda vez que ela vinha ela trazia uns pedacinhos de cana pra gente. Qualquer coisa ela trazia. Trazia cana. Amendoim, ela trazia, desviava o caminho pra trazer.

**Olga:** Ah, a Jandira lembra alguma coisa. Lembra também bastante coisa. A tia Jandira também lembra da minha mãe bastante história.

**Tia Olga:** Lembra nada, ela não morava lá. Ela não morava lá.

**Osmar:** A tia Jandira nunca teve muita convivência não.

**Tia Olga:** Tem não, ah, como a Jandira se casou...

**Olga:** Não, mas quando a minha mãe vinha aqui ela lembra, né? Que a mãe vinha muito, uma vez por ano vinha aqui, não vinha?

**Osmar:** O Antônio trazia... é... seu pai trazia a... sua mãe aqui todo ano. Trazia, deixava aqui e ia em Rio Branco, ela ia lá no Tãozico, aquela turma lá, de lá ele ia embora e a tia Zina que sua mãe ia embora de ônibus, às vezes ele passava, pegava e levava, ela sempre fazia isso.

**Olga:** Que ela não tinha paciência pra esperar também, né?

- Não.

- Senão ele passava e pegava. Ela queria ficar aqui.

**Osmar:** Ela ficava aqui e na tia Jandira...

**Olga:** Ela não sabia o que ela queria, né? Ela queria vir aqui, queria ir em Rio Branco.

**Osmar:** Ela às vezes ia pra Rio Branco, já tinha ido... Aí daqui, aí ela ia... ela ficava uns dias aqui, depois ela ia pra Visconde de Rio Branco, o Antônio ia pra lá, né? Depois ele ia embora e ela ficava e ia de ônibus.

**Regina:** O dia do aniversário dela? Você lembra?

**Osmar:** Eu lembro que era aniversário dela sim, ela esteve aqui, depois daqui ela foi embora pra Rio Branco.

**Olga:** Ih, ela não ficava sem vir pra cá, né? Todo ano.

**Osmar:** Todo ano, a única pessoa que procurava os parente, ela... ela... todo ano às vezes ela aparecia mais que uma vez, todo ano ela... a tia Zina vinha nos visitar e outro detalhe, ela fazia questão de ir na casa de um por um, na casa dos sobrinho todo, ela visitava cada um. Era um tal de canelinha de cachorro mesmo, porque eu nunca vi igual essa aí não. Era incrível.

**Júnior:** Ela vinha todo ano?

**Osmar:** Todo ano. Sem erro. Todo ano, a tia Zina.

**Tia Olga:** Ela era muito ativa, mas é porque essa Minervina (Geneviva) mãe do Zé e a nossa irmã Minervina... e agora até a Imaculada, é igualzinho.

**Regina:** A Imaculada é filha da tia Jandira.

**Regina:** Então eu sou parente de vocês, eu não paro em lugar nenhum, mas eu não sou parente não.

**Osmar:** Graças a Deus!

**Regina:** Eu entrei na família! Uai!

**Tia Olga:** Ela é parente nossa? (rindo)

**Regina:** Não, eu entrei na família, mulher não é parente, é?

**Osmar:** Não. Você... é parente.

**Regina:** Eu entrei na família e considero todo mundo, mas eu não sou da família.

**Osmar:** É claro que é! Depois que entra na família, é da família.

**Osmar:** Mas isso é incrível. Incrível. Depois ela deu aquela caída, nós tivemos lá na casa da sua avó em São Paulo pouco antes dela falecer, dela ficar coisa, ela foi pra casa de alguém aqui, ela fez café pra nós, alguém não estava lá... lembra, Regina? Quando nós tivemos na tia Zina lá que ela fez café pra nós.

**Regina:** Lembro.

**Osmar:** Pouco antes da morte do Izaltino.

**Expedito:** A minha mãe, ela tinha assim... uma disposição pra ir indo na casa de todo mundo, praticamente todo dia ela ia na casa da gente.

**Osmar:** Depois ela pegou uma bolsinha lá, uma coisa lá que ela tinha de lembrança, falou "aí, Regina, leva pra... pra Olga de presente".

**Regina:** É, foi. "Lembrança, leva". Aquela bolsa que a tia Zina mandou pra senhora.

- Ah, é.

**Expedito:** Outra coisa que ela fazia, ela abria mão de tudo, né?

**Regina:** Abria. Nada segurava ela não. Ela não era agarrada em nada. Chegava o outro "leva isso aqui pra você". O que era dela, era dos outro.

**Osmar:** Não era com ela esse negócio guardar pro futuro, a sorte dela é que graças a Deus tiveram vocês

que... passaram a cuidar dela, porque senão ela chegava em certo ponto na vida e ficava em dificuldade, porque ela não segurava, não guardava nada, não tinha nada.

**Osmar:** E se ela fosse viva ela estava com quantos anos?

**Tia Olga:** A sua... o Zé era... o seu pai era mais novo... sua vó era mais... a Minervina era mais nova de que seu pai.

**Olga:** Ela ia fazer 95 (96) agora.

**Tia Olga:** Pois é, então.

**Regina:** Ela é mais velha, gente, do que a Dona Olga.

**Olga:** Não, que o tio. Ah! Mais velha de todas, né?

**Tia Olga:** Mais nova do que o Zé, se o Zé tivesse vivo agora ele tinha feito 97.

**Osmar:** Também tive a sorte também, que visitaram um pouco antes dele falecer. Foi no mesmo ano parece, nós tivemos lá na casa da sua mãe, lá na Hedi ainda, onde mora o Luiz e ele já estava adoentado, logo depois veio... uma situação pior e acabou indo...

**Olga:** O papai morreu muito... o papai morreu novo, né?

**Osmar:** Sentado naquele canto dele lá...

**Expedito:** Mas a minha tia Olga é... tem muita sorte, né? Porque além de ter essa idade diz que não sente dor nenhuma.

**Tia Olga:** Não. Nenhuma dor.

**Expedito:** Isso é incrível.

**Regina:** Só as perna dela...

**Expedito:** Ganhou na Loteria!

**Tia Olga:** Quem?

**Expedito:** A senhora. Ganhou na Loteria!

**Regina:** Só as perna dela que não ajuda, mas senão...

**Expedito:** Pra você ver como é que é as coisa, né? A gente foi criado lá na roça e a... gente não tinha uma alimentação assim, tão saudável, né? E... parece que num...

**Tia Olga:** Deixa-me olhar bem pra você Expedito. (Rindo)

**Expedito:** Então! Parece que uma... de repente uma coisa não tem nada a ver com a outra, né? Porque se fosse assim... a gente nem... nem passava dos 60.

**Osmar:** Mas se você for analisar bem aquelas poucas coisas que se comia lá na roça naquela época tinha muito mais... era muito mais saúde.

**Expedito:** É, mas por exemplo, hoje... hoje a turma fala tanto em... negócio de gordura aí, né?

Imagina o quanto que a minha tia comia...

**Regina:** Ela não tem colesterol, não tem colesterol, ela não é diabética nem nada.

**Júnior:** Mas o que que era a comida lá na roça que elas faziam?

**Tia Olga:** Como é que é?

**Regina:** O que que a senhora gostava de cozinhar na roça mais? Que a senhora gostava de cozinhar?

**Olga:** A comida que fazia lá.

**Tia Olga:** A gente fazia aquilo que a gente estava acostumado a fazer, né?

**Regina:** O que que era?

**Tia Olga:** Mingau de couve, canjiquinha, feijão, angu e... de vez em quando um franguinho na panela... [risos] canjiquinha, né? É isso mesmo. Esse negócio. A gente... não adiantava não, ih... tinha muita coisa, graças a Deus. Quiabo. Casa nós não tínhamos não. Casa nós não tínhamos não, mas coisa de comer a gente tinha, né, Osmar?

**Júnior:** Mas era casa de barro ainda?

**Tia Olga:** Nossa senhora! Nossa casa era...

**Osmar:** Lá era de sapê!

**Tia Olga:** Era bom pra criar ....

**Osmar:** Não era igual as casas de vocês a nossa. De... de barro, é... chamava casa de pau a pique com cobertura de sapê. Era uma situação... horrorosa, até meus 16 anos eu morei em casa assim. Mas hoje a coisa mudou muito, hoje tem energia, energia elétrica, hoje tem... tem água, tem banheiro, na nossa época não tinha nada disso não. Não sei se você chegou a esse ponto aí, mas na nossa época não tinha não.

**Olga:** Que coisa, né, Osmar? Que depois que a gente mudou lá pra aquela... vila de São Pedro lá dos Ferros, pra aqueles lugar que o papai levava a gente lá...

**Osmar:** Lá além de ter sido ruim pra vocês, vocês ainda perderam uma irmã lá ainda, né?

**Olga:** Lá, São Pedro dos Ferros, perdemos.

**Olga:** Eu estava falando com a minha nora sobre isso daí, Osmar. Tem gente que não resiste com nada, acho que chegou a hora de morrer mesmo.

**Tia Olga:** Não, mas a mamãe foi maltratada. A mamãe foi maltratada, ela teve a... o papai doente mais de 2 anos, ela teve ?, era que era a medicação. Depois teve a Ilda que não podia trabalhar e deu muito serviço,(trabalho) não gosto de ficar recordando não porque a gente fica recordando as coisas assim, dá uma saudade na gente, da...

**Junior:** Mas essa época era onde? Era lá em Rio Branco?

**Tia Olga:** Tadinha da mamãe, a mamãe sofreu muito.

**Olga:** Então, eu nunca tive preocupação de saber onde que minha mãe morava com os pais.

**Osmar:** Morava... como é que eu vou te explicar?

**Tia Olga:** Ah, você não lembra não Osmar.

**Osmar:** Eu sei!

**Tia Olga:** Você?

**Osmar:** É, eu conheci aquela casa.

**Olga:** Sério, Osmar? você conheceu até a casa?

**Osmar:** Quando virava ali não saía lá em casa?

**Tia Olga:** Ah, está certo

**Osmar:** Ali onde a mãe da senhora morou eu conhecia.

**Tia Olga:** Eu mais você aquele dia, né?

**Osmar:** Eu me lembro de coisas quando eu tinha uns 4 anos de idade.

**Tia Olga:** O pai da mamãe que morava ali.

**Osmar:** Pois é, pela história que conhecia já de muito tempo atrás, os avós, os avós do... os avós do Antônio, eles moravam naquele trecho da Companhia de açúcar ali e as terra era deles, quando os meus avós adoeceram com tuberculose, que na época não tinha cura, eles ficaram... o médico, (Dr. Ulisses) lá ficou tratando do meu avô um determinado tempo, aí foi até que ele não resistiu à doença e acabou morrendo, (1933) novo também e eles ficaram tudo pequeno, depois veio... depois veio a doença, pegou na minha avó que também veio a falecer também, não sei quanto tempo depois, (1940) me parece que uns 2 anos depois, sei lá o que.

**Tia Olga:** Osmar, mas eu estava pensando outro dia, mamãe morreu não é com a doença pegada do papai não, ela morreu 7 anos depois em 1940.

**Tia Olga:** Será que é? (O pai da tia Olga faleceu em 1933 e sua mãe em 1940 os dois com tuberculose, mas a mãe pegou bem depois).

**Osmar:** Aí que que aconteceu? Com as terras eles ficaram financiando aquele tratamento e o médico fazendo... criando uma dívida pra que meus avós pagassem, mas quando eles faleceram ficaram todas... praticamente na mão de ninguém. O tio Sebastião casou e elas foram todas morar com ele, a partir daí praticamente quem passou a ser o pai deles, delas, era o tio Sebastião e as terras onde que era dos nossos avós, que era um terreno grande, era muita terra mesmo, esse médico que cuidou... esse médico (Dr Ulisses) que cuidou dos nossos avós acabou ficando com essas terras, entendeu? E nele ficar com essas terras que foi pra pagar a dívida e não sei o que elas ficaram, foi aonde ele arrumou, foi aonde que ele arrumou com o tio Sebastião que morava na fazenda do irmão do dr. Ulisses, o Major, pra que elas fossem morar com ele, tiraram elas do terreno que ele tomou conta e pegaram e transferiram elas pra responsabilidade...(A história do sítio do nosso avô é controversa, consegui o documento do leilão, mais adiante falo sobre isso)

**Olga:** Ainda bem que você tá contando isso daí.

**Osmar:** Vocês sabiam disso?

**Olga:** Nós sabíamos, minha mãe, parece que minha mãe contava que meu vô jogava muito no bicho e ele perdeu, fico pro governo as terras. (Foi para o Dr. Ulisses)

**Osmar:** Não, quem... quem tomou as terras...

**Tia Olga:** Não, o sítio era muito longe da cidade.

**Osmar:** É, não tinha como.

**Tia Olga:** E só tinha quem fazia jogo na cidade.

**Tia Olga:** Pra jogar tem que ir...

**Osmar:** É colado ali praticamente de onde que nós morávamos ali, Olga, pra cidade é onde jogava muito no bicho, podia jogar uma vez ou outra que fosse à cidade, era difícil, não tinha condução, não tinha animal, não tinha estrada direito, não tinha como. Esse médico...

**Olga:** E como chamava nosso avô?

**Osmar:** Antônia Minervina Couto. E ele chamava João.

**Tia Olga:** O papai chamava João Lino dos Santos.

**Osmar:** João Lino dos Santos. E foi, e aí a história é essa, eu sei que a partir daí elas foram criadas, tinha a tia Ilda que era doente, elas eram novas ainda e a tia Niguita tinha casado, (1938) logo seguido parece que casou a mamãe, (1940) casou a tia Zina, (1938) sei lá como é que foi, se uma primeiro, a outra segunda...

Eu acho que a mãe Olga, tinha 16 anos quando ela morreu. (20 anos)

**Osmar:** E aí elas começaram a ter as dificuldades delas, porque foram todas elas morar com um cunhado, (tio Sebastião) sem nada, sem estudo, sem pai, sem mãe, praticamente criadas sozinhas, as minhas irmãs, as nossas tias mais novas, como a tia Carmem, tia Ilda e a tia Taninha viveram verdadeira dificuldade, algum tempo pra frente esse próprio médico que tinha cuidado dos nossos avós foi quem levou a tia Taninha pra-trabalhar com ele na cidade, ele era médico, né? Igual eu contei antes, e aí ele passou a viver com ela e ela teve uma vida mais ou menos, (A Taninha foi ser empregada do Dr. Ulisses) mas o resto da família foi tudo na dificuldade danada, não tinha pra onde correr, tia Zina, mamãe, tia Carmem, tia Taninha.

**Jr:** Era tudo mulheres?

**Osmar:** Só tinha um irmão homem que é o tio João Lino, era o mais.... e era o mais novo, (1924) ainda tinha isso, era o menino da família.

**Osmar:** Ele era depois da tia Ilda ele? (A Ilda era a mais nova 1933) Era mais ou menos...

**Jr:** Quantos irmãos eram?

**Osmar:** Quantos irmãos... quantos irmãos no total vocês eram, mãe?

**Tia Olga:** 9, isso eu lembro. Todos era 9.

**Osmar:** 9, 8 mulheres e um homem.

**Júnior:** Todos foram criados pelo Sebastião Cruz? E aí elas foram se casando, foi assim que elas saíram...

**Osmar:** É, a partir daí foram casando-se até que ficou a... por último até a Carmem, ficou a Carmem e a tia Ilda, que a tia Ilda era doente, a Carmem não se casou, a tia Taninha foi... morava (trabalhava) com esse médico, dr. Ulisses, também logo em seguida mais pra frente casou também e... e é essa a história que eu conheço deles, de tempo lá. Não conheço vivida a história não, conheço a história que... contada, mas já... estava bastante recente ainda as coisas que aconteceu. Então...

Júnior: Mas como é que se casava naquela época? Como é que era o casamento naquela época? Gostava?

**Osmar:** Casamento era praticamente arrumado, né? você gostava de uma determinada pessoa e aí fazia aqueles tipo de alguém que ia, interferia e levava a conversa, daí a pouco surgia como se fosse praticamente um namoro pelo buraco da parede!

**Olga:** É verdade que ia vestido de noiva a pé até Rio Branco?

**Osmar:** Tinha um cara que era pra poder levar a malinha dos noivos, levava a mala, chegava na cidade eles vestiam aquela roupa, casavam e... era assim que funcionava.

**Júnior:** O casamento da senhora como é que foi?

**Tia Olga:** Diz que as pessoas lá mais velha de que eu quando se casavam, diz que quando o homem saía de casa eles chaveavam a casa e deixava a mulher presa dentro de casa.

**Osmar:** Com medo dela fugir?

**Olga:** Mas ele não era mais velho que a senhora, não é?

**Tia Olga:** Hein?

**Osmar:** Ele fazia isso com a senhora? A senhora ficou trancada dentro de casa?

**Tia Olga:** Não.

**Tia Olga:**...mais velha do que eu só tinha duas... três. Só tinha três, tinha a...Niguita, Minervina e Maria. Três.

**Tia Olga:** Pois é, e a Maria era a mais velha. Era a mais velha de todos.

**Osmar:** Tinha um único filho, morreu agora, há pouco tempo.

**Olga:** Ele morreu, né? O Zezinho.

**Osmar:** Fiquei sabendo, é. Fiquei sabendo.
- Ih, é mesmo, né?

**Olga:** Nem cheguei a conhecer ele.

**Tia Olga:** Mas você não conheceu porque você não quis, que a sua mãe andou muito na charrete dele lá. Você ia também com a sua mãe, daqui ela ia lá.

**Olga:** É, tia? Eu não me lembro, tia.

**Tia Olga:** E ela não contava nenhuma história?

**Olga:** Não, eu fiquei sabendo que ele... eu até tinha esquecido desse cara.

**Osmar:** O primo, o filho da Maria, irmã dela mais velha.

**Tia Olga:** Que isso! Tinha dia que ela vinha de SP daí e andava muito na charrete dele lá em Visconde e ia muito na cidade, chegava lá ele ia se encontrar, ele a levava pra roça.

**Olga:** Mas naquela época eu não vinha com a minha mãe, viu, tia? Quem vinha era os meus filhos, era os meninos; o Rodrigo, o Márcio, o Marcelo, lembra?

**Osmar:** Eu não conheci nenhum dos pais dele.

**Tia Olga:** Diz que ele morreu com 70 anos também não, ué.

**Osmar:** Quem morreu com 70 anos?

**Tia Olga:** O Zezinho foi.

**Olga:** Chegou a conhecer o pai dele você?

**Osmar:** O Ferraz? Conheci.

**Tia Olga:** Você o conheceu, o Ferraz, naquele dia que eu fui lá.

**Osmar:** Conheci o pai dele sim, o Zezinho é... o Zezinho nós íamos pra aquela festa da igreja lá naquelas coisas lá e... Quem me apresentou o Zezinho que era nosso primo foi o... o tio dele aqui, o Zezito. Nós estávamos numa festa uma vez e... o tio Sebastião? É, ele era um conhecido, né? Vivia muito separado da gente, né? Não tinha uma...(A tia Maria, (1914/1936) foi casada com Joaquim de Oliveira Ferraz e faleceu ao dar à luz ao Onício Lino, o Zezinho, em 1936)

**Tia Olga:** Fui lá uma vez ... onde ele morou.

**Tia Olga:** Foi? Foi embora. Mas... aí ele ficou comigo lá na Sementeira uns 2 meses e ele deu de ir embora e veio embora, mas ele, eu nem sei com quem que ele morava.

**Olga:** Ele não era casado?

**Tia Olga:** Ele morava em frente à casa do... do Alexandre Ferraz.

Tia Jandira irmã da Tia Olga, (chegando): Olá! Quem é quem?

**Jandira:** Assim, muito exemplo pra nós, né, a Zina (Minervina) mais do que a Niguita, ela era muito inteligente. Ela era muito inteligente e vou te falar, e outra coisa, e era uma mulher sábia. Nunca escutei uma reclamação da Zina assim, de vocês... família ou do marido, pra mim ele nunca teve falta nenhuma, falha nenhuma. Nunca reclamou. Engraçado, né, eu não sou assim não, eu conto que o fulano é de um jeito e o outro é de um outro e é... mas é errado. Era trabalhadeira, mas inteligente e trabalhadeira, não era... fazia peneira, fazia balaio, mas era inteligente.

**Olga:** A senhora lembra dela quando vocês eram pequenos assim, tia? A senhora lembra dela?

**Jandira:** Lembro!

**Olga:** Quando vocês eram pequenas?

**Tia Jandira:** Lembro! A Zina parecia um... assim, um chefe de família. Agora, essa aqui, minha irmã Olga, eu já não falo, que quando eles morreram, o papai morreu (1933) me deixou com 7 anos, me deixou com 7 anos, né? Quando a mamãe morreu ela me deixou com 11.(14). E a gente... e nós tínhamos um menino, (João Lino) nós obedecíamos às irmãs. A Zina não batia em nós não, mas nós obedecíamos.

**Olga:** Ela não batia nem nos filhos, né? Minha mãe.

**Jandira:** Não, não era de bater não. Mas ela... assim, né, que eu vou te falar, né, a vida de ...

**Jandira:** Quando a Isabel nasceu (1970) a Zina veio aqui me ver. Eu morava ali, uai, nunca esqueci dessa palavra, você vê, a Isabel hoje está com 40 anos, eu vim saindo do quarto a Zina disse: "uai, mulher, você tá parecendo gato, toda vez eu venho você tá neném", né? Toda vez que ela vinha aqui eu estava de neném, com um neném novo. A Zina falou.

**Jandira:** Olga você lembra quando eu ganhei a Isabel?

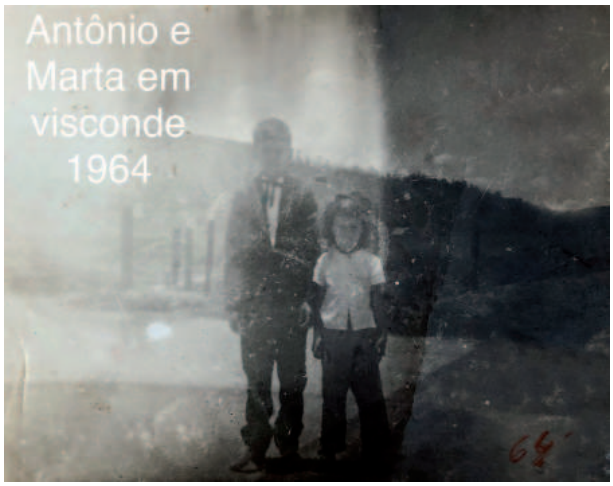
**Tia Olga:** Ah, lembro, que eu morava aqui já, não já?

**Jandira:** Aqui. Eu lembro, olha que engraçado, você não é tanto mais velha que eu não e eu cheguei aqui e ainda falei assim com você, que eu era ... "tá vendo?! Você falou que eu ia ficar só com o Israel, ah, boba, mas por causa de um... não é que você ia perder", você lembra que você falou isso? A Isabel já ... que meu menino morreu, nasceu com um menino bonito. É, igual agora né? Quando...

- Zé Maurílio... se tivesse aí...

**Jandira:** Ah, o Antônio, quando ele começou a vestir terninho ele veio na minha casa ali, ó!

**Olga:** Ah, essa é boa! Quando começou a vestir terninho!




**Jandira:** É, veio de terninho, todo arrumadinho. Ele tinha uns 13/14 anos.

- É?!

**Jandira:** É. Aqui nos assunto da sua mãe a gente tinha o Antônio em primeiro mesmo, em primeiro lugar. "O Antônio, o Antônio fez a nossa casa, Jandira, e falou assim que não quer saber de terra", eu já pensei logo, porque nós somos inclinadas a plantar! Ih, não pode ver terra, é plantar!

**Olga:** Ih, não pode ver terra. É.

**Jandira:** E ele cuidou bem da sua mãe.

**Olga:** Cuidou. E ele cuidou muito mais dela, viu?

**Jandira:** E outra coisa, ele tinha assim, um... uma posição mesmo de um homem valoroso pela família da sua mãe. Era um... Que às vezes lá em casa eles riem de mim, né? Eu falo assim "e vê se honra essa calça que veste!", porque ué, o homem já basta o nome, né, ó, tem que mostrar que ele é valoroso. Eu acho.

**Olga:** Ele nunca foi de brincadeiras, né, tia?

**Jandira:** Não, não. Não. Sempre foi um menino sério. Não, um dia eu fiquei...pensando assim, "o Antônio é diferente dos outros", "sou não", ele disse, sério. Mas a sua mãe foi uma mãe...

**Olga:** Ele vai ser papai de novo, se ela fosse viva ela ia adorar, né? Que ele vai ter outro filho agora, né?

**Jandira:** Há quantos anos a sua mãe já passou pra eternidade?

**Olga:** Faz 12 anos, ela morreu em 1999.

**Jandira:** O meu esposo morreu no ano de 2003, nós já estamos em 2011, já no fim...

**Olga:** 2002 eu vim aqui, eu o vi.

**Jandira:** Foi, você foi lá em casa.

**Olga:** Fui lá na sua casa, eu o vi.


Jandira
e José Martins

**Osmar:** Tia Zina é uma pessoa que deixou saudade, porque ela procurava muito a gente. Ela procurava. Ela virava, mexia ela estava no meio da gente, ela vinha ver, ela vinha no lugar dela, andava pra todos os cantos lá, ela procurava. Ela era inquieta.

- Você falou que é o jeito dela aqui, eu lembrei dela.

- Sua mãe morreu muito nova.

**Olga:** Morreu muita nova. Se ela tivesse viva hoje agora ela estaria aqui, eu a traria aqui pra senhora...

**Tia Olga:** Eu não digo que ela tivesse na idade que eu estou por quê... não sei, mas ela... ela podia ter vivido mais. 80 anos, né?

**Olga:** 83 anos.

**Jandira:** É isso aí, gente. O mundo é grande. Mas a sua mãe era uma santa! Ah! Que é isto? Ela deixou uma vida brilhando pra mim com meus filhos. É, ué. Tadinha, nunca ouvi uma palavra dela assim que eu... que eu às vezes achava que... aquele que era bom ou aquele que não presta, nunca escutei. Porque o homem... a Bíblia ensina, os passos de um homem bom, falei igual eu, de homem ou de mulher, ... de contar a vida dela pros outros.

**Tia Olga:** Ela não era de contar a vida dela pra ninguém.

**Jandira:** Não era não! E era uma boca fechada e... vou falar, ela tinha as... as atitudes... Ela tinha coisa pra contar, mas não contava. E ela tinha amor pra dar. Porque nesse negócio, "Jandira, quanto tempo que eu não te vejo", saía lá do Paraná, não sei de onde, vinha para a minha casa, ainda trazia menino, trazia o Antônio, outra hora e vinha assim...

**Olga:** Trazia meus filhos, né?

**Jandira:** Era, ela vinha era uma beleza.

**Olga:** Quantos anos a senhora acha que o Antônio tinha quando ele vinha aqui, a senhora lembra?

**Jandira:** Quando eu morava ali na rua em frente à Igreja Católica, foi quando eu aceitei Jesus, quando o Padre foi lá na igreja, foi lá na minha casa, o Antônio tinha uns... 12 pra 13 anos. (1964/1965)

**Olga:** Já morava em São Paulo já?

**Jandira:** Morava. Sua mãe já veio de São Paulo pra aqui. Porque no Paraná ela mudava muito assim, Rio Branco ela ficou pouco. E outra coisa, era uma mulher sofredora e nunca rejeitou de ter os filhos, nunca desfez do marido, ganhou tudo, tá? A minha irmã, ela foi melhor do que eu em muita coisa. Muita coisa. Paciente e amava mesmo.

**Olga:** De vocês todas a que teve marido ruim foi ela, né?

**Jandira:** Não. Ele não tinha assim, aquela educação não...

**Olga:** Assim, naquele ciúme que ele tinha dela.

**Jandira:** Magoava ela bastante, sabe? Porque uma parte, é... Mas sua mãe soube sofrer.

**Tia Olga:** A sua mãe soube sofrer.

**Olga:** Aguentou firme, né, tia?

**Tia Olga:** Ela sofreu, mas aguentou.

**Jandira: Pois é. Mas ela venceu. Ela aguentou. O Apóstolo Paulo, quando estava entregando a... o espírito dele a Deus, ele disse assim: "combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé", ela tinha esperança. Você sabe por causa de quê? Tá escrito na palavra de Deus, de que que se queixa pois o homem vivente? "Queixe das suas próprias culpas". É. É, uai! É, uai. É sim.**

***O Expedito falando sobre a vinda dele para trabalhar com o Zezito em Juiz de Fora:***




**Expedito:** Mas eu apareci lá, me deu uma bronca e tal e eu lembro, Osmar, que você trabalhava lá perto, numa loja de...

**Osmar:** Era colado, pertinho dele, ele trabalhava... o Zezito trabalhava numa praça que chama Praça da Estação, que era nesse café... Café Glória, (Hoje é Padaria Glória, em 2023 fez 65 anos) o dono de lá chamava Venâncio, Café Glória. E eu trabalhava na Marechal, lá na Rua Marechal Deodoro, na esquina. Numa loja de confecção. Numa loja de tecido, era de tecido.

Trabalhei 13 anos nessa loja, foi 4 anos que eu trabalhei, é... antes de trazer a família pra aqui e depois mais... uns 9 anos eu trabalhei lá, aí saí de lá em 72, é, foi 72, fui embora pra São Paulo, eu morei em São Paulo um tempo. (De fato era perto)




**Expedito:** Essa eu não sabia.

**Osmar:** Trabalhei na Rua Basílio da Gama, nº 143 lá na Praça da República, no Banco Mercantil de São Paulo. Eu, acostumado a dinheiro, porque nessa época desses 13 anos que eu trabalhei na Loja Síria, que era uma loja de tecido, eu me acostumei a ganhar dinheiro, ganhava dinheiro, eu trabalhava com comissão e eu era um bom vendedor, eu gosto de falar muito, isso era bom para vender né? Fiquei em SP só uns 2 meses e voltei pra Juiz de Fora.

**Expedito:** E você começou lá na loja bem novinho, né?

**Osmar:** Eu comecei eu tinha 16 anos. Aí eu comecei a... e nessa época nós éramos amigos, eu e o Zezito, o Zezito trabalhava no Café Glória, nesse café lá, depois ele foi trabalhar numa cantina da academia. Aí depois foi para um Hotel e depois foi embora pra São Paulo em 1960. (Janeiro 1961).




# Sebastião Lino da Cruz – Tãozico
# (Com a participação da "Nega")
# Nascimento: 07/10/1944
# Depoimento ao Júnior em 11/12/2011

**Júnior:** Tãozico, fale um pouco da sua história?

**Tãozico:** Eu ia pro mato, eu ia de domingo cedinho, 5 horas da manhã eu ia pra rua vender minhas verdura, eu chegava em casa e quando eu ia buscar minha lenha, onde eu achava uma lenha eu estava cortando e trazendo junto com um pau de lenha pra vender, entendeu? Olha, tinha gente que ia pro botequim jogar, jogar bola, fazer não sei o que... entendeu?

**Expedito:** E se você queria uma bolinha de gude, você ia disputar lá na malha (jogo antigo) e ganhava, não precisava comprar! Risos.



**Lourdinha:** Você era espertão mesmo, hein?

**Tãozico:** O Zezito, ali naquela casa, um dia eu fiz uma com o Zezito, o Zezito era sem vergonha igual um cachorro. Risos. Um dia... quase que machucamos. Ele... a gente ficava lá na casa deles e a tia fazendo sabão lá, o Zezito enchia o saco, né? Que ele era o mais velho, achava que podia tudo e fazia tudo, ele era o cara. Sempre foi.

- Ele era o cara, né?

**Tãozico:** Joguei o Zezito lá dentro do tacho de sabão, ainda bem que a... a tia estava perto, na hora juntou em cima, queimou tudo, queimou tudo lá no sabão. O meu negócio era o seguinte, eu não sei o que que eu tinha que eu tenho até hoje, que eu sou desinquieto, eu não sei ficar igual nós tamo sentado aqui, então eu tenho que ir tomando uma cerveja, eu pra ver o futebol por exemplo eu vejo, eu saio, eu ando na casa, eu volto e me sento...

**Expedito:** Mas você pode pensar que é exagero, mas eu jogava ali malha na casa dele quando ele morava ali, né? A gente tinha um... um chão afora ali que a gente jogava malha, né? Aquelas enxadas, as enxadas que já estava no finalzinho, de tanto que jogava elas ficavam bem lisinhas.
- Lisinhas!

**Expedito:** Mas eu tinha um cálculo preciso, colocava o topo lá, um monte de tampinha de garrafa em cima.
- Porque nós éramos dinheiro em caixa eu jogava a enxadinha assim, dava um tchã nela assim, ela ficava, ela parava lá perto do toco, girava, girava, girava, derrubava o toco, caía aquelas... tampinha dentro do olho da... enxada, aí já vinha aqueles outro "tome e tome e tome!"
- Que pontaria!

- Era mentira, Pedro Bó?
- E era... era verdade! E era verdade.
- Eu estava lá, é tudo mentira rsrs.

**Tãozico:** Depois que todo mundo jogasse aquelas tampas que estavam mais perto da malha do cara era dele, então...

**Expedito:** Mas a gente não tinha essas manhas de fazer?

**Tãozico:** Mas esse cara... ele tá falando, nosso dinheiro era tampa de garrafa, eu me lembro uma vez que a mamãe levou a gente mais a sua mãe, levou a gente pra missa de manhã no domingo e esse bicho sumiu, cara. Foi parar lá...
- Lá onde mora a...

**Tãozico:** Não, o Expedito devia ter o quê? Uns 12 anos, por aí? (1954?)

**Tãozico:** 12 anos, ele sumiu, sabe que que ele estava fazendo? Quando acabou a missa que nós estávamos procurando o Expedito na igreja? Apareceu com um saco cheio de tampinha, foi catar tampinha, rapaz, no meio da mata.
- Pra jogar malha!

**Tãozico:** Sua mãe ainda quase morreu de... desespero.

Batendo papo na casa da tia Carminha:

**Olga:** Você viu? Esse aqui na foto é que era o irmão da minha mãe, ó Tio Joãozinho. É, é o tio Joãozinho. Da tia Carminha, cadê o compadre Joãozinho?

**Tia Carminha:** Tempo bom quando eu ainda morava aqui. Acabou. Acabou tudo. O pastor ia na casa dela, né, e ele morava aqui e aqui tinha outra, era outra casa, no caso eu passava aqui só pra ver ele.

**Olga:** É? A senhora já gostava dele, né?

**Tia Carminha:** É, eu chegava lá, ela fazia... "já viu ele hoje?", eu fazia assim, "já" [risos].
- Acabou se casando.

**Júnior:** Mas naquela época o pessoal se casava sem gostar, né?

**Olga:** Mas ela gostava, hein? Ó! Gostava, teve sorte.

**Olga:** Teve sorte. A minha mãe morou muito tempo aqui em cima nessa rua?
- Morou.
- Muitos anos?
- Morou muitos anos.
- É, eu lembro. Quando eu morei ali eu lembro.
- Aí a senhora era vizinha então dela?
- Vizinha, né?
- É, vizinha. Mulher boa, viu? Boa demais.

**Júnior:** Que que ela fazia de bondade?

**Tia Carminha:** Hum? De bondade? De bondade é porque ela, igual eu acho assim, que gostava muito da gente, né? Tudo que a gente fazia a gente dava pra ela, que a gente gostava muito dela também... você viu minha varanda aqui fora? Mostrando o local da casa onde Antonio nasceu:

**Olga:** Que o Antônio deve ter nascido nessa casa aqui, né?

**Carminha:** O Antônio foi aqui.

**Olga:** Hum. Eu nasci na... Gameleira. Onde é a Gameleira?

**Carminha:** É! É, a Gameleira. É lá no Santana. Lá no (Fazenda) Santana.

**Olga:** Ah... E onde que morava o pai e a mãe da minha mãe? Que lá o... o Osmar falou que...

**Tia Carminha:** Morava lá no Santa Juliana, lá numa grota na Companhia lá.

**Olga:** É, acho que lá eu não cheguei a conhecer não. Eu fiquei muitos anos sem vir aqui, né? Eu fiquei 30 e poucos anos.

**Tia Carminha: Depois que a sua avó (mãe da Minervina) ficou viúva ela veio morar naquela casa ali, ó. É, agora é outra casa, né? Fizeram casa nova ali. Era uma casa e ela veio morar aí. Ela tinha uma mania de brincar com a gente assim, sabe? Comigo ela brincava comigo assim. Fazia assim com o dedinho assim.**

**Olga:** Ela era bonita?

**Tia Carminha:** Ela era.

**Olga:** Dizem que ela era bonita, né?

**Carminha:** Bonita.

**Olga:** Ai meu Deus, o tempo não volta atrás. Só as recordações, né, tia?

**Tia Carminha:** Tudo quanto é bom acaba mesmo, né? Mas ainda bem que a gente tem boas recordações pra... né?

**Júnior:** E o que que era bom naquela época, tia?

**Tia Carminha:** O que que era bom? O que era bom é que a gente vivia na roça trabalhando aí e todo mundo cantando, assobiando, tudo alegre e agora hoje, ó, a gente não aguenta fazer mais nada, vê os outros aí no meio dessas canas capinando aí.

**Olga:** E a gente fica só olhando.

**Tia Carminha:** E a gente fica vendo.

**Olga:** Ah, e aquele pé de caju? Não tem mais aqui?

**Tia Carminha:** O dono do terreno cortou.
- Ficou anos.
- Cortou, derrubou ele.
- Ficou anos aquele pé de caju, não ficou?

**Tia Carminha:** Ficou. Derrubou ele, agora tem um muito bom beirando a cerca assim lá em cima, quando tem caju maduro o Zil busca lá.
- Ah, sim.
- Ali também é caju.
- Ah... aquela outra fruta que a senhora tem aqui que eu esqueci o nome, da Índia lá.
- É o... graviola.
- Tem sapoti pra cá também?
- Sapoti tem na fazenda lá.

**Olga:** Aí ó, ô Ivan, ó, quando eu fui pra São Pedro dos Ferros, quando eu saí daqui que a gente mudou daqui de Rio Branco a gente morava aqui, ó, nessa rua aqui, ó. Lá em cima, foi lá que nasceu o Antônio, nasceu o Luiz, quem mais? Eu, né? Não, eu não nasci lá não.
- O Ivo, né? O Ivo... a Marlene. (A Marlene nasceu na Gameleira)
- Aquele menino sofreu, né?
- A Marlene... ah, nem conheci, né?

**Tia Carminha: Nossa Senhora! Mas como que aquele menino, o Ivo, sofreu... demais! O menino gritava dia e noite, parecia que ele não dormia. Ficou aguado, né? Que os outros fala que é sentimento, ele sentiu. Então depois o menino foi só emagrecendo, emagrecendo, emagrecendo e ficava só assim "da, da, da, da...", a comadre Nilza, pode conversar com ela que ela sabia.**
- Ela sabe, ela fala.

**Tia Carminha:** O menino foi sumindo, sumindo, virou... quando você olhava assim você só via... coitadinho.
- Nada melhorou, né, tia?

**Tia Carminha: Só via pele e osso. O resto pegou a fazer reza que diz que ele ia morrer, ia morrer, o padrinho dele, morava lá em cima no Clemente lá, vinha pra cá, passava a noite com ele aí... tadinho, sofreu demais.**

**Júnior:** Já de volta na Cidade: (Já na cidade) Você nasceu aqui em Rio Branco mesmo, Tãozico?

**Tãozico:** Bom, na cidade de Rio Branco, mas eu nasci lá no Clemente, né? Nasci, cresci em Visconde de Rio Branco.

**Jr:** E qual que é a história aqui da cidade? O senhor sabe quando que fundou? Como é que era no começo?

**Tãozico:** Ô Júnior, falar com você direito como que foi fundado isso aqui é meio difícil, agora... isso chamava... teve uns 2 ou 3 nomes essa cidade pra depois ser Rio Branco, o Renato sabe isso a fundo, cara. Que eu o vejo aí contando as história, ele conta a história de Rio Branco pros menino, conta a história de Minas, ele conta a história do Brasil, conta... então o Renato sabe, isso aqui parece que teve uma vez que chamou Paranhos, um nome assim, depois tem mais uns dois nome pra depois ser... ser Visconde de Rio Branco. Agora eu esqueci os outros nomes aí. (Era Presidio, depois virou José da Silva Paranhos que é na verdade o nome do Visconde do Rio Branco.)

**Jr:** Ah, depois eu... mas aí você nasceu e morou lá na roça então?

**Tãozico:** Até os 28 anos.

**Jr:** Aí vinha aqui pra cidade só de vez em quando?

**Tãozico:** É, a gente vinha na cidade uma vez por semana às vezes o papai trazia a gente no fim de semana quando ele vinha fazer compra, né? Ou então a mamãe... a gente vinha trazer frango, trazer ovos pra... que a mamãe tinha uma criação de galinha... aliás, a mamãe não, a sua avó também, aquelas mulherada tudo tinha aqueles... a renda deles era ovos e frango que eles colhiam lá e... até hoje a Nega (Lourdinha esposa) ainda fala assim dos pais dela, vendia uma cesta de ovo pra comprar um pedaço de osso pra levar, de boi, quer dizer, ao invés de comer o ovo, né, cara? Vendia aquilo tudo pra comprar um pedacinho de carne de boi que... que era a alegria nossa lá é quando chegava o... os padrinhos chegavam com um pedacinho de carne na roça, pô, que festa!

**Júnior:** Por que a comida lá geralmente o que era?

**Tãozico: Normalmente a nossa comida era arroz, feijão, couve... é... canjiquinha... a gente comia quiabo, né, a gente apanhava, cara, abóbora, né? Abóbora, a gente apanhava quiabo assim, ó, pra fazer alguma coisa pra inteirar, era grelho de abóbora, essas ponta de... a pontinha da abóbora lá, a gente quebrava aquilo, na época de plantar feijão que o feijão começava a dar vagem, então a gente ia lá, né, você chega no mercado tá cheio de vagem lá, né? Vagem, tem o feijão próprio pra vagem, mas nós pegávamos esse, quando ele estava de vagem pequenininha a gente catava aquilo ali pra mamãe fazer, jogava um ovo no meio daquilo ali e, cara, era a nossa alimentação, era o chique! E... às vezes ela ainda falava pra nós assim, ó "hoje só tem isso"...**

**Tãozico:** Nós plantávamos o nosso, milho, cana, né, e dava muito quiabo naquele canavial lá e ela falava

pra gente assim: “é, hoje se tivesse um quiabinho eu ia matar um frango”, nós “tampávamos” no meio daquele canavial, cara, eu mais meu irmão, catando esses pezinhos de quiabo, catando quiabinho, aí nós chegava lá com meio quilinho de quiabo, aí ela pegava e matava um frango e fazia frango com quiabo. Era o jeito que a gente achava pra comer uma carne era assim. Foi difícil o nosso tempinho de... de novo, né? Depois, graças a Deus que a gente foi crescendo, assim, foi... ficando maior com 20 anos, aí já...

**Júnior:** Agora, de criança lá tinha infância ou era só trabalho? Vocês brincavam?

**Tãozico:** Ô Júnior, brincadeira nossa era só à noitinha, né? Que a gente chegava, com 5 anos a gente já estava trabalhando, né? 5, 6 anos a gente já estava na roça trabalhando e a hora que a gente chegava em casa, cansado, nós ainda íamos jogar bola, nossa bola era de meia, mamãe pegava uma meia daquela, enchia de pedaço de pano, retalho de pano ali, costurava e nós ia jogar bola até escurecer tarde, outra hora a gente ia jogar birosca, né? Era nosso... pião, nós jogávamos pião mais papai que fazia o pião pra nós, ele ia no mato, pegava a madeira, dessas madeira de lei, né, Sucupira, Caviúna, Braúna, que não rachava de jeito nenhum, aí a gente fazia rodinha e ia disputar pião, né? E brincava, de 6 até 7, 8 hora da noite era a nossa infância era aí, 6 hora da manhã estava na roça trabalhando, nossa infância era roça, cara, como se diz, nossa distração era o serviço mesmo. E um detalhe, cara, a gente cantava o dia inteiro, hoje você não vê gente cantando, você só vê cantar lá na televisão, né? E a gente cantava o dia inteiro lá na roça, um, covando pra plantar o milho, o outro plantando e cantando, era divertido, a gente... como se diz a música, né, a gente era feliz e não sabia! [risos]

**Jr:** Você lembra de alguma música que te marcou assim daquela época que vocês cantaram?

**Tãozico:** Nossas música era sertaneja, essas velha de hoje, música de Chico Mineiro, Tonico e Tinoco quando... logo quando começou, né? Então as nossas música era isso aí. Porque... e eu falo mesmo, eu tenho um prazer imenso de quando o sujeito me chama eu de “da roça”, eu sou da roça, cara! Eu gosto da roça. Vim pra cidade, estudei meus filhos, graças a Deus, tenho um prazer imenso de ver eles, mas oportunidade que eu tenho de estar lá na roça... eu gosto disso aqui. Eu gosto dessas coisas.

**Jr:** Que que era bom assim que você sente mais saudade naquele tempo?

**Tãozico:** É quando... tem uma coisa que me marca, marca muito, até hoje marcou muito e eu lembro até hoje, eu tenho um primo que trabalha no Mineirão, ele hoje é maqueiro, ele tocava... ele toca violão até hoje, então a minha vó morava pertinho da nossa casa e ele, a mãe dele faleceu quando ele nasceu e então a vó que criou ele e a gente ia pra lá, pra casa da vó todo dia... quase todo dia à noite assim, no final de semana, aquela lua bonita, botava um banco lá no terreiro da casa da vó e nós ia tocar violão e cantar lá, cara.

Aquilo, até hoje quando a gente encontra a gente lembra daqueles dias, juntava aquele monte de neto da vó, né, ela com aquele vestidão comprido, juntava aquele... ficava ali “agora canta aquela música assim pra mim”, ô! Nós ficávamos até tarde tocando violão e cantando, são coisas do passado, da juventude da gente que você nunca esquece, entendeu? Aquilo era... aquilo era bonito. Então é uma coisa assim, se a gente pudesse, na época que não se conhecia, nós não conhecia máquina, né, fotográfica, se a gente tivesse uma foto daquilo hoje seria um passado presente, né? Mas infelizmente... [risos] A gente nem rádio não conhecia!

**Jr:** E a minha avó, Minervina você lembra dela assim? Coisas dessa época?

**Tãozico: Ah, a tua vó... a Minervina... a mamãe mais a tia Zina era... era assim as duas, né, quando a minha mãe não ia lá na casa da sua vó, sua vó tinha que vir cá em casa, então era todo dia elas tinham que encontrar, né? você vê o... Expedito mostrando suas casas, era pra cima ali onde que nós tá, pra cima da casa da tia Carminha, né? E a nossa é ali onde que mora a Regina, então as duas todo dia tinha que estar... tinha que estar... ter o papinho delas, né?**

**Jr:** Qual que era o assunto delas?

**Tãozico:** Bom, aí... aí a gente já não sabe por que... o assunto normalmente era falar de nós, né? [risos]

“Ah, porque os meus menino fez isso, que os meus menino fez...”, aquele monte de filho, cada um tinha 10, né? Então tinha muita coisa pra falar dos filhos, elas pareciam que tinha um pique uma com a outra, né? Todas elas tiveram que ter 10 filho. Pô... onde que vai aguentar... hoje, criar 10 filho hoje, cara, nessa mundo que nós tamo. A Nega ainda fala assim, né, nos encontro que a gente já teve a Nega fala assim “olha, gente, eu, se tivesse que começar a criar família hoje eu ia pensar quantos filho que eu ia querer”, né, e naquela época eles não estavam nem aí, 9, 10, todo mundo tinha isso, uai. Lá na casa da minha mãe por exemplo todo mundo 10 filhos, na casa da Nega a família... 10 filhos. Poxa... então ela tinha muito que comentar, as irmãs tinham muito o que comentar sobre a família que ela tinha!

**Jr:** E qual dos filhos que dava mais assunto pra Dona Minervina?

**Tãozico: Expedito era terrível. O Expedito, rapaz, era difícil. Aliás, você vê que ele não era difícil, ele é difícil, né? O Expedito é difícil. Ele... ele aprontava direto, cara.**

**Jr:** Lembra de alguma coisa grande que ele aprontou?

**Tãozico: O Expedito, cara, o Expedito fazia tudo quanto era tipo de coisa. Você achava ele em cima daquelas árvore, você viu ontem ele ali olhando aquele canarinho, ele... a tia ficava preocupada, chamava, ele estava lá naqueles galho, onde que as árvore fazia o tronco assim, ó, ele ia lá, pregava uma tabuinha, ele pregava uma tabuinha lá e jogava uma canjiquinha, de repente ele... ele estava chegando, estava descendo com um canário na... e ela ficava preocupada com ele em cima daquelas árvore e... e não sei como é que esse bicho nunca caiu, nunca machucou de uma árvore dessa aí, subia naqueles galho de manga, apaixonado por manga até hoje, né? Você via ele lá naquelas pontinha de mangueira, catando aquelas manga lá, balançando nos galho, eu falo, pra mim... eu o admirava porque eu não subo, eu fico dali eu não gosto de olhar pra baixo aqui, ó. Ele... ele era difícil o Expedito.**

**Jr:** E as tuas artes quais que eram?

**Tãozico:** Ah, camarada... eu vou falar pra você, acho que da minha família, dos meus irmãos... o difícil era eu mesmo. Eu era brabo, eu sou, né? [risos] Igual eu estou te falando, eu não deixo pra falar, pro outro falar... então os meus irmãos passavam apertado comigo, cara. Eu quando eu tinha os meus dois irmãos mais velhos, que o Zizinho e a comadre Lurdinha, ah, eles passavam um pedaço comigo, depois eu fui aprendendo que não é por aí, né? Mas quando a gente... tinha lá 12, 14 anos, ah, eu era esquisito, eu era...

**Jr:** O que que te deixava bravo?

**Tãozico:** Deixava bravo porque os dois, os dois tinham lá um conchavo um com o outro e eu queria estar lá no meio deles e eles... não me aceitavam, cara. Aí eu pegava... se eles estivessem fazendo um brinquedinho, uma coisa lá, eles não me deixavam brincar com eles, eu quebrava aquilo, entendeu? E eu me lembro uma vez lá na cozinha, na cozinha da nossa casa tinha uma travessa, uma madeira assim, ó, pra segurar, né? E os dois penduravam naquilo ali e atravessavam de um lado pro outro naquele coiso ali e eu doido pra fazer aquilo, cara. Aí eles “eu quero fazer”, “não, não faz. Você não vai fazer, você é pequeno, você não faz, não sei o quê”, eu insisti até que ela me pegou, a minha irmã me pegou e me pendurou lá, eu não andava, também pular não pulava que estava alto, eu armei um berreiro naquele troço, cara... minha mãe estava na casa da minha avó, minha mãe veio correndo, chegou e eu estava pendurado lá, a minha mãe deu um couro neles, mas depois que a minha mãe saiu que foi lavar roupa, mas eu dei um cacete nos dois também, rapaz que... [risos] eles tinham medo, não é vantagem isso não, mas eles morriam de medo de mim. Uma vez eu corri atrás do meu irmão... e aí a minha irmã foi defender e eu dei nela uma pancada de mão assim nela, o dedinho dela ficou dessa grossura, a minha mãe “que que tá acontecendo?!”, minha mãe pegou todos os três, que minha mãe era o seguinte, se você fizesse qualquer coisa você não apanhava sozinho não, todo mundo que estava ali tinha que entrar na vara, cara, todo mundo. Então eu não...se ela tivesse que bater em um era eu que apanhava todo dia, você entendeu? Mas eu ainda era feliz que nós apanhávamos todo mundo junto!

**Jr:** E minha avó era brava assim também? Ela batia nos filhos?

**Tãozico: A sua avó, a Minervina, não era igual à minha mãe não. A mamãe era mais nervosa, eles ainda falam assim "você herdou todo o nervosismo da mamãe, cara, você parece com o papai", os meus irmãos falam assim "você parece com o papai, mas você herdou o nervosismo da mamãe", que a mamãe era nervosa pra caramba. Sua mãe era mansa, cara. Sua mãe, a tia Olga, igual nós estávamos falando ontem, elas eram fáceis pros meninos convencer elas. A mamãe o caramba, a mamãe era difícil pra chuchu e eu herdei todo o nervosismo da mamãe. Até a patroa nossa lá na roça, ela ainda falava assim "você é puro a sua mãe, pegou a ignorância da sua mãe" e eu sou mesmo, eu já conheço.**

**Não falo pra você dos meus meninos? Que eles... né, você me ouviu falando ontem, né, eu chamei a atenção uma vez de cada um e foi só, porque... eles... eles falam assim "você que sabe o mato que tira lenha, né?", então eles sabiam que, se pisassem na bola a segunda vez comigo... e a gente não era pra ser assim, né, cara? Devia deixar a pessoa do jeito que ele é, eu falo, os meus menino por exemplo, eles não tinham oportunidade de brincar com qualquer um não, a infância deles foi muito apertada, dos meus meninos, exatamente por causa de mim. E eu aprendi, eu custei pra aprender isso, aprendi com esse patrão que eu estou falando que tem um filho só, ele me ensinou demais essas coisas.**

**Jr:** O patrão lá da roça?

**Tãozico:** Não, o patrão daqui.

**Jr:** Ah, tá. Mas lá na roça quem que era o patrão? Era o Zé Ventura?

**Tãozico:** Não, o patrão nosso lá era o Major, né, o dono da fazenda era o Major Ferreira, o Zé Ventura, o Zé Ventura era o pai da tia Carminha, ele era o encarregado, né? Depois... o encarregado passou a ser meu pai, o patrão era o Major.

**Jr:** Major Ferreira? E o nome da fazenda lá?

**Tãozico:** Fazenda Santa Maria.

**Jr:** Que que produzia a fazenda?

**Tãozico:** Na minha infância era cana e café, depois o cafezal acabou, aí passou só cana, cana e pasto, cana e pastagem e milho, né, milho, feijão e pastagem.

**Jr:** Era uma fazenda grande?

**Tãozico:** Ô... ô Júnior, lá a fazenda, ela tinha... era grande, tinha 50 alqueires de terra, por aí. Porque o lado ali onde que a gente entra pra ir pra lá, aquilo ali fazia parte da fazenda, ali tem 22 alqueires, depois tem outros... é mais de 50 alqueires de terra lá dentro, então depois dividiu pra 3 irmãos, que era o Major, o Dr. Joaquim e o Seu Thomaz, aí dividiram, eles eram 5 irmãos, mas os outros dois, os outros dois ficaram com... na divisão dos pais deles eles ficaram com... com imóvel na cidade, que era o tal de Dr. Ulisses e a D. Lucila, ali de frente ao mercado. Você já teve no mercado, de frente ali tem um prédio, que tá escrito lá "Marta Sérgio Ferreira", ali era uma casa deles ali que era de uma das herdeiras, eles moravam ali e na praça onde tem a Farmácia América era do outro... do outro médico, Dr. Ulisses e as terras ficou pros três, que o Major, o nome dele não era Major Ferreira, era Lincoln Ferreira, mas por ele ter ido pro Rio, fez curso de polícia, então ele era major da polícia, então todo mundo tinha medo dele, mas o nome dele é Lincoln.

**Jr:** Você chegou a conhecer ele?

**Tãozico:** Ô cara, eu morei uns 5 anos com ele, que ele era solteiro, entendeu? Ele era solteiro. Então pra cima da casa da tia Carminha tem uma casa grande lá que a gente chamava fazenda do Major e ele morava lá sozinho, e aí uns 5 anos eu morei lá com ele, eu vinha pra cidade estudar à noite, né, trabalhava o dia todo, chegava em casa 11:30, meia-noite, eu tinha que ir pra lá dormir lá com ele, eu ia pra casa da namorada, eu tinha que voltar, eu tinha que ir pra lá, de manhã eu que esquentava o leite, o café pra nós e depois ele... depois eu tive até uma... o pessoal tinha um pouco de ciúme de mim porque... acham que eu gosto de fazer média, né. Futebol, dizem que eu era bom de bola, o pessoal fala, né, que eu era bom de bola, depois você

pergunta lá pra tia Carminha e pro pessoal. Então chegava assim, dia de sábado, todo mundo ia pro trampo, né, trabalhar e ele me deixava lá, "ó, amanhã, o jogo de amanhã é pesado, você fica aqui, você vai varrer, pega uma enxada e vai capinando aqui na beirada do quintal", ele não me deixava dar muito duro no fim de semana não pro jogo do domingo, entendeu? Então o pessoal tinha um pouco de ciúme de mim nesse sentido aí. Eu tinha uma boa vidinha com ele nessa...

**Jr:** Ele, como é que ele era? Ele era bravo mesmo? Ele tratava bem os funcionários?

**Tãozico:** Ô cara, ô cara, ele... ele não era patrão não, ele era um companheiro, entendeu? Ele era um companheiro que a gente tinha. Ele fumava pra caramba, tanto que morreu de câncer de tanto fumar, deu câncer de fumar, fumar e beber, entendeu? Ele acendia um cigarro no outro assim, ele deixava o pacote de cigarro dele ficava na mesa perto dele e eu mais ele ficava ali, fim de semana nós conversávamos, rapaz, até tarde da noite, depois "vamos dormir, tá na hora de descansar", porque de sábado pra domingo, domingo ninguém trabalhava, então de sexta pra sábado, aí ele não deixava eu trabalhar muito, né, por causa do futebol do domingo, então eu ficava até tarde conversando com ele, chegava de manhã eu levantava primeiro e esquentava, tinha um caneco de leite, todo dia deixava um caneco de leite lá, e eu chegava de manhã, fazia o café, esquentava o leite, ia lá na porta do quarto dele, "Major, café tá quente, o leite tá pronto. Tá quentinho, o café tá...", "então vamos a ele", tem coisa que você não esquece, "então vamos a ele". Ele, cara, ele era um sujeito tão bacana, Júnior que... assim, eu morava com ele, né, morei com ele uns 5 anos. Depois que ele morreu, ele morreu aqui na cidade, morreu naquela casa onde eu tô te falando, na hora que a gente for pra roça eu vou te mostrar, é um prédio lá. Eles moravam ali, ele morava na roça, o fim de semana às vezes ele vinha cá, eu tinha que ficar tomando conta da fazenda e tal, ele morreu, aí eu continuei tomando conta da fazenda sozinho lá, dormindo lá, toda noite eu ia pra lá, aí o Tuninho que é meu irmão falou "não, eu vou ficar lá com você, você fica lá sozinho...", aí o Tuninho ia lá comigo, dormia, aí continuou do mesmo jeito, cara, um litro de leite, a garrafinha de café, todo dia de manhã nós esquentávamos aquilo e tomava o leite, café, o papai...

**Jr:** E qual que era o trabalho lá?

**Tãozico:** O nosso trabalho era enxada, né, meu? Era capinar, bater pasto. Hoje por exemplo eu falo, hoje eu estou... sou aposentado por problema de saúde, por quê? Burrice. Enquanto o pessoal carregava um feixe de cana que o braço alcançava, nós pegávamos um tolete de cana e levava, porque nós praticamente éramos o dono, né? O pessoal trabalhava pra gente, nós plantávamos o canavial e a maioria do pessoal era empregado, nós éramos empregados e o Major dava... a maior parte do terreno pra nós trabalhar, a gente dava... a terça pra ele, né? De cada 9 ele tinha 3 e a gente tinha 6, né? Então... e eu mais o Tuninho pegava naquilo com... com mais vontade do que os outros que... que tudo que rendesse era nosso.

**Jr:** E com os outros não era pela terça?

**Tãozico:** Era, tudo era terça, mas tinha o detalhe, vamos colocar, 10 alqueire de terra, o Major dava, lá eram 3 famílias na época, eram 3 famílias, 10 alqueires, uma comparação, ele dava 6 alqueire pra mim mais o meu irmão, pro meu pai trabalhar, e 4 pros outros dois, então quase assim, quase a metade da área era pra nós e a outra metade dividia pros outros. E... e ele ficava muito feliz porque eu ia sempre, duas, três vezes por ano eu ia na Universidade de Viçosa fazer uns cursinho rápido de 2, 3 dias, uma semana pra aprender a técnica, que também o pessoal fazia assim, a área que eles colhia, a área que eles colhia 100 quilos de milho por exemplo, na mesma área nós colhíamos 300, porque a gente plantava na técnica, a gente seguia o que os engenheiro da EMATER na época, né, na época era até ACAR, hoje é EMATER. Então aquilo que os engenheiros que a gente... eu tinha aquele um pouco de conhecimento, né, que eu ia sempre em Viçosa na Universidade eu ia, então a gente... e você ia plantar por exemplo, ah, o milho, até hoje eles ainda usam, a maioria ainda usa, você pega uma enxada, você faz um buraco aqui, você coloca 5 ou 6 caroços de milho aqui, você vai 1 metro lá na frente, faz outro, mais 5, 6 caroços de milho e por aí você vai, né? Então um lugar igual esse aqui, você vai, você pega um... nós falávamos... fala carreira de milho, né?

Você vai e faz uma carreira até lá em cima, depois faz mais outra até lá em cima, aí... daqui até lá vai dar umas 5 covas de milho, ao passo que nós já fazíamos diferente, aí você... pra capinar, ninguém gostava de trabalhar pra nós, exatamente porque nós dois... essa hora assim nós já estávamos com a camisa molhadinha de suor, porque nós não plantávamos assim não, ó, nós plantávamos assim, porque aqui, pro morro acima na hora que você chega lá você tinha que voltar pra pegar aqui de novo, né? E nós plantávamos assim que você ia e voltava trabalhando, capinando, você não andava pra pegar no... olha a vantagem que a gente levava, você trabalhar assim você cansava menos, que você não trabalhava no morro, era morro, mas você estava andando aqui assim e você não vê morro, né? E com outro detalhe, eles plantavam 5 caroços de milho, eles colhiam 5 espigas, 5 espiguinhas de milho, eu já plantava diferente, eu plantava 2 caroços, porque você capinava daqui, aqui você fazia outra lá e essa área daqui você trabalhava nela a outra, cheio de mato, então eu pegava dois caroços desse milho daqui, colocava aqui, pegava dois daqueles lá e colocava aqui, então eu tinha sempre o que fazer com aquilo ali e cada 2 pés desse milho dava duas espigas, duas espigas grande, quer dizer, olha pra você ver, isso é coisa que a gente aprendia na Universidade, você olha uma porca com 10 leitões, se você não tomar cuidado 5 vão crescer, 5 vão ficar miudinho lá, porque aqueles que começaram a desenvolver vão chupar o leite do outro e ele vai sempre... ficando amofinado, a mesma coisa é a planta, uma vai engolindo a outra, você entendeu? Então sai 2 ou 3 bons, o resto fica ali, sai aqueles... então era desse jeito e uma vantagem, uma outra vantagem que a gente tinha em plantar desse jeito, que não dava erosão, a área que nós plantávamos não tinha erosão porque quando vem essa chuva pesada, isso você vê lá em São Paulo, não vê? Arranca tudo, né?

Então aquilo, rapaz, vinha carreira de milho inteira, e você plantar assim a própria planta vai secando a água, né? Então o pessoal ficava puto com a gente "como vocês fazem...", pô, vocês sabem como é que faz, eu ainda explicava, eu fazia às vezes umas experiências com... com a Escola Agrícola de Rio Pomba, ali onde que é o campo nosso do lado de baixo ali tinha uma área ali que eu fazia sempre experiência, sabe?

E plantava pra todo mundo ver, eu plantava uma área assim normal, igual todo mundo plantava, cheio de caroço de milho e a outra... de acordo com a técnica, no fim, aí os pessoais, né, os engenheiros da EMATER iam lá toda semana acompanhar o meu trabalho, eu fazia aquilo mesmo só por experiência ali pra todo mundo que passasse ver como que você tinha que trabalhar, entendeu? No fim da história na colheita punha os montes de milho bem na beira da estrada pra todo mundo ver, tinha um montinho assim e tinha um montão assim, né? Quer dizer, eu gastava 2kg de...vamos pôr assim, 2kg de milho, de semente pra fazer um monte desse tamanho e 2kg pra fazer um montinho assim, porque estava cheio de ... então... mas põe isso na cabeça do pessoal? Então eu mais o Toninho, nós fazíamos assim, nós tínhamos que arrebentar mesmo aqui", porque ninguém gostava de trabalhar pra nós, eles falavam assim "trabalhar pra vocês não tem jeito de parar, não tem jeito de acender um cigarro nem nada", porque era assim, capinava uma carreira daquilo, lá... pro morro acima, aí chega lá, acendia um cigarro, descia até cá embaixo pra buscar outra e conosco não tinha isso.

**Jr:** Meu avô Izaltino, trabalhava com seu pai ou era em áreas diferentes?

**Tãozico: Não, o seu avô trabalhava junto com eles, os nossos pais lá trabalhavam todo mundo junto, é... isso aí era todo mundo, na época do cafezal quase ninguém tinha área pra plantar não, sabe, Júnior? Quando, no início lá quando eu era... tinha lá 10, 12 anos, era só mesmo a fazenda que explorava todo o terreno, eles deixavam uma areazinha assim, um quintalzinho perto da sua casa pra você plantar alguma coisinha, mas o terreno todo da fazenda era... era explorado, era explorado pelo patrão, aí depois que eles dividiram a fazenda, que nós ficamos com o Major Ferreira, né, que eu estou te falando, aí ele dividiu a área dele com os empregados, mas até aí era... era explorado pelos três. Que ninguém ficava lá, então o Zé Ventura (Pai da tia Carminha) que era o encarregado de tudo, mas tudo que fizesse era pros patrões.**

**Jr:** E o Zé Ventura como é que era? Ele...

**Tãozico:** Ah, ele era bravo pra caramba! [risos] Ele... ele era... bravo, bravo mesmo, mas tinha um lado,

igual eu estou falando, tudo tem lado. Cara, na época da... da safra, né, porque... você viu lá a usina velha, né? Na época da safra aquilo ali era uma festa, todo mundo cortando cana, aí a gente ia lá, os pais, as mães, né, mandavam a gente ia buscar garapa, né? Caldo de cana, uns baldes grande assim, um balde daqueles de garapa pra elas fazerem rapadura, não fazia rapadura, secava, batia aquilo até secar pra fazer café, pra evitar de comprar rapadura, então fazia o café com o próprio caldo da cana, todo dia você ia buscar um baldão daqueles pra... e não era só minha mãe que fazia isso, era sua vó, as mulheres todas e ele ficava, cara... mas tinha o lado bom, na época da safra por exemplo, nas férias a gente ia... a meninada ia enfeixar cana, que os... os homens iam cortando a cana e jogando pra traz, né, e a gente ia fazendo os feixinho pra ficar fácil na hora que o carro de boi... era buscado no carro de boi, né? Uns eram candieiros, o tio João Lino por exemplo era um... o carreiro era famoso, né, carreiro tinha fama "fulano é carreiro", é igual você vê hoje um motorista de ônibus, e a gente ia... fazer, a gente falava enfeixar cana, né? Pro carro chegar e já estar... lá na hora é só você enfiar a mão ali e juntar aquilo ali, que eles iam jogando, iam fazendo aqueles trem tudo endoidado, aquelas cana, então você punha... os meninos e ficava ali, mas você chegava de manhã, cara, na época do frio, aquela época ali era frio pra caramba, você chegava ali, de repente você estava assim, a mão não fechava mais, o pé não tinha mais jeito que endurecia todinho, não tinha nada pra calçar... aí ele chegava lá com a foicinha dele assim, nós estávamos todos agarrados lá no meio da palhada de cana lá, 1/3 sem mexer, ele pegava, ia lá, chuchava a mão lá debaixo daquelas palha assim, pegava umas palhinha seca, né? Vinha cá no caminho, acendia um foguinho, trazia mais um pouco "vem pra cá, vem, esquentar no fogo aqui, assim que vocês melhorarem a mão aí vocês vão lá e vai buscando, buscando palha até o sol esquentar, depois vocês vão trabalhar", quer dizer, tinha o lado bom, então você vê, tudo tem lado, cara. Então a gente ficava ali até uma hora dessas assim, ó, esquentando, aí saía vamos embora, vamos trabalhar, vamos, senão o Zé Ventura não deixa a gente vir pra cá de novo, entendeu? Então era as coisas que... eram as histórias nossas da época que hoje por exemplo, meus meninos que sairam daqui, da roça, nunca conheceram e nem vão conhecer um troço desses, não... se Deus quiser! [risos] Que nem eu estava falando pro Expedito ontem, a gente nunca quer pros filho o que a gente teve, a gente quer o melhor, né? Então eu sempre lutei pra isso, eu sempre quis o melhor pros meus filhos.

**Jr:** Que naquela época estudo era...

**Tãozico:** Não, não tinha estudo não, uai! Não tinha estudo não. Eu vou te falar, o... esse médico, tinha um médico que morava no Rio, era o dono daquela fazenda lá onde que a gente vivia o Dr. Joaquim Ferreira, ele vinha passar as férias dele aqui, isso aí eu já estava... já era rapaz, já nos meus 25 anos, 24, 25 anos, a gente trabalhava lá cortando cana pra ele e quando era ali 4:30, 5:00 eu e meu irmão parava, o pessoal ainda continuava até tarde, sabe? Eu e meu irmão parava, chegava em casa, tomava um banho, jantava, pegava a bicicleta e vinha pra cidade pra estudar e ele, ele falou assim, a primeira vez que ele viu a gente sair ele... ele perguntou pro encarregado, que nessa época o encarregado lá da fazenda dele era o Osvaldo, filho do Zé Ventura, irmão da comadre Carminha, ele perguntou, falou "uai, mas porque que esses dois aí vai parar agora e o resto vai ficar? Eles é melhor do que os outro?", ele falou "não, eles vão estudar", "uai, tem Mobral aqui?", aí ele falou "não, eles estudam lá na escola normal", quer dizer, já estava vindo pra começar a fazer a quinta série, eu mais o Toninho, nós vinha de bicicleta todo dia e daí ele perguntou por que que nós ia parar, ele falou assim "ah, tem Mobral aqui?", "nós estudamos lá na cidade", ainda parou um dia pra perguntar pra gente, a gente explicou pra ele, ele falou "ah, não, tá bem. Tá certo". Então, mas ninguém mais estudava também não. Eu e o Toninho, nós abrimos um caminho muito grande pro pessoal da roça, porque o meu irmão foi o primeiro a estudar, o meu irmão mais velho, mas com um detalhe, ele tinha... ele arrumou uns padrinhos aqui, camarada, que a gente vinha de manhã, quando a gente era novo, né? Tinha lá, eu fiz o primário com 12 anos e aí no Grupo Carlos Soares, era eu e meus dois irmãos, o meu irmão mais velho era inteligente, você vê o Expedito falar que o Zizinho foi gerente de banco aqui e tal, então meu irmão mais velho alguém gostou de ver o tipo dele, o jeito que ele era, manso pra caramba, ele era manso pra caramba, ele é. Aí pegou e foi lá em casa, pediu ao papai mais a mamãe se eles deixavam ele estudar, que não precisava de comprar nada, ele dava tudo pra ele, tanto que ele nunca comprou um pão de merenda,

ele foi até formar, formar assim, naquela época você fazia o segundo grau e estava formado, né? Então ele... fez o segundo grau sem gastar um lápis, nunca comprou uma camisa de uniforme, naquela época você tinha que ter uniforme completo, né? Então nunca gastou nada, uma família que era de professor, que dava aula onde ele estudava, pegou ele no primário e levou até o segundo grau, então mesmo eles arrumaram serviço pra ele e ele ficou, mas eu mais o meu irmão mais novo, o Toninho e nós continuamos, depois que nós tínhamos 24 anos que eu comecei a estudar, eu fui começar a fazer a quinta série, né, naquela época, eu já tinha 24 anos, então a gente trabalhava o dia inteiro pegava a bicicleta, vinha pra cidade e trabalhava até... estudava aí até 11:30, chegava em casa, daí ia fazer os trabalhos, que no outro dia 6 horas você tinha que estar... trabalhando, entendeu? E depois que a gente já estava bem lá na frente dos estudos, aí começou o filho do Seu Fulano mais o outro, "ah, vou com você, vou começar a estudar também", aí o prefeito da época arrumou até um caminhão pra buscar o pessoal na roça pra estudar porque nós abrimos aquela...

**Jr:** Que lá na roça não tinha escola, né?

**Lourdinha:** O Jr sabe o tipo do caminhão?

**Tãozico:** Sabe qual o tipo de caminhão que nós andávamos? Caçamba. Conhece o caminhão caçamba?

**Jr:** Aquelas caçambas de pegar areia...

**Tãozico:** É... que é sem banco, sem nada atrás. É aquele que você enche de areia assim, você chega, puxa uma alavanca, aquele...

**Tãozico:** Aí diz que teve uma vez que no meio da... chegando na praça... Ele destravou, despejou tudo os estudantes no meio da rua! [risos]

**Lourdinha:** E meus irmãos são muito gratos ao prefeito por isso até hoje, eles são muito gratos.

**Tãozico:** É, hoje tá todo mundo aí. Todos os irmãos dela por exemplo, depois de, né, muito tempo que eu mais o Toninho estava vindo eles começaram.

**Jr:** Mas lá não tinha então escola, hospital?

**Tãozico:** Não. Saúde também tinha que vir pra cá.

**Jr:** E que problema que tinha assim, mais de saúde naquela época?

**Tãozico:** Ah, só tinha, aqui na cidade um hospital e um posto de saúde. É, só o Hospital São João Baptista lá embaixo. E um posto de saúde. Então a região toda... se você precisava de um atendimento... Eu... quando no nosso tempo de criança, camarada, normalmente...Ninguém vinha no médico, ninguém vinha no dentista...
- Às vezes o médico ia lá a cavalo, né?
- É, quando alguém passava mal mesmo de ficar ruim mesmo o médico ia lá, vinha na cidade, chamava o médico, o médico ia lá. O sujeito vinha com um cavalo, vinha num cavalo lá, pedia ao patrão um cavalo e embarrava o outro lá pra levar o médico na roça.
- Um médico pra atender o paciente e mais era curado com chá...
- Era chá, ou morria, né? Emplastro, colocava nas folha... ou morria, né?
- Era farmácia natural, né?
- A gente não ia... não tinha médico, dentista...

**Jr:** Tinha muito caso de picada de cobra, essas coisas?

**Tãozico:** Uai! Como é que eles faziam? A cobra mordia nos cara lá, eles pegavam o... o fumo de rolo, molhava o fumo ali, só aquele caldo preto do fumo, botava naquele lugar ali que a cobra mordeu e ia trabalhar.
- Se caía, machucava, espremia umas folha, tirava aquele sumo e colocava.
- É. Eles tinham lá as plantas, né? Que... Assa-peixe, é...
- O sujeito caía, machucava, assim, machucava sem quebrar.
- Tomava uma pancada...

- Então hoje você toma aí um antibiótico, não sei o que, eles faziam um assa-peixe.
- Tinha assa-peixe, tinha arnica, né?
- Então fazia aquele troço, cara, pegava aquelas folha e espremia, tirava aquele caldinho ali e tomava aquilo que era pra curar.

**Lourdinha:** É, meu pai sempre vivia procurando é a... qual era a planta boa pro estômago? Era "capiçova".

É, "capiçova", "capiçova" é a... é a... é da mesma família da "Serraia", "serraia" é isso aqui. Esse aqui, ó. É, "capiçova", mas a "capiçova" já é mais do mato, né? É, mais de remelhada, né? É. Meu pai sempre... quando achava "ah, isso é muito bom pro estômago". É bom pro estômago, então... ali, ó, gripava? As criança gripava, pegava aqueles troço... ó o remédio aí, ó. Alfavaca. É aquele grande ali? É, o Marco até hoje, cara, ele começa a tossir e chega "ô vó, faz um chazinho pra mim?", olha que doideira.

**Tãozico:** Então, era nossos remédios, que nossos pais arrumavam pra nós era isso, ué. Meu pai ia pro mato, né? Meu pai ia pro mato, ele conhecia as raízes tudo lá. Então ele levava aqueles monte de folha, de raiz, no telhado da nossa casa ficava cheio de raiz e de mato e de coisa pendurada, aquele troço seco, aí acontecia qualquer coisa, gente de longe, rapaz, ia lá em casa "Sebastião, o fulano de tal aconteceu isso, isso e aquilo", "estou ó, leva isso aqui, faz um chá pra ele lá, dá a ele uns 2 ou 3 dia", era o remédio, o papai conhecia muita, eu vacilei demais, eu podia ter aprendido essas coisas com o papai, eu aprendi alguma coisa, ele deixou alguma coisa pra mim, mas eu... fui bobo, tinha que ter aprendido muita coisa com ele. Eles vêm trazer os queijos pra vender, outros vêm trazer a manga, a mandioca, todos aqueles produtos lá vem no sábado pra expor na feira, né? Então é onde a gente... eu mais a Nega, nós compramos feijão lá porque... um feijãozinho maciinho, novo.

**Jr:** E lá na época que vocês moravam lá no sítio também tinha feira aqui? vocês traziam coisa, não?
- Não, na época tinha os mercadinhos.
- É, tinha os mercados que compravam da gente. Era chamado na época de quitanda, botequim.

**Tãozico:** É, era os botequins que compravam, então chegava por exemplo assim, no fim de ano, você... planta aí, pé de abóbora aí, a gente colhia aquela montoeira de abóbora, vinha cá e vendia, aí trazia, enchia o saco de 40, 50kg de abóbora, botava aqui nas costas, meu pai jogava aqui nas costas e trazia.

**Lourdinha:** É, meu pai antes vinha a pé, depois ele comprou uma bicicleta, a bicicleta dele carregava mais do que um carro, ele pendurava tanta coisa na bicicleta, quase não ficava lugar dele se sentar, era saco de quiabo, saco de abóbora, jiló, tudo que tinha lá na roça, laranja, chegava tempo de laranja a gente ia de noite no pé de laranja, que trabalhava o dia inteiro na roça, à noite a gente ia pro pé de laranja, apanhava laranja, contava, naquela época era vendida de cento.
- A nossa infância, o bom da nossa infância era o sítio.

**Tãozico:** A alegria, é o que eu tinha falado, a gente estava na roça, né, igual eu estava falando com ele, a gente ficava na roça o dia inteiro cantando, né?

**Lourdinha:** Mas aí, é... tinha... chegava época que dá muito quiabo, a época do quiabo, meu pai às vezes vinha pra rua com aqueles 2 sacos de quiabo, rodava, rodava, não conseguia vender, às vezes nem de graça ninguém queria porque tinha demais! Nossa, papai voltava chateado pra casa, jogava tudo fora e...

**Tãozico:** Eu estava falando com o Jr. trazia uma cesta de ovo pra comprar um pedacinho de carne, né?

**Tãozico:** Pra comprar 1kg de carne, né?

**Tãozico:** Eu estava falando pro Jr. Eu estava falando ontem lá na roça, dia de sábado à tarde eu enchia uma cesta de verdura, né? Serraia, mostarda, couve, pra domingo cedinho eu vir vender aqui pra arrumar o dinheiro pra... o meu dinheiro era isso aí, que eu tinha que fazer isso, e chegava dia de domingo assim, rodava até 10, 11 horas da manhã, cara, não vendia nada, aí nós jogávamos aquele troço fora, voltava pra casa sem dinheiro, sem nada, pô, era...

**Jr:** E quando conseguia um dinheirinho gastava com o quê?

**Tãozico:** Olha... a nossa festa é depois ir pro futebol pra você poder tomar, é... é... comer doce.
- É, naquela época era vendido doce.
- Vendia doce. Era doce de leite. Pé de moleque. E o sujeito fazia suco. Ki-Suco, era aquele...
- Que a gente não conhecia refrigerante.
- Tinha... e depois passou até a achar, né, pão com salame.

**Tãozico:** Eles começaram a vender pão com salame. Nós não tínhamos dinheiro pra comprar.
- Eu sei que às vezes comprava. E às vezes aparecia uma carrocinha de picolé...
- É, aí começou a aparecer uns cara daqui da cidade que iam pros campos com uns carrinhos de picolé, pô, mas que alegria, cara, que é você arrumar um dinheirinho pra chupar um picolé! Era difícil.
Hoje eu falo, os nossos filhos hoje...
- Mas eu acho... era mais divertido do que hoje. A gente ficava ansioso, contando os dias...
- Nas festas. Trabalhava com aquele entusiasmo esperando...
- Festa, Semana Santa, Natal, Carnaval.
- A gente vinha um dia pra assistir.

**Tãozico:** É, a gente tirava, vinha um dia. O meu pai assim, a Semana Santa, meu pai um dia me trazia, o outro dia trazia um outro irmão, entendeu? Cada um vinha um dia, o outro tinha que ficar lá tomando conta dos meninos, do resto que ficavam, aí ele vinha mais a minha mãe e trazia um, cada dia eles traziam um.
Era uma farra arrumava uma moedinha de 50 centavo dessa aí, ó, era... era 10 centavo um picolé, você pegava 50 centavos daquele você chupava 5 picolé, camarada! [risos]

**Lourdinha:** A gente andava isso tudo a pé pra ir na cidade, eu estava falando pra ele, a gente saía de casa pra vir, trabalhava o dia todo, vinha a pé, trazia o calçado pra calçar na entrada da cidade.

**Tãozico:** Isso daí é depois, quando tinha calçado, né? Depois da gente já mocinha, rapazinho, aí já tinha lá um sapato, umas coisas lá e você jogava aquilo no ombro, chegava na entrada da cidade lá, tinha uma mina que todo mundo parava lá pra beber água, lavar os pés pra chegar dentro da cidade com o pé limpo, né?
A gente chegava ali, lavava os pés e calçava o sapato e vinha, rodava, fazia as compra que tinha que fazer, quando chegava ali de novo tirava e nada de carro, cara.

**Jr:** E roupa como é que fazia?

- Ah, a roupa era a que tinha, né?

**Lourdinha:** A roupa a gente tinha dois pares de roupa pra trabalhar, tirava aquela, lavava... vestia a outra. E pra sair também umas duas, a gente comprava uma... por exemplo, comprava um vestido na Semana Santa...
- É, comprava uma roupa umas duas vezes por ano, né?
- Umas duas vezes por ano...

**Tãozico:** Duas vezes por ano você comprava uma camisa, uma calça, um vestido, duas vezes por ano. Um calçado. Na época das festas maior, né? Semana Santa, Natal a gente comprava uma roupinha pra vir à festa. Eu falo, lá na minha casa por exemplo, eu que tomava conta das minhas irmãs, né, Nega?
Eu que saía com elas para as festas, trazia para as festas, pros bailes, eu que levava e nas roça elas trabalhavam comigo todas as 5, eu e o Toninho e as 5 irmãs naquela época, ia tudo pra roça, mas o Toninho ficava, eu estou te falando, nós íamos e voltávamos, elas faziam o que elas aguentassem, nunca forcei a barra delas, briguei com elas pra produzir não, porque a mamãe era brava, mamãe mandava tudo lá pra roça, lá eu tomava conta delas, aí quando chegava na época da colheita a gente conseguia, conseguia milho, feijão, arroz, tudo com sobra, pra vender, entendeu? Os cara iam daqui da cidade, chegava lá pra comprar, a gente separava as sobras, "isso aqui é pra vender, isso aqui é pra gente gastar no ano, isso aqui dá até na outra safra", né? De uma colheita pra outra a gente chamava de safra, né? Então "esse daqui sobrou, esse vai sobrar,

então esse daqui pode ser vendido", eles chegavam lá pra comprar o... o material, o milho ou o feijão, aí dali a pouco estava uma das menina lá onde que eu estava, lá nos alto de pasto, não sei pra onde, lá no canavial, "o papai falou pra você ir lá", aí eu chegava lá "que foi?", "não, o rapaz tá querendo comprar um milho", "pô, pai, vende o senhor, uai!", "não, é você que cuida disso, é você que vai vender.

Você que vende, divide o dinheiro pra vocês", então vamos supor, eu vendi lá tantos sacos de milho, 100 reais, aí eu dividia, "toma, 5 pra você, 5 pra você, 5 pra você, você compra um vestido, você compra isso, você compra uma camisa, você compra uma calça" e tal, e dava 5 reais e eu tirava 5 pra mim também, o mesmo que eu dava pros meus irmãos eu tirava pra mim, bom, gastei 50 reais pra nós, 5 reais pra cada, "não, esse é seu, então ele falava, eu não, eu já dei dinheiro pra todo mundo, todo mundo tem dinheiro pra comprar um vestido, um sapato e tal, esse aqui é do senhor e da mamãe", então quem dividia era eu, cara. Aí eles compravam, compravam vestido, "ah, comprei um sapato bonito", fazia a festa, era tão feliz, né?

**Júnior:** Agora o Expedito, o Zezito diz que a sua família vivia... numa situação um pouco melhor que a da minha avó Minervina, né? Por que que era isso?

**Tãozico:** Mas exatamente por esse motivo que eu estou te falando do plantio, né? Porque eles não aceitavam plantar na terra, eles eram daquele jeitão da roça, tinha que ser da roça...Do antigo, do que o vovô fazia eu tenho que continuar fazendo, então eles não aceitavam evoluir, né? Então eles não saíam pra... pesquisar, pra procurar coisa melhor, né? Igual eu tô falando, eu ia duas, três vezes por ano lá na Universidade de Viçosa pra ver as coisas, como é que estava melhorando, o que que tinha que fazer pra melhorar, né? E os engenheiro da EMATER, eles me procuravam porque eles sabiam assim, eu tinha vontade, eu tinha uma vontade de sair da roça e ninguém... o problema da roça, ô Júnior, é que ninguém valorizava a roça cara, e não valoriza até hoje, entendeu? Então eu sou da roça, gosto da roça, mas a roça era um lugar que não tem valor, eu procurava o máximo ver, fazer essas coisas, a gente tinha uma vidinha melhor exatamente por isso.

**Jr:** Mas você trabalhava com o Zezito, com o Expedito...

**Tãozico:** Trabalhava. Trabalhava.

**Jr:** Eles não faziam do seu jeito, né?

**Tãozico:** Não. Isso aí é o seguinte, né, quando a gente ia trabalhar pra eles, que a gente fazia, bom, vamos trocar dia, hoje nós vamos lá pra sua roça, pra roça dos seus pais, então ia eu e meus irmãos, ia tudo lá capinar a roça do seu pai, dois, três dias nós ficávamos lá, daí nós íamos acompanhar o jeito deles e agora mais três dias vocês agora vão ter que vir pagar os dias que nós fomos, vocês vêm cá pagar, não pagava com dinheiro, pagava com serviço, aí eles tinham que entrar no ritmo nosso, você entendeu? Eles vinham, trabalhavam, tinha que ser do meu jeito, então era difícil, eles não gostavam disso, e aí que eu falo, eles não gostavam de trabalhar pra nós porque era diferente, entendeu?

**Jr:** E você lembra do meu avô Izaltino? Como é que ele era? Ele era trabalhador assim ou ele era meio preguiçoso?

**Tãozico:** O Izaltino, o tio Izaltino era um camarada calado, paradão, igual eu estou te falando, eles, eles, meu pai, tio Izaltino, eles não tinham o... não tinham aquela vontade, parece que não tinham vontade de... de crescer, entendeu? Eles iam pra roça, 7 horas da manhã, 6 horas da manhã eles estavam na roça, 6 horas da tarde paravam, penduravam a enxada e se sentavam e pronto. Eu, no meu tempo de moleque, cara, eu chegava, eu ia jogar bola, eu ia fazer não sei o que ou então ia fazer o seguinte, eu ia plantar. Pra mim eu ia fazer umas coisas pra mim, a gente saía longe pra comprar mandioca, ia longe pra comprar laranja, sendo que o patrão, como eu te falei, o patrão deixava uma área em volta da sua casa pra você fazer as coisas pra você, aquilo ali você não precisava também, não, aquilo era pra você, e que ficava lá, ninguém fazia nada naquele troço, entendeu? Eu comprava laranja, eu comecei a fazer o seguinte, ia lá nos caras que vendiam laranja e tal, comprava um saco de laranja, comprava lá um saco de laranja, tirava as sementes, fazia uma areazinha assim igual eu fiz isso aqui, ó, fazia uns cantinhos assim e semeava as sementes, semeei, comecei

desse jeito, semeei ali as sementes da laranja que nós chupávamos lá, que nós compramos e ali eu tirava, a hora que a mudinha ficou assim, ó, eu tirei e fui plantando, que tinha uma cerquinha em volta, comecei a ver que começou a desenvolver, dali uns 4 anos que ela foi começar a dar uma laranjinha, enchia o quintal nosso de laranja, tá vendo? Não tem necessidade de comprar, ninguém mora em cima da pedra. "Ah, você podia comprar mandioca", eu fui lá, comprei mandioca, pedi "você não me arruma umas ramas dessa não?", o cara arrumou umas varetas grandes assim da rama da mandioca, eu cheguei em casa, plantei lá umas 30, 40 covas, aquilo ali cresceu, no outro ano eu quebrei aquilo e enchi o quintal todo de mandioca, vendi mandioca pra todo mundo. Então nossos pais não faziam isso, agora, por quê? Falta de... de vontade, né, de... eu não sei se eles chegavam tão cansado em casa que queria era descansar mesmo ou então não tinham assim, um... criatividade, né? E eu já, graças a Deus pra isso toda a vida eu já tive, é... assim, vontade e já tinha, fui pegando as experiência que eu estou te falando e comecei, aí eu comecei a desenvolver, o pessoal começou a desenvolver na roça, entendeu? Alguém tinha que despertar, igual estudar, foi nós que despertamos o pessoal da roça pra começar a vir estudar, né? Esse tipo de plantio, até hoje você vê lá na roça que quem planta hoje não planta mais a mesma técnica, então o seu vô, coitado, parado, igual meu pai mesmo, né? Paradão, não... o caso deles era trabalhar pra fazenda, né? Então ah, é da fazenda, é da fazenda e eles não precisavam de nada não, chegava o fim de semana o patrão dava a eles o dinheirinho que eles ganharam durante a semana e estava bom, eles vinham na cidade, gastavam aquilo tudo, compravam arroz e feijão que eles podiam ter lá, né? Gastavam o dinheirinho que eles ganhavam tudo, compravam aqui, chegavam no fim de semana às vezes o que eles compravam nem dava pra comer até no fim de semana, passavam falta, cara.

A minha mãe ia lá na casa da sua vó, sua vó ia na casa da minha mãe pedir emprestado até chegar no fim de semana, na hora que eles viessem na cidade comprar de novo, pagar. Pô, era... era fraco, viu? [risos]

Não era assim, bem?

**Tãozico:** Nossos pais não tomavam emprestado?

**Lourdinha:** Ah, é, "me empresta uma cozinhada de arroz"...

**Tãozico:** É, cara. Uma cozinhada de arroz, um pó de café, um pouquinho de pó de café... "Um pó de café, até sábado, quando nós formos fazer a compra eu te pago", era desse jeito, ué. Agora, eu acho que isso não é pobreza, é uma pobreza de espírito, você não acha não? Porque não tinha necessidade dessas coisas.

- Ainda tem muita gente hoje em dia assim, os pobres.
- É, o pessoal pobres de espírito, é o comodista, né?

**Júnior:** A minha vó era parada assim que nem meu avô?

**Tãozico:** As mulheres não tinham vez não, meu! Né, Nega? Mulher não tinha vez não! Né? Eu estava falando que seu avô, camarada, seu avô... seu avô saía de casa, seu avô saía de casa de manhã, chaveava as portas pra sua avó não sair, tinha vez que ele ainda espalhava assim, ó, cinza pra ver se ela saía, pisava naquela cinza ou se alguém chegou lá, tinha um ciúme dela... nossa Deus cara! Então coitada, ela não tinha vez! Nem ela não, as mulher da época. (Ele não foi sempre assim. Isso aconteceu por um curto período na Gameleira)

**Lourdinha:** Além disso a mulher tinha que trabalhar na roça pra ajudar, até hoje trabalha, mas naquela época não tinha... recurso nenhum, minha mãe por exemplo, quando tinha filho pequeno punha num... num balaio e levava, colocava numa sombra, debaixo de uma árvore a criança dentro daquele balaio e trabalhava o dia inteiro, a criança estava lá, dormia, acordava, chorava, lá deitada naquele balaio... E aí dava a hora de fazer comida ela corria em casa, fazia comida, voltava com a criança, apanhando café.

**Tãozico:** É, na fazenda dos Ferreira, né, de início lá era cafezal e canavial, olha, a gente via muito caso deles falar que as mães levavam as crianças, botava no balaio pra ir apanhar café, chegava, tinha cobra dentro do balaio junto com as criança lá, rapaz. Era! Era desse jeito. Ô, cara, ontem na roça foi muito difícil, viu?

- É, a gente vivia como... bicho.

**Tãozico:** Bicho. A gente tinha medo dos outros da cidade, né, bem? A gente tinha medo do pessoal da cidade.
- É, a gente tinha vergonha.
- Tinha vergonha, morria de vergonha do pessoal da cidade.

**Lourdinha:** E a gente não tinha nenhum meio de comunicação nem... divertimento, não existia rádio, televisão... quando meu pai comprou um rádio, nossa, era a coisa mais... foi a coisa mais... É. O meu tio tinha uma sanfona que ele tocava a sanfona, às vezes lá uma vez ou outra pegava a sanfona e ia lá pra casa à noite e a gente ficava... ali, naquela alegria!
- É, sentavam todos e iam ouvir tocar sanfona, que era o único meio de... distração que tinha.
- Diversão, de alegria, né?
- Quando chegava uma visita, às vezes algum parente...

**Tãozico:** Alguém visitava a gente, era aí que a gente ia conversar, ia brincar, levava criança pra a gente brincar... era uma vez ou outra. Uma coisa que já te falaram, eu mesmo acho que já falei isso com você, tinha os parentes, os conhecidos da cidade que uma vez por ano iam lá num domingo almoçar com a gente, iam lá fazer uma visita na roça, as mães faziam o almoço, você tinha que esconder, o pessoal tinha que todo mundo que comer primeiro, né? Primeiro a visita se sentava, comia e tal, depois que a visita ia embora, se sobrou você ia comer.

**Lourdinha:** Lá em casa até quando tinha ajudante na...No serviço, ali a minha mãe chamava lá pra cozinha, eles comiam, a gente ficava no quarto, aí eles comiam, depois que eles comessem, que saísse do serviço de novo é que a gente ia comer, comer o resto! [risos] Se sobrasse!
- Eram os costumes.

**Tãozico:** Agora, isto, cara, olha, isto há 40 anos, 50 anos, né? É, não, ele não vai longe não. Há 50 anos atrás, né? Agora, imagina na época que o seu avô por exemplo, né, o meu pai e o seu avô eram crianças, como é que devia ser.
- Minha mãe contava.

**Jr:** Vocês sabem de história dessa época, não?

**Lourdinha:** Não. Eu não sei dessa época não, mas a metade dos tios morriam, ué! Morriam com... eles falavam, eu estou... o meu pai falava assim ó, a minha mãe teve 8 filhos, mas só tem 4, 4 morreram. Tinha até 20, tinha até 20 filhos na época. Tinha 20 filhos, mas 8, 10 morreu. Morreu de quê? De falta de... de assistência, entendeu?

**Jr:** Meus bisavós morreram cedo, né? O pai e a mãe da... da minha avó.

**Tãozico:** É, o meu avô, o João Lino, chamava o João Lino e a vó Antonina, é... a minha mãe contava, quem criou eles, ontem eles estavam falando, o Expedito falou, quem criou a família, quem criou a sua vó, a minha mãe, a tia Olga, tia Jandira foi meu pai, quando o nosso... quando o seu bisavô morreu, minha mãe mais meu pai contavam, o papai juntou tudo, levou tudo lá pra minha casa, pra casa dele, pra minha casa não, levou tudo pra casa dele. (Isso aconteceu mais tarde, quando perderam o sítio, a Tia Niguita se casou em 1938 O João Lino faleceu em 1933, perderam o sítio em 1936 e a mãe delas faleceu em 1940.)

**Jr:** Eles morreram do quê?

**Tãozico:** Eles não sabem falar. Inclusive é o seguinte, olha, dizem, né, a minha mãe falava que eles tinham um... um pedaço de terra bom, cara, tinha um terreno bom, quando... quando ele morreu eles tiveram que vender tudo pra pagar dívida, aí eles foram pra fazenda, lá aonde que a gente mora, aí eles mudaram pra lá, os patrões nossos lá comprou a área, depois vendeu pra usina também, ficou só com uns 50 alqueires e o resto eles venderam pro...o pai do...dos patrões lá, ele tinha era uns 300 alqueires de terra, era tal de Coronel, então ele chegava e tomava, né? Tomava a coisa e levava aquilo ali, então na época diz a minha mãe, falou que tiveram que vender o terreno deles pra pagar a dívida lá que o vô tinha deixado e eles não tinha como

pagar, aí deu aquela terra, vendeu não, deu a terra lá em troca do... do que devia e meu pai juntou tudo e... e casou, casou com a minha mãe e levou todo mundo pra dentro de casa e foi... foi criando todo mundo, aí meu pai, meu pai que casou, ele fez o casamento da sua avó com o seu vô, da tia Olga com o José Loide e depois do tio João Lino, aí depois o tio João Lino casou e levou as irmãs solteiras, que eram a tia Carmen, a tia Taninha e a Ilda pra casa dele e aí já estava todo mundo grande, já eram moças, entendeu? (Conto a história do sítio mais adiante)

**Jr:** Naquela época como é que era os casamentos? Como é que...

**Tãozico:** Ô Júnior, às vezes eu ainda lembro de alguns casamentos, na época que eles casaram eu não sei, né?! Mas eu ainda lembro ainda, cara, quando o pessoal fazia... "sábado que vem é o casamento do fulano, vai casar-se no sábado", era tudo a cavalo, cara! Ia aquela cavalada pra cidade! Você lembra, Nega? Quando era casamento que era de cavalo? Vinha, rapaz, e aqueles 20, 30, 50 cavaleiros, as mulheres todas a cavalo, os homens todos a cavalo, voltava a noiva num cavalo, o noivo do lado soltando foguete! Era uma festa junina! [risos]

**Lourdinha:** A festa, a recepção do casamento você sabe que que era? Pão com café, quando tinha. Ali eles cortavam o pão, servia um pedaço de pão. Cortava o pão numas 3, 4 fatias. Uns 3 pedaços lá, serviam um café com pão, era a recepção do casamento e quando tinha todo mundo ficava feliz...

**Tãozico:** Mas você vai contar isso pros outros?! "Isso não existiu, nesse país nosso aqui... não acredito que tenha não", né?

**Lourdinha: Do casamento a cavalo, outro dia eu estava contando, quando morria uma pessoa, hoje tem carro anunciando na cidade, tem as rádios anunciando, quando morria uma pessoa, aí saía um a cavalo pra avisar os parente, os amigos, ia longe! Ia longe a cavalo. Avisar, a cavalo avisar que o fulano morreu, que vão enterrar tantas horas, o caixão era feito em casa, aí alguém ia...**

**Tãozico:** O seu avô, Izaltino, ajudava muito o tio Zeloide a fazer caixão.
- É, vinha na cidade, vinha comprar o pano roxo, né?
- O caixão... aí forrava com o pano.

**Tãozico: Aí o tio Zeloide era carpinteiro, ele mais o seu vô, Izaltino, faziam caixão, seu vô ia fazer os caixões lá, tudo de madeira, ele ia lá medir o... defunto! Medir o defunto! [risos] Fazia o caixão no tamanho. É, que contam, né?**

Pra você ver, teve uma vez, falando de morte, teve uma vez um cara caiu no rio, o rio estava cheio, ele foi passar na pinguela, acho que ele tinha tomado umas cachaças lá na venda, naquela venda onde que a gente saiu ali, ali era uma venda, o cara tomou umas cachaças lá à noite, rapaz, e estava chovendo, o rio estava cheio, aí ele foi passar na pinguela, você sabe o que que é pinguela, né? Aquele pau roliço que põe no rio pra você atravessar ali, né? O cara caiu lá, morreu. Você sabe como é que eles procuraram? Não tinha negócio de corpo de bombeiro não, os homens paravam todos de trabalhar, ué. Ficavam o dia inteiro com os bambus nas beiras d'água procurando, levou uns 3 ou 4 dia pra acharem o camarada, quer dizer, eram as próprias pessoas das fazendas que iam procurar o bicho lá dentro d'água, não tinha negócio de bombeiro, esse trem não, ué! E quando o bicho estourava lá que levantava, boiava na água nós achava! Hoje os bombeiro vai lá, procura até danar todo... e era desse jeito, eu lembro que o pessoal ficava com o bambu, cara, procurando o velho lá, era dias e dias lá na beirada do rio.

**Júnior:** E criança ainda morria muito naquela época? Acho que minha avó perdeu três criança, né?

**Tãozico:** Sua vó perdeu três crianças, minha mãe perdeu três, entendeu?

**Jr:** Minha vó e sua mãe então era tudo... a mesma coisa?

**Tãozico:** 13! [risos] (a Minervina teve 11)

**Júnior:** Elas tinham um negócio de nascer... elas nasceram na mesma época?

**Tãozico:** Não, pois é, é o que eu estou te falando! Ó, você pode ver lá na casa da sua avó, o Zezito é o mais velho, o Zezito é da idade... não, a Nilza é a mais velha, né? O Zezito, o Zezito é da idade da comadre Lurdinha, da minha irmã mais velha, então ia aquele... aquela coisa, o segundo filho da minha mãe era da idade da Nilza, morreu com 4 anos, entendeu? O terceiro é o... é o Zizinho, da idade do Expedito. O quarto é o João, da minha idade. Elas tinham... parece... um combinado! [risos]

**Jr:** Uma estava de resguardo, a outra já estava grávida.

**Tãozico:** É o que eu estou te falando, esse meu primo, o Divino, esse meu primo que hoje trabalha no estádio, no Mineirão, né, quando ele nasceu a mãe dele morreu, ele é da minha idade, olha, vou te contar uma historinha aqui, ele é da minha idade, então a minha mãe que amamentou nós dois. A minha mãe estava de resguardo, então ela amamentava nós dois, e ele sempre falava comigo, cara, eu sempre falava "nós somos da mesma idade", "que da mesma idade, rapaz?! Eu sou mais novo que você!", e eu sempre soube que eu, ele, o Orlando da tia Olga e o João seu tio, nós tínhamos a mesma idade, assim, diferença de mês, né, 1 mês, 2 meses. E, portanto, você pergunta pros seus tios, dia 10 de outubro é aniversário do João e eu faço dia 7! [risos]

Então meu primo sempre falava comigo que nós éramos da mesma idade, ele disse "não é não, rapaz! Sua mãe que amamentou nós dois. A vovó sempre falava", nesse fim de ano passado agora eu resolvi ir na igreja, fui lá, perguntei à menina que toma conta lá do Salão Paroquiano, falei "rapaz, eu queria ver uma coisa com você, você podia me informar qual padre que me batizou?", aí ela falou assim "posso sim, você sabe que ano que você nasceu?", aí eu coloquei a dúvida, né? Eu falei "olha, eu vou te falar, eu não sei se eu nasci em 44 ou 45", porque todos os registros meus eu sou 07/10/1945, tudo quanto é documento que eu fui registrado, 07/10/45, aí ela falou "não, não tem problema, então eu acho o livro aqui, que o livro, você sabendo mais ou menos o ano...", aí ela foi lá e pegou o livro, tirou pra mim, no registro de batizado tá ali, novinho, novinho, tirou no fim do ano, eu fui batizado, olha, eu sou registrado dia 07/10/45, eu fui batizado dia 26 de novembro de 1944! Fui registrado... quando eu nasci...

**Jr:** Antes de nascer já estava batizado!

**Tãozico:** Eu já estava batizado, né?

**Jr:** Já veio batizado já, né?

**Tãozico:** Já nasci batizado! Existe isso aí, cara? Aí eu falei com meu primo, esse lá de Belo Horizonte, falei "seu danado você não quer ser da minha idade!" "não, você quer ser criança, quer?", quando eu fui registrado eu já tinha sido batizado há muito tempo.

**Júnior:** Ah, então quando meu pai nasceu você tinha já uns 6, 7 anos? Que ele nasceu em 1951.

**Tãozico:** É, já. Já.

**Júnior:** Você lembra dele ou você era muito pequeno pra...

**Tãozico:** Não, eu já era grande. E a gente lembra quando... quando o... as meninas nasceram, a Olguinha, a Marta, (A Marta nasceu em São Pedro) né? O Antônio, eu lembro assim, vagamente de quando o Antônio era nenenzinho.

**Júnior:** Mas de quando ele era pequeno você lembra alguma coisa?

**Tãozico:** Lembro, por exemplo, eu lembro mais ou menos assim, não sei falar certo assim quando ele nasceu, mas ele saiu daqui uai, ele saiu daqui era um pouco mais do que o Max, cara. Eu tinha 6 anos! Ele... eu lembro, a gente brincava com os meninos, os mais velhos, né, o Expedito, o Zezito, o João, a gente já era... e o Antônio era pequenininho, é aquela rapinha lá no meio da gente lá, igual o Max assim, ó, o Max tá com 4 anos, ele tinha 6 quando eles saíram daqui. E foi, cara, uma... uma história... o Izaltino mudou pra zona da mata, que que a mata... pra você ver, o atraso era tão grande, mata? Onde fica isso? Mata, São Pedro dos Ferros, logo ali! [risos] Você sai de carro aqui, com 3 horas você está lá. Hoje, que nem eu estava falando com a Olguinha, hoje por exemplo, a Salutares faz essa linha aqui, ó, São Pedro dos Ferros, Ponte Nova, Viçosa, Rio Branco e tal, São Paulo.

**Novas conversas em outro momento e local (Casa da tia Niguita):**

**Expedito:** Ah, então, né, Regina, a arapuca que a gente fazia, era mais ou menos como se fosse isso aqui, você erguia isso aqui, colocava duas varetinha de bambu até lá no fim, né? É, fazia uma coisa assim, ó. Aqui e cruzava aqui mais ou menos e aqui na frente...Colocava canjiquinha, milho... E ela ficava de pé, né, colocava alguma coisa pro passarinho, quando o passarinho entrava ali dentro que ele pisava naquele negócio que tinha no meio, ela desarmava. Aí prendia ele.

**Tãozico:** Eu consegui tirar o papai lá do meio da bananeira já era umas 8 ou 10 horas da noite, que eu consegui trazer ele e botei ele numa varanda que tinha ali, sentei ali com ele, conversei, conversei, papai foi ver a mamãe era 4 horas da manhã, eu cheguei pra ele, insisti, insisti, falei "pai, vamos lá", "não quero ver ela mais não, não quero", quando foi lá pras 4 horas da manhã eu "pai... eu não aguento", ele falou "eu também não aguento não", mas fomos nós 2, "vamos fazer o seguinte, se eu não aguentar o senhor me segura, se o senhor não aguentar eu seguro o senhor, vamos... vamos lá", aí levei no médico, chegando lá, foi lá, passou, passou aí eu me sentei lá na cadeira perto dele, ele começou, rapaz, como se diz, uma meia-hora, fiquei sentado aqui, ninguém veio... quando eu... acordei, voltei ao normal, rapaz, o papai estava de terno, sapatinho, chapeuzinho preto lá perto de mim, foi, tomou banho, botou o terno dele, ficou até tarde, caramba! Mas o... te contar a história do meu irmão mais novo, o Toninho, eu mais o... eu e o Zizinho, o Toninho, meu irmão mais novo, quando [?] tudo que a gente vê por aí era canavial, sabe?

O Toninho era um magrelinho, cara, um gravetinho e a gente saía daqui 5 hora da manhã, a pé, descalço pra ir lá na... estudar lá na... na cidade, né, fazer o primário e num belo dia, cara, a gente saiu numa friagem do caramba, chega no meio da estrada o... Toninho congelou lá, endureceu os pés, endureceu as mãos, não andava não, "pô... ô Toninho, vamos lá, rapaz, estamos atrasados, vamos fazer o seguinte, então vamos se enxugar aqui, vou colocar você no meio do canavial aqui e na hora que o sol esquentar que você melhorar você volta pra casa", contamos umas 10, 12 carreira de cana assim, ó, pusemos ele lá, e falamos "a hora que você melhorar aí você volta", fomos embora e largamos o moleque lá no meio do canavial, E se alguém bota fogo no canavial, né, queima aquela merda tudo, né, chegarmos e encontrarmos o moleque torrado, olha a mentalidade, cara! Por sorte, nós... quando nós voltamos, ele estava em casa. Mentira? que mentira nada, pergunta a ele, pergunta ao Zizinho.

**Tãozico:** O João, irmão do Antônio era emburrado, pirracento. Era difícil. Na hora de puxar, eu não sei se a gente foi lá com um carrinho, ele e um outro vieram ajudar. Rapaz, eu catei uma manga daquela, uma manga daquela que tá ainda mais ou menos verde, que é mais dura, né? E joguei no João, com vontade, joguei com vontade, com aquela raiva, né? Derrubou o coitado no chão! Caiu lá no chão gemendo e eu não estava nem aí! Fui embora, viu, cara? Que a gente fazia aquelas coisas com tanto ódio, tanta raiva.
- Com tanta vontade de vingar.
- Vingar que... não quer nem saber o resultado.

**Tãozico:** mudando de assunto: Não, esse que cantou ali, o Rei dos Coleiros, ele vem, uma vez por ano ele aparece aqui, é difícil você ver, só uma vez por ano ele vem, ele é arisco pra caramba, se você pegar ele e pôr numa gaiola, daqui a 2 minutos ele tá morto. Então é isso que é... agora ouvi o Inhambu cantando lá em cima também, né?

**Expedito:** O Inhambu diz que dá uma pratada boa.

**Tãozico:** Ah, mas eu não acho. Hoje, pô, o frango hoje tá tão barato, você vai pegar um passarinhozinho daquele ali, a hora que você frita não sobra nada, cara!

**Jr:** E quais são os outros que são... que tem bastante aqui?

**Tãozico:** Não, aqui nós temos o Canário da Terra, o Coleiro, né? Você viu lá a Seriema.
- Como é que é um passarinho vermelho que faz o ninho no meio dos espinho? Você conhece esse?

**Tãozico:** O Guaxo... não, o Guaxo é preto, né? No meio dos espinho... não, não tem aqui não.

**Jr:** Que a Duduca me contou uma história que meu avô chamava a minha avó, ela tinha um vestido vermelho, ele a chamava do nome desse passarinho.

**Tãozico:** Ah! [risos] É o Chau Baeta! Né? Você lembra do Chau Baeta? Acabou, né, cara?
- Acabou, ninguém fala mais.

**Tãozico:** Não vi ele aqui mais não, ué. O que nós estamos tendo muito aqui agora que voltou que também tinha acabado é o Tucano, né?
- Aqui na grota mesmo do pai que tem um monte, vem comer banana verde.

**Jr:** Esse Chau Baeta é isso mesmo?
- Não, o Chau Baeta é vermelhão, né? Você vê uma mulher de vermelho, "ó o Chau Baeta!" [risos].

**Tãozico:** O Jr está fazendo uns apanhados pra mostrar, fazer uma surpresa pro pai dele, o Antônio, que o pai dele nasceu aqui, ele saiu daqui com 6 anos.

**Tãozico:** Aqui eu tinha... tinha uma horta grande, ia lá embaixo, naquela casa de bambu que eu plantava, fazia minha... fazia meu pé de meia! Tinha curral, tinha pepino, couve, alface, duas vezes por semana o papai ia na cidade e aí ele me dava... ele me dava metade do dinheiro, fala assim "ó, a horta...", quer dizer, eu ganhava o dinheiro por dia pra trabalhar pra ele, mas na horta, quando eu estava na horta e ele me dava metade do dinheiro, papai trazia, entregava pra ele, vamos supor, 10 reais, 5 é do Tãozico! Então pepino, alface, agrião... não, menos agrião, então tinha tudo aqui dentro, tinha uma caixa d'água ali, ó, a água vinha de mina, água de uma mina lá de cima, que a mesma água que você bebia aqui era a mesma que o boi bebia lá, era a mesma que eu aguava a horta, era de uma mina lá em cima, de água purinha, clarinha,

**Tãozico:** (Na casa do Major) Aqui era o meu quarto. Esse aqui era o meu quarto, no meio aqui era quarto de visita, né? Aquele lá era o quarto do patrão, a terceira janela aí era o quarto do patrão e lá, aquela janelinha, lá era o escritório do papai, era lá que o papai sentava mais ele pra fazer a contabilidade da semana, fazer pagamento, cuidar de dinheiro pra pagar, mas era basculante lá. É uns negócio que você não esquece nunca.

**Expedito:** Agora, o que eu não consigo acreditar é que a gente tinha que ir lá na fazenda buscar manga porque não tinha um maldito de um pé de manga em lugar nenhum.

**Tãozico:** Ó, ó o que eu falei pra você, Júnior. Por que será? Ele me perguntou pelo seu pai, ele me perguntou pelo seu pai.

**Creuza filha da Carminha:** Quando nós éramos meninos nós éramos numa pobreza danada, você vê que nós ficávamos correndo de manhã, 5 horas da manhã pra pegar manga e agora...

**Expedito:** Então, mas não tinha manga em lugar nenhum, só na fazenda. Só lá.

**Jr:** Que que o senhor lembra dessa parte aqui?

**Expedito:** Então, aqui é o que eu estava comentando, o meu pai, a gente tinha pasto cada colono tinha um setor, né, pra plantar e dividir o lucro com os patrão e aqui por exemplo onde tá esse milho era uma área nossa, que a gente cuidava com... como parte daquelas... daqueles terrenos liberados pra nós fazer as plantações e na colheita dividir, 2 montinhos pra nós e um pro patrão.

**Jr:** Seu pai Izaltino, chegou a trabalhar aqui, não?

**Expedito:** Aqui, muito! Aquele morrão ali, ó, era tudo cultivado com milho, até lá em cima. Agora, antes de nós mudarmos pra cá a gente morava atrás desse morro aqui, ó, era considerada a tal de Companhia, era uma empresa que tinha canavial, né, e usina de cana lá em Rio Branco, então a gente morava lá, nessa época meu pai só era funcionário da Companhia, a gente não fazia mais plantação, a molecada pequena e era só ele que trabalhava na Companhia. Aí quando nós viemos pra cá ainda tinha aquela... aquele hábito de ir nessa tal de venda que era lá, né? Pra comprar coisas, então às vezes você ia lá, meu pai... a gente tinha de ir na marra, a gente era pivetinho, mas tinha que ir subir tudo esse morrão aqui e virava do lado de lá pra

ir comprar as coisas que meu pai mandava comprar. É uma vida muito sofrida aqui, apesar que nós éramos crianças, né, pra nós era tudo festa!

**Tãozico:** Na chuva, entendeu? Então era aquele negócio, e depois eu estava falando com o Júnior, tinha que sair longe pra comprar mandioca, você morar num lugar desse aqui e você ter que comprar mandioca...
- Uma terra boa dessa, né?

**Todos visitando onde era a sede da Fazenda Santa Maria:**

**Tãozico:** (Na sede da fazenda Santa Maria onde tinha o manguezal) Aqui, ó, deixa eu te falar, essa área aqui, ó, você pode filmar e falar com seu pai, essa área aqui é a área que a gente... né, comadre Carminha? Secava café, era a área que a gente... mais pro canto de lá a gente batia feijão, né? Era daqui até naquelas árvore ali.



**Tia Carminha:** Inteirinho, o terreiro de secar café ia até naquelas árvore lá.

**Tãozico:** Até naquelas árvores lá, e tinha uma parte aqui embaixo que era onde que a gente batia feijão na época da colheita. Isso era tudo cimentado, aqui era tudo cimentado pra não pegar... areia, né, no café, nas... o feijão não sair com sujeira, daquela árvore até aqui isso aqui era uma quadra de... cimentada pra fazer... pra secar o café e o feijão, aqui era a sede, ó, aquele cara que nós fomos lá, aquele cara que nós fomo lá comprou lá por 20 mil, aí depois comprou o resto tudo aqui. e desmatou tudo. Você ainda lembra do mangal ainda? Quando você veio tinha? Tinha o mangal aqui ainda?

**Júnior:** Não sei se eu lembro.



**Tãozico:** Um mangal total né tia, aborrece a gente, né? Voltar aqui.

**Tia Carminha:** Aqui era o portão, ó.

**Expedito:** Aquele portãozão que a gente entrava.- Aborrece a gente voltar num lugar, não é?
- Depois que a gente vem dói mais.
- Dá uma tristeza ver aquela alegria.

**Tia Carminha:** Aqui só sobrou o pé de sapoti, ó, não sei como é que não cortou ele também.
- É, o sapoti tá aí, ó. É.

**Tãozico:** É, o sapoti ele deixou, ó. A única coisa que sobrou. Por enquanto, né? Qualquer hora ele passa na motosserra também. E a turbina, tá aí, não?

**Tia Carminha:** Eu não sei se eles tiraram ela, eu estou achando que eles a cortaram.
- Tem gente morando aqui?
- Tem, tem um rapaz que mora aí.

**Tãozico:**
Tiraram memo, era aqui, ó. A turbina era aqui, ó.
- Então, a fazenda...

**Tia Carminha:** Você lembra do pé de jaca?

**Expedito:** Também, era mais ou menos na beira do rio, né?

**Tia Carminha:** Ele derrubou as árvores todas, ele não derrubou o pé de jaca não, tem duas jacas lá. Ele... então as árvores, eram muitas que ele derrubou, não cortou as árvores, o pé de jaca caiu tudo assim, ó, desbrotou tudo, caiu os galhos. É, que era muito grande o pé de jaca. Desgalhou, quebrou tudo, que eu falei "ih, agora acabou o pé de jaca", aí o toco brotou lá. Brotou e agora tá dando jaca de novo.

**Expedito:** Então, tia, mas aqui não vinha uma água que vinha lá da outra fazenda passand o aqui?



Fruta denominada Sapoti

**Tia Carminha:** Vinha. Ih, meu filho, aquilo acabou há muitos anos. Acabou há muitos anos?

**Expedito:** E aquela, essa área aqui então era tudo pomar, né?

**Tia Carminha:** Era.

**Lourdinha:** Nossa, mas tinha tantos pé de jabuticabas aqui quando eu vinha aqui.
- Nossa, era tudo pé de jabuticaba.
- Mas era um jabuticabal...

**Expedito:** Que coisa, né?



**Júnior:** O senhor lembra desse sapoti aí?

**Expedito:** Nossa! Lembro. Comia muito dessa fruta aí. Essa fruta, depois que ela tem que estar bem madura, né? Aí ela é docinha pra caramba, uma delícia. Agora não é época não, né? (Fruta predileta da Minervina)

**Olga:** Eu achei abóbora! Não tem cobra aqui não, né, tia?
- Não tem gente morando nessa casa não?
- Tem um rapaz.
- Ó, então, a casa aí tem dono.

**Expedito:** E onde que era aquela casa de máquina?
- A máquina era ali.
- Que gerava energia pra cá?
- Ah, era aqui.
- É aqui, né?




**Tia Carminha:** É aqui, o cômodo ainda tá ali, ó.

**Expedito:** Lá embaixo tinha um açude, eles canalizavam a água pra cá e vinha pra gerar energia aqui pra fazenda.

**Tãozico:** Ali, ó, aí a cozinha ali.

**Tãozico:** O meu pai trabalhava aqui, fabricando a cachaça
aqui embaixo.

**Expedito:** E aqui que tinha os bois que fazia rodar o... o moinho.
- Não, aqui não era boi não.
- Era cavalo?

- Aqui era na base da lenha.
- Não, mas tinha que... moía cana sim com boi aqui.
- Moía cana.
- Com boi não.
- Com boi sim senhor!
- Com boi não. Era na base da lenha.
- Ah, é?
- Era na base da lenha.
- Aí, ó, eu acredito no Tãozico.
- Era na base da lenha.
- Era motor na base da lenha?

**Olga:** Ô tia, tinha boi aqui que rodava aqui moendo cana ou não? Era com boi?

**Tia Carminha:** Tocado a boi não. O boi só puxava no carro de boi.
- O boi só buscava a cana pra cá.
- Ai, nunca teve não?



**Tia Carminha:** Ó aqui, ó, vocês viram a turbina aqui?
- Mas aqui que que é?

**Tãozico:** Né, o seu marido mais o Antero eram os carreiros que buscavam cana e jogavam aqui, isso aqui era tudo feito na lenha.

**Tia Carminha:** Ah, Tãozico, agora tá tudo esquecido no meio do mato, não tá dando nem pra gente ver direito. A turbina rodava assim, ó, eles punham o melado aí dentro, ela ia rodando, ia rodando e ela rodava, né, ela rodava e... até hoje se você entrar lá é capaz de você ainda rodar ela, rodava ela assim, ó, ela ia rodando, rodando, rodando até o açúcar... bater o açúcar, o açúcar ficava fininho.




**Expedito:** Que coisa incrível, né?

**Júnior:** Mas ficava marronzinho, né?
- Era a usina da região.

**Tia Carminha:** Aí, a caldeira que eles punham fogo pra tocar o engenho, ó. Isso aí ia na base do vapor, na base da lenha. Ó lá, aquelas... o cabo ali é onde é que abre a porta e ia tacando lenha, tacando lenha e bagaço de cana, aí esquentava, esquentava ali pra tocar... tocava o engenho com a...

**Olga:** Nossa, era umas coisas boas, tudo jogado aí agora enferrujando.
- Acabou tudo.
- Nossa...

**Júnior:** E quem que trabalhou aqui nessa usina?

**Tia Carminha:** Ah, ih! Esse homem já morreu há muitos anos!
- Mas quem que trabalhou junto com ele.
- Da família.

**Olga:** O tio, o papai trabalharam? O papai trabalhou?

**Tia Carminha:** Não, aqui na caldeira?
- Não, né?
- Não.
- E eles vão botando lenha aqui dentro...

**Tãozico:** Funcionava pra rodar isso aqui e pra esquentar aquela turbina lá de trás pra fazer a... a preparação pra fazer a cachaça lá embaixo pro rapaz fabricar lá.
- E tinha aqueles tacho de...
- Era as tacha, né, tacha.



**Tãozico:** E tinha embaixo ali, ó, os cochos.

**Expedito:** Os cochos, isso, pra curtir a garapa. E quando caía um rato lá dentro a pinga saía mais gostosa ainda. (rindo)

**Tia Carminha:** Não dá pra ele filmar essa engrenagem de engenho não?
- O Júnior já filmou.




**Tia Carminha:** Aí lá embaixo ali é onde passava a cana moendo aí. É, aqui moendo passava. É, o moendo rodava ali e a cana...

**Tãozico:** É, a cana passava dentro dessas duas... entra aquela... eu não vou lá não por causa de cobra. Tá vendo aquelas duas coisa ali? Ali era a moenda, a cana passava ali dentro entre uma e a outra ali, ó, e saía... E saía o que eles chamam de garapa, né, o caldo de cana, a garapa saía ali e escorria pros... pros cocho e ia pra lá encher os cocho pra fermentar.

**Tia Carminha:** E o compadre Bastião ficava lá. Lá embaixo. Fazendo a cachaça.

**Tãozico:** Na parte de baixo fazendo a cachaça e lá era caldeira, onde ficava dois homens, né, o dia inteiro jogando lenha dentro daquele troço.
- É, jogando lenha.
- Né? O dia inteiro naquele troço lá.
- O dia inteiro.




**Tia Carminha:** O Tristão, você lembra do Tristão?

**Tãozico:** O Tristão! que mandava a caldeira, né?

**Tia Carminha:** É, o Tristão mandava na caldeira. O João Lino, o Antero e quem que era o outro carreiro? Eram três, não era?
- Acho que eram três.

**Tãozico:** Tinha três carreiro, né?

**Tia Carminha:** É o Antero, o Antero ficava doido pra chegar na nossa bandeira de cana pra pegar a cana.

**Tãozico:** É, que a cana de vocês já era mais preparadinha, mais ligeira.

**Tia Carminha:** E eu já esperando que o João Lino chegasse pra pegar a minha bandeira de cana, eu interessava ele pegar minha cana e o Antero tinha dia que fechava até a cara porque o Antero queria passar na frente pra pegar minha bandeira de cana.

**Tãozico:** Pois é, você sabe que até há pouco tempo eu vi o Antero?

**Tia Carminha:** É? Eu achei que o Antero tinha morrido!

**Tãozico:** Eu o vi até pouco tempo.

**Tia Carminha:** Ele vinha aqui em casa de vez em quando, sumiu!

**Tãozico:** É, a última vez que eu vi, assim, as últimas vezes que eu o vi estava mancando, ele estava com uma bola de cravo no pé, coitado.

**Tia Carminha:** Ih, ele é ruim, ele já tem, faz tempo que ele não andava direito de tanto cravo.

**Jr:** Ali que era...

**Tãozico:** É, ali era a sede dessa área daqui.

**Júnior:** É a mesma casa ainda?

**Tãozico:** É. A mesma casa ainda. Eu vou te contar mais uma história.

**Tãozico:** Júnior, eu vinha, eu falei com você, eu ia pra casa da namorada, eu ia estudar, eu tinha que vir, a hora que eu chegasse eu tinha que vir pra cá pra dormir com o Major, nessa casa que agora não tem mais, conforme estamos vendo né? Isso aqui era milho do lado de baixo e do lado de cima, aqui na frente aqui era um bananal e eles falavam que aparecia uma assombração, aquela época de assombração, e não tinha jeito, cara, eu passava aqui 11 horas, meia-noite, duas horas da manhã pra ir pra lá eu tinha que olhar lá embaixo ver se tinha assombração, mas de medo, não sei, aquela coisa, né? Brincadeira!

Teve um dia nós vindo aqui que eu plantei uma carreira de girassol, até lá, de fora a fora aqui, eu indo um dia, uma hora da manhã, uma lua clarinha! O girassol sequinho, lá vou eu tranquilo, bem ali, ó, na hora que eu chego bem no lugar que tinha que olhar pra baixo pra ver se tinha assombração um maldito de um Caboré em cima do girassol e fez "qué!!! Qué!!!", rapaz...! [risos] Eu quase desmonte, Júnior! Aquele dia pra mim, eu falei "puta... isso que é a assombração", dali pra cá eu falei assim "puta... a assombração que todo mundo vê é isso aí", Você corre é de um bicho vivo, que assombração é coisa morta, existe? Não tem, cara! Aí que no outro dia eu contei, contei lá em casa, eu falei "ó, eu vi a assombração essa noite, era o Caboré em cima do girassol seco", na hora que ele deu aquele grito o girassol chiou. Nossa! Bambeei todinho, cara! A lua estava tão clara que... aí você viu que não existe a tal de assombração, existe o seu pensamento, a sua cabeça é doida em cima daquele negócio, entendeu? Aí era um bananal, girassol, o fundo aí. Então eu só ia trabalhar com o pessoal depois que eu fizesse todo o serviço da parte que tinha ali embaixo, plantar uma fruta, podar, né? Aí que eu ia pra lá pro campo com os outros, fazer o serviço braçal, é onde que o Expedito, você vê o Expedito falando que a gente era privilegiado, e tal, eu fui, eu tive, graças a Deus eu tive essa oportunidade de... ter esse privilégio, né? Aqui eu plantei vários pés de caju, entendeu? Eu gostava de fazer as coisas, então essa área daqui pra cima assim, ó, eu plantei caju, a cerca, da divisa, Júnior, era aquela área, ó lá, você pode ver, ó, aquela área lá, aquilo ali, a divisa era dali pra cá, era o sítio do Major, dali pra lá era do Dr. Joaquim, hoje eles compraram tudo, entendeu? Compraram isso aqui, agora, há pouco tempo eles compraram o resto da fazenda. Eu plantava semente, pegava, na época da chuva pagava a semente, plantava tudo, plantava caju, plantava manga pra ver se saía, entendeu? Eu fazia esse troço aí com o maior prazer o século, ficava o dia inteiro nessas beirada de cerca com... uma cavadeirinha, furava, botava uma sementinha a... eu... eu deixei muita marca aqui, cara! Risos.



# Marta Lino Pinto
# Nascida em 29/07/1958 em São Pedro dos Ferros
# Depoimento em 2011, ao meu filho Júnior.

**Marta:** Júnior, você já deve ter ouvido isso de todos os meus irmãos, né? Que a gente... aquele monte de irmãos, aquela pobreza toda, né? Nossos pais, muita dificuldade e... eu sempre tive, uma relação com o Antônio, não lembro muito da nossa infância porque lembro sempre dele trabalhando, na festa de casamento (2000) dele te contei né? Ele entrava em casa, largava as coisas da escola e ia vender sanduiche na porta da escola, minha mãe fazia sanduiche de carne moída e ele vendia na porta da escola, então eu lembro sempre dele assim, sempre trabalhando. Sempre muito quietinho, muito calado e sempre trabalhando, sempre ajudando e eu me lembro que eu sempre fiquei meio... vamos dizer assim, na cola dele, né? Tanto é que quando nós éramos crianças eu estraguei um gibi dele que ele fazia uma coleção de gibi do Tio Patinhas, do Pato Donald e tal e ele ficou tão bravo comigo, ele foi lá e destruiu a minha boneca, mas ele destruiu, acabou com a boneca. E a minha mãe ficou no meio de nós dois sem saber o que fazer, né? Mas eu sempre fui assim, de mexer nas coisas dele, né? Foi com ele que eu aprendi a gostar das músicas que eu gosto, eu mexia nos discos dele, eu mexia nos livros dele e... inclusive porque o Antônio, eu não sei de onde que saiu isso, né? Sempre aquele bom gosto fora de série, pra tudo que ele fazia. Então por exemplo, eu aprendi a gostar de Chico Buarque com ele, porque ele tinha todos os discos de Ataulfo Alves, Chico Buarque, Noel Rosa, Cartola, toda aquela gente antiga, né? Inclusive tem uma música do Chico que eu gostava muito que eu acho que só ele que vai lembrar dessa música, porque é uma música tão antiga, né? Chama Até Pensei.

Foi a primeira que eu aprendi, que eu não sei se a minha voz vai dar pra cantar, né, que o cigarro acabou com a minha voz, mas assim, que ele falava assim "junto à minha rua havia um bosque que um muro alto proibia, lá todo balão caía, toda maçã nascia e o dono do bosque nem via. Do lado de lá tanta aventura e eu a espreitar, na noite escura a dedilhar essa modinha. A felicidade morava tão vizinha que de tudo até pensei que fosse minha". Então, e daí eu ficava, aprendi todas aquelas músicas, sei até hoje, né? Isso acabou criando um problema pra mim porque depois a gente morava num bairro muito pobre, com pessoas que não tinham muita cultura e eu tinha dificuldade de conviver com as músicas que eles ouviam. E com essa mania que eu tinha de mexer nas coisas dele também eu tenho uma história meio triste, um dia eu peguei uma calça jeans dele, que naquele tempo era calça Lee, ninguém tinha essas coisas, né? Eu não sei como é que o Antônio descolava essas coisas, ninguém tinha, era essa coisa de rico calça Lee, né? E eu peguei a calça Lee dele emprestada, mas como eu sou muito pequena, peguei escondido, e como eu era muito pequena eu peguei a calça e eu... coloquei um monte de alfinete na barra da calça pra servir pra mim, pra eu poder usar, e só que eu esqueci depois, quando eu tirei a calça e pus pra lavar eu esqueci de tirar os alfinetes e a minha mãe machucou todinha a mão dela, eu só escutei os gritos da minha mãe no tanque e eu tenho um remorso disso até hoje, eu nunca mais peguei a calça Lee dele escondida! [risos]

Então, eu mexia nos livros, né? Inclusive eu tenho um livro aqui que eu trouxe que foi o único que sobrou, né, daquele tempo, de quando eu era criança, eu era apaixonada por esse livro, era dele, né? E aí a

Marcela se apaixonou por ele também, ó, tá todo rabiscado, tá vendo? Ó, todo rabiscado, que a Marcela adorou também esse livro quando ela nasceu, ó. E eu tenho, de todos os livros que eram deles, né, que eu acabei pegando pra mim esse daqui ficou, né? Porque eu, volta e meia eu faço uma limpeza na biblioteca e doo todos os livros que estão lá, mas esse daqui ficou porque a gente gosta muito dele e a Marcela gostou dele, gosta dele até hoje, ele ficou, de herança pra Marcela esse livro, eu não sei nem se ele lembra desse livro, Os Sonetos, eu me deitava no chão e ficava lendo, aqui tem Olavo Bilac, "ora direis ouvir estrelas... Estás louco, tresloucado amigo", tem tudo isso aqui, né?

Então ó que legal, Antônio, isso aqui era seu e eu procurei um outro livro também, eu não achei, eu não sei se eu já dei pra alguém, mas que foi um livro que você me deu quando eu era criança, que eu amava aquele livro que foi o Alice no País das Maravilhas, eu quase decorei aquele livro de tanto que eu li, né?




E tinha uma coisa mesmo de eu ficar... te copiando, né? Lendo as suas coisas, procurando e eu lembro que você percebeu esse meu gosto pela leitura e daí você queria que eu estudasse numa escola que tivesse biblioteca, eu nunca esqueço disso, né?

E a gente era muito pobre, mal podia estudar, né? Eu lembro que naquela época, na nossa época de infância, a pobreza era... a gente era tão miserável, né, que ficava sentado eu e o Luiz ali na casa onde o Luiz mora, (Rua Hedi 105) e foi a nossa primeira casa própria, a gente ficava sentado ali nos degraus ali do portão sentindo o cheirinho do café com leite, do pão com manteiga que vinha da casa dos outros, com uma fome danada e a mãe... plantava no quintal ao lado que era terreno baldio, ela plantava mandioca, plantava couve, não sei o que, aí ela cozinhava lá umas mandioca pra gente, a gente comia e assim ia vivendo, meu apelido era Saracura, né, sempre, porque eu era muito magrinha e... tinha umas perna muito comprida, a barriga grande e então vocês me chamavam de Saracura desde pequenininha. Porque também eu era muito doente, vivia... eu não sei como é que eu sobrevivi. Foi... foi um milagre assim, né? E daí eu lembro mais da nossa... da minha adolescência assim perto de você. Com essa coisa de pegar suas coisas, de ler... você saía pra trabalhar eu pegava seus livros, eu pegava, como eu já falei. E daí, quando você se casou, que você foi embora de casa... ah, antes disso, também tinha uma coisa de você... você me protegia muito, né?

Então era você quem procurava emprego pra mim, eu não sei se você vai lembrar disso, que você pegava O Estadão, naquele tempo tinha muito emprego e você recortava os melhores empregos e me levava, né, no seu carro até mais ou menos perto de onde era o emprego pra eu ir fazer a entrevista. Aliás, o meu primeiro emprego, (1971) foi junto com você, você me levou pra trabalhar na VEF e o meu chefe era o Denzil, que é uma pessoa que você gostava muito e eu era bem novinha, tinha 12 anos ainda quando eu fui pra esse emprego e fui levada pelas suas mãos. Então você também me encaminhou assim, nessa coisa do trabalho, tem muito a ver com você a minha questão com o trabalho, né? Você recortava, passava o domingo lá recortando as vagas, aí me levava, eu ia com você de carro, né, de manhã trabalhar, eu tinha uma preguiça horrível, de acordar de manhã, aí ia dormindo no carro, chegava na... perto de onde você ia me deixar você me cutucava, eu não acordava de jeito nenhum, era um horror.

E... e daí finalmente você se casou, que foi uma coisa que... essa é uma parte triste da história, né? Porque tinha uma coisa, eu não me lembro se você me prometeu ou se eu imaginei isso, eu não sei o que aconteceu, mas eu... é... lembro que você falou pra mim que quando você se casasse você ia me levar pra morar com você e quando você casou eu fiquei naquela expectativa de ir morar com você. E... só que daí, ãhn... eu sei que você me levou uma vez pra lá pra ajudar a Regina, que a Regina estava grávida (1978) e precisava de ajuda em casa, estava meio atrapalhada e tal, aí você me levou e eu acho que eu entendi que eu estava indo morar com você, né? Que eu ia morar lá naquele apartamento, né?

E não era isso, eu fiquei alguns dias lá e você me trouxe de volta e... com muita delicadeza, né, você falou pra mãe que... que eu não podia ficar lá com vocês, que tinha aquela questão da privacidade do casal, vocês eram um casal recém-casado etc., não podia ficar lá com você, né? E esse foi um dos dias mais tristes da minha vida, né, assim, eu chorei acho que uma semana inteira sem parar, não tinha nada que me consolasse, né? Eu queria ir com você. Eu tinha essa... acho que meu espírito sempre foi muito ligado ao seu e depois você casou, vieram as crianças e tudo mais, né, depois você se separou da Regina e essa foi a parte... uma parte, extremamente dolorosa da nossa história juntos, nessa época eu já era moça, já morava sozinha, morava num apartamento ali na Bela Vista e de repente eu fiquei sabendo que você tinha se separado da Regina e que você estava num hotel, né? Aí eu liguei pra você e falei pra você ir lá pra casa, que você não ia ficar em hotel coisíssima nenhuma.




E aí você foi pra lá e você chegou lá, você chegou com uma sacolinha na mão, né? Você tinha uma sacolinha na mão e você estava com uma tosse que não passava com nada, nada. Você tossia, tossia, tossia, tossia e quando eu vi aquilo eu não sabia o que fazer, eu me tranquei no banheiro e eu fiquei mais de uma hora chorando, eu chorei tanto e eu via você sentadinho ali no sofá com aquela sacolinha na mão, sabe, aquilo pra mim foi... partiu meu coração. E... e eu tentei na época, fazer de tudo pra que você ficasse bem, eu lembro que a gente ficava até tarde, conversando, tomando vinho, você levou um monte de vinho pra lá, a gente ficava tomando vinho e aí eu não sabia cozinhar, né? E um dia você levou uns bifes lá de contrafilé e eu enfiei tudo na panela de pressão, você ficou bravo pra burro comigo! [risos] Era uma fase que você estava super sem dinheiro, de repente você arrumou dinheiro pra comprar uns bifões de filé mignon, né? Louco pra comer um filé mignon não, de contrafilé, e eu enfiei tudo na panela de pressão, você ficou muito puto e daquele dia em diante você passou a fazer seus próprios bifes! [risos] E nessa época a gente conviveu muito, a gente conversou muito, você se abriu muito comigo, né? E tem uma parte engraçada, que a Claudine não nos ouça, né, mas nessa época você namorou algumas das minhas amigas, até as mais tímidas. E daí depois... e nessa época foi legal pois eu pude conviver muito com as crianças, porque você estava separado da Regina e você não tinha muito jeito com as crianças, né?

Então você levava eles no final de semana pra minha casa e eu que cuidava deles, então eu convivi muito com a Janaína e com o Júnior nessa época, eles eram muito fofinhos, eles eram muito divertidos e... eles tinham, o Júnior tinha uma imaginação assim que... era fora de série, ele inventava umas brincadeiras que eram incríveis, uma vez ele inventou uma história de uma formiguinha, que a formiguinha, ela tinha um exército de formigas e esse exército de formigas obedecia tudo que ele mandava e não sei o que e aí o júnior falou pra Janaína: “olha, eu sou o chefe das formiguinhas, agora você deita no chão aí que eu tô te mandando!”, aí a hora que ela deitou no chão “agora o meu exército de formigas está todo em volta de você”, a hora que ela deitou no chão ele fechou a porta da cozinha, trancou ela lá dentro e saiu correndo e ela ficou gritando que nem uma louca dentro da cozinha de medo das formiguinhas que ele inventou, mas era assim, era uma figura e ninguém sabia cozinhar naquela casa, morava eu e a Lina, você lembra da Lina, né? E a gente não sabia cozinhar e teve um dia que a gente... a Lina fez lá um bacalhau, colocou em cima pra menina comer, né? E... a gente passeou muito com as crianças, nós os levamos no Play Center e aí você jogava tudo nas minhas costas, então eu que tinha que ficar indo nos brinquedos com eles e eu tinha pavor de altura, aí um dia nós subimos num aviãozinho, eu e o Júnior, né? Fomos no aviãozinho e a porcaria do aviãozinho subia pra caramba e ficava dando volta e o Júnior curtindo pra caramba, aí ele virava e segurava em mim e falava “tá com medo, tia? Tá com medo, tia?” e eu “não, a tia não tá com medo não! Não, imagina!”, aí o aviãozinho ia lá na casa do chapéu e voltava, eu quase morri em cima daquele aviãozinho, né? Então curti muito as crianças nessa fase, e sofri demais com o seu sofrimento porque você estava muito perdido, muito apertado financeiramente e eu lembro que você tomava o ônibus e descia dois pontos antes

da Talent para as pessoas não perceberem a situação financeira que você estava passando porque você trabalhava com a parte de finanças, as pessoas podiam pensar alguma coisa a seu respeito, então você descia dois pontos antes, que era pra manter as aparências e eu sofri muito nessa época porque o meu espírito era muito ligado ao seu, né? Então doía em você, doía em mim, eu ficava fazendo café com manteiga pra você, pra parar aquela tosse e não sabia mais o que fazer, né? Aí depois você foi morar sozinho, que era natural, alugou um apartamento ali na Augusta e a gente continuou amigo, continuou se vendo, continuou bastante próximos, né?

E... depois veio a Marcela, você sempre ao meu lado, nós fomos pra Fortaleza, eu lembro que nós fomos pra Fortaleza e eu estava grávida da Marcela e eu não tinha coragem de contar pra você que eu estava grávida porque eu fiquei com muita vergonha. A tantos anos atrás uma mulher ficar grávida solteira era um negócio meio complicado e eu não tinha coragem de te contar e a gente foi pra Fortaleza, você me convidou pra ir, a gente passou 7 dias lá e teve um momento que você olhou pra mim e falou assim "e essa barriga aí, hein?!", e eu não respondi, né, eu fiquei quieta, eu falei "é barriga de chope", aí depois eu pedi pra uma amiga minha ligar pra você e contar que eu estava grávida, não sei se você se decepcionou ou não, mas você sempre ficou do meu lado, nunca me desamparou, pelo contrário, me ajudou pra caramba, eu tenho aqui... separei umas fotos aqui, então aqui você, ó, eu, você e a Marcela, no apartamento lá, ó você aqui no batizado da Marcela, junto com os meus amigos.

Olha eu aqui sentada no sofá verde, porque você foi uma vez lá em casa e eu não tinha sofá e eu estava com uma barriga enorme já pra nascer, né? Então era uma dificuldade, eu tinha que ficar de gatinho pra depois se levantar, aí acho que no dia seguinte ou dois dias depois chegou esse sofá verde lá em casa. Aí... esse sofá, nossa, usei até... a morte. Ó você aqui de novo, ó você aqui com a Marcela no colo... né? Então sempre perto de mim, né? Sempre junto de mim e... eu seguindo esses exemplos e tudo e...se eu... se eu pudesse falar alguma coisa assim pra você, eu queria te agradecer, né, se eu fosse agradecer pra você por todas as coisas que rolaram entre a gente eu acho que ia ficar muito comprido, então eu escolhi três coisas pra te agradecer.

Escolhi três coisas pra agradecer, porque eu por você só tenho gratidão, eu me lembro que uma vez quando eu era pequena, porque quando eu era pequena eu apanhava de todo mundo, né? Porque eu era a mais nova, então família mineira os filhos mais velhos têm direito de bater nos filhos mais novos, então eu apanhava de todos, mas você me bateu só uma vez e você me bateu com razão, você me juntou numa cadeira e me encheu de tapa porque eu não queria ajudar a mãe a lavar a louça, mas eu não tenho mágoa de você por isso não, tá? Eu vou te contar uma verdade, nem doeu! [risos] Então se eu tivesse que te agradecer por tudo que você representou na minha vida. A importância que você teve pra mim, da influência que você teve na minha personalidade, na minha vida, eu escolhi três coisas pra te agradecer, então a primeira coisa que eu queria te agradecer é pela casa, porque eu sou um bicho que precisa de um casulo, o meu espírito, ele é assim, eu tenho necessidade de ter uma casa, de ter um canto, eu sou muito pra fora, mas eu tenho momentos que eu preciso ficar pra dentro e a casa pra mim é algo fundamental no meu equilíbrio emocional, eu passei um aperreio danado aí sem emprego, sem condições, você sabe muito bem disso, com a Marcela pequena debaixo do braço e aquela casa, ela... aquela casa da Romelândia, onde eu morei com a vó, aquela casa, ela foi tudo pra mim, sabe? Ela foi a... razão de eu ter conseguido manter o equilíbrio emocional, né?



Inclusive eu e a Marcela, a gente sempre teve o hábito de uma vez por semana a gente fazer o que a gente chama de Evangelho no Lar, né? A gente lê um trecho do Evangelho, comenta, faz uma prece, agradece as coisas e durante muitos e muitos e muitos e muitos anos, quer dizer, durante todos os anos que nós moramos naquela casa nós agradecíamos a você pela casa no final de cada Evangelho no Lar, a gente, com os olhos fechados dizia: "obrigada pro tio Antônio por essa casa maravilhosa que nós moramos e que nos abriga", então eu queria te agradecer muito por aquela casa, aquela casa... o dia que eu vendi ela eu fiquei sem... sem chão, mas eu... quadrupliquei ela, né? Você sabe disso, né? Então, é... eu queria te agradecer pela casa. Pelo



ingresso do Fantasma da Ópera por que parece uma coisa... tão inexpressiva, mas significou tanto pra mim assistir aquele espetáculo porque já fazia quase 10 anos que eu estava no purgatório longe de qualquer atividade cultural, sem dinheiro pra nada, desempregada, fazendo um biquinho aqui, um biquinho ali, passando tudo quanto era aperreio e, de repente, sabe? Eu me transportei pra um outro mundo dentro daquele teatro. Eu sei que você não mandou aquele ingresso só pra mim, que você mandou para todos os irmãos, mas pra mim significou demais, demais, demais, demais, demais. Eu tenho o ingresso guardado até hoje, pra você ter uma noção, né?

Aquilo ali, levantou a minha autoestima, me fez acreditar de novo que eu podia me reerguer daquela situação que eu estava, foi muito significativo pra mim e eu sei que você deu pra todos os irmãos, mas só eu tive a honra de assistir sentada do seu lado. Então foi muito legal, eu não fiquei chorando lá que nem uma louca, mas eu chorei uma semana sem parar depois daquele dia do Fantasma da Ópera, tá? Eu queria te agradecer muito, pode parecer pequeno pra você, mas pra mim foi muito grande. E a terceira coisa que eu queria te agradecer é tudo que você fez pelos nossos pais, né? Eu acho que o que você fez por eles, não tem preço, sabe? Tá guardado no coração de cada um de nós, é... eu sei as dificuldades que você enfrentou pra poder dar todo aquele tratamento pro pai e pra mãe, né? Pra poder suprir todas as necessidades deles quando eles estavam doentes, a sua paciência, o seu carinho, né, eu lembro que minha mãe tinha tanta confiança em você, né, que um dia ela... eu cheguei lá, ela estava nervosa, cheguei lá no hospital, no Sírio-Libanês, ela estava nervosa, estava chorando e o médico estava lá e ela estava muito nervosa e ela falou "Marta, eles querem cortar minha perna!", aí eu falei "que isso, mãe?", porque ela estava com aquela infecção lá que não sarava, no dedo, né? E já tinha sido operada e tudo, e aí eu sei que ela virou pra mim, enfrentou o médico, olhou bem na cara dele e falou "o meu filho não vai deixar você cortar a minha perna. O meu filho não vai deixar", né? Então era assim... foi muito legal isso aí tudo que você fez por eles, né? É... eu tenho isso guardado no meu coração. Tem muita coisa, né, pra gente... falar, mas vamos encerrar.

**Júnior:** Ah, já?

**Marta:** Você quer perguntar mais alguma coisa?

**Júnior:** Eu queria que você contasse a história do filho bom.

**Marta:** Ah! A história do filho bom! Então, essa história, ela rola na família, né, desde que eu me entendo por gente, né, foi minha própria mãe que contou essa história, pra gente. Então diz que quando a minha mãe engravidou, a minha tia Niguita ficou muito puta com ela, né? Era engraçado a minha tia Niguita ter ficado puta, porque a mãe teve 11 filhos e a tia Niguita teve 14! Então eu não entendo por que que ela achou ruim que a minha mãe engravidou de novo, né? Então diz que a tia Niguita comeu o rabo dela, no português claro, né? "Cê tá grávida de novo?! Cê tá louca?!" e ela respondeu pra minha tia, "quem sabe eu não vou ter um filho bom?", e eu já escrevi isso naquele texto, né, no dia do casamento, que eu acho que os anjos passaram por ali na hora e disseram "amém", porque realmente, essa profecia se cumpriu. Você foi um filho bom, um irmão bom, um tio bom, um pai bom, um amigo bom. Tudo de bom. Ponto com.




# Luiz Lino Pinto
# Nascimento: 14/08/1954 – Falecimento 31/08/2015
# Depoimento ao Júnior em 2011

**Júnior:** Tio Luiz, você ficou pouco tempo lá, em Minas, né?

**Luiz:** É, eu fiquei pouco tempo.

**Júnior:** Até que idade você ficou lá mais ou menos no sítio?

**Luiz:** Não sei não, eu acho que... até a... 65, 10 anos eu acho. 10, 11 anos acredito, mais que isso não, porque a gente veio pra São Paulo uma vez, depois voltamos pro Paraná, do Paraná, nós ficamos lá em 64, 65 parece. E de lá pra cá... eu acho que eu tinha 8 anos quando eu vim de Minas. Dos irmãos eu sou o mais desligado. (Chegamos de Minas em junho de 1963 em SP e moramos em 1966 no Paraná. O Luiz tinha 9 anos quando chegou em SP, pois nasceu em 1954).

**Júnior:** Mas o senhor lembra dessa época alguma coisa lá no sítio? Por exemplo, de brincadeira de criança...

**Luiz:** Não, a gente tinha... no Paraná a gente trabalhava, né? Não tinha muito o que brincar não, porque o sítio era... tinha a parte que meu pai que cuidava, né? Então a gente tinha que ir pra roça. A gente não, eu... eu não ia, ia os meus irmãos, né? O Antônio por exemplo, mas era mais trabalho mesmo, trabalho e escola bem... que era bem ruim, né? A Olga que era professora, por sinal, e essa época foi uma época muito difícil, até que a gente aguentou, foi na época da ditadura parece, 64, 65 lá. E teve uma tremenda de uma geada, (1966) matou todo o cafezal, né? Tudo quanto era planta matou e aí a gente acabou voltando pra São Paulo, foi nessa época que nós quase perdemos o Antônio, né? Que essa história eu acho que todos já contaram, que ele ficou em coma e gelado, né?

**Júnior:** Não, pode contar.

**Luiz:** Uma geada terrível, né? 64 (Julho de 1966) parece, e ele foi buscar lenha pra minha mãe pra pôr no fogão e não voltou, né? Aí saiu todo mundo atrás dele e ele estava no meio da roça lá no que chama carreador, né? Que é o caminho da roça, congelado com o tronco de lenha, puxando pra levar pra casa, e aí a gente... pegaram ele, levaram pra casa e tal, descongelaram ele, né, literalmente... essa é uma das histórias que eu lembro bem, né? De resto foi só trabalho mesmo e... e depois voltamos pra cá, aqui sim que começou a gente a andar pra frente, né?

**Jr:** Mas lá, a diferença do senhor pro meu pai é pouca, né? Qual que é a diferença de idade sua pro meu pai?

**Luiz:** Deve ser 2 anos, né? 2 anos. Ele vai fazer 60, é isso?

**Jr:** Então você e ele chegaram a brincar juntos, assim...

**Luiz:** Não, meu irmão não tinha muita brincadeira com ele não, porque na nossa... geração sempre tem um irmão mais velho, né? É escadinha, não é isso? Então o mais novo sempre sofria as consequências, não

tinha esse negócio de brincar não. Não... existia mais era tomar conta do menor, né? E ai se não obedecesse, né? A gente tem o Zezito, por exemplo, que é o todo poderoso, né? Qualquer coisa que a gente fizesse ia lá "não, vou chamar o Zezito", minha mãe e meu pai falavam, aí pronto, aí a gente ficava quietinho. Então é a hierarquia, né? O mais velho mandava até no caçula que sofria tudo que tinha direito. Mas não havia briga, não havia, mas também não tinha brincadeira. Brincadeira era com os vizinhos, né? Na escola, mas coisa sem muita lembrança. Mas do Paraná eu me lembro um pouco, Minas já não lembro muito a não ser o falecimento da minha irmã que morreu envenenada, também lembro bem pouquinho dela, que seria entre mim e a Marta agora, né? Mas só essas dificuldades de interior mesmo, né? Não tem muito o que contar, passar fome mesmo, comia o que tem, né? Comia o que planta, quando dá, né? Que até hoje ainda acontece isso, graças ao descaso, né? E a gente comia o que tinha, não tinha muita coisa pra comer plantava e comia e era isso, nós nos virávamos com verdura, legumes, é... arroz, era tudo plantado, era tudo produzido lá mesmo no sítio, né? Às vezes você comia um frango, mas bem difícil.




**Jr:** Como é que é a história que cada um tem um pedaço do frango?

**Luiz:** É, então, cada um tinha a sua preferência, né? Os pedaços melhores era pros mais velhos, né? Tinha a fama que meu pai era o peito, minha mãe gostava... acho que era do pé do frango parece, não é que ela gostava, né, é que ela deixava os melhores pra nós, então ela falava que gostava. O pescoço era essas coisas.

**Jr:** O do senhor era o quê?



**Luiz:** Ah, não lembro. Eu acho que o... eu não lembro não. É, na verdade era o que vinha, né? Mas meu pai não, meu pai era o peito, não tinha jeito.

**Jr:** E o vô era muito bravo? Como é que ele era?

**Luiz:** O meu pai, ele não era bravo, ele era... meu pai é de uma geração que... tinha que haver obediência, né? E como que era obediência? "Fulano, faz isso", tinha que fazer, não importa se era certo ou se era errado, isso vinha da educação que ele recebeu dos... dos meus avós, bisavós, coisa de geração mesmo. Mas bravo, bravo ele não era, na verdade o meu pai era uma... era um sonhador, né? Ele se imaginava muito, é... como dono do sítio, como fazendeiro, né? Então ele criava aquelas fantasias todas na cabeça dele e ele fazia como se ele fosse um coronel daqueles tempos, né, que era... o dono da fazenda, do sítio, né? Então às vezes ele agia como se fosse um, né? E ele era... ele batia, né? Porque não tinha jeito, qualquer desobediência era vara, não conhecia outro sistema, não conhecia diálogo, eu lembro de uma surra que eu levei dele que até hoje eu não esqueço, mas eu também mereci, tem que ver isso, né? Não apanha de graça, alguma coisa você fez, né?

**Júnior:** Que que foi a molecagem que o senhor fez?

**Luiz:** Era molecagem, eu tinha tacado uma pedra na minha irmã e machuquei ela, aí ele passou o cacete mesmo, bateu à vontade. E a gente tinha que obedecer, né? Mas ele é... não era uma pessoa ruim não, eu acho que eu... eu penso que ele era mal-educado, por exemplo, eu nunca bati nos meus filhos e nem pretendo, e acredito que meus filhos não vão bater nos meus netos, então... né? Faz parte da educação que cada

um, né, das gerações, essa coisa tem que acabar, essa violência, né? Na minha casa não existe isso, de jeito nenhum, aqui todo mundo... é uma democracia incrível. Não tem... não se fala em... brigas, discussões, tudo se discute, se resolve, né? Nunca usei de violência com eles nem quando eram pequenos, nem agora, então existe muita amizade, na época do meu pai não tinha isso. Se falava, era o pai que falou e pronto, acabou, não tinha que discutir. Então eu levo isso, eu penso que isso era má educação, falta de... de instrução, né? De escola.

**Jr:** O vô tinha ambição assim, de ganhar dinheiro, de....

**Luiz:** Não. Não, meu pai...

**Jr:** Essa história dele ser dono da fazenda...

**Luiz:** Não, ele não tinha ambição, coitado, ele não... ele trabalhava durante o dia, à noite ia descansar e no dia seguinte começava tudo de novo, essas fantasias ele... ele inventava aqui mesmo, a gente viu, muitas vezes pegava ele gesticulando, falando sozinho, né? E quando ele conversava com algumas pessoas, com os vizinhos amigos dele, ele contava essas histórias mirabolantes e eu... ouvia, né? Contando essas coisas.

**Jr:** O senhor lembra de alguma dessas histórias?

**Luiz:** Não, o que eu mais lembro é sobre sítios, né? Que ele contava aquelas coisas de... que ele tinha isso, que ele tinha aquilo, né? Que "eu toquei uma lavoura com não sei quantos pés de café", tudo meia verdade, meu pai era pouco ambicioso. Depois que a gente veio pra São Paulo, as coisas foram melhorando, que também ele parou com a bebida, aí passamos a ser amigos e tudo. E foi quando eu comecei a trabalhar, que as coisas começaram a mudar, aí foi criando um ambiente mais família, mais familiar. O Antônio também já foi... foi saindo fora, foi crescendo, então a mentalidade começou a mudar, esse meu irmão que é o Zezito, que a gente tinha medo, hoje a gente bate nele se for preciso, né? Acabou esse negócio aí dessa... desse tal de ficar mandando, né? Mas de interior assim, não tenho muita lembrança não. (O Izaltino trabalhava muito e era sim, ambicioso no sentido de progresso e bem-estar para os filhos, o que talvez ele não tivesse era sorte para conseguir algo melhor).




**Jr:** E a vó como é que era?

**Luiz: A vó é... cada um tem uma visão dela, né? A vó era uma pessoa... é... ela era boa, realista, né?**

**Ela não tinha esse negócio de ficar sonhando não. É... como que eu vou exemplificar isso? Pra te dar uma ideia, era assim, ó, hoje tem um pão, nós vamos cortar em 5 e fim de papo, não tem essa que daqui a pouco vai ter não, porque não vai ter. Então ela era bem assim. Por outro lado, em todas as dificuldades quem resolvia era ela, né? Ela que dava o jeitinho dela, ela saía, ela conseguia, ela... se virava. Então ao mesmo tempo que ela era uma realista, por ser assim, bem real mesmo a vida dela, ela... as atitudes dela ela procurava, é... resolver aquela questão e ela tinha um hábito interessante que eu nunca me esqueço, quando dava mais ou menos 6 horas, 6:30 da tarde ela encerrava o expediente dela, ela tomava banho, fazia a saladinha dela, tomava a danada (cachaça) e falava pra nós, falava "ó, meu dia encerrou", sentava no sofá assistir novela e logo em seguida dormia, era assim, não tinha... no dia seguinte começava tudo de novo, 5 horas da manhã ela já estava na cozinha e vamos que vamos. Todas as dificuldades do dia ela resolvia, entendeu? E mesmo depois da ascensão do Antônio, do progresso dele profissionalmente, ela sempre continuou a mesma coisa, nunca mudou. Nunca mudou. A gente falava "mãe, você tem um filho assim, assim, não precisa mais", "não...", ela trazia as coisas pra casa, ela ia em fim de feira pra comprar mais barato, ela sempre foi desse jeito, nunca mudou,**

**independente da situação, isso de... conosco, os filhos, com os sobrinhos e com todos, né? De modo geral toda a família, praticamente todos moraram aqui nessa casa, o Expedito morou aqui, a Olga várias vezes, acho que o Zezito não, o Zezito... o João que já faleceu, morou aqui, os meus sobrinhos, alguns sobrinhos, então isso aqui era a casa... de todos nós, né? Eu mesmo, que saí e voltei muitas vezes, a Marta saiu e voltou, então é...(O Zezito morou conosco na Rua Hedi, de 1968 até por volta de 1974)**

**Jr:** Mas quando vocês chegaram em São Paulo, essa foi a primeira casa dela, não?

**Luiz:** Não, em São Paulo a gente morou de aluguel, quando nós viemos de Minas nós fomos morar de aluguel (antes moramos de favor na casa da Tia Santa e Zé Pinto) e logo em seguida veio uma irmã mais velha com todos os meus sobrinhos, que já eram 5 pequenos e mais o meu cunhado, obviamente, e a gente morava tudo numa casa só. Quando veio a crise que... aquele negócio de 64 aconteceu lá, que era uma ditadura violenta, a gente resolveu... a gente não, né? Meu pai e minha mãe resolveram ir pro Paraná, (em 1966) que a gente tinha um tio lá que tomava conta de um sítio e ele ficava cutucando o meu pai, que era irmão do meu pai, pra ir pra lá. E nessa daí a gente foi pra lá, quando voltamos do Paraná nós fomos morar numa casa de um outro tio aqui na rua de cima, tio Zé Pinto, não, a gente morava nos fundos, daí a gente estava... era eu, meu pai e minhas irmãs... acho que todo mundo ali, eu não lembro muito bem não. (moramos na casa do tio em 1963 quando viemos de Minas).

Do Paraná a gente veio morar nessa rua aqui embaixo, aliás, fomos morar numa outra casa na Vila Buenos Aires, depois nós viemos pra essa mesma rua aqui embaixo, daqui sim nós conseguimos comprar aqui. Já nessa época comprando aqui a gente já estava todo mundo trabalhando, né? Eu tinha meu primeiro emprego que, por sinal foi o Antônio que me levou, lá na Socilex, (1968/69) eu era office boy, né? O Antônio ia sair e passou pra mim e eu fiquei lá, nessa daí a gente fez uma vaquinha pra dar entrada aqui nessa casa, eu entrei, o Antônio mandou uma carta pro meu patrão, que era ex patrão dele, ele me adiantou acho que dois salários, se não me engano, hoje seria 200 reais, o outro meu irmão que faleceu tinha comprado um terreno, juntou tudo pra dar entrada na casa, cada um trouxe um pouco de dinheiro e foi feita a compra, aí foi se pagando prestações, não sei quantas... acho que 20 anos, não sei. (Quitamos em 1974, 6 anos depois da compra, em 1968 Quando compramos a casa, eu trabalhava numa mercearia na Av. 9 de julho, dali fui pra Socilex)

**Luiz:** E daí sim a gente foi, começamos a progredir, né? O Antônio foi pra escola, a Marta estudou, eu não estudei, os outros irmãos também já eram mais velhos, também não estudaram, eu não gostava, nunca gostei de escola e a diferença entre mim e meu irmão era essa, né, que eu ia na escola pra comer a merenda, ele ia pra estudar, então aí as coisas começaram a progredir. Aqui eram 2 cômodos e banheiro, aquela parte da sala que você tá vendo aqui onde você tá vendo essa areazinha era um barraco, era de madeira, por onde meu pai com o cabo de vassoura cutucava a gente pra ir trabalhar, né? Que era eu, exatamente eu que era o mais preguiçoso, ele dava um cutucão com o cabo de vassoura pela janela, dava certinho ali e era de madeira, um barraco, a gente dormia os homens ali e as mulheres aqui, que era o quarto da onde tá o Du, que era banheiro... não, era cozinha, banheiro e quarto, era quarto e cozinha, não tinha sala, a cozinha era feita, era pra gente dormir e o quarto do meu pai e minha mãe, depois a gente passou os homens pro barraco e as minhas irmãs ficaram na sala, onde é a sala hoje. Aí eles foram se casando, acho que o Zezito se casou, foi embora, o Antônio também foi morar sozinho, depois foi a Marta, depois fui eu, o João também casou e o João construiu esse cômodo aqui que a gente tá e depois acho que o Antônio fez mais uns benefícios aqui. Nesse tempo todo eu fiquei 1 ano e meio fora, não deu certo, eu vim pra cá de novo, aí foi quando o Antônio começou a progredir, né, no trabalho, aí ele começou a dar apoio pra todo mundo aqui, todo mundo, financeiramente, né? Ele reformou a casa várias vezes com a minha mãe aqui, depois que ela morreu também, a última reforma foi ele que fez e numa outra ocasião ele conseguiu dar uma casa pra cada um, né? (na verdade só ajudei os irmãos a construírem as casas. Dei um terreno para o João, ajudei o expedito na construção, O Zezito se virou sozinho, para a Marta dei a casa da mamãe, o Luiz ficou com a da Rua Hedi,

para a Nilza comprei um apto e para a Olga dei uma casa) Que a minha irmã tem casa, o meu irmão, todos eles têm... um pouco do Antônio e eu acabei ficando com essa casa e... que mais?

As dificuldades... da época, né, era praticamente iguais, dificuldade pra trabalhar, pra arrumar emprego, eu nunca tive estudo, não... sempre andei assim, de uma certa forma, do lado errado, né? Na contramão da coisa e por essas e outras eu sofri um pouco, mas quem segurava toda essas dificuldades, essas coisas erradas que a gente fazia era exatamente a minha mãe, depois, mais pra frente que ela teve o apoio do Antônio, aí as coisas começaram a melhorar pra todo mundo, inclusive pra mim, que hoje eu me considero uma pessoa extremamente feliz devido a isso.




**A minha mãe era a nossa proteção, né? Foi através da bondade dela, da inteligência dela, que era muito inteligente, que a gente conseguiu sobreviver. Se nós não tivéssemos uma mãe como ela e provavelmente hoje a gente estaria pagando aluguel, eu, por exemplo estaria aí, em qualquer canto, os meus irmãos também estariam todos perdidos e essa inteligência toda, essa atividade doida dela, essa coisa de "vamos fazer hoje, não deixa pra amanhã", tudo isso ela... o Antônio herdou dela, né? O Antônio pegou tudo isso dela, o Antônio é... a gente fala que ele tem o coração de mãe, é uma coisa impressionante, mas é igualzinho ela, não tem jeito. As atitudes, o comportamento, até o jeito de falar, né, que ele fala pouco, ela também não era de falar muito, é uma coisa fantástica, ele conseguiu, né, ter tudo isso dela, ele é a xerox da minha mãe, exatamente, não tem... até a cor, né? Que é mais escuro que a gente, uma coisa fantástica.**


Foto nos 60 anos do Luiz
em ago/2014

**Essas duas pessoas, é graça a essas duas pessoas, essas duas inteligências que a gente está aí hoje, né? Eu já estou com 57, tenho um irmão aí com 70 que não foi ainda, tem um outro lá com mais de 68, acho que é 68, tão todos aí. Todos. Eu não tenho... não sou de ficar, é... chorando coisas que passou, não, eu vivo o meu momento agora e, como eu disse, eu sou extremamente feliz, tenho muito a agradecer a muitas coisas, mas sou franco a dizer, se numa família não tiver alguém que tenha um pouco de sensibilidade, de comprometimento, tranquilamente é uma família que não vai dar certo, né? Por quê? É preciso de uma base, tem que ter base, tem que ter estrutura, se não tiver alicerce... dificilmente vai pra frente e nosso alicerce, a nossa base foi minha mãe mesmo, minha mãe e na sequência o Antônio, né? Agora, até hoje é o Antônio que... que mantém essa chama, essa coisa da família unida, né? Então, se não fosse ele nós... acho que... estaríamos cada um por seu lado, eu provavelmente já tinha morrido, né?**

A minha história é muito triste, tranquilamente eu já deveria ter partido já pra outra e com tudo isso, com toda essa pobreza que a gente viveu, todas essas dificuldades a minha mãe, ela conseguiu sobressair pelo espírito, né, de... de perseverança, de bravura dela, que minha mãe era muito determinada, né? Tem casos aqui nessa casa que... que ela resolveu, não tinha jeito, era... nós tivemos um problema com água aqui uma certa vez que ela ligava pra SABESP, a SABESP não vinha, a SABESP não vinha, ela foi lá e quebrou a calçada toda, quando a SABESP chegou falou "ó, o defeito tá aqui, agora vocês arrumem". Então minha mãe era assim, não tinha... ela não ficava esperando o dia seguinte não, era uma coisa... é uma coisa muito,

muito importante, né? Ela resolvia mesmo, não deixava pra depois não. E é isso aí. Agora, pra falar pro meu irmão... eu teria que ir mais profundo, né? Não sei se... tem mais alguma coisa?

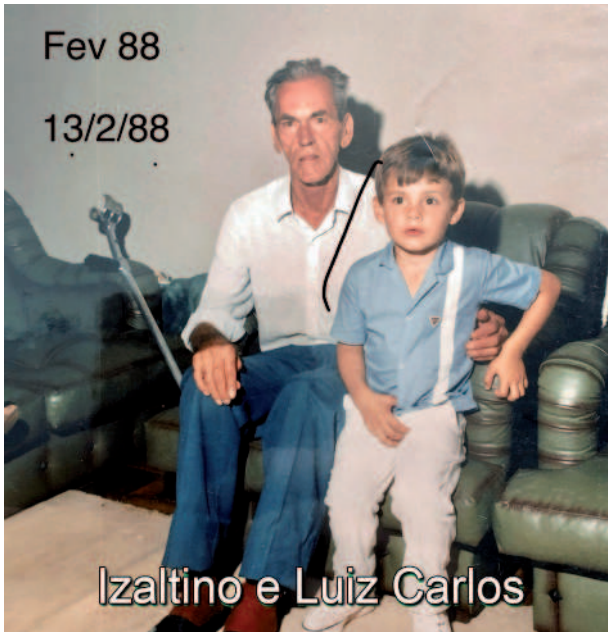
**Júnior:** Não, o que o senhor quiser falar. Se quiser mandar um recado pro seu irmão...

**Luiz:** Meu irmão é uma coisa mais profunda, mas... é mais coisa de irmão mesmo, né? As histórias que eu estive contando é fantástica.

**Júnior:** Conta algumas.

**Luiz:** Conta alguma? Então eu vou mandar. Segura a bronca aí. E aí, mano? Tão querendo que eu falo algumas coisas aí pra você, ó. Sabe que você é meu brother, né? Não tem... não tem.... não tem muita coisa que contar sobre você, mas tem umas história aí meia cavernosa aí, hein, mano? Você lembra daquela loira que você tinha lá na... que você tinha na época de amizade com o Betão? Que a gente era pequeno ainda? 16 anos mais ou menos? Eu tenho uma foto dela com você e o Betão lá na Ponte da Cisper, da Lagoa da Cisper onde a gente ia nadar, era uma loira bonita, a gente ficava de olho naquela loira, meu Deus do céu!

Mas depois não deu certo, né? Porque... a gente não tinha nada, não tinha dinheiro, eu acredito que você não tinha dinheiro, eu também não tinha e eu também não participava, a gente só ficava olhando, né? Eu acho que aquela loira te deixou com falta de dinheiro, mano, não sei não! Se ela tivesse esperado um pouco, né? Loira burra danada! Já era. E aí, você lembra do bilhete premiado da loteria? Que os caras chegaram pra você e falou que o bilhete era premiado e você deu o relógio e o paletó pros cara? E aí você foi receber o bilhete? Melhor não lembrar, né, mano?! [risos]




E aquele assalto lá da mecânica, hein? Foi mais recente, o Júnior já era nascido, já estava tudo bem né? Aquele assalto foi triste, hein, mano? Ó! A gente tinha ido no bar, voltamos, a porta da oficina estava à meia-porta, você já tinha me falado pra não deixar meia-porta, você e o Gaúcho chegaram mais tarde na hora de fechar e naquele dia não foi diferente, quando você chegou estava meia-porta da oficina, você entrou pro escritório, o Gaúcho foi pro boteco, a gente foi também, nós voltamos, o Gaúcho ficou. Quando nós voltamos assim que entramos pra dentro do escritoriozinho lá eu me sentei na mesa do escritório... aliás, você sentou na mesa do escritório e os caras entraram logo em seguida e renderam nós dois. Naquele dia o Gaúcho estava com o pagamento dos peões dele lá da obra, né? Então a bolsa do Gaúcho estava cheia de envelopes de pagamentos e os caras renderam nós dois lá dentro, um deles puxou a correntinha, a aliança que você tinha, o outro ficou da porta apontando o revólver pra mim e o outro que tirou a sua corrente estava com o revólver na sua cabeça, um revólver branco, né, niquelado, da hora aquele revólver lá. Aí foi quando você teve uma... uma presença de espírito, né, que falou que o Gaúcho estava no bar, falou "uai, meu sócio tá no bar e a qualquer momento ele vai entrar" e o cara que estava apontando o revólver pra mim foi pra porta de entrada e ficou esperando o Gaúcho chegar e o Gaúcho chegou, quando o Gaúcho entrou pra dentro da oficina o cara já veio atrás com o revólver na cabeça dele e mandou ele entrar, o Gaúcho se borrou todo naquela hora, aí eles levaram, né, levaram os pagamento (Os pagamentos eles não levaram, não perceberam que eram holerites, uns 40 envelopes) levaram a sua aliança, levaram a correntinha e... depois foi feita a ocorrência, não sei o quê, não sei o quê, foi tudo... foi uma coisa muito rápida, né? Mas é interessante que dali pra frente... as coisas nunca acontecem por acaso, né? Como já havia umas coisas erradas na oficina, aquele assalto foi a gota d'água pra você eliminar aquele problema, que a oficina era um problema, né?

Dali pra frente você tomou a decisão de sair da oficina e quer queira, quer não, a sua ascensão começou exatamente no dia daquele assalto, que a gente foi registrar a ocorrência, você não quis ir, aí você voltou, você começou a pensar firmemente em se desfazer da oficina, eu não sabia nem trocar um pneu, como até hoje eu não sei, não ia adiantar nada ficar lá, o Gaúcho era um... um amigo também, não era sócio coisa nenhuma e você resolveu então se desfazer da oficina, que foi, na realidade, a melhor coisa, aquela oficina só te deu dor de cabeça e, como eu disse nada é por acaso, o assalto foi exatamente pra tirar você dali e conseguiu, graças aos bandidos, né? (A oficina foi vendida para meu cunhado João Videira, que me salvou do mico, assumindo todas as dívidas. Comprei em julho de 1979 e vendi em agosto de 1981).

Que mais que eu tenho pra te contar? Ah, eu quero te falar, não vou te contar mais história não que eu não lembro muito bem agora, mas depois também não... não é muito bom contar não, melhor ficar quieto.

Eu quero te falar, meu irmão, do seguinte, de... eu vou te falar do quê? De 4 coisas, eu vou te falar de caráter, vou te falar de sorte, eu vou te falar de... que mais? Determinação, né? E vou te falar... é caráter, determinação, sorte e dessa coisa que você tem, que é amizade com todos nós.

**Para se medir o caráter de um homem nós não podemos olhar o que ele tem, o que ele faz, como dirige, como trabalha, o poder que tem, né? O status, quando nós vamos medir o caráter de um homem e fazer algum tipo de julgamento é preciso saber principalmente como foi que ele se levantou, depois daquela queda, né, daquela rasteira enorme que geralmente a gente leva, às vezes por imprudência, às vezes por ser parte mesmo da vida, quando a gente cai aquele tombo violento que se rala todo, é aí que a gente tem que ver como foi que essa pessoa se levantou, né, que ele deu aquela volta por cima, como diz a música, (levanta sacode a poeira e dá volta por cima – Noite Ilustrada) ele consegue sair daquilo, né e devagarzinho vai subindo a escada e chega até o topo, é só analisando como que foi feito isso, como que ele conseguiu dar essa volta por cima que você pode dizer se a pessoa tem caráter ou não, se é honesto ou se não é honesto.**

Eu tenho muito orgulho, mas muito orgulho em dizer que sou seu irmão, porque realmente eu sei como foi a sua luta pra chegar aonde você está hoje. Ainda hoje eu escuto alguém falar sobre sorte, né? Às vezes sai o assunto, falam "poxa, teu irmão teve sorte, né?", eu digo pra essas pessoas que todas as vezes que a sorte bateu na sua porta eu tenho certeza absoluta de que você estava trabalhando. Sorte mesmo... eu não acredito. Às vezes as pessoas falam isso e eu não acredito, porque eu conheço a sua história, a sua vida e sei o quanto foi difícil chegar até aí. Eu tenho duas vidas, uma antes de você e outra depois de você. A minha vida antes de você era uma vida extremamente sem graça porque eu não tinha educação, eu fumava, eu bebia e não era pouco e eu fiz uma série de coisas que realmente... hoje eu não faço mais, depois que eu conheci você eu não faço mais. Eu tenho, hoje tenho 6 cirurgias, a primeira cirurgia foi antes de você, eu estava trabalhando e de repente eu caí dentro do balcão e fui socorrido pelo João, pelos amigos ali, fui pro Pronto Socorro, foi feita a cirurgia da úlcera, onde eu tinha 30 minutos de vida e dez segundos de chance da operação de poder sair vivo, e eu saí vivo, eu vim pra casa e me recuperei, isso foi tudo numa correria sem igual.




Na segunda operação foi... da hemorroida, eu também estava trabalhando quando ela atacou, eu fui socorrido e fui pro hospital, foi feita a cirurgia, eu me lembro que eu saí do Hospital Santa Helena, não tinha acompanhante, não tinha ninguém, era um trabalho feito pelo governo, né, pelo SUS, que nem sei se existia, se era SUS que chamava, devia ser outra coisa, enfim, era o serviço gratuito, né, da saúde, saúde pública e eu saí do Hospital Santa Helena sozinho, recém-operado e eu vim caminhando porque eu não tinha dinheiro pra condução, então eu andei até à Praça da

Sé onde eu trabalhava, dali então eu peguei o dinheiro e peguei o ônibus e vim pra casa. Bom, a segunda cirurgia também foi da hemorroida, que a primeira foi malfeita e foi nas mesmas condições, pelo SUS e sei que foram 3 cirurgias bem sofridas.

Bom, passado algum tempo eu estava trabalhando na Paulista quando você me ligou perguntando sobre os meus dados, que você ia fazer um plano de saúde pra cada um de nós e eu nem sabia que que era plano de saúde, imagina! E eu passei por telefone e, de repente eu recebi carteirinha, meus filhos estavam todos seguros, a Denise, né? E... eu pouco da... eu não entendia bem o que era plano de saúde, eu não sabia que era aquilo, eu já estava velho já, mas não sabia. E depois disso eu tive mais, é... mais uma cirurgia da perna, que eu sofri um acidente, quebrei a perna, eu fiquei 3 meses na cadeira... 1 mês na cadeira de roda, mais 3 meses de muleta, essa perna eu quase perdi, hoje eu uso prótese e... quando do acidente eu fui socorrido, me levaram no metrô mesmo, aquela ambulância do metrô me levou pro Pronto Socorro do Tatuapé e dali era da saúde pública e dali uma enfermeira que ligou pra minha casa e... e a Denise tomou as providências e ligou pra Medial, que é o plano que você fez.



A Medial mandou uma UTI, me levou pra um hospital lá de Moema, Hospital Alvorada e acredite, o tratamento foi tão bom que eu queria ter quebrado a outra perna, ficar mais um pouco lá. Dali pra cá eu tive outros problemas de saúde, todos foram através do plano de saúde que eu tenho até hoje, você mantém até hoje e através de um telefonema só a gente consegue tudo, tudo que eu preciso, já faz 16 anos. É... essas coisas que deixa marcas na gente, né? Hoje eu estou fazendo tratamento de câncer, né? E o... eu estou em casa, não estou trabalhando e... já fiz radioterapia, fiz tudo que eu tinha que fazer, tudo através do plano de saúde que você mandou, se eu tivesse que fazer esse tratamento de câncer hoje pela saúde pública... eu acredito que eu não estaria aqui dando essa entrevista não, porque ainda hoje eu sofro as consequências, o Instituto do Câncer tá cuidando desse... de mim, né, que é uma coisa fantástica e a gente... enfim, eu não... né? São coisas que é difícil descrever, não tem.

Eu tenho um... tenho muito orgulho, muita amizade, muito apego a você por todas as coisas, é... hoje eu me sinto uma pessoa totalmente realizada, realizada em todos os sentidos, na família, nas amizades, menos trabalho, né, que infelizmente eu não estudei, mas isso não vem ao caso. Mas vivo muito bem, extremamente bem, né? E sei que a partir do momento que eu precisar, eu sei quem eu devo procurar. Eu quero que, por mais que eu tenha feito de errado, nesse momento eu quero te agradecer, pedir mil desculpas pelos transtornos e dizer pra você o seguinte, pra encerrar, eu não sei se o Júnior vai fazer mais alguma coisa, mais alguma pergunta, mas pra encerrar eu quero dizer pra você é um ditado judeu, diz o seguinte: “quem salva uma vida, salva o mundo”. E eu vou falar pra você, você, só aqui na minha casa você salvou 5 vidas porque as outras 4 vidas dependem de mim, você me salvando, você salvou todos nós, né? Vamos torcer aí pra que você viva mais uns 60, quem sabe? E eu quero estar aí por perto, né? Usufruir dessa bondade toda. Valeu? É isso aí, brother. Fechou?

**Júnior:** E sobre a Mecânica só deu trabalho?

**Luiz:** Só deu trabalho e tem umas coisas lá que eu nem gosto de lembrar, né? A mecânica trouxe muito dissabor pra ele, muita coisa ruim. Muita dívida, eu tive até participação, né, nas dificuldades financeiras dele porque a gente tem direito a receber PIS, né, uma vez por ano e os rendimentos, é coisa mínima, né?

Até isso entrou na conta da mecânica, né? Na ocasião que eu recebi o PIS, tem também a parte que depois da mecânica, né, que ele voltou pra faculdade, voltou a estudar, ele foi morar sozinho e ele dividia apartamento com um outro amigo dele, eu não lembro o nome e, nessa de trabalhar e ir pra faculdade ele trabalhava na VEF, (empreiteira de instalações prediais de elétrica e hidráulica) companhia não sei do que lá, uns negócios de... acho que trabalhava junto, prestava serviço junto com a SABESP e não sei o quê, negócio de obras de rua, né? E ele nessas de trabalhar, ir pra faculdade e morar sozinho, ele tem umas coisas que eu fiquei sabendo que ele comia doce de amendoim, aquele gibizinho com água pra matar a fome, e a gente sempre... a gente sabe que tomar água a fome passa, né? Então o doce também ajudava, isso tudo pela falta do dinheiro. Então tem muitas situações difíceis, né?

Ele, o interessante é que ele nunca baixou a cabeça, ele nunca desistiu, né? Uma pessoa extremamente determinada, pra derrubar ele era muito difícil. Aliás, ninguém conseguiu derrubar, né, por mais que as dificuldades apareceram foi passando, passando... e o mais interessante, o que mais me admira nele é que tudo isso que ele fez, todas essas dificuldades que ele encontrou pelo caminho ele conseguiu ultrapassar de uma maneira bonita, né? De maneira honesta, ele nunca usou os caminhos errados pra conseguir as coisas, sempre foi na base da honestidade. **O meu irmão é assim, eu falo isso porque eu tenho meus filhos que também são assim, se eles te pedirem, digamos assim, pra ilustrar, né, pede pra você 10 reais e fala pra você "olha, amanhã às 9 horas você pode vir aqui que eu vou te pagar", você vai lá às 9 horas e aquele dinheiro tá lá, não têm... eles não têm... não existe mentira com eles, né? Eu tenho, meus filhos também são assim, não tem mentira, eles são honestos por natureza mesmo. Meu irmão mais velho também é assim, o Zezito, o Zezito é extremamente honesto e essa honestidade é que deu a ele essa força, essa determinação de superar todas as dificuldades e não foram poucas, tem muita coisa, muita coisa.**

O Antônio é... pra mim ele... ele superou tudo, tudo, até a fome ele superou, né, porque no caso da escola ele não estava interessado em merenda, estava interessado em estudar mesmo, né, de verdade. E todas as dificuldades dele sempre foram ultrapassadas de uma forma muito correta, muito leal, muito amiga mesmo, muito clara, né? É difícil, são poucas pessoas assim hoje.


Minervina e Luiz

**Júnior:** E isso o senhor acha que é parecido com a vó?

**Luiz: É, é a vó direitinho, né? A vó era assim, ela não tinha... não tinha mentira com a vó, ela não falava mentira, de jeito nenhum. Ela era uma pessoal real, eu ainda vou achar uma palavra pra... esclarecer, deixar bem... mas é uma coisa assim, o governo fala muito de transparência, né? A minha mãe e o meu irmão são transparentes, eu consigo ver a aura deles assim, brilhando, é uma coisa fantástica, não tem... são espíritos que vieram realmente pra mudar alguma coisa, pra mostrar alguma coisa, né? E eu, através deles eu aprendi demais, aprendi muito, muita coisa. Eu não tenho profissão, não tenho dinheiro, mas eu tenho uma coisa que é muito, mas muito importante, pra mim é fantástico, que é a família que eu tenho, eu estou falando em geral, eu não estou falando só dos meus filhos, mas todos, as pessoas gostam da minha casa, é impressionante, os meus sobrinhos, todos.**

Meus irmãos, eles gostam de vir aqui, é... e a outra coisa que eu aprendi, né, a trancos e barrancos, foi a honestidade, né, a verdade das pessoas, eu aprendi muito com isso, eu aprendi muito. Hoje eu me sinto uma pessoa extremamente honesta também, né? Coisa que eu não dava nenhum valor, não que eu roubasse, que eu fizesse isso e aquilo, mas a honestidade pra mim não... não via assim, como uma graça, uma coisa impor-

tante, pra mim ser honesto era uma questão de ocasião, né? Hoje se eu achar algum dinheiro perdido, hoje eu vou procurar o dono, antes não, antes eu enfiava no bolso, essa é a diferença do que eu estou falando e foi através deles que eu aprendi essas coisas todas, caráter, né? Essas coisas que a gente... dizem que a gente nasce assim, eu acredito. Nasce pra ensinar, né? E ensinar não é através de palavras e escola não, é através das atitudes, eu me espelho muito nele, muito. É uma coisa fantástica, mas em todas as coisas na minha vida tem o dedo da minha mãe e do meu irmão, todas. Não tem... não tem nada assim que fala "olha, isso aqui foi o Antônio que fez", teve um dia que ele... devido à bebida, me levou para o hospital e eu fiquei internado duas vezes e numa dessas eu tive que passar por uma psicóloga, né? E ele mandou ir pra psicóloga longe, era da Lapa, se não me engano e a dificuldade de dinheiro sempre foi a mesma, né?

Desde quando eu nasci, eu nasci sem dinheiro e vou morrer sem dinheiro e num desses dias em que eu estava com a psicóloga já terminando o meu horário alguém toca a campainha lá e procurando por mim, o que que era? Um motoqueiro com um envelope, dentro do envelope tinha 10 cruzados que era pra minha condução pra eu poder voltar da psicóloga, ficou mais caro ele mandar o motoqueiro, né? Do que... são as coisas que meu irmão fazia. Faz, continua fazendo, ele faz, ainda faz. E... e a minha mãe também era assim, poderia não ter nada dentro de casa pra comer, mas ela dava um jeito e a gente chegava em casa e tinha janta. Sempre teve.

**Júnior:** O senhor lembra das comidas que o senhor gostava que ela fazia?

**Luiz:** Ah, o famoso franguinho com quiabo, né? Nossa, é uma delícia. E eu não aprendi a fazer, eu faço tanta coisa, mas o frango eu não aprendi! Eu sou quase um cozinheiro, né? Eu me viro bem numa cozinha, mas...

**Jr:** Que nem o tempero dela não tem jeito, né?

**Luiz:** Não tem jeito não. Ela fazia tutu, acho que do tutu você lembra, né?

**Jr:** Sim.

**Luiz:** O frango era uma delícia, nossa... mas ninguém faz igual, quem chega mais perto é... acho que a Antônia e a Duduca, chegam mais perto dela mas igual não faz, não tem jeito. É isso aí.

**Jr:** Mais alguma coisa?

**Luiz:** Não, eu acho...



# Expedito Lino Pinto
# Nascimento: 07/07/1942
# Depoimento ao Júnior em 2011

**Júnior:** Tio, foi lá em Rio Branco que o senhor conviveu mais com o Zezito, com a Duduca...

**Expedito:** É, dos meus irmãos os que eu mais tive... permanência mesmo foi com o João, né? E o... e o Luis, Duduca... o Zezito... já teve um período que ele foi pra cidade, mais irmão que eu estive mais, convivi mais com ele lá no interior foi o João.

**Jr:** E o que que vocês faziam juntos lá na fazenda?

**Expedito:** É, lá a gente ficava nadando naqueles rios, né? Fazendo coisas... aquelas maluquices de criança, né? Nadando naqueles rios, pegando fruta no pomar dos outros, jogando bola, essas coisas. Coisa de criança.

**Jr:** Pegava passarinho também?

**Expedito:** Pegava passarinho... a gente era metido a cantar também. Ih...




**Jr:** Que que vocês cantavam?

**Expedito:** Ah, eu tinha o hábito assim de improvisar muito, né? Era legal que eu ficava carpindo e cantando, aí as pessoas do outro lado lá que também estavam carpindo, às vezes até mulher ficava repetindo, né?

A gente cantava um verso, eles cantavam outro... e ia assim.

**Jr:** O senhor guardou algum verso assim ou... Mano João, falecido em 2004.

**Expedito:** Ah, não. Apagou tudo da memória.

**Expedito:** A minha mãe, ela era uma pessoa excepcional, né? Pode até existir mães iguais a ela, mas melhor... pessoa incrível. Ela tinha muita paciência com a gente,

aquele hábito que a gente tinha de querer tudo na mão, ela ia lá e pegava pra gente, sabe? Fora de sério.

**Jr:** E lá em Rio Branco como é que era o dia a dia dela? Ela trabalhava muito? O que que ela fazia?

**Expedito:** É, lá em Rio Branco ela... não era normal ela pegar uma enxada e ir pra lá junto com a gente, mas às vezes ela aparecia lá com o almoço, enquanto a gente almoçava, ela já pegava uma enxada e... saía detonando, tinha uma disposição incrível pra trabalhar.

**Jr:** Mas ela ficava mais em casa cozinhando?

**Expedito:** Mais em casa. Não era comum ela trabalhar com a gente lá no meio da roça não. É que não tinha nem tempo também, né? Um monte de filhos.

**Jr:** Mas ela costurava também?

**Expedito:** Ela...a minha mãe...pra cultura que ela teve, né, pelo lugar que ela morava, na roça, eu considero uma mulher muito inteligente, né? Porque ela...ela fazia tudo. Fazia...ela costurava pra fora, ela fazia balaio, ela fazia peneira...fazia doces, fazia uma tal de ventarola que é um negócio muito bonito de fechar e abrir, ela sempre foi assim, uma pessoa...criativa, né? Estava sempre procurando fazer coisas diferentes e tal.

**Jr:** Mas você chegou a trabalhar com ele na roça, né?

**Expedito:** Sim, a gente trabalhava muito na roça.

**Jr:** Seu pai cantava também? Quando vocês cantavam?

**Expedito:** Às vezes ele cantava e... e ele era um cara... ele se destacava muito pelo desempenho que ele tinha, né, na enxada, porque lá é assim, ó, tinha aquele monte de gente trabalhando e eles escolhiam o melhor pra estar na primeira fila, né? Porque os outros iam acompanhando e meu pai sempre foi o cara que ia trabalhar lá na primeira fila, por ele ser mais esforçado, enfim, ele... do jeito que ele desempenhava o corredor dele e a gente ia atrás. Tem uma passagem muito gozada com o meu pai, que saía de uma estrada principal, assim, até chegar na nossa casa tinha uma certa distância, aí eu tinha lá uma máscara de... não sei se era de macaco, que diabo que era aquilo, eu vesti aquela máscara, mas fiquei esperando-o. Rapaz, esse coroa correu... e eu correndo atrás, aquele dia eu não apanhei não porque eu acho que ele levou na brincadeira, aí aquele dia eu percebi que ele era medroso! [risos]

**Jr:** Quando vocês foram para o Paraná?

**Intervenção da Olga:**

**Olga:** Eles, né? Ele foram primeiro, depois... o Expedito aparecia lá pra passear só, né? O Expedito não morou lá não. É que ele (tio Donato) ficou 20 anos que ele não via o pai do Antônio, né? Do irmão dele. Aí a tia Santa descobriu, não foi assim? Descobriu... E aí foram, aí ele chamou a gente pra mudar pra lá, né? Chamou meu pai pra ir pra lá, aí ele foi, foi ele, o Antônio, o Luís e a Marta e eu fiquei aqui, né? Eu ainda fiquei trabalhando aqui e aí meu pai escreveu uma carta pra mim, pra eu ir embora pra lá, que estava precisando de uma professora lá, que tivesse o quarto ano, né? Aí eu fui e fiquei 1 ano lá e o Antônio já estava lá, né? Aí depois nós viemos embora, nós dois primeiro e depois trouxemos eles, depois de 1 ano que eu estava lá a gente veio embora.

**Expedito:** Mas vocês vieram os dois primeiro e foram morar onde?

**Olga:** Viemos os dois primeiro, tinha onde morar não, moramos num quartinho ali na tia Santa. Então a gente fazia assim, a gente ficava lá, o Tuta trabalhava de noite, aí a gente dormia até às 6 da manhã, 6 horas a gente levantava eu e ele e ficava pensando o que que ia fazer da vida, né? Porque não tinha onde ficar. E aí a gente foi procurar emprego, aí eu fui trabalhar em casa de família de novo e ele... eu não sei o que que ele arrumou de emprego não. Ah! Eu fui trabalhar de doméstica de novo e ele arrumou numa firma que eu não lembro o nome, mas ele era office boy, até ele passava na casa que eu trabalhava, sabe? E a minha patroa pedia pra ele comprar as coisas pra ela, agulha de máquina, essas coisas, ele trazia com a maior educação, ia lá levar, era muito bonzinho. E aí a gente juntou dinheiro e alugamos aquela casa ali na Vila Buenos Aires pro meu pai e pra minha mãe, e compramos móveis usados lá e tudo, colocamos lá e mandamos o dinheiro da passagem e eles vieram embora. Eu lembro. Aí naquele quarto e cozinha na Rua das Margaridas, na Buenos Aires. E o Expedito, o Zezito e o João, eu não sei onde vocês estavam morando, eu não lembro. Não sei se era com a tia Santa ainda, porque casado você ainda não era, né?

**Expedito:** Teve uma época que eu e o Zezito, a gente morava ali na Buenos Aires, né? Na Avenida São Miguel, era um sobrado.

**Olga:** Eu sei onde é, é, o João também lá, não morava?

**Expedito:** O João eu não estou lembrado. Aí depois eu morei sozinho também, ali mesmo na Rua Nova Friburgo, né? Depois eu tive um bar lá embaixo ali, morava em cima do sobradinho.

**Júnior:** E como é que foi sair de Rio Branco e vir pra cá? O senhor se acostumou fácil? estranhou?



**Expedito:** É, no meu caso por exemplo, porque é lógico, né, meu pai não ia querer abrir mão dos filhos, porque... seria muito bom pra ele, né, se eles estivessem lá pra ajudar ele na roça, mas eu, de tanto eu ficar implorando pra ele, ele resolveu liberar a minha vinda pra cidade. Não tinha dinheiro, não tinha nada, até peguei um monte de ovo lá, cheguei lá em Rio Branco, vendi e o Zezito trabalhava em Juiz de Fora e eu fui pra lá atrás do Zezito. Ali foi... eu com aquele chapéu na cabeça, tudo caipirão, o Zezito já era bonitão, né?

**Expedito:** Um cara já mais... já tinha pegado as manhas de como é morar na cidade, né? Me deu uma bronca danada porque eu fui pra lá, aí fui lá pra casa da minha tia, né, a tia... Jandira.

**Júnior:** Por que que o senhor queria vir pra São Paulo?

**Expedito:** Aí eu fui lá pra Juiz de Fora trabalhar uns tempos, o Zezito arrumou pra mim num hotel lá e eu... fiquei na casa da minha tia. Aí o Zezito veio pra São Paulo e logo em seguida eu vim também.

**Jr:** Mas o senhor não queria ficar em Rio Branco não, queria vir pra cá?

**Expedito:** Não, eu não queria ficar, naquela época nem... não tinha noção de nada, né? O que que era bom pra mim, o que não era, parece que foi alguma coisa de destino mesmo, né? Cisma, sai e acaba mudando a sua vida assim, né, digamos, pra melhor, porque lá na roça você... a gente nunca ia ter futuro, né? Aqui em São Paulo eu... não foi que nem aconteceu com o Antônio, né? Eu sempre fui peão, trabalhando em fábrica, ganhando salário-mínimo, a vida toda, o Antônio já foi mais cabeça, né? Ele chegou, já enfiou a cara no estudo e... e já foi conseguindo um futuro melhor, né? E através desse livro (Pequenas agências grandes resultados) que ele escreveu que eu descobri que da forma que ele fez aquela colocação naquele livro ali é uma demonstração de que ele é uma pessoa muito inteligente mesmo, né? Por estar colocando no papel tudo aquelas palavras ali, incrível, né? Uma coisa de pessoas que realmente é inteligente. E pra mim foi até uma surpresa, porque eu não sabia por exemplo daqueles altos e baixos que ele teve, né, naquela empresa dele lá, as dificuldades que ele teve.

**Olga:** Ele sempre foi muito calado, né? Ele nunca comentou das dificuldades.

**Expedito:** Das dificuldades que ele teve, né?

**Olga: Ele sempre foi muito calado. Eu, ó, se você quer saber eu nem sabia que o Antônio tinha feito faculdade. A primeira faculdade, eu nem fiquei sabendo, eu só fiquei sabendo mais tarde, que a minha mãe contou pra mim, entendeu? Ele não comentava a vida dele assim, ele só... ele tinha uma meta assim, na vida dele, "eu não vou ser peão, eu vou ser isso, isso ou isso, eu vou conseguir melhor, eu não vou ficar andando nesses ônibus, essas lotação", entendeu? "Não vou levar marmita", ele teve essa meta e conseguiu, entendeu? Ele pegou firme ali e conseguiu, então...**

**Expedito: É, porque às vezes demora pra você, como diz o pessoal, cair a ficha, mas ali naquele livro tá... ele fala muito em planejamento, né? Essa palavra "planejamento" é incrível porque tudo que**

**você se propõe a fazer é através de um bom planejamento. Ó, eu me arrisco a dizer pra você que qualquer um, se fizer um bom planejamento, vai ter no mínimo uma casa própria pra morar.**

**Olga:** É o que eu estou te falando, se a pessoa pegar firme assim, é que a gente era muito filho, né? Não dava pra ser todos igual o Antônio, você vê, o Zezito se matou na vida se matou, ele trabalhou, trabalhou, trabalhou, mas o Zezito teve o problema da bebida, né, que atrapalhou a vida um pouco a vida dele. Ele também era pra estar muito bem. Porque o Zezito é inteligente, ele tinha sorte. Mas é isso, quando eu vejo uma pessoa aí que tá... bem, né, pegando esses trens, não sei o que e... né? A gente fica imaginando, pô, o cara tem que pôr na cabeça dele "pô, eu não quero isso", né?




**Expedito:** Não, porque a maioria das pessoas não... não pegam uma posição assim, de graça, né? De mão beijada. - Não cai do céu aquilo, você vai ter surpresas incríveis, veio lá do zero e fez coisas absurdas, né, às vezes, pra conseguir.

**Olga:** E a primeira coisa que acontece é passar fome, né? Pra ele fazer essa faculdade aí, ó, o que ele passou de fome... que a gente nem sabe que que ele passou, né? A gente nem sabe, mas ele passou e venceu, ele tinha um intuito na vida dele, "eu vou conseguir", entendeu? Mas o... apesar de tudo isso daí eu acho que a fase pior do Antônio foi aquela época da separação, né? Pra... pra ele voltar a uma vida normal, né? Sofreu muito. Eu lembro que lá, quando a Duduca morava ali perto daquele supermercado, ele estava lá isolado lá, sozinho, bebendo...

**Júnior:** Mas ele conversava com você?

**Expedito:** Ele conversava. Ele chegou a dizer pra mim, inclusive eu lembro que ele falou assim "ah, Expedito, eu tenho uma bomba pra te falar, eu estou separando da..." daquela mulher dele. Da Regina. E ele, a partir daí ele sofreu muito, que ele ficou sozinho na casa da Marta ou em apartamento morando sozinho... e naquela época ele, além de sofrer pela separação, ele estava sofrendo também em termos financeiros, né? Porque ele não... ele ainda não estava naquele patamar que ele está agora de levar uma vida financeira tranquila, quer dizer, é um lado da vida que praticamente tá resolvido pra ele.

**Olga:** Mas ele sofreu muito mesmo por causa das crianças, né? Que eram bebezinhos, ( Júnior 6 anos e Janaina 4 anos) ficava uns dias sem ver, aí ficava desesperado, sofreu calado ainda, a gente sentia que ele estava sofrendo, né?

**Júnior:** Ele conversava com a vó sobre essas coisas também?

**Olga:** Conversava. Ele nunca abandonou minha mãe pra nada, ele ia lá e passava, às vezes ele ia todo domingo lá na minha mãe, almoçava e ficava o dia inteiro e ia embora de novo. Quietinho, a minha mãe que falava muito, né? Falava, falava, falava, ele ficava escutando.

**Júnior:** Ela dava conselho? O que que ela falava?

**Olga:** Ela falava, ela rezava, "pode ir, meu filho. Vai com Deus que vai dar tudo certo, viu?", ela e as orações dela, né?

**Júnior:** A vó era faladeira assim?

**Olga:** Nossa! Vixi maria! Né, Antônia? Ela arrumava assunto do... nossa! Falava, falava, falava.

**Expedito:** Ela era uma enciclopédia, né? Tudo que você quisesse saber dela, ela tinha a resposta.

**Júnior:** Você lembra de alguma história? Alguma coisa que ela contava assim, que vocês ficavam ouvindo?

**Expedito:** Não, essa parte aí eu não lembro não.

**Antônia:** Eu lembro de um... quando ela foi pro Paraná, né, eles chegaram lá contando, eu era pequena, a Marta e o Luis, né? E ela já chegou lá arrumando casamento pra nós todas, que nós éramos em 5 irmãs, né? E todas nós solteiras... aí ela começou a dividir os filhos "você vai se casar com esse, você vai se casar com aquele", e nós ficávamos naquilo, porque a gente não conhecia nenhum deles, né? Eu não conhecia ninguém, só o Zezito, que o Zezito que levou eles lá, né? Eu sei que no final eu acabei me casando com o Expedito, né? Mesmo da família, (somos primos) ela foi "casando", mas eu não conhecia o Expedito, depois que eu vim a conhecer e nessa época que eles foram pra lá o tio queria que o Antônio trabalhasse na roça, né? E o Antônio nunca...acho que nunca tinha trabalhado, era muito difícil trabalhar na roça, então meu pai arrumou um lugar pra ele ficar, né? (Trabalhei sim em MG) Uma tulha de café pra pôr cama tudo pra eles dormirem e no meio do dia o Antônio sumia da roça, aí o tio ia procurar, ele estava lá na tulha dormindo.

**Júnior:** Ah, que história boa! Essa é boa! [risos]

**Antonia:** Ele estava dormindo lá porque a mão dele...

**Olga:** 12 anos de idade! (14 anos)

**Antônia:** A mão dele, coitado, era tudo bolha assim, sabe? Da enxada que era muito pesada, ele era muito criança, então, mas o tio queria que ele ficasse lá na roça com eles trabalhando, né? Então ele dava a fugidinha dele lá pra dormir, descansar um pouco. É o que eu me lembro mais deles era isso daí. E depois eles arrumaram um sítio pra tomar conta, né, Olga?



**Olga:** Foi.

**Antônia:** Porque vocês mudaram pra esse sítio, aí já melhorou um pouquinho a vida deles, mas eles não demoraram muito não, pra voltar pra São Paulo, logo eles voltaram.

**Júnior:** Isso foi lá no Paraná?

**Antônia:** Foi lá no Paraná, nessa ida deles para lá, eles ficaram muito tempo na minha casa, né, morando com a gente e até meu pai arrumar esse sítio pra eles lá, né? Para eles ficarem lá, aí o tio foi trabalhar nesse sítio, mesmo assim eles ficaram pouco tempo lá, a Olga ficou mais tempo, né?




**Olga:** Eu fiquei um ano.

**Antonia:** Que você foi dar aula lá nas escolas.

**Olga:** É, eu cheguei lá, eu fui pra lá, eu fiz 14 anos (16) lá, no mês que eu fui e quando eu fiz 16 eu vim embora também, desse jeito, eu fiz em abril e em maio eu já vim pra cá, eu fiquei 1 ano certinho lá. (A Olga foi em fevereiro de 1966 e voltou em dezembro de 1966 fez 16 anos lá em abril de 1966).

**Antônia:** Mas aquela época lá, é... foi uma época muito boa, né? Porque a gente era tudo pequeno, era muita gente na minha casa, né? Que eram 5, eram 7 filhos do meu pai numa casa pequena, mesmo assim deu pra acomodar todo mundo até eles arrumarem esse lugar pra ficar, mas ele sofreu muito na roça lá, viu? Porque o tio queria que ele trabalhasse e ele... né? Como é que uma criança de 10 anos (14 anos) vai ficar... que nós todos trabalhávamos, né? Meu pai fazia a gente trabalhar mesmo.

**Olga:** Colhia café, né?

**Antônia:** Café, carpia, fazia tudo, mas a gente já estava acostumado, agora, ele ir daqui de São Paulo pra lá, pra chegar lá e trabalhar... aí ele já não aguentou, né? Aí ele dava... quando você o procurava, ele não estava lá mais, ele já... aí um dia o tio foi atrás parece, chegou lá diz que ele estava dormindo!

**Antônia:** A tia fez cama, aquelas cama de madeira, né? Ela mesma que fabricou a cama. Ela mesma que fabricou a cama pra eles dormirem que não tinha nada, né? A gente não tinha condição de comprar, então ela mesmo que fez umas camas, arrumou colchão, tudo lá pra ficar lá com a gente e depois que eles mudaram lá pra esse sítio o tio foi conseguindo, aos poucos ele foi conseguindo as coisas, mas assim, o que eu lembro dele mais foi essa fase aí, que foi pouco tempo que eles ficaram lá no sítio com a gente, depois foi mais... no outro sítio já era meio distante.

**Olga:** Então, mas a gente ia lá na casa dela, eu e ele, a gente gostava de ir lá e dormir, né? Chegava lá, rapidinho escurecia, era mole, a gente tinha medo de vir embora sozinha no meio do mato, a gente dormia lá na casa dela. A gente gostava de ir pra lá, eu e ele, saía os dois conversando, subia aquele morro por meio do mato, não tinha uma lanterna! [risos] E ia pra casa dela.

**Júnior:** Era lá no Paraná que tinha aquela história que ele espantava passarinho da roça?

**Olga:** Ah, é, ele ficava, meu pai o colocava pra vigiar a plantação. Ficar batendo lata. Pros passarinhos não comer a planta, ficava batendo a lata lá. Tinha o espantalho, né? E ele ficava sentado lá pra... para espantar os passarinhos. Ficava batendo lata o dia inteiro lá para os passarinhos não comerem as plantas.

**Olga:** Cada coisa, né? Você lembra o dia que nós fomos lá que tinha um moleque vigiando o boi, Expedito? Que você falou "você fica aqui o dia inteiro?", chovendo e o moleque lá vigiando o boi! O pai põe um moleque desse tamanho com uma vara na mão pra tomar conta do boi enquanto o boi pasta.

**Expedito:** Coisa de interior, né?

**Olga:** Coisa de interior mesmo.

**Olga:** E a gente não ficava pra trás disso aí não, né? Tinha que... obedecia, não tinha mais o que fazer.

**Expedito:** Não, porque se você plantasse lá no interior e não... não arrumasse um jeito de espantar os passarinhos eles comiam tudo! Sem chance, eles iam lá, arrancava tudo aquelas sementes...

**Olga:** A gente plantava muito feijão, não era feijão no Paraná? Era de tudo, né? Eu acho que arroz não, né? Era feijão.

**Expedito:** Eles arrancavam tudo mesmo, se não ficasse ali vigiando...

**Jr:** E aí sobrava pros menores ficarem espantando passarinho.

**Expedito:** Às vezes eles colocavam aquele espantalho, mas o passarinho se acostumava, né? Ele até pousava em cima dele! [risos]

**Antônia:** Eu acho que eles, pelo menos lá no sítio que a gente morava acho que eles nem brincavam, né? Porque uma que a gente era tudo mais velho que eles, né?

**Olga:** Sabe o que a gente fazia muito no interior? Não sei se o Expedito era assim, a gente ia muito pra casa dos outros, passeio na casa dos outros, aí chegava lá, arrumava alguma coisa pra brincar lá. A gente, lá nesse sítio que a gente foi morar (Sítio do Zé Ingares) eu me lembro que tinha uma coloniazinha de casa, não tinha, Antônia? E tinha umas moças boazinhas, a gente ia pra lá, eu e ele, o Luis, a Marta, ficava lá até escurecer e vinha embora e eu não sei do que que a gente brincava, eu não me lembro. Eu acho que a gente tinha tanta obrigação que a gente nem brincava.

**Antonia:** Acho que eles não brincavam daqueles carrinhos de rolimã? Aqueles carrinhos... com o João a gente brincava disso aí.

**Expedito:** Eu não sei, no Paraná acho que não tinha muitas opções pra brincar, né?

**Olga:** Era terrível. Agora eu lembro, eu lembro que quando eu fui pra lá pra dar aula, isso eu não esqueço, eu dava aula pra ele e pro Luis, né? E a Marta ia de... que tinha 3 (7) anos a Marta, né? Não, 3 não, tinha uns... quantos, Antônia?

**Olga:** Aí eu tenho uma caligrafia horrível, né? Você acredita que o Antônio fazia igualzinho a minha caligrafia? Pena que não tem hoje os cadernos, que ele não guarda nada, né? Eu fazia o "Q" de um jeito, ele copiava certinho ali, eu chegava em casa, ia conferir a lição, né, deles, eu falava "mas como é que pode, né?", não só ele, o Luis também, né? Fazia a letra igual à minha, ainda bem que hoje em dia eles já esqueceram! [risos] Aprenderam a fazer melhor!

**Júnior:** Mas meu pai aprendeu a ler com a senhora?

**Olga:** Olha, é... eu não lembro pra falar pra você exatamente qual foi o ano que ele fez comigo, mas ele fez 1 ano inteiro comigo de... de primário, não sei se foi o segundo ano ou se foi o terceiro ano, que eu dava aula até à quarta série, né? (Quando fui pro Paraná já tinha o diploma do 4º ano): Ele e o Luis iam comigo, o Luis devia ser primeiro ano, era mais novo, agora, o Antônio devia ser segundo ano. O que eu sabia eu ensinava, tinha hora que eu não sabia mais nada, ficava contando história lá pra molecada! [risos] Era legal. E aí é engraçado que quando você se propõe a fazer essas coisas assim, né, a dar aula, ensinar qualquer coisa, como destaca certas crianças, né, Expedito? Ah, isso aí acontecia quando a gente também estudava, né, na escola, todos nós. Tem um que destaca mais, o outro... tem um mais inteligente, que vai atrás, aí eu ficava apertada, né? Porque tinha uns meninos muito espertos lá que ficavam fazendo teste comigo de conta e eu sempre fui muito boa em matemática, mas... e eles se saíam mal comigo, porque matemática eu sempre fui boa nisso aí. Mas eu era muito ruim em português, em português eu nunca fui boa não. Mas ele estudou comigo, não deve ter aprendido grandes coisas não, mas a escrever lá um pouco ele aprendeu, né?



**Jr:** E era muito frio lá no Paraná?

**Olga:** Ah, sim, teve uma vez que caiu geada lá, caiu geada, 3 dias de geada, né, Antônia? Depois não sei, diz que a cada 3 anos caía, não sei se é verdade.

**Júnior:** Mas enquanto vocês estavam lá deu essa geada?

**Olga: Sim. Nós estávamos dormindo, né? Eu, ele, todo mundo, aí teve uma hora que nós juntamos tudo na sala lá e colocamos o colchão do outro em cima de nós, porque a gente não entendia que frio que era aquele. Aí a gente acordou, minha mãe acordou, acendeu o fogo de lenha lá, olhou pra fora, estava tudo branco. Mas geada mesmo, até a água do balde que ficou lá fora virou gelo. E aí, como o Antônio era muito obediente a gente, a minha mãe o mandou ir buscar lenha, né? Pra gente fazer um fogo lá pra fora ou sei lá onde que era a fogueira lá, ele foi e não voltou! Demorou pra caramba a voltar e meu pai foi atrás, ele estava lá encolhidinho lá, quase congelando lá à procura das lenha pra trazer pra casa, porque ele era muito obediente, né? Era um menino que... não era assim, um menino teimoso, sabe? Que você mandava fazer as coisas e não fazia, ele não aborrecia ninguém, né Antônia?**

Eu não lembro assim, de nada que ele... aborrecia, que tinha que apanhar. Acho que ele nunca apanhou, acho que minha mãe batia muito em mim, mas acho que nele não batia não. Mas olha, aí queimou tudo aquela geada, né, Expedito? Queimou o cafezal como, queimou tudo a plantação, ficou sem nada, que lugar esquisito, né? Nossa senhora! Ficou tudo vermelho, depois quando o sol veio queimou tudo, não sobrou

nada. Mas ô frio! Pelo amor de Deus! Quantos graus será que estava aquilo, hein? Pra gente sentir tanto frio daquele jeito?

**Expedito:** O incrível é a gente que não tem nada sobreviver num lugar daquele, né? E você vai ali só pra passar dificuldade, né?

**Olga:** E se você bobear, se bobear mesmo, assim, quer dizer, se não tiver um... gente trabalhadora mesmo, a família lá, passa fome, né? Porque se não plantar não vai colher não, né? E apesar que lá todo mundo é assim, muito generoso, né? Sempre alguém dá alguma coisa, né? Uma abóbora, uma mexerica, né? Podia ir buscar lá na casa de alguém, né? O povo do interior é muito unido, não é igual os de cidade, né? Na cidade a gente passa dificuldade e o povo não fica nem sabendo, né? Lá no interior não, né? Sempre tem ajuda e a gente tinha a tia, né? A tia fazia aquele pão caseiro naquele forninho de barro dela lá, uma delícia de pão, eu ia lá só pra comer aquele pão dela. Ah, gostoso!



**Júnior:** E a vó, que que ela cozinhava? Você lembra? De algum prato...

**Expedito:** Ah, a minha mãe, ela tinha aquelas comidas normais, né? Só que... a mão dela pra fazer comida não tinha pra ninguém.

**Júnior:** O que que o senhor mais lembra assim, que dá água na boca quando o senhor lembra da comida dela?

**Expedito:** Ah, a minha mãe fazia um negócio com farinha de mandioca, você lembra como é que chamava aquilo lá? Você lembra?

**Olga:** Pirumbo. Pirumbo? É. Eu nunca acertei fazer esse troço.

**Expedito:** Mas aquilo lá que minha mãe fazia, ela colocava alho também, né? Nossa, eu nunca mais comi aquilo lá!

**Olga:** E o mingau de couve, né, Expedito? O mingau de couve...

**Expedito:** Ah, o que a minha mãe fazia a gente detonava, mas esse tal de... esse negócio aí de farinha de mandioca... Pirumbo, você não sabe fazer? Era uma delícia! Sei que ela jogava aquela farinha lá com a água lá e tempero e dava uma abafada, né? Dava uma abafada, igual cuscuz, ficava bom demais.

**Júnior:** Ela conhecia uns matos também diferentes que ela cozinhava?

**Olga:** Ah, ela conhecia Cariru... Ela comia tanto mato. Cabiçó. Capiçoba folha de... folha de taboa. Miolo de taboa.

**Expedito:** Miolo de abóbora que ela fazia. Miolo de abóbora, de... miolo de bananeira, tudo que pintava lá ela fazia. Taioba. O mais gostoso mesmo da minha mãe que agora não existe mais é aqueles palmitos, né? A gente ia lá naqueles mato lá, cortava aqueles palmitos, que delícia!

**Júnior:** E como é que era a história? A tia estava me falando que cada um tinha uma parte do frango em casa.

**Olga:** Ah, é! É, cada um tinha...

**Antonia:** Mas não é só na família dele não, na nossa também. Cada um tinha a sua. Tinha seu pedaço. Se pegasse o do outro tinha briga.

**Expedito:** É. Lá em casa o peito era do meu pai, aí o resto eu não me lembro mais como que era não.

**Júnior:** A sua parte o senhor lembra?

**Olga:** Acho que você, Expedito, ficava com o pedaço bom, que você era chato, (risos), acho que você ficava com a coxa.

**Expedito:** Acho que eu pegava a coxa, né?

**Olga:** Eu ficava com o pescoço. Tinha mais carne.

**Expedito:** O mais incrível é que a gente não podia comer a mistura antes ou junto com a comida. Tinha que comer tudo pra depois comer a mistura.

**Antonia:** Também, era contado, né? Os pedacinhos.

**Olga:** Não tinha suco, né? Não tinha nada, né?

**Júnior:** Não tinha nem suco de manga quando era época?

**Olga:** Não, não fazia. Não tinha.

**Expedito:** Então, como não tinha geladeira e nem eletricidade, né? E às vezes a gente... você tinha tanta coisa pra fazer um suco, mas não fazia, não tem onde ligar um...

**Olga:** Então, mas eu lembrei disso agora, por que que a gente não fazia suco? Não queria?

**Expedito:** Não fazia, não tinha um liquidificador, não tinha... Não tinha luz elétrica.

**Antonia:** E ó que ninguém ligava, viu, pra isso.

**Expedito:** E ninguém nem sabia se dava, se maracujá dava o suco. A gente comia maracujá era assim, né, tirava de dentro...Comia aquela semente. É, tirava... Mas ninguém tinha como fazer suco de nada.

**Olga:** Minha mãe fazia doce de tudo, né? Doce de mamão, de figo, minha mãe fazia um doce de figo, era uma delícia! Doce de mamão ralado. Êta coisa boa! Fazia... agora, doce de abóbora acho que ela não era muito chegada não. Não me lembro dela fazer não.

**Antonia:** Doce de leite. Doce de leite ela fazia direto. Fazia bem, né? Aquele leite de vaca grosso, né?

**Olga:** Ficava aquele doce de leite cremoso! Quando você for lá, Expedito, com o Júnior, lá na tia Carminha passa um rapaz até hoje vendendo lá, compra pra ele, que você vai ver o que é doce de leite.

**Expedito:** Ah, a gente vai tentar trazer bastante coisa nessa viagem para Visconde. Aquele doce de leite de lá mesmo, sabe?

**Júnior:** Eu lembro do doce de leite da vó.

**Olga:** Você lembra, né? Que ela deixava num potinho em cima da geladeira. É! É verdade.

**Júnior:** Mas o senhor gostava era das manga né?

**Expedito:** Ah, meu fraco é manga. Eu acho que pouca gente é tão fanática assim pra manga do que eu. Incrível.

**Júnior:** De qualquer qualidade ou tem alguma que o senhor gosta mais?

**Expedito:** Ah, eu sou meio... exigente.

**Olga:** Hoje em dia ele escolhe, viu? Quando você via assim, assim lá no pé...

**Expedito:** Não, as mangas lá de Minas não têm como você escolher, são todas muito boas. Já aqui em São Paulo não, aqui tem algumas mangas aí que eu nem passo perto. Aqui em São Paulo tem... agora que começa a vir a época das mangas, né? Lá pra dezembro agora começa a vir aquelas mangas boas, né? A Palmer, é... outras marca de manga aí que eu adoro. Agora, tem uma que tem o ano inteiro, toda vez que você for no mercado você vai encontrar, aquela, pra mim...

**Júnior:** Agora conta aquela história, porque a Marta fez xixi de tanto rir da história da manga lá que o patrão não deixava você pegar.

**Expedito:** É, naquele tempo lá, aquele tempo lá acho que o pessoal era muito acomodado também, né? Porque eu acho que não custava nada cada morador ter no mínimo um pé de manga, né? Não, ninguém tinha um pé de manga em casa, você tinha que ir lá na fazenda buscar.

**Olga:** Ele não deixava catar, Expedito?

Expedito: Não, imagina! Não é bem assim não, ninguém plantava, ninguém ligava. E tinha que ir lá na fazenda buscar a manga, pra quê? Se você podia ter um no seu quintal?

**Jr:** E aí o homem não deixava pegar?

**Expedito:** Ele não deixava, toda vez que você ia lá buscar manga tinha que escutar um monte! No mínimo é "pode entrar aí, mas não pode subir no pé e nem balançar pra cair não, tem que chegar lá e catar só as que já estão no chão".

**Olga:** E as que caíam estavam todas machucadas, né?

**Expedito:** É, então. Sacanagem. Aí quando vinha aqueles... que eles tinham muitos irmãos, né, uma parenteada dos diabos, né, aqueles fazendeiro lá, né? Quando vinham do Rio e tal, época de férias, aí eles tinham aquele bambu com uma redinha e já... encostava lá em cima, a manga caía dentro da redinha, ali era pra eles, ela não sofria...

**Olga:** É, também quando o... eles morreram, essas pessoas que estavam na cidade abandonaram todas essas fazendas lá, só gostavam de ir lá mesmo pra se divertir, né? Que depois não tomaram conta, né? Você lembra aquela fazenda que tem perto do rio lá? (Francisco Ferraz) Diz que apodreceu tudo lá dentro as coisas, né? As roupas de cama... minha mãe contava que a família abandonou lá, porque quem cuidava era os mais antigos, né? Os novos foram estudar na cidade e não quiseram saber não.

**Expedito:** É, naquela época eles tinham a fazenda, né? Na época uma referência, né? Pra eles virem passar férias, eles vinham do Rio, vinham de outros lugares, tinha muita gente, né? Parente. E eles iam lá pra fazenda, e só tinha o Major, né? Que acho que nunca foi ninguém na vida e ficou ali tomando conta, o resto tudo era médico, formado em alguma coisa, os irmãos, as irmãs, os netos.

**Olga:** E eles eram gente boa, né, Expedito? Dessa parte aí, não eram eles que não deixavam pegar manga não, né? Não, quem não deixava era aqueles sangue ruim lá. Eles deixavam o pessoal do sítio à vontade nos terreiros, né? Pelo menos o pessoal da tia Carminha, eles falavam muito bem desse povo.

**Expedito:** Sim, eles eram gente boa, inclusive aquele Seu Thomaz, né? Que eu sempre fui um cara muito doente, muito anêmico e o Seu Thomaz uma vez me levou lá pra dentro da fazenda pra cuidar de mim. A Dona Marta morreu com 100 anos e eles só têm bem a falar dela, todo mundo lá.

**Expedito:** Então, esse Seu Thomaz, ele me tratava como se eu fosse da família, dando aquelas alimentações adequada pra mim, né? Eu ficava só lá junto com ele naqueles quintais. Tinha aquele rastelo, né, que ficava passando no chão pra tirar as folhas e ele gostava de mexer com aquilo e eu ficava ali junto com ele, ele era uma pessoa excelente.

**Olga:** É, quando a gente vai lá passear eles não esquecem não, eles falam muito bem dessa família aí e a minha mãe também, a minha mãe nunca...Minha mãe pegava os menino doente e levava lá, né, no Dr. Ulisses, não cobrava nada dela e ainda dava comida pra criança, né, que era 6 kms pra andar com a criança no colo pra levar lá no médico.

**Expedito:** E toda vez que eles apareciam lá eles levavam aquele monte de roupa, né? Aí eles... eles não davam não, eles vendiam, né? Mas é tudo preço de banana. Cada coisa que eles levavam, cobertor, enfim, tudo que é tipo de roupa. E não deixava nenhum morador da fazenda sem, né? Eles distribuíam mais ou

menos pra todo mundo, não deixavam só uma pessoa chegar lá e pegar tudo.

**Olga:** É, eles eram tão bons que hoje em dia eles têm a escritura daqueles sítios lá, né? Todo mundo que morava naquela época lá, ganhou a escritura. (As escrituras foram dadas para compensar possíveis reclamações trabalhistas) Um dos defeitos do meu pai e da minha mãe era esse, né? Uma "mudação". Não paravam. Não paravam em canto nenhum. Quem parou lá ficou em condições melhores né? mas nosso pai não parava em lugar nenhum, né? A gente ia, mudava demais da conta, se ele ficava insatisfeito num lugar mudava pro outro, voltava pra aquele de novo, né, Expedito? Aquela mudança que foi feita lá pra São Pedro dos Ferros, pelo amor de Deus, aquilo ali foi uma loucura!

**Expedito:** Ah, aquilo ali foi o maior sofrimento que nós tivemos. Fomos, o meu tio já morava lá e a gente foi depois, o meu tio estava bem, né? Uma casa boa, né? Meu tio Rogério, você lembra disso?

**Olga:** É, do tio Rogério. Aí chegamos lá na casa dele. Fazenda, né? Ele tomava conta de uma fazenda!

**Expedito:** Não, antes ele morava...

**Olga:** Não era administrador da fazenda? Ou antes?

**Expedito:** Não, antes ele morava numa casa, o primeiro encontro que nós tivemos com ele, aí nós chegamos lá de mala e tudo, aquele monte de gente, aí jogaram nós lá num ranchinho de sapê, atravessava um corregozinho assim, fomos todo mundo pra aquele maldito daquele ranchinho de sapê, chovendo dentro e tudo, aquela coisa horrível! E o meu tio tendo que arcar com as despesas, né, com a gente, a gente não tinha nada. Aí as coisas foram se ajeitando, né? A gente foi lá pro outro lugar, muda pra lá, muda pra cá dentro das terras do mesmo patrão, mas ficou mudando pra lá e pra cá, meu pai tinha uma mania de mudar que Deus me livre! E o pior lugar que nós fomos morar mesmo foi ali onde morreu a nossa irmã, né?

**Olga:** Ah, foi! Nossa senhora! Ô lugar horrível! Era só mato.

**Expedito:** Era só pasto, né? Não tinha... Era um pasto, só tinha uma cerca de arame e... e a gente morava ali dentro daquela cerca de arame. Com os bois tudo em volta.Tudo quanto é tipo de animal.

**Olga:** Quando moramos nessa casinha de sapé eu nem sei quantos anos eu tinha. (8 anos) Uma casinha sem vergonha que chovia tudo dentro. Eu não estava nem na escola ainda, eu era pequena demais, não era? Eu não estava nem na escola ainda.

**Expedito:** Quando a gente ia trabalhar naqueles lugares, encarava aquele barro... pisava, atolava o pé tudo naqueles barros pra trabalhar... não tinha... não era que nem, pelo menos igual lá em Rio Branco que a gente tinha, no nosso próprio quintal tinha plantação de banana, mamão, aquelas coisas... Lá não tinha nada, esse daí foi o pior lugar que nós fomos morar. (Moramos nesses lugares em São Pedro dos Ferros: Sitio do Gavião, quando chegamos em julho de 1957, depois Fazenda do Morro Redondo, onde nasceu a Marta em julho de 1958, depois Fazenda do Rubinho, onde morreu a Maria Helena em abril de 1960. Em agosto de 1960 voltamos para Visconde e moramos um ano na Camelinha. Em 1961 voltamos para São Pedro dos Ferros e em junho de 1963 viemos para São Paulo).

**Júnior:** Aí quando chegou em São Paulo a vó estranhou muito a cidade? Como é que foi a chegada dela aqui? O senhor lembra?

**Olga:** Ah, a minha mãe, quando viemos aqui pra São Paulo as coisas já melhoraram em termos financeiros, né? Porque... meu pai já trabalhava furando poço pra um e pra outro, recebia um dinheirinho, a minha mãe tinha mania de fazer doce pra vender, ela se virava. A gente... aqui em São Paulo a nossa vida, financeiramente, já deu uma... uma melhorada boa. O que nós sofremos muito foi lá em São Pedro dos Ferros... ela saía, naquele tempo, no Parque Ecológico era uma chácara, né? De verduras e tal, plantas, né? De verduras e tinha uns japoneses que moravam aí no Parque Ecológico e aí ela descia lá andando, né? E comprava aquele saco de verdura e aí ela dava pra mim e o Antônio vender na rua, a gente vendia, a gente colocava numa bacia e às vezes a gente ficava na porta da feira, sabe? Vendendo as verduras e o Antônio, como ele

era muito dedicado, né? Eu era meio relaxada que eles falam, e o Antônio era dedicado, aí ele já tinha as freguesas certas dele, né? Pegava, levava os alfaces, os tomates lá pras freguesas certas, elas davam presente pra ele, uma vez deram uma manteigueira pra ele, bonita! Ele deu pra minha mãe. E... aí ele também vendia sanduiche lá no Campo do São Jorge, depois minha mãe fazia sanduiche pra ele vender lá no Campo do São Jorge, ele ia lá, vendia, voltava com o dinheirinho pra ela, sempre foi honesto assim, não gastava nada fora do... nada que não era dele, ele era uma pessoa que até hoje é de confiança de nós, né? Você manda, você pode confiar em tudo nele, né? Ele é incapaz de... de fazer alguma coisa errada, alguma coisa assim, que desabone, né? E ele era muito honesto, minha mãe tinha uma confiança nele, de mandar comprar coisa no mercado, ele voltava com o troquinho direitinho, sabe? Ele era... agora, a gente já era mais bagunceiro, né? Já comprava bala, comprava doce, já enganava minha mãe, ele não, sempre ali pontual com as coisas, entendeu? E ele sempre foi muito apaixonado pela minha mãe, acho que dos filhos era que mais gostava da minha mãe, mas ele era... ele tinha assim, um amor muito especial por ela, né? Nossa senhora! Desde pequenininho era aquele... aquela coisa com a mãe, sabe? A mãe, a mãe, era tudo... ele vivia assim, em função de agradar a minha mãe, porque a minha mãe era assim, você agradava ela, qualquer pessoa, a minha mãe se dava bem com todo mundo, né? As nora dela era como se fosse filha dela, porque ela gostava demais de todas as noras e ela, se você fazia uma coisa boa pra ela, nossa! Ela sabia agradecer, entendeu? Ficava contente, você via no jeito dela que ela ficava feliz da vida, sabe? Não era uma pessoa sem educação também, que ficava, né?

**Júnior:** Meu pai fazia o que pra agradar a vó? Você lembra?

**Olga:** Fazia tudo, tudo que tivesse assim, no alcance dele pra agradar ela, ele fazia. Ele era...o xodozinho dela.

**Expedito, em Visconde, mostrando o local onde o Antônio nasceu:**

Esse fundo aqui era um brejo, atolava pra caramba. A gente plantava arroz no mês de abril?] né? Aqui.

E quando a gente ia lá na cidade a gente vinha por ali, descia esse coisa aqui e saía aqui embaixo, no fundo, pra não dar a volta. Uma vez, Ivan, a gente estava aqui assim de bobeira, né? E fazendo nada, aqui tinha um monte de boi pastando aqui, aí acho que algum marimbondo, não sei o que, o boi perdeu o rumo lá e veio rolando, rolando, rolando, rolando até bater aqui embaixo sobre à cerca e ficou, né, com a língua de fora e tal, aí alguém foi lá, correu e já sangrou (matou) ele, porque ele não tinha mais jeito, né, de recuperar, aquele dia foi carne pra todo mundo na faixa! Nossa! Foi uma felicidade só!

**Jr:** A casa de vocês era onde?

**Expedito:** Era aqui.

**Olga:** Só tinha a nossa casa aqui, não tinha mais casa.

**Júnior:** Quem que nasceu aqui?

**Olga:** Não, eu não nasci aqui não, quem nasceu aqui foi o Ivo, Antônio a Maria Helena e o Luiz a Maria Helena morreu em São Pedro dos Ferros, com 5 anos.

**Júnior:** Agora você, o Zezito e o João nasceram onde?

**Olga:** Acho que foi lá pro lado do Cruzeiro. (O Zezito e Expedito, na Fazenda do Raimundo Iel e o João no Valão)

**Júnior:** Que que vocês lembram? Como é que era a casa?

**Expedito:** Olha, essa casa aqui, como a gente já tinha morado por aí em algum lugar bem horroroso, quando nós entramos aqui foi festa pra todo lado, a gente era pequenininho, né? E era uma casa de assoalho e a gente pulava pra lá, pulava pra cá, porque, nossa, era uma casa bem acima do que a gente já tinha morado por aí, né? Muito legal a casa. A cozinha dela é que era chão batido assim, ó, era uma cozinha que tomava toda a extensão assim da casa, né? Do final assim e toda a extensão da casa era a cozinha, mas era de chão

batido, pra varrer lá tinha que jogar água primeiro pra bater a poeira, mas os outros cômodos era tudo de assoalho, muito legal. E tinha milho, plantava aquelas carreira de milho assim que você... até entrando em casa tinha carreira de milho.

**Olga:** E esse terreiro eu lembro muito bem dele, a gente brincava aí. O Antônio e eu, a gente brincava de birosca, jogar birosca assim, ó, com o dedo, bolinha de gude.

**Expedito:** E o meu pai tinha o hábito assim de fazer muitas festas, né, de aniversário, eu lembro que foi feita uma festa aqui, ó, veio gente de tudo que é lado, a sanfona rolava solta aqui no quintal. E vinha aqueles oportunistas, né, pra vender carne de tatu cozida com pão pro pessoal, sempre tinha um... tinha outros que vinham com uma caçarimba, né? Nós chamávamos de caçarimba, rodava, rodava, rodava, você apostava no número 6, o cara rodava, rodava, tirava da caneca e tal, é... tinha sempre um... cada festa que tinha de baile aparecia um caçarimbeiro e um cara vendendo sanduiche de tatu pro pessoal! Ou outros animais que a gente nem sabe! Carne de vaca por exemplo nunca tinha.

**Tia Carminha:** Teve uma vez que ela (Minervina) veio com o Antônio aqui, o Antônio ficou lá no Tãozico e ela veio pra cá, ficou aqui, aí ela gostava de levar as coisas daqui, né? de catar as coisas pra levar, abóbora, até abóbora, mamão, é... catando as coisas pra levar, banana, fez aquele monte de... Ela ia com cada sacola! É, ela fez aquele monte no canto da varanda, aí o Antônio chegou pra buscar ela pra ir embora, aí o Antônio falou assim “mas que tudo isso aí que vai levar?!”, ela falou assim “ai, eu vou levar isso tudo”, ele falou “ah, não! No meu carro não vai isso tudo não, mãe, é muita coisa!”, mas ela “não, nós damos um jeitinho aí, nós levamos.” Ela levou, levou até a abóbora.

**Olga:** Ainda tem panela de ferro dela até hoje.

**Tia Carminha:** Até panela de ferro velha ela levava.

**Lourdinha do Tãozico:** Ela só tinha um irmão, né? seu marido.

**Carminha:** E ela era louca por ele, viu? Nossa! Adorava ele.Olga: Ela gostava muito dele, falava com frequência com o tio Joãozinho.




# José Lino Pinto
# Nascimento: 17/10/1938
# Depoimento ao Júnior em 16/10/2011

**Júnior:** Tio Zezito, sua mãe sofreu muito?

**Zezito: Minha mãe eu acho que o maior sofrimento que ela teve foi quando morreu o nosso irmão, o Ivo. (Faleceu em 6/12/1953) Que aí ela chorava, ela chorou tanto que no decorrer do choro virou um... virou sorriso, ela então, ao invés de chorar, ela ria, quer dizer, não... na mentalidade dela, eu não sei falar direito, ela estava chorando, mas pra nós ela estava rindo. E ali ela falava assim, quando saiu o enterro então, nossa senhora, essa mulher chorou tanto, chorou tanto. E a minha mãe ficou meio abobada daí pra frente, ela nunca mais voltou ao que ela era antes e ela falava assim: "ah, ele tá indo lá no Morro do Pilão", aí ela ia acompanhando-o naquela mentalidade dela, né? Que o enterro é a pé, foi todo mundo a pé e ela falava "ó, tá em tal lugar assim, assim agora, tá ali assim e tal", até chegar na cidade, e ela contou a história dele, a história do enterro, era lá na roça, uma légua depois, né, "agora eles chegaram na cidade, lá no cemitério. Agora tá enterrando o meu filho" e chorava, chorava, chorava, depois ela começou a dar risada, ao invés de chorar, a rir, rir, rir. A hora que mais pegava nela, que devia chorar mais, ela ria. Essa foi uma das maiores tristezas que ela teve.**

**Olga:** Lá em São Pedro dos Ferros que ela levou a nossa irmã, Maria Helena, lá pro hospital no trator e voltou sem ela, largou lá? Aí também foi difícil pra ela, nossa senhora. Isso porque ela já tinha 5 anos, o Ivo tinha 1 ano e pouco, né, 1 ano e 8 meses, né? Tudo, acho que perder um filho em qualquer situação, mas como o Ivo ficou ali sofrendo perto dela, então ela sentiu mais, né?

**Zezito:** Ela ia lá ver o Ivo toda hora, a doença que ele tinha, eu não sei até hoje, ninguém nunca falou pra mim que doença que ele tinha e lá na cidade só tinha um médico, né? Que era o Dr. Ulisses, mas ele... ele cuidava dessas coisas aí, cuidava sempre de anemia, assim, acho que nem anemia ele tratava, porque eu tinha uma anemia lascada, ele nunca... nunca curou a minha anemia, a Taninha (irmã da Minervina) tinha anemia, trabalhou com ele lá, também nunca curou a anemia. Sei lá o que ele curava! **Eu sei que... que esse menino ficou doente e ele colava a pele no lençol, a mãe ia tirar ele lá da cama, ela puxava assim com jeito, porque a pele ficava no lençol, né?** E a mãe chamava a gente pra ver, "vem ver, meu filho", aí ia lá, olhava, mas saía chorando dali porque era uma tristeza ver aquele menino daquele jeito e pra ela era mais ainda, né? Que ela era a mãe, né? Ver o menino sofrer daquele jeito sem poder fazer nada, né? Então na hora da morte ela chorou bastante, todos entes queridos que a gente perde a gente chora, né? E foi o que ela fez, no lugar de mãe então ela chorou mais ainda!

**Júnior:** Ela era uma mãe carinhosa assim?

**Zezito:** Minha mãe era carinhosa demais, ela batia também, mas ela era muito...Ela batia, ela batia muito em mim. Mas era muito boa.

**Olga:** Diz que ela batia muito em mim, era danada pra bater em mim, eu era danada também, preguiçosa,

danada, ela me batia, eu nem lembro direito, né? Mas ela era... a mamãe era uma mãe excepcional, né?

**Zezito:** Por a mãe ser tão boa que quando ela veio pra São Paulo, ali dentro da casa dela vivia cheio de gente no fim de semana.

**Olga:** É, ela gostava de todo mundo!

**Zezito:** Porque pra ela não tinha preto, nem branco, nem amarelo e nem vermelho. Se era um defeito ela tinha esse. Não tinha pobre nem rico, pra ela tudo era igual. Ela tinha os netos, ela tinha o prazer de ter eles ali junto com ela, um dia... um dia ela pegou até um menino de fora pra criar, eu que não a deixei ficar com aquele menino lá porque... ela não tinha mais que ficar tomando conta de criança dos outros, né? Eu falei "mãe, a senhora já criou os filho da senhora, chega. Não precisa ficar criando o filho dos outros", na minha imaginação é o seguinte, "você cria filho dos outros, aí vira uma merda aí, né? Uma droga aí, uma porcaria e a senhora é mãe do cara só porque mãe que criou? Ah, deixa pra lá, o filho da mulher e ela se vira com ele", na minha imaginação tem que ser assim e até hoje eu sou assim, eu não vou criar filho dos outros não, cada um cria o seu, ué! E daí? Qual é o problema? E aí depois devolveu aquela criança, isso foi aqui em São Paulo, devolveu aquela criança e... mas ela devolveu de coração partido. Depois veio o sofrimento do pai, né? O pai era muito ignorante com ela, né? Brigava a noite inteira, olha, eles viveram uns 40 anos brigando, sem contar os dias de discussões... não deixava a gente dormir à noite, que vinha aquela falação, né? Ela falava e ele falava, a gente os mandava parar de falar, eles não paravam. Então ela sofreu muito, a minha mãe sofreu demais, demais, demais da conta. E...

**Júnior:** Por que que eles discutiam? Tinha algum motivo? Era ciúme? Que que era?

**Zezito:** Olha, o motivo era a desconfiança que ele tinha dela, né? Meu pai desconfiava que ela... era desonesta com ele, então por esse motivo eles começavam a discussão, ele dizia que sim, ela dizia que não e eles ficavam aquela troca de não e sim, não e sim a noite inteira e... a noite inteira. E a mãe chorava... teve uma época lá na roça que minha mãe trancou as porta tudo, trancou com tranca, tranca de pau mesmo assim, trancava tudo as portas e as janelas, que pra ele chegar em casa e ver que ela estava trancada, que ela não tinha saído. E ela sofreu muito com ele, muito. Não viveram... não viveram uma vida assim de... como é que fala? Uma vida de... de bem, né? Uma vida bem vivida, no amor, né? Porque não existia amor entre eles, existia sempre o ódio, ela não, eu acho que ele tinha... ele tinha aquela desconfiança dela e aquilo dentro dele era um inferno e ele também levou uma vida muito, muito... é... muito mal por causa disso, porque ele sofria também, porque ele gostava dela, mas ele achava que ela corneava ele, aí... ele vivia um inferno na vida dele, virou um inferno aquilo, como virou na vida dele, virava na vida dela também, porque ela disse que era honesta e ele dizia que não, ah, ela já sofreu muito com isso. (Todos nós sofremos, mas eles não se odiavam não. Eles se amavam, do jeito deles. Meu pai pediu perdão pra minha mãe. O ciúme é uma doença, junto com o álcool fica muito pior).

**Olga:** Mas depois teve uma época, depois que você cresceu, Zezito, ficou defendendo-a, ela parou com esse negócio de querer provar que ela era honesta. Você ensinou pra ela, "quer saber de uma coisa? Fica aí que eu vou cuidar da vida", ela falou. Que teve um dia que você o catou pelo ombro lá, falou "vai bater nela?", que ela tinha até saído de casa, coitada. Aí ele tomou medo.

**Zezito:** Agora, se a mãe era desonesta com ele a gente não sabe, porque a gente nunca viu nada, como é que a gente ia saber que a mãe era desonesta? Como ele... lá na roça tinha um... a gente morava perto de uma árvore chamada Gameleira, isso aí no Clemente.

**Lourdes:** Se ela fosse desonesta, ela tinha que ter saído de lá, porque eles iam falar mesmo, lá ninguém guardava segredo...

**Zezito: Tinha uma árvore chamada Gameleira e essa Gameleira era grossa, rapaz, bem grossa mesmo, dá uns 4 homens pra fazer ao redor dela e tinha um buraco, né? Não sei se você já viu essas árvores que têm um buraco dentro assim, lá no pé, no oco, né? Fala oco e ela... ele dizia que era ali, que**

**ela ficava com homem ali dentro, dentro do buraco.**

**Zezito:** Pra ela era um martírio aquilo lá, entendeu? Pra ela aquilo lá é uma tristeza maior do mundo, ela chorava e não sei o que...

**Olga:** A prova tá aí, ele falou que eu ia nascer preta, ó aí.

**Zezito:** E ele... ele chegava do serviço à tarde, ele chegava bem devagarinho, ao invés dele entrar dentro de casa, ele ficava do lado de fora, não entrava na casa, quer saber o que... se tinha alguém lá dentro, ele não falava nada, mas a intenção dele... depois que eu fui crescendo que eu fui vendo as coisas. Tinha um maldito de um cara lá, eu não me lembro o nome dele, que ele ia lá pra ela fazer costura, infelizmente ela fazia costura pra fora, fazia camisa, calça, essas coisas e o homem ia levar umas costuras, ele chegava e via aqueles pé de cavalo no chão, pé não, o rastro do cavalo, né, lá no chão. Ah, era o ponto certo pra ele... brigar. É o tal de Severino, Severino até acho que era compadre dele, sei lá, ele tinha um ciúme daquele Severino, da porra. E o danado do homem de vez em quando estava lá, aí a mãe ficava na janela conversando com ele, mas a gente não sabia o que que falaram lá, mas ele conversava, ela ficava dentro de casa conversando pela janela, o que se passava ali a gente não sabia. Aí quando ele chegava que via aqueles rastro do cavalo lá no terreiro ele infernizava ela. Deixava o homem louco da vida!

**Júnior:** E como é que foi o casamento deles? O senhor sabe?

**Olga:** Quando casaram que ela contava? Ah, ela contava, né, que... ela contava que foi um casamento arrumado, não foi?

**Zezito:** Sei lá. Eu não sei, o casamento deles...

**Olga:** Ah, a mamãe contava, mas eu esqueci as coisas.

**Zezito:** A gente nunca via ela contar, não sei como é que era.

**Olga:** Ah, ela contava, ela contava essa história direto, né? Repetidas vezes, mas...

**Lourdes:** É, eles conhecem tanta gente...

**Zezito:** E eu fiquei sentado lá. Ela conhecia todo mundo lá em Rio Branco, né? Todo mundo. E alguns deles foram pra cidade, né? Não ficaram na roça mais, né? E depois eu saí da roça também, não vi mais nada. Não vi mais nada, eu saí da roça eu acho que eu tinha 16 anos, por aí.




**Júnior:** Mas o senhor trabalhou bastante na roça antes de vir pra cá?

**Zezito:** Trabalhei bastante.

**Júnior:** Trabalhava com o vô lá?

**Zezito:** Trabalhava com o... é. E eu cheguei a um ponto, que lá tem aqueles caras bom na enxada, ele fica na beirada, que que é a beirada? Você bota 20 homens e começa a contar de lá pra cá, a beirada é aquela, o cara bom ficava lá, o ruim ficava aqui na última dos 20, né? Aí vem 20, 20 homens, lá começa um até chegar o vinte aqui, o vinte que é o ruim, os bons ficam todos no meio e eu ficava no meio, eu furava a fila, pegava uma carreira de café daquela, eu ia lá pra cima, eu era melhor do que meu pai, passava meu pai e o bom beirador era meu pai, eu "pá, pá, pá", eu achava bonito, chegava lá em cima, botava a enxada no chão, que era o costume de descansar, só que eu não podia voltar lá embaixo pra pegar outra carreira porque eu ia trabalhar, porque o beirador era meu pai, tinha que deixar meu pai pegar primeiro, podia... e tinha o sub-beirador do... entendeu como é que é? Tinha o beirador que era meu pai e tinha o sub-beirador que era o outro, então eu estava lá no 5 lá, 6 lá.

**Junior:** Porque o beirador é o que pega o...

**Zezito: Eu era pequeno, rapaz, mas eu era bom de enxada demais, só que foi uma época que fui... ficando cansado de carregar a enxada, né? Eu era muito magrelo, magrelo, magrelo... não tinha mais por que ficar carregando enxada não, aqui as mãos tudo cheia de calo, carregava a enxada já aqui no joelho, aqui assim e levantava ela. Ah, aí... mais ou menos assim, ó, aqui.**

**Júnior:** E era roça do que que tinha lá naquela época?

**Zezito:** Ah, tinha roça de... por exemplo, se tinha café... não, meu pai mais era milho e arroz e feijão, né? Milho, arroz e feijão, então fazia aquela roça com a plantação de milho, a minha mãe tinha, criava galinha ali, nossa casa era uma casa pra lá, pro lado daquela fazenda, não tem uma fazenda lá que tem agora que tem engenho lá?

**Júnior:** É, Fazenda Santa Maria, né?

**Zezito:** Então, ali, antes de chegar lá tinha uma casa ali e... e ali que a gente morava e ao redor a gente tinha uma plantação de milho, não ao redor, lá onde tem aquela fazenda lá em cima que tem aquele engenho lá e tudo, aquilo ali era o lugar que meu pai plantava, tinha uma roça dele ali, um pedaço lá, um lote grandão ali que ele plantava, ali ele plantava feijão, no brejo plantava o arroz e plantava o milho, era as plantações lá. Plantava abóbora, essas coisas, abóbora se planta no meio da...

**Júnior:** Lá no engenho de açúcar o senhor chegou a trabalhar, não?

**Zezito:** Ah, sim, o engenho de açúcar, porque a fazenda era muito grande e eles iam cortar cana, na época de cana eles iam cortar a cana, aí tinha o carreiro, eram 3 ou 4 carros, 3 carros, carros de boi que levavam a cana lá pro engenho, meu pai mais ficava no engenho do que cortando a cana, meu pai e... era o Zé Ventura, o administrador era compadre dele, então ele era chefe, aí botava ele lá no engenho, que era o Zé Inácio que era meu compadre e o meu pai, os dois colocava a cana no engenho, precisava botar dois carros pra botar a cana lá, subia lá, né? Ali tinha uma moenda, né? Então ele ficava de um lado, recebia a cana e jogava a cana lá e tinha um povo que dava cana pra ele lá, pegava a cana aqui do chão, aqueles feixe de cana e dava pra eles, dava pro outro, dava pro outro e assim ia. Meu pai ficava ali. O tio Sebastião, casado com a tia Niguita que era irmã da minha mãe era o alambiqueiro que fazia pinga lá e eu fui ajudar ele a fazer pinga, engarrafar pinga, aí eu comecei, saí da enxada, saí da enxada.



Aí... na época que eu fui pra cidade mesmo foi quando minha mãe arrumou lá pra mim na cidade pra mim estudar, fazer o quarto ano que eu tinha feito o terceiro ano e não tive o quarto, que na roça não tinha, tinha que ir pra cidade, era com esse cara lá, Domingos, que era da padaria, dono da padaria, que quando ela vendia as coisas dela lá, aqueles frangos, aquela mandioca, batata, aquelas coisas, quando ela voltava ela comprava alguma coisa, comprava **uma broa, um pão, alguma coisa bonita lá, que ela ia lá na padaria, comprava e trazia pra cá. E ela tinha o conhecimento do homem da padaria e um dia ela falou "olha, o meu filho precisa fazer o quarto ano, não teria como o senhor arrumar pra ele trabalhar aí? Não precisa pagar não, só pra ele ficar aí e dar a cama pra ele dormir porque eu quero que ele estude, né, faça o quarto ano", aí ele aceitou, topou, não demorou muito tempo eu tive que sair de lá, voltei pra roça de novo, pra mim estudar foi o maior sacrifício, porque eu não parava em lugar nenhum, né?**

Lugar nenhum eu parava, eu... começava a trabalhar, ganhar pouco eu não gostava, qualquer coisa assim saía e ia pra outro serviço. Rodei muito. Dentro de São Paulo eu rodei muito, em muito emprego, emprego

mesmo bom eu nunca tive, emprego assim registrado, eu tive o Gouveia e tive o Juca Pato, gostava muito, até hoje eu sonho com eles, o Gouveia eu era muito maltratado lá, é... **entrei no Gouveia como faxineiro, ajudante de cozinha, eu era faxineiro, sofri muito com eles lá, eles eram muito ruins. Mas no Juca Pato não, eu já peguei sessão, né? Que eu sabia fazer sanduiche, eu peguei pra fazer sanduiche, fazia mais de 100 qualidades de sanduiches, então quando eu entrei no Juca Pato eu entrei com a corda toda, eu entrei o chefe da sessão, quem mandava naquela sessão ali era eu, aí melhorou um pouco, né?**

Eu já ganhava um pouquinho mais, aí melhorei um pouco a minha vida mais, mesmo assim, por motivo de chegar atrasado todo dia, eu tinha a pachorra de chegar atrasado, todo dia eu perdia a hora sempre, até que um dia eu botei na minha cabeça, "ó, não vou chegar mais atrasado, eu chego 10 minutos atrasado todo dia", vou passar a fazer o contrário, vou chegar 10 minutos adiantado todo dia, é o certo. Aí deu certo. Mas... eu no serviço sempre muito pingado. Aí um dia, em 1965 ali onde o Antônio mora, na Rua das Fiandeiras, tinha um boliche, era um boliche e um amigo meu arrumou pra mim lá, eu fui pra lá trabalhar com ele, ali ele me ensinou a trabalhar de garçom, daí pra frente... eu trabalhava de garçom, eu não sabia trabalhar de garçom, até hoje eu não sei, mas eu trabalhei de garçom muitos anos.




Então o garçom é muito sacrificado e não tem horário e sair do serviço, tem horário de entrar, de sair não tem e tem uma coisa que... que me aborrecia, por exemplo, registrar, eu nem experimentei o serviço ainda, eu vou me registrar a minha carteira? Naquele tempo a gente falava "sujar a carteira", a carteira com 1 mês de trabalho, você vai pra outra firma "por que que você saiu de lá?" Aí dizia o quê? Faz aquele monte de tranqueira, e até hoje faz, né? Então não era bom sujar a carteira, mas era bom você trabalhar sem registro pra não ter problema lá na outra empresa que você vá. Então a maioria das vezes eu ficava sem registro em carteira, mas eu tive registrado no Gouveia, no Juca Pato e... e tem, mas nunca assim, uma coisa muito esquisita. E depois, é... tinha sempre uma encrenca, né? É um gerente que implicava, o outro... eu tinha mania de saber mais que o gerente e...no Juca Pato o gerente não me mandava, nem os patrão me mandava, eu fazia o meu serviço na minha moda, eu tinha um... um poder enorme, o que o gerente dava pra mim era tudo uns... não vou falar palavrão não, mas era negativo, não via nada, tudo errado, eu achava tudo errado. E é...

**Júnior:** E quando a vó e o vô vieram pra São Paulo o senhor estava trabalhando no Gouveia?

**Zezito:** Gouveia, é, estava no Gouveia. Quando eles vieram pra cá eu estava no Gouveia.

**Júnior:** E como é que eles chegaram aqui? O senhor foi pegar eles lá e vieram como? De ônibus?

**Zezito: Não, eu fui lá buscar eles, senão eles não vinham, fui lá buscar eles, trouxe eles na marra até Visconde a gente... eu os botei lá no hotel. Não sei se jantaram, sei lá que diabo foi, comeram lanche lá, não me lembro agora não, eu sei que tomar banho tinha que tomar, que estava tudo empoeirado, né? A poeira lá da roça. Aí viemos pra São Paulo.**

**Júnior:** Aí veio de ônibus?

**Zezito:** Eu prometi pra eles que ia dar isso e dar aquilo, né, pra cada um ajudar, né? Naquele tempo era eu, o João... e o Expedito. Foi na época que o seu pai veio junto, né? O Antônio veio junto. Mas o Antônio era pequenininho, não sei quando que ele começou a trabalhar, não demorou muito tempo não, logo, logo eles começaram a trabalhar, aí ele, o primeiro emprego dele foi ali no Rua Santo Antônio, num mercadinho lá. (Fiz outras coisas antes. Esse foi em 1967, 4 anos depois de chegar em SP)

**Júnior:** Era emprego do quê?

**Zezito:** Tinha um mercadinho lá, né? Eu falo mercadinho, naquele tempo chamava de empório, né, um negócio assim e ele ajudava lá. E aí... porque ele saiu de lá, parece que foi pra VEF, não sei pra onde foi, eu sei que ele ficou um tempo na VEF, aí uma empresa ofereceu pra ele um salário melhor do que a VEF, ele foi, não deu certo, ele voltou pra VEF de novo, aí a outra empresa foi lá e dobrou o salário dele, e ele foi. Assim, né? Eu me lembro, não aprovo bem isso daí não, aí ele o levou pra lá e é aonde ele tá até hoje, né?

**Júnior:** Esse mercadinho era onde?

**Expedito:** Na Rua Santo Antônio na Bela Vista. Então, a Rua Santo Antônio é próxima da Rua Maria Paula, é que eu trabalhei ali perto também, no Peg-Pague, por isso que eu estou lembrando.

**Júnior:** Mas hoje não tem o mercadinho mais lá, né?



**Zezito:** Não deve ter mais.- Ele trabalhou bem ali perto da Praça da Bandeira, era lá debaixo. A Rua Santo Antônio sai lá embaixo da Praça da Bandeira, agora faz muito tempo que eu não passo ali, eu não sei o que que é. (Aqui ouve confusão do Zezito: Quando chegamos de Minas, eu comecei vendendo verduras, depois trabalhei com ele em bares. Na volta do Paraná em dezembro de 1966, fui trabalhar na Mercearia Bezerra, na Ponte Rasa, nesse mercado da Rua Santo Antonio eu comecei em abril/maio de 1968, era do Sr. Sampaio, um velhinho carioca, sai de lá e trabalhei no bar na mesma galeria, depois fui boy na Socilex, depois, em 1969 o Zezito me arrumou na Distribuidora Robles, que era dos donos do Juca Pato. Lá trabalhei de agosto de 1969 a setembro de 1970. Daí sim, fui pra VEF em outubro de 1970).

**Lourdes:** Então, quando eu conheci o José, eles eram mocinhos, o Luís e o Antônio, né? E eles tinham uma caixinha de engraxate, eles iam ali na Dom Milanês, na Avenida São Miguel ali em frente do... subindo aqui a Rua Abdon Milanês eles engraxavam sapato ali, o Antônio e o Luís.

**Olga:** E o Roberto junto, não?

**Lourdes:** Não, eu não lembrei do Roberto. Não lembro.

**Olga:** Ia junto.

**Lourdes:** Eu sei que eles iam no sábado, durante a semana também eles iam às vezes e no sábado eu sei que eles subiam pra lá logo cedo e iam engraxar sapato, isso eu lembro, mas fora disso não porque... eu também trabalhava naquela época, né? Era só mesmo fim de semana que eu os via, eles sempre saíam pra ganhar algum dinheirinho, fazer alguma coisa, né? Andavam tudo de calça curta! [risos] Parece que eu vejo, sabe, Olga? É muito interessante. Mas eu acho que eles não eram muito de brincadeira não, porque às vezes eu ia lá no sábado eles não estavam brincando na rua, né?

**Júnior:** A senhora já estava aqui quando eles chegaram?

**Lourdes:** É... quando eu conheci o José eles não moravam aqui, depois de alguns meses é que eles vieram.

**Olga:** Ah, é? Você começou a namorar o Zezito a gente ainda não tinha vindo de Minas?

**Lourdes:** Não. Ali onde tem a... ali onde era aquela padaria da Abdom ali, da Avenida São Miguel, teve uma Festa Junina do lado e eu fui lá com a Maria Mineira, foi aonde que eu conheci o Zezito, depois... eu nem sei onde que ele morava naquele tempo.

**Olga:** Com a tia Santa, né?

**Olga:** Devia morar com a tia Santa.

**Lourdes:** Então, depois é que vocês vieram, depois eu lembro quando a Nilza veio com as crianças, vocês já moravam ali naquela rua Santa Silvéria.

**Olga:** Mas quando a gente morava com a tia Santa você não nos conhecia ainda?

**Lourdes:** Eu conheci vocês, vocês estavam ali naquela casa, da Santa Silvéria, aí que eu conheci os meninos, né? Eu também nunca tinha visto. Eu não andava assim, subindo pra esse lado não. Porque eu pegava o ônibus lá em cima, naquele tempo, tinha que ir lá em cima na avenida, né? E eu ia ali. Eu estava mais ali do que lá. Foi onde que depois e eu conheci os meninos.



**Zezito:** Um momento feliz e eu passei por esse momento feliz, muito feliz. Muita tristeza eu tenho, muita coisa, briguei muito quando eu bebia, inclusive com a Lourdes e meus 2 filhos, bebia muito, bebia todo dia, dia e noite eu bebia, todo dia tinha que beber, porque pra mim era gostoso, né? Ah, um dia eu não estava passando bem e aí o meu primo falou assim "é... você não sabe beber", eu falei "como é que eu não sei beber? Eu tomo 15 cervejas todo dia e eu não sei beber?", então eu achava que beber era beber quantidade, né? Que quem sabe beber é aquele cara que toma uma dosezinha só e pronto e acabou, não, eu não tinha esse negócio comigo não, eu chegava ali na Avenida São João, eu nunca me esqueço, tinha o táxi lá, eu chegava ali antes de ir pro táxi, antes eu pedia duas cervejas, não esqueço nunca disso aí, e o cara olhou pra mim, olhou pro lado, olhou pra tudo e botou dois copos...




**Zezito:** Uma vez eu peguei o carro do Antônio e bati, mas ele não falou nada, "não, tudo bem, deixa aí", e não fui viajar, daí pra frente também eu fiz questão de nunca mais pegar carro dos outros, não peguei, o dele... também ele não emprestava mais, né, ele não ia emprestar mais. Depois eu consegui comprar um carrinho também... e fui levando essa vidinha assim. E houve uma época, eu podia estar bem melhor de vida, houve uma época que eu estava ganhando muito bem, gastava tudo que tinha, sempre um cara gastão, sempre tive, nunca...

**Zezito:** Uma vez ele mandou me internar, falou "você não vai beber mais, né?", eu falei "não! Você tá louco?!", aí eu passei uns meses internado. Não demorou não sei quantos dias aí já estava com o copo bebendo...

**Lourdes:** Se ele era um moleque assim, se ele era quietinho, se ele era...

**Olga:** Eu acho que ele era tão quieto que ninguém nem lembra nada dele.

**Lourdes:** Ele fazia... se ele era levado igual você, o Expedito e o João que vocês aprontavam.

**Zezito:** Mas isso eu já expliquei aqui pra eles, ele era um homem muito inteligente, ele foi... ele foi inteligente, fez a vida dele e eu tô aí e estraguei a minha vida, né? Ele também bebia, gostava de beber, ele parou

de beber, parou, ele falou “não, eu parei, eu não vou ficar bebendo sabendo que tá estragando a minha vida”, e ele me dava conselho que não tinha que beber mais, né? E eu... se ele continuasse a beber ele poderia estar igual eu ou pior ainda, né? Que o alcoolismo diz que é uma... é hereditário, né?

**Júnior:** O senhor lembrou de alguma história aí do meu pai? Alguma coisa... que o senhor queria falar?

**Lourdes:** Pode lembrar de alguma coisa que ele fez quando era pequeno, se você lembra, né?

**Zezito:** É... eu... nascido numa pobreza danada, né? Mas é como a minha irmã falou, a gente era... a gente tinha... era pobre, mas a gente comia abóbora e mamão, mas de noite deitava e... ia dormir sossegadamente, né? Quanto ao meu pai, ele era... ele não era um homem ruim, ele era um homem bom, mas é como diz, era uma jararaca, não pisa no rabo dela não, porque aí ela morde, ele era assim. Meu pai batia muito na gente, chegou a um pouco que eu cheguei nele e falei, acho que eu já tinha 17 anos, 18 anos, sei lá, falei pra ele “pai, daqui pra frente o senhor não vai me bater mais não, não vou deixar não. Eu não pedi pra nascer!”, e aí enfrentei ele, né? Daí pra frente ele não bateu mais em ninguém, uma vez ele deu um chute na bunda do Expedito, destroncou as pernas, destroncou o pé. Sabe o que é destroncou? Destroncar? Dar mal jeito. Ele ficou andando... muleta não tinha, né, pegou um cabo de enxada e ficou andando pra lá e pra cá, arrastando a perna, não pôde trabalhar, daí pra frente ele nunca mais bateu em ninguém.

E eu fiz uma promessa de nunca bater nos meus filhos, né? E um dia eu meti a mão no Vagner, dei um tapa de costa nele, esqueci que ele estava tratando dos dentes, corrigindo os dentes, começou a sair sangue, aí ele chorou mais, eu tinha um barzinho aí embaixo que ele... os dois cismaram de ajudar, ah, eles ficaram todos entusiasmados, né? Aí eu dei um avental pra cada um e eles ficavam lá todos entusiasmados com aquilo lá e tinha um movimentozinho. Um dia deu... um movimento, não tinha ninguém lá pra me ajudar, eu chamei um deles, eles nessas alturas já estavam passando por fora lá, já não queriam nem passar lá perto mais, já estavam enjoados....

**Zezito:** Eu me lembro uma vez que meu pai começou a me bater e eu corri, enfiei lá no meio do mato lá, tinha milho, aquela época tinha milho grande lá, fui lá no meio do milho e fiquei lá, pensei que o homem ia dormir, nem sei que horas que era, meia-noite eu fui pra dentro de casa e fui dormir lá no paiol, né? Ele foi lá e me catou, ou não foi no paiol, sei lá, não me lembro agora bem. A gente já estava lá na Zona da Mata já, mas ele foi assim, me catou, me bateu, quando ele queria bater tinha que deixar ele bater, que aí ele ficava aliviado e se ele não bate ele ficava lá que nem uma cobra que você pisou no rabo dela, ela fica de tocaia. E foi até um dia que o... eu vim pra São Paulo, né? Aí eu cismei de trazer eles pra cá, foi onde eu mandei o Expedito ir lá buscar, o Expedito foi e eles falaram que não vinham, que não vinha mesmo, o Expedito muito sem jeito, desajeitado, o pai também desajeitado, eu falei “mas eu sou mais ajeitado, eu vou lá e vou buscar”, e fui lá e trouxe, graças a Deus, não melhorou muito a vida deles não, mas ficou bem melhor, porque eu também não tinha condições de fazer tudo que eles precisavam, depois ele cismou de ir lá pro Paraná, foram pra lá, que morava um irmão dele lá.




**Júnior:** E lá na roça do que que o vô trabalhava?

**Zezito:** Ah, em Rio Branco, lá, bom, aí ele sempre foi lavrador, o negócio dele era fazer plantação, ele plantou de tudo, plantou... ajudou a plantar café, milho, arroz, feijão. Eu me lembro de uma vez lá na Zona da Mata, eu e ele fomos colher arroz e tinha aqueles bicho... na época a gente falava “chumichuga”, sei lá que que chama, que diabo que bicho que é, é um bichinho assim parecendo uma lesma, ele ficava nas pernas da gente chupando o sangue, se você deixasse ele entrava  dentro da pele, né?

E nós fomos colher arroz e o arroz estava quase na cintura da gente, a água, né, aquela aguaceira ali, que tinha chovido parece e tinha que colher aquele arroz de qualquer jeito. Quando ele morreu aqui em São Paulo, no Hospital 9 de julho, daquele problema nas pernas eu perguntei pra ele: "pai, por que será que o senhor tem esse problema nas pernas? Não foi aqueles bichos lá que a gente ia catar arroz, colher o arroz e eles ficavam... enfiava lá pra dentro das perna da gente?", ele ficou sem saber, né? Também não sabia por que que ele ficou assim. Ele ficou uns 5 anos doente, né? De muleta, depois nem de muleta podia andar mais, ficou de cadeira de rodas, depois ele ficou em colchão de água porque doía tudo, magrelo do jeito que ele era e aquilo pra mim era um sofrimento, né? Cada vez que eu ia lá ver ele, isso aqui em São Paulo.

E aí o Antônio, o teu pai começou assim, seu pai foi trabalhar ali na Rua Santo Antônio, acho que é na Rua Santo Antônio, num emporiozinho ali, o Antônio foi pra lá trabalhar, ganhava uma merreca danada, mesmo assim cada um fez um... ele fez um valezinho lá com o patrão dele, cada um juntou um pouquinho, parece que eu não dei nada porque eu não tinha nada pra dar, aí compramos uma casinha aqui na Rua Hedi, com quarto e cozinha, tinha parece que 9 pessoas ou mais dentro daquele quartinho lá, não cabia todo mundo, eu fiz um barraco do lado de fora, coberto lá não sei com o quê, não me lembro agora com o quê, com umas tábua velha lá, que nem favelado, esses favelado bem favelado mesmo, de tábua, é pena que a gente não tinha uma máquina pra tirar umas fotografias daquilo lá, daquela imundice lá que a gente morava e o Antônio foi estudar, estudar, foi indo, foi indo... chegou onde ele está hoje, graças a Deus, né?

Eu cada vez que lembro do Antônio eu lembro da miséria que ele viveu e lembro hoje porque ele tem e que ele nos ajuda, né? Você vê, meu convênio acho que passa de mil reais aí e ele que paga, eu não pago convênio não e tem valido muito esse convênio. Olha que... olha que tem uma pasta aí, fora as malas que eu tenho de exame, não sei de quê, exame tudo caríssimo, eu agradeço tudo ao meu irmão, ele também não tinha nada, uma vez eu... **uma vez eu fui visitar ele ali na Rua São Caetano, que ele começou a trabalhar em uma empresa chamada VEF e é... e ele comia pão com manteiga na hora do almoço e uma média de café com leite porque ele não tinha dinheiro pra almoçar, pagando os estudos, ele foi estudando, estudando, hoje ele tá nessa situação que ele tá, graças a Deus.**

Ele também passou uns bons pedaços, né? Ele não conta pra gente não, também não acompanhei muito a vida dele não, mas algum pedaço eu conheço. Eu me lembro que uma vez eu fui à casa dele, não tinha cama, morava ali no Morumbi, não tinha cama, deitado no chão lá, eu falei assim "você tá brincando?", eu falei "não, é verdade, não tenho... não tenho cama não", aí... foi assim. (Eu tinha acabado de mudar, estava aguardando a entrega da cama).

Meu pai morreu, minha mãe morreu, tiveram os melhores hospitais, né, de São Paulo, Albert Einstein, Hospital 9 de Julho, Sírio Libanês lá e teve essas vantagens todas.

Mas eu tive muitos momentos felizes, que nem o Roberto Carlos fala, né? (Risos)




# Olga Lino Pinto dos Santos
# Nascimento: 20/04/1950
# Depoimento ao Júnior em 27/06/2011

**Júnior:** Como é que era essa história do...

**Olga:** Então, era assim, né, como ela tinha esses problemas dela lá e ela tinha a sua hora, de... ficar pensando em solução, àquela hora de relaxamento dela, aí ela fazia café, ficava em pé na porta fazendo assim com a caneca, tomando. Fazia assim, tomando café. Demorava pra tomar aquele café, bem devagarinho, entendeu? Eu me lembro dessas coisas, não esqueço.

**Marcela:** Ô tia, você que me contou uma vez, conta pra ele quando a...do casamento da vó, que ela não conhecia o vô, foi você que me contou, não foi?
- Que ela ficava olhando no buraco...
- Como é que é?
- Da porta, não é? Que ela...
- Que ela ficava olhando o buraco?

**Marcela:** Não foi você que me contou? Que ela não conhecia o vô antes de se casar com ele, que ele ia lá visitar.

**Olga: É, porque foi um casamento arrumado, né? O pai dela morreu muito cedo e ela ficou como... arrimo de família, porque eles eram 9 irmãos, tinha uma irmã que tinha paralisia infantil, né? Não andava, andou com 7 anos e ela que foi, ela era a mais velha, de 9 só tinha um homem que era bem mais novo também, né? E aí que que aconteceu? Ela era a responsável por aquela família toda, né? Aí morreu uma irmã dela e morreu a mãe dela... não, antes, mas antes disso eles arrumaram o casamento pra ela assim, sabe? "Ai, fulano lá... quer casar-se com a sua filha", aí ela se casou com o meu pai, mas não... não tinha amor, não gostava, não namoraram nem nada, foi lá, casou e... e pronto, entendeu? E... e ela durante 1 ano meu pai ficou longe dela porque ele foi pro Exército, ela ficou grávida, quando ele voltou do Exército o Zezito já estava com 1 ano de idade.**

Aí quando ele voltou, eu acho que ele não voltou muito bom assim, desse tempo que ele passou em Exército, eu acho que prejudicou um pouco a cabeça dele, porque ele... ele se tornou uma pessoa muito ruim pra ela, entendeu? Muito ruim mesmo, proibiu ela de ver a mãe dela, ela não podia ir na casa da mãe dela, ela ia escondido ver a mãe dela, entendeu? E... quando a mãe dela morreu (1940) ela foi escondida no enterro da mãe porque ele não a deixava ir, entendeu? Brigava, brigava... só que depois que nós viemos pra São Paulo, aí ela criou forças, entendeu? Aí ela não deixou mais ele ficar mandando muito nela não. E nem a gente, né? A gente cresceu tudo, né? Aí..., mas ela... realmente foi o casamento arrumado, não tinha... ela gostava do meu pai como se fosse um filho, porque ela era mais velha que ele, né? Ela tinha 23, ele tinha 19, ela sempre teve muita responsabilidade e ele era... daquele jeito, né?

**Júnior:** Ela o conheceu muito tempo antes do casamento, não? Só conheceu em cima da hora?

**Olga:** Ela não conheceu, ela sabia quem era, assim, né? O Chico, mora lá no sítio tal. Foi um compadre lá da mãe dela que arrumou.

**Jr:** Só conheceu no dia do casamento?

**Olga:** Conhecia, mas não namorava. "Vai casar-se com o fulano", mas não namorava, entendeu? Não podia namorar, naquele tempo não podia namorar, né? Namorava assim, todo mundo sentado na sala, né? - Encontrava, conversava...

**Olga:** Conversava na casa da pessoa, lá fora não podia encontrar com o namorado na época, né? Porque senão a moça ficava falada, aquelas coisas, entendeu? Não podia sair sozinha com o namorado, mas a minha mãe não namorou mesmo não, foi casamento arrumado mesmo, não houve namoro não, entendeu?

**Jr:** Que mais?

**Olga:** Então a gente... o que eu senti muita falta assim com... com os meus filhos é que eles não... não tinham paciência pra ouvir, né? Pra me ouvir, pra contar igual eu tinha com a minha mãe, de sentar-se, conversar, escutar as histórias dela, entendeu? Tanto é que o pai deles morreu agora, agora que eles vieram me perguntar "mãe, como é que ê conheceu meu pai?", entendeu? Eu falei "agora você quer saber por quê?", "como é que você conheceu meu pai, mãe?", entendeu?

Porque não se interessou em saber antes, né? E isso faz muita falta, você saber as coisas do seu pai e da sua mãe, né? É muito importante, né? E a gente sabia tudo por isso, porque a gente ficava conversando com ela, ela se sentava com a gente e contava, contava, repetia várias vezes a mesma coisa, entendeu? Tinha outra coisa que ela fazia muito legal que era cantar, né? Ela cantava, Mulher Rendeira, arrumando casa e cantando, Mulher Rendeira, trabalhadeira, trabalhava o dia inteiro, o dia inteiro, lavava aquele monte de roupa, limpava a casa, ia pra roça, carpia, voltava, colhia café, ela ia colher café lá em... quando nós moramos no Paraná, e tinha muita cobra, lá era lugar das Jararaca, né? E as Jararacas ficavam... né? No pé do café enrolada e a gente ia com ela, sabe o que ela fazia? Ela matava a cobra e... de noite que ela contava pra nós que ela tinha achado a cobra lá e tinha matado pra gente não ver, entendeu? Pra gente não ficar com medo, ela protegia a gente de todos os lados, minha mãe. Se uma pessoa... ofendia um filho dela ela ia lá, ela pegava uma... qualquer coisa assim, uma foice...

**Jr:** Uma peixeira!

**Olga: Um martelo, um pedaço de pau. Ela defendeu o Zezito com um pedaço de pau aqui, ó? Quando o Zezito brigou uma vez aí, um baita homem brigando de madrugada e ela pegou um pedaço de pau e saiu correndo atrás do homem! Então ela ia atrás da pessoa, entendeu? Se falasse mal de mim por exemplo, né? Falava mal da filha dela, né? Ixi! Ela tinha uma coisa assim pelos filhos, impressionante. Aí ela ia lá e falava "falou mal dela por quê? Que que aconteceu? Eu não admito", entendeu?** Defendia a Marta demais, defendia eu, defendia a Duduca, todo mundo. Defendia, você quer ver ela ficar triste era alguém falar mal da família dela, nossa senhora! Ela não admitia! Tanto é que as noras dela adoram ela, né? Adoravam, né? Porque ela era... ela gostava de todo mundo, ela respeitava todo mundo, sabe, né, a pessoa que respeitava todo mundo. E o meu pai era mais calado, né? Meu pai, a preocupação do meu pai era a minha mãe. Minha mãe pra ele... mas ele nunca bateu em um filho, nunca deu um tapa, sabe? Minha mãe batia. Batia de corda, corda de poço. Mas o meu pai não, meu pai nunca batia na gente, ele ameaçava, a gente corria, ele não aguentava correr atrás da gente. (O Izaltino batia sim. Era assim na época)

**Jr:** Ela batia por quê? Fazia o que assim que ela ficava...

**Olga:** Besteira! Besteira, às vezes sumia uma agulha, né? "Ah, a minha agulha grande sumiu", que ela costurava, "vai procurar", e a gente não sabia onde procurar agulha e a gente fingia que estava procurando e não achava a porcaria da agulha, ela pegava aquela corda e batia na gente. Depois se arrependia, mas batia.

Acho que ela bateu muito assim, a Duduca disse que ela nunca bateu nela, eu ela batia muito, eu era...

meia besta, meia retardada, fazia muita coisa errada! Eu era muito preguiçosa, entendeu? E a minha mãe nunca gostou de gente preguiçosa. Nossa! Porque ela era muito trabalhadeira, a minha mãe, ela... ela não tinha assim... é... tempo ruim pra ela, sabe? Podia chover, podia fazer sol. **Tanto é que ela protegia tanto os filhos que lá em Minas tinha muita enchente e... ela contava pra gente que uma vez ela foi... ela ganhava, porque não tinha como comprar mesmo, então ou criava cabrito pra tirar leite ou alguém dava o leite pras crianças, né? E aí ela foi buscar esse leite, atravessou a ponte, a pinguela, né? Era uma pinguela, não era ponte, era pinguela, e quando ela voltou da... com o leite, a enchente levou a pinguela, entendeu? Então coisas assim, que eu acho que aquela fé em Deus que ela tinha era tão grande...**

**Jr:** E como que ela fez pra atravessar?

**Olga: Ela atravessou correndo, ela falou "a enchente... tá a enchente, mas ainda dá tempo de eu ir" e ela foi, lá na comadre dela, do outro lado. Pegou a garrafinha do leite e veio, quando ela veio que ela pisou... foi-se pra baixo. Entendeu?** Mas ela não deixava. Outra coisa que ela fazia pra sustentar a gente, que era assim, muito terrível, é que... como meu pai não era muito de trabalhar, né? Meu pai era meio assim, meio paradão e aquele monte de filho, ela... tinha um filho por ano, então ela tinha muito leite. Aí ela... a... ela trabalhava na fazenda e... e ela trocava por exemplo, eu dou de mamar pro seu filho e você me dá... trabalho e comida pros meus filhos, entendeu? Ela deixava de amamentar no peito os filho dela e dava mamadeira e dava leite do peito pro filho da... da mulher da fazenda, entendeu? Fazia uma troca pra poder sustentar os filhos dela, porque como que ela ia fazer, né? Não tinha como. Ela... ela sustentar a gente de outra forma, então pra ganhar comida ela fazia isso, até isso ela fazia, entendeu?

**Jr:** E do que que ela trabalhava? Do que que ela trabalhou lá?

**Olga:** Ah, ela ia lá cozinhar, né? lavar uma roupa, limpar uma casa e... e ela...

**Júnior:** Ah, história lá da roça, como é que era a vida, né?

**Marcela:** Já me contou tanto causo de lá da roça de vocês. De... nossa, vocês contaram muita coisa pra mim já, do milharal, das boneca de milho que vocês faziam.

**Olga:** Ah, sim, a gente fazia bola de meia, ia enchendo a meia de meia, fazia bola, peteca, né? A gente mesmo fazia peteca, minha mãe fazia, né? A gente não. Minha mãe fazia peteca pra gente, costurava lá as meia e enfiava as pena de galinha. E... a gente brincava muito de birosca, sabe que que é birosca? Bolinha de gude.

**Olga:** A gente brincava muito de bolinha de gude, mas a maior brincadeira mesmo era gangorra na árvore, subir lá no morro e escorregar na... na folha, naquela capa que tem no coqueiro, que parece uma canoa, conhece? Aí a gente subia e escorregava naquilo ali, entendeu? Lá do morro. E tomava banho no rio, entendeu? Tomava banho no rio e... bom, eu não posso falar que eu ficava muito no meio do mato não, que eu morria de medo de cobra, mandruvá, (Mandaruvá) aqueles bicho que tinha lá!

**Jr:** Que que é mandruvá?

**Olga:** Mandruvá é lagarta, sabe? Nossa, é um bicho que fica fazendo assim, eu tinha maior medo daquele negócio lá. E... e a minha mãe, ela protegia também a gente disso daí, se ela visse um bichinho que a gente tinha medo, ela matava o bicho. "Vai, minha filha. Pode passar que não tem mais não", porque quando a gente foi morar no Paraná, a gente andava no meio das cobras, você saía de casa assim e você via a cobrinha verde passando no quintal, entendeu? Então era pavoroso! Nossa! Eu pegava milho pra eu comer, o que tinha no corredor assim, eu não entrava lá dentro não, igual o teu pai fazia, o teu pai ficava lá tomando conta dos passarinho, lá no meio do mato. Da roça, né? Ele ficava cuidando.

**Jr:** Isso no Paraná?

**Olga:** No Paraná. Ficava cuidando dos passarinhos.

**Jr:** E vocês eram pequenininhos?

**Olga: A gente era pequeno, eu estava... minha mãe, foi assim, nós viemos todo mundo pra São Paulo, o Zezito que trouxe a gente, né, de lá, o Zezito foi lá buscar a gente, a gente estava lá no meio do mato, morando lá eu, a Marta, o Luis e o Antônio, os outros irmãos já estavam tudo pra São Paulo, aí chega o Zezito lá, lindo maravilhoso, né? Ele era muito bonito. Chega e... e fala "não, vocês não podem ficar nessa situação! Pelo amor de Deus!", e eu lembro que ele era tão bonito, Júnior, que eu ficava olhando muito pra ele assim, aí ele falava assim "que que essa menina fica me olhando tanto? Parece uma caipira! Fica me olhando desse jeito!", porque eu olhava muito pra ele, ele era muito bonito.**

**Né? Aí ele falou assim "pode desfazer de tudo aí que eu estou levando vocês embora pra São Paulo", aí ele trouxe a gente (1963) e era muito longe, então fez várias paradas e eu lembro que a gente veio passando, eu, eu estou falando de mim, dos outros irmãos eu não lembro, mas eu vim passando mal de lá até aqui, porque assim, eu não conhecia manteiga, eu não conhecia muitas comidas, que a gente comia lá o que tinha lá, né, verdura e não sei o que e não sei o quê, né? E aí ele trouxe a gente e ele pagava almoço pra gente no caminho, né? E a gente comia e passava mal, não estava acostumado, né? E ele ficava irritado porque tinha hora que tinha que dar uma parada comigo porque senão eu ia morrer de tanto vomitar. Tanto vomitar e tinha muita fome, comia e passava mal, porque não estava acostumada com aquelas comida forte, entendeu? Mas ele foi... ó, se não fosse o Zezito... não... a gente não tinha conseguido vir pra São Paulo.**

**Jr:** Estava difícil lá a vida?

**Olga:** Estava! Muito difícil! Porque eles já moravam aqui...

**Jr:** Por que que vocês mudaram de Rio Branco?

**Olga:** Então, porque a... o meu pai parecia um andarilho, né? Quando chamava ele pra morar que estava bom, que ia dar dinheiro, café, não sei o quê, ele ia, só que ele não era trabalhador, né? Aí ele mudava, se ferrava, que nem a gente morou em São Pedro, onde a Marta nasceu, Morro Redondo que é lá na zona da mata, ir pra lá sem conhecer nada? Entendeu? Como que pode? Você ir pra um lugar sem você conhecer nada, sem ter um parente, não tem ninguém lá. E... eu acho que tinha assim, ah, não, tinha gente morando lá, tinha o tio Rogério que é o irmão mais velho dele que era administrador de uma fazenda, morava numa fazenda e esse meu tio e a mulher dele eram como pais da gente, a tia Chiquinha, entendeu? E tinha... praticamente sustentavam a gente assim, e aí... aí que que aconteceu?

Já em São Paulo, tivemos o Tio Zé Pinto e Tia Santa. Ela mudou pra casa do fundo e deu a casa da frente pra gente morar e... aí nós não ficamos lá também não, acabamos morando aqui embaixo na Santa Silvéria aqui embaixo e aí a minha tia Santa descobriu que o meu pai tinha um irmão que fazia 20 ano que não via e morava... e descobriu através de rádio, né, pedido de rádio, que ele morava lá no Paraná, em Borrazópolis e aí escreveram carta pra gente e falou "olha, vem pra cá, que aqui tem café, vocês vão ficar bem de vida aqui, não sei o quê", minha mãe catou os menino e levou pra lá, o Antônio, o Luis e Marta. E eu fiquei aqui, trabalhando de empregada doméstica lá no... no Ipiranga. E aí meu pai escreveu uma carta pra mim, porque eu chorava dia e noite de saudade da minha mãe, né?

**Marcela:** Você tinha quantos anos, tia?

**Olga:** Eu tinha 15. Ia fazer 16. Aí eu chorava que molhava o travesseiro, tanto que eu chorava. Aí um dia eles escreveram uma carta pra mim falando que lá estava precisando de uma professora que tinha... que tivesse o diploma da quarta série e eu tinha diploma da quarta série, pra lecionar lá, numa escolinha de lá, aí não deu outra, né? A minha patroa pediu lá licença no juiz, me levou até a rodoviária e eu fui pra lá, sozinha, pra Borrazópolis, aí cheguei lá, fiquei trabalhando nessa escolinha 2 períodos, aí eu dei aula pro seu pai, pro Luis, pra Marta não que ela era pequenininha, ela só ia pra ficar lá enchendo o saco mesmo.

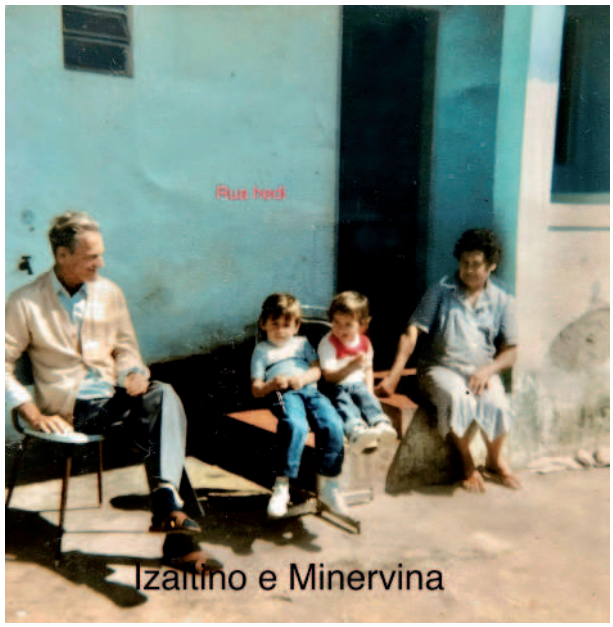
**Jr:** Que era? Escola da fazenda.

**Olga:** Escola, é, Escola Nossa Senhora Aparecida, escola do bairro lá, entendeu? Aí nós ficamos lá, aí eu fiz 16 anos lá, (A Olga ficou de fevereiro de 1966 a início de dezembro de 1966 no Paraná) depois eu fiz

16, quando eu fiz 16 eu vim embora porque aconteceu um acidente lá, o Negão que era dono do prédio que levava eu 10 léguas pra receber a... pra receber o salário na prefeitura, e era como toda prefeitura, você ficava o dia inteiro no banco esperando pra receber, ganhava 80 Cruzeiros os dois períodos, então todo mês ele me levava pra receber, só que eu não ia sozinha, né, eu ia com o... ou o Antônio ou o Luis, né? E nesse dia, teve um dia que ele me levou e ele demorou pra buscar, aí ficou de noite, escureceu, aí quando ele foi buscar a gente estava na calçada assim de uma padaria de uma amiga da gente, que a gente ficou lá, ela deu comida pra gente, a gente ficou lá esperando ele chegar com o Jeep dele, ao invés dele pegar eu e o Luis e levar pra casa, ele pegou só eu e levou pro meio do mato, entendeu?

Eu lembro até hoje, o Jeep dele... entrando no mato. Aí ele... ele desceu do Jeep, ele tinha um revólver, só que ele não fez nada comigo não, porque eu ajoelhei lá no chão, pedi pra Nossa Senhora de Fátima, tremia que nem uma vara verde, eu falei "pelo amor de Deus, não faz nada comigo" e chorei, chorei, pedi, implorei, mas ele... fez... assim, falou absurdos pra mim, entendeu? Coisas que eu, criança, não sabia e ele falou tudo e eu falei "não, pelo amor de Deus", aí ele ficou com dó, me colocou no Jeep e falou "não conta nada pra sua mãe e pro seu pai" e passamos e pegamos o Luis, o Luis "uai, Olga, que aconteceu? Que aconteceu?", eu falei "não, não aconteceu nada", vim quieta, né? Quando nós chegamos lá na minha casa estava... é... o Antônio, a Marta, minha mãe e meu pai lá fora esperando no terreiro, que a gente chama de terreiro e ele chegou com o Jeep, levou até lá, cumprimentou todo mundo, foi embora e já era 9 horas da noite e a minha mãe estava muito preocupada comigo, né? Com a gente, né?

Aí a minha mãe pegou e falou assim "mas que que aconteceu?", ele falou "não! Eu que atrasei", não sei o quê, deu tchau, foi embora e eu entrei pra dentro, sentei na escada e comecei a chorar e contei tudo, falei "aconteceu isso, isso e isso", aí minha mãe falou "então você não vai mais ficar aqui", falou pro meu pai "agora você arruma... vamos arrumar as malas dela e amanhã você já leva ela na rodoviária lá e ela já vai embora pra São Paulo", aí o Antônio, é... falou "não, eu vou junto com ela", entendeu? Aí viemos nós dois.


Izaltino e Minervina

Meu pai, nós levantamos, não dormimos, porque... eu devo ter dormido, mas meu pai e minha mãe não, fizeram as... as mala da gente, meu pai pegou uma lanterna, aí nós andamos 10 léguas (7 quilômetros) porque não tem ônibus pra ir pra cidade, né? Tem um ônibus que passa às 6 da manhã e 6 da tarde, mas a gente estava 4 hora da manhã, aí subimos o morro do café inteirinho, até Borrazópolis, chegou lá a gente pegou um ônibus até Kaloré, meu pai foi no juiz lá, pediu licença pra gente e a gente veio pra São Paulo, eu e o Antônio.

Aí quando nós chegamos aqui, nós contamos pro Zezito, o Zezito queria ir lá matar o homem, a gente não deixou, né? Claro que não. Aí a minha mãe foi lá na prefeitura conversar com a diretora da escola, né?

Foi na prefeitura, não sei onde ela foi. Chegou lá, ela falou assim "nossa, mas por que que não falou comigo? Tinha que ir à delegacia porque ele fez isso com a outra professora que estava lá também. Então tinha que ter avisado, não tinha que ter deixado a menina ir embora". Mas aí a gente já tinha vindo, né? Graças a Deus, né? Aí eu vim pra cá, quando nós chegamos aqui, eu e o Antônio, a Duduca morava num quarto, com todos os filhos num quarto, na casa da tia Santa, no quintal da tia Santa e o marido dela trabalhava à noite e dormia de dia, então o que que a Duduca fazia? É... a gente dormia até ele chegar, ele chegava do trabalho a gente se levantava pra ele se deitar, aí claro que eu arrumei outro emprego de doméstica e fui trabalhar de doméstica de novo, né? Que eu não ia ficar numa situação dessa, né? E o Antônio arrumou num... num barzinho lá na Avenida 9 de Julho, (Não era lá, fui trabalhar na Ponte Rasa, na mercearia do Bezerra. Depois fui para um empório nessa galeria e depois fui para esse barzinho) e ficou dormindo lá na Duduca mesmo,

não sei como que ele fez e aí nós dois decidimos que a gente ia trazer meu pai pra cá e minha mãe, eles não iam ficar lá de jeito nenhum.

Aí nós alugamos uma casa, eu e o Antônio ali na Vila Buenos Aires com quarto e cozinha, compramos móveis usados, fomos no Móveis Usados e compramos todos os móveis usados, escrevemos uma carta pra eles, mandamos dinheiro na carta e eles vieram, trouxeram até o cachorro! O cachorro veio de trem, veio no trem, eles vieram, o cachorro chegou depois deles, mas eles trouxeram até o cachorro. (O Antonio foi no Paraná buscá-los) Ah! A minha mãe ficou tão feliz! Nossa senhora! E aí eu e o Antônio, a gente não os deixava passar falta de nada, tudo que a gente fazia era pra eles, entendeu? Tudo o dinheiro que a gente ganhava, eu lembro que eu ganhava 100 reais por mês, 50 era da minha mãe, entendeu? Dava pra ela. E aí o Antônio, ele fazia assim, antes dele ficar bem, né, porque isso ele tinha 14 anos,(16) né? Ele levantava de manhã e a gente comprava aqueles chinelo... é... de vó, né, gostosinho de lã, e ele acordava cedo pra ir trabalhar, ele deixava dinheiro dentro do chinelo pra ela, ela ficava toda feliz da vida, não deixava ela passar dificuldade, se ela falasse assim "ai, olha, eu preciso pegar o gás", porque o maior problema da minha mãe era gás, feira, essas coisas, que ela tinha... naquele tempo tinha aquela música do gás, né, que tocava e era um inferno porque ela falava "ai meu Deus, o gás vai acabar", então a gente não deixava ela ficar sem esse bendito gás, dava dinheiro pras frutas dela, ia no mercado e falava... e naquele tempo você tinha crédito em mercado, fazia uma compra, pagava uma e fazia a outra, pagava uma e fazia outra, então se precisasse de alguma coisa durante o mês era só pegar lá, ela não passava fome, entendeu? Ela não passava fome, não os deixava passar fome de jeito nenhum. Foi assim.

**Jr:** Ela se acostumou bem então na cidade.

**Olga:** Acostumou-se bem. Aí quando... aí quando foi um dia eu estava trabalhando junto com a tia Carmem na Dona Sylma, que a tia Carmem trabalhou 27 anos lá, né? E aí eu estava trabalhando lá, chega minha mãe lá, (em 1968) porque aí ela já tinha mudado dessa casa pra uma outra casa melhor ali na rua onde tem a casa do Luis, né? Onde tinha nossa casa, a gente tinha mudado pra lá, chega minha mãe lá, que precisava de 50 Cruzeiros, eu falei "mãe, onde eu vou arrumar?!", ela "ai, filha, é que eu estou comprando uma casa".

**Eu falei "eu não acredito, mãe", "estou comprando sim, eu tenho que dar 500 Cruzeiros de entrada, eu já dei tanto, tá faltando 50", não, "eu tenho que dar 50 de sinal porque é 500 a entrada", eu falei "onde que a senhora vai arrumar esses 500 de entrada?", "ai, eu arrumo, mas eu preciso garantir lá a casa", aí eu subi a escada, fui lá, falei com a minha patroa, ela na hora pegou o dinheiro "não, pode vir. Vem, Olga. Vem", ela... era... eu subi a escada e eu falei "Dona Sylma, minha mãe tá aí e ela falou que tá comprando uma casa e ela quer 50 Cruzeiros pra dar de entrada", ela falou "toma", deu o dinheiro, minha mãe veio embora, aí deu a entrada lá, não comprou a bendita da casa? Quarto e cozinha! Todo ferrado, está lá hoje, né?**

**Jr:** Qual que era essa casa?

**Olga:** Essa do Luis, que o Luis está na Rua Hedi. Era poço, tinha que tirar... tinha o poço no quintal. Aí tirava na manivela a água, mas pra ela era fichinha, ela queria ter a casa própria dela. Aí tanto fez que quando ela fez... acho o Antônio colocou a escritura no nome dela, né? Ele a levou lá no cartório e ele falou "a senhora vai ter uma escritura da casa da senhora, nem morou, mas a senhora vai ter", conseguiu tirar, colocou no nome dela, ela ficou toda feliz. (A escritura foi passada para o Luiz, em 1990, não pra ela) Então, aí... aí o Sérgio ganhou um coelho e a Duduca queria se livrar do coelho, chamou a pessoa certa, né? A minha mãe chegou lá e falou "vamos matar ele e vamos comer ele", mas só que eu falei "não vamos contar pra ninguém não, senão ninguém vai comer", entendeu? "Se alguém perguntar a gente fala que é frango", aí a Marta comeu pensando que era frango e aí a minha mãe, ela fazia... quando eu chegava do serviço, do trabalho, ela... a minha comidinha estava... panelinha de ferro dentro do forno, uma panelinha dentro do forno, aí eu esquentava aquela comidinha e comia, né? Aí eu vi uma coxa assada lá, né, no forno, na bandeja lá, comi aquilo assim, delícia, né? Aí ela dormia muito cedo e eu não via ela, não via ela, eu só via quando... no sábado e domingo que eu estava de folga. Aí quando eu acordei, foi no dia seguinte que eu cheguei e falei

“mãe, que carne é aquela gostosa que eu comi ontem, o que que era?”, ela falou assim “ah, era coelho. Um coelho que nós... eu e a Nilza matamos, mas a gente não falou nada pra vocês não, que senão vocês não iam comer!”. E aí a Marta, toda vez que conta essa história ela fala que o coelho era dela, e não era dela, era do Sérgio, que minha mãe ainda... minha mãe não gostava de bicho, cachorro, coelho, essas coisas ela não tinha em casa, não gostava dessas coisas. Ah...

**Jr:** Conta a parte das comidas, que a gente não tinha gravado, essa também, né? As coisas que a vó cozinhava...

**Olga:** Ah, que ela cozinhava, né? Então, ela fazia...

**Jr:** Lá no sítio qual que era a comida mais comum que vocês comiam?

**Olga:** Polenta, feijão preto, torresmo e carne de porco frita, né? Porque lá eles matavam os porcos, colocava na lata, naquela lata grandona assim de... que a gente chamava lata de querosene, antiga, né? Assim. E colocava ali e tampava lá com um pano branco de saco branco assim e quando ia comer, é... esquentava, pegava a panela, colocava no fogão de lenha e tirava com a concha assim as carne com a gordura e esquentava ali, entendeu? Não tinha geladeira, micro-ondas, essas coisas, né? Não tinha essas coisas na época, então era tudo... é... se você deixasse a carne de porco frita na gordura ela não estragava, podia ficar meses ali, né? Então toda vez que ia comer tirava, esquentava e comia. Aí ela fazia, ela fazia canjiquinha com... com carne de porco, com costela de porco, é... com galinha, ela fazia... polenta era direto, feijão preto, a maior parte era feijão preto mesmo que a gente comia direto. Então, aí ela fazia... tinha um macarrão que ela fazia, ninguém consegue fazer igual também, é um macarrão branco com... que ela cozinhava com alho, cebola e pimenta do reino, gente, meu pai era louco por esse macarrão dela. Era um macarrão branco, era macarrão espaguete, grosso, do mais grosso, mas ela sabia fazer esse macarrão, ficava muito gostoso. É...

**Jr:** Fazia muito doce?

**Olga:** É, fazia doce, doce de leite, pé-de-moleque, fazia esse doce de mamão, mamão verde ralado, né? Mamão verde ralado, fazia do pé de mamão que a gente ficava bravo com ela, porque ela saía pra rua aí, ó, e pegava, passava no quintal e pedia pé de mamão pros outros, vinha com aquele negócio nas costas, chegava lá, ficava a tarde inteira cortando aquilo, ralando, fazia o doce e distribuía pra todo mundo, todo mundo comia. E quando ela ia em Minas Gerais? Uma vez por ano ela ia em Minas e ficava 20 dias e aí ela levava os netos, né? Levava meus filhos e tudo, aí meu pai ficava bravo, “vai ficar 20 dias fora”, aí ela vinha, aquele monte de coisa que ela trazia de lá, trazia canjiquinha, feijão preto, galinha, linguiça caseira e fazia aquela bagunça, aquela sujeirada toda e quando ela chegava a gente ia tudo lá pra ver ela, né?

E ela fazia questão de tudo que ela trazia lá todos os filhos tinham que comer. Ovo de galinha caipira, queijo, tudo que ela trazia de lá ela... porque era assim, quando ela ficava lá, ela tinha muita amizade, né, lá, todo mundo gostava demais dela, então quando ela vinha embora vinha sempre uma daquelas comadre correndo com alguma coisa pra dar pra ela, “ó, comadre, ó, um pouco de feijão vermelho. Fava, um pouco de fava”, pra ela trazer e ela vinha carregada de coisa, entendeu? Tinha prazer em fazer, uma vez por ano ela ia pra Minas Gerais, ela não dava mole pro meu pai não, ele não gostava não, mas ela ia assim mesmo, ver as irmãs dela, ver o irmão, né?

**Jr:** Ela sentia falta do mato? Ela reclamava aqui em São Paulo que...?

**Olga:** Reclamava! Ela reclamava, por isso que eles foram embora por Paraná, porque ela sentia falta de terra, entendeu?

**Jr:** Mas eles vieram primeiro pra São Paulo, depois foram pro Paraná?

**Olga:** Primeiro pra São Paulo, depois foram pro Paraná. Ele, meu pai, meu pai eu lembro que quando a gente veio a primeira vez pra São Paulo ele ficou tão desesperado aqui, ficou sem chão, né? Vai fazer o que no cimento aqui? Ele ficou tão desesperado que a gente deixou ele ir embora, ele queria ir embora a gente deixou, foi embora lá pro Rio Branco, ficou 1 mês lá, porque ele não... não conseguimos segurar ele aqui, de tão desesperado que ele estava pra... por causa da terra, ele sentia falta, é muito difícil você tirar uma

pessoa de um lugar desse, a pessoa sente o cheiro da terra, aí traz pra São Paulo, não tem estudo, né, aquele monte de filho pra ficar, sabe, assim, parado? A pessoa que tá acostumada a trabalhar, entendeu? Ele quis voltar pra lá, aí ele foi, ficou 1 mês lá, mas ficar longe da gente... da minha mãe também não ficava, mas ele veio pra cá mais conformado, depois teve essa chance de ir pro Paraná e ele embarcou, foi pro Paraná.

**Jr:** E vocês ficaram quanto tempo lá no Paraná?

**Olga:** Ah... eu fiquei 1 ano certinho, **(fev/1966 a dez/1966)** agora, meu pai e minha mãe devem ter ficado uns 2 anos lá. **(De janeiro de 1966 a fevereiro de 1967)**

**Jr:** O vô trabalhou no engenho, foi em Rio Branco?

**Olga: É, em usina, foi lá que... foi nessa usina de cana que fazia pinga, né, foi lá que ele aprendeu a beber, né? Ele e minha mãe, eles beberam durante 10 anos, ele e todo mundo que trabalhava nessa usina, meus tios, minha tia... porque, é... era muito atraente o cheiro, né? Você fazer, sentir aquele cheiro de cana, que nem garapa, né? Que nem suco de cana, e aí eles viciaram na bebida, entendeu? Beberam durante 10 anos, mas também quando parou, parou, "vou parar", parou. Não deu trabalho pra ninguém, entendeu?**

**Jr:** E a vó também?

**Olga:** Bebia de noite, ela bebeu 10 anos, 10 anos que ela bebeu, pinga mesmo, escondia dentro do armário a garrafinha.

**Jr:** Mas de ficar bêbada mesmo assim? Não?

**Olga:** A gente não via porque ela ia dormir. Ela bebia e se deitava. Dormia, aí no dia seguinte fazia tudo normal, de noite bebia de novo, entendeu?

**Jr:** Como é que era a rotina dela assim? Acordava cedinho...

**Olga:** Cedo, nossa! Minha mãe, ela sempre incomodou a gente com esse negócio de acordar cedo, porque dormia muito cedo, né, 7:30 ela estava deitada já. Porque ela trabalhava muito, ela ficava muito cansada, então ela dormia muito cedo, só que 5 da manhã, não podia ver uma luz de claridade que ela já levantava, já ia fazer café, já começava a conversar. Conversava comigo, conversava, conversava, conversava, conversava, conversava, conversava, conversava... e a gente ficava irritado com ela, né? Porque a gente queria dormir, né? Ela não... eu não sei onde ela arrumava tanto assunto, meu pai ficava escutando. Meu pai escutando, quietinho, fumando o cigarrinho de palha dele, né? Ele... ele cortava com o canivete lá o fumo, fazia cigarro lá na palha, fumando e conversando com ela. E quando ela ia pra Minas assim, ela fazia questão de trazer o fumo dele e a palha de lá pra ele fazer o cigarro.

**Jr:** Quando ele estava aqui em São Paulo já?

**Olga:** Quando ele estava aqui em São Paulo, ela trazia pra ele passar o ano inteiro, o fuminho dele, entendeu?

**Jr:** Eles eram amorosos assim, um com o outro? Ou eles brigavam muito? Como que era?

**Olga:** Brigavam demais! Era uma implicância que ele tinha com a minha mãe, tudo ele reclamava, eu não sei como ela suportava, ele era muito chato com ela, nossa senhora! Ele dependia total dela...A palavra, assim, ela tinha muitas qualidades, ela era educada, tratava todo mundo com respeito, ela ajudava todo mundo, entendeu, assim, ela não podia ver uma pessoa passar dificuldade que ela ia ajudar, ela... ela tirava dela pra dar pros outros assim, entendeu? E ela nunca passou falta de tudo, porque ela era muito boa pros outros, então a melhor qualidade dela mesmo era a honra dela, assim, o respeito que ela tinha, que ela fazia se respeitar, sabe assim?

Ela não era mentirosa, ela não era... não enganava ninguém, entendeu? Não ficava devendo pra ninguém, uma pessoa honesta, honesta, honesta, honesta até o último, entendeu? E... e eu lembro também que quando o Zezito foi buscar a gente lá em Minas, eu lembro que... é...meu pai ia, ele trabalhava e recebia todo sábado, e aí, é...ele ia na...a gente ficava esperando nesse sábado, porque nesse sábado ele fazia compra

pra casa, de comida da venda, né? Andava lá na venda do homem lá pra fazer as compras, só que ele... ele bebia a pinguinha dele, né? Então ele demorava pra voltar... e aí passava e a gente estava com sono e a gente dormia, né?

**Dormia porque não chegava a comida mesmo, ia fazer o quê? Dormia! Aí a gente acordava com a minha mãe colocando mortadela na boca da gente, pra gente não dormir com fome,entendeu?**

**Ela colocava mortadela na boca da gente.** Aí ela acordava cedo e assava batata lá no fogão de lenha, sentava-se lá, a gente acordava a batata já estava assada quentinha pra gente tomar com café, entendeu? Ela tinha o maior cuidado. Aí o meu pai vinha com aquele saco lá de coisa nas costas, de noite, né? No escuro e... trazia pra dentro de casa, mas ela não brigava não, ela esperava, ela falava "ai, seu pai é muito mole", porque... quando era ela que resolvia era rapidinho, né? Ela se virava pra arrumar comida pra gente, ela... ela pegava... ela fazia cada coisa pra gente comer assim... e a gente comia e achava gostoso e a gente falava "mas que que é isso?", que ela pegava no mato assim, ela sabia as coisas que tinha no mato, por exemplo, tem uma frutinha que chama Jurubeba, que ela fazia, que parece ervilha, ela fazia refogada pra gente, entendeu?

**Ela fazia... mingau de couve, mingau de couve é feito com fubá de milho, né? Mingau de couve.**

**Aí colocava bolinho de fubá e de ovo dentro, faz a massa do... do fubá com ovo, né? Fubá, ovo e sal e frita, aí depois do mingau pronto pega aquele bolinho frito e joga dentro daquele mingau gostoso de couve e come, entendeu? Nossa! Muito bom.** Então ela se virava, você a pegava fazendo tipo assim, ela pegava um quiabo, quiabo não tem aquela ponta do prumo assim? A gente joga fora, né? Corta aquilo, ela não, ela descascava aquela parte também, pra render mais. E aí tem a história do frango, né? O frango porque cada... cada... o frango, cada um tinha o seu pedaço, ela cortava o frango, aí, é... eu era o pescoço, a Marta era aquela parte que tem a costa do frango, que a gente fazia aposta, né, do frango, você não conhece, conhece? Que quebra...

**Olga:** É, que quebra, é. O meu pai era o peito, o peito era do meu pai e sabe com o que que ela ficava? Minha mãe, pra dar pra gente? Ela ficava com a moela, ela ficava com a moela, é... os pés, cabeça, a cabeça, ela conseguia fazer essa cabeça, ela tirava o olho da cabeça, o bico da cabeça, então ficava aquela... sabe? Cozinhava aquilo, então ficava gostoso aquela cabecinha, né? E aquilo ficava pra ela, era dela. Os pedaços melhor ela dividia com os filhos e com o marido. Aí não sei quem ficava com a coxa, a outra coxa e dividia, cada um tinha a sua parte do frango, entendeu? Fazia... mingau de carirú, que hoje em dia eu nem sei o que que é mais isso que ela fazia, mostarda, eu odiava mostarda, ai meu Deus, mostarda é uma verdura tão ruim e ela fazia aquela bendita mostarda pra gente comer, tinha que comer aquilo, a gente comia, tinha fome, comia, né?

**E... e uma coisa que ela fazia, ela ensinava a gente a ter coragem, sabe? Ela ensinava a gente a ter coragem, então quando a gente cresceu um pouquinho, aí ela fazia, ela falava assim "vai lá no tio Rogério buscar não sei o que pra mim", aí ia eu e o Antônio sozinho, andando aquela distância toda, no meio do mato, naquelas estradinhas pra ir buscar o que ela pediu, entendeu? Porque a gente era obediência a ela, entendeu?**

Tudo que ela falava pra a gente, a gente obedecia, não teimava com ela, não tinha esse negócio de teimar com pai e mãe, obedecia mesmo, pedia, a gente corria e fazia com o maior gosto. E... aí eu lembro que uma vez, é... tinha uma venda que hoje a gente chama de bar, mas era uma vendinha, um mercadinho, né? Na beira da estrada e ia chegar não sei o que no ônibus, que eu não lembro até hoje o que que ia chegar e ela me mandou e o Antônio ir esperar esse bendito ônibus lá nessa venda, na estrada assim, né? E a gente com uma fome, eu e ele, você falou que comeu torresmo com pão? A gente comeu doce de leite com pão! Porque a gente foi lá na venda, tinha umas moedinhas, uns trocados lá e a gente comprou pão e colocamos aquele doce de leite quadrado dentro do pão e ficamos comendo aquilo pra esperar essa tal de encomenda que até hoje eu não lembro o que que era. Entendeu?

Aí a gente ficou o dia inteiro lá esperando essa bendita dessa encomenda que a minha mãe tinha pedido pra esperar. (Isso aconteceu em São Pedro dos Ferros) Aí teve um dia que ela colocou a gente pra carpir também, eu e o Antônio, ajudar meu pai, eu não gostava desse negócio de roça não. Aí adivinha o que que ela fez pra gente comer? Pão com linguiça. E a gente cansado ali, né, trabalhando, eu e ele carpindo, aí chega aquele pão com linguiça, mas ai, que delícia! A gente comeu, comeu, comeu. Outra coisa era levar comida pro meu pai no prato, né? Não tinha tupperware, plástico, essas coisas, então tinha aquele prato de esmalte, né? Aí ela colocava a comida ali naquele prato, punha outro prato em cima, amarrava o pano, né?

Também de saco branco, um garfo assim e a colher enfiado dentro do pano assim, naquele nó do pano, "vai levar comida, almoço pro seu pai", a gente ia lá, meu pai sentava... largava a enxada assim, do lado, sentava-se embaixo da árvore, esperava ele comer, pegava a vasilha e trazia pra casa, aí ela mandava polenta, feijão, pedação de carne, né? Arroz ela fazia o seguinte, porque... bem... bem antigamente, é... plantava arroz, né? A gente plantava arroz, aí ela pegava o... o arroz, deixava secando assim, depois socava no pilão, arroz com casca e fazia aquele arroz pra gente comer, entendeu? Uma delícia, é tipo arroz integral, né? Muito gostoso aquele arroz, ela socava no pilão, o café ela socava no pilão o café, torrava e tinha um negócio assim, quando torrava o café, no dia que torrava o café não podia pegar friagem, né? Porque senão... diz que ficava com a cara torta... porque era muito quente, né?

O negócio do café, aí ela... quando ela torrava o café, que ela ia torrar os café dela lá a gente tinha que fazer tudo que tinha que fazer fora da casa porque ela não podia sair lá fora, não podia tomar sereno, né? Aquelas coisas. Aí a gente fazia pra ela e... a carne, ela tinha máquina de moer carne, aí ela fazia aquela carne de porco moída naquela máquina ali cheirosa! A gente comia pra caramba e... galinha, criava galinha, matava galinha, aí teve uma vez que meu pai veio, a gente tava morando lá e meu pai veio pra Rio Branco, não sei que que ele veio fazer, né? E tinha umas pessoas, uns cara lá que estavam roubando as galinha lá do... do galinheiro e quando sabia que o marido não estava em casa eles iam roubar de madrugada as galinhas, aí minha mãe passou a noite inteira com a espingarda dentro do buraco! [risos] Fez um buraco assim na casa, ficou com aquela espingarda esperando o ladrão chegar e o ladrão não chegou, ficava com a espingarda lá enfiada. Um dia a gente estava morando lá também, onde a Marta nasceu, na casa que a Marta nasceu, (Fazenda do Morro Redondo) aí o Expedito estava em casa nessa época, o Expedito, o João, o Zezito também estava pra cá, aí... **tinha um... um homem que morava lá, que ele tinha um filho que era terrível, sabe? Ele passava lá e jogava pedra na gente, a gente estava no quintal assim e ele passava e tacava pedra na gente e Deus me livre se mexesse com a gente, né? Meu pai e minha mãe ficavam P da vida. Aí um dia ele jogou, ele tacou uma pedra nessa minha irmã que morreu, sabe, essa de 5 anos? E ela entrou pra dentro chorando, meu pai saiu lá fora, deu uma bronca nesse moleque, deu uma bronca nesse moleque, era um molecão de mais de 10 anos, aí quando foi à noite, meu pai estava vindo do serviço com a enxada nas costas e tal, o pai do moleque não ficou esperando meu pai? Pra bater? Aí nós tamo lá dentro de casa, minha mãe escuta aquela briga, aquela briga, aquela briga, minha mãe... foi lá dentro, "já sei que que tá acontecendo, é o fulano que tá pegando o seu pai, é o pai do menino", pegou uma foice, pegou uma foice, foi lá, os dois rolando no chão e tinha um buraco, um poço assim lá, tampado com tábua assim lá no meio da roça e ele estava jogando o meu pai dentro daquele poço, sabe que que a minha mãe fez? Catou a... a foice, meteu a foice no homem aqui, assim, na orelha do homem. Onde acertou ela deu. Pegou meu pai e trouxe pra dentro de casa, aí ela ficou preocupada, né? Ela falou "meu Deus, amanhã eu acho que a polícia vai vir atrás de mim, que que eu faço, né?", aí resolveu "não, amanhã eu mesma vou na delegacia, vou levantar cedo e vou", aí catou o... catou o Antônio e foi pra delegacia lá, não sei pra onde que ela foi, delegacia não, foi lá no administrador da fazenda, né, da... contar pra ele antes do outro chegar, "amanhã ele vai lá contar pro administrador, então eu vou chegar primeiro que ele", né? E foi e passou pelo homem no caminho, ele lá com o pano assim, tinha colocado um pano assim na cara assim pra tampar a ferida, né? De bicicleta, estava indo, ela chegou primeiro que ele, falou assim "ó, eu vim aqui falar pro senhor que ontem eu dei uma foiçada no Vicente, que ele pegou o meu marido e estava tentando matar meu marido e eu fui lá pra defender e eu fui lá e meti a foice nele e ele tá chegando aí". [risos] Diz que cortou mesmo a orelha do homem, você acredita?! É doida! Eu, hein?!**

**Olga em outra conversa sobre o Paraná:** Aí um dia, quando eu ia receber esse dinheiro lá, né, na cidade da escola, eu ia no Jeep, né? E eu era muito bonita, eu tinha uma pele muito bonita, entendeu? Eu era bonita pra caramba. Aí você vê, eu vim de São Paulo, né, 16 anos, bonita, né, todo mundo ficava doido, é como pegar a Marcela linda assim e levar ela pro interior. Aí eu ia receber de Jeep e sempre eu me sentava perto do motorista do Jeep, né? Ou esse homem aí ou outro que estava indo pra cidade, dava carona, conhecido,

né, “eu vou pra cidade e tal, se ela quiser ir eu levo” e... aí eu fui, é... com o Luis e com esse outro homem lá que tinha esse tal desse Jeep e aí no caminho, quando a gente estava indo a minha prima, tem uma prima minha que foi lá e falou pra mulher, e viu a gente passar, foi lá e falou pra mulher do homem que eu estava passando a mão na perna do homem, aí a mulher pegou um revólver e ficou me esperando, entendeu? Só que foi assim, a minha prima fez essa fofoca e foi na minha mãe também, falou assim “olha, a fulana de tal tá esperando a Olguinha chegar e disse que vai matar ela, tá com o revólver lá”, nossa! Minha mãe catou um porrete e subiu lá. Eu nem sabia da história, estava lá pra cidade esperando meu pagamento. Minha mãe subiu lá, levou sabe o quê? Um machado, sabe que que é machado? Pôs o machado nas costas, aprumou, foi... chegou lá falou assim “eu vim aqui saber se ela tá querendo matar a minha filha mesmo, se a senhora quiser matar minha filha a senhora vai matar ela perto de mim, eu vou ficar aqui esperando ela voltar, então a senhora vai matar ela na minha frente. Não vai matar escondido, vai matar na minha frente, eu vou esperar aqui junto”, com o machado na mão, entendeu? É claro que a mulher desistiu, né? Mas ela defendia até o último ali os filhos dela.

**Olga:** O Zezito foi assim, já em São Paulo, bebia muito, aí estava lá no bar, lá no bar, estava no bar, de repente, de madrugada entra o Zezito, entra o Zezito lá assustado, meio bêbado, né? E aí a minha mãe falou assim... levantou, minha mãe não dormia porque o bar, você escutava os grito do jogo de dominó, de baralho, tudo, ninguém conseguia dormir e a minha mãe preocupada que estava o João, o Zezito e o Expedito dentro desse bar lá até tarde da noite, aí o Zezito entrou, o dono do bar foi atrás dele, “abre a porta que eu vou matar ele”, a minha mãe abriu a porta e falou assim “mata agora”, ela tinha sempre uma barra de ferro guardada dentro de casa, tinha sempre uma barra de ferro pra se defender, ela colocava atrás da porta, pegou a barra de ferro, três homens chegaram atrás do Zezito, ela falou assim “mata ele agora. Vem cá. Pode matar”, saiu tudo correndo, foi embora, até hoje. Ela era muito “macho”. Muito macho mesmo, ela resolvia tudo mesmo, entendeu?

Quando ela estava grávida de mim e ele... ficou com muito ciúme dela, porque falavam que eu não era filha dele, que eu ia nascer preta de um fulano lá que disse que eu era filha de preto, que eu ia nascer preta. Aí por causa desse ciúme dele com a minha mãe ele... ele pegou a casa da minha mãe e pregou tudo, as portas e as janelas, quer dizer, as janelas, né? Tudo com tábua nas janelas e não deixava a minha mãe... a minha mãe não podia sair pra fora, até as necessidades fisiológicas o... o João que era pequenininho pegava folha de bananeira, folha de... coisa e levava pra ela, entendeu? Porque ele trancou dentro de casa, ela não podia sair pra lugar nenhum e ela estava grávida de mim e ele ia e judiava assim, não batia, mas ela não podia sair, trancou. Ia trabalhar, voltava, abria a porta, entrava pra dentro, de manhã trancava a porta e levava a chave. Aí o meu tio Rogério descobriu isso daí, foi lá com a minha tia Chiquinha atrás dele, chegou lá, abriu toda a casa, tirou tudo aqueles negócio que estava nas janela e falou assim pra ele: “ou você a deixa ficar livre ou ela vai pra minha casa agora. Você escolhe”, abriu tudo, falou “de hoje em diante não tem madeira, ninguém vai prender mais ninguém aqui”, mas ele tinha umas coisa besta, eles brigavam muito. Muito. Muito. Era uma briga assim... que não tinha fim.

Discussão que não tinha fim, era um teimando com o outro, um teimando com o outro e aquilo ia irritando a gente, entendeu? Ia irritando, irritando, irritando até que quando chegou aqui em São Paulo foi que parou isso daí, né, umas briga besta, sabe? Mas eu nunca achava que ela tinha que ficar, com ele, mas pra ela, casou-se, tinha que ficar até o fim, não tinha que largar, tinha que aguentar. E os dois eram como a água e o vinho, né?

Eles não combinavam, entendeu? Não combinavam. Aí ele falava que eu ia nascer preta, aí quando minha mãe sentiu as dor que eu ia nascer, sentiu que eu ia nascer, ela falou pro Zezito: “vai lá na roça e fala pro seu pai chamar a parteira que o neném vai nascer”, aí o Zezito foi lá e ele falou assim “não, não vai nascer hoje não. Eu sei a data que vai nascer, não vai nascer hoje, vai nascer tal dia”, aí o Zezito voltou pra traz e falou “uai, o pai não deixou, ele falou que não vai chamar não”, ela falou “então vai você chamar”, aí o Zezito foi chamar a parteira, quando a parteira chegou eu já tinha nascido, eu nasci no chão de terra assim, ela disse que subiu assim pro quarto e eu... caí assim no chão, aí quando ele chegou eu tinha nascido, ela não sentiu dor nenhuma, só sentiu uma dor besta nos seios e diz que eu nasci tão branca, tão branca... branca, branca, branca, branca, aí diz que aí ele veio pra casa, aí diz que a mulher falou assim pra ele “vai lá ver a

sua filha, se ela é preta, você não falou que ela ia nascer preta?", ela disse que ele ficou todo sem graça.

E... aí eu fiquei branca muito tempo, diz que eu fiquei de cabelo branco, branco, branco, branco, tanto que meus primos assim, aqueles meus primos mais velhos, eles não me chamavam de Olga não, chamava é de Branca, de Branca, "a Branca", porque eu tinha o cabelo branco, branco, branco, aí foi castigo ali pra ele, entendeu? [risos] Porque ficar falando coisa que não é, né? Aí nasci branca.

**Jr:** Qual que é a sequência? Dos filhos? O Zezito...

**Olga:** Foi o Zezito...a Duduca e o Expedito, aí depois tem a... a... ah, esses dois que morreram eu não sei que sequência que eles eram não. Os dois... os irmãos que faleceram, eu sei que a última que morreu era... é par com o Luis, né? Mas os outros assim eu não sei direito não. (Zezito, Nilza, Expedito, João, Marlene, Olga, Antônio, Ivo, Luiz, Maria Helena e Marta)

**Júnior:** Conta umas histórias do meu pai? Eu queria saber.

**Olga:** Ah, seu pai era assim, ele... ele era meu companheiro, né? Era muito companheiro, muito, ele era...o filho perfeito, o filho que... que todo mundo pediu a Deus, né? Porque minha mãe conta que quando ela ficou esperando-o, eu... como ela tinha sofrido muito na minha gravidez, então a... as irmãs eram contra, aí falavam pra ela "ah, não arruma mais filho não, né?", mas como que ia fazer pra não arrumar mais filho?

Não tinha jeito! **Né? Aí diz que... ela conversou com a minha tia Niguita, ela falou assim "ai, eu acho que eu estou esperando filho de novo", ela falou assim "ah, como é que pode? Você sofreu tanto! Vai arrumar mais um filho?!", aí diz que ela falou assim "ah, quem sabe vem um bom filho ou uma boa filha?", entendeu? Aí veio o Antônio, né? Parece que os anjos falaram "amém" mesmo, né? Porque... filho... nossa senhora, né?**

E... aí ele, ele era assim, ele era... era... quase que... ele era perfeito assim, não batia nos irmãos, tudo que pedia pra fazer, fazia, é... amoroso, nossa! Ele era... uma coisa mesmo assim, então lá, quando a gente estava lá no Paraná, a gente... eu e ele, a gente sempre foi um grude eu e ele, entendeu? Por isso que hoje em dia meus irmãos ficam tudo com muito ciúme aí que ele viajou, né? Mas é que eu e ele, a gente sempre foi esse grude mesmo, sempre foi, eu não tenho vergonha de pedir nada pro seu pai, entendeu? Porque eu sei que ele dá com amor pra mim, é como se eu fosse... ah, não sei, filha dele, sei lá, meus filhos dele, não sei. Eu sei que ele sempre ficou do meu lado e eu acho que ele ficou mais do meu lado do que do lado dos meus irmãos, entendeu?

E meus irmãos percebem isso e ficam... ficam com muita raiva. Mas é uma coisa natural que ele faz, ele faz naturalmente assim, eu lembro que quando ele... a gente estava lá no Paraná a gente fazia foguinho de lenha, né, lá fora, eu e ele, eles iam dormir lá, os dois lá, meu pai e a minha mãe e tal e a gente ficava sentado lá no foguinho de lenha e ficava conversando, aí ele falava assim pra mim "ah, eu quero ir embora pra São Paulo, eu quero ir embora pra São Paulo, eu quero estudar bastante e eu vou comprar uma casa pra minha mãe e um apartamento pra você", aí eu falei pra ele assim "mas eu não gosto de apartamento não, não quero apartamento, por que que você não faz um sobrado pra mim?", é, aí nós viemos pra cá, ele fez o sobrado pra mim, né? Comprou a casa pra minha mãe, duas casas, né? Fez o sobrado pra mim do jeito que ele imaginou fazer, me deu a chave, primeiro me deu uma casa, depois fez o sobrado, quando eu vim, né? (Isso foi muito tempo depois, final do anos de 1980) E... esqueci. Ah, é! Aí quando ele começou, quando ele começou a ficar melhor de vida assim, teve um dia... aí ele ia muito na minha casa, entendeu?

Quando ele se separou da sua mãe, ele levava vocês pra minha casa pra ficar 15 dias e... ficava lá na minha casa e eu... é a única casa que ele tinha liberdade pra ficar com vocês assim, da família era minha casa, né? Porque ia pra lá, ficava lá fim de semana, toda vez que ele ficava com vocês ele ficava na minha casa, porque ele não tinha tanto dinheiro assim, pra sair com vocês naquela época, né? Pra viajar, pra passear, então ele ia lá pra minha casa, a gente fazia franguinho, fazia uma comidinha, a Janaína era muito chorona, manhosa, né? Ela tinha que ter cuidado... ele não podia ficar longe de uma mulher, tinha que ter uma mulher pra cuidar dela, né? Ela usava fraldas, tudo, dormia junto com meus filhos na cama, né? Todo mundo na mesma cama, mas era legal e a gente ficava, conversava muito. E aí quando ele melhorou, que foi pra Talent assim que ele... que ele estava na Talent ele falou assim pra mim um dia: "reza pra eu passar pra diretor que

a nossa vida vai mudar muito", e não é que ele passou mesmo? Aí ele passou a diretor, chegou lá em casa, falou "olha, eu consegui, agora eu vou fazer um churrasco, eu quero que chame a família inteira", aí a gente chamou todo mundo, os primos, a família toda, comprou 40 kg de carne, 40 kg de carne, fizemos churrasco, aí choveu mais tarde, sabe? Aí bagunçou tudo lá, mas tudo bem, ele tinha passado e ele ficou muito feliz, bebeu demais. Bebeu, bebeu, bebeu, tiveram que levar ele em casa porque ele não queria dormir lá em casa, ele queria dormir na casa dele, ele já estava morando sozinho e tal, aí levaram ele em casa, deixaram o carro dele aí e levaram ele em casa, no dia seguinte foi até engraçado porque o... ele tinha um carro igual o carro do Toni da Duduca, né? E ficou os carros no mesmo lugar assim, e aí o Toni foi pegar o carro e estava enfiando a chave no carro dele, entendeu? Ele fez confusão de carro. E aí quando ele melhorou ele me ajudava, tinha que me ajudar, nossa, me ajudava... aí ele ia lá na minha mãe, em dia de domingo assim ele ia na minha mãe, aí ele pegava um monte de dinheiro e dava pra mim, eu ficava... eu ia contar escondida no banheiro, sabe?

Aquele dinheiro lá, eu já estava separada do Roberto, sozinha com as crianças, aí eu adorava aqueles pão doce de padaria, que tem aquele creme em cima assim, e não podia comprar, né? Porque... não tinha dinheiro. Quando ele dava esse dinheiro eu não via a hora que ele ia embora eu saía correndo pra padaria pra comprar esse abençoado desse pão doce, entendeu? Aí quando ele ia embora, ele demorava pra ir embora, aí ele ia embora, eu falava "mãe, fica com as crianças aí que eu vou lá na padaria", comprava aquele pão doce lá, aí vinha, comia, comia, comia, comia. Nossa, matou muito a minha fome. Ele... se tinha uma festa assim, por exemplo, aniversário teus assim, ele falava assim... ele aparecia lá em casa e falava assim, é... "vamos lá na Penha que eu vou comprar umas roupas pros meninos irem no aniversário teu", porque fazia aqueles aniversários no salão, né? Tudo bonitinho no bufê, com o bufê e tudo, aí comprava, junto comigo ele ia na loja comprar roupa pras crianças, colocava dinheiro embaixo do travesseiro dos meus filhos, quando eram pequenos, 1 Cruzeiro, pegava uma notinha de 1 Cruzeiro e colocava lá e... como meus filhos também eram muito responsáveis, eu lembro que eles acordavam, pegavam o dinheiro e falavam assim "ai, mãe, eu vou comprar alguma coisa pra você, que que você tá precisando? Você tá precisando de Bombril? Você tá precisando de margarina?", entendeu? Eles não gastavam com eles, eles gastavam comigo. Aí todo ano ele levava presente de Natal pra todos os sobrinhos, ele enchia o carro, ele saía pra comprar, ele comprava tudo, certinho os presentes, tudo que ele levava, acertava nas crianças, entendeu? Tudo que ele levava acertava, boneca pra um, carrinho pro outro, metralhadora pro outro, aquela que fazia... saía foguinho assim.

Nossa! Aí eu lembro que depois ele... ele deu até assim, o Ivan fazer 16 anos por exemplo, aí um dia ele levou, falou assim "é, Ivan, agora eu não sei se eu acerto mais com vocês não", aí ele parou de dar presente, porque daí eles cresceram, né? Não tinha mais criancinha pequena pra dar presente... aí ele parou. Parou de dar, mas ele levava cesta, depois que eu estava cuidando da minha mãe, ele levava cesta de café da manhã pra mim, aquela cesta linda assim, chegava aquela cesta, eu abria aquilo, nossa senhora! Todo conforto do mundo ele me deu quando eu estava cuidando da minha mãe. Não passei falta de nada.

**Jr:** A vó era muito apegada a ele?

**Olga:** Muito! Nossa senhora! Muito apegada. A minha mãe, ela... ela tinha medo de morrer por ele, entendeu? Porque ela sabia que ele ia sofrer, aí ela falava, falava assim "eu sei que eu vou morrer, mas eu tenho muita dó do Antônio porque ele vai sofrer mais que todo mundo" e ele sofreu mesmo. Nossa senhora! Eu o pegava lá no hospital muitas vezes assim, eu estava lá, eu... ele chegava e eu o deixava com a minha mãe, quando eu voltava, ele estava chorando de soluçar, olhando-a na cama e chorando, né? Chorava muito mesmo. Ele sofreu muito. Porque... mas a gente depois tem que se conformar, né? Porque ninguém vive pra sempre, né? Não tem jeito.

Meu pai também, ele sofreu muito. Quando meu pai morreu ele... eu e ele que andávamos com o meu pai pra baixo e pra cima, né? Eu estava trabalhando lá no supermercado, aí ele... de repente olhava, ele estava do meu lado, falava "vamos lá comigo levar o pai", aí ele perguntava pra mim assim "quanto você tá ganhando aí no mercado", "ah, tanto", "então fica lá cuidando do papai que eu te dou o dinheiro", entendeu? Porque não tinha quem cuidava, né? Aí eu cuidei. E... aí a gente levava meu pai pra cá, levava pra lá, internava, e aí ele... como eu tinha as crianças pequenas não podia ficar de noite no hospital e ele contratava a pessoa pra ficar lá com meu pai, até que um dia... levei meu pai muito mal, aí ele foi pra UTI e tudo, ficou

5 dias e morreu, né? Aí ele foi lá em casa, ficou lá... olhando pra mim, "tem café aí?", eu falei "não tem, mas eu faço", aí fiz café pra ele, ele falou assim pra mim: "ó, é... eu vim te avisar que o pai acabou de morrer, né? E... e agora eu não sei como é que eu vou falar isso pra mamãe, que que você sugere?", eu falei "ah, não sei.

Eu também não sei", aí ele falou "ah, já sei. Eu vou pegar ela, vou pôr no carro, vou dar umas voltas com ela e aí eu vou falando pra ela devagar, né?", e aí assim ele fez, ele me largou lá, foi lá, pegou minha mãe, pôs no carro, começou a andar com ela pelo bairro assim, de carro e contou pra ela que ele tinha morrido, entendeu? E... pra ela não sofrer tanto, né? Com... com o baque da coisa, né? Porque ela estava muito cansada de cuidar dele, mas quando você fala "morre", né, "morreu", ixi... aí... o bicho pega. Ninguém quer, né, que... ninguém quer passar por isso, né? Quer que melhora, melhora, melhora, tanto que eu estava cuidando da minha mãe e achava que minha mãe ia melhorar, melhorar, melhorar, melhorar e não ia morrer, entendeu? Mas não é bem assim, né? Não é bem assim, uma hora ia chegar... eu tinha que ter a consciência de que uma hora não ia ter jeito, né? Foi o que aconteceu, fiquei cuidando dela 4 anos e 8 meses, eu ficava mais no hospital do que em casa, eu lembro que uma vez, seu pai foi visitar minha mãe lá no Sírio-Libanês e era carnaval e ele viajou, foi visitar, falou "tô indo viajar" e voltou, quando ele voltou, ele olhou pra mim e falou assim "você ainda tá aí até hoje? Não veio ninguém te substituir?", eu falei "ninguém", aí ele ficou com muita raiva, sabe? Ele escreveu uma carta pra cada irmão, o Antônio escreveu uma carta pra cada irmão, que tinha que me ajudar a cuidar da minha mãe, que não era assim, que não era assim, ficou todo muito sentido porque ir uma noite lá me substituir pra mim dormir em casa, eu também tinha filho, tinha casa pra cuidar, né? Mas eles não... não iam, quem me ajudava, me ajudou a cuidar mesmo da minha mãe foi a Duduca.

A Duduca ia, dormia pra mim, ficava 20 dias lá, se precisasse, às vezes eu falava "não, vai pra casa", ela "não, descansa você que eu fico", entendeu? Mas os outros não... a Marta por exemplo não gostava de ficar em hospital, ela fumava, ela fuma, toda vez que tinha que fumar tinha que descer lá embaixo, então ela falava, pra ela era sacrificado mesmo e a Marta, ela tem um... ela tinha um amor na minha mãe, um amor assim... fora do comum, entendeu? Nossa senhora... um amor fora do comum, a Marta não suportava ficar perto dela doente e a gente entendia isso, a gente entendia. Tem gente que não consegue cuidar de pessoa doente, né? Não consegue, consegue fazer outras coisas, né, vai lá fazer uma visita, conversa e tudo, mas... tudo isso por minha conta, achava que ela era... e eu pensava que era muito forte, né? Ixi! Mas quando ela morreu... entrei em parafuso também, depois de uns dias, na hora não. Porque ela morreu na minha frente, foi... era umas 4, 5 da tarde estava lá a Claudine, o Antônio... eu, tinha vários parentes lá, a gente desceu lá embaixo no Sírio-Libanês, aí o... o médico da minha mãe passou pela gente, se despediu da gente e falou "agora a Dona Minervina vai descansar", aí a gente subiu de novo, a pressão dela já estava 6x6, foi baixando, né? Quando foi 9:20 da noite ela morreu, comigo assim, ainda coloquei a mão assim pra sentir a última respiração dela, mas eu não chorei nessa hora, porque eu achei que... foi uma morte tão bonita, parou de sofrer, tinha que ficar naquele aparelho apitando, sabe, ali... 15 dias apitando aquele aparelho, aí você sentia que a pessoa... né? Descansou mesmo, realmente, tanto é que eu falei "não dá nem pra chorar", depois eu chorei, lógico, porque na hora ali... eu... eu senti que foi o melhor pra ela, entendeu? Eu entendi perfeitamente a morte naquela hora ali, a morte é uma coisa muito bonita, né, não é feio não, porque se tem uma pessoa sofrendo numa cama igual ela ficou, igual meu pai ficou e... é melhor que... que Deus leva mesmo, né? Porque... essa é a única certeza que a gente tem na vida, que a gente vai morrer mesmo, né? Entre ficar sofrendo, sofrendo, sofrendo e descansar... eu ficava muito contente quando ela melhorava, que eu a trazia pra casa, mas aí chegou uma hora que eu falei "não vou mais levar a minha mãe pra casa, não vai ter jeito, um dia ela vai ficar", né?

E ficou mesmo. Então eu entrei em desespero lá e o Antônio falou pra mim vender a casa, ele falou "vende, compra um apartamento pra você, assim você fica mais tranquila", e eu fui tentando vender, eu punha a placa e tirava, punha a placa e tirava, ficou 5 anos essa história, ó que eu não procurei antes de vender, entendeu? No dia que apareceu um casal lá que tinha vindo do Japão, gostou da minha casa e... e quis comprar, eu vendi. E liguei pra ele, falei "Antônio, tem uma pessoa aqui querendo comprar a casa, que que você acha?", ele falou assim "ah, amanhã quando eu tiver no escritório você me liga e a gente conversa", aí eu liguei pra ele, ele falou assim "ah... vende... depois você compra outra casa, uma casa menor pra você, você tá sozinha", aí vendi, foi a pior besteira que eu fiz na minha vida, né? Porque... com o dinheiro que eu

tinha vendido eu não achava casa pra comprar no valor que eu... no valor que eu tinha vendido, aí eu fiquei desesperada, entrei em desespero, desespero, aluguei uma casa aí pra cima, fui morar e... quase fiquei louca, chorava, chorava, chorava, chorava desesperada, coloquei o dinheiro na conta dele, mas gastei, gastei 15 mil reais do dinheiro, porque você gasta, né? Você pega e vai gastando e eu vendi por 70, gastei 15, fiquei com 55 mil na conta dele, entendeu? E ele ainda me cobrava, falava assim "põe mais 5 mil na minha conta e fica 60 mil lá", mas eu ia pôr como se eu já tinha gastado? Entendeu?

Aí eu fiquei desesperada e eu comprava jornal, todo final de semana aquele monte de jornal, punha na mesa, pegava o telefone, na segunda-feira saía procurando nas imobiliárias e essa casa aqui, quando eu saí pra... primeira vez que eu saí pra procurar casa eu vim numa imobiliária aqui perto da delegacia, a mulher falou pra mim assim "tem uma casa aqui na Vila Rio Branco, mas é uma casa velha e a mulher tá vendendo por 60 mil, tem uma edícula e tudo", eu virei pra mulher e falei assim "ai, casa velha eu não quero", ela falou assim "ah, mas é um lugar bom", eu falei assim "não quero nem ver!", não quis ver, entendeu? Aí fui morar lá, aí foi apertando o calo, foi apertando o calo, um dia eu liguei pra outra imobiliária, essa casa saía no jornal todo final de semana e eu não queria vir ver a casa, que era casa velha, eu não queria vir ver, entendeu? Aí... teve um dia que eu marquei com a... com a corretora três horas da tarde pra vir ver essa casa, liguei no celular dela falando pra ela não vir não que eu não queria ver a casa, aí o Enoque, esse meu namorado falou assim pra mim "ó, vamos fazer o seguinte, eu vou lá ver essa casa e eu volto aqui, se eu achar que você vai gostar você vai lá comigo e vê a casa, pronto, tá resolvido, eu vou passar lá pra ver onde é essa casa", aí ele veio, chegou aqui, ele olhou a casa, falou assim "olha, tem garagem, tem uma areazinha, tem um sobradinho lá no fundo, mas realmente a casa tá bem estragada e fica numa rua muito boa", aí eu falei... ele falou "pega a Curva da Morte, pega o mercado", foi falando pra mim, né, "você quer ir lá ver?", eu falei "quero.", quando ele me trouxe aqui eu me apaixonei, falei "ai, é do jeito que eu quero".

**Expedito:** Isso porque vocês não viram como estava a casa, tinha até um poço dentro da casa!

**Olga:** É, mas eu... tinha, aí eu falei "gostei", gostei assim, do jeito aqui, escadinha, aqui tinha uma porta, tinha um toldo aqui todo estragado, aí eu falei, aí eu liguei pra ele, ele veio ver a casa de fora e ele falou pra Marta assim, falou "olha, eu não sei não, uma casa velha!", aí a Marta falou pra ele "ai, pelo amor de Deus, compra essa pra ela, senão ela vai ficar louca. Ela tá ficando doente já", aí a Marta falou assim... ele falou assim "é, mas ela tem 55 mil e a casa é 60", a Marta falou "eu dou os 5 mil, pronto. Eu dou 5 mil, mas compra, pelo amor de Deus", aí a Marta deu 5 mil pra ele e ele comprou a casa, mas só que ele comprou no nome dele, ele não pôs mais no meu nome, entendeu? Porque ele... é... e o meu marido já ia ter direito às coisas, ele falou "não", pôs no nome dele, tá no nome dele. Aí eu passei aqui, eu estava trabalhando, né? E eu tinha que passar por aqui pra ir pra minha casa lá de cima, eu passei, passava todo dia, o cara ainda estava morando aqui, eu falei "ai meu Deus", aí um dia eu passei, estava... tinha uma faixa aqui "cabelereiro tal mudou pra rua tal", eu falei "pronto, o cara mudou", aí eu peguei, daqui eu fui ligando pros parente até eu chegar na minha casa, que a casa tinha desocupado, que eu estava com a minha casa, que o homem tinha mudado, que eu já ia mudar aqui... menina do céu... aí...

**Jr:** Nunca tinha entrado?

**Olga:** Tinha entrado, mas... sabia que estava... eu não vi direito, viu, Júnior? Acho que eu estava cega, pelo amor de Deus. E eu tinha falado pra... que a Marta falou assim "eu vou dar os 5 mil, mas eu quero que o Rodrigo vá morar lá, nessa casa do fundo, você dá essa casa pro Rodrigo", eu falei "tudo bem", aí eu vim pra cá e a Érika tinha feito uma promessa de quando ela entrasse nessa casa, na casa que eu ia dar pra ela, ela ia entrar com a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, né? Nem essa imagem resolveu, quando ela entrou lá que ela pôs a mão na porta, a porta caiu! Lá de cima! Era carpete lá em cima, nossa! Dois banheiros com a porta virada pra fora... aí eu chamei, aí a Antônia e o Expedito vieram pra cá pra ajudar a limpar pra mim mudar, né? Mas não tinha condição. Teve uma época que as minhas clientes perguntaram assim: "mas ele é seu irmão mesmo? Ou é seu namorado?", porque... o que ele faz por mim... ele é aquele... aquela pessoa das coisas assim, impossíveis que faz pra você, sabe? Que você fica imaginando de noite que você não tem um puto de um centavo, né?

Aí você fica imaginando de noite assim, “mas como é que eu vou fazer aquilo, meu Deus do céu? Não tem...”, aí você liga pra ele, tá resolvido, entendeu? Que ele... ele não mede esforço pra fazer aquilo que você tá precisando também, não é luxo não, ele nunca me deu luxo não pra nós assim, ele deu as coisas necessárias que a gente não... com a nossa vida a gente não ia conseguir. E eu, ele ajuda... ele ajuda um pouco mais porque a gente é como gêmeo mesmo, né, um ano de diferença, ele viu tudo que eu passei, ele sabe tudo que eu passei, ele sabe que... ele via de perto as coisas que eu estava passando entendeu?

E... eu acho que ele se sensibilizou mais por mim por eu ser mulher, por eu passar por tudo que eu passei e ele ficar vendo ali, entendeu? Tem muita coisa que meus irmãos passam que ele não fica sabendo, não vê. Eu ele viu a vida inteira, então eu ele ajudou muito mais mesmo, eu se não fosse ele na minha vida... eu não... eu não teria as coisas que eu tenho hoje não, eu não vivia tranquila igual eu vivo hoje não, de jeito nenhum. Então eu... ele é... como dizia a minha mãe, né, ele é a salvação da lavoura... o Deus da minha vida, entendeu? Pra mim ele é melhor que... só não é melhor que meus filho, porque filho, né?

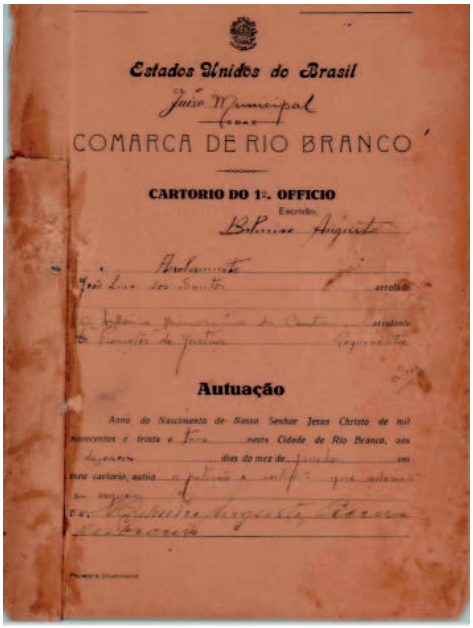
Filho a gente ama, né, a gente... tudo que a gente pede pra um filho ele faz pra gente também. E... meus filhos também só não fazem mais por mim porque não têm condição também, têm as famílias deles lá, têm tudo, mas... o Antônio é que foi o responsável pela minha vida inteira, inteirinha, tudo que eu tenho na minha vida, assim, de... de maior mesmo, foi ele que me deu. Meus irmãos todos me ajudam, mas... o que fez as coisas mais graves assim, mais altas, que mais assim, me dar uma casa, né? Isso é uma coisa que meus filhos e meus irmãos não vão poder me dar e ele me deu, entendeu? Então eu sou muito, sou muito grata mesmo. É... ele é uma... uma pessoa muito especial, eu costumo falar pra todo mundo que não tem irmão igual ele assim, não tem família que tem irmão assim, sabe? É difícil. Você pode conversar com todo mundo, não...

**Expedito:** Ah, ele pode ter feito coisas... pra você a mais do que fez pros outros, mas no geral ele foi uma pessoa...

**Olga:** É que na verdade, eu imagino que vocês pensam que ele fez mais pra mim do que pra vocês, entendeu? Mas eu acho que no fim, no fundo dá tudo no mesmo, né? Ele não deixa ninguém pra trás não, ele sempre pensou em todo mundo igual. Talvez eu tenha sido mais pidona, né, também.

**Expedito:** Não, eu estou tentando explicar, né? Ele pode ter feito algo a mais pra você do que pros outros, mas ele nunca esqueceu de ninguém.

**Olga:** Pra mim ele fez umas coisas assim, até de saúde, né, Expedito? Que nem quando o... o Rodrigo ficou com meningite, quase morto lá, ele pagou o hospital pro... naquela época lá, onde que eu podia imaginar que meu filho ia ficar no... num hospital particular? Ele pagou, ele salvou a vida do meu filho, entendeu? Pegou o Márcio uma vez que estava desnutrido lá em casa lá, doente, com bronquite, levou pra casa dele, ficou 15 dias lá, você falou que o patrão levou você lá, ele também levou, levou o Rodrigo, levou o Márcio pra lá, o Márcio tinha 5 anos de idade, ele ficou uns 15 dias lá, ele falou “deixa eu levar”, foi lá em casa e falou “vou levar ele lá pra casa pra ele... se fortalecer lá” e levou, entendeu? Se eu tenho convênio médico eu agradeço a ele, que eu nunca... não tinha, né? Tive meus filhos tudo no INSS, mas de uns tempos pra cá eu tenho meu convênio, eu sei que eu vou ter uma velhice tranquila, vou poder me cuidar tranquilamente e isso aí eu agradeço a ele. Meu futuro eu estou agradecendo a ele. Está garantido mesmo.



Estados Unidos do Brasil

Juízo Municipal

COMARCA DE RIO BRANCO

CARTORIO DO 1º. OFFICIO

Escrivão

Autuação

# Breve relato sobre a Minervina, seus irmãos(as) e a perda do sítio de 2 alqueires (90.000m2) ao lado da Fazenda Juliana.

Desde que nascemos ouvimos a história que nosso avô João Lino dos Santos, pai da Minervina, perdeu o sítio por causa de jogo. A dívida foi para a justiça e o Dr. Ulisses arrematou em leilão.

A outra versão era que os Ferreira, tinham tomado o sítio logo após a morte do João Lino em 1933.

Em 2023, 90 anos depois, a verdade veio à tona. Consegui cópia do inventário realizado em junho de 1933, 30 dias após a morte do João Lino. O inventário foi montado juridicamente com a intenção de dar uma formalidade legal na tomada do sítio. Inventaram algumas dívidas para o João Lino e, além disso juntaram uma nota promissória "assinada" por ele no valor de 1 conto e 200 mil réis em 1930, três anos antes da sua morte. Juntaram despesas de uma fatura de uma casa de armarinhos e uma dívida com Dr. Ulisses de 320.000 réis.Parece que o sítio valia por volta de 2 contos de réis.

Detalhe: a assinatura dele é falsa. Por sorte, a Minervina tinha guardado a oração de Santa Terezinha, que o pai dela tinha escrito à mão e assinado e dado para ela. Com isso ficou fácil perceber a falsificação da assinatura.

Em 1936, 3 anos depois da morte do João Lino, houve um "leilão" e o Dr. Ulisses e irmãos arrematarama o sítio por 1 conto e 920 mil réis. Como a "dívida" no processo era maior do que o valor do arremate, não sobrou nada para a vó.

Nada podemos fazer, 90 anos depois. Mas pelo menos agora temos verdade. O sítio foi sim, tomado.

Segundo o Tãozico, a Tia Niguita dizia que o que receberam do sítio, como troco, deu para comprar o enxoval de casamento de uma delas, não se sabe se o da Maria ou da Minervina. Pode ter sido um prêmio de consolação? Nunca saberemos.

A ação de tomada do sítio terminou em fevereiro de 1936, o que suponho nossa avó ficou lá no sítio até essa data. Não sabemos.

O que sabemos, aí sim, de verdade, é que foi dado uma casa para nossa avó morar perto de onde é a casa da Tia Carminha e foi nessa casa que ela faleceu 3 ou 4 anos depois em 1940.

Segue um pequeno cronograma:

Maio de 1933, morreu nosso avô João Lino dos Santos, com 47 anos. Deixou a esposa Antonia Minervina do Couto com 41 anos. E os filhos: Maria com 19 anos e falecida ao dar a luz, 3 anos depois em 1936; Minervina com 18 anos; Niguita com 16 anos; Olga com 14 anos; Taninha (Sebastiana) com 11 anos; João com 9 anos; Jandira com 7 anos; Carmen com 5 anos; Hilda com 8 dias;

Casamentos: Maria em 1935 e faleceu no parto em 1936 com 22 anos. O filho Onício (Zezinho) faleceu em 01/01/2007; Minervina, 1937; Niguita, 1938; Olga, 1940; Jandira 1944; João 1951; Taninha 1961.

Em março de 1940 morreu a nossa avó, Minervina Antônia do Couto. Com 48 anos de idade.

No mês da morte da Vó eram ainda solteiros; Ilda, 7 anos; Carmen, 12 anos; João, 16 anos; Jandira, 14 anos; Taninha, 18 anos e Olga 20 anos.

Consta que logo após a morte dela, o Tio Sebastião levou os filhos solteiros para cuidar. Deve ter sido em março de 1940. O tio Sebastião e Niguita cuidaram (provavelmente):

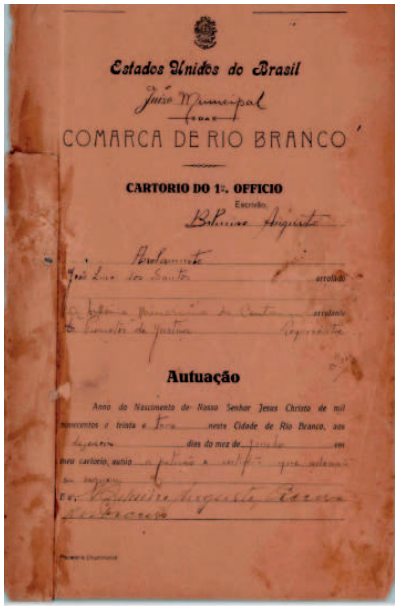
Da tia Olga até setembro de 1940, quando ela se casou; da Jandira até ela se casar em 1944; do tio João até 1951 quando ele se casou; da Carmen, da Ilda e da Taninha, até 1951.

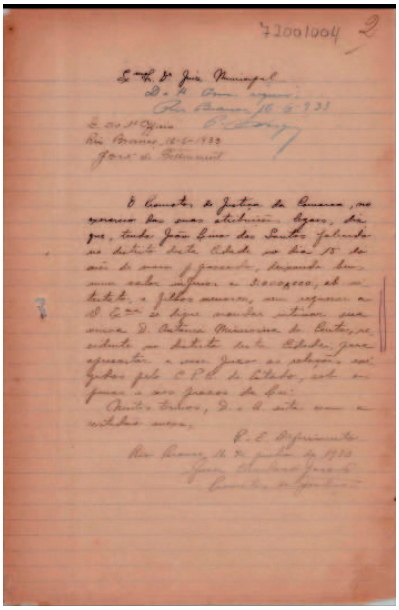
O tio Joãozinho cuidou das irmãs: Segundo a Nilza, quando o Tio Joãozinho se casou em 1951, ele levou a Carmen, a Ilda e a Taninha para morarem com ele.

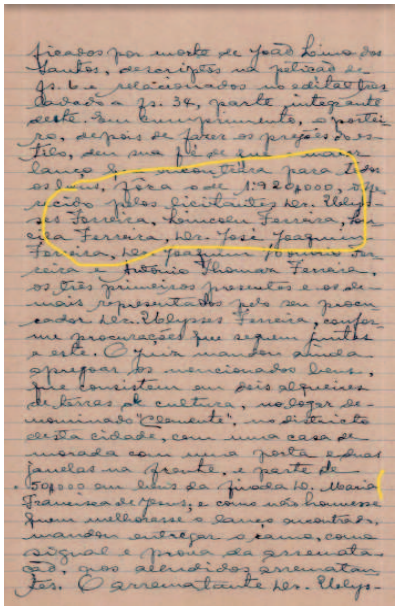
Da Taninha não se sabe por quanto tempo o tio Joãozinho cuidou, pois ela começou a trabalhar na cidade na casa do Dr. Ulisses.

Da Carmen não se sabe por quanto tempo pois ela também foi trabalhar na cidade.

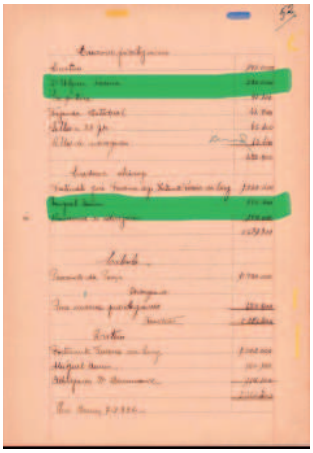
A seguir, partes do Inventário do João Lino dos Santos.


Estados Unidos do Brasil
Juizo Municipal
COMARCA DE RIO BRANCO
CARTORIO DO 1º. OFFICIO
Escrivão
Bellarmino Augusto
Autuação

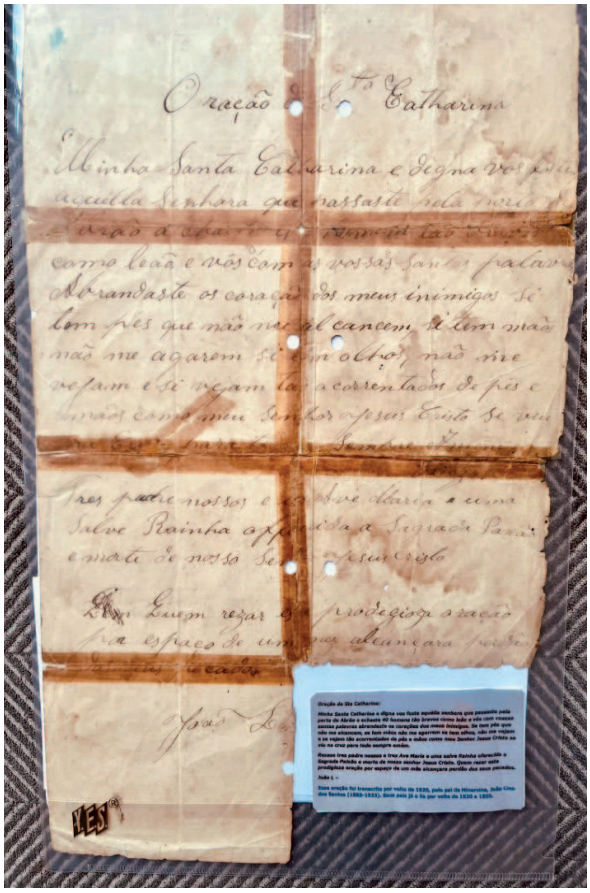






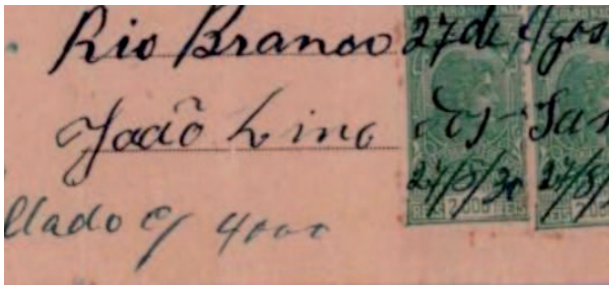



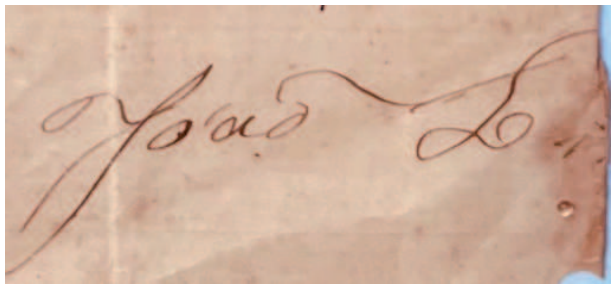



Aqui fica claro a divergência de assinatura entre a nota promissória e a oração. O J e a sequência do L são bem diferentes. Ou seja, é falsa.

O inventário completo com 57 páginas pode ser visto no site da família:





# 2017, o início das viagens.

Em 2017 decidi levar meus irmãos até Visconde do Rio Branco e São Pedro dos Ferros e com isso tentar recuperar nosso passado, já que muitos, como eu, nem se lembravam de muita coisa ou de quase nada.

Nesse projeto a mana Nilza era fundamental, pois era a única que tinha muita clareza do nosso passado.

Fomos, então, eu, o Júnior e o Toni, filho dela em julho/2017 na casa dela, para convencê-la a ir conosco.

Ela topou e o Júnior aproveitou para gravar o papo a seguir.



# Nilza Maria Pinto da Costa
# Nascimento: 07/05/1940
# Depoimento ao Júnior em julho de 2017

**Júnior:** Duduca, o que você lembra de São Pedro dos Ferros?

**Duduca:** Lá não sei não...de São Pedro não sei muita coisa não, só de lá da estância lá que eu te falei, seu Moacir, tinha ele, tinha o tio Rogério que tomava conta da fazenda e seu Moacir era administrador, assim sabe? Até a gente morava naquela, sabe aquela casinha...tá gravando aí né?...Ha há há!...

**Júnior:** Claro que tá gravando! ...

**Duduca:** ..., mas não vai mostrar a cara não né? É só a fala!?

**JR:** É só a fala...

**Duduca:** Lembra quando você, Antônio, e a gente morava naquela gruta, que tinha, nós morávamos num ranchinho e tinha uma mina na pedra? (Sítio do Gavião) Lembra sim que você ia trabalhar lá em casa! Você ia trabalhar lá!

**Antônio:** Eu o quê?

**Duduca:** Você ia trabalhar lá em casa, você morava lá onde estava o Morro Redondo, (Era Fazenda Atlântida, casa das goiabas) você pegava a enxadinha e ia lá pra casa trabalhar, sozinho! Não tinha sol que segurava esse menino! Era uma distância...ia a pé com a enxadinha, carpindo o dia inteiro! Aí um dia o seu Moacir passava lá Antônio, ele gostava de beber aquela água da bica, a bica da pedra "lá de cima assim", e então ele passou lá em casa pra pegar uma canequinha emprestado né? Pra beber água! E as nossas canequinhas, era de leite moça, areava bem areadinho, mandava por asa, né? Aí ele falou pra mim assim, a senhora sabe que a senhora merece morar numa casa, a senhora é tão cuidadosa, as canequinhas tão branquinhas! Vou fazer uma casa pra senhora!...Até hoje!...Ha! Ha! Há!...Que era um ranchinho que te falei, né?...Era assim! Todo mundo gostava de beber água daquela bica lá!

**Antonio:** Não me lembro desse detalhe não!

**Duduca:** Aí vocês moravam naquela casa que você fala do pé de goiaba! Antonio: Do pé de goiaba isso eu me lembro, acho que foi a primeira de quando a gente chegou lá!

**Duduca:** Não...essa foi quando voltaram de Visconde.

**Antonio:** Quando a gente voltou...tinha luz elétrica...

**Duduca:** Isso mesmo...aí...quando a mamãe foi pra lá de volta de Rio Branco, voltou pra lá.

**Antonio:** Mas que fazenda era essa?

**Duduca:** Morava ali, na ali na...que eu estava falando...na estância...

**Antonio:** Na estância?...

**Duduca:** Morava na casa branca, mudou de lá de Visconde veio pra casa branca e nós fomos junto com eles pra lá...(casa perto do sítio do Gavião, em seguida fomos para a casa das goiabas, isso em setembro/outubro de 1961)

**Antonio:** Essa era aquela que tinha luz?

**Duduca:** Não...onde vocês moravam...

**Antonio:** Onde a gente morava que tinha uma casa branca!?

**Duduca:** É...a casa branca, dessa casa branca é que vocês foram pro pé de goiaba e eu fiquei morando no ranchinho! Entendeu? Vocês foram pra lá...

**Antonio:** E onde era a casa que a mamãe, isso é uma história muito triste, que os gatos fizeram xixi no feijão lá e nós ficamos a safra inteira comendo aquele feijão com cheiro de xixi! Você não lembra disso?

**Duduca:** Ah! Eu não sei não! Não lembro não!

**Junior:** Como é que é essa história???

**Antonio:** Porque...você guardava a safra pra comer depois né? Porque era a única sobrevivência que a gente tinha, aí os gatos faziam xixi, então a mamãe fervia aquele feijão, mas não saía, né? Ô praga, a gente ia comendo do mesmo jeito, ela fazia de tudo, lavava, tirava,...

**Duduca:** Punha de molho eu sei...

**Antonio:** Punha de molho, punha pra secar...kk!

**Duduca:** Eu me lembro lá no tio Rogério, foi óleo das máquinas que caiu dentro do feijão,...

**Antonio:** Eu estou falando do gato, mas pode ser isso né?

**Duduca:** Pode ser isso aí!

**Antonio:** Eu acho que...então é o óleo...

**Duduca:** Aí começaram a dar o feijão para os outros né? Pros empregados, né?

**Antonio:** Tem uma história dessa do feijão, se é do gato ou não, então deve ser do óleo!

**Antonio:** É essa a história, eu tinha a ideia que era xixi de gato,...

**Duduca: Do óleo das máquinas que caiu!...Aí Antonio, a gente fervia o feijão, punha de molho, fervia, tornava a ferver, ainda estava gosto de óleo!**

**Duduca:** Foi lá o óleo das máquinas lá...

**Antonio:** Isso foi lá no tio Rogério?

**Duduca:** Lá no tio Rogério!

**Filho Toni:** Ô mãe!? O vô e a vó eram de Rio Branco?

**Duduca:** Eram!

**Filho:** Os dois nascidos lá? Lá no Clemente mesmo? E a família do vô de quem que era?

**Duduca:** Ah! O lado deles eu não conheço não!

**Tony:** A gente não conheceu nem um vô, né Antonio? Nem de um lado nem de outro!

**Junior:** Você também não conheceu...?

**Antonio:** Minha mãe perdeu o pai com 18 anos e a mãe com 25 anos! Meu pai também ninguém conheceu avô...

**Duduca:** Não...a mãe, quando minha vó morreu ela estava me esperando...Você está falando da vó deles!

**Antonio:** Da mãe dela,...

**Duduca:** Então, a minha vó, que é mãe da minha mãe...quando morreu

(17/03/1940), a mãe estava me esperando...Já tinha o Zezito!

**Antonio:** Mas o pai dela, morreu bem cedo!

**Duduca:** Nossa! Mas quando o pai morreu, (15/05/1933) o pai deles morreu, elas eram todas menininhas! Criado tudo sozinho!

**Antonio:** A mãe do meu pai eu não lembro!

**Duduca:** A do papai também não lembro! (A mãe do Izaltino morreu em 22/04/1932 e o pai em 01/02/1944)

**Filho:** O tio Rogério era irmão do vô, né? Era o único irmão que tinha?

**Antonio:** Quem veio primeiro pra SP foi o meu tio Zé Pinto, foi ele que trouxe, não, estimulou o pessoal a vir pra cá...

**Duduca:** Primeiro foi o tio Donato, que foi pro Paraná! (Interior de SP – João Ramalho)

**Filho:** E lá no Paraná...que vocês!?

**Antonio:** Foi lá em Borrazópolis, esse eu ainda me lembro,...

**Filho:** A Sra. lembra disso mãe?

**Antonio:** Nós estávamos em casa, fazia uns 30 anos que meu pai não via o tio Donato...e tinha dois irmãos que desapareceram,...

**Duduca:** Um até hoje...(O Vitalino, encontramos os parentes em 2019)

**Antonio:** Até hoje, não sabe,

**Duduca:** tio Vitalino...

**Antonio:** E aí de repente aparece lá em casa, um monte de parentes, da família do tio Donato. Eles estavam indo cumprir uma promessa em Aparecida, todo mundo!

**Filho:** A pé?

**Antonio:** Não, ...fizeram uma safra recorde em 1965, acho...

**Duduca:** A safra foi boa né?...

**Antonio:** Encheram de dinheiro...

**Filho:** Olha que beleza!?...

**Antonio:** Beleza né!? Quando eles voltaram de Aparecida, passaram lá em casa meu pai já fez as malas pra gente ir pra lá também! Aí fomos morar no Paraná! Em 1966 eu me lembro que eu estava no Paraná porque eu assisti o jogo do Brasil e Portugal lá em casa! Levei uma dura lá do feitor da fazenda porque eu saí muito cedo! (risos)

E...mas os caras torraram todo o dinheiro, só que na safra seguinte, deu geada de novo,...

**Toni:** Aí que a casa caiu!

**Antonio:** Mas eles torraram todo o dinheiro. A tia Maria, morreu faz pouco tempo, (23/07/2001) era uma fartura, a gente comia que nem...né!?...Aí eles resolveram tirar a gente da casa lá do tio Donato e a gente foi pra uma outra casa lá pra morar, essa aí eu vou voltar lá, mas vou levar o João, do tio Donato...o mais

engraçado dessa história toda é que....o Expedito ia lá, e ele cismou com a Eurides, he! He!...todo mundo sabe dessa história né?...

**Duduca:** Sabe!...

**Antonio:** Ele saiu daqui...vô pedir a Eurídes em casamento, aí chegou lá, cadê a Eurides? Ah! A Eurides foi pra praia! Lá não tinha praia, tinha que atravessar três cidades. Estava em Curitiba, acho.

**Duduca:** Mas aquele tempo só se só gostava de mulher gorda, a Eurídes era muito magra...

**Antonio:** Mas a Antonia era linda, na minha cabeça, ela era linda...(risos)...perguntei pra ele, Ué!? Mas você não foi lá pedir a Eurides em casamento? "Ah! Ela não estava e então eu me interessei pela Antônia".

**Duduca:** Mas foi verdade...verdade!

**Antonio:** Ele chegava lá todo produzido, né?

**Alguém do pessoal pergunta:** Ele ia direto lá Antonio?

**Antonio:** Eu não sei quantas vezes ele foi...ele ia bastante!

**Duduca:** Quando o tio Donato, quando eles foram pra Aparecida, eu já estava aí na Rosa Mendes, morando com vocês. (Rua Santa Silvéria)

**Antonio:** Ah! Você já estava! Claro!

**Duduca:** Aí que a gente ficou conhecendo todo mundo, né?! Porque também não conhecia ninguém!

**Antonio:** Você estava ali na Rosa Mendes... (Rua Santa Silvéria)

**Duduca:** É...lá...na casa da dna portuguesa, aí então...vocês foram embora e eu fiquei lá na casinha né?

**Antonio:** Lá nos fundos, né?

**Duduca:** É...tinha um "coiso" assim, aí a gente ficou ali, aí a dona...posso contar tudo? Há! Há!

**Duduca:** Aí a dona da casa era muito ruim né?

**Antonio:** A dona Maria portuguesa...era ruim...

**Duduca:** É a portuguesa!...Ficou o Zezito! Ficou o Expedito e ficou o João! O Expedito estava no hospital, porque estava doente do pulmão! Estava internado! O João trabalhava numa lanchonete! O Zezito ficava perambulando por aí! Teve um dia que o Zezito vendeu o colchão pra comprar cigarro!

**Duduca:** Aí um dia, estou lá, a dona Maria chegou lá com o filho dela e viu o Zezito lá, ele dormia lá em casa escondido né? Que já tinha entregado a casa e tal, escondido!

**Antonio:** Mas não pagava...não tinha pagado o aluguel!...Essa dona Maria, só pra vocês terem uma ideia...

**Junior:** Ela era dona do quê?

**Antonio:** Ela era a dona da casa só que ela é o seguinte, ela vendia carne,...

**Duduca:** Miúdo de porco!...

**Antonio:** Miúdo de porco, ela vivia com uma cesta na cabeça...e ela rodava o bairro inteiro, ...ela descia a cesta, cortava, e vendia fiado, porque naquela época todo mundo tinha a cadernetinha, só que o Zezito, quem era que alugou a casa, ele era....

**Pessoal:** Mas isso já na época da Lourdes?

**Antonio:** Sim.

**Antonio:** A minha mãe tinha que correr prá lá e prá cá, tal...aí quando a Duduca chegou, a gente vivia numa merda que fazia gosto...vivia pra comprar pão, me lembro que o Zezito pegava a Lourdes quando chegava

do serviço, ia lá na Roda Viva, que era uma churrascaria ali encima, e...tudo bem que era baratinho, mas com aquele dinheiro ali dava pra você alimentar todo mundo ou pelo menos a minha mãe dava aquele jeito lá, essa portuguesa...um dia chegou lá, descobriu ele, mas fez um escândalo, por que o aluguel estava atrasado, isso pra te contar só...pra entrar no detalhe do que....que ela trabalhava, ralava que nem uma danada, que ela...

**Duduca:** Então, aí a...posso falar?

**Duduca:** Aí a...dona Maria, chegou...aí ela ia lá em casa, falava assim, aí eu cheguei, até eu **fiz uma cartinha, pra levar na polícia, pra pedir pra nós irmos embora de novo, aí o tio Zé Pinto soube daquilo e não deixou...aí a dona Maria chegou e o Zezito estava lá...e chegou ela e o filho dela, aí ela pegou o quê que ela fez?...A gente usava o banheiro lá dentro sabe? Tudo lá! Tinha a casinha...**

**Antonio:** Ela não tinha alugado, vocês estavam só na casa dos fundos...

**Duduca:** Aí...estava na casinha dos fundos, aí ela pegou, fechou tudo, as portas lá e falou assim: O irmão da senhora não é pra entrar aqui, nenhum deles, não pode deixar entrar...eu andava chorando, chorando direto, fechou tudo! Eu lavava, dava banho nos meninos num penico bem grandão que eu trouxe de Minas assim ó...enchia o penico de água e sentava eles assim...não tinha fogão, fogueira, não tinha lenha, não tinha porcaria nenhuma, e aí depois...

**Pessoal:** Era uma edícula que ela tinha lá né?...

**Duduca:** É...num dia ela voltou e disse assim: a senhora pode ficar aqui com as crianças,...

**Antonio:** Essa casa existe até hoje, na Rosa Mendes número 25 se não me engano...(Rua Santa Silvéria)

**Duduca:** Ela falou assim: a senhora pode ficar o tempo que a senhora quiser, que eu vou vender a casa...ela ficou com dó, depois que eu vender a senhora ainda tem quinze dias pra senhora ficar...

**Antonio:** Ela era muito decente...

**Duduca:** Aí eu falei: tá bom!...Não se preocupa não, aí eu fiquei! Mas aí ela precisou vender, o tio Zé Pinto juntou uns tijolinhos que tinha lá, e fez um "comodozinho" pequenininho né?

**Duduca, voltando a falar sobre Minas:** Eu tinha medo de madrugar...então quem esquentava o café na roça, era eu! Sabe o que o Zezito fazia? A gente levava a cesta com os bules de café, os negócios, punha em cima do pé de café. **Quando a gente ia apanhar café...o Zezito ia lá, pegava mandrová, colocava tudo dentro da cesta**, porque sabia que era eu que ia esquentar o café! Ficava rindo atrás do pé de café! E eu chorava e chorava, o papai fazia...eu tinha que acender um fogo assim no chão né?...E fazer uma fogueirinha pra esquentar o café, aí eu fico lembrando dessas coisas, o Zezito era triste!

**Antonio e Pessoal:** O Zezito era terrível, o Expedito também aprontava...

**Duduca:** O Zezito era pior...

**Duduca:** E quando a gente ia na reza lá no Clemente, e o Zezito não queria que o João fosse...

**Antonio:** Essas rezas eu me lembro era no Clemente...tinha as novenas nas casas das pessoas...

**Duduca: É então...aí o Zezito...não queria...pedia ao papai pra deixar a gente ir, o papai só deixava se o Zezito fosse!...Então ia eu o Expedito e o Zezito, o João queria ir também... o João ia correndo atrás...e o Zezito, ah! O João não vai...aí ele andava, andava, escondia...quase que a reza acabava nós não chegávamos na igreja, que ele ficava escondido do João, teve um dia que nós nos escondemos dentro de um bueiro, o João passou em cima da ponte e não viu a gente, olha que ruindade? Pro menino não ir junto com a gente, não deixava de jeito nenhum!**

**Antonio:** O Zezito tinha dessas coisas mesmo...

**Duduca:** Aí a gente tinha que voltar pra trás, porque a reza tinha hora pra acabar né? Então nem nós, nem João, nem Zezito nem ninguém!

**Antonio:** E aquela cobra que apareceu na cisterna era naquela casa da goiaba né?

**Duduca:** É...aquilo aí foi na goiaba!

**Antonio: Eu que achei a cobra, estava lá, na cisterna, aí não sei por que eu olhei lá embaixo...aí foi uma festa, veio todo mundo, ninguém conseguia puxar a cobra...na minha cabeça era uma cobra enorme, mas eu não sei se era grande não!**

**Duduca:** E o jacaré, você não lembra do jacaré?

**Antonio:** Do jacaré não...

**Duduca:** Há há há!...A mamãe foi lá pra casa né? Lá na estância lá! Falou que papai estava enchendo o saco...aí ela foi pra lá! Aí chegou um dia...ficou uns três dias lá em casa, aí ela falou assim, aí ela foi em casa e foi pegar as coisas dela, ah! Vamos lá em casa, você vai comigo? Falei vou! Aí eu fui lá com ela! Lá no goiabal, não é na goiaba não, pra buscar a roupa dela,...

**Antonio:** Sabe que tem uma cidadezinha lá que chama Goiabal, deve ser por causa disso, tem muita goiaba! Eu vi no Google, depois nós vamos ver lá Junior, tem um lugarzinho lá, aparece como Goiabal! Acho que é por isso que tinha tanta goiaba lá!

**Duduca:** Aí nós chegamos lá e eu fui com ela, né? Por que ela ia voltar né? E eu fui com ela, chegamos lá, fizeram as pazes né? He he! Eu vim embora, aí ela mandou você ir comigo! Pra me levar em casa! E chegou em certa distância, tinha dado uma chuva e a lagoa encheu, a lagoa encheu Antonio, e veio assim pra estrada, né? **E ali tinha um jacaré, desse tamanho assim ó! Aí você olhou e falou, olha o jacaré, vamos pegar? Eu falei vamos! Aí nós pegamos o jacaré, nós matamos o jacaré, batemos assim na cabecinha dele, tô até vendo...(muitos risos nesse instante), levamos o jacaré pra casa, nós tiramos o couro, nós temperamos o jacaré pra comer no outro dia,...**

**Júnior:** Pra comer?

**Duduca:** Desse tamanho assim...tadinho, ele saiu da lagoa, ele não sabia andar no meio da areia e nós catamos!

**Antonio:** O que eu me lembro era de uma enchente que teve, mas acho que foi lá no Clemente que sobrou peixe pra todo lado, né? (Foi em São Pedro dos Ferros)

**Duduca:** Foi na Zona da Mata também!

**Antonio:** Foi na Mata! Que quando a água baixou tinha peixe...

**Duduca:** Que o pessoal começou a fazer sabão, fazer sabão de peixe! Como é que chamava aquele peixe que a gente não conhece? Tainha que falava né? É assim...comia frito que não tinha gordura né?

**Antonio:** Quando a maré baixou, Júnior, o rio,...

**Duduca:** Nossa, mas era muito peixe!

**Junior:** Eles ficaram na margem?

**Antonio:** Pode ser que seja fantasia, ficou na margem, tinha muito mato, então foi fazendo aquelas poças,

**Junior:** Eles não conseguiram sair...

**Antonio:** Mas tinha, na minha cabeça era peixe...deve ter sido mesmo, naquela época era água, era saudável, se criava peixe, não tinha população...então...

**Duduca:** E ninguém sabia comer peixe cozido, né? Se fosse agora...

**Antônio:** E aquela vez que eu fui ajudante de...que me emprestaram lá pra um cara, pra buscar madeira no meio da água lá, que eu fiquei uma semana todo empipocado, você não lembra disso né? Foi onde morreu a nossa irmã!

**Duduca:** Então essa água foi que eu falei pra você naquela fazenda que...

**Antônio:** Eu tinha que ficar puxando...guiando os bois e o cara tirava as toras lá do meio do mato e tudo, eu sei que eu passei...

**Duduca:** Cada coisa né?...

**Antônio: Mas eu é...além do susto, que tinha lugar que a água encostava aqui em mim né? E eu, mas o pai me emprestou pro cara, ...,mas era assustador e aquilo foi roçando o corpo naqueles matos, passou um tempo, mas "perebou" tudo, de...inflamou tudo. Que era esses matos provavelmente cortante, né que tinha,...**

**Duduca:** Aqueles um matos que a gente fazia ração pra boi né? Tinha uma serrinha assim na ponta...

**Antonio:** Isso! Como é que chama aquilo lá?...

**Duduca:** Colonião!

**Antonio:** Colonião! E era tudo alagado, Vinha o boi...Coisa de louco!

**Junior:** O que que era? Pra tirar o boi?

**Antônio:** Porque ele amarrava, eram dois bois ou um não sei, só sei que era boi...tinha que ir alguém na frente e ele atrás pra ir administrando...provavelmente né? Administrando a tora, que era muito mato, se você puxa o boi sozinho a tora cai, então eu ia com uma cordinha,...

**Duduca:** Puxando...

**Antônio:** ... puxando o boi...

**Pessoa fala:** E essa madeira?....

**Antônio:** Ah! Eles vendiam,...

**Antônio:** ...Só que tinha lugar que...você afundava...o dia inteiro naquele negócio, sei lá, que dia? Fiquei mais de um dia...!




**Duduca:** Mas o papai Antônio, ele mandava a gente trabalhar e não estava nem aí! O Expedito, você sabe da história, o Expedito quando era pequeno ele tinha solitária, né? Ele desmaiava a tôa!

**Duduca:** Era solitária...mesmo! Então o papai mandou ele trabalhar pro Zé Lafaiete, lembra do Zé Lafaiete?

**Antônio:** Sim!

**Duduca: Então... Ele era marido da Tuti, então... ele foi trabalhar pro Zé Lafaiete, e o Zé Lafaiete tinha um boi pra arar a terra, né? Igual você fez aí! O arado e punha o outro lá, então o...Expedito passou mal e o fio da puta do homem jogou os bois em cima, ferroando os bois assim, caiu em cima, a mamãe soube, não deixou mais, podia morrer, desmaiou no sol, o papai não estava nem aí!**

**Antônio:** Papai não tinha muito essa preocupação...

**Duduca:** ...e o Expedito não comia na casa dos outros...né?

**Antônio:** E aquela surra? A única vez que eu apanhei da mamãe! Acho que foi lá no clemente (Camelinha?)

que ela mandou eu ir buscar uma agulha, e...na venda lá... e eu vi um doce lá e ao invés de eu comprar a agulha eu comprei o doce, o doce ou a bala, (risos), ...só que quando eu me toquei da besteira que eu fiz...o que que aconteceu? Eu falei, eu não vou voltar! Lembro de cabeça, mais ou menos isso né? Eu desapareci... mas não é que eu desapareci...

**Pessoa fala:** Deu um perdido, né?

**Duduca:** Se escondeu...

**Antônio:** 1 hora...Não! Pelo jeito eu fiquei, sei lá, 5 horas, como é que eu vou voltar? E a mamãe acho que tinha que entregar roupa, porque ela costurava pra fora né? Além do que ela devia estar preocupada, onde está o moleque? Eu sei que foi a única vez que eu apanhei, ela me pegou...

**Antônio:** Mas acho que foi no Clemente!

**Duduca:** O Zezito foi lá na...que ele apanhou por causa de um caso igual você está falando aí, lá na companhia...a mamãe fazia costura e entregava na venda, né? Levava as costuras lá na venda, sexta feira o pessoal ia fazer compra e ia pagar, aí o Zezito foi levar a roupa! Os caras pagaram e o Zezito gastou o dinheiro! Então, mas ele mentiu, ele falou que o homem não tinha pagado!...Não, ele falou que perdeu, não eu perdi!

**Antônio:** No meu caso era pior porque ele tinha que voltar com a agulha...Risos.

**Duduca:** Então...aí perdeu! Disse: não eu perdi o dinheiro! Então ficaram assim no mato procurando aquele dinheiro, procura daqui, procura dali...,mas era mentira, ele tinha gastado o dinheiro...aí um dia, mas eu fiquei com dó, a mãe bateu tanto...a tia Taninha estava lá em casa, a mãe bateu tanto nesse Zezito...que a tia Taninha pegou e falou, não faz isso não que você vai matar o menino! Ela tinha chegado do mato, tinha ido buscar lenha, chegou com esse cipózão assim grosso, que estava amarrado o feixe de lenha, pegou aquele cipó meu filho e dá em cima do Zezito, ela descobriu que ele tinha gastado o dinheiro e falou que tinha perdido!...Eu fiquei com muita dó...bateu mesmo!

**Antônio:** Papai batia bastante, no João e no Expedito ele batia...

**Duduca:** Eu nunca apanhei não...

**Antônio:** Meu pai mandava ir lá no meio do mato cortar o....uma vara de marmelo...tinha que trazer pra ele...(risos)...lembra a vez que eles foram atravessar uma enchente a nado lá no Morro Redondo? Perigoso!

Vinha aquelas toras de coisas, isso era um negócio, pelo menos na minha cabeça, um absurdo! Que a enchente vinha era...e eles resolveram, pararam de trabalhar, que é pior ainda,...

**Toni:** O João?

**Antônio:** ...o João e o Expedito, e resolveram, vamos ver se a gente vai até o outro lado! Só que eles iam indo e a corrente ia levando-os né?...Quando chegou a noite apanharam por várias razões, primeiro que pararam de trabalhar, que era inadmissível (risos)...e depois...

**Antônio:** Mas o meu pai batia legal...

# Para entender melhor as viagens:

**Falaremos muito sobre os locais abaixo. É fácil acessá-los.**

**Entre no APP Google Earth pro e do lado esquerdo, no campo pesquisa, digite as coordenadas. Ele vai mostrar na hora o local.**

**Como exemplo, digitei as coordenadas da casa da tia Carminha. Ele te mostra na hora no mapa.**

**Outra opção é o Google Maps.**

| Locais | Sul | West |
|---|---|---|
| VISCONDE DO RIO BRANCO | | |
| Casa do Tãozico | s 21°00.147 | w 042°50.209 |
| Trevo saindo de VRB para ir ao Clemente do Meio (roça). | s 21°00.616 | w 042°49.169 |
| Igreja do Clemente. | s 21°01.707 | w 042°47.552 |
| Casa Dr Thomas Ferreira. | s 21°02.201 | w 042°47.677 |
| Casa Tia Carminha. | s 21°02.369 | w 042°47.752 |
| Casa da Vaní. | s 21°02.511 | w 042°47.540 |
| Fazenda Santa Maria - Manguezal. Ferreiras | s 21°02.576 | w 042°47.541 |
| Moinho e casa do Alexandre Ferraz. | s 21°02.731 | w 042°47.438 |
| Trevo Cordeiras onde morou Tio Rogério. | s 21°03.183 | w 042°46.833 |
| Fazenda IEL onde nasceu Expedito. | s 21°03.832 | w 042°46.402 |
| Fazenda Ferraz - onde nasceu Zezito. | s 21°03.984 | w 042°46.179 |
| Camelinha onde moramos em 1960/1961. | s 21°03.900 | w 042°45.964 |
| Trevo para ir ao Cruzeiro. | s 21°03.814 | w 042°45.869 |
| Clube dos Bancários de Visconde | s 21°00.878 | w 042°50.352 |
| Serra do Valão - Onde João Nasceu. | s 21°04.588 | w 042°43.826 |
| Serra do Valão - Onde João Nasceu. | s 21°04.581 | w 042°43.825 |
| Fazenda Sebastião Ferraz onde duduca morou em 1960. | s 21°03.635 | w 042°46.136 |
| Casa da Dona Milota. | s 21°03.194 | w 042°46.565 |
| Casa do Sebastião Ferraz. | s 21°03.400 | w 042°46.249 |
| Local onde Antônio, Ivo, Luiz e Maria Helena nasceram. | s 21°02.332 | w 042°47.851 |
| Trevo para ir à Gameleira. | s 21°03.095 | w 042°47.714 |
| Gameleira árvore -onde mamãe morou. | s 21°02.848 | w 042°48.423 |
| Gameleira Casa onde mamae morou e nasceu a Marlene. | s 21°02.860 | w 042°48.418 |
| Local onde a Olga nasceu. | s 21°02.884 | w 042°48.799 |
| Fazenda do Adm Juquinha Alves - Escola da Nilza/Zezito e Izaltino trabalhou. | s 21°03.046 | w 042°49.385 |
| Entrada para Sítio do pai do Tuta e onde a Duduca morou. | s 21°01.995 | w 042°47.917 |
| Onde Minervina nasceu Morro do Bueiro. | s 21°01.865 | w 042°48.566 |
| Casa Tia Niguita | s 21°02.335 | w 042°47.750 |
| Casa do Sunica | s 21°03.788 | w 042°45.842 |
| Casa neta do Sunica | s 21°03.620 | w 042°45.698 |
| Gruta do Pinto onde Izaltino deve ter nascido | s 21°03.651 | w 042°46.675 |
| Pedra onde minervina passou mal grávida antonio em 1951 | s 21°00.735 | w 042°49.050 |
| Fazenda Santa Juliana, entrada. | s 21°01.205 | w 042°48.822 |
| Fazenda Ferraz perto do Iel onde Zezito nasceu | s 21°04.052 | w 042°46.138 |
| Restos da casa das Cordeiras ao lado da Gruta do Pinto e do IEL | s 21°03.656 | w 042°46.640 |

| Para os locais abaixo basta digitar como aparece: | Digitar | digitar |
|---|---|---|
| Onde Duduca (Nilza) nasceu digitar: | s 21.039092 | w 42.795420 |
| Casa (2a) do Major digitar: | s 21.038672 | w 42.799708 |
| Gruta do Pinto - Onde nasceu Izaltino, digitar: | s 21.057028 | w 42.778896 |
| Casa do Dr Joaquim - Manguezal digitar: | s 21.041451 | w 42.793972 |
| Casa Tia Niguita | s 21.038288 | w 42.795658 |



| Locais | Sul | West |
|---|---|---|
| **SÃO PEDRO DOS FERROS** | | |
| Praça de São Pedro dos Ferros. | s 20°10.189 | w 042°31.352 |
| Escola na roça, onde estudamos em SPF. | s 20°04.773 | w 042°34.094 |
| Escola na roça, onde estudamos em SPF. | s 20°04.771 | w 042°34.097 |
| Uma das 3 vendas e e benefinciamento do café. | s 20°04.498 | w 042°34.023 |
| Vista da Lagoa da Pirraça. | s 20°04.184 | w 042°34.376 |
| Casa das Goiabeiras. | s 20°02.059 | w 042°34.837 |
| Casa amarela igual a das goiabas. | s 20°01.899 | w 042°34.763 |
| Entrada para a Refinancira Athenas Fazenda do Rubinho. | s 20°01.255 | w 042°34.244 |
| Local da nossa casa - aproximadamente -Onde Morreu Maria Helena. | s 20°01.715 | w 042°33.574 |
| Trevo para Sitio Gavião. | s 20°01.777 | w 042°33.627 |
| Ida para o Gavião. | s 20°01.899 | w 042°33.491 |
| Ida para o Gavião. | s 20°02.022 | w 042°33.319 |
| Ida para o Gavião. | s 20°02.254 | w 042°32.983 |
| Fazenda Estância onde Tio Rogério foi adminsitrador. | s 20°02.264 | w 042°32.800 |
| Fazenda Estância onde Tio Rogério foi adminsitrador. | s 20°02.289 | w 042°32.741 |
| Ida para o Gavião. | s 20°02.187 | w 042°32.802 |
| Ida para o Gavião. | s 20°02.246 | w 042°32.151 |
| Nossas casas no Gavião. | s 20°02.519 | w 042°31.914 |
| Nossas casas no Gavião. | s 20°02.514 | w 042°31.899 |
| Bica de água no Gavião. Casa da Nilza | s 20°02.519 | w 042°31.874 |
| Casa aonde moramos no Gavião. | s 20°02.517 | w 042°31.915 |
| Estrada do Gavião. | s 20°02.515 | w 042°32.014 |
| Casa do Tio Rogério no sitio Gavião. | s 20°02.761 | w 042°31.610 |
| Ida por tras da Lagoa. | s 20°01.907 | w 042°33.596 |
| Ida para a fazenda das goiabas. | s 20°02.323 | w 042°33.643 |
| Nossa casa na Goiabas. | s 20°02.051 | w 042°34.844 |
| Fazenda Leopoldina. | s 20°02.496 | w 042°35.069 |
| Entrada para a Casa no Morro Redondo onde marta nasceu. | s 20°03.320 | w 042°34.839 |
| Local da casa onde marta nasceu. | s 20°03.194 | w 042°34.804 |
| Morro onde tinhamos plantação ao lado da casa no Morro redondo. | s 20°03.181 | w 042°34.824 |
| Morro onde tinhamos plantação ao lado da casa no Morro redondo. | s 20°03.181 | w 042°34.823 |
| Local onde Mamãe foiçou sr Vicente. | s 20°03.206 | w 042°34.786 |
| Indo para a lagoa. | s 20°03.572 | w 042°34.494 |
| Indo para a lagoa. | s 20°03.545 | w 042°34.277 |
| Indo para a lagoa. | s 20°03.591 | w 042°34.247 |
| Lagoa. | s 20°03.839 | w 042°34.362 |
| Lagoa. | s 20°03.836 | w 042°34.362 |
| Entrada da lagoa. | s 20°03.518 | w 042°34.691 |
| Entrada para casa do Jother. | s 20°06.067 | w 042°33.973 |
| Casa do Joether perto da Fazenda Morro Redondo. | s 20°05.993 | w 042°34.331 |
| Pousada Valentino | s 20°10.327 | w 042°31.358 |

Falaremos muito de locais onde moramos. Para facilitar o entendimento segue um mapa completo.

| Mudanças | Período | Onde Moramos | Fato |
|---|---|---|---|
| 1 | 1915 | Morro do Bueiro | Nascimento da Minervina |
| 1 | 1918 | Gruta do Pinto | Nascimento do Izaltino |
| 1 | 117.10.1937 | Fazenda do Raimundo Iel ? | Casamento religioso |
| 2 | 1937 | Casa da tia Rita 6 meses | Só Minervina pois Izaltino serviu Exército em Juiz de Fora. |
| 3 | 1938/1940 | Fazenda João Ferraz ou Raimundo Iel | onde nasceu o José Lino em 1938 |
| 4 | 08.02.1939 | Fazenda João Ferraz | Casamento no civil |
| 5 | 1940/1941 | Fazenda Joaquim Ferreira, ao lado da Niguita | Onde nasceu a Nilza em 1940 |
| 6 | 1941/1942 | Retorno à Fazenda João Ferraz/Raimundo IEL | onde nasceu o Expedito em 1942 |
| 7 | 1942/1946 | Serra do Valão | Onde João Nasceu em 1944 |
| 8 | 1947/1949 | Gameleira, Fazenda Santana | Onde nasceu e faleceu a Marlene em 1947/1949 |
| 9 | 1949/1950 | Grota, Fazenda do Juquinha Alves | Onde nasceu a Olga em 1950 |
| 10 | jul.1950/jul.1957 | Fazenda dos Ferreira/Tia Carminha | Onde nasceu, Antonio, 1951, Ivo, 1953, Luiz 1954, e Maria Helena em 1955 |
| 11 | julho.1957 | Fazenda ou Sítio do Gavião | Chegada em São Pedro dos Ferros |
| 12 | jul.1957/jul.1959 | Fazenda Morro Redondo - São Pedro dos Ferros | Onde nasceu a Marta em julho de 1958 |
| 13 | ago.1959/ago.1960 | Fazenda 3 Marias conhecida com Fazenda do Rubinho em SPF. | Onde faleceu a Maria Helena em 1960 |
| 14 | ago.1960/nov.1961 | Camelinha - Fazenda Sebastião Ferraz em Visconde | Ficamos 1 ano e 3 meses e voltamos para São Pedro dos Ferros |
| 15 | nov.1961 a dez.1961 | Sitio do Gavião em SPF | Moramos pouco tempo com tio Rogério |
| 16 | 1962/jul.1963 | Fazenda Atlantica, casa amarela e goiabas em SPF | Fomos para São Paulo |
| 17 | 1963/1964 | Casa da tia Santa, Rua nova Friburgo, 32 - Jardim Penha –SP | Moramos provavelmente menos de um ano |
| 18 | 1964/jan/1966 | Rua Santa Silvéria, casa dona Maria das Carnes SP Jd Penha SP | Mudamos para o Paraná |
| 19 | jan/1966 a dez/1966 | Sitio São Pedro - Borrazópolis – PR | Casa do Tio Donato |
| 20 | jan/1966 a dez/1966 | Local próximo do tio Donato – PR | Tempo desconhecido |
| 21 | jan/1966 a dez/1966 | Sitio do José Ingares - PR | Retorno para São Paulo no inicio de 1967 |
| 22 | 1967 | Rua Jardim das Margaridas, Vila Buenos Aires SP | Período curto |
| 23 | 1967 | Rua Imperial, Vila Buenos Aires SP | Período curto |
| 24 | 1967/maio.1968 | Rua Hedi 116, Jardim Penha – SP | Período curto |
| 25 | maio.1968/jun/1987 | Rua Hedi 95, Jardim penha – SP | Casa comprada em maio de 1968 |
| 26 | jun.1987 a 1995 | Rua Romelandia 160 Vila Cisper - SP - Comprada em maio/1987 | Falecimento do Izaltino em março 1990 |
| 27 | 1995 a 1999 | Rua Senges 5, Vila Cisper SP | Minervina morou com a Olga e faleceu em abril de 1999 |

**Mudanças:** Entre 1937, quando se casou, e 1990 quando faleceu, meu pai mudou de endereço 26 vezes, fora algumas mudanças de curta duração. Uma mudança em média a cada 2 anos.

**Filhos:** Em relação a filhos, entre 1937 e 1958, ele teve 11 filhos, um a cada um ano e 9 meses. A média foi alta porque entre o João e a Marlene passaram-se 4 anos, e entre a Maria Helena e Marta o lapso de tempo foi de 3 anos. Ou seja, a média seria de 1 ano e 4 meses, comum para aquela época.

As mudanças foram muitas, mas quase todas em locais muito perto um dos outros.

Exceção apenas das idas de Visconde para São Pedro dos Ferros e de São Paulo para Borrazópolis – PR.

# Viagem número 1

## 24/09/2017 a 01/10/2017

## Visconde do Rio Branco e São Pedro dos Ferros

**Quem foi:**
**Antonio Lino, Nilza Maria da Costa, Expedito Lino, Olga Lino, Marta Lino e o Antonio Lino Júnior**

## Roteiro da Viagem

Após o encontro com a Nilza, programamos a viagem para Minas.

O Zezito, por dificuldade de locomoção não pode ir.

**24/09/2017 - Domingo** - São Paulo x Juiz de Fora: Pela Gol.

**24/09/2017 - Domingo** - Aeroporto de Juiz de Fora x Visconde do Rio Branco: Por carro.

**25/09/2017 – Segunda** - Visitas em locais onde moramos em Visconde.

**26/09/2017 – Terça** – Visitas em locais onde moramos em Visconde.

**27/09/2017 – Quarta** – Ida a São Pedro dos Ferros e visitas à Fazenda Brasília.

**28/09/2017 – Quinta** – SPF visitas aos locais onde moramos.

**29/09/2017 – Sexta** – SPF visitas aos locais e retorno no final do dia para Visconde.

**30/09/2017 – Sábado** – Visitas em Visconde, Gameleira, Cordeiras, Camelinha...

**01/10/2017 - Domingo** – Retorno a São Paulo, pela manhã.

O que vocês lerão a seguir está exatamente na ordem em que as conversas foram gravadas.

Os assuntos vão se intercalando, uns sem nenhuma relação com a viagem, mas com um dado importante, todos os bate papos nos levam a algum período da vida dos nossos parentes.

Procurem ler com calma e estimulem seus filhos e netos a lerem também. Eles vão ficar orgulhosos dos seus antepassados.

# Chegada em Visconde dia 24/09/2017 – Domingo

Aterrizamos no aeroporto de Juiz de Fora, ao meio-dia do domingo. Pegamos o carro e às 14.30 estávamos almoçando na Costelaria Real, na Rodovia 265 em Piraúba a caminho de Visconde.

Chegamos em Visconde, e fomos para a o Rio Branco Palace Hotel.

Papo no carro, em Visconde, na praça em frente ao hotel e à Praça 7 de setembro. Onde o Tãozico veio nos visitar e fomos até a sua casa.

**Antonio:** É, mas a gente vinha a pé lá da fazenda e, se não me engano, o caminho era esse aqui. O sogro da Duduca tinha uma casa logo na entrada da cidade e a gente vinha, lavava os pés pra botar a precata (Alpercata, calçado da época) pra entrar na cidade, porque vinha tudo com o pé, nós todos sujos de barro e tal.

**Antonio:** Ô Expedito a gente quando vinha da fazenda vinha por ali, não é isso?

**Expedito:** Nada a ver. É do outro lado. Tem que pagar aquele lado onde é a casa do Tãozico.




**Antonio:** Ok. Lá eu me lembro bem, que a gente vinha da fazenda até aqui, né? Muito louco. Então, tenho uns flashes. Essa casa do sogro da Duduca, era bem na entrada da cidade. Era lá. Que a gente vinha pendurando os sapatos pra lavar o pé ali e botar o sapato quando chegava, não era?

**Expedito:** E ele era vendedor de lenha, não é isso?

**Antonio:** Isso mesmo. É, ele era lenhador.

**Expedito:** Que coisa, né, meu?

**Jr:** Você vinha muito na cidade?

**Expedito:** Era difícil vir aqui, porque isso aqui, a gente vinha de chinelo, não tinha condução.

**Jr:** E quando vinha era pra fazer o que?

**Expedito:** Quando vinha era pra trazer alguma coisa pra vender pra esses lugares aí, né, essas quitandas ou pra comprar coisa pra levar pra lá, porque não era normal ter uma venda, né, um tipo assim de comércio que vendesse tudo que você queria, né? Então você tinha que vir aqui, no centro, pra comprar. E o gozado é que tinha um armazém... naquele tempo não existia supermercado, né, chamava de armazém, e tinha um... o dono do armazém, que vendia fiado pra todo mundo que morava na roça. E ia fiado adoidado, pra pagar numa colheita. E todo mundo pagava direitinho quando colhia a safra.



**Antônio:** falando da viagem ao Rio de Janeiro em1974:

**Antonio:** Parei o carro em Copacabana, pra tomar um café numa padaria, ou bar, tranquei o carro bonitinho, porque é perigoso, né? Quando eu voltei, eu tinha esquecido o vidro aberto com todas minhas coisas dentro. Por sorte... óbvio, o Rio não era tão violento como hoje, né? Hoje, se deixasse lá... talvez até passasse batido.

**Expedito:** Você ficou pouco tempo com aquele carro, né?

**Antonio:** Era uma porcaria de carro. você punha duas pessoas, ele já batia no chão. Aquele carro foi muito

engraçado. Aí eu vendi para um senhor, o cara me ligou "O senhor aceita um Corcel 69?" Eu falei "Aceito." Foi lá um senhor bem distinto, levou o Dodge 1800SE... estava novinho ainda e me deixou o corcel "Ele tá com problema, o motor dele não tá bom." Eu falei "Ah, tudo bem." Aí eu trabalhava lá na construtora, tinha um tal de Gastão lá, que era oficial encanador, chegou um dia lá, viu o Dodge lá na... o Dodge não, o Corcel lá na garagem "Ah, quero comprar aquilo." Eu falei "Olha, ele não tá muito bom não." "Ah, não tem problema." Aí vendi

**Jr:** O Dodge Polara foi o seu primeiro carro? Ou teve outro?

**Antonio:** Não, o meu primeiro carro foi uma história muito louca, né? Comprei um TL.1972, eu estava na VEF trabalhando, tinha o Hélder lá, que era um engenheiro, que tinha um Karmann Ghia. E um dia nós fomos almoçar ali na São Caetano, lá em cima, e viemos descendo. Aí ele, o Hélder, todo entusiasmado com o Karmann Ghia dele, um Karmann Ghia vermelho e tal e eu já estava... isso foi em 72, eu falei "Pô, rapaz, que lindo carro." Ele falou "Por que que você não compra um carro pra você, rapaz?" Eu falei "Ah, não tenho dinheiro." "Como não tem dinheiro? Ah, que isso!" Aí fui pra casa, falei "Pô, eu podia ter carro." Mas não era um sonho meu. Aí, na mesma semana, eu fui na Caraigá, tinha um TL lá, 71, 36 parcelas, naquela época, a inflação era baixa. "Quanto que é?" "Não, esse não tem entrada, é 700 cruzeiros por mês." Eu ganhava 2 mil e pouco. Falei "Ah, vou comprar." Comprei, não tinha carta, deixei lá na VEF. E eu morava ali na Rua Mauá. Aí tinha o Abrão e o Gilmar, que eram amigos meus, um dia, numa sexta-feira, marquei com eles pra gente ir lá naquele Bacalhau e Cia., que é ali na Barra Funda "Vambora, vambora." Todo mundo sabia que eu tinha comprado o carro, mas... aí descemos pra ir pegar um táxi e, naquela época, não tinha tanto táxi. Começou a demorar e o Gilmar dirigia. Eu falei "Ah, vamos lá pegar o meu carro, pô! Só de bobeira aqui, o Gilmar dirige e tal." "Vambora." E o Gilmar não tinha carta. Pegamos o carro, fomos lá no Bacalhau e Vinho, comemos tudo, bebemos tudo. Eu estava começando a ter aula de... volante.

Na volta, eu falei "Gilmar, deixa eu mostrar pra você e o Abrão como eu já estou indo bem." Bêbado.

Comecei a dirigir, o Gilmar falou "Ê, você tá ruim demais, rapaz." Eu falei "Então deixa eu atravessar a rua aqui e, eu paro ali na frente." Passou um ônibus da Cometa, me levou. Eu vi que eu bati no poste, o Gilmar bateu a cabeça... foi bem sério. Aí o cara do Cometa, o motorista veio "Tá todo mundo bem?" Eu falei "Não, tá tudo bem. Foi só o supercílio e tal." "Pô, entra aqui." Aí eu entrei no Cometa, ele falou "É melhor a gente sair daqui, porque o Gilmar pode ir dirigindo o carro." Mas não dava pra dirigir. Aí já encostou a polícia. Aí o cara falou "Vamos embora." Aí o cara me levou de ônibus "Vamos lá pra garagem." Ele falou "Eu tenho um problema, eu vou perder meu prêmio." Eu falei "Não se preocupa com o teu prêmio." É 100 cruzeiros, sei lá o que era. Aí chegou lá, ligou pro advogado do Cometa, o advogado apareceu, voltamos, chegou lá, estava cheio de polícia. Aí o cara desceu, falou "Pode ir lá fora o Gilmar já entregou que foi você, tudo." Entregou não, não teve jeito, né? Aí fomos pra delegacia... bom, o processo não deu em nada, eu fui condenado, mas ficou provado que eu sabia dirigir, a minha condenação foi porque eu não tinha carteira.

Bom, aí fiquei traumatizado, eu tinha...

**Jr:** E o carro?

**Antonio:** Ah, trocou a frente inteira, porque bateu no poste. Aí eu tinha 2 amigos, um era funileiro, o outro era um biriteiro daqueles bem mala... os 2 eram malandros, só que um trabalhava. Quando soube que eu bati o carro, leva lá no Brás, na minha oficina. E eu babaca... mandaram buscar o carro, o guincho levou, deixou lá e o tal do Egídio foi fazendo o carro. "Tá pronto?" "Não, não tá pronto." Eu falei "Eu não tenho pressa, porque eu tô tirando a carta." Tirei a carta, o carro ficou pronto, chego lá, dei a partida, ia saindo, veio o negrão "Não, precisa acertar." Eu falei "Não, mas eu já paguei pro Egídio." "Não, ele é o funileiro. A oficina é minha. Ele tem direito a 50%." Eu falei "Mas eu paguei..." Aí veio o Egídio "Ô, Toninho, acerta aí, depois a gente acerta." Aí eu acertei os 50% finais de novo, porque o cara insistiu... e fui embora. Tô chegando... aí eu já morava lá na Rua Hedi. Tô chegando lá na Rua Hedi, quando eu tô entrando naquela casinha lá onde o Luiz mora, chega o Zezito cheio de amor. Já era umas 11 horas da noite "Uh, rapaz, o teu carro é esse aí e tal? Vamos dar uma voltinha. Ah, deixa que eu dirijo." Demos uma volta no quarteirão...

você não sabe dessa história, é muito engraçada. Demos uma volta no quarteirão... e a minha casa eram 2 metros pra ir até o fundo lá, você lembra, né, da Rua Hedi ali? E era meio rampinha, ele, acho que mirou bem, foi subir e o carro começou a voltar pra trás e bateu a traseira no muro lá da casa da Dona. Cacilda. E o Zezito disse: "Ah, desculpa, fica tranquilo, amanhã... onde que é a oficina?" Eu falei "Ah, Zezito, deixa..." "Eu levo o carro lá. Dá o endereço." "É Rua Maria Marcolina, não sei o que e tal." Chega lá, liga o Egídio... não, o Zezito me contando "Sabe o que aconteceu, rapaz? Eu não conseguia achar a rua e dei uma porrada na frente de um ônibus."

Quando o Egídio que... com toda a safadeza dele, mas gostava de mim pra caramba, entra o Zezito na oficina do Egídio, o carro batido na frente e atrás de novo. Disse que queriam bater no Zezito "Que que você fez com o meu carro? Com o carro do Toninho?" Aí ele explicou "Não, não sei o que e tal." Aí ficou mais 4 meses lá. Paguei quase o dobro dum carro pra ter o carro. Passado muito tempo, aí eu tinha um fusquinha 73 e eu já estava pra me casar com a Regina, liga o Zezito "Ô, rapaz, eu preciso ir não sei onde aí..." Sei lá que cazzo que era, eu falei "Ah, Zezito..." "Tá bom, é rapidinho, eu passo aí, pego o..."

**Expedito:** Ele nunca foi bom de volante, né?

**Antonio:** É. "Eu passo aí, pego o teu carro, você me espera, eu volto." "Tá bom, vai." Ele nunca pediu carro meu emprestado, eu emprestei. Fiquei lá no bar, de frente à VEF, bebendo lá com o pessoal e nada do Zezito. E, na época, não tinha telefone. Passado muito tempo, de repente, chega ele lá meio com aquela cara de... falei "O que aconteceu? Bateu o carro?" "Não, não, não, foi nada não." Deu um probleminha nele ali na Tiradentes, mas não foi nada, deve ser gasolina. Eu fui subindo com ele. Chegava perto ele já começava "Não, sabe que que é? Eu vinha vindo..." Naquela época, estava construindo o metrô e tinha aquelas tartaruga, mas era tartaruga pra valer, né? E o carro, o fusquinha, era muito baixinho. Ele devia ter tomado umas né?, ele entrou na tartaruga e ao invés do filho da mãe parar, ele continuou acelerando. Eu cheguei lá, eu falei "Não, mas não aconteceu nada, Zezito. Tá tudo certo e tal." "É... não, não bati mesmo." "Ô, que bom, rapaz." Quando eu entrei no carro, estava assim, ó, da ponta até a outra. O diferencial, tudo, estourou tudo. O carro, você não conseguia dar partida no carro, porque ele foi bem no meio... e aquilo lá tinha esses negócio embaixo, mas... foi de guincho. Gastei mais da metade do valor do carro. Mas isso já era 3 anos, vai, depois. Não foi mais do que 3 anos não.

**Antonio:** Ah, ele nem teve coragem, né, de pedir mais. Aí ele foi... não sei as datas, aí ele foi montar um... foi trabalhar de motorista profissional de entrega de frigorífico, aqueles mini... mini não, são uns caminhõezinhos...

**Expedito:** Eu arrumei um emprego pra ele.

**Antonio:** É, então, mas não era um caminhão pequenininho. Não era grandão, mas era um caminhão médio.

**Expedito:** Ele ia vender muçarela por aí. Ele era entregador.

**Expedito:** É gozada a vida da gente, né, meu? O cara era um baita dum garçom e a profissão de garçom, ela era, dependendo do restaurante que você for trabalhar, ganha uma grana boa. Aí o cara vai lá e troca por um... fazer entrega de muçarela? com aquele troço... não ganha quase nada. O certo era ter ficado na profissão dele mesmo, como garçom.

**Antônio:** Olha, eu não sei o que aconteceu com vocês, por exemplo, você chegou a gerente de supermercado, né? O Zezito... tá cheio de garçons que se transformaram... que foram... viraram maître, né? Eu vejo lá, por exemplo, eu vou nesses restaurantes chiques lá em São Paulo, aquela... o Barbacoa, por exemplo, era um garçom do Restaurante Rodeio, que virou maître do rodeio e resolveu montar uma churrascaria, né? Hoje, ele já morreu agora, mas tá cheio de caras que cresceram dentro daquela atividade. Outros montaram restaurantes que ficaram famosos.
- É o que eu tô falando.

**Antonio:** Seu Florial e o Manolo, donos do Gouveia/Juca Pato pô, os caras adoravam ele.

**Antônio:** Tanto é que ele me arrumou um emprego lá com o Seu Florial. O Seu Florial e o Seu Manolo, né, que era um irmão, esses caras, pô, o Zezito era o... mas não adiantou. Eles já tinham vendido o Gouveia, né, mas vivia falando bem dele e tudo, mas ele não...

**Jr:** Quando ele chegou em São Paulo, já foi trabalhar como garçom ou trabalhou em alguma coisa antes?

**Antonio:** Não, ele foi sempre garçom. Sempre garçom. O Expedito, ele disse que ele foi trabalhar, que eu não sabia, nesse bar aí, né, desse cara, que era aqui do hotel, quando ele foi pra São Paulo.

**Antonio:** Você me falou que ele saiu daqui, do hotel, e foi trabalhar lá, não é isso? Em São Paulo?

**Expedito:** Sim, lá em São Paulo.

**Antonio:** Depois é que ele foi... o Gouveia, eu não sei quando é que ele foi, (Foi início de 1961, ele chegou em SP em jan./1961) mas foram períodos curtos, porque logo depois já derrubaram a praça lá pra fazer o metrô, né? Porque ali eu não sei... você não sabe, né? Ali era Praça Clóvis e Praça da Sé. O Gouveia era um prédio, que eu não lembro o nome agora, que era no meio e que dividia as duas praças. Aquela música Praça Clóvis, do... já vou lembrar o nome dele, eram duas praças distintas. Aí, em 70 e pouco, mas um pouco antes, quando aprovaram a linha Norte-Sul do metrô, a Praça da Sé ia ser o hub para as futuras estações, porque dali saía todas as outras. Então eles resolveram transformar a Praça da Sé e Clóvis numa só. Aí implodiram... chamava Mendes Caldeira o prédio. Um prédio enorme. Foi a primeira implosão no Brasil. Foi um japonês. Foi televisionado ao vivo, entendeu? Um negócio muito louco. Aí foi o início da construção do metrô, porque a Praça da Sé, inclusive, foi uma das primeiras estações... a primeira estação que começou já a desenvolver pra poder dar andamento e tal. Aí implodiram, repaginaram a praça, né, e aí acabou o Gouveia. E aí o Zezito...

**Expedito:** O Gouveia servia aquele tal de a lá carte, né?

**Expedito:** Isso, era um restaurante. Era um restaurante e que servia comida e lanche.

**Antonio:** O Zezito, ele tinha um quiosque, era uma coisa de vidro, que era o tal do pernil, que o pernil mais famoso de São Paulo, até hoje, é o pernil lá do Gouveia. E ele era o cara que fatia e tal. Você chegava, o restaurante é lá e tinha uma janelinha, que é onde vendia o sanduíche. E ele que preparava o pernil e tal. Era uma delícia. E aí, quando implodiram o prédio, o Gouveia fechou. Aí ele abriu... esse Seu Florial, abriu essa distribuidora que eu trabalhei em 1969/1970 e foi indicação do Zezito. Aí de lá eu não sei o que que o Zezito foi fazer. Aí já não... aí ele começou... ele foi trabalhar naquela lanchonete A Chapa, né, não sei o que. Aí não parou mais. Foi trabalhar na Guarda... Círculo Militar, sei lá o que. Continuou garçom... já era garçom normal, mas ele nunca teve um cargo importante. Uma pena, competência ele sempre teve.

Ele foi trabalhar, numa época, ali, naquele Castelhões, ali na... lá no Brás. Eu fui uma vez lá . E depois ele foi trabalhar ali na Lins de Vasconcelos, que é uma... ela existe até hoje, chama A Chapa. Eles têm uma agora nos Jardins, mas era ali na Lins de Vasconcelos. Era uma boquinha pequenininha, que você fazia os hambúrgueres. Naquela época, hambúrguer não era ainda uma coisa muito desenvolvida no Brasil. Isso deve ter sido 72 mais ou menos. Depois, ele foi trabalhar num... não sei se é essa a ordem, mas o primeiro boliche que veio pro Brasil, que era ali na Rua Fiandeiras, ele foi garçom lá também, mas ele não parava em lugar nenhum não.

### 24/09/2017 – À tarde, conversando próximo da Estação:

**Expedito: Quando ele foi pra Juiz de Fora, eu também não sei através de quem ele foi. Eu sei que ele estava trabalhando num bar lá, em Juiz de Fora. De repente, eu apareço lá com um chapéu na cabeça, caipirão. Ele ficou apavorado "O que que você tá fazendo aqui? " Morria de vergonha de mim, que eu era feio pra cacete. Aí ele arrumou pra mim um hotel, pra trabalhar de ajudante de cozinha. Uma portuguesa nojenta lá, não me deixava pôr nem a cara assim, na boqueta assim, pra olhar pro salão. Discriminação total. Tinha que ficar lá dentro da cozinha, mocozado lá, porque disse que eu era muito feio. É mole um negócio desse?**

**Junior:** Você tinha saído daqui?

**Expedito:** Eu saí da roça. Da roça pra lá. O cozinheiro ficava me zoando e tudo, eu... essa vida da gente é cada uma.

**Jr:** Mas o Zezito foi o primeiro a ir pros lugares assim, ele que foi primeiro pra Juiz de Fora, depois pra São Paulo?

**Expedito:** Foi o primeiro. Ele sempre que dava a partida, né? Lá em Juiz de Fora, eu me injuriei lá nesse hotel, né, que eu estava lá. Aí um conhecido meu lá arrumou um serviço pra mim numa outra... numa casa assim... como se fosse uma empregada doméstica. Ia uma mulher lá e jogaram eu lá também. Aí ficava lá, ajudando a mulher na cozinha, escolhendo arroz. Um serviço meio besta lá. E a gente não tinha direito a chuveiro de água quente não. A comida era tudo limitada. "Você só pode comer isso daqui. Chuveiro, só frio." Aí eu fui ficando ali até... de repente, eu saí dali, voltei pra Visconde e fui trabalhar nesse hotel aqui, que agora tá fechado. Aqui na praça.

**Expedito:** É, ali. Depois da esquina ali ... eu já fui lá com o Antônio, assim que chegamos hoje. Daí o Zezito já tinha ido pra São Paulo, né, através do dono do hotel daqui. Foi quando ele me chamou pra ir pra lá também. Aí ele já conhecia a casa do Tio José Pinto e nós fomos morar na casa do Tio José Pinto.

**Junior:** Vocês pagavam lá um valor, né?

**Expedito: A maior cara de pau, rapaz. Pagava não, combinado era pagar. A gente não dava um centavo pra coitada da tia lá, rapaz. Puta sacanagem, né, meu? Se bem que achava que aquilo lá estava tudo... é tudo normal, você ficar comendo e dormindo, roupa lavada e sem dar dinheiro. Como é que pode, né, a cabeça da gente? Aí um dia a tia, de tanto as irmãs dela fazer a cabeça dela, né, que era besta, por que que ela tem que agora entrar com aqueles 2 caras lá sem... na faixa. Aí ela resolveu, meio sem jeito assim, falar pra nós.** A gente podia ajudar ela pra comprar uma televisão. Aí o Zezito começou a dar dinheiro pra ela. Mas o nosso primo Jaime cedeu o quarto dele pra nós. Ele ficava dormindo na sala, porque a casa era só 2 dormitórios. Ficou um pra mim e o Zezito e o nosso primo dormindo na sala. Ainda tinha mais essa. A gente estava lá como intruso e não dava dinheiro pra eles.

**Antônio:** A tia depois disse que, quando a gente chegou todo mundo lá, ela foi morar numa casa pequena por que a gente não pagava nada também não. Nós assumimos a casa dela e eles se mandaram.

**Expedito:** Eles eram muito generosos com a gente. Incrível. Aquela tia ali foi... A tia foi muito... Muito, muito... pra nós, ela foi excelente.

**Antonio:** É, quem foi chegando, eles deram o apoio.

**Jr:** Qual era o nome dela?

**Antonio:** Tia Santina. A Tia Santa. Ela ajudou muito.

**Expedito:** É a mulher do Tio José Pinto. Ela foi... a mulher era uma santa mesmo pra gente, aquela mulher. Ela era muito...

**Antonio:** Além de batalhadora, né, era uma pessoa muito boa.

**Expedito:** É. Só que teve uma vez que eu pisei na bola com ela, porque ela colocava uma coisa lá na comida pro meu tio parar de beber e eu fui lá muito...Muito besta, fui contar pra ele. Era pra ela ter ficado com raiva de mim por causa disso, mas ela...Que bobeira, por que que eu tenho que ir lá contar que... ela estava fazendo a coisa certa, ela queria que ele parasse de beber. Colocava um produto lá no meio da comida e ele perdia a vontade de beber. E funcionava mesmo aquilo lá. Mas, depois que ele descobriu, que eu contei, aí... claro, né, o cara não ia mais comer aquele negócio, aquela comida com aquele troço no meio.

**Júnior:** Como é que foi quando você foi pra São Paulo assim, nunca tinha ido. Aí o Zezito veio te pegar aqui?

**Expedito:** Não, é o que eu estou falando, eu vim sozinho mesmo pra São Paulo.

**Jr:** Pegou o que? Foi de ônibus?

**Expedito:** De ônibus. Só peguei o endereço e achei essa tal de Praça da Sé.

**Antônio:** É que lá tinha um... a estação rodoviária era ali na Júlio Prestes. E ali tinha um ônibus chamado 45 Estações, que fazia assim, e o 46 que fazia o contrário. Então era Praça da Sé, não sei o que, um ia e o outro voltava. Tinha um círculo ali. Então, quando você chegava lá, ele dizia "Pega o 45 ou o 46." No caso, acho que era o 45. "Pede pra parar na Praça da Sé." Então era bem... **Jr:** Aí tinha alguém esperando lá?

**Antonio:** Aí era fácil. Ó, descendo na Praça da Sé, você vai olhar assim, tem o restaurante lá. Pronto. - É que nem o ditado, né? Quem tem boca vai a Roma.

**Antonio:** É, mas era muito fácil chegar, porque o ônibus parva na coisa, você só tinha que pegar esse ônibus, quer dizer, você tem que pergutar pra alguém onde que pegava o ônibus, mas não era uma coisa complexa pra... Muito baba.
- Quem é que não conhece Praça da Sé, né? Um paulistano. Chegou lá, cresce.
- É. E o ônibus parava na porta.
- "Onde que é a Praça da Sé?" "Ah, você pega o ônibus fulano de tal e pronto.

**Júnior:** Pai você lembra o dia que chegou em São Paulo? A primeira vez?

**Antônio:** Não. A impressão que eu tive foi... a primeira impressão que eu tive, quando eu cheguei lá, foi na casa da tia, que ela fez uma sopa, que a gente não conhecia esse fogão a gás e ela com aquele caldeirão lá de... panela de pressão, né, com aquele cheiro de sopa. Só se comia sopa também lá, né? Ninguém tinha dinheiro. Mas eu não me lembro da minha chegada assim não. Não me lembro indo daqui pra lá. Me lembro eu já lá na casa da tia. Isso eu me lembro bem, da rua, da molecada lá, tudo.

**Antonio:** Rua Nova Friburgo, 32. Era ou não era? A casa existe até hoje lá.




**Expedito:** Ó, o que a gente comia de sardinha... passava aquele carroceiro.

**Antônio:** E à noite era só sopa. Ela enchia a panela com batata, com não sei o que, fazia aquela sopa e todo mundo comia... pra gente, que não comia nada aqui em Minas...

**Expedito:** É. Passava aqueles caras com aquelas mulas lá com uma carroça vendendo sardinha... e era só sardinha direto.

**Antonio:** Eles... é, mas não tinha recurso, né? Não tinham nada.

**Jr:** Quando foi chegando, chegou o Zezito, o Expedito, depois veio...

Antônio: Depois foi o João. Aí a minha mãe, a história é mais ou menos... e, eu não lembro, né, mas a Duduca me falou, aí a mamãe foi lá com o João, eles voltaram, né, e aí acho que logo depois, o João foi e depois a gente. As datas, aí a Duduca sabe. Eu não consigo me lembrar.

**Jr:** Você foi com a vó?

**Antônio:** Alguém achou que era eu que tinha ido. Eu sempre achei que a mamãe tinha ido sozinha. Sempre contei essa história. Mas não foi. A Duduca disse que ela foi com o João.

**Jr:** E aí você ficou aqui em Minas?

**Antônio: Sim, em São Pedro dos Ferros. Eles continuaram aqui... ela foi lá só passear. Ela foi visitar**

**o pessoal. A Duduca contou a história, tanto é que ela não voltava porque não tinha dinheiro e todo mundo preocupado achando que tinha acontecido alguma coisa e tal. Aí, de repente, ela apareceu.**

**Não sei quanto tempo depois. E daí que eu acho que ela começou a envenenar o meu pai pra ir todo mundo, né? Aí, nessas alturas, o João foi. Veio com a mamãe de volta, mas logo em seguida ele foi embora. Aí, quando a gente foi, era eu, o Luiz, a Marta e a Olga, né? Que a Duduca já era casada.**

**Não lembro como fomos. (Fomos em julho de 1963).**

**Jr:** Foi todo mundo pra casa da tia.

**Antonio:** Sim, baixou todos... eles já estavam lá, baixou mais todos nós. Uma coisa de... insana, né? Morar numa casa pequena. Eram 2 quartos lá, né? 3 quartos, né?
- Eram só 2 quartos. Tinha a casa da tia.

**Expedito:** Aí eles tinham mais um barracão lá no fundo.

**Antônio:** Então, mas você vê, chegou eu, meu pai, minha mãe, a Marta, a Olga... o Luiz, são 6 pessoas. Aí... eu não sabia disso, a minha tia, uma vez lá que ela veio da praia, ela comentou que eles foram morar numa outra rua e deixaram a casa pra nós, do tipo, "Perdemos a casa." Porque ninguém pagou aluguel pra ela, imagina. E meu pai não tinha dinheiro e tal. Aí no... depois, também não sei quanto tempo, a gente morou para uma casa ali na própria rua e eles voltaram pra casa deles. Aí depois a minha tia comprou a casa na Ponte Rasa, acho que alugou essa casa e tudo. Mas eu não me lembro chegando lá, não me lembro saindo de São Pedro dos Ferros, também não...

**Júnior:** E era o único parente que tinha em São Paulo ou tinha mais tios?

**Antônio:** Em São Paulo eram eles, só eles, que é o único conhecido lá que tinha. Mas foi um... a partir do momento que a gente chegou lá, por exemplo, eu já comecei a trabalhar, a minha mãe fazia aqueles negocinhos de cheiro verde que chama, né, que vende na feira, que aí você põe cebolinha com... salsinha com a cebolinha. A minha mãe... eu a ajudava a fazer, amarrar, né? Que você amarrava com a própria cebolinha e a gente saía vendendo. Botava numa cesta. Eu não sei se o Luiz fazia. Eu vendia direto isso. A gente saía de manhã, batendo de porta em porta, todo mundo comprava. Depois, eu comecei a trabalhar no fim de semana com um tintureiro lá, que eu recolhia... eu fazia as entregas das roupas no... acho que no domingo ou recolhia no domingo. Aí, durante a semana, eu o ajudava a lavar. Tinha uma lavanderia lá perto de casa. E aí, no domingo, ele me levava lá na Ponte Rasa, na casa dele, pra comer sushi, sashimi. Eu, moleque... era um nojo aquilo. Aí ele me dava 1 cruzeiro lá, 2 cruzeiros pela semana. Era uma exploração, né? Eu tinha 11/12 anos.

**Jr:** Como que era o nome dele? Você lembra?

**Antonio:** Ah, não lembro. Ele era, provavelmente, chinês. Você lembra dum chinês que tinha lavanderia lá na rua debaixo da Rua Hedi, Expedito? Eu trabalhei muito tempo... não sei se muito tempo, eu trabalhei um período lá. Aí você passava domingo, a molecada toda jogando bola e eu lá com aquele monte de camisa, paletó, pra levar na casa dos outros.

Aí, tempos depois, eu comecei a... inventei que tinha que fazer carreto na feira. Aí eu fiz um... eu mesmo fiz um carrinho, tinha o negócio de rolemã lá, botei uma caixa, preguei bonitinha. Tinha uns 14 anos, né? Fui fazer a feira ali na... já do outro lado lá do... ali no Boturussú. (Era na Rosa Mendes, esquina com Av. São Miguel) Aí você ficava atrás das mulheres pra pedir pra ver se quer fazer carreto. Aí uma mulher lá topou. E o segredo é: você ia atrás dela, ela comprava... porque tudo lá era a granel, né? você comprava, embalava e punha no carrinho e você continuava. Óbvio, né, foi enchendo aquela merda, eu botei aqueles preguinho que eu mesmo fiz, estouraram todos aqueles pacotes lá no meio da rua. O arroz... aí veio um menino lá, Wilson, (Era sobrinho da mulher) me ajudar, garotão também e... tenho contato com ele até hoje. E ele falou "Não, para com isso, meu, vamos engraxar sapato, que é muito melhor. você não tem essa dor de cabeça e tal." Aí eu comecei a engraxar. Aí virei engraxate pra trabalhar sábado e domingo.

**Jr:** Era quem? Wilson que ele chamava?

**Antonio:** Wilson Paganini Scuriza. Até hoje eu tenho contato com ele, está morando lá em Itaquera. Eu tenho agora... ele foi lá na Talent um dia desses. Um dia desses não, um tempo atrás. A gente estudava... aí, logo em seguida, a gente... logo em seguida eu não sei, passado um tempo, a gente ficou amigo esse tempo, fizemos o ginásio juntos e tudo. Depois você perde o contato.

**Jr:** Mas ele que te iniciou como engraxate?

**Antonio:** Ele me introduziu a ser engraxate. E aí eu chegava...

**Jr:** E vocês engraxavam onde?

**Antonio:** Tinha uma padaria ali em cima, na... perto de casa. Os primeiros, eu sujava a meia de todo mundo, né? Eu não sabia que não podia sujar a meia, né? Aí comecei a tomar cuidado. Eu lembro, o primeiro cara que eu engraxei, eu levei uma dura, o cara olhou a meia dele, mas estava tudo manchado. Aí eu comecei a caprichar. Aí virei um super engraxate lá. Tinha toda uma fila..., mas aí eu ficava... fazia só sábado e domingo. Aí domingo eu pegava um cinema... eu ia ao cinema ... terminava de engraxar até umas... meio-dia, uma hora e ia pro cinema ali na Penha de França, né, tinha aquele largo lá. Aí assisti... naquela época era filme duplo, né, assistia 2 filmes e voltava pra casa. Não tinha muita opção...

**Jr:** Que filme que você lembra da época assim, que te marcou?

**Antonio:** Que filmes? Eu tinha um caderno se você quer saber. Pena que eu perdi o caderno.

**Jr:** Você anotava os filmes?

**Antonio:** Eu anotava todos os filmes. Durante muitos anos... eu tinha tudo marcado, quem era o ator, quando que eu assisti e tal, mas não... tem um filme que eu assisti... eu preciso ver a data desse filme, mas... que eu assisti, que eu fiquei fascinado e não lembrava o nome e passou 40 anos, estou no canal lá, eu assistindo passou uma cena dum filme, eu falei "Puta, mas engraçado isso, esse filme aqui não é..." Aí descobri, chamava Zulu. Chamava não, chama Zulu. É um filme épico, maravilhoso e tudo. Aí eu assisti inteiro e comprei até o DVD dele e tudo. É um filme muito legal, inclusive ele é reconhecido por ser um dos filmes clássicos e tal. Mas naquela época você tinha Gigliola Cinquetti - Dio, Come Ti Amo. Tinha... o Expedito indicava à gente pra assistir o Mazzaropi, né, o Jerry Lewis. Tinha muito esses Sansão e Dalila, Maciste, era tudo... A Paixão de Cristo. E aí entrou... aí eu já tinha 18 anos, né, entrou o bangue-bangue, né? Giuliano Gemma, Clint Eastwood, então era... só que todo cinema que você entrava eram filmes duplos. Aí em 72 mais ou menos começou os filmes catástrofe, né, que foi... o primeiro, acho que foi o Terremoto... não, não foi Terremoto, enfim, é um desses aí. Aí, de lá pra cá, começou os filmes aventura, mas naquela época não tinha filmes aventura não. Tinha... os filmes aventura, tinha, era bangue-bangue e de gladiador. Não foi o Terremoto o primeiro, foi eu acho que o Inferno na Torre, que acho que é de 72, com o Charlton Heston, que todos tinham o mesmo esquema, começa o filme, apresentando os personagens, os conflitos. Aí, no meio do filme, entrava a catástrofe ou o abalo. Era em todos os filmes, se assistir hoje, é o mesmo filme. Aí veio aquele do navio lá, né, O Destino de... não, O Destino de Poseidon não, o Titanic, mas era um outro nome, né? Eram todos muito parecidos. Aí, quando eu já tinha uns 21 anos, aí comecei a ver os Michelangelo, os Antonioni... eu não entendia quase nada, mas eu ia assistir, né? Tinha uma... saía de lá sem entender coisa nenhuma.

Meu Tio da América, aquelas coisa lá que era tudo..., mas eu ia, assistia. Eu achava que eu tinha que ver.

Por exemplo, o Paulo Francis, quando eu comecei a ler, eu não entendia absolutamente nada, mas eu o achava muito inteligente... você percebe quando a pessoa é boa, né? Então eu tinha uma... **Jr:** Você lia o que jornal?

**Antonio:** Ele, Paulo Francis, escrevia no Pasquim, né? Ele já escrevia no jornal, mas ele tinha artigo no Pasquim semanalmente. Aí, depois, ele foi morar em Nova Iorque, logo em seguida, e de lá ele escrevia. Então a notícia era toda internacional, então era uma maneira de eu me informar sobre o que acontecia no estrangeiro. Não conseguia pegar tudo, mas você tinha uma noção do... aí, depois, ele começou a escrever

na Folha, depois passou pro Estadão, aí já virou uma... já era mais tarde, né, mais... esse lado da busca, não sei o que e tal, era uma coisa que eu, por exemplo, eu saía lá da Penha, eu lembro que eu fui assistir o... por exemplo, meu professor de português, quando eu estava no primário ainda, ele falou que a gente devia assistir a peça Um Inimigo do Povo, que era lá no Teatro São Pedro, tinha acabado de inaugurar. Teve um sábado que eu saí, de ônibus, lá de casa, fui sozinho no Teatro São Pedro. Peguei, paguei o ingresso, assisti... maravilhoso. Era uma peça, não lembro com quem foi e tudo. Cheguei em casa duas horas da manhã, né? Fui assistir A Moreninha, que era ali no Teatro Vila Nova, né, alguma coisa na... eu saía por aí. Não tinha muito... não tinha companhia pra esse tipo de coisa. Eu tinha uma outra visão, né, da... foi me ajudando muito na leitura essas... mesmo não entendendo, você sempre... tem alguma coisa que você pega, né?

**Jr:** Tinha algum amigo? Era sozinho mesmo?

**Antônio:** Sozinho. Eu comecei a ter amigo pra sair, foi esse Roberto, que morava ali, do meu vizinho, que era um cara muito legal, mas não era chegado ao trabalho, todo estiloso. Ele me ajudou a botar umas roupas um pouquinho melhores, porque a gente ia lá na 25 de Março, comprava o tecido e ele tinha uma costureira, e a minha mãe também ajudava a fazer, e aí comecei a comprar umas..., mas aí eu já estava... isso eu estou falando em 1970, quer dizer, eu já tinha 18/19 anos. Foi aí que eu comecei a sair pra ir pra dançar, que eu morria de vergonha, né, e comecei a arrumar as namoradinhas e tal, mas nada assim... morria de medo. Ali no... quando eu morei na Rua Hedi, tinha umas meninas lá que ficavam dando em cima de mim, eu chegava, vinha pelo outro quarteirão. Primeiro porque eu achava que eram umas tranqueiras que não estavam ... e fiz muito bem, porque o risco de eu ter que me casar com uma mulher lá no meio daquele negócio lá e ter ficado por ali mesmo era muito sério, né? Porque engravida uma mulher dessa, você tem um filho, pronto, você já não tem mais... sua expectativa de vida já muda, mas eu nunca pensei assim, mas é que era um... fui, por sorte, e por instinto não sei nem se por instinto, foi um... o destino me fez cair fora dessas coisas, né, então...

**Expedito:** Essa vida da gente tem algumas coisas meio curiosas, né? O Ivan estava lá em casa no domingo, a gente estava conversando sobre isso. A gente jamais poderia imaginar que ia chegar aonde chegamos. O Ivan, pô, naquela época do auge aí de aluguel de fitas, né, ele foi lá pra...

**Antonio:** Foi pro Paraná, né?

**Expedito:** Paraná, Umuarama. Abriu uma loja lá, alugou uma loja, encheu de fita. Eu vinha com ele aqui em São Paulo, pegava esses ônibus aí com o saco cheio de fita pra levar pra lá, tudo pra alugar. Não entrava uma mosca, rapaz, dentro da loja dele. As que ainda, quando alugava algumas, ele levava um chapéu, não pagavam. O Ivan teve uma passagem muito crítica, não tinha renda nenhuma. Já casado. De repente, o cara se deslanchou, deslanchou. Hoje, o cara tá...
- Superbem, né?

**Expedito:** Tá superbem. Tem um apartamento muito bonito, muito bem montado.
- Que que ele tá fazendo?

**Expedito:** Agora ele trabalha no Itaú, né? Ele já tem eu acho que mais de 15 anos que ele tá no Itaú. Tá muito bem, ganha um salário muito bom e tem um apartamento muito legal, num estilo classe média-alta lá, em Santo André. E coisas que a gente não imagina que vai acontecer, né? E acaba acontecendo pra melhor.

**Antônio:** É, a gente teve muita sorte, né?

**Antônio:** Na VEF eu tinha o meu chefe lá e a gente saía à noite, ele queria me levar pra casa, porque ele morava ali na Vila Matilde... na Vila sei lá onde. E eu inventava que eu morava ali na... lá em cima, perto da Penha. Aí o cara me deixava... "Não, não precisa descer, eu moro aí nessa rua aqui embaixo." O cara era meu chefe, tinha meu endereço, né? E aí esperava ele sair de carro, voltava, pegava um ônibus pra ir... até chegar em casa... são as bobagens da vida que não... mania de não admitir o... mas os cara sabiam, né?

**Expedito:** Só que é assim também, né, meu? A gente não consegue as coisas simplesmente pelo destino e por sorte, né? Tem aquela ralação no meio, né, pra você chegar lá.

**Antonio:** Com certeza.

Chegamos do aeroporto, em seguida demos um giro na praça e à noite fomos à casa do Tãozico. A casa dele fica numa ladeira muito íngreme e eu morria de medo de ir de carro. Pedi para seu filho Renato levar a Nilza, assim ele estacionaria na porta da casa e ela conseguiria fazer a visita. (Não consegui áudio).







## 25/09/2017 pela manhã conversas na praça e locais próximos.

Acordamos cedo, pedimos à Nilza para nos mostrar e contar sobre a cidade. Depois fomos pra roça, como se diz lá, na casa da Tia Carminha. Programamos em seguida visitar a fazenda do Major, a do Sebastião Ferraz e fazer o circuito Cordeiras, onde tio Rogério morou, Camelinha e Cruzeiro.



Há muito tempos não vínhamos a Visconde. A Marta desde 1995, eu, desde 1999, o Expedito, a Olga e o Júnior, desde 2011 e a Nilza desde 2010/2011.

Começou assim nosso papo:

**Antônio:** É, porque a... eu estava falando com a Marta, a recordação que eu tenho daqui, que uma vez a gente veio lá da fazenda, que aí eu já acho que é na segunda vez, que estávamos morando em Visconde, porque eu já era maiorzinho, o Zezito me deu um copo de água do hotel. Ele era garçom. Era esse prédio aqui na frente da estação. Eu não esqueço até hoje. Provavelmente era água de jarra, né, mas pra mim era uma água...

**Nilza:** Água chique, né?

**Antonio:** Chique. E ele todo paramentado. Mas aqui embaixo era o salão, não é, que tinha um restaurante e tudo e os quartos lá em cima. Pelo menos eles preservaram, né, o hotel. Aqui devia ser a entrada, né, pra subir. O hotel está tombado, mas detonado. Em 10, 15 anos, vai acontecer isso aí, ó. Eles vão derrubar e fazer prédio. O cara chega com uma grana aqui...




**Expedito:** Aquele espaço ali era do salão. Servia almoço.

**Antonio:** É de 1880 essa estação ferroviária. Pelo menos tombaram, né? Já é alguma coisa boa, né?

**Jr:** Ia pra onde essa linha de trem?

**Antonio:** Pra Zona da Mata. Pra São Pedro dos Ferros, você ia pra Leopoldina pelo... essa estrada aqui,

ela fazia... provavelmente, ia até Belo Horizonte, Ponte Nova. (A Leopoldina fazia quase todas as cidades de Minas)

**Nilza:** Quando... eu estou falando pra ele, quando a gente foi pra São Paulo, a gente foi de trem até Juiz de Fora, lá que tinha ônibus. Lá pegava o ônibus que era pra São Paulo.

**Expedito:** É um barato, porque a gente ficava de olho lá na janela do hotel, quando balançava aquele sino lá que o trem estava chegando, a gente corria pra cá pra pegar gente que quisesse se hospedar no hotel, né? Aí já pegava as malas.

**Marta:** Ganhava moeda, é?

**Nilza:** De lenha. É de fogo. Então, pra gente pegar o trem, a gente não podia ir de roupa nova, tinha aquela faisquinha assim, da... que saía na janela, marcava toda a roupa da gente.



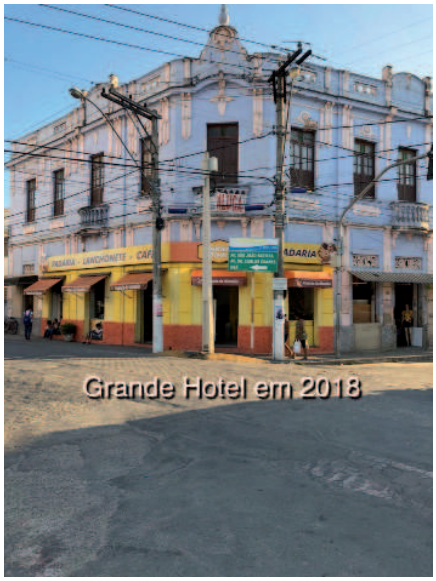

**Jr:** E quanto tempo que demorava daqui pra Juiz de Fora?

**Nilza:** A gente pegou aqui 5 e meia da manhã, agora não me lembro a hora que a gente chegou em Juiz de Fora não. Só sei que na Zona da Mata era 1 dia. 1 dia de trem. Era 1 dia de trem você pegava aqui 5 horas da manhã, 5 e meia, você chegava lá 5 e meia, na cidade. Lá de São Pedro dos Ferros. Depois é que você ia andando, porque só tinha um jipe, né? Se você chegasse na estação e o jipe não tivesse, tinha que ir a pé.

**Nilza: A gente não passava por ali não, nós vamos passar lá, eu te mostro, que tem uma casa de prostitutas onde tinha as moças bonitas, né? A gente não podia ver. Aí, que engraçado. Então a gente vinha não podia passar aqui, ó, subir tudo pra poder sair lá pra não passar no local onde elas ficavam.**

**Jr:** Estão lá ainda? Era um casarão que as moças ficavam?

**Nilza:** Era. Deve ter, né? Acho que não acaba não, porque é coisa tudo antiga, né? Não tem mais essas festinhas, né?




**Antonio:** Ali era a casa do Dr. Ulisses.

**Júnior:** Quem que era esse Doutor Ulisses? Era...

**Antônio:** O Doutor Ulisses é o que fez o parto... o parto não, mas ele tratou da minha mãe e dos 11 filhos, né? Ele era aquele tipo clínico geral. Eu vim algumas vezes. Eu me lembro dele, era um velhinho... quando eu vinha aqui, ele já era um senhor já bem de idade. Aí minha mãe trazia, subia na escada e ele atendia lá em cima.

E aqui embaixo tinha um bar, que ele ficava o dia inteiro. Enquanto não tem cliente, ele ficava... não sei se bebendo, mas... eu não sabia, mas ele morava aqui em cima. A casa é de 1955, né, quer dizer, é muito tempo pra... os herdeiros pegam essas coisas, né, dificilmente mantêm.

Mas a Duduca foi tratada por ele. Todo mundo foi, até porque ele era o único médico na cidade.

**Frida, amiga do Tãozico explicando pro Júnior:** Eu só lembro que tinha uma papelaria embaixo do sobrado. Era o único lugar que vendia brinquedo aqui em Rio Branco. Uma papelaria toda de madeira, estilo bem antigo. Era nesse sobrado aqui, onde é a Sanitária Tupã.

**Frida:** E ali era... aquele ali... aquela... ali era o Doutor Ulisses que morava. É. E tinha sobrado dos Valente, que era onde que ficou hospedado o Juscelino Kubitscheck.



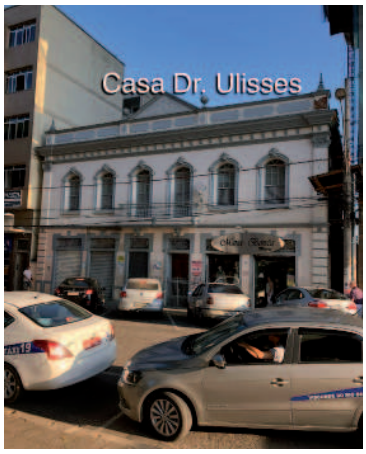

**Jr:** E onde que era esse sobrado?

**Frida:** É aqui onde é a Sanitária Tupã.

**Antônio:** Agora, os Valente, eu não tenho... não me recordo mais. Eu sou mais focado na família Ferreira, né? Que a gente era empregado deles na fazenda, lá na roça.

**Frida:** Qual fazenda? Qual que era o nome da fazenda?

**Antonio:** O nome da fazenda eu não lembro, mas o local lá é Clemente do Meio, que a turma chama de Sementeira, por aí. É, saindo daqui, dá uns...







**Frida:** Não, eu sei, pois é, quem vai te falar bem sobre isso é o Cléber Lima, que ele é... além dele ser... ele já foi vereador, prefeito aqui... prefeito não, ele foi..., mas já foi muito político e ele é historiador também, ele escreve muito livro sobre a história do Rio Branco.

**Antonio:** Ah, então é a pessoa certa.

**Frida:** E ele tem o jornal, né, então ele tem o acervo todinho do jornal. E tem o museu, você já foi no museu aqui?

**Antonio:** Não.

**Nilza:** A rodoviária aqui de Rio Branco, antigamente, era lá perto do hospital. Depois mudou pra ali. Agora não sei se ainda é. Acho que não, né? Aqui, aonde tá esse coiso azul. Depois mudou pra aí. Acho que não é mais não, né? Mudaram já, faz muitos anos. Era lá embaixo a rodoviária, onde a gente ia comprar as passagens dos trens.

## Em frente à igreja na praça 7 de setembro




**Júnior:** Nilza, você se casou nessa igreja aqui?

**Nilza:** Foi.

**Jr:** Ela era desse jeito mesmo ou era diferente?

**Nilza:** A mesma coisa.

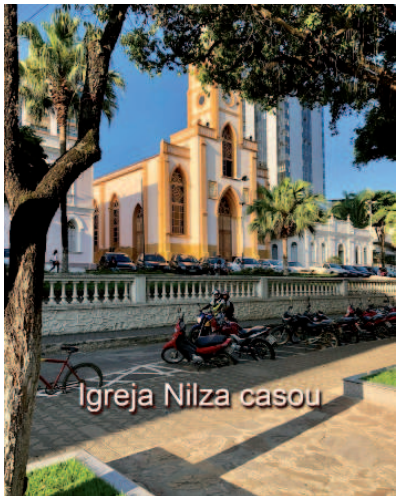
**Jr:** Como é que foi o casamento?

**Nilza:** Ihhh... nem teve casamento. Era muito engraçado o casamento. A gente veio a pé. Eu fui me vestir na casa onde a minha Tia Carmen trabalhava, a gente veio a pé, andando, de noiva lá. Não tinha o negócio que o marido não podia ver a noiva não, né? Então a gente vinha tudo junto. Aí eu vesti a roupa todo mundo olhando. Entrou pra casar. Chega na hora de casar, eu pus a minha prima pra... disse que quando a gente vai casar tem duas velas, se apagar junto, eles vão morrer todos juntos. E se apagar uma primeiro, a gente vai ficar viúva. Eu falei "Fica de olho na vela!" Eu falei pra ela "Fica de olho na vela, viu, Lurdinha!"

Aí eu não sei o que que deu a vela, se apagou todo mundo junto, no sei não, e ficou. Aí na hora de ir embora não tinha quem levasse pra ir embora pra casa. Aí eu peguei e falei assim "De caminhão, eu não vou." Porque o meu cunhado tinha um caminhão. E meu cunhado morava aqui embaixo. Eu falei "De caminhão, eu não vou." Ia levar de caminhão. Eu falei "De caminhão, eu não vou não." Fiquei ali... empasmada na porta da igreja lá. Aí o padrinho de casamento do meu marido alugou um táxi e levou a gente em casa.




Adivinha o que aconteceu no caminho? A minha mãe falava assim que ela não queria que eu me casasse, ela falou pra mim assim... o meu pai brigava muito, né, ela falou "Se for pra você ter um casamento igual eu tive, eu preferia o caixão ao dia do casamento." Aí, quando a chegou lá, nós íamos passar lá, eu vou mostrar, o carro atravessou no meio da... atravessou e tinha um buraco. Falei "Pronto, é hoje!" Aí esse carro ficou ali, naquele lugar, parado, o Zezito dormiu no carro pra tomar conta do carro pra ninguém roubar. E eu fui a pé de novo até chegar lá. você vê que situação? Vou te mostrar o caminho. Fui a pé, de novo. E é mentira, né, essas pragas não pegavam não. Minha mãe era tão infeliz, tadinha, ela não queria que eu tivesse a mesma vida que ela tinha, né, para você ver.




**Júnior:** Mas aí você se casou... ainda morava com ela? Aí se casou e foi pra casa do marido?

**Nilza: Aí casou e a gente foi... então, aí a gente se casou, tinha aquela casinha de pau a pique que fala, né? Aí então nós nos casamos em junho, 29 de junho de 1957, eles tinham feito aquela casinha 24 de... dia de São João, estava molhado o barro. Então a gente não podia ir direto pra lá que estava molhado, tinha que esperar secar. Aí que a gente ficou 8 dias na casa da minha mãe. Aí a minha mãe foi embora pra Zona da Mata e eu fui pra casa deles lá, esperando a casinha secar, entendeu? Esperando a casinha secar pra gente morar, pra gente entrar pra lá, sabe? Não tinha esse negócio de presente de casamento, não tinha nada.**

**Jr:** Tinha vestido de noiva?

**Nilza:** O vestido de noiva tinha. O nosso patrão, que é o Seu Tomás, ele falou assim que, a primeira moça que criou na fazenda, que se casasse, ele ia vestir pra se casar. E a primeira fui eu. Que era eu, a Lourdinha, que é irmã do Tãozico, e outra que a mãe, Tia Olga, mora em Juiz de Fora, mas morava tudo lá. Era as 3 moça que se formou ali, na fazenda deles, entendeu? Aí ele falou "A primeira que for se casar aqui, eu vou vestir." Vestiu da cabeça aos pés. Deu sapato, deu vestido, deu os pau pra fazer a casa. Os pau a pique pra fazer a casa lá e ainda deu dinheiro pro papai, né, fazer a festa. Era assim.



**Jr:** Foi boa a festa?

**Nilza:** Foi. Aquelas festinha de interior é uma beleza, é um baile a noite inteira. Aí, na hora que acabou o baile, o papai falou assim que não era pra dormir com o marido não. O papai "Não vai dormir não, tá? Tem muita gente." Ah, eu era boba, né? Eu tinha 17anos. Aí tinha um monte de menina dormindo no quarto da minha mãe, eu fui dormir e me deitei no meio. A minha mãe foi lá, me puxou pelo braço assim e falou "Vai dormir lá na sua cama lá!" Escondida do papai, que ele não deixava. Você vê como é que era antigamente? Ave Maria. Que antigamente você fazia uma festa de casamento...

**Jr:** Mas era a primeira filha também, né?

**Nilza:**- É. Quando fazia um casamento, antes, o pessoal, os parentes tudo ia, aí eles pra dormir, porque moravam longe, né? Vinha gente lá do Glicério, que é os parente do meu pai, a gente lá do meu pai. Vinha tudo pra dormir e não tinha lugar pra todo mundo. Forrava aquelas esteiras no chão, e era muito menino, era assim... foi assim, meu filho. Aí tinha o sanfoneiro... disse que ele gostava de mim e eu não sabia, né? Disse que ele gostava de mim. Ele falou "Também, eu não me casei com ela, por desaforo, eu vou tocar a noite inteira sem cobrar." Ele tocava sanfona e era um tempo daquelas sanfona grandona assim. Tocou a noite inteira e não cobrou um tostão e eu não sabia, fiquei sabendo depois. Disse que ele gostava de mim. Eu não sabia.




**Jr:** Que legal. Presente de casamento.

**Nilza:** Não por causa disso, porque antes as pessoas gostavam de alguém, mandava recado, mandava pedir aos pai, né? Era assim, não tinha esse negócio de você ter contato igual tem hoje, né? você conversa, você vai conhecer primeiro pra depois... né? E antes não "Ah, fulano tem outra, tá com filha casadeira lá." Aí o pai dava um jeito de enfiar lá. Era assim, igual foi comigo.

**Jr:** Como é que era o nome do sanfoneiro? Você lembra?

**Nilza:** Jair... espera aí, não era Jair não, era... ai. Esqueci o nome dele. Eles eram gêmeos. E tem o Jair... Geni! É. Jair e Geni. O Geni era o tocador de sanfona e o outro, o Jair.

**Jr:** E tocava o que? Que música?

**Nilza:** Ah, aquelas músicas lá de forró. (Sertanejas)

**Nilza:** É. Coisinha do Teixeirinha.

**Jr:** Era sanfona?

**Nilza:** É, sanfona. Menino da Porteira, era... ah, tudo essas coisas desses sertanejos antigos, sabe? Fio de Cabelo. Até hoje eu tenho raiva do Fio de Cabelo. Tenho uma raiva daquilo lá.

**Jr:** Por quê? Já era daquela época?

**Nilza:** Lógico. Eu não gosto daquela música lá. Até hoje eu não gosto. t
- Por quê?

**Nilza:** "Um fio de cabelo..." e agora quem canta é o Chitãozinho e Xororó, né, que canta essas músicas lá, muito bem. Um dia, eu estava operada de pouco, chegou um moço lá de Mato Grosso do Sul, que a irmã dele mora lá no prédio e ele chegou lá. E ele toca violão. Então eu estava sentada lá fora, aí fiquei olhando, ele tocando, ele falou "A senhora gosta de música?" Eu falei "Gosto." "Qual música que a senhora gosta?" Aí comecei a falar e ele começou a tocar. Arrumei uma choradeira. Ele falou "Ah, eu vou parar, porque a senhora tá chorando." Eu falei "Não, eu tô chorando porque eu tô operada de pouco e lembrando do meu tempo." Todas aquelas músicas lá. Eu tinha tudo na cabeça assim. [?] tocou, tocou, tocou, mas foi tão bonito, sabe? Até o Luiz estava no hospital. Eu estava tão triste assim, de cirurgia e triste porque o Luiz estava internado, entendeu? Juntou tudo. Aí me deu uma choradeira me lembrar daquelas música do tempo da gente. Ai, meu Deus. Era assim. É que antes os bailes eram só de músicas de forró, (sertanejas) né? Não tinha essas coisa. (Fio de cabelo foi composta em 1981. A Nilza se confundiu).

**Jr:** E era só sanfona ou tinha mais algum?

**Jr:** Sanfona, cavaquinho e violão. Primeiro, era só violão e cavaquinho, né? E aqueles coisinhos, aqueles

pandeiros assim, né? E depois, aí começou a aparecer a sanfona pequena, sanfoninha. Depois, começou a aparecer... depois do Teixeirinha é que começou a aparecer aquela sanfona grande, entendeu? Aquela sanfona... e o baile daquela sanfona ali, nossa, o pessoal que era convidado ia de caminhão onde tinha o baile, por causa daquela sanfona. Precisava de ver. Era muito legal. Era do tempo do Teixeirinha. É isso mesmo. Lembra dele?

**Júnior:** Ah, já devo ter ouvido uma vez assim.

**Nilza:** Ih, mas aqui, ó, se você ficar um dia com o Toni... o Zé, nossa, mas o Zé tem tanta coisa de música. Outra coisa, o dia que você for lá em casa, vou mandar a Célia mostrar. Pela internet, ela conseguiu tirar certidão de morte do nossos avôs, que nós nunca conhecemos. Tá lá em casa. Da mãe da Tia Carmen. Deixa-me ver de quem é o outro... ela só não conseguiu... conseguiu do meu sogro e da minha sogra.

**Jr:** Como é que chamava os seus avós?

**Nilza:** O meu vô, o pai da minha mãe, chamava João Lino dos Santos. E a minha vó chamava Antônia... não sei que do Couto. (Minervina Antônia do Couto). Não tinha... as mulheres, antigamente, não tinham o sobrenome dos maridos...

## 25/09/17 - Indo para a casa da tia Carminha no Clemente do Meio, e depois visitar locais onde moramos

### Na saída da cidade.




Para facilitar visualmente segue um mapa dos locais visitados.

**Antonio:** Esse é caminho que a gente fazia pra chegar lá na cidade.

**Expedito:** Ali, bem ali, ó, né? A casa do sogro da Nilza.

**Antonio:** É aqui, né? Eu me lembro que era na curva.

**Nilza:** É, bem ali, aquela casinha véinha azulzinha lá, ó.

**Olga:** É a do sogro?

**Antonio:** Aqui que a gente vinha lavar os pés e botar os sapatos, né?

**Nilza:** É ali. Era ali. Ah, lá.

**Olga:** Quem será que mora lá?
- Gente do Céu.
- A casa ainda existe mesmo, né?

**Nilza:** Era um... eu não sei se é português, muito ruim, né? E ele... os inquilinos dele não pagavam aluguel, ele tomava as coisas e jogava ali. A minha cama do casamento foi comprada aí, sabe? Era ali, esse casarão aí.

**Expedito:** Então, aqui, quando a gente vinha da roça, a gente fazia esse caminho aqui, ó. Saía aqui e aqui tinha essa venda que a gente vinha comprar algumas coisa aí. Lá embaixo, a gente vinha com o sapato nas costas e vinha descalço. Chegava lá, lavava os pés, calçava o sapato e subia.

**Jr:** Vendia as coisas aqui, no Filipinho? Como é que era?

**Expedito:** É, vendia nesse Filipinho aí ou comprava alguma coisa aí. A gente chegava da roça com uma fome danada, quando não tinha dinheiro, comprava chouriço e já ia comendo lá pra baixo.

**Jr:** E aí só ia pôr o sapato lá embaixo, naquela casa azul?

**Expedito:** É, punha o sapato depois que chegava na cidade. E tem uma história interessante também, que o meu pai, ele comprou uma linguiça aí, era noite, né, não tinha luz elétrica, não tinha nada, aquele embornal ali, colocou a linguiça no embornal e foi comendo, quando chegou em casa, que ele foi ver, a linguiça estava tudo cheia de bicho.




**Indo para a casa da tia Carminha via Sementeira, outro caminho:**
- Não sei se é esse caminho não. Vamos voltar, ué.

**Expedito:** Não, porque a gente... na outra vez em 2011 lembra? Nós viemos com o Tãozico e ia pegar aquela estrada lá embaixo, que nós vamos pegar agora, o Tãozico falou "Não, essa estrada aqui é muito ruim. Vamos voltar e pegar a outra." Que seria ali no trevo. Não, mas aquele trevo ali confunde a gente. Tem que parar o carro e ver primeiro.

**Nilza:** A Neuza, desde quando se casou, mora nessa casa na Sementeira.

**Antonio:** Quem que é a Neuza? Filha da Carminha?

**Nilza:** É filha. Também já tem filha casada.

**Olga:** Acho que ali na frente, Júnior, que nós paramos em 2011 pra chupar manga aquele dia. É ali na frente.

**Nilza:** Ontem foi aniversário da Carminha, foi todo mundo lá e era domingo né? Daria pra vocês conhecerem ou rever muita gente. Pena que ficamos no hotel.




**Olga:** É, foi aniversário da tia ontem. Não sabia não.

**Antonio:** Aqui é o Clemente do Meio, né? Fazia muita festa.

**Nilza:** A gente não se acostuma mais, né, com esses lugares longe?

**Expedito:** Não, imagina nem pensar. Nenhuma chance mais. Tudo seco...

**Olga:** Mas é só chover que voltam as cores, né, gente? Até dezembro chove.

**Expedito:** Ó, o coitado do cavalo? Magro.

**Nilza:** Menino, ó, tá famoso esse campo. (em frente à casa da tia Niguita) Marta: Ai, esse campinho, a gente...

**Antonio:** Aqui era um ponto de ônibus, né?
- Não, que ônibus?

**Expedito:** Que ônibus que nada.

**Expedito:** Naquele tempo era tudo no chinelo, não tinha esse negócio de ônibus não.

**Nilza:** O ponto do ônibus é lá, Antônio, ó. Os ônibus eram do lado de lá.

**Olga:** Olha a casa da Tia Niguita. Cadê a porteira? Não tem mais a porteira.

**Antonio:** Eles a reformaram, não reformaram? Tem algum parente morando aqui? Não?

**Expedito:** Tem, aqui que a mora a menina lá, né, a Regina?

**Olga:** Nem para que senão nós perdemos o almoço da tia lá. Depois nós passamos para visitá-la.

**Expedito:** A Regina, aqui que mora a Regina.

**Antonio:** Aqui que morava a Tia Niguita.
- É.

**Antonio:** Mas eles reformaram a casa, né? Se bem que a frente era igual, né? É. Aqui do lado era o paiol.

**Nilza:** E essa casinha do lado fez quando o filho dela se casou, aquele que morreu, né?



**Antonio:** Essa pontinha aqui eu lembro. Vixi.

**Olga:** Ó, o rio, cadê o rio? Secou.

**Antonio:** Secou tudo. Só com a chuva que vai ter.

**Olga:** Cadê? Não tem mais o córrego.

**Expedito:** Olha, não tem mais água nenhuma no rio.

**Antonio:** Tem uma listinha de água só.

**Olga:** Gente, meu Deus. Aqui que era a casa que eu estava falando, Duduca, né, que morava a Antonieta não sei o que.

**Expedito:** É. Isso mesmo. Era a véinha.

**Nilza:** É essa Antonieta, é a mãe do Tio Bastião.
- Para aqui, né?
- É aqui.

**Antonio:** É aqui já? É bem grudado. Eu tinha impressão de que era mais em cima.

**Antonio:** Não é não. E ali vai lá. Ali vai na fazenda do... Onde tinha lá os manguezais e tudo, né? Depois a gente vai lá. Que tinha o alambique. Bom, o Júnior já fez esse roteiro em 2011 né, Júnior?

**Jr:** Fiz.




**Olga:** Fez não.

**Antonio:** Fez, ué, ele veio filmar 6 anos atrás, em 2011, ué, vocês foram lá.

**Chegando na Tia Carminha:**




**Nilza:** As namoradeiras aí.

**Marta:** Vai, Júnior, ali perto da titia.

**Nilza:** Pode entrar, Dona?

**Creusa:** Pode, pode entrar.

**Expedito:** Ô, de casa. Não é assim que a turma fala?

**Nilza:** Ô, de fora.

**Antonio:** Eu sou o Antônio.

**Creusa:** Antônio?

**Antonio:** Da Minervina.

**Marta:** Ah, você não tá lembrando?

**Creusa:** Não.

**Marta:** Nem de mim?

**Antonio:** Faz 18 anos que eu não vinha.




**Marta:** É, mas eu também, ué! Eu vim com a mãe viva aqui.

**Antonio:** Você não veio em 2011?

**Marta:** Não.

**Antonio:** Ah, eu pensei que você tivesse vindo com o Júnior.

**Marta:** Não, eu fiquei em Juiz de Fora em 2011.

**Tia Carminha:** Eu ando quase que escorada em casa, né? Eu tenho uma bengala também minha bengala estava dentro do quarto, fica guardada lá.



**Nilza:** Eu também, quando eu saio na rua, eu pego.

**Tia Carminha:** Aqui, no terreiro aqui, eu ando só com porrete...

**Nilza:** Pra matar as cobras...

**Tia Carminha:** Nem cobra não tem mais boba!

**Antônio:** Esse é o meu filho.

**Tia Carminha:** Seu?

**Creuza:** A senhora lembra dele, mãe. Quando ele veio aqui, mãe.

**Tia Carminha:** Não lembro dele.

**Olga:** É o Júnior, que queria doce de leite.

**Antônio:** Está do mesmo jeito. Teve nada de mudança...

**Jr:** É aqui que você ficou até os 6 anos?



**Antonio:** É. Até os 6 anos. A gente morava logo em seguida, ali na... esse aqui (Olhando a foto na parede) era o irmão da minha mãe, né, o Tio João.

**Junior:** Você lembra daqui? Desse quintal?

**Antônio:** Lembro. A gente vivia brincando aqui, né? Tinha uma... que era muito grudado, né? Então ficava todo mundo junto aqui. A Duduca acho que lembra mais, mas é uma...

**Jr:** O que que você lembra de...



**Antonio:** Dessas árvores, tudo... Não lembro. Detalhe não, mas era correr pelo meio do mato, né? essas coisa aqui embaixo. Ela montou um bar aqui, né? Agora que eu entendi. A nossa casa era logo aqui em cima, né?

**Antonio:** Nossa casa era logo aqui do lado, né, Expedito?

**Expedito:** É, ali em cima.

**Antonio:** Sempre foi assim, né? Eu lembro dela aqui, sempre tinha essas galinhas, né, te fazendo...

**Expedito:** Sempre teve. Aqui um mapa para facilitar a compreensão das conversas.




**Antonio:** Essas árvores aí deve ser tudo da época, né?
- Também. Tudo.

**Antonio:** Vamos dar uma subidinha com o Júnior ali. Você lembra onde era a casa?

**Expedito:** É, vamos lá.

**Antônio:** Quer ir lá, Marta, onde a gente morou? Onde eu nasci. Vamos lá.

**Antonio:** Quer levar todo mundo já?

**Jr:** Pode ser. A Duduca, se ela quiser descansar um pouquinho.

**Antonio:** Vamos subindo lá, depois a gente volta. É aqui do lado.

**Jr:** Não, espera um minutinho. Você tá ansioso pra ir lá?

**Antonio:** Não, não. A turma aqui... os papos deles é daquele... Vamos levar a Duduca lá onde a gente nasceu antes.

**Antonio:** Ela vai ficar aqui direto, ela tem assunto pra 4 dias aí.

**Olga:** Mas e aí? Ninguém falou do almoço?

**Antonio:** Não tem almoço aqui. Ah, depois a gente se vira.

**Marta:** Aí, quando eu vim aqui (1995) com a mãe, com a Marcela, né, a tia e não sei mais quem, puseram a Marcela numa charrete e foram buscar um cabritinho pro Ano Novo. Adivinha? A Marcela veio abraçada com o cabrito.
- Ninguém comeu.

**Olga:** Não mataram o bichinho.

**Marta:** Compro o que a senhora quiser, mas, por favor, não mate o cabrito, porque a minha filha vai ficar traumatizada. Aí amarrou o cabritinho ali, o cabritinho ficava chamando a Marcela e a Marcela ia lá.

**Expedito:** Chegar no lugar que você nasceu assim... é incrível. Distinguir tudo que a gente lembra essa hora. Dá uma emoção muito forte, né? É segurar pra não chorar.

**Expedito:** Você só lembra de, quando veio aqui, passear, né?

**Marta:** Com você... eu lembro quando era criança também, né, que a gente vinha e ficava no Tio Sebastião.

Aquele tio bonzinho. Nossa, contava histórias. Ele ficava... aquele monte de criança, ele ficava contando história pra gente até tarde da noite. Histórias de terror ele contava.

**Expedito:** É, contava muita história.

**Marta:** Era aquele monte de história de terror que ele contava naquele quintalzão. Gente, que homem bonzinho, que coisa. Eram as melhores férias da minha vida, né?



**Expedito:** Ele era uma pessoa assim, tão educada, né, aquele jeito suave de contar história.

**Marta:** O carinho dele com as crianças era um negócio assim... aí a gente fingia que estava dormindo naqueles bancos lá, dormia um em cima do outro, aquela molecada. E ele chegava... e tem um monte aqui, aí ele catava 2, 3... ai, nossa... eu acho que eu peguei a parte boa, sabe, de tudo, né? Pra mim foi tudo festa.

**Jr:** Você nasceu lá no Paraná...

**Marta:** Não, eu nasci aqui. Eu nasci em São Pedro dos Ferros.

**Jr:** Ah, em São Pedro.

**Marta:** Mas eu fui pra São Paulo bebê, com 4 anos né? Então eu não vivi nada disso que eles viveram. Vinha pra cá nas férias, né, passeava aqui. Então, pra mim, era tudo festa, né? O sofrimento deles, essa coisa, não existiu pra mim. Pra mim, era passeio, festa, primos, né? Minha tia tinha 14 filhos? A minha mãe, 11. A gente vinha pra cá, era aquela molecada, aquela diversão, né? É muito emocionante, muito mesmo, aquelas lembranças, né, quando eu fui andar de cavalo, caí do cavalo. Essas coisas assim de criança. Muito bom. Muito bom. Aquele monte de primos.




**Junior:** E quando vinha nas férias, vinha a vó e vinha todo mundo?

**Marta: Não, não vinha todo mundo, né, vinha eu porque eu era pequena. Então não podia me deixar, né? Tinha que levar eu porque eu era pequena. Então eu me diverti muito. Eu vinha porque eu era menor, né? Mas era só eu que vinha. Não vinha os outros irmãos. E depois, quando eu cresci, também parou de me trazer. Aí eu ficava em casa, porque daí eu já ficava em casa fazendo comida pro pessoal, cuidando da casa, tal, né? Mas enquanto eu fui pequena, ela me trazia direto aqui, né? Era muito bom. Muito bom. As tias lá, a Tia Niguita, a gente ficava... não ficava aqui, ficava lá na irmã dela, a Tia Niguita. Uma gente boa demais, nossa. O carinho deles com as crianças, né, era uma coisa impressionante assim, né, porque as pessoas não têm muita paciência com criança, né, aquele monte de criança. Nossa. Eles curtiam... aquelas comida gostosa. Ah, só coisa boa, só lembrança boa.**

### No local onde Antônio nasceu:

**Antonio:** Nós nascemos aqui, mas não é essa casa. A nossa tinha sido derrubada, ficou 20 anos derrubada, agora fizeram uma nova.

**Nilza:** Aqui nasceu o Luiz, o Antônio, o Ivo. Todos aqui. E a Olguinha não.

**Antonio:** E o Luiz, né?

**Nilza:** Então, é você, o Ivo, Maria Helena. Nasceram aqui

**Expedito:** Maria Helena é lá na Companhia.

**Nilza:** Não, a Olguinha que nasceu na Companhia.

**Expedito:** Maria Helena não era mais velha que a Olga?

**Nilza:** Não, imagina. Não era não. Não adianta ele teimar comigo porque ele não sabe nada. Não adianta. Quando a gente mudou pra cá, a Olguinha (1950) estava assim no colo, assim, ó, pequenininha. Aí, logo em seguida, veio o Antônio (1951), depois veio o outro, (Ivo 1953) veio outro (Luiz 1954). O último foi a Maria Helena, 1955.

**Antonio:** Tem 3 irmãos meus que nasceram aqui. Eu já era nascido.

**Dona da nova casa:** Eles contam... o Salvador conta que na frente aqui tinha uma casinha.




**Nilza:** Uma casinha muito véia, né?

**Nilza:** Então, aí nasceu ele... deixa eu ver, é, nasceu ele, nasceu... 4, né, que eu falei? O Antônio, o Ivo, o Luiz e Maria Helena. E ela, quando veio pra cá, ela nasceu... lembra da Companhia lá, que eles falavam lá atrás?

**Nilza:** Então, ela, Olga, nasceu lá. Quando ela veio pra cá, ela estava no colo assim, quando a gente mudou pra cá. Estava bem assim, no colo.

**Nilza:** Na tal Companhia que eles falam? É, lá atrás. E a gente subia ali, ó.




**Expedito:** Aqui era a casa. E era um bananal em volta. E lá embaixo tinha uma bica d'água, que a gente pegava água lá, tudo. Atravessava pro lado de lá também, quando queria ir lá na venda.

**Jr:** Onde que era a casa?

**Expedito:** Devia ser por aqui. Mais ou menos aqui, onde tem esse bambu aqui. Quem lembra mais onde exatamente era essa casa deve ser a Duduca. A Duduca sabe até o ponto.

**Olga:** É ali que morreu o boi que caiu?




Expedito: Isso. É ali. Foi, é ali mesmo. E o povo foi lá, aproveitou e crua. Você lembra desse boi aí que veio rolando?

**Olga:** Claro que eu lembro.

**Antonio:** Eu lembro. Eu me lembro. Todo mundo se lembra do boi.

**Expedito:** A gente nunca comia carne. Foi a única vez que comemos carne. Aquele boi veio bem a calhar, viu?

**Jr:** Que boi que veio? Que que aconteceu?

**Antonio:** Quando a gente era pequeno, escorregou um boi lá de cima e ficou preso na cerca. Dó nada. Foi uma farra. Recortaram o boi e deu pra todo mundo.

**Expedito:** Tiveram que sacrificar ele.

**Antônio:** Todo mundo, toda semana, rezava para ver se rolava mais um boi.

**Expedito:** Ô, danado veio rolando, rolando, tinha uma cerca de arame embaixo, ele vupt.

**Antonio:** É, ele bateu, acho que chegou morto. É, foi uma dó. Mas aí alguém já foi lá, já estrinchou o bicho, já foi cortando, a turma vinha com as bandejas.

**Marta:** Um boi que caiu do céu.

**Antonio:** É uma lembrança que eu tenho até hoje. Eu pensei que a Olga não se lembrasse.

**Olga:** Eu lembro perfeitamente.

**Junior:** Vocês plantavam arroz [?].




**Olga:** Plantava arroz. Foi aí que o pai brigou com aquele homem lá, que teve a maior briga com aquele... como é que chamava lá? Ele brigava com ele muito. Que plantava, ele desmanchava a plantação.

**Expedito:** Não, esse detalhe aí eu não lembro não.

**Olga:** Não lembra? Fala pra Duduca. Ela lembra. Ele brigava muito, foi por isso que o papai resolveu mudar lá pro... pra onde que nós fomos? Lá pra Zona da Mata. (São Pedro dos Ferros)

**Nilza: Essa pirambeira aqui é onde tinha as bananeiras, desse lado aqui, ó. A casa era lá, onde estão os bois ali, né? aqui eram as bananeiras. E a moita de bambu sempre teve, sabe? O bambu sempre teve aí. Ai, meu Deus. E tinha a bica lá embaixo. Na casinha, tinha a bica lá embaixo, sabe? A gente buscava água, lavava roupa. Buscava água pra beber. Naquele pasto ali, ó, a Tia Niguita foi passear e pediu pra mim mais o Zezito... ó, a história, pediu mim e o Zezito cuidar da cabrita. Aí nós pegamos a cabrita nós mamávamos o leite da cabrita, quando a Tia Niguita chegou, falou assim "Não deu leite porque não tinha pasto." E era nós que tinha mamado. A gente fazia assim, ó, e bebia o leite.**




**Expedito:** Não, porque eu... pra mim, a casa era ali, no bambu.

**Nilza:** Não. É ali, ó. Ah, lá, é onde estão os bois. A casa é ali. Esse lado aqui eram as bananeiras. E lá embaixo era a bica.

**Antonio:** É, porque não era tão íngreme assim na época [?].

**Nilza:** E ali, onde tá aquelas árvore lá, a gente plantava arroz. Viu? Eu fico aqui. Daqui dá pra falar. Aí plantava arroz, sabe?

**Moradora:** Passa na cerca aí, ô! Tem que ter cuidado com os bois, né? Os boi pode estranhar.

**Expedito:** Os boi são brabos?

**Vizinha:** Eles podem estranhar.

**Nilza:** Era ali, ó. E onde estão aqueles bois era a casa e desse lado aqui eram as bananeiras, entendeu?

**Olga:** Quem era aquele cara que brigava muito com o papai e ficava com todo o arroz?

**Nilza: Era o Seu... o Compadre Jovino. Era irmão do tio Zelóide, marido da tia Olga. Então, a cerca do arroz era divisa dele. Então não podia passar um pedacinho de mato pro lado de lá que ele brigava com o papai. Então, era assim. Era meu compadre.**

**Olga:** Nossa, Duduca, eu tinha certeza de que era essa a casa.

**Nilza:** Não, não. Acabou há muito tempo já. Casinha mixuruca, véia.

**Olga:** E quem morava aqui? Por que essa casa sempre existiu então? Ou não?

**Nilza:** Não, faz pouco tempo.

**Olga:** Aqui era plantação de milho.

**Nilza:** Quem comprou, disse que quem mora aí parece que é o dono da casa, que comprou tudo. Tia Carminha falou, que comprou tudo. Mas quando eu vim da outra vez, você não lembra, já tinha lá, essa casa aí já tinha feito quando a gente veio.




**Júnior:** Aqui você lembra de alguma coisa ou não?

**Antônio:** Eu lembro, só esses ligeiros detalhes, era por aqui mesmo. A gente descia, tinha umas bananeiras, é onde todo mundo... era o banheiro nosso, né, as bananeiras, né? E lá que era a fazenda do dono... a casa do dono, que é o casarão lá e tal. Ali, tinha uma... como é que chama aquela... que fruta que é, Olga, que a gente acabou de falar? Claraboia? Como é que chama? Não...Carambola. A tia tem uma aqui também. E tinha uma jabuticabeira. O cara comprou, a primeira coisa que ele fez foi cortar. Devia ter 100, 200 anos. Era enorme. A gente, quando subia lá, tinha uma... inclusive, mas a turma chega, né, não tem critério nenhum.

**Nilza:** Então, aí o Expedito foi candiar boi no arado pra ele. Ele enfiava o ferrão nos bois, o boi passava em cima do menino. Um dia, ele... ele tinha solitária, ele desmaiou. Ele tocou os bois em cima. Aí a mamãe foi lá, buscou ele...

**Expedito:** Não conta esse lado não, o pessoal vai rir muito.
- Solitária é lombriga, verme.
- Já não chega a manga espada.

**Nilza:** Não, não, tem que só falar a verdade. Então, isso aí é do meu tempo, as doenças eram essas.

**Expedito: Então, eu ficava candiando os bois no arado, né? Aí quando chegava num determinado lugar, lógico, você tinha que voltar, né? Só que o boi me aproximava até a cerca, você ficava no limite pra voltar. E quando ele acelerava os bois lá, os bois vinham pra cima atropelando a gente. Ele metia o ferrão no boi. Que eu tinha naquela época lá? A idade minha era... Molequinho, né? Molequinho. 10, 12 anos. (1952/1953)**

**Nilza:** Aí esse dia que ele jogou os bois em cima, a minha mãe foi buscar e não deixou mais trabalhar pra ele.

**Antonio:** Você conviveu bastante com ele ou não?

**Nilza:** Convivi. Eu? Não consegui, a gente tinha medo de trabalhar pra ele, que o papai era assim, ele mandava a gente trabalhar, não estava nem aí. Mas ninguém gostava de trabalhar pra ele por causa dessa ganância que ele tinha. A gente ia carpir assim, o capim assim, né.

**Antonio:** Não é ganância, é o jeito.

**Nilza:** Então, ao invés de você vir com a enxada nas costas e pegar outra carreira pra subir, você tinha que vir carpindo de lá pra cá. Ao contrário. Trabalhar ao contrário.

**Antonio:** Produtividade. Pra não perder o ritmo. Moderno. Utilização do tempo.

**Expedito:** Agora, ele tinha alguns privilégios, né, porque ele era genro do homem, né? O chefão aí, o Ventura, né? O Ventura era administrador e ele era genro, então ele tinha privilégio. Ele tinha os melhores pedaços pra plantar, né?

**Nilza:** Era tudo pra ele.

**Expedito:** Ele não era uma pessoa qualquer como nós. Nesse quesito aí, ele era mais... Mais protegido. Tinha as melhores terras pra plantar, ele não ficava no meio de nós... E não ficava junto com a gente carpindo aí, ele já tinha lá a área dele que produzia pra ele. E a gente trabalhava mais pro patrão, né, do que pra nós próprios.

**Moradora:** É, mas aí ele não teve cabeça, né, porque ele fez isso tudo, como diz, ele tinha mais e não soube... Não soube administrar, né? Não soube aproveitar, porque ele, do jeito que ele era trabalhava, ele podia ser dono da fazenda.

**Expedito:** Sim, mas de repente podia até ser que não rendia nada. Ele trabalhava, trabalhava e não rendia.

**Moradora:** Mas a vó fala que ele pegava o dinheiro dele, emprestava pro Passaroto véio lá, vocês lembram do Passaroto?

**Expedito:** Não. Esse homem onde é? Onde que ele morava?

**Moradora:** Ele é o tio da minha mãe. (Ele era parente da família do tio Sebastião)
- Não, eu não lembro não.

**Moradora:** É um senhor, parecia que ele era dono dos escravo também. O vô pegava o dinheiro e emprestava pra ele e ele foi...

**Nilza:** Quer dizer que era o típico agiota, né?

**Moradora:** Isso, isso.

**Nilza:** Então pegava o dinheiro e passava pra lá.

**Moradora:** E no final da vida o vô ficou sem nada.

**Antonio:** Mas não circulava dinheiro assim naquela época.
- Não, não circulava.

**Antonio:** Não, mas a produtividade aqui não tinha nada. Se plantava, era muito mais subsistência do que... entendeu? Não era que você colhia, pra levar pra vender. Vendia a colheita lá na cidade e tudo, mas era pra você passar... continuar comendo, né?

**Expedito:** Só tinha um cara aqui, que eu me lembro, que ele ficou bem de vida aqui na roça, era aquele que morava na cotia, lembra? Que depois ele comprou fazenda lá não sei pra onde. É o único que eu me lembro... João Ferreira. É o único que eu me lembro que ele trabalhava na roça, mas ele era cabeça, ele vendia cavalo, vendia boi, fazia um rolo danado e foi ganhando dinheiro até comprar fazenda lá pra baixo.

**Nilza:** É. O João Ferreira, ele era padrinho do Tuta.

**Antonio:** Aqui em Rio Branco, o que aconteceu é que a turma continuou, quase todo mundo, por aqui, né? Então os netos estão todos aqui.

**Jr:** Da fazenda, você lembra ou não?

**Antonio:** Eu me lembro. Lembro assim, né, de... a gente não tinha essas liberdades de entrar na casa dos donos, né? você é colono... não tinha esse...

**Jr:** Mas ali era a casa do dono ou era do administrador?

**Antonio:** Ali é do dono. Se não me engano. Vou ver com a Duduca. Mas era o dono, porque tinha uma aqui embaixo... quer dizer, não era bem assim, porque até o... acho que lá embaixo era o Major que era ali. Tem uma confusão aqui entre dono e o capataz lá, o administrador, que eles fazem uma certa confusão, mas o Major Ferreira era o dono.

**Jr:** O capataz era o Zé Ventura, né, que eles falam?

**Sobre como se andava na época:**

**Nilza:** Todo mundo descalço.

**Jr:** E quando ficava doente, como é que tratava?

**Nilza: Sabe quando eu pus uma sandália no pé? Quando eu fui me casar, 17 anos. Aí me casei, cheguei em casa, tirei a sandália, dei pra Carmen. Era assim, era tudo de pé no chão. Aí a mãe fala... por isso que o meu cresceu, que eu nunca calcei. Ai, meu Deus do Céu. Também, você vai ficar calçado como? Todo lugar que você vai andar é difícil, né? Cheio de barro, subida, tudo. Não dá.**

**Conversando com a filha do novo dono da fazenda:**
- Ela é neta... neta?
- Eu sou família de Zontas.

**Nilza:** Família dos Zontas. O Ângelo Zonta era o padrinho do meu irmão (Ivo) que morreu aqui. Padrinho do batizado. Era o Seu Ângelo, o Seu Ângelo Zonta e Dona Vitória. Eles moravam lá no Clemente, eles eram padrinhos do meu irmão que morreu. Você vê? A gente conversando descobre tudo, né?

**Nilza:** Ela falou "Eu sou parente do Zonta." Aí eu lembrei deles.




**Expedito:** Você não faz queijo aí?
- Não.

**Nilza:** Tinha a Mariquinha, né? Não tinha uma Mariquinha?

**Moradora:** Mariquinha é a filha, né?

**Nilza:** Então, pois é, tinha a Mariquinha, a filha deles... ê, tinha tanta gente que a gente conhecia.
Tinha uma outra, como é que chamava a outra?
- Tinha a Glória.

**Nilza:** Que nunca teve filho, né? Ela queria ter filho e nunca teve.
- Não, a Mariquinha que não teve, né?
- A Glória teve muitos, uai.
- A Glória é a mulher do Zico?
- Isso.




**Nilza:** Ah, tá bom.
Eu confundi. É a mulher do Zico, né? Isso.
- E a Mariquinha nunca teve não.

**Sobre possível interessado em se casar com a Minervina.**

**Nilza: O pai dele não deixou, porque disse que o meu vô, o pai da minha mãe, era pobre. Então disse que o pai dele falou assim "Filho meu não vai pôr chapéu em cima do banco." Tinha que ter uma mesa pra pôr chapéu. As coisas de antigamente.**

**Moradora:** Que isso, meu Deus?

**Nilza:** "Filho meu não casa com gente pobre, que põe o chapéu em cima do banco." Aí os filhos obedeciam, não se casavam. Aí ele se casou com aquela, (Glória) ele ia se casar com a mamãe. (A Gloria Zonta se casou em 26/10/1940 com o João Rosa, que deve ser o Zico, ambos tinham 22 anos, faleceu em 1986. A Minervina tinha 25).
- É o Zico?
- É. Zico.

**Nilza:** Você vê como é que as coisa? Antes era assim, os pai falou, tá falado, né?

**Moradora:** É, hoje em dia não respeita não, mas antigamente, respeitava mesmo.

**Nilza:** Você falar agora, capaz que eles põem os pai no asilo "Meu pai tá louco."

**Nilza:** Se você vem sempre, a gente lembra de tudo as coisa, mas depois a gente demora... eu mesmo, eu acho... eu vou perguntar pra Cleuza, acho que tem uns 20 anos que eu não venho (Nilza veio em 2010). Vou perguntar pra Cleuza.

**Moradora:** Onde é que vocês moram?
- São Paulo.

**Nilza:** Eu vinha muito, quando a minha mãe estava viva, a gente vinha duas vez por ano. A gente vinha nas férias das crianças, da escola, a gente vinha mês de julho e vinha nas férias de janeiro, eu e minha mãe. Todo ano a gente vinha. Depois, os meninos cresceram, todo mundo foi trabalhar. Aí ficou o caçula. Aí eu vinha com ele. Depois não deu pra vir mais também.

**Jr:** Aqui era a casa de quem, quando vocês moravam aqui?

**Nilza:** Aqui era do Major.

**Jr:** Ah, era do Major. O Major Teixeira? Como é que era o nome?

**Nilza:** Major Ferreira. Eles eram 4 irmãos, tem o Doutor Joaquim, o Seu Tomás, Doutor Ulisses e Dona Lucília. Três homens e uma mulher, né? Dona Lucília morava ali onde a gente ficou, no hotel, praqueles lado ali, naquela rua ali [?] também. Só tinha uma irmã.

**Jr:** Ele era o dono da fazenda?

**Nilza:** Era, era o dono da fazenda. Lá era dela. Eles tinham a parte deles pra cá e ela tinha a dela lá. Era tudo assim. E o Doutor Joaquim era lá atrás lá, da outra fazenda, que é onde o... que não tem mais, né? Também já acabou, né?
- Acabou tudo a fazenda.

**Nilza:** É, a Tia Carminha falou que não tem mais. Acabou aquelas coisas lá.
- Não, não tem nada. A fazenda caiu.
- Já faz muito tempo que acabou, porque estava acabando.
- É. Muito antigo.
- Onde tinha a usina de... o alambique, onde tinha a coisa de cana, né?
- Ah, eu fui lá.

**Nilza:** O meu irmão (Zezito) trabalhou muito lá na moenda de cana pegando bagaço, sabe? Que eles colocavam o boi pra coisar assim, né? Pra moer a cana, pra fazer a pinga. E o meu irmão ficava assim, puxando os bagaço da moenda lá e pondo no balaio assim, ó. Era assim. Depois é que veio o negócio de fazer açúcar, né? Porque antes era só pinga que fazia. Quem fazia cachaça era o tio Bastião. Era cachaça de Minas mesmo.

**Jr:** E o Zé Ventura era o capataz?
- Ele morava onde?

**Nilza:** Ele morava lá na fazenda. Como diz aqui... uma comparação, aqui é a fazenda do patrão e ele era o empregado especial, que ele morava bem na entrada, entendeu? Ali só passava se ele desse ordem. Se ele não desse ordem, não passava. Era assim.

**Jr:** Mas vocês moravam bem pertinho do patrão então?

**Nilza:** É. Não, quando a gente morava, não tinha ainda não.

**Jr:** Ah, não era aqui.

**Nilza:** Casa do Major: Não, não, não. Quando a gente mudou... quando a gente morava aqui quando eu sei, ela morou aqui, aí eu fui pra lá, pro Clemente, morar lá na casa do pai do tuta. Aí ficou. Aí minha mãe foi

embora e depois ficou aquela casa aí. Não sei quem morou naquelas casa que estava aqui. Depois acabou tudo. Mas não tinha não, essa aqui faz pouco tempo, né, poucos anos, né? Pouco tempo não, poucos anos que têm essa casa aí.

**Moradora:** Ah, não, essa casa tem muitos anos, uai. É do tempo do Major, uai.

**Nilza:** Quando a gente morava, não tinha. (Deve ter sido construída início de 1960).

**Antonio:** Então, eu vou pedir pra retificar nossas recordações. Não tinha nada disso aqui.

**Jr:** Lá tá contando a história?
- Ela falou que não tinha.

**Antonio:** Aí já deve ter sido quando eu vim visitar aqui.
- A carambola?

**Antonio:** Não, a casa do Major aqui. Eu achei que fosse da época, mas não é. É que eu devo ter vindo com 11 anos, eles já deviam ter aqui, porque isso eu me lembro.
- Quando a gente mudou pra aqui só tinha ali a nossa mesmo.

**Antônio:** Quando eu vim com a mamãe a primeira vez aqui, que eu estava com 10, 11 anos, essa casa do major já existia.
- Já tinha, né? Eu tô falando, tinha muitos anos já estava construída.
- Você tem ideia quando foi feita? Não, né?
- Ah, não tenho.
- Mas com certeza quando eu vim...
- Deve ter uns 45, 50 anos, por aí.
- Tem mais... acho que tem mais.
- Deve ter mais.

**Antonio:** Porque eu vim aqui em 61, eu acho que eu lembro que tinha, se não me engano, tinha essa casa. Porque o Major era vivo, a gente vinha aqui pra passear aí, sabe? (A dúvida era se a casa do major era da nossa época. Ela deve ter sido construída logo após nossa ida para São Pedro dos Ferros. Antes o major morava na Fazenda Santa Maria).

**Nilza:** Aí tinha... era uma plantação que tinha ali e ali tinha uma cabeça de boi. E eles falavam que o menino, que o rapaz que morreu ali, o espírito dele aparecia na cabeça do boi, a história, né? Aí a gente passava ali rezando, Creio em Deus-Pai, com medo de ver o negócio, mas a gente nunca viu.

**Antonio:** Aqui que era o terreno onde a gente plantava, né, que tinha direito a plantar?

**Nilza:** É. Cada um tinha um quintalzinho pra plantar, né? Não é quintal, né, era uma... É um pedacinho. Eu falo quintal, mas é um pedacinho. Era pra sobrevivência.

**Nilza:** É. Só mesmo pra comer milho cozido. Saía direito também nada, era muito difícil. Quando a mamãe ganhou o Luiz, o papai estava trabalhando aqui em cima, era milho. E a mãe ficou muito ruim, a parteira pediu pra eu chamar o papai, sabe? É nessa aí, ó. Aí eu fui lá chamar o papai, o papai veio correndo, sabe, que ele estava trabalhando aí.

**Jr:** Mas todo mundo nasceu em casa?

**Nilza:** Todo mundo. Não tinha esse negócio de hospital. Mas o meu também. Os meus também. Foi só o Sérgio que nasceu em São Paulo, que nasceu no hospital.

**Antônio:** Vamos passar agora na Carminha e depois nós vamos para a Fazenda Santa Maria onde tinha o goiabal... (Manguezal).

**Nilza:** O arroz era só na época de colheita ou quando tinha batizado, né? Era bom, que tinha muito batizado de vez em quando.

**Carminha: Eu não esqueço hein, comadre Nilza, eu chegava ali em cima, ela a Minervina estava esperando neném, ela ficava muito gorda, né?**
**- É, ficava.**

**Carminha: Aí ela ficava com aquele prato de mingau de couve assim, ó.**

**-Nilza: Ou então serraia/serralha com farinha. Você lembra da serraia com farinha? Ela falava, pra aturar seu pai tem que comer muito mesmo.**

**Antônio:** Nós vamos passar lá... ó, a gente vai ficar aqui hoje, né, Júnior?

**Jr:** É, hoje 25/9 e amanhã 26/9.

**Nilza:** Aí quarta-feira, 27/9 o Antônio vai passar pra me pegar e a gente vai lá pra Zona da Mata. Aí a gente vem da Zona da Mata , São Pedro dos Ferros, e visita o restante.

**Nilza:** O Antônio era muito Birrento. Aí o papai brigava com ele, né?

**Carminha:** O Antonio virava a cara pro chão e fazia até buraco....

**Nilza: Não, o papai tinha um machucado na perna. E o papai começava a brigar com ele e ele ficava ameaçando... O papai brigava com ele pra ele parar de birra. E ele começava a rir, o papai começava a rir, porque ele falava "Agora é pedaço de lenha no machucado" Aí o papai parava. Era assim.**

### Na casa a Regina filha da tia Niguita:

**Antônio:** Eu tenho umas fotos do tio Sebastião, depois vou te mostrar. Você lembra, né, quando a gente veio em Minas, em 1999 com a Claudine, eu tenho umas fotos dele aqui na janela.

**Regina:** Do papai, né?

**Antônio:** Você tem essa foto ou não?

**Regina:** Tenho não.

**Antônio:** Tenho muitas lembranças das vindas pra cá. Mas aqui, o meu Tio Sebastião, ele tinha o maior orgulho, né? Porque essa... por exemplo, essa árvore aí, ele que plantou a mudinha, né? O teu pai tinha orgulho porque tinha essas árvores aí, ele que tinha plantado as mudinhas, né?
- Ele fazia tudo... uma figura.

**Regina:** E esse quintal era muito bonito, cheio de plantas. Mas a enchente vem e mata.

**Antônio:** Eu me lembro uma vez que eu vim aí, nós fomos pescar aí nesse rio, estava lotado, cheio. Dezembro e janeiro, né, sempre cheio.

**Antônio:** E a minha mãe era grudada com a Tia Niguita, né?

**Expedito:** Aí o meu pai fez aquela sacanagem com a gente, né, de levar nós pra lá, tirar do meio de toda aquela primaiada, aqui jogando... nadando nos rio e levar nós pra lá, pra Zona da Mata, que não tem ninguém lá, nem pra brincar, nada. Eu tinha 14 anos de idade já...

**Marta:** Olha, eu sei que eu passei... melhores momentos da minha infância nessa casa aqui, quando eu vinha com a mãe. Tio Sebastião contando história de terror. Juntava aquela molecada aqui fora. Você lembra disso, Regina? Que juntava aquele monte de crianças e ele ficava até tarde contando história. Cada história...
- E ele era um mentiroso engraçado.
- Ele mentia pra caramba

**Expedito:** Quando eu era moleque, né, aparecia umas figuras lá. Eles ficavam sentados lá na sala. Aí depois o meu pai reclamava por que... pô, ficava "Não vai embora." Tinha uns não, tinha uns que eram bem... esse meu Tio Sebastião, conversador de primeira, né? Então, putz, mas falava que nem... tipo o Tãozico assim, mas falava um estilo bem gostoso de... contar muita história, muito detalhe.

**Júnior:** Ele era irmão do vô?

**Antonio: Não, a mulher dele é que é irmã da minha mãe. Quer dizer, eles nasceram todos por aqui, né? Então todo mundo se conhecia bem. Mas ele, por exemplo, ele via uma... por exemplo, semente, ele fazia questão de achar um cantinho e plantava... ele mostrava uma por uma, o ano que plantou, que não sei o que e tal. Ele fazia um... O Tãozico que tem uma história dele muito engraçada. Ele cuidava daquela fazenda lá, aquela casa. E um dia ele estava lá no meio do mato, pegou 2 ovos, achou e botou no bolso. Aí começou o tempo a mudar, ele veio correndo pra cá pra não pegar chuva. Quando chegou aqui, ele descobriu que estava com os ovos no bolso, ficou em pânico vai que o major me pega aqui. Voltou debaixo de chuva pra deixar os ovos lá. Com 60 anos trabalhando pro Major, né, quer dizer... mas era um exagero, né, de fidelidade... medo, né? Porque, na verdade, não era nem ser honesto, é medo.**

**Junior:** Mas qual que era o risco? O patrão...

**Antônio:** Medo dele achar que o patrão o acusasse de ter roubado 2 ovos!" Mandar embora. É, mandar embora. Que figuras.

**Marta:** Mas eu, quando nasci eu ia chamar... o meu nome era pra ser Santa. Quem me salvou... essa história é a que eu conheço de criança, quem me salvou foi a madrinha lá, como é que era o nome dela, aquela madrinha?

**Expedito:** Esperança também seria bom pra você.
- A Dona Jovina? Dona... ai, como é que chamava?
- Ah, eu sei, a... Bertolino lá, a mulher do Bertolino lá. Como é que ela chamava, Expedito?

**Marta:** É, então, e ela que me salvou, falou "Não!" Porque eu nasci no dia de Santa Marta, né? Exatamente. Se é que é verdade essa história.

**Olga:** Então, como que pode? Naquela época, em 1900 e não sei o que, colocar Marta de nome, colocar Olga? Eu, foi homenagem à minha prima.
- Era comum você pegar o nome do santo.

**Marta:** O nome do santo. Eu nasci no dia de Santa Marta, mas a mãe ia pôr Santa em mim! Imagina eu, chamando Santa? Eu?

**Olga:** Quem sabe você ia ser diferente?

**Marta:** Ah, os avós? Peraí. Avô paterno é João Ladislau Pinto... Que era casado com a Flauzina...Com a Flauzina Valentina. E o materno era João Lino dos Santos...

**Júnior:** Você não conheceu nem a mãe do seu pai, que moravam aqui?
- É, João Lino dos Santos. E era casado com a Antônia Minervina.
- E era lá que morava a Tia Jandira, naquele tempo.
- Ainda tem aqueles caminhos.

**Expedito:** Mas isso é 1900 e tralalá. A Tia Jandira morava lá no Barreiro.
- Ali, ó, quando entra dali pra lá, né...

**Expedito:** Eu acho que você nem lembra.

**Regina: Então... não, mas o meu pai falava que, no cantinho lá, tinha uma casa escondida lá, que aquele terreno tudo era do nosso avô, do pai da mamãe, aí perdeu tudo com...**

**Olga:** O jogo de bicho. Perdeu tudo pro jogo do bicho, não foi?

**Regina:** Não é jogo de bicho não, mulherada mesmo.

**Olga:** Minha mãe mentiu então? Falou que era jogo do bicho.

**Regina:** Mentiu. Mamãe falava, o papai falava.
- Que o nosso avô?

**Regina:** Perdeu tudo no jogo, eu escutei essa história quando era criança.

**Olga:** É, a Nilza disse que a mamãe falava que ele tinha um monte de filho preto, porque ele era moreninho, ele pegava as pretinhas.

**Marta:** Tá explicado esse monte de mulherengos nessa família.

**Olga:** E o Zezito? O Zezito então era o pior de todos, né? Era o mais safadão.




**Regina:** Ele, é o que mais vinha aqui.

**Marta:** Ele não está bem de saúde, né? Era pra ele ter vindo com a gente, mas ele tá muito debilitado. Ele está com dificuldade pra andar e com dificuldade pra...

**Antonio:** Vamos lá na Faz. Santa Maria, depois passamos de volta.

Olhando fotos:

**Regina:** Aqui, ó, é eu, a Maura, a Ana Lúcia, a Fátima e a Antonia Célia. Eu fiquei assim, porque a mamãe cortou meu cabelo...




**Jr:** Quem que tirou essa foto?

**Regina:** Foi o Major. Um senhor que morreu há muitos anos.
- Lá aonde nós fomos, na fazenda dele.

**Regina:** É, tirou da gente lá em cima.

**Olga:** Que bonitinhas. Ai, bracinho cruzado.

**Regina:** Não, eu cruzei o braço porque o que a mamãe cortou meu cabelo.

**Olga:** É? você estava brava? Tá com cara de brava, com esse cabelo de cuia aí, né? De índio. Corte de índio.

**Marta:** Ah, mas os corte de cabelo nosso, naquela época, era tudo assim. Era pôr uma tigela em cima...
- É. Era cortado tudo quadrado. É isso mesmo.

**Olga:** Gente do Céu. Nunca levava no cabeleireiro, era a gente que fazia.
- Até amanhã. Até quarta.

**Saindo da Regina e indo para a Fazenda Santa Maria e passando na casa da Vaninha.**
- Aqui chama Rio-Bahia, né?
- Ah, mas aqui, acho que por um período, ela funcionou por aqui, né?
- Quando cortaram as máquinas aqui... no início, era Rio-Bahia.
- Tá, mas no início era por aqui.
-Você lembra quando tinha aqueles maquinários cortando aqui?
- Não. Eu lembro do nome, mas não... amanhã a gente vem cedo...
- Aí é a casa da Vaninha.
- A gente parou aqui também em 2011.
- Paramos, você tirou foto do engenho.

**Olga:** O Júnior filmou o engenho dela, Antônio. Ele pôs a cana lá só pro Júnior filmar, né, Júnior?

**Antonio:** Amanhã, a gente pega a Duduca e vamos lá no... como é que chama lá, Expedito?
- Cruzeiro.

**Olga:** Aí atravessava a ponte.

**Expedito:** Não, não senhora. A gente não vinha por aqui não.

**Olga:** Ah, Expedito, nem parece que você morou aqui, meu irmão, pelo amor de Deus.
- Eu lembro que era bem do lado ali.

**Olga:** Mas é porque vinha de... e ela... não tem mais nada lá nessa fazenda, tá tudo no chão.
- Eu sei, mas ela... ou é outra fazenda que vocês tão falando, porque a que eu me lembro era grudada.
- Então, é, exatamente.

**Antonio:** Que tinha aqueles pés de manga,

**Expedito:** A fazenda do Major. É aquela lá.
- Isso, era lá atrás.

**Antonio:** Gente... porque quando eu vim com o Tãozico as primeiras vezes, ainda tinha os manguezais... O Júnior filmou lá com o Expedito, não foi, Júnior?
- A Santa Maria, a fazenda.

**Expedito:** Era lá onde mora essa tal de Vaninha.

### Olhando os restos da Fazenda:

**Júnior:** Pai, do que que você lembra daqui?

**Antonio:** Eu me lembro só do manguezal, que a gente entrava lá na época de fruta, tinha **uns pés de manga cheio de manga. Eles não vendiam, as mangas caíam e apodreciam. O pessoal liberava a gente pra comer, pegar, levar pra casa, não tinha... era um matagal de manga, tipo aquele ali, ó, você entrava, tinha todo... só isso que eu me lembro, o resto... e tinha o engenho.**

**Júnior:** E o vô trabalhou aí nesse engenho?

**Antônio:** Acho que não. Não, certeza. Eu acho que, às vezes, eles emprestavam o Expedito e tudo, mas naquela época você não trabalhava com pessoas, era um boi na frente e um trabalhando com a cana, né? você colocava a cana e tinha uma moenda com boi. Mas isso eu me lembro, o cheiro de garapa, né, essas coisas. Ficava girando... ficava uma pessoa...tangendo o boi, mas era um círculo. E aí fazia a garapa, depois transformava em um... eu não sei nem se eles faziam cachaça aí... acho que faziam. Devia sempre fazer um pouco, né? Mas era mais açúcar mesmo.
(Esse engenho não usava bois).




### Na casa da Vaninha em 25.09.17

**Expedito:** Aí, Júnior, eu tive com ela há um tempão aqui. Tá aí uma lenda viva.

**Vaninha:** Mas, gente, tem razão de eu esquecer do cêis. Não é fácil não, né? Véia. A véia tá aí de 87 anos.

**Antônio:** A última vez que eu vim aqui faz uns 18 anos. Esse é o meu filho.

**Vaninha:** Vou levando a vida com Deus e no seu tempo, né? É isso mesmo. É, mas graças a Deus tô com saúde. O problema é problema aqui do diabete, o machucado. As peles, vai chegando a idade. Estou com 87 anos né?

**Antônio:** Amanhã, nós vamos trazer a Nilza você não vai conhecer a tal de Nilza, a Duduca? Você não vai lembrar. Risos.

**Vaninha:** A Nilza? Ela tá aí também?

**Antonio:** Tá, ela vem amanhã aqui.

**Vaninha:** Pode trazer. Vocês é que vão lembrando mais, que vocês, àquela época, vocês... e eu não...Era tudo criança aí. E eu tô esquecendo de tudo, vocês não reparam não. Pra mim, vocês tá tudo estranho de longe. Os menino é que dá pra... Ah, tem que puxar a memória, né?



**Antônio:** Eu saí daqui muito pequenininho, né, então não tinha... O mais importante é saúde.

**Marido:** É, estou aí. Minha filha, busca um cafezinho aí.

**Jr:** Tirar uma foto da senhora, pode?

**Marido:** Cês tomam um cafezinho com nóis, né?

**Antonio:** Opa, vamos tomar.

**Vaninha:** Tá me filmando com essas panaria na perna? Esse machucado não cura nunca.

**Antonio:** Aí, tá bonita.

**Antonio:** Amanhã, a gente passa com a Duduca aqui, que ela tá querendo te ver, então...

**Antônio:** Mas a Duduca tem uma memória danada. Filha da mãe. Ela circula por aí, a bicha lembra de tudo que é detalhe. A fazenda aqui acabou tudo mesmo então?

**Marido:** Acabou tudo. Mudou de dono.

**Antonio:** Derrubaram tudo o manguezal lá? Que tinha um manguezal tão bonito, né?

**Marido:** Ih, bobo, me dá uma saudade quando eu óio pra ali, dentro daquela fazenda.

**Antonio:** Quando a gente ia da Tia Carminha pra cá, vinha por dentro, não é isso?

**Marido:** É. Passava aqui, ó, do lado do meu vizinho.

**Antonio:** E é pertinho, onde que fica a casa dela?

**Marido:** Tá atrás desse pé de manga aí.

**Antonio:** É que acabou o caminho aqui, né?

**Marido:** Aí acabou. O caminho é aquele que vocês desceram e não tem.

**Antonio:** Mas era tão bonito ali, pelo menos na minha cabeça. Bom, o senhor sabe melhor, né?
- Aquele terreirão que nós brincávamos ali, de café.
- Tinha o engenho, né? Tinha um terreiro grande.

**Marido:** Vendeu tudo. O homem comprou...

**Marido:** Quem comprou? Não era da região?

**Marido:** É de Glicério.

**Antonio:** Ah, então não tem a recordação, né, e acaba destruindo tudo, né? A casa do Major lá também, acabaram com aquela árvore da...

**Marido:** O que comprou aqui, comprou lá.

**Antonio:** Então, ele derrubou aquela árvore de...
- O Cura-Madre.

**Antonio:** O Cura-Madre e a... aquela... como é que chama aquela fruta lá? Carambola Que tinha uma árvore enorme lá de carambola. Cortou tudo. Jogou tudo fora.

**Marido:** Vocês querem levar rapadura? 2 reais cada uma. Açúcar mascavo.
- Só uma. Porque eu quero só um pedacinho depois.

**Antonio:** Mas é duro, né? Porque o pessoal [?]... aquela carambola lá devia ter 150 anos. Ocara vai lá e corta.

**Marido:** A única coisa que ele deixou ali foi aquele sapoti.

**Antonio:** Porque a terra é tão grande, qual era a necessidade dele de cortar o manguezal? Não precisava, né?

**Marido:** Ele comprou 55 alqueires de terra.

**Antonio:** Então, qual era o problema de deixar o manguezal lá?

**Marido:** Até a carreira de bambu, que tinha aqui, beirando a estrada aqui, acabou com tudo.

**Antonio:** Não tem sentido nenhum, porque o boi dá volta, passa por trás, mas preserva, né?

**Marido Vaninha:** Era sombra até pro boi.

**Antonio:** Exato. É uma ignorância, né? Não tá atrapalhando nada. Aí se o cara falar "Eu quero fazer a casa aqui." Você derruba e faz a casa, mas não era o caso, né? Acho que nem a casa ele precisava ter derrubado. Deixa lá como ruína, né? Ficava lá como uma recordação.

**Marido:** Aquelas madeiras caras, antigas. Ele derrubou mais pra vender aquelas madeiras. Aqueles bem antigos.
- Mas é bom, né, café com rapadura?

**Vaninha:** Pra mim, igual eu tenho problema, eles falam que eu posso beber desse aí que não faz mal. Fazia muito doce no meu tempo. Ô, meu tempo. Fazia doce de todo tipo pra encher lata pra esperar o povo de São Paulo pra poder comer. [?]. Acabou a força. [?] Não tem mais jeito de fazer, né? Não dá força pra mais nada não. Teve um dia que eu fui teimar, eu falei "Quer saber? Essa gente tem de tudo aí, e eu vou, mesmo com esse pé..." Eu falei pro filho "Você põe eu lá na mesa, que eu vou fazer um bocado de doce." E na hora de bater o doce? Cadê a mão? Não ajudava. Aí chegou uma mulher que trabalhava... negócio assim de, vinha cá me ver, quando ela me viu sentada... tô batendo, eu ia pra frente, voltava pra trás, eu ia pra trás, voltava pra... ela falou "Pode deixar que eu vou bater pra senhora." Foi o que acabou chegando no ponto do doce. Eu amo mexer com essas coisa.

**Jr:** Fazia doce... do que que a senhora fazia?

**Vaninha:** Eu fazia doce de coco, eu fazia pé de moleque, tudo na época da fartura, porque **tinha muito o negócio deles ter vaca, né, eu fazia doce de todo tipo pra poder esperar meu povo com a lata cheia. Ah, agora dá não. Ainda esses dia ele falou pra mim... eu falei assim "Cê podia fazer pão dourado, tem tanto pão sobrando que eles entregam, né? A gente não come tudo." Vai ficando esse monte aí. Que agora tudo quanto há vem na porta, um dinheirinho. Tudo chega. Aí eu compro, mas vai sobrando, não vai dar pra mexer em nada não. Não vai dar pra fazer não, porque em pé aí e eu não posso. Ah, mas não é fácil não.**

Conversando com o marido da Vaninha: Foi o Toni, foi o meu sobrinho.

**Marido:** Pois é, ele quebrou o braço.

**Expedito:** Deu um trabalhão desgraçado pra mãe dele.

**Antonio:** Ah, por isso que ele falou Antônio, o outro chama Antônio também, mas é o filho da Duduca. Eu sou o Antônio da Minervina.
- E ele caiu...

**Antônio:** Então você tem razão, tá? Que ele veio perguntar por que... lembra que eu quebrei o braço. Eu falei "Eu não fui."

**Pessoal:** Tem que pagar a garapa e o melaço.

### Saindo da casa da Vaninha em 25.09, passando na tia Carminha e voltando para a Cidade:

**Antonio:** É, na minha memória, era tudo pertinho.
- Antigamente, a gente vinha por aqui.
- Por dentro, exatamente.

**Expedito:** Não, não. Não é isso que eu vou dizer. Antigamente, a gente corria ali naquele pasto ali, ó, atravessava dentro daquela mata e ia lá na tal de Cotia, que tinha também... a gente ia colher café lá, tal e tinha alguns moradores lá também. Ou você dá a volta lá embaixão ou então cortava caminho ali por cima.

**Jr:** Como que é o nome dessa senhora?
- Vaninha.

**Jr:** Ela morava aí já desde aquele tempo?

**Olga:** Desde a minha mãe, do tempo da minha mãe.
- E era comadre assim da vó?

**Antonio:** Eu, se não me engano, eu sou afilhado dela. Se não me engano. A Duduca pode falar.
- É, vamos perguntar pra Duduca amanhã, é melhor.
- Acho que eu sou afilhado.
- É, ela deve ser madrinha ou...
- Você é afilhado dela?
- Eu acho. Alguém me falou.

**Marta:** Ai, lembrei o nome da minha madrinha, Izolina, Dona Izolina.
- Ela mudou pra São Paulo.

**Olga:** Nós vamos ver a casa... será que ainda tem a casa lá? Tem nada, né?

**Expedito:** Essa Vaninha é muito engraçada o jeito dela falar. Ela é muito alto astral, né? A gente morre de rir com ela.

**Antonio:** Mas esse era o caminho oficial, pra cidade né?

**Expedito:** É. Isso.

**Antonio:** Esse era o que todo mundo usava. Ele é bem mais curto, você chega rapidinho aqui em cima.

**Expedito:** Ia todo mundo a pé?

**Antonio:** Tudo a pé, ida e volta. É 6 km mais ou menos. 6 ou 7 km até a cidade, o que, pra turma do interior, é ali, né?

**Olga:** Descalço ainda, hein, gente?

**Marta:** Pra quem tá acostumado, né?

**Olga:** Eu fui na feira outro dia, meu chinelo arrebentou, falei "Caramba, e agora? Como é que eu vou embora?" Porque não dá pra você andar descalço, né? Não tem jeito.

**Marta:** No asfalto não dá, né?

**Olga:** Aí comprei um chinelinho lá, Havaiana, pra vim embora. E eu fico pensando... tá certo que lá é asfalto, né, mas fico pensando como a gente conseguia andar a pé.
- Teoricamente, o asfalto era mais fácil do que andar na terra.

- Mas e a quentura?
- Ah, bom, por causa do calor.
- Até a fazenda lá, a pé. Eu fiz muitas vezes.
- Ia à missa de domingo com as minhas primas.
- Lá também devia ser uns 6, 7 km.

**Olga:** Ia a pé. Levava sapato pra calçar dentro da igreja. Não machucava o pé, não acontecia nada. E lá tinha asfalto, não tinha?

**Expedito:** Imaginar que os caras iam asfaltar isso aqui, hein?
- Eu achei estranho, porque quando falaram que ia... porque ali, até ali em cima, já era antigo aquele asfalto. Ficou muito bom.

**Olga: O Zezito uma vez foi levar umas galinhas para vender na cidade. Pegou o dinheiro, mas disse para o Izaltino que elas tinham fugido no caminho. Ah, mas era o único jeito que ele arrumava pra ter um dinheirinho na vida, né?**

**Antonio: Ah, mas o meu pai era tão esperto pra isso, ele não entrava no papo não, até porque a galinha vinha com o pezinho amarrado e como é que fugiu? Galinha não voa, alguém tem que cortar o... porque eles penduram, né? Não sei se o Júnior sabe. Você põe um pau, amarra os pezinhos e deixa elas penduradas. E amarra com palha, né? Palha de milho.**

**Expedito:** Eu dava muito "chapéu" na minha mãe e na pinga, mas era misturada com água. "Vai lá, compra 2 reais." Comprava 1 e punha o resto de água. Aí sim. E mordia o resto do dinheiro.

**Marta:** Mas você sempre deu esses nó na vida, né? Seguiu na vida dando esses nós.

**Expedito:** Dava um nó na coitada. Coisa de criança, né?

**Marta:** Coisa de criança esperta, né? Criança feliz, né? Eu estou besta com isso. Hoje, eu estou resgatando isso, que realmente a gente era muito feliz, né?

**Expedito:** Ficou muito bom isso aqui, hein? Esse asfalto deve ser novo também, né?

**Expedito:** Como assim, meu pai de charrete?

**Antonio:** O Tio Sebastião devia emprestar a charrete.
- Isso eu não sabia... que o tio tinha charrete não.
- O tio teve charrete a vida inteira.

**Antonio:** Tanto é que ele vinha dormindo, o cavalo parava aqui sozinho. Passava o endereço pro cavalo. Risos.

**Antônio:** Não, aí eu já não sei, o cavalo vinha sozinho. Você podia deitar lá atrás e o cavalo chegava na fazenda. Quando a minha mãe começou a vir aqui depois, já tinha assalto em charrete, nessa estradinha. Aí o meu tio a mandava tomar cuidado, que já estava ficando perigoso. O pessoal parava no meio do mato ali...




**Antonio:** Te juro. Logo quando a mamãe começou. Década de 70 mais ou menos já começou a ficar perigoso. Eles roubavam na volta. Você fazia compras...

**Jr:** Só dá uma encostadinha aí pra eu tirar uma foto de novo da casa do sogro da Nilza. Qual que é? A azul-claro ou azul-escuro?

**Antonio:** 6 km... 7 km... é, das uns 9 km. É puxado, né? 10 km é puxado. Da Roça até aqui na cidade. De charrete também era longe, mas... é que o tempo, naquela época, também era diferente, né? Você não tinha essa angústia que tem que chegar. Os cara vinha pra cidade era o dia inteiro.

**Antonio:** É aqui, ô, Expedito? Essa é a Rua Nova? (Agora se chama Rua Carlos Soares).

**Marta:** Aqui que era a rodoviária?

**Olga:** É ali a rodoviária? Não, né? Não é não. É ou não é? Eu nunca sei onde é a rodoviária desse lugar.

**Expedito:** A rodoviária, ela mudou pra cá mesmo, parece que é nessa rua, que antigamente era lá no centrão, né?

**Antonio:** Da fazenda até aqui, 10 km, certinho, até o hotel. Puxado. Chegamos no hotel.

## 25.09.2017. Papo no final do dia, na praça, com Tãozico e Lourdinha:

**Antônio:** Mas tecido não era aqui, tecido era na casa onde trabalhava o meu primo lá, o irmão do Tãozico. Era Casa... como que chamava? A Casa Telles. Lá que eram tecidos e tudo. (Erro meu, a casa Telles vendia produtos agrícolas)

**Antônio: Mas o meu pai me emprestou para um sujeito lá em São Pedro dos Ferros... o Expedito deve lembrar disso... deve não, com certeza se lembra, me emprestou pra ser o guia do boi pra tirar tora de madeira dum lugar lá que estava alagado. Provavelmente tinha chovido, o rio tinha transbordado. Então eu devia... devia não, eu tinha ali 9/10 anos, eu ia na frente, a água ia... dependendo do lugar, na minha cabeça, subia. E naquelas... tinha aqueles negócios que cortavam, aquelas plantas de beira de rio. O dia inteiro. Não sei nem se o cara dava comida. E ele amarrava as toras no boi e o boi ia e ele dava batida no boi, só que eu era pequenininho, o boi... bateu lá, o boi corre. Você tinha que... é como se você simplesmente tivesse que levar um tabefe pra... o detalhe não foi isso, passou... sei lá, 2 dias, o meu corpo inteiro empipocou, inflamou, por causa dos machucados. Eu devo ter me cortado todo. Pode até... que seja exagero da minha memória. Aí ficou tudo aquelas bolhas de... não de pus, né, não sei. Aí me tiraram, né, óbvio que... imagina, criança de 10 anos. Lá em São Pedro dos Ferros. Porque era tudo na base do meia, não é? Então você empresta uma criança ali, o outro empresta aqui. Então trabalhar, por exemplo, na enxada... o Expedito sabe disso, você com 5 anos, você já estava lá ajudando.**

**Por exemplo, até 5, 6 anos, era um terço de um adulto. Depois dum tempo, era meio adulto.**

O meu pai ficava... os caras me preferiam! Uma vez eu lembro uma história, não sei onde, que... o cara explicando "Eu prefiro aquele, o Antônio...." Não tô exagerando não, eu lembro disso. "Eu prefiro aquele pequenininho, ele trabalha muito mais do que o João!" Porque o João é o seguinte, bobeou "Cadê o João?" "O João foi no meio do mato fazer ..." Só que o João não voltava. Mas era uma figura. Mas dava pra rir. E outra, né, porque lá... a Olga não sabe disso... talvez não, como é que você fazia? Por exemplo, era capinar o... era café naquela época, lá em São Pedro dos Ferros.

Você ia capinar o café. Então botava... que tinha um pé de café aqui e outro aqui e aqui o corredor. Então você tinha que capinar o café. Então o que que eles faziam? Eles punham um de cada lado. Uma criança de cada lado.

**Antonio:** Adulto ou criança, não importa. Duas pessoas de cada. Você conseguia perceber quem chegava... quem era melhor de serviço, porque o cara ia capinando, ia embora. O João, você olhava "Cadê o João?" "Tá lá atrás." Dava uma batida na enxada, não sei o que.

**Marta:** Ele era gordinho já quando era pequeno?

**Antonio:** Não me lembro. Ele era gordinho? Não, né? Não, não, não. Não era não. Acho que não. Lá em casa acho que não tinha nenhum gordinho não.

**Lourdinha Esposa Tãozico:** Ah, se trabalhava que nem uma danada. Comia só almoço e janta.

**Expedito:** O gozado que era assim, né, por exemplo, aqui é um pé de café, aqui é outro pé de café. Aqui tem o meio. Aí pega 10 cara pra começar. Imagina os 10 numa extensão daqui pra lá, né? Vai até lá naquela coisa, por exemplo. Os 10 começam. Aí, quando você é muito molenga, você vai ficando lá no meião, todo mundo tá lá na frente e você lá no meio. Aí, quando todo mundo termina lá e vai continuar do último pra lá,

você já tem que andar 2 km pra chegar aonde os cara já estava. – O que eles faziam é o seguinte, você faz a fileira... aqui, ó, os pés de café tão plantados aqui. Então você sobe 10 e desce 10 capinando e vai fazendo assim, mas a tua fileira vai ficando, porque você não chegou, o cara deixa o teu pedaço aberto, não é isso mais ou menos? A tua fileira vai ficando. Aí, chega no fim do dia, todo mundo já terminou, já tá lá esperando, tem um cara lá na terceira fileira...- Lá na pqp. Que pariu.

**Expedito:** E ninguém ajuda não, o cara tem que se virar lá. – Porque não tinha esse negócio de eu quebrar o galho do outro não. E tinha disputa mesmo, porque os caras... se bem que era... todo mundo é brincalhão, né, então o cara... Leva tudo na brincadeira, né?

**Antônio:** Não, mas não era patrão. Ali era o seguinte, era tudo tarefa, por exemplo, era comum, por exemplo, todo mundo trabalhava de meia. Como o meu pai tinha um pedaço de terra, o outro tinha um pedaço de terra, o outro tinha um pedaço de terra e o patrão tinha metade de tudo. Então o que se fazia é o seguinte, junta todos os colonos, vem me ajudar na colheita ou no capinar do meu pedaço e você cotiza o seguinte "Quantas pessoas você me mandou?" "30." "Eu te dou 30 homens-hora, quando for fazer o teu." Quando for a sua colheita.

**Antonio:** Aquele cara, lá em Goiás, o Governador, que fez esse trabalho que todo mundo elogiou, não sei o que, em 1940 já era assim que é trabalho por aqui, chamava mutirão. Você resolve o problema da fazenda. Por exemplo, lá no Paraná, a gente ia colher... no Paraná era milho, né? Café também? A maioria era milho e café. Milho. Então você... o caminhão chegava... você vê, eu tenho problema de coluna até hoje, eu tenho certeza o que era isso, você ia lá, enchia o... não sei se era o saco... não era... era um saco, né? Cesto. Você enchia o saco de... ou cesto de milho... era um... Balaio. Você enchia o balaio de milho, alguém enchia pra você e você pegava... trabalho de formiga, aí você vinha, chegava no caminhão, subia a escada, jogava o milho e chegava no chão, você pegava uma espiga de milho e jogava ali, pra significar que eu trouxe tantos balaios. Aí no final, quando o caminhão enchia, o feitor vinha "O Antônio trouxe 10 balaios, o Fulano trouxe não sei o que, o outro não sei o que e tal. Então deu 55 balaios."

**Olga:** Mas lá no Paraná você era pequeno pra caramba também.

**Antônio:** Mas eu fazia isso.

**Olga:** E a Antônia falou que você voltava pra casa de vez em quando e dormia, né?

**Antônio:** E no final, soma tudo, deu 100 balaios. Então o Seu Izaltino tinha 50, fica no crédito. Era tudo no bigode, não tinha...

**Olga:** O Izaltino com 50 significa o que?

**Antônio:** 50 qualquer coisa. 50 espigas de milho, 50 balaios. Aí você calculava, cada... tô chutando aí, é um detalhe, cada balaio significava... não, aí eles tinham noção... 1 caminhão cheio de espiga de milho produzia-se, sei lá, 8, 20 sacos de milho. Então você tinha metade daquele milho que supostamente seria... quando fosse beneficiado. Aí passava um caminhão lá, trazia pra beneficiadora, que o processamento pra transformar em saco era da... aí tinha as cooperativas que você embalava, aí o milho já ficava no saco já costurado e era tudo na base da média, né? Então o Seu Izaltino, daquela produção lá da safra, ele tinha tanto. Esses caras vendiam milho pro mercado internacional ou nacional, não sei o que, e você recebia... - E depois que pagava? Sim, sim. Você é o último a pegar um dinheiro.

**Antônio:** Aí quem tinha mais... esses fazendeiro que tinham a cotação tá muito baixa, eles deixavam no estoque. Por isso que tinha esses silos, porque eles deixavam guardado "Não, eu não vou vender nesse preço." Aí o preço subia... era bolsa de... chama commodity, né, depende do... os mais necessitados, tipo o meu pai, os tios, que tinha pouco dinheiro, esses atravessadores já compravam "O senhor tem 8 sacas de milho? Eu compro do senhor de tanto." Com certeza o meu pai "Me dá aqui esse troco e já leva o..." Ele e quase todo mundo. E sempre foi assim, uma exploração de gente que dominava o mercado em relação ao necessitado. Mas o detalhe aqui não é se tinha esperteza ou não. É o processo produtivo, como começava

dentro de um... uma coisa toda comunitária, muito bonita. Hoje eu tenho essa visão, né? Na época, a gente não percebia. Então a mão de obra era toda dividida. Então já estabeleceu, criança vale um terço do outro. - E ninguém era infeliz, né?

**Antonio:** A mamãe deixava. A mamãe levava todo mundo lá pro meio do mato e tinha umas 8 crianças lá debaixo da sombra e eles trabalhando. De vez em quando eu acho que dava lá um leite, né, um mamá, não sei o que. Tudo no meio do mato.

**Lordes:** É, minha mãe levava neném no balaio. Colocava na sombra. É, ficava tudo debaixo lá. Ia capinar, ia plantar. Ali, com 5 anos, a gente já começava a trabalhar.

**Antônio:** Isso que tá acontecendo com você, esses mosquitos, que eles adoraram o cabelo **dela, quando eu ia levar marmita pro Expedito, eu tinha que ficar fumando um cigarro pra afastar, porque se ele abrisse a boca, ele comia uns 15 mosquitos. Isso lá em São Pedro dos Ferros. Eu tinha que ficar, com 7 anos, 8 anos, pegando aqueles cigarro de palha...**

**Lourdes: Pra espantar, né?**

**Antonio: E o Expedito lá, comendo, porque esse sempre foi o folgado, né? Todo mundo comia com mosquito e tudo. Ele não. Ele sempre tinha escravo pra...**

**Lourdes:** Ele te pagava? Não?

**Antonio:** Imagina. Eu tinha que ficar jogando fumaça nele o tempo inteiro. Eu ficava tonto. - Espantando o... mosquito, pra ele poder comer.

**Antonio:** Isso aí é escravidão, hein? Você lembra disso, Expedito? Lá em SPF?

**Expedito:** Não, eu não lembro disso aí não.

**Antônio:** Putz... a minha única compensação aqui é o seguinte, que a gente ia levar a comida e tinha um torresmo. E eu parava e abria "A mamãe não fez mistura dessa vez?" "Não, não tinha."

**Lourdes:** Ah, você já tinha comido tudo? Você chegou a trabalhar na roça, Antônio? É? Você foi embora com quantos anos?

**Antonio:** Eu saí daqui com quase 6. A gente foi pra São Pedro dos Ferros.

**Lourdes:** Ah, lá que você trabalhou. Lá vocês foram morar na roça também?

**Expedito:** Ele trabalhou mais na roça ainda foi no Paraná.

**Antonio:** No Paraná, eu já fui operário normal.

**Lourdes:** Antônio, você saiu daqui em 1957, quantos anos você tinha?

**Olga:** É, o Antônio, quando saiu de Rio Branco, ele tinha quase 6 anos. Não, a Duduca se casou em 57. Nós saímos daqui em 57.

**Antonio:** Então, mas é que eu faço aniversário em dezembro. Então, na verdade...então, mas tem uma parte aí que eu acho que não foi nem em São Pedro dos Ferros, foi aqui no... aonde nós vamos amanhã. ( na verdade sai de Visconde em julho de 1957. Nasci em 29.12.1951, tinha, portanto, 5 anos e 6 meses). - Com poucos anos assim, você já ralava?

**Antônio:** Marta, era assim. Pergunta pra Duduca. Eu lembro que eu colhi arroz. Eu acho que era aqui que tinha arroz, aqui, no coisa? Colheita de arroz? Eu saía no meio daqueles matos lá de coisa, catando arroz e puxando.

**Tãozico:** Sua mãe contava essas histórias de você no arroz.

**Antonio:** Claro que a tua produção era mínima, né, mas era... vai puxando arroz, já vai ajudando.

**Lourdes:** Já é alguma coisa. Mas a gente vê no Nordeste agora, toda aquelas criança... foi revelado lá, as crianças ficam descascando mandioca, vocês viram isso? Criança com 3 anos.

**Antonio:** Sempre foi assim. Quando eu entrei na Talent em 81, tinha o Pão de Açúcar ali na... não sei se era Pão de Açúcar, num shopping, a mulher do Júlio, toda cheia de coisa, entrou com uma ação proibindo, porque lá você fazia os pacotinhos e as crianças carregavam até o carro. Criança de... no mínimo 10 anos.

Eu não queria me revelar como... né? Eu tinha essa vida e tudo. Eu falei pra ela... isso tudo foi há 40 anos atrás "É melhor deixar trabalhar do que ficar na rua pedindo esmola, porque é melhor a criança pelo menos tá trabalhando. É duro? É, mas é a realidade." Aí eles...

**Lourdes:** Porque que aumentou os noiazinho? Porque depois que veio essa leia aí que só pode trabalhar com 16 anos.

Eu acho que nem tanto o Céu nem tanto a Terra. Eu acho assim, começou a trabalhar com 16 anos é um absurdo. É um absurdo.




**Marta:** E outra coisa... agora, você pegar uma criança de 3 anos, 5 anos, carregar o boi lá... ah, tenha santa paciência. Vocês são sobreviventes.

**Antonio:** É que você pega uma tampinha dessa aqui, cê viu a esperteza desse bichinho? Quando tá com 5 anos, você já acha que já é um adulto, que já sabe fazer tudo.

Esse é o problema, porque você trabalha com pessoas ignorantes que eu digo assim, sem essa preocupação.

**Lourdes:** Sem essa visão, né, Antônio?

**Antonio:** Sem essa visão. E a criança tem uma capacidade. Você vê as menina que nós fomos lá. Elas têm um desenvolvimento. Lá eles falam "Então vai puxando o boi aqui." A realidade que eu tenho de enxergar... mas na verdade devia ser isso "Vão puxando o boi aqui pra mim." Você que acaba transformando isso num super drama, né? Porque não era um trabalho escravo também, que você vai ficar o dia inteiro lá. Nesse caso meu [?] os caras foram pra lá, esqueceram de me levar de volta. São filhos da puta mesmo, né? Eu estou falando não dos pais e das mães, mas... ou desses caras tinham encomendam e tudo.

**Lourdes:** Não tem compaixão, né?

**Antonio:** Não tem, não é filho teu, você não tem... não tem vínculo teu. Mas não acho não, não acho que era um sentido exploratório, né, que nem é... que pode ser hoje, que hoje virou um comércio. Então o cara recruta a molecada, que é a mão de obra mais barata.

**Tãozico:** Expedito você era o bombeiro?

**Expedito: Era o bombeiro. Aí chegava e distribuía água pra aquele monte de peões, né? Ainda tinha isso, né, distribuir água também e tinha os pequenininho que carregava água. Expedito: Eu era o tal do bombeiro. Pegava aquelas caçamba grande, botava nas costas e tinha que subir morro ainda com aquele troço. Aí chegava lá, ficava entregando uma caneca só pra um monte de peões. Aí você pegava aquele caneco num puta dum bafo de cigarro desgraçado. E todo mundo na mesma caneca. Sempre tinha um que "Então o Expedito que vai distribuir a água, eu vou cuidar de não sei o que."**

**Antonio:** "Aquela árvore ali vai ser onde vai jogar a criançada, porque os pais tão trabalhando e a mãe e tudo." Eu lembro da Duduca junto com os outros. A mulherada punha aquela capa, por causa da... lá no Paraná, tinha muito isso, cantava aquela música Beijinho Doce, eu aprendi em São Pedro dos Ferros, a mulherada ficava trabalhando naquele puta sol cantando.

**Lourdinha:** Eu cantava o dia inteiro apanhando café. O tempo inteiro. O dia inteiro.

**Antonio:** Botava uma... não era nem chapéu só, era uma capa pra não pegar sol. Todo mundo feliz da vida. Ninguém reclamava não.

**Antonio:** E você ainda voltava aqui na praça, ainda fazia uma voltinha pra ver se o Tãozico já estava por aí. "Hoje ele não veio." Era ou não era? Risos.

**Lourdes:** Meu sobrinho pegou e falou assim, esse que vende açúcar "Credo, essa vida aí era pedir pra morrer." "Ah, mas era a vida que a gente conhecia." Não tinha um rádio.
- O pessoal era feliz da vida.
- Pra nós era a coisa mais natural do mundo.
- É, ué, é a vida que a gente conhecia.
- Chegava à noite eles ainda faziam aqueles bailinho de passar anel. Era muito divertido.




**Tãozico:** Luto pra ouvir uns 9 minutos de jogo, mas não tinha onda até tarde da noite lá, todo mundo pra escutar uma coisinha, difícil você ouvir a onda ia embora, hoje nem rádio quase que não usa mais. Uma televisão pra cada um, né? Que felicidade, cara, era nós irmos pra lá, pra casa do patrão ouvir rádio.

**Antonio:** E tudo analfabeto, mas conseguia calcular que isso aqui, se eu fizer do jeito que eu fazia antes, não vai dar pra comer até o final.

**Lourdes:** A gente comia o arroz no almoço, era o que a gente comia no jantar. O feijão não dava... Quando era fartura e a safra foi boa... Vendia um pouco.




**Antonio:** Ou você vendia um pouco ou você comia um pouco mais de arroz com feijão... aí já não punha muita água.

**Lourdes:** Se o feijão não dava, plantava fava ali naquelas grades secas. Misturava fava no feijão. Você punha a fava pra secar e misturava no feijão, pra inteirar o feijão.

**Marta:** Mas é uma coisa de sobrevivência mesmo, né?

**Antonio:** ... porque eu me lembro daquele espaço ali.

**Jr:** Onde é aquela padaria? Não, não, onde é o bar ali.

**Tãozico:** É aí, hoje, é do cunhado do Toninho.

**Antônio:** Por falar nisso, onde mora o Toninho?

**Tãozico:** O Toninho mora lá perto do colégio. O Colégio Rio Branco.

**Antonio:** Vamos cruzar com ele, né? Você tem o telefone dele? Passa pra mim que eu vou ligar pra ele. A Casa Telles fechou?

**Antonio:** O prédio onde era a Casa Telles caiu, né?

**Tãozico:** Caiu. Aí eles passaram lá pra usina, onde que era a usina ali, agora ali...

**Antonio:** Ele não trabalha mais com eles?
- Trabalha.

**Antonio:** Continua ainda? Não acredito. Ah, vou passar amanhã lá. Vê se você me fala o endereço.

**Antônio:** O irmão dele trabalha nessa Casa Telles, acho, desde quando eu nasci, né?

**Tãozico:** É, ele veio cedo pra cá. Ele já aposentou ali, já tem tempo que ele aposentou, continua trabalhando.

**Antonio:** Eu sei, mas ele começou como balconista há...

**Tãozico:** Ele começou novo ali. (Esse nosso papo é num bar na calçada onde era a Casa Telles. Fizeram um prédio residencial e no térreo fizeram comercio. Bares, sorveterias. A primeira foto era a Casa Telles).
- A Casa Telles é o que? Vende...- A Casa Telles? Alimentação?
- Era.
- Ah, tá. Era tipo num empório. Atacado.
- Isso, isso. Tá certo. É seco, é grãos.

**Tãozico:** Inclusive agora lá, no novo endereço, tá muito maior.

**Antonio:** Que era o maior fornecedor pro interior. As pessoas vinham fazer as compras aqui.

**Tãozico:** Exatamente. Inclusive aqui, dessa Casa Telles, é que saía... começou a história, aí, vocês puxem minha língua. Era aqui que saía todo café de Minas Gerais a maior parte do café colhido na região de Minas Gerais vinha toda pra Casa Telles. Era grande aqui.

**Jr:** Ela ficava do lado da estação ali?

**Tãozico:** É chegava pela estação, jogava dentro da Casa Telles e daqui eles vinham comprar e botavam no trem de novo.

**Antonio:** Ele era um tipo dum atacadista, né?

**Jr:** Ia pra Juiz de Fora.

**Antonio:** É, Juiz de Fora, pra São Paulo, pra todo lado.

**Antônio:** Porque na verdade, você olhando comercialmente hoje, esses caras tinham capital e eles compravam a produção dos pequenos produtores, que o cara tinha certeza que "Quanto você tá pagando hoje?" É commodity, se o cara chegar "Hoje, eu tô pagando à saca tanto." "Tá bom."
- Ganharam muito dinheiro.

**Tãozico:** O dono da Casa Telles hoje, né, o tal de Adílson, o dono morreu semana passada, mas ele é o seguinte, essas usinas de açúcar aí por perto, por aí, que agora acabou tudo também.

"Quanto vai ser sua produção esse ano?" "Ah, esse ano, eu calculo ter tantas mil toneladas"

**Antonio:** "Fecha comigo o preço." É isso, sempre foi assim. São capitalistas que se compra na frente, aí adianta um dinheiro pro cara, você já se compromete a ter que vender pra ele.

**Tãozico:** Aí ele manda a frota dele de caminhão, né, pra lá. De lá eles vão escoando pra onde quiser. Aí, uma vez por mês, assim, vem um motorista em casa, leva uma roupa pros outro e dá a notícia como é que tá...

**Antonio:** A produção. Na época, a gente não tinha essa consciência, mas é visível, né, que era um... intermediário, né, que a gente chama?

**Júnior:** Mas eles nem lidavam com o vô, por exemplo, porque o vô trabalhava pro cara da usina e o cara da usina que vendia pra...

**Antônio:** Não, não, é o dono da usina. Exatamente. Era o que ele vendia, por exemplo... ele tá falando o seguinte, o meu pai não vinha vender o açúcar que ele produziu. Era o dono da fazenda. O meu pai tinha o crédito da quantidade que sobrou pra ele. Ele usava tudo ou comprava aqui.

**Antonio:** Provavelmente "O senhor passa na Casa Telles, o senhor tem lá os créditos dos 4 sacos, o senhor pode comprar mercadoria." É o que você vê hoje, né, nos cinemas, nessas...
- Nem via o dinheiro, né?
- Não circulava dinheiro.

**Tãozico:** Esse dinheiro era pra pagar o patrão, que ele estava devendo durante o ano.

**Antônio:** Então, quando você chega aqui, a chita lá, que era o tecido, que você compraria por 1 real, ele te

vende por 1,30, né? Porque é caderneta, é um crédito que você tem, você não vai discutir o preço.
- O juro saía na caderneta.

**Antonio:** É, tudo agiota, né? É agiotagem. Todos eram agiotas. Claro que os volumes eram pequenos.

**Tãozico:** E você lembra do Doutor Ulisses, né?
- Lembro.
- Pois é, a esposa...

**Antonio:** Que é nessa casa aqui, né?

**Tãozico:** É. A família da Dona Dalila, esposa do Doutor Ulisses, que era o dono da Casa Telles.

**Antonio:** Tá explicado então. Eram meia dúzia de latifundiários. E aí você vai lidar com uma pessoa, que nem nós fomos lá, lá naquele cafundó, todos analfabetos...Não que eles fossem... como são hoje, né? Aqueles filhos da puta que... eram comerciantes, né? É a regra do jogo na época. Hoje, talvez, eles fossem muito mais exploradores. Também não sei, lá atrás, se não eram.
- Ah, mas hoje também tem lei trabalhista, sei lá, né? Naquela época, não tinha nada disso.

**Antonio:** É, aí que tá. Eu acho que eram tão exploradores quanto hoje, talvez até mais exatamente porque você não tinha ninguém pra reclamar. Você tinha todo mundo submisso, né? Então, na verdade, eles devem ter se aproveitado, por isso que moravam no centro da praça. Mas mecanismo era esse, né?

**Tãozico:** É. Igual, por exemplo, na usina aqui. A usina, você tinha uma área pra plantar sua cana, mas você não tinha direito de vender uma cana.
- Tudo do patrão.
- É a usina que comprava tudo.
- Você tinha direito ao crédito.
- É. Então você tinha um percentual do que você produzia, né? E aí eles pagavam muito bem quando eles queriam também. Não é assim, levou, vendeu.

**Antonio:** Aí entravam os créditos, né? Passa na Casa Telles que você não vai passar fome. Era um trabalho escravo com sensação de que não é escravo. Não tinha os grilhões no pé, né? Mas é ou não é, fala a verdade? O teu pai ganhou algum dinheiro? Quantos anos ele trabalhou naquela fazenda? Ganhou, depois de morto, o direito a ter pro resto da vida uma casa.

**Tãozico:** Não ganhou nada.

**Antonio:** Porque o meu pai ainda pulou pra tudo que é lado. Você fala “Bom, ele perdeu a chance.” O Tio João lá, morou 50, 60 anos lá, não ganhou nada.

**Tãozico:** Ô, Antônio, naquela época, se você quisesse ter alguma coisa tinha que roubar, né? Tinha que roubar do patrão.
- Como ninguém roubava.

**Tãozico:** Só tinha gente honesta naquela época, então...

**Antonio:** O Tio Sebastião, ele ficou ali... ele nasceu praticamente ali, né?

**Antonio:** O pai dele nasceu lá, né? Então, naquela casa. Não sobrou nada, quer dizer, o cara, no final, não ganhou... não tinha nem mil reais na poupança.

**Tãozico:** Não tinha nada não, uai?

**Antonio:** Não tinha nada. Nem aposentadoria, né? Porque não tinha salário. Você tinha o direito ao seguinte “Eu te dou um pedacinho da terra, você vai tem um percentual do que você produzir e eu te dou uma casa procê morar.”

**Tãozico:** Nós tínhamos uma mordomia que nós tínhamos leite, que o meu pai era o retireiro. É. Meu pai levava lá, 2, 3, litros de leite lá pra casa, todo dia.

**Junior:** Não escondido, era permitido?

**Tãozico:** Não, não, era permitido levar o leite pra nós. Então isso não precisava ser escondido.

**Antônio:** Então você ficava, o cara trabalhando exclusivamente, dia e noite, para cuidar... no caso do teu pai, porque era o feitor lá, o cuidador, em troca de 3 litros de leite.

**Tãozico:** Igual eu tô falando, eu me casei com 28 anos. Eles perguntam "Você não acha que se casou véio?" Eu falo "Não, eu não me casei velho. Nem velho e nem novo, eu me casei na hora que eu acho que eu pude me casar." Porque eu tinha medo de casar-se, que o meu pai saía de casa 4 horas da manhã, antes de ser o retireiro, ele era cachaceiro, né?

**Antonio:** Teu pai também bebia, é?

**Tãozico:** Não, ele fazia cachaça, né?

**Antonio:** Mas ele não bebia, né?

**Tãozico:** Ele bebeu. Ele bebeu 12 anos, quer dizer...

**Antonio:** Sei. É porque eu não me lembro da história dele de bebedor.

**Tãozico:** Ele parou. Aí ele parou, não bebeu mais. Mas ele saía às 4 horas da manhã e voltava 8 horas da noite. E nós já estávamos dormindo.
- Não via ninguém.

**Tãozico: Então a mamãe, de vez em quando, na hora do almoço, 8 horas, 9 horas, era o horário de almoço, né? Aí ela levava um de nós lá no trabalho pra ele ver a gente... pra gente ver ele. Tãozico Não, e aí chegava no fim da semana, ele dava um dinheiro, quando tinha... ele dava um dinheiro, aí o pessoal juntava lá 8, 10 homens e vinha com aquela turma, dia de sábado à tarde, e vinha na cidade encher um saco de compras pra semana.**

**Tãozico:** No fim de semana vinha um monte de homens pra cidade.

**Antonio:** Passava na mulher ali dos cavalos, pendurava o cavalo e...

**Tãozico:** É, deixava lá, eles iam lá em cima...na zona que tinha aqui perto.

**Antonio:** Uma semana de trabalho por uma pegada lá...

**Tãozico:** Por uma "cesta básica". Risos.

**Antonio:** Uma cesta básica. Mas voltava satisfeito, né? Valeu a semana. Risos.

**Antônio:** Quantos anos você tem?

**Tãozico:** Eu faço agora, dia 7, 73, né?

**Antonio:** 73? Tá com uma cara de moleque.

**Tãozico:** Cara de moleque? Não é cara de defunto? Você não inverteu o troço não, cara?

**Antônio:** Não, você tá... você é um dos que... faz 18 anos que eu não venho aqui, o cara continua com a mesma... você é de que dia?

**Tãozico:** Eu sou dia 7 de outubro. O João é dia 10?

**Antonio:** Sim. 10/10/1944

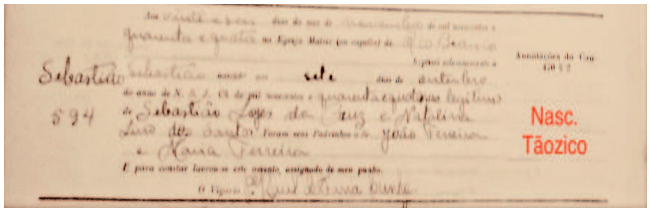
**Antônio:** Eu vou fazer 66 agora, em dezembro.

**Tãozico:** Mas eu... você vê, naquela época, como é que as coisas eram, se você olhar meus documentos, que às vezes é cheio de história, né, então cai tudo as histórias em mim mesmo. Naquela época, não existia registrar o filho de nascente. Então...
- Não era obrigatório.

**Tãozico: Não, não era obrigatório. Então o papai nunca registrou ninguém, nem o pessoal nunca registrou. Quando o papai foi registrar a gente, ele pegou um monte lá, pegou acho que 5 ou 6 e... na época do Jorge Carone Filho, o cara que foi prefeito de Belo Horizonte, fez o Mineirão, que vocês... pelo menos ouviram falar no Mineirão lá. Quando ele foi prefeito aqui pela primeira vez, que ele foi prefeito duas vezes, ele deu uma ordem pro juiz registrar todo pessoal rural de graça. Aí o papai registrou.**

**Antonio:** Seu pai deve ter chegado no cartório e dito: "Tenho 12 aqui, a ordem eu não lembro bem quem nasceu primeiro, mas tá aqui."

**Tãozico:** Então, quer dizer, aí que veio o detalhe. Eu fui registrado, nascido em 1945, meus documentos tudo é 45, mas eu tenho um primo (Divino Salvador, filho da irmã do meu pai) que trabalha no Mineirão, um maqueiro, cabecinha branca, tá sempre lá carregando maca lá e tal. E, quando ele nasceu, a mãe dele faleceu. Então a minha mãe nos amamentou. E ele brigava comigo até há pouco tempo "você tá achando que você é novo, rapaz? Você é da minha idade, você não é 1 ano mais velho, não sei o que e tal." Foi até que um dia me deu na cabeça... um dia não, há uns 4 ou 5 atrás, eu falei "Eu vou lá na igreja." Ver o batismo, que o batismo é garantido.
- O batismo todo mundo fazia.




**Tãozico:** Né? Eu cheguei lá, perguntei pra menina... era uma menina chamada Rovina, né, "Ô, Rovina, me deu uma vontade de saber quem foi meu padrinho de batizado e qual o padre que me batizou?" E ela: que data que foi esse negócio?

**Tãozico:** Não, não, pois é, mas eu comecei por aí. Eu disse "Qual o padre que me batizou e qual foi meus padrinho?" Ela falou "Que ano você nasceu?" Pronto, aí ela me deu... aí ela abriu o caminho pra mim... "Que ano você nasceu?" "Aí que vem a pergunta, moça, que eu não sei se eu sou de 44 ou se eu sou de 45." "Eu olho os 2 anos."

**Tãozico:** E meus documento tudo é 45, né? Ela "Ah, então tá fácil, ué, se você tem mais ou menos a data aí é fácil." Foi lá no livro, pegou, me deu um diploma assim "Olha, eu sou batizado e tal... do documento e tudo, 07 do 10 de 1945." Aí foi lá "Ó, vou te dar um documento, tal, você foi batizado dia 26 de novembro de 1944." Quer dizer, 1 ano antes de eu nascer, eu já era batizado, cara? Risos.

**Antônio:** O teu pai era cuidadoso "Vamos batizar esse guri aqui na barriga pra não ter problema."

**Tãozico:** Quer dizer, antes de dar barriga, né? Ele adivinhou assim "Ó, vai nascer um cara aí, eu já vou..."

**Antonio:** Eu estava contando essa história agora há pouco, o Zezito, quando foi se aposentar, ele me ligou, rabugento, né... isso faz tempo já "você viu? Eu faço aniversário, sempre comemorei meu aniversário 17 de outubro, o meu pai foi lá e me registrou em dezembro. Tive que trabalhar mais 3 meses pra poder me aposentar." Mas era assim, né? Eu, por exemplo, nasci dia 27 e me registraram dia 29. O meu foi 2 dias só.

**Tãozico:** Ah, eu, foi 1 ano.

**Antônio:** A minha mãe sabia todo o detalhe "Não, você nasceu dia 27 e nasceu tal hora, não sei o que e tal."

**Tãozico:** Olha, falando de aposentadoria. Essa daí me deu um trabalho doido pra aposentar, mas eu consegui. Por invalidez. Eu tenho 4 vértebra colada, né?
- Ah, é?
- Tenho. E o médico...

**Antonio:** É o jeitinho brasileiro, né?

**Tãozico:** Nada a ver, né? Mas ele, quando ele olhou, ele pediu uma tomografia.

**Antonio:** É uma maneira de "Vou quebrar o galho do Tãozico."

**Tãozico:** Ele me pediu uma tomografia, que eu estava todo empenado, né? Eles me levaram... eu estava trabalhando até na Coca-Cola na época, eu empenei lá dentro que eles tiveram que sair correndo comigo. "Tem jeito de mexer com isso não. Seu caso é tudo complicado, rapaz."

**Antonio:** É, eles põem uma fitinha lá no raio-x, qualquer costela sai com o mesmo problema, aí aposenta.

**Tãozico:** Ele falou "Eu vou te falar, você tem... eu vou te dar um remédio pra você tomar o resto da sua vida e tal." "Não, eu prefiro a aposentaria, Doutor." Mas foi isso aí. "Eu prefiro me aposentar." Esse foi o remédio, foi a aposentadoria mesmo.

**Tãozico:** O Dr Ulisses não, e a primeira vez que você veio em 1975, ele ainda era vivo.

**Antonio:** Ainda estava vivo. Ele morreu quando mais ou menos?

**Tãozico:** Você veio aqui, em que ano? É, porque você voltou aqui com 22 anos.

**Antônio:** Então, eu vim aqui em 1975.
- É, ele era vivo ainda.

**Antonio:** Isso aí eu lembro que você me mostrou, porque ele ficava num bar aqui embaixo, né?

**Tãozico:** É. O café dele era uma cerveja. Inclusive, eu me lembro que quando o paciente chegava, ele olhava e dizia; "Eu acho que você tem um problema aqui, é o seguinte, toma isso aqui vai."

**Antônio:** Eu lembro, quando eu vinha, ele ficava aqui no... tinha um boteco aqui embaixo da casa. Aí você me mostrou ele. Na época eu bobeei, né, podia ter me apresentado, conversado.
- E ele era legal.
**Olga:** Tãozico, a Dona Marta não tinha filho não? Ela não se casou?
- Dona Marta?
- É Marta mesmo? Dona Marta.

**Tãozico:** Marta? Sérgio Ferreira? Ué, ela se casou, ué. Já que ele tá gravando aí, eu vou fazer uma fofoca aqui...
- Ela tinha filho? Era a mulher do Seu Tomás?

**Tãozico:** A Dona Marta tinha uma filha chamada Maria Tereza, que morreu agora, há uns 2 anos atrás.

**Olga:** Ah, até que ela é amiga da Graça, lá no Rio de Janeiro?

**Tãozico:** Era. A Graça foi trabalhar com eles, uai.

**Antônio:** Deixa-me lhe fazer uma pergunta agora, que é gozação só, mas é só pra tirar a dúvida, por que que o Major não se casou? Ele era...

**Tãozico:** O Major não se casou por paixão.
- Ele era...
- Não era.

**Antonio:** Não, porque é curioso, né, porque todo mundo se casa aqui na roça, né?

**Tãozico:** Ele apaixonou por uma pessoa...
- E fez juras?

**Tãozico:** Não, que era prima primeira dele. E, naquela época, eles proibiram os 2 de casar-se. E ele apaixonou [?] ele ficava assim... chamava-se Margarida. Eu morei com ele muitos anos. Mas ele ficava assim, cara, e falava assim "Oh, Margarida..." E ficou velho, rapaz. Ficou velho. Ele morreu já bem idoso.

**Antônio:** Não, porque é estranho, eu só fiquei sabendo dessa história agora lá, que me falaram que ele era solteiro, né?

**Tãozico:** Ele ficava, virava pra lá, ele falava o nome dela "Oh, Margarida... casa comigo, Margarida." Ele apaixonou tanto com a mulher e nunca mais quis namorar. Tinha uma faixa na casa dele que "Aqui mora um solteirão feliz."

**Expedito:** Agora, o estranho é como é que pode um cara solteiro... Ser feliz? ...naquela fazenda, sozinho, né? Aquela fazenda tão grande.

**Antonio:** Tinha a casa aqui, na cidade também.

**Expedito:** Não, mas ele morava lá na roça.
- Eu sei, mas uma vez por semana ele vinha aqui.
- Isso foi bem depois.

**Tãozico:** Tinha uma casa ali, ó, no prédio ali, no prédio em frente ao mercado ali, né? Ele morava ali também, mas ele... olha, eu vinha pra cidade, trabalhava o dia todo, pegava a bicicleta, vinha estudar, eu chegava lá em casa meia-noite, meia-noite e pouquinho...

**Antonio:** Ele estava te esperando lá?

**Tãozico:** Eu tinha que ir dormir lá na fazenda. "O café tá quentinho." Aí ele tomava café, aí ele ia dormir. Aí eu levava cedo, ia lá, esquentava o café, esquentava o leite, ia lá no quarto...Levava bandeja na cama dele.

**Tãozico:** Ele já tinha mais de 40 anos nessa época. Ia lá no quarto, batia na porta do quarto dele "Ó, o café tá quentinho, tá? O café tá pronto." Aí ele levantava, a gente tomava café, eu saía pro trabalho. Dia de sábado ele falava assim "Ó, você..."

**Antonio:** Vocês não têm foto, nada deles aí? Nada? Não tem? Naquela época não tinha máquina?
- Não, não tinha máquina.

**Jr:** Esse é o Major o que? Teixeira?

**Antonio:** É o Major... é o famoso que era o dono...
- Major Ferreira.

**Tãozico:** O nome dele é Lincoln. Lincoln Ferreira.

**Antonio:** Ele era... todo mundo... ele não era nem major, né, eles davam aqueles nomes lá, mas...

**Tãozico:** Eles falam que é apelido não sei de que lá no Rio, né? Ele foi pro Rio fazer exército.

**Jr:** Ele era o dono da Santa Maria?
- Ele era o dono da fazenda.
- É o famoso Major.

**Jr:** E a fazenda lá é Santa Maria?
- Que a gente foi visitar o engenho lá, tudo.

**Antonio:** Ele tinha vários irmãos, né? Tinha o Major Ferreira e quem mais que tinha?

Tãozico: Só mais 2. É, 3 mulheres. A Dona Lucila é uma irmã, e mais 2 homens, é o Doutor Ulisses e o Doutor Joaquim Ferreira. Ele era irmão do Major. Era o Doutor Ulisses, o Major e o Doutor Joaquim. E o Doutor Joaquim até tem um filho chamado Joaquim também. Tem um hospital no Rio de Janeiro, é dono do hospital.
- O Seu Tomás não era irmão dele também?
- Era. O Seu Tomás morreu e deixou...
- Não, mas quem que era o Tomás?

**Tãozico:** O Tomás era irmão do Major e do Doutor Ulisses. Eram 4, né? Era o Tomás, Major, Ulisses e Joaquim. E a Lucila.
- Que eu me lembro, quando eu era criança, se falava mais do Tomás e do Major.

**Olga:** O meu pai conviveu muito com eles, né?
- Sim.
- Nossa senhora.

**Expedito:** E ele fumava, né, Tãozico?

**Tãozico:** O problema dele era esse aí. Deu câncer de tanto fumar.

**Tãozico:** ... ele era uma pessoa... o Major era uma pessoa boa, gente.
- Todo mundo fala bem dele, né, todo mundo.

**Tãozico:** Ele fazia o seguinte, né, engordava capado (porco) lá, quando ia matar o capado, ele falava "Pode distribuir com todo mundo. O comunismo vai chegar aqui também, então divide com todo mundo aí."

**Antonio:** Mas é isso que eu ia perguntar pra você, que eu não tenho lembrança, eles deixavam entrar na fazenda, tudo normalmente, né? Não tinha nada de restrição?
- Não. Nada, nada.

**Antonio:** E eu não sabia, eu descobri hoje, aquela casa do Major perto da Tia Carminha é nova, né? Nova, que eu digo, foi feita depois que a gente nasceu, né?

**Lourdes:** É a casa que o Major morava? Não é, né? É na fazenda antiga.

**Tãozico:** Não, a fazenda era lá embaixo.
- Então, aquela casa ali em cima...

**Tãozico:** Depois da divisão, o Doutor Joaquim, um dos irmãos dele, que morava no Rio, que já faleceu também, ele cismou lá de dividir, que ele disse que ele estava tendo prejuízo, né? Que os irmãos estavam sugando-o. Então quis dividir. Aí dividiu.

**Antonio:** Aí o Major morou lá pra cima. Quando? Você lembra quando foi ali aquela casa ou não? Foi depois que eu mudei?

**Tãozico:** Foi lá pelos 1960... 60, por aí.

**Antonio:** Aquele pé bonito lá que eles cortaram foi de...

**Tãozico:** Quem fez aquela casa ali foi o papai, Tio João Lino e Tio Zelode.

**Antonio:** Ah, é? E onde que morava o Tio Zelode ali?

**Tãozico:** O Tio Zelode morava na fazenda do Doutor Ulisses. Você lembra onde era a fazenda do Doutor Ulisses? Lá mais em cima, numa gruta ali. O Tio Zelode morava ali.

**Expedito:** Mais pra frente do Tio Zelode morava aquela família de preto ali?

**Tãozico:** Isto. É ali. Então, ali era do Doutor Ulisses.

**Antonio:** Esse Doutor Ulisses eu me lembro, que se comentava dele.

**Tãozico:** Então, o Tio Zelode morava ali.

**Expedito:** Ali chamava de grota, né?

**Tãozico:** É, lá na grota do Doutor.
- Nós moramos lá? Não?
- Não.

**Antonio:** Nós moramos no... amanhã, 26/9/17, nós vamos lá visitar a Camelinha, (Fazenda Santa Maria) onde a gente morou quando voltou de São Pedro dos Ferros.
- Lá no Cruzeiro?

**Antonio:** No Cruzeiro. Quem que era lá? O Sebastião Ferraz, essas coisas?

**Tãozico:** É depois do Sebastião Ferraz.

**Antonio:** Então, mas nós moramos num tal de Sebastião Ferraz. (Quem morou no Ferraz foi a Nilza, nós moramos depois da fazenda dela. Na Camelinha).

**Tãozico:** Sebastião Ferraz? Então vocês moraram... é antes de chegar no Camelinha.

**Antonio:** É, que a Duduca é que sabe desses detalhes todos.

**Tãozico:** É, antes de chegar no Camelinha é o Sebastião Ferraz.

**Antonio:** Aquela árvore que eles cortaram lá na casa do Major, era carambola ou não?
- Cura-Madre? Lá no Major?
- É Cura-Madre.

**Antonio:** Mas não tinha um carambola lá?

**Tãozico:** Tinha um pé de carambola no terreiro.
- Eles cortaram também.
- Cortaram?
- Eu não sei.
- Cortou não. Até outro dia que eu fui lá, a última vez que eu fui lá, tinha.

**Antônio:** O que tinha lá que era... Cura-Madre. No Carnaval, eu me lembro que eu subi lá, que era uma árvore linda, não era carambola então?

**Antonio:** Que eles cortaram não era carambola?
- Lá tinha muito pé de jabuticaba, de...

**Antonio:** Então, mas a árvore principal que eles cortaram, que disse que tinha ali bem na entrada...
- Era um Cura-Madre. Era uma árvore imensa.
- Que que ele dava de fruta?

**Tãozico:** Dá fruta, mas de alimentação nada não. É só pra passarinho.

**Antônio:** É essa árvore que o papai brigava com a mamãe? Cura-Madre.
- Não, não, não. Isso é num outro lugar.
- O que tinha muito ali, ô, Antônio, era fruta-do-conde.

**Antonio:** Não, mas tem razão, porque era caminho pra chegar aonde a Duduca falou que era o pedaço que a gente produzia, que ele produzia. Tá certo. Mas eu sempre achei que ali era uma jabuticabeira.
- Não.
- Eles não cortaram então.
- Não, até na última vez que eu fui, o Cura-Madre estava lá.
- Com certeza. Aquelas plantas que têm do outro lado lá então devem ser as jabuticabas e os...
- É, acho que ainda tá lá.
- A gente não viu o Cura-Madre hoje lá.
- Não, foi o que ele cortou.

**Antonio:** É que eu achei que ele tinha cortado era o tal da jabuticabeira.

**Tãozico:** Tinha um banco lá... não era um banco, né? Era uma tora de madeira dessa altura assim, botaram... ele estava encostado no Cura-Madre e servia de banco.

**Antônio:** Porque quando eu vim no Carnaval a primeira vez tinha essa árvore lá.

**Tãozico:** Tinha. Ela durou até pouco tempo, que depois venderam agora pra...

**Antônio:** Foi depois que vendeu que o cara cortou. Devia ter 200 anos um negócio desses, né?

**Tãozico:** Igual ali, por exemplo, né, tem... pra cima da cabeceira, tem uma fonte de água ali que eu vou te contar, é uma relíquia, né?

**Antonio:** Mas é um crime o cara cortar uma árvore dessa, né?

**Tãozico:** Pois é, tinha que ser, né, Antônio?

**Antonio:** Porque o cara perde 200 anos de história, né, de coisa... e outra, não atrapalhava nada, porque ela viveu esses anos todos lá na casa. Vai tirar o sol da casa?

**Tãozico:** É o que eu falo, igual ontem eu estava te mostrando, aquelas queimadas do lado da minha casa lá que eles tão... que que vocês vão usar com aquela queimada que ele fez lá? Que que vai plantar naquilo ali? Não podia deixar o mato crescer, ficar bonitinho, sair umas árvores ali pra fazer uma sombra pros passarinho? Porque ali tem tucano, cara. Todo dia de manhã, vai uns tucanos pra cá, vai pra lá à tarde e tal. Bom, mete fogo? Tem muito. Tem muito, tucano.

**Antonio:** E tinha alguém que era apaixonado pela mamãe.

**Olga:** É o tal do Zizinho, que passava de carro, né? Era muito bonito. (Esse Zezinho era sobrinho da Minervina. Ele perdeu a mãe, Maria, irmã da Minervina. Ela morreu no parto dele em 1936. As irmãs cuidaram dele. Por isso o carinho dele por ela).

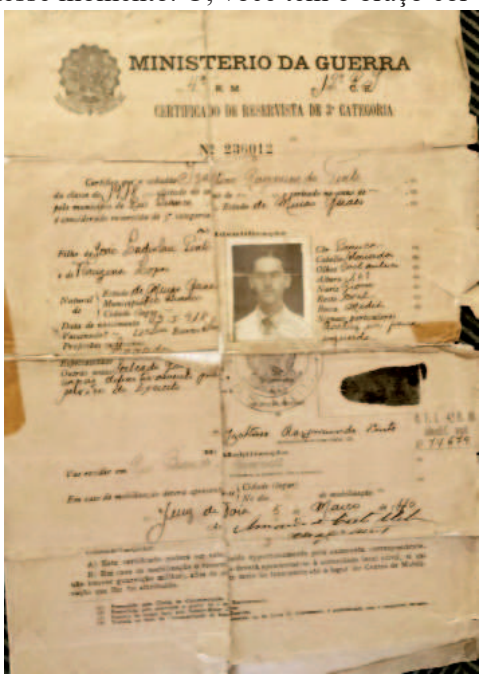
**Olga:** Então o meu pai nasceu em 1918, né?

**Olga:** E aí ele foi servir o exército com 18 anos? Então ele foi em 1936? .

**Antonio:** Não tem nada a ver.

**Antônio:** 18 anos, você tem que tirar o atestado de reservista. Aí você... tá escrito lá: eu sou apto ou não. E o governo diz; "Esse ano, eu não..." Isso até hoje. "Esse ano, eu não preciso de recrutas. Então você está dispensado, mas à disposição do exército." Por excesso de contingente.

**Antônio:** É, que chama excesso de contingente. Eu não preciso nesse momento. Ô, você tem o braço cortado, você não está apto pra servir o exército, então você está dispensado, você nunca vai ser convocado. Quem é apto, você tá dispensado por excesso de contingente, mas num caso de guerra, você é convocado. Então o meu pai, em 1938, ele foi intimado/convocado pra ficar de prontidão pra possível guerra.


MINISTERIO DA GUERRA

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 2ª CATEGORIA

Nº 230012

**Olga:** Ai, tadinho.

**Expedito:** E o gozado é que o meu pai...ele falou pra mim também que foi preso e tudo, mas meu pai era também exagerado.

**Antônio:** Não é difícil não, porque tinha uma regra que é o seguinte, se você não comparece... Agora você imagina o cara no meio daquele mato, chegar um telegrama pra ele? Vai ler o Diário Oficial? É, não tem. Ou alguém falou.

**Expedito:** Gozado que o meu pai contava essa história pra todo mundo...

**Antônio:** Eu tô falando tudo isso, porque eu tenho... e trouxe aqui, depois vou mostrar pro Júnior, eu tenho o certificado de reservista dele. Que é exatamente de março de 1940, de Juiz de Fora, que mostra que ele ficou lá.

**Olga:** E a minha mãe ficou grávida do Zezito, sozinha, tendo um monte de irmão pra cuidar.

## 26.09.17 pela manhã, indo de novo para o Clemente: (Papo no carro)

**Expedito:** Calçava a botina. Aí, quando chegava aqui nesse tal de João...

**Antonio:** O Lenheiro?

**Expedito:** Não, o cara da venda lá.

**Antonio:** Ah, o Filipinho.

**Expedito:** Aí tinha aqueles chouriços da hora, né, meu? Eu já comia logo um metro daquilo lá.

**Marta:** Se falar isso pro Júnior, o Júnior vai passar mal.

**Antonio:** Toda lavoura dava pra comer uma linguiça. Era mais ou menos assim, né? Você vendia os frangos, comia um pedaço de linguiça.

**Expedito:** Lá a gente tinha aqueles varais em cima do fogão, né, pra curtir aquelas linguiça, saía uma linguiça gostosa pra caramba, mas nunca tinha, né? Só quando matava um porco. E nas outras horas, que não tinha lá essa tal da linguiça, ficava com fome. Acabava comprando esses chouriço. Era muito comum a gente comprar chouriço.

**Marta:** Exatamente esse morro com esse matinho assim, me lembra onde nasci.

**Antonio:** Esse Filipinho, será que essa casa tá abandonada é? Que ela é bem antiga.
- Mas é desse lado aqui o tal do Filipinho, né?




**Expedito:** Desse lado. Isso aí eu nem lembro o que que era. Eu acho que era uma granja de galinha.

**Antonio:** Devia ser.- E era aqui? O Filipinho era aqui? Aí que era o Filipinho, que é a venda dele. Tá abandonado mesmo. É. Eu lembro do... vocês falam agora os nomes, eu me lembro, né, porque minha mãe falava muito do Filipinho.

**Expedito:** É muito famoso esse Filipinho aí, porque ele...- E aqui era na porta da entrada, né? E ele era muito gente boa, vendia fiado. Bom, aqui todo mundo vendia fiado, né? Sem fiado, esquece.

**Antonio:** Eu lembro quando eu vim com o Gaúcho, você lembra? Que esse morro, o carro, o fusquinha, não subia, cheio de barro. Foi por aqui, não foi?

**Expedito:** Foi, foi. Entalou o carro. Ah, você teve umas passagens dramáticas por aqui. Lembra daquele chevettinho também, que você teve que parar no meio do caminho?

**Antonio:** Foi o Chevette ou foi o Fusca do Gaúcho? Foi o Fusca do Gaúcho que atolou, né?

**Expedito:** Sei lá. Eu sei que você tinha um Chevette sem vergonha que não rodava de jeito nenhum.
- Mas olha a inclinação ali, cheio de barro.

**Expedito:** Se bem que o Chevette, pra aquela época, ele era o carro, né?

**Antonio:** É. Opa. Eu cheguei em Juiz de Fora com ele, indo pra São Paulo com a Minervina, estourou a mangueira lá. Mas estourou a mangueira lá em Juiz de Fora. Eu tive sorte, rapaz. O cara me ajudou, ele levou não sei onde, trocou. Num domingo, tudo fechado. Se bem que agora dá pra arriscar vim pra cá com... final de ano, porque com asfalto não tem perigo mais, né?

**Expedito:** Agora já dá pra arriscar, porque a melhor época, na minha opinião, de vim pra cá, em dezembro, isso aqui era barro puro, na chuva, você não conseguia... Dezembro, pra mim, aqui é tudo de bom.

**Antônio:** Você não lembra, né, Junior, quando você veio aqui pequenininho?

**Júnior:** Ah, a memória que eu tenho é do Carnaval, que eu já tinha 6 anos... 7?

**Antonio:** 7 anos. É. Foi em 85? 85 ou 86. 85, provavelmente, que tinha 7 anos, que a gente ficou lá naquele hotel. Nós não ficamos no hotel não...

**Olga:** O Júnior não teve a chance de vim com a mãe, né? Pra ficar tudo largado aí no meio do mato, as formiga comendo tudinho.




**Antônio:** Ele veio. Nesse Carnaval, ele veio com a mamãe. Mas a gente ficou lá no Tãozico.

**Olga:** A minha mãe soltava os moleques no meio desses mato aí.

**Antônio:** É, ele veio com a mamãe, mas a mamãe ficou aqui na roça.

**Junior:** Mas a vó veio naquele Carnaval? Eu não lembro dela. É que ela ficou aqui, né? Eu lembro só dos meninos lá.

**Antonio:** Veio o Nélson também, lembra o Nélson? O Nélson ficou no hotel.

**Expedito: Tem um lance que eu lembro da minha mãe, quando nós chegamos lá, só veio eu e a minha mãe... gozado, como é que pode, né? Quando eu vim com a minha mãe, só eu e ela, eu achava tão esquisito, né? Eu falei "Caramba..." Eu não sei explicar pra você por que que achei estranho eu com a minha mãe aí, só eu e ela. Eu lembro que quando ela chegou assim ali, né, ela deu aquela batidinha de pé assim, né, e correu pra abraçar a Tia Carminha, o resto do pessoal, mas aquela saudade que ela tinha...**

**Antonio:** Falava de vim pra Minas, a danada saía que...

**Marta: Nossa, ela já estava... Quando eu vim com ela, gente, como ela era forte, né? Eu falava pra ela "Mãe, quer que faça uma parada pra senhora esticar as pernas, tal?"**

**Antonio: Imagina, eu ia direto. Toda hora ela dizia, "Não, tá muito bom, pode tocar." Os 600 kms, ela entrava no fusquinha aqui atrás, ia... não tinha...**

**Marta: Exatamente. "Não, tô com pressa, vamos chegar logo." É isso mesmo que ela falava "Não, vambora, vambora, minha filha. Pode ir."**

**Antonia: Doida pra chegar. "Eu tô boa. Tô boa." Não reclamava de nada".**

**Expedito:** Isso aqui deve ser alguma coisa de comércio, né? Aquele negócio bonito lá em cima.
- É, pode ser alguma pousada, né?
- Pousada, alguma coisa nesse sentido.
- Ou casa, né? O cara deve ter comprado aí e tá fazendo a casa dele.

**Expedito:** Ah, é bem da ora, viu?
- Tá trocando de mãos, né? Já entra um pessoal com mais dinheiro, com...

**Expedito:** É que nem eu falei, né? Agora já vale a pena você ter alguma coisa por aqui.

**Antônio:** Agora não vale mais, porque agora tá caro. Tinha que ter sido 15 anos atrás.

**Expedito:** Aquele marido da menina lá, da filha da...Regina... ele já comentava isso aí há alguns tempo atrás, essa tal de Sementeira aí já tinha valorizado, ó, muitas coisas.

### Chegando na casa da tia Carminha:

- Quem que morava aqui?

**Expedito:** Aqui que morava aquele corcunda, né, o irmão da tia. Como que ele chamava?
- José Lafaiete?
- Não.
- Ah, Duduca. Você pergunta lá pra Duduca.
- Aquele da coluna torta.
- Vamos perguntar pra Duduca. (Era o Zé Venturinha).

**Marta:** A memória viva da minha família.

**Antônio:** Uma pena o Zezito não vir, né, meu?

**Expedito:** Apesar de tudo, ele é bem divertido, né? É só não levar a sério as broncas dele.

**Antônio:** Ai, não é por isso que eu não trouxe, é porque ele tá com esses problemas todos, né? Da chatice dele não tem problema nenhum.

**Expedito:** Uma das coisas que incomoda mesmo é um tal de ficar indo no banheiro toda hora.

**Antonio:** Então, isso não dá, né? Numa viagem dessa, como é que você vai fazer? É muito trabalhoso.

**Pegamos a Nilza, na tia Carminha e fomos visitar os locais. Todos, curiosos para a Nilza nos levar até a Camelinha onde moramos em 1960 na volta de SPF.**

**Antonio:** E onde é o tal do corcunda?

**Expedito:** Não, ali, onde nós passamos lá.

**Antônio:** Eu sei, mas agora vamos contar a história do corcunda aí que o Expedito não sabe.

**Expedito:** Ah, sim. É o filho do Zé Ventura.
- Quem que era o corcunda?

**Nilza:** É o Zé Venturinha.

**Olga:** Ô, Duca, mora gente nessa casa ali?
- Mora gente ali?
- E mora uma menina sozinha.

**Nilza:** Diz que só ficou ela e o irmão. Tem um que tá em São Paulo, né? Só ficou ela e um irmão, mas diz que esse irmão não para aí. A Tia Carminha falou que ela fica mais sozinha de que... e ela foi lá ontem. A cara do pai.

**Antonio:** Aonde nós vamos então? Lá no Ferreira?

**Nilza:** Nos Ferraz, menino!

**Antonio:** Ferraz. Tá vendo como o Expedito é legal? Não, mas tem o Ferreira, não tem?

**Antônio:** É, porque eu lembro do Ferreira, mas o Expedito é uma maravilha, viu, Duduca? Ele sabe tudo... risos.

## 26/09. Olhando onde era a Fazenda Santa Maria, dos Ferreira:

Essa fazenda foi onde todos trabalharam, até nossos avós. Em 2003 ela já estava abandonada. Em 2017 não tinha sobrado nada. Vejam as nossas reações:

**Antonio:** Aí, Duduca, você viu aí como derrubaram tudo?

**Olga:** Duduca, aí que era a fazenda mesmo?

**Antonio: Deixaram só um pedacinho de uma parede, ou muro? ali.**

**Nilza: Meu Deus do Céu, não acredito.**

**Antonio: É, derrubou tudo. Tiraram todo o...**

**Expedito: Só restou aquele muro lá, aquele pedacinho.**

**Antonio: Só a muretinha. Sem-vergonhas, né?**

**Nilza: Não acredito, não acredito, não acredito.**

**Expedito: Como é que pode, né?**

**Antonio:** Vergonha. Derrubaram todo o manguezal a troco de que, meu Deus do Céu?

**Nilza:** Isso aqui, ô, Antônio, aqui era o terreirão de secar café.
- Aqui, né?
- Isso eu me lembro.




**Expedito:** Por que que não deixaram esse troço sem derrubar, né, meu?

**Nilza:** Apanhava o café e virava tudo aqui. Ia passando o rodo assim, ó, e punha pra secar.

**Antônio:** O cara compra, Expedito, ele não tem a história de vida, então pra ele não tem valor nenhum. É uma sacanagem, né? Esse terreirão agora que você tá falando, eu me lembro, porque a gente chegava aqui, estava todo o café, né?




**Olga:** Ah, não, dá uma tristeza, né? Então, a última vez que eu vim, 2011, já estava tudo abandonado. A gente entrou...

**Antonio:** Tudo muito abandonado sim.

**Olga:** A gente entrou, em 2011, viu onde tinha as máquinas onde os meninos trabalhavam, né, o Zezito, de moer cana, o alambique, mas só estava os restos.

**Antonio:** Aquela casinha lá devia ser... o que que era? Que essa é nova então?

**Expedito:** É a casa de máquina, não era?
- De máquina?
- Dos motores de gerar energia?

**Olga:** Tá tudo no seu DVD, ô, Antônio. Nós tiramos fotos das maquininhas ali.

**Expedito:** Que ali tinha um gerador. Que a água vinha de lá, debaixo, do tal de açude que tem ali na frente e fazia funcionar o gerador.

### Indo para a fazenda dos Ferraz, Cordeiras e Camelinha:

**Expedito:** Ó, aqui já começa a fazenda dos Ferraz, porque era um monte de irmão também.

**Nilza:** Aqui é o Francisco Ferraz.
- Ah, isso aí a mamãe falava.

**Nilza:** Aí, em seguida vinha a Fazenda do Eurico Ferraz. Ali era o moinho, onde faz milho, fubá, faz aquelas coisa lá.

**Antônio:** Não era aí que eu vinha a cavalo trazer o milho não?
- Isso.

**Antônio:** Ah, eu lembro que eu ficava sozinho no cavalo e trazia o milho. Eu vinha sozinho trazer o milho.

**Nilza:** E aqui, essa casona que tá fechada aqui, desde quando a Dona Joaninha morreu, fechou, ninguém nunca entrou.




**Olga:** Mas a estrutura é a mesma, Duduca, daquela época?
- Ali é. Ali é a mesma coisa.

**Antonio:** Deixa eu entrar aqui naquela casinha para um ver mais pouquinho.

**Nilza:** E aí mora o padrinho do Toni, o meu. Ele não conhece a gente mais não. Francisco Ferraz.

**Antonio:** Eu lembro que eu vinha a cavalo, mas isso já foi depois que voltamos de SPF, né?

**Nilza: Mas entrava por lá. Expedito, você lembra que nós passávamos aqui um dia, os cachorros vinham morder?**
**- Lembro.**

**Nilza: Você se deitou e fez assim com o porrete assim, ó. Deitou no chão...**

**Expedito: Era um inferno pra... todo lugar que você ia tinha uma cachorrada.**

**Nilza: Tudo. Mas era... antigamente, era cachorro bravo mesmo.**

**Nilza: ... se o cachorro visse, nossa senhora! E o Expedito com o porrete, né, se deitou no chão e começou a espantar o cachorro até aparecer alguém da fazenda.**

**Nilza:** Talvez, até lá tem mais uns 10 a 15 minutos. Aqui, tem um açude, que ele... tá vendo ali a passagem dele ali, ó? Ele vinha aqui, ó, ia embora pra lá, até a fazenda, pra gerar energia lá na...
- Ah, aqui, ó, que tem um canal, né?

**Expedito:** Tem um canal. Pra gerar energia no gerador da fazenda de lá. E era fornecido por esses fazendeiro daqui. É, isso aí eu não me lembro não. Expedito: E um açude que você olhava pra ele, você tremia de medo. Ali na frente, ó.




**Júnior:** Do que que você lembra aqui?

**Antônio: Não, a Duduca que falou, porque eu lembro de... eu mesmo arriava o cavalo e eu trazia milho pra algum lugar aqui que era pra fazer o fubá. E ela tá dizendo que era aqui que tinha um moinho. Então era aqui, mas eu não... lembro do fato, mas não lembro do local.**

**Expedito:** E nós, ali no fundo daquela fazenda ali, bem lá embaixo, a gente ia estudar lá embaixão. Passava ali por trás dessa fazenda aqui. E lá tinha um engenho, né, a todo vapor, fazendo rapadura e tal. E a gente parava lá pra tomar uma garapa ou pegar aquele melado... jogava o melado quente na água, virava a tal de puxa, né?
- É o puxa-puxa.

**Expedito:** E aí você ficava com aquele negócio. Era muito legal. E a gente passava aí, aquela molecada, pra estudar lá não sei onde, lá embaixo.

**Jr:** E aqui tinha os cachorros?

**Expedito:** Tinha os cachorros. Será que não tem ninguém aí não? A casa parece vazia.

**Expedito:** E ele tinha bolado um sistema ali de... na beira do açude, que tinha... ele fazia churrasco ali e tal, tinha um monte de pé de manga.

**Nilza:** Lá tem os negócio lá.

**Expedito:** É? E era ele que tomava conta naquela época.

**Nilza:** Aquilo ali é dele, Expedito.

**Nilza:** Mas agora ele tem os empregado pra tomar conta, né?

**Expedito:** Naquela época então, ele não estava trabalhando de empregado lá na cidade?

**Nilza:** Não, não, não. Ele foi pra cidade faz pouco... muito tempo, depois sossegou, né?

**Expedito:** E quando eu vinha aí, a gente começou a recordar junto, né, porque ele ia daqui pra Rio Branco todo final de semana de bicicleta. E ficava lá no hotel que eu trabalhei.
- Olha!

**Nilza:** Esse açude daí do Ulisses tem até jacaré.

**Expedito:** Então, o açude principal é logo ali, não é?

**Nilza:** É lá na frente. Ah, mas com essa seca, não tem mais jacaré lá não. Mas quando a gente veio, a gente chegou a ver o jacaré, quando eu vim na última vez.

**Olga:** Então, tô falando agora, porque tá muito seco o tempo, não tem água, porque parece que não tem, né?

**Expedito:** Última vez que eu vim com a mamãe, 1995, eu cheguei a ver o jacaré.
- E essa daí tá abandonada também, certeza? Olha.
- Agora daí não dá mais não.
- Aí, ó, é uma fazendinha.

**Antonio:** Se a Duduca não lembra...

**Expedito:** Essa aqui não é do Eurico?

**Nilza:** Não, mas não chegou ainda perto do Eurico não, ô, Expedito. É mais longe. Eurico Ferraz?

**Expedito:** A gente vai passar no Bastião Ferraz primeiro. Então o tal da lagoa é por aí, ó.

**Nilza:** ... o Martins Ferraz, irmão daquele homem da fazenda lá.



**Antonio:** Ah, esse nome também eu me lembro.

**Nilza:** Irmão daquele da fazenda lá. Já morreu tudo também já.

### Olhando o açude principal:

**Expedito:** Óia o tamanho do açude, mete medo em qualquer um.

**Nilza:** Na época eles fechavam a entrada tinha uns cadeados são dessa grossura assim, ó.
- Isso com a seca, né? você imagina... ele deve vir até aqui, ó.

**Expedito:** Dá um medo disgramado de ver esse troço aí, meu.

**Antonio:** Você não nadou aí com o João?

**Expedito:** Oxente, eu não tenho coragem nem de chegar perto disso aí.
- Ah, ninguém sabe, né? Que ele é traiçoeiro.

**Expedito:** Eu entrava em tudo que é rio aí, mas quando chegava nesse açude aí, eu ficava horrorizado. Ó, os coqueiros, gente, plantado em fileira, coisa linda.

**Nilza:** A gente ficou sentado aí na beira do açude aí conversando com a minha comadre, depois o marido... o meu primo... é a mulher daquele outro lá que morreu, aí ela foi pra cidade.

**Jr:** Quem que morava aqui?

**Nilza:** É filha desse Ferraz. Casada com o nosso primo, entendeu?

**Expedito:** A água que era transportada pra lá, corria 24 horas naquele canal ali. Não, Marta, você precisa ver que esse canal, ele fazia gerar energia lá na fazenda dos Ferreira e com aquela água corrente o dia inteiro.

**Antonio:** É. Não, você vê que tá seco... na época de chuva, isso aqui deve encher de água tudo, né?

### Já a certa distância do açude, indo pra Camelinha




**Nilza:** Ó, aquela casinha ali é onde o João, meu filho, nasceu, ó, naquela casinha.
- Onde?

**Nilza:** Onde o João nasceu, naquela casinha ali, ó.
- Que casinha?
- Ai, daí eu quero fotografar a casa que o João nasceu.
- Que nós passamos lá.
- O João qual? O João...

**Nilza:** O João meu filho.
- Eu sei. Tire umas fotos aí.
- Era aqui?
- Nessa aqui?

**Nilza:** É, aí. Ai, que medo que eu tinha.

**Jr:** você morou aqui?

**Nilza:** Nossa, morei. O João nasceu aí.
- Olha só.

**Expedito:** Mas a casa é outra, né?
- É outra.

**Nilza:** Era a casinha de pobre lá. Aí disse que tinha morrido um homem aí, né? Aí disse que todo mundo que passava na estrada...Todo mundo que passava na estrada disse que via o pé do defunto e eu morria de medo de ficar sozinha aí. Ficava velando o homem.




**Olga:** Não é esse que ele falou que o pé é igual ao pé da Cuca?

**Nilza:** Não, não. Não é esse daí não. Esse é o irmão da Vaninha. Era o irmão da Vaninha. Ai, meu Deus.

**Antonio:** Morava todo mundo então perto aqui, né?

**Nilza:** Então, aí eu morava aqui e a mamãe morava no tal de Camelinha lá. Então, aí diz que tinha morrido um homem aí e eles colocaram... fizeram o velório, né, e da rua as pessoa viam o pé do homem. Aí começaram a falar, eu tinha medo de ficar sozinha.

**Nilza:** ... eu vinha na casa da mãe buscar água pra não ir lá, descer sozinha lá embaixo. Como é que a gente é bobo, né?

**Olga:** Tanta coisa pra ter medo, ela tinha medo do defunto. Olha que interessante.

**Jr:** E aqui? Aqui é a antiga.
- E aí, Duduca? Essa?

**Nilza:** Deixa eu ver se eu lembro.
- Não lembra?
- Essa aí é bem antiga, hein?
- Tá abandonada.

**Olga:** Aquela que você morou quando casou não tem nada a ver com esse lado aqui, né?



**Nilza:** Não, não. É lá na... onde mora o Vadinho.
- Tá lá ainda?

**Nilza:** Não, não, não. Lá acabou. Agora é tudo plantação, não é mais casa.

**Olga:** Quer dizer que a gente vinha lá de onde eu morava pra cá, pra sua casa, andando, né?
- É.

**Expedito:** A próxima agora é a fazenda do Eurico, né, ô, Duduca?

**Nilza:** É, agora precisa ver onde é a fazenda do outro. Não é por aqui não, é mais longe ainda. Eu acho que é mais longe.
- Nossa, aqui, a estrada, não asfaltaram, não. E nem vai asfaltar.

**Olga:** Será que ainda tem aquele rio que dava aquela enchente brava?

**Expedito:** Essa entrada aqui não é aquela entrada que ia lá pra aqueles Cordeiro lá? É essa entrada aqui?

**Nilza:** É lá onde o Tio Rogério morava, né?
- Então, não é aí?
- Eu acho que é essa aqui, não é aqui?

**Expedito:** Então, essa entrada aqui é onde morava os Cordeiros.

**Nilza:** É, já tô conhecendo a casa lá.
- Que casa?

**Nilza:** Uma casinha lá que é do nosso tempo.
- Quem morou aí?

**Nilza:** Não, não morou ninguém. É só do nosso tempo.
- E que fazenda que é essa aqui?
Essa aqui já faz parte do Bastião Ferraz. Expedito?
- Já é a do Bastião?

**Nilza:** É, já faz parte do Bastião Ferraz. Só que acabou as fazendas, né?

**Antonio:** Ah, sim. Vai ficar só lembrança, né, de alguma coisa.

**Nilza:** A gente sabe que não ia achar mesmo, né?

**Antônio:** Mas você é boa, que você vai saber onde era a casa.

**Nilza:** Aqueles meninos, nossos primo lá, se viesse com a gente que era bom, né, que eles... mais antigo, nunca saíram daí.

**Antonio:** Ah, mas não sei se eles andavam por aqui também. Isso é quando a gente voltou de São Pedro dos Ferros?

**Nilza: Diz a Cumadi Carminha que a casa do Camelinha, que a mãe morou, ainda tá lá.**
**- É?**

**Nilza: É. Diz que muito acabada, muito abandonada, mas tá.**

**Antônio:** Ah, o importante é só ter o espaço, pelo menos uma referência, né? É o importante. Aqui?

**Expedito:** Ô, Duduca, a fazenda do Bastião Ferraz? É bem perto lá de onde a gente morou?

**Nilza:** Onde a gente entrou, né?
- Ali, que que é?
- Parece que era aqui, ó.
- Mas é que não tem mais.

**Expedito:** Não era aqui a fazenda do Bastião Ferraz?

**Nilza:** Não, ela ficava bem num morro assim.
- Então, olha, ali tem um morro.

**Expedito:** Tô achando que era aqui, hein? Porque era próxima de onde a gente morava, lá no Cruzeiro. Tô achando que era essa fazenda aí. A gente ficava trabalhando ali naquele morro, ó, carpindo.
- Presta atenção, Expedito, vai puxando a memória aí.

**Expedito:** Vamos esperar aquele peão chegar. Esperar aquele peão chegar pra perguntar. Dá um alô, fala pra ele vim mais rápido.
- Então encontra ele lá, coitado.
- A gente encontra lá. A gente para ali, você vai lembrar.

**Jr:** Vocês trabalhavam aqui?

**Expedito:** Sim, a gente vinha trabalhar pra ele aí. Ele não é daquela época.
- Claro que não, né?

**Encontro com o Gilson, um neto da Dona Milota, essa senhora era muito comentada pela Minervina, na época:**




**Antonio:** Bom dia, tudo bem? A gente estava só querendo tirar uma dúvida. Aqui era a fazenda do Seu Sebastião Ferraz, antigo ou não?

**Gilson:** Lá embaixo.
- Ah, embaixo.
- Entra aqui.




**Gilson:** É lá na frente? É na porta do morro, né? Perto do morro.
- Não, é do lado de cá.

**Antonio:** Ah, a casa está ainda lá? Legal.
- Ah, é?
- Epa, que bom.
- Porque nós nascemos por aqui.

**Expedito:** Então, mas essa daqui tem alguma coisa a ver com os Ferraz também ou não?
- Tem sim

**Antonio:** De quem é essa... essa aqui quem morava aí?

**Gilson:** Dona Milota, minha vó.
- Ah, a Milota.

**Gilson:** Sou o neto dela, uai.

**Antonio:** Nós somos filho do Seu Izaltino e Dona Minervina. Nós moramos aqui quando éramos crianças. A Dona Milota, quando eu era criança, eu lembro da minha mãe falando. A gente morou no Camelinha.
- O que que você é deles?

**Gilson:** Neto. Eu sou neto da Dona Milota.

**Antonio:** Você tá com quantos anos?

**Gilson:** 60. Nasci em 1957.

**Antonio:** Ah, então você não tinha nascido quando a gente circulou por aqui, que eu saí daqui com 6 anos.

**Gilson:** 6 anos? Eu só lembro da minha vó, eu estava com 8, 9 anos.

**Antônio:** A Dona Milota, minha mãe falava muito dela, mas eu fiquei só na recordação do nome.

**Expedito:** Que nós moramos aqui na fazenda do Bastião Ferraz, bem lá perto do Cruzeiro.

**Antonio:** Mas isso foi em 1960/1961. Aí a gente voltou pra São Pedro dos Ferros e de lá a gente foi pra São Paulo.

**Expedito:** Você lembra... chegou a ouvir falar, por exemplo, desse... outro fazendeiro Sinuca, tinha um nome...

**Gilson:** Alembro uma época. Eu era pequeno, mas eu lembro. Sunica. Na Camelinha ali. Ele tinha um fazendão.

**Nilza:** A gente morava ali pertinho.

**Olga:** Isso. Meu pai trabalhava lá com ele.

**Gilson:** Nessa época, eu já estava na minha vó, quando eu morava... a gente morava numa casinha véia ali, depois fizemos casa pra cá aí eu já estava com uns 12 anos mais ou menos, que ele não viveu muito, e gente boa, tá? O Sunica era um trabalhador que dava...

**Expedito:** Ele era tão legal que ele liberou a filha dele pra namorar comigo.

**Gilson:** Aí, tá vendo? Gente boa. Risos. A filha dele chamava-se Venina.

**Olga:** Gente, essa memória boa é mal de mineiro. Olha esse homem, como ele lembra.

**Marta:** Você viu menina? É uma enciclopédia.

**Gilson:** É Venina... não alembro. Mas o Sunica, ele capinava, o homem já estava com 65, 70 anos, mas dava prazer conversar com o homem. Era muito gente boa.

**Expedito:** Ele era tão gente boa, porque eu e o meu irmão, o João, mais novo, 2 anos mais novo que eu, a gente pegava o maldito de um cavaquinho e toda noite a gente ia pra lá, naquele alpendre dele, né, encher o saco. A gente ficava enchendo o saco.

**Gilson:** Fazenda velha. Embaixo era o porão pau de fumo.

**Expedito:** Isso. E ele ficava pacientemente ali.

**Gilson:** Ó, tinha um filho dele, homem, o Zé, o outro estava em São Paulo, mudou pra Rio Branco, faleceu... é o... esqueço o nome também.
- Jair?
- Jair. Exatamente. O Jair mora lá ainda?

**Gilson:** Não, o Jair morreu.
- Ah, é?

**Gilson:** Morreu. Ele veio de São Paulo, mudou pro Barreiro. Deve ter uns 2 anos que ele faleceu.

**Expedito:** Mas ele morreu novo então?

**Gilson:** Novo. O Jair morreu novo. Não é problema de saúde. O Zé sumiu no mapa. O Zé tinha problema de juízo, você lembra, né? O Zé era meio sem juízo, mas o Sunica não, o Sunica era homem, como diz o outro, direito e cabeça. O Zé não era cabeça. Era meio doidão.

**Expedito:** Agora, o Jair, eu lembro, quando eu voltei aqui há muitos anos atrás, eu me informei e achei ele. Ele ficava do lado de lá, né?

**Expedito:** Até preguei uma peça nele, eu encostei o carro lá e desci lá, né? E falei "Eu tô trazendo uma intimação aqui pra você, pra você assinar, negócio duma encrenca aí e tal, que aconteceu e tal." Ele ficou assustado pra caramba, porque ele não me reconheceu. Aí, quando eu falei que eu era eu, ele riu.




**Gilson:** O Sunica, a primeira mulher dele eu não conheci não, morreu. Ele amigou, casou-se com uma outra e moravam ao lado ali do [?] lá, ela chamava Nair... não, Jandira. Ela mora em Rio Branco. Jandira é viva hoje, mora no bairro Formiga.

**Antônio:** Minha mãe falava muito deles. Engraçado, né, eu não tinha ideia desse período que eu morei aqui, quer dizer, eu lembrava disso como se fosse São Pedro dos Ferros, né? Muito engraçado.

**Jr:** Quem que era essa Dona Milota?

**Antônio:** Ah, era dos parente deles, né, dos tal dos Ferraz. Tudo aqui era família, então eles tinham, pelo que eu estou percebendo, cada um tinha um pedaço de terra, uma fazenda, mas todos se... um grudado no outro, né, então é bem... quando ele falou Milota, eu me lembro, a minha mãe falava muito dela. Aliás, o papo aqui era sobre eles, né, todo mundo...

**Antonio:** E onde que era a casa? Era... aquela branca. Era a fazenda, né, da... casa da Dona Milota.

**Gilson:** O Sebastião Ferraz ali tinha um cafezal, um engenho de motor a diesel, motor a óleo quem fala antigamente, o Sunica, a falecida minha vó, então são tudo recordações boas que a gente tem.
- É boa, com certeza.

**Gilson:** E tem gente que fala assim, eu não gosto de lembrar dos tempos antigos e coisa. E eu já gosto de lembrar das pessoas boas.
- Com certeza.

**Gilson:** Neto da Milota: Se nós aqui na Terra não prestar, vamos supor, eu não conheço vocês, vocês agora tão me conhecendo, mas eu acho assim, se um cara não combinar comigo, ele não prestou pra mim, depois que ele morrer, eu não vou falar que ele é bom não, eu vou falar que ele é ruim, não é verdade?
- Sim, tá certo.

**Gilson:** Né? Agora, o Sunica, Sebastião Ferraz, a falecida minha vó, tinha uma fazenda grande que nem o Sunica, até maior, tinha aqui uma porcada, vaca de leite, boi. Acabou tudo, tudo.

**Antônio:** E do outro lado lá, onde a gente morou, que era do Major, vocês conheciam lá também ou não?
- Do Major?
- É, aqui do... no Clemente do Meio.
- Conheço.

**Antônio:** Eu nasci lá no Major Ferreira. E o Tomás Ferreira do lado de cá.
- Isso, isso, isso.

**Gilson:** São tudo gente boa. O Tomás era um coração de ouro.
- Mas derrubaram a casa lá do Tomás, né, aquela casa antiga deles?
- Derrubaram.
- Quem que comprou lá, que acabou derrubando?

**Gilson:** Aquilo ali, o Tomás do lado de lá de cima, daquela matinha?
- Isso, o de cá, onde tinha o...
- O de cá, que é aquela fazenda ali que desmancharam?

**Gilson:** Um vizinho, conhecido meu, comprou e eu ainda falei com vários amigos meus.
- Uma judiação derrubar aquilo.
- Olha, desmanchou uma coisa que, hoje, é... como fala?
- É um patrimônio, né?

**Gilson:** Um patrimônio, que são coisas antigas...

**Antônio:** Eu comi muita manga lá. Pois é. Ali tinha uma fazenda velha, um alambique de cachaça, uma casa ao lado, um bambuzal, jabuticaba, mangal.
- E tinha os manguezais lá, que eram...
- Manguezal. O rapaz cortou.
- Eu lembro de criança que a gente... pô... pra que? Pra que jogar aquilo fora?

**Gilson:** Olha, o rapaz comprou aquilo lá... ele comprou, um cara controlado de vida e destruiu aquilo tudo. Pra mim, ele acabou com o patrimônio.
- Sim, acabou. Foi isso mesmo.

**Gilson:** Né? Porque coisa antiga a gente não se acaba, a gente conserva.
- Deixa guardado lá, né?
- É coisas boas pra gente.
- Ainda se fosse pra necessidade, por exemplo, eu preciso, vou construir um...
- Mas ele não precisava, ué.
- Não, o cara derrubou e deixou lá. Pô, deixa do jeito que estava.

**Gilson:** É que nem a fazenda da minha vó aqui. A minha vó tinha uma solteirona, filha dela, faleceu tem uns 10 anos, e não tinha luz lá e eu tinha aqui, ela casou com um viúvo, gente boa pra danar também, mas muito inseguro, não queria botar luz pra ela. Eu peguei e puxei a luz do meu transformador, falei "Ô, Tia, a senhora é a segunda mãe minha, minha mãe faleceu bem antes..." Tinha ali onde mora aquele pé de manga, a fazenda lá, nós atravessávamos uma tábua num córrego d'água e todo dia gritava, Dona Milota "Traz os menino pra cá." Nós íamos pra lá à noite. Quando não ia, ela gritava nós, buscava nós.

**Antonio:** Como é que é teu nome mesmo? Gílson? Foi um prazer te conhecer.

**Antônio:** Mas vem cá, pelos comentários que eu ouvi então, você ficou como herdeiro da Milota?

**Neto:** Pois é. Com certeza, herdeiro da Milota, mas eu sei dizer que eu cuidei dela, cuidei até na última hora, coitada.

**Antonio:** Ô, Gílson? Ela quer perguntar uma coisa.

**Nilza:** Deixa eu fazer uma pergunta pro senhor. O senhor lembra da primeira mulher do Sunica?

**Gilson:** Do Sunica? Não, não alembro. Essa não.

**Nilza:** Ah, tá. Sabe por quê? porque a gente morava pertinho dela, eu estava esperando neném e ela também. Então, quando nasceu o meu, ela foi na minha casa visitar. Eu morava ali, no Bastião Ferraz também, lá em cima. Aí, no outro mês, tadinha, ela ganhou o neném e ela morreu com o neném e tudo.

**Gilson:** Pois é. O Sunica falava com o meu pai sobre isso aí. Morreu de parto, né? Verdade. O Sunica isso aí eu já estava de maior, aí depois o Sunica casou com uma outra vizinha, do lado ali, chama Jandira.

**Nilza:** Tá brincando?

**Gilson:** A Jandira mora, hoje, no Rio Branco.

**Nilza:** Então, eu tive o neném, nós duas estávamos esperando neném. E ela perdeu. Eu tive e ela... e quando o meu nasceu, o João, quando o meu nasceu, em 28/11/1960, ela foi visitar, e eu lá de dieta, e no outro mês ela morreu.

**Gilson:** Tadinha, isso que ela morreu nova, morreu de parto. Exatamente. É, mas a vida é isso mesmo, a gente tem que conformar, né? Ô, gente, mas foi um prazer, viu?

**Antonio:** Brigado, Gílson. Brigado pela informação. Ajudou bastante.

**Gilson:** De nada. Foi bom conversar junto aqui e relembrar dos tempos bons, dos nossos avôs e dos amigos, né? Tá certo. Tchau.

**Marta:** Ai, que figura, né? O moderno e o antigo. Nossa, eu fico tão emocionada com essas coisas, gente do Céu! É duro, né, de segurar?

**Seguindo para a Camelinha, onde moramos em 1960 e 1961:**

**Antônio:** Eu ajudava a ele (Izaltino) a fazer aqueles rolo de fumo. Tinha os varais assim, Marta, ele pegava aquela folha molhada não sei de onde, enrolava ali.
- E foi aí que o pai começou a fumar?
- Não, ele já fumava...

**Nilza:** Imagina, o papai começou a fumar disse que tinha não sei quantos anos.

**Expedito:** Tinha aquela plantação de fumo... Isso. E a gente ajudava a colher e a fazer o rolo de fumo. Pegava aquela matéria-prima lá, a matéria-prima do fumo que eram as folhas, colocava pra secar.

**Antonio:** Isso, deixava pendurado no quintal.

**Expedito:** Depois enrolava ela num pedaço de pau...

**Antonio:** Não, esse... ô, Marta, o cigarro daqui não dava câncer, porque não era... não tem aditivo.
- Era natural, né?
- Não tinha nicotina. Exatamente. Não tinha nada.

**Expedito:** Já esse que você, Marta, fuma aí tem barata, tem bosta de rato.

**Olga:** Fala bastante coisa pra ela que ela... também talco, cimento.

**Marta:** Ah, vocês não tão entendendo.

**Antônio:** Ah, que fazia mal pro pulmão, fazia, mas por causa da fumaça, mas não nesse grau que hoje faz, imagina. Mas eu ajudava o papai a fazer, porque se punha pra secar no varal, né, depois...

**Marta:** Nossa, contei aquela história ontem pra Marcela, mas a Marcela ria que ela quase rolou no chão.

**Antonio:** Eles davam uma molhadinha pra poder ficar molinho, né, pra poder fazer o rolo.

**Marta:** Contei pra Marcela ontem aquela história lá, que você ficava assoprando o cigarro para espantar os mosquitos pro Expedito. Ela quase rolou no chão de tanto rir.

**Antonio:** É, todo mundo ri, né, mas não sabe o sacrifício, que eu ficava tonto.

**Olga:** Agora é engraçado, né?

**Antônio:** Ficava tonto com aquela fumaceira toda e o fôlego, porque ele não me esperava tomar o fôlego, tinha que ser... "Não, tô com fome, assopra logo!" Filho da puta você, viu? E não era aquela que você puxava a fumaça, jogava, descansava um pouquinho não, era que nem uma chaminé.
- Aproveita e se vinga, joga ele dentro do rio aí agora.

**Expedito:** Mas você só estava pagando o que eu fiz por você, porque você...

**Marta:** Não, e ele ainda se acha, né?

**Expedito: Você, Antônio, a gente ficava lá ninando você lá pra você dormir pra gente sair fora pra brincar, quando a gente estava saindo, esse fio duma puta acordava, abria os zóio. Aí você tinha que**

**começar tudo de novo. Chacoalhar o balaio lá, na manha, até o cara dormir. Mas que filho da puta, meu. A gente ia saindo de fininha, ele...**

**Marta:** Vocês judiavam dele? Quando ele era menor? Judiavam dele, faziam sacanagem?
- Não, não me lembro não. Acho que não.

**Expedito:** Ó, aqui já era uma casa do filho do Bastião Ferraz, né, Duduca?

**Nilza:** Do Zito, né?
- É.
- Do Zito Ferraz.
- E não tem mais, ó.

**Expedito:** Que não tem mais. É mais ou menos aqui também. Inclusive, ali embaixo, era um arrozal e o filho da puta uma vez...
- Era tudo plantação de arroz por esses lugares aí.

**Expedito:** E uma vez ele falou pra mim "Eu vou te dar tanto pra você terminar isso daí." Aí eu me matei ali com uma enxada, rapaz, carpindo essa porcaria aí pra terminar, pra mim pegar a grana dele. Ele tinha uma mulher bonita pra caramba esse cara.

**Olga:** Como gosta de muié esse Expedito, hein? Você é doente.
**Expedito:** Eu já crescia os zóio... desde aquela época, eu já crescia os zóio.

**Olga:** Será que você é normal?

**Olga:** Ô, Duduca, cadê a casa que a gente morava? Tá muito longe? Não, mas eu tô achando longe demais.
- Não, tá não.
- Que tá achando longe o que!
- É que a gente parou aqui, parou ali.

**Antonio:** Mas não era pertinho mesmo.
- Nossa, não tinha noção que era...

**Expedito:** Ah, aqui já era o outro lá, né? Como é que chama? Que preparava o fumo?
- Sebastião Ferraz?

**Expedito:** Não, o outro. Isso aqui já era do cara que tinha o negócio do fumo lá, ó. Não, não... aqui é do Bastião Ferraz ainda. Exatamente ali onde tá o arado, que eu vinha trabalhar aí, carpir aí também.

**Nilza:** Ô, Expedito, você lembra que vocês trocavam serviço com... vocês vinham trabalhar pra nós, né, o Tuta ia trabalhar pra vocês, depois vocês iam todos pra pagar o dia. Aquele monte de gente pra pagar os dia que ele trabalhava.

**Expedito:** Não era aqui que era a casa dele não, ô, Duduca?

**Nilza:** Casa de quem que você tá falando agora?
- Essa casa velha...
- Do filho do Bastião Ferraz.
- Do Zito?

**Expedito:** É. Eu acho que era aqui, né? Era aqui sim. Essa casa aí, meu. Esse Zito aí, ele não tinha nada de caipira. Ele era muito cabeça. Ele não ia ficar nesse mato todo esse tempo não.
- Depois, eles mudaram pra cidade.
- Foi.

**Expedito:** É, os filhos já começaram a ir pra cidade, né? Não tem sentido morar aqui. Cidade era pertinho.

**Chegando na Camelinha: 26/09/2017, às 11 horas.**

**Nilza:** Ó, não é aqui o outro lugar que nós estamos procurando? Não entra aqui?

**Antonio:** Eu quero ir aonde nós moramos.
- É aqui.
- Para pra tirar foto.
- O Júnior tá tirando.

**Nilza:** Tirar um retrato do boi.

**Antonio:** O Júnior vai dar uma cópia pra todo mundo. Fiquem tranquilos.

**Nilza:** A casa que nós moramos é lá pra frente.
- Aqui?

**Nilza:** Isso mesmo a casa ainda tá lá, muito acabadinha, mas ainda tá.

**Expedito:** Aí é a tal de Camelinha então, Duduca?

**Nilza:** É, é.

**Antonio:** Quando a gente veio de São Pedro dos Ferros então, a gente veio direto pra cá?

**Nilza:** Veio morar... é, veio direto morar aqui.
- É aqui, né, ó? Já é aqui, ó, né?
- É isso.

**Olga:** Já é aqui, ó, que a gente morava, não era?
- Isso mesmo.

## 26/09/2017. 11 horas da manhã:

Essa parte da viagem foi a mais emocionante. Encontramos a casa onde moramos entre 1960/1961. Eu tinha 8 anos, não me lembro de nada, mas valeu a descoberta. Graças a memória da Nilza, consegui me ver no local. Segundo a Nilza, em abril de 1960 a nossa irmã Maria Helena faleceu em São Pedro dos Ferros, em 20/04/1960 minha mãe ficou muito mal e resolveu voltar para Visconde e fomos morar aqui. Um ano e 3 meses depois com minha mãe já conformada com a morte, voltamos para São Pedro dos Ferros, se falava Zona da Mata. Houve certa confusão na chegada pois não tinha ninguém morando e além disso tinham construído uma nova casa ao lado.




**Antonio:** Vamos lá então. Tem que parar e olhar.
- Peraí... era aqui.
- Mas tem cerca, né?

**Olga:** Mas não tinha uma subidinha? A gente subia pra chegar na nossa casa.

**Antonio:** Mas agora não tem mais, já faz muitos anos, acabou a subida. Ah, não, isso foi mudando com o tempo. Deixa eu estacionar ali, a gente vem a pé.

**Expedito:** Eu sei que a gente vinha nadar nesse rio aqui, ó.

**Nilza:** Não, era lá mesmo. Pra cá não tinha nada não. Tem agora, né? A casa era bem lá pra cima lá.

**Antonio:** Vamos lá tentar achar. É o jeito.

**Antonio:** Você consegue descer aí Nilza?

**Nilza:** Uai, não precisa de eu ir lá não.

**Antonio:** Não? Não quer matar a saudade de lá? Vamos um pouquinho.

**Nilza:** Não, não vou não.

**Antonio:** Ué, você veio até aqui, de São Paulo, pra irmos lá. Vamos a pé ali.

**Nilza:** Não, não vou não.

**Antonio:** Não? Tá bom. Segura aqui pra mim.
- Aí não dá pra entrar?

**Nilza:** Só vai vocês mesmo. Eu tô com dificuldade pra entrar e sair aqui. Se eu pisar aqui vou cair.

**Marta:** Se você quiser, eu te ajudo.




**Nilza:** Não, não vou descer não.

**Marta:** Eu puxo o carro mais pra frente um pouquinho.

**Nilza:** Não, não, tá... não. É pra mim que você tá falando?

**Marta:** É, pra você descer.

**Nilza:** Não, não. Não, não vou descer não.

**Marta:** Se puxar o carro até ali, ó, fica mais fácil pra você.

**Nilza:** Não precisa. Não, não vou descer não. Eu não vou descer. Eu vou esperar aqui. Não, não precisa, eu vou esperar o Antônio. Eu fico aqui, eu já falei pra ele.

**Antônio:** Quer chegar mais ali pra gente dar uma olhada? A roça lá.
- Ah, é mesmo.
- Lá que tinha a roça.
- Lá era a roça?

**Olga:** Era a roça nossa. E a casa ficava ali depois daquele coisa de... aquele coisa ali, né?
- Cachorro não deve ter. É isso mesmo, aqueles coiso lá, a gente plantava.
- Ó, o cavalo.

**Marta:** Ah, eu tenho medo de cavalo. O cavalo vai catar nós aqui. Será que é bravo? Ele te reconheceu, Expedito. Risos.

**Antonio:** Você andava nele, Expedito, em 1960. Risos.

**Olga:** Nossa, que maravilha essa plantação de macaé, né?

**Marta:** Guinha, é com a florzinha que é melhor ou não?

**Olga:** É o total. Total.

**Jr:** Que que é isso?

**Marta:** Isso aqui é o melhor remédio que eu conheço pro estômago, na vida, que a minha mãe fazia pra gente. É sensacional isso aqui. Ele cura gastrite, qualquer coisa que você tenha, dor de estômago, digestivo. Chama macaé.
- E faz um chá?

**Marta:** E a minha mãe tinha isso plantado lá no jardim. Ela fazia o chá... e cura urticária, sabe essas coisa

que têm a ver com alimentação? De você ter alguma intoxicação? Aí a minha mãe punha com bicarbonato assim, você tomava, mas era instantâneo assim, a dor de estômago ou qualquer coisa que você tivesse relativo a estômago.
- Tá cheio aqui.

**Marta:** Gastrite, sem chance com esse negócio. Eu estou com problema de estômago, eu vou até levar um pouco também pra fazer um chá à noite. E é gostoso. Ele é gostoso de tomar. Eu queria plantar um pé disso. Nasce com a maior facilidade assim.




**Antônio:** Achamos a nossa casa, Júnior. É essa casa, Júnior. É essa, Marta.

**Olga:** Aqui, Marta, era o nosso quarto, o dos filhos, ó, entendeu?

**Antonio:** Mas você já morou aqui, você era bebezinha.

**Marta:** Eu? Mas eu não nasci lá em São Pedro dos Ferros?

**Antônio:** Então, mas nós... deixa eu te explicar. Nós moramos lá, aí nós voltamos pra cá e depois fomos de novo pra lá. Então, quando você veio pra cá, provavelmente, você era bebezinha. (A marta tinha 2 anos, mudamos para essa casa em 1960 e ela nasceu em 1958 em SPF).

**Olga:** A Marta não veio, porque quando eu morava aqui, eu tinha 7 (10) anos, ela nasceu, eu tinha 8. Ela nasceu lá, quando nós voltamos. Pergunta pra Duduca. (Erro da Olga a Marta veio sim.)

**Olga:** E depois voltamos a morar aqui?

**Antônio:** Não, não, não. Aí de lá nós fomos embora pra SP. Quando nós voltamos pra lá. Já era 1961.

**Antônio:** O que eu preciso ver com a Duduca, e nós vamos tentar descobrir lá em São Pedro dos Ferros, gente, é quanto tempo nós ficamos a primeira vez e quanto tempo nós ficamos na segunda. (Fomos para SPF em julho de 1957, voltamos para essa casa em setembro de 1960, voltamos pra SPF em outubro/novembro de 1961 e em junho de 1963 fomos pra SP).

**Marta:** Não, mas espera aí, e aí a Maria Helena? Onde ela entra nessa história?

**Antônio:** Ela morreu lá, em abril de 1960, por isso que nós viemos pra cá.

**Olga:** Mas quando ela morreu, a Marta já tinha nascido.

**Antonio:** Lógico que tinha, ô. A Marta já tinha nascido. Bom, vamos pegar a Duduca lá depois.

**Olga:** Não falei que nós fomos comer frutinha lá em SPF e os bois ficaram tudo em volta da Marta?

**Antônio:** Então a Duduca tá errada, porque ela me falou que a mamãe voltou pra cá porque ela ficou pirada por causa da Maria Helena.

**Olga:** Ah, pode ser. Quando nós fomos daqui que nós fomos morar no Morro Redondo, aí a Marta nasceu.

**Marta:** E aí não tinha nascido ainda ou tinha?

**Antônio:** Nós fomos pra lá, aí a Maria Helena morreu, a mamãe pirou, veio pra cá. Aí ficamos, nós precisamos matar agora a charada de quanto tempo nós ficamos aqui, porque se você nasceu em 58... nós fomos embora pra São Paulo, provavelmente, no começo de 61. (Fomos pra SP em junho de 1963).

**Marta:** Eu nasci em 58. (De novo muita confusão com datas. O correto: Moramos aqui, na Camelinha entre

agosto/setembro de 1960, vindos de São Pedro dos Ferros, até novembro/dezembro de 1961, quando voltamos para São Pedro dos Ferros).

**Expedito:** Eu me lembro que daqui eu peguei uma dúzia de ovos aí, peguei o trem e fui pra Juiz de Fora. Já era a roça. Acabou.




**Antonio:** Aí você encerrou a tua parte como lavrador.

**Expedito:** Encerrei minha parte. Aí eu soube que vocês voltaram lá pra São Pedro dos Ferros. Isso tá garantido.

**Olga:** Do Perez lá em SPF, a Marta tinha 1 ano e meio. E nós saímos... e a gente ficava catando frutinha assim, do mato, pra comer. De repente, a Marta ficou pra trás, aí os bois cercaram ela e ela ficou lá sozinha, no meio. Aí nós a salvamos. Ela tinha 1 ano e meio mais ou menos. Tá certo. E nós viemos embora pra cá.

**Expedito:** Você lembra, Marta, uma vez... você lembra uma vez que nós viemos aqui? Foi com aquele ano 97 (1995) eu vim com aquele meu carro lá. E eu chamei vocês pra virem aqui, vocês não quiseram vir, eu vim sozinho?

**Marta:** Lembro.

**Expedito:** E eu vim aqui. E só tinha essa casa aqui. Não tinha essa casa nova não.

**Marta:** Você passou por aqui e entrou?




**Expedito:** Não, de lá da rua mesmo deu pra ver. Não tinha essas outras coisas. Pois é essa casa aqui a nossa casa. Só tinha essa aí. Pode ter certeza. Pode registrar que é essa aqui.

**Expedito:** Eu vim sozinho. E só lembro que foi em 97 (1995) que eu vim aqui.

**Marta:** É, quando a gente veio aquela vez, né?

**Antônio:** Morava todo mundo aí, é? Nesse espaço tão pequeno? Pode ver que foi acrescentada aqui, né?

**Antônio:** Então, mas é a mesma cor de cá, será que não é por aqui?

**Expedito:** Mas não tinha duas casas aqui, eu acho. Não, mas agora parece que virou um paiol.

**Antônio:** Sim. Não era essa aí não, por acaso?
(Fizeram uma casa nova ao lado, o que gerou confusão no início).
- Não.
- Tem certeza?

**Olga:** Pode ser que eu tenha enganado e seja aquela azul, mas essa daqui não é não.
- Qual azul?
- Aquela.

**Antônio:** Então, é essa aí. Era... o fundo lá é azul.

**Olga:** Gente, que casa gostosa, hein? Essa nova. Acho que dá pra entrar e olhar por dentro ali. Aqui, ó. Pena que não era a que moramos né? Em 1960 só tinha a casinha.

**JR:** É, o pessoal foi embora...

**Marta:** Olha a maquininha... ô, Guinha. Ó, a maquininha de moer [?].

**Antônio:** Vamos fazer um vídeo que fica mais fácil. Sabe o que que era aqui? Não tem janela, né?

**Júnior:** Dessa casa aqui, você lembra de alguém?

**Antônio:** Não.

**JR:** Ainda era muito pequeno?

**Antônio:** Eu era, mas... então, mas essa casa aqui, na verdade, a entrada, provavelmente, as janelas eram aqui, porque eu me lembro que era encostada no morro e como ali tá tudo fechado, a janela... tá vendo que aqui não tem parede, ó? O cara botou um tapume. Então, provavelmente, era exatamente isso, você ficava de frente pra cá. Isso eu me lembro assim, vagamente.



Que era num cantinho, isso tá batendo, tá vendo, que era perto dum morro? E era desse lado, isso eu me lembro bem. E aqui morava então as...todo mundo, né?

**Antonio:** Oba, a Marta e a Olga foram buscar a Duduca lá no carro.

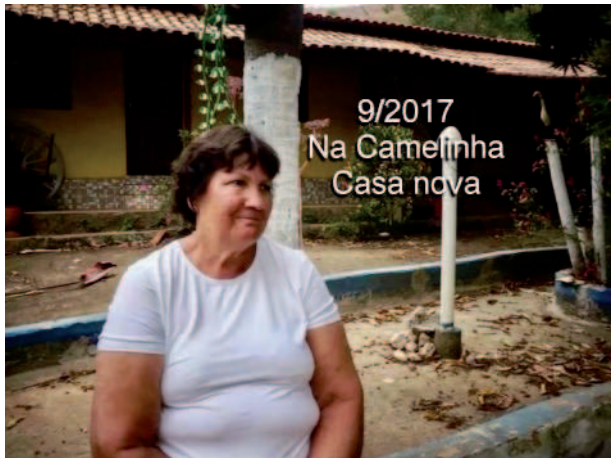
**JR:** Vai ser difícil dela vim pra cá. É difícil chegar.

**Antônio:** Não, mas acho que se abrir aquele portão, dá pra ela subir de caro ali por uma rampa. Deve ter um portão. Olha, rapaz, que coisa maravilhosa, né, isso aqui, essa... pelo menos o histórico ainda, né, da... se eu lembro mais alguma coisa, preciso me concentrar.

**Júnior:** Você lembra do dia a dia aqui assim, alguma coisa?

**Antônio:** Não, eu acho que aí já era meio trabalho, né, tudo, mas não... muito pouca recordação. Que é essa casa aí, é... que a casa que eu morava era muito pequenininha, não tenho dúvida. Então a... pode ser que talvez fosse um pouquinho maior e o cara fez um... construiu aqui e deixou lá como... A Duduca vai lembrar bem, se ela subir até aqui.

**Olga:** A Marta tá trazendo a Nilza no carro.




**Antônio:** Ah, pode. Que ela vai lembrar bem.

A Duduca chega, já mata a charada na hora, mas era assim mesmo, viu? Era uma casinha bem encostada e o resto era tudo mato. Não tinha nada de...

**Antonio:** Ai, Duduca... Chegou quem sabe.

**Olga:** Eu conheci na hora, mas aí depois eu fiquei na dúvida. Eu lembrei do quartinho que eu dormia. Ó, agora me fala uma coisa Nilza. A Marta já estava viva, já tinha nascido quando morou aqui?

**Nilza:** Claro que sim.

**Antonio:** Ah, não tô falando?

**Olga:** Já tinha a Marta sim. Quando a Maria Helena morreu, você tinha 1 ano e pouco, 1 ano e meio.

**Nilza:** Já veio da Mata (SPF) pra cá.

**Marta:** Eu morei aqui então?

**Antônio:** Morou. Então tá explicado. Quer dizer, a gente veio então em meados de 1960.

**Nilza:** É. Depois em 1961 vocês voltaram pra São Pedro dos Ferros.

**Antônio:** Nós ficamos quanto tempo aqui então?

**Nilza:** Ficou muito pouco aqui. Foi 1 ano e pouco. Em 61 vocês voltaram pra SPF. E foi 61 que vocês foram embora pra São Pedro de novo e eu fiquei aqui em Visconde.

**Antônio:** E aí 63 nós fomos embora pra São Paulo.

**Nilza:** Isso. Então, em 61, vocês foram embora pra SPF e eu fiquei. Depois em 1963 eu fui pra SPF e vocês foram pra SP. Era só em chegar aonde vocês estavam e a mamãe se mudava. Risos.

**Antônio:** Assim que você chegou lá, em SPF, nós fomos embora pra SP.

**Antônio:** Nós fomos 62 provavelmente, porque eu tinha 10 anos quando eu estava em São Paulo. (errado, fomos em junho de 1963).

**Olga:** Nós chegamos em São Paulo em 61. (errado, foi 1963).

**Nilza:** É, pra Zona da Mata. É mesmo, quando eu fui. É, isso mesmo. Foi em 63, eu fui pra Mata de novo, aí fiquei lá e vocês foram embora pra SP.

**Antônio:** Foi logo quando a gente chegou, você deve ter... a gente deve ter ido embora pra SP.

**Antônio:** Em 1965, que você me falou que você foi pra SP em 1965.

**Nilza:** Isso. Que a Marli nasceu em 64, na Zona da Mata.

**Antônio:** Tinha mais alguma coisa da... aqui, nessa região... assim, a casa ...

**Nilza:** Não, não. É só isso mesmo. Essas bananeiras, eu me lembro qualquer coisa...Não, não tinha. Era só a hortinha da mamãe aqui, desse lado aqui a horta, ó. Tá aqui a hortinha até hoje. Então, a horta, desse lado aí.

**Olga:** Tá aí, né? Da horta, eu me lembro.




**Nilza:** Só isso, não tinha mais nada. Só a casa e a horta. É. A gente vinha... então, a gente entrava naquele caminho lá e vinha assim, ó, entendeu? Era só isso que tinha.

**Marta:** Aí que era a horta?

**Antônio:** Na verdade, você entrava ali. Ele deve ter fatiado a fazenda.

**Nilza:** Então, era assim, é só isso mesmo. Meu Deus do Céu, não acredito.

**Nilza:** Não acredito, não acredito, não acredito. (Emocionada)

**Olga:** Eu senti até uma dor no peito.

**JR:** O que que tinha aqui, Duduca?

**Nilza:** Aqui? Não tinha nada. Ah, não, aqui embaixo era a horta. Só a horta da mamãe. Não tinha mais nada não.

**Nilza:** É. Só. É só a horta e a casa.

**Júnior:** Fazia muito tempo que você não vinha aqui ?

**Nilza:** Nossa, aqui, faz muitos anos. Vixi Maria.

**Expedito:** Aqui você nunca mais voltou Nilza.

**Nilza:** Nunca mais voltei não. Na casa aqui, nunca mais. Não, nunca mais voltei.

**Júnior:** Como é que é voltar aqui assim?

**Nilza: Ai, dá uma coisa na gente, uma emoção, né, assim, aquela saudade, fica lembrando das coisas, né? Aquele monte de meninos. Meus irmãos eram todos solteiros, tudo aqui. Só o Zezito que não estava. O Zezito estava na cidade. Tudo aqui. Ia fazer plantação, então como o Tuta era sozinho, meu marido, aí juntava o papai com meus irmãos pra trabalhar pra nós. Depois ele vinha pagar os dias de serviço, entendeu? Assim, você trabalha pra mim, aí eu tenho que voltar pra pagar pra você o dia, né? Então, como eram muitos irmãos, então ia pra nós, trabalhava pra nós, depois ele vinha trabalhar. Quando ele terminava de pagar, já tinha que voltar pra nós de novo, pra trabalhar de novo, que já crescia tudo de novo o mato. Era assim. Era desse jeito.**

**Júnior:** E aqui morava quem?

**Nilza: Aqui era... aqui morava minha mãe com o meu pai, Luiz, Marta, a Olguinha, e o Antônio... e o Expedito e o João, que o Zezito estava sempre pra lá, né, pra cidade. (Juiz de Fora) Não estava aqui não. Ele vinha passear, né, mas era difícil.**

**JR:** Já estava em Rio Branco?

**Nilza:** É, aí ele já trabalhava... eu acho que ele estava... já trabalhando no Rio Branco, (Juiz de Fora) ainda. Era, era. Então é isso.




**Antônio:** Tem até hoje a plantação de milho. Tá vendo que ainda tem milho lá em cima?

**JR:** Onde que ele plantava?

**Antônio:** Nessa parte aqui toda, porque os fazendeiros, o que que eles faziam? Eles te davam o lugar pra morar e um pedaço de terra pra você plantar. Então ele morava aqui e toda essa parte aqui ele tinha o direito de cultivar. Não sei se tinha que dar uma parte pros donos ou não, mas essa aqui é a tal da roça dele. Vamos pegar lá de cima. Tem um tanto dessa... que eu lembro que a gente vinha, entrava à direita, era a casa. Era confusão de mente. Eu sempre achei que... nunca achei que eu tinha vindo morar aqui.

**Júnior:** Você estudou aqui?

**Antônio:** Ah, com certeza. A Duduca vai lembrar onde era. Aqui é tudo a pé, né? Expedito? Sobe aqui. Aqui em cima. O Expedito disse que aqui não dava nada. Chegava no fim da colheita e meu pai sempre pegava essas partes... era o que sobrava, né, na verdade. Era de graça. Isso aqui eu me lembro, desse morrinho assim. Aqui! Aqui tem um milharal, continuam plantando milho aqui. Bacana, né, isso aqui?

**Antônio:** É, cada época tem a fase, né, produção. Eu... claro que não são essas bananeiras, mas a gente... eu lembro desse coiso aqui, tinha bananeira assim, viu?

**Expedito:** Agora é ruim de lembrar disso tudo, né?

**Antônio:** Mas eu lembro, sabe por quê? A gente ia fazer as necessidades debaixo dessas bananeiras aí. Saía à noite, ia aqui pro meio do mato e era... claro que não são essas bananeiras, mas você vê que são características que já existia na época e elas vão se reformulando.

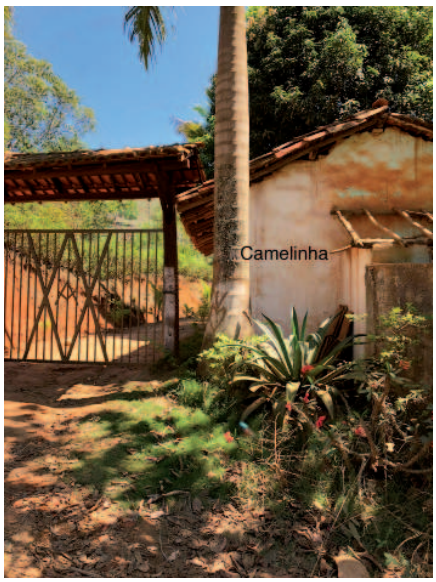
**Expedito:** Então, essa área aqui é a área que a gente plantava milho.

**Antônio:** É. Isso eu tenho vaga lembrança assim, né? Mas esse cantinho aqui, eu acho que tinha, porque a

gente ia... desliga aí, Júnior, que eu vou falar... a gente ia ... você acordava de madrugada, com chuva ou não, ia lá pra debaixo. Ou no debaixo dali, mas era aqui assim, nos fundos.

**Antônio:** Não, provavelmente não. Mas que tinha... eu me lembro nitidamente que eu limpava a bunda, inclusive, com a folha da bananeira, como se ajudasse alguma coisa, né? Você passava, escorregava tudo.
Mas com certeza era ali. Pode ser que não tivesse tanta bananeira.

**Marta:** Atrás da casa. Eu lembro disso também, no Paraná. No Paraná, você ia... era atrás da casa que você fazia as necessidades. Do Paraná a gente lembra direitinho. Lá, quando a gente for agora, você vai ver que vai matar a charada. Nós só moramos aqui então.




**Marta:** Não sei se tinha buraco, eu sei que a gente ia atrás da casa fazia as necessidades e limpava com sabugo de milho.

**Antonio:** Isso já era moderno. Não, aqui não era. Aqui era com a folha de bananeira, que você passava...

**Olga:** Sabugo de milho limpava melhor. Aí eu já não me lembro. Lá no Paraná era sabugo de milho. O pessoal já era mais...

**Nilza:** O Tio Pedro foi lá em casa, na Mata, passear lá em casa, levou os paletós cheio de sabugo de milho.

**Olga:** Aposto que essa árvore já tinha no tempo que eu morei aí.

**Antônio:** Não lembra de árvore aqui não Nilza?

**Nilza:** Não, não tinha nada não.

**Antônio:** Árvore, eu não me lembro. A bananeira lá no fundo eu lembro claramente.

**Antônio:** Eu vou deixar um cartão aí pro cara, porque a gente invadiu a casa dele. Se ele ligar eu peço desculpas.

**Olga:** Ai, quero ver lá dentro da casa nova.
- Pode ver pelo vitrô.

**Antônio:** Ó, do lado de lá tá quebrado, dá pra ver, e daqui também dá. Aquela parte da cozinha lá.

**Antônio:** ... e eu lembro que a gente ficava... exatamente, era no cantinho. A confusão minha é que eu pensava que era São Pedro dos Ferros e não Visconde.

**Nilza:** Ah, não.

**Antônio:** Tanto é que, quando eu fui na tua casa, Nilza, que eu falei "A gente pega uma estradinha, é do lado direito." E não era. À direita era essa aqui.

**Expedito:** Do lado de cá da cerca?

**Nilza:** O que que tem?
- Que a gente vinha?

**Antônio:** Eu acho que essa cerca não tinha, Expedito.

**Nilza:** Não tinha cerca não.a

**Expedito:** Então, mas era do lado de cá então da cerca?

**Nilza:** Eu sei que a mãe descia assim, pra catar as couve assim, ó, descia, não tinha cerca lá. Aí o trilho, a gente saía de lá, ó...

**Antônio:** O que aconteceu aqui deve ter sido o seguinte, alguém morreu e dividiram as fazenda pros her-

deiros e aí cada um pegou um pedaço, entendeu? São vários filhos, o cara falou "Então metade pra um, um terço pra um..." E aí dividiram.

**Nilza:** Mas esse homem daqui, daí ele podia ter neto, herdeiro, mas ele só tinha 2 filhos.

**Antônio:** Eu vou deixar um cartão aqui pro cara.

**Nilza: Deixa eu contar do cachorro zangado. Eu estava vindo, eu morava naquela casa que eu mostrei, que o meu filho nasceu, né? E eu tinha medo de ficar lá, que era muito feio e escuro. E o Tuta trabalhava com o papai. Então eu arrumava tudo que eu tinha de arrumar lá e vinha pra casa da mamãe pra mim ir embora de noite com ele, que eu tinha medo de ficar no escuro lá, sozinha. Aí eu tinha o Zé e a Célia. Aí eu segurei na mão do Zé aqui e a Célia aqui no colo. Quando eu estava chegando ali, onde a gente virou pra cá, eu escutei aquela gente gritando "Ó, o cachorro zangado, ó, o cachorro zangado, ó, o cachorro zangado!" Um monte de homem correndo atrás do cachorro pra matar. Eu falei "Meu Deus do Céu! E agora, que que eu faço?" Peguei, encostei no barranco. Encostei assim, no barranco, eles passaram atrás do cachorro. Quando eu cheguei ali, a Olguinha falou, "Duduca do Céu, e o cachorro zangado? Você não ficou com medo?" Eu falei "Fiquei com medo, mas ele não me viu não." Ó, o perigo que a gente corria aqui? Passou, aquele monte de homem correndo atrás, que matava com pau, né? Antigamente era assim. Passou na minha frente.**

**JR:** E era no caminho aqui pra casa?

**Nilza:** Era no caminho que eu estava vindo pra cá, estava quase chegando aqui.

**JR:** Que você morava mais à frente.

**Nilza:** É, que eu morava lá, onde eu falei procê "Aqui que nasceu meu filho." você escutou eu falando na hora que vocês filmaram, lá em cima, aquela casinha logo quando a gente entrou. É onde meu filho nasceu. A gente morava lá.

**Jr:** Era uma caminhada, né, pra cá?

**Nilza: Mas a gente não sentia não, viu? Por enquanto, eu tinha o Zé e a Célia. E estava esperando o João... é isso mesmo, estava esperando esse que nasceu lá. Então punha a Célia aqui no colo, que ela era pequenininha e o Zé segurando aqui, ó, na barra da saia, que a gente usava vestido, né? Muié não usava calça antigamente. Usava vestido. Então ele segurava na barra assim, eu só encostei no barranco assim, pus eles assim, e rezando, né? Tinha que rezar, né? Aí passou o coitadinho do cachorro. Mataram lá na frente. Ai, meu Deus do Céu. É muito engraçado.**

**Nilza:** A mãe fazia broa, a mãe levava comida, arroz e feijão, pra gente comer, pros meninos comerem, né? Era assim, mas a gente não tinha as coisas não. Não tinha nada não. Era assim.

**JR:** Aí você ficava aqui, almoçava e voltava?

**Nilza:** De tardezinha, a gente fazia o almoço, levava pra roça, né, porque onde ele estava trabalhando era na roça, e à tarde, a gente vinha pra cá, a gente vinha sempre na hora da janta. A gente comia e ia embora.

**JR:** Voltava no escuro?

**Nilza: Aí eu voltava no escuro porque o Tuta estava junto, né? Nem bicicleta tinha na minha época. Quando a gente morava aqui, não tinha nem bicicleta, era tudo na perna mesmo, sabe? Na perna e no cavalo, né? Mas não era todo mundo que tinha cavalo também não, viu? Então era assim, tudo andando. Aí uma vez ele foi trabalhar, estava colhendo arroz, né, e colocava os arroz assim, no ombro, pra poder, né, pra secar, que não tinha máquina. Aí entrou caroço de arroz no ouvido. Arroz verde, né? Entrou o caroço de arroz no ouvido e nós morava lá, nessa casa que eu te mostrei lá. Pois ele chegou em casa, do trabalho, tomou o banho, pôs a roupa e foi a pé lá no Rio Branco, onde nós estávamos, passar no médico pra tirar o caroço de arroz que estava dentro do ouvido. A pé e sozinho.**

**Era tudo assim. Porque cortar os arroz era assim, ó, tinha aquela... eles falam [?], né, agora. No nosso tempo, eles falavam gancho. É um negócio assim, ó, que você passava assim, ó, pra cortar o arroz, sabe? Então ia fazendo aqueles monte assim. Então punha nas costa pra levar lá pra frente pra secar, né? E ele pôs assim, no ombro, e aí o arroz estava tão madurinho, né, então como estava muito grande, entrou dentro do ouvido dele, ele foi coçar, o... entrou. E foi lá no Doutor Ulisses pra tirar esse negócio aí. Foi andando e voltou andando.**

**Jr:** O Doutor Ulisses era o único médico?

**Nilza:** Era o único médico da fazenda.

**Olga:** O Joãozinho nasceu em 55?

**Nilza:** O Joãozinho? Não, 1960, em novembro. Foi a época que nós morávamos aqui. A época que eles moravam aqui, Olguinha, você lembra? Que a mãe foi madrinha do João depois. Depois disso é que eles foram embora.

**Expedito:** Eu tinha 18 anos então quando eu morei aqui. E o Antônio tinha...

**Nilza:** O Antônio estava pequeno.

**Expedito:** O Antônio tinha 8. Ele é 10 anos mais novo que eu.

**Nilza:** E o Luiz era pequenininho, ele ia lá pra casa. A mãe mandava ele ir pra lá pra ficar comigo, que eu estava esperando o João...

**Antonio:** O Luiz tinha 6/7 anos. O Luiz era de 1954.

**Expedito:** O Luiz, 6. O João tinha 16. 2 anos mais novo que eu.

**Nilza:** O Luiz não entrava dentro de casa, de ninguém, né?

**Nilza:** Você lembra dessa época, né? Aí a mãe mandava ele lá pra casa, porque eu estava esperando o João e estava no mês de nascer o neném. (o João filho da Nilza nasceu em 28/11/1960). A mamãe deixou ele lá comigo, se eu precisasse, pra ele vim e chamar o Tuta, que estava trabalhando aqui. E o Luiz ficava lá e não entrava pra dentro, ele ficava sentado lá fora, não comia e nem entrava pra dentro. Aí eu falei pra mãe "Não manda mais não, mãe, que ele não sai do lado de fora." Aí não mandou mais não. (o Luiz tinha 6 anos e 2 meses) Aí foi o Olguinha. Ficava comigo lá. Mas não precisou nada, o dia que passou mal foi de madrugada, o Tuta estava em casa. Não precisou não. Era muito deserto isso aqui.

**JR:** O médico vinha aqui também ou tinha que ir lá?

**Nilza:** Que médico aonde?

**JR:** O Doutor Ulisses vinha visitar ou não?

**Nilza:** Não, não tinha negócio de médico quando tinha que nascer filho antigamente não.

**Jr:** Nascia tudo em casa?

**Nilza:** Tudo com parteira.

**JR:** Você tinha algum problema, ia pra cidade?

**Nilza:** Era difícil.

**JR:** Quem que era a parteira?

**Nilza:** É a vó do Tãozico. Antonieta Brabo. Ela era cozinheira da fazenda Santa Maria, da fazenda lá onde vocês foi, que desmanchou toda, era cozinheira da fazenda. Então, quando era época de férias, a gente nem via ela. Cozinheira, meu filho, daquela. Cozinheira da fazenda. E a Tia Niguita, que é a mãe do Tãozico, era a lavadeira da fazenda. Então a Tia Niguita vinha, enquanto eles estavam aí, lavava tudo aquelas roupa

na bica, assim, ó, na mão, passava tudo no ferro de lenha, dobrava e trazia. E eles gostavam dela, falava "Nossa, Niguita, a roupa tá até quente ainda!" Era assim. E aí ela ficava o mês de julho inteiro. E eles ficavam de férias na fazenda, que eles são do Rio, né, ficava o mês de julho inteirinho na fazenda. Aí depois acabava as férias, eles iam embora. Aí só no outro ano de novo. Era assim, os patrão. Aí eles passeavam na casa da gente. A gente estava cortando cana, eles tiravam foto da gente de chapelão, a gente cortando cana, eles tiravam foto de chapelão, mas só pra eles, né, a gente não via. Tudo isso aí o patrão fazia. Quando a mamãe... nascia neném, eles iam na casa da mãe visitar. Eles iam visitar a mamãe lá com o neném.

**JR:** Mas eles ficavam pouco tempo então?

**Nilza:** É. Aí, quando a gente ia pegar manga de manhã, quando eles estavam aí, que a gente ia pegar manga, a Dona Marta... a muié chamava Marta, a patroa, a muié do Seu Tomás chamava Marta... ela chamava a gente, ela levava a gente lá dentro pra dar café com leite. A gente não conhecia essas coisas. Dava café com leite, dava pedacinho de bolo assim, ó, pra gente, na hora que a gente ia buscar manga. Era assim.

**JR:** Isso, vocês eram pequenos?

**Nilza:** É, nós éramos pequenos. Assim, não, mais ou menos. Ela via a gente passar, ela ... era uma escadaria também, ela ficava na escada assim, da cozinha. Aí chamava a gente lá pra tomar o café e beber leite. É mole? Era assim. Dona Marta. Eram todos amigos das pessoas.

**Nilza:** Seu Tomás, o Doutor Joaquim, o Major, né? E a Dona Lucília, que era a outra irmã. Mas morava lá na cidade, não morava aqui não. Só eles que moravam aqui. Era tudo assim. Tinha filho. Depois eles tiveram ... o Doutor Joaquim teve filho, brincava com meus irmãos. Era tudo assim, gente normal, sabe? Não tinha esse luxo que tem hoje.

**JR:** O Major não tinha...

**Nilza:** Não, não, ele era solteirão. Ele era solteiro. Nunca se casou não. Ele era major porque era de coisa de polícia, né? Então ele tinha... tinha tanta medalha, menino! Nossa!

**JR:** Ele tinha na casa...

**Nilza:** É, naquela casa que nós foi ver, que aquela mulher estava lá.

**JR:** Ah, naquela casa.

**Nilza:** É. A casa é a mesma. Cada medalha, tudo pendurada assim, mas era muita medalha. Depois, ele...

**JR:** Mas aquela casa foi depois que vocês já não... Já tinham saído?

**Nilza:** A gente já tinha saído, mas a gente vinha sempre, né? A gente vinha sempre aí passear. E toda vez que a gente vinha, a gente ia lá na casa do Major. A gente gostava de brincar... lembra daquela brincadeira que tinha antigamente, passar anel, assim? Então a gente ia nessa fazenda que desmanchou agora, e quando eles estavam aí, a gente ia lá brincar...

**Jr:** Era a Santa Maria?

**Nilza: Eu acho que é essa, Santa Maria, onde derrubaram agora, né? A gente ia brincar mas era muita moça. Tinha as irmãs da Tia Carminha, tinha a minha tia, tinha a irmã do Tãozico, fora os meninos. Então a gente ia brincar de passar anel quando tinha lua. E o Major descia, vinha, sentava-se no meio de nós, tinha que passar anel na mão dele também. Era assim. Desse jeito. Era tudo... aí quando foi casar, a gente se formou tudo aí, né? Aí o Seu Tomás falou que a primeira moça que se formou na fazenda dele e que se casasse, ele ia vestir pra casar. E foi eu. Aí ele fez tudo, sabe? Deu roupa, deu o vestido, deu sapato, me deu um dinheiro... eu te falei já, veio a madeira pra fazer a casa, né? Eu te falei já.**

**JR:** Que teve a festa que o sanfoneiro tocou.

**Nilza:** Isso. Ah, eu te falei já. Teve tudo e a gente não gastou nada. Era desse jeito. Então é umas coisa que a gente fica... depois a gente... dá uma tristeza quando a gente começa a lembrar, né? Quando criança, eu ficava doente assim, com dor de barriga, traziam o Seu Tomás, não tinha o negócio de dar receita lá, fazia um remedinho lá, dava, a gente ia embora, já sarava. Era assim. Então todo mundo gostava quando ele estava aí, porque ele era farmacêutico.

**JR:** Ah, ele era farmacêutico?

**Nilza:** Ele era farmacêutico, mas aqueles farmacêutico mesmo de... como é que fala? De diploma, né? Não era assim, qualquer um que tá lá farmácia, balconista não, sabe? Era farmacêutico mesmo.

**JR:** E o irmão dele era médico?

**Nilza:** O Doutor Joaquim era médico mesmo. você vê, era médico e a muié morreu de câncer. Câncer de cabeça. A gente nem devia falar essas coisas.

**JR:** Você lembra de ficar doente e ter que ir lá no Doutor Joaquim alguma vez ou não?

**Nilza: Não, não. Eu não. A gente não ficava doente não. Eu só fui ao Doutor Ulisses uma vez, te falei já do furúnculo? Daquela coisinha que deu debaixo do braço? A gente não ficava doente não. Aí deu aquela coisa, eu fiquei com o braço assim, ó, deu tanto assim, saía de 2 em 2 assim, ficava assim. Aí a mamãe me levou no médico e ele, o Doutor Ulisses, tinha a casa dele em cima e ele tinha um barzinho que ele ficava ali embaixo, só bebendo, o Doutor Ulisses. Aí a gente chegou lá, ele falou assim "O que aconteceu com a menina?" Aí a mamãe falou assim, no que ele falou assim, ele fez assim com o meu braço, ó, levantou assim, aí eu dei um grito, porque estava cheio assim, de caroço assim, aquelas coisa, se falava furúnculo. Aí ele levantou assim e falou assim "Vamos tomar injeção." Aí a gente subiu uma escadaria, tomou penicilina. Quando eu cheguei em casa, tinha vazado tudo aquele negócio. Furou tudo. Nunca mais deu, até hoje. Era certeiro o negócio. Mas não tinha esse negócio de receita não, de coisa não. Vai lá dá uma injeção. E o remédio de anemia, que antigamente tinha muita anemia, o remédio que ele dava era pílula vitalizante e pílula Brasil.**

**Jr:** Pílula Brasil?

**Nilza:** Era uns vidros assim, ó. Era um vermelho e um outro... parecia... meio assim, uma coisa engraçada assim. Meio assim. Ali você tomava a vermelha e tomava a outra, que um era vitamina e o outro era não sei o que. É isso que era os remédio da gente. "Tá muito amarelo, tá com anemia, vamos tomar vitamina!" Aí passava pra gente. Também não cobrava nada. Tudo dele.

**JR:** Ah, ele não cobrava?

**Nilza:** Não, não. Não tinha de cobrar, ainda dava pra gente. Pro pessoal da fazenda, ele... não cobrava não. Não, não. Não cobrava não.

**JR:** Mas na cidade ele cobrava?

**Nilza:** O Doutor Ulisses? Se fossem outras pessoas?

**Nilza:** Aqui é o Seu Tomás. O Doutor Ulisses, lá tinha consulta, né? Quando precisava de consultar, era consulta, entendeu? Era o médico que tinha na cidade.

**JR:** A consulta vocês pagavam?

**Nilza:** Também não sei. Não sei, que a gente não ia, né? Era difícil. Então, essa aí da penicilina, eu nem sei o que que deu, da penicilina, se a mamãe pagou essa consulta ou se foi por conta da fazenda lá.

**Antônio:** Eu sei que é contra a educação fazer isso, mas... acho que o cara não vai ficar chateado. Quero levar um pedaço da parede como recordação, né? Eu vou levar da casa ao invés de pedra.

**Olga:** Eu vou pegar uma pedrinha também ali. Pedacinho da casa.

- Pintura da casa. Vou levar pra guardar.

**Olga:** É bom pra fazer assim... arrumar uma coisinha e fazer um arranjo, né?
- É, vou fazer hoje. Quer levar um desse? Quer?
- Só de recordação da cor da tinta, deve ser a mesma cor dessa, né?

**Nilza:** Lá em casa, eu tenho pedrinha de Santa Catarina que a mamãe me trouxe.

**Marta:** Ah, era coisa da minha mãe isso aí, minha mãe que tinha mania de pedrinha. Aonde ela ia, ela trazia uma pedra. Aí todo mundo pegou a mania.

**JR:** Como que é? A vó que fazia isso?

**Marta:** Passou pra toda a descendência dela. Até o Léo pegou a mania. O Antonio disse que aonde ela vai ele traz.

### Estamos visitando locais que há 50/60 não voltávamos. Fim das conversas na Camelinha.

**Mudou tudo. A única casa ainda de pé é essa da Camelinha. Do resto tudo foi derrubado. Fazendas, casas. Tudo foi se transformado. Quase ninguém mora mais no campo. Grandes empresas compraram quase tudo e com a mecanização dispensaram todo mundo.**

### Saindo da Camelinha e indo para o Cruzeiro 26/09/2017 às 12.10hs:

**Antonio:** O Júnior entrou no carro?

**Jr:** O Cruzeiro, o que que é, Duduca?

**Nilza:** Cruzeiro é uma cidadezinha. Que era onde a gente ia fazer compras, né?

**Expedito:** Olha a fazenda do coisa ali do Sunica.

**Olga:** Aí, eu passava nessa ponte pra ir trabalhar na casa... É aqui que eu trabalhei, na casa daquela mulher, ó, essa Maria. Aqui mesmo, eu passava a ponte, eu ia aí... e trabalhava.

**Expedito:** Hein, Duduca? A casa do Sunica não era lá, do outro lado?

**Nilza:** Nós passamos já. A gente já passou. Era ali. É. Era desse lado sim.

**Antônio:** Ah, essas aí eu já não lembro. Essa vendinha aí, você lembra de quem que é? Que eu lembro que a gente tinha uma venda muito do lado aqui pra... ah, não, isso é lá em São Pedro dos Ferros que tinha, na Fazenda Paraíso, né, tinha uma venda na esquina lá.

**Expedito:** Vamos, vamos. Sobe aí. Aqui não tinha um mercadinho pra fazer compra? Não era esse aí da esquina? Pois é. Não, um mercadinho não, é uma venda. Então, tipo um bar... era aí. É bem antiga, é aí mesmo. E o Sunica morava ali, daquele lado, parece que também tá tudo lá ainda. Aqui era uma venda antigamente.

### Visitando uma casa, antes de chegar no Cruzeiro, que produzia garapa e açúcar mascavo:

**Expedito:** A gente pode pegar um... pode pegar um copo?

**Antônio:** Isso aqui é antigo, quando eu era moleque, eu não sabia disso, você vai vendo o ponto do melaço, vê se já tá pronto pra... você joga lá um pouquinho dentro da água, o que que acontece quando ele tá bom? Ele vai endurecer?
- Ele vai endurecendo, ele fica crocante. Aí é o ponto pra poder tirar.

**Nilza:** Olguinha, vocês vieram embora de SPF ficaram aqui morando 1 ano e 3 mês, morando aqui. Eu estava grávida do João, que eu já fui pra lá (SPF) e voltei, né? Aí o João nasceu, o João meu nasceu, o papai e a mamãe foram padrinhos de batizado do Joãozinho. Aí, antes do João completar 1 ano, eles foram embora, entendeu? (Pelo relato, a Nilza foi morar em SPF a 1ª vez no início em julho de 1960, grávida do João. Voltou para Visconde junto conosco em poucos meses depois em 1960. E retornou a SPF em 1963).

**Antônio:** ... vamos lá no Cruzeiro.

**Expedito:** Aqui, ó... aqui, falando sobre a ciumeira do meu pai, a minha mãe... olha, esse tal de Cruzeiro até é meio sem graça. A minha mãe vinha tratar os dentes aqui no Cruzeiro.

**Nilza:** O Seu Vicente, né?

**Expedito:** Já ficava com aquela ciumeira dos diabo em cima dela. Imagina você, e a minha mãe vinha a pé de lá aqui, né? (Uns 5km).




**Nilza:** Vicente era o dentista. Depois, ele começou... o papai ficou com tanto ciúme da mamãe, ele começou a ir tratar dos dente da mamãe em casa.

**Olga:** Ele era muito chique o meu pai. Ele pagava pro homem ir em casa.

**Nilza:** Aí o dente da mãe não deu certo, o meu pai falou assim "Posso falar?" O meu pai falou assim "O Vicente fez a ponte e cagou embaixo."

**Antônio:** Cruzeiro... a placa lá.

**Nilza:** Meu pai dizia: "O Vicente fez a ponte e cagou emb... esse dentista fez a ponte e cagou embaixo." Que antigamente não falava dentadura, era ponte, né? De tanta implicância com ele, ele ia em casa,

**Antonio:** Chamava Cruzeiro lá, porque é um vilarejo.
- Tudo aqui pertinho.

**Nilza:** Onde a gente depois, foi onde nasceu o Zé, a Célia e o Toni. É onde que eu casei, morei...
- Onde que é?

**Nilza:** Lá onde o mora Vadinho.
- Não lembro nada daqui não.
- A Gameleira então era ali?




**Nilza:** Não, a Gameleira não tem nada a ver. A Gameleira é lá na Companhia. Não é aqui não.

**Expedito:** Olha como mudou isso aqui, meu!
- Você lembra, Expedito?

**Marta:** Olha as casinha de João de Barro, que bonitinhas.

**Expedito: Pronto, já chegamos no Cruzeiro. Pode estacionar. 26/09/17 12.40hs**
- É a igreja, por isso que chamava Cruzeiro.
- Bar do Teco.
- Aqui é tudo antigo. Não mudou nada.
- Ah, lá, Expedito, as cruzes que ficava nas portas. Enfeitava. É, isso aí o Tio Sebastião tinha, todo mundo tem.

**Nilza:** Nós também tínhamos. Quando a gente mudou lá pra São Paulo, o Tuta inventou de pôr essa cruz. Todo mundo que passava na rua via.

**Jr:** É o Cruzeiro aqui?

**Nilza: Aqui é o Cruzeiro. É um... como diz, é um bairrozinho, né, que a gente chamava Cruzeiro, né?**

**Ali que tinha benzedeira, entendeu? Tinha benzedeira, tinha parteira, que morava pra cá, entendeu? Mas essa daqui a gente não usava não, que já tinha as de lá, né? Era só isso. Não mudou nada.**

**JR:** Tinha comércio?

**Nilza:** Não ... alguém tinha uma vendinha, né, pra vender umas cachacinhas, fuminho de rolo. Era isso. Era só isso.




**JR:** Vocês vinham pra cá de vez em quando?

**Nilza:** Não, não, era difícil. Era difícil vim. Eu não vinha. Só ouvia falar só quando era assim, no... vinha assim, quando precisava de arrancar um dente, uma coisa, mas a gente vinha no dentista, pronto, acabou, não vinha mais. Era assim, entendeu?

**JR:** Quem que era o dentista?

**Nilza: O dentista é esse homem aí, o tal Seu Vicente aí, Vicente não sei de que, que cuidou da mamãe. Aí, quando a gente... doía o dente, ficava lá em casa pondo remédio, aquela coisa, não dava. Aí um dia eu falei assim com a mãe... e o Zezito, eles estava sempre mandando o Zezito [?] eu não, aí um dia eu estava toda inchada de dor de dente assim, ó, tudo inchado. Aí ela... eu falei assim "A do Zezito vocês trata, de mim não." Aí a mãe pegou pirraça "Amanhã você vai no dentista. Amanhã você vai arrancar o dente. Se o dentista perguntar se tá doendo, fala que não." Se falar que tá doendo, eles não arrancam, né? E eu vim, eu e o Expedito. A pé, de lá. Aí a gente veio no dentista. Chegou aqui "O dente tá doendo?" Eu falei "Não." Também não tinha exame, não tinha nada, né? Aplicou 4 anestesias e não pegou. Aí ele falou assim "Tem que tirar o dente a sangue frio." Eu falei "Mas eu não aguento." "Mas tem que tirar." A hora que ele fazia com o boticão assim, eu fazia... eu subia junto. Espatifou o dente tomava nada. Depois deu hemorragia e sarou numa boa. Não complicava nada antigamente, viu? Era tudo pra tirar. Eu fui embora a pé ainda com o Expedito, a pé, chegou lá não tinha nada, ninguém muito engraçado. Era assim. Você vê, é longe, hein, pra gente pra vim aqui, ir e voltar. É longe, né?**




**JR:** E as rezadeira, benzedeira, você chegou a conhecer as daqui?

**Nilza: Aqui tinha uma tal de Dona... deixa eu ver... deixa eu ver se eu lembro o nome dela. Tá na boca e não sai, que era... Salilia. Ela chamava Maria não sei de que e o apelido dela era Lilia... Salilia. Essa mulher fazia remédio de raiz. Ela era benzedeira, aí fazia coisa de raiz. Então ela era a rezadeira e fazia remédio. Aqui, o Luiz era muito cheio de lombriga, a minha mãe veio aqui e ela fez uma garrafada de remédio de raiz pro Luiz. Pôs tudo os vermes que tinha, as lombriga que tinha pra fora. Era tudo assim. É Salilia, é isso mesmo. Ela era parteira e era fazedeira de remédio de raiz.**




**JR:** Ela chegou a fazer o parto de alguém ou não?

**Nilza:** Comigo não, né? Conosco não. Da nossa família, não.

## Encontro com um senhor morador do Cruzeiro

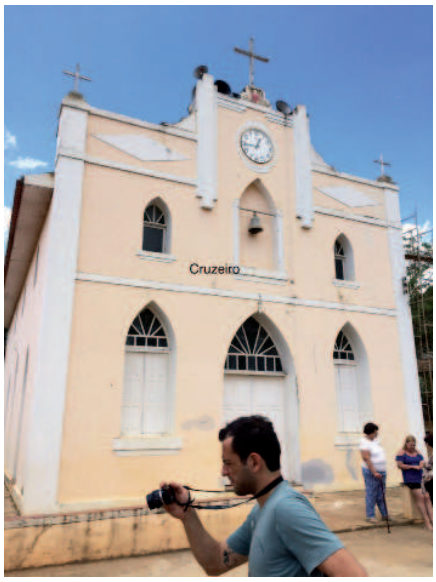
Cadê a casa do senhor?
- Minha casa é ali perto daquele caminhão que tá...
- Ah, aquela verde?
- Não, a rosa.
- Eu morei 48 anos em Cabo Frio. Rio de Janeiro. Estado do Rio. Fui pra lá com 21 anos.

**JR:** Ele é o genro da Salila?

**Nilza:** A gente vinha muito aqui, que tinha... a Salila fazia remédio pra...

**Antônio:** Não, a gente mora em São Paulo. E nós somos daqui de Rio Branco e eu morei em São Pedro dos Ferros. Então nós vamos amanhã em São Pedro dos Ferros pra tentar resgatar um pouco lá. Depois que o meu pai e minha mãe faleceram... e a gente acabou não guardando a memória, essas coisa, então... mas eu fui pra São Paulo com 11 anos...

**Morador:** É o meu caso, eu saí daqui com 21 anos e voltei com 60 e pouco. Tá bom? Fiquei 48 anos...




**Nilza:** Aquela moça que entrou lá falou Bastião Simplício, né? Aquela que entrou pra abrir a igreja.

**Olga:** Ah, o tal do Simplício, Duduca? É?

**Nilza:** É Bastião Simplício que ela falou, né, Guinha?

**Nilza:** Então, a gente conhece.

**Expedito:** Isso aqui que dá a impressão

**Saímos do Cruzeiro e paramos na antiga venda do Sunica perto da Camelinha:**

que era uma... Uma vendinha, né?
- Era um comércio.
- Era **uma vendinha** assim, não era?
- Era um comércio antigamente.

**Antonio:** Ah, tira uma foto aí, Juninho. Eu lembro assim, vagamente, que a gente...

**Antônio:** (Conversando com o dono da casa onde era a venda) Porque eu era pequenininho, a gente morava lá do outro lado e eu lembro que eu vinha aqui, mas faz 60 anos atrás. Então não...
- Ah, o senhor era daqui?

**Antônio:** Eu nasci em Rio Branco, mas a gente foi pra São Pedro dos Ferros e de lá eu fui pra São Paulo. Eu tô trazendo o meu filho pra tentar recordar isso aqui, porque eu saí daqui com 9 anos.
- Acaba tudo, né?




**Antônio:** É, e não... então, a casa que eu morei ali, por sorte, tá...

**Morador:** A casa do lado de lá?

**Antônio: ... não é aquela grandona, é uma pequeninha que agora tão... uma azulzinha ali.**

**Expedito:** Boa tarde, essa aqui deve lembrar. A senhora lembra do Seu Izaltino que morou aqui?
- Não, não, não lembra não.

**Antônio:** Ah, então não. É que aqui eu lembro que tinha uma vendinha, a gente vinha de vez em quando comprar...

**Morador:** É, tinha uma venda aqui, o campo funcionava.

**Antônio:** Você lembra o nome de quem que era a venda, o dono da venda?

**Morador:** Sim. Era do Alcides Sedino. Isso aqui foi do Amarildo Ferraz, né?

**Antônio:** Do Ferraz, que era dos parentes ali, né, que era da família?

**Morador:** É, esse terreno aqui foi dele. O meu pai comprou há pouco tempo agora. Agora é nosso, né? Meu pai comprou, é nosso.

**Antônio:** Sei. Que eu digo, mas não tem mais venda, nem nada, é casa mesmo?

**Morador:** Não, não, não. Não tem não, é só a casa mesmo.

**Expedito:** Então, mas aquela família desse... como é que chama o homem lá? O que fabricava fumo aqui, o...

**Morador:** Ah, isso aí o Sedino vai saber te explicar melhor, porque na época...

**Expedito:** Que tinha um filho dele que morava aqui, o tal de Jair.




**Morador:** O Sedino sabe explicar melhor, porque nóis veio pra aqui há pouco tempo, tem 1 ano que nóis tamo aqui.

**Antônio:** Essa é a memória fotográfica que eu tenho dessa vendinha aqui. E bate bem, porque era realmente assim. Ah, eu lembro, a gente vinha fazer compra aqui, né? Buscar coisa, vinha a pé, pequenininho, pra cá. Ainda comprava uma garrafinha de cachaça pra mamãe, que ela gostava no fim do dia. Então era tudo que a gente comprava. E era só atravessar a rua ali, eu já estava lá na casa.

**JR:** Foi aqui que você comprou bala ao invés de agulha, como é que era aquela história?

**Antônio:** Pode ser. Isso deve ter sido lá no... ah, não sei agora. Ah, não, não foi aqui não. Acho que não. Não me lembro. É possível que seja aqui sim, viu? Porque lá em SPF não era, porque lá não tinha venda pra comprar. É possível que fosse aqui sim. É, porque era todo mundo próximo, né? Deve ter sido aqui.

**Jr: E como é que foi a história?**

**Antônio: Que eu vim comprar agulha e acabei gastando o dinheiro, comprei uma bala e fiquei enrolando pra chegar em casa com medo. Levei uma surra do mesmo jeito, mas a minha mãe tinha que entregar a costura e tal. Foi uma... foi a única surra que eu levei, mas por causa de uma agulha. Mas eu acho que foi... provavelmente foi aqui.**

**Entrando no carro para ver outros locais.**

**Expedito:** É incrível a minha mãe gostar duma pinguinha e chegar nos 80 agora, né?

**Olga:** E quando ela cismou de parar, parou, né?

**Marta:** Não, gente, mas uma pinguinha do jeito que ela bebia não fazia mal não.

**Expedito:** Vai devagarinho ali pra gente ver a casa do Sunica ali, ó. É, ali que era o Sunica.

**Nilza:** Ela bebia pra dormir, né, Marta? Não era uma alcoólatra não. Bebia, dormia e pronto. Não amolava ninguém. Ela não amolava ninguém não.

**Nilza:** Eu fiquei muito tempo sem saber se a mamãe gostava disso. Eu aprendi, foi depois que eu vim morar aqui em São Paulo.

**Olga:** Eu sabia, mas eu não falava nada ela. Nunca dei bronca nela.

**Antônio:** Ela bebia muito mais pra se livrar do papai do que pra...

**Antonio:** Era aqui, Expedito a casa do Sunica?

**Expedito:** Era. Ah, não acredito, meu... Como é que pode? Vamos ver, é a casa do Sunica.




**Antônio:** Aí que ele paquerava a menina, filha do Sunica.

**Expedito:** É, aquela varanda ali, eu ficava tocando cavaquinho ali.
- Como a casa é pequena, né?

**Expedito:** Pequena nada, é grande. Será que tem gente morando ali?

**JR:** De quem que era essa casa, tio?

**Expedito:** Essa casa era do tal do Sunica, que fazia... ele fazia fumo de rolo. Ele fazia... tinha produção de outras coisas e mais o fumo de rolo, né? Tinha plantação de fumo até transformar em fumo pra você pitar, que nem diz o caipira. Vamos aqui do outro lado, ó.

**JR:** Meu vô trabalhava com ele?

**Expedito:** Não necessariamente, né, mas eu acho que ele ajudava. É, não tem ninguém. Tudo fechado.

**Expedito:** Essas casas, ela era construída sobre umas tora de madeira, né? Ela ficava suspensa. Tinha assim, uma espécie de um porão embaixo, até pra guardar coisas. Um fogão véio, um monte de roupa.




### Conversação dentro do carro:

**Antônio: ... me lembro do João, ele estava vestido todo de marrom. Me lembro até hoje. Teve um baile em casa... O baile não foi aqui. Se foi 14 anos, não foi aqui não, porque aqui ele estava mais velhinho um pouco.**

**Então foi lá em São Pedro dos Ferros. Não sei se é 14, eu estou dizendo por que teve um aniversário dele.**

**O João era de... Dia 10 de outubro. Então, mas eu lembro dessa coisa, com você falando que vocês tocavam e tudo, mas foi... aí eu não sei se foi na nossa casa. Eu sei que saiu todo mundo depois andando e o Expedito dando em cima de mim pra ficar andando do lado duma menininha lá. "Vai embora com ela, vai, vai na frente com ela."**

**Olga:** Ô, Expedito do Céu, viu? Ô, fama, viu? Pegava todo mundo!




**Expedito:** Quando eu passava por aqui, eu via a filha do Sunica lá na bica. Eu ia trabalhar ali na frente, né, doido pra quando eu passasse aqui, eu ver ela ali na bica pegando água.

**Antônio:** E ela ficava o dia inteiro ali na bica, né, pra você passar. Óbvio. Risos.

**Expedito:** Não, eu trabalhava ali na frente e passava aqui de manhã, torcendo pra ver ela. A gente se apaixona rápido, né, quando é jovem assim?

**Nilza:** Aí você cantava aquele verso lá? Menina dos zóio azul, me dá água pra beber.

**Antônio:** Ela deve tá viva ainda, Expedito, vamos lá conhecer ela, dá um beijo nela. Risos.

**Expedito:** Sim, claro, tá viva. Ela deve morar... parece que eles foram pra São Paulo.

**Expedito:** Essa Zulmira não tá... essa coisa... a Vivi... como é que chama aí a menina? Veniana.

A Venina não tá viva não? Sim, acredito sim, né? Porque ela era mais nova do que eu ou a mesma idade. Você lembra daquele cara, ô, Duduca, que casou com ela? O tal de...

**Expedito:** Eu esqueci o nome dele agora, rapaz. Ah, o Inácio. Lembra do Inácio?

**Nilza:** Também não lembro não.

**Expedito:** Ele morava na fazenda com a gente. Se não me engano, ele morava lá na Cotia. Era o filho dele que depois começou a namorar com ela. Parece que ele morava na Cotia naquela época, o Inácio.

**Nilza:** O Inácio... bom, o Inácio que eu conheço era nosso compadre lá, mas era um senhor já

**Expedito:** Então, mas a gente morava lá atrás. Onde que era a fazenda do tal do Sebastião Ferraz.
- Do Eurico também não achou, né, Expedito?
- Do Eurico já não existe mais, né? Porque o local era ali.

**Expedito:** O local era ali, porque ali, se você continuasse à direita, ia sair lá naquele tal daqueles Cordeiro, né? Onde tinha aqueles parentes do Tio Rogério lá.

**Nilza:** A mulher do Eurico, do Seu Eurico, ela era costureira. (Essa casa do Sunica não existe mais. E a venda dele estava sendo derrubada em 2025).

## 26/09/2017, por volta de 14hs. Chegando na casa abandonada do Sebastião Ferraz:

**Esse Sebastião Ferraz era o poderoso em Visconde do Rio Branco. Ele e vários irmãos. Muitos parentes trabalharam para eles. Teve casamento entre nossas famílias e eles. Um deles foi o casamento da Elza, filha do Vitalino Amaro Pinto, irmão do Izaltino. Ela se casou em 1953, com o Sebastião (Fio) Luiz Ferraz, não sei se era filho desse Sebastião. Nessa época o Vitalino já não estava em Visconde. Tinha saído em 1938 e nunca mais viu a Elza. O tio Rogério a criou. Antônio: Ali deve ser a casa do Sebastião Ferraz.**




**Expedito:** É, então, é aquela ali sim. Eu lembro que a gente trabalhava nesse morrão aqui, ó, carpindo alguma coisa. Aí, era bem na baixada mesmo. Era assim, era aqui mesmo.
- Ah, é verdade.




**Nilza:** Fazenda do Bastião, é essa aí. Aqui eu me lembro vagamente que a gente vinha. E é verdade, porque é perto, né?

**Antonio:** Tudo abandonado também. Vamos lá tirar uns filme ali, Júnior.

**Olga:** Nossa, essa casa é bem legal.

**Expedito:** Que coisa, né? Vai ficando tudo desativado, né?

**Nilza:** Ô, Expedito, por aqui você lembra? Tudo era plantação, ó. Isso tudo. Os filho vai morrendo, o pai vai morrendo, vai acabando tudo.

**Expedito:** E eu trabalhava ali, ó, carpindo os mato ali. Que coisa, né, meu? Olha.

**Olga:** Dá pra abrir aí? Se não der, a gente pula a cerca. Bom, o Expedito lembra, eu não... eu lembro... Eu não lembro nada.

**Antônio:** Eu sei dos nomes, mas do local assim, não...

**Marta:** Nossa senhora. Já pensou você morar numa casa dessa? Um quintal desse.

**Antonio:** Isso aqui, obviamente, deveria ser um curral de porco, né?

**Olga:** Será que tinha essas mangueiras já aí? Olha, é um penico. Ó, gente, esse pessoal aqui não ia atrás da casa.
- Claro, ele era o patrão, né? Penico embaixo da cama. Gente, essa história de penico era muito nojenta, né? Eles levam o penico, enfia debaixo da cama.

**Expedito:** Tô falando pra você, ó, aqui era um lugar pra criar porco e talvez algum outro animal pra cá.
- Aí, era um galinheiro.

**Olga:** Algodão. Nossa, a Alice falou pra mim assim, pra mim achar folha de algodão.

**Expedito:** Ó, tinha tudo aqui, ó. Lugar pra criar porco, galinha e cavalo, lá no canto. Pra alimentar os cavalos ali ou deixar amarrado. Aguenta coração. É muito forte esse negócio. Muito forte.
- Não dá pra ver nada aí dentro, né?

**Expedito:** Gozado, né? Tá tudo abandonado, entre aspas, né, mas tudo amarrado.

**Antônio:** ... coisa de herdeiro, né? Os caras herdam a terra, mas não tem interesse. Ainda bem que não derrubaram, né? Que o outro filho da puta foi lá e derrubou, pô!

**Jr:** Aqui era de quem?
- Do Sebastião Ferraz.

**Jr:** Ele era o dono da fazenda?
- Ele era o dono. São vários irmãos, né?

**Marta:** O pé de manga não pode faltar, né? Todas... pé de manga. Isso é bom demais.

**Expedito:** Um barato como é que era construída essas casa, né, meu? Eu acho que nem cimento não tinha naquela época.
- Era areia, né?

**Expedito:** Areia... é um barro que espalhava. Aí, ó... um galo aí, ó.
- Ai, é lindo esse afresco, gente.

**Antonio:** Tira uma foto aqui, Júnior.

**Expedito:** Imagina eu me sentindo o todo poderoso?

**Marta:** ... dono das terras, né, que é dono de tudo isso, morar numa big duma casa dessas, os pezão de manga. Vidão, né?

**Antônio:** Engraçado que aquele calendário lá é de 2017. 20/09/2002, mas o calendário que tá colado ali é... se bem que o cara...

**Nilza:** O Eurico Ferraz, o Bastião Ferraz, eles tudo era dono e eles não tinham nada a ver com... e lá na fazenda dos Ferreira, por que que o Zé Ventura tomava conta? Porque o pessoal era do Rio, né, morava todo todo mundo no Rio, só vinha uma vez por ano. Eles vinham nas férias, em julho, pra fazenda, entendeu? Então ele tinha tudo os empregado, tinha tudo que tinha que fazer, muita fartura das coisas, mas aí ele que comandava tudo.

**Antonio:** Pra você ver, né, ainda bem que não derrubaram, né? Essa casa da frente aqui, você lembra alguma coisa, algum de vocês?
- Naquele tempo, tinha um administrador e tinha o feitor.
- É, o feitor era direto lá pra fazer o cara obrigado a trabalhar, né?
- Ficava com aquela foice na mão lá, de pé lá.

**Nilza: O Zé Ventura, Expedito, a gente estava trabalhando, eu e a Carmen estava cortando cana lá na Cotia. Aí estava escuro, que a cana estava muito... nós estávamos carpindo cana, estava muito**

**fechado, escuro, aí a Carmen falou assim "Vamos embora?"**

**Nilza: Ô, Expedito, deixa eu acabar de contar. Aí a Carmen falou assim "Ah, vamos embora, já tá escuro, né?" E o Zé Ventura tinha que ir lá na turma, onde... em qualquer lugar que estava trabalhando pra dar a hora da gente vim embora. Aí nós pensando que já era tarde, falei "Ah, vamos embora, né?" Quando a gente chegou, saiu do lado fora assim, da cana, aí ele lá... nós tivemos que voltar de novo pra dentro do mato lá pra carpir, até dar a hora pra nós ir embora.**

**Antônio:** É, o feitor era isso, né? Ele era o...

**Nilza:** É, não podia sair não. Só estávamos nós duas lá, podia ter deixado a gente ir embora. Não deixou não. Estava escuro porque a cana estava muito alta.
- Quer dizer que o papai e a mamãe nasceram por aqui?

**Nilza:** A mãe foi nascida aí no Ferreira e meu pai...É, nesses Ferreira. E o meu pai foi nascido lá pro lado do... onde morava ...
- E o papai nasceu onde, Duduca?




**Nilza:** O papai nasceu lá onde morava o... onde era o Tio Rogério morava, lá praqueles lado. Dos Cordeiro lá.

**Olga:** A minha mãe contava que tinha um sítio, né, gente? Que o pai dela tinha um sítio e perdeu, não foi isso que a mamãe contava?

**Nilza:** Esse sítio é lá na entrada da cidade lá, eu posso mostrar pra vocês. Onde nasceu a Minervina. Na Fazenda Juliana.

**Nilza:** A gente vinha comprar cebola, nós trazíamos o sal pra nós ir comendo cebola com sal, eu e o Zezito. É, vinha comendo cebolinha com sal. Gostoso. Que era plantação de cebola pro lado deles, né, então a gente... aí a gente vinha buscar cebola. Não era comprar não, buscar.

**Antônio:** Buscar, né? Porque estragava tudo, né?

**Nilza:** Eles davam mesmo.

## Chegando nas Cordeiras:

**Aqui foi onde o Tio Rogério morou por muitos anos com seus filhos. O seu neto, Fiote, nasceu aqui. O tio era casado com uma Cordeira. A Francisca.**

**Expedito:** Mais ou menos por aqui morava o Tio Rogério, né?

**Nilza:** É aqui, ó. Pro lado do Tio Rogério era por aqui. Nilza: E as Cordeiro é mais lá embaixo.

**Olga:** Essa casa cor de rosa não era do Tio Rogério não?

**Nilza:** Não, imagina. Tem nada a ver.




**Antônio:** Olga, se é o Zezito ele ia te dizer: "Mas aqui, você acha que o Tio Rogério ia morar numa casa dessa? Ele era lá no fundo, no depósito." Risos.

**Nilza:** Vai devagarzinho. Aqui era a casa do Tio Rogério, ali era da Chica... Tatão que morava ali.
- Aqui é a do Tio Rogério?

**Nilza:** Não, a casa não, o terreno era dele, ele vendeu quando foi embora.
- Mas não é essa casa aí não.
- Eu sei, mas não era essa casa?

**Nilza:** Não, não é essa casa, imagina, é aquelas casinhas mais simples.

**Nilza:** E aqui era a casa do Tatão. Aqui nasceu o Fiote da Chica.

**Antonio:** Ô, Júnior, dá uma filmada pra gente entregar pra eles lá. Deixa, na volta a gente pega.

**Nilza:** É, então... aqui era a casinha... ai, meu Deus, era a casinha da Cumadi Chica. Meu Deus.
- A Chica já morreu também, né?
- Eles nunca mais voltaram aqui, né?

**Nilza:** Não. A Chica veio nas Cordeiro, quando a menina estava doente, a Chica veio aí. Aqui nasceu o Fiote da Chica, né? Nasceu aí. Mas era só uma casinha, Antônio, não tinha nada.

**Nilza:** E a bica era lá embaixo. Ah, lá, a bica da gente pegar água era lá embaixo, ó. Minha mãe foi lá pra cima, né? Então vocês desciam uma escadona pra buscar água lá embaixo.
- Você frequentava aqui então?




**Nilza:** A gente vinha sim. A gente gostava de...

**Olga:** Trazia criança pra benzer, né, Duduca?

**Nilza:** É, a mamãe gostava muito de passear com a gente de domingo, na casa da titia Chica.

**Jr:** E vocês vinha o que? De charrete?

**Olga:** Que charrete o que, ô?

**Nilza:** Bicicleta de uma roda só. Risos.
- Todo mundo a pé mesmo.

**Expedito:** Então, e o meu tio meu... ele já era famoso, que ele fazia carro de boi.
- O tio era...
- Pronto, Antônio. Agora chega.
- Não tem mais nada pra frente?
- Não, aqui é as Cordeiras.

- As irmã da Tia Chiquinha. Era tudo aí.
- E ali na frente tinha um negócio pra jogar maia. Você sabe o que é jogar malha.

**Antônio:** E onde o papai nasceu, você não sabe mais ou menos?

**Nilza:** Ah, é mesmo, tem onde o papai nasceu. Vamos lá ver onde o papai nasceu. E a gente já volta.

**Nilza:** É, João Pinto, pai do papai. Era aquela grota assim, só que a gente não vai ver nada lá, só vai ver o...

**Antonio:** Não, eu sei. Tudo bem, só pra registrar o local, né, não tem... Vai que acha alguém ali ainda que tem uma lembrança, porque o pai do meu pai, nós tamo falando de 1800 e pouco, né? E como é que a turma achou isso aqui em 1800 e nada, né?
- É, devia ser um mato lascado.
- Sim. Era trilha, né? Trilho.
- Se agora tá desse jeito, imagina antes, hein?
- Ali, onde morava aqueles Cordeiro ali, elas faziam aqueles cobertor, né, naqueles...
- É, tear que falava, né?

**Nilza:** Ô, coberta ruim pra lavar que não secava nunca.
- Por isso que chamava Cordeiro, que trabalhava com corda ou é sobrenome?

**Antonio:** Não, é o sobrenome. É a família dos Cordeiro.

**Expedito:** Aí você descia... o fundo da casa, lá embaixão, tinha uma mina d'água, uma água bem potável, bem da hora mesmo.
- Ah, lá, deve ter mais um engenho de açúcar ali.

**Olga:** Eita. Nossa, virou moda mesmo o negócio. Oia que fazendona!
- Vai acabar desvalorizando esse açúcar mascavo aí, viu?
- É, porque tem muita oferta, né?

**Antônio:** E muita gente vai morrer com o mico na mão, né, porque valoriza tudo, o cara investe, aí o preço vai lá pra baixo, porque ninguém come tanto açúcar assim.

**Nilza: Você lembra do Raimundo? Raimundo Iel, Seu Raimundo, que era compadre da mamãe? Era por aqui, ó. Cumadi Judite? Lembra da mãe falar Cumadi Judite? É aqui, ó, Cumadi Judite.**

**Olga:** E ela falava muito.

**Nilza:** E todas as vez que a gente vinha aí, a mamãe vinha na Cumadi Judite.

**Olga:** É mesmo.

**Nilza:** É. Compadre Raimundo, Cumadi Judite... A Cumadi Judite era madrinha... deixa eu ver de quem que ela era madrinha... era madrinha do...

**Antônio:** É que eles moravam por aqui. É pena que a gente não pegou a mamãe naquela época, pra circular, né?

**Nilza:** Era ali, ó, a casa.

**Antonio:** Ela ia lembrar de tudo, conhecia todo mundo.

**Nilza:** Quando a gente ia viajar, eu e a mamãe, a gente vinha aí, passear aí. E lá no Cruzeiro tinha...

**Antônio:** Mas eu digo eu cheguei a vim com a mamãe de carro, não custava circular por aqui. A gente enfiava ela lá na Tia Carminha, ela acabava ficando lá, né? Ela também nunca foi de pedir, pra mim pelo menos, de querer vir aqui.
- Não, o foco dela era as irmãs lá, né?

**Nilza:** Aí faltou a Cumadi Julieta, né, que era madrinha do João, né?
- E onde que era a Julieta?

**Nilza:** É lá pro lado do Cruzeiro. Agora não lembro mais também não. Cumadi Julieta e Compadre José Cabral.

**Olga:** Nossa, a minha mãe falava muito deles.

**Antônio:** Quer dizer que você acha, Duduca, que o papai e a mamãe devem ter nascido por esses pedaços aqui?

**Nilza:** É, a mamãe foi lá nos Ferreira. O papai foi pro lado de cá.

**Expedito:** Eu não sei por que que você não tá lembrando desse Inácio, ô, Duduca?

**Nilza:** Não tô não. Pode ser que eu vou acordar de noite e vou pensar no Inácio... Inácio que você falou, né? - Inácio, que tinha o...

**Expedito:** O filho dele estudava com a gente lá na... lembra da professora... como é que ela chamava? - Ivone?




**Nilza:** Madrinha Ivone. Ivone é minha madrinha.
- Ele estudava com a gente lá, ué.

**Nilza:** Mas eu não estudei. O papai me tirou de lá! O papai não deixou estudar não. Eu não cheguei a ver.

**Expedito:** Não, mas eu estudava lá e ele também. E a gente morava aqui no... todo mundo aqui nos Ferreira.

**Nilza:** Ah, pro interior era perto. Você ir até os Cordeiro ali é 4 km. Imagina, você vai a pé na boa. Olha só.

**Olga:** Mas pode contar, viu? Que quando a mamã estava passando por tudo isso aí, ela estava pensando, meus filhos vão viver bem. Ela desejava tanta coisa boa pra nós.

**Antonio:** Então, foi por... se quiser registrar, pode, que é por aqui que o papai nasceu, só que a gente não sabe o local certo, né? Por essas quebradas É só pra ter uma noção, né?

**Nilza:** Nosso pai nasceu na Gruta do João Pinto. Aqui pertinho. 200 metros das Cordeiras.

**Nilza:** Você ouviu falar da Cumadi Judite? Você nasceu por ali, Expedito. Perto da Judite ali, talvez. Perto da Judite aqui? Ah, então tá. Vocês nasceram por ali. O Expedito nasceu ali.




**Antônio:** Quer dizer que a mamãe morou muito tempo com o papai pra cá. Aí que nós fomos pro Ferreira... não, aí foi lá pra...

**Nilza:** Pra Companhia. E depois voltou lá pro Tio João Lino, lá. Voltou pros Ferreira lá.

**Antônio:** Pros Ferreira. Tá. E aí eu nasci.

**Nilza:** E o João nasceu na Serra. Sabe a Serra? O lugar chamava Serra do Valão.

**Antonio:** Você não lembra onde você nasceu, Duca?

**Nilza:** Lá perto da Tia Carminha. Na rua debaixo assim. Eu vou mostrar. Na rua debaixo.

**Antonio:** É, então, mas se você nasceu lá, como que o Expedito nasceu aqui nessa Fazenda do Raimundo?

**Nilza:** Não, não. Eu nasci lá, depois eles voltaram pra cá e o Expedito nasceu em 1942, depois mudamos para o Valão, onde o João nasceu em 1944.
- Ah, eles mudaram de novo?

**Nilza:** Ficaram mudando. Você vê, o Expedito é mais novo de que eu, 2 anos, né? Então eles mudaram pra cá de novo. E o Expedito nasceu pra cá, pro lado da Cumadi Judite ali.




**Olga:** É, porque a mamãe contava essa história, né, que o meu pai não parava em lugar nenhum. O que que essa Cumadi fazia de lanche quando vocês chegavam? Era comida mesmo? Ou era broa?

**Nilza:** Ah, só fazia um bolo e comida. Se chegava na hora do almoço, almoçava... Aí era comida mesmo então. Era só comida, arroz e feijão. As crianças enchiam a pança. Era frango. Era comida. Não tinha esse negócio de comer essas comidas.

## 26/09/2017 Voltando para Tia Carminha:

- Foi ali que nós tivemos. Que nós entramos.
- Ah, ali é o Ferraz... ah, ali é a Milota.

**Nilza:** Ali é a Milota. O Zezito, pra tirar sarro dela, chamava Dona Pelota.

**Antonio:** Dona Milota. Tá anotando tudo aí, né, Juninho? Milota, não sei o que, senão não vamos lembrar de nada, chega a dar um nó depois.

**Jr:** Tô gravando. Depois tem que ouvir.

**Antonio: Vamos ver se até o ano que vem a gente faz um livro da família. Aí a gente distribui pros filhos, com foto e tudo, fica registrado.**

**Nilza:** Porque você vê, ó, a gente não conhecia o povo lá da mamãe e nem do papai.
- E o Tio Rogério ainda tem parentes por lá, né?
- Tem mais não.
- Nem filho, nada, primo, nada, sobrinho, nada?
- Não, lá em São Paulo?
- Tem só o Nego. (Vitalino Sobrinho)

**Olga:** Tem os filhos da Nair, os filhos do Peruca, né, Duduca? Lá em Poá.

**Nilza:** Não, os filho do Peruca é no Jardim Camargo Novo, né, que eles moram, né? Camargo Novo.

**Olga:** O filho vivo do tio Rogério, é só o Nego agora, né, que tem? Os outros morreram todos. O João foi, do tio, o primeiro que morreu.

**Expedito:** Esse açude aí sim, se houvesse um interesse de alguém em fazer umas plantação com irrigação, né, dava pra usar essa água aí numa boa.

**Nilza:** Quando eu vinha aqui na casa da minha comadre que morava ali... agora ela morreu também, ela falou que o pessoal vinha muito fazer... fazia muito piquenique aí, Antônio. Vinha fazer muito piquenique aí nesse... aí disse que teve uma vez que morreu um... eles entraram escondido dentro do açude, morreu um rapaz. Aí colocaram cadeado no portão, dessa grossura o coisa do cadeado, que eles estavam pulando e aí morreu o rapaz. Não pode entrar. É proibido entrar, mas eles não respeitavam, ela falou.

**Expedito:** Eu tinha pavor desse açude aí.

**Olga:** Você sabia se tinha morrido alguém lá dentro?

**Expedito:** Não, não. Nunca tinha visto falar, mas eu tinha... só de olhar pra esse açude aí eu já ficava apavorado. Eu não tinha coragem de me arriscar nisso aí.

**Antonio:** E graças a Deus que você não entrou, né?

**Olga:** O Zezito devia ter muito boa recordação, né, porque...

**Expedito:** Eu me atirava nesses rios tudo aí e quando estava... quando passava uma enchente que ele ficava bem cheião... Quando o rio ficava bem cheião mesmo, aí que eu gostava de entrar pra nadar.
- Quando tinha enchente?

**Expedito:** Tinha enchente. Eu gostava de entrar quando ele ficava bem cheião. Coisa de jovem mesmo. Agora, naquele açude ali, nunca tive coragem.

### Passando na frente da Fazenda do Alexandre Ferraz, irmão do Sebastião Ferraz

**Antonio:** Calma, pessoal. A Olga já se acostumou ali, no banco de trás a Marta também já tá dormindo.

**Expedito:** Esqueceram da comida.
- Você que pensa.
- Já acabou a fraqueza.

**Marta:** Agora eu já tô em estado de torpor. Morta de fome.

**Antonio:** Não tem uns chocolate pra elas? Aqui é a entrada então, principal?

**Expedito:** É, aí era a entrada. Será que ainda é?

**Antônio:** Gente, nós estamos fazendo um documentário, nós não podemos ficar pensando em comida, em coisas...

**Nilza:** Eu fui por aqui tudo, ó, na casa da irmã do Tuta, Olguinha, lá pra coisa, o meu afilhado me levou.

**Olga:** Tá, ele disse que veio com o Zezito aqui. Quer dizer que o Zezito então circulou por aqui.
Que bom, né?

**Nilza:** É. A gente andou muito, andamos por aí.
- O que que é isso daqui?

**Nilza:** Então, essa aqui é a do... É do... o Alexandre Ferraz... aqui, Antônio, ó, aqui era a criação...irmão do Sebastião Ferraz que morou...

**Nilza:** Aqui, Antônio, era a criação de porco dele. Tomava até banho de chuveiro naquela época, os porquinhos. Era tudo importado esses porquinhos.
- Essa casa é bem antiga, né?

**Nilza:** Então disse que desde quando a Dona Joaninha morreu, disse que a casa ficou fechada. Nunca abriram.
- Nunca abriram mais?

**Nilza:** Quando a gente veio, ele falou "Não, a casa da minha mãe tá fechada desde quando ela morreu."

**Marta:** Eu tinha vontade de entrar só pra mim ver o que que tem aí dentro. Nossa, ele tinha muita coisa antiga aí. É possível que os móveis estejam tudo aí, né, Duduca?

**Nilza:** Tá tudo... não, eles não mexem em nada.
- Ah, lá, tá vendo?
- Bem antiga mesmo, né? (A casa foi derrubada em 2025 pela chuva).

**Expedito:** Como é que pode, né, meu? Você vê, né? Essa casa aqui demonstra que era um pessoal com até mais posses do que os outros irmãos, né?

**Nilza:** Não davam uma mexerica pra ninguém. Amadurava, secava no pé, mas não dava.

**Antônio:** É aqui que o Zezito então reclamava que não tinha "Os caras deixavam morrer lá, mas não dava pra gente!"

**Nilza:** Não era aqui não? Era o Zé Ventura, na Fazenda Santa Maria, do Major.

**Expedito:** Então, a bronca que ele tinha é da manga que ele deixava cair do pé e não dava, mas aqui também ele reclamava.
- Esse pessoal aqui era legal sim.
- Você vê que tamanho desse negócio. Aí o negócio do milho onde que era?
- O negócio de milho era ali.

**Antonio:** Olha, ainda tem até um negócio, uma roda de moinho d'água ali, ó.

**Nilza:** Se ele tivesse... é que a gente não viu ninguém, se tivesse, eu ia chamar pra gente ver. Ele entrou com a gente aí dentro, mostrou tudo pra gente o meu Compadre, sabe?

**Expedito:** Esses cara era boa gente sim, Duduca. A gente passava aqui pra pegar garapa quando vinha da escola, rapadura. Eles não eram tão ruins.
- Aqui devia ser o negócio da produção de garapa, né?

**Antônio:** Eu me lembro da história, do detalhe não, mas é isso mesmo. Essa esteira aí era pra... Isso aqui provavelmente você punha o milho aqui em cima, né? Aqui provavelmente deveria ter uma escadinha, e você joga o saco de milho aqui em cima, entendeu?

**Antônio:** Não, aqui é de cana, ah, então, aí e a cana então. Nada a ver. Isso aqui é o... faz girar o motor, ó, não tem nada a ver com a... certo? Não, péra um pouquinho. É, é isso mesmo. Não sei por que que botaram isso aqui.
- Então, aqui não tem nada a ver com o milho, mas por que que essa esteira tá comprida?

**Expedito:** Tá aqui ó? tá vendo que ele... essa garapa vinha, passava por isso aqui, né?

**Antônio:** Isso, aí tudo bem, aí tá explicado. Se moía lá, eu acho, ah, já sei o que que é isso aqui. Isso aqui é o seguinte, você moía lá, empurrava a cana já... pra garapa, ia pra lá, isso aqui levava e já jogava dentro de algum caminhão ali.
- O bagaço.

**Antonio:** Ou jogava ali no chão pra alguém pegar. Isso aqui já levava o bagaço lá pra fora. Provavelmente deixava lá no chão e vinha um caminhão.

**Antônio:** Moía lá e vinha pra cá. Aqui a tina que eles depois... ó, é exatamente, ó, daqui aí já entrava aquele processo produtivo, né? Ficava na fermentação aqui, ó lá dentro, ó, tem todos os baldes lá de... aqui ela fazia o... o melaço, né?
- Então, mas aí já era uma espécie de um tacho...

**Antonio:** Isso, o tacho era aqui, ó. Tá vendo onde botava o fogo ali, ó?
- É. E ali fervia e virava melaço, ou rapadura. E já ia lá para o fundo pra produção.

**JR:** Mas vocês traziam milho pra cá, como era?

**Antônio: Aqui já é outra história, aqui já é do melaço, né? Mas eu lembro desse detalhe aqui. A Duduca que tá falando o negócio do milho, provavelmente pode ser do outro lá. Mas aqui, assim, a gente trazia o milho e levava o fubá. Isso eu me lembro. Eu arreava o cavalo e... vinha sozinho.**

**Antônio:** Aí dava uma... eles usavam a criança pra ficar guiando o boi, né, na frente desses negócio de cana.

**Expedito:** E os caras... o boi sofria, porque aqueles cara era tudo ignorante. Ferroava o boi. Pra meter o ferrão na bunda dum boi é dois palito.

**Antonio:** No caso aqui ... da garapa , porque o boi tinha que ser devagarzinho mesmo, né? Não podia correr muito senão não ia...

**Nilza:** (Sobre a fazenda dos Ferreira) Eu estava falando com aquela moça lá onde que vocês tomaram a garapa, sobre o meu irmão, né, o Zezito, que ele trabalhava lá onde fazia a pinga lá, né? Com o tio Sebastião. Onde separava, então ficava uma pessoa na moenda cortando a cana, o Zezito ali na... puxando o bagaço. E pondo no balaio e levando lá pra fora... entendeu?

**Jr:** Quer dizer que era aqui que tinha o negócio do fubá então?
- É, atrás do quintal.

### Na casa da tia Carminha, falando sobre a Ilda, nascida em 07.05.1933, irmã caçula da Minervina

Ela tinha um ano e pouco, como é que você lembra?

**Olga:** Morava, mas ela não morreu, ela ficou aqui com a tia Carminha!
- É que ela ficou aqui.

**Marta:** Aí quando vinha aqui passear...

**Olga:** Ela era boazinha, eu me lembro muito bem dela.

**Antônio:** Quando eu vim aqui da primeira vez, que você, marta, teve aqui comigo, eu tinha... 12 anos? É... eu tinha 11 anos, então e já você tinha... 5 anos mais ou menos nós a vimos.

**Olga:** Então, e ela... eu contei isso pra tia... eu sei, acho que é a Carminha mesmo, quando eu contei isso pra ela, ela falou assim, eu não sabia! Ela falou assim, eu não sabia que ela tinha essas... essas coisas, ela... nós vamos passear, eu e ela vamos passear um dia. Daí ela passou batom, se arrumou, e a gente virou ali a esquina e foi pra lá, agora eu não lembro mais onde que a gente foi.

### Olhando a casa do Major, nos fundos da casa da tia Carminha

- Não, não era só café, era o arroz também.
- Onde que tinha... não, feijão, feijão. O... que aqui não tinha, não plantava arroz, né?
- Plantava.

**Antônio:** É, e eu ajudei a bater feijão, porque você deixa secando, um bom tempo, aí vem lá com uma vara, bate, bate, bate, bate, o feijão cai e você vai lá e retira os galhos e fica...
- Onde tinha um lugar de secar arroz era aqui nessa fazenda.
- O major fez um aqui.

**Antônio:** Essa casa aqui foi construída depois que nós fomos embora daqui.

### Almoçando na tia Carminha

**Expedito:** Pegava aquele monte assim, vapt, vapt! E ia andando todo mundo em fileira, né?

**Antônio:** Você sabe como é que colhe o feijão da... dos grãos, você arranca, e o feijão fica no chão, não?
- Fica no chão.
- Ele é que nem amendoim?

**Cleusa:** É, fica no chão, você arranca ele igual amendoim, só que a vagem dele dá em cima.
- Então, a vagem é em cima, isso.

**Cleusa:** Arranca e ele e põe pra secar.

**Antônio:** Você pega a vagem no momento certo, arranca do chão, joga no terreno, pega um dia ensolarado desse e deixa lá sei lá que tempo. Quando você perceber que secou tudo, a vagem, a vagem, que eles chamam de bagem, mas a vagem tá sequinha aí vai lá e bate, a vagem abre e o grão cai. Mas tem que bater bem. Aí tira tudo e fica só o feijão. E no arroz, o arroz é a mesma coisa, você joga todos os ramos de arroz, seca, é do feijão e arroz que...

**Olga:** E hoje em dia tem a máquina, né? Mas antigamente não tinha.

**Antonio:** Ah sim, é, hoje não faz mais isso, aquela época era tudo manual, você trazia tudo e deixava lá no terreiro.
- Naquele tempo era tudo muito trabalhoso.
- Imagina você socar, socar arroz no pilão! Socar arroz no pilão, cada um com... toc, toc... até o arroz ficar limpo.

**Antonio:** Café também era batido, né, você tinha que fazer tudo no... tipo um monjolo.

**Olga:** Ah, onde a gente morou qualquer lugar, minha mãe fazia polenta do milho novo, né? Ela batia, ai que coisa boa, você faz também?

**Creusa:** De primeiro nós fazíamos, agora não.
- Não tinha liquidificador não, como é que era?

**Creusa:** Ralava, né? Ralava o milho verde ainda, né?

**Olga:** E o arroz batido no pilão? Isso aí era no morro redondo, que lá tinha plantação de arroz, você lembra, né? Porque o arroz vinha com a casquinha, aí você joga no pilão e fica ótimo.
- Torrava primeiro, não torrava?
- Não.

**Antônio:** Você fica batendo no pilão, a casquinha vai saindo e aí depois você pega uma peneira...
- Só que ele não fica inteiro, ele fica quebradinho.
- Farinha de amendoim também.
- Na panela de ferro, fica aquela raspa.
- Aí você pega a peneira, vai peneirando, o arroz vai caindo e as folhas ficam em cima, e embaixo fica o...

**Expedito:** Olha o canarinho... Que coisa linda que é esse canarinho.

**Expedito:** E a parte de baixo era um canavial, catei a cana lá, quando eu fui descascar, tome. O facão me cortou. Aí você pensa que todo mundo se preocupou comigo? Como é que chama aquele troço que... menstruz?
- Nitrato, né?
- Nitrato, era.

**Expedito:** Faz aquele sumo daquele tal de "nitrato" ali, põe aqui, amarra um pano, e tchau!

**Antônio:** O Expedito tinha fama de ter os melhores dentes da família, porque ele sempre foi de cortar cana e ficar chupando.

**Antônio:** Eu sei, mas eu digo, 1800 e pouco, porque ah, tá todo mundo falando que a escravidão acabou em 1888, foi assinado a lei da escravidão, a turma continua tendo escravo, ô! Isso até hoje tem, né? Você vai lá não sei onde tá cheio de escravo.
- É, mas a minha mãe falou que tinha umas...

**Antonio:** É que eles morreram muito cedo, meu vô morreu com 43 anos.(47)

**Antônio:** Numa região que nem essa aqui, você devia ainda ter escravo, até porque você solta um escravo aqui em 1900, pra onde que o cara vai? O cara não tem família, nós estamos tentando fazer tudo isso de resgate de origem, imagina um escravo solto, ele não sabe quem é o pai, que ele provavelmente veio lá da África sequestrado, que eles vinham e a família junto, é por isso aconteceu com a escravidão, preferia continuar trabalhando lá, senão não tinha onde comer.

**Antônio: E eu não tinha referência de vocês. Lembrava, porque como eu fui e voltei, eu fui pra São Paulo muito novo, eu não sabia. Nunca mais tinha voltado, voltei quando tinha 11 anos, mas nós viemos rapidinho. O Tãozico chegou lá no casamento do Zezito, já foi em 1975. E aí, cismou que a gente tinha que vir no carnaval, que no carnaval aqui era o máximo. Falei tá bom, nós vamos. Foi aí que eu vim, que foi... 1975? E passei o carnaval aqui, que foi uma farra, e aí estava o irmão dele que era gerente do Nacional, não era nem Nacional ainda, era outro banco, o Zizinho era gerente do banco, e ele era diretor do Clube dos Bancários. E chegamos lá tinha mesa com o nosso nome. Era a maior [baba?] pra ficar lá, né? É. aí descobrimos e trouxemos esse aqui, o Expedito, chegamos aqui e descobrimos que ele não trouxe nem um cruzeiro, nem um real! Então a gente abusava, vai lá pegar...Vai lá pegar Coca pra gente, Coca nada, era só cachaça e... pega lá. Vamos lá, ô Expedito, vai lá buscar pra gente, porque nós estamos pagando tudo. E eu e o Gaúcho, a gente alugou esse cara, o Expedito, que deu até dó!**

**Antonio:** Aí ele foi lá na tal da zona, não sei se era zona, né? O Gaúcho falou "eu vô pegar esse cara, ele tá transando lá de porta aberta". Perdemos o diabo do filme.

**Antônio:** É, foi o única que não... eu não sei onde foi parar o diabo do filme. Mas foi um sarro. Então, mas aí, foi aí que eu comecei a ter contato, mas eu já estava com 20 e poucos anos.

**Olga:** Eu acho que esse Gaúcho morreu.
- Não, não morreu não.

**Antonio:** O Gaúcho era muito atrapalhado, ele foi, a mãe dele era caseira dos Getúlio Vargas, lá dos Goulart. Depois ele casou, não, ele teve dois filhos, ou um filho, não lembro, o menino foi brincar lá naquele estádio do Inter, que era na beira do rio, o moleque morreu afogado. Então ele tinha, ele se aproximou de mim, no sentido de coisa, porque eu levava ele lá na mamãe e ela fazia aqueles almoços... você lembra dele, né? Ele chegava lá para comer, que ele não tinha família. Adorava o rango da Minervina. Então, mas ele tinha uma diferença, ele não tinha família. Ele não tinha pai e mãe.
- Ele só tinha esse filho que morreu?

**Antonio:** Se não me engano ele tinha dois. E ele trabalhou comigo lá na VEF muito tempo...

**Antônio:** Nesse carnaval aqui em 1975 ele chegou pra mim "pô, eu não tô entendendo nada". Ele tinha um cabelão, eu também, cabelão até aqui. E ele era bonitão, né, gaúcho, todo cheio, todo posudo.

**Antonio:** É, aí, falou "pô, o cara me cutucou ali, não sei o que lá", aí disse que o cara chegou nele e falou "tá vendo aquela moça ali? Minha filha. Tá vendo aquela pessoa do lado dele?". "É a minha mulher. Tá vendo aquele fulano ali ?. Não se meta, ou eu mato você".
- E ele ficou paquerando a mulher lá?

**Antonio:** Não, não era nem isso, a gente passava, ficava todo mundo... o Júnior, por exemplo, você passa ali no centrinho a mulherada fica toda olhando, né?

**Antonio:** E os caras ficam tudo com ciúme, né? Você imagina, em 1970 e pouco, a gente tinha, primeiro, tá na...você tá na mesa da diretoria, que pra aqui tem um peso, né, o cara é importante pra tá na mesa da diretoria, né?

**Olga:** O Zizinho também era muito bonito, ele estava junto?

**Antonio:** Sim! claro! Era a mesa dele!
- Mas era bonito, não era?

**Antonio:** Mas a... a mesa, ao invés de estar em nome da diretoria, estava no meu nome! Antonio Lino... não sei o que lá, pô, você chega lá você fica que nem... a muierada... aquela eu já não era tão tímido mais...

E na segunda vez, em 1976, todo... o Expedito sabe dessa história. Estou lá dormindo, e o Gaúcho se encantou com alguém lá no baile, que ia pro Rio de Janeiro na Terça Gorda, pra pegar a Terça Gorda. O filho da puta foi lá no Rio de Janeiro arás dela. Aí, estou dormindo, eu dormia no Tãozico, nem hotel, não tinha dinheiro pra isso também, e o Tãozico sempre foi gentil e tal, estou dormindo, sinto alguém me carregando. Quatro hora da manhã... eles iam me botar no Fusca do Gaúcho! Pra levar pro Rio de Janeiro! Mas ele estava bebaço, porque nós tínhamos acabado de chegar do carnaval! Ele nem se preocupou, imagina, de pegar minhas roupas, não!

Mas eu... aí eu fiquei até com dó depois, porque eu ofendi o cara pra caramba, porque eu... estava bêbado, com sono... Ele bêbado, como é que ia dirigir daquele jeito? Ah, mas eu dei um esporro. Falei, sabe por que que você tá... porque dessa vez a gente veio no carro dele, que é aquele Fusquinha verdinho lá. "Só porque você tá no seu carro? você pensa o quê, eu tenho dinheiro pra voltar, não sei o quê!". Falei, coisa de bêbado, xinguei, não sei que, "E outra, você tá bêbado! Como é que você vai daqui pro Rio de Janeiro a essa hora, meu!? você é maluco!". Pá. E ele acabou não indo, né? Ou foi depois... Acho que ele não foi não.

**Expedito:** Ele foi sim. Ele foi depois, não na hora.

**Antonio:** Na hora não, né? Você também estava lá Expedito? Nós viemos com o mesmo carro, né? Não, acho que viemos no... só no carro dele.

**Antônio:** Não, eu acho que ele foi no Rio, voltou pra cá pra gente ir pra São Paulo, porque quando a gente voltou pra São Paulo, você lembra que a gente parou no estrada, o guarda pegou a gente e ele estava dormindo lá atrás e nem percebeu?

**Expedito:** Ele foi e voltou. Durante o Carnaval ele foi pro Rio, e voltou.

**Expedito:** Peguei carona duas vez com esses caras pra cá. E sempre durão, né? Ai eu estava tirando a Carta.
- Nós também, né? Ninguém tinha dinheiro.

**Expedito:** Eu estava tirando Carta.
- Ah, essa é boa!

**Expedito: Esse cara aqui, tinham lançado naquela época a nota de 500 cruzeiros, ele me deu uma nota dessa...tipo assim, "fica com isso aqui pra não me encher mais meu saco". Era uma grana boa.**

**Como eles foram, vieram revezando no caminho, e eu no banco de trás numa boa, né? Chegaram todos cansados pra caramba, e foram dormir! E eu pumba, catei o carro do cara, sem carta sem nada... estava tirando Carta. Aí quando chega ali, naquele pátio da Estação Rodoviária, Ferroviária...é ali perto da Estação, tinha um estacionamento ali, né? - Estação Ferroviária. Pra estacionar. Aí, e era um movimento danado, atrás de mim ali. Carnaval, né, cheio de gente. Carro passando atrás de mim direto. Eu pumba, engato uma ré, estico o pescoção lá pra trás....**

**Expedito: Estico o pescoção lá pra trás, muito anta, porque eu tenho que pegar o carro e vim com ele em linha reta, até... pimba! na Variant de um cara, que estava muito em moda naquela época, a Variant. E adivinha quem era o dono dela, um advogado...que estava naquele hotel, aquele hotel que tá desativado agora, aquele...**
- Lá na janela vendo.

**Expedito:** Aí desceu, e eu sem Carta, né?
- E eu sem Carta, e ele falou assim, pois é, e agora? Esse carro aqui...
- Não foi nem amassado! Tá...

**Expedito:** O cara é advogado, aí ele falou assim, "seguinte, esse carro aí"...

**Antônio:** O Expedito puxou a nota "eu só tenho esse aqui", ele "tá bom".

**Antônio:** Aí o detalhe, amassou o carro do Gaúcho, ele tinha dois problema que resolver, agora [risos]

**Expedito:** O filha da puta é advogado, essa raça não presta. Aí o cara falou assim, bom, eu vou ter que colocar esse carro na oficina, vai ficar lá X dia lá pra consertar, e eu dependo dele porque eu preciso trabalhar com ele, então meu dia de serviço é tal, que eu tenho que arrumar outro, e fica em tanto, ele chutou o balde dava mil e tralalá.

## Bate papo na casa da tia Carminha: 26/09/17

- Mas o Zezito...

**Expedito:** O Zezito era muito bonito, mas ele não aproveitou a oportunidade da aparência dele com relação a mulheres. Ele tinha algumas e tal, mas...

**Antônio:** Mas ele era mais focado no trabalho, Trabalhava muito.

**Expedito: O filho desse cara que nós acabamos de sair de lá agora, (Filho do Alexandre Ferraz) todo fim de semana catava a bicicleta dele e ia lá pro hotel onde eu trabalhava, e ficava dois, duas noite lá... Provavelmente era sexta e sábado. E naquele tempo era uma baba pra gente arrumar namorada, né?**

**Zil filho tia Carminha:** Vocês saíram daqui e foram para onde?

**Antônio:** Nós fomos pra São Pedro dos Ferros. A Zona da Mata. Aí ficamos lá uns dois anos, tentaram lá, aí voltamos pra cá e fomos lá pra essa casa que a gente foi ver hoje. A Camelinha.

**Zil:** Você é nascido onde?

**Antonio:** Eu nasci aqui, nasci nessa casinha aqui em cima. Em 51. Aí nós fomos pra lá, porque eu não sabia que a gente tinha voltado, só que nós não viemos pra cá, nós fomos lá pra aquele canto, pro tal do não sei o que do meio lá, voltamos, um ano e meio, provavelmente, a gente ficou lá, voltamos pra São Pedro dos Ferros e em 1963 a gente foi pra São Paulo.

**Antônio:** É porque tem coisas que você lembra fazendo uma ligação duma coisa com a outra. Por exemplo, eu não lembro qual foi a época que nós moramos lá na Zona da Mata. Aí vem a

**Expedito:**- Aqui por exemplo, por que que eu lembro que eu tinha, lá no Ferraz eu tinha meus 18 anos? Porque eu tinha feito... e já tinha feito o alistamento pra... se fosse preciso servir o Exército eu já tinha, já estava fazendo... 17 pra 18 anos.

**Antônio:** E aí vem os testemunhos, a Duduca, por exemplo, passou lá onde morava o tio Rogério, por exemplo, eu escutei muito da minha mãe o negócio das Cordeiras. E aí associa, porque por exemplo, eu escutava muito da minha mãe isso e aquilo, eu nunca prestei muita atenção, mas a gente viu pelo... a gente foi por um outro caminho lá nas Cordeiras, e eu falei "ah, vamos continuar por aqui". Saímos onde a gente morava.

**Antônio:** Aí o Duduca falou que o meu pai deve ter nascido naquelas quebradas lá, tal, eu acho que quando que gente voltar a gente podia pegar a Duduca e ir ver mais ou menos onde que o meu pai morou, onde nasceu, que ela acha e supõe, que era a continuação ali daquela casa que você falou que você tocava violão.

## 26/09/2017. Saindo da Tia Carminha e chegando no sítio do Vadinho (Oswaldo) filho do João Lino, irmão da Minervina:

**Nilza contando sobre seu dia de casamento:**

**Jr:** O carro o quê?

**Nilza:** A mãe falava, que se fosse pra mim vim num casamento igual ao dela, preferia o caixão que o dia do casamento. Aí a gente veio de carro, o carro travessou a estrada aqui, a estrada aqui por trás, o carro...

**Jr:** Você e o Tuta?

**Nilza:** É, aí travessou ali. [riso] Atravessou ali. Aqui o buraco, ai que buraco, então o carro travessou, fez assim, porque era estreito, né? Fez assim. Aí teve que parar aqui, né? Aí a gente foi, eu fui andando, graças a Deus, né?

**Antônio:** Aí quem que era, você lembra, não?

**Nilza:** Isso aí o Seu Brás. Seu Brás Custódio...

**Antonio:** É, esse nome também não é estranho.

**Nilza:** Então, aí, a briga que o meu pai tinha é por causa dos filho dele.

**Nilza: Aí, ô Antonio, a gente... aí o que que fez? Se bem que era atrasado, e o motorista não sabia, e não conseguiu tirar o carro aí o Zezito veio e dormiu no carro pra ninguém roubar. E é o que que eu lembrei? Logo dá o negócio que a mamãe falou, falei pronto! [riso]**

**Antônio:** Então isso foi quando? 1957? ninguém ia roubar carro, ninguém nem sabia dirigir, né?

**Expedito:** Aí que morava o João... coisa?

**Nilza:** Aqui é o Luís, lembra do Luís da Nena, da minha cunhada? Ele morava aqui, ele morreu... o Luís morreu...

**Expedito:** Ah, aquele cara morreu, Duduca? Mas aquele cara era novo ainda.

**Nilza:** Então ele morreu agora, e o filho dele é casado com a Adriana da tia Carminha, que teve lá ontem, foi me ver ontem.
- Ah, eu lembro daqui.
- Eu não me lembro daqui não.
- A Tia Olga não morava por aqui?

**Nilza:** Morava aí. E o... e nós vamos passar também onde morava o pai da Vanina. É essa estrada aqui que também dá acesso lá pra Rio Branco.

**Olga:** Não é aqui que você se casou e morava?

**Nilza:** Pois é, é ali. Ah, tá vendo?

**Olga:** A sua casinha não existe mais, mas eu lembro muito bem dela.

**Nilza:** Aqui era primo da minha mãe que morava aqui.
- Quem?

**Nilza:** Primo da minha mãe que morava aí. Não mora mais.
- Esse bambu era antigo pra caramba.

**Nilza:** O bambu é antigo. O bambu não acaba não, né, gente? Vive lá 100 anos, né? É que vai morrendo um, sobe outro, né? Tem uma raiz. A raiz deles não acaba não. A raiz não acaba.




**Jr:** Depois dessa pontinha era sua casa?

**Nilza:** E a fazenda do sogro não tem mais, né? Não, não tem.

**Antonio:** Depois a gente desce aqui e filma bonitinho.

**Jr:** Como é que chamava aqui?

**Nilza:** Ah, aqui é o Tonho do Guido, gente dos Ferraz.

**Jr:** Então, mas você morou aqui e não tinha nada a ver com o pai do Tuta? O Guido era da família do Tuta?

**Nilza:** Não, o Seu Guido era da família Ferraz. Depois que o meu sogro vendeu, ele comprou tudo.

**Jr:** Então, mas o teu sogro era dono aqui?

**Nilza:** Meu sogro era dono de lá. E o meu padrinho, o Tonho do Guido era daqui. Aí, quando o meu sogro vendeu os terreno, ele comprou tudo.

**Esposa do Vadinho:** Tá bom. Graças a Deus. E você? Bonitona!

**Nilza:** Brigada, fia! Já ganhei o dia hoje.

**Nilza:** Então, ela que é a esposa do Vadinho.

**Expedito:** Alguém estava duvidando de mim aí, que eu não trazia milho.

**Nilza:** O vô dela, Alexandre Ferraz, lá onde eles foram agora, que vocês filmaram!

**Esposa do Vadinho:** Não, aqui também. Tinha um monjolo movido a água, uma pedra... é, eu estou te falando... minha vó era daqui, né?

**Jr:** Então, como que era o vô, o nome do vô?

**Nilza:** Seu Guido. Que tinha a casa aqui e o negócio de moer era bem na beira do rio, era movido com a água do rio. Tinha uma pedra...




**Esposa:** Eu também não lembro desse... eu sei que tinha ali onde o senhor tá falando, tinha um engenho.
- Tinha um monjolo.

**Antonio:** Vamos ali, vamos ver se tem um monjolo lá embaixo. Vamos ver, vamos tirar essa dúvida já.
- Engenho de cana, moer cana.

**Antônio:** Tá vendo? Viu? 1x0 pro Expedito.

**Expedito: Eu lembro. Eu subia na árvore lá porque tinha cachorro pra caramba aqui, subia na árvore primeiro, batia palma e alguém vinha me atender. Eu trazia milho pra levar de volta fubá.**

**Antônio:** É a primeira história que o Expedito conta que a gente tá acreditando, porque ele só inventa. Risos.

**Esposa:** Aqui, deixa eu perguntar ao senhor então, não é no Brás Custódio não?

**Expedito:** Não, não. É aqui mesmo. Eu lembro que tinha um moinho de fubá...

**Expedito:** Eu tenho certeza absoluta que era aqui. A gente fazia troca, trazia o milho e levava o fubá.

**Nilza: Um dia, tomei um susto do cachorro. Eu morava ali, né, na minha casinha ali, né? Aí eu vinha buscar leite pro Zé e tinha cachorro brabo e o cachorro tinha que prender. Todo dia eu vinha cedo e o cachorro... quando eu batia palma pra sua mãe abrir a porteira pra mim... pra mim ir lá ver quem é, o cachorro foi primeiro. Aí eu fui correndo, o cachorro atrás. Aí o seu pai veio correndo e chamou ele, amarrou.**

**JR:** Você morou aqui quanto tempo, Duduca? Ali na frente que você morou?

**Nilza:** É lá na frente. Eu vou mostrar pra você onde é a casinha. .

**Nilza:** Não, deixa eu ficar aqui. Não, pode deixar. Então, ô, Terezinha...era um tal de amamentar um, amamentar outro, a gente não sabe nem mais quem é quem. Só que não era muito que vocês mamavam, tinha aquelas horinhas, cada um mamava um pouquinho, né? Era assim.

**Nilza: Então, Júnior, não sei se você quer falar, aqui que era a fazenda do meu sogro. Tudo isso aí era a fazenda do meu sogro. Aí onde tá... tudo onde tem essas plantações, tudo era lugar que era a fazenda, né? Que era a fazenda do meu sogro. Era, o casarão. Tinha um porão bem grandão, dessa altura assim, né, o porão? Uma varanda na porta da sala que dava pra guardar charrete por baixo, né? Derrubaram tudo, né? Acabou tudo. Ih, muitos anos que acabou. Muitos anos mesmo.**

**Nilza:** Nossa senhora, meu sogro tinha um cuidado com aquele Ipê. Não podia ninguém mexer. Era muito...

**Expedito:** Ô, Duduca? Não me deixa mentir sozinho não, por favor.

**Nilza:** O que? Depende da mentira.

**Expedito:** Como é que você não lembra disso? Lembra sim. Eu trazia o milho até aqui.

**Nilza:** Agora eu já lembrei.

**Expedito:** Eu trazia o milho até aqui...tinha uma árvore, eu subia em cima da árvore primeiro...porque vinha uns cachorrão desse tamanho de lá do fundo com tudo. Aí alguém ia lá abrir, tá, e levar eu até lá pra fazer a troca do milho pelo fubá. E era o tal do monjolo, com uma pedra, que a água fazia...tem a pedra. A pedra tá jogada lá dentro do chiqueiro. Deve existir sim.

**Expedito:** Aí, tá vendo?

**Antonio:** Ah, tá. Aí deve ser verdade mesmo. Tem até a pedra, que é uma pedrona redonda assim.

**Expedito:** E o monjolo, ele enchia de água e jogava. E fazia girar a pedra e já ia moendo o milho, virando fubá.
- Então, aí é o tal do monjolo, né, ou moinho d'água.

**Antonio:** Dá pra ver essa pedra aqui que tá no chiqueiro? Vamos lá ver se ela está lá ainda.

**Antônio:** Você punha um animal lá, socava isso aqui na terra e você conseguia arar a terra. Esse aqui já é o sucessor desse, ... ao invés de você fazer um buraco só, você fazia 8, rendia muito mais, a pessoa ficava sentada lá com o volante e também você usava tração animal. Ali, provavelmente, aquilo ali é o seguinte, você já ia arando e já ia jogando a semente atrás. [?] tá na mesma posição da mão da pessoa. Então quando o boi tá indo arando, você já vai jogando as sementes. A sucessão depois dele foi o motorizado, que aí eu usei muito, que a gente sentava do lado e tudo e já... lá em São Pedro dos Ferros eu me lembro, que eles aravam à noite de lua cheia, você pegava aquele campo inteiro. O filho do Tio Rogério, que era o João, que era nosso primo né? Que ele levava a criançada 10 da noite, 8 da noite, lá tudo com a lua cheia pra você curtir. Ele trabalhava à noite. Ele arava tudo à noite. Só que lá já tinha um motorzinho, não era com boi. Aqui, com certeza, era com tração animal. Quer dizer, é bem antigo esse... tentei achar data aqui, mas não tem. Mas isso é... eu peguei o nome da empresa né? Vai aparecer que é 1950...



**JR:** Aqui é a Duduca que morava?

**Antônio:** Aqui era a Duduca... ela tá falando os filhos dela, quase todos, nasceram aqui, porque isso aqui antes era do sogro dela. Ele vendeu e mudaram sei lá pra onde, mas eu não me lembro daqui não, não tenho nenhuma memória daqui.

**Antônio:** ...eu chegava, eu selava o cavalo com 9 anos e ia lá levar o milho pra trocar, mas eu mesmo botava a sela em cima, amarrava e ia embora. Normalmente, com um cavalinho daqueles mansos, né, não era cavalo bravo, mas eu me lembro bem, eu fazia tudo sozinho. Botava o arreio, tinha todo um esquema pra amarrar.

**Antônio:** A minha mãe, emocionalmente mesmo, o negócio dela era a Tia Niguita e a Tia Carminha. Ela chegava lá, perdia a voz, então pra ela acho que emocionalmente era ali o núcleo.

**Antônio:** Era de ferro. Aquele ferrinho ali, Júnior, era o freio. Tá vendo ali a... você apertava, segurava o freio da roda, antigamente, até a roda era de madeira. Não é nem ferro. Exatamente. Isso, isso. E tinha um arco de ferro, né, pra não gastar a roda.

**Expedito:** E aí que o coitado do burro sofria mais, porque era muito mais pesado. Você pendurava o bicho aqui e ia...Imagina você, o burro puxando um troço com aquela roda de ferro andando? O pneu facilita demais, fica mais leve.

**Expedito:** Que barato, né, meu, como é que pode? A canga do boi, óia!
- Aí são 2 bois, né?

**Expedito:** 2 bois. Prende o pescoço dele aqui nessa amarra. Ainda bem, né, que sem querer os cara tão preservando isso tudo. Pode ter certeza que sem querer.
- Não tem mais a casa?

**Esposa do Vadinho:** Até há pouco tempo... o pouco tempo que eu digo assim, uns 10, 15 anos, ainda tinha um esteio dessa altura assim, parece que é... deve ser da varanda, né?

É, porque a varanda era dessa altura aqui. A varanda era muito alta. Era uma varanda pequena, mas podia guardar uma charrete debaixo dela, né?
- Isso. Era verdade.
- Uma escadona pra subir.

**Jr:** E aí tiraram?

**Esposa do Vadinho:** Ih, tem muitos anos. Aí o esteio estava lá, mas aí... no tempo do papai, deve ter uns 20 anos que o papai arrancou.

**Antonio:** Vamos fazer uma foto ali onde nasceu os meninos, vem cá. Não era ali que você falou Nilza?

**Nilza:** ... que ele, meu sogro, pai do Tuta, estava vindo de cueca lá pra fazer um troço lá, aí ela pegou o facão pra cortar o pinto dele, ele saiu correndo de cueca, pulou o rio, saltou o rio, nunca mais voltou. Risos.

**Olga:** Essa valeu. Não precisou da delegacia da mulher.

**Marta:** Aqui o negócio era resolvido no facão.

**Nilza:** Ela fingiu que estava dormindo, .. que dava cachaça pra ele beber, que enquanto ela bebia e ela falou "Gente, eu não aconselho ninguém a fazer isso que eu fiz, mas eu fiz." Sumiu, minha filha. Foi morar na cidade a vida toda. Ele vinha aqui, quando a gente se casou, ele vinha...

**Olga:** Mas desaforo. Oxi, tem que cortar mesmo.

**Nilza:** Ele vinha e ele nem entrava dentro de casa, só ficava olhando assim, ó, e se mandava. Sem-vergonha. Por isso que eu falo pro Toni, que o Toni puxou ele. O Toni é sem-vergonha pra caramba.

**JR:** Esse era seu sogro?

**Nilza:** Meu sogro.

**Nilza:** Tá no sangue, minha fia, esses negócio aí.

**Marta:** Gente, mas que mulher, hein?

**Nilza:** Não é brincadeira. Não, mas eu brinco com ele, eu falo "Toni, você puxou o seu vô."

**Olga:** Tem homem que tem essa energia mesmo. Não adianta.

**Marta:** Não, mas eu não estou interessada no homem. Os homens aqui era tudo assim mesmo, mas eu estou interessada na atitude dessa mulher. Porque a mulherada aqui, né, tudo baixava a cabeça e aceitava.

**Nilza:** Então, mas é igual a mamãe, a mamãe não sofreu mais porque a mamãe não abaixava não.

**Marta:** Ah, abaixou muito, vai? Ah, ficou presa lá dentro de casa. Demorou pra ela acordar pra vida.

**Nilza:** Aqui nasceu o Zé e a Célia. Nessa casa de cima nasceu o Toni. Aqui nasceu o Zé e a Célia.

**JR:** E onde que era a casa?

**Nilza:** Minha casa? Lá embaixo. Onde tem aquele pé de manga lá. Tá vendo aquele pé de manga lá? Depois virou tudo horta. E desse lado aqui era a horta da gente. Esse lado de cá. Eu não tinha... só tinha a casinha, lá era pasto, né? Só tinha a casinha lá, não tinha plantação não. Só tinha a casinha lá e um paiolzinho. E do lado de cá era a horta e a bica era lá embaixo. Tinha uma bica d'água lá embaixo. Tinha que andar, sabe, pra pegar água lá embaixo com o balde.

**Junior:** Mas você ficou aqui quando foi todo mundo pro Paraná?

**Nilza:** Que eu casei... então, aí eu casei e vim pra cá e de lá meus pais foram embora. E eu casei e vim morar aqui. Quando eles foram pro Paraná, eu já estava em São Paulo já. Eu tinha vindo de Minas... tinha ido daqui pra lá, pra São Pedro dos Ferros, aí a minha mãe foi embora pra SP, entendeu? É, eu vim da Zona da Mata pra cá e depois pra São Paulo.

**JR:** Não teve um período que você ficou um tempão sem ver ela? Quando é que foi?

**Nilza:** Foi lá na Zona da Mata. Ela foi embora, a última vez que eu fui pra lá, eles foram embora, eu fiquei a vida toda lá sem ela, sabe? Aí de lá [?] a gente veio pra cá, pra daqui a gente ir pra São Paulo. Foi aonde a gente ficou lá na casa do meu sogro, mas lá na cidade, que a gente não sabia ir e tinha que esperar, que a gente deixou os mantimentos lá pra vender na Zona da Mata pra mandar o dinheiro pra gente poder ir pra lá, pra casa da mãe. Então a gente ficou aqui acho que uns 8 mês (de janeiro a agosto de 1965) morando por aqui. Depois a gente foi lá pra São Paulo.

**Nilza:** ... ele queria vender a parte de cima, só daqui de cima, que ele falou que quando a gente se casou e veio morar aqui, ele falou que aqui era nosso. Se um dia eu for vender, eu vou vender uma parte e a outra vai ficar... isso de vocês. Quando o pai delas quis comprar, ele não quis comprar só a parte de cima, ele quis tudo, que a maior parte era essa, sabe?

**Jr:** Que que ele viu aqui?

**Nilza:** A melhor parte era essa daqui. Então ele quis comprar tudo. Aí teve que vender, né? Aí vendeu tudo. Aí nós fomos pagar aluguel pra ele, pra esse meu padrinho que comprou. Aí a gente foi morar na casa de cima ali, de aluguel. A casa era muito grande e da casa fez duas moradas, sabe? Alugou. Ah, isso não é vida não, Júnior. Vixi Maria. Será que é o Vadinho? Que ele tem caminhão. É ele mesmo.

**Nilza: ...e o Zil morava conosco o Zil ficou uns 13 anos comigo, morando lá. E ele falava, quando ele fosse mandado embora do emprego, ele ia voltar pra cá e voltou mesmo. Era um que ficava com a minha mãe e 2 ficavam comigo.**

**Nilza: a situação deles aqui, não era boa ai a mamãe levava pra lá, pra trabalhar e eles davam um dinheirinho assim, pra ficar. Aí veio pra lá também pra trabalhar com o Expedito. Aí depois ele não quis mais ficar lá em casa, foi bastante tempo acho que uns 8 anos. Aí veio uns amigos que moravam no Campo Limpo e eles foram pra lá. Foram morar lá. De lá, ele foi transferido pro Rio de Janeiro, das lojas. Foi trabalhar. E quando eu vinha aqui, vinha passear aqui, eu via ele, que ele vinha ver a mãe, então eu via ele. Aí um dia, menino, eu recebi uma notícia lá que ele morreu atropelado, de carro. Estava atravessando a rua. 40 e... acho que 41 anos. Foi atropelado. Mas tudo trabalhador esses meninos. Graças a Deus.**

**Jr:** Como era o nome dele?

**Nilza:** Carlos Antônio do Santos, filho da tia Carminha.

**Nilza:** E o João que é o... né, João Lino do Santos, que é o Zil. E o Vadinho é Osvaldo... eu acho que é Osvaldo Lino do Santos, que é o Lino do meu pai... é Lino dos Santos. O sobrenome do meu tio.

**Antônio:** Nilza você pode contar a história da Dona Minervina chegando aqui e catando tudo que era panela sem pé com não sei o que?

**Nilza:** Panela de ferro. Levava ovo, levava...Fubá, Bom, queijo tudo bem, né? Mas ela levava tudo que ela podia.

**Esposa Vadinho:** Não, queijo daqui de casa ela nunca levou.

- Casa de João de Barro, né?

**Esposa:** Casa de João de Barro a Dona Minervina levou.

**Olga:** Ela me deu uma vez uma. Até de 2 andares.

**Antônio:** A casa de João de Barro fui eu que pedi pra ela uma vez. Ela me levou lá...

**Expedito:** Eu fui um besta. Eu tinha uma dessas casas de João de Barro de 2 andares e acabei...

**Esposa do Vadinho: Mas ela quis levar uma vez aqui uma panela que não tinha o pé e ela explicando**

**pra ela "Não, Dona Minervina, não adianta levar a panela que ela não para de pé." A mamãe não deixou levar porque a panela era de 3 pés, aí a mamãe serrou porque não cabia dentro da trepe. Aí a mamãe serrou. A mamãe jogou a panela fora, ela queria levar. "Não, essa não tem jeito de levar!"**
**Ê, Dona Minervina!**

**Esposa: E o café ela não deixava. Não, café ela levava o grão ainda... às vezes até verde, né? Levava limpo. A gente levava pra limpar o café pra torrar, ela torrava...**

**Olga:** Limpo, exatamente. Aí chegava lá, ela tinha um moedor... ela torrava e tinha um moedor de café. Isso eu me lembro. É, moedor de café. Fazia o café na hora lá na...

**Antonio:** E falava bem de mim a minha mãe, pra você ver como é bom, né?

**JR:** Que que ela falava?

**Esposa Vadinho:** ... dos menino dela? Tudo! Mas ela falava que o... mas tudo ela falava... olha, o, é Antônio, né? O Antônio, ele me ajuda demais, ele... nossa, ela tinha orgulho de falar. Colocava ele lá no Céu!

**Esposa do Vadinho:** Mas a última vez que a Minervina esteve aqui, ela veio aqui em casa.

**Antônio:** Bom, se ela falou dos filhos, eu posso até te dizer, deve ter sido uns 5 anos antes dela morrer. Deve ser 94, 93... (foi 12/95) que aí quando eu fiz o convênio que eu tinha no escritório, a gente tinha um seguro do Bamerindus, o Bamerindus quebrou em 95 e a gente fez um convênio, que eu não lembro o que que era, que deve ter sido 95. Ela morreu em 99. Então, nesse período, ela já devia tá sendo tratada no Sírio e tal e... então deve ter... 96, 97, que ela morreu em 99.

**Antônio:** ... não é só porque aqui eu acho que era mais... se eu fosse um Ferraz da vida... se bem que lá também era bonito, aqui é que nem você falou, né, já derrubaram lá, então você não tem mais essa sensação de vida, não tem galinha, né, não tem... mas aqui você tem um... é, lá também tinha, né, nos Ferraz lá tinha, é que o rio...

**Antônio:** Do Tio Sebastião? Não, era grande também. Eu cheguei a pescar ali, quando eu vim no Carnaval...
- É que agora tá seco, né?

**Antônio:** Pois é. No Carnaval, eu cheguei a pegar anzol pra pescar ali. Era bem alto o rio aqui. Eu acho que, inclusive, na época de chuva, ele sobe mais, que é o mesmo rio provavelmente, né, que é esse que vai pra lá. Mas é uma... que bom de saber, né, que são os parentes ela, por exemplo, já avisou a filha que é pra preservar. Por exemplo, aquele eucalipto lá, eles resolveram não vender e vende só o de reflorestamento. É uma conscientização, né, de... que uma árvore de eucalipto a mais...
- É, tão aqui faz tempo, né, que os pais estavam aqui.

**Antônio:** Que nem ela falou, 50 anos, né, deixa aí, né? Mas você vê, né? Todo mundo que você fala lá do cara que derrubou a casa, fica todo mundo puto, né? Que é um estranho, né, que chega e acha que... eu comprei [?] é um filho da puta, né? É falta de... tudo doido. Pra mim, aquilo lá não tem tanto valor porque eu não morei lá, não curti lá, eu visitei, né? Mas que é uma sacanagem o cara comprar e derrubar pra nada...

**JR:** É, devia ter algum incentivo, né, tinha um monte de maquinário lá, era um prédio histórico.

**Antonio:** Faz que nem o Sebastião Ferraz, deixa a casa cair aos pedaços, mas você vai ter a ruína lá pra você... né, aqui tinha uma fazenda. Não precisa preservar porque custa dinheiro, mas é uma questão de... falta de sacanagem. Visão curta. Não adianta.

**Antonio:** 1922, o pai dela era... nasceu aqui, filho de português.

**Esposa Vadinho:** E nasceu aqui, filho de português. O meu avô, ele não sabia falar de tão português que era... Falava aquela coisa rápida. Ainda tomava pinga, foi pruma venda que tinha do lado de lá, mataram ele. Mataram ele a paulada. Acharam que era louco. Porque ele não sabia falar... ninguém sabia o que que ele tava falando.

**Antônio:** Então, 1922, o teu pai nasceu aqui, o teu avô, vamos admitir que deveria ter 25 anos, de 1800 e pouco.

**Esposa do Vadinho:** Eu tenho muita cisma que isso aqui foi, tipo assim, hoje a gente fala os sem-terra. Que o meu avô chegou, né? E não tinha dono essas coisas, né, porque você imagina, se hoje o acesso já é difícil. Deve ser, eu acredito que é. Aí minha vó tinha 3 filhos e o meu pai... E minha vó era italiana. Não sei de onde eles apareceram não, mas deve ser tipo uns sem-terra. Eu acredito. Isso aqui era tudo cafezal, esse morro. A minha vó ficou com 3 criança e disse que apanhava café. Meu pai, ela punha ele dentro de um balaio. Dentro de um balaio pra poder ir pra roça.
- Isso é a história de todo mundo antigamente.

**Antônio:** Mas era exatamente isso, quando você ia ocupar alguma coisa era exatamente "Por que que eu preciso de água?" Então você acampa num lugar onde tem. E aqui tinha um rio, né? Tem, né?

**JR:** Mas já tinha o cafezal aqui, não era de alguém já essa terra?
- Já tinha o cafezal.

**JR:** Então eles vieram pra trabalhar na lavoura talvez?
- Não sei, mas aí eles ficaram dono disso aqui, do cafezal.

**Antonio:** Aí é que entra o negócio, porque o cafezal chegou no Brasil...
- Será que eles chegaram aqui e compraram isso?
- Pode ser. Ou arrendaram alguma coisa.
- Porque tinha o cafezal.

**Antônio:** Porque o café veio pra cá pelos portugueses, que é o Palheta lá, né, pelo que a gente estuda, como é que chamava o Palheta? Sabe dessa história ou não? Tem duas ruas lá na Lapa com o nome... esse Palheta, por isso que tem um café com o nome Palheta. O Palheta é um dos portugueses que vieram pro Brasil e trouxeram a semente do café. Não sei a data agora. Se você botar na internet, vai aparecer, mas provavelmente em 1800 e pouco. Tem um outro nome, são 2 caras que trouxeram as sementes de café. Se ele chegou aqui... quando você falou? Mil e...

**Esposa:** Meu pai é de 22.

**Antônio:** Quando ele chegou aqui, em 1922, já tinha café, provavelmente o Palheta chegou junto com o João VI, 1800 e pouco. Porque o Dom João chegou em 1823, fugido de lá por causa do Napoleão. E eles chegaram no Rio, eles expulsaram todo mundo, que eles queriam as casas e como era a autoridade-mor, ele confiscou tudo pra botar a turma dele.
- Ah, tá.

**Antônio:** Isso tá na história, né, quer dizer, eu preciso de 8 mil casas. E mesmo que... ele veio primeiro, mas ele foi trazendo toda a turma, os secretários e os parentes e os amigos, não sei o que, então ele confiscava as casas e você era obrigado... porque tinha um decreto... quando você lê, por exemplo, na época imperial, tinha um decreto que o seguinte, o... o que que ele era? O João era imperador? Não, não era... sei lá, rei. Como nós éramos colônia de 1500, ele tinha autoridade... sua casa está confiscada, tchau! Não é que eu te dou mil não, o senhor tem que liberar pro rei.
- Vai embora, né?

**Antônio:** E aí acho que... a sensação que eu tenho é que veio todo mundo se afastando. Então você vê, pra Juiz de Fora e veio vindo, e veio vindo e tá aqui, né, Ubá, entendeu?
- Chegou aqui.

**Antonio:** Por que aqui? Porque aqui era região, provavelmente, produtiva. Tinha muita água.

**Esposa do Vadinho:** Esse morro aqui era tudo cafezal no tempo do meu pai.

**Antônio:** E aí entrou o tal do Palheta, né, que trouxe café e virou... é isso mesmo. E eu tenho absoluta certeza, sem muita coisa, que se eu pegar o meu bisavô, ele é português. E eu vou tentar achar, não agora nessa fase, mas pegar por cartório e ir atrás, porque o cartório, historicamente, eles guardam coisa por 500 anos, então com um pouquinho de cuidado, eu tenho quase certeza que nós somos portugueses, porque não tem outra... porque a turma que chegou aqui, italiano chegou depois da Segunda Guerra ou da Primeira. Francês chegou muito depois. Espanhol foi expulso, né, porque nós tínhamos aquela guerra lá, então eles não... devem ter demorado a poder voltar, porque... holandeses também não, porque eles foram expulsos... espanhol não foi expulso, mas os holandeses... o espanhol não era um problema de ser expulso, mas é que eles tinham o outro lado, né, da divisão, que era a parte da Argentina lá e tal. Então só sobra Portugal. E tem tudo a ver pela proximidade com o Rio de Janeiro, porque indígena nós não somos, porque até pela cor da pele e tudo não tem como você dizer "Eu nasci dum índio." Então é... e nós não tamo falando dum negócio muito longo não, nós tamo falando de 150 anos, que já tinha vida aqui, né, já tinha pessoas morando e tudo.

**Antônio:** Meninos vamos embora?

**Todos:** Vamos.

## 26/09/2017 - Retornando ao hotel, final do dia:

**Nilza:** A gente morava em cada lugar difícil de tudo. A vida naquele tempo era muito mais difícil.

**Nilza:** E agora eu pensei assim "Já pensou se eu tivesse aquela vida que eu tinha antes, que eu não tinha a facilidade que eu tenho agora?" Agora não, eu tenho elevador pra descer. Eu tenho elevador pra subir. Eu tenho carro, na hora que eu quiser sair o meu filho leva onde eu quiser. Tenho sobrinhada que gosta de mim, as minhas netas.
- Pois é.

**Nilza:** Tenho uma neta que comprou o carro, falou "Quando cê quiser sair, vó, eu levo você onde você quiser." Então é assim, graças a Deus eu sou querida também, de todo mundo.

## 26/09/2017 - Conversa na casa do Tãozico e Lurdinha, à noite:

**Tãozico:** ... mas é verdade, vocês tiveram com a minha irmã Regina, né?

**Antônio:** A história da Duduca é a seguinte, que nós estávamos em São Pedro dos Ferros, aí morreu a Maria Helena, a minha mãe pirou e a Olga contou essa história, porque disse que a mamãe nem foi lá ver a criança. E aí ela entrou em pânico, a Duduca tinha acabado de chegar em São Pedro dos Ferros e ela resolveu voltar. E a Duduca ficou em São Pedro dos Ferros. A Duduca foi pra lá justamente porque a menina morreu. Por causa dela, só que a minha mãe voltou. Aí, quando chegou aqui, em pânico... e aí, daí acho que depois de 1 ano e meio, a gente voltou pra SPF e ficou na casa do Tio Rogério lá.

**Tãozico:** Porque lá pra onde vocês vão amanhã, SPF, vou falar para vocês, ó, é muito triste.

**Antônio:** Eu consegui um vereador, o Danilo, lá que vai... diz que vai me ajudar e a fazenda que a gente morou, que é a tal da Fazenda Paraíso, (Fazenda Brasília) ela tá intacta até hoje. Aí eu comecei a ler na internet, o tal de Rubinho, que é filho do J. Perez, esse J. Perez, ele chegou a ser embaixador na França. Eles criaram lá aquele... uma... gado leiteiro especial, que é um gado que dá leite, eles tão famosos no mundo inteiro. Eles são famosos no mundo inteiro. E aí esse Rubinho morreu há 10 anos atrás. Tá tudo na internet. Aí eu consegui um contato do vereador lá, ele falou "Não, eu conheço, eu sou novo, mas eu sei das histórias e tal." Mas lá é mais tranquilo, porque a gente morou, entre idas e vindas, no máximo 4 anos. E a Duduca garante que foram em 2 lugares só. (Na verdade foram 4 lugares) Onde nós fomos uma vez, na primeira, e na volta.

**Tãozico:** Mas você se lembra quando você morou indo pro Cruzeiro, certo, onde você morou?

**Antonio:** Achamos a nossa casa lá. Eu não te mostrei agora?
- Não, no Cruzeiro?

**Antonio:** Sim, foi aonde nós fomos. No Cruzeiro, a gente não morou.

**Tãozico:** Vocês não moraram lá embaixo, vocês moraram?

**Antonio:** Não é no Cruzeiro... é, lá na Camelinha.

**Antônio:** O que acontece... hoje, nós descobrimos uma coisa que eu não sabia. Nós temos várias fases da vida, né, a Duduca foi mostrando, por exemplo, a fase antes da gente nascer, o meu pai nasceu lá perto ali onde o Tio Rogério morava. Nós passamos lá onde tinha as Cordeiras.

**Tãozico:** Ah, sua família então, a do seu pai é pro lado dos Cordeiras... era do lado de lá, segundo a Duduca.

**Antonio:** Nós passamos lá. O tio casou com a Tia Chiquinha. E o Tio Rogério... nós passamos na casa, que não existe mais, onde o Tio Rogério morava, que era irmão do meu pai.

**Tãozico:** E é antes de chegar no Sebastião Ferraz.

**Antonio: Isso, bem antes. Bem antes. Isso, isso. Tanto é que nós entramos por ali, na volta, pra tentar descobrir onde o papai tinha nascido ou morado. E a gente continuou, pra descobrir mais, nós saímos lá na Camelinha onde a gente tinha morado.**

**Antônio:** Então, mas deixa eu só voltar no assunto, o papai morou ali desde a infância, por ali, naquelas quebradas. Conheceu a minha mãe que morava do lado de cá. Então ele tem essas idas e vindas que não era... por isso que não é estranho por que que ele foi morar na Camelinha quando ele veio de São Pedro dos Ferros, porque já era uma região que eles conheciam, que o Tio Rogério já era morava lá, entendeu? Então é fácil de você, por exemplo, que ninguém telefonava pra ninguém, porque não tinha telefone, mas você tinha uma informação do seguinte, vem pra cá porque a fazenda é...

**Tãozico:** E eu ainda me lembro do seu Tio Rogério morando lá. Lá embaixo. Eu me lembro.

**Antônio:** Porque o Tio Rogério deve ter ido lá pra São Pedro dos Ferros em 54, 55 pelo jeito, porque quando a gente foi pra lá, ele já estava lá, mas não deve ter sido muito longo.

**Tãozico:** Exatamente. Foi coisa rápida. Tipo "Ô, vem pra cá, que aqui tá tendo uma produção boa."

**Antonio:** Isso, isso, foi mais ou menos isso. Você pega o meu pai que morava naquelas quebradas ali, que não tinha nada, porque aquilo não tinha produção nenhuma.

**Tãozico:** E hoje, eu ainda estava comentando com a Nega (Lourdinha) o seguinte, o assunto do seu pai, o seu pai era o seguinte, ele queria tudo, tipo, Zezito, ele queria de hoje pra amanhã. Ele não plantava pra colher. Ele queria colher...

**Olga:** A minha mãe sempre reclamou disso, que ele pulava de lugar em lugar. E a besteira maior que ele fez foi sair dali, da onde a gente morava... Perto da tia Niguita, tua mãe, pra ir pra lá, de onde foi uma besteira enorme que ele fez. Devia ter ficado ali. Pra ir pra São Pedro, porque aí...

**Antonio:** Mas ele... sabe o que que deve ter acontecido? Ele foi influenciado pelo Tio Rogério.

**Olga:** Então, quando ele trancou minha mãe nessa casa aí e pregou tudo lá, a casa lá, que a minha mãe não podia sair pra lugar nenhum, minha mãe estava grávida de mim, o Tio Rogério não sabia. Aí disse que quando o Tio Rogério descobriu que estava acontecendo isso, o Tio Rogério foi lá...

**Antônio:** Ó, a Zona da Mata, quando você lê por aí, hoje eu leio bastante, ela foi um... eles chamam Zona da Mata, mas sai daqui e vai embora, a zona inteira, né, aqui também é Zona da Mata, mas lá... então, era tipo do Eldorado, por exemplo, lá é um lugar... porque eles viviam aqui, não houve nenhum enriquecimento de ninguém, que você vê, vivia todo mundo de subsistência. Alguém... o Tio Rogério deve ter ido pra lá, viu aquelas coisas maravilhosas, provavelmente a terra lá era mais cultivável, né, tinha mais expectativa, tanto que o meu pai se entusiasmava com isso, porque o Tio Donato apareceu lá em São Paulo e ele poucos meses depois já estava no Paraná. Então alguém deve ter jogado pra ele uma possibilidade, o Tio Rogério já estava lá, meu tio "Vem pra cá que aqui tem fartura."

**Antônio:** Uma cara que já, segundo a minha mãe, mudava a cada duas vezes por ano "O meu irmão tá lá, eu vou pra lá." Eu estou falando essa parte do ciúme que isso também, pode ter certeza, viu, isso é um impulsionador pro...

**Olga:** E o Tio Rogério com aquela ideia de querer ter o irmão próximo dele também...

**Antônio:** Também. E o Tio Rogério era uma pessoa centrada, porque eu me lembro bem, né, uma pessoa superequilibrada, tipo, é o irmão... era o irmão mais velho, então o cara fala "Pô, se o meu irmão tá dizendo, eu vou!" O meu pai já era volúvel. Não acertou em nenhum lugar que ele viveu. Aí o cara te mostra um Eldorado há uma hora e meia daqui de trem "Eu vou embora."

**Expedito:** Pra mim, a maior lambança que ele fez foi sair dali, porque aquela fazenda ali, naquela época, ela era muito produtiva.

**Tãozico:** Eu lembro que tinha até arroz de abril ali, você podia plantar. Os cafezais estavam a pleno vapor. Ali todo mundo ganhava um dinheirinho. Ganhava. As terras eram boas. Agora não, mas àquela época...
- Agora acabou tudo, né?

**Tãozico: Cotia tinha um cafezal lá que... Agora secou tudo, né? Você subia aquele morro ali perto da sua casa, lá em cima ... agora não tem mais nada, não tem batata-doce, não tem inhame, não tem nada plantado lá, não tem quiabo, não tem nada. Ultimamente tem o seguinte, existe duas coisas na roça hoje difícil: hoje não tem chuva mais.**
- Nem chinelo de dedo também não era, era a pé e descalço!
- Era tudo descalço.

**Tãozico:** Era a pé e descalço. Uma chuvada do caramba. E eles chegaram no meio do caminho, não aguentaram mais levar o papai com muita chuva, muita coisa. Aí deixaram o papai num canto da estrada lá, ele estava muito bêbado, num mato perdidão pra lá. Na estrada, ela veio sozinha e depois voltaram pra buscar o papai. Aí chegaram com ele e a Graça tinha 7 dias (jan/1950) que ela tinha nascido. Então minha vó morava pra aquele lado do reguinho ali, do correguinho aonde vai pra Cumadi Carminha.

A minha vó morava ali. Então passaram direto com o meu pai e levaram pra casa da minha vó, que a minha mãe estava de resguardo, fresquinha e tal. E um homem naquela situação... Aí ficava na casa da mãe dele? Vó Antonieta. E o saco de compra dele murchinho, as compras foram levadas pela água. O que tinha no saco era só barro. Aí meu pai, acordou e perguntou: Onde que eu estou? Quem sou eu? Aí a vovó falou pra ele "Você tá na casa da sua mãe." E disse: Enquanto você for solteiro, a casa sua é a casa da sua mãe.

Agora, o dia que você casar, tiver uma família, uma esposa com 3 filhos, 4 filhos, passar de resguardo, aí você tem que ser homem, você tem que cuidar da sua família. Aí meu pai disse: Ô, mãe, minha filha chama Maria, enquanto existir Nossa Senhora das Graças, eu não boto uma cachaça mais na minha boca. E nunca mais bebeu.

**Tãozico:** A segunda vez que você veio foi no Natal, o Renato estava com 1 mês e 20 dias.

**Antonio:** Natal não, sempre foi Carnaval.

**Tãozico:** Não, você veio no Natal.

**Antonio:** Teve um Natal, né?

**Tãozico:** Teve um... caiu uma chuvada, nós fomos pra casa da minha mãe.

**Antonio:** Lá vem história.

**Tãozico:** Ele tinha um fusquinha amarelo. Era amarelo, né? Era amarelo o fusquinha? Um fusquinha amarelo? E bebeu, bebeu, bebeu o dia inteiro.

**Antônio:** Te lembro até a placa DK-5073.

**Tãozico:** Beberam o dia todo. Quando foi à tarde, aí ele dormiu. Uma chuvada... ele dormiu.

**Lourdinha:** Aí, menino, uma chuvada e ele dormiu... Bêbado, bêbado. E quem disse que acordava?
- Vambora antes que a chuva venha, Antônio. Vambora.

**Lourdinha:** Aí o Tãozico conseguiu acordar ele, pôs ele de pé, falou assim "Vambora!" Ele pegou a chave, entrou no carro "Então vambora!" Aí tem uma estrada que tem um morro assim, mas estava chovendo muito. Nós chegamos ali, não deu pra ir. Aí não deu pra ir. Então, o carro não... aí demo a volta pelo Clemente, tem uma estrada aí com uma ponte e a... tinha a ponte, aí tem uma subida logo depois da ponte, o Tãozic carregou o carro no braço, comigo dentro do carro com o Renato, ele dirigindo naquela lama que o carro dançava e o Tãozico empurrando o carro, conseguimos sair do atoleiro. Viemos. Viemos embora lá na rua nova. Quando chegamos em casa, ele só jogou a chave em cima da televisão, caiu no sofá e dormiu de novo.

E dormiu e dormiu. Quando foi lá pras tantas, ele acordou lá em casa e pulou do sofá e gritou... Vambora, vambora, pessoal, que vai chover. Vambora que vai chover, tá trovejando. Risos.

**Antônio:** Isso eu me lembro claramente. Eu contei pro Expedito, mas era uma dessas...

**Tãozico:** E aquela sua com o Gaúcho, que vocês foram pra São Geraldo? Que o cara...

**Antonio:** Ah, não! Ali foi diferente. Ali não tinha chuva não. Ali, do Gaúcho, foi o seguinte, nós ficamos lá... a do Gaúcho, nós... é São Geraldo, né? Nós fomos lá, não sei o que, e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e bebe e o Gaúcho tinha aquele fusquinha verde. Fomos embora...

**Tãozico:** O cara bateu?

**Antônio:** Não, não bateu. O Gaúcho foi na frente, vinha vindo um carro atrás e o cara passou o Gaúcho e o Gaúcho falou "Não, eu não vou comer poeira!" Porque era tudo terra. Carnaval. Tudo seco, que nem agora, tudo seco. Resolveu... e ele vai e vai. Passou o cara e o cara queria passar ele e ele foi indo, não sei o que e tal. Eu sei que chegamos aqui na... chegou a bater? Não, eu não lembro. Bateu, né? Bateu. Porque o Gaúcho fechava o cara. Todo mundo bêbado. Fomos pra delegacia. O Gaúcho era o motorista, né, chegou lá o delegado já conhecia... a sorte do Gaúcho que o delegado já conhecia o outro, que era trambiqueiro.

Mas o Gaúcho não conseguia ficar parado. Ele falava "Sabe o que que é delegado? Eu não bebi não, mas o cara bebeu e..."

**Tãozico:** Vocês estavam descalços, de bermuda, sem camisa, tonto, como é que vocês podem falar com um delegado desse jeito, cara?

**Antonio:** A sorte do Gaúcho é que o cara tinha antecedente. O delegado falou pra ele, né, falou "Esse cara já é trambiqueiro."

**Tãozico:** O Antônio, eu conto pra todo mundo, foi... pra mim, ele, um excelente professor. Ele deu uma aula pra mim pra nunca mais eu esquecer.

**Antônio:** E você não parou de beber. Eu falei pra você naquela hora "Para de beber! Isso vai te levar pro mal caminho." Risos.

**Lourdes:** Você parou Antônio?

**Antonio:** Não, imagina. Ah, bebo muito menos, bebo nem 40% do que bebia na época.

**Tãozico:** Aí ele quis que eu levasse ele em Juiz de Fora, que ele não conhecia a família de Juiz de Fora.

**Lourdes:** Ele não conhecia?

**Tãozico:** Não, não conhecia. Assim como ele não nos conhecia, ele também não conhecia a de lá.

**Antônio:** Quando eu vim em 1975 eu cheguei lá na praça, eu não conhecia ninguém, não peguei endereço, né? Cheguei lá, o primeiro que eu vi perguntei:

"Onde é a casa do Tãozico?"
"Ah, o Tãozico, o senhor sobe ali, desce ali e vai lá "

**Tãozico:** Um táxi chegou na frente, ele chegou atrás. Aí ele me pediu pra levar ele em Juiz de Fora pra conhecer os tios de Juiz de Fora.

**Antonio:** Isso eu não me lembro.

**Tãozico:** Então, eu lembro, porque tem coisa que não esquece. Daí nós fomos...

**Antonio:** É, isso realmente eu não me lembro.

**Tãozico:** Mas aí tinha o carro dele pra ir?

**Antonio:** É, o fusquinha amarelo.

**Antônio:** E tinha uma moça aqui que eu vivia dando em cima dele... não aquela outra, mas uma primeira que depois eu descobri que era apaixonada por ele.

**Antônio:** Você lembra que eu fui com ela em Ubá comprar não sei o que lá? (Comprar um paletó para um baile de formatura) A menina só faltava pular no meu colo, mas eu morria de vergonha. Era uma coisa, olha... ainda bem, né?

**Tãozico:** O carro dele esse fusca amarelo, não andava. Eu falei, esse carro está com problema...

**Antônio:** Não, você não sabe da história. Não é o fusquinha 5073, era um outro amarelo que eu ganhei no consórcio, que eu ganhei não, que eu fui sorteado. E sabe por que que eu fui sorteado? 72 bolinhas, aí eu fui no primeiro dia do sorteio e os caras, pra provar pra todo mundo não era falsificado, eles vão tirando as bolinhas e a última é a que ganha, pra provar que todas as bolas estavam lá. E tira e tira e tira. As últimas 3, eles giravam "E mexe mais o saco!" Não era saco, mas era aquele... tira... e a minha não saia.

**Lourdes:** A sua era a última?

Antonio: E tira... e mexe "Agora, só duas, pessoal!" Uma hora girando.

**Lourdes:** Ai, que raiva.

**Antônio:** Então, mas a história do fusca é o seguinte, quando eu cheguei em São Paulo, que eu tinha ido e voltado com o fusca, zero km, tudo bonitinho e tal... isso foi em... já, já, eu vou lembrar... 76 e... eu tinha uma trava no pedal do fusca que era pro motor ir amaciando. Quando eu cheguei em São Paulo, que eu fui reclamar que esse carro não andava, o cara tirou a travinha debaixo e o carro ficou normal. Você imagina essas estradas até São Paulo, e de lá pra cá, era um sacrifício.

**Antonio:** E puxa... não era a minha primeira viagem. Peguei o fusca, eu vim... nessa data, eu vim, 620 km a 50, 60 por hora.
- Ô, louco, meu!

**Antônio:** Te juro. Você acelerava e o diabo do fusca não andava. Eu falei "Esse carro deve ter algum problema. "Cheguei, voltei, aquelas subidas eram um sacrifício. Cheguei em São Paulo, fui na concessionária, porque estava na garantia, eu falei "Ah, não, ele tem um problema." Ele falou "Não, é só o senhor tirar esse negocinho aqui debaixo do pedal, porque a gente usa isso nos carros, inicialmente, pra amaciar o motor." A hora que eu tirei o negocinho debaixo do pedal, que era um tipo duma trava, o carro... você não tem ideia do sacrifício que era você, nessas estradas todas, principalmente nas subidas, a 60 por hora.

**Lourdinha:** Quando vocês vieram aqui no Carnaval, a sua filha Janaina estava pequenininha ali, ela pegava muita birra, era muito criança ainda. Agora, não esqueço um dia, no carnaval de 1986, que eu tinha... aquela época, a gente usava aquelas latinhas de salsicha e eu tinha aberto uma latinha de salsicha, acho que tinha colocado na maionese e sobrou um resto, eu coloquei na geladeira. Aí a gente tá todo mundo aqui na sala, à tarde, e aí daí a pouco ela veio lá da cozinha comendo. Aí eu lembro, não sei se foi você ou a Regina que perguntou pra ela "Que que é isso?" Ela falou assim "Xuxixa." Ela enfiou a mão na lata lá, tirou uma salsicha e veio comendo. Abriu a geladeira... "Xuxixa, xuxixa!"

## 26/09/2017 - Voltando da casa do Tãozico e indo para o hotel:

**Expedito:** (Falando sobre leilão nas quermesses) E aqueles que tinham mais dinheiro, comprava os foguetes adoidado e ficava pipocando aí. Eu morria de medo daqueles cabras lá soltando foguetes.

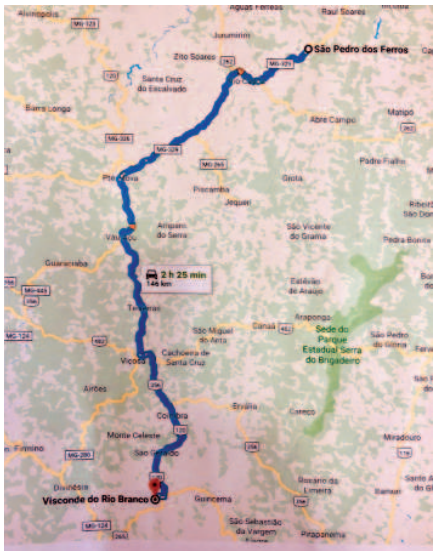
**Expedito:** E tinha muito leilão, né, de tudo que se tem direito. Até tatu eles leiloava lá. Tatu pronto já pra comer.

**Olga:** Ah, tem, ela mostrou. A Lurdinha mostrou uma varandazinha lá que era de fazer leilão.

**Expedito:** E de repente, o cara arrematava aquele frango lá ou o tatu e já comia ali mesmo, com todo mundo.

**Antônio:** Foi o que nós fizemos lá no Paraná, que o Casemiro foi o leiloeiro. Era uns frangos já tudo prontinho, fazia e já comia na hora. Na verdade, ao invés de servir o frango por conta, você já fazia o leilão e o cara pagava a tua conta. Mas todo mundo leiloava porque, na verdade, leilão é um... você pagava num franguinho o preço do frango, ninguém ganhava dinheiro.

## 27.09.2017 - 8hs da manhã, fomos pegar a Nilza na Tia Carminha para irmos para São Pedro dos Ferros:




**Nilza:** Não, lembra aquela casa lá na... onde a Maria Helena morreu, Olguinha? Então, é lá que nós estávamos. De lá, a gente... quando você foi batizar a Marli, em 1964, em São Pedro dos Ferros, a gente estava morando na outra casa. A gente saiu lá da grota e veio morar naquela casa ali embaixo, perto da fazenda, sabe? Dali a gente veio embora pra Visconde.

**Antônio:** Então foi 1 ano e pouquinho então, 1 ano e 3 meses mais ou menos, né, que a gente morou aqui na Camelinha?

**Nilza:** Aqui? Foi, 1 ano e 3 mês. Mas você entendeu, né?

**Nilza: A gente foi pra lá, (SPF) na segunda vez, chegou a morar todo mundo lá, aí a mamãe foi embora pra SP e eu fiquei. É, eu fiquei. Era tão triste depois que a mãe foi embora, que até as nuvens eram mais baixinhas. Ai, meu Deus do céu. A gente olhava assim, parece que estava tão baixinha assim, ó.**

**Antônio:** A gente veio por ali, né, nem percebemos que dava pra entrar pela Rua Nova, lembra? A gente vinha de Juiz de Fora por aqui. Você não lembra? Expedito?

### Vendo pela primeira vez onde a Minervina nasceu em 1915.




**Nilza:** Olguinha, ali é a gruta que era

do pai, da mãe, da vó... do nosso vô.

**Olga:** Do pai e da mãe?

**Nilza:** É. Aí, essa gruta... aí, aí, aquela fazenda... Aí, Antônio, ó, a gruta que a mãe morava. Que a mãe morava aí, ó.

**Expedito:** É mesmo, Duduca? Era aqui? Ela nasceu aqui?

**Antônio:** Aqui que chamava gruta? Ah, tem um buraco mesmo, né? É aquelas casas lá? Mas não tem mais casa, nada, nada, né?

**Nilza:** Não. Ih, nossa, quando a gente vinha aqui já não tinha mais.

**Antonio:** 100 anos, né? Você lembra quando é que ela morou aí? Não?

**Nilza:** Não, era todo mundo, né? Eram os 10 filhos que moravam aí, meu pai, meu vô e a mãe e a vó e ele.

**Antonio:** A família dela morava ali?

**Nilza:** É, todo mundo.

**Jr:** Quem que morava lá? A vó...

**Nilza:** A mãe da mamãe. O vô e a vó e os 9 filhos. A mãe da minha mãe.

**Antônio:** Ah, já tem uma origem boa. Depois nós precisamos filmar ali, viu, Júnior? Quando a gente voltar de SPF.




**Antônio:** E só agora que você conta isso Nilza, é? Risos. Olha que legal isso aí, viu? Precisamos filmar e tirar umas fotos.

**Nilza: Então, aí a minha mãe contava que o primeiro passeio deles, de domingo, que eles iam pra missa, que o meu vô punha os pequenininhos no colo, né, assim, no cavalo, e os outro iam andando.**

**Todo mundo. Aí quando chegava da missa que ia tratar dos porcos, jogar água na couve, tratar das galinhas, entendeu?**

**Antônio:** Então, mas eu passei por aqui com a mamãe, de carro e tudo, ela nunca tocou nesse... Ela nunca tocou... será que ela não lembrava mais?

**Nilza:** Lembrava sim. Claro.

**Nilza:** Aí disse que quando o meu vô morreu, tomaram tudo deles, né? Aí disse que eles puseram no autofalante, no jardim da praça lá, aí foi onde que todo mundo ficou pobre, entendeu? Na maior situação, com um monte de filhos, né? Aí ela foi morar ali perto do tio Sebastião. (O Sítio foi a leilão)

- É, porque aquela época, a turma chegava e tomava, né?
- Ele devia dívida de que? Do jogo de bicho?
- Não, eu não sei.
- Era jogo de bicho.
- A dívida eu não sei o que é, eu sei que ele jogava muito.
- Disse que ele jogava demais no bicho.

**Nilza:** Eu sei que a mãe falou... não, não era jogo de bicho não, era baralho. Antigamente...

**Nilza:** Não, era baralho. Minha mãe falava que ele ia pra cidade na sexta-feira e voltava na segunda. Disse que ficava jogando, entendeu? (Falo sobre isso em capítulo próprio)

**Já fora de Visconde, passando por São Geraldo em direção a São Pedro dos Ferros.**

**Antonio:** Era uma fumaceira entrando no trem ...

**Nilza:** Eu estava falando pro Júnior, a gente não podia viajar de roupa boa... A gente demorava um dia inteiro pra chegar aqui. Não podia ir de roupa nova, tinha que ser roupa velha porque a faisquinha do fogo...

**Expedito:** Não é porque era longe, é porque parava em tudo que é lugar.

**Nilza: Aquela faisquinha da fumaça vinha com fogo, né? E queimava a roupa. Marcava tudo assim, as roupas da gente. Porque aí quando o vento batia, Júnior, a fumaça vinha com a... Com aquele chuvisquinho de... aquela lenha, né? Lenha. É. Ficava um cara lá botando a lenha.**

**Expedito:** Quando chegava aqui nessa tal de Serra de São Geraldo, ali o bicho pegava.

**Antônio:** Ah, então, essa serra eu me lembro que é onde todo mundo vomitava. Eu pelo menos.

**Expedito:** E a coisa... a locomotiva não tinha força pra subir, ficava tchá-tchá-tchá-tchá... devagar quase parando. Era um horror aquilo lá. Meu Deus do Céu, que sacrifício que era... Quando chegava nessa serra aí...

**Expedito:** ... tentando lembrar e... então era essa aqui então. Era essa serra aí.
- Só tinha essa então, né?

**Expedito:** Sim. Essa serra aí que era o...

**Antônio:** Eu lembro uma vez que eu vim de trem, de pé, criança... Em pé dentro do trem.

**Antônio:** Eu acho que foi essa vez que eu vim de terninho.

**Antônio: Então, mas é o que eu tô falando, a mamãe deve ter pegado o trem em Juiz de Fora pra vir pra Rio Branco. Eu me lembro, eu desci... a impressão que eu tinha é que o trem estava desgovernado, porque ele fazia e chacoalhava e virava e subia. E eu peguei a descida, né, porque exatamente, eu vim de... Não terminava nunca aquela... é que nem a serra de Santos.**
- A gente rodava, né?
- É, vai rodando

**Nilza:** Eu não tô falando? Ô, Expedito...

**Antonio:** Que nem a serra de Santos.

**Nilza:** Ô, Expedito: Você lembra que a gente ia andando assim, uma hora a cidade estava do lado de cá, outra hora estava de cá, conforme o trem fazia assim, né?
- É, porque ele ia virando.

**Antônio:** Esse trem eu me lembro. Eu dei uma vomitada uma vez, que olha... e aquele cheiro da famoso, que coisa...

**Expedito:** Eu também passava mal direto com aquele troço. Ainda bem que você podia vomitar lá no meio do mato direto.
- Isso é passeio? Não é, né?

**Antônio: Passei muito mal quando vim de terno, com 12 anos. Vomitei muito no trem, tive disenteria, cheguei na casa de não sei quem, todo sujo. Tive que ficar trancado até lavarem meu terno.**

**Minha mãe não trouxe outra roupa, só o terno. Esse terno foi presente do Zezito para eu viajar.**

**Deve ter sido início de 1964. Aí ficou pendurada a roupa lá, meu terninho, esperaram secar, aí eu fiquei no quarto, sentado.**

**Olga:** Ai, que horror, que situação.

**Antônio:** Não trazer uma outra... uma calça, alguma coisa... era o fim da picada, fiquei brincando com a molecada de terninho, um calor desgraçado. Eu tenho essa foto até hoje. Tá lá em casa, eu e a Marta. A Marta era tiquitica ainda. Foi logo quando a gente chegou em São Paulo, e acho que 1 ano, 2 anos depois, o Zezito cismou de mandar a mamãe pra cá ou a mamãe quis.

**Antônio:** O Zezito deve ter dito: Não, deixa... o Antônio, eu vou comprar um terno pra ele, eu quero ele bem bonito lá. Risos.
- Ele sabia que era interior e que não precisava de terno.
- E gravatinha borboleta ainda. Tudo bonitinho.

**Expedito:** Naquele tempo era assim mesmo, era terno pra tudo que é lado.

**Olga:** Nossa, você também ia no Paraná de terno.

**Antônio:** Sim, mas gente, eu tinha 11 anos, né?

**Expedito:** Naquele tempo era assim. Todo lugar que você ia, ia de terno. Né, calça comprida. Não se usava bermuda.
- Não tem aquelas menininha de filme lá, tudo de terninho? Era assim.
- Tudo de terninho, é.

**Antônio:** Graças a Deus que tiramos essa foto de terno. É a única foto que eu tenho dessa vinda pra cá. Eu com a Marta.

**Nilza:** Quando o João era pequeno, a gente escondeu ele no quarto pra fazer... escutar ele falar. Não falava não. Tinha vergonha. Agora não, a criança já nasce falando.

**Antonio:** Olha a serra aí, gente! A do trem a gente não sabe, né, Expedito, onde passava, mas era aqui a serra.

**Expedito:** Era aqui mesmo. Aqui já era estrada, mas a serra era mais ou menos assim, do trem, né?
- Não é essa mesma? Vai ver que ela é essa, tinha a linha do trem depois.
- Mas eles não iam quebrar a linha do trem pra fazer o asfalto, será?
- Pode ser. Porque já estava pronto, né?
- Passa o asfalto em cima, Duduca.
- É, pode ser, porque já era um custo menor, porque você já tinha...

**Antonio:** Não, não é não, pelo seguinte, sempre teve estrada de trem e de carro. Com certeza já tinha uma estrada. Mas... bom, não sei, pode ser. É fácil de descobrir depois. Pode ser que pegaram a própria coisa e já fizeram a estrada, né?
- A gente só via ônibus de Juiz de Fora pra lá.

**Antonio:** Olha vocês por aí que não é difícil de achar uns trechos na...O trilho enterrado aí.

**Antônio:** Não aqui, mas eu digo, olhando pra cima, não é difícil de achar alguns pedaços ainda, se ela não for no asfalto... o bom é que aqui a turma é gentil, porque nas outras estradas, os caminhões não querem nem saber.

**Nilza: O primeiro ônibus que eu conheci na minha vida foi lá em Juiz de Fora, quando a gente foi embora, o Cumpadi falou assim "Lá em Juiz de Fora, Cumadi Nilza, tem uma condução lá que você nunca viu." negócio grandão. Era tão engraçado, que a gente não conhece nada né?**

**Antonio:** É. É um horror, isso aqui agora, o Expedito matou a charada, porque eu lembrava que tinha uma descida e era exatamente... e quando ia pra São Pedro dos Ferros, também ia de trem, né, Duduca?

**Nilza:** É. Era 5 horas... era 1 dia de viagem de trem. Você saía 5 horas da...

**Antonio:** Porque em 1956 não tinha nem fábrica de carro no Brasil.
- É, então, eu acho que não tinha.

**Antonio:** O governo não ia fazer uma estrada, né? Acho que era só linha de trem.
- A gente saía do Rio Branco...
- Então é possível que eles usaram o caminho da estrada... não, mas essa estrada aqui, o trem deve ter terminado bem depois, né?

**Nilza:** A gente saía 5 e meia do Rio Branco e chegava 5 e meia em São Pedro. Certinho. O dia inteirinho.
- Eu acho que essa estrada viveu muito tempo com trem também. O trem foi desativado há pouco tempo.
- Pode ser, ou ela foi construída depois que foi desativada a linha de trem.

**Antonio:** Acho meio difícil, né, Expedito, porque nós viemos aqui em 1975 e pouco, o trem ainda estava ativo, não estava? Eu lembro que passava o trem ali em Visconde. Se não me engano ainda rolava algum trem de carga, né?
- Então, isso que eu tô falando. De carga, mas não de passageiro...

**Antônio: Não, então, mas tinha o transporte normal ali de trem, que eu me lembro. Eu lembro que eu vim um Carnaval, em 1975, eles paravam ali pra você esperar passar o carga. Significa que não foram construir a estrada em cima não. Depois a gente pergunta pro Tãozico. Isso a Duduca não sabe.**

**Antonio:** Aqui em Coimbra tinha as faculdades, não tinha?

**Expedito:** Não, ao contrário. Tinha um cara que ia estudar lá em Rio Branco, se hospedava no hotel lá, porque não tinha... em Coimbra, não tinha assim, um estudo mais... sei lá, digamos que seja acima do primário.

- Sei, sei, sei. Um colégio, essas coisas.
- Bom, faculdade não tinha mesmo, né?

**Expedito:** E o pai dele bancava lá o hotel pra ele ficar a semana inteira lá, estudando. Também era uma mixaria aquilo ali, né? O pai dele era prefeito daqui também, né? Então era tudo por conta do contribuinte. Tudo o contribuinte pagando.
- Ó, o tamanho da cidade de Coimbra.
- É perigoso a gente se perder aí, né? Risos.

**Antonio:** É a música do Roberto Carlos. Aquele música de Coimbra é de Portugal, né? Em Coimbra, uma das melhores universidades do mundo é em Coimbra, em Portugal.

**Antônio:** ... deve ter sido essa viagem que a gente fez pra... que eu devo ter feito umas 4 viagens então, né, porque a viagem de ida, volta... 3 vezes, né? E a ida de novo.

**Nilza:** Você lembra daquela pipoca? Aquela pipoca cor de rosa? **Ai, será que ainda existe aquela porcaria? Na época, já tinha.**

**Nilza: A gente comia aquela pipoca e vomitava, comia a pipoca e vomitava. Era um horror né? No trem. Deus me livre, eu não podia nem ver mais a propaganda da pipoca.**

**Antônio:** Eu tinha essas lembranças do trem e agora tá explicado, quer dizer, quando a gente foi pra São Pedro, nós fomos de trem, né? Voltamos de trem. E depois fomos de novo.

**Nilza:** Como diz, eles falavam, despachava a mudança, né, e você ia de trem. Aí na estação, quando a mudança chegava, você ia buscar.
- Mas meu pai não tinha nada pra despachar. Será que ele mandou mudança?
- Ah, lá tinha acho que uma cama véia sobrando.
- É isso que eu estava pensando, como é que fazia? Mudava e largava os móveis tudo na casa lá?

**Nilza:** Nós, quando a gente veio embora, Antônio... despachava de trem. Quando a gente veio todo mundo embora pra cá de novo... Era uma trouxa de roupa amarrada num saco e ia embora.
- Como é que é?

**Nilza:** Quando a gente veio embora de lá pra cá de novo, em 1960, que vocês foram morar no Camelinha, nós levamos a nossa cama, né? A cama e mais não sei o que. Aí ela passou direto na Rio Branco... da estação do Rio Branco, passou direto. Diziam.
- Então, você falou que não veio pra cá com a gente?

**Nilza: Não, estou falando quando a gente veio da... voltou pra Rio Branco, entendeu? A primeira vez que nós ficamos e vocês voltou pra lá, e eu fiquei. Que vocês foram pra Zona da Mata em 1961 e eu fiquei. Então, aí quando a gente voltou pra cá de volta, a nossa viagem... a nossa mudança desviou da estação.**
- Não parou.

**Nilza: E nós ficamos sem o carro da cama. Foi quando voltou, que vocês foram morar no Camelinha. Aí a gente ficou sem aquela cama lá, mas depois, com muito tempo, apareceu.**

**Antônio:** Então, mas aí que eu não entendi, quando a gente veio pra Camelinha, em 1960, você veio junto então também?

**Nilza:** A gente veio junto. A gente veio todo mundo junto. Aí a gente ficou, igual eu estou falando assim, vocês ficaram morando com o papai, 1 ano e 3 mês, morando lá.

**Antonio:** Uhum. Aí nós fomos embora.

**Nilza:** Aí vocês foram embora e eu fiquei. Por um tempo. É, eu fiquei lá.

**Antonio:** E depois você foi de novo?
- É, aí depois eu fui.

**Antonio:** Ah, entendi agora, porque eu achei que você tivesse ficado lá.

**Nilza: Não, não. Aí depois eu fui pra lá, pra SPF a mamãe veio quando ela veio buscar o dinheiro que veio de São Paulo com os meninos, a mamãe passou lá onde é a casa do Vadinho que nós fomos ontem. Eu morava ali. A mamãe passou. Nós matamos um porco, vendeu o porco. E aí a gente foi com ela embora pra SPF, sabe? Mas aí nós não levamos nada não, só levou a roupa mesmo.**

**Expedito:** Você lembra daquele cara, ô, Duduca? Que ele fumava, aí depois comia a cinza do cigarro?
- Aqui no Rio Branco?
- É, lá no Cruzeiro.

**Nilza:** Então, não é o Seu João Ferreira não? Não, né?
- Eu sei lá. Eu sei que ele...
- Eu lembro disso aí. Ele fazia o cigarro, na hora que era pra fazer assim, ele fazia... na boca.
- Ele fumava e já ia jogando a cinza de cigarro na boca.

- Porque o cigarro ficava aquelas coisinha... aquele canudão assim, de cinza, né?
- Um toquinho, né, de cinza?
- Aí ele fazia assim.
- Aquele toquinho. Ele jogava tudo na língua e comia também.
- É. Era isso mesmo. Eu lembro. Agora só não sei quem é.
- Ele não gostava do cigarro, ele amava.
- Cada gente, né? Pelo amor de Deus.

**Antônio:** Lá em São Pedro dos Ferros tinha um menino, que era vizinho nosso lá, ele gostava de gasolina. Ele pegava o... eu lembro disso perfeitamente. Ele pegava aquelas lamparina, puxava... Chupava o pavio e botava de novo. Ele não cheirava não, ele já engolia direto. Credo.

**Expedito:** Eu, aqui na roça, eu comia terra, pó de café, arroz cru...
- Isso era as lombriga.

**Expedito:** A terra era por causa da lombriga. Eu também comia. Dava uma fome, uma vontade de comer terra. Agora, comer cal que nem o Tãozico falou que comia, ainda...
- O Zezito comia fubá cru.

**Expedito:** Aí já é demais. Eu nem sabia que existia cal, o Tãozico vem com essas conversa que ele comia cal.
- A terra eu comia.

**Nilza:** A mamãe, a gente pintava a casa, ela fazia mingau de cinza, sabe? Cinza do fogão lá, fazia aqueles mingau de cinza...
- Misturava com o cal, né?
- Não, misturava com cocô de boi.
- Pra dar uma cor diferente.
- Ô, Expedito, você lembra do cheirador de fumo? Do cheirador de pó de fumo? Que punha um pozinho na latinha assim, e ficava assim?
- Ah, sim, sim, era o tal do rapé.

- Que era pra espirrar.
- Marta, tá escutando?
- É legal, né?
- Era pra espirrar.

**Expedito:** É legal o cara cheirar aquilo lá e ficar espirrando na tua cara. É cada ideia besta, viu?
- Ah, isso é muito antigo. O rapézinho.

**Nilza:** Todo mundo tinha aquela latinha de pó. Uma latinha assim, ó, cheia de pó de fumo. Mas era do fumo mesmo, viu? Que eles torravam o fumo, né, secava e fazia o pozinho.
- Esse negócio de cheirar pó aí ainda existe até hoje.
- Naquela época era moda... não era moda, né, era comum, né?

**Antônio:** Faltam 5km para chegar em Viçosa.
- Eles tinham um outro negócio que era mais nojento ainda, naquelas épocas, que era a tal da escarradeira, né?

- Isso era chique, Marta. Era assim.
- Ele fazia isso, Marta... o Tio Rogério fazia isso e passava o pé.
- Vamos mudar de assunto?
- Não, não vai não! Chega! Vamos mudar de assunto?

**Nilza:** Aí brigaram com ele, ele veio pra Cumadi Chica e falou que lá onde ela estava a nora dele era muito empombada, não podia nem cuspir. Ela era muito empombada. Eu vou embora daqui você é muito empombada, eu não posso nem cuspir.
- Mulher empombada era tipo...

**Marta:** Chega então, vamos mudar o assunto. Ah, parou! Chega.
- Já é pirraça, viu, Marta, com você.
- É o aeroporto de onde?
- De Viçosa, né?
- Ah, tem aeroporto aqui?
- Aeroporto de Viçosa. É, tem aeroporto aqui.
- Ah, então se quiser vir direto pra cá, vem?

**Antonio:** De São Paulo não vem. Aí você ateria que... Juiz de Fora, provavelmente tem, mas aí não compensa. De Juiz de Fora pra cá deve ter, só que você tem que descer ali, e pegar carro para Visconde.

**Olga:** Por isso que meu pai tinha tanto medo de trem. Você lembra que o pai tinha um medo de trem lascado? Falava de trem, ele se arrepiava. Era desse trem doido aí que vocês tão contando.
- A maioria dessas estações eu lembro o nome.
- Umhum. Tinha a João Monlevade, não tinha?
- É, você vinha de Rio Branco, a próxima era São Geraldo, aí vinha...
- Viçosa.
- Não, aquela uma do menino que estudava lá.
- Do Coimbra.
- Aí vinha, não sei se tinha mais uma, a próxima era Viçosa, aí vinha, vinha, vinha, aí já não me lembro mais.
- Tinha a Monlevade... Rio Casca.
- Não, a Rio Casca é lá perto de São Pedro dos Ferros.
- É a última cidade.
- Ponte Nova.
- Passa Rio Pomba, Rio Pomba vai passar ainda, né? Rio Pomba, Ponte Nova, Rio Casca.

**Antônio:** Então, Rio Casca já era a penúltima de São Pedro dos Ferros, eu vi pelo mapa. Esse tal de Monlevade aí eu não sei se é... O Rio Casca, eu estou falando porque eu vi tudo no mapa, né? É do ladinho...

**Antônio:** É do ladinho... tanto é que quando eu fui ver hotel eles estavam recomendando ficar em Rio Casca, que é 15 km.

**Antônio:** Iam pra SP por necessidade, todo mundo passando fome por aqui, São Paulo virou na década de 1950 possibilidade de você ganhar algum. Tanto é que está cheio de nordestino e mineiro lá.
- Mas aí por que que você não largou os irmãos pra lá e ficou sozinho e...foi cada um cuidar da sua vida?

**Olga:** O Zezito sempre pensou na gente.

**Antônio:** Mas é isso que eu tô falando, essa solidariedade entre os irmãos, dá emprego pro João, dá emprego pro Expedito...

**Marta:** É, uma coisa que eu tô vendo assim na história toda é essa solidariedade entre os irmãos aí é muito grande, né? Muito...
- Com a cara e a coragem, arrumou emprego rapidinho.
- Era pra ter dispensado todo mundo!
- Quem puxava mais a fila era o Zezito, né? Aí foi esse, o maior foi o Zezito ter ido pra lá e...

**Nilza: Não, ele arrumou emprego pro Tuta, vocês já tinham ido embora pro Paraná. Nós ficamos 7 meses ainda na casa da mãe, (provavelmente até julho de 1966) aí vocês foram embora, a Dona Maria, não sei se isso eu contei, que a Dona Maria...**

**Antonio:** Nós saímos lá da Dona Maria, né? Aí você me contou a história, você ficou lá, ninguém sabia quem é que pagava o aluguel! Vocês ficaram naquela casinha em cima. No fundo, é. Nem era casa, era uma edícula, né?

**Nilza:** Não, a Dona... uma Portuguesa, ela vendia coisa na rua, então ela tinha uma cozinha, era pra ela cuidar dos negócios dela quando eles moravam ali. Aí quando vocês mudaram...
- Era tipo de um frigorífico, né?

**Nilza:** É, quando vocês alugaram a casa e ficou aquela cozinha, quando eu fui a minha mãe me pôs ali naquela cozinha.
- Eu lembro, eu lembro direitinho.
- Mas nós não tínhamos nada não, nós só tínhamos as caminhas.
- Aquela casa ainda tá ali, né?

**Antônio:** Qualquer dia eu vou dar um pulo lá, viu, Júnior? Dar uma entrada nessa casa pra gente... a casa do tio Zé Pinto também.

**Nilza: Aí a mulher pegou, Antônio, e falou assim, a portuguesa falou assim, "então, eu vou vender a casa aí a senhora vai ficar aqui com as crianças", o João e a Célia estavam na Santa Casa, "eu só... se eu vender eu vou deixar... pedir 15 dias pra senhora ficar até a senhora arrumar alguma coisa", aí eu fiquei apavorada, naquela época eu sabia escrever, eu escrevi uma cartinha pra ir na Polícia pedir dinheiro pra mim ir embora pra Minas, pra cá. Aí o tio Zé Pinto soube e não deixou, não sei quem contou, né? Ele foi e falou "não, ninguém vai embora daqui não", a Dona Joaquina falou "você pode ir embora que eu... quando as crianças saírem do hospital eu ligo pra você vir buscar", falou "eu escrevo pra vocês buscar". Aí o tio Zé Pinto tinha uns tijolo velho ali em cima, né, ele falou "nós vamos fazer um quartinho pra vocês lá", foi onde que ele fez o quartinho lá. Lá em cima. Lá na Nova Friburgo. É, aí fez aquele quartinho assim, puxou, né? Aproveitou aquela parede, né, aí nós fizemos um fogãozinho debaixo da bananeira, fez um fogãozinho debaixo da bananeira, quando chovia eu ficava esperando a chuva passar para acender o fogo!**

**Antônio:** Mas o tio e a tia Santa tinham um coração que...

**Nilza:** Aí o Zezito tinha comprado um fogão e não pagou e o tio Zé Pinto era fiador, aí o tio Zé Pinto falou assim "se vocês quiserem pagar a dívida lá, Tuta, pode ficar com o fogão pra você", aí o Tuta, meu marido,

foi e pagou aquela conta lá e o fogão ficou pra gente, mas não tinha gás. Tinha que ter a quota, você comprou o fogão, você tinha que ter a cota, como ninguém pagou o negócio lá não tinha cota do gás, aí eu ia buscar gás lá na... dias de passar o caminhão do gás, ia lá aonde a gente morava nessa casa, deixava o botijão na vizinha...

**Expedito:** Quando você ia comprar um fogão, quando você ia comprar um fogão tinha que comprar a cota junto.
- Era! Que senão eles não pagavam... senão eles não entregavam o gás pra gente.
- Você já tinha que escolher, era Ultragás ou Liquigás.
- Tinha que ter a cota e às vezes tinha aquele dia certo do caminhão passar...
- Agora todo lugar que você vai tem gente vendendo gás, né?
- E se você não estivesse lá na rua na hora... já era!
- E como não tinha ladrão na época, você punha o botijão lá na frente. Que é pro cara saber que você queria comprar o gás. Pro cara saber que naquela casa ia trocar o gás.

**Nilza:** E quando a gente não sabia colocar, a gente pedia, eles entravam e colocavam pra gente. Aconteceu comigo, que eu tinha medo, né?

**Antonio:** Mas hoje em dia se você deixar um botijão na porta de casa... mas não dá 5 segundos que você acha 2. Risos.

**Antônio:** Deixa eu te contar uma história muito engraçada, eu morei lá no Brooklin e... eu tinha comprado um carrinho pro Júnior, de bebê, muito bonito. Foi usado pra Janaína também, e ficou lá e... aí eu falei "ah, quer saber, eu vou deixar lá fora para alguém levar", e eu sabia que ali tinha muita gente que passava pra pegar as coisas. Eu peguei a parte do carrinho que é aquele que põe em cima, botei lá fora e fui buscar a outra parte, quando eu fui lá com a outra parte tinha um cara descendo correndo eu assobiando que é pro cara levar a outra parte e o cara... saiu correndo! Se mandou! Eu falei "volta aqui! Pega aqui! Rapaz!". Bom, aí deixei a outra parte, mas não demorou 2 minutos, zum! Cadê a outra parte? Gente, mas foi muito engraçado. Os dois ficaram com meio carrinho, né? Um... a não ser que seja da mesma favela.

**Nilza:** E o João meu foi fazer... foi mudar, né, fazer uma mudança e quando foi e estacionou o carro que levou umas coisas pequenas no carro e atrás, no porta-malas, ali atrás no porta-malas encheu de panela, né? Que era aberto. Enquanto ele subia lá pra levar as roupas, quando voltou, cadê as panelas? Levaram tudo as panelas, só ficou as tampas lá, quer dizer, tinha levado.

**Marta:** E o leite, gente? Aquele leite Vigor, né?
- É, deixava o vidro na porta.
- Também deixava lá fora, né?
- É, acordava, o leite estava lá.
- O leiteiro trazia e deixava lá fora, deixava duas bengalas de pão e o litro de leite lá.
- Misturava a água e depois misturava café.
- Era um leite forte.
- Era o leite integral naquela época, né?
- Você podia botar meia garrafa d'água naquilo lá que ainda continuava o leite muito bom.
- Provavelmente era o que a mãe fazia, né? Pra render pra todo mundo.

**Antonio:** Depois de um tempo é que começou o negócio do leite tipo C, né, que era mais... mais ralinho. Mas o outro era leitão mesmo.

**Marta:** É... tem muitas famílias assim que as pessoas se perdem uma da outra, né? Um irmão vai pra um lado, outro irmão vai pra outro...

**Antonio:** Caso do meu pai, ué.

**Marta:** Passa 20 anos sem ver, eu acho impressionante assim, com tanta dificuldade não houve essa separação na nossa família, né?

**Olga:** É, igual aconteceu com o meu pai e o tio Donato, né?
- Um puxou o outro e foi indo e a família não se separou. Isso é muito impressionante.

**Olga:** Você lembra daquele cara que veio de Minas pra cá com o Borges? Como é que chamava ele? Ele sumiu, né, gente?

**Nilza:** O Zé Tavino?
- Trabalhava... é... trabalhava com o Zezito...
- Ele ficava lá no Morro Redondo. Deve ter morrido aquele cara. E enterrado como indigente, porque ninguém sabe onde ele tá... ele era filho de quem será? Acho que ele era mais velho do que o Zezito.

**-Nilza:** Ele era parente da... era primo longe de nós, né? Do lado do meu pai, do lado do papai.
- O Zé Etelvino.
- Maria Tereza também.

**Nilza:** Ele veio pra cá, Marta, ele era amigo muito do Zezito, amigo da tia Carminha...

**Nilza:** É e aí ele veio pra cá, pra nossa casa. Não, é de Rio... eles são de Rio Branco. E aí ele sumiu! Até sabe o que que eu soube?

**Nilza:** ... que falava, era tio do papai do lado deles lá, né? Então esse menino era neto do Seu Orozino Tinha a tal de Luzia lá, quando eu fazia alguma coisa que a minha mãe não gostava ela me chamava de Luzia, ela falava: "vai fazer isso assim, Luzia?", "eu não sou Luzia!".
- Luzia, né? A mãe não gostava dela.

**Antonio:** Estamos chegando em Teixeiras.
- E tem o tio Donato...
- Né? Que tinha sumido 20 anos...
- Então, isso que eu tô falando, eu acho muito incrível assim, porque normalmente a pessoa vai arrumar a vida dela, arruma a vida dela e fica pra lá.
- E não volta pra buscar os irmãos... né?
- Mas o meu pai vivia desesperado atrás do... do...
- Do Zé.
- É, tadinho, falava direto, né?
- Dos irmãos, só que não conseguiu localizar.
- A Rita, a Rita ficou sumida? Não, a Rita não.
- Não, a Rita ficou nos... em Volta Redonda.
- Porque eles conseguiam se comunicar.
- A tia Rita... eu tinha uma carta, tinha uma carta...
- Ela morou em Volta Redonda.

**Olga: Tinha uma carta que o papai escreveu pra ela, que chegou aí pelo correio , mas que letra linda que o papai tinha! Ele tinha uma letra... ai, por que que eu não guardei aquela carta?! Meu Deus!**

**Olga:** Ah, ele tinha uma letra maravilhosa. A letra do papai era alva.

**Olga:** Sabe assim? Uma coisa fina... né? Era um risco fino. Você lembra disso? Um risco fino, um "M" bem-feito, ele escrevia muito, sem estudo. E aquela carta ele escreveu pra ela, mas ela morreu antes da gente pôr no correio a carta, sabe?

**Nilza:** A filha da Rita se envolveu lá com um primo, que nós estávamos falando, e engravidou, antigamente as pessoas engravidavam, né? Aí ela bebeu veneno pra morrer, ela trabalhava ali na cidade e começou a namorar o nosso primo, aí ficou grávida, se perdeu, como diz, né?

**Nilza:** É, então, aí se perdeu, tadinha, ela ficou com vergonha, morava, ela trabalhava na cidade, bebeu formicida, sabe? Formicida Tatu? Aí morreu, uma moça tão bonita.

**Antônio: Agora, falando da tia Rita, uma coisa que eu fiquei devendo pro meu pai, que você tocou no assunto... Tia Rita, ele queria porque queria que eu levasse ela lá... ele lá no... pra visitar ela em Volta Redonda porque ela estava muito mal e eu fui deixando, fui deixando... aí fiz outra besteira, quando ela morreu tinha o enterro e meu pai já tesava meio mal, eu falei "pô, eu não vou levar ele lá no enterro, né?".**
- É, você até perguntou pra mim, eu lembro.

**Antonio:** É. E aí levei o tio...

**Olga:** Eu falei "ai, eu acho que não, né?".

**Antônio:** Aí levei o tio Zé Pinto e... me arrependi porque devia ter levado o papai também.
- Não, mas ela veio aí, ela veio em SP antes de ficar doente.
- Não, não, eu sei, mas fazia muitos anos que ele queria ir lá, entendeu?
- Muitos anos que não via, né?
- Que eu me lembro que ela veio uma vez...
- E ele me pediu uma vez "ah, me leva lá porque eu preciso ver a minha irmã, que acho que ela tá muito mal"...
- Era a única também que tinha já, né?
- Ah, tinha o tio Zé Pinto, né, tinha o Rogério.
- Eu falo de irmã.
- Ah, de irmã sim. De irmã é só ela, as outras tinham morrido.

**Antônio:** E depois que aconteceu isso eu falei "puta, fiz bobagem, porque podia ter levado ele, né?"
- Mas a tia teve uma vez aí que ficou bastante tempo aí.
- Mas eu levei o tio Zé Pinto lá no enterro.

**Nilza: Ficou, ela ficou um bom tempo aí na casa do Zé Pinto, ela foi na minha casa, ela foi na casa da mãe, depois foi embora, a gente nunca mais viu.**
**- Eles tinham um cômodo lá, né?**
**- É, o Tatão fez um quarto e... fez um cômodo primeiro, o Tatão, né?**

**Nilza:** Você lembra, eles moravam conosco. Aí ele fez um quarto pra ele lá, um cômodo, depois ele... fizeram pra titia e a titia estava junto com eles num cômodo só lá em casa, né?

**Antonio:** Então, ô Marta, essa é mais uma história, né? O Tuta pegou o Tatão que nem era parente dele, né? Botou todo mundo morando num quarto só, porque ele fez aquele barraco, né?
- Fechou... fechou só a porta assim, ó.
- Era... eu ia falar parede, mas não era com parede não, só fechou a porta.
- Era tudo de madeira. Só fez uma tramelinha lá.
- Ficou 5 anos, né, Nilza, lá?




**Nilza:** 5 anos. Até que ele arrumou dinheiro pra construir do lado. E ele construiu do jeito que ele quis. É, ele era pedreiro, né? É. A nossa... a nossa casa lá era de madeira.

**Nilza:** Que era aquele barraco de madeira que nós tínhamos e o Tatão fez de... de taco, era difícil pôr taco, era só quem podia mesmo, né? Fez tudo de taco. Ai o Tio Zé Pinto falou "deixa o Tatão morar aí com você", ele "eu faço o quarto pra ele", entendeu?
- Todo mundo solidário. É assim que devia ser o mundo, né, gente? Muita gente precisa de ajuda, tanta gente merece uma ajuda.

**Nilza:** Aí a... teve um dia que o... a Chica cozinhava muito bem, né? Que o Tatão trabalhava de noite, chegava de manhã e ela fazia... que o Tatão não tomava café não, o café da manhã dele era arroz, feijão, ovo frito...

**Nilza:** Aí ela estava fazendo comida pro Tatão e estava cheirando muito, aí o Tuta falou "nossa, mas tá um cheiro tão gostoso", aí eu comentei com ela, "pois amanhã eu vou fazer um prato pro Tuta.
- A mulher do Tatão também era um primor, né? Super educada...

**Nilza:** "Pois amanhã eu vou fazer um prato proa Tuta".

**Nilza:** Ele só comentou que estava cheirando, ela já achou que ele ficou com vontade, sabe?
- Então tinha os filhos do Tatão também, né?
- Tinha, é, os três, né?

**Nilza: Eu me lembro, Antônio, quando eles foram mandados embora lá do Juca Pato lá, todo mundo, todo mundo trabalhava lá, aí ficou naquela situação, sem emprego, sem nada, então tinha um tal japonês lá que tinha um mercado, era o único que tinha. O Tatão ia lá fazer compra, aí assim que ele foi lá, foi que tinha que fazer uma cirurgia da hernia e foi pro hospital, aí o Tatão ia fazer a compra vinha com uns pacotinho assim, lembra daqueles papeis assim? Uns pacotinhos, né? Ele punha tudo em cima da mesa dele lá e tirava um pouquinho de cada, um pouco de feijão, um pouco do arroz, o macarrão ele fazia assim, ó, pra dar pra mim. Que você comprava naqueles saquinho marronzinho, né? Tudo à granel.**

**Antônio:** Júnior, nós vamos ter que escrever dois livros, negão! É o centenário da Dona Minervina tem história, negão.

**Jr:** Quando que é o centenário?

**Antonio:** Ela já fez, 2015 ela fez 100 anos. O meu pai faz em 2018 100 anos, 23 de janeiro, mas não vai dar tempo também. Ele nasceu em 23 de janeiro de 18. A gente pode fazer até o fim do ano e considerar como centenário, né?
- É. É verdade.
- Putz... ele gostava. Ele gostava muito da gente, né?

**Nilza: Não sei por quê. Ó, eu vou falar a verdade pra você, o papai não ia na casa dos filhos assim, demorar. Ele ia, mas ele ia na minha casa, ele entrava e sentava, quando a gente morava aí na Cisper, sentava, conversava, fumava, tomava café e ia embora. Só não gostava de comer, né?**

**Nilza: A comida dele tinha que ser a comida da mamãe. Ele andava, andava, andava por ali, mas na hora do almoço, 11 horas ele tinha que estar em casa, se não estivesse pronto ele misturava lá um arroz lá na frigideira com feijão e farinha, ele comia e já logo saía, era assim. Mas ele só comia, gostava de comer a comida da minha mãe. Quando ele ia na minha casa ele demorava, ficava lá conversando.**
- Então, é igual a gente fala, eles viviam naquelas brigas, desentendimento lá, mas a gente não tinha coragem de entrar no meio e...
- Nem davam permissão, né?
- Não, eu falo assim, a gente não tinha coragem de ficar brigando com ele por causa daquilo porque a gente não tinha aquele jeito de...

**Nilza: ...assim, aquela bronca, porque ele era bonzinho com a gente, o negócio dele era implicância com a mamãe. Veja aquela... a Maria Helena, tadinha daquela menina, ela ficava no colo assim, colada... ele ficava brincando com ela, "menina bonita, da perna grossa porque perninha fina papai não gosta", ela ria! Pulando assim, ó, no colo dele, era um carinho que ele tinha com as crianças que eu vou te falar.**

**Marta: Era assim e, Antônio, isso foi até o fim. Com a Marcela pequeninha aqui, morando lá... 5 horas da manhã eles começavam. A Marcela acordava, eu acordava, a Marcela "ih, mãe, começou".**

**Aí ia assim até... A mamãe disse que lá no hospital na semana que ele estava pra morrer ele pediu desculpa pra ela. Pediu perdão.**
- Mas é, ele falou, eu sei, ele falou assim...
- Diz que ele judiou muito dela.

**Nilza:** É, diz que ele falou assim... eu sei que ele foi internado no hospital e diz que... assim é a história que eu soube que ele falou, diz que ele foi internado lá uns 15 dias, diz que ele falava pra enfermeira assim "eu queria ir embora, mas eu não estou achando a minha casa".
- Ele estava alucinado!

**Nilza: É, aí "eu não acho a minha casa", e ele não falava o nome da mamãe, ele falava assim ou "a sua mãe" ou "a muié". A "sua mãe" ou então "a muié", ele falava que ele falou assim "então, a minha mulher chama Minervina e eu tenho uma menina que chama Marta", aí ele falou que sonhou, aí diz que no sonho diz que a enfermeira falou assim pra ele "mas onde é que o senhor mora?", ele falou assim "eu moro na Cisper, ela falou assim, a moça falou assim "aonde que o senhor mora?", aí ele falou assim "eu moro na Cisper, aí a enfermeira, no sonho diz que a enfermeira falou assim "mas aqui não é a Cisper, aqui é Jardim", aí ele acordou. Entendeu? Aí ele acordou. Aí eu contei pra minha patroa esse sonho, né, a japonesa, né? Ela falou "ih, sabe o que acontece? Eu acho que ele... que ele "Foi lá no céu e voltou porque ainda tinha alguma coisa aqui", essas coisa, né? Aí foi quando ele veio de alta do hospital, ele falou... chamou a mamãe e falou pra ela "você é uma mulher direita, o errado fui eu.", aí a minha mãe falou assim "mas precisou de esperar 53 anos pra ver que eu era direita, meu Deus?!"**
- Ah, pelo menos falou, né? Aliviou.
- É, então é umas coisas assim que a gente... dos tempos antigos, né? Existia mesmo esse negócio de...
- Ah, mas quando ele teve...
- Pelo menos ele... morreu, falou antes, né?

**Olga:** Mas quando ele enfartou, gente, lá, não sei se foi enfarto, se foi derrame, aquela coisa que eu era nova ainda.
- Daquela primeira vez?

**Marta:** É, que eu trabalhava no Banco Itaú lá...
- Não, naquela vez foi... Marta, foi enfarto.

**Marta: Então, mas daí não importa, aí levei ele pro hospital, eu ia lá... todo dia ia lá, tinha que dar comida pra ele, que ele não queria comer, então eu ia lá e dava comida pra ele e aí teve um dia que eu falei "ô, pai, o senhor precisa largar mão de ser teimoso, né, você precisa comer, né?", ficou 1 mês internado lá, "se o senhor não comer o senhor vai...", "ah! Mas eu não consigo comer essas comida não porque... eu tô acostumado com o tempero da sua mãe, porque o tempero da sua mãe isso, aquilo...", eu cheguei em casa e contei pra ela, ai, mas ela ficou...**
- Ela virava pra... ela fazia assim "ele disse isso, é?".
- Até aí ele falava o contrário, né?

**Marta:** "Ele disse isso? Ele falou do meu tempero assim? É! Tá certo mesmo, né? Porque...", nossa! Mas ela não... ela ficou tão... assim... Lisonjeada. Lisonjeada com aquilo... uma bobagem, até hoje eu me lembro.

**Nilza:** O Tuta reclamava de tudo também. Aí depois que eu separei do Tuta ele começou a querer o quiabo que a Nilza fazia, o quiabo que a Nilza fazia, e não sei o que que a Nilza fazia, eu falei "agora, né? Agora tá gostoso", mas nós não discutíamos não.

**Marta: E a mãe ficou com um remorso danado, viu? Quando ele morreu porque o último desejo dele foi comer mais um prato de macarrão. Ela fez macarrão e ele não podia mais comer aquelas coisas, né? E aí ela deu um pouco de macarrão pra ele e ele queria mais.**
- E ela não deu porque ia passar mal, né, aquela coisa toda.

**Marta:** A moça que tomava conta dele fez macarrão um dia pra ele, ele não comeu não!

**Marta:** E foi naquela noite que ele foi pro hospital e... 3 dias depois ele morreu. E ela não esqueceu a história do macarrão "eu podia ter dado mais macarrão pra ele"...

**Nilza:** Nesse dia eu... eu vim do serviço e passei lá, e foi justo na hora do macarrão, né? Ele queria mais, a mamãe não deu, aí ele falou assim "a sua mãe não deixa eu comer, mas comer não me faz mal não".

**Marta: Mas ele era terrível, no final da vida, porque a mãe não era muito de fazer bolo, essas coisas, eu fazia, né? Tinha a Marcela pequena e... ele ficava lá, né, gemendo lá na cama, o dia inteiro chamando a atenção da gente. Eu chegava no serviço então ele dobrava a choramingueira. Aí um dia eu tô lá na cozinha e ele ficava assim... ô Duduca, eu lá na cozinha e ele começou "Marta... Marta... Marta...", eu fui lá "que que foi, pai?", "aquele bolo que você tá fazendo tá pronto?"**
- Ele sentiu o cheiro! Aí você pensou que ele estava morrendo lá?
- Não, mas era muito engraçado.

**Marta: É porque ele não gritava alto, ele tinha, tudo dele era baixinho, né? Pra você escutar ele conversar você tinha que ficar bem assim, ó. É, bem atento. Bem baixinho, ele falava bem baixinho. E a tia Rita era a mesma coisa, só falava baixinho. E a Marcela ficava subindo naquela cama de hospital lá e pondo bolacha na boca dele, então tudo que a mãe fazia de dieta pra ele, a Marcela... Estragava.**

**Antônio: Tem a vez que eu comprei aquela casa lá pra mamãe, naquela época eu fazia terapia, eu fui lá, comprei a casa, falei "eu vou levar a minha mãe lá de surpresa", aí a Sônia falou "Toninho, não faça isso porque a pessoa pode se emocionar muito e ter um troço", ela que sabia a história da mamãe, né? E eles estavam terminando de reformar a casa, aí eu fui um fim de semana lá, puxei um assunto "pois é, mãe, eu estava pensando e quem sabe talvez e cada domingo eu esticava o assunto até que um dia falei. Mãe estou comprando uma casa pra senhora, semana que vem eu fecho negócio e te mostro.**

**Na segunda feira ela me ligou: "eu já descobri a casa, eu já descobri". Ela chegou lá, te juro, o cara me ligou e falou "ó, sua mãe passou aqui e diz que não precisa terminar, que tá ótimo", e falei "como não? O senhor vai terminar", "não, ela falou que tá ótimo do jeito que tá, que a casa é do Antônio e não sei o que, que o Antônio comprou pra mim que tal"**
- Ela já foi na frente de você?! Ela achou a casa! Seu nome estava lá na porta?
- Mas não falei rua, não falei nada!

**Antonio: Nada! Como eu falei que estava... o pessoal ainda terminar a casa, ela saiu pelo bairro a toda pra ver que casa que estava reformando.**
**- Qual casa. e achou!**
**- Que figura.**
**- "Achei a casa do Antônio!".**

**Antonio: Ela chegou lá, o cara tá trabalhando, o cara perguntou, deve ter perguntado "não, essa casa tá vendida", pronto, é a do Antônio. Mas uma figura, viu?**

**Expedito:** Lá em Ponte Nova tem que parar pra mim ir, eu esqueci de tomar o remédio pra enjoo, tenho que tomar.

**Antonio:** É? Tá bom, mas não vai vomitar até lá então, né?

**Expedito:** Você por favor não me fala que aí me enrola o estômago.

**Antonio:** É só o que faltava! O Expedito vomitar no carro! Pega a bolsa da Marta e qualquer coisa... vomita dentro da bolsa. Já fica com ela aberta aí. Risos. A Marta essa caçula que levava tanta porrada...

**Marta:** Mas muita porrada. O dia que eu fui escolher o caixão do João, fui eu que escolhi, né? Porque eu não quis deixar a Cristiane escolher, eu entrei lá, eu tive um ataque de riso lá na hora que eu escolhi o caixão dele... o homem ficava olhando pra mim assim, não estava entendendo nada. E eu tive... foi uma histeria, né? Tive um ataque de riso porque eu lembrei que ele me bateu uma vez tanto que ele quebrou o dedinho da minha mão. E naquela hora que eu estava escolhendo o caixão eu falei assim "seu desgraçado, você quebrou o dedo da minha mão, agora eu to escolhendo seu caixão!", e comecei a rir, rir... apanhava deles, viu? Apanhava de todos.

**Olga:** Eu batia também?

**Marta:** Nossa! Você me levantava assim ó, eu era magrinha, você me levantava assim... Eu era rebelde, não era? Eu era terrível!

**Olga:** Eu não lembro não que eu te batia, Marta. Eu não lembro.
- Orra! Batia pra caramba!
- A Marta era terrível.

**Marta:** Eu achei que eu era tão boazinha...

**Expedito:** Coisa de baixinho, né? Baixinho é assim. O João também não fugia à regra.

**Marta:** E leva pancada... eu era muito respondona, né, muito preguiçosa...Eu não era uma menininha meiga, boazinha... Eu metia a boca mesmo! Se me contrariassem... e também eu tinha que buscar meu espaço, né, gente? No meio daquele monte de... de filho... De homem principalmente, né? Se eu baixasse muito a cabeça ali...

**Olga:** Mas você sabe, Marta, você falou dessa união, é verdade. A gente ia trabalhar numa casa de família a gente ficava assim "não, eu tenho um irmão que chama fulano, uma irmã que mora em tal... sabe? Não esquecia, dava a ficha completa.
- É muito impressionante isso aí. É muito amor.
- Não ter tido a... com tanta pobreza, com tanta miséria e não ter... a família não ter se perdido, né?
- Graças a Deus, né?

**Marta:** É muito incrível isso. Foi um estendendo a mão pro outro, puxando, puxando...

**Olga: Por isso que vale a pena mesmo escrever um livro, fazer uma história, porque é muito diferente das outras famílias, né? Tem poucas assim por aí, sabe? Poucas, muito poucas.**

**Antonio:** Quando vocês despachavam coisas no trem, tinham que arrumar um carreto pra ir buscar, na estação, é isso?
- Pra ir buscar, é.
- Porque são um trem de carga e um trem de passageiro.
- Mas tem que ter o carreto até Rio Branco, deixa lá, tinha algum depósito lá pra guardar?

**Nilza:** Quando a gente ficou... você fala nas minhas coisas?
- Pra despachar coisa?
- Despachava lá na cidade, tinha um lugar pra ficar.
- Ficava num depósito lá.

**Nilza:** É, pra fazer o despacho, aí tinha a data de quando você chegava com aquelas coisas...
- Data que eles iam te entregar.
- Aí tinha que ter alguém de charrete lá ou de carro que seja, pra pegar pra levar pro...
- Mas não precisava pegar no mesmo dia não?
- Não, se não quisesse não pegava.

**Nilza:** Ficava no depósito lá. Mas normalmente as pessoas já iam lá no dia, né? Porque você fica esperando o trem chegar...

**Antonio:** Mas eu acho que fica mais caro você transportar do que comprar... não, com certeza não. Era baratinho, né? Transporte de trem sempre foi muito barato.

**Antonio:** Mas mandava colchão também?
- Colchão era tudo... aquela esteira, né? Era esteira, né?

**Nilza:** Mas o colchão a gente fazia, era só... pegar a palha de... palha de milho e fazer o colchão, a mãe fazia.
- Ah, você enchia de palha de milho?

**Nilza:** Enchia de palha de milho. Capim, de capim, né?
- Fazia a esteira.
- A esteira pra dormir.
- É, então, e o diacho da esteira ficava macia só quando a taioba estava nova!
- Mas tem taioba também, não tem?
- Quando a taioba ficava velha os ossos doíam.

**Nilza:** Eu plantei no nosso jardim lá do prédio. Fiz uma carreira assim ó, de vez em quando eu vou lá, aí tem um japonês que fala assim: "que que é isso?", eu falo "é de comer, Seu Fulano". Quando a mãe vinha pra passear pra cá ela levava taboa de... de Rio Branco pras crianças conhecerem. Fazia aquele pendão, agora eles fazem arranjo com aqueles pendõezinhos. A mãe fazia e era bem-feitinha, viu? Fazia assim e depois pegava, cortava a... o beiral dela assim.

**Nilza: Rasgava a palha assim, aí depois acabou esse negócio da palha, lá na mata era colonial que falava pra encher... colonial era a comida do boi, Jaraguá... Jaraguá era o coiso pra encher o colchão e tinha... então, e lá em Rio Branco tinha um capim especial que era... aquele capim de colchão, ele era uma touceira assim, ó, macio, sabe? Tinha que secar na sombra, não podia secar no sol, que se secasse no sol ele quebrava, né? Então tinha que secar na sombra.**

**Antonio:** Quer dizer, você levava só o pano quando chegava, chegava lá fazia...

**Nilza:** É, aí fazia aquele buraco assim no meio, ó, pegando o coisa e... e quando esquecia um pedacinho do sabugo lá dentro... um pedacinho na bunda... não tem o milho, não tem aquela parte assim? Você ia tirando a palha, tinha as vezes que esquecia aquele negócio lá, tinha que esvaziar o colchão inteiro pra tirar porque doía as costas da gente. Ah, mas a gente tinha... a situação da gente, nós nunca dormimos lá, a mãe nunca deixou a gente dormir em cima da tábua limpa assim, sempre ela dava um jeitinho assim, sabe? Que tinha muita gente dormindo na tarimba que eles falam, sabe tarimba?
- Tarimba?

**Nilza:** Colocava um pano ali, nós nunca fizemos isso não, sempre ela dava um jeito. A mãe era cuidadosa. Sempre ela dava um jeitinho pra gente.

**Antonio:** Aí JR é que a turma se virava, não tem colchão de pena de ganso vai de pano. **Palha de milho meu filho. Palha de milho. É tudo igual, a sensação é a mesma, o de palha era gostoso porque você afundava, né?**

**Jr:** Mas eles trocavam de vez em quando, não trocava as palhas?
- Não...
- Nunca mais trocava?
- Não, quando tinha algum moleque mijão tinha que trocar.
- Não, eu lembro que a gente ficava a vida toda... com o tempo ela ficava muito...
- Durava o tempo inteiro.

**Nilza:** Com o tempo elas ficavam muito assim, virava pó, né? De tanto ficar ali e tal, a gente vai... esvaziava tudo...
- Ficava meio afundada.

**Jr:** Aí vocês esvaziavam tudo e dava uma recauchutada. E fazia de novo, é.

**Nilza:** E outra coisa, também tem que ser uma vez por ano, porque o milho que nós plantávamos, só colhia uma vez por ano!
- E aquilo lá ficava marcado com o tempo, né? Afundava, né?
- Não adiantava você querer trocar de 6 em 6 meses que não tinha milho não!

**Nilza: A mamãe pegava o Antônio, vestia uma calça nele punha um chapéu na cabeça e ele ficava lá no milharal para espantar os passarinhos. Até umas horas só, aí quando... eles iam de manhã, se**

**levantava cedinho e ficava lá no meio, aí os passarinhos iam embora. Aí você tirava o espantalho no outro dia.**
- Lá na mata na eles faziam isso também.
- Então, era lá na mata.
- Ficava tomando conta do feijão.
- Lá era o arroz, os passarinho chegava de manhã...
- Mas pelo menos de manhã os passarinhos não arrancavam o arroz do papai.

**Antônio:** Isso aí eu não me lembro não.

**Olga:** Ficava lá, no Paraná também.

**Nilza:** A gente fala que é pássaro preto, mas não é. Diz que era o Godelo, né, Antônio? Aquele passarinho preto é comedor de arroz. Que você plantava, eles arrancavam tudo com o pezinho, quando estava madurando eles comiam também.

**Antônio:** Isso eu não me lembro não, vocês me exploraram muito, eu tenho certeza.
- O Antônio era pra tudo, o Antônio...
- Era bonzinho, né?

**Nilza:** Peguei o feijão emprestado... Eu fui pegar feijão emprestado pra fazer pra você, que nós não tínhamos... explorou nada!

**Antônio:** Eu lembro de uma conversa do meu pai, eu acho que foi naquela da goiabeira, eu fiz um... peguei um carretel da mamãe, que a gente fazia como se fosse um carrinho, né?

**Olga:** Ah, eu sei! Eu lembro disso aí. Eu lembro desses carrinho de carretel aí.

**Antônio:** É, aí o papai estava conversando com a mamãe, "mas esse menino, você viu? Ele trabalhou o dia inteiro e chega aqui ainda fica brincando", mas eu mesma fazia o carretel, né? O... também era só um buraquinho pra você passar o...

**Expedito:** E você lembra que o Zezito também fazia esses carrinho? Passava carvão.

**Antonio:** Isso, carvão! Eu estava tentando lembrar, pra fazer aquele barulhinho. Ele cantava. Era uma maneira dele cantar. Mas eu ia cedinho lá pro meio do mato e tinha que trabalhar.

**Nilza:** Lá no Clemente tinha uma venda. A Venda do Clemente onde, tem aquela igreja. Que tinha a Venda do Chico Donato, né, do nosso parente lá do...
- Então, onde tinha a igreja ali, tinha a venda?

**Nilza:** É, é. Ainda... é, tinha lá. O lugar de comprar as coisas era só ali, entendeu? Se fazia compra era só ali.

**Antonio: Eu tô tentando lembrar o negócio da agulha, como a minha mãe... Então, mas deve ter sido ali então porque eu lembro que a minha mãe... Porque tudo era ali pra comprar. É, então, e que a minha mãe falava, ela tinha gente lá que ela comentava, então devia ser a Tia Carminha, porque era tudo pertinho. Porque lá nessa nova casa não foi e eu tenho a impressão que não foi em São Pedro dos Ferros porque eu lembro que ela conversava com as comadres dela, aqui ela não tinha comadre.**

**Nilza:** Mas a comadre... a mamãe era a Comadre Zita, que era a mulher do Chico Donato, o Chico Donato, o Chico Donato era sobrinho da minha sogra.

**Antonio:** Eu digo assim, ela... pode ser que tenha sido ali mesmo, porque eu lembro que ela comentou com a Niguita, não sei o que etc.

**Nilza:** Mas aí tinha a Comadre Vitória, que foi a madrinha do Ivo, né? Comadre Zita... tudo era comadre dela.

**Olga:** E ali ela costurava bastante, né?

**Nilza:** Nossa, ali é. Era na Companhia, a mamãe levantava a gente 4 hora da manhã pra costurar. E ali nos Ferreira também, levantava de madrugada...

**Antonio:** É, foi ali, o negócio da agulha com certeza foi ali porque eu estava tentando... essa vendinha lá devia ter de tudo, né?

**Expedito:** Mas aquele outro ali era cachaça, isso eu me lembro, que a gente ia lá buscar.

**Antonio:** Não, eles passavam na venda pra "matar o bicho", matar o bicho é tomar uma pinguinha pra jantar quando chegar.

**Expedito:** É. O papai não matava o bicho, papai matava o dragão. Matar o bicho, aí chegava com essa lá na venda, tomava aquele coisinha...

**Nilza:** Aí era aquela canequinha de coisa de cachaça, bebia, ia pra casa jantar, no outro dia trabalhar de novo... era engraçado, "matar o bicho". Mas era cachaça, não era pinga não, essas pinga doida que tem hoje não.

**Antônio:** Eu me lembrei de algo muito engraçado, quando o Zezito mudou ali com a Lurdes na casa da mãe dela, ele resolveu fazer um restaurante lá. Fui, eu, o gaúcho, não ia ninguém lá, né? Só o Zezito. Aí começamos a beber e não sei o que, eu comecei a ficar enjoado com a sensação de que eu ia vomitar. Aí quando eu percebi eu saí correndo pra ir no banheiro, a minha camisa grudou no trinco lá, foi só aquele movimento e foi...

Não deu tempo. Vomitei tudo no chão. E a Lourdes ficou muito brava... Foi, a Lourdes ficou puta da vida

E aí tinha um monte de criança, ele levou uns amigos lá pra comer, a turma... passava e pegava do prato do cliente um pedaço da carne. Eu falei: "só o Zezito mesmo pra fazer um negócio desses", o cara...

**Olga:** É, ele fazia salgadinho, ele fazia macarrão, né? Ele tentou tudo, lasanha. Mas não deu certo, né?

**Nilza:** Deu nada. Nós mesmos chegamos a comprar lasanha dele, um tanto assim, sabe? Ele entregava.

**Antônio:** Mas pra entregar tudo bem, mas ele resolveu fazer um restaurante, o cara chegava lá, não tem nada, ele cobrava um preço que era preço de restaurante, uma vez eu fui comer lá. E os moleques tiravam um pedaço da carne, do cliente na mesa. A coisa mais vergonhosa.

**Antonio:** Antes, em 1964/1965 tinha um casal que morava num sobrado e embaixo ele alugou e fez o bar, você chegou a trabalhar lá, né, Expedito? Lembra ali na Rosa Mendes, pertinho da Rosa Mendes? É. Ele tinha um bar lá, só que a mulher do cara era só o cara ir embora pro trabalho, ela já descia e ficava lá e o Zezito se esfregando no balcão com ela pra lá, pra cá... aí eles subiam, e eu tinha 13, 14 anos, eu falei "mas esse cara é corajoso", todo mundo sabia que o Zezito tinha um caso com a mulher, aí o marido chegava e ela parecia uma santa.
- Gente do céu...

**Antonio:** E era... não lembro agora, mas parecia uma mulher bonita. E o cara chegava "e aí, Zezão! Vamos tomar uma cachaça aqui, vem cá, senta aí", e ficava até de madrugada. Risco de morte, né, imagina! O cara inclusive acho que era do norte lá. Se ele chega mais cedo um dia...danou-se. Risos.

**Antônio: Nessa época eu tinha que acordar 5 horas da manhã, ir lá em cima na padaria comprar os pãezinhos, separar por pacotinho pros amigos dele, aí eu cheguei até a ir na Vila Buenos Aires pra entregar pãozinho. É, ele dizia, "não, pode deixar que eu entrego à domicílio, o Antônio leva pra você amanhã, que horas você quer que entrega o pãozinho lá?", filho da puta! Risos.**
- E ele te pagava?
- Ah! imagina que ele me pagou alguma coisa.

**Antônio:** Até porque não tinha, não vendia nada, tudo, ele bebia tudo em cachaça à noite. Ele chegava e juntava aqueles amigos lá e ficava bebendo, bebendo, bebendo.

**Nilza:** Uma vez o Zezito arrumou... ele trabalhava naquela pizzaria ali na... não sei onde que era, mas Pizzaria Deliciosa era o nome da pizzaria. Aí ele arrumou pra mim lavar roupa pros cara lá, eu não sabia ir

lá, aí eu ia buscar a roupa, o Tony ia comigo, né? Que eu não sabia nem pegar o ônibus, ele ia comigo. Daí eu levava a roupa, lavava e ia entregar, depois ele começou assim, quando eu chegava lá pra pegar a roupa ele falava assim "ó, eu falei com o meu patrão, aí que você tá precisando de um valinho, aí ele te dá um vale e depois eu te dou".

A boba aqui "tá bom. Tá bom.", aí depois ele começou a falar assim "deixa a roupa que eu levo e você manda os meninos pegar lá em casa", a Lourdes trancava o portão e desligava a campainha, quando chegava lá o Zezito ia trabalhar, que o Zé ia lá buscar a roupa pra mim lavar ele já tinha entregado as roupas, aí esse negócio dele ficar pedindo dinheiro adiantado lá eu não fui trabalhar mais não, eu falei "ah, não quero mais não", eu falei "não vai dar pra lavar mais não, Zezito porque o Tuta não quer", mas era mentira, ah, vai tomar banho! não gosto de mentira! Secava na entrada da porta assim, você lembra disso. Ah, dinheiro não chegava pra ele não, viu? Nossa senhora!
- Ele não ganhava nada também.

**Antônio:** Era muito difícil pegar dinheiro dos irmãos para as despesas em casa naquela época. Até que eu comecei a pegar as finanças, né? Aí eu resolvi cuidar das finanças, aí cada um tinha que me dar uma quantia.

Nesse bar aí, Expedito, ele começou a fazer os aperitivos pra turma lá, ele tinha um negócio lá, um fogareiro, desses de gás, né? Fritar linguiça, jogava a linguiça na frigideira, esse cara jogou álcool, ele já estava bêbado, aí o álcool avançou aqui... não! Avançou no cliente! Não foi nele!

Mas ele também queimou. Ele se queimo um pouquinho. Eu olhando o cara no balcão, aquele fogaréu e ninguém sabia o que fazer. Queimou o rosto do cara inteiro. Ele jogou o álcool e...
- Com o fogo aceso, né?
- É, você lembra dessa história, né? Ele se queimou, não lembro o final.

**Nilza:** Então, essa época eu estava morando dentro de casa lá com vocês.

**Expedito:** Foi depois daquele bar ali que vocês foram pro Paraná né?

**Antonio:** Muito tempo depois, já morando na rua Hedi, na primeira casa, em 1968, ele chegou ali em casa um dia, tinha um machucadinho aqui, "rapaz, esse negócio tá doendo demais", deitou e dormiu. Ele tinha cortado o nervo aqui, teve que ficar internado. De madrugada, o cara não aguentava de dor, tinha batido, sei lá o quê. "Ah, um vagabundo lá começou a encher meu saco, eu caí no chão com ele, eu acabei batendo o cotovelo", gostava de brigar. Era encrenqueiro pra caramba, ele e o João, né?
- O João era...

**Antonio:** O João uma vez levou uma facada nas costas, né? Acharam ele no meio do mato com a faca. Lembra, Expedito? Mas essa vez...foi ali na avenida ali, no... na avenida Cisper. Acharam, escutaram um gemido, aí foram ver ele tinha arrumado uma briga com um cara no bar e quando o João saiu do bar o cara seguiu ele e o esfaqueou.

**Olga:** Já pensou, podia ter perdido até a coluna, né, Antônio?
- Sim, até morrido, né? Sorte dele que...

## Chegando em São Pedro dos Ferros:

**Antonio:** Rio Casca é 2 km, estamos chegando agora. Depois de Rio Casca é 15 km só. Assim tá no mapa. É, é o que eu falei, é a mesma distância de Juiz de Fora a Visconde.

### Sobre a foiçada que a Minervina deu no sr. Vicente que estava brigando com o Izaltino, no Morro Redondo em SPF:

**Expedito:** Acha que ela ia vir de lá daquele fim do mundo...

**Antônio:** Veio sim senhor! Sim senhor, eu vim junto de madrugada. Foi aqui na cidade. Tanto é que ela entrou, como a Delegacia estava fechada ela entrou na igreja, ficamos lá nós dois. Sei lá.

**Antônio:** Nós passamos pelo cara no meio da estrada, ele com... um negócio amarrado no pescoço. É, ela chegou primeiro do que ele na Delegacia. "E ela: Vamos, Antônio!

Vamos embora, embora que ele tá... vamos passar na frente dele", que ela viu de longe um cara com um negócio amarrado no pescoço, "é ele! Vamos passar rápido!", passou rápido. Que se ele fosse primeiro ela achava... Ela achava que chegando primeiro ela ia dar a versão dela.
- Ela nem dormiu na mesma noite ela já foi direto?

**Antonio:** Sim, nós saímos de lá no escuro! Sei lá, aí eu já não sei. É, provavelmente foi logo em seguida, na minha cabeça foi de madrugada.

**Expedito:** Que estranho esse negócio, por que que ela catou você e não eu que era mais velho?

**Olga:** Porque você, você conhecia, né? Fingiu que estava dormindo... Risos.

**Olga:** E o Antônio era pau pra toda obra, né? Mas eu lembro que quando ela estava batendo nele o Expedito estava na porta em pé lá.

**Antônio:** Você Olga eu me lembro, o Expedito eu não lembro. Mas sobrou pra mim.

**Expedito:** Esse cara é bem xarope mesmo, né? Porque ele sozinho encarar... podia ir aquele monte de filhos pra cima dele, né?

**Antônio:** Isso é uma fotografia que eu nunca esqueci não.

**Marta:** Nossa, ela contava isso como troféu! Mas é... realmente, naquele tempo uma mulher fazer isso...

**Olga:** A Duduca falou que depois ele passou lá com o pescoço tudo... que era caminho dele ali, né, Duduca?
- O vizinho lá, né? Como é que ele chamava?

**Olga:** Era, uai, lá em seguida era a casa dele. Do cara que ela deu a foiçada... é, ele tinha que passar na nossa porta.

**Antônio:** Nós vamos passar nessa casa, se existir ainda você vai... eu vou lembrar bem, porque eu lembro a posição da casa direitinho.

**Nilza:** Isso, mas acontece que nessa época aí não era... eu não estava aí não.
- Mas você soube dessa história?

**Nilza:** Lógico que soube! A mamãe contava pra todo mundo.

**Nilza:** Contava, é. Mas eu não morava aí não.

**Nilza:** O Zezé estava com 40 dias na época, (A Nilza nos visitou então em 10 ou 12 de junho de 1958) a mamãe estava esperando a Marta, entendeu? O papai foi lá na nossa casa, eu morava ali no Vadinho onde nós estávamos ontem.

**Antonio:** Então, só recapitulando então, a mamãe estava esperando a Marta, então quando você veio então nós fomos logo depois que a Marta nasceu então, pra Visconde de volta.

**Nilza: Então, quando foi a... eles moravam aqui, eu me casei, com 8 dias vieram embora pra São Pedro. Quando o papai... o papai foi passear lá eu já tinha o Zé, eu já tinha 1 ano de casada, ia fazer 1 ano, né? Ia fazer 1 ano em junho, o Zé nasceu em maio, mas foi feito depois, tá? Do casamento, não foi antes não. Era assim, era 1 ano só, aí a gente... o papai foi lá passear na minha casa, o papai foi passear lá e ele quis levar nós pra passear lá na Zona da Mata.**

**Nilza: Não, não, era só pra passear. Não tinha nem acontecido essas coisas que aconteceu, aí ele levou a gente pra passear lá, a mamãe queria que eu ficasse lá pra ficar com ela, que a Marta ia nascer, mas o Tuta não deixou eu ficar, nós ficamos acho que 8 dias lá na casa de vocês lá.**
- Tudo de trem?

**Nilza: Tudo de trem. Até que eu te falei, nós chegamos o papai falou assim: se a gente chegar em São Pedro, se o Jeep não tiver lá nós temos que ir a pé, foi o que aconteceu, o Jeep já tinha saído**

**nós fomos a pé. Chegamos de madrugada em casa.**
- Com criança e tudo.

**Nilza: É, o Zezé no colo assim e o papai com uma mala e o Tuta com outra. É, o papai nos trouxe, nós não sabíamos vir não, o papai foi e buscou a gente pra visitar aqui. É, ele foi buscar. É, ele foi passear lá e trouxe nós. Pagou tudo, passagem pra gente.**

**Nilza: "Vocês querem ir lá conhecer onde eu moro eu levo vocês", aí a gente veio. Ficamos 8 dias e nós fomos embora e quando eu voltei de novo em SPF vocês estavam morando lá na Fazenda do Rubinho, entendeu? Foi aonde a Maria Helena morreu. A gente ficou 4 meses, de abril a agosto de 1960 e ai voltamos todos para Visconde e fomos morar na Camelinha.**

### 27/09/2017 - Conversando na praça em São Pedro dos Ferros:

**Antonio:** Depois nós vamos fazer tudo isso, pessoal. Calma. Eu ainda vou parar o carro, vamos andar tudo a pé aqui.



**Nilza:** Então se o bichinho do Jeep não tivesse ali na frente a gente camelava a pé. Aí é que o Jeep ficava parado.

**Antonio:** Depois nós vamos fazer o city tour na boa, o Júnior vai filmar, vai fazer as entrevistas... tá vendo? Aqui é o centrinho. Sempre na beira da... vou passar ali perto da igreja...

**Nilza:** Quando a gente veio, eu não falei que a gente desceu do trem ali e pegou a estrada pra ir pra casa da mãe a pé? Porque o Jeep não estava ali, nós chegamos de madrugada lá. Uns 15 kms. Então, eu, o papai e a mamãe, esse caminho mesmo. Nilza: Só que a gente não... não recorda bem, porque... quantos anos? O Zé tá com 59 anos. Andei todo esse caminho aqui.

### Indo até a Fazenda Brasília, única referência que eu tinha para começa as buscas dos locais onde moramos:

- E agora? Pra lá ou pra cá? Quem é que sabe? Fazenda Brasília. Acho que é direto, né?
- Fazenda Brasília, é pra cá. 35 km, diz a placa.
- Aqui melhorou, que tem a plaquinha indicando, né?
- É. Ah, pelo jeito que é essa fazenda ela é muito famosa, eles têm muitos eventos aqui de exposição de gado e tudo, então os caras são... ela é superchique, o cara...
- Era tudo no muque, né?




**Antonio:** A turma chamava de "FÊNÊMÊ", né? É FNM não sei o que, imagina como que era duro aquele volante, né, os caras... o dia inteiro nessa estrada de terra aquele troço... caminhão cheio de madeira, quando estava chovendo até encalhava em alguns lugares aí...

**Antonio:** Quando foi, Marta? A Marta já tá dormindo. Ela tá tão entusiasmada com a... São Pedro dos Ferros que já dormiu aí atras. Risos.

**Expedito:** Ela já conhece, por isso que ela não... Ah, ela já conhece, é, nasceu aqui, ué. Por isso que ela não ligou muito não. Ela nasceu aqui, terra dela. Risos.

**Nilza:** Então, aí diz que a... eles falavam pra gente assim: quando vinha pra cá vendia tudo as coisas pra vir, chegava aqui tinha o dinheiro e não tinha as coisas pra comprar, não achava as coisas pra comprar pra comer, entendeu? Vinha, vendia tudo e vinha pra cá, chegava aí não tinha nada pra comprar. Não tinha jeito.

**Antonio:** Nossa Senhora Aparecida. Aqui vai ser a... difícil de achar um conhecido! [risos] Porque lá em Visconde, tudo é parente de tudo, né? Aqui não vai ter, não tem ninguém que você lembra que... que ficou aqui? Porque os que estavam aqui foi tudo embora.

**Olga:** Não, eu digo assim, a gente não chegou nem a fazer amizade, nada? Nem a mamãe tinha?

**Nilza:** Você vê, ó, a gente foi embora pra lá, pra São Paulo, eu, né? Pensei assim "ai, meu Deus, agora nunca mais eu vou ver a titia Chiquinha", porque ela ficou lá... pra lá.
- Tio Rogério foi bem depois, né?




**Nilza: Não, aí foi só... eu fui pra SP em agosto de 1965, em setembro chegou todo mundo. E aí nós fomos morar lá. Aí a gente morava... aí a gente morava na... vocês moravam lá embaixo, né? Aí quando vê o pessoal tudo morou naquela... na casa da Lica, lembra da Lica lá da tia Santa? Morava tudo de aluguel ali o pessoal, depois o tio Rogério já foi pro Poá, né? O João... É, o João, o tio, foram juntos para Poá, aí ficou a Chica, depois ela foi também, entendeu? Aí só ficou eu lá morando lá na...**
- Mas o Tatão depois voltou, né? E o tio Rogério também voltou.

**Nilza:** É, o Tatão voltou, ficou morando de aluguel lá perto da casa da tia Santa, foi aonde que a gente levou ele pra morar com nós, sabe? Ele também já tinha comprado o terreno.

**Nilza:** Quando nós compramos, ele também comprou. Eles estavam em situação muito difícil, que a tia Santa que estava pagando aluguel pra eles, da casinha lá, aí a gente... perguntou se ele queria morar, ele quis, aí ele ficou lá até fazer lá, ele falou assim "não, uns 2 anos só, compadre, tá bom", ficou 5 anos. Até fazer um cômodo lá.

**Antonio:** Não, não, não, eu digo mas era o mesmo local ali na Praça da Sé, onde eles foram trabalhar.

**Expedito:** Não, não, o Juca Pato já era, vamos dizer assim, subterrâneo. Era ali, você... dentro do Salão do Gouvêa você descia as escadas, você descia as escadas e lá embaixo era o restaurante Juca Pato. E ele sim... E ele... e do lado de fora eles tinham... Do lado de fora eles tinham... eles exploravam também o espaço com frutas.
- Você também trabalhou lá, Expedito?
- Trabalhei.
- O João também trabalhou lá, não?
- Não, o João não. O João não. O João não, né?

**Expedito:** Ali, ali onde eu trabalhei naquele Gouvêa, que eu era um coitado, eu trabalhava ali na limpeza.
- Você conhecia então o Sr. Manolo e o Seu Florial Sanches Robles?
- Sim, conhecia todo mundo.

**Antonio:** Mas ele adorava o Zezito, o Zezito que me arrumou pra trabalhar com o Sr. Florial.

**Expedito:** Tinha um velhinho lá que tomava um vinho lascado, Seu não sei o que lá também, muito gente boa. Eram os bam-bam-bam, era cada um, num caixa.

**Antonio:** Eram os donos, é. O Seu Manolo continuava no caixa, aquele tempo que eu trabalhei com ele o caixa era com ele, cheio de elastiquinho dobrando os dinheirinho, anotando... Isso em 1969 na Distribuidora Robles na Florencio de Abreu.

**Expedito:** Como eu era peão e não sabia fazer nada, eu era faxineiro, a bola da vez, era pra ir buscar bebida lá em cima, tinha que subir uma puta duma escada e trazer lá de cima caixas de bebidas, até saco de man-

timento tinha que buscar lá em cima e era um tal de correr lá na rua pra pegar táxi pra alguém, comprar pãozinho que acabou, e lavar banheiro. Faz-tudo, aí faltava o cara da cozinha que ficava lá na pia lavando prato, tinha que ir pra lá... trabalhava que nem um filha da puta. E na hora de distribuir a caixinha... Na hora de distribuir a caixinha, pra mim era aquela merrequinha. E você trabalhava mais do que eles.

**Expedito:** Eu trabalhava mais do que todo mundo, aí eu... pensava, não estudou, né, filha da puta, dá nisso. Risos.

**Antonio:** O Zezito diz que o negócio da caixinha lá era uma briga, que a turma roubava, o garçon ia com o dinheiro pra pagar lá no caixa e ele já conseguia passar a mão na conta e sumia com o dinheiro, quer dizer, o cliente pagava tudo... É, ele me falou que... eles pegavam os caras lá que enfiavam o dinheiro até na bunda pra poder disfarçar...

**Expedito:** Não, como era... como era... o negócio chamava-se caixinha e tinha uma caixinha e...

**Antonio:** Não, eu não tô falando da caixinha, eu tô falando do que eles aplicavam o golpe, o cliente pagava, enquanto eles iam levar o dinheiro lá no caixa eles arrumavam uma maneira de ficar com o dinheiro e sumir com a comanda.

**Antônio:** O pernil era servido do lado de fora, tinha uma coisa de vidro, né? E era separado, é como se fosse um quiosquezinho de shopping. Era o tempo inteiro e eu lembro do Zezito só cortando aquele pernil e pá, pá, pá, e passa mais um, e pá, pá, pá.
- E acho que a turma comia lá fora mesmo, né? Tinha o balcão, né?

**Expedito:** Não, era ali dentro, não era lá fora não esse negócio aí. Você entrava dentro do salão.

**Antonio:** Eu sei, mas o de vidro você via a rua.

**Expedito:** Sim. Agora, aquilo ali era tão intenso aquele movimento ali pro pernil que tinha dois caras ali. Direto fazendo sanduiche. Tinha o Zezito e mais um português lá. Mas não era só o... o forte era o pernil.

**Nilza:** Não era o Zezinho? O Zezinho é que trabalhava junto com o Zezito.
- Não.
- Você lembra dele?

**Expedito:** Ah, é! O Zezinho trabalhava lá também, né? Então, é o Zezinho, era garçom lá, mas era garçom.

**Expedito:** Não, lá não tinha esse negócio... a não ser que ele trabalhava no Juca Pato, né? No Juca Pato que... Provavelmente era no Juca Pato. O Juca Pato tinha garçom, agora, esse do pernil não tinha esse negócio de garçom não. Agora, lá na... nessa gaiola lá que eles serviam o sanduiche, o forte era o pernil, mas tinha também aquele tal de... Queijo Palmira com não sei o que...
- Sei. Mas o forte famoso ali era o pernil.

**Expedito:** É, presunto cru com Queijo Palmira.

**Antonio:** O que aconteceu, que agora eu tô lembrando, foi o seguinte, tinha que ir na missa lá na cidade SPF e eu fui com a mamãe, só que a mamãe errou a hora, ah! Agora tá, de qualquer forma eu vim a pé.

**Olga:** Mas naquele dia você foi sim, fazer o boletim de ocorrência.

**Antonio:** Não sei, eu não sei. Vamos supor que não.

**Antonio: O negócio da missa foi o seguinte, nós chegamos lá, sei lá, era meia-noite, duas da manhã, porque ela saiu, ninguém tinha relógio, né? E fomos embora, quando chegou lá era madrugada, tivemos que ficar sentados lá dentro da igreja até começar a missa. É verdade, é. Agora que eu tô lembrando, dessa segunda parte. Eu com um sono danado...**

**Expedito:** Porque eu lembro que o pessoal comentava assim, né, lá na praça que é... lá pra praça, ali pra baixo, seguindo em frente lá, depois da onde a gente morou, que eu nunca fui pra lá, disseram que lá era o seguinte, nego matava um lá e deixava o outro amarrado pra matar no outro dia e a polícia não...

nem ia lá e sabia que se fosse lá o bicho pegava, era o que os caras comentavam naquela época.

**Antonio:** Esse negócio que eu fui pra lá foi que ela errou a hora da missa... Mas ela não foi na hora não, ela dormiu, depois ela acordou de madrugada e foi. E saiu cedinho, isso. O da igreja então foi isso que eu... ela "perdeu" a hora. Ou seja, saiu muito cedo, antes da hora.

**Antonio:** Então pode ser que a Marta tenha razão, acho que nós fomos no administrador aquele dia da foiçada e não na cidade.

**Olga:** Sim, no administrador. Ele tinha um nome, é que eu esqueci o nome dele. Ela quis contar a versão dela primeiro. Primeiro. Eu lembro, porque se ele chega lá e fala "ah...", né, era perigoso a polícia buscar ela lá em casa, né? Na cabeça dela era, né? Ainda bem que o cara não morreu, né? Porque ia ser um problema...
- No pescoço, se você pegar a aorta do cara... Ela bateu mais pra afastar o cara. É, ela bateu a foice assim.
- Não, ela bateu pra machucar mesmo, né?
- Sim, mas não com a ideia de matar, né?

**Antonio:** Mas você sabe Expedito, que você cometeu um negócio com a mamãe lá no Paraná que eu fiquei com uma dó da mamãe... Você foi visitar a gente lá, estava eu, ela, se abraçou todo mundo e ela toda feliz e te abraçou e saiu, saímos todos juntos e você "ê... que bafo de cachaça, hein?", ela passou naquela.. Tinha aquelas plantas que é mais... tipo alecrim, ela passou e já botou na boca, o alecrim, continuou alegre.

**Expedito:** Mas eu... eu realmente falei isso daí? Eu não tô lembrado.

**Antonio:** Eu lembro até hoje, porque eu fiquei... todo sem jeito com ela, tadinha. Mas claro, você não fez crítica, era mais uma brincadeira com ela. Tanto que ela continuou na dela, feliz pela sua chegada.

**Olga:** Eu chegava do Pegue-Pague, não, sim, mas em São Paulo, ainda bebia, né? Do Pegue-Pague tarde da noite, aí eu... minha panelinha de ferro que hoje tá com a Duduca, estava lá no forno, eu chegava com fome, esquentava aquela panela lá e comia e não via a minha mãe. Aí um dia eu lembro que eu falei pra ela "ah, mãe, para de beber, porque eu chego, a senhora tá dormindo, às vezes nem... nem vejo a senhora, né?", mas ela via a hora que eu chegava, "a sua comida tá lá na pia", ela dava conta de tudo, mas ela ia dormir.
- É. Ela não esquecia de ninguém, deixava tudo arrumado...
- Mas ela ficava pouco tempo acordada, ela bebia e já dormia.

**Expedito: A gente não dava aquele valor devido pra ela, né? Só depois, que nem... depois que eu casei, eu fui morar lá em Ribeirão Pires, ou mesmo quando morava aqui, eu não passava um dia sem ir lá na casa dela. Mas não era assim desde o começo.**

**Antonio:** É aqui. Chegamos na Fazenda Brasília. Tá me cheirando alguma coisa errada.

**Expedito:** Vamos parar aqui, vamos ver ali. Vamos perguntar. Tô achando que... sei lá!
- Tá achando que não é nesse caminho?
- Que não é nesse caminho não. Porque, na verdade não era entre Raul Soares e coisa, as fazendas? Não. Não. Falei pra você que era antes da fazenda. Vamos andar mais um pouquinho aqui.

**Antonio:** Oi? Você sabe onde é Morro Redondo? Não? Qual que é o outro nome? Aqui... indo pra cá vai dar onde? Você não sabe? É.

**Olga:** Essa aí é novinha, não conhece não.

**Nilza:** Antigamente tinha que fazer assim, ó, apertar, né? a outra dava... 1 litro e meio, aí você tirava de uma e tirava de outra, era assim. Tinha uma outra pequenininha que a gente comprou desse meu primo que veio pra... quando ele veio pra São Paulo a gente comprou dele, da... então, eu tô falando "aqui", mas é lá em São Paulo! Quando ele foi embora pra São Paulo ele vendeu a cabritinha pra gente, ela dava uma garrafa só.

**Chegando na Fazenda Brasília e Conversando com o Cláudio Rezende, sobrinho do Rubens Resende, e atual dono da Fazenda Brasília. Como se verá, tivemos muita sorte.**

**Não tínhamos noção de nada, só contávamos com a memória da Nilza:**

**Cláudio Sobrinho:** Olha, eu não lembro de Rubinho.

**Antonio:** Não, tinha o Rubinho que era filho do Jhoter, não?

**Sobrinho:** Não, eles não eram "Rubinho" pra quase ninguém, só uma irmã dele, um apelido muito íntimo, não era...

**Antonio:** Deixa eu te falar, a fazenda que era sede chamava Paraíso?

**Sobrinho:** Isso. Vocês vão passar próximo a ela. Pois é, o outro ponto central de movimento do Jother era a Esplanada.
- Tem ainda?

**Sobrinho: Não tem mais nada. Vocês vão passar pelo lugar que era a Esplanada. Pode ser, se o eucalipto tiver baixo ainda, vocês vão dar uma olhada do lado direito, uma construção que era a máquina de café dele, ela é desse tempo, que foi uma época de muito café, foi uma época de muito café aqui. Exatamente, uma máquina muito grande, produzia muito café naquela época.**

**Antonio:** Esse meu tio morava numa fazenda que falava Fazenda da Instância, não sei.

**Sobrinho: Aí então se fosse a Instância já não era do Jother. Aí já era do Zezé. Do irmão dele. Isso, do Dr. Zezé, essa foi... a fazenda ainda existe também, não é bem a da família mais nem nada.**

**Antonio:** É lá pra frente, né?

**Sobrinho: Ali quando vocês chegaram na... Athenas, logo depois... ela tá, vamos dizer, 3 ou... uns 5 km pra esquerda. Essa Athenas, ela era dos irmãos tinha um que era o Totonho, que ele morreu antes da divisão, então separaram essa área pra viúva e ficou chamando Instância Santo Antônio.**

**Sobrinho: Pra simplificar, tem o nome de uma pessoa que trabalhou nessas fazendas, o Orlando Cardoso, tá lá na cidade que vocês podem contactar e ele pode até... gentilmente de repente até vir com vocês, aí ele fala "era aqui", "era ali". Ele conhece isso tudo.**

**Sobrinho: Exatamente, ele trabalhou aqui dentro. Ele hoje é patrulheiro da prefeitura, conhece tudo, tudo, tudo esses lado. Ele trabalhou dentro dessas fazendas. Morou nessa Fazenda Paraíso. Morou nas fazendas, aí facilita. O pai dele foi o encarregado pelo Jother de cuidar das fazendas....**

**Sobrinho: Essa história, eles contam essa história, meu avô, Jother os tios e meu pai, eram trabalhadores braçais, tinham que andar 10, 20 km por dia. É, mas naquelas épocas era assim, né? Porque você não tinha... você tinha... provavelmente tinha um Jeep lá na estação só. Pra você ter uma ideia na época da guerra não tinha combustível, não tinha nada. Não tinha nem carro. Combustível era só pra médico.**

**Antonio:** Eles usavam cavalo, né? Acho que nem charrete não tinha.

**Sobrinho:** É, não, não tinha, mas não tinha estrada, não tinha nem jeito de passar de carro, era só carro de boi.

**Antonio:** Esses caminhos, eu não me lembro, eles tão contando, né, a gente fazia tudo era a pé. E... por sorte preservaram as estações tá tombado, né? Então tombaram todas, história da cidade, tem uns derrubando tudo, lá em Visconde do Rio Branco já tá um horror, eles tão fazendo prédio de 15 andares na praça.

**Antonio:** Mas você conhece lá? A Instância?

**Sobrinho:** Essa tal de Instância? Conheço.

**Expedito:** Conhece, você tá lembrado de que existia uma lagoa desse lado?

**Sobrinho:** Eu falei, é a Lagoa da Pirraça.

**Antonio:** Lagoa da Pirraça, ele falou que quando você tiver no alto do morro dá...Que é... colado no Morro Redondo. Tinha duas lagoas. No Morro Redondo, não é isso?

**Sobrinho:** Não, não, até a do Morro Redondo... ah, tem, não... é, é a Lagoa da Pirraça mesmo.

**Sobrinho:** Não tinha outra não, é isso mesmo. Eu te falei, depois que você passar o Morro Redondo você vai andar uns 3 ou 4 km você vai ver a Lagoa da Pirraça lá embaixo, no primeiro morrinho que você subir, é um morro e você vai ter uma subidinha, o primeiro morrinho que você subir... Se você parar você vai ver a lagoa lá embaixo assim, é a Lagoa da... ela vai estar em linha reta do Morro Redondo. Essa é o Morro Redondo, não é o Paraíso não.

- Sim, Morro Redondo, é, que foi onde a gente morou.

**Sobrinho: No Morro Redondo onde o senhor morou, lá morou o Zé de Paula, o Seu Antônio Gotto, o senhor não lembra desses nomes?**

**Antonio:** Não. Eu lembro que esse Morro Redondo que a gente morou, do outro lado assim da estrada...

**Sobrinho: O Antônio Gotto tinha uma casa alta que tinha um curral redondo na frente.**

Expedito: Tinha um pomar, era um senhor de idade que tomava conta e lá era... eles faziam a... trocavam o arroz pra...

**Sobrinho:** Tinha uma máquina de arroz, uma máquina lá que eles tinham , de milho, essas coisas.
- Você levava o produto...
- Levava lá, eles tiravam.

**Expedito: E logo ali mesmo tinha um veterinário que morava também, naquela época. Lá no fundo, não era um veterinário, era um agrônomo.**

**Sobrinho: O Dr. Rafael. Era um colombiano que morava lá.**

**Expedito:** E desse lado que já tinha luz elétrica, que não era nossa, que a gente não tinha, mas tinha uma casa com bastante goiaba branca em volta.

**Sobrinho:** E era uma casa de dois andares? Era uma casa bonita, não, dois andares não... ela tinha uma varanda grande, essa é a única casa que eu me lembro, meio alta. Sim, é essa a sede do Morro Redondo. Agora, nessa lá que tô falando dessa época mais ou menos...
- Que tinha umas goiabas enormes. Tinha muito pé de goiaba branca.

**Sobrinho: Nessa época mais ou menos tinha dois moradores, porque teve uma época que eu passei férias lá, que é o Seu Antônio Gotto, que ele deixou uma família enorme lá em São Bento e o outro é o Zé de Paula, que trabalhou toda a vida pro meu pai. Eram duas famílias.**

**Sobrinho: Então você vai... depois do campo de futebol, 2 ou 3 km você vai olhar à direita, uma baixada aí você vai ver a casa sede do Morro Redondo. Você vai andar mais 2 ou 3 km você vai entrar dentro dos eucaliptos, na hora que você tiver uma subidinha você para, olha à esquerda e tá a Lagoa da Pirraça. Você desce, faz uma curva, tem uma reta com uma encruzilhada, ali era a Esplanada, se você olhar pra cima tinha a máquina de café lá em cima, ali tinha um armazém, tinha diversas... devia ter umas 15 ou 20 casas por ali, entendeu? E aí depois... o Paraíso tá bem mais na frente, daí você sobe o morro, desce o morro, do lado direito uma baixada, ali que estaria o Paraíso.**
- Quantos quilômetros mais ou menos?

**Sobrinho:** Do Morro Redondo no Paraíso deve ser 3, 4 km, 5 km.

### Saindo da Fazenda Brasília e indo para a Pousada:

**Antonio:** ... Acontecendo, eles foram aos poucos, ele morreu em 1940 e pouco e ele deu 100 alqueires pra cada irmão, não sei o que e tal, então esse Jother, ele é tio dele... não, é tio do pai dele, o sobrenome

são todos de família, mas não tem nada a ver... não é filho dele, são...
- É família grande.

**Antonio:** É família grande, ele tinha 7 irmãos e aí deu pra cada filho um pedaço, o que ele diz é o seguinte, ele concentrou isso tudo, que é aquilo que você tinha falado, eram várias fazendas, mas dentro de uma terra só.

**Nilza:** Quer dizer que eu não estava mentindo não.

**Antonio: Não. E aí o que aconteceu foi isso, o Jother, fez uma permuta em 1957, ele entregou tudo que era dele, não a parte dos irmãos, pra reflorestamento de eucalipto e foi embora para outra cidade, aí a primeira coisa que os caras fizeram foi, "bom, se eu vou plantar eucalipto eu não preciso de caseiro, não preciso de nada", aí derrubou tudo.**

**Antonio:** Ele disse que passando o campo a gente já começa a prestar atenção e não vai ver nada, ele falou, é tudo eucalipto, mas você vai ter uma noção, era por ali ou... mas o mais importante...

**Expedito:** Mas você viu que na hora que a gente veio, essa plantação de eucalipto a gente viu.

**Antonio: Então, mas ele deu o nome desse cara, o Orlando, nós vamos procurar ele hoje, falou "ó, o cara é gente finíssima", e a gente pode... trazer ele aqui amanhã, ué. Entendeu? Pra ele mostrar: "aqui era não sei o que". Ele falou "ó, não tem nada, vocês vão chegar lá, vocês só vão achar eucalipto", é muito fácil que a gente parar na ponta e dizer "era ali", que nem a nossa casa lá, a nossa casa era ali, né? Não tem mais, mas você vê. É só isso.**

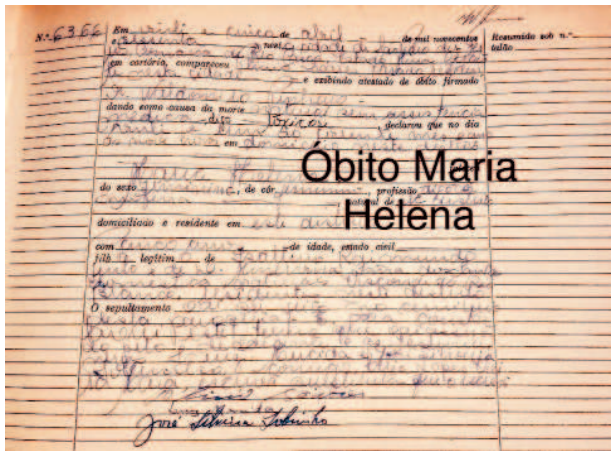
**Antonio:** Agora o bom, o bom é que a Instância tá lá, se vai ter a casa ou não é outra história. Passou o campo já, não, né?

**Expedito:** Não, é mais pra frente ainda. É bem lá na frente.

### Já na cidade bate papo entre nós, na praça em São Pedro:

**Saímos da Fazenda Brasília e voltamos pra cidade sem visitar nenhum lugar. Preferimos descansar, procurar esse Orlando e deixar para amanhã, 29/09 a visita às fazendas.**

**Nilza:** Só o Zezinho, da tia Niguita é que foi registrado, ó, aí teve uma eleição lá, pra ganhar voto... pra ganhar voto o homem, o deputado lá... Ele liberou todo mundo da rua.




**Nilza: Não, ele liberou todo mundo pra registrar e me pai registrou, eu tinha 13 anos quando eu fui registrada, aquele monte de menino, 13 anos eu tinha e não tinha o Luis, a mamãe estava esperando Luis, então deixou... só não registrou o Luis porque não sabia se era homem ou se era menina, que não tinha, né? Ultrassom...**
- Ia registrar depois de nascer.

**Nilza: Aproveitar que o deputado... Aproveitar já registra o que tá na barriga também. Que o deputado deixou! Risos.**

**Nilza: Então não tinha ultrassom** antigamente, teve que esperar o bichinho nascer pra poder saber se era homem ou se era menina. Nasceu, meu pai foi lá, fez o registro do Luis. E ele nasceu em agosto de 1954.

**Antonio:** Os registros de óbito da Maria Helena devem estar aqui em São Pedro. Vamos tentar aqui no cartório que pode ser que tenha o atestado de óbito, mas...
- Onde que a Marlene morreu?
- Lá na... nessa tal de Companhia.

**Júnior:** Marta, como é voltar assim pra onde você nasceu?

**Marta: Ai... acho que eu não alcancei ainda, eu sei que tem uma coisa grandiosa acontecendo aqui, mas não... não alcancei a grandiosidade, eu sinto uma... profunda emoção, um turbilhão de emoções... é muito grande. Muito grande.**

**Jr:** Desde que você nasceu você não tinha voltado aqui? Não tinha nem imagem assim, da cidade.

**Marta: Não, não sabia dessas histórias, né? Nunca imaginei voltar também, era uma coisa que não... a gente vai levando a vida, né, dali pra frente e não faz esse retorno às raízes, então eu acho que a minha leitura não é histórica, né? Seu pai tá fazendo uma leitura histórica, eu tô fazendo uma leitura... psicológica, espiritual, pra mim vai mais nessa linha a minha leitura do que está acontecendo, né? E então eu acho que é muito grande assim, eu acho que vai... os morros por exemplo eu já descobri, né?**

**O que eram aqueles morros nos meus sonhos recorrentes, né? O que que isso significa não sei, mas eram os morros daqui, com certeza, né? De onde saiu esses morros? Então...**

**Jr:** E você sonhava com morros?

**Marta:** Sonhava. Muito, sonhos repetitivos. Muitos anos de terapia e todos os meus conflitos eu estava andando nesses morros, era exatamente esses morros, esses morros com essas trilhazinhas no meio... né? E eu tentava explicar pra psicóloga como era, eu falava "é uma vegetação assim, eu passo umas trilhas, uma terra meio vermelha, não sei o que..." e eu tentava... e eu sempre muito sozinha, sempre sozinha nesses lugares e eu estava sempre procurando o centro, eu queria ir para o centro, né? Eu estava sempre procurando o meu lugar, procurando... é... é como se eu estivesse perdida naquele lugar e eu estava procurando a saída nos meus sonhos, eu procurava a saída, eu procurava o centro, eu procurava a... sabe? Onde que é a rodoviária, onde que tem um ônibus pra eu tomar pra eu sair daqui, sempre e naqueles morros ali, perdida no meio do nada, sozinha, né? E isso foram... assim, foram muitos anos de terapia e sempre o sonho se repetia, se repetia, às vezes com mais frequência, às vezes... serenava, mas sempre. Sempre. Sempre. Principalmente nos momentos de crise, né, que eu estava vivendo e aí eu percebi agora que morros eram esses, né?

Então isso marcou muito pra mim, então... a partir daí eu acho que muitas outras coisas, né, vão... clarear na minha psiquê. Né? Acho que muita coisa... é... não que eu esteja com expectativa, mas eu acho que assim, assim como eu percebi os morros, né, eu acho que muitas outras coisas também pode ser que eu perceba a respeito de mim mesma, da minha personalidade, dos meus conflitos, das minhas dificuldades, né? Essa coisa que eu tenho, que eu carrego comigo assim que eu nunca sei onde é o meu lugar, essa é uma pergunta que eu também já levei em terapia, assim, onde é o meu lugar, sabe? Já foi tema assim, por muitas sessões, onde é o meu lugar, né? E agora eu percebo que... é... espiritualmente eu tenho um lugar, eu pertenço a essa família, né? Porque assim, eu sempre tive muito a sensação de peixe fora d'água com essa família, muita, não é que eles me excluíram, é uma coisa de sentimento mesmo, de me sentir diferente deles, eu sempre me senti muito diferente deles, minha cabeça muito diferente, meu modo de pensar muito diferente, minhas... tudo muito diferente, né? E essa foi grande parte dos nossos conflitos a vida inteira assim, porque eu me sentia diferente dessa família e isso também já caiu a minha ficha, né? Porque eu fui criada em São Paulo, né, eu fui criada lá, com a cultura de lá, com os costumes paulistanos, com amigos paulistanos, escola paulistana, tudo paulistano, eles foram criados aqui, eles viveram uma realidade que eu não vivi junto, junto, eu não estava junto com eles, então eu fiquei meio à parte mesmo, né? Uma pessoa diferente.

Então eu percebo agora que esse diferente não era pro mal, esse diferente era só diferente, entendeu?

Ele faz um sentido. Eu não convivi com a minha irmã mais velha, nem sabia que ela era minha irmã, fiquei sabendo que ela era minha irmã depois que eu já estava grande, né? Então eu fiquei diferente mesmo, eu fiquei um... um peixe fora d'água nessa família, né? No ponto de vista de uma criança, né? E aí a gente vai carregando essa... tá caindo isso pra mim, não é psicólogo nenhum que falou, né, eu tô sentindo isso aqui agora, né? Assim, que aí você vai crescendo com aquele sentimento de não-pertencimento, aquele sentimento de solidão, sentimento de "onde é o meu lugar? Que lugar que eu ocupo?", na vida, né? Porque na família era uma coisa meio... eles têm recordações em comum, eles têm... viveram as coisas juntos, eles

têm histórias juntos pra contar, né? Eles tiveram uma infância junto, eu não. Né?

**JR:** Mas ao mesmo tempo você tem uma convivência com a vó depois que eles casaram que eles não tiveram, numa fase da vida dela que você acompanhou mais de perto.

**Marta: Ah, sim, né? Eu fechei o ciclo, né? De certa forma, né? Eu acho que... que tá sobressaindo assim, né, nessa convivência, a gente sempre soube disso, mas tá muito claro agora, né? Essa coisa da... da ajuda mútua dentro da família, então até isso tá sobressaindo porque assim, porque as pessoas assim, é o Antônio, né? O Antônio, o Antônio, o Antônio, mas se você vai ver a história, o Zezito que levou as pessoas, né, que ele podia ter ido pra São Paulo e resolvido a vida dele, ele veio buscar o irmão que buscou o outro irmão, que não sei o quê, foi toda uma coisa, né? Então o meu lugar nisso daí é... assim, eu herdei esse espírito da família, então eu ajudei a criar todos os meus sobrinhos, todos eles, né? Eu ajudei a criar no sentido material e no sentido físico mesmo, cuidar do sobrinho pro irmão trabalhar, é... sustentar sobrinho, material escolar, isso eu... sempre dentro da família. E com relação à minha mãe e ao meu pai, meio que eu fechei o ciclo, né? Com eles porque** eu vivi com eles por força das circunstâncias, né? Eu fui viver com eles já na velhice e cuidei deles assim... dentro do que eu podia fazer, né, de uma forma incrível, então assim, ontem a... Nilza estava contando, né, que eles pegavam um pacotinho de macarrão e dividia no meio pra duas famílias, né, com as famílias com aquele monte de filho, né?

E a Olga lembrou, né, quando eu fazia compra no Atacadão, que foi a época da inflação muito alta, então eu dividia com as minhas amigas, a gente ia no Atacadão e comprava as coisas tudo de caixa, né? E quando eu chegava na minha casa, lá na casa da Rua Romelândia com as caixas de comida, o meu pai punha a cadeira na varanda pra ver a compra chegando, então era caixa de leite condensado, caixas de arroz, muitos pacotes de arroz, linguiça, aqueles pacote de linguiça, é... feijão e... tudo assim, macarrão nem se fala, né?

Fardos de macarrão, e aquilo não parava de entrar, né? Na época eu não tinha carro, a minha amiga que tinha, a gente fazia tudo na... eram 3 amigas, a gente comprava, usava o carro dela e não acabava de entrar a minha compra dentro de casa e meu pai sentava ali, ele punha a cadeira e ficava vendo a compra entrar.

Imagina o que isso devia causar nele, pra mim era uma coisa comum, eu estava comprando pra 3 meses, né? Porque a inflação era alta pra... não ter que voltar todo mês no mercado que era de manhã, de tarde e de noite mudava o preço, né? Mas pra eles... então você imagina isso, simbolicamente uma pessoa que teve que catar um inhame pra comer e dividir por 15, de repente... né?

E aí a minha mãe, ela não... a minha mãe, ela... que que acontecia depois?

**Eu fazia essa compra pra 3 meses, né? E eu chegava com a compra, no dia seguinte era uma fila de gente saindo com sacolinha da minha casa, era... saía a Tia Carmem, saía a mulher do Luis, saía não sei... todas as cunhadas, todo mundo, eu só via saindo de fininho com sacolinha, a minha mãe dava escondido de mim! [risos] Pra não levar bronca, entendeu? Então sempre teve essa mola, né, propulsiva assim, de um ajuda o outro, um ajuda o outro, um ajuda o outro... né? Ficou muito marcante essa coisa do Antônio porque as ajudas, né, que o Antônio deu, elas são muito mais efetivas e... talvez maiores assim, né, uma casa, sei lá, mas é da família, então a minha mãe fazendo aquelas sacolinhas escondido pra todo mundo, entendeu? Dividindo as compras, as compras das minhas amigas duravam 3 meses, a minha não, né? Então é engraçado. E eu tive essa oportunidade de proporcionar isso pra eles na velhice, né? O tempo que eu morei com eles, eu nunca... eles... nunca faltou nada pra eles, nada, nada, nada. Até carro, né, tinha carro pra levar meu pai no hospital, pra andar com eles, né?**

**Foi muito legal isso daí, foi muito assim... funcionou, sabe? Essa mola propulsora, ajuda aqui, ajuda ali, todo mundo está bem, né? Todo mundo está bem e os nossos filhos, né, estão melhores, os nossos filhos estudaram, nossos filhos têm bons empregos, dormem em camas boas, né?**

Não passam fome, então você vê que é uma coisa que você pega os meninos agora, eles têm faculdade, pós-graduação, né? Alguns estão... eu não sei se tem alguém com mestrado, mas... né? Falam outras línguas, fazem... a gente, né, vinha pra cá quando dava e tal, visitar, ficar em casa de parentes, os nossos sobrinhos tão fazendo viagens internacionais, né? Tão indo pro exterior, tão fazendo cruzeiro, tão indo pra... né? Então você vê que a cosia andou, andou, andou do ponto de vista material, né? E do ponto de vista

vista do caráter você vê que com toda essa coisa e tal, é uma família que não tem nenhum bandido, nenhum assassino, nenhum estuprador, nenhum craqueiro jogado na Cracolândia, que é o mais comum hoje, é muito impressionante isso, né? É uma família que não tem, você vê, com toda a dificuldade que teve não teve... é... não teve essas baixarias dentro de casa de um matar o outro, não teve assédio de irmão pra irmão, né? Não teve, as pessoas cresceram, ninguém rouba, ninguém mata, ninguém... teve algumas questões de alcoolismo aí, mas perfeitamente... nem por serem alcoólatras ninguém virou violento, né?

**JR:** Continuou todo mundo próximo, né?

**Marta: É, é impressionante. Tem uma coisinha aqui, outra ali, mas todo mundo se vê, né? Tem um vínculo, né, ficou um vínculo assim e o caráter que se formou, né? Das pessoas, o caráter das pessoas é impressionante e isso continua, né? Aí vem o Léozinho que coleciona pedra, né? Vem uma... mas eu não sei avaliar isso tudo, eu acho que isso tudo é tudo muito grande, é só o que eu tô olhando, né? Eu acordei hoje de manhã com uma frase do Chico Xavier na minha cabeça, psicografada por ele, eu não vou lembrar a frase inteira, mas que ele fala assim, mais ou menos isso, né, que você nasce na família certa, você passa as experiências que você tem que passar, aquelas pessoas que nasceram ali do seu lado são as pessoas certas, era com aquelas pessoas mesmo que você tinha que estar, aquele pai, aquela mãe, aqueles irmãos, né? Que tá tudo certo, que é para a evolução do seu espírito, é uma frase bonita... "Nascestes no lar que merecias", aquele jeito dele, né?**

Se eu achar essa frase depois eu te passo, é muito bonita e faz todo o sentido, né, agora que a gente vê, porque assim, o que que é dar certo? É ficar todo mundo rico? Entendeu? Não sei. Acho que todo mundo ter caráter é bastante... interessante, não é? Mais do que ter dinheiro talvez. Não é? Todo mundo ser feliz, todo mundo ser alegre, se encontrar e relembrar coisas... Você vê que eles contam coisas, né, situações de... limite assim, né, de sofrimento que pra nós seria inimaginável, né? O sofrimento. Eles contam isso e não há sofrimento, eles contam rindo! Achando engraçado. Né? Que arava, que daí o outro ficava pra trás com 5, 6 anos de idade com uma máquina daquela, pra mim é... né? Eles contam isso dando risada, achando uma graça, eles eram felizes! Né? Felizes. E aí tá por trás o quê? O amor, a família mesmo, aquele sentido mais profundo de família, né? E daí vai perguntar assim: "ah, mas todos prosperaram e ficaram ricos?", eu acho que ficamos sim! [risos] Acho que ficamos sim. Né? A ajuda continua, a gente continua ajudando uns aos outros, continua um primo ajudando o outro, um sobrinho ajudando o outro, um... né?

**Continua. Continua, é que nem a pedrinha, a vó guardava pedrinha, aí vai guardando pedrinha, guardando pedrinha, é que nem... mal comparando, a história dos macacos que passaram a descascar a própria banana, não tem uma história assim? Que alguém da ancestralidade começou a fazer e eles foram fazendo, aqui é isso, né? O caráter, a bondade foram se estendendo e é isso que sustenta a família. E eu espero que essa... esse resgate que a gente tá fazendo, essa homenagem que nós estamos fazendo, de voltar aqui e honrar, né, aos nossos antepassados, honrar nossos pais, honrar a história deles, contar a história, lembrar deles, né? Com todo esse amor, faça um efeito também muito grande na geração de vocês, né? Que vocês sejam libertos de toda a tristeza, de todas as amarras, de todas as mágoas, de tudo que impede o progresso de vocês, né? Que com a força desses antepassados aqui, que não foram fracos, né? Gente forte mesmo, né?**

Com a força deles aqui que nós estamos honrando nesse momento, né, que isso seja um impulso pra vocês, pra minha filha, pros filhos dela, pra você, pros seus filhos, vai mais, mais, mais, mais, além, além, além... entendeu? Eu acho que é isso. Você olha pra trás e você sente a força da Dona Antônia Minervina lá atrás que era mãe da Dona Minervina, que é mais ainda, né? Olha que mulher, o nome dela já era forte.

Então todas as mulheres da família vão nessa força, né? E liberta as mulheres lá da frente, as próximas que... não é assim? Sei lá, tô viajando! [risos] Eu acredito nisso, acredito que vocês, né, agora vão colher isso, né, essa homenagem vai ser colhida lá na frente, né? E onde é o meu lugar acho que tá resolvido pra mim onde é o meu lugar, o meu lugar é onde eu quiser que ele seja, eu sou uma mulher livre, né? Eu sou uma pessoa livre, completamente livre. Eu vou onde eu quiser! [risos] O meu lugar é onde eu quiser que ele seja, né? Não tenho amarras. Acho que tá ficando bom.

**Júnior: Pois é, né, super lindo o que você falou, tem tudo a ver. Eu tenho uma... essa tatuagem aqui é um símbolo africano que é...**

**Marta:** Eu... quando eu era pequena eu era... eu gostava muito do meu pai, me dava um... nossa... eu e meu pai, né? E eu cantava pra agradar meu pai, meu pai era posseiro, né? Furava poço, furava os poços, chegava em casa naquela situação, né? Os poço caía em cima dele, ele ficava machucado... mas em via geral ele chegava todo cheio de... barro, né? Não era uma visão muito... né? E sempre com os amigos dele também, que ele tinha dois ajudante, aqueles cara, né, tudo assim. Pra uma criança não devia ser, né? Mas eu, com 3, 4 aninhos de idade, eu, pra agradar meu pai, né, eu cantava pra ele e eu decorava as letras das músicas assim, cada música sertaneja monstra eu decorava as letras, eu subia num banquinho porque eu era muito pequena, eu subia no banquinho e cantava pra ele como se fosse uma cantora, e meu pai adorava aquilo, meu pai achava aquilo... eu sempre ganhava um dinheirinho depois, né e tal. E tinha uma música que eu cantava pra ele que até hoje eu falo gente, como é que eu cantava uma música dessa, tão pequena? A gente, o apelido da música é Churrasquinho de Mãe e era... é, era cantada por um gaúcho, fez muito sucesso nos anos 60 e pouco, 70, né? Ele cantava assim: "o maior gorpe do mundo que eu tive na minha vida foi quando eu, com 9 anos, perdi minha mãe querida", e a música vai... "a mãe morreu, morreu queimada no fogo, morte triste e dolorida...", a música era uma desgraça", né? E muitos versos.

**JR:** Churrasquinho de Mãe!

**Marta:** É! [risos] A gente chamava de Churrasquinho de mãe! Muitos versos, muitos versos, né? E... meu pai adorava essa música e eu cantava ela inteirinha pro meu pai, né? Aí numa fase adulta, né, da minha vida que eu estava passando uma situação muito difícil da minha vida, estava desempregada, estava... com a Marcela pequena, eles tinham morrido... sabe quando você tá numa situação assim que você não vê..."meu Deus, que que eu vou fazer da minha vida agora", né? Muito difícil mesmo e eu meio que entrei numa certa depressão assim, sabe?

Comecei a achar que... fiquei mal, né? E... um dia assim eu dormi e eu sonhei que eu estava numa casa já muito diferente daquela casa que a gente morou, né? Uma casa... chique até, sabe? Uma casa assim, toda... muito bonita e a casa tinha um barzinho assim, sabe? Um barzinho, aqueles barzinho chique, com as banquetinhas, sabe assim? E eu peguei um violão e comecei a cantar o tal do Churrasquinho de Mãe, né? Ah, tá! E meu pai estava lá e o meu pai também não estava mais com aquela aparência de... furador de poço, todo ferrado, aquele homem maltratado, não, estava um homem bonito, elegante, limpinho, sentado ali naquela banquetinha e eu peguei o violão e comecei a cantar pra ele, né? E ele me olhava, ele me olhava, ele me olhava... né? E eu não fazia terapia, não fazia nada nessa época. E... mas aquele sonho foi tão incrível pra mim e daquele sonho pra frente eu peguei uma força, uma força, uma força e aí comentei com algumas amigas assim, sobre o sonho, porque me impressionou muito aquele sonho, aí conversei, "não, acho que esse sonho é tal coisa", "ah, acho que esse sonho é tal coisa" e não era, o meu coração falou "não, esse sonho teve alguma coisa". Um dia do nada lá eu tô assim, parada, né, lembrando do sonho e... veio uma... uma mensagem assim pra mim, né? Ah, porque assim, eu tinha feito uma oração antes de dormir, por isso que o sonho me impressionou tanto, porque eu orei a eles lá, eu falei "gente, eu tô perdendo a coragem, eu tô perdendo a... eu não sei o que fazer. Eu tô perdendo a coragem", né? E aí eu saquei depois de um tempo o que que o sonho estava me dizendo, né? Que era como se meu pai estivesse dizendo pra mim assim: "olha, uma menininha de 3 anos de idade que sobe num banquinho pra cantar pra três homens sujos, horrorosos, machucados e tudo mais, é uma menina muito corajosa". Foi... impressionante assim a mensagem do sonho. Né? Uma menina muito corajosa. Eu falei "é, eu sou corajosa mesmo". [risos] Então assim, isso que você falou, né, você olha pro... pro passado e você...

**JR:** É um impulso, né?

**Marta:** É. Então é... é incrível. É importante.

**28/09/2017 - Quinta Feira, pela manhã:**

Conversando com o Vereador Danilo, na Câmara de vereadores de São Pedro dos Ferros, com quem combinei ainda em São Paulo.

**Vereador Danilo DDD:** Mostrando a foto na parede da Assembleia Legislativa. Ah, esse é o Jother Perez.




**Antonio:** Aliás, eu tô apaixonado pela história dessa turma.

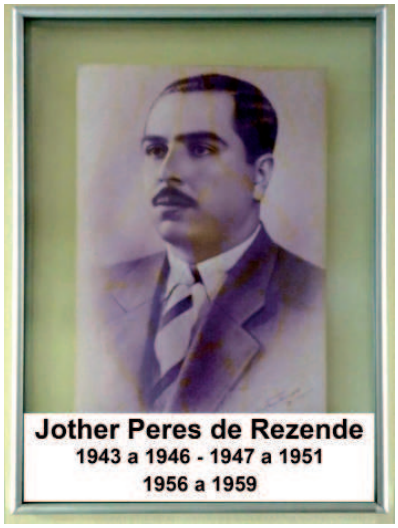
**Danilo:** Aí esse é o irmão desse, ó. Esse é o Rubens, é o que a gente falou. É o lá da Fazenda Brasília, é o proprietário, é o que...

**Antonio:** Eu fui lá ontem, eu falei com o... eu fui ontem lá, eu falei com o Cláudio.

**Danilo:** Gente, esse aqui é o Vanderlei, o vereador. Beleza, Vanderlei? Antônio e...

**Antonio:** Esse é o Expedito, meu irmão.

**Danilo:** É. Deixa-me te contar a história do Antonio, Vanderlei também é muito ligado lá ao pessoal do Peres, entendeu? E... eles nasceram, o Antônio, né?




**Antonio:** Eu nasci em... em Rio Branco e a gente morou aqui duas vezes, data mais ou menos de 56, 61 (63) que a gente foi embora pra São Paulo. E a gente... eu resolvi... bateu na cabeça agora esse ano, eu falei "ah, eu acho que eu vou fazer um resgate, ir lá aonde a gente morou e tudo", pra minha surpresa já não tem mais nada, né?

**Nesse dia brinquei que o Vereador Danilo logo estaria na painel de fotos dos ex-prefeitos. E não é que em 2024 ele se elegeu prefeito de SPF?**

**Danilo:** Você viu lá.

**Antonio:** Que a gente morou... exatamente ali no Morro Redondo, naquelas fazendas ali, que era tudo do Perez.

**Antônio:** Tinha várias... exatamente. E é uma tristeza, mas paciência. Então a gente tá querendo... ontem eu fui... porque começou engraçado porque a lembrança que o Expedito tinha é que a gente morava num lugar que tinha uma lagoa e era a fazenda do Rubinho, aí comecei na internet.




t**Antônio:** Rubens, Rubens, Rubinho, fazenda, tinha uma lagoa, tudo a ver com a Fazenda Brasília, eu falei "é lá, pelo menos essa tá preservada, né?", aí eu fui ontem e falei com o Cláudio, ai ele falou: "escuta, não tem nada a ver, o Joter, meu tio, tinha as coisas dele e o meu pai, o Rubens, tinha as coisas dele, não... ele nunca fui Rubinho, o meu pai nunca foi chamado de Rubinho nem nada, então"... aí ele mostrou lá, né, explicou toda a região que é eucalipto, que era tudo do Perez, contou... do Joter, né? Explicou tudo e aí ontem eu estava dando uma lida na internet, aí descobri o... a história do pai deles.

**Danilo:** O Antonio fez contato comigo já tem o quê? Uns 3 meses?

**Antonio:** Foi em julho, é, foi em julho.

**Danilo:** Por aí, ele queria vir, né? Pegou o contato com alguém, aí começou, aí eu passei um monte de informação pra ele, mas ele foi pesquisar na internet e foi achando, foi localizando as informações.

**Antonio:** O pai desses irmãos Resende, recebeu a concessão, pegou tudo essas terras devolutas, na condição de que ele iria transformar isso em produtivo.

**Danilo:** Certo.

**Antonio: E em consequência disso ele também, é... ganhou a concessão pra fornecer os dormentes da linha de ferro Leopoldina, e aí quando ele começou a fazer ele já... é... previu, ele tinha 9, 10, filhos, ele já foi dando pedaços pra cada um, então pro Jota ele deu essa parte, pro Rubens ele deu aquela parte da Brasília e por aí foi.**

**Danilo:** Umhum.

**Antonio:** O Jota, segundo o Cláudio, ele já era um aventureiro no sentido de crescer, então o cara era ambicioso no bom sentido, então tinha ali avião, foi... então o que acontece? Rio Branco, essas regiões que já não tinha nada de produção, deve ter... porque essa linha passa em Rio Branco, né? E vai vazando, né, "olha, lá tem a terra prometida"...

**Danilo:** Só foram chegando, aí foi que esse pessoal veio.

**Antonio:** Aí como ele tinha que gerar emprego...

**Danilo:** O pessoal veio chegando pra cá.

**Antonio:** Eu pensei "como é que eles acharam essa...", porque eu tô falando de 1950 e pouco. A dificuldade. De transporte... É que um vai contando pro outro, como Rio Branco, essa linha passa lá, sempre tem alguém que desce, toma um café, comenta e outra, tá recrutando gente, vai recrutando de boca, né?

**Danilo:** Veio, isso aí... vamos sentar ali que aí o pessoal vai acomodando, nós vamos conversando.

**Antonio:** ... sim e eu comecei a gozar o Expedito, esse aqui, eu falei "duvido que você andasse tudo isso". Aí quando a gente chegou lá o Cláudio falou "não, nada a ver, nós não temos nada a ver com o Perez lá, com a propriedade", do que você tá falando é 12km da cidade. Aqui é a Fazenda Brasília ela é separada do Jother.

**Danilo:** Quem que era esse Rubinho então?

**Antonio:** Então, o que ele falou é o seguinte, primeiro, "meu pai nunca foi chamado de Rubinho, nós não temos"...

**Danilo:** Não era Rubinho, era Rubens.

**Antonio:** É e o que ele falou é o seguinte e é fato, nós tamo falando de 1958, o meu pai, o pessoal era tudo colono, cabeça baixa, e devia ter algum Rubens que chama de Rubinho e tem uma outra história que o Expedito lembra que é o seguinte, tinha um Rubinho aqui que andava de Jeep, todo mundo achava ele metido, que deve ser, provavelmente é o Rubens pai do Cláudio porque... o Cláudio, o Rubens morreu, ele estaria fazendo 90 anos, então o Expedito tem 75, ele devia ter 30 anos quando ele tinha 15 que morava aqui, que é mais ou menos a idade que ele morava aqui. 30 anos, solteiro, o cara tá... embora eles confundissem que fosse o Rubinho lá da fazenda, por que o que que acontece? Ele tinha que passar pelo Jota pra ir pra fazenda dele.

**Danilo:** Exato.

**Expedito:** Então fica fácil, porque passou o Morro Redondo, lá na frente é a tal da Instância, entra ali às direita e ia embora. Indo daqui pra lá. Indo daqui pra lá, depois de lá até dá acesso pra Raul Soares também. Aonde... nessa época morreu a minha irmã e morou o meu tio.

**Danilo:** É, pra quem tá à esquerda, onde também era a mesma fazenda do Zezinho Perez, era dos dois lados ali.

- Certo, aí eles entravam ali.

**Danilo:** Eles entravam, eles tão falando então que era ali... sentido Athenas e saía lá no... Raul Soares.

**Antonio:** Quando a gente foi morar lá...

**Danilo:** Onde vocês tão falando é onde hoje funciona hoje uma usina de álcool. (Destilaria Athenas) De álcool, na região todinha tem cana lá, embora agora a cana tá toda cortada, né, porque tá finalizando a produção lá.

**Antonio:** A fazenda não existe mais?

**Danilo:** Não. É usina.

**Antonio:** Tá. Mas dá... tem acesso?

**Danilo:** Tem acesso. É tudo aqui aquela estrada principal, você anda 35 km na estrada principal, das margens pros dois lados dá acesso a essas propriedades. Então vocês vão chegar até a Fazenda Brasília.

**Antonio:** A gente foi.

**Danilo:** Ah, vocês foram. Então vocês passaram por lá.

**Antonio:** Passamos. Na volta que o Cláudio nos deu as informações a gente parou e olhou, mas nós não entramos. Já era tarde também.

**Danilo:** Quando vocês saem da Fazenda Brasília vocês passam na Fazenda São Francisco, fica logo à direita, uns 2 km, né?

**Danilo:** Que era da Dra. Nilza, a irmã do Sr. Rubens que morreu recentemente no Rio de Janeiro, um escritor de direito... trabalhista, lá da Fazenda Brasília, vocês vêm, à esquerda tá a que eles chamavam de Fazenda Água Limpa, que vocês vão lembrar o nome, na sequência tá lá, Fazenda do Lajão, que era do Gilberto Perez, irmão do Rubens Perez, aí depois vocês vêm e tem onde era a Instância, que hoje é a usina de álcool.

**Antonio:** Aliás, então, pela nossa memória era tudo ali grudado no Morro Redondo, quer dizer, se a gente for daqui pra lá, a gente pode pegar essas placas que é usina então agora?

**Danilo:** Isso, vai estar lá "Athenas Destilaria". Porque a estrada é a principal, indo o senhor vai até à Fazenda Brasília é um caminho só.

**Antonio:** Daqui vai dar 22 km?

**Danilo:** Daqui na Athenas? É 22... 22, 27. Mas o senhor também não precisa chegar de novo lá na Fazenda Brasília.

**Antonio:** Tá batendo pelo seguinte, você mesmo falou que a fazenda do tio Rogério era bem longe de... era a única que era longe.

**Danilo:** É, era do Morro Redondo pra lá.

**Antonio:** O Rubens ia, é, então, mas ele devia ter... aí era do avô dele, né? Do... é, do pai do Rubens, né? Aí onde provavelmente ainda não estava tão dividido assim, porque segundo o Cláudio.

**Danilo:** Tem um no sítio do Seu Rubens Perez, o... Adilson que era agrônomo, né? E tal, e meu pai a gente também foi... eu fui nascido e criado na zona rural, ele mexia com agricultura, agropecuária e tal e aí uma... aí meu pai já era conhecido do... Seu Rubens, tinha a Maria Célia que o Vanderlei até é muito próximo dela, que era amiga nossa também, foi prefeito de Juazeiros, então...

**Antonio:** Sobrinha do Rubens?

**Danilo:** Sobrinha do Rubens, aí ele passou a ter uma amizade com eles, e o Adilson, por ser agrônomo, passou a dar uma assistência pro meu pai na produção, então a gente ia direto lá, inclusive lá na época o Adilson mexia com plantação grande. De horta. Hortaliça lá, quiabo, tomate...

Ele vendia muito pra Belo Horizonte.

**Danilo:** Milho, levava demais da conta, então direto o Adilson ia lá em casa, né? E a gente ia lá de vez em quando também e tal.

**Danilo:** Qual que era o nome da Instância?

**Antonio:** Não, ele só falou "A Fazenda da Instância". Só falava Instância.

**Antonio:** É uns 35 quilômetros até a Fazenda Brasília, não é?

**Danilo:** É quilômetro 35?

**Antonio:** E esse da Athenas é mais ou menos 22?

**Danilo: Quilômetro 25 mais ou menos é a Athenas Destilaria. E a... e o Morro Redondo era Quilômetro 12. Vai ter uns quebra-molas e umas casas na beirada assim, um galpão, um pomar e a destilaria...**

**Antonio:** Ai, que bom. É, a gente já viu que não vai ter nada, mas é exatamente o que a gente tá querendo, "era aqui".

**Danilo: Essas também, se o senhor quiser sair lá tem metade da escola, pode descer que aí o senhor vai dar um pouquinho assim. Adentrando uns 8 metros assim, fora da estrada no eucalipto, aí tá lá, restos da caixa d'água.**

**Antonio:** Ah, que bom. Legal.

**Antonio: Danilo, conversei ontem com o Orlando Cardoso, para nos mostrar esses locais. Ele disse que só poderia se alguém o liberasse do trabalho na Prefeitura, hoje pela manhã. Como você é poderoso aqui, (risos) será que você conversa com o chefe dele?**

**Danilo: Claro!**

**Expedito:** Então, e aí a serralheria, a serralheria era atrás da estação, não é isso?

**Danilo:** Atrás da estação, justamente.

**Danilo:** Eu nunca cheguei a ver, eu não cheguei a ver trem passar aqui.

**Expedito:** Parece que o trem era só uma vez por dia, né? Uma vez só por dia que ele vinha, né?

**Danilo:** É, justamente... ia... ele descia aqui, acho que ele ia pra... acho que até Caratinga, se não me engano.

- Ah! É! É isso mesmo, ele ia até Caratinga!

**Danilo:** O trem até Caratinga, né? É, tem... tem alguns lugares aí que têm uma parte da linha férrea ainda. Por exemplo Caratinga e outras.




### Indo para as Fazendas com nosso guia, o Orlando Cardoso em 28/09/2017, próximo das 11hs.

Esse foi o momento muito de ansiedade pois, exceto a Nilza, não nos lembrávamos de quase nada, alguns flashes e olha lá. Imaginem voltar a um lugar, importante na nossa vida, 54 anos depois! Saímos em 1963 e estamos agora em 2017. Nunca voltamos aqui em SPF.

**Antonio:** Orlando, você lembra de uma morte ali do Morro Redondo naquela época, não?

**Orlando:** Rapaz, eu não tenho bem lembrança. Eu lembro de um em 1968 mais ou menos. Que matou um irmão?

**Antonio:** Não, era aqui no Morro, meu pai estava na venda, o irmão se invocou com o outro.

**Orlando:** Ah, aqui nós vamos passar nesse lugar, as Três Vendas, tinha três vendas. Eles matavam, dava facada à vontade.

**Antonio:** Eu lembro que meu pai chegou assustado em casa, "olha, fulano matou o outro, o irmão correu pra casa e ele correu atrás e o irmão pedindo pelo amor de Deus e ele deu não sei quantas facada no cara".

**Antonio:** Então era nessas vendas aí, né? As venda tão aberta ainda até hoje? Ou tá só o local?

**Olga:** Mas elas tão aberta ainda ou só tem o local lá?

**Orlando:** Hoje não tem mais, né?

**Antonio:** Isso que eu tô falando, eu lembro a silhueta dele assustado, ele chegou, "tomara que o assassino não venha aqui", né? Risos.

**Olga:** Ah, ele devia ter ficado branco, né? Coitado. Que ele era de paz, né? O papai não tinha esse negócio de bronca assim, um irmão matar o outro.

**Olga:** Quando a gente chegava em casa ele ficava tão feliz, ele amava os filhos dele.

**Orlando:** Por aqui tinha muita água, tinha muito, uma cachoeira, hoje não tem água, nem água mais não tem mais. Só corre um canudinho d'água.

**Orlando: Comia carne de boi aqui em Paraíso só quando a vaca quebrava a perna, o Jota falava "bom", ao meu pai, "pode matar e repartir pro pessoal aí". Aí...**




**Expedito:** Acontecia lá em Visconde também uma vez, um boi vinha desgovernado lá, chegou lá embaixo, aí mandaram matar, aí a gente comeu carne.
- Tinha muita galinha muito boa.

**Expedito:** É, mas carne de boi é...mas carne de boi é... não era normal de se comer não.
- Aqui era mais vaca leiteira, né?

**Orlando:** Eu comi um pão com salame na casa de um cara aí, de um encarregado, ah... encarregado do Jota, eu... o moleque me deu um pão com salame e um Guaraná Antártica, eu lembro. Eu via uma azeitona, pensava que era cocô de cabrito, né? Nossa, mas é a melhor coisa, eu cheguei em casa falando.
- Passou mal pra caramba?
- Não, não passei mal não.

**Expedito:** Mas você chegou todo exibido "ô... comi um negócio diferente".

**Orlando:** "Eu comi um tal de pão com salame e um Guaraná Antártica". Acho que eu tenho o gosto na boca até hoje!

**Expedito:** Que coisa rara, né? Eu por exemplo, não sabia nem o que que era, nem que que era salame. Chouriço, né, Chouriço tinha muito.

**Orlando:** Aqui tinha uma venda. Onde mataram os caras aqui.

**Antonio:** Aí que mataram o homem?

**Orlando:** É, tinha uma aqui, uma aqui e duas lá embaixo, então a gente chamava aqui Três Vendas.

**Antonio:** Então, mas deve ser mais lá na frente onde meu pai ficava, que era mais perto, suponho, né?

**Orlando:** É, lá embaixo tinha duas e aqui tinha uma.

**Antonio:** E você falou o negócio da Três Vendas, eu me lembro desse negócio, Três Vendas.

**Orlando:** É, aí tinha um campo de futebol aí desse lado de lá, aí...




**Orlando: Aqui tinha uma venda e do outro lado do córrego aí tinha outra venda, então... chamava Três Vendas, tá vendo aquele barraquinho lá era uma venda. Outra venda e aqui era uma venda. Aqui também tinha uma. Era a maior venda que tinha.**

**Antonio:** Tipo um armazenzinho, né? Onde a turma comprava as coisas.
- É. Essa aqui era a maior.

**Olga:** A sua fazenda, Expedito!

**Antonio:** Aqui chama Fazenda Santo Expedito. Vai lá tirar uma foto sua! Pode ir na beira ali na porteira.

**Expedito:** ah, não, Marta! Tá muito difícil pra mim sair daqui. Tira só a foto, tá bom.
- Ah... era bom ele ficar lá na porteira.
- Vai lá, Expedito.




**Expedito:** Aqui era uma venda que era uma das três vendas que eles falavam, né? E essa é uma delas e eu acho até que meu pai vinha tomar uma aqui, que a gente morava aqui perto!

**Antonio:** Essa não era não pois é bem longe. Eu quero ver onde meu pai tomava.

**Antonio:** É lá no morro redondo, o Orlando falou que tem um armazém lá. Aqui com certeza não era, aqui ele poderia passar pra tomar uma até chegar em casa.
- Às vezes mais longe.




**Antonio:** Pra abastecer o tanque. Toma uma aqui, duas, dá tempo de eu chegar até à outra lá. Não, mas você acha que não? Os caras vinham vindo a pé lá da cidade... "Vamo tomar mais uma que tamo chegando". "Ô, compadre, vamo dar uma paradinha aqui e vamo tomar uma", aí vai embora. Tá quase chegando mesmo... "Vamo dar uma descansadinha messa venda aqui". Risos.

**Antonio:** Nós moramos nessa Paraíso?

**Nilza:** Moramos. Na casa do tio Rogério.

**Antonio:** Ah... o tio Rogério não era Instância?

**Nilza:** Não. Antes, depois que ele foi pra lá.

**Orlando:** Só que aqui, aí o Jother, vendeu isso aqui pra CAF, né? Aí começou eucalipto, então agora... É eucalipto até...

**Antonio:** A gente não consegue entrar um pouquinho? Não, né?

**Orlando:** Não, mas a gente dá pra ir lá aonde é a casa do Jota. Aqui à direita, Expedito, aí tinha uma casa grande...

**Orlando:** Da CAF, parece que ela vendeu pra Arcelor Mittal, parece que eles tão querendo vender pra CENIBRA.

**Orlando:** Ali tinha a lavoura de café. Se vocês quiserem a gente vai lá.

**Orlando:** É, daqui uns 100 metros mais ou menos tinha uma casa no meio desse mato aí.
- Não sobrou nem um tijolinho?

**Orlando:** Não, arrancaram tudo, não sobrou nada. Ali mais na frente aqui...
- Você tá filmando aí, Juninho?
- Você falou 56 a 60?




**Orlando:** (Mostrando o local onde o Jother tinha a casa) 1954/60.
Aqui tinha um curral onde meu pai trabalhava, mexia com umas novilha aqui de exposição, aqui desse lado tinha um outro curral, naquele morro ali tinha uma caixa d'água. Aqui tinha uma ponte e um córrego grande onde nós pescávamos, hoje não tem água mais, não existe água mais.
- Que pena, né, gente? Nossa...
- Então, e o meu tio morava aqui. Nessa fazenda Explanada?
- Ah, essa pontinha é onde tinha o rio então.
- É, só tem... só tem a ponte, o córrego mesmo...
- Não, mas aí passava caminhão carregado de eucalipto. Isso aqui era um córrego, mas grande mesmo.

**Antonio:** Você lembra desse, Expedito?

**Expedito:** Não, eu não lembro não.

**Orlando:** Aqui o lado aqui começa a pista de avião, começava aqui.

**Antonio:** Ah... tá. Isso o Cláudio me falou. Esse lado direito aqui. Tinha dois aviões, né?
- É longe a casa dele ainda?
- Não, é perto.

**Expedito:** Como muda tanto assim esse negócio. Já tinha o nome Esplanada porque lá em cima não tinha ninguém, não tinha máquina, não tinha nada, era só um terrenão.
- Então, por isso que é Esplanada.
- Ainda tem uns pé de manga aí.
- De manda, pé de jambo, pé de...
- Ai, meu, que lugar gostoso! Jambo!
- Aqui com certeza já era a casa dele, né?

**Orlando:** Não, a casa dele é ali na frente ali.
- Eu sei, mas já... já tá próximo.
- Ah, é.
- Aqui é residência, né?
- Era o pomar grandão, sim.
- Pomar, que normalmente o pomar era do lado das casas, né?
- Era uma casa muito bonita.

**Orlando:** Essa casa em ruínas aí, gente. Essa era a casa dele. O hangar o avião...

**Antonio:** Foi o que o Cláudio falou, ele falou assim "você vai achar o... pedaço ainda das casas".

**Antonio:** Nós vamos encontrar coisa lá onde a gente morou, pode ter certeza.

**Antonio:** Nós não lembramos disso aqui, mas é... faz parte da história, né? Eu não tenho nem... acho que nós nunca entramos aqui, não é isso...
- Gente, que coisa incrível. Legal, ó o tamanho da casa, olha, tem lá no fundo. O casão que era isso daqui.

**Orlando:** Morava aqui também um piloto do Jota, um americano, ele morava aqui também. Faz muitos anos que eu não venho aqui. Deve ter uns 10 anos mais ou menos.
- Olha... Não, mas isso aqui é só a varanda. Era um casão isso aqui. É só a varanda.

**Jr:** Essa era a casa de quem?
- Rapaz, que coisa linda, não? É bem grande mesmo, hein? Olha.

**Antonio:** Ainda bem que deixaram, as paredes né? Porque os caras arrancaram todo o mármore... arrancaram as telhas...
- Então, mas quem é que morava aqui mesmo?

**Orlando:** É o Jother Perez. Depois ele deve ter ido pra cidade. Nesse quartinho ali morava um piloto dele, um americano. Morava nesse quartinho.

**Antonio:** Você tá entusiasmada com outra coisa, nós estamos falando da história.
- Tinha 7 banheiros aqui.
- Gente do céu... Ó os azulejos. Era tudo de mármore. Arrancaram o... o assoalho da casa, arrancou tudo.

**Marta:** Ai, acho que depois dessa viagem eu vou sair de São Paulo de novo, viu? O guarda-roupa embutido. Embutido. Todos os quartos tinham guarda-roupa embutido. O quarto do moço.

**Orlando:** Mas eu fui em Valadares uma vez, o Jota, ele não estava bom de saúde mais, aí eu fui lá, fui na casa dele e conversei com ele, tinha uma semana que eu tinha vindo aqui, aí falei "ô, Seu Jota, eu fui lá na casa do senhor", aí ele ficou emocionado,
- Tem cobra aí, tem cobra aí, Júnior? Ó isso aqui não era mármore, Júnior?

**Olga:** Pô, esse cara era bom de dinheiro, hein? Também, tinha até avião, né?

**Marta:** Ginástica lá no parque, no Parque Maria Angélica lá e de repente eu comecei a ter umas lembranças, umas coisas... uma... uma melancolia, uma coisa estranha, começaram a me vir umas... umas lágrimas e eu comecei a sentir cheiro de jambo. Que é uma fruta que marcou minha infância, assim, o perfume dela, você conhece? Bem madurinha ela é bem docinha e muito cheirosa e eu comecei a lembrar da minha infância, não sei o quê. Quando eu olho pra cima, gente... eu estava debaixo de um pé de jambo e ele estava lotado de jambo.

**Orlando:** Eu fui em Valadares visitar o Jother eu cheguei lá, perguntei ele falou assim: "quem que quer me ver?", eu falei: "é o Orlandinho que morou lá na tua fazenda quando era menino ainda", aí ele falou "não, manda ele entrar", aí nós conversamos eu falei "ô, Seu Jota, eu tive na casa do senhor do Paraíso semana passada", aí quando eu olhei assim as lágrima desceu.
- Quer dizer que então ele já estava em Valadares nessa época.

**Orlando:** Já, já estava.
- E por que que ele abriu mão disso daqui?

**Orlando: Tem um negócio que ele falou pra mim que eu nunca esqueci, eu tinha 9 anos, eu ia com ele pra abrir porteira, ele ia numa carvoeira que tinha aqui pra abrir porteira, aí um dia ele parou na porteira e eu cochilando, né? Eu fiquei, eu estava cochilando assim, aí eu estava cochilando, ele olhou pra mim e falou assim... mas ele não me chamou não, ele parou o Jeep e ficou me esperando eu acordar, né? Quando eu acordei, pulei no chão depressa, abri a porteira e voltei, aí ele falou pra**

**mim assim: "Ô... Orlandinho, quantos anos você tem? Hoje você tem?", eu falei "ô, Seu Jota, eu tô com 9 anos", ele falou "é, meu filho... você com 9 anos tá cochilando assim, imagina quando você ficar velho.", eu nunca esqueci disso! Mas ele não dava dura não. É, ele só falou que...**
- Conta a história da bota aí que o cara escorregou lá na sala.




**Orlando:** Aí o cara entrou...aqui nessa varanda. Aí o Jota estava sentado na varanda lá na... **no sofá lá e o cara entrou meio afobado assim, né e ele... aquela época se usava cravejar a botina, colocava uns cravos por baixo da botina. E ele entrou muito afobado e ele, quando ele entrou escorregou assim pra frente e tomou um tombo... e o cara era meio sistemático, né? E o Jota começou com... com brincadeira com ele, tirando sarro, e ele saiu zangado, uai, ficou zangado mesmo por causa do tombo, né? Que ele foi entrando assim, apressado, escorregou pra frente e tomou um tombo.**
- Na frente do patrão!




**Orlando:** Ele ficou... ele ficou chateado. Quando estava construindo aquela casa eles trouxeram um cara de Belo Horizonte, um construtor e... o Jota veio, conversou com a minha mãe pra cozinhar pra ele e ele... um cara da capital e tudo, a mãe aqui da roça, fazia uma comida gostosa, mas comida caseira, aquela comida e ele trouxe umas batatinha de Belo Horizonte pra... pra mãe fritar pra ele, só que a mãe cozinhou as batatinha, cozinhou as batatinha dele e fritou e eu fui levar a janta pra ele e quando eu cheguei lá ele falou assim "ó, rapaz, você fala com a sua mãe, ela não sabe fritar batata não, não é assim que se faz batata não!", a mãe nem sabia o que que era batatinha. Aí eu cheguei em casa e contei pra minha mãe, a minha mãe era muito nervosa, meia braba, ela pegou um pedaço de pau, ela falou "vamos lá que eu vou ensinar aquele nego como é que cozinha". E eu fiquei "não, mãe", ela "vamos lá", me puxando pelo braço e com um pedaço de pau. Quando chegou aqui no curral aqui meu pai falou "onde você vai mulher? ela falou "eu vou ensinar aquele criolo como é que cozinha!", "não, não, não", o pai tomou o pau dela, aí...

No outro dia cedo o Jota chegou e ela falou "ô Jota, eu não vou cozinhar praquele homem mais não, ele falou que eu não sei cozinhar e eu vou...", o Jota falou "não...", o Jota o fez vir cá pedir desculpa pra minha mãe. O Jother disse pra ele "Essa mulher faz a comida melhor da região. Se você não comer, você vai ficar sem comida". Aí ele "não, eu não falei por mal"...

**Orlando:** O rapaz veio para pegar condução, carona à tarde e o rapaz veio e parou o caminhão, e tinha muita poeira e o rapaz... ele foi correndo pra pegar carona e o cara deu ré, aí ele veio e bateu com a cabeça na traseira do caminhão e caiu, o caminhão passou em cima. Por causa da poeira.

**Orlando:** E ia até onde... até lá perto do Morro Redondo.

**Expedito:** Então, eu trabalhei por aqui. Morro Redondo. Carpindo café. Inclusive eu era bombeiro também. É. Aí tinha aquele monte de peão, eu ia lá buscar.

**Antonio:** Eles botaram o Expedito com a carotinha, pois ele era muito preguiçoso, não produzia nada. Rsrs.

**Expedito: Era Um caneco só pra todo mundo. Era um bafo de fumo... Aí teve um dia que eu cheguei com aquele corote lá e escorreguei e caí, o corote saiu rolando. E derramou toda a água e todo mundo morrendo de sede e... "Anda, bombeiro preguiçoso!" Aí... normalmente que todo mundo estava com sede e não tinha muita água pra beber.**
- Ô gente, vocês podem até se preparar o carrapicho.

- Ôxi! É mesmo? Ih... é carrapicho, né? Tá doido! Eu não vou descer lá não. Mordido por uma cobra e tiveram que levar ele lá na cidade?
- Olha, já tá chegando na lagoa.
- Nossa, eu não lembro não que ele tomou mordida de cobra não.

**Antonio:** Eu me lembro. Tiveram que levar ele lá na cidade. A cobra veio por trás dele, né, mordeu bem no... no... por trás dele assim.
- É? E foi Jararaca, né?

**Nilza:** Jararaca. Eu lembro disso aí, a mãe contou. E o João em pânico e tiveram que levar ele correndo lá na cidade. Acho que mais foi o susto também de ver a cobra, né? Que tinha mordido. Mas a única mordida de cobra foi só o João, o João andava em cada lugar lá nos mato lá.

- E aí, Orlando? É por aqui a lagoa?

**Expedito:** O cara até subia numa árvore, né, ficava... subia numa árvore e ficava quietinho. Eu lembro que tinha um preto que era metido a eletricista, aqui ele morreu, ele... você chegou a ouvir essa conversa?
- Eletrocutado. Sim.

**Orlando:** Ele morreu eletrocutado. Era um cara de cor, novo ainda. Foi mexer aqui...
- Eu lembro. Eu lembro.

**Orlando:** Aí antes aqui tudo tinha casa. É... Antônio, mais à frente aí era aonde que era a escola aí, aonde que eu fiquei muito tempo...estudei e fiquei de joelho aí.

**Olhando os restos da Escola onde estudei, eu a Olga e o Luiz.**

**Antonio:** Ah, vamos lá, ver se eu estudei aí também.- A entrada é aqui?
- Aqui, aí... você quer ir lá ver ou não? Eu quero ir lá ver o escombro.

**Antonio:** É que tem que levar a minha irmã Nilza.

**Olga:** Jura que era aqui? Já era aqui então?

**Antonio:** Aí o escombro da escola. Ah, não, escombro nada, eu vi um murinho aqui, achei que fosse! Olhei de lá dava a impressão que era uma parede de tijolo. Ah, ele diz que tem o escombro ainda da escola.




**Orlando:** A turma olhando pra cá e eu virei assim, pus as mãos no chão e virei o corpo e ficava andando de mão no chão, ia lá e voltava aqui e a turma rindo, né? "Ah!!!", daí um pouquinho pararam de rir, pararam de rir porque ela saiu de lá, veio, aqui tinha uma porta, ela olhou assim e me viu eu andando, aí quando ela foi eu não deu para "desmontar" o esqueleto, ela pegou assim nos meus dois pés, abraçou aqui, foi na mesa, pegou a régua, uma régua grande assim, de uma espessura mais ou menos assim, régua de... de cabiúna e bateu na sola do meu pé e não... eu era descalço, eu não calçava, bateu na sola do meu pé até ficar vermelho.

**Expedito:** Ah, se você tivesse calçado ela ia tirar o calçado pra bater.

**Orlando:** Aí eu passei uma semana sem poder andar.

**Expedito:** Mas você tinha que fazer essas presepada aí e ficar de olho pra ver se ela estava vindo, né?

**Orlando:** Mas não tinha jeito, que a gente punha a mão no chão e ficava de cabeça pra baixo!

**Orlando:** Aqui nós pegamos um caminhão aqui pra ir em Águas Férreas 7 de Setembro e lá ia marchar, fazer uma... negócio de 7 de Setembro lá e quando chegou lá o rapaz deu pra nós pão com salame e Guaraná Antártica, mas eu não sabia o nome do negócio, aí na segunda-feira ela falou "ó, os alunos faz uma redação

aí que que nós comemos e tomamos... e tomamos lá em Águas Férreas", eu não sabia o nome do negócio, aí eu fiz depressa, levei primeiro na mesa dela, aí coloquei "nós comeu "sanduriche" e bebeu Guaraná", aí ela falou "Orlando, o que que nós comemos lá em Águas Férreas e tomamos?", eu falei "uai, Dejiane, nós comeu, é... sanduriche e bebeu Guaraná", aí ela deu uma reguada na mesa e falou "eu vou te perguntar... a segunda vez, o que que nós comemos e tomamos?", eu falei "comeu sanduriche e bebeu Guaraná", aí ela me deu uma reguada, mas não me explicou que era sanduíche e nem falou que era Guaraná, não me ensinou, eu não sabia falar, que eu era da roça, não sabia, nem sabia o que que era isso.

**Orlando:** Que na hora de brincar com a turma era lá em cima. Aí tinha um terreirão grande aqui, com umas casas desse lado, dali, de lá, de cá.

**Olga:** Tinha um senhor que estava sempre assim, você lembra dessa história?

**Orlando:** Tinha sempre um senhor forte que ele ficava lá, a gente estava pescando, ele estava lá com...

**Olga:** Aqui a gente passava pra ir pra escola.

**Orlando:** Onde ela falou que passava o homem estava com um rodo e ela...

**Olga: Era um senhor de cor, bem mais forte, ele ficava assim com aquele rodo passando. Pra lá e pra cá, pra ajeitar, espalhar o café ali, entendeu? Como que ele chamava? Não era Vicente o homem? Ah, não é do seu tempo. Eu acho que chamava Seu Vicente.**

**Olga: Eu lembro que a gente... principalmente que a professora gostava muito de mim, você lembra uma vez que a... não sei se você lembra a história que ela perguntou pra mim assim, no meio da aula, da sala de aula: "a sua mãe costura pra fora, né?", eu falei "não, ela costura pra dentro!", eu era pequeninha, "costura pra dentro!".**

**Olga: A gente ficava escondido no eucalipto porque os moleques ficavam jogando pedra em nós, nós éramos muito bonitinho, né? E eles que tinha inveja da...**

**Antonio: É, porque eu vinha apanhando lá de não sei onde até aqui, a molecada chutando a minha perna.**

**Olga: Jogava pedra e a gente ficava escondido, chegava em casa minha mãe falava assim "se bater, apanha! Não vai brigar!". E os outros aproveitavam.**

**Antonio: Esse negócio do bullying quando eu era moleque aqui já tinha.**
- Pois é, né? Fala tanto do...




**Olga:** A gente saía os moleques já vinham tirando sarro, batendo. Não sei por que que eles... porque a gente não era dali, né?

**Marta:** É inveja porque vocês eram bonitinhos.

**Olga:** A professora era muito boazinha.

**Antonio:** Mas a escola aí nem tinha carteira, tinha?

**Olga:** Tinha!
- Mas isso era normal, aprontou, levava uma paulada.

**Olga:** Tinha uma régua de bater na mão. A gente nunca apanhou não.

**Antonio:** Tinha o milho também, né, Orlando? Tinha o milho também, né? Que ficava ajoelhado.

**Orlando:** Tinha. Ajoelhado no milho.
- Não, eu nunca apanhei.

**Olga:** Porque também ficamos pouco tempo, né? E a gente não era rebelde. Mas o pior era o do milho, que você tinha que ficar de joelho...

**Olga:** Mas eu lembro que eu chorava muito, eu lembro que eu chorava muito porquê... as meninas... implicava muito comigo, isso eu lembro, eu choraaava... ela vinha lá me agradar.

**Orlando:** Ô Antônio, você para nessa sombra aí que eu vou te mostrar, aqui tinha um armazém, tinha uma farmácia, tinha a oficina, tinha a serraria, tinha escritório.

**Orlando:** Umas outras casas, uma vila daquele lado lá, né? A serraria era mais ou menos uns 100 metros aqui. Você lembra da serraria Expedito?
- Não lembro




**Orlando:** Aqui tinha a oficina, tinha a oficina ali, o escritório ali, o armazém, o armazém era aqui. Era mais ou menos por aqui.

**Orlando:** O armazém era aí, aqui tinha uma farmácia e aqui sobe, o despolpador é ali em cima.

**Expedito:** Ah, que você me falou lá, né?

**Orlando:** E já descia e secava lá embaixo. Ah, então você tá falando da tal da Esplanada ainda.

**Orlando:** É, aqui é o Esplanada. E a lagoa, tem um pedaço da lagoa que vem ali atrás.

**Orlando:** Mas tá tampado de mato lá. É ali, ali é a lagoa. Agora a que tá limpa mesmo é quando... depois que você sobe o morro pra virar pro Morro Redondo, aí aquela ali tá limpa, que aí a gente vai ver ela.

**Antonio:** É, nós tamo chegando perto, que é onde o papai bebia aqui e depois ia pra casa. O papai, tô falando que o só papai bebia não, todo mundo comprava as coisas, tomavam umazinha...

**Antonio: Tinha algumas casas por aqui, não tinha? Ah, então, isso mesmo. Meu pai me contava... meu pai chegou em casa um dia à noite: "Muié, cê não sabe o que aconteceu! O fulano deu 5 facadas na barriga do irmão", e diz que eles tavam brigando lá no bar "eu tava lá, eles brigaram, o irmão falou 'eu vou te matar!', aí o irmão saiu correndo, foi batendo de casa em casa e ninguém abria a porta e ele com a faca atrás, até que ele pegou e matou que nem um porco". Então a história bate, porque eram várias casas, diz que ele batia nas casas... Disse que batia nas casas e ninguém abria a porta e o cara "eu vou te matar!" e o irmão esfaqueando ele.**

**Orlando:** Aqui era o beneficiador, né?

**Expedito:** Que coisa, não? Aqui já deu pra ver. Eu tenho uma lembrança triste dali, viu?
- É? Você chegou a usar lá? Passar lá?

**Expedito: Cheguei a carpir aquela porcaria de quintal, em volta. E naquele tempo não tinha banheiro, né? Então você ia roçar lá, o que tinha de merda pra você pisar...**

**Marta: Aí você acabou com o banheiro do povo. Risos.**

**Expedito:** Mas é... põe merda nisso, é muita merda. Dá pra filmar ali Jr?

**Expedito:** Nadei muito nesse lagoa da Pirraça se meu irmão João tivesse vivo ele ia confirmar.

**Antonio:** Meu pai ficava... teve uma vez que teve... onde que teve a enchente, Expedito?
- Era do lado de lá.
- Ela transbordou e jogou pra lá.
**Antonio:** E ali que apareceu os peixes então depois? Tinha sardinha a dar com pau. É, foi uma enchente que teve aqui, teve uma enchente e quando que abaixou a água... Cardume. É. Isso eu me lembro bem. Um cardume de peixe. Nossa! Era peixe demais!

**Olga:** Diz que é funda essa lagoa, você não acha?

**Antonio: Sim! Mas o... eles não nadaram só nessa lagoa, quando encheu o rio eles resolveram atravessar. E o meu pai soube e deu uma surra nos dois, lembra, Expedito? Por isso que eles apanhavam também, eles aprontavam pra caramba! Você olhava assim você já via. O peixe passava, você jogava um anzol com alguma coisa eles já vinham.**

**Orlando:** Aqui eu vinha tomá uns goró.

**Antonio:** É, pode ser esse onde meu pai tomava, ou o outro. Eu imagino que seja próximo de onde ele morava, né? Então talvez esse outro aí seja o mais próximo.

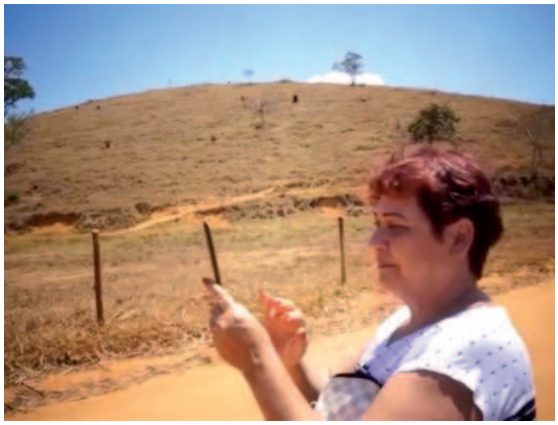
**Olga: Com você, a gente vinha a pé pra carpir aqui, a terra ainda estava boa. Porque o meu pai não gostava muito de andar não, né? Provavelmente, ele trabalhava por ali, no café, que já parava ali e tomava umas, né? Ele não gostava muito de andar assim, longe, não, né, Antônio, pra beber?**

**Antonio:** Mas não tinha opção, porque se o Expedito trabalhava lá, significa que ele trabalhava também.

**Expedito:** Então, eu sei que eu trabalhava atrás dessa lavoura e tinha uma lavoura de café aí.

**Antonio:** Eu e a Olga, a gente ia a pé pra escola também, né? Eu me lembro. E era longe mesmo.

**Marta:** Cadê o Morro Redondo?
- Logo vem, depois da curva aí. Ali, ó, o Morro Redondo.



**Olga:** Os três, os três morrinhos.

**Orlando:** Aí... daí, agora, pra frente, vai começar só cana.

**Marta:** O Morro Redondo, qual que é?
- Ah, lá. Os três ali, ó.

**Marta:** Então, mas eu quero tirar foto.
- É, a lavoura vem até ali, ó.

**Antonio:** Tem algum acesso pra gente chegar em algum lugar ali ou não...Vamos ver na hora que chegar lá. Pra ir na Fazenda do Morro Redondo tem.
- Tem uma entradinha.

**Orlando:** O rapaz que mora aí, filho do Seu Haroldo, que mexe com mel aí, com... Ah, lá. Essa estradinha vai lá na beira da lagoa. Tá vendo?

**Antonio:** Então vamos lá ver onde a gente possivelmente morávamos.

**Marta:** Olha que lugar bonito, gente!

## Chegando na Fazenda Morro Redondo: onde a marta nasceu em 29/07/1958

- A entrada é mais na frente ali então.
- Essa próxima aqui?

**Orlando:** A entrada onde nós vamos entrar aí pro Morro Redondo é aí na frente, essa primeira entrada.

**Marta:** Ai, eu tenho que ir lá abraçar o meu morro. Aqui, né? Não é tão redondo assim, mas...
- Não era aqui?

**Orlando:** Não, o Morro Redondo é ali, ó, onde tá a porteira.
- Não é essa entrada então?
- Não, essa aí não é a entrada não.

**Marta:** Na volta, a gente pode entrar aqui à direita pra eu ir lá naquele morro?

**Antonio:** Na hora que você quiser, pode deixar você, a gente pega amanhã. Risos.

**Orlando:** Mas à direita, quando a gente vem, é quando a gente vem de São Pedro pra cá, não é quando a gente tá vindo embora.
- Tem que ser logo ali, né, Expedito?




**Expedito:** Tem que ser logo ali, porque a lagoa, ela termina ali. É, não é tão longe aqui da lagoa. Tem umas entradas ali, ó. Ali tinha casa, desse lado de cá. Ali.
- Aqui não era, né, Duca?

**Orlando:** Até pouco tempo tinha casa.

**Nilza:** É, porque tem uma estradinha passando assim... Então, mas tinha... uai, tá parecendo aqui. E era ali, ó... uma estradinha assim, que saía da estrada...

**Orlando:** Logo na frente, eu vou mostrar pra vocês onde tinha umas casas grandes também.
- Então vamos.

**Antonio:** Vamos passar um pouquinho ali?




**Olga:** Ô, Duduca, não tá parecido que é ali?

**Nilza:** Então, é o que eu tô falando.

**Antonio:** É, vamos subir ali já então. Dá pra entrar ali? Dá.

**Olga:** Mas não é não, porque tinha uma saída ali, ó, pra trás lá, onde morava o João, do Tio Rogério?

**Antonio:** Então, mas ali não tem uma continuação? Tem. Tá vendo, naquela árvore grande? A casa era por ali.

**Olga:** O João do Tio Rogério que namorava com a Nair que morava ali atrás do...

**Antonio:** Hein, Duduca? Tinha que subir morro pra virar pra lá?

**Nilza:** Não, não tinha. Era reto. Fazia uma volta assim, no meio tinha uma lagoazinha... Saía da casa da mamãe, ia andando assim, lá embaixo era a casa deles.

**Antonio:** Então vamos ver o outro. Ali tá com mais cara de ser, daquele lado ali.

**Olga:** Só que dá a impressão de que era ali a casa da mamãe.

**Antonio:** Pra lá tem outra árvore, ó, pode ser por ali. Tem outra entrada lá. Não... vamos ver daquele lado lá, pode ser que seja ali, ó, tá vendo? Lá tem uma estradinha.




**Orlando:** ... passamos a lagoa, começamos a descer, é pra esquerda. Ali, lá naquele morro também tinha umas casas, tá vendo?

**Expedito:** A gente ficava cara a cara com o Córrego do Beijo.

**Nilza:** É ali mesmo. Eu tô achando que é ali.
- É ali onde tá aquela árvore então?
- Que árvore, por que tem tantas árvores?
- Ah, lá. Aquela árvore lá, ó. A árvore grande lá?

**Antonio:** Esse Córrego do Beijo, onde que era?

**Expedito:** E o Córrego do Beijo desse lado. Onde que era o Córrego do Beijo, Orlando?

**Orlando:** O Córrego do Beijo, depois que nós descemos, vindo da lagoa, lá em cima, no morro que nós começamos a descer, não tinha uma entrada à esquerda? É ali que entra pro tal do Córrego do Beijo, mas lá hoje não tem nada, não existe nada lá mais.




**Expedito:** A entrada, porque olha, a gente lembra... você lembra, Duduca, que tinha um morrão ali que a gente plantava milho ali daquele lado?

**Nilza:** Expedito, ali eu não morei, eu só vim passear em 1958.

**Olga:** E a casa da Dona Isolina era mais ou menos aonde, Expedito? Aqui no comecinho?
- Aqui no comecinho.

**Antonio:** Pelo que o Expedito tá falando, era atrás da lagoa, não sei o que, só pode ser por aqui.

**Expedito: Perto tinha um beneficiamento de coisas... você não tá lembrado, Orlando? E tinha... e morava até um veterinário aqui ou... cuidava... tratamento de boi. Mais pra trás, tinha um pomar e tinha um senhor de idade que fazia os benefícios... beneficiava os mantimentos. Ué, mas não tô entendendo... É ali, né?**

**Nilza: Tenho certeza. Eu tenho certeza que é ali que era a casa da mamãe. Eu tenho. A gente saía da estrada, fazia assim, rapidinho chegava lá. E antes de chegar lá, na casa de vocês, passava...**
- Não, não tem mais entrada.




**Nilza:** Então, mas aqui dá pra você passar, ó. Aqui, ó.

**Antonio:** Dá pra ir a pé. Vamos dar um pulinho lá então.

**Antonio:** Duduca, você quer...tem a cadeira, dá pra levar ela de cadeira.

**Nilza:** Ah, não. Deixa eu ficar.

**JR:** Essa... aqui era a casa onde você nasceu?

**Marta:** É, pelo que eles tão falando, essa aqui pode ser. Que lugar bonito, hein? Fala sério. Ai, que privilégio, hein? Os morros, achei meus morros.




**Marta:** E tinha água à vontade... não tinha essa plantação de cana, né, que tem. Eu acho que não tinha, né, plantação de cana?
- Era mais milho, né, que plantava.
- Mais milho, feijão, arroz.

**Olga:** Lá do lado de fora, a gente via o papai brigando ali? Que lá era alto e de lá você via. Deixa eu te mostrar aqui o...E era um pouquinho mais pra lá também. É, sim, porque se pre tinha alguém passando na nossa porta.
- Onde que é a casa?

**Antonio:** Aqui o... é onde a Marta nasceu? A gente ficou... aqui foi onde a mamãe deu a foiçada no cara. Foi exatamente aquela inclinação ali que o... Presta atenção nessa história.




**Antonio:** Tinha a inclinação, o cara empurrou o papai e a gente estava mais ou menos por aqui, e a mamãe saiu correndo com a foice, foi lá e deu uma foiçada no cara. E ele morava numa posição que ele ia lá pra aquela parte. Então ele tinha que passar praticamente no nosso quintal pra ir.

**Olga:** Todo dia ele passava pra ir trabalhar, de manhã e de noite.

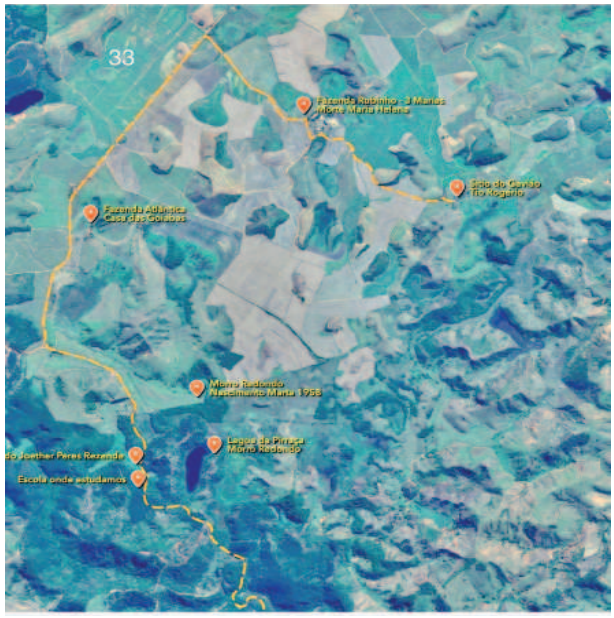
**Antonio:** A Marta, ou nasceu aqui ou aqui. Senta aqui, Marta. Por aqui, ó.

**Marta:** Pronto. Eu vou sentar aqui. Deixa eu tirar o sapato, que eu preciso sentir o chão.

**Antonio:** Então foi aqui que teve aquela enchente que sobrou peixe pra todo lado? Sobrou peixe adoidado. É.

**Antonio: Expedito, veja bem. Aqui, foi... Que é aqui, acho que nós não temos nenhuma dúvida. Então é uma questão do seguinte, algumas coisas a gente não tem a memória mais, fotográfica, que podia ter imaginado o que era. E era criança ainda. Aqui tá batendo, você vê, é aqui. A Duduca percebeu.**

**Aqui tem aquela inclinação. Tem tudo. Tenho certeza. Pena que não tem nenhuma... é, não custa nada olhar aqui. Vai que tem um tubo de esgoto... porque o trilho demonstra claramente que era uma passagem, né?**




**Expedito:** Agora, você acha então que a casa do cara da foice era mais adiante?

**Antonio:** Absoluta certeza.

**Expedito:** Não tem como a gente ir pra lá um pouco.
- Essa árvore, ela deve ser muito velha. Vocês não lembram que tinha perto da casa?

**Antonio:** 60 anos? Essa árvore tem mais de 60. Ela devia ser pequena então.
- É, devia de ser pequena. Que árvore que é essa?

**Orlando:** Essa é o jenipapo.

**Orlando: Eu lembro que eu passava aqui na estrada. A gente via, né, uma casa desse lado. Eu não sei se é ali ou se é aqui, mas tinha uma casa aqui. Até pouco tempo tinha. E os entulho, essas coisas... Eles devem ter... porque quando a usina começou, eles recolheram esses entulhos. Foi desmanchando as casa, né? Foi desmanchando e colocando na estrada o entulho das casa, as paredes, aquelas... foi levando aqueles... alicerces, e colocando na estrada. Então eles foi desmanchando, na medida que foi desmanchando as casas, eles foram colocando o material na estrada.**

**Antonio:** Corta esse galho pra abrir aqui, só pra gente passar. E a passagem dos cara devia ser por ali. Tá vendo que tem uma marquinha ali que dá impressão de ter um trilho?
- Ah, é, tem um banquinho.

**Antonio:** É aqui, ó. É aqui, Marta. Apaga aquelas fotos. Você nasceu aqui.

**Marta:** Tá. Esse solo inteiro é sagrado, então...

**Expedito:** Não, na minha cabeça, o que não tá batendo é que a nossa casa ficava sobre uma saliência assim, do morro, pra cá. E desse lado também tinha uma descidazinha razoável e tinha um poço d'água, lá embaixo, que a gente pegava água lá, desse lado.

**Olga:** E eu lembro muito da taboa e do arroz.

**Expedito:** Tá, e por que que eu não vejo assim, o porquê... onde existia então esse lugar que a gente plantava milho aqui, que seria na continuação da casa, pra lá? Dali pra aquele lado. E ali, eu queria saber, pra ter certeza, eu queria saber se ali passava direto.

**Antonio:** Mas precisa ver se ali, Expedito, não tem... não é meio inclinado, pode passar direto, viu? Porque não dá a impressão de tá juntando o morro ali.

**Expedito:** É, capaz que dê pra passar ali sim.

**Antonio:** Então, se tiver essa passagem por ali, aí a gente matou a charada. Tá vendo, ó? Quando você chega ali, dá a impressão que... tá vendo aquela árvore lá, ó, lá no meio, ela tá baixinha. Deve ter uma inclinação mínima, óbvio, mas o morro não tá se ligando. Não tá atrapalhando. Você tá vendo que ele é mais baixo ali e lá também? É passagem que ia para o outro lado. Como era um caminho entre os 2 morros, com o tempo o mato cresceu e fechou a passagem.

**Expedito:** A gente podia tá fazendo esse teste, indo até lá.

**Antonio:** Quer ir olhar lá? Porque tá tudo coincidindo. Aquela passagenzinha...

**Expedito:** Tá, mas eu... pra mim ter mais certeza ainda, eu queria ir até lá.

**Orlando:** Porque isso aí era tudo... tinha muita tabôa, né? Aí o que que eles fizeram, meteram a escavadeira, rasgaram tudo.

**Antonio:** É. Tanto é que é atrás da lagoa, tem o não sei que, a Duduca lembrou chegando. Aí tem a taboa. Aqui tinha... uma enchente que deu lá da lagoa que, quando baixou, encheu de peixe, saía toda a molecada pegando. Não é uma coincidência só, entendeu? Aqui do lado, aqui era úmido. Como era úmido, era plantação de arroz, né, eles usavam essas regiões mais moles.

**Marta:** Então, porque a mãe, aquela história que eu contei lá, dos passarinho lá, da plantação de arroz, isso aí a mãe contava essa história a vida inteira, que você ia lá e ficava...espantando os passarinho pra não comer o arroz.

**Antonio:** Isso eu não me lembro, mas era tudo por aqui.

**Marta:** Então era real mesmo essa plantação de arroz. Eu achava que fosse lembrança de infância, que eu tivesse entendido errado.

**Antonio:** É como uma fotografia do dia que aconteceu, lembro que o cara estava aqui...

**Olga:** Aonde foi? Aqui?

**Antonio: O cara estava aqui e o papai aqui, ó. Fica daí. Era mais inclinado. E a mamãe de lá "Ele vai... tá vendo? Ele tinha que ficar do lado de lá. O cara vai empurrar ele qualquer hora." Aí, de repente, o cara encostou no meu pai, o meu pai desequilibrou e aqui era meio fundo, que tinha muito mato. E quando a mamãe chegou com a foice, eles já... é tipo num barranco, né? E a mamãe já estava lá e já pá e não sei o que.**

**E o cara, no dia seguinte, ele tinha que passar na nossa... não é na porta, mas na beirada da porta pra ir pra casa dele. E aí ele estava com os... naquela época, não usava curativo, né, você usava um pano pra... com mentruz lá, aqueles negócio pro corte e a mamãe ficava lá "Ele vai passar aqui, quero ver a cara dele!" E o cara passava de cabeça baixa e tchuuuu, ia embora pra casa dele. Era exatamente aqui. Pra você ver, essa passagem, a casa era do lado, eu lembro que era mais ou menos... era alto**

**assim, a gente ficava no meio duma plataformazinha, pequena, e aí da beiradinha tinha um... não era estrada desse tamanho, era tipo dum trilho, né? É exatamente... não tenho dúvida nenhuma. Eu só não me lembrava que era na beira na estrada. Isso eu não me lembro, mas tá tudo confirmando, né? Todo mundo sabe agora. E era aqui no canto, perto da lagoa.**




**Antonio:** Sabe por que que não tem mais resquícios da casa? Antigamente, você não fazia... não sei se essa casa é assim, provavelmente, era casa com toco de madeira. Você fazia os tocos, fazia os 4, 5 tocos e apoiava a casa em cima. Então aquilo lá, com o tempo, os cara... pra arrancar isso é fácil, né? O cara fez uma... então eu não tenho recordação, eu só tenho essa da foiçada, não lembrava que a Marta nasceu aí. Isso eu não me lembro. Provavelmente, foi aqui que eu fui cuidar de boi lá, que eu machuquei o... também agora eu já não... porque é exatamente... era nesses atoleiros aqui que você tirava madeira. Tem tudo a ver por que, na época, você tinha cultivo da madeira.

**Jr:** E a história da cachaça, foi onde?

**Antonio:** Foi na outra casa onde tinha goiabeira. Descobri que a mamãe tinha uma... descobri que a mamãe... eu conto lá essa história. Eu descobri que a mamãe tinha uma garrafa de cachaça debaixo lá do fogão e eu molhava a rolha e passava na boca. Eu comecei a pegar gosto daquilo, ia lá... depois, me acharam em cima da goiabeira, rindo pra caramba, ninguém sabia o que diabo que tinha acontecido. E é óbvio, numa certa altura, a rolha já não me satisfazia, né? Acho que eu devia já dar uma... que que eu tinha ali? 9 anos?

### Saindo do Morro Redondo e parando numa das Vendas, antes da Fazenda do Rubinho/Athenas:

**Antonio:** Meu pai chegava lá em casa, ele trazia uma bolacha pra cada um.

**Olga:** Comprava mortadela.

**Antonio:** Não é pacote, é uma bolacha. Dava uma pra você, uma pra mim, uma pro Luiz.

**Marta:** Eu gosto de Bolacha Maria até hoje, gente.

**Antonio:** Também gosto.




**Antonio:** É, aqui pode ter sido onde morreu o tal do irmão lá, né, que deve ter também essa... aí fica difícil agora saber onde era exatamente, mas esse era o armazém que era pertinho de casa, tanto perto daquela, quanto dessa... e não era só barzinho, né? Era um armazém que vende de tudo, tem carne, tudo que você quisesse, arroz, feijão.

**JR:** Que que o vô comprava aí, que você comia?

**Antonio:** Marta conta pro Jr o que que o vô comprava aqui, que eu não aguento contar essa história.

**Marta:** Que que é?

**Antonio:** Da bolacha. Conta pra ele da Bolacha Maria.

**Marta:** Ah, a Bolacha Maria? Era uma pra cada um. Uma Bolacha Maria pra cada um. E era a coisa mais gostosa desse mundo. Eu adoro Bolacha Maria até hoje. E olha que eu era um bebê, hein, devia ter uns 2 anos...

### Procurado a casa das goiabas:




**Antonio:** Lá não é, né, Duduca? Lá na frente, não era? Não era perto dessa venda aqui que era a casa da goiaba não? Não era perto da venda não?

**Nilza:** Não, não era não.

**Antonio:** Não parece que a gente entrava assim, numa porteira assim? Eu sei que a casa era mais ou menos num altinho, que nem aquela, e as goiabas do outro lado. Essa casa era mais ou menos na beira da estrada e as goiabeira é tudo em volta da casa.
- Faz de conta que é aí, vai.

**Antonio:** Não, faz de conta nada. Deu saudade. Ah, lá. Tá vendo que ainda tem uns de tijolo antigo lá, ó, na beirada? Você sabe por quê? Porque aqueles coqueiro lá é bem antes de fazer essas casas aí.

**Orlando:** Aqueles coqueirão lá embaixo, tá vendo? Aqueles pé de coco. Tinha uma casa bem naquele... perto daqueles pé de coco. Casa antiga.




**Antonio:** Tá vendo? Eu acho que era ali, viu? Porque era bem... ligeiramente afastada e foi aí que caiu uma cobra dentro da cisterna lá que teve que tirar.
- Não é aqui não.

**Antonio:** Vamos procurar depois.

Agora nós vamos aonde então? Nós vamos lá na refinaria? Era depois da estância? Que é a refinaria, né?

**Orlando:** Não, a refinaria fica mais pra baixo.

### Procurando novamente, por indicação de um morador.

**Antonio:** O cara confirmou agora. Tá certo. Era aqui, mais ou menos... Ah, mas ela não era no plano, ela era elevada, não é, Olga?

**Antonio:** Acho que não era tão longe... agora não lembro, o negócio da estrada aí... tenho nem noção. Nem aquela outra lá eu imaginava que era perto da estrada. Nunca registrei esse pedaço da... se for derrubar alguma coisa, deixa o alicerce, viu? Para as pessoas saberem que tem. Não custa nada, né? Um cara que compra tudo isso aqui, qual o problema, né, de deixar uma casa caindo aos pedaços? É lógico que tem que derrubar? Fui falar com o menino lá, ele falou "Ah, o senhor sabe que eu fui ver, cheguei lá, fiquei tão triste, já tinham derrubado tudo. Não tem nada." Todo mundo sente, né? Quer levar um neto, quer levar alguém pra... as pedra aí. Aqui desconfigurou tudo, né? Lá, a outra casa, como era mais num canto, você tem a referência do... essa aqui, realmente, se era próxima da estrada, o cara derrubou tudo mesmo.
- Que eu lembro dessa varandinha, a escadinha.
- Escadinha, eu também lembro.
- Devia ser exatamente esse, tá vendo ali, ó?
- É onde tinha as goiabas.

**Antonio:** Eu achava que não era tão inclinado assim, né, mas... pode ser que as goiabeiras fossem mais pra cá, aqui, tá vendo? Admitindo que a passagem fosse por ali. Então você tinha a casa aqui e as goiabeira por

esse lado, porque a casa era nessa posição. Tinha as goiabas mais lá na... tinha na frente e nas laterais. Então provavelmente aqui tinha goiabeira, e as laterais.

**Finalmente encontramos o local da casa onde tinha o goiabal.**

**Motoqueiro confirmando:** Isso aqui era tudo goiaba. A Dona disso aqui chama Olga. Exatamente aqui. Foi eu que ajudou a derrubar a casa e os pés de goiaba.
- A casa era aí, ó. Ela era uma casa grandona.




**Antonio:** Isso mesmo. Com uma varanda. E aqui, as goiabeiras, provavelmente, seriam aqui. É, era aí, ó. Depois arrancaram pra plantar aqui. Ó... Marta, Olga... exatamente aqui. Olga? Gente... Aqui era a casa... ó, os pedaços da casa. Aqui era tudo goiaba.

**Antonio:** E a dona da casa se chamava Olga.

**Motoqueiro:** Chama... a dona que chama Olga,
ainda tem terras aqui, ó. É, a esposa do Gilberto Peres.
- E quantos anos você acha que ela tem?

**Motoqueiro:** Ah, ela é bem idosa.

**Antonio:** Ele mora por aqui, não?




**Motoqueiro:** Eu nem conheço ele não. Ela mora em São Pedro dos Ferros. Isso aqui é dela ainda, as terra. A divisa dela passa lá naquele morro ali.

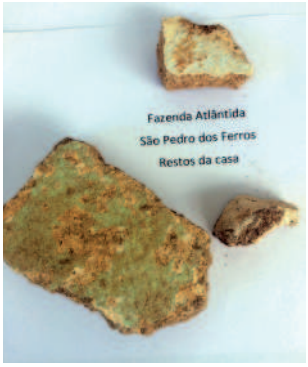
**Antonio:** Exatamente, porque era na beira na estrada. Era aqui. Ah, então era aqui mesmo, né? Vamos levar o Expedito lá.

**Motoqueiro:** Eu estou com 8 anos nessa firma aqui. Eu lembro quando derrubaram ela.

**Motoqueiro:** Ela era daquele modelo lá. Um varandão de fora a fora. E aqui era pura goiaba. Ela tinha um porão embaixo.

**Olga:** Ah, é a própria. É a própria. Porque ali os nossos cachorro ficava ali. É a que tinha os esteio de madeira.

**Motoqueiro:** Na hora que ele falou, eu falei assim " é aquela casa." Eu falei assim... mas eu expliquei "você vai passar o barraco, o telhado vai tá esse..." Ai vocês foram pro caminho errado, aí eu vim chamar vocês para vir aqui, que é o lugar correto.




**Antonio:** Mas nós fomos pelo contrário lá, né? Ai, era aqui mesmo, rapaz. Você que derrubou a casa?

**Motoqueiro:** É. Derrubei ela. Aí ela foi mudando os objetivos... ele parou de mexer com gado, com vaca.

**Olga:** Mas ela já estava bem ruim, não estava, quando você derrubou?

**Motoqueiro:** A casa? Não estava muito ruim não. As madeira, aproveitaram tudo. Aí...e aqui era tudo café. Ali ainda tem um... naquela lombada ali, ainda tem uns pezinho de café judiado lá.

**Olga:** A gente subia pra catar café que... sabe aquele café que caía? Minha mãe falava "Esse cata, que o outro não pode, ele é da fazenda."

**Motoqueiro:** É. Aí eles falaram, aquela vez assim, na rua, daí eu falo com meus meninos. Eu tenho um casal de filhos, eu falo com eles ...

**Olga:** É aqui mesmo. Ele falou que tinha um porão de madeira, Antônio. Ó, aqui os tijolos. Isso aqui não existia. Aqui eles aterraram. Aterraram tudo.




**Motoqueiro:** A casa aqui era bonita... uma casa dessas, se fosse eu, no meu caso, se eu tivesse terra, eu não derrubava não. Eu reformaria ela. Eu sonho... ô, menino, eu sonho pra ter uma... eu tenho um menino... um colega meu tem uma propriedade, ele ia derrubar. E eu... Mas me fala pra quê? Pra que que você vai derrubar? Você precisa desse pedacinho? Aí ele falou pra mim assim... Eu peguei um curral... daí eu trabalho nessa firma aqui, duas folga minha, fera, eu peguei o curral dele pra reformar. O caboclo falou "Ó, você reforma essa casa aí." "Rapaz, você vai gastar 10 mil com ela, mas ela vai ficar num valor de 100 mil." Vamos pintar essa madeira de preto. Ela já é preta. Vamos pintar. Você vai comprar uma tinta, eu vou trazer o compressor lá de casa, nós vamos pintar essas madeira de preto, nós vamos botar um colonial. Tira essa telha feia. Vamos colocar um colonial nela. Não tem ninguém que não chega lá que não fica doido com a casa. Ele fez uma varandona. Aí o meu sobrinho fez pra ele lá. Hoje, ele fica assim "É..." Aí ele estava querendo... a mulher dele gosta de flor, aí eu saí com um caminhão um dia carregado de tudo umas raizada grandona, nós fizemos... eu faço muita coisa em madeira. Aí nós fizemos umas brincadeira numas madeira lá. Todo mundo que chega lá fica doido.

**Antonio:** Ó, aqui, um pedacinho aqui de azul... bem de azulejo parece, ó. Aqui tinha um depósito bem grande, né? Ele falou que o porão era escorado.

**Motoqueiro:** Tem um moinho d'água lá. Hoje, não corre água lá.

**Antonio:** Pessoal, a gente foi lá, porque batemos o olho, eles fizeram umas 5, 6 casas iguaizinhas. É o mesmo construtor. Essas casas que você tá falando aí, que eles colocam esteio, né, e forma um assoalho embaixo, pode entrar até...

## Agora procurando Sítio do Gavião

**Antonio:** Orlando aonde estávamos indo não era do Zezé e não chama Estância. É por esse lado aqui, segundo a Nilza. É indo pro lado de Raul Soares. Porque a Duduca falou que era perto de Raul Soares. Ela não está se lembrando do nome mas era desse Sr. Zezé com certeza.

**Expedito:** Duduca, não era... a gente não chamava de Gavião?

**Nilza:** Chamava, chamava. Tinha um negócio de Gavião também. Não era perto não. É depois da usina. É, ficava bem assim, mais ou menos, do Doutor Zezé e a estância, entendeu?

**Orlando: É, vamos ver aqui. Depois, eu passo com vocês lá. O Gavião eu conheço.**

**Antonio:** Vamos ver aqui a gente conversa com calma, porque ele já vai matar a charada.

**Nilza:** Foi do Doutor Zezé também. Lá era do Doutor Zezé.

**Expedito: Então, vamos focar no Gavião. O Gavião, eu tenho certeza de que era esse nome.**

**Antonio:** Lá também era Doutor Zezé?

**Orlando:** Sim lá era o Doutor Zezé.

**Antonio:** Ah, então é lá, é pra lá, é pra lá.
**- Ah! Com a lembrança do Expedito do nome Gavião, o Orlando foi nos conduzindo até.**

**Muito antes de chegar ao local, a Nilza viu um morro com terra vermelha e já gritou; é lá.**
- Mais na frente. Onde que era a casa é lá na frente.
- Mas tinha umas casa por aqui, umas casa antiga. Tinha um bar também.
- Ali tinha um, naquela bananeira. Atrás tinha uma outra casa alta.

**Expedito:** Onde o tio plantava era mais ou menos assim, né, bem na frente da casa, né? Não era, Duca?

**Nilza:** Era.

**Expedito:** Não seria por ali assim?

**Nilza:** Não, quando ele estava na fazenda, ele não tinha plantação não.

**Antônio:** E que que o João arava lá, que a gente ficava à noite?

**Nilza:** Agora já achei... já achei.

**Antonio:** Achou?

**Nilza:** Achei. Sabe aquele morro vermelho lá? Ali que morava o Tatão, morava o Zé Lupin, que é o pai da Lurdinha esposa do Nego. Morava tudo por ali.

**Antonio:** O Izaltino não?

**Nilza:** E vocês moravam numa casa, não sei pra onde ali, ó, pouquinho mais pra frente, agora não dá pra ver. Uma casona brancona que tinha.




**Expedito:** É aqui mesmo, Duduca?

**Nilza:** É aqui mesmo.

**Antonio:** É, ela achou ali o...por causa da cor do morro ali, ó.

**Nilza:** É aqui mesmo, ali, ó. É.

**Olga:** Nossa, vermelhinho, ali, ó.

**Nilza:** Era por aí mesmo. No pé do morro tinha um monte de casinhas assim, ó, ali, naquele morro lá.

**Antonio:** Era isso, Orlando? Tinha casas por ali?

**Orlando:** Ali tinha casa. Tinha umas duas ou três casas por aí.

**Nilza:** Aí, tá vendo? Então era ali mesmo, viu?

**Antonio:** Vai ter que tirar uma foto sua Nilza no local onde você morava.

**Antonio:** Era ali, Duduca?

**Jr:** Que você achou ali?

**Nilza:** Achei a casa que... é a que todo mundo morava. A casa que morava o meu tio, meus primos e umas comadres, que já morreram.

**JR:** Ali, naquele morro?

**Nilza:** É, é... do lado ali, naquele morro, naquela beiradinha assim, ó, ali era as casa, que tinha tudo assim, sabe, na beiradinha do morro.

**Expedito:** Conversando com o novo dono: A casa antiga foi derrubada?

**Morador:** Foi derrubada. Eu comprei aqui agora. Não tinha mais nada. Ali na frente, até agora não tinha nada. A fazenda é ali na frente, tem uma entradinha à direita ali. O senhor morou aqui?

**Expedito:** A gente morou aqui em 59, 60.

**Morador:** Na época do Doutor Zezé ainda, da Dona Verinha.

**Expedito:** Isso. Isso. E o meu tio... bom, isso não tem nada a ver, o Tio Rogério, ele era o administrador dessa fazenda, na época.




**Marta pro dono:** Tem uma conhecida sua aqui no carro, quer chegar lá?

**Dono:** Conhecido meu?

**Marta:** A Nilza falou que quer dar uma bronca em você.

**Morador:** Quer dar uma bronca ni mim, então vou lá.

**Nilza:** Como é que você faz um negócio desses? Derrubar todas as casas antigas? Risos.

**Morador:** Não foi eu não. Eu comprei aqui agora. Já tinha derrubado tudo. Tô tentando reconstruir, mas...

**Antonio:** Eu morava aqui, ó. Minha casa era perto da bananeira ali, ó.

**Morador:** Ah, você tá levando eles lá?

**Antonio:** A casa da fazenda onde que era? Você chegou a ver onde era?

**Morador:** Não, não é da minha época. Eu conheci quando era menino. É só seguir essa estrada, tem uma entradinha à direita ali, ó, tá até roçado lá. Tem um pé de coco lá.




**Antonio:** Era a fazenda?

**Morador:** Era a sede. É.

**Antonio:** Porque o meu tio, ele administrava aqui. Provavelmente, ele devia ter alguma casa aqui.

**Morador:** Tinha duas casa ali, perto das bananeira ali.

**Antonio:** Isso. É. Uma é provavelmente onde eu morei.

**Morador:** Eu comprei aqui tem 3 meses. (Junho 2017) Primeiro de agosto de 2017 que eu assumi isso aqui.

**Antonio:** A gente morava ali. Minha irmã que tem a memória daqui. Isso aqui dá acesso pra Raul Soares?

**Dono:** Dá acesso pra Raul Soares.

**Expedito:** Já aquela que a Marta nasceu, no Morro Redondo, não tem nada.

**Antonio:** Não tem nada. Mas essa do Morro Redondo, ficou fácil de identificar. **A outra que a gente morou, não tinha nada, só aqui que a gente passou e eu vi uma casa que, na fotografia de memória minha, era a mesma cor. Perguntei para rapazinho lá, ele novo, falei "Ele não vai saber nada." "Não, eu que vim com o trator. Nós derrubamos faz 5 anos".**

**Era ali, ó." Cheguei lá... trouxe até os pedaços do tijolo que estava no chão. Falei "Mas tinha as goiabeiras?" E ele disse: "Eu arranquei as goiabeiras, que a dona que comprou aqui queria tirar tudo e eu vim com o trator, arranquei as goiabeiras, tudo." Então deu pra identificar todas. Faltava essa aqui...**

**Morador:** A minha família é italiana. Tenho sobrinhos, irmã, que tão querendo cidadania italiana. Então elas tão "desenterrando" a família, fazendo a árvore genealógica e tal. Descobrindo desde o meu bisavô, que veio... dá o dia que ele chegou no Brasil, em Santos, quando ele veio pra região aqui de Abre Campo.

**Antonio:** É muito legal isso. Nossa, a gente tá fazendo isso. É o que a gente tá tentando fazer também.

**Dono:** E aí, realmente isso acontece. Quando ela solta a flor, chove. Chama canela de velho.

**Antonio:** Pessoal, vamos então, que tá todo mundo cansado e com fome, já são 15hs. Foi um prazer.




**Dono:** Como é que é o nome do senhor?
- Expedito.

**Dono:** Expedito. Tchau, um abraço. Tchau.

**Antonio: Então aqui, Júnior, do lado ali da bananeira, foi onde a gente morou, né, também. Era a fazenda do... não era do Tio Rogério, mas que era o administrador. Ali do lado da bananeira é onde a gente morava.**

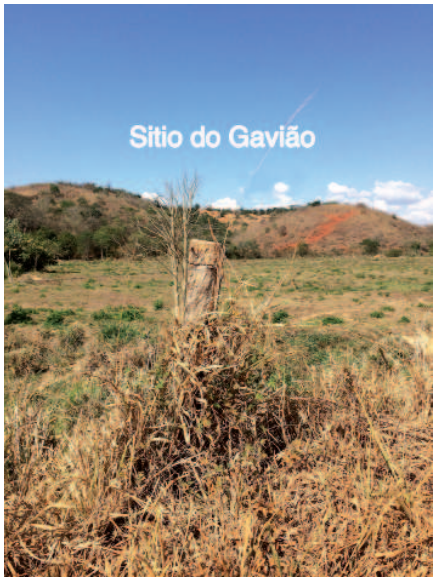
**Na parte ali, onde tá aquela terra roxa, é onde moravam os filhos do Tio Rogério, o Tatão, o Peruca e mais não sei quem lá, tinha umas 4, 5 casas ali do lado. E o Tio Rogério morava por aqui, que era a casa do administrador. E o tal do Seu Zezé, que era Zezé Perez, que era o dono da fazenda, a casa dele era mais virando ali, mas também não existe, mas lá a gente não tem... nenhuma importância.**




**JR:** O que que você lembra daqui, dessa casa? Tem algum episódio?

**Antonio: Aqui eu não me lembro de quase nada. Eu lembro do... foi aqui que tinha a história do trator, que à noite o João, que era meu primo, que é filho do Tio Rogério, ele levava a gente pra arar esse pedaço por aqui, no trator, à noite. Pegava lua cheia.**

**Não sei se era aqui ou ali, mas era por... provavelmente era aqui, porque a casa deles era ali. Eu lembro que era de frente de casa. Então a gente ia e voltava com o trator e já era trator à gasolina... à diesel. E a gente sentava, eu e o Luiz, eu acho que era até 10 da noite. Não sei, mas era sempre à noite. Não sei se também aconteceu tantas vezes, né, mas... aqui teve o casamento do Nego. (1959) Choveu o dia inteiro. Eu me lembro, mas não lembro exatamente o dia. Provavelmente, a festa foi na casa do Tio Rogério. Aliás, acho que fizeram até uma... naquela época, fazia aquelas barraca fora, né, pra fazer a festa. Aquilo choveu que não conseguia nem botar o pé lá fora. Tá faltando agora a casa onde a Maria Helena morreu, que eu tenho algumas recordações boas também, mas vamos ver se o Orlando acha, né? Vamos lá.**




**JR:** Pronto, meu pai, matou a saudade.

**Antonio:** Bateu, tudo certinho. O cara confirmou...

**Expedito:** Entrava à direita, andava mais um pouquinho, é a rua onde morreu a minha irmã, nós moramos, que a minha irmã morreu, continua em frente, saía aqui na Fazenda do Gavião.

**Antonio: Então vamos voltar lá na refinaria. Vamos pegar a estrada principal.**




**Orlando: Não, mas a estrada principal lá é pro vocês sair onde que você quer sair?**

**Antonio:** Vamos passar pela refinaria e pegar indo pra pra São Pedro?

**JR:** Onde que vocês iam pegar barro branco?

**Olga: La onde a Maria Helena morreu, na fazenda do Rubinho, a gente saía, eu e o Antonio, pra pegar... buscar barro branco. Tinha barro branco pra passar no fogão, em volta do fogão.**

**Orlando:** E aí nós vamos... se você quiser entrar aí, a gente vai sair lá nas Três Vendas.

**Expedito:** Vai sair lá, nas Três Vendas? Ah, então, mas tá batendo.

**Olga:** Aí tinha uma venda, né? Aí parava o ônibus lá, tinha uma encomenda que a gente foi esperar lá, que veio de São Paulo.
- Era Três Vendas. É, Três Vendas então. (Uma das vendas)




**Olga:** E a gente não tinha dinheiro, a gente comprou doce de leite e pôs no pãozinho pra comer, porque o negócio demorou tanto pra chegar, né?

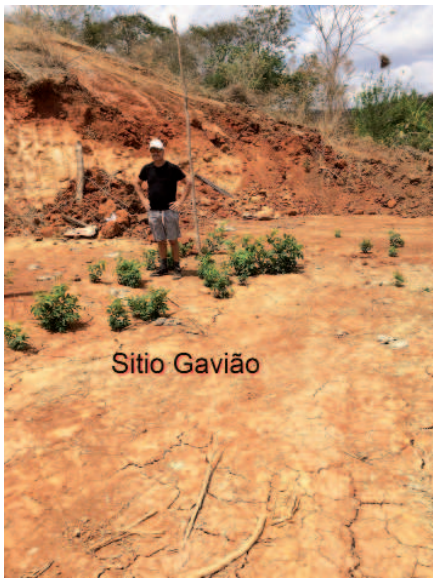
**Antonio:** Isso eu não me lembro.

**Olga:** Que eu nem lembro o que que era. Você lembra?

**Antonio:** Não.

**Olga:** Aí a gente abriu o pãozinho e enfiou o doce de leite pra comer. Nós dois.

**Antonio:** Esse é o problema da memória seletiva, cada um tem uma memória. Você lembra coisa com todos os detalhes e o outro não.




**Olga:** ... e ficamos lá esperando esse ônibus chegar com a encomenda. Não sei que encomenda era, que veio de São Pedro.

**Expedito:** Eu ia com o João jogar bola lá, porque tinha um poste...

**Olga:** Tinha o campinho lá, né?

**Expedito:** Não, tinha um poste que iluminava lá pra gente jogar bola. Bem na beira da...

**Olga:** Então é na beira da estrada mesmo.

**Expedito:** E a gente ficava jogando bola lá, porque tinha um poste.

**Expedito:** Muié, faz beiço pra mim.

**Nilza: Aí, tá vendo? Eu falei isso aí já, nós gostávamos quando o papai bebia porque ele ria pra nós, né? Conversava, né? Ele comprava focinho de porco, ai ele chegava brincando e falando "Muié, faz beiço pra mim." E a mamãe pegava e fazia mesmo.**

**Olga:** Uma delícia aquele beiço que a mãe fazia. Só colesterol. Risos.

**Expedito:** Trabalhava ou carpia com os outros, né? Aí tinha aquele monte de peão lá. Então o certo era ter um cara bão, na primeira fileira, e um outro cara bão, na última fileira.

**Decidimos voltar para São Pedro e deixar para o outro dia a tal Fazenda do Rubinho, hoje Destilaria Athenas. Voltamos satisfeitíssimos por ter encontrado 3 dos 4 lugares onde moramos.**




**Antonio:** Orlando, passa o teu número, porque aí você fica à vontade, nós vamos almoçar agora, tomar um banho e tal, mais no fim, pode ser à noite inclusive. você passa na pousada ok?

**Orlando:** Ah, eu vou lá.

**Antonio:** A gente toma uma cerveja e janta. Umas sete... Sete horas. Pronto.

### Bate papo final do dia em São Pedro dos Ferros:

**Antonio: É, então. Ali na Fazenda do Rubinho eu me lembro, aí ficava todo mundo... que eles chegavam da roça, os peões que o papai contratava pra colheita, devia ser 5 horas, sentava todo mundo e eu e a Olga e o Luiz ficávamos atrás da porta. Quando os caras terminavam, a gente saía que nem um doido, passava a mão na marmita e comia o resto. Torcendo pra todo mundo deixar alguma coisa. E eu acho que eles começaram... até percebia e deixava. Puta, a minha mãe ficava indignada. Essa casa, eu me lembro claro e me lembro da Maria Helena e me lembro da... quando ela morreu ali. Então eu acho que é importante. Se a casa tá lá ou não, não importa. Vamos passar lá amanhã.**

E a Tia Olga, lá em Juiz de Fora, o Junior já fez o filme, a gente já tem a história. A gente **também nunca foi de ficar indo lá. Os primos lá, a gente não conhece. E a gente faz... e acho mais importante, no sábado (30.09.2017), a gente pegar o outro pedaço lá em Visconde que aí é mais para o Expedito e Nilza, que viveram naqueles locais. O meu e o da Olga, começa ali na Tia Carminha, mas tem vocês, moraram atrás do morro. Vamos lá, vamos resgatar. É coisa rápida e tudo pertinho. O Tãozico vai com a gente. Tem passagem lá pela Rio-Bahia.**

**JR:** Acho que tem que filmar onde a vó nasceu.

**Antonio:** Onde a sua vovó nasceu, claro. A gente faz aquele circuito de novo, passa lá no Tio Rogério pra tirar umas fotos, filmar as Cordeiras, porque ali é tudo rápido, né? Você viu que é só dar a volta. Podemos voltar lá na nossa casa, na Camelinha que ainda tá de pé. Cinco minutos. Entendeu? Sábado o dia inteiro nós vamos ter. Só que nós já estamos indo numa coisa... quer dizer, eu quero só passar ali nos locais que vimos hoje em SPF. Você viu que a gente deu aquela volta lá em 15 minutos.

**Antonio: Tinha um lugar que eu ia, acho que era então do Tio Rogério, que eu levava marmita pra vocês e você, Expedito, muito fresco, você era o único que não comia com os mosquitos e que você... ô, Antônio, vem aqui... e eu já tinha comido escondido teu torresminho. Então, pra mim, era uma maneira de me penitenciar Risos. Aí o que acontecia? Isso eu tenho certeza absoluta. Aí você... eu não sei se meu pai ou você, porque, você não fumava, fazia um cigarro de palha e a minha função era só [faz sons simulando o ato de fumar] enquanto você comia, porque era mosquito pra todo lado.**

**Marta:** Contei essa história pra Marcela, ela falou "Ah, mãe não acredito."

**Antonio: Aí, na mesma situação, talvez até por causa disso, eu não sei se lá tinha uma árvore, né, mais ou menos nesse lugar, e a minha mãe estava sentada lá e ela contou a história que eu seria... tudo que aconteceu. Deu uma de profeta lá.**

**Olga:** A mãe contou isso?

**Antonio:** Mamãe chegou pra mim e falou "Olha, você..." Eu não posso contar, acabo chorando, não aguento.

**Marta:** Ah, conta, pelo amor de Deus.

**Antonio: Tudo. Tudo que aconteceu da previsão da mamãe, lá debaixo de... Debaixo da árvore, a mamãe falou isso "Nós vamos pra São Paulo, você vai ficar rico e vai ajudar todos nós..." (Chorando)**

**Antonio: Esse papo, suponho então que ela já tinha ido a SP, ou estava em vias de ir....Suponho que isso aconteceu entre 1962/1963.**

**Marta:** Ah, eu não sabia.

**Antonio:** E que você vai ser muito rico... eu não fiz nenhuma promessa e nem ela me cobrou nada. O que ela disse foi o seguinte "Você vai sair dessa vida." Porque ela..., mas não é que ela me adorava e tudo e tal.
Ela já tinha lutado pelo...

**Marta:** Ela teve uma premonição.

**Antonio: Não, não. Ela já tinha lutado pelo Zezito, provavelmente já estava lá, o Expedito, ou já estava em vias de ir ou estava indo, e a solução, naquela época, era a seguinte "Isso aqui não vai dar merda nenhuma, vamos pra São Paulo."**

**Marta:** Tipo, não aguento mais ver meus filhos sofrerem, né? Deve ter sido o pensamento dela né?

**Antonio:** Mas, no meu caso, ela não falou isso pra nenhum dos outros, né?

**Antonio:** A Olga disse, que lá no Paraná, nesse dia da fotografia tal, que você estava tirando, eu encostei e falei pra ela que não se preocupe, que nós vamos embora pra São Paulo, eu vou comprar uma casa pra todo mundo... eu já tinha ali 16 anos. Então pode ser que eu já tivesse, né, uma... aí é mais desejo do que uma promessa, né? "Eu vou embora disso aqui." Porque eu, quando eu fui lá pro Paraná, e aí entra a tua história, né, por que que eu fui? Porque o meu pai chegou "Vai todo mundo pro Paraná amanhã." Assim, não era uma... o meu não tinha esse negócio de... e outra, eu era menor. Quem conseguiu...

**Marta:** E só foram os pequenos pro Paraná, foi eu, você e o Luiz.

**Antonio:** Então, quem conseguiu escapar, o João, o Expedito, eles já se viraram lá, ou a Tia Santa segurou, não sei se vocês moravam com ela ou se já tinha um aluguel da Tia Santa. Mais não é só isso, eles já tinham emprego, já eram maiores de idade e o papai tinha esse lado, o seguinte, se você é de maior, e já tá empregado, ele não vai querer forçar, né?

**Antonio:** Então eu caí de paraquedas, cheguei lá, eu e o Luiz, capinando, a Olga. A Olga foi depois, né? A Olga não foi com a gente.

**Antonio:** Ou porque estava terminando a escola, porque coincidiu de eu ter... eu vi agora, por causa dos diplomas que eu mandei buscar lá no ginásio, eu terminei o primário em 31 de dezembro de 1965. Então a Olga, provavelmente, estava fazendo qualquer escola, que não pôde ir. Eu já tinha terminado. Então eu suponho que nós fomos no começo de 66, porque junho de 66 eu estava lá vendo o jogo do Brasil. Então eu devo ter terminado o primário. Quando eu cheguei lá, essas preguiças minha, não era por estímulo. Eu já tinha 16 anos, assim como vocês já tinham decidido, eu não queria ficar lá. (A Olga foi em fevereiro/66 e voltou em dez/66 meus pais voltaram no início de 1967).

**Expedito:** Não, mas essa eu não entendi, o que que você foi fazer lá, se o futuro era em São Paulo?

**Olga:** Foi porque ele era criança ainda, ele tinha 15 anos.

**Antonio:** Eu era... ô, Expedito, eu tinha 15 anos.

**Expedito:** Que coisa mais estranha.

**Antonio:** Não, mas então, mas eu tinha 15 anos.

**Olga:** Ele ia... foram só os menores, eu, ele e o Luiz, que eram os menores.

**Antonio:** Eu tinha 15 anos. A Olga tinha... se é que a Olga foi logo depois, mas ela, por qualquer razão, ela não pôde ir. A Olga também... é, acho que ela estava trabalhando. Ela trabalhava de empregada, na época.

**Antonio: Então, aí o que que aconteceu? Chegou lá... essa história, por exemplo, do dia do jogo, eu olhava tudo aquilo lá, eu falava "Mas eu não tenho nada a ver com isso aqui..." Claro, jamais... conhecendo meu pai e minha mãe, eu jamais seria um revolucionário de dizer "Eu vou embora.", né? Quando eu... não sei se eu já fiquei em definitivo ou não, aconteceu um negócio lá que... as datas, eu não lembro, alguém me arrumou o dinheiro, eu fui em São Paulo. Peguei um trem e, quando eu cheguei na divisa lá do Paraná com São Paulo, veio o... eu tinha a passagem e eu estava sozinho, e não podia viajar sozinho sem autorização. Aí tinha um senhor ou sei lá quem do meu lado, o fiscal... eu lembro disso até hoje, o fiscal chegou "Com quem que o senhor está?" Aí o cara falou "Não, ele tá comigo." Eu sempre tive essa sorte. E atravessou. Que era Quatá, né, que era a divisa ali, de Paraná com São Paulo. Acho que era Quatá, né, a estação. Não lembro direito. Era uma estação... era Cornélio Procópio. A estação do Paraná que passa pra São Paulo. (há confusão a respeito, isso deve ter acontecido no início de 1967 quando já morando em SP, fui lá buscar meus pais) Ali, ninguém sabia disso, tem uma fiscalização exatamente porque você não pode atravessar dum estado pro outro sem um acompanhante. Menor. E o cara foi lá... lembra aquela maquininha que eles tinham, né, de marcar? Agradeci... eu não sei se eu agradeci o cara.**

**Antonio:** Mas eu acho que eu vim conversando, porque eram dois lugares e eu sempre tive esse lado da transparência. As pessoa bate o olho em mim... não tem dúvida. Aí cheguei lá na Tia Santa, com o cabelo comprido. Eu lembro do tio... a minha Tia Santa "Mas que absurdo, vocês não têm dinheiro lá nem pra cortar o cabelo, caramba?" Eu falei "Tia, eu não tenho mesmo. Eu acho que... eu não sei nem se tem barbeiro lá, naquele lugar." E não tinha mesmo. E, provavelmente, a gente já devia estar ali há uns... sei lá quantos... as data eu não sei. Aí o meu tio cortou o meu cabelo, tal, não sei que e tal. Aí eu já não sei se eu voltei ou se eu fiquei e aí já começou o movimento. Que eu acho que eu voltei... eu não... sinceramente, eu não lembro se eu voltei.

**Marta:** Vocês voltaram juntos. Foi depois daquele negócio que aconteceu... a história que eu conheço...

**Marta:** Não, eu sei. A Olga, no dia seguinte que aconteceu o fato, arrumaram dinheiro lá e botaram ela no ônibus. - Isso, enfiaram ela dentro do ônibus e vieram embora.

**Antonio:** Isso eu lembro claramente. E o meu pai não sei o que... aí foram dar parte, o mepai voltou, o cara foi ouvido, foi cínico "Doutor, eu sou casado. A menina vivia dando em cima de mim, pra lá e pra cá. E o senhor sabe como é que é as coisa. Encostei lá, mas nem toquei na menina. Ela que quis, não sei o que..." Então, a Olga veio embora. Então eu não sei, porque eu não iria buscar ela, porque eu acho que eles não... tenho... essas datas, eu não tenho.

Agora, talvez a minha preguiça, que não era preguiça, eu trabalhei pra caramba com o Luiz lá, tudo, era o seguinte, isso aqui não era o meu futuro mesmo. Tanto é que esse... no dia do jogo do Brasil, eu lembro claramente, eu estava lá naquele morro, bem em cima, que tinha o cafezal, que era... logo em cima, onde tinha a estrada, tinha aqueles vizinhos lá, não sei o que, e todo mundo... e a maioria lá era comunista, falando não sei o que, as mulheres cantando com aquelas roupa pra não pegar sol. E eu parei assim e falei "Quer saber, eu vou ver o jogo do Brasil." Saí de fininho. O meu erro foi que eu voltei e falei "Pessoal, o Brasil perdeu." Perdeu de 3x1. Assisti o jogo no rádio, lá em casa, lá embaixo. E ali já selei o meu destino, eu não era... eu não quero... entendeu? Não sei se você lembra, tinha uma menininha que ficava dando em cima de mim lá, mandava carta depois, em São Paulo e não sei o que. A gente subia num caminhãozinho lá pra ir não sei onde e tal. Eu falei "Mas eu não vou..." Primeiro, pela timidez. E outra, eu falei "Eu não quero me meter com esse bando de caipira aqui, meu negócio é São Paulo." Ali eu já uma consciência, porque eu já

tinha ficado em São Paulo, já tinha trabalhado e tudo. Tanto é que, quando eu voltei, logo em seguida, acho que 1 ano depois, eu comecei a fazer o ginásio, que aí tinha o problema do timing e tudo.

**Expedito:** Aquilo foi a maior besteira que o meu pai fez. Aquilo ali foi uma coisa muito impensada. Porque, por exemplo, se ao invés de ir pra lá, o meu pai fizesse uma reunião...O meu pai nunca fez isso, né? E dissesse assim "Olha, eu não tenho mais pique pra trabalhar e agora vocês vão assumir."

**Marta:** Mas isso é típico. Vocês esqueceram, gente, a miséria que a gente estava aqui? A gente estava num miserê. Isso eu lembro, a gente estava passando fome em São Paulo. Aquela Dona Maria da carne, eu fiquei traumatizada com aquilo. Aquela mulher vivia na nossa porta, com aquele negócio de carne na cabeça. Ô, Zezito, o senhor vai pagar o aluguel ou não vai? Xingando, ameaçando despejar a gente. Lembra disso? A Dona Maria. Ela vinha com um cesto de carne aqui assim. Ela dizia: Cadê o Zezito? Você tá vendo isso aqui? Eu vendo, eu trabalho, eu vivo de vender carne. Eu aluguei essa casa e eu preciso do dinheiro, eu sou uma trabalhadora, você não me paga...

**Antonio:** Ela dava grito. Ela era uma portuguesona desse tamanho. Ela... Júnior, ela vivia circulando com uma cesta, né, de carne, aqui em cima da cabeça. Carne. Ela vendia carne. O principal dela era carne. Eu me lembro claramente disso. E ela vivia na redondeza vendendo.

**Antonio:** E, detalhe... olha o detalhe, o Zezito, além de atrasar o aluguel, ele era o grande consumidor das carnes. "Dona Maria, pode deixar 1 kg de contrafilé." Risos.

**Marta:** Essa fase aí eu lembro que não tinha um móvel dentro de casa, aquela sala era vazia. Outra coisa, você, Antônio, vendia... foi a história do sanduíche de... Você engraxava sapato lá, fazia um monte de coisas e vendia o tal do sanduíche de carne moída na porta do Dom Miguel.

**Antonio:** Comecei a vender aquelas caixinhas de sorte. Um dia, entrou toda a molecada, roubaram todas as caixinhas de sorte. Ninguém me pagou.
- Que que é caixinha de sorte?
- Quando você abria tinha um brinde.

**Antonio:** Aquele Henrique lá, que era o diretor, que gostava de mim, gostava de você, chamou todos os alunos lá e deu a maior dura. "Vocês vão devolver o dinheiro!" Porque cada um brincava... eu lembro até hoje, eles pegavam assim "O que que será que tem nessa caixinha de sorte aqui?" O outro vinha por cima e levava. Quando eu me toquei, tinha só 4 caixinhas de sorte. E eu... não era minha as caixas de sorte. Eu já vendia para palhaço que ficava dando em cima da Olga, que ele botava 50 caixas "Anota aqui que tem 50 caixas." E toda vez que eu chegava lá "É, tá faltando 5." Eu falei "Esse cara tá me sacaneando." Aí a segunda vez que ele fez, assinei as, sei lá, 50 caixas, eu fui contar eram 45. Filho da puta. Nesse dia aí foi pior, porque os caras me roubaram tudo. Aí o diretor lá, deu uma dura em todos os alunos. (Essa do palhaço já foi em 1967, morávamos na Rua Hede,116 depois compramos a casa do número 95)

**Marta:** Eu lembro muito bem que a nossa mãe trabalhava com uma doida lá.

**Antonio:** Eu vendia aquele cheiro verde.

**Marta: Eu ficava sozinha em casa o dia inteiro. Eu lembro muito bem que teve um dia que ela deixou... esqueceu de deixar comida pra mim ou deixou num lugar bem alto e eu fiquei o dia inteiro lá, chamei os moleques da rua pra subir lá, pra pegar a comida pra mim. Era um ano horroroso. Eu ficava sozinha. Todos trabalhavam.**

**Antonio: A Duduca lembrou, né, que achei que ela não lembrasse, a Duduca caiu de paraquedas lá em casa em 1965. Com 5 filhos. Aí tinha uma edícula, que essa Dona Maria, quando morava lá, ela usava como uma base pra ela cortar as carnes, não sei que. Então a Duduca ficou lá dentro. E as pessoas que ajudavam em casa, eram o Expedito, o João e o Zezito, que tinham emprego...**
- Uma casa enorme.
- Ela ainda existe essa casa. Lindíssima a casa.

**Expedito:** E naquela época é que eu estava doente.

**Antonio:** Então, você já contribuía com a mesadinha, de nada... não é, porque era doente, você não gostava muito da contribuição, mas tudo bem. Risos.

**Expedito:** Com aquela merreca de salário também.

**Antonio:** É, mas ninguém ganhava muito. Ninguém ganhava. Aí eu engraxava sapato, eu fazia não sei o que. Eu não tinha outra atividade... eu trabalhava com o Seu Bezerra lá na Ponte Rasa, logo depois que voltei do Paraná, ele tinha aquela mercearia.

**Antonio:** Que não se ganhava nada. Aliás, dois amigos trabalharam comigo lá, nós somos amigos até hoje... amigos não, mas contato até hoje. Aí teve uma noite lá que não tinha nada pra comer. Eu não sei se eu vou contar essa história até o final, porque é triste. Aí eu fui, subi, porque era só subir a rua e tinha a padaria, né, na Avenida. Era bem em cima, onde eu engraxava. Comprei uma bengala de pão, quando eu cheguei, na volta, estavam os 5 da Duduca, mais todos nós...

**Antonio:** Eu... foi acho que talvez o pior egoísmo meu, mas era sobrevivência, se diz que quando é pra sobreviver, você pode matar o outro. Eu botei do lado de fora da janela a bengala de pão, que era aquela... chamava bengala, né, aquela... Do lado de fora e entrei. E falei "Vamos esperar." E a mamãe concordou, ela falou "Espera um pouquinho, que uma bengala não vai dar pra todo mundo." Eu não sei se foi o João que viu ou foi o Zezé.
- Acharam a bengala.

**Antonio:** Foi um dos dois. Alguém... eu te juro, eu lembro disso até pela minha vergonha, acho que foi o Joãozinho "Olha lá, tem uma bengala de pão ali, vamos pegar." A mamãe olhou pra mim roda sem jeito.

**Antonio:** A Duduca... eu achei que ninguém lembrava disso, a Duduca disse que, no dia seguinte, quando eles acordaram, a mamãe tinha ido na padaria, comprado pão e feito sanduíche pra todos eles.

**Marta:** Como, né, que ela conseguia?

**Antonio: Sei lá onde ela... sei lá...deve ter comprado fiado, né? Sei lá. A gente pegava muito dinheiro do Zezito, então você enfiava o dedo lá no bolso da calça dele... então sempre tinha o dinheiro. E era o único que tinha dinheiro. Então quando a gente morou na Nova Friburgo, lá com o Tio Zé Pinto, o Zezito era o único que ganhava caixinha. A Olga filha da tia Santa, um dia, falou "Eu vou explicar uma coisa pra vocês. Eles chegam muito cansados e o que a gente faz? Você um dia vai devagarzinho lá, eles sempre têm, no bolso na calça, um dinheirinho ai a gente pega pra comprar doce".**
- É, porque ele recebia caixinha todo dia.

**Antonio:** Só que é o seguinte, antes, era a Olga e o Jaime. O Jaime acho que nem fazia, mas a Olga pegava. Você pegava lá, sei lá, uma passagem, era 1 cruzeiro. Pegava 1 cruzeiro desse e desse. Nós éramos em 8. Como o negócio espalhou, a Olga passava... a Olga do Tio Zé, né? Aí passava o Antônio, passava a outra Olga, passava o Luiz. Gente, o Zezito acordava... "Vou trabalhar", né? Porque ele, nas outras vezes, trabalhava à noite ou saía 9 horas pra... tomava o banho dele e tal, quando ele ia olhar nos bolsos, não tinha dinheiro pra condução, porque a gente não tinha noção de que aquele dinheiro era o da condução ou... podia até ter um pouquinho a mais, né? A gente zerava o bolso.
- É, não era pra pegar tudo.

**Antonio:** Esse cara ficava desesperado e não sei que. Aí todo mundo começou a maneirar. A gente conversou com a Olga "Olga, pô, para." A Olga do Tio Zé. Eu não sei o que que deu, né, mas eu acho que todo mundo maneirou, falou "Vai um só." E pega pra todo mundo.

**Expedito:** Tá, mas vocês catavam dinheiro meu também.

**Antonio:** Do seu também.

**Antonio:** O João tinha uma bicicleta, isso já na Rua Hedi, na casa própria, e o João tinha uma bicicleta,

porque não sei o que, ele tinha uma bicicleta acho que verde, né? Sei lá, mas lembro da bicicleta. E tititi, papapapá, papapá, porque ninguém mexe na minha bicicleta, que não sei... a gente conseguia, ele tinha um cadeado, eu não sei que catzo... eu talvez, por ser um cara mais... eu não entrego os ponto fácil e tal, eu consegui achar alguma coisa que eu enfiava naquela merda lá e o cadeado abria. A gente usava a bicicleta do João o tempo inteiro. Que hora que o João chega? 17:30. 17:20... devia ser aqueles cadeado... e é claro, aqueles cadeado antigo, né, você com uma pontinha, era só você mexer lá dentro que virava. Aí travava ela de novo e deixava lá. O João nem desconfiava.

**Marta:** Eu tinha uma anemia tão grande, tá grande, que eu... era uma coisa horrorosa e quem me curou lá foi a Tia Maria, no Paraná, com as coisas que ela fazia pra comer lá e tal. Eu estava muito doentinha.

**Antonio:** Aí a Tia Maria tinha um forno lá do lado de fora... não sei se era do lado de... é, do lado de fora, e fazia pão. A gente comia muito daqueles pães. Eu saía com o Luiz no meio do mato, a gente pegava mamão pé pra comer ...

**Marta:** Eu lembro daqueles caldinhos que ela fazia.

**Antonio:** Eu saía com o Luiz no meio do mato, que aqui acho que aqui em São Pedro a gente não tinha. A gente subia naqueles pés de mamão, pegava um mamão inteiro, eu e o Luiz, a gente rachava no meio com a mão.

**Antonio:** Aí o meu pai... a minha mãe, a gente ficou não sei quanto tempo lá com o Tio Donato. Depois foi que a gente mudou pra lá pro Zé Ingares. Não tinha mesa, não tinha móvel. Sei lá, a mamãe arrumou uma mesa lá uma vez.

**Marta:** Ela mesma que fazia, né, as camas né?

**Antonio: E aí a mamãe tinha improvisado uma mesa e ela jogava um pano em cima, talvez um lençol, sei lá o que. E eu lembro até hoje, né, quando nós fomos resolver tirar o pano pra jogar dominó, eu não sei o que que era, eu acho que era, o Expedito estava lá com um dominó. Você já gostava. Foi exatamente, o Expedito chegou e o pano pra jogar dominó não servia. E o Expedito puxou o pano e não tinha uma mesa embaixo, né, tinha um monte de... qualquer coisa... o que ela fez foi o seguinte, era um suporte pra você apoiar. Era uns pedaço de madeira velha...porque ela fazia... ela mesma que fazia.**

**Marta:** Ela é fantástica. Eu lembro que ela fazia a cama, fazia o colchão, fazia...

**Antonio:** Aí com a experiência de São Paulo, que ela sabia o que que era chuveiro, logo do **lado da casa, tinha uma... não era edícula não, era um negócio lá tal. E a gente tomava banho ali num... tipo duma banheira, com canequinha. Ele achou... achou não, ele pegou uma lata de óleo de 18 litros. E furou tudo, amarrou uma corda, pendurou lá em cima... Só que nessa primeira vez, ela furou muito. Ela furou um prego muito grosso, não deu pra tomar banho, porque a água vazava muito rápido. Ela disse "Deixa que eu vou resolver." Ela pegou uma outra lata, no dia seguinte, pegou um prego mais fininho como saia pouca água dava pra 3 tomar banho com uma lata de 18 litros.**

**Marta:** A mãe era muito inteligente. Muito inteligente. Eu lembro muito bem disso daí.

**Antonio: A gente chegava tudo molhado e tal. Ela esquentava a água com... a gente, né? Aí já não era mais ela. Esquentava, tinha uma corda, amarrava a cordinha não sei onde lá e era o tempo pra 2 ou 3 tomarem banho. Era uma maravilha, você podia enxaguar, não sei que e tal. Não precisava ficar jogando canequinha. E eu acho que nós ficamos ali, provavelmente, 1 ano.**

- E era uma casa muito boa, né?

**Antonio:** Mas lá não era uma casa muito boa não. Aquela casa lá... porque no Paraná era tudo madeira. Era uma casinha boa, mas não devia ter mais do que 2 quartos ali.

**Marta:** É, essa parte eu não lembro.

**Antonio: E lá naquela casa em São Paulo, na Santa Silvéria, antes de ir pro Paraná é que eu me formei no primário. E eu tinha tirado nota máxima, até porque eu tinha 2 anos a mais do que todos, porque quando eu cheguei lá, eu não tinha documento de que tinha cursado o 3º ano, então me botaram para estudar no 2º ano ao invés de ir direto para o 4º ano. Aí tinha a formatura e eu ia ser homenageado. Já durante o ano, eu usava o sapato do Zezito, só que o Zezito diferente de mim, ele gostava do bico fino. E ele calçava 42/43. Eu, com 15 anos, um bico fino 43, parecia um pé de pato. Eu ia pra escola com aquilo, porque ou ia descalço ou não ia. Lá não tinha esse negócio de andar descalço. E, na formatura, eu devo ter pedido pro Zezito... na noite anterior à formatura, eu, assim como a gente perdeu o sono aqui, eu fiquei à noite inteira acordado, com a sensação que o Zezito estava entrando com a minha roupa pra formatura, porque não era formatura de aluguel naquela época. Era só uma roupinha melhor. E acordava, sonhava. Acordava que alguém... me batendo "Tá aqui a tua roupa e tal." Ah, claro... não fui na formatura. Na semana seguinte, eu fui lá, não sei o que, veio o diretor lá, eu não sei se era o Henrique... não era o Henrique, era um outro, a minha professora "Poxa, por que que você não veio e tal?" E aí eu falei "Ah, eu não tinha roupa e tal". Aí fica todo mundo triste. Acho que foi a primeira frustração minha, né, porque iam dar uma medalha... aquelas bobagens de criança.**

**É, tudo bem, mas pra mim era... e aí foi a minha primeira frustração né? Nem sei se o Zezito tinha prometido a roupa ou foi só imaginação minha. Eu acho que ele nem sabia disso... ou eu... porque o Toni veio com um papo esses dias, lá na Duduca, "vou te fazer uma confissão, lembra que eu lavava o seu carro e você prometeu me dar uma bicicleta. E você nunca deu" Então tem umas coisas na vida da gente que você não dá importância, mas o outro dá. (Dei uma bicicleta pro Toni, numa festa dá família, em 2019, dívida paga. Risos).**

**Antonio:** Então, por exemplo, pode ser que eu tenha pedido pro Zezito e o Zezito, por qualquer razão, "Tá bom, eu vou ver..." Só que eu registrei, tipo, ele vai trazer. Então essas coisas a gente precisa tomar muito cuidado.

**Antonio:** Olga, deixa eu te perguntar uma coisa, quando eu fui em São Paulo, uma vez que eu estava todo cabeludo, eu voltei para o Paraná, de novo?

**Olga:** Uai, você veio comigo pra SP. Não voltou mais o papai assinou no juizado, levou nós até Kaloré pra assinar, pra gente viajar.

**Antonio:** Então foi depois. Então eu fui em São Paulo uma vez e voltei.
- Sozinho?

**Antonio:** Peraí que nós estamos recapitulando. Eu lembro uma vez que eu fui pra São Paulo sozinho. Quando chegou em Cornélio Procópio, ou sei lá, Quatá, não sei o que, que era a divisão de estados, alguém parou pra mim com aquele negócio de marcar e disse "Cadê a tua autorização?" Um cara do meu lado disse "Não, Ele tá comigo." E eu fui embora. Aí eu não sei se eu voltei, ou se eu já fiquei lá e foi o tempo do papai depois ir.
- Não, senhor. Não, senhor. Você foi comigo...
- Mas voltei?
- Não, você não voltou não.
- Então fui definitivo.

**Olga:** Você foi comigo e papai levou a gente até Kaloré. Em Kaloré, ele tinha pedido a licença, lá com o juiz, assinou e nós fomos.

**Antonio:** Vamos deixar Raul Soares para visitar amanhã? A gente vai cedinho amanhã.

**Antonio:** Putz, ah, o Orlando vai vir às 19 na pousada.

**Antonio:** Deixa Raul Soares. A gente vai amanhã. Nós vamos ter o dia inteiro amanhã.

**Olga:** Quando eu fui pra lá, no Paraná, sozinha, eu estava trabalhando na Dona Carminha, ela me levou até a rodoviária, encontramos o Zezito, o Zezito assinou lá, chorou, porque eu estava vindo embora sozinha... Pra SP, eu vim, meu pai assinou. Ele levou a gente até Kaloré.

**Antonio:** Eu não sabia que eu tinha vindo do Paraná com a Olga.

**Olga:** Aí depois a gente trouxe o papai e a mamãe. Escreveu carta e eles vieram. Essa história você já sabe.

**Antonio:** Essa ideia, quando eu vim sozinho, então eu devo ter ido e voltado.

**Olga:** Ele veio sozinho alguma vez, Duduca?

**Nilza:** Veio. E eu só não me lembro a época. É, foi antes da Olga.

**Nilza:** E depois você veio embora pra SP e trouxe ela. Aí não voltaram mais. (Provavelmente eu tenha vindo com a autorização do meu pai e na volta devo ter pegado o trem e não me toquei que precisasse de autorização do juizado de menores).

**Antonio:** Eu cheguei em SP com o cabelo desse tamanho, devia de ser, sei lá, 6 meses, 8 meses, que eu estava lá no Paraná, a tia "Mas escuta, mas não tem nem barbeiro naquele lugar? Vocês precisam voltar, tal." Eu falei "Ah, é, não tem barbeiro." Aí o tio me cortou o cabelo. Eu vim sozinho, tanto é que, quando chegou na divisa lá, eu tive problema pra passar.
- É, porque é menor, né?

**Antonio:** E isso eu tenho certeza. E eu não sabia que eu tinha voltado com a Olga. Tanto é verdade que a Olga confirmou que o meu pai foi até Kaloré pra autorizar a gente a passar, porque eu já devia ter contado a história que não dá pra passar menor idade, porque o meu pai jamais iria... ir lá pra autorizar e tal.

**Olga:** Sim, nós saímos 4 horas da manhã de casa, subimos aquele morro, fomos até Borrazópolis a pé e lá pegamos um ônibus e fomos até Kaloré. Lá em Kaloré, o papai pediu autorização do juizado a licença lá. Colocou a gente dentro de um outro ônibus e viemos embora pra SP.

**Nilza:** Você veio sozinho, já estava cabeludo e depois voltou pro Paraná.

**Nilza:** É, então aí deu a... aí foi que vocês ficaram em casa, porque nós morávamos no barraquinho do José Pinto lá, que ele fez pra gente lá. É na Rua Nova Friburgo, 32.

**Nilza:** Daí a debaixo era do tio. Então era alugada, a casa era alugada e ele fez pra gente o barraco.

**Marta:** A gente morava numa casa, do outro... morava uma família que tinha também um monte de criança.
Uma família de negros. E ele tinha sim, porque eu tomei uma surra do caramba por causa daquelas criança lá, que eles quebraram não sei o que lá, da Tia Santa, que ela pendurou no muro um vaso lá e a mãe chegou nervosa da rua, eles falaram que fui eu e eu apanhei pra cacete.

**Antonio:** Porque a minha tia, a Tia Santa, falou anos depois que, quando ela veio lá da praia um dia, ela comentou, ali na Ponte Rasa, que ela largou a casa dela, da Nova Friburgo, 32, e foi morar fora.
- Isso. E a gente ficou lá.
- Isso. Isso eu lembro.

**Antonio:** Nós moramos na casa da Rua Hedi, 116 que era desse lado, tinha... logo em seguida, tinha a Dona Cacilda e nós compramos a 95, que era mais à frente

**Antonio:** O cachorro do Luiz, que eu fui buscar lá no... o cachorro era nosso.
- Era o Valente.

**Olga:** O papai despachou o cachorro e o Antônio foi buscar na linha do trem lá.

**Antonio: Isso. Eu fui buscar lá em São Miguel o cachorro. Chego lá... gente, cheguei lá, em São Miguel, por isso talvez que eu não goste de cachorro, esse cachorro... Expedito, mas pulou tanto em**

**cima de mim. Eu vim a pé com ele, lá de São Miguel, que não é perto, né? - E esse cachorro pulava pra lá... ele andava lá na frente, aí ele voltava, pulava em cima de mim. E nós fomos indo. Bom, chega lá, deve ter sido então na Buenos Aires, 1 mês depois... Morreu atropelado. Na frente do Luiz. Eu e o Luiz, na calçada, o carro subiu na calçada e atropelou o cachorro. Quando esse cachorro chegou, o Luiz ficou numa felicidade. Ele veio do Paraná. De trem. Veio despachado de trem.**

**Olga: O negócio do cachorro eu lembro. Todo mundo lembra daquele cachorro. No fim de vida, eu fui... ia muito... ia todo dia lá, né, conversar com o Luiz. E nessas conversas, distraindo ele lá, ele lembrou do cachorro. Ele falou "Ai, cê lembra do Valente? Aquele cachorro e tal, né?" Aí, no dia que eu fui me despedir dele, aí vocês não vão gostar, né? Porque o dia que eu fui me despedir dele lá, que ele já estava fazendo tchau pra gente, eu... daí eu não vou contar.**
- Pula essa parte.

**Olga:** Então, mas ele lembrou do cachorro. Na nossa conversa ali, você vê, o cara... até o fim da vida, a importância desse cachorro na vida dele.
- Como que era o cachorro, você lembra?
- Era um cachorrinho pretinho, vira-lata. Pretinho assim... Vira-lata. Não era tão pequenininho não. Bem grande, né?

**Antonio:** Uma coisa que eu não esqueço até hoje, e bobagem, né, que é... você não pode calçar... ele tinha toda a preocupação, né, eu nem sei quem era esse Cido, eu lembro dele, que era exatamente ali perto da Rosa Mendes, na esquina ali, que ele tinha... tanto é que eu passo lá, eu lembro dele. O filho dele uma vez foi calçar o sapato e você tenta enfiar o coisa "Não faça isso, você estraga a traseira do sapato. Você precisa botar uma colher..." Naquela época, não tinha calçadeira. "Uma colher. Põe uma colher aqui pra você... porque senão amassa o couro" Eu lembro disso até hoje. Toda vez que eu vou... engraçado, né? Toda vez que eu vou botar um sapato... E era um negócio que, naquela época, você... tinha um negócio chamado meia-sola, né, você usava o sapato e você ia depois no sapateiro, você trocava... E punha meia-sola. E o salto, tinha o salto amazonas. Você gastava o salto, ele tinha, em cima, um... é tipo uma ferradura de cavalo, né, só que de coisa, e você chegava no sapateiro, depois de um tempo, o cara só trocava aquela parte de cima. Você não precisava trocar o salto inteiro, era só o pedacinho que é exatamente o fundo. Só o pedacinho quadrado ali.
- É meia-sola que eles falavam?

**Antonio:** Não, meia-sola é uma coisa. A meia-sola é o seguinte, você gastava todo o sapato, só que você gasta só aqui. Essa parte tá inteira. Então o sapateiro vinha aqui, cortava isso e fazia a tal da meia-sola. Aqui, é o seguinte, você só gastava esse pedacinho. Então as fábricas faziam um negocinho, lembra, Expedito? Que era só um... Aquele palhaço que nos falamos, ele era sapateiro também.

**Olga:** Mas ele falou o seguinte... ele estava lá assim, meio debilitado, né? Aí ele falou pra mim assim "Então você lembra daquilo que aconteceu com você lá no Paraná? Eu lembro de tudo." Eu falei "Nossa, você lembra, Luiz?"
- E deve ter se assustado, né?

**Olga:** Ele falou "Lembro." Mas ele nunca tinha tocado no assunto comigo nesses anos todos, nesses 40 anos. Mas ali, quando ele estava ali se despedindo, ele conversou muitas coisas, coisas do passado.

**Antonio:** Como agora nós já sabemos e é tudo caminho, amanhã nós vamos fazer o seguinte, nós vamos visitar tudo de novo e no final do dia voltamos pra Visconde. Combinado?

**Olga:** ...porque nós trabalhamos muito na nossa vida. Todos nós.

**Antonio:** Você nem tanto, né, Olga. Risos. Você quer puxar o assunto, tudo bem, mas não é verdade, né, Expedito? Trabalhava de doméstica, já tinha almoço e janta grátis, cama pronta.

**Nosso jantar com o Orlando a filha, na pousada em SPF no dia 28/09/17.**

**Expedito: Eu ia vender justo lá onde a gente vai tentar achar amanhã... e que nós moramos numa...**

**onde tinha uma cerca de arame e era pasto. Era pasto em volta. Então a gente ia vender quiabo ali, mais ou menos próximo dali, de onde a gente morou, que a gente tá tentando encontrar agora. (Fazenda do Rubinho) Então é o seguinte, se eu ia vender quiabo ali, dali, do Morro Redondo, nós achamos a casa que ela nasceu, até esse outro lugar que nós estamos. tentando achar agora, porque era perto. Outra coisa que dá pra gente... que eu memorizei direitinho, é o seguinte, quando a gente entra e sai da estrada e entra às direitas, de cara, esse lado assim, é tudo várzea e esse lado aqui tem um morro. Eu tenho...**

**Orlando:** Aqui, mas isso não era nessa estrada que você fala...

**Orlando:** Tem um senhor aqui, um senhor com o nome de Onofre, ele...

**Orlando:** E eu fui embora da... e depois, em 70, eu fui pro Goiás e ali não tinha nada. Não tinha usina, não tinha nada ali. E não tinha... e a entrada que tinha, depois que você passava ali a Atlântica, que é a casa da goiaba, ali não tinha nenhuma entrada. A entrada que tinha aí era na lagoa, ali nos fundos, igual eu te mostrei e pra frente não tinha estrada nenhuma. Gavião. A entrada que ia pro lado do Gavião seria lá perto do Lajão.

**Orlando:** Lajão era uma fazenda, tinha despolpador de café, beneficiar café, tinha tipo uma vila, uma ruazinha, tinha armazém, farmácia.
- Tinha farmácia, não tinha?

**Orlando:** Tinha uma estrada dali que saía no Gavião, que hoje tá assim, meio desativada, mas passa, dá pra passar, mas tá meio desativada, que ia no Gavião.

**Antonio:** Então, tá coincidindo o seguinte, porque esse lugar que a gente morou, ele tinha uma relação direta com o Gavião, não é isso, Duduca, que vocês estavam falando?

**Orlando:** Não, mas é, deve ser isso mesmo. Eu descia pro lado da Fazenda Brasília, entrava... virava à direita na... alguma estrada, pra sair no Gavião.

**Nilza: Jr você não conhece paiol, né? Paiol, onde você guarda o milho, colhe o milho e joga lá dentro. Então quando eu fui pra casa deles e a casa era pequena, eu estava com duas criança, eles separaram um pouco do milho, lá pro cantinho e colocaram uma cama daquele lado do milho. E desse lado que estava o milho, era rato a noite inteira. [faz sons de ratos roendo milho]. E o papai queria que eu ficasse vigiando. Ficava bravo comigo. "você só dorme, foi vigiar rato..." E eu não respondia não, eu ficava caladinha.**

**Antonio:** É, é. A impressão do que eu li até hoje, o Jother, ele era o cara que era uma pessoa... tanto é que você viu, né? Um empregado vai lá, escorrega e cai, ele morre de rir.

**Orlando:** O Rubens, tinha um cara que trabalhava... eles traziam muito baiano pra mexer com o carvoeiro aí, aquela época e tudo, e ele... tem um cara que matou, tinha um funcionário deles aí, mexia com carvão e tudo, matou uma pessoa. E quando o Seu Jair ia passando, estava o Seu Rubens com o rapaz que estava dirigindo, com ele, aí esse cara que tinha matado saiu na estrada e falou "Ô, Rubens, eu tive que matar um cara ali." E o Seu Rubens estava vindo aqui pra cidade. "E você vai me ajudar." Aí o Seu Rubens falou assim "Ó, então entra aqui no carro, que eu vou te ajudar." E trouxe o rapaz. E ele veio todo tranquilo. E atrás ele veio comentando "Aí, tá vendo? Isso que é bom patrão." O cara que vai defender e tal. O Seu Rubens morava aqui, numa casa nessa praça ali.
- Deve ser do lado da casa do irmão dele, o Joter, aqui na cidade, não?

**Orlando:** Não, o Joter era do lado de cá. E o Rubens, do lado de lá.

**Antonio:** Que tem duas casa muito bonita, né? A do Joter, qual que é? .

**Orlando:** É separada, é do lado de cá.

**Orlando:** Aí o Seu Rubens chegou com esse homem lá e falou com ele assim "Eu vou te ajudar. Desce aí..." Chamou uma empregada e falou "Arruma almoço pra ele, que ele tá... Você já almoçou?" "Não." "Arruma almoço pra ele. Vai lá pros fundos e almoça lá." Aí ele foi. Quando ele foi pra lá, o Seu Rubens chamou o delegado. Chamou o delegado e dois policial "Manda dois policial aqui." Aí foi o policial e o delegado "Ó, eu trouxe um homem que trabalha pra mim lá, ele matou um cara aí. E vocês conversa com ele aí, porque ele... Aí fica esperando ele aqui, que ele tá..." "Brigado, Doutor Rubens." Elogiando o Seu Rubens "É, isso que é patrão, tá vendo, ó? Vai me defender e tal. Eu matei o cara. Eu tive que matar o cara e tal." Mato mesmo e vou matar mais um amanhã.

**Orlando:** Aí, quando ele vem saindo assim, no corredor assim... Teje preso. A polícia já estava esperando. "Ué, Seu Rubens? Que sacanagem é essa, Doutor? "Ué, Seu Rubens, que isso? O senhor falou que ia me ajudar." O Seu Rubens falou "Olha, eu tô te ajudando. Se você ficar solto por aí, alguém ia te matar. Agora você tá protegido. Eles vão te levar, e você vai ficar preso lá, vai comer bem, vai... ninguém vai te perseguir." Já avisei o delegado pra não judiar de você. 30 anos só. Daqui a pouco tu tá de volta.
- É, realmente, é verdade, né? Acabou ficando, né?

**Orlando:** Eu e meu irmão, nós estávamos trabalhando lá em Governador Valadares, tirando uma madeira lá pro Seu Rubens, né? Puxando com trator e colocando na carreta, embarcando. E meu irmão deu um problema de saúde lá. E era 60 km de Governador Valadares. E tinha um rapaz da... um mecânico que estava lá arrumando umas máquina da Cia. Aí nós pedimos e o cara, ele levou meu irmão pro hospital. Meu irmão ficou assim, meio... assim, ele ficou querendo desmaiar, ficou assim, esquisito, né? Falou "É, ele não tá passando bem." E levaram ele direto pro hospital, em Valadares. E quando chegaram lá, o médico já disse que ia operar ele, que era um tumor que ele tinha na cabeça. Sem fazer exame, nada. E o Jother ficou sabendo, na época. E o Jother tinha ido pra Valadares, naquela época, e estava... ele tinha um nome lá em Valadares, como se diz, ele mandava assim, né?
- Mandava. Mandava aqui em Minas inteira.

**Orlando:** Ele e o Coronel Altino, né, que era... o Coronel que tinha era esse... era mais ou menos... aí disse que o Joter foi lá, tem um cara que contava sempre essa história, mas o homem fez um barraco no hospital, chamou os médicos, enfermeiro, diretor do hospital, mas umas 70, queria os exames do meu irmão pra saber. Ele falou "Ó, ele tem patrão..." Mas armou o maior barraco. Hoje, eu ainda estava lembrando com a minha sobrinha, uma menina que é neta do meu irmão, nós estávamos lembrando desse caso, foi hoje ou ontem, me parece. E o homem...
- Ele é defensor, né?

**Orlando:** É. E o homem era barraqueiro. Ele é assim, meio barraqueiro. Risos.

**Antonio:** 1950 e pouco, contando um pouco da história do pai do Joter e do Joter, da família, né?
- É o José Perez, né, que era o pai?

**Antonio: É o José antigo. É. Que confunde também com o filho, José Perez. É uma confusão. Eles falaram que, logo quando terminou a guerra... aí eu estou falando uma parte política, que eu entendo bem, porque eu... né? Que empurraram... não tá escrito na revista, mas deu pra perceber o seguinte, que empurraram pro... esse Seu Perez, o Perez antigo, um monte de militares estavam desempregados e acabou a guerra, então veio pra São Pedro dos Ferros muitos militares, não vestidos, fardados, né, é o que eles chamavam de... não lembro o nome agora, que era reserva, né? Então, essas pessoas, deve ser um daqueles que trabalhavam na fazenda, que eles reclamam que era o cara que chegava, gritava "Sem tem que trabalhar, seu filho da puta,.." Que é militar, né? O cara veio formado da guerra, né? E o que que acontecia com... Acostumado com o regime de... Com o regime militar, né? A minha irmã lembra, de uma situação lá em Visconde, ela disse que eles queriam sair 5 minutos antes, da moita do café, já tinha um cara lá na porta "Volta lá que não terminou o teu horário." Quer dizer, era... isso é coisa de militar, né? Então é uma... mas isso ainda... essa turma que o pai deles trouxe deve ter permanecido por um período, né, que provavelmente pegou a fase que eles moraram aqui, que**

**eu também morei, mas eu era criança, mas tá batendo muito, né? A nossa ideia aqui, né, Orlando?**

**Antonio:** ... a Duduca chegou aqui com o meu pai, lá de Rio Branco, o tal do jipe não estava aí, eles foram até o Morro Redondo a pé. Acabando a dieta, mas com o bebê no colo, né? Com o bebê no colo. Foram de criança no colo até lá a pé.

**Nilza: A gente veio de Visconde, o papai falou assim "Se chegar na estação e o jipe não tá lá, nós temos que ir a pé." E chegamos e não tinha. Vai a pé. E o meu pai foi embora. Fomos a pé. 12 ou 14 km.**

**Orlando: De vez em quando, traziam o dinheiro, né? Para pagar o pessoal. E passava aqui por cima de avião e colocava o dinheiro dentro duma mala e jogava.**

**Antonio: ... e isso foi o que ocorreu, trouxe um jipe pra cá, quer dizer, tinha uma estrutura que não era só também na visão financeira, né? ... fez casa bonitinha, você vê, a casa que a gente viu lá, das goiabeiras, pô, a casa é de gente fina. O cara não fez um barraco de madeira, né? Tinha até luz. Eles fizeram coisas boas.**

**Na outra casa que a gente viu lá, que derrubou, que a Maria Helena morreu, casa de alvenaria, bo nitinha, entendeu? Nessa, da goiabeira, tinha até luz elétrica, né? Então eles fizeram... Não importa, mas nós fomos morar lá. É uma casa... eu me lembro, que eu era moleque, pô, provavelmente, não era uma casa tão antiga não, né, Duduca? Era uma casa nova, né? Tudo bonitinho, tanto é que a minha reação, quando eu cheguei lá, e a Marta era muito pequenininha, mas... que nós nunca tínhamos visto luz elétrica. Nunca tinha visto. A gente morava naquela... na outra casa, tudo lamparina. Quando a gente entrou lá, a Olga lembra disso. Foi uma alegria danada.**

**Antonio:** Mas, Orlando, você chegar numa casa, você lia ou estudava ou não sei que, televisão não tinha, só lamparina...
- Nem rádio, né?

**Antonio:** O Jr. tem noção porque viajou pelos Nordeste da vida lá, trabalhando e tal, ele sabe como é que é, mas você pula da era da... não sei do que, da lamparina, que você, pra ler, você tinha que botar aqui do lado, a lamparina, que nunca tinha uma luminosidade boa.
- Com aquela fumaça do pavio lá.

**Antonio:** De repente, quando o meu pai falou "Vamos mudar, não sei que..." Nós chegamos lá, pô, você ligava a luz... gente, era uma coisa... Então mostra que, o seguinte, não tinha exploração de empregado nem nada. Tinha o objetivo de lucro, claro, toda empresa, mas eles foram... em nenhum momento aqui, ninguém falou "Pô, os cara é escravo." Tinha o caso dos fiscais, dos capatazes, que eram meio arrogantes, mas era natural. Naquela época, não tinha hora extra, não tinha nada, mas era a época mesmo, o tempo. Não existia carteira assinada. Mas olha, não tinha... mas não tinha, viu, Orlando, esse negócio de ficar até mais tarde.

Até porque, na roça, o sol não vem mais, você tem que ir embora. Cinco horas, no máximo, a gente tinha que parar o trabalho. Escureceu, não tem como, né? É. 7 às 5. Não tinha exploração nesse sentido. O que eu acho que tinha, que era exatamente o seguinte, o senhor plantou arroz, o arroz hoje tá valendo 2, a bolsa internacional... você nunca vai saber se era 3 ou 2, era o momento que talvez ele ganhasse algum dinheiro.

**Orlando:** Né, vi contar os casos, né, porque a gente foi trabalhar meu pai quando saiu daqui, acho que eu fui pra lá... dizem que eu tinha de 3 pra 4 anos, então eu não passei por essa magrela não. Mas aquele povo mais... que trabalhava pra outras pessoas aí, era... o que que o patrão fornecia o ano inteiro? Fubá...feijão. Sal, querosene, rapadura e toucinho do porco. E ia anotando na caderneta. Ia anotando na caderneta. E café. Aí, no fim do ano, tinha uns que não sobrava nada.

**Antonio:** Ah, isso tinha. Isso era visível, que não era o caso daqui, com certeza.

**Expedito:** É, às vezes a gente fala assim... aquela casa que nós fomos ver lá, do Jother Perez, né, é o sonho de qualquer um morar ali, né? Você já tem uma dor de cotovelozinho também. Então, mas vamos imaginar também o outro lado. Imagina a baita da responsabilidade que aquele homem tinha com aquele monte de funcionário, com aquela movimentação de dinheiro e tudo.

- Ah, tinha muita gente.

**Expedito:** Aquilo lá devia ser um pesadelo pra ele também, né?

**Antonio:** Eu acho, Orlando, que só esse pedaço do eucalipto, que era do Perez, devia ali ter um... somando, uns 2 mil funcionários, não?

**Orlando:** Era muita gente, sabe por quê? Você sabe que a gente, quando era naquela época...a gente não podia conversar perto das pessoas mais velhas ou ouvir as conversa. Não sei se você lembra, mas a gente não podia. Eu sempre escutava de longe, atrás da porta. Mas a gente era moleque e era curioso. E lá no Paraíso, no curral, tinha um lugar assim, mais alto, tipo um alpendre, uma escada, aonde o Joter vinha, sentava ali com o pessoal pra ficar vendo as novilhas no curral, né, olhando...Então a gente entrou debaixo dali, daquele negócio, tinha um... e a gente ficou escutando a conversa. O Joter falando com o meu pai e tinha mais umas pessoas. Ele falando que estava indo embora pro Valadares, porque parece que estava vencendo, igual você acabou de falar. Eles tinham um tempo para exploração, pelo jeito. Então estava vencendo a concessão, ele ia entregar e ia comprar em Valadares, que teve um negócio bom pra ele em Valadares. Era o dobro de hectares pra ele. É. Então ele falou que ia... ele estava prevendo...
- Isso foi em 58 ou 59 que você deve ter ouvido.

**Orlando: Isso, isso. Ele estava prevendo que ia ficar muita gente desempregado e ele falava... ele conversando com o meu pai, ele falou "Ó, Orlando, eu estou indo embora pra Valadares. Um motivo é esse, porque vai ficar muita gente desempregado e eu..." Ele falou assim, que... O Joter falando com o meu pai. E ele se sentia assim, um pouco responsável por aquelas famílias, que ia ficar muita gente...**

**Antonio:** Porque ele tinha consciência disso pelo seguinte, isso eu conversei com o Cláudio lá, por isso que eu tô firme. Quando o Joter... e bate com o que o Cláudio falou "Não, a minha impressão é que o Seu Joter, meu Tio Joter, vendeu em 58/59."

**Orlando:** É mais ou menos isso mesmo. E o que que aconteceu? Ele vendeu pra essa companhia que ia fazer reflorestamento. É a CAF.E reflorestamento, o Joter já sabia. Eles não vão ficar com nenhum funcionário.

**Antonio:** Porque é outra atividade. Porque o eucalipto, você planta, você precisa de gente pra plantar e aí espera 7 anos pra colher. Você não precisa de colono, não precisa de chefe, não precisa de nada. Depois de 7 anos, você chama uma equipe, mutirão, pra cortar, põe no caminhão. Então a... ele, segundo o Cláudio lá, nessa época, ele recebeu a proposta dessas empresas aí, que eram estatais também, ele recebeu o dobro... mais ou menos, né, o dobro de áreas, porque dinheiro não existia, se trocava terra por terra. "Você tem quantos alqueires aqui? Eu te dou o dobro de alqueires, que é lá em..." Como é que chama? "Governador Valadares." E o que o Cláudio falou é que lá, ele topou, mas quando chegou lá, se ferrou, porque a terra lá também não tinha muita produtividade...

**Antonio:** Até hoje é assim. "É 1 real o saco." Aí o cara falava "Eu ouvi dizer que se eu esperar mais 3 meses vai ser 1,50. Eu prefiro esperar." Aí você espera. "Não, eu quero vender já." Todo mundo vendia já. Então o Seu Perez comprava isso... Depois que comprava revendia por $ 2. Você pega o Seu Izaltino, desesperado, depois de 1 ano sem dinheiro, tem 8 sacas... sei lá, vamos pôr 500 sacas de arroz, você acha que o papai ou o Seu Severino tá preocupado se vale 1,50 ou 1?
- Mas aí, durante esse período, ele pegava os mantimento de ração na venda do...

**Antonio:** Então, aí entrava o tal das cadernetas, em alguns casos. "Ó, assim que eu vender a safra, eu venho aqui te pagar."

**Antonio:** E você ia lá na fazenda... aí o cara ficava de olho "Mas Seu Izaltino, o senhor já vendeu o arroz, né? Então me paga." Isso aí ninguém dava cano em ninguém. Você chegava lá "Tá aqui, ó." "Quanto deu?"

O que tinha outra coisa é o seguinte, nesse caso que ele tá dizendo, era o seguinte, que essas vendas não eram um cara que montou o armazém lá, particular, era da fazenda. Aí anotava tudo. Aí os caras mais inescrupulosos iam anotando, quando o meu pai chegava e dizia "Eu tenho 30 sacas de arroz." O cara calculava

"Quanto que o Seu Izaltino tem na caderneta?" "O Seu Izaltino tá devendo 40." Ele chegava e dizia o seguinte "Olha, somando tudo aqui, Seu Izaltino, com a cotação mundial, não sei o que, o senhor tem 42.

É a sua safra. Então tá aqui teus 2, o senhor quitou a dívida." É assim que funcionava.

**Orlando:** Ah, eu lembro, toda vez que ia lá, levava a caderneta. Ele anotava lá e anotava no dele.

**Antonio:** É, tanto é que, quando a gente ia no armazém, a mamãe pedia "Vai lá buscar." Você levava a caderneta e tal. Bom, aí o que acontece? Tô supondo, né? Conhecendo as malandragens do brasileiro. Terminou a safra, eu sou meeiro, eu sou terceiro, eu sou não sei que e tal, o cara devia calcular lá o seguinte, o Seu Izaltino produziu...

**Orlando: Mas, ô, Antônio, tinha uma família aqui em Santa Margarida, eu era molecão duns 15 anos, ia na casa do meu irmão, que trabalhava numa firma, né, e tinha uma família... o acampamento da construtora era pra cá de cidade, 1 km mais ou menos fora da cidade, e tinha uma família lá de um pessoal lá que trabalhava prum fazendeiro, que o fazendeiro fornecia eles até... porque a família deles era muita gente, então o fazendeiro fornecia e aquilo só dava pra eles comer até quinta-feira, no almoço. Quinta-feira, a janta, sexta-feira, o almoço e sexta-feira, a janta, eles ficavam praticamente sem comida, porque o fazendeiro não liberava mais. Ele liberava só de sábado a sábado.**
- Que era pra poder coincidir com a produção no fim do ano.

**Orlando: Todo sábado. Se acabasse antes, não precisava de ir lá, que ele não fornecia. Então o que que essa família fazia? Tinha um lugar que tinha jurubeba, vocês conhecem jurubeba... Então a mulher ia pra lá, apanhava jurubeba, socava, torcia, cozinhava aquela jurubeba com sal, mexia numa panelona de angu com fubá e aquela jurubeba com sal, eles comiam na quinta-feira, um almoço e janta, e na sexta-feira, pra vencer...**

**Expedito:** Então, mas aí o cara comia polenta com jurubeba, que mau gosto desgraçado, hein, ô?
- Tinha que comer, senão...

**Olga:** A mãe fazia pra nós também jurubeba.
- É o que tinha pra comer.

**Antonio:** Não, mas você sabe por quê? Você vai descobrir... Expedito, você vai descobrir o seguinte, aí entra a sabedoria popular. A jurubeba, provavelmente, deve ser um negócio com altíssima caloria, tanto que a jurubeba é feita... E quando é coisa porreta, significa o seguinte, é calórica. Então, por que que a turma toma cachaça de manhã? Uma dose de cachaça de manhã é 200 calorias. Você sabe quanto que é um pãozinho com manteiga seu aí, que você acha que se alimentou?

Você tomar uma cachaça de manhã ou uma jurubeba, você tá mais alimentado do que pão com manteiga.

É por isso que o cara gosta de tomar uma copada de cachaça de manhã.

**Expedito:** Então, mas ainda não entrou na minha cabeça essa ideia de que, por exemplo, eu e meu pai, a gente trabalhava por dia. Mas a gente tinha o nosso pedacinho de terra lá pra plantar também arroz, milho e feijão, mas na maior parte do tempo, a gente ia trabalhar pra eles, por dia. Trabalhava pra outros. Isso, porque ele tinha mais terras.

**Expedito:** Aquele lugar ali, o Paraíso, que você falou, que tinha... era cafezal de um lado e de outro, eu trabalhei ali adoidado. Era ali que eu era bombeiro, entregando água pros outros. Trabalhava por dia. Agora, e essa grana que... de como é que entrava pra nós, quem pegava eu não sei.

**Antonio:** Então aquele feijão que a gente plantava, a gente fazia o saco, colocava e guardava lá no depósito, que é pra comer durante o ano, porque naquela época, não é que nem hoje, que eles desenvolveram, você pode plantar o ano inteiro. Naquela época é o seguinte, o feijão era em determinado tempo, se Deus ajudar, que vai chover ou não chover, porque se chover ou não chover, você não tem a safra. Depois, vinha o arroz, né? É isso? E o milho. Essas 3 safras era mais ou menos trimestrais, né? Hoje, você planta cana direto e tal. Eles aproveitavam, por exemplo, o café, e no meio do café, você plantava acho que milho, né? Milho.

Porque você aproveitava o espaço, né? Então você, na colheita do café, eu não sei se saía no mesmo tempo, você tinha os 2, mas era no seu pedaço de terra, que o Seu Joter dava. Esse aqui é seu. Em volta da sua casa, você nunca conseguia ali produção suficiente pro ano inteiro, porque era muito pouco. Você olhou lá aquela casa lá, a gente plantava arroz naquilo ali, metade o passarinho levava embora, porque estavam brincando lá que eu ficava brincando de espantalho. Metade ia embora.

O milho era o mesmo problema. Ainda tinha um outro problema naquela época, que não se controlava, que era a peste, né, por exemplo, entrava um problema no milho, você perdia o milharal.

- É. Naquela época, não jogava veneno, não tinha...

**Antonio:** Laranja, a mesma coisa. Se você quisesse plantar laranja, por qualquer razão, entrou um bicho na laranja... Estragava toda a safra. Estragava tudo. Jogava tudo fora. Café, né, o café tinha uma doença, que eu não lembro o que diabo...Em algumas regiões, que era mais ou menos frio, você conseguia plantar.

Lá no Paraná, que era a região mais fria, era grande produtor de café, quando geava, você perdia tudo.

Geou justo no ano que a gente morou lá. **A história do Paraná foi o seguinte, o meu tio, que o meu pai não via desde 1938, apareceu em São Paulo, a gente já estava lá e eles tinham tido uma supersafra em 64 lá, que quando você vai na internet, lembra que todo mundo ganhou dinheiro. Não só a safra foi boa, como a cotação mundial disparou. Então todo mundo conseguiu vender, inclusive antecipado as cotas do café. E o meu tio apareceu em São Paulo e convenceu o meu pai pra gente ir pra lá. Foi todo mundo pro Paraná. No ano seguinte, teve uma geada e não produziu nada.**

**Antonio:** Porque alguém... eu não lembro do detalhe, mas tinha uma visão dos ministros lá do Castelo Branco, de que o café... como a Colômbia já estava produzindo muito café na época, eles acharam que... era uma estratégia, por exemplo, é melhor... esse negócio aqui não vai muito pra frente, vamos mudar. Aí a Ditadura, né, por exemplo, eu vou plantar arroz daqui pra frente e os caras começaram... então é obrigatório e acabou, né?

**Orlando:** E pagava tanto pro pé de café, que aí os fazendeiro ficava doido pra arrancar.

- Exatamente.
- Ficava doidinho pra acabar com as lavouras.

**Antonio: E a substituição ali foi no sentido do seguinte, provavelmente, eu não lembro de detalhes disso, mas eu lembro desse negócio do arrancar o café, porque o café tinha um problema, né, você plantava o café, você não tinha muito espaço pra agricultura. E a revolução, como estava muito pressionada pelo comunismo, você precisava criar espaço agrícola pra sustentar as pessoas. É, o arroz, por exemplo. O café era uma coisa muito mais de exportação. O que que você tinha que plantar? Arroz, feijão, laranja e milho, que era o que dava comida para as pessoas. O café... você não consumia o café, você consumia o cafezinho do dia. Por exemplo, nessa época, o Brasil era o maior exportador de café do mundo. Então o cara falou "Se eu tô querendo acabar com o comunismo, não ter uma revolução e não vou conseguir dar espaço para as pessoas... de coisa, eu vou então..." Eles tinham... você lembrou um negócio que eu... faz muitos anos, eu não lembrava disso. Você ganhava dinheiro quando mostrava que arrancou pé de café. E aí tinha uma agricultura diferente.**

- Arrancaram muita lavoura.

**Antonio:** Pra plantar outra coisa, até porque o café, ele tinha agriculturamente falando, ele tinha um tempo muito mais longo. Eu colhi café lá no Paraná, né? Um pé de café, ele tomava mais ou menos isso do espaço. E o milho era isso, né, você fazia uma fileira de milho, né, você fazia uma fileira de... o arroz, inclusive, que era muito mais baixo e tudo. E...

**Antonio:** Tô olhando no aspecto do registro de imóvel, né? Redesenharam e, enfim, deve ter dado servidão de passagem, né, pra chegar lá. Esse pedaço é do Seu Sebastião, esse aqui é da Dona Carminha, da Vani lá, tal, porque eles estavam lá há 100 ano. Devem ter feito isso por coração e também por evitar problema jurídico, porque o cara tá lá esses anos todos, vai entrar com uma ação, você não vai conseguir vender a propriedade enquanto não resolver.

Você pega um cara há 80 anos morando lá ou um descendente, que o pai já tá lá há 100 anos ou começou há 100 anos. Quanto custa isso? Você não tem vínculo trabalhista, trabalhou pra pessoa, não é? Por exemplo, o meu tio lá, ele recolhia leite e não sei que e tal. Era empregado. Então, na legislação trabalhista, se for pra lá, o cara não escapa. Então eles fizeram e tal, mas a maioria, né, deixa pra lá. Eu acho que o Joter aqui, eu não sei se deu problema trabalhista, deve ter tido, a gente nunca ficou sabendo.

**Orlando:** Ah, deve ter. Deve ter tido.

**Antonio:** O filme do O Poderoso Chefão 1, que chega o Al Pacino no hospital que o... o Al Pacino chega pro cara e fala "Arruma a roupa aqui..." Eu gosto muito do Poderoso Chefão, então eu sei os detalhes, né?

O filho do Don Corleone chegou no hospital, não tinha ninguém, porque tinha uma máfia lá que ia matar o Don Corleone no hospital. E o Al Pacino chegou, viu que não tinha ninguém, falou "Tem armação aqui."

Ele ficou lá porta, aí vem um cara com umas flores, que era um amigo do Don Corleone e foi subindo a escada e tal, o cara chegou "Quem é você?" "Eu sou filho do..." "Então vem cá, fica aqui."

Jogou as flores fora, pegou um revólver, o cara não tinha revólver, ele falou "Fica assim." Embuchou o colete dele e o cara... aí foi chegando a polícia, que estava contratada pra matar o Don Corleone, o Al Pacino pegou um cigarro, deu pro cara, o cara... a cena do meu pai, naquele buraco fazendo poço e quando fiou a noite vigiando uma obra ali, na Rua Jacina, morrendo de medo.
- Tadinho.

**Antonio:** Mas ele fumava. Eu vi o meu pai uma vez em casa, aí ele... não sei se ele confessou pra mim não sei o que, a língua dele estava dessa grossura, porque ele devia fumar um cigarro de palha atrás do outro, de medo. Ele não estava preocupado com o emprego, que era uma escuridão.

**Olga:** Ô, coitado. Ele tinha um medinho, né, assim? Ele tinha medo de tudo. E ele contava aquela história da vaca...

**Antonio: Ele, que morria de medo, o cara se enfiar num poço... o Júnior não tem noção o que é você olhar um buraco, 7, 8 metros... E ele batia na corda pro cara levar a terra lá pra cima e tal. E quando desmoronava aquilo tudo em cima dele, que ele chegava em casa tudo machucado? Então, pra essa molecada, a gente tem que mostrar esse lado dos... pra eles, dos avós, né? Que são... pessoas guerreiras, né?**

**Antonio:** Vamos dormir que amanhã a gente tem que acordar cedinho.

### Dia 29/09/2017 – Retorno às fazendas:

Era nosso último dia em SPF, decidimos tentar achar a Fazenda do Rubinho/Destilaria Athenas, passar nas fazendas que já tínhamos visitado, passar em Raul Soares e no final do dia, voltar para Visconde. Dessa vez fomos sem o Orlando.

**Antonio: A Nilza contou que chegaram aqui em SPF com duas malas, e vieram lá da estação, até aqui e com o Zezé no colo? 40 dias ele tinha, o neném. (Isso foi entre 12 e 14 os de junho/1958) O Jeep já tinha ido embora. Minha mãe estava grávida da Marta. Então, o Zé nasceu em maio/58 e a Marta nasceu em julho/58.**

**Antonio: Aí morreu a Maria Helena, abril de 1960, a Nilza veio morar em SPF, só que em agosto/setembro a mamãe voltou pra Visconde e a Nilza foi junto... E 1 ano e pouco depois, voltou de novo aqui pra SPF. Só que aí nós já fomos lá pro Gavião. É isso, Expedito?**
- Isso.

**Nilza:** Pra quando tem corrimento, aí toma o chá. Aí sara. No nosso tempo, sarava. No nosso tempo, sarava tudo. Aquilo ali também é um chá, mas eu não sei... eu esqueci o nome dele, aquelas bolota ali, ó. Será que tem semente? A semente, eu ia levar pro meu filhote. Eu esqueci o nome desse... porque tem o Macaé, esse é da família do Macaé. Só que eu esqueci...
- Macaé é aquele que a Marta pegou?

**Nilza:** É, que a Marta pegou. Esse aí também é da família dele, mas eu não sei o nome, esqueci.

**JR:** Quando estava de dieta, tomava algum chá, alguma coisa?

**Nilza: Tomava, mas aqui não tem nada do que nós tomávamos, era chá de artimísia. Era uma erva de chá.**

**A gente não tomava o chá. Colocava no prato, os raminho daquilo lá colocava no prato, colocava a cachaça e colocava fogo. Aí queimava aquela cachacinha ali com aquele mato. Aí quando via que o fogo estava vermelho no prato, que o fogo fica azul, né, quando o fogo estava vermelho, vinha com o prato e tampava. Aí escorria e bebia aquilo lá, a cachacinha lá. Disse que era pra tirar as coisa de dentro. É o remédio que nós tínhamos antigamente.**

- Logo depois de parir que tomava? Aí tomava todo dia?
- Todo dia.
- Os 40 dias?

**Nilza: Não, durante os 5 dias, que eu guardava dieta 5 dias, né? Durante os 5 dias que estava na cama, na hora do almoço, a pinguinha, o artimísio. Na hora da janta, a mesma coisa. E a janta e o almoço... e a janta era aquela sopa de farinha de milho. Não comia mais nada. 5 dias na cama. Então a gente, quando a gente ia ganhar o neném, já separava aquelas galinhas que era pra matar... uma dá pra 2 dias. E era aquela sopa de farinha, que você cozinhava a galinha, tirava um pouco o caldo, punha na tigela, aí pegava a farinha, não era cozinhado no fogo não. Pegava a farinha.**

**JR:** Eu acho que eu comi esse prato devo ter comido lá na vó.

**Nilza: Então. Isso. Só isso aí que a gente comia, durante 5 dias. Depois você começava a comer arroz, feijão sem casca, não podia comer couve picada, não podia comer... a couve não podia comer... não podia comer ovo. Nada. Durante 40 dias.**

**Jr:** Feijão sem casca, tinha que descascar o feijão?

**Nilza: Tinha que cozinhar o feijão e coar, entendeu? Amassava ele assim, ó, e passava na peneirinha lá e coisa. Agora tem o liquidificador, mas antes não tinha, né? Amassava tudo assim. Não podia comer a casca, não sei por que que não podia. Aí teve uma vez, quando eu ganhei o Antônio, que foi na época de dezembro, a mãe não tinha nada, nada, nada. O único pinguelo que tinha pra passar pra ir na venda... acho que nós vamos passar, eu vou te mostrar. Teve enchente, não tinha onde passar. Aí elas falaram assim "Ah, mas não pode comer feijão, feijão verde. Não pode comer isso." Aí eu perguntei, eu falei "Mas que mal que faz se a gente comer?" "Ah, não sei." Que que adianta? Não sabe nem que mal que fazia e não deixava ninguém comer. A manga, a mesma coisa. Foi tudo na época que eu ganhei o Antônio. Mas cheirava o pé de manga, você cheirava longe. Aí o meu marido ia lá na fazenda lá. Aí um dia, a mãe dessas menina que a gente foi lá, a Terezinha lá, a mãe dela falou "Comadre, se vocês não comem a manga é bom pro leite, Comadre."**

**Mas eu tinha medo. Aí um dia eu falei "Quer saber duma coisa? Eu vou comer escondida a manga. Se fizer mal, eu paro, se não fizer, eu continuo." Isso que eu fiz. Comi escondido. Menino, o bichinho mamou 9 mês. E sempre largava o mamá com 5, com 3 anos. A Célia mamou 2 meses só. Não tinha leite. O medo de comer as coisas que não podia comer. E não fez mal nada. Fez mal nenhum. Mas é assim. E essas mães dessas meninas, elas não tinham filhos em casa. Era tudo no hospital, sabe? Ela ia pro hospital pra ganhar o neném, porque eles eram ricos né? Não ganhava neném em casa não. E a gente não, tinha aquelas bobeira.**

**E elas não tinham dieta nenhuma. Elas comiam de tudo. Nilza: É, aí a gente aprendeu. Umas bobeiradas danada. Não podia comer laranja, não podia comer não sei que, não podia... o que que é não podia comer? Não podia comer angu, que ficava barriguda.**

**Então eu sou barriguda, ó. E eu não comia angu na dieta. Eu não comia angu de janta não. Não podia comer não. Tinha que comer bem molinho se fosse comer, bem mingauzinho assim. Era assim no nosso tempo.**

**JR:** As festas de casamento que você estava falando, como é que eram as comidas que tinha?

**Nilza: Então, era pernil, né, eram 4 pernis assados. Era cabrito, também assado, quem assava o cabrito era o tio Bastião, o pai do Tãozico. Ele que era o... fazia o cabrito lá. E frango assado, frango cheio, né? Cheio de farofa, tudo assim. E a chegada do casamento, como diz, né, aquela chegada, você chegava da cidade.**

**Ali era broa, café com leite... e só. Broa de fubá e café com leite.**

**Jr:** O porco, você disse que matava 15 dias antes pra...

**Nilza:** É, pra poder pegar tempero... pra se deixar... a mamãe temperava o bichinho lá.

**Jr:** Temperava com o que?

**Nilza: Alho... era só alho e pimenta, né? Alho e pimenta do reino. E era socado no pilão o alho. E o sal. Socava o alho no pilão limãozinho assim, e socava... mas era muito alho mesmo. Socava, aí depois... com pimenta e sal. Aí punha o pernil lá na bandeja assim, furava tudo assim, pegava aquela meleca e passava.**

**Deixava umas... Não, era pimenta do reino. Era pimenta comprada. Era comprada. A gente não conhecia não. Era comprado. A que a gente plantava era só aquela vermelha, né? Você não viu, lá na Creuza, a pimentinha bem-te-vi, que fala? Miudinha assim, ó, a gente não vê por aqui. Bem pequeninha assim. A semente, era aquela lá que a gente plantava. Miudinha. Aquela a gente plantava, mas os passarinhos comiam primeiro de que nós, entendeu? Começava a madurar, eles catavam.**

**Jr:** Passarinho comia pimenta?

**Nilza:** Comia. Tem a pimenta bem-te-vi. Lá na Tia Carminha tem.

**Jr:** Eu vi lá com o Zil.

**Nilza:** Então, era pimenta bem-te-vi aquela lá.

**Jr:** Ela é muito ardida?

**Nilza:** Ela é gostosinha. É igualzinha a malagueta miúda.

**Jr:** Mas e o passarinho comia isso?

**Nilza:** Comia. Os passarinhos comiam tudo. Na beira da estrada era muito assim, tinha plantado assim, ó.

Quando o Zezito veio eu levei, assim, sabe? Eu não podia esperar amadurar, que eles catavam tudo. Os passarinho come tudo. Por isso que chama pimenta bem-te-vi, né, que eu falei? É a que a gente comia. O nome da pimenta é o nome do passarinho. É o nome dos passarinho.

**Jr:** Imagina o passarinho na hora de botar essa pimenta pra fora, né, de cagar a pimenta? Tadinho.

**Nilza:** Por isso que todo lugar que você vai tem um pé de pimenta, porque eles espalham a semente, né, que eles engolem.

### Visitando de novo o Morro Redondo local onde a Marta nasceu:

**Antonio:** O que o Expedito quer dizer é que atrás da casa tinha uma baixada. Vamos aqui mais um pouquinho, só pra gente ver o que que dá aqui. Só pra... já que nós estamos passeando. Tá vendo a entrada ali, Expedito? Tem uma reta ali, ó.

### 29.09/2017 - Chegando na Destilaria Athenas - Fazenda do Rubinho 11hs Finalmente a encontramos.

**Antonio:** Vendo essa fazenda do Rubinho, hoje Destilaria Athenas, aqui, era exatamente isso aqui. A gente morava numa casa e era tudo boi, que tinha que sair fugindo de boi, não sei o que. E não era uma fazenda, tinha... acho que quantas casas? Duas ou três casas só. Então não era uma... como nós derrubaram tudo, pela distância, por exemplo, o Expedito disse que saindo daqui ia lá na Gavião, reto. É exatamente. A hora que a gente chegar ali na ponta, tem uma estrada direto pro Gavião. Então tá tudo coincidindo. Então não tem

dúvida. É uma das poucas que tem essa extensão. Ele disse que era menos de 1 km lá da estrada, deu 900m pra chegar daqui. Bom, aqui pelo menos nós estamos na frente do local.




**Antonio:** Da estrada até daqui, deu 900m, mas ninguém media naquela época. Era perto, perto pra turma que andava 15 km. 1,5 km pela estrada né ?

**Jr:** De quem que era essa casa aqui?

**Antonio: Aqui foi quando a Duduca veio, em provavelmente maio de 1960, porque a mamãe não andava bem , né, e morou depois no paiol e onde morreu a nossa irmã. Aqui é que a mamãe ficou muito mal e a gente voltou pra Rio Branco e fomos morar naquele casebrezinho, né, que não era casebre, que a gente tinha. Lá ficamos 1 ano e 3 meses e depois viemos morar nessa Fazenda Gavião, porque o meu Tio Rogério já estava lá. Então a gente foi pra lá. Aí, nessa fazenda do Tio Rogério, eu já contei a história ontem, né, e de lá a gente foi embora pra São Paulo.**




**Junior:** Você se lembra alguma coisa?

**Antonio: Lembro da morte da minha irmã. Lembro daqueles machucados que eu tive, porque o meu pai me emprestou o cara pra torear o boi, né, pra puxar. E era desses tipo de negócio, machucou todo o meu pé. Eu lembro que a gente ficava esperando os caras irem embora depois da janta para pegar os restos do prato deles, avançava lá pra comer o resto da comida deles. Eu lembro aqui que eu fiquei uma vez atrás duma árvore, porque tinha um boi, o boi correu atrás de mim e o Expedito que apareceu depois lá pra me tirar, porque eu tive que ficar... o boi vinha, eu ficava virando atrás da árvore. Na época rinha 8 anos. A imagem, é mais ou menos essa.**

**Tinha poucas árvores e o resto... não tinha tanto boi. Que nem tá ali, onde tá aquele cavalo lá. Só que você tinha que passar pelo... era um trilho. Então automaticamente, tinha que passar em algum lugar que tinha boi, que a gente passava até meio quietinho pra não chamar a atenção. Lembro bem.**




**JR:** Você era mais velho que ela?

**Antonio:** Sim. 4 anos.

**JR:** Você lembra dela?

**Antonio: Lembro, vagamente. Não lembro muito não, eu lembro do que que ela morreu, porque ela comeu aquela folha "comigo ninguém pode", me disseram que aquilo era veneno, então, quando eu fui ver, ela já estava morta. Lembro da confusão da minha mãe, a choradeira, não sei que e tal.Mas foi só isso, eu não tenho recordação brincando com ela. Aliás, não tenho recordação brincando com nenhum de vocês. Não lembro da Marta pequenininha nesse tempo, mas lembro da morte da Maria Helena Expedito que foi lá me buscar, por causa do boi. E a gente tinha que atravessar aqui, e lembro dessas fases. Eu fiquei preso atrás de uma árvore dessa. Acho que o be Deus pra onde que era, talvez pra ir lá na estrada, pra ir na tal da venda e tinha que andar no meio dos boi. Às vezes passava, o boi nem olhava. Às vezes ele ameaçava você. Então isso eu tenho muita lembrança.**

**Antonio:** Aqui virou uma destilaria, chama Atenas, que é uma destilaria, Refinaria Atenas, não é destilaria, é Refinaria Atenas. Eles devem refinar açúcar, qualquer coisa, vamos ver depois. Deve ser só isso.

**Jr:** Eu vou tirando umas fotos ali na frente da...




### Indo de novo para o Gavião: 29.07 as 11hs.

**Nilza:** Onde eu morava lá em Visconde, tinha um pé de feijão e vi andando no quintal de onde eu morava lá, desceu uma manada de anu, fez assim com os galhos. Logo veio a notícia da morte da Maria Helena... .

**Olga:** Mas eles falam da coruja também traz notícias ruins se ficar em cima da sua casa, né?

**Nilza:** Eu não gosto de coruja não.

**Olga:** Ô, Duduca, o anu era aquele que botava ovo azul, não era?

**Nilza:** Não. O que botava ovo azul é inhambu. Ele parece uma rolinha. É inhambu que bota ovo azul.

**Olga:** Ah, eu lembro que tinha... pegava esse ovo azul pra brincar.

**Nilza:** É, o que bota ovo azul é inhambu. E aqui em SPF tinha muito inhambu, entendeu? A gente comia o ovo e o bichinho também. E o ovo deles não era pequeno não, né, Marta? Era assim, ó. Era um ovinho razoável assim. E era azulzinho. Se você quebrasse 3 assim, na tigelinha, dava pra fazer um omelete bem grandão. A gente comia. Só que ele... é igual... alguém tá falando do capim-gordura, ele só fazia ninho no capim-gordura, mas é lá no fundão assim. Pra você achar era difícil. Anu é esse que passou aqui, ó. E ontem eu vi um anu preto. Nunca mais eu vi. O inhambu é marronzinho igual à rolinha, só que eles não têm rabo não. É suruquinho. É nunca mais a gente viu também. Mas era uma graça aquele ovo azul, né? Pegava pra brincar. Mas podia comer se quisesse.

**Olga: Uma vez o meu pai viajou pra Rio Branco e tinha uns caras que roubavam galinhas e o papai deixou uma espingarda com a minha mãe e ela ficou de noite... ela escutava um barulho e enfiava a espingarda naquele buraco da parede. Ficava ali de noite... de noite ali com... aí você não sabe da última, né, Marta? A Duduca disse que, quando veio pra cá, quando a Maria Helena morreu, pra vim pra cá, né, pra ficar com a minha mãe e tudo. Ela foi pro paiol. Tinha muito rato. Aí o papai...**

**Antonio: Ah, esqueci de contar, Júnior. Aí é que foi o negócio do mijo, do xixi do feijão com gosto de xixi de rato. Que era o único saco de feijão que a gente tinha, a gente comeu feijão durante o ano inteiro. (A Nilza diz que era óleo diesel que estava armazenado no paiol tio Rogério) E a mamãe lavava aquilo, botava lá no sol, dentro d'água, né, pra ver saía...Fervia, mas não adiantava. Não saía.**

**Olga: Então, e o papai pediu pra Nilza cuidar do milho. O rato comeu o milho. Ela dormia lá junto com os rato e o milho, né? Aí disse que de manhã ele falava "Também você não cuidou do milho. Falei procê cuidar do rato, você não cuidou." Tadinha da Duduca. "Dormiu a noite inteira."**

**Nilza: Eu ficava quietinha, não respondia não. O paiolzinho era pequeno, ele separou uma parte do milho pra cá e aquela parte lá pra nós dormir. E os bichos enchiam o saco a noite inteira. Ainda bem que foi pouco tempo. Até que era bonitinho aquele lugarzinho. Quem trabalhava eram os ratos.**

**Expedito:** Quando eu ia comer, eu ficava ciscando tudo primeiro. Mas sempre aparecia lá uma bosta de barata ou rato no meio do arroz.

**Olga:** Ai, a parte mais legal é que ele jogava tudo em cima da mesa e no chão e quem limpava eram as mulheres, certo? Mas que aparecia lá uma bosta de barata ou de rato lá no meio, aparecia. De rato era difícil aparecer, Expedito. Barata ainda era pequenininha.

**Antonio:** Mas o de rato era difícil, porque ele derretia no feijão, você nem percebia. Risos. O feijão ficava grossinho.

**Olga:** O arroz então, ele era pior, porque no arroz, por mais que você limpava, ficava aqueles mais pretinhos. E o pior é que o Expedito só comia arroz que tivesse rapa no fundo. Lá tinha até uma panelinha, essa panela eu escondi.

**Olga:** É o Antônio que queria rapa.

**Antonio:** A mamãe me dava rapa.

**Nilza:** Eu não fui criada junto com o Antônio. Eu tô falando do Expedito. O Antônio gostava da rapa do arroz.

**Olga:** Ô, Duduca, você me contou lá no apartamento, que o Antônio gostava de arroz com rapa? Teve até uma festa lá em casa, que a mãe era viva ainda, que a mãe queimou a rapa do arroz lá, de propósito, pra dar para você, Antonio.

**Antonio:** Ela fazia pra mim, pra dar pra mim. E eu comendo a rapa. É, porque ela deixava meio crostado, dava pra comer como se fosse um pedaço de pizza. Virou petisco lá no jogo de dominó.

**Expedito:** Mas eu gostava mesmo era com um pouquinho de feijão.

**Antonio:** E o Expedito é porque ele era enjoado. Então tinha que comer a... É aqui já a fazenda? É, né? Aí, ó. Aqui. Bateu, Expedito? Ó, o Gavião aí, ó.

**Expedito:** Já chegou no Gavião?

**Antonio:** Chegou.

**Nilza: Você lembra Expedito, que você era nojento e só comia abóbora batida, tinha que ser só a casca. Aí a mãe mandava eu bater abóbora pra fazer pra você. E eu, pra fazer pirraça em você... você ficava vigiando. E eu pra fazer pirraça pra você, quando caía, eu enfiava a abóbora aqui no dedo, eu fazia assim com a faca "Mãe, vê essa porca, mãe!"**

**Mas eu fazia de pirraça, porque era nojento demais. Deus me livre.**




**Olga:** Ô, bicho nojento esse Expedito. Risos. "Mãe, olha essa porca, mãe!" E ele ficava vigiando, eu também tinha que fazer as coisas.

**Olga:** Aí, tá tudo verdinho, ó, essas canela de véio. Mas não era melhor pegar o do meio? Ó, esse aqui também é. Sim, tudo isso aqui é. É canela de véio, que é um remédio... que faz um chá que é bom pra artrose. Não pode levar tudo isso? Não tem necessidade de levar tudo isso.

**Olga:** Sim. Foi ali que o Zezito foi buscar a gente.

**Expedito:** E era lá em Visconde que eu fazia doce de leite, ficava na beira daquele tacho. Fazia e colocava naquela gaveta da sala pra vender. Ficava naquela porcaria daquele tacho quente, mexendo pra ele não grudar. Fazia colorido, né? Deus me livre. Colorido. Tinha cor de rosa, tinha... Eu não imaginava que um doce de leite dá tanto trabalho assim.

**Nilza:** Se o papai não fosse muito mudão, caladão, eles não tinham saído de Visconde não, viu? Tinha criado raiz aí. Mas é que o papai mudava muito.

**Olga:** É que o papai esquentava cadeira não, viu? Ele mudava de...

**Antonio:** Mas o fato do Tio Rogério estava aqui iria segurar ele mais tempo sim. Eles se davam bem, né?

E estava o Peruca, todo mundo. Foi a primeira vez que ele acabou morando junto, né, na mesma fazenda...
- Eles se davam muito bem.
- Se dava mesmo. Eles batiam cada papo quando... não é?
- Ah, eles eram muito amigos.

**Nilza:** Aonde que tá isso aí, Antônio, que era a casa da mamãe, a casa branca.

**Antonio:** Aqui?

**Nilza:** É, uma casa branca. Então, quando a gente ia lá na casa da Chica, a gente entrava por dentro ali, ó, pra ir lá.

**Antonio:** Nós estamos perto de onde era a Chica?

**Nilza:** Tamo, é ali do ladinho.

**Antonio:** Vamos dar um pulinho lá.

**Nilza:** A gente ia ver... era um trilho assim, ó, passava lá embaixo.

**Nilza:** É aqui, ó. Eu vou demorar a chegar lá, mas não tem...

**Antonio:** Não tem problema. Vamos lá. O bom é dar um braço pra mim. O Jr. vai filmar. Eu dou o braço pra você.

**Nilza:** Tá, porque ali... é meio difícil pra andar aí também de salto, no meio dessa grama aí.

**Antonio:** Expedito? Ajuda a Duduca aqui. Não, o Júnior vai filmar.

**Antonio:** Deixa, Marta, o Expedito não gosta. Deixa. Pode deixar. Deixa o Expedito lá.
Ele não gostou nem de empurrar a cadeira da Nilza, lá no aeroporto. Risos.
- Ah, o Expedito é assim mesmo.
- Ele não gosta não.
- Eu te ajudo. Vamos deixar o Júnior filmar.

**JR:** O que que era aqui?

**Nilza: Aqui é onde a gente morava. A mamãe morava. Ali era a casa que a mamãe morava, ali onde eles tão, na casa da mamãe. Lá pra lá eram os filhos o tio Rogério.**

**Olga:** Será possível? Que eu tenho uma lembrança de quando o Zezito foi lá buscar a gente. Que o Zezito tinha um lenço e chorava, chorava. Nossa, ele chorou muito. A mamãe chorava e eu era pequena, não sabia nem quem era aquele homem.

**Olga: E aí o Zezito ficou chorando assim, ele falou assim "Que menino caipira, fica tudo olhando pra mim. Que horror, vocês nunca viram gente não?" Deu uma bronca em nós. Eu e o Antônio ficamos assim nele, ó.**

**Olga:** Eu também.

**Olga:** Você também. Lindo igual não sei que e a gente encantado com aquele irmão lindo, rico.
- Mas não era rico, né?
- Não, mas parecia rico.

**Nilza: Não, da mamãe... então, mas a... a casa da mãe era aqui. Ali, Antônio... você saía daqui, Antônio, lá atrás nas pedra. Até tô achando que aquela caixa, era de onde vinha a água... Que a água tá descendo aqui, ó. É, então, era uma pedra... Devia ser uma mina d'água lá.**

**Antonio:** E onde que era que o Tio Rogério ficou? A casa onde ele ficava. Aqui não era do Tio Rogério?

**Nilza:** Não, aqui a mamãe morava aqui. Lá embaixo era a Chica. E eu lá atrás, eu morava lá atrás num

barraco lá atrás. Não vou lá não, Antônio. Não, lá não tem nada. Lá não tem mais nada, só a bica.

**Antonio:** Então, mas e onde ficava o Tio Rogério?

**Nilza:** Então, é na fazenda, mas agora eu não sei onde é a fazenda mais.

**Antonio:** É lá então, aquela casa do... então o Expedito tem razão.
- Doutor Zezé?
- A do tio tá lá então.
- Do Tio Rogério.

**Nilza:** Então ele usava a casa do tal do Doutor Zezé. Isso, exatamente.

**Antonio:** Então a nossa era aqui? Você era mais no fundo. Não é isso?

**Nilza:** Ali onde era a minha casa, o Seu Moacir vinha acompanhar o... ver o negócio dele, pegar o trator, ele entrava lá em casa, pedia uma canequinha pra beber água na bica. Esse Seu Moacir que era administrador da fazenda onde a gente morava. Ele falou pra mim assim "A senhora merece morar numa casa." Ali era rancho de sapé, que a gente morava ali atrás na bica pra pegar água. Mas ele foi embora antes de eu fazer minha casa. E continuei no rancho. Continuei no rancho de sapé. É isso aí.

**Nilza:** E a Célia. O João não teve não, né? Mas aqui na mata foi tosse comprida. Quem tinha tosse lá primeiro, foi só o Zé que pegou. Ninguém pegou. E quando a gente veio pra cá, todo mundo. Aí você entrou na dança também.

**Olga:** É. Da tosse comprida eu não lembro. Eu lembro do sarampo. Foi muito engraçado, a gente tudo dentro da mesma casa né?

**Nilza:** Eu sei que a Célia ficou 5 meses internada na Santa Casa. O João ficou 2 mêses só.

**Nilza: Então, ele ficou só 2 meses. Aí, quando vocês foram embora pro Paraná, Marta, eu ainda estava lá na casa da Santa Silvéria, Rosa Mendes... o João ainda estava na... a Célia... então, a Célia e o João ainda estavam no hospital quando vocês foram embora. Vocês foram embora pro Paraná, a Célia ainda estava na Sta Casa. Quando a Célia saiu de lá, da internação eu já estava morando no barraquinho no tio Zé na Nova Friburgo.**

**Antonio:** Esse lado aqui é onde era a casa da Duduca, atrás das árvores ali. Aqui tinha uma fonte. Eu não me lembro de nada disso.

**Jr:** O que que você lembra?

**Antônio:** Aqui eu lembro só do negócio do trator, que o meu primo fazia à noite, arava esses pedaços aí com o trator. Que mais? Lembro do casamento do Nego, (Em 1959) que tá com mais de 80 anos. Disse que tá vivo ainda lá em São Paulo. Que choveu o dia inteiro do casamento, estragou tudo. Eles tinham feito uma tenda lá fora e tudo. E não me lembro que a casa era aqui não. Que mais? Pouca coisa. Aqui também a gente morou pouco, porque se a gente veio de Rio Branco direto pra cá. A gente, em 63, já estava em São Paulo. Quer dizer, não foi um negócio muito longo não. Acho. Depois a gente vai recapitular essas datas direitinho com a Duduca, mas deve ter sido, no máximo, 1 ano e meio. Aí eu já estava com 8 anos e meio pra 9 e meio e tal. (O Nego faleceu em 2018, um ano após nossa viagem).

**Jr:** Daqui vocês foram pra onde?

**Antonio:** Aí nós fomos pra São Paulo. Aí o Zezito veio...

**Jr:** Como é que foi essa ida, você lembra?

**Antonio: Não. Não lembro nem da saída... lembro que a gente ficou lá na casa da Tia Santa, mas a saída eu num... não tenho... não sei se foi aqui que a minha mãe contou a famosa frase lá que eu ia... um dia eu ia pra São Paulo e que a gente ia... eu ia ajudar todo mundo e não sei o que, ia ficar rico e tal.**

**Não sei se foi nessa não. Se não foi nessa, foi naquela onde a Maria Helena morreu, né, na refinaria. Foi uma dessas duas.**

**Jr:** Quem que veio pegar vocês?

**Antonio: A Olga disse que foi o Zezito. Eu não sei quem que foi não. Não me lembro. Que o Zezito já morava lá. Agora, se foi... não sei também se o papai já tinha ido, né, não sei, depois nós precisamos recapitular isso aí, porque eu... minha impressão é que a gente tivesse... ter ido todo mundo junto, né? Não sabia desse detalhe não. Mas esse descampado aqui eu lembro muito bem, quer dizer, lembro... tenho uma fotografia, né? Ali, a Duduca disse que tinha uma mina d'água, você vê, eles tão a usando, né, pra preservar água. Tudo isso tá batendo. Só as casas que, infelizmente... (Saímos do Gavião em 23/junho de 1963 para São Paulo, o Zezito, o Expedito e o João já estavam em SP).**

**Indo para Raul Soares. Bate papo no carro.**

**Nilza: Eles tinham uma implicação com o Tatão, porque diziam que o Tatão era folgado, que o Tatão não gostava da enxada, mas não era nada. Os 2 trabalhavam com madeira. Faziam tábuas, fazia não sei o que lá, sabe? Aí depois que pegaram o tio pra ser administrador, entendeu, da fazenda. Não foi assim, só chegar.**

**Ele trabalhou muito. Falei pra você que eles passavam lá pra tomar café de manhã?**

**Antonio:** Eu acho que o Expedito já estava em... o Expedito não morou aqui nessa segunda vez, ele já estava em em São Paulo, né? Tanto ele quanto o João.

**Nilza:** É, já estava. É verdade. Não morou não.

**Antonio:** O João também já estava em SP. Quando a gente veio... quando a gente veio... veio todo mundo... veio todo mundo morar em SP, os 3 já estavam em São Paulo, entendeu? Agora, por que que o Zezito que veio nos buscar? Nós fomos todo mundo, com mala e cuia, o papai, mamãe, Olga e tudo?

**Olga:** Veio sim. Mas ele veio buscar, veio num carro.

**Antonio:** Não, não, daqui pra São Paulo, a Olga disse que o Zezito veio nos buscar.

**Olga:** Ele veio, ele apareceu de surpresa aqui.

**Olga: Antônio, ele veio passear. Quando ele chegou e viu a situação nossa, aí ele começou a chorar.**

**Não havia lenço que chegava pro Zezito. E chorava e chorava e chorava e chorava "Vou levar vocês embora."**

**Antonio:** Chorão ele sempre foi, né? Risos.

**Olga:** E levou a gente embora. E falou pra nós assim "Larga tudo essas porcarias aí."

**Nilza: Foi todo mundo. Só ficou eu, porque eu estava morando ali na Estância.**

**Olga:** Aí o que que ele fez? Ele levou a gente até...Jogou lá pra tia "Cuida aí, Tia Santa." Risos.

**Olga: Ele levou até o Rio Branco e nós passamos a noite no Chico Pinto, tomamos banho de chuveiro, que a gente não conhecia.**

**Junior:** Quem que era Chico Pinto Filho?

**Olga:** Era parente do seu pai. (Primo do Izaltino o Chico Pinto pai era irmão do João Ladislau Pinto, pai do Izaltino). - Ah, tá.

**Olga: É, aí eu não lembrava, né? Tinha descarga, a gente não conhecia também. Mó barato. Aí ele levou a gente na quitanda. Tinha uma quitanda bonita no Rio Branco, não chamava Quitanda, mas era quitanda... O Zezito fez tudo isso. Eu tenho certeza. Era uma quitanda...Comprou maçã pra nós. Era quitanda, Antônio, de tomar café, de comer bolo. Comer bolo. Aí a gente entrou... a gente foi lá tomar café.**

**Olga: Só que a gente não podia ver manteiga que a gente vomitava, né? Comemos pão com manteiga, aquela manteiga amarelinha. A gente comia, comia com vergonha. A gente comia pouco pra ele não dar bronca, porque ele era bravo. A gente ficava com medo dele. Aí então a gente comia pouco, ele falava "Come mais aí, menina. Come mais, menina. Pode comer, menina." Mas ele chorou quando ele viu a gente lá. Ô, judiação.**

**Nilza: E aí ele passou e falou pra mim assim... que eu também fiquei chorando, ele queria que eu fosse embora. Ele passou e falou assim "A próxima é você. Eu venho te buscar também, viu?" Não foi, Guinha? lembra?**

**Olga:** É, verdade. Verdade.

**Nilza:** "Eu venho te buscar também." Só que demorou. A gente veio foi corrido de lá, senão eu não tinha vindo não.

**Expedito:** Comigo era o contrário. O Zezito não foi muito amistoso não. Eu cheguei lá em Juiz de Fora, que ele já estava trabalhando num bar lá e eu apareci. Chapéu na cabeça... não era mais caipira porque não tinha espaço. Aí ele falou assim "Mas rapaz, que que você veio fazer aqui?" Deu uma puta duma bronca... ao invés de me abraçar. "Eu falei pra todo mundo que eu não tenho irmão, pô!" Ao invés de me abraçar, poxa vida...

**Expedito:** Eu me senti uma vergonha da família. Um cara feio pra caramba. Risos.

**Olga:** Falou pra você?

**Expedito:** Não, não, mas devia ter pensado. Risos.

**Expedito: A cara cheia de... o caipira falava que a gente tinha a cara cheia de pano, né? Pano, quer dizer, aquelas mancha branca. Mancha de lombriga. Não era pano, Duduca?**

**Nilza: Era. Então, mas chamava pano mesmo, mas era por causa de... porque tinha lombriga. Por causa da lombriga.**

**Expedito:** Mas, rapaz, o Zezito me detonou. Aí ele me arrumou um emprego num hotel e eu fui trabalhar de ajudante de cozinha e o cozinheiro me zoava pra caramba, porque a ideia era eu ficar escondido na cozinha, não pôr as cara nem na boqueta.
- Por quê?

**Expedito:** Porque eu era muito feio. Risos,

**Antonio:** Mesmo assim, ele conseguiu um monte de namorada.

**Expedito:** Esses cozinheiros já gostam de tirar onda, né? Ainda pega um coitado que nem eu, mas me zoava pra caramba. O Zezito morria de vergonha de mim. Ele era bonitão pra caramba.

**Olga: Ó, vou te contar uma coisa, viu? Não sei. Nunca mais acho que eu vou fazer uma viagem tão divertida na vida. Eu vou ficar rindo 1 mês em casa.**

**Nilza:** Então, aí ele via a gente passar barro branco no fogão, ele falava assim "Mas vocês são besta também, ao invés de limpar as coisas, vocês sujam."

**Olga: Então, mas aí não foi só isso não. Aí ele levou a gente pra Tia Santa. Aí ele deixou a gente por conta da Tia Santa lá, nem dinheiro dava, coitado, né? Aí a gente ficava lá, passando necessidade, embora ela tivesse feito tudo o que podia, lá na Tia Santa. Caldeirão de sopa, coitada, que ela fazia. Ela não dava conta, né? E comprava...**

**Antonio:** Eles não podiam também, né?

**Expedito:** E sardinha? A gente comia sardinha adoidado.

**Olga:** Comprava filão de pão lá no Seu Miguel, mas era pro Zezito pagar. E o Zezito demorava pra pagar.

E aquele filão de pão tinha que dar pra todo mundo. Mas era um filão, ele era bem grande. Eu dormia junto com a prima Olga e eu fazia xixi na cama.

**Nilza:** Ainda fazia xixi? Naquela idade?

**Olga:** Fazia. E a Olga ficava brava, coitadinha. Eu dormia junto com ela. Nós abusamos da Tia Santa.

**Olga:** Aí que que acontece? Aí nós ficamos lá. E o Zezito falava assim... que a gente não tinha roupa, né?

O Expedito tinha crédito na Pirani, aí o Zezito falou "Eu vou levar a Olga lá pra comprar umas roupa pra Olga." Só que teve que ir a pé comigo, né, porque entrava no ônibus, começava a vomitar. Ele falou "Então vamos a pé." Aí desci... Ah, lembro, lembro, lembro. Então, aí eu vomitava muito e a gente descia e andava.

**Antonio:** O Expedito foi meu fiador lá na Pirani.

**Expedito:** Eu comprei uma blusa lá, paguei uma nota preta. O Antônio deixou uns golpistas levar embora.

**Antonio:** Do bilhete... como é que chama? Bilhete premiado. Depois eu te dei uma blusa bem melhor, hein?

**Olga:** Então, mas aí o Antônio comprou uma roupa tão bonitinha pra mim, lá na Pirani e eu vim embora toda feliz.

**Antonio:** Ah, é. O Expedito foi meu fiador lá na Pirani. Antes, pra fazer essas coisa, tinha que ter fiador, né? Eu fui lá, peguei a carteira dele, imitei a assinatura, e entreguei pro vendedor e falei "Ó, esse é meu fiador." "Ah, pois não, tá bom."

**Expedito:** E a gente ficava o dia inteiro lá pro crédito ser aprovado. O dia inteiro precisava. Era um porre, né?

Mas ali na casa do Tio Zé Pinto, eu tinha uma fulana, a gente... aí ela estava lá no quarto do Miguel, né, numa determinada hora da noite e a filha da puta... eu estava lá jogando dominó e tal e ela lá na esquina "Fala pro Expedito que eu tô aqui e não sei que." E a coitada ficou lá, ficou, ficou, ficou, até eu vim embora, que eu morava ali na casa do Tio Zé Pinto. Quando eu passei por ela, meu, ela veio pra cima de mim "Ah, ah, não sei o que..." "Vai pegar ou não vai pegar?" "Não sei que, não sei que, vem aqui." E eu saí em disparada.

Eu saí em disparada, quando cheguei na entrada da casa do Tio Zé, tinha um portão que eu tinha dificuldade pra abrir assim, tão rápido, né, ela encostou a faca em mim assim... Ô... "Não, não, não, não. Você vai lá pra minha casa na marra." Aí levou eu pra lá, pra casa dela, jogou a chave da casa lá na puta que pariu...

**Expedito:** Que era pra mim não fugir. E botou a faca na boca e "Vamos lá, agora eu quero ver." Colocou a faca debaixo do travesseiro e a chave da porta lá na puta que pariu pra mim não sair.

**Antonio:** E levantou assim mesmo Expedito? Então você era macho mesmo.

**Expedito:** Eu era jovem, pô.

Vai pôr esse negócio no livro não, né? Aí eu falei pra ela "Não, mulher, você precisa me liberar, eu preciso trabalhar, pô." A filha da puta só liberou de manhã, eu trabalhava na Estrela, pra mim poder ir trabalhar. A partir daí também, eu nunca mais vi aquela filha da puta.

**Expedito:** Uma vez levei no cinema, um desses parentes, que eu não lembro quem é agora. Um desses 4 aí.

Aí chegou lá, começou aquele tal de trailer, né? Aí passava lá alguma coisa do Exército lá, tal. Aí, quando começou o filme, apareceu o Tonico & Tinoco montado num cavalo. Aí ele falou assim "Ó, os cavalo aí de novo." E sempre me cutucando. Tudo que ele ia falar, ele me cutucava. Não, mas essa história do cavalo, né? E não tem nada a ver os cavalo do Exército lá, que apareceu antes, com Tonico & Tinoco. "Ó, os cavalos aí de novo." Tá bom. Aí teve uma hora lá que o Tonico & Tinoco ficava mostrando aquele drama todo de como que é o começo, né? Aí o Tonico & Tinoco ficou esperando pra ser atendido lá, pra fazer a gravação e tinha um relógio na parede.

**Olga:** Ah, foi o Tuta. Foi. Do relógio? Foi o Tuta.

**Expedito: Terminou o filme, saímos aí eu falei assim "Ih, caramba, queria saber que horas e não trouxe o relógio." "Mas você não viu lá na parede?"**

**Expedito:** Você não viu o relógio lá na parede? Ele estava marcando não sei que hora lá e tal. (Risos)

**Olga: Passando no morro redondo. Aí, Marta, dá tchau pra sua casa onde você nasceu, ainda hoje vamos para Visconde de volta.**

**Antonio:** E era aí a casa com certeza, pessoal, não tenho dúvida nenhuma.

**Expedito:** Peraí, então nós já passamos o véinho que nós vimos na ida?

**Antonio: Ó, Expedito, você viu como a lagoa da pirraça onde você nadava, já tá... como ela encolheu e tá encolhendo mais ainda, ó, tem uma crosta ali, ó, e já é o fundo dela ali, viu?**

**Expedito: É, então, eu lembro que tinha uma passagem por aqui, paralela. Olhando assim o... e imaginar que eu fiz essa loucura. Você tá doido, rapaz? Dá até medo.**

**Antonio:** O João fez ou não?

**Expedito:** Sim, era eu e o João. Nos 2 nadávamos nessa lagoa.

**Antonio:** Vamos parar aqui. Põe a camisa pro Jr. te filmar aí que o você vai aparecer na televisão. Risos.

**Expedito:** Dá até medo de ver um negócio desses.

**Jr:** Qual foi a loucura que você fez?

**Expedito: Atravessei ela nadando junto com o meu irmão, o João. Nós fomos e voltamos nadando. Só de brincadeira. Só pra se exibir pros outros, que já tinha outros cara nadando também lá e a gente queria mostrar que a gente era melhor ... eu sempre tive essa mania de achar que tinha que, por exemplo, alguns desafios, né, que eu gostaria de quebrar e um deles foi esse negócio de atravessar essa lagoa aí nadando. Você tá conseguindo filmar ela?**




**Expedito:** Pra mim ter a certeza que aquela casa era a nossa, onde a Marta nasceu, bastava a gente tentar passar por aqui e voltar.

**Antonio:** Entendi. Então você vinha lá pela beirada do morro, né? Parece que aquele finalzinho dela lá tem até algum tipo de atividade ali, não é? Que não tá tão matagal.

**Expedito:** Não. Deve ter outro acesso por ali. Então, mas...

**Antonio:** Não, tanto tem outro acesso, por que tá vendo? Lá no fundo tem umas plantações verdes lá?

**Expedito:** Então, por isso que eu tô te falando. Ali deve ter alguém fazendo alguma coisa ali.

**Antonio:** É. Vambora pra Raul Soares.

### 29/09/2017 - Visitando Raul Soares as 16hs:

**Jr:** É igreja. Que igreja que é essa aqui?

**Antonio:** Entra aqui, ô, Duduca. Tem uma entrada ali, ó.

**Nilza:** Igreja Nossa Senhora de Fátima.

**Antonio:** Não vou entrar não. Eu quero ir lá ver a estação.

**Nilza:** A gente saiu de casa 5 hs da manhã para vir nessa igreja batizar a Marli, nós chegamos de volta às 5 hora de tarde. Amarrei a toalha no pescoço e pendurei ela e vim.

**Jr:** Que dia que foi batizada a Marli? Que ano que foi?

**Nilza:** Foi em 1964 quando ela nasceu. Ela tinha 6 meses quando a Olga e o Expedito vieram de SP e batizaram ela aqui nessa igreja.

**Expedito:** Então, eu tô tentando lembrar quanto tempo faz.

**Jr:** Aí, logo em seguida, você foi embora.

**Nilza:** É. Então, foi... isso, quando eu foi embora, ela tinha 9 meses. Pra Visconde em janeiro de 1965. Eu te falei. Em agosto de 1965 é que fui pra SP.

**Jr:** A igreja aqui então, qual que é?




**Nilza:** Então, no tempo da gente, era Nossa Senhora de Fátima, mas eu tô vendo outro santo ali, mas eu acho que esse aí tem que ter mesmo, né? Quando ela foi batizada, em 64, era Nossa Senhora de Fátima, mas ali tem uma Nossa Senhora. Não sei se é aquela. Eu acho que é aquela ali. Não sei.

**Jr:** E quem que foi batizada aqui?

**Nilza:** Quem batizou? A minha filha, a Marlí?

**Jr:** Como é que foi o batizado?

**Nilza:** Foi o Expedito e a Olga e alguém mais que não lembro. Eles moravam em São Paulo e eu morava pra cá. Aí ele pegou... a gente... eu quis dar pra eles serem padrinhos, eles vieram batizar ela, entendeu? Ela tinha 6 meses quando foi batizada. (A Marlí nasceu em 16/5, portanto o batismo foi em novembro de 64).

**Jr:** E você morava onde?

**Nilza:** Lá na Estância, que nós estávamos falando lá da Estância, a gente morava lá.

**Jr:** E como é que vocês vieram?




**Nilza:** Eu não vim, foi só eles. Vieram de charrete.

**Jr:** Ah, você não veio?

**Nilza:** Não, não. Eu fiquei fazendo as comidas da festa. Eles vieram de charrete e daqui o... eles já aproveitaram, a estação tá ali, eles se aproveitaram, pegaram o trem e foram embora pra SP. Nem voltaram pra fazenda para a festa, sabe? O almoço. Já foram embora. O Expedito ia trabalhar.

**JR:** Mas aqui, Raul Soares, você vinha pra cá sempre?

**Nilza: Não, não, não. A gente passou aqui... eles vieram, não deu tempo de tirar foto da menina. Aí, no domingo depois, eu voltei pra tirar foto dela, entendeu? Pra mandar pra minha mãe ver. Aí a gente veio, igual eu te falei, a gente saiu de madrugada de casa e chegamos de noite também em casa. Daí eu e o pai dela o Tuta e então nunca mais eu vim nessa igreja. Só passei quando a gente foi embora em 1965.**

**Jr:** Veio a pé com ela?

**Nilza: A pé. Ida e volta. Ela tinha 6 meses a gente colocava assim, uma toalha assim, né? Punha assim. Eu não aguentava carregar. Ela era gordinha. Foi assim. Então parava, andava, andava, parava no morro, seguia de novo. E quando a gente veio embora de novo lá pra Visconde em Janeiro/Fevereiro de 1965, fomos de trem. Ai quando fomos pra SP em agosto de 1965, pegamos o trem em Visconde até Juiz de Fora e de Juiz de Fora a gente pegou o ônibus pra ir pra São Paulo. Foi assim. Ficamos uns 7/8 meses em Visconde, na casa do meu sogro.**

**Jr:** Pegaram o trem naquela estação ali pra Visconde?

**Nilza:** É, é aquela estação ali. É, Estação Raul Soares.

**29/09/2017 – Final do dia. Após descanso na Pousada, saímos de São Pedro dos Ferros para Visconde.**

**Bate papo já no carro, falando sobre os motivos da foiçada da Minervina no seu Vicente.**

**Olga:** Aí o papai falou "Seu filho duma mãe..." Né? Seu filho duma puta, sei lá. Não. Puta, ele não falou isso. Aí o pai dele foi lá e foi tirar satisfação "Você xingou meu filho..."

**Antonio:** Eu não sabia que era por causa disso, aliás, é engraçado, eu nunca perguntei por que que era.

**Olga:** Foi por causa disso "Você xingou meu filho..." Não sei o que. Aí ele virou pro meu pai e falou "Xinguei mesmo, porque ele jogou pedra e acertou na minha filha." Aí começaram a discutir e não sei o que, ele catou o papai.

**Antonio:** Eu não sabia que era por causa da pedra. Eu fixei tanto na história, mas não sabia o motivo....

**Olga:** Não, foi. Ele jogou pedra e acertou na Maria Helena.

**Jr:** Essa foi a história da foiçada?

**Olga:** Que a mãe deu uma foiçada nele?

**Antonio:** Eu não sabia não. Não sabia. Pensei que fosse... aliás, nunca perguntei por que que brigaram.

**Marta:** Também não sabia não. Meu pai não falou filho da puta, ele falou "Seu..." Ah, ele deve ter falado filho da mãe. Papai não era muito de xingar, né? Seu ordinário, sabe assim, seu ordinário. Algo assim. O homem se ofendeu. Nossa mãe. Claro, mexeu com o filho.

**Olga:** Chamava... como que era, Duduca? É... Vicente, né?

**Nilza:** Era Vicente dos Santos.

**Olga:** Depois desse dia, né, Marta, sumiu, nem passava mais lá em cima. Ele passava lá com um curativo desse tamanho na orelha.

**Marta:** E o moleque parou de jogar pedra na casa dos outros?

**Olga:** Parou. Passava murchinho lá. Moleque safado. Não era moleque não, era um rapaz já, viu? Mas ele era doente, Marta. Ele era retardadinho, chamado de gente boba, sabe, moleque bobo?

**Antonio:** Então, esse moleque, ele azucrinou a gente. E ele perturbava eu e a Olga sempre. Direto. Direto ele provocava. Ele ficava no meio do matinho ali com os amigos dele e ficava "Fiu, fiu. Fiu, fiu." É. Enchendo o saco. Foi uma machadada bem dada.
- Uma foiçada.
- Essa foi uma foiçada bem dada mesmo.

**Antonio:** Vai vomitar, Expedito? Risos.

**Expedito:** Não, não. Eu que encostei aqui sem querer. Então, mas eu... eu só tenho que...

**Antonio:** Alguém pegou o saquinho pra ele? Risos.

**Expedito:** Não, não, eu não vou vomitar não. Por enquanto (Risos) eu tomei o remédio lá, acho que não vai dar mais nada. Mas você vê como é que pode acontecer uma desgraça assim, rapidinho? Por que esses caras são muito ignorantes né?

**Olga:** O Fiote do Tatão deve ter o que? Uns 70 anos já também? Nunca mais ouvi falar do Fiote. E o filho dele morreu, Antônio, há pouco tempo aí. Ele só tinha um casal, né? O filho morreu. O Rogério. (O Fiote, filho do Tatão, nasceu em 1953, nas Cordeiras em Visconde. Tinha 64 anos em 2017).

**Nilza:** O Zezito que fazia muito essas coisinhas. Como carrinho com carretel. A mãe matava **galo, tirava a espora do galo. Ele aproveitava. Aí, quando a mamãe fazia abóbora batida, pegava o miolo da abóbora, fazia uns pezinho de bambu e o chifrinho era do...era do galo. Da espora do galo. Aí, quando aquele miolo apodrecia, ficava esquisito, né? Jogava fora, guardava a espora. Guardava a esporinha lá. Ficava difícil aqui o negócio. É, não tinha nada pra brincar, né? Não tinha brinquedo, não tinha... chegava da roça, todo mundo cansado pra caramba. E as meninas iam brincar de casinha, era caco de telha. Pegava os cacos de telha, quebrava, aí entrava debaixo da mesa e fazia assim.**

**Expedito: Lá em Rio Branco, eu peguei uma vez um aro de ferro, que eu não sei pra que que era aquele troço ali, era um aro de ferro mais ou menos pequeno. Aí eu fiz um negócio assim, pedaços não sei do que lá e perdi a roda dele, né? E eu ficava empurrando aquele troço, né? Aquilo ali pra... eu podia ir em qualquer lugar...A gente pegava uma madeirinha e ia fazendo, né, ia empurrando o aro com um pedacinho de madeira. Ia empurrando você lembra disso aí? Eu podia ir em qualquer lugar, desde que eu fosse com aquele troço, empurrando-o.**

**Antonio: Era uma mania no interior, a a gente fazia isso. Era um aro. Era como se fosse um aro de bicicleta que você tinha um pedacinho de pau e você ia girando ele com a madeirinha e ele ia embora, pra não deixar cair. E ia empurrando atrás. É que a gente não via distância quando estava andando com aquele troço. Quanto mais você andava...Era divertido. A disputa era... disputa não, o desafio era você ir fazendo e ele não cair. Então quanto mais você... passava nas pedrinhas, não sei que e você...**

**Olga:** Por isso que existe os inventores, né, Antônio?

**Expedito:** Então você batia o pauzinho com mais velocidade, ele passava.

**Olga:** Né, Júnior? Por isso que existe os inventores aí da lâmpada, do avião, né?

**Expedito:** Aí, quando chegava na descida, tinha que desistir, né, não podia continuar. É, que aí o bicho saía em disparada. Aí a gente pegava ele com a mão e descia. Aí ele disparava. Ou soltava ele e pegava lá embaixo, mas aí não valia a disputa. Ali era ponto neutro.

**Expedito: Ali no Rio Branco, a gente pegava aquelas folhas de coqueiro e também tinha aquele pasto perto da Tia Niguita ali. A gente pegava, deitava naquela folha de coqueiro e vupt, vinha que nem uma bala, né? Quanto mais... Né, porque tinha aquele capim, né, o bicho escorregava. É, então, mas ficava liso, meu. A gente ficava tudo desajeitado ali dentro, porque era muito rápido, né?**

**Nilza:** Era a capa do coqueiro, né?

**Expedito:** Era a capa. Exato. A capa do coqueiro. Só que ela era grande, cabia realmente uma criança. E às vezes, de repente, não dava nem tempo, que vinha numa velocidade, você ficava pelo meio do caminho.

**Olga:** Tinha um monte de mulheres, as Cordeiras, Tia Chiquinha e várias irmãs, Os Cordeiro gostavam de nós, Duduca?

**Nilza:** Gostava sim, tinha uma que era sua madrinha. É, te chamava de Orguita.

**Expedito:** Elas gostavam muito de mim também, assim com todo mundo gosta de criança, né?

**Nilza:** Maria Arcena, viu, Guinha? Maria Arcena.

**Olga:** Como é que ela chamava?

**Nilza:** Arcena. É nome de antigamente.

**Olga:** Eles tinham um sotaque tão engraçado, né, Duduca? O jeito de...

**Antonio:** São espanhóis, né, provavelmente?

**Olga:** E é tudo solteirona, Duduca, elas?
- Tudo.
- Cordeiro é espanhol.

**Nilza:** Quem casou foi só a titia e a Alissa, que era do...

**Antonio:** Eles eram espanhóis, por isso que tinha um sotaque que, pra gente... porque Cordeiro é espanhol. E o cara, que era o único irmão, né, que estava no meio... Era só um, um Cordeiro.

**Expedito:** E ele tinha uns pezão dele tudo zoado.

**Olga:** Também não se casou, o João Cordeiro. Ninguém se casou naquela casa.

**Expedito:** Ele tinha... o pé dele todo zoado, o pé dele era cheio desses calo, sabe? Ou joanina, sei lá que diabo que era. Todo mundo começava a gaguejar. Era pé torto, né? Joanete. Ele tinha o pé tudo zoado, meu.

Ele sofria pra caramba com aquele troço, que doía pra caramba. Vai ver que era artrose. Só sei que às vezes ele pegava uma gilete e cortava. Ele tinha uns problema no pé meio esquisito.

**Chegamos em Visconde bem à noite.**

**Foi uma viagem muito importante para nós. Resgatamos um período importante de todos nos. Agora vamos dormir e amanhã visitar outras partes de Visconde que não deu tempo para ir, na segunda, terça e quarta, quando chegamos. Amanhã, sábado, 30/09/17 faremos isso.**

## 30.09.17 – Estamos em Visconde de novo

**Chegamos de São Pedro dos Ferros ontem 29/09/17 e hoje, 30.09.2017, pela manhã começamos as visitas. Nesse dia resolvemos pedir para o Tãozico ir conosco aos locais. Passamos na Vaninha e fomos ver onde era a Escola que meus irmãos estudaram, seguindo mais adiante fomos até a Gameleira e mais acima, onde a Olga nasceu. E depois retornamos aonde tínhamos ido no início da semana. Nas Cordeiras, na Fazenda do Raimundo Iel, na Camelinha, casa do Sebastião Ferraz e a do Francisco Ferraz. Passamos na Vaninha e fomos pra casa da Tia Carminha. Tudo no Clemente do meio.**



**Marido da Vaninha:** É isso aí. Oi, meu fio, tudo bom? Ô, meu fio, tudo beleza?

**Antonio:** Você não conhece a Nilza? Risos.

**Marido da Vaninha:** Conheço e muito. Risos.

**Nilza:** Tá com a cabeça boa ainda, viu? A Vaninha tá dormindo ainda?

**Marido:** Tá, ela ainda tá deitada.

**Antonio:** Então deixa. Depois a gente passa. Na volta, a gente passa. Quando a gente for dar umas voltas, a gente passa aqui.

**Antonio:** Sabe o apelido do Expedito? Risos.

**Marido:** Não, não pode falar não, uai.

**Antonio:** Não era cabeça de repolho?

**Marido:** Era cabeça de repolho? Como é que era? Eu não lembro direito.

**Antonio:** Manga espada.

**Marido:** Ah, não sei. Nós era parceiro, né, Expedito? Ô, gente, vamos apear. A muié tá deitada, mas nós bate um papo, uai, aqui mesmo.

**Antonio:** Não, a gente vai ver os outros lugares, depois... na volta, a gente passa aí.

**Antonio:** Ah, lá, mineiro não entrega o outro não, mineiro é parceiro. Não pode contar. Não falou o apelido do Expedito. Risos.

**Antonio:** Não, mas é mesmo, uai. Quando gosta, gosta mesmo. Que figura. E ele deve saber de cada coisa do Expedito. Melhor não mexer não.

**Indo para onde era a Escola:** (Do Clemente ou dos Ferreira).

**Tãozico:** A gente vinha por baixo. Apanhar café. Ou subia lá e atravessava por dentro da mata e subia lá.

**Nilza:** Ô, Tãozico? Tô mentindo Terta? É mais ou menos assim, né, Tonzico? Risos.

**Nilza:** É verdade. Pior que tinha umas escadinhas de barranco assim, aquelas escadinhas, né, assim, aqueles barrancões assim, não caía, não fazia nada.




**Expedito:** É uma coisa curiosa, né? Vamos supor, você fica lá 20 anos sem vir aqui e você que tá aqui direto, a gente chega, vê um monte de transformação, você consegue acompanhar também aqui, dia a dia, a transformação, da mesma coisa?

**Tãozico:** Não, mas...

**Tãozico:** Aqui, Expedito, é que a gente entrava, ó, pra ir pra escola. Só que nós vamos dar a volta por baixo pra nós passarmos onde que era a escola. Pra ver onde ela mudou a escola de lugar, porque ali agora eu não sei se tem passagem.

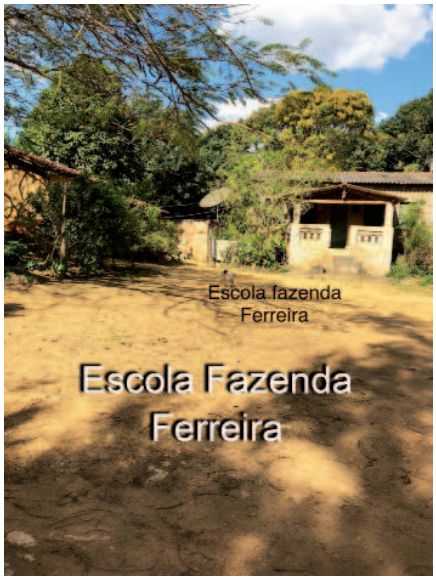
**Nilza:** Ô, Tonzico era a escola lá no Simplício, não era?
- É.
- Então, pois é.
- Aqui que era o Simplício? Ah, quer dizer que aqui já é onde a gente estudava?
- É. É, uai. É o caminho da escola.

**Tãozico:** Aí, ô... agora, ô... é a mata que não deixa, mas a Cotia, é lá, ó. Vai andando devagarzinho. Depois desde mato, se a gente... se tem um lugar que a gente vê lá em cima, na Grota. Ah, lá, a cabeceira da Cotia lá, ó, Expedito, ó. (Cotia era uma Fazenda onde meu pai trabalhou e vários outros parentes.)
- É, rapaz, é mesmo.
- Aquela muretinha ali não tem a ver com a escola?
- Fala, Tonzico, que você tem vozeirão.
- Saiu de lá, do outro lado do rio e veio pra essa área daqui.

**Jr:** O que que veio pra cá?
- A escola da Ivone. A Dona Ivone. Ivone de Melo.

**Jr:** E quem que estudava aí, Tonzico? Vamos completar.
- Quem estudava... a primaiada toda uai.

**Nilza:** Estudava era o Zizinho, Lurdinha, Tonzico, Tuninho e eu, que a minha professora era minha madrinha, não me ensinava direito. Ela tinha dó de mim.
- O João.
- Você era afilhada da Ivone Nilza?




**Nilza:** Eu era. Fui afilhada dela de... assim, de batizado e afilhada de casamento. Aí eu não gostava de matemática, ela não me apertava não, porque era minha madrinha. Eu achei era bom. Aí eu me ferrei, né, até hoje, né? Madrinha Ivone.
- E o folgadão ficava lá no cavalo, não descia não?
- Ah, às vezes não descia não, ficava no cavalo.
- E os alunos tinham que ficar tudo quietinho na hora que ele chegava.

**Expedito: E era ruim aquela mulher, hein? Aquela mulher, ela colocava você num quarto escuro até em cima de milho. Você tinha que ficar ajoelhado. E aquelas reguada que ela te dava na tua mão? Deus que me livre. Aquela mulher era sangue ruim. Ivone. Que Deus a tenha. E eu tinha pavor desse negócio de escuridão, rapaz. E ela me jogava no quarto escuro como castigo.**

**Antonio:** Eu fazia arapuca também pra... ficava lá atrás da moita esperando a danadinha entrar.
- Como que era a arapuca?
**- Você põe o milho... Parece uma armadilha, né? É uma engenhoca danada. Você faz a arapuca de bambu, né, uma gaiolinha, aí você deixa ela abertinha com uma escora de cada lado, mas bem frágil. E perto do milho tem um negocinho que, quando a rolinha/ou passarinho pisa, desarma. O coisa... e cai no chão e ela fica presa. Aí você corre lá. É bem...Ela tem que tropeçar naquele negócio. Quando ele não tropeça... tinha muitos que ia lá, comia todo o milho e ia embora.**
- Aqui tinha uma venda que era do pai da Ivone.
- Seu Zé de Melo, né Tonzico?
- Zé de Melo que era administrador também lá da... Esse Zé de Melo, ele tinha sido administrador lá do colégio.

**Tãozico:** E a escola era aqui, ó. Na frente ali, ó. Mas agora não tem mais nada, né? Ainda tem umas casinha ali na frente.
- Tem mais nada.
- Era perto dessas casinhas?

**Tãozico:** Era. Aí, mas as estruturas continuam. Aquela casa véia ali, ainda é resto daquele tempo. É, resto daquele tempo. Só que a escola era um pouquinho na frente aqui assim, ó.
- Depois desse barraquinho aqui, né?
- Vai lá, Expedito, tira uma foto.

**Tãozico:** Aqui era um engenho, cara. Isso aqui era um engenho de cana de açúcar... de rapadura. Fazia rapadura aí. José Simplício.
- Então, mas essa aí não é a primeira escola, que você tá falando?
- Outro nome também que a mamãe falava, José Simplício.
- É, essa é a... pois é, a primeira.
- É bem ali onde tá aquele cômodo ali.

**Expedito: A gente vinha por aqui. Aí trazia umas batatas assadas pra comer, passava no engenho pra tomar caldo de cana, tudo essas coisa a gente fazia naquela época, né?**

**Jr:** No caminho pra escola?




**Expedito:** No caminho pra escola, de lá de onde nós saímos agora até aqui e sobre uma trilha que vinha aqui, porque essa estrada não existia naquele tempo.

Então a gente vinha por aqui, por baixo, todo dia, pra estudar aqui.

**Jr:** Quantos anos você tinha nessa época?

**Expedito: Ah, na faixa de 7, 8 anos, por aí, né? Molequinho. Se não me engano, acho que era 7, 8 anos, até uns 9, 10, por aí eu acho. Não passava disso.**

**Jr:** O que que vocês faziam no caminho da escola?

**Expedito: Ah, a gente parava nuns lugares pra tomar garapa, né, pegar aquele melado de cana, né? Essas coisas de criança, né, de molecada. Eu lembro que a gente trazia as batatas assadas pra comer aqui, né?**

**Tãozico:** Nossa merenda era batata, banana, né, Expedito?

**Expedito:** Batata assada, não tinha outra coisa.

**Tãozico:** E aí nós... você lembra que a gente, na hora de ir embora, nós saíamos correndo na frente pra dar um mergulho num poço lá perto né?

**Expedito:** É. E aquele cara que andava conosco, que o filho da puta ficava comendo merda no caminho? Você lembra daquele doidão?

- Não, não lembro não, cara.




**Expedito:** Ele pegava aquela bosta de boi e ficava mordendo. Pô, eu pensei que você ia lembrar isso aí.

- Não, dessa daí eu não lembro. Não tô lembrando dessa aí não.
- Mas era uma turma grande que vinha estudar, né?
- É, muita gente.
- E a gente fazia isto com a maior naturalidade, né?
- Né? Com a maior naturalidade.

**Tãozico:** Um dia, chegou um cara e falou pra mim assim... um médico falou pra mim "Eu vou te dar isso aqui procê aposentar, porque você tá com essa coluna desse jeito porque você não teve condições, mas daqui 20 anos, se eu ainda tiver vivo, eu não dou um atestado desse que eu tô dando, desses agora não, porque você não teve condições. Agora, hoje não, hoje você tem comida, tem ônibus, tem roupa, tem..."

**Jr:** E aqui como é que era a aula assim, vocês chegavam... vocês estudavam na mesma sala?

**Tãozico: Era uma sala só. Era todo mundo... era o primeiro, o segundo, o terceiro ano. É tudo embolado. Era uma classe só, entendeu? E ali... por isso que tinha muita gente que desenvolvia e outros não, porque aquela pessoa que ela tinha mais dedicação por ela, ela ia passando de ano, né, e aqueles que...**

**Expedito:** E o gozado, Júnior, é que ainda era naquele negócio do tinteiro, com a pena de... com uma pena, você molhava lá no tinteiro e ia escrever com a pena.

- Aquela pena de bico, né?
- Com uma pena de bico. Não era uma pena de animais, de aves, né, que...
- É, não era... era uma pena... era uma... assim, tipo, uma latinha, né?
- Isso. Uma latinha.
- Um biquinho aberto assim, ó. Lembra?

**Expedito: Isso, porque antes existia a pena de ave, por exemplo, que escrevia, né? No nosso tempo, já tinha aquela pena de latão, mas tinha que molhar no tinteiro.**

**Tãozico:** É, enfiava ela num pedaço de pau parece, assim, num era um pau, mas... era um pedaço de pau pintado, né, pra servir de... [?]... sempre ali.
- Você ficava sempre molhando ela no tintor e escrevendo. Uma linha, duas linha, tinha que voltar lá e...

**Expedito: E pra mim era tão ruim, porque eu era... eu sou esquerdo e a mão ia passando por cima. Quem era direito vai escrevendo e tal, né? Era complicado. E eu era o contrário, pra mim, tinha que escrever com a mão de pé, senão isso aqui borrava tudo a tinta do papel. Era um sufoco pra quem era esquerdo.**

**Jr:** E quem que era a professora?
- Ivone de Melo. A Dona Ivone.
- Ah, é essa?

**Jr:** Essa que vocês falaram dos castigos, essas coisas?

**Tãozico: É. Ela chegou um dia lá na nossa casa, num domingo, a gente já estava morando lá há muitos anos, né, que a gente já morava lá, ela chegou num domingo lá, foi almoçar conosco. Aí a minha mãe arrumou a mesa pro almoço lá no domingo e tal, aí ela... ela chegou viu a comida, a gente fez a oração, aí ela abaixou a cabeça assim, ó "Nunca vi uma coisa desses, eu sendo uma professora, nunca almocei com a minha família igual vocês tão almoçando aqui."**

**Expedito:** A gente apanhava dela, tinha muito castigo violento, mas a gente gostava dela demais, né, meu?
- Ela batia. Mas o negócio... ela era brava, mas ela educava, né?
- Ela ensinava mesmo.

**Expedito:** Você lembra que depois que a gente parou de estudar aqui, a gente encontrava com ela lá na praça de Rio Branco?

**Tãozico:** Era Dona Ivone. Ela morou na cidade muitos anos, ela sempre ia lá na nossa casa depois...
- Ela era bonita. Dona Ivone era muito bonita.
- E onde que era mais ou menos a escola?
- Vamos entrar lá.
- Mas tem gente aí, não tem?

**Expedito:** Então é assim, aquele barraco ali já existia e a escola ali.

**Tãozico:** A gente vinha, de criança, estudar. Bom, eu tenho mais ou menos uma lembrança disso aqui, né?

**Expedito: Lá onde o meu pai morava, na Gameleira, antes da gente mudar pra lá, perto de vocês. Ali vai bater forte, viu? Porque ali foi o lugar que a minha mãe mais sofreu na mão do meu pai. Onde morreu a minha irmã Marlene.**

**Tãozico:** O problema do seu pai era aquele ciúme que ele tinha.

**Expedito: Agora, a gente estava sempre falando sobre isso e o Antônio matou a charada, a gente fala "Ah, esse cara é um besta, com essa ciumeira besta..." Então a gente ficava... até agora, a gente ficava imaginando, é uma ciumeira besta, mas não. Isso aí é uma doença. Ciúme é coisa séria e precisa ser tratado. Em 1940/1950 nesse meio de mato devia ser muito mais complicado.**

- A escola é tudo isso aqui, ó.

**Tãozico: Colocava aqui uns 40 alunos aqui dentro, embolado aí nos banquinho, sentado aí e ela falava o que tinha que falar pra nós. Todo mundo caladinho.**
- Que coisa, né? É. E aqui a gente ficava chutando bola na hora do recreio.

**Expedito:** Na hora do recreio, jogando bola é aqui. Depois da merenda. Não, ainda tinha o negócio de cantar o hino nacional também, né?
- É, a meninada tinha que aprender a cantar o hino nacional, né?
- A sala era aqui então, mais ou menos?

**Tãozico:** Ô companheiro, os meninos, podem bater uma foto?. Aquelas lembrança do tempo que eles estudaram aqui, sabe?

**Nilza:** Eu sei quem que é. Era um homem preto, né?
- É. Ali na frente era os...
- Tinha as meninas pretinhas.
- Quando ia na cidade, cada uma com um guarda-chuva pendurado.
- Todos os pretinhos com um guarda-chuva.

**Nilza:** O pai ia na frente e a filharada ia atrás. Ai, meu Deus do Céu. Mas eu vou lembrar o nome, depois eu falo pra vocês.

**Nilza: Pois é, não me lembro se era o que do Bastião Simplício. Então eu não sei se era a filha do Bastião Simplício ou se é neta do Bastião Simplício. O Bastião Simplício era aqui, ó. Aquela moça que foi abrir a igreja pra gente lá no Cruzeiro, ela falou que era parente desses Simplício.**
- Esse Simplício também, a minha mãe falava.
- Aí eu não escutei ela falar se era... eu acho que é neta, né?
- Tá bem preservada as casas aqui, né?

**Nilza: João Vítor é o padrinho da Olguinha.**

**Expedito: Que a gente ia... subia aquele morro lá e vinha buscar pinga ali, ó.**
**- A Nilza lembra de tudo. É incrível.**

**Antonio: Você não trabalhava não, Duduca? Você só ficava fofocando? Risos.**

**Nilza: Não, eu ficava sabendo... mas eu sabia que, um dia... Por isso que eu fui guardando.**
- Ô, memória. Pelo amor de Deus. Agora chegou a vez de soltar tudo, né?

**Olga:** Ela lembra até nome da pessoa, tudo. E ela lembra rápido. Se ela esqueceu, daí a pouco ela fala "Não, já lembrei."
- A mamãe também era assim. A mamãe tinha detalhes.
- Ela só não falava "Isso foi às 3 horas e 22 minutos." Mas o resto, ela tinha...

**Nilza:** É João Vítor, Cumpadi João Vítor e Cumadi Clara. É a madrinha da Olguinha.

**Procurando a casa onde meus pais moraram na Fazenda Santana, a tal Gameleira e que o local era chamado de Companhia. Meus pais moraram lá provavelmente entre 1946/1949. Há muitos anos essas companhias foram desativadas e tudo virou pasto e as casas foram demolidas. Embora o local seja próximo da tia Carminha, não era um lugar que se passava regularmente. A Nilza, por exemplo, nunca mais passou por lá. Essa a razão da dificuldade de se achar o local exato da casa. Onde era a Companhia, tanto a Nilza, quanto o Tãozico, não tinham dúvidas. Mas achamos.**

- E aqui é onde que eu te falei, lá atrás ali, ó. Que aqui já não é mais. Pode parar.
- Era a Companhia. Aqui já é a Companhia?

- Aqui é a Companhia do Santana. É onde vocês moraram. E onde morreu a Marlene.
- Então vamos descer pra fazer os reconhecimentos.

**Tãozico:** É, mas descia... a casa de vocês era mais atrás ali.

**Nilza:** Era o Zezito e eu... e o Expedito e o João e a outra menina que morreu, Marlene, que morreu aí. E daí a gente mudou.

**Nilza:** Ela morreu com 1 ano e 7 meses. Aí, depois que ela morreu, a gente mudou, um pouquinho mais pra lá, assim, numa entrada duma Grota, foi aonde nasceu a Olga. De lá, quando a Olga assim, no colo, a gente mudou pros Ferreira na Tia Carminha. A gente mudou lá.

**Antonio:** Vamos lá pra trás, o Tonzico disse que era mais lá pra trás.

**Tãozico:** Tinha até um campo de futebol ali. Vocês moravam bem pra trás. Bem na entrada aqui, ó. O João Vítor da venda, era logo ali.

**Expedito:** E eu lembro que tinha essa vala mesmo assim. E a gente tinha a casa do lado de lá. E pro lado de cá também tinha casa.

**Tãozico:** Por aqui tinha a Companhia de Santana, a Companhia da Juliana, Companhia de Santa Helena. Então...
- Eles deviam produzir açúcar. Eles tinham uma empresa, né?

**Tãozico:** Tinha muita casa. Tinha uma nascente lá, e ainda deve ter, que ainda tem taboal lá. E ali tinha uma outra nascente. Então o pessoal apanhava água por aí. Tinha umas mina deles aí, ó. É nessa região aqui que vocês moravam, se quiser ir até mais na frente lá, tem até uma arvorezinha lá, ó, eu acho que é um filho da gameleira grande, né?

**Expedito:** Aqui desse lado tinha casa também, Tonzico.
- Cuidado com o dedo aí no arame, Expedito.
- As casas era tudo aqui, ó.

**Expedito:** Então, Tonzico, se não me engano, essa gameleira era lá onde tá aquela coisa de bambu. E tinha uma vala no meio. Então, mas essa vala, ela era ali, né, onde tá aquela árvore branca ali, né? Ali é uma vala? Aquela branca ali não é a gameleira, Tonzico?
- Não, não. Isso é mangueira. É mangueira.

**Antonio: Ó, a gameleira ali, Júnior, atrás da... não é o verde, é o que tá atrás dela.**

**Vamos ver se a gente vai lá embaixo? Eu vou pegar o carro com a turma.**

**Antonio: Achamos a gameleira.**

**Expedito:** Que coisa, meu.
- O problema é passar nessa cerca de arame. Me ajuda aqui. Lá está a gameleira.

**Antonio:** É. A gameleira que você queria ver, Expedito. Você mudou, sua mente fugiu um pouquinho da posição, mas é essa. Não, não pode ser outra. Então tá certo, né?

**Antonio:** Não, não tem condições. Você não vê nem tronco de mais nada pra lá. Então a gameleira famosa é essa aí.
- A casa de vocês era aqui perto dessa gameleira?
- Era cara a cara com a gameleira.
- Tinha umas 3 ou 4 casas por aqui. E de lembrança, é só essa gameleira, porque o resto...Já era.

O tempo encarregou de levar, né? É. Depois que foi acabando a cana...

**Antonio: É isso aí, Júnior, faz o registro aí que achamos a danada.**

**Tãozico:** Agora, a venda, Expedito, a venda do João Vítor era logo aqui, ó. Na viradinha aqui, do lado esquerdo.

**Expedito: Então, quando você fala que a venda era logo ali, eu já associo, porque era pertinho mesmo né?**




**Tãozico:** Quando eles moravam aqui, pra eles irem na cidade, eles seguiam direto aqui. A pé...

**Jr:** Você vinha pra cá também? Ou Ficava mais pra lá na casa sua mãe, a Niguita?

**Tãozico: Não, a gente ficava mais pra lá. A gente, às vezes, ia aos domingo, né? A gente vinha aqui dar um passeio, fazer uma visita ou então eles iam pra lá, fazer uma visita pra gente lá. Mas, durante a semana, cada um ficava na seu, né, nos seus trabalho e... mas daqui que eles saíam, eles moravam por aqui, pra ir pra cidade já ia direto. A pé, dava uma meia hora, entrando na cidade.**




**Antonio:** Aqui, Tonzico, ó, os tijolos que ficaram da casa.

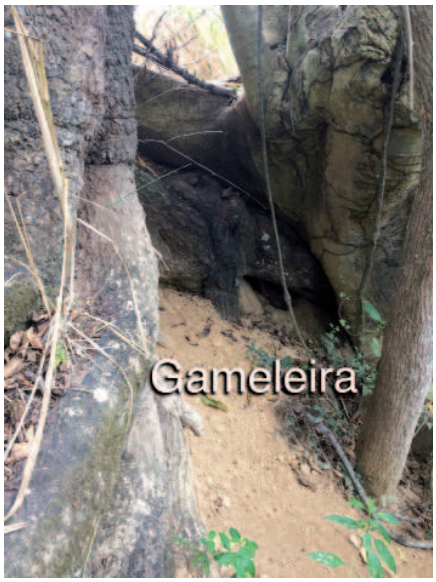
**Taozico:** É resto de casa aí? Aí, ó. É. Aí o resto da casa ainda aí.

**Antonio:** Tem até a escadinha de subir pra casa aqui, ó... aí. Ô, Expedito? Expedito, tem a escadinha da porta da sua casa aqui ainda, ó.

**Tãozico:** É umas lembrança que você não tem boas lembranças, mas quer lembrar, né?

**Expedito:** É, boas lembranças não, por causa da história do meu pai, né, que... Tinha as manhas de ficar escondido dentro da gameleira pra ver se pegava minha mãe com alguém. Um absurdo.

**Jr:** Quem que morava aqui, gente?




**Expedito: Meu pai, o Zezito, a Duduca, eu, o João e a Olga, né, que nasceu aí. Tem a Olga que nasceu aqui também. (A Olga nasce na grota a 2 quilômetros perto da Gameleira) E a menina que morreu a Marlene. O resto, nasceu pra lá.**

**Jr:** E você tinha quantos anos?

**Expedito:** 6, 7 anos.

**Jr:** Ah, você saía daqui pra escola?

**Expedito:** Não, eu saía daqui... saía da escola quando eu já morava do outro lado. Aqui, nem pensava em escola ainda. Só...
- Aqui vocês não estudavam.
- Não, era muito pequenininho, né? Só tinha lá uns 5, 6 ano, sei lá.
- Aqui já plantava alguma coisa?

**Expedito:** Não, não tinha plantação de nada. Era só canavial. Só cana. E aqui tinha uma vilinha de casas aqui, né?

**Tãozico:** Uma distância assim, de 10 metros, uma casa da outra, aquela fileira de casa. Para buscar o pessoal, o caminhão parava aí, já saía todo mundo e enchia o caminhão pra levar pra ir plantar cana, pra capinar cana.

**Expedito:** E aí o que que acontecia? A gente subia esse morrão aqui, saía lá na casa da tia Niguita.

**Isso que tá aqui é um pedaço da sua história.**




**Expedito:** E a gente morou mais ou menos por ali também, num outro lugar mudamos de uma casa pra outra, mais ou menos por ali.Tãozico: Aquela carreira de casa, né, que o Expedito tá falando. O caminhão chegava de manhã, enchia de homens aqui e ia embora pra trabalhar. À tarde, trazia e despejava tudo num lugar só, né? Era aquela coisa. E de vez em quando então fazia uma permuta de casa, né?

**Expedito:** É. E a gente não...não consegue imaginar "Mas é aqui mesmo? Será que não era não sei o quê?" Na cabeça da gente, não tem 100% de certeza.




**Tãozico:** É. Por exemplo, eu que moro aqui, né, toda vida, passei aqui várias vez depois que vocês foram embora, e mesmo assim eu vacilei, né?

**Expedito:** Pois é, então, é difícil pra caramba. O único lugar que nós chegamos e batemos os olhos lá e "É aqui mesmo." Foi aqui no Camelinha, a nossa casinha.

**Antonio:** Quer dizer que esses tijolo... ô, Tonzico, esses tijolo é original, né, Tonzico?

**Antonio:** Ainda tem a escadinha ali, ó, das casa.

(Aqui tem uma história de que na casa em frente tinha uma mulher que importunava o Zezito e o Expedito e que tinha feito uma macumba para o meu pai. Tanto que em São Paulo, em 1965, levamos ele em um Centro Espírita e eles tiraram o "encosto" dele e a partir ele nunca mais bebeu)

- Gamela é pra tomar banho.
- Não tinha essa louça que tem hoje não, Expedito. É pra temperar frango, pra temperar toicinho, entendeu?
- Tinha gamela de tamanho até de tomar banho.
- Não tem bacia pra lavar roupa agora? Antes, não tinha. Era tudo assim, aqueles negócio, sabe? E o papai fazia assim, pra mamãe. Fazia assim.
- Isso é com a madeira da gameleira?
- Da gamela, é. Da gameleira.




**Nilza:** Da gameleira. Você não viu? Não tem aquelas coisa aberta assim lá? Deu procê ver, Júnior? Aquelas assim, aberta? Não tem a... fala raiz, né? Então, aquilo ali. Eu acho que é por isso que eles não cortaram, porque isso aí é coisa de... artesanal isso aí. Gente de Céu. Então, Júnior, aí meu pai se levantava pra trabalhar e se enfiava dentro do oco da gameleira pra ver se... ele tinha ciúme da mãe, estava atentado, né? Então, pra ver se outro homem chegava. Ele nunca viu. Ele nunca viu, porque não tinha, entendeu? Era assim.

**Antonio:** Nossa, tem até a escadinha, degrau, para sair da sala e descer pra cozinha ainda está aqui, nos restos da casa.
- Aí, tá vendo? Não falei?



**Expedito:** A gente ia... andava mais um pouquinho pra lá assim, era... nós moramos numa outra casa ali.

**Nilza:** Então, aí quando a Marlene morreu, (24/12/1948) a gente... o papai mudou. Mudou pra lá, né? Uma casa muito feia que tinha lá. (Grota, onde a Olga nasceu em 1950, uns 800 metros da Gameleira) E lá que ficou pior a situação do papai, né?
- E cada vez, cada ano que passava ele ficava mais ciumento.

Saímos da Gameleira e, um quilometro acima, a Nilza nos indicou onde era a tal da grota, onde a Olga nasceu em 20/04/1950, meus pais tinham saído da casa na gameleira em 1949, após a morte da Marlene.

**Olga:** Era aqui?

**Nilza:** Era lá embaixo, lá no meio, lá, ó, tá vendo? Ó, tá vendo?

**Jr:** Que que era aí?




**Olga:** Minha casa! Onde eu nasci. Grota, chama grota. Que da hora, né, gente? Muito lindo. Pena que não tem... lá não deve ter nada e também não consegue chegar lá, né? Não deve ter nem um tijolo, né? Se não estivesse chovendo, eu ia lá. Deixa assim, tá ótimo já.

**Saindo da grota, Companhia, e indo para as Cordeiras e Camelinha. Conversas no carro.**

**Jr:** A festa de batizado, era quando voltavam da igreja?

**Nilza:** Não, não tinha nada não. Cada um ia pra sua casa.




**Antonio:** Naquela época, não tinha tanta fartura assim, né?

**Marta:** Mas batizado tinha sempre umas coisas, né? Um almoço.

**Nilza:** Batizado? Fazia um almoço normal assim.

**Expedito:** Tinha carne de tatu no almoço. No almoço, né?

**Olga:** Carne de tatu, Expedito? Que carne de tatu? Era frango, galinha, eu não lembro de ter comido tatu.
Era macarrão.
- Era uma festança dia de batizado.

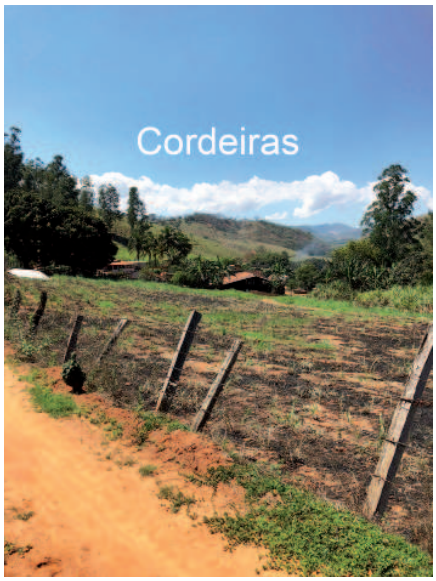
**Antonio:** Os padrinhos voltavam, né? Matava frango, matava porco.
- Aquele macarrão branco.

**Nilza:** Dia do batizado, era macarronada, frango e tutu. Arroz e tutu.

**Antonio:** Era isso mesmo. E depois do batismo, todo mundo almoçava, né?

**Nilza: É. Depois ia todo mundo almoçar. Então era macarronada... aquela macarronada... Marta? Você lembra de SPF, que você foi lá em casa? Que você estava comendo muito, a mamãe falou**
**"Não come muito não, filha, chega!"**
- Eu?

**Nilza: É. Essa marronconada da Duduca tá tão gostosa.**




### Chegando nas Cordeiras, que já tínhamos visitado no início da semana.

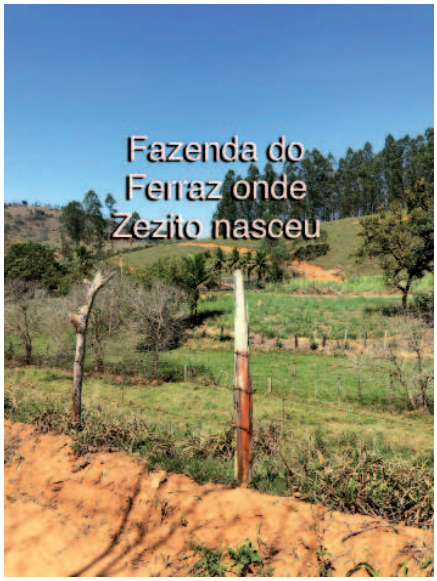
- A casa do Tio Rogério, primeiro. A casa do Tatão aqui, entendeu?
- A casa do Tatão aqui.
- Silêncio aí que o Júnior tá gravando.

**Nilza:** Aqui era Tio Rogério, o Tatão e as Cordeiras lá embaixo. Agora, pode ir.
- Deixa eu voltar lá que... a casa dele não era aquela primeira lá?
- Não, não. Não tem mais casa não.
- Era aqui então?

**Nilza:** É, essas casas aqui não existiam não. Não tinha não. Acabou a dele, acabou, né, Tonzico?

**Olga:** Grava aqui pra mostrar pro Nego. Mais pra lá, pra mostrar pro Nego lá, que ela vai lá em casa.
**- A casa das Cordeiras era mais ou menos assim igual a essa, Duduca?**

**Nilza: Não, não, não. Era um casarão. Não existe mais. Tem nada a ver não. É só o local mesmo, sabe?**
**Era um casarão. Não tem nada a ver.**
- Cordeiro era o sobrenome?




**Nilza:** Era o sobrenome. Eram as irmãs da minha tia Chiquinha. Era um monte de moça.
- Elas falavam estranho exatamente por isso, elas deviam ser espanholas, né? Disse que elas falavam de uma maneira muito engraçada.
- A tia, ela fabricava aquelas mantas?
- É, onde fazia os cobertores.
**- Tia Chiquinha, né? Põe o nome dela aí pra aparecer.**
**- As Cordeiro eram parentes da Tia Chiquinha?**
**- Irmãs da Tia Chiquinha do tio Rogério.**

**Passando as Cordeiras, a Gruta do Pinto, onde Izaltino nasceu, passamos pela Fazenda do Iel, onde o Expedito nasceu e logo em seguida a Fazenda de outro Ferraz, local de nascimento do Zezito. Tudo na mesma estrada e grudados um no outro.**

### Indo pra Camelinha:

**Nilza:** Não, as pessoas falavam antigamente "Um carro de mudança é 1 ano de atraso." Porque cada vez que você muda, você perde muita coisa, planta, coisa assim, sabe?
- Vai devagar aí pra nós vermos a nossa casa. Aí, ó.
- Aqui, né? A Camelinha.

**Indo pra Fazenda do Iel, onde nasceu o Expedito.**

- É pra lá o Expedito?

**Antonio:** Não, eu quero levar onde o Expedito nasceu.
- Então, mas nós já passamos então.
- É logo quando a gente sai das Cordeiro.
- Então vocês já voltam de lá mesmo.
- Já vamos direto, claro.
- Tá escutando essa, Antônio?

**Tãozico:** E depois ele... a mulher morreu, ele se casou de novo. Casou de novo e aí a madrasta lá acabou com os meninos não deixava os meninos estudarem, não dava comida pros filhos... tinham que comer depois que os filhos dela comiam.
- Maltratava. É, isso mesmo.




**Nilza:** Ô, Tonzico, fala o nome dos infeliz aí.
- O Zé Inácio.

**Nilza:** Meu cumpadre, meu padrinho...
- Ele era assim mesmo, Duduca?
- Lógico.

**Nilza:** Meu cumpadre, meu padrinho de casamento.

**Nilza:** E a mulher dele, que era a madrasta dos filhos, e maltratava pra caramba os filhos. Era a Cumadre Norfina, né?

**Olga:** Ai, esse nome minha mãe falava.

**Nilza: Então, a gente estava... às vezes a gente estava apanhando café lá e essa mulher amarrava... sabe a Maria da... a Maria, sobrinha da Tia Carminha lá? Amarrava no pé da mesa.**

**Antonio:** Expedito, ó, onde você nasceu aí, ó, vamos lá. - Você nasceu aí, Expedito. Tirar foto.
- Filma lá, Júnior, por favor.
- Onde era mais ou menos?




**Nilza:** Lá no alto. Lá, onde tá árvores ali, ó.
- Que lugar maravilhoso.
- Não é aquela casa, mas é em frente.
- Ali, onde tem aquela casa mais ou menos.
- É, por ali.
- Que lugar lindo. Meu Deus do Céu.

**Marta:** O cara morava bem, Expedito. É um dos melhores lugares que tipo, ó.

**Jr:** Você lembra daqui Expedito?

**Expedito: Ô, Júnior, aí você forçou, né? Não tinha nem ideia que eu tinha nascido aqui. Eu fiquei sabendo agora.**
- Daqui você já foi pra outra casa?

**Expedito: É, daqui nós fomos lá pra gameleira. Nasci aqui... nem esquentou, que aí já fomos lá pra gameleira. (Na verdade meu pai saiu daqui e foi pro Valão, onde nasceu o João em 10/10/1944, depois é que foram pra Gameleira, e da gameleira, fomos mais adiante na Grota e depois pra onde a gente tá indo agora, na Tia Carminha).**

**Jr:** Você nem sabia que era por aqui assim?

**Expedito:** Não, não sabia nada. A Duduca que tá dizendo aí.

**Marta:** Gente, isso daqui dá um quadro. É maravilhoso. Precisamos chamar a Janaína pra pintar esse quadro. É demais, né? Fala sério. Que cenário. Tô arrepiada.




**Expedito:** Vocês acreditam que agora aquele sítio lá onde eu nasci era meu mesmo? Risos.

**Antonio: Júnior, espera um pouquinho que já gravar o local onde nasceu o meu pai. A Gruta do Pinto, deixa o Tonzico lá atrás já, já pegamos ele.**

**Olga:** Agora que eu estou acreditando por que que você, Expedito é enjoado, metido, nascido num lugar lindo desses, Expedito.

**Antonio:** Vamos lá, Duduca, como era a história? Vamos lá, o Júnior tá gravando.

**Nilza: A minha mãe gostava de roupa vermelha. Era moreninha do cabelo bem preto. E tinha um passarinho que chamava chau-baeta e o passarinho era vermelho e preto. Aí o papai ficava no alto do morro assim, a mamãe passava embaixo, ele falava "E lá vai meu chau-baeta." Só isso.**




- A poesia, como era?
- É um versinho que ele escreveu.
- Então tinha um passarinho, a mamãe era muito moreninha, cabelo preto e gostava de roupa vermelha.

**Nilza: Então, tinha um passarinho que era vermelho e preto, chamava chau-baeta. Quando a mamãe passava, ele falava "Lá vai meu chau-baeta." Ele comparou minha mãe com o passarinho, que era tudo igual.**

**Antonio:** Como é que ela lembra desses nomes? A Duduca é... vai te catar, Duduca. Risos.

**Nilza: ... e fazia os versinho tudo separadinho assim, ó. Aí a mamãe guardou... quando se casou, ele levou... ele deu pra mamãe quando se casou, a mamãe guardou a vida toda esse livrinho lá de verso.**

**Então a gente lia. Era muito bonito, sabe? Depois acabou tudo. A gente não sabe onde tá mais, mas antigamente era assim, os rapazes gostavam duma moça e começavam a fazer versinho.**

- Você lembra mais algum?
- Não. Não, agora não lembro mais.

**Antonio: Nilza, agora fica de olho pra ver onde o papai nasceu.**




**Nilza: Mais pra lá, pra baixo. Só uma grutinha assim.**
- Não era aquela gruta lá não? Não.

**Nilza:** Não, não. É mais pra lá. Às vezes eu tô mentindo em alguma coisa, mas não sei.
- Ah, não tem problema. Fica tranquila.
- Faz de conta que é, né?

**Nilza:** Gruta do João Pinto. Gruta do João. Deve ser por aí.

- O João Pinto era o nosso avô?
- Era o nosso avô.
- João Ladislau Pinto.

**Jr:** Você conheceu ele?

**Nilza:** Não, não. A gente não conheceu. (O João Ladislau, pai do Izaltino, faleceu em 1944, aos 66 anos. O Zezito tinha 6 anos a Nilza 4 e o Expedito 2 anos).
- Ninguém conheceu?

**Nilza:** Nossos avós, não.
- É por aí, é a Gruta do João Pinto. É por aí.
- E aí a nossa vó também morreu?
- Era Antônia Minervina.
- Não, era Flausina Valentina, a mãe do Izaltino pai. E ela também deve ter morrido nova então, assim, nessa faixa etária? (Nasceu em 1883 e faleceu em 1932).

**Antonio:** Era aí mesmo. A gruta do meu vô, João Ladislau Pinto, pai do meu pai.

**Jr:** Teu pai nasceu aí?

**Antonio:** É, meu pai nasceu aí. A Gruta do João Pinto.

**Antonio:** Marta, tira esse negócio de morrer cedo. As pessoas morriam com 40 anos. Era assim.

**Nilza:** O Zezito ainda conheceu minha vó, lá da mamãe. Quando ela morreu, a mamãe estava grávida de mim. (A mãe da Minervina nasceu em 1891 e faleceu em 17/03/1940 e a Nilza nasceu em maio de 1940).

**O mapa a seguir dá uma ideia dos locais visitados.**




**Voltando pra tia Carminha. Nos perdemos e fomos parar em Guidoval, cidade antiga na região.**

**Papo no carro.**

**Expedito:** Você queria pegar uma saracura na arapuca, você chegava lá tinha um rato lá **dentro, preso. E quando você fazia isso com milho, o rato ia em cima. Atraía os ratos também, né?**

**Tãozico: Exatamente. É. Mas não é que você... normalmente, né, Expedito, quem queria fazer isso, você colocava umas 4 ou 5 armadilhas e depois voltava no fim do dia, ou no outro dia, pra pegar.**

- E às vezes até, de tanto ela se bater lá debaixo, a arapuca saía do lugar, “Caramba, eu deixei minha arapuca aqui.”
- É, exatamente. A saracura saía pulando pra sair, se você não fizesse uma arapuca bem pesada... Ela derrubava, né? Ela saía por cima. Dependendo do tamanho dela, ela... ela não saía por cima, porque era coberta. Eu me lembro. Que você bobeava, ela escorregava, né?
- Você lembra disso, né, Duduca? Você colocava umas vareta assim, de um lado, ó.
- Porque ela tinha que ficar bem frágil mesmo, porque qualquer toquinho ela tinha que cair, né?

## Sobre uma tradição em Minas, o enfeite das cruzes.

**Nilza: Para enfeitar as cruzes usava papel manteiga. Aí molhava... É, papel de enfeitar cruz. Aí pegava, molhava... punha uma aguinha. Com água, num pires. Num pires, qualquer coisa, né?**

**Antonio:** Talvez eu lembre por causa da Ilda, vocês tão falando, eu me lembro desse negócio.

**Olga:** Quem faz isso é a Marina lá, né, gente? E a Tia Taninha, hein? Vamos falar um pouquinho dela? Tá tão esquecida. Ô, Duduca, o Expedito esqueceu que ela se casou. Ela se casou mesmo, né?

**Nilza: Casou, o namorado dela... É Zé. Ele se casou, ele namorava, era uma bronca na família, porque ele não gostava de trabalhar, todo o dinheiro que madrinha Taninha ganhava, dava pra ele. Ela trabalhava na... tá escutando Olguinha? A Tia Taninha trabalhava no Doutor Ulisses e lá ela conheceu esse rapaz, já com essa idade, começou a namorar e o rapaz não trabalhava. Todo o dinheiro que a madrinha Taninha ganhava no Doutor Ulisses, enfiava no Zé. Foi uma bronca da família que eu vou te contar o que é que deu... até que um dia a Tia Taninha se casou, entendeu? E continuou não... ela se casou. E ela morreu, ele ficou, né? (Sebastiana Lino dos Santos, Taninha, casou-se aos 39 anos, em 09/09/1961 com José Custódio Silva).**
- Casou-se com esse rapaz que não trabalhava? E ele não tá vivo mais, né, Duduca?

**Nilza: Não, morreu, faz... morreu... já faz tempo também que morreu. Depois diz que ele ficou... eu fiquei sabendo, que ele ficou pedindo esmola na praça. Diz que ele morava num asilo atrás do cemitério.**
- Morava no Barreiro, não era?

**Nilza:** Não, não. Ali na... sabe onde a Dinha morava? Você nunca foi na Dinha, né? Morava ali onde a Dinha morava.
**- E ela não teve filhos, Duduca?**
**- Só teve 1 e nasceu morto.**
- Que ela já se casou velha, né? (Aos 39 anos, em 1961).

**Antonio:** Essa parte aí eu não lembro não. Mas da comida eu me lembro, porque a gente saía daqui, ia pra lá e eu lembro que a gente comia na casa do Dr Ulisses. A Tia Taninha era quem cozinhava.

**Nilza:** E aí sabe onde que ela foi morar, Olguinha, quando ela se casou? Foi morar lá na Barra, lá pro lado do hospital, sabe? Lá que ela foi morar.
- Mas quando ela se casou, ela saiu do emprego? Não, né?
- Não, não, continuou trabalhando.

**Antonio: Meu pai encostava perto da gente, gostava de contar história, mas ele contava com uns detalhes da... não sei o que, que não sei o que e papapá. E lembro que lá na... em São Pedro dos Ferros, ele levou pra mim um negócio chamado pedra hume, que é pra você escrever e ela apagava, né?**
- Porque ela é úmida, né?
- Isso, isso. Na verdade, era úmida então, mas chamava pedra hume.
- É, ela é geladinha.
- Eu ficava doido, porque, você escrevia assim, no quadro, e depois você passava, ela apagava.
- Mas ainda tem. Na farmácia, tem essas coisas.
- Ah, deve ter, mas digo assim, ele me trouxe da venda um negócio desse...

- Né? Quem que pensava numa coisa dessa? Eu não sabia que fazia isso.
- E foi lá na... eu acho que foi naquela casa da rosa que ele deu essa...
- Da goiaba?
- Da goiaba. É casa da rosa.

**Antonio:** Escuta, nós tamo certo aqui? Tô achando que não, tamo saindo do asfalto. É, nós tamo saindo errado. Onde que a gente tá indo, Tonzico?

**Tãozico:** Nós estamos indo pra Guidoval.
- Não, a gente já tá voltando pra cidade, mas...

**Tãozico:** Nós estamos em Guidoval, ué.

**Antonio:** Aqui em Guidoval? Ótimo então, queria conhecer Guidoval. É, porque eu tinha que entrar à esquerda, eu entrei à direita. Ah, vamos conhecer Guidoval. Risos.
- O Zezito trabalhou aqui?
- Ai, já pode até tirar... mandar pro Zezito, leva umas foto pro... ihhhh, o Zezito vai chorar tanto.

**Antonio:** É, isso vale a pena. Dá uma filmada e a gente mostra pra ele. É, porque o Guidoval, meu pai vinha de vez em quando, que aqui é pertinho, né, ô, Tonzico, da roça?

**Tãozico:** É, eu vinha de vez em quando à missa aqui, aos domingo, de bicicleta.

**Antonio:** Eu me lembro do Guidoval. Porque o meu pai fazia compra às vezes aqui.
- Esse nome eu nunca ouvi.
- Agora, como é que nós vamos embora?

**Nilza: Ô, Tonzico, e o Sapé, onde que era o Sapé?**

**Tãozico: Aqui, uai. Primeiro era Sapé, depois virou Guidoval.**
- Olha as casinhas, gente!

**Antonio:** Então era onde o Zezito trabalhava. Só falta ele falar assim "Eu trabalhava no Sapé."
- Onde que é a igreja que você ia na missa, ô, Tonzico? Vamos ver se você é bom mesmo.
- Deve ser mais lá pro centro, né?
- Gente, as casinhas. Ai, que coisa.
- Olha essa aqui, Marta. Essa aqui deve ter 80 anos no mínimo.
- E quem que ficava nessa janela, Duduca? As meninas, né, paquerando.
- As namoradeiras. As meninas, namorando. Fazendo de conta que não tá vendo os homens passarem. É. Todas com os batonzinhos.

**Taozico:** A enchente que deu aqui acabou com essa cidade.
- Ah, é?

**Tãozico:** É. Acabou, mas acabou mesmo. Nós trabalhamos assim, até duas horas da manhã, lá na nossa igreja, fazendo marmitex, pegando cesta básica pra trazer pra cá.
- O rio fica ali perto, né, onde tá a ponte, né? O rio fica ali na ponte...

### Já nos Ferreira, na tia Carminha.

- Isso aqui era onde nós trabalhávamos plantávamos milho, feijão.
- É, né?
- Mas eu tenho uma historiazinha...
- E aqui dava um milho bonito, hein, meu?

**Expedito:** Aqui aconteceu uma tragédia.
- Do que, Expedito?

**Expedito: Tonzico, você lembra da tragédia que aconteceu aí, que o cara matou a mulher? O cara trouxe um sujeito trabalhar com eles... ali na frente, você para lá, ó, Antônio. Coisa muito difícil de...**

**Tãozico: Era filho do Agenor lá, aonde nós fomos lá hoje.**

**Expedito: Era ali. Ali, ó, Antônio, o cara trouxe um sujeito trabalhar com ele, assim, pra ajudar na... pra carpir aí e tal. Aí o sujeito começou a sair com a mulher do cara.**

**Tonzico: Aí, nessa casa aí. Isso aqui agora é do filho do Agenor.**

**Olga: Nossa, eu lembro tanto dessa casa, porque diz que mataram um homem aqui também, não é verdade?**

**E xpedito: Aí, o amante ficou na tocaia, lá no canavial. Na tocaia, e o marido quando veio da cidade, ele meteu chumbo nele, matou o cara.**
- Ah, eu escutei essa história.
- Isso, pra ficar com a mulher do cara.
- Foi com revólver, Expedito? Não foi com... Não, foi com espingarda?
- Ah, o amante matou o marido?
**- Não foi o marido que matou o amante, foi o amante que matou o marido.**

**Passando perto da Gruta, Fazenda Juliana, onde a Minervina nasceu e o pai dela perdeu o sítio.**

**Antonio: Nós vimos lá pela estrada, que a Duduca mostrou, tá vendo? Lá daquela estrada a gente viu um topo lá e o Tonzico tá trazendo a gente mais perto. Nós passamos lá em cima. Lá daquela estrada onde nós passamos...dava pra ver o topo.**
- Mas é aquela mata lá em cima, Antônio. Ah, lá.
- É lá que ela morou?

**Tonzico: E a vovó morou aqui, dentro dessa grutinha. Vai andando aí. Você vai olhando aí, ó. A posição mais fácil pra você olhar... é até lá no fundo. Essa... mais na frente, Antônio.**
- Ah, que tem o beco lá, né? É tem uma visão melhor.
- Dá uma paradinha aí que aí dá pra nós...




**Antonio:** Junico, liga a máquina aí, Junico.

**Tãozico: E você sabia que a família da minha mãe foi toda morar com o meu pai?**
- Foi. Depois que morreu o pessoal, né? É mesmo, eu ouvi falar essa conversa.

**Antonio:** Seu pai, O Bastião, foi pai de todo mundo.
- Agora virou um barro só, hein, gente?
- Por isso que chamava gruta, tá vendo, Júnior?
- Então é o canal ali que vai até o fundo?

**Tonzico:** É, minha vó, mãe da Niguita, também morava lá.
- Sim, ela nasceu ali.
- É, esse terreno aí era do nosso avô.

**Tonzico: Até quando a Família Ferreira, lá do major vendeu. Porque eles vieram de lá debaixo, até na entrada do Filipinho, era tudo deles. Depois, eles venderam isso aí, ficou meu avô espremido lá, naquele lugar ali, entendeu? E a usina começou a pressionar. Né, a Companhia... o pessoal da empresa começo a forçar a barra deles, aí eles acabaram vendendo essa área aí também, porque eles ficaram sozinhos aí dentro dum mundo de terra dos outros, né? Me falaram que os Ferreira é que tinham tomado o resto. (O sítio foi para leilão conto a história no início do livro. Eles não compraram. Os Ferreira tomaram o sítio em 1936).**
- A vó nasceu e cresceu aí, nessa gruta?

**Antonio:** Nasceu, cresceu e se casou aí, né, pelo jeito, né? O papai morou aí, né Tonzico?

**Tãozico:** Não, nossos pais não moraram aí não. O meu pai não. Tio Zeloide, marido da tia Olga, foi o primeiro a casar. (Não, a Tia Olga foi a penúltima a casar, em 1940) Eu não sei onde ele foi morar.

Mas meu pai se casou, foi morar lá na fazenda.

- O Tio Zelode (José Laudelino de Freitas) não foi aqui, nessa?
- Não, o Tio Zeloide... aliás, quando o Tio Zeloide se casou, o meu pai já tinha casado e já tinha levado todo mundo pra morar com ele.




**Antonio:** O Tio Zeloide não morou aqui, naquela casa perto do Vadinho lá embaixo?

- É, pode ser até possível que ele tenha casado e ido morar lá, né?

**Olga:** Ele era novinho, né, quando as meninas foram morar com ele, né? Porque morreu o pai e a mãe, perdeu o sítio, não tinha pra onde ir, não é isso?

- É. Então o Sebastião pegou, juntou todo mundo, levou e...

**Olga:** Por isso que a Minervina gostava tanto do seu pai.

**Tonzico: E o que o papai cuidava da Tia Ilda, gente. Dedicação total.**

- Pois é. O seu pai era fora de série.

**Antonio:** Ainda mais que o seu pai era bico doce, né, chegava todo "É, então, a cumadi, não sei o que..." Risos.

- Como é que é, Tonzico?
- Essas casas que eram da Companhia, eram todas casas iguais.
- Nas outras casas não era comum ter banheiro.
- Mas é que da Companhia já era com projetistas, né? Já era padrão, engenheiro, entendeu?
- Então quer dizer que a mamãe, possivelmente, morou numa casa igual a essa aí?

(A casa do pai da Minervina, era bem simples pois não fazia parte da Cia. Era um sítio na divisa).

- A Companhia era o que? Era... a Companhia produzia o que?
- Cana de açúcar.
- Ah, era cana. Era uma usina?
- Era usina. Usina de cana. Era a cultura da região. Aqui era milho e café. E depois foi chegando a cana, né?
- Terra quente não dá café, né? Aí eles passaram a produzir cana. Aí foi indo mais pro Sul o café, né? Paraná e tal.
- E era cana que não acabava mais, hein?

**Tonzico: Ô, cara, eu atravessava essa estrada aqui, ó... teve uma época que eu atravessava isso aqui depois de... já nos meus 20 e tantos anos, toda noite eu vinha pra cidade namorar e voltava pra casa meia-noite, uma hora da manhã. Passava de bicicleta, cana dum lado, cana dum outro e eu no meio desse troço aqui, numa escuridão, rapaz. (Início dos anos 1960).**

- Caçava um tatu? Não?

**Tãozico:** Caçava tatu. Caçava. Tinha até um... Eu andei no meio do mato aí caçando tatu. Tinha até um cachorro treinado pra caçar tatu. Nós tínhamos uns cachorros caçadores.

**Antonio:** Explica pro Júnior aí, como é que caçava tatu, como é que tinha que fazer.

**Tonzico:** Ah, a caçada de tatu era o seguinte, a gente saía, tinha 2 cachorros treinados. A gente pegava uma foice, enxadão e uma fisga de ferro. Aquela fisga, uma fisga de um metro e meio, dois metros, você xuxava,

tipo, o buraco deles, encostava no tatu, batia lá, travava ele, fisgava ele e aí cavava até lá. Senão ficava a noite inteira cavando, cavando e não chegava no tatu.

**Expedito:** Ficava a noite inteira. Quanto mais você cavava, mais o tatu cavava também.
- É, então é isto.
- Eles praticamente matavam o bicho lá dentro pra depois...

**Antonio:** Mas essa do tatu eu acompanhava os adultos na caça. E normalmente eles faziam isso em lua cheia, né, que estava tudo claro, não é? Eu lembro. Lua nova ou cheia. É como se você tivesse durante o dia. Então dava pra enxergar tudo.

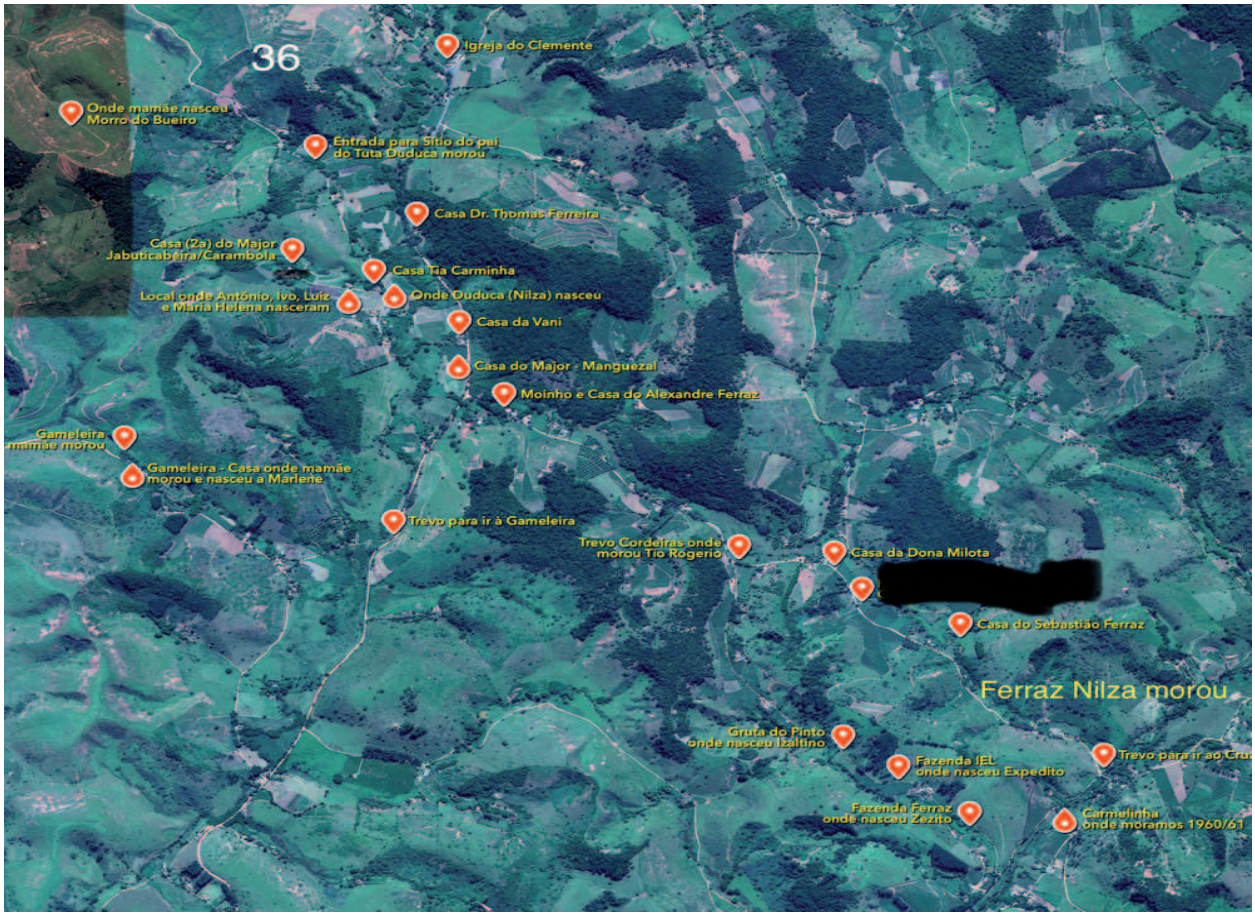
**Tãozico:** Ali na Cotia também... Ô, lugar bom pra caçar tatu.

**Expedito:** Ali na Cotia eu saí pra caçar tatu uma vez aí. Era chegar e matar. Lá na Cotia era... E eu pegava inteiro. Teve um dia que eu peguei 1 vivo e levei pra casa. Soltei lá na sala. Ele ficava lá andando assim.
- Não era por necessidade então, era mais por diversão.
- Mas aí comia o tatu?
- Comia. Sim, é uma delícia, rapaz. Opa!
- Disse que era bom de comer o negócio.
- Assadinho. Uma delícia.

**Tãozico:** Pra onde você está indo Antonio?

**Antonio:** Eu vou aproveitar e passar em Guiricema rapidinho. É aqui do ladinho, 5 minutos.

## Mapa resumo dos locais visitados em Visconde.




**01.10.17 Saímos bem cedo do hotel e fomos até a tia Carminha pegar a Nilza para irmos para o aeroporto em Juiz de Fora, retornando a São Paulo.**

**Antes fizemos uma visita ao cemitério para ver se encontrávamos algum túmulo de parente.**

**Bate papo no carro.**




- Olê, mulher rendera... não é essa?
- Não, não aé essa. Calma. Deixa eu falar qual música que é. Que falava dos vasos lá, que o vaso quebrou...E quebrou o vaso... lalaiá, não sei o que. E matou a flor.




**Nilza:** Mas é sim, ó "O cravo brigou com a Rosa..."

**Marta:** Não é essa não.
- "Debaixo de uma sacada, o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada."

**Marta:** Não é gente.
- Qual que é então?
- Vê se você lembra aí, talvez eu lembre também.
- Tô tentando lembrar.

**Marta:** A mamãe costurava e cantava essa música.

**Antonio: Nilza fala que você foi contratada até a saída do hotel. Sim, porque agora o contrato encerrou, você não ganha mais nada. Não vai ganhar mais nada. E que não adianta te perguntar mais nada que você não vai responder. Você foi paga até 30/09, hoje é 01/10. Risos.**

**Nilza: Esqueci tudo. De repente não lembro de mais nada. Risos.**

**Antonio: Ela não é obrigada mais a falar nada. Agora, tudo que você perguntar pra Nilza não é mais confiável. Ela já recebeu a grana como nossa guia turística. Porque já não tá mais no contrato de prestação de serviços. Risos.**

**Marta:** Eu vou te contar um caso, eu quebrei o vaso e matei a flor.
- Ah, Marta, isso mesmo.
- Ô, Duduca? Como é que é? Eu lembrei o verso. Eu vou te contar um caso, eu quebrei o vaso e matei a flor.
- É, Duduca? Lembrou?
- É, essa mesmo. Só não lembro o resto.

**Antonio:** Ah, só sei que a Duduca não responde mais nada. Não adianta. Risos.
- Ah, ela lembrou? Ela lembrou o refrão.
- Ai, meu Deus, é essa mesmo. Como é que você conseguiu lembrar, Marta?
- Ela lembrou só o refrão. Agora, a Duduca que tem que lembrar o resto.

**Nilza:** Eu não me lembro dessas coisas, né, das músicas. Ah, essa eu vou deixar pra próxima. Risos.

**Marta:** Minha mãe cantava trabalhando, cantava costurando.
- Lembro muito dela costurando e cantando.
- Nunca vi a mamãe bebendo durante o dia.
- Não, a mãe nunca bebeu durante o dia não.
- Depois que ela dava comida pra todo mundo, né, Duduca?
- Sim, sim, aí ela ia beber. Enquanto não dava banho nas crianças e tal. Aí a hora que ela dormia, ela tchu e virava no colchão.
- Disse que ela tomava o banho dela, botava o penhoarzinho... A garrafinha ficava assim, debaixo da pia.

**Expedito:** Como aquela mulher nossa mãe Minervina era inteligente!!!

**Olga:** Inteligente até pra beber, né?

**Expedito: Ela fazia aquela tal de ventarola, né, você lembra? Que abria assim, ficava a coisa mais linda. Ela fazia peneira de taquara. Fazia balaio. Chapéu. Fazia flores.**
**- Chapéu também, Duduca?**

**Nilza: Chapéu. Tinha um mato especial pra fazer chapéu. Ela fazia flores também. O mato especial era pé de galinha. Pé de galinha é um mato.**
**- De bambu? De... aquele tipo de palha?**
**- Ela costurava pra fora. Ia muita gente lá levar roupa pra ela costurar.**
**- Cesto eu me lembro que ela fazia muito.**
**- Ninguém ensinou ela a costurar. Ela aprendeu sozinha.**

**Marta: E o uniforme do Dom Miguel lá em SP foi ela que fez. Não comprou uniforme pra mim. Ela fez aquela sainha azul, uma calça e cortou, né, Antônio, né, Expedito?**
**- É incrível a inteligência que ela tinha pra fazer as coisa.**

**JR:** Que que é ventarola?

**Expedito:** Ventarola era um negócio... como se fosse um feixe, né? Ela fechava assim, aí quando você abria e punha sobre a mesa era a coisa mais linda. De papel. É uns papéis... como é que chamava aquele papel lá? Papel crepom. Crepom, crepom. De várias cores. Muito inteligente.

**Olga:** Mas a Tia Carmem também sabia fazer né, Duduca?
- A Carmem também.

**Nilza:** Quem era costureira profissional mesmo era a mamãe e a Tia Olga.

**Expedito:** E quando chegava lá em São Paulo, na área de encanamento também, ela manjava. Estourava um cano, ia lá pra arrumar.

**Antonio:** A minha mãe se metia em tudo que ela... não tinha dúvida.

**Expedito:** Você tinha... estava carpindo lá, né, tinha aquela terra horrorosa, aquelas gramas... a enxada não rendia nada. Ela ia levar almoço lá "Dá essa enxada aí." Mas parecia um trator. Ela detonava tudo aquilo ali que você já estava enroscado pra carpir, ela carpia.

**Antonio: Pior de carpir é quando tinha pedra, não é, Expedito? A enxada quebrava e não embicava. Era um inferno. Não embicava. Parece que o Paraná tinha terra... Por que que a gente afiava a enxada? Não era na roça mesmo não, né? Era em casa, né? Tinha uma pedra que passava assim... Porque tinha a pedra própria pra amolar faca e amolar enxada. E quando ela estava muito gasta... Quando o fio ficava muito dentudo, aí já tinha que jogar fora. Quando ela ficava muito gasta...**

**Expedito: Você lembra que tinha aquela terra barrenta, que você passava a enxada, a enxada grudava naquele barro e tinha que tá toda hora limpando a enxada.**

**Nilza: É, eu sei. Eu lembro. E quando a enxada ficava muito... de tanto cortar, cortar, cortar, deixava pequenininha pra carpir feijão.**

**Expedito:** Agora, quando você pegava uma terra bem daora mesmo, aí é gostoso carpir, viu? Putz.

**Antonio: Mas você vê, Rio Branco e tudo que nós andamos é tudo cascalho, por isso que não se produzia muita coisa boa aqui. A terra não é produtiva.**

**Nilza: Não sei se vocês vão entender, o papai falava assim "A enxada nunca vai madurar, vai ficar sempre "inchada" É, nunca vai madurar, vai ficar sempre inchada. Ele falava umas coisa tão engraçada, né?**

**Expedito:** Uma coisa curiosa do meu pai é quando chegava alguém, né? Você lembra que ele dava aquele assobio? Era só chegar, ele... [faz um som de assobio]. Pra receber a visita, ele dava aquele assobio assim, bem...Chegou gente. Depois mandava todo mundo sair de perto. Não, mas aquele assobio dele era mais na roça mesmo, porque aqui ele já tinha... o assobio dele não assobiava mais não.

**Nilza:** Não tinha campainha, tinha que assobiar, né?

**Nilza: Uma vez eu falei pra mãe assim, né, "Mãe, quando eu morrer, não precisa de comprar flor não, tá? Só não quero que deixe enterrar pelada. Enrola no lençol e põe ali debaixo da escada." Ela falou assim "Tá desanimada, minha filha?" Eu falei "Pior que tô." Comprar flor nada, que que é isso? "Tá desanimada, minha filha?" Falei "Tô, mãe."**



**Marta: Que a mãe não desanimava de jeito nenhum. Eu nunca vi minha mãe desanimada. Nunca. Nunca. Em hipótese alguma. Em situação nenhuma.**

**Nilza:** Ah, tem uma época na vida da gente que a gente fica... tudo pra gente tá ruim.

**Marta:** Se tem uma coisa que a mãe não tinha era depressão. Ela era animadíssima. Ela acordava a gente pra trabalhar...

**Marta:** Então eu lembro que eu tinha uma preguiça danada de levantar pra ir trabalhar, ela acordava e falava "Só falta 4 dias, minha filha!" "Só falta 2 dias!" Ela ia contando, né? "Agora só falta 1 dia!"

**Nilza: O tio Sebastião perguntava pras crianças: qual a cor do cavalo branco do Napoleão? "Ai, não sei." E falava uma coisa, falava outra "Vocês vão pra casa e pensa bem, reza um Pai Nosso lá e amanhã vocês voltam, fala pra mim." Aí nós chegávamos lá "Aí, lembrou a cor do cavalo branco do Napoleão?" "Ai, não, padrinho." "É branco, seu bobo!" Nós ficávamos com aquilo na cabeça, Antônio, como que a gente era atrasado. "Não lembraram não, gente?"**




- Essas brincadeira, até hoje a turma faz, mas a gente...

**Nilza:** Então, mas é uma coisa tão engraçada, né? "Você já falou a cor do bicho lá e não sabe?" "Cambada de bobo, é branco."

**Expedito: O tio Sebastião contava que achou um pé de banana madura, um cacho de banana. Aí quiseram apostar lá que se ele comesse todo aquele cacho de banana e tal, liberava. Ele foi lá e comeu o cacho de banana todinho. Pegou a enxada, pôs nas costas e "Tchau, pessoal."**

**Nilza:** Isso é mentira.

**Antonio:** Ele era famoso com essas histórias mais fora do normal.

**Expedito:** Era. O que ele mentia...
- Morreu com mais de 90? ou 90 completo, precisa saber direitinho. (Sebastião "Bastião Brabo" Lopes da Cruz, 01/07/1917 – 26/4/2001, 83 anos)

**Próximo ao aeroporto decidimos parar para comprar queijos e doces.**

**Paramos no Parado do Rei. A partir de então em todas as viagens seguintes virou ponto obrigatório.**

## Fim da viagem.

Depois de uma semana visitando e recordando tanta coisa, pegamos o avião e fomos pra São Paulo, já decididos que em Novembro iríamos ao Paraná para resgatar aquele ano de 1966 em que moramos lá, em Borrazópolis.

Essa viagem foi um resgate fundamental para o entendimento das nossas origens e o quanto essa família Lino e Pinto é forte e resiliente.

Em uma palavra, essa viagem foi EMOCIONANTE.

Essa viagem foi marcante, pena que o Zezito não pode ir e nossos dois manos, Luiz e João, que faleceram muito jovens, ambos com 60 anos. O João em 2004 e o Luiz em 2015,

Resgatar todos esses lugares, e relembrar tanta coisa, vai ficar para sempre em nossas memórias. Com esse registro em livro, que deve ficar pronto em 2025, vai propiciar aos parentes uma bela visão de como viviam nossos antepassados.

## Em dezembro/17, o Júnior foi em casa e gravamos esse ligeiro resumo:

**Jr:** E a casa das goiabeiras lá, que você tinha aquela história que foi o teu primeiro porre...

**Antonio:** É, lá foi engraçado, lá teve dois eventos que eu não esqueço de jeito nenhum. Um, foi que a gente tinha uma... era uma das poucas casas, aliás, a única casa que tinha privada. Na verdade, era um reservado lá, no meio do mato... no meio do mato não, mas do lado da casa, no terreno, onde você fazia as necessidades pelo buraco, mas era uma cisterna que você não tinha como sentar nem nada, era de pé. E um dia eu vi uma cobra lá embaixo e foi um evento, porque veio dezenas de pessoas pra tentar tirar a cobra lá de baixo. Eu não lembro se era grande ou pequena, o Expedito disse que era uma cobra grande.

O outro foi que, já naquela época, tinha lá umas cachaças em casa e eu não sei por que razão eu comecei a molhar a rolha da cachaça e botar na boca, e fui gostando, gostando, de repente, eu estava pendurado lá nas goiabeiras, todo mundo achando estranho, “Por que que ele tá tão alegre?” Na verdade, eu estava num porre, vomitei que nem um danado, porque depois de cheirar a rolha... de molhar a rolha, eu acho que aí eu já comecei a beber o líquido, direto da garrafa. Então essas duas coisas. E era uma casa muito bonita, era a única casa com luz elétrica que a gente morou, né, em toda vida. E nã o lemb ro por quanto tempo.

Tenho a impressão que foi lá que teve o aniversário do João, de 18 anos, que ele estava todo de marron, mas a Duduca não lembra, então a impressão que me dá é que foi ali, porque das outras casas acho que era a que mais tinha a ver, até porque, se a gente morou ali mais ou menos em 62, o João era de 44, então 18 anos. Nem sei se essa festa que eu me lembro dele era de 18 anos, mas tinha tudo a ver, porque fizeram um baile lá, ele estava todo incrementado, então é provável que tenha sido ali os 18 anos dele...1944, outubro de 1962. E logo em seguida a gente veio embora, né? Essa casa era na Fazenda Atlântica, perto da Fazenda do Rubinho.

**Jr:** Como que era a casa, você lembra?

**Antonio:** De olho, a gente viu lá, agora em setembro de 2017, um modelo igual, né? Era uma casa Superbonita, né, toda nova, incrementada, luz elétrica, tinha uma varanda bonita, o fundo era tudo cheio de goiabas, muita plantação. Então era uma casa... pra quem vivia em casinhas mais ou menos simples, essa aí foi o top que a gente morou, né? Grande, né, fora do padrão que a gente morava. Então era bem...

**Jr:** Aquelas casas que a gente viu era o mesmo...

**Antonio:** Do mesmo modelo. É. Aliás, bobeamos. A gente devia ter entrado numa daquelas lá, né, pra ter uma... agora é tarde. Posso pedir pro Orlando entrar lá e mandar umas fotos pra gente, interna, né, porque ele tá sempre lá.

**Breve resumo, olhando as fotos tiradas no local em setembro de 2017.**

**Antonio: Segundo a nossa "historiadora" Nilza/Duduca, a gente veio de Rio Branco pra Fazenda Gavião, onde o meu tio trabalhava. Ficamos um tempinho lá, que ela não lembra direito, e fomos pra Fazenda do Morro Redondo, que onde tem uma lagoa que o Expedito nadava, e onde nasceu a Marta em julho de 1958. Daqui a gente foi pra Fazenda do tal Rubinho, pelo menos era o nome. Na verdade, era Fazenda 3 Marias, ou antiga Estância não sabemos. Hoje é Destilaria Athenas. Na planta que consegui na Prefeitura, aparece como 3 Marias. Foi lá que faleceu a Maria Helena, em abril de 1960.**

**Segundo a Duduca, a minha mãe ficou muito mal e a Nilza se mudou para São Pedro dos Ferros para dar uma força. Não adiantou, minha mãe decidiu voltar para Visconde. A gente voltou pra Rio Branco em agosto/setembro de 1960, a Nilza foi junto. Fomos morar na Camelinha lá, que tem uma casa, vai aparecer depois aí no vídeo. Ficamos lá acho que 1 ano e 3 meses, 1 ano e 2 meses, voltamos pra Fazenda do Gavião, provavelmente chegamos por volta de dezembro de 1961, aí ficamos morando lá um bom período. E tinha lá o administrador, o Sr. Moacir e depois o tio Rogério. A Nilza num barraquinho de sapé no lado da bica nesse Sítio do Gavião. O meu pai decidiu mudar pruma fazenda ali pertinho, que é a tal das goiabeiras lá. É Fazenda Atlântica, bem perto e a gente chama de Goiabeiras, mas era a Fazenda Atlântica. E ficamos lá um bom tempo. Aí o meu Tio Rogério assumiu o mandato lá, na Fazenda Instância, ou Sítio do Gavião, de gestão da fazenda, era o administrador e queria que o meu pai voltasse pra trabalhar lá, na mesma fazenda. Esse fato é meio controverso, se o tio foi quem convidou, a Nilza diz que sim. E aí acho que o meu pai decidiu, com o Tuta meu cunhado, fazer a mudança. Segundo a Duduca, ele foi buscar a gente lá com um carro de boi pra fazer a mudança. Tudo pertinho. E a gente mudou pra lá, só que ficamos muito pouco tempo porque, no dia da mudança, o Zezito chegou pra buscar a gente pra São Paulo. Então isso foi em 1963, segunda a Duduca, o Zezito chegou em 17 de junho de 1963. Então tá tudo documentado na cabeça dela, não sei onde ela tira essas datas, mas a gente deve ter saído de lá da Fazenda Gavião então, segundo ela, na semana seguinte, dia 23/06/1963, pra São Paulo.**

# Viagem número 2

## 24 a 25/11/2017

## Borrazópolis – Paraná

**Quem foi:**
**Nilza, Expedito, Antonio, Marta e o Júnior**

**Chegamos da viagem de Minas tão entusiasmados com as descobertas, que decidimos ir até Borrazópolis no Paraná, onde moramos em 1966. Moraram lá, o Izaltino, Minervina, Olga, Antonio, Luiz e Marta. Chegamos em Janeiro/66 e voltamos em dezembro de 1966, eu e a Olga e fevereiro de 1967 meus pais, o Luiz e a Marta. E o Valente, vira-lata do Luiz.**

**Os papos foram muito parecidos, lembranças diversas, algumas já descritas nesse livro, nas páginas anteriores.**

**24/11/2017, pela manhã, saindo do aeroporto em Londrina e indo para Borrazópolis.**

**Antonio:** Olga, nós não viemos ao enterro do Zé Ingares, dono do sítio?

**Olga:** Não. Nós fomos visitar ele, eu e você, no hospital. No hospital que ele estava. Acho que foi em Borrazópolis mesmo, né?




**Olga:** Eu acho que foi em Borrazópolis mesmo que nós fomos.
Ele foi enterrado em São Paulo.
- Ah, não foi em Londrina?
- O acidente foi em Londrina, né?

**Olga:** Não, o acidente foi lá perto de onde era a nossa casa.
Vou te mostrar o lugar.
- Ah, tem razão, foi na estradinha ali.

**Antonio:** Se ainda tivesse a zona lá, né, Expedito, você ia saber a data que nós moramos aqui. Risos. Ó, eu tô pensando aqui, ele vai direto pra saber se ainda tá lá aquela zona. Tem curiosidade de saber se tá lá?

**Expedito:** Não, imagina.

**Antonio:** Eu sei que não tá, mas tem curiosidade?
- A cidade deve ter crescido.

**Antonio:** Uma vez eu sai do sítio e fui na cidade Tinha um vendedor que espalhava todas aquelas camisas num plástico na pracinha lá, né? Aí eu fui ver a etiqueta, era ali da Avenida São Miguel, a fábrica. Era perto de onde nós morávamos né? Daí fiquei conversando com o cara, né, falei "Poxa eu conheço..." Deu uma saudade lá de São Paulo... Era ali perto da São Miguel Paulista, a fabricante. Espalhava aquele monte de camisa na praça em Borrazópolis e ficava lá tentando vender.

### Já em Borrazópolis.

**Jr:** O que que era tão bom que você gostou daqui?

**Marta:** Nossa, meu, o espaço, natureza, muita criança pra brincar, pra ficar o dia inteiro brincando, correndo. Nós não moramos... eu não me... não tenho... não moramos em cidade, moramos dentro duma fazenda. Então era um... não tem trânsito, não tem carro, não tem nada, né? Criança, criança, criança, criança. Muita árvore frutífera, muita árvore, muita fruta. Era muito bom. Muito. Pruma criança... tinha o riozinho, né, que a mulherada lavava roupa no riozinho, a gente aproveitava e ficava fazendo a maior farra lá. Perfeito. Tudo

era de pertinho, né? Tudo. E as árvores frutíferas, que eu nunca tinha visto aquilo na minha vida? Lotado de árvore de frutas. Eu acho que foi a primeira vez na minha vida que eu vi caqui. Tinha caqui aqui no Paraná, tinha árvore de caqui. Você subia nas árvore, pegava aqueles caqui vermelhinho. Muito bom. Muito bom.

Eu tinha plantação... eu fazia... eu plantava, porque eu tinha a minha roça. Todas as crianças tinham, né? Cada um tinha a sua roça, dos meus colegas lá, né? Então a minha roça, eu plantava milho e aí, quando nascia, eu pegava pra brincar de boneca. Ah, usava o cabelinho do milho pra fazer cabelo pras bonecas...

Aquelas loirinhas, tinham as que eram mais escuras, né, desenhava nelas com Colorau, porque tinha muito Colorau aqui no Paraná. Aliás, tomei uma big duma surra da minha mãe aqui, porque acho que o Zezito, o Expedito, sei lá quem, tinha me dado uma boneca da Estrela, boneca Mimosa. Naquele tempo, era... né, a boneca abria e fechava os olhos. Nossa, aquilo era o... esse menino deve ter se matado de trabalhar pra me dar uma boneca daquela, né? Chegou aqui no Paraná, eu pintei a boneca inteira de Colorau. Fiz coisinha nela aqui, passei batom na boneca. Minha mãe me bateu tanto.
- Depois que passa a tinta não solta mais?

**Marta:** Não, não soltava mais, né? Aprontava cada uma. Uma vez também apanhei aqui, porque ela me arrumou todinha pra ir lá naquelas missa da Tia Maria lá, aquelas coisa, sei lá o que que era aquilo, de vestidinho, não sei o que. Eu fui lá pro quintal, catei um pato no colo...

**Nilza:** Que que você fez com o pato?

**Marta:** Fiquei lá com o pato. O pato... adivinha o que o pato fez, né? Puta... minha mãe me deu uma surra, eu apanhei pra caramba, mas eu fui muito feliz. Muito feliz. Imagina, você catar um pato no colo, você brincar no rio. Aquela molecada... nossa, coisa boa. Deve ter sido muito chato pra mim ter ido embora daqui, né? Tinha cachorro. Tinha...

**Nilza:** Mas você voltou com as brincadeiras lá Em São Paulo né?

**Marta:** Devo ter voltado, porque brincava muito com as crianças daqui, né? Eu peguei o jeito deles, né? Gostoso. Mas a cidade assim, não. A cidade, eu não lembro. Eu lembro da roça. Só as coisas da roça. Lembro da casa da Tia Maria. Cheguei aqui muito doente, né, com uma anemia desgraçada, mirradinha, né? Muito empesteada. E a Tia Maria... a Tia Maria é que curou, viu? A Tia Maria fez lá umas coisa lá pra eu comer.

**Olga:** Ó, nós tamo indo na Prefeitura pra perguntar sobre quando a Olga deu aulas no sítio.

**Jr:** Você deu aula aqui?

**Olga:** É. Eu era professora lá aonde nós vamos, perto da casa onde eu morei, né? Ver se tem alguma... documento, né? Quem sabe tem.

- Aí o Expedito perguntou da zona, né? Era ali embaixo provavelmente. Risos. Mas não tem mais nada não. Fechou. Ele falou "Não, eu sei..." Ele falou assim "Não, depois que mataram 2 homens lá dentro, fechou!" O bobão ficou lá.

**Marta:** Então, acho que aqui foi a minha primeira experiência religiosa que eu tive. Eu estava contando pra Duduca agora.
- Aqui, nessa cidade?

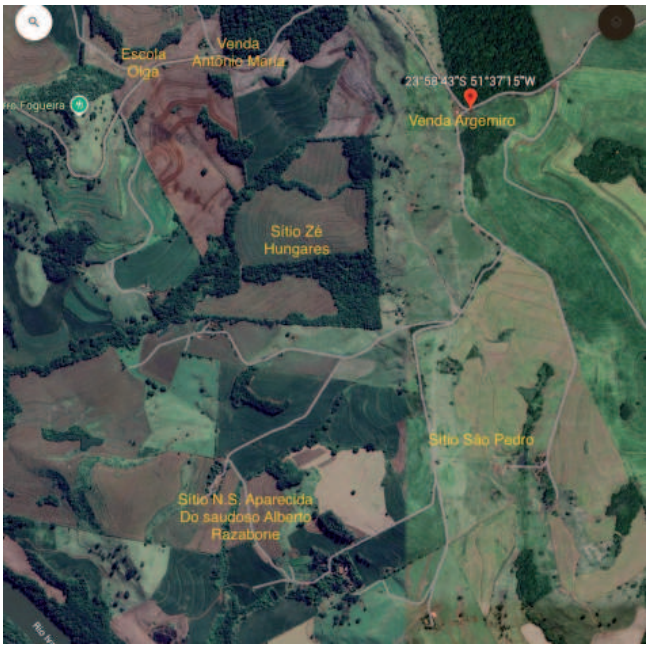
**Marta:** É. Eu vim muito doente pra cá, né? Com tudo... anemia, parará. E eu tinha uma tia aqui, né, me dava licor, fazia as coisa pra comer. Já tomou posse, né? E um dia ela pegou um caneco com água assim, eu tenho essa lembrança assim, nítida na minha mente. Quintalzão da casa dela assim, na hora do pôr-do-sol.

Ela pegou um caneco areadinho assim, colocou no alto, em cima de alguma coisa e falou pra mim "Olha, Deus vai... tá vendo aqui o pôr-do-sol, né?" Nas palavras dela, né? "Tá vendo o sol ali se pondo, não sei o que... então, Deus vai, nessa hora, colocar o remédio aqui dentro dessa água. E você vai tomar essa água e você vai ficar curada." É lógico que eu acreditei, né? Todo dia ela fazia isso, punha a água lá, eu tomava a água. Punha a água lá, eu tomava a água. Muito lindo, né? Essa minha tia era muito boazinha.

## Chegando no Sítio São Pedro.

- O Sítio de São Pedro era do lado de lá então?

**Morador:** Não, na verdade, o Sítio São Pedro é aqui, ele pegava aquela parte do alto, virando lá e descendo pra lá assim, ó. É. Só que não tem nada lá mais. Era só pra gente tentar identificar onde era a casa.




**Expedito:** Aonde o meu tio morou aqui, que tinha uma casa... como se fosse aquela que tá ali embaixo, perto do pé de manga. Eu lembro que tinha aquele rio, né, que é... que tá passando ali, o corguinho. A região é essa que o... Que eles usavam o rio até pra lavar roupa e tal.

**Expedito:** A casa era logo em... um pouquinho mais pra frente só. Eu tenho a ideia de que essa casa era ali onde tá aquele pé de manga, onde tá aquela véia ali. Se não me engano, era ali.

**Morador:** É, na verdade, Sítio São Pedro, que eu saiba, não tinha casa, sabe? A casa... a sede era aqui.
- Então era aqui mesmo. Nós identificamos inclusive onde lavava roupa ali.

**Morador:** Isso. Porque tinha aqui... aquilo era uma colônia de casa aqui, ó. Ela pegava aqui e ia lá na frente. Tinha cinco casas aqui. E ali no alto, depois daquelas arvorinhas lá, tinha outra colônia, que era a colônia do Ramim.
- Também ouvi falar do Ramin.
- Era aqui sim. Pena que hoje não tem mais nada.

**Morador:** Não, não. Vai acabando, né? Acaba as família, acabou o café, acabou o Romin. Não tem mais pra quem trabalhar.

**Antonio:** Precisa pedir, né, pessoal? Não é só chegar e pegar manga.Risos.
- Como é que é? Pode pegar sim.

**Antonio:** Vocês querem manga? Parece que nunca viram manga na vida! Pelo amor de Deus!

**Morador:** Mas aquela manga é vermelha, ela tá meia verde, né? Não tá boa ainda.
- Mas a gente pode levar pra amadurecer em casa, né?
- É, pelo que ele falou, eu... não é do meu tempo...
- Vamos lá, ó, a gente morou... na verdade, a gente... quem morou aqui mesmo, foi meu tio que morou. (Na verdade estávamos no sítio, só que não era o São Pedro. Fomos agora em setembro de 2024 de novo e levamos a Antônia, filha do tio Donato. Achamos o sítio, era quase igual e fazia divisa com esse que visitamos em 2017).

**Antonio:** A minha mãe bolou uma mesa, botou um pano em cima da mesa e aí o Expedito chegou lá "Ah, agora temos mesa!" Trouxe o Zé Engarês mais não sei quem lá e tal. Eu não sei o que que aconteceu que o pano, o lençol que ela jogou em cima da mesa atrapalhava o dominó. E a primeira coisa que o Zé Engarês fez foi tirar. Quando olhou embaixo, não era uma mesa, era um...
- Ela improvisou, né?

**Antonio:** Era um caixote. Não era nada, sei lá o que que era. Ficou todo mundo tal e continuou jogando. E a história do chuveiro, né? Você não sabe da história, né?
- Que ela furou lá um...

- É, a gente tomava banho na bacia, voltava todo mundo da terra, tudo molhado, tudo...
- A gente ia numa terra vermelha, né?
- A terra... ai, essa coisa da terra vermelha, isso me marcou muito.

**Antonio: Aí, um dia, a mamãe bolou uma... porque logo na frente da casa tinha um cantinho lá. Aí ela bolou esse negócio, encheu de água. Só que ela furou com um prego muito grosso e vazou muita água não deu tempo. Mas no dia seguinte, ela já arrumou outra lata de óleo, furou bem fininho. Aí dava pra três tomar banho.**
- Ela era muito inteligente. E eu lembro que ela fez...

**Antonio: A partir dali uma lata de 18 litros de água dava pra mim, pra Olga e o Luiz tomar banho.**

**Dava pra 3 pessoas. Minha mãe resolvia tudo, dava banho em todo mundo, fazia comida pra todo mundo. A hora que estava todo mundo já resolvido, ela ia lá, tomava uma cachacinha e ia dormir.**
- E com isso ela teve 11 filhos. Você imagina se ela não bebesse.

**Marta:** Eu conversei com ela sobre isso no hospital, porque ela tinha uma culpa disso daí, uma culpa, uma culpa. Nós plantões que eu fiz lá com ela...
- Tanto é que um dia ela falou "não quero beber mais, tá me fazendo mal!"
- Não, ela nunca passou do limite.




**Marta:** Aí um dia eu falei pra ela, eu falei "Mãe, todo mundo é, assim, as pessoas chegam em casa e tomam um drink pra relaxar, pra não sei o que, era isso que a senhora fazia, a senhora não era uma pessoa que bebia, né, para de sentir assim!"

**Marta:** Não, mas de qualquer forma, eu a vi algumas vezes resmungando mais do que o necessário, porque a idade foi chegando e a bebida começou a fazer mal. E aí ela chegou a uma conclusão, sozinha... Ela parou. E pronto.

**Expedito: Inclusive, quando eu vim pra Juiz de Fora, em 1961, e a minha mãe apareceu lá um dia, eu disparei um berreiro... meu, como é que pode? Quando eu vi minha mãe assim, eu comecei a chorar desesperadamente. Eu estava num hotel lá em Juiz de Fora e ela apareceu. Eu nem esperava que ela fosse aparecer lá. Aí lá vinha o Zezito com ela pra me visitar lá no hotel. Mas eu caí em lágrima assim...**
- É, ela era muito cativante.

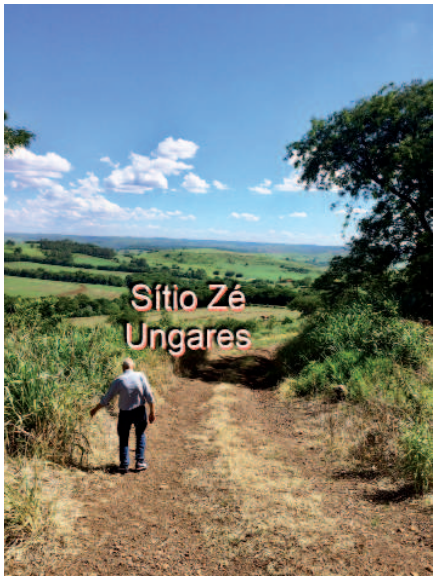



**Expedito:** Mas rolou uma emoção tão grande.

**Expedito: Ela era uma luz que entrava na vida da gente. Quando ela aparecia... Quando ela aparecia, parecia que os problemas tinham desaparecido.**
- Você, quantas vezes foi lá no... em... aqui no Paraná Expedito? Umas 3 vezes?
- Umas duas vez.
- Você foi uma que teve o leilão...

**Marta: Quando a gente veio pro Paraná, ela fez tudo. Ela fez as camas. Eu lembro muito bem disso. Ela que fez as camas, sei lá como é que ela fez aquilo, mas ela fez cama, ela fez os colchões, os traves-seiro. Tudo.**

- Ela fazia as esteiras, né? Ela fazia as esteiras. Esteira de taboa, ela fazia. Enchia o colchão de palha rasgada. E como ela fazia a costura já, pra ela era o seguinte, ela fazia e não tem espuma, você pegava aqueles mato lá, folha de...palha de milho.
- Expedito. E quando ficava um nozinho do milho lá, que machucava as costas da gente?
- E a esteira, hein, gente? Dormir na esteira não era fácil, né?



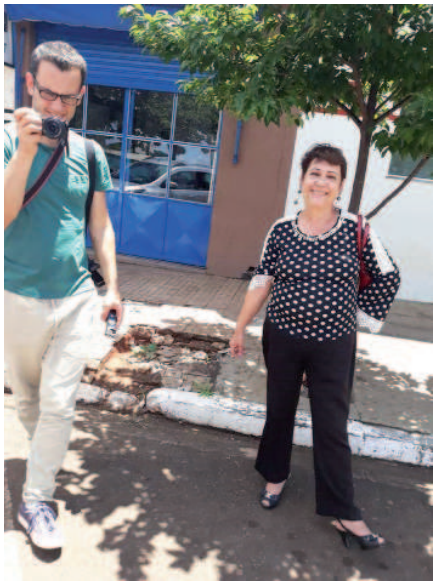

**Olga:** Ô, Antônio, quando a gente morou ali era duas cama no quarto, né? Você dormia com o Luiz, eu dormia com a Marta, né?

**Olga:** Eu lembro que fazia um frio de lascar. Era um frio do cão. E aquelas geada lá? E aí a mãe punha todo mundo pra dormir junto. Isso eu lembro. Dormia todo mundo junto pra aquecer.
- No dia que caiu a geada... você lembra o dia que...

**Antonio:** Eu não lembro da geada.

**Marta:** Nossa, você ficou encalacrado lá, no meio do... eu até escrevi lá, no dia do seu casamento.
- No dia que caiu a geada...

**Marta: Você, Antonio, ficou preso... você foi lá buscar lenha, porque tinha que acender... caiu uma geada tão forte, tão forte, que ficou aquela... tudo virou gelo, né? E precisava de lenha pra acender o fogão. Nossa, eu lembro disso até hoje. Você... precisava acender o fogão de lenha. Não tinha lenha. Você foi lá no meio do mato buscar lenha. E daí você não voltava, não voltava, todo mundo preocupado, tipo, sei lá, passou uma hora, duas horas... não lembro, eu era pequena, mas começou a dar um desespero em todo mundo ali, inclusive em mim, né? Comecei a ficar, né... e aí o pai foi lá atrás de você, acho que foi o pai e o Luiz foram atrás de você e você estava grudado... congelado na tora. Você não conseguia se mexer. Você estava... como é que é a palavra? Grudado na tora de madeira. Hipo... como é que chama? Hipotermia. Grudado que fala, quando a pessoa fica grudada. Foi uma cena muito louca e deu uma choradeira. Isso aí deu a maior choradeira.**



**Marta:** A mãe chorou. Meu pai... acho que até o pai chorou aquele dia. Se ninguém tivesse ido te buscar e não tivesse ido atrás de você e não tivesse te achado, você tinha morrido...congelado. Você voltou pra casa carregado. Foi uma choradeira dos diabo. A mãe chorou. Você ficou, ó, roxo. Ah, hipotermia, ué! Morre em meia hora.

**Olga:** Eu não lembro disso não, Marta. Eu lembro que ele foi buscar e... não lembro.

**Marta:** Eu lembro. Nossa Senhora. Eu lembro, a mãe contava essa história direto. E eu lembro. Eu estava lá, eu lembro.

**Antonio:** Nunca escutei essa história na minha vida.

**Olga:** Eu lembro que foi de noite, começou... nós acordamos de manhã, estava muito...

**Marta:** Ficou lá encalacrado.

**Expedito:** Porque aquela casa tinha muitas frestas, né?

**Olga:** Estava muito frio e a gente não sabia por quê? Então nós fomos pra sala, todos nós, pegamos o colchão

um da cama do outro e jogamos em cima de nós. Aí quando a gente... quando a minha mãe acordou, que ela olhou lá fora, ela falou "Óia como tá tudo branco! Caiu geada!"

**Marta:** Tudo branco. Ficava... mas esse dia eu lembro perfeitamente.

**Olga:** Até a água que estava no balde ficou dura.

**Marta:** Antonio você apagou da sua memória. Você apagou, porque você quase morreu. Quando você chegou em casa foi...



**Olga:** Eu lembro de você ter ido buscar, mas eu não lembro dessa história.

**Marta:** Foi aquela choradeira e aquela... sabe? Aquele desespero mesmo, porque você estava roxo, entendeu? E travado. Foi um Deus nos acuda.

(Essa história sobre mim, Antonio, ficar congelado, é muito estranha. Não me lembro absolutamente de nada, fiquei sabendo dessa história em outubro de 2.000. Meus pais e o Luiz já tinham falecidos. Sobraram como testemunhas apenas a Olga, que tinha 16 anos e a Marta com 8 anos. O Olga lembra do fato mas diz que não foi tão grave assim, fiquei de fato com muito frio procurando lenha mas não fiquei congelado. A Marta garante. Eu acho que deve ter acontecido algo, mas não tão sério assim. Seria impossível eu não me lembrar de um trauma desses. A Marta já acha hoje, que por ela ser ainda criança ela tenha se emocionado me vendo assim e registrou na mente esse congelamento)

**Antonio:** Vou contar uma história, do herói Expedito. Eu fiquei cercado por um boi lá onde a Maria Helena morreu, ficava girando atras da árvore o boi girando atrás de mim.

**Olga:** Então foi dois, né? Porque a Marta com um ano e meio ficou no meio dos bois. Porque ali era tudo aberto, era tudo... As crianças sobreviviam assim, né, porque era o destino.

**Antonio:** É, e o boi ia atrás de mim. Aí, por sorte, o Expedito apareceu lá e... inventaram porque é que eu estava com a roupa vermelha, alguma coisa lá, não sei o que que era.

**Olga:** Aí o Expedito espantou o boi.

**Expedito: Eu contei pra vocês uma história com esse negócio de boi lá? Que teve uma época que eu era meio... eu era carreiro, pegava o carro de boi e trabalhava como carreiro ali na Estância, né? Eu vinha vindo com um carro de boi, aí tinha um filho da puta dum neguinho que ele era funcionário também lá, mas ele atuava mais na área de montar naqueles burro, tal. Treinar esses burro, essas coisa. Ele era bambambã nessa área aí. Aí vinha vindo um filho da puta dum neguinho lá pra zoar comigo, né, ele fez assim... e eu estava... ah, não, não. Eu não estava com um carro de boi não, eu estava com um burro, o burro do administrador, que falou pra mim "Vai lá buscar o meu almoço lá e..." "Pega o burro aí e vai buscar meu almoço." Aí eu peguei o burro. O burro não me obedecia. Aonde ele queria ir, ele ia.**

**Antonio:** E burro obedece a alguém? Ele já ficou complexado, né? Risos.

**Expedito:** Ele chegava naquelas vala assim, ele vupt, pulava. Uma lagartixa corria lá, ele esticava a orelha e tum... e eu muito besta, nunca tinha... não estava acostumado andar a cavalo, estava aí morrendo de medo.

Chego lá na frente, o cara vem... ele vinha... e era o cara que vinha vindo com o carro de boi, ele falou assim "Ahhhhh!" O burro... tum... ele saiu num pau desgraçado. Na nossa casa tinha uma cerca de arame em volta, né, porque ali era pasto, aí o burro começou a dar aquelas... a turma chamava de rabichada, né, aquelas... aqueles pulos assim.

**Olga:** Eu acho que ele era marido daquela égua. Risos.

**Expedito:** Aí o burro pulava, pulava, pulava, pulava e ele acabou me jogando por cima do pescoço dele.
- Aí você pulou a cerca sem querer, não foi isso?

**Expedito:** Ele me jogou por cima do pescoço dele, eu fiquei com as perna enrolada ainda naquele cabresto, né, doido pra me livrar do burro. Aí passei debaixo daquela cerca de arame a milhão e ele tome e tome e tome, me dando coice. Fiquei com medo. Ele ficou completamente doidão. Enquanto ele não estourou toda a sela que estava nele, ele não parou de dar coice pra todo lado.
- E você não conseguia descer, né?

**Expedito:** Não, eu me livrei dele. Eu passei por debaixo da cerca. Aí esse cara, que era acostumado a montar naquilo, foi lá, arriou o burro de novo, pegou a comida do administrador e se mandou.

**Antonio:** É de você que ele não gostava! O burro não foi com a cara do Expedito. Risos.

**24/11/2017 - Jantando em Londrina, numa Pizzaria, á noite. Íamos dormir no hotel e de manhã deia 25/11/17, retornaríamos pra SP. A viagem foi curta, chegamos dia 24/9 de manhã, visitamos o sítio e voltamos no mesmo dia para Londrina.**



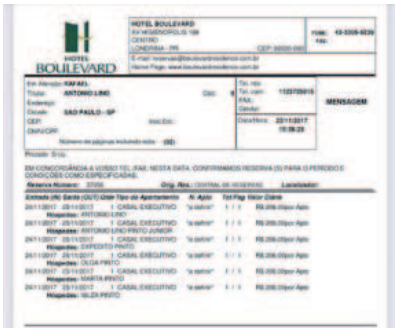
**Conversa na Pizzaria.**

**Expedito:** E a Duduca tá contando, eu era candieiro...

**Expedito:** Fui candiar o boi do arado dele, né? Aí quando chegava lá no fim assim... E o arado dele tinha duas tiras de boi, quatro bois. Mas o gozado é que você ia na frente e ele com o arado atrás. Só que quando terminava lá, por exemplo, tinha uma cerca, ele ia... ele fazia você encostar lá na cerca, você ficava cara a cara com a cabeça do boi pra poder voltar. E seguir de volta... Pois é, mas ele não era patrão eles tinham um pedaço de terra que eles cuidavam.

**Antonio:** Põe dois pedaços de pizza aí, depois...

**Expedito:** Eu e o Zezito, a gente trabalhava pra ele. Eu na frente, o Zezito do lado, a gente tinha que voltar com aquilo pra baixo. Ficava em baixo, pegava outros. Era direto assim. É doideira.
- Mas eles trabalharam pouco nas fazendas, né, Duduca?
-Porque o João, por exemplo... todos eles trabalharam pouco em fazenda, né?
- O Zezito, trabalhou muito foi em Rio Branco.




**Olga:** O Zezito era muito bom naquilo que ele fez depois, né, como garçom, como chefe de... essas coisas, né? De chefe de cozinha. Isso aí ele fez... se destacou muito nisso aí, né? Acho que roça não era bem a praia dele não.

**Nilza:** Era muito arteiro o Zezito. Nossa Senhora.

**Antonio:** Expedito, você estava falando aquele negócio da indenização, quando você montou aquele bar, e a gente já morava na Rua Hedi, não é isso? Então, foi na segunda vez que você teve problema? Não foi na primeira vez que você ficou internado porque na 1ª vez você trabalhava na Estrela, porque ali eu me lembro que já era da... a gente já tinha, inclusive, voltado do Paraná.

**Nilza:** Não, quando ele colocou um barzinho lá na Rua... Avenida Cangaíba lá...
- Não, eu não tô falando da Cangaíba.
- É outro?

**Antonio:** Ele montou um ali na quase na esquina da Rua Nova Friburgo. E era aquele português lá que sacaneava ele, que depois deu um baile nele.

**Antonio:** Do Zezito, era lá no Jardim Imperador. Eu era o garçom lá. Mas o Seu Manoel, ele mesmo, era um português, ele deixava você ir tocando, só que ele tinha um contrato que era reserva de domínio. Então, na terceira... ele deixava você montar o bar, fazer tudo no sossego, aí depois ele ia lá e tomava. O do Expedito, ele tomou tudo cheio, não deixou ele nem pegar o dinheiro do caixa. Ele arrumava uns oficiais de justiça, tudo fajuto, como era tudo meio analfabeto, os cara...




**Expedito:** Eu peguei uma baita duma indenização, que eu pus a Estrela no pau, né, por ter ficado doente, com tuberculose, em 1965. Lá era muito... ficava tudo sujo demais, né? Ao invés de pegar a grana, ajudar meus pais e tal, né...

**Antonio:** E ajudar, né? porque eu ficava coordenando aquilo lá, que era um sacrifício arrancar dinheiro de vocês. Risos.

**Expedito:** Pegava aquela porcaria daquele boteco lá e enchia aquele bar até o teto de mercadoria.

**Antonio:** Lembra que o Seu Manoel foi lá, fechou num dia lotado de cliente?

**Expedito:** Eu era tão maluco que catei um cara que era metido a tocar violão, e levei ele lá pro Paraná, depois que vocês voltaram, paguei tudo as despesas pra ele, ô, bicho trouxa do Diabo. Aí o português, percebendo que eu era um Mané do Caramba, né, falou assim... eu ia pagar o aluguel pra ele, ele falou "Não, deixa aí, depois você me paga, vai movimentando o dinheiro aí."

Quando completou 3 meses, ele apareceu lá com um advogado e dois oficial da justiça pra fechar o bar.

**Antonio:** Era tudo falsificado. Eu estava lá no dia. Ele não deixou o Expedito nem tirar o dinheiro do caixa.

E ele aplicava isso em todo mundo. E o Expedito bravo lá "Não, mas eu..." E era tudo falso, era fora do expediente, que eu lembro que era noite, né, quando o cara chegou lá. Ele tinha uns trambiqueiros. Ele fez isso com o Zezito, ele fazia com todo mundo. Ele dava... porque tinha um negócio no Direito, tem um negócio no Direito chamado consignação. Então, na verdade, ele fazia um contrato meio esquisito que, na verdade, ele não fazia uma locação do prédio, ele fazia uma locação do bar. Dos maquinários. Das instalações. Ele punha as instalações e "Não, agora você pode usar e tal..." E essa turma, não só o Expedito, o Zezito, todo mundo no bairro era tudo meio babaca mesmo, ninguém sabia de Direito.

**Antonio:** No bar do Zezito lá do Jardim Três Marias, ele aprontou com outro por volta de 1969.

**Antonio:** Você não lembra? Vocês não acreditam. No bar do Expedito aparecia um cara abaixava... Olga, o cara começava a beber, no bar do Expedito, ele fazia um show demonstração. Ele pegava a gilete, ele mastigava e mostrava na língua o pozinho. Pegava uma cachaça e tomava junto.
- Saía sangue?
- Imagina. Saía nada. Normal. Ele simplesmente pegava... e tomava uma cachaça.

**Antonio:** Gente, eu tô falando, eu assisti isso, porque eu era o funcionário do Expedito, do Zezito e não tinha salário, né, que ele simplesmente achava que você tinha que trabalhar de graça...
- Aquela coisa de família, né?
- Você não era funcionário, você era o voluntário.
- O irmão, né, vai me ajudar.

**Antonio:** Voluntário não, porque se eu falasse que eu não ia tinha problema.

**Antonio:** O Expedito tinha esse violeiro lá que tocava e esse cara dava o show. Ele chegava bonitinho lá,

começava a beber, daqui a pouco, baixava o... espiritual.
- Será que não tinha droga?

**Antonio:** Não, na época, não, era espiritual. Não, algum espírito que baixava nele lá e... Baixava o Exu. Era espiritual. Foi nesse bar aí, do ladinho da Nova Friburgo ali. Como é que chamava aquela rua que descia ali?
- Ah, hoje, chama Bolivar Boaventura. Não sei se antigamente era.

**Expedito:** Naquela época, chamava assim de Rua Um. Mas o cara mandou fechar o bar. Chegou lá, fechou o bar. E disse que era pra mim comparecer lá na Praça João Mendes, na segunda-feira. Chegou lá, ele com aquele monte de capanga, né, e eu, o coitado, sem ninguém pra me defender. Aí o oficial de justiça me chamou lá e falou assim "Expedito, você tem as notas fiscais daquelas mercadorias lá do bar?" "Não." "Se você não tem nota fiscal de lá, você não pode provar que é seu!"



**Fiscal:** "Se o Seu Manoel também não tem, lógico, também não vai poder provar que é dele." "Se eu fosse você, não tem como provar que a mercadoria é sua. Só vai gastar dinheiro com advogado e não vai chegar a lugar nenhum. Você tá jovem ainda, desiste daquilo lá e pronto! Você não vai provar nada de que é seu.

O português também não prova que é dele, aquilo lá vai ficar fechado."

**Antonio:** Até esse "Juiz" era fake. Tudo armação. Ele fez o mesmo com o Zezito. O bar que eu trabalhei no Jardim Imperador...

**Olga:** O Zezito não bateu nele não?

**Antonio:** Não. Ele fez com outras pessoas, lá na região, depois ele ficou ruim... ele foi tão filho da puta, que ele acabou tendo uma doença. Ele ficou cego. Eu tenho a história desse Seu Manoel, quando ele tomou o bar do Zezito, o Zezito era tão ingênuo que ainda me ofereceu pra ser o funcionário do Seu Manoel, que eu também não ganhava nada, então eu ficava o dia inteiro lá no Jardim Imperador, no bar do Seu Manoel, deve ter sido começo de 1969. Aí lá era um covil de bandidos. De vez em quando, desaparecia um, quando voltava lá, ele estava preso. E eles traziam um... tinha um deles lá que buscava maconha em espécie na Bahia. Quando ele chegava, era uma festa. Todo mundo lá. E eu lá de plantão. E eles tinham mania de ficar me... e tinha um bilhar no fundo, eles ficavam jogando bilhar lá, o tempo inteiro. E do lado do bar era um terreno baldio. Então, de vez em quando, eles sumiam lá pro mato, fumava lá a maconha, voltava tudo meio alterado. E isso foi durante tempos.

Aí, quando chegava lá o... do lado do bar tinha uma padaria. Chegava o carro da Kibon e o cara deixava o carro aberto pra ir levar os sorvetes na padaria. Eles já ficavam todos de plantão. Enquanto o cara ia lá, um ia por trás e começava a pegar os sorvetes. Aí, quando o caminhão ia embora, sobrava pro Antônio guardar os sorvetes, mas toneladas de sorvete, nas geladeiras. Bom... aí, naquela época, tinha um negócio de falsificar a Cachaça Tatuzinho. Então o Seu Manoel... todo mundo fazia isso, comprava um barril de cachaça, comprava meia dúzia de Tatuzinho, quando acabava a Tatuzinho, você só enchia de cachaça falsa... o Expedito fez isso no bar dele. E... Tatuzinho? Tatuzinho! Teve uma vez lá que eles chegaram lá, meio-dia, uns 15, ficavam jogando bilhar, o Seu Manoel tinha truque que era o seguinte: você comprava a ficha, mas quando... aí já é outra história, mas quando... o medidor lá de quantas fichas foram usadas nas mesas era toda sexta-feira. Então na quinta à noite, o Seu Manoel virava a mesa pra baixo, desparafusava aquilo, tirava todas as fichas, deixava só uma meia dúzia... E girava o relógio. E virava, girava o relógio e tal. Tinha um truque lá de girar o relógio. Então o cara chegava pra medir "Bom, só vendeu 6 fichas..."
- É, mas ele era totalmente desonesto.

**Antonio:** Só que é o seguinte, teve um dia lá que os caras... eles claro que desconfiavam, né? Chegaram lá um dia antes do dia normal de vistoria e descobriram, abriram tudo lá e descobriram que tinha sido fraudado.

O relógio marcava o correto, e, óbvio, era muito mais do que o Manoel deixava para eles verem.

**Antonio:** Essa outra história é mais interessante. E os 15 bandidos que ficam rondando lá começaram a pedir uma Tatuzinho pra mim. Eu falei "Gente, eu não posso ficar dando cachaça pra vocês, porque o Seu Manoel vai chegar e vai perceber também." E eles me adoravam. Por exemplo, teve um lá que me trouxe um... é tipo de um chaveiro que tinha um negócio todo azulado embaixo, lindo. Eu dei pra Tia Santa. Ela adorou, na época. Era um pingente, sabe, de... eles devem ter roubado de alguém e me deram de presente e eu dei pra Tia Santa. Me adoravam lá. Aí chegou uma hora que eu falei "Olha, pessoal, eu não vou segurar essa onda não. Então tem o barril lá no fundo, vocês se viram lá!" "Pode?" Eu falei "Lá, pelo menos, o Seu Manoel não vai saber se bebeu mais ou menos." Gente, esses caras começaram a jogar bilhar e foram bebendo e foram bebendo e foram bebendo e começaram... ficaram doidos.

- E você sozinho lá?

**Antonio:** Daí chegou uma hora que eles falaram "Ô, Antônio, vamos sacanear o "portuga", fica aí do lado, sai daí." E tinha um balcão na padaria assim, né, cheio de bebida. Eles começaram a derrubar tudo aquilo, quebrar tudo, mas derrubaram, quebraram... e vinha o outro gajo, pegava um negócio, pegava o taco, pah e pah! E eu lá do lado. Aí chega o Seu Manoel. E ele era bem gordo, né? Quando ele entrou lá, um deles... mas eu me lembro como se fosse agora... O cara passou a mão numa faca e veio cutucando o Seu Manoel na bunda. O Seu Manoel deu... o balcão era mais ou menos aqui, mas o Seu Manoel fez que nem um bailarino, meteu o pé e a mão em cima do balcão e já pulou do outro lado. Destruíram. Aí passou lá sei lá quanto tempo, veio a polícia, todo mundo pra... e era... a maioria ali era menor, né, e todo mundo pra delegacia do menor aqui, no Tatuapé... no Belém! E o Seu Manoel atrás de mim "Não, porque você vai ter que contar lá a história, não sei o que, papapá, papapá!" E eu já era mais ou menos esclarecido, né?

E foi todo mundo no mesmo camburão e os caras "Toninho, alivia, contamos com você aí!"

Eu cheguei lá... isso já era meia-noite, sei lá, que era, né, e eu lá perdido no meio daquela turma, eu falei "Quer saber? Eu não vou contar porra nenhuma!" Aí quando... e eu sabia que eu era menor e que eu tinha meus privilégios e tal. Aí o... alguém, deve ser o delegado, me chamou, eu falei "Ó, Doutor, eu... teve sim uma bagunça lá, só que eu fiquei com medo, eu me enfiei debaixo da mesa do bilhar. Eu não vi nada!

Se bem que era proibido ele ouvir meu depoimento, porque menor não... eu descobri isso depois, mas menor não pode depor. Sem a presença do advogado. E nem podia trabalhar num lugar desses. E nem podia trabalhar também. E aí... bom, eu sei que, no outro dia de manhã, eu fui abrir o bar, era oito horas da manhã que o bar era aberto, sai uns 15 lá do meio do mato, me levantando que nem o campeão. "Você é demais!"

**Marta:** Júnior, você tá anotando essas histórias? Gente, eu não acredito.

**Antonio:** E no fim do dia, quando o Seu Manoel chegou, entrou todo mundo lá, abraçou o Seu Manoel "Ah, Seu Manoel! Gente fina!"
- Gente, que história. Meu Deus.

**Antonio:** O Seu Manoel fazia eu vir no Mercado Municipal pra comprar as coisas... ele fazia uma bacalhoada, gente, era uma coisa louca! Eu chegava lá, comprava... ele trazia batata, não sei o que e tal. E ele, não sei que dia lá da semana, provavelmente, devia ser uma quinta ou sexta-feira,ele tinha uns panelões lá, porque lá era meio... meio não, era restaurante. Você lembra, né, Expedito? Daquele bar lá do... era lá no Imperador.
- É ali na Imperador, perto de casa?
- Eu não lembro exatamente, mas era na baixada ali. Sabe onde tem o... onde tinha aquele buffet lá?
- É do lado direito, por ali, eu não lembro exatamente onde que era.

**Olga:** Você não tinha medo desses bandidos?

**Antonio:** Eu tive muita sorte nessas coisas. Eu tive muita sorte nesse negócio. Então, mas eu tive... eu convivia com esse pessoal e eles nunca tentaram, por exemplo, fazer eu experimentar maconha.

**Antonio:** Eu tinha aquele Luiz, que eu acho que você chegou a conhecer, que foi preso. Esse Luiz, ele nunca

misturou nada. E a gente saía, a gente curtia uns bailinhos, quando era, sei lá, meia-noite, ele me largava e falava "Agora eu vou com a minha turma." Ele foi muito amigo meu, durante muito tempo, inclusive naquela época lá da Buenos Aires. Mas ele não misturava. Ele tinha a turma de bandidagem e tinha eu e mais uns amigos, a gente saía pros bailinhos tudo.

Nada a ver. Então eu tive sorte nesse negócio. Eu não... com essa bandidagem lá do Jardim Imperador, eu era muito respeitado. Eles não me consideravam uma... sabia que eu não ia...claro que eu morria de medo, né? Então eu não vou contar. Imagina.

- Também você não tinha tendência pra bandidagem, né?
- Não, não tinha.
- Porque se eles tivessem proposto alguma coisa pro você, você não ia...

**Antonio:** Não, não toparia, porque eu tinha consciência, claro, do que que é certo e errado. O que eu fazia lá era... Ficava neutro. Tanto é que eles ficavam lá, no meio do mato e, naquela época, não era só maconha, eles já se drogavam com injeção.. e o que eu insistia com eles, eu dizia "Não joga nada aqui nos banheiros, né? Porque vai..." Então eles iam lá pra fora, se injetavam, jogavam lá sem comprometer o...

- Você teve sorte mesmo.

**Antonio:** É. Nunca tive nenhum... eles tinham, entre eles, tinha um problema sério ali, porque tinha os mandatários, tinha não sei o que. Às vezes aparecia lá um cara de outro bairro pra jogar o bilhar lá no Seu Manoel, no Expedito, no Zezito também. Aí tinha uma certa, né... nunca teve nada. Antes do Seu Manoel assumir, o Zezito, uma vez, apareceu lá com aquele jeitão, né, dormiu lá, foi tomar banho e não tinha toalha.

Eu tive que achar um monte de jornal velho pra ele se enxugar.

-Equandoeleabriuaquelachurrascarialá,hein,Antônio?Láem...ondefoimesmo?Láprolado deSãoMiguel,né?

- Dentro da garagem lá, né?
- Com aquela tal da Maria. Não é garagem não. Dentro da garagem do ônibus lá.

**Olga:** Fui pra lá uma vez, eu lembro que eu tinha que... eu fui lá pra atender o pessoal, mas eu não sabia tirar o sorvete lá da... e me deixou lá, né? "Toma conta aí." E eu não sabia tirar o sorvete com aquela... sabe aquela pazinha de tirar sorvete pra pôr... ficar servindo? E lá tomando conta lá e tomando guaraná. Bebendo guaraná, bebendo sorvete. Sozinha lá naquele lugar. Não sabia fazer nada ali.

**Antonio:** Ele me arrumou um carinha que era ali na Vila Ré e era uma daquelas avenidas que atravessa ali, que eu não lembro um barzinho lá. Não, deixa que o Antônio cuida lá. Eu ficava o dia inteiro naquele boteco lá. Não aparecia uma alma, mas nenhuma alma. E tinha uns doces lá e não sei o que e eu com uma vontade de comer um doce daquele e "Como? Não como?" E era uma da tarde, duas da tarde, três da tarde e eu ali olhando aqueles doces. A hora que eu abri o pacotinho, o cara chegou, o dono. Eu falei "Puta que me pariu!"

Ai, meu Deus do Céu! Era amendoinzinho lá, uns... não tem... aí você fala "Por que..." Que nem aqui, né, abriram isso aqui pra quê? Uma sexta-feira... pizzaria, sexta-feira, sem clientes? Fecha, né?

**Antonio:** Mas esses barzinhos do Expedito, do Zezito, foram todos mico, né?

**Antonio:** Duduca, deixa eu te perguntar uma coisa. A casa da portuguesa não era Rua Rosa Mendes? Continuo em dúvida.

**Nilza:** Não, era na Santa Silvéria.

**Antonio:** Mas vocês têm razão, então era Santa Silvéria. Engraçado, eu sempre registrei que era Rua Rosa Mendes onde moramos.

**Olga:** Eu ia contar a mesma coisa?

- Contar o quê?

**Olga:** Que você vendia sanduíche de carne moída.

**Marta:** Ah, ele vendia sanduíche de carne moída.

Coloquei isso até no discurso lá, que eu fiz no casamento dele.
- Que ele vendia sanduíche de carne moída?

**Antonio: Mas qual é o problema? Eu fiz tanta coisa. Eu fiz carreto, fui engraxate. Eu comia mais do que vendia. A mamãe fazia um sanduíche... que ela fazia aquele de carne moída. Aquele sanduíche de carne moída. Mas não tinha como... e aquele cheiro...Eu vendia Grapette lá no circo e era o... eles botavam a gente... aquele engradado, e já vendia o Grapette aberto, né? Com um canudinho. Grapette era um refrigerante da década de 60 muito famoso.**
- Ele é do nosso tempo. Era a Coca-Cola da época.

**Antonio: Aí, quando começava o espetáculo, você tinha que se sentar. Era o Tonico & Tinoco, ou algum famoso, aí eu sentava lá... eram vinte e quatro garrafinhas de Grapette. Eu ia dando uma chupada em cada uma para ninguém perceber. Quando terminava o espetáculo, estava tudo pela metade, né? Risos.**

**Olga:** Sabe quem mora lá? Que eu fui buscar o telefone da prima Olga lá. É a filha do Dulcídio, da Dona Geni.

**Marta:** Ela é minha amiga. Ela mora... foi lá na casa dela que eu fui buscar.

**Antonio:** O Cido me ensinou um negócio. É engraçado como é as coisa, né? O Cido, eu aprendi uma coisa com ele, que ele deu uma bronca no filho dele, porque o filho calçava o sapato forçando o calcanhar. Você fazendo isso, você estraga o sapato. Você usava uma colher. Você sabe que eu registrei isso, eu tinha quinze anos, né, catorze anos, e toda vez que eu vou botar o sapato no coisa...

**Olga:** Então, você lembra ali onde é a Caixa Econômica Federal hoje, na Ponte Rasa, ali tinha um salão de festas, aí você lembra que a Roseli e a Sueli... eles eram muito chiques, né, gastavam pra caramba.

**Olga:** Como a gente gostava de comer. Eu não comia nem em casa. Era você que gostava de comer... tinha uma fome desgraçada. Nós comemos tanto naquela festa...
- Isso eu não me lembro.
- Tanto, que a gente ficou passando mal. Tinha maionese, tinha guaraná.

**Olga:** Você não lembra disso? Guaraná de garrafa! Nós ficamos lá até quatro horas da manhã só comendo. Mas não era só nós, né? Nunca tinha visto tanta coisa gostosa pra comer. Devia ter uns oitenta lá do mesmo jeito. Isso era normal.

**Antonio:** Trabalhei com um cara que era palhaço de circo, eu vendia produtos lá no Ginásio pra ela, doces, caixinhas da sorte entre outros e, quando eu voltava lá da escola, ele sempre vinha, por exemplo, caixinha de sorte, eu levava 50, quando eu voltava, eu ia prestar conta, eu dava o dinheiro dos que eu vendi e ele somava lá "Mas tá faltando dinheiro!" Eu falei "Mas..." Aí um dia eu falei "Pô, ele tá me sacaneando!"

Aí, quando eu saí... ele não punha 50, ele punha 42, 45 e quando eu voltava eu não ganhava nada, porque alguém me roubou. Aí eu comecei a ficar esperto, mas eu trabalhei muito tempo com ele. O nome dele era Chocolate.

**Antonio:** Ele fazia uns shows e eu e a Olga fomos atores.

**Olga:** Então, Antônio, a gente não andava naquele carro colorido dele escondido da mamãe?

**Antonio:** Então, ele criou uma peça no circo. E nós fomos representar lá no circo, eu e a Olga. E foi quando você me falou que, quando vocês iam lá pro camarim, ele ficava enchendo o saco da Olga e ela desistiu de ser "atriz" Já tinha assédio naquela época.

**Antonio:** Eu ia lá buscar... eu ia, de manhã, eu ia tomar café lá, ele ficava na cama com a mulher, brincando com as crianças 10 da manhã. Um vagabundo, sem-vergonha.

**Olga:** Mas eu lembro que eu me propus a cantar uma vez naquele bar lá perto de casa. Aquele bar ali tem aquelas escadas até hoje. Usava de palco.

**Olga:** Eu e o Antônio, a gente era muito... aonde um ia, o outro ia. E a gente fazia muita palhaçada. A gente aprontava.

**Olga:** Eu acho que ele tinha um carro, né? Acho que só tinha um carro.

**Antonio:** Ah, isso foi bem depois. O carro foi setenta e poucos.

**Olga:** Aí a namorada estava com ele e chegou um negão. Ele quase morreu de medo. O negão era irmão dela, veio buscar ela.

**Antonio:** Não, não, não, essa história foi diferente. Eu tinha acabado de comprar o carro, fui subir ali a Rua Bastos, que tinha aquela avenida lá em cima, onde tinha a padaria. Eu parei acho que na padaria ou não sei o que e fui fazer não sei o que lá pra... de repente, passa um carro e dá uma brecada e quando eu vi, pum, bateu no poste. Na verdade, a falha foi minha, porque ele se assustou porque eu ia passar mesmo, eu não tinha visto o carro, só que é o seguinte, ele não me pegou, ele vinha numa velocidade muito alta... é outra vez que eu não morri. Aí chega a polícia, não sei o que e tal, e alguém lá chamou o guarda e falou "Mas o Antonio não tem culpa!" Comprou a briga pra mim. "Tá vendo a marca do pneu? Olha a velocidade que esse cara vinha? O carro dele tá ali!" Aí fiquei fortalecido, falei "Ué, se eu tivesse atrapalhado mesmo, ele teria me batido!" Ele não bateu em mim, só no poste. Aí apareceu uma menininha lá e a gente foi dar uns rolê lá dentro do carro.

**Olga:** Na mesma hora da batida?

**Antonio:** Uma hora depois que resolveu tudo. Apareceu uma menininha lá, superlegal. E de repente começamos a conversar. Daí fomos lá para um canto, encostei o carro lá no... já era noite... os detalhes eu não conto, risos. Aí marquei outro dia, sei lá, amanhã então, de novo. Aí eu encosto o carro lá no lugar combinado, aí apareceu o negão. E eu levei um susto. E o negão chegou pra mim e falou "Não, não, não, não, não se assuste, eu sou amigo da fulana e o problema é que... ela não te contou, mas ela tem um namorado e é melhor você esquecer o assunto.

**Expedito:** Você lembra, Marta, ainda falando daquele bar que eu tinha ali, que a gente ia tomar... e era você, você era pequenininha. Eu estava com uma... eu vinha de lá não sei de onde com uma mulher da hora, muito bonita, eu, você e ela. E era uma escada ainda de terra ali, feita com enxada, pra subir pra onde eu ficava lá no sobrado. Aí você não conseguia subir, porque estava chovendo, você escorregava. E aconteceu exatamente o que eu queria, você desistiu. Você não quis subir com a gente. Você voltou e foi pra casa.

**Marta:** Pentelha, né, a caçula. Risos.

**Expedito:** Lembra? Você lembra disso aí não?

**Marta:** Eu não me lembro. Mas de fato eu andava atrás de vocês o tempo todo. Ia atrás de vocês, fazia o maior escândalo quando vocês saíam de lá e não me levava.

**Fim**

Aqui encerramos esse ciclo. Em seguida escrevi os livros e a árvore genealógica
e já começamos a pensar em como levar nossos parentes, filhos, sobrinhos para conhecer esses lugares.
O que aconteceu em 2021 e 2022, 2023 e 2024.

# Viagem número 3
## 24/09/2018 a 28/09/2018
## Visconde do Rio Branco

**Quem foi:**
**Antonio Lino Pinto e Nilza Maria da Costa**

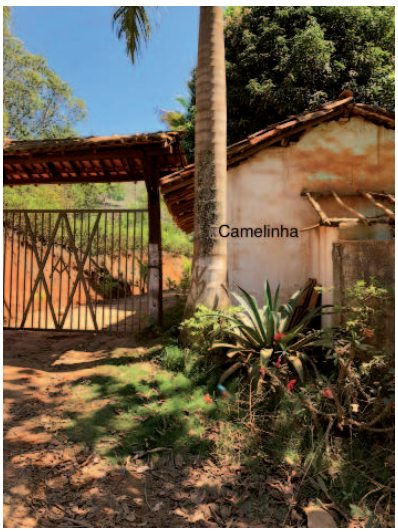
Nessa viagem, por termos mais tempo, a Nilza me levou a alguns lugares que eu não conhecia. A casa onde morava o administrador de uma da tal Companhia, o sr. Zequinha, onde tinha a escola onde meus irmãos estudaram quando moravam na Gameleira.

Depois conseguimos achar a tal Serra do Valão onde meu irmão João nasceu em 10/10/1944. A Nilza nunca tinha voltado lá. Tinha uma razão, era muito fora da nossa região e meus pais ficaram pouco tempo lá. Ela disse que demorava quase um dia a cavalo para chegar lá.

O roteiro foi: Casa da tia Carminha, casa da Vaninha, Casa das Cordeiras, Camelinha, Valão, onde o João nasceu, na volta, vimos de novo a casa do Sebastião Ferraz e o local onde a Nilza teve o Joãozinho em 28/11/1960, nesses 3 casos não tiramos fotos pois já foram postadas anteriormente.

Na casa da tia Carminha tem uma namoradeira na varanda que imagino está lá a séculos.

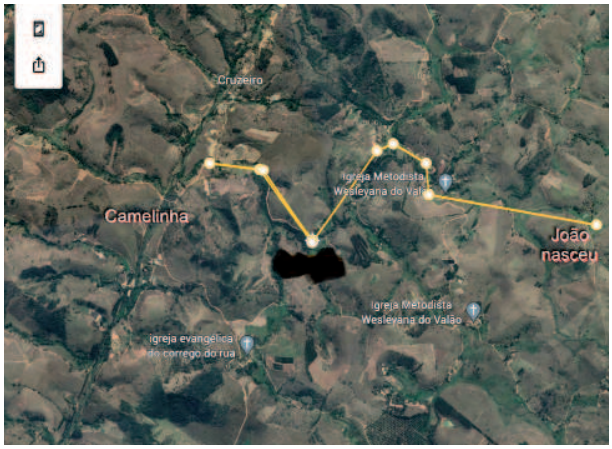






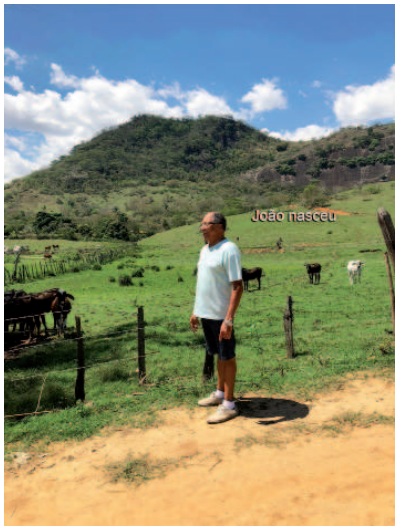








No dia seguinte fomos na sede onde morava o sr. Zequinha, passamos na Gameleira e o mais emocionante, chegamos de fato na tal gruta, onde nasceu a Minervina, que tínhamos visto de longe em 2017.







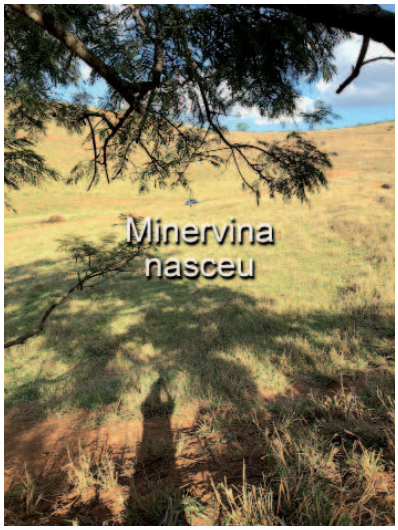






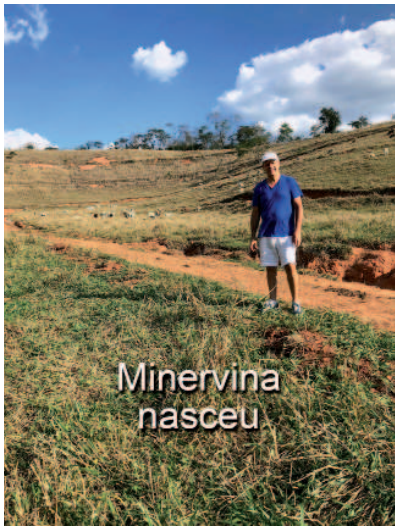


Nilza me fez uma surpresa, me mostrando uma pedra onde minha mãe teve que por estar muito enjoada, se sentar em 1951. Motivo: estava grávida de mim. A pedra, enorme está lá até hoje. 70 anos depois.










Passamos na Camelinha e tiramos fotos da estrada. A casa ainda continuava fechada.






# Viagem número 4

## 27 a 30/Janeiro 2019

## Juiz de Fora e Visconde do Rio Branco

**Quem foi:**
**Antonio Lino e Nilza Maria da Costa**

Eu a Nilza retornamos a Visconde e aprov

eitamos para passar, antes em Juiz de Fora.

Em Juiz de Fora tivemos a felicidade de conversar com nossa tia Olga que estava com 99 anos. Conversamos com alguns primos e principalmente com o Osmar, filho da tia Olga. Eu não os via há mais de 40 anos. Nesse dia em Juiz de Fora ganhei do filho da Odete, uma foto dos meus pais no ônibus, provavelmente voltando para São Paulo

**Fotos em Juiz de Fora:**















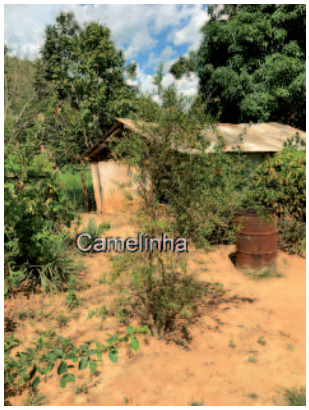








Em Visconde visitamos de novo a Camelinha, tiramos novas fotos, tomamos um café com o dono da casa, o Alípio e esposa. Gente finíssima. Ele tinha comprado a casa recentemente.







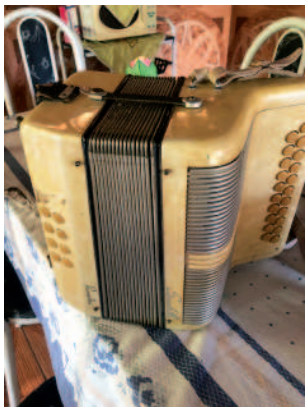
Fomos no Vadinho e outros.

Aproveitei para ir ao Cemitério ver se conseguia achar algum túmulo da família. Só achei os dos Ferraz, dos Ferreira e do Tio Sebastião.

Visitamos a casa do Dr. Joaquim ao lado da casa da tia Niguita.

Nessa viagem conhecemos o restaurante Parada do Rei e daí em diante sempre passamos lá para almoçar e comprar queijos e doces.

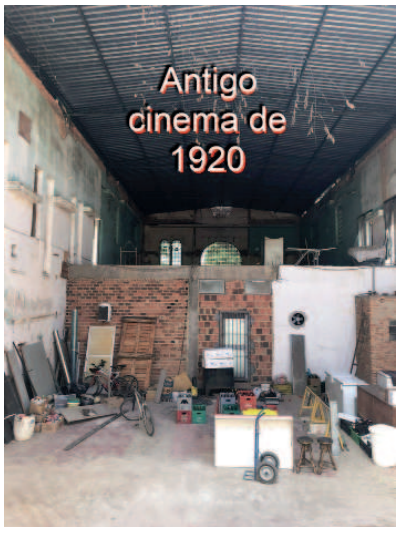
**A famosa sanfona do tio Sebastião, presente do major, nos anos 1930/40.**







**Fotos em Visconde: O cinema de 1920 se transformou nisso. Só ficou a fachada.**





# Viagem número 5

## 03 a 06 de Junho de 2019

## São Pedro dos Ferros e Visconde do Rio Branco

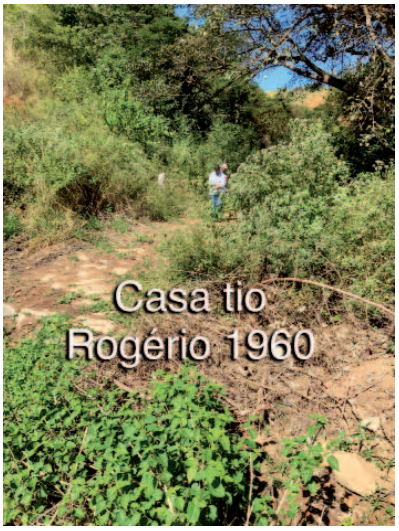
**Quem foi:**
**Antonio Lino, Nilza e Expedito**

Decidimos rever São Pedro dos Ferros, eu precisava mapear melhor os locais para localização futura via GPS. Como foi rápido propôs passarmos em Visconde, ao invés de ficar mais um dia em SPF.

Em SPF visitamos todos os locais de novo, inclusive os restos da casa do Jother. Cumpri a promessa de levar o Expedito nas margens da lagoa da Pirraça onde ele nadava. Em 2017 vimos essa lagoa à distância.

Fotos abaixo.

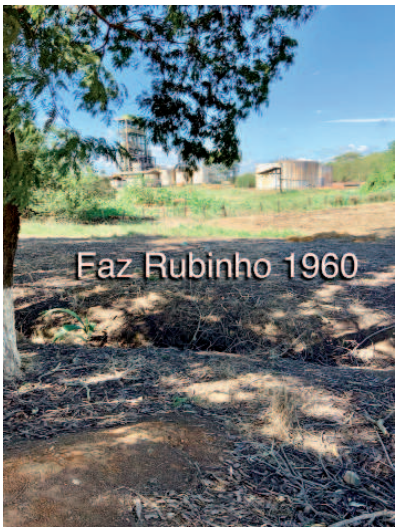


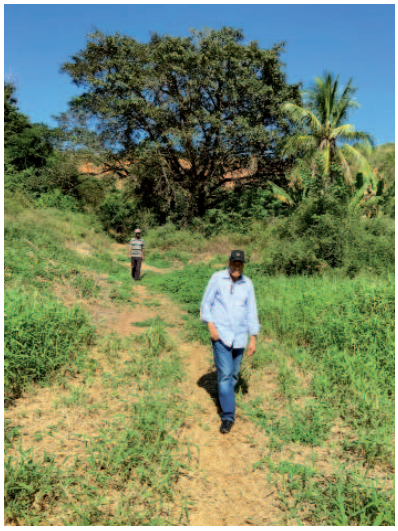


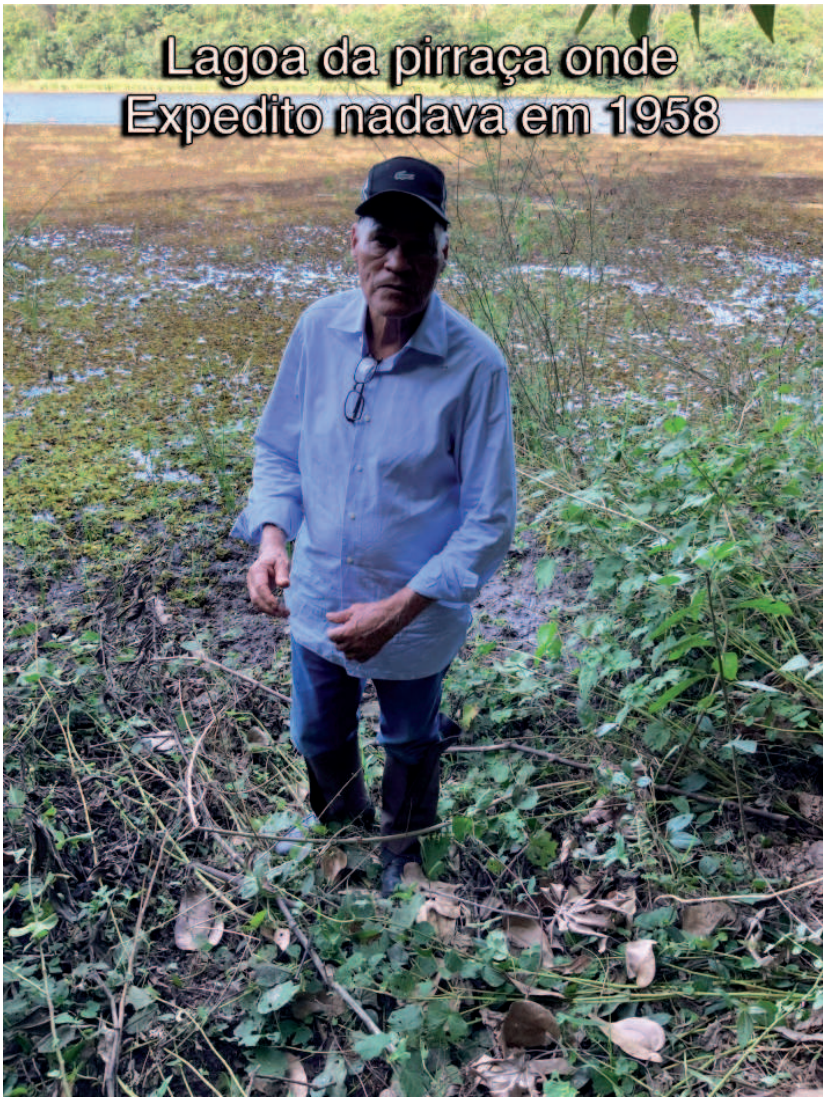









Lagoa da pirraça onde
Expedito nadava em 1958


Faz estância


Estância
Estância


Moradora do
gavião



A visita a Visconde foi rápida pois o plano era visitar somente São Pedro, como vimos tudo decidimos passar em Visconde por um dia.




Lá passamos no Colégio Raul Soares e conseguimos um atestado de frequência do Expedito. No ano seguinte descobri que quem me atendeu foi o filho da Teresinha Pinto, nossa prima, filha do Chico Pinto. Coincidências da vida.

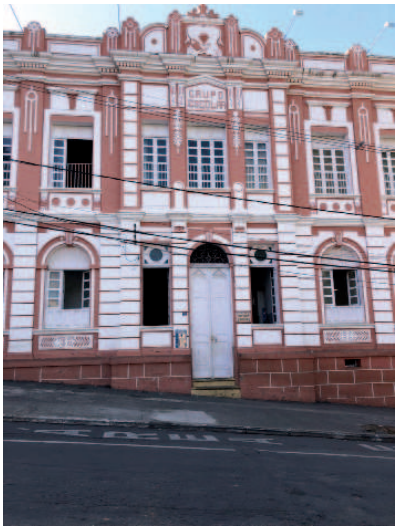
Foi também a última vez que vimos a tia Carminha, que veio a falecer em outubro de 2019, 4 meses depois.

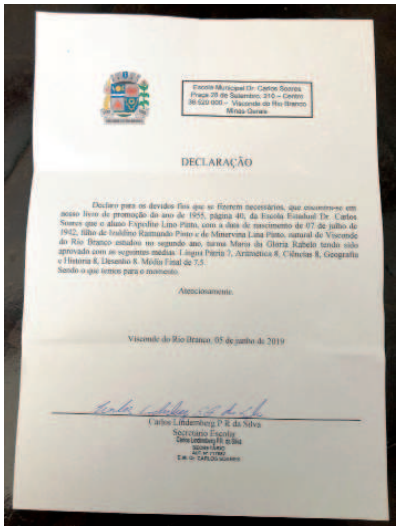












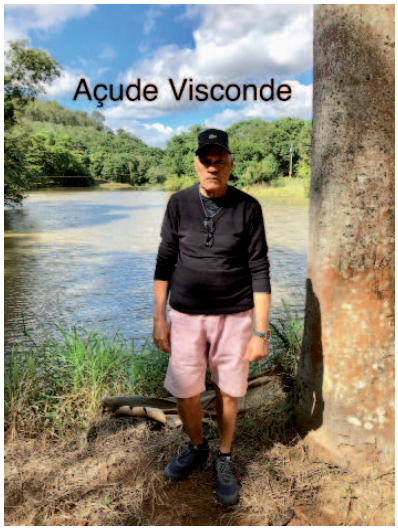
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que se fizerem necessários, que encontra-se em acervo livro de promoção do ano de 1955, página 40, da Escola Estadual Dr. Carlos Soares que o aluno Expedito Lino Pinto, com a data de nascimento de 07 de julho de 1942, filho de Izaldina Raimundo Pinto e de Minervina Lina Pinto, natural de Visconde do Rio Branco estudou no segundo ano, turma Maria da Glória Rabelo tendo sido aprovado com as seguintes médias: Língua Pátria 7, Aritmética 8, Ciências 8, Geografia e História 8, Desenho 8. Média Final de 7,5.
Sendo o que temos para o momento.

Atenciosamente,

Visconde do Rio Branco, 05 de junho de 2019

Carlos Lindemberg P R da Silva
Secretário Escolar







Dessa vez paramos no parada do rei, mas percebi que estávamos atrasados para pegar o avião e o coitado do Expedito teve que largar o prato cheio na mesa. Risos.

# Viagem número 6

## 26 a 29 de Janeiro de 2020

## Juiz de Fora e Visconde do Rio Branco

**Quem foi:**
**Antonio Lino, Nilza e Expedito Lino**

Nessa viagem, passamos em Juiz de Fora e vimos nossa querida tia Olga, agora pela última vez, (ela veio a falecer em 12/09/2020, em dezembro iria fazer 101 anos!) Estava muito lúcida e conversando bastante aos 100 anos!











Em Visconde fizemos o mesmo roteiro e visitamos o Francisco Ferraz, local do famoso moinho, e, onde eu com uns 10 anos, ia sozinho a cavalo, levar milho e trazer fubá.

Ele foi padrinho do Toni, filho da Nilza.

Visitamos também a Lurdinha, irmã mais velha do Tãozico. Ela faleceu agora, em 2024. Visitamos também nossa prima Teresinha Pinto casada com o Nilton Rodrigues, foi uma satisfação conhecer o casal. Descobri nas pesquisas, que o avô da Teresinha é famoso Francisco Pinto, o pai dela é o Francisco Pinto Filho, o Chico Pinto.

Dois fatos interessantes. O avô dela era irmão do João Ladislau Pinto, pai do Izaltino. E o Chico Pinto filho, pai da Teresinha foi casado com Elvira Lopes de Carvalho, que com certeza era parente da Flausina Lopes de Carvalho, mãe do Izaltino.

Tentei levar O Expedito onde nasceu a Minervina, mas por causa da chuva não foi possível.

Tiramos fotos na entrada do local.
























**O Franciso Ferraz faleceu agora em 2024.**






E o nosso almoço básico no Parada do Rei.






# Viagem número 7

## 30/10 a 05 de Novembro de 2021

## Visconde do Rio Branco e São Pedro dos Ferros.

**Quem foi:**
**Antonio e o filho Júnior, Nilza e os filhos: João, Zezé e Sérgio. Expedito e os filhos: Ivan, Nilson, Edson e a esposa Edna. Olga e os filhos: Márcio, Marcelo e Rodrigo. Marta e a filha Marcela. As filhas do Falecido mano João: Andréia e Cristiane. Adenize e Luis Carlos, viúva e filho do mano Luiz. José Pinto, filho do Tatão. E o mais importante, meu mano José Lino Pinto, (Zezito) e enfermeira Luana.**

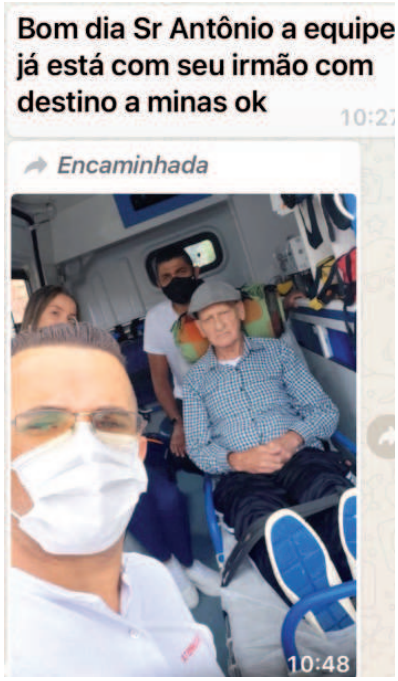
Essa foi a viagem de apresentação aos parentes, sobrinhos especialmente, das nossas descobertas. Foi um sucesso. Uma pena que por causas das chuvas, infelizmente, não conseguimos ir a todos os lugares.

Foi tão marcante que a foto abaixo, está exposta na galeria de fotos do hotel, junto com vários artistas que passaram por lá.




A personalidade nessa viagem era o José Lino Pinto, meu irmão Zezito. Mesmo com dificuldades de locomoção, conseguimos levá-lo de ambulância, em Visconde e São Pedro do Ferros. Ele se emocionou muito. Em SPF ele nunca tinha voltado. A última vez foi para nos buscar em junho de 1963. Ele aproveitou e passou antes em Juiz de Fora para rever o primo Osmar.

Nessa viagem também o Júnior gravou muita coisa. A seguir alguns trechos. A chuva prejudicou muito. Não conseguimos ir em vários lugares.












**Papo do Jr. com a Nilza na praça em frente ao hotel em Visconde.**

**Nilza:** ... e na sexta-feira, da Semana Santa, começa mais tarde a festa. O papai mandava a gente vir na terça pra poder ir embora cedo. Não podia ir pra lugar nenhum. A única pessoa que trazia a gente era a Tia Niguita, a mãe do Tãozico, e quando ela queria, se ela não quisesse também, ela não trazia, não adiantava. Não podia fazer não.

**Jr:** Ficava só lá na roça.

**Nilza:** Só na roça. Só na roça, ajudando lá a cuidar das criança.

**Jr:** Mas ele fazia a festa lá?

**Nilza:** O papai fazia. Ele fazia baile, mês de janeiro, dia 23 de janeiro era aniversário dele. Então ele fazia, todo ano ele fazia um baile. Baile assim, de violão e sanfona, né? E ele não deixava a gente dançar, não deixava a gente ir a lugar nenhum. E quando ele fazia baile em casa, ele me chamava pra dançar com ele,

tinha que dançar com ele. Com uma vergonha, meu Deus! A gente tinha uma vergonha pra dançar com ele. Ele era assim.

**Jr:** Mas ele ficava alegre então na festa?

**Nilza:** Nossa, ficava todo-todo. E no dia 9 de julho era aniversário da mamãe e ele fazia outro baile, fazia aqueles almoço, matava porco, fazia broa, sabe, broa de fubá e licor, não tinha cachaça não. Não tinha cachaça não, igual tem agora, maior bebedeira danada.

**Jr:** Licor de que?

**Nilza:** Eles faziam licor de... ó, eu sei que... eu não sei de que que era o licor não. Não sei se era de fruta acho que era, mas era tão gostoso, precisava de ver. E era isso, a festa que a gente tinha antigamente era assim. Casamento? Não tinha esses bolo de casamento, tinha... era bolacha, sabe aquelas bolacha quadradinha assim, ó, mas assim, dessa altura assim. Então você vinha na padaria aqui, ó, igual o meu casamento mesmo, encomendava uma quantidade de bolacha com café na chegada do casamento. Aqui, eu me casei nessa igreja aí.

**Jr:** Nessa do centro aqui?

**Nilza:** É. É, casei-me aí. Aí eu peguei e falei assim... aí chegou na hora que saiu do casamento, a gente tá lá na porta da igreja, não tinha um filho de Deus, um padrinho, pra levar a gente embora de carro. E eu era muito caipira também, ainda sou até hoje. Aí o meu cunhado tinha caminhão. Ele morava ali, também já morreu, ele tinha caminhão. Aí eu peguei e falei assim, ó "De caminhão eu não vou!" Falei "De caminhão eu não vou!" Falei assim "Ah, ficar lá na porta da igreja, agora vou de caminhão embora, pra roça?" Aí teve um dado... esse negócio que o Marcelo estava falando aí, que foi padrinho de casamento também nosso, né, aí ele alugou um táxi e levou nós, levou nós pra casa do casamento. Quando chegou ali no Morro do Pilão, que eles falam, vou te mostrar lá, o carro atravessou assim... atravessou assim, e tinha um buraco, de você chegar no buraco assim, você via o rio. E a estrada é tão pequenininha, vou te mostrar, e a estrada é tão pequenininha, tão estreitinha que o carro virou ali. Como a mamãe falava assim pra gente "Se for pra você ter um casamento igual eu tive, é melhor que você tenha um caixão no dia do casamento!" Quando o carro virou, o que que eu pensei? Falei "Pronto, vou morrer, né?" Cada bobeira que tinha antigamente! Mas pensei assim "Eu acho que eu vou morrer, porque a mamãe falou aquilo lá, quem sabe eu não vou ter sorte?" Porque a mãe era muito sofrida, né, no casamento.
- Era.

**Nilza:** Nossa Senhora. A gente atravessou ali, a gente foi andando, né, usava colocar tranca nas porteira, colocava assim essas... fazia um arco dessa folha assim, de bambú, assim, ó, porque quando tinha aquilo ali na porteira é que tinha noiva. Era muito legal. Aí a gente foi andando...
- Do que que era o arco?

**Nilza:** De... daqui ó, desse negócio de bambu. Tá vendo? Isso aí é bambu.
- Ah, isso aqui?

**Nilza:** É, isso aí. Então eles cortavam aquelas folhas disso aqui, cortava aqueles galho de bambu mais novo, né, fazia assim, emendava um no outro assim, e fazia assim. Enfeitava tudo. Ali, onde tinha um arco daquele, é que tinha noiva. Era assim, então a gente foi andando.
- Enfeitava de que? De... com flor, essas coisas assim?

**Nilza:** É, com flor de... só de papel, esses papel que eles faziam pipa. E era legal pra caramba. Era assim, antigamente era assim. Aí o Zezito foi dormir lá, no carro, tomar conta do carro lá, até o dia amanhecer, pra poder buscar.
- Ah, o carro ficou lá.

**Nilza:** É, pra alguém buscar, sabe?

- Você chegou andando de vestido.

**Nilza:** É, pra alguém me buscar. Você ouviu essas coisas antes? Muito... umas histórias muito danada, né? E foi assim.

**Nilza:** Quando vinha e batizava a gente era madrinha de alguém, vinha no batizado de alguém. Fui madrinha de muitas crianças da roça, que a gente foi madrinha. Chegava ali, meu filho, fazia o que tinha de fazer. Era desse jeito. Não ia pra lugar nenhum. Lá no Clemente, tem aquela igrejinha lá, todo mês de junho nós tinha festa, né? eu tinha mais medo do Zezito de que do papai. Então ele pedia pra ele ir, ele falava "Se o Zezito levar, pode ir!" Aí o Zezito levava. Chegava lá, Júnior, um dia eu lembrei dele, a gente não podia nem olhar assim, ó, ele fazia assim "Vamos embora!" Pegava, me levava embora e voltava. Não podia olhar pra ninguém.
- Olhar o que? Pros menino assim?

**Nilza:** Os rapazes, não podia olhar. Eu não estava ligando pra ninguém não. Eu queria passear, queria se divertir no meio de todo mundo, mas era uma implicância, uma bobeira.
- E só ia você, o Zezito e o Expedito...

**Nilza:** Era eu, o Zezito, o Expedito e o João. O Expedito ia com a gente nessas festa. E o Zezito não deixava o João ir. E ele era chorão. "O João não vai!" E eu queria levar. Quantas vezes a gente perdia a reza, porque o João ia, o Zezito não deixava ir. Então ele se escondia, o João ia até uma distância e voltava. A gente escondia pro João não ver a gente, mas tudo maldade, sabe, dele? Aí passava a hora da reza, pronto, ninguém via nada, todo mundo ia embora. Umas bobeiras que tinham antigamente.
- E vocês tinham quantos anos mais ou menos?

**Nilza:** Eu? Acho que eu tinha uns 10. 10... 10 pra 11. Eu acho que 11 anos. 11 anos. É, 11 anos. É isso mesmo, o Zezito tinha 12. Não, ele é mais velho de que eu 2 anos. Acho que ele tinha uns 13 anos. (Deve ter sido entre 1950 e 1952).

**Nilza:** A gente ia lá pra roça. Precisa ver a distância. Aí ia pra lá, pra casa da tia. Tudo andando descalço, ninguém tinha calçado não.
- Tinha a história que vinha com sapato quando tinha que entrar na cidade.

**Nilza:** É. Vinha descalço, quando chegava lá embaixo, tinha uma Biquinha lá, a gente lavava o pé e punha sandália, levava um pano véio dentro da sacola. Quando a gente voltava, né, a gente tirava, punha o sapato dentro da sacola e ia embora a pé, descalço.
- Na cidade, não andava descalço?

**Nilza:** Não, porque a gente ia na igreja, a gente ia na loja, entendeu? Então sempre vai tá com o pé no chão. Eu não ia, né, então, descalço, né, então eu usava as sandálias...

Saímos com todos no total 24 pessoas. Eu fiquei responsável de mostrar todos os lugares para eles. Infelizmente teve muita chuva e não para ir em alguns. A Camelinha e Gameleira por exemplo.

Nesse sábado dia da chegada fomos todos à tarde onde a Minervina nasceu. Essa época em Visconde é de muita chuva, não conseguimos ir a vários lugares com o grupo.

### Mostrando onde Minervina nasceu:

**Antonio:** Primeiro que a gente não tem certeza de nada, é por dedução, o Osmar falou que era por aqui, o Tonzico disse que, de vez em quando, a mãe dele falava que era por aqui.
- Sim, sim. É nessa área.

**Antonio:** Então eu imagino, porque como aqui tem uma nascente, a casa devia ser mais ou menos por aqui, certo? Porque a turma tinha mania de fazer... primeiro, que é o mais plano, né? Você não faz uma casa num morro, vai fazer mais embaixo.
- Sim.

**Antonio:** Então devia ser... eu rodei com o Tonzico tudo isso aí pra ver se tinha um cascalhozinho. Isso é de 1900 e... eles perderam a casa aqui em 1935, né? Então é muito tempo. E aí, pelo dado que tá na escritura, eram casinhas daquelas de antigamente, casa feita em 1910, que normalmente era aqueles de pau a pique, que eles chamam, né? Com o tempo, aquilo vai sendo destruído. Como eles transformaram tudo isso em canavial, eles foram derrubando tudo, né?

**Expedito:** Agora, que era aqui, com certeza era, né? Porque você tem até o documento.

**Antonio: O Osmar me garantiu... não, o Osmar lá da Tia Olga, ele falou "Antônio, eu lembro até onde era a casa, porque a gente passava naquela estrada ali e eles viam aqui. E aqui tinham várias casas, porque eram várias casas de colonos, porque essa Fazenda Santa Juliana... Não, isso aqui não é tudo do vô. Essa Fazenda Juliana tem vários parentes. Tem o pessoal do Chico Pinto, que era tio do nosso pai, né? E eu descobri o seguinte, que a Família Pinto... nasceu o José Francisco Pinto, em Leopoldina, aí ele passou aqui em Ubá, teve duas filhas em Ubá e veio pra Rio Branco. Quando ele veio pra Ubá, de Leopoldina, ele já veio com o pai, que seria o pai do papai. Aí o José Francisco Pinto chegou aqui com os filhos, com um monte de filhos, mulher, homem. O João... como é que é o nome do... João Ladislau Pinto, se engraçou com a Flausina e aí deu casamento (match, como se diz hoje).**

**E aí nasceu o Izaltino em janeiro de 1918. No ano que nasceu o papai, em 1918, morreu o que seria o avô do papai, que é o pai do João Ladislau Pinto, o José Francisco Pinto. Aí o papai não conheceu o avô dele, né? Mas com certeza o avô viu o neto Izaltino, pois ele faleceu em 05/11/18. Meu pai tinha 11 meses. Então o que que acontece? A Família Pinto, a origem, pelo que eu tô percebendo, não é de Rio Branco, é diferente do Lino. O Lino, tá todo mundo aqui. Esse pessoal veio lá de Leopoldina pra cá, mas eu não consegui ir mais fundo. Aí daqui... aí nasceu, da turma do papai, nasceu esse monte de homens né?**
- Tudo aqui, né?

**Antonio:** Tudo aqui. É, é. Nós vamos passar, na terça-feira, na Gruta do Pinto, que é um outro local que é praticamente ao lado de onde o Tio Rogério se engraçou com a... como é que chama a mulher dele, a Chica.

**Antonio:** Então, porque você passa lá, você vai ver onde, inclusive, o Fiote nasceu, é a 200 metros. Todas, solteironas, as tais das cordeiras, aí ficava todo mundo, provavelmente, de olho na homarada, porque a família do papai era só homem, né, ela tinha duas mulheres só. E aí deu casamento... tanto é que deu casamento em dois primos ali, dois parentes. Aí o Tio Rogério se casou com a Chiquinha Cordeiro.




**Expedito:** Então o meu tio Rogério, que era seu avô José, é que morava lá. Ele fazia carro de boi, essas coisas.
- É. Fazia marcenaria.

**Antonio: Você vai chegar lá, a casa do... onde o Fiote nasceu, não tem mais, mas é do lado ali, o Nilza lembra bem. Tem uma casa hoje lá que é mais moderna e... então é isso, suponho, né, pelas informações, que a casa da mamãe seria mais ou menos por aqui, porque aqui tem uma nascente e ninguém fazia a casa num morro, você faz próximo onde se pode ter uma horta, pode ter coisa. E a nascente.**

**Andréa:** E agora é de quem aqui, tio?

**Antonio:** O pai da mamãe comprou em 1920 mais ou menos e...

**Expedito:** Era melhor a gente ir embora, né, esses bois perdem a paciência e sai correndo atrás da gente.

**Antonio:** Comprou de um parente, que também eu não consegui descobrir, mas é da parentada também. Ele parece que comprou da vó da Minervina. Não sei.

**Jr:** Você chegou a ver essa casa, Duduca?

**Nilza:** Cheguei, muitas vezes, até eu esqueci que você estava aí Jr. A gente ia pra cidade a mamãe falava pra gente que o pai dela, eles eram nove irmãos, né, disse que o pai dela saíam de manhã, todos os domingos, ia pra missa com os nove meninos e a minha avó. Depois que chegava da missa é que eles iam dar milho pras galinhas, jogar água na couve, ratar dos porcos, mas primeiro era a missa. Todos os domingos, ela falava. Ia todo mundo. Ela contava... a mamãe contava pra gente isso aí daquela casa ali.

**Jr:** Como que era a casa, você lembra?

**Nilza:** Não, não dá pra lembrar assim, como que era. Era uma casa normal de roça, né, uma casa normal, aquelas janelonas, sabe? O pessoal não tinha muita... assim, novidade não, só mesmo isso.

O Zezito não veio junto pois como parou em JF, chegou bem tarde em Visconde.

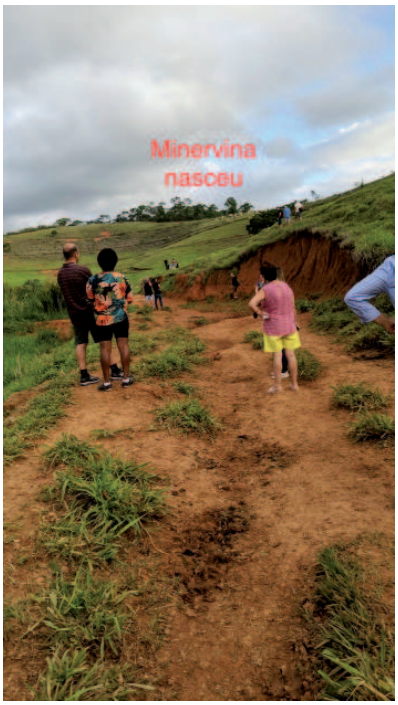
**Local onde Minervina e irmãos nasceram ou moraram.**

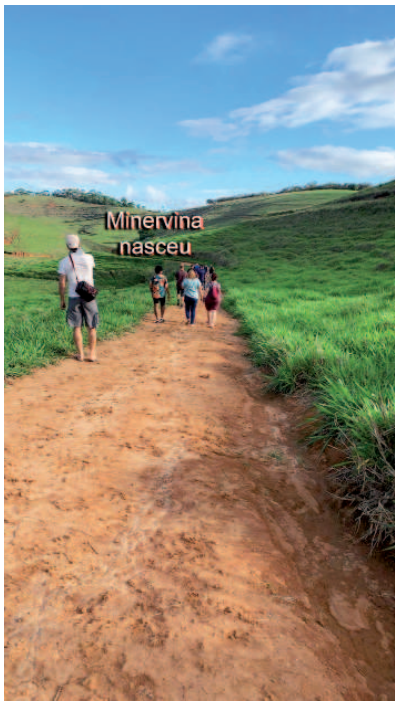










A noite dia 30.10.21 fomos recepcionados pelo Tãozico, Lourdinha, Luciano e Renato, com um churrasco e muita cerveja.







O Zezito deu uma parada em Juiz de Fora na casa do primo Osmar, e chegou em Visconde por volta de 11hs da noite do dia 30/10. Sábado pela manhã ele já estava tomando café e se preparando para irmos todos a São Pedro dos Ferros.

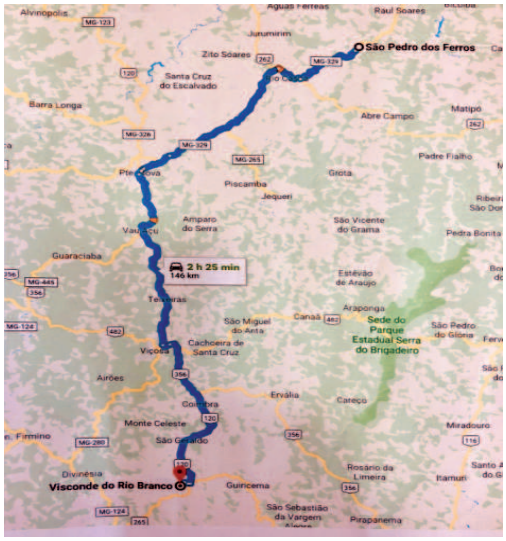
**31.10.2021 – Ida para São Pedro dos Ferros:**








Saímos por volta de 7.30 para São Pedro, cerca de 150 kms de Visconde.







O Zezito foi na ambulância. O Tãozico e a Lourdinha foram conosco.

O primeiro registro de áudio do Jr. foi com o Zezito.

**Zezito:** ... É cana. Carregando milho... da época de milho. E aquilo me dá saudade. E a gente pegava carona com aqueles motoristas, que eles já conheciam a gente, porque a gente era... quantas léguas tem aquele pedaço lá? Era muito longe lá do...




**Antonio:** 16 km é a medida. 16 km do Centro até o Morro Redondo. Na Estância, que a gente morava lá. É, a Estância é um pouquinho mais, dá 23 km. Aquela casa da Estância tá lá, nós vamos passar na porta agora.

É a única que tá lá ainda, mas aquela estradona que a gente saía de São Pedro e ia embora para as fazendas, ela continua a mesma estrada.

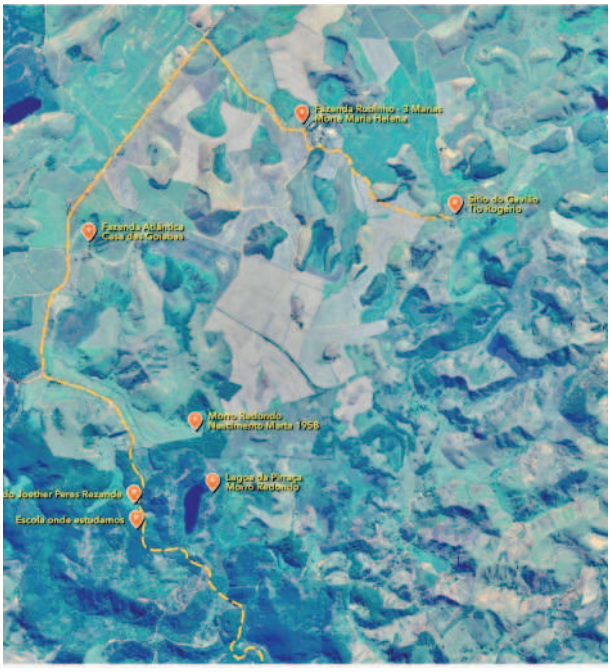
**Antonio:** A Nilza chegou aqui em junho de 1958 para nos visitar foi lá na primeira parada, dá 16 km e meio a pé, à noite, por estrada de barro e ela com o Zezé com 40 dias no colo.
- Então o Zezé não precisa mais ir a pé, porque ele já fez essa caminhada a pé, entendeu? Risos.

**Zezé:** Então vocês podem ir. Eu deixo vocês irem, tá, pra saber como é que é.
- Você não foi a pé, você foi no colo.

**Zezé:** Fui no colo, mas de vez em quando eu tinha que descer um pouquinho, né? Não foi só no colo, direto, não. Risos.
- Com 40 dias???? Risos.

**Antonio:** Zezito aqui você deve lembrar da praça. Não mudou nada, viu, pelo jeito. Você lembra, né? Ó, aqui, normalmente, tinha aqueles jipes pra levar lá pra roça, né, quando chegava, né?

**Zezito:** É.




**Rodrigo:** Eu posso pedir uma gentileza aqui pra vocês?
- Claro.

**Rodrigo:** Se dá pra medir a pressão da Olga, minha mãe?
- Claro.

**Antonio:** Ah, o Zezito quer uma foto aí. Opa!

**Zezito: Vou levar a saudade de ver o jardim que existia e hoje não tem mais aqui na praça.**

**Zezito: As mulheres ficavam andando de um lado e os homens andando do outro. Se encontravam no meio do jardim. E ali um piscava pro outro, já era caminho pra cantada, né? Você fazer assim, eu dei uma piscada, eu tô cantando ela e ela aceitou? Já saio com ela. Largo a fila e já saio com ela. Era assim o esquema...o namoro.**

**Antonio:** Essa rede de trem aqui chegava no Rio de Janeiro. Passava lá em Visconde.

**Jr:** E essa estação de trem, o senhor viajou nesse trem aqui, que saía daqui?

**Zezito:** Eu viajei muito. A gente vinha... minha mãe vinha pra cá, eu vinha junto com ela. Viajamos muito aí. Muito. Era gostoso viajar.




**Jr:** Quando o senhor veio pegar o pessoal pra ir pra São Paulo, foi aqui que o senhor desceu?

**Zezito:** Não, não. Não, foi... foi, foi, deixa eu lembrar direito. E eu acho que foi daqui mesmo. Não tô lembrado bem agora não.

**Jr:** Ô, pai, quando o Zezito veio pegar vocês pra São Paulo, foi daqui? Que vocês saíram?

**Antonio:** Aí ele buscou a gente... é, exato. Foi lá na casa do Tio Rogério, lá no Sítio do Gavião.

**Zezito:** Isso. É, do Gavião.




**Antonio:** Sei até a data que ele chegou no sítio: 17 de junho de 1963.

**Zezito:** É, do Gavião. E o Tio Rogério é que levou vo...

**Antonio: Daqui nós pegamos... vê se você lembra, Zezito, daqui você pegou... tô falando o que a Duduca falou e eu levantei, daqui você levou a gente pra Visconde do Rio Branco, nós dormimos na casa do Chico Pinto e depois fomos embora pra Juiz de Fora e São Paulo. A Olga lembra bem que nós dormimos lá no Chico Pinto.**

**Saímos da praça para as fazendas onde moramos. Fazenda do Morro Redondo, Fazenda do Rubinho, Sitio do Gavião e Fazenda Atlântida (a das goiabas).**

**A 1ª parada foi no Morro Redondo onde moramos em 1957/1959:**

**Expedito:** É o seguinte, aqui por exemplo, tinha uma vizinha nossa. E ali era a nossa casa. Mais pra frente, tinha mais duas casas, inclusive uma que a minha mãe meteu a foice na cabeça do cara lá, porque ele queria brigar com o meu pai.

- Essa história eu conheço.
- É, também.
- Essa história você conhece?
- Conheço.




**Expedito:** Então, foi aqui. Agora, essa área aqui, toda, era tudo inundada, não era assim sempre. Tinha... era como se fosse uma lagoa.

**Expedito:** A gente vinha pegar peixe aqui e tudo. E a nossa plantação era ali em frente. Então a gente tinha uma plantação ali de milho, até de arroz e tudo. E esse lado aqui, ó, esses baita morrão aqui, também a gente plantava lá em cima.

- Tô chegando, tô chegando.
- Chegou a imprensa.

**Expedito:** Aqui é o seguinte, o solo foi muito modificado. Antigamente não era tudo plano aqui.

**Marta:** É pra você falar da minha pessoa, não do solo, afinal eu nasci aqui. Risos.

- Ele tá fazendo a introdução.

**Expedito:** A nossa casa era aqui, e tinha um declínio pra lá e outro pra cá, e a nossa casa no centro, que agora tá tudo aplainado. Não tá assim, como era antigamente. É aqui essa aguaceira, desse lado.
- Aqui tinha uma passagem...




**Marta:** Olha a árvore que nasceu onde era a minha casa!
- Essa árvore é centenária, hein?

**Ivan:** Ó, só vou falar uma coisa, o Tio Antônio falou que eram 5 minutos de parada aqui, daqui a pouco ele começa a contar batatinha 1, 2, 3...

**Marta:** Como que você vai contar a história de uma pessoa como eu em 5 minutos?
- Pois é.
- As formiga tão me comendo viva.
- A Marta não sabe, ela era pequena.
- Eu era bebê.
- Me conta como é a emoção de voltar aqui?
- Vai, para de palhaçada, termina de falar, Expedito.
- Fica quieto vocês, ô!
- Andreia, fica quieta.
- E a emoção de estar nesse lugar?
- Vai, quem é que sabe da história? É você? Então fala.
- Mas é mais ou menos isso que eu já falei.
- Tem mais alguma coisa?



**Marcela:** Vocês ficaram aqui quanto tempo, tio Expedito?

**Expedito:** Por exemplo, você quer saber onde a minha mãe deu a foiçada no cara?
- Quero saber alguma coisa a mais.

**Expedito:** Foi ali, ó. Foi bem ali. Descendo um pouquinho ali. A nossa casa aqui, minha mãe aqui de olho, meu pai lá discutindo com o cara e a minha mãe de olho "Aquele cara, ele vai brigar com meu pai." "O trouxa do meu pai", ela falando, né? O trouxa tá lá de costa pra baixo, que ali é tudo ribanceira, né? E não deu outra, o cara meteu a mão no peito dele, ele caiu e o cara caiu por cima.



Nessa hora, ela passou a mão na foice e veio correndo, deu uma foiçada nele. Aí ele saiu fora, foi lá pra casa dele, que era aqui na frente, e na mesma hora a minha mãe catou o Antônio e foram lá em São Pedro. Todo esse caminho que nós fizemos agora, a minha mãe, em plena tarde já, foi com o Antônio, a pé, prestar queixa do cara lá na cidade de São Pedro.
- Quanto sofrimento, né?

**Marcela:** Conta esse negócio do parto pro povo, tia, que você estava falando.

**Olga: É, que a minha mãe... a minha mãe já tinha 45 anos quando ficou grávida da Marta. Aí ela passou muito mal, né, nos finais lá da gravidez, né? E não tinha o que fazer, não tinha pré-natal, não tinha coisa nenhuma. Aí ela ficou muito ruim um dia, acordou muito ruim. E ali passava um jipe, um médico de jipe, um velho, ele descia de manhã, tipo 8 horas eu acho, e subia 6 da tarde.**

**Então todo mundo que precisava de um médico, colocava uma bandeira vermelha na porteira.**

**Ali tinha uma porteira, onde tá aqueles carro branco, lá tinha uma porteira. Colocava lá a bandeira. Ele via que a bandeira estava lá, ele seguia aquela tr ilha e vinha aonde a pessoa estava. Aí ele veio examinar minha mãe. E ele falou... ele deu um remedinho pra ela lá, tudo, mas falou que ia demorar um pouco, uns 15 dias depois nasceu a Marta.**



- Nossa, ela ficou 15 dias sofrendo?
- Ficou mais, pergunta pra Duduca que ela sabe certinho.
- Agora, deixa eu perguntar, essa árvore aqui já existia?
- Não sei, são mais de 60 anos né?
- Nossa, que linda, né?

**Expedito: Ali, daquele lado, tinha um... como é que fala? Um negócio de beneficiamento de grãos. Por exemplo, levava lá o arroz em casca, o cara limpava pra você. E tinha um senhor que... sozinho, morava sozinho, ali era muito bonito, tinha a casa dele, o pomar cheio de fruta de tudo que é jeito e ele, toda noite, vinha pra cá, pra casa dessa vizinha nossa, e ele ficava xavecando ela, uma mulher muito bonita lá e o maridão chifrudo. E por aí afora. Então, seguindo em frente, tinha onde morava o veterinário. Tinha a sua casa com luz elétrica, tudo, e os outros que se dane, que aqui nunca existiu luz elétrica pra nós, mas o veterinário tinha a dele. Era bem ali na frente.**



- Aqui você já tinha luz elétrica?
- Não, não, só eles que eram privilegiados. Aqui era lamparina.

**Expedito:** Ele era o veterinário, empregado do patrão. Aí é o bambambã. Desse lado aqui, que o Antônio fala tanto nessa tal de goiabeira, é exatamente desse lado de baixo que tinha uma outra casa, aí sim, nós fomos morar lá por um período bem curto e tinha luz elétrica.

- É isso, né?
- Aquela que um dia acendia, outro dia não. Sabe como é que era o sistema antigo.
- E tinha um pomar de goiaba.

**Expedito:** E tinha um pomar de goiaba branca. A coisa mais incrível. E era ali que esse tal de pomar onde o Antônio fala que foi o primeiro porre que ele tomou, né? Que ele andou bebendo algumas coisinhas lá a mais e ficou bêbado. (Na verdade foi em outra Fazenda a Atlantida)

**Olga:** Ah, ele ia comprar pinga pro papai, né? E no caminho, ele pegava a rolha, molhava a rolha e chupava a rolha.

**Olga:** Aí ele viciou. Então todo dia e toda vez que ia comprar, ele fazia isso. Aí um dia ele, dentro de casa, ele ficou coisando a rolha, aí ficou bêbado. Ficou tão bêbado que ele falou que subia igual um foguete no pé de goiaba. Aí não conseguia descer do pé de goiaba, porque estava bêbado.

É, ele não conseguia. Acho que levou uma surra. Nunca mais bebeu. Risos.

- Vamos, que ainda tem que ir lá no outro lugar.
- Não quer falar nada, Marta, daqui? Você não vai falar nada?
- Eu não.
- Gente, vamos embora.

**Tony:** Tira uma foto da árvore pra gente guardar de lembrança, que essa árvore aí tem mais de 40 anos.

**Marcela:** Já tirei.

**Indo na casa das Goiabas (Fazenda Atlântida) e parando em uma das 3 vendas, em frente à fazenda:**

**Tony:** Vê se tá batendo com a minha emoção agora, porque eu tô...

**Antonio:** Pra mim, por exemplo, o Morro Redondo, o fato do morrinho ali onde a mamãe deu a foiçada no Seu Vicente tá até hoje ainda na mesma curvatura e aqui onde eu tomei o primeiro porre, eu tinha acho que 9 anos, 10 anos, que era uma casa que tinha goiabeiras no quintal.

**Tony:** É, a Olga fez o comentário agora lá no Morro Redondo.

**Antonio:** É. E aí nós conseguimos achar restinho da casa ainda no chão, entendeu? E nós achamos o cara e ele falou "Ah, faz 1 ano que eu derrubei o goiabal aqui!"
- Puta merda, que azar!

**Antonio:** Se a gente tivesse feito a viagem um pouquinho antes, a gente teria achado muita coisa... aqui, a Três Vendas que o Expedito com o Zezito precisa ver. Isso aqui é importante.

**Nilza:** Sabe por que que a gente nunca mais não veio aqui? Porque a gente não deixou ninguém aqui. Talvez, se tivesse ficado alguém pra trás, Antônio, a gente tinha vindo passear.

**Antonio:** Chamava... era considerada... eles chamavam de Três Vendas, porque nessa região tinha três vendas. Essa era uma delas. Tinha uma lá pra cima, tinha uma outra não sei onde e a que tá preservada ainda é essa aqui. Acho que tem mais uma aqui embaixo. Aqui, a turma saía da roça, aqui se comprava coisa, eu comprei muita cachaça aqui, comprava cigarro pra família. E a turma vinha com a enxada, parava na primeira venda, passava na segunda, né, não resistia dar uma paradinha, como alguém que eu conheço aqui, né? Risos. E já chegava em casa suave.

**Vários:** Calibrado. Preparado pra dormir. No grau. Mamado.

**Antonio:** Então essa ainda se preservou, né, e nós vamos agora numa, que a gente teve uma casa, a gente chama Fazenda das Goiabas. Na verdade, era uma casa amarela muito bonita. Eu até achei uma réplica, botei no livro, réplica não, tem uma mais embaixo e tinha um goiabal embaixo. Então essa foi a última residência que a gente teve. Aqui, o João meu irmão fez 18 anos.




**Marcela:** É, não é fácil não, né? É muita emoção, né?

**Antonio:** Eles fizeram uma... depois eu conto.
- Vai, conta, vai.
- Deixa ele respirar.

**Já no local onde era a casa das goiabas**

**Antonio:** Depois vai ter uma tarefa, mas cada um achar alguma recordação nesses restos de onde era a casa... quem achar leva. Vou dar um prêmio pra vocês.

**Antonio: Essa aqui, que a gente chama de casa das goiabeiras, foi a última casa que a gente morou. Essa foi a mais difícil da gente achar. Por acaso, a gente passava, passava, passava... ali embaixo, tinha uma casa parecida com a que a gente tinha aqui. Aí nós paramos, o cara lá, um motoqueiro, eu falei "Ô, Expedito, para com essa bobagem, o cara não vai saber, um moleque desses?" Aí o cara falou "Tinha uma casa amarela bem ali em cima!" Aí nós chegamos aqui, eu falei "Gente, não pode ser aqui. Tinha um quintal aqui de goiaba, não sei..." O cara falou "Olha, eu cortei o goiabal o ano passado. Fui eu que derrubei a casa."**
- Nossa! 1 ano.

**Marcela:** Aí você falou "Para aí, vamos conversar!"

**Antonio:** Então, se vocês olharem por aqui, eu levei uns pedaços, mas ainda tem uns pedaços da casa amarela derrubada por aqui.
- Ah, é?
- Se eu não me engano é por aqui, ó.
- É que agora eles araram tudo, mas vai achar.
- E que naquela época não tinha esse canavial aqui.




**Antonio:** Tentem achar pedaço da parede, entendeu? Amarelada.
- É de tijolo?
- Ah, eu sei o que eu achei. Aêeee.

**Antonio:** É, então, mas tem uns que você vai conseguir achar que têm tem a pintura do lado, amarela.
- Essa vale cem conto.

**Antonio:** Aqui, ó... ah, aqui é só pra gente ter uma noção. Aqui, Zezito, foi a última casa que nós moramos, que foi uma casa amarela. Foi a única que tinha luz elétrica. Você não chegou a vir aqui. Foi no período que você já estava em São Paulo.
- Aí a parede aí, ó.




**Antonio:** Quando você chegou pra buscar a gente, segundo a Duduca, o Tuta estava acabando de chegar com a mudança que saiu daqui e foi para o sítio do Gavião e você nem chegou a vir aqui. É, e o Tuta ainda estava com as camas no carro de boi e você falou "Não, vai todo mundo embora pra São Paulo"

**Zezito:** O canavial... o canavial não, a milharada dele lá com aqueles pezinhos tudo meio... fininho sem nada.

**Marcela:** Ô, eu achei um tijolo. Achei um tijolo. Tô chegando, tô chegando.

**Zezito:** Eu falei assim "O que que você espera de colher daqui?" Ele falou "É, se Deus quiser, eu vou colher sim" Ele não vai colher nada daí, porque tá tudo fino e tá morrendo já, porque não tem vitamina, a terra, né? Foi aí então que...

**Marcela:** Eu achei um tijolo. Deixa-me ver que que você achou. Isso aqui é, tio?
- Ah, essa tem pedaço de parede mesmo.




**Antonio: Decidiu levar todo mundo, né Zezito? Tá todo mundo agradecido até hoje por isso. A casa era aqui, mas você não chegou a conhecer. Aqui era a única casa...**

**Antonio:** Nessa aqui, nós ficamos um ano mais ou menos. Aqui, o João fez 18 anos. Nós fizemos um baile pra ele aqui.

**Zezito:** Tinha uma estrada aqui que ficava uma poeirada danada. Então a gente foi pra cidade tomar banho. Depois do banho, então... depois do banho que eu botei vocês no ônibus (Trem) pra Visconde e depois levar pra São Paulo.
- Ó, tem um pedaço da porta. É madeira amarela, olha.

**Antonio:** Tá pegando enganado. Vou dar o prêmio pra quem achar amarelo... aqui tem uma **outra característica, naquela época, a gente não tinha luz elétrica. Então essa foi a primeira casa, que nós chegamos, que tinha luz elétrica que parecia uma... você que morou sabe,**

**com lamparina, né? Pra nós, era um deslumbre ter aquele negócio tudo aceso, era uma coisa deslumbrante. E uma outra coisa que tinha nessa casa, aqui atrás, em qualquer lugar aqui, era o único lugar que tinha banheiro, daqueles que você se senta... se senta não, que fica de pé e tem um buraco. Que tem um buraco no chão. Eu fui cair na besteira de olhar pra baixo...**




**e tinha uma cobra de 5 metros. O Expedito lembra disso.**

- Misericórdia.
- Achei que você tinha caído lá dentro do buraco.

**Antonio: Foi uma farra, porque veio gente de todo lugar pra tentar fisgar a coisa lá. A cobra. Conseguiram jogar a coisa. Eu pensei até que fosse uma fantasia, minha, não era, era... conseguiram puxar a cobra lá de baixo.**

- Coisa real mesmo.
- E o medo, hein?




**Antonio:** Nós vamos passar agora na casa que tá de pé, que é exatamente igualzinha a essa. Aí vocês vão ter uma noção como é que era a casa.

- Aí, ó, filma o meu primeiro aqui.
- Caramba.
- Que que é isso aí?

**Edinho:** Quer roubar meu prêmio aí, mano? Ô, Márcio, se liga, mano. Ô, quer roubar meu prêmio aqui, mano?

- Que que é isso aí?

**Edinho:** Isso aqui é a parede da casa aí que destruíram aí, mano.




**Na fazenda do Rubinho – Destilaria Athenas, onde morreu a Maria Helena:**

**Antonio:** Zezito, aqui a gente não conseguiu, diferente daquelas outras lá, a gente não conseguiu identificar "Olha, a casa era aqui." Entendeu? Mas aqui era... nós saímos do Morro Redondo e viemos pra cá.

**Zezito:** Eu entendi. Você fala que era aqui o lugar. Risos.

**Antonio:** Era aqui com certeza. Lá, eu achei os pedacinho da casa. Aqui, a gente não tem ideia em que local que deveria ter sido.

**Zezito:** Se estavam ali, se estavam aqui...

**Antonio:** Exatamente, mas a região é aqui. Era a Fazenda do Rubinho, chamada... era Três **Marias, chamava de Rubinho. Quando nós saímos do Morro Redondo, a gente veio pra cá. Aí quando a Maria Helena morreu aqui, uns três meses depois, a minha mãe pirou e voltou pra Visconde do Rio Branco. Você, Zezito, já estava em São Paulo.**

**Zezito:** Ela pirou?

- Pirou.

**Zezito:** Na morte do Ivo em 1953 ela pirou também.

**Antonio:** É verdade. E aí a Duduca tinha acabado de mudar pra cá mas a mamãe resolveu **voltar para Visconde. Ai em Setembro/1960, voltamos todos, inclusive a Nilza, aí nós fomos morar lá na Camelinha, que você vai ver amanhã. Aí, um ano e pouco depois, voltamos pra São Pedro a Duduca ficou em Visconde, passou um tempo e a Nilza veio pra cá também. Aí nós fomos morar naquela casa amarela, que é aquela que estava derrubada ali, da goiaba, que eu te falei que tinha luz elétrica. Aí nós moramos um ano e pouco, aí foi quando você veio nos buscar, que foi em 63, entendeu? A Maria Helena morreu aqui.**




**Zezito:** Tudo isso que viemos pra cá, foi culpa do Tio Rogério.

**Antonio: Tio Rogério. É. E a Maria Helena morreu aqui, no mês de abril de 1960. Eu consegui a certidão de enterro dela aqui no... e ficou confirmado que era envenenamento mesmo. Ela comeu aquela planta Comigo Ninguém Pode. Estava com 5 anos. Foi um choque. A minha mãe entrou... porque a minha mãe perdeu o menino em 53, final de 53, com um ano e pouco. E ela já tinha perdido uma filha em 48 com aquele Fogo Selvagem. Ela tinha uns 4 anos. E aí a Maria Helena morreu... essa eu me lembro, porque eu já estava com 9 anos e tudo. Era grandinho e ela estava com 5 anos. Então foi um choque pra minha mãe. Foi um negócio... aí a gente voltou pra Rio Branco, ela acabou voltando pra cá. E aí já... o Zezito estava em São Paulo, a minha mãe foi lá visitá-los e resolveu... ela pressionou meu pai, não sei, ele arrumou um dinheirinho lá, pegou todo mundo e fomos embora.**
- Embora pra São Paulo.

**Antonio:** Agora nós vamos lá no Gavião então, onde o Tio Rogério morava.

**Antonio:** Aqui é a Fazenda do Gavião. Pessoal, vem aqui. Ô, Expedito. Ah, o Expedito não precisa, ele já sabe da história.
- Expedito!
- Pessoal, vem aqui. Não vou ficar gritando não.



**Antonio:** A Marta também já sabe da história, não precisa... bom, aqui é o seguinte, essa aqui é a Fazenda do Gavião ou Sítio do Gavião. Aqui, foi onde o Tio Rogério saiu de Visconde do Rio Branco, provavelmente em 1954, e veio pra cá. Em 1957, em julho, eu estava com 6 anos, 5 pra 6 anos, o meu pai resolveu vir pra cá. Nós chegamos aqui, nós não tínhamos casa, o Tio Rogério arrumou um paiol, tirou tudo e a gente dormia lá, os 8 oito filhos, sei lá quantos tinham.

**Zezito: Chovia tudo dentro.**

**Antonio: Aí veio todo mundo pra cá, né? Isso em 1957. Daqui... a gente ficou pouco tempo. Aí o Tio Rogério, provavelmente, arrumou lá no Morro Redondo pra gente morar, tanto é que a Marta nasceu lá, em 58. A minha mãe tinha a história que meu pai não parava em lugar nenhum, e não parava mesmo. Então, nesse pouco tempo, ele veio aqui e daqui ele foi pra o Morro Redondo, onde a Marta nasceu. De lá, ele veio pra essa Fazenda do Rubinho, que é onde tem a destilaria, que aí morreu a Maria Helena. Aí com a morte da Maria Helena... a mamãe ficou muito mal e foi pra... voltou pra Rio Branco, e nós vamos conhecer lá, onde a... a casinha tá lá até hoje. Aí, de lá, nós tivemos... ela se arrependeu, sei lá o que aconteceu, voltamos. Aí ficamos aqui de novo mais um pouquinho. Aí o Tio Rogério arrumou pra gente essa casa amarela que vocês viram no meio do mato. Ficamos 1 ano e pouco lá. Foi lá que teve o aniversário do João, que eu me lembro até hoje, a mamãe fez uma roupa**

**toda de marrom pra ele e tinha sanfoneiro. E eu lembro do João até hoje dançando. E eu tinha essa memória na cabeça, mas eu não conseguia identificar onde que era. Aí a gente foi amarrando, graças à Duduca, a gente foi amarrando as datas. E como ele fez 18 anos em 1962, e em 1962 ele foi pra São Paulo, e eu lembro que era uma festa de aniversário dele, então concluo que como tinha luz elétrica, só pode ter sido naquela casa que ele comemorou os 18 anos, todo de marrom.**
**A mamãe costurava, né, todo mundo sabe disso, ela que fazia todas as roupas. E ele todo lá, não sei o que... foi a memória que eu tenho.**




Aí o Tio Rogério decidiu que a gente deveria, voltando agora, então a gente estava aqui **nessa... exato, nessa casa onde vocês acharam os pedaços, o Tio Rogério decidiu trazer a gente pra cá. Tudo que eu tô falando aqui tem a ver com a Duduca, né, tudo. Nós chegamos a vim pra cá, ficamos aqui numa casa dessas e o Tuta veio trazer as tranqueiras, que não é a mudança, era um catre de cama e o resto era caixote, aquelas coisas. Quando ele chegou aqui, que era um domingo, o Zezito tinha acabado de chegar. Ele chegou pro Tuta e falou "Nem precisa desmontar esse negócio aqui, nós vamos todo mundo embora pra São Paulo!" Aí ele... o Zezito agora lembrou, ele disse "Ô, que que você espera desse negócio? Que que você acha que vai plantar nesse negócio aqui?" Porque ele já estava lá em São Paulo há uns 2 anos. "Isso não vai dar nada!" Aí toca nos todos a ir embora. A Duduca ficou. Então, em junho, dia 23 de junho de 1963 a gente foi embora pra São Paulo. A gente saiu daqui de trem, nessa estação, 12 horas pra chegar em Visconde. Dormimos na casa do Chico Pinto, que ninguém sabia quem era e eu descobri então que ele era tio do meu pai. Ele era irmão** do pai do meu pai, que era também do Rogério, e a gente dormiu uma noite lá. E de lá, nós pegamos mais 12 horas de trem pra São Paulo. Aí passou... Eu não sei se nós fomos de trem até Juiz de Fora e depois ônibus, mas na época tinha trem. Eu não sei.



**Lourdinha do Tonzico:** E às vezes o trem era muito lento. Agora, você gastou 12 horas daqui a Rio Branco. Rio Branco a São Paulo não iria ser 12.
- Devia ser mais.
- Ia ser mais de 1 dia, né?

**Antonio:** 15 horas, sei lá, 20 horas. Era um horror, né, porque daqui pra lá era 12 horas. É que de Rio Branco pra cá era 12 horas, porque tinha muita serra. Eu acho que pra ida era menor, né? Bom, de qualquer forma, a gente foi pra São Paulo, chegamos lá em 1963, ficamos lá, quando chegou agosto de 1965, a mamãe convenceu a Duduca a ir embora. Com a Duduca, chegou todo mundo, ó, esses catataus aí, tudo pequenininho. Só o Sérgio que nasceu lá. A Marli foi batizada na igreja, ali em Raul Soares, a gente vai ver lá depois, se der tempo. E, quando a Duduca chegou lá, ela chegou em agosto de 1965.
- A Duduca estava em Visconde ou estava aqui?

**Antonio:** Ela já estava aqui. Não, ela saiu daqui 1 ano e pouco depois que nós fomos embora e foi pra Visconde. Aí, de Visconde, ela foi pra SP.

**Marcelo:** Esse convencimento, só uma pausa aí, se deu como? A vó veio pra cá de novo pra falar com ela?

**Antonio: Não. Não, não. Aí eu já não sei. Aí, em agosto de 65, a Duduca e o Tuta, e a turma toda, foi lá pra nossa casa, na rua... coisa lá na Santa Silvéria. Quando chegou lá, isso foi fim de agosto. E em 12 de outubro, o Tio Donato, que era uma pessoa desaparecida desde 1938, apareceu do nada.**

**Eles botaram um anúncio lá numa rádio e descobriram o endereço do Tio José Pinto.**
- Eles falavam que ele fugiu.

**Antonio:** Não, quem fugiu foi o outro irmão, o Vitalino.
- Ah, é.



**Antonio: Aí eles vieram cumprir uma promessa, porque justo em 65 foi a época melhor de café no Paraná.**

**E eles acharam que ficaram milionário. Então vieram, sei lá, várias pessoas, tudo caipira, nunca tinham viajado, cheio de dinheiro, com os pacotes de dinheiro assim, e convenceram o meu pai pra ir pro Paraná, porque lá era a terra da bonança. A Duduca tinha acabado de chegar. Em janeiro, quatro meses depois da Duduca ter chagado, sai todo mundo pra morar no Paraná. Só que chegou lá, justo naquele ano, deu uma geada, não teve café nenhum. Foi a pior geada. Vocês podem pôr no Google, julho de 66, foi a pior geada no Brasil, não teve nenhuma... todo mundo perdeu tudo. Aí resolvemos voltar pra São Paulo. Aí a Duduca já tinha ficado...**
- Vocês ficaram meses só no Paraná.
- Ficamos 1 ano.




**Antonio:** A gente foi em janeiro, eu e a Olga voltamos no comecinho de dezembro. Nós conseguimos lá, a Olga... ela dava aula lá no interior, a gente conseguiu lá... tá lá no livro, né, o certificado dela. E aí a gente veio pra São Paulo e aí já não saímos mais. Mudamos mais umas 80 vezes nesse período lá e tal.
- De casa.

**Antonio: Então essa é a história. A gente... muita coisa graças à Duduca, porque ela foi me mostrando e eu fui buscando. Então agora aqui é o seguinte, aqui morava o Tatão, morava o João, morava o papai, morava o Tio... o Tio Rogério morava mais à frente, ele estava aqui e depois ele mudou pra lá, que ele virou administrador. Nós vamos passar lá, os restos da casa tá lá em cima, era uma casa muito grande. A casa da Duduca era mais na encosta ali. Ali tem uma nascente. Então se vocês... se eles permitirem, vocês vão conseguir retirar, naquele morro ali, tá cheio de caco de casas, que eram todas essas casas. Aqui, eu tenho uma lembrança, que depois agora se reativou, que eu lembro que eu brincava muito à noite com um monte de gente, mas eu não... coisa de memória de criança, eu estava já com... aqui, com 10 anos. E aí agora eu percebo, porque aqui, como era todos os parentes grudado uma casa na outra, era por isso que não tinha briga. A gente brincava pelo meio do mato aqui. Eu lembro aqui, dessa parte, que o João, que era irmão do Tatão, eu e o Luiz, aqui, quando tinha lua cheia, o João, que era esse primo, que era irmão do Tatão, ele ficava à noite, até altas**



**horas, arando esse pedaço aqui, exatamente esse pedaço. E eu e o Luiz ficava numa boleia. E ele ia pra lá, voltava com o trator, voltava não sei o que...**
- Que que é boleia?
- É aquela beirada do trator.

**Antonio: E outra aqui também que teve foi o seguinte, o V italino Sobrinho Pinto, que era filho do tio Rogério (o nome é em homenagem ao irmão do tio Rogério que se chamava Vitalino), o casamento dele aqui, foi em 1959, eles fizeram por aqui uma tenda bonita, quando eles chegaram da cidade, caiu um temporal, derrubou até o hangar do dono das fazendas aqui. Aquilo voava bolo pra todo lado. Melou o casamento, que é... foi o Nego, né? O Nego o apelido dele. Nego. Que é o Vitalino. Que era um dos irmãos do Tatão... que era o filho do Tio Rogério.**



**Antonio: E você, José Pinto (filho do Tatão), nasceu aqui.**
**Você sabia?**
- É.
- Então, se você quer saber...
- Você nasceu aqui Zé?
- Cadê a Duduca?

**Antonio:** A Duduca te mostra exatamente onde era.
Aliás, você tá fazendo aniversário que dia, amanhã?

**Zé:** Hoje.
- É hoje!
- Caramba, meu, nesse lugar? Caramba, meu.
- No mesmo dia, que legal.




**Marcelo:** Vai pagar o jantar. Vê onde.
- Vai pagar o jantar.
- Precisa achar o lugar.
- Nós vamos comer bolo lá na praça.
- Parabéns.

**Todos:** Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida. Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades...

**José Pinto (Aniversariante): Nunca imaginei que pudesse acontecer isso, né, mas muito feliz, né, porque não tem valor isso, né, não dá pra calcular o valor, né? Não é que não tem... tem muito valor. Não dá pra calcular. Eu fico emocionado de saber dessa história, dos meus antepassados, né? Daqui que eu saí, né, nunca que... se não é o primo aí, o Antônio, jamais eu ia ter essa oportunidade de conhecer isso aqui. Jamais. É uma gratidão imensa. Obrigado.**

**Jr:** Você tinha voltado aqui antes Zé?

**José Pinto: Nunca, nunca. Nunca. Desde pequeno... Eu não conhecia a cidade. Não conhecia a minha cidade. Nada. Agora que eu tô conhecendo meu local de origem. Nunca vim aqui. Saí daqui com 2 anos e pouco, em 1965, e voltei agora, no dia do meu aniversário. É muita coisa, né? É, devo ter feito algo muito bom, né, pra Deus me dar esse presente, né?**
- Que bom.
- Muito obrigado a todos aí.
- Parabéns.

**Jr:** Que que você pegou aí?

**José Pinto:** Ó, esse aqui é um dos esteios da casa.

**Jr:** Onde você nasceu?
- Da casa que eu nasci.
- Ah, tá.

**José Pinto:** Aqui, tá vendo? Agora eu vou dar uma tratada nele e vou guardar. É um dos postes de sustentação da casa principal.

**Jr:** Presente, né, de aniversário?
- É, presente.
- Que bonito. Um amuleto, né?
- Ó, o seu presente de aniversário.




Encerramos as visitas às pressas por ameaça de chuva. Fomos pro hotel, recebemos a visita do nosso amigo e guia em 2017, o Orlando Cardoso*, choveu a noite toda. Dormimos e, pela manhã, 01/11/2021, retornamos a Visconde.

***Vale a pena repetir, descobrimos que o pai do Orlando foi padrinho de casamento do João Pinto, filho do tio Rogério, em 1957. Vejam só!**

## 01/11/2021 – Chegamos em Visconde à tarde. Tivemos poucas atividades.

## 02/11/2021- Em Visconde olhando a Fazenda Santa Maria:

**Antonio:** ... de lá, a gente vê a fazenda Santa Maria, onde todo mundo trabalhou, onde praticamente toda a família, desde 1800...

**Zezito:** Onde que nasceu a história da nossa...

**Marta:** Para de falar, Zezito. Risos.

**Antonio:** Essa fazenda foi construída em 1897. O Wagner teve aqui em 2003, graças a Deus, levou o Zezito lá e foi a única vez que tem foto de todas as partes da fazenda. Então... eu botei no livro lá, depois vocês olham, de toda a fazenda, como é que era. E eu, em 1999, eu vim aqui com a Claudine, tirei foto... eu nem lembrava disso, o ano passado eu vim... o ano retrasado, eu vim com o Tonzico pra pegar as fotos dele pra digitalizar. Ele falou "Você sabe que você esqueceu um álbum aqui, rapaz?" Eu falei "Não sei se eu esqueci." Me deu o álbum e era essa maravilha que foi destruída.

**Antonio:** A história dos Ferreiras é muito engraçada, eles eram mascates, vinham de burro, carroça, do Rio de Janeiro, trazendo mercadorias até aqui. São 400 km. E eles começaram... aí tinha encomenda, ó, os mascates "Ah, traz um piano." Eles traziam o piano. "Ah, traz uma cômoda." Eles traziam uma cômoda. Aí compraram essa terra aqui, em 1890 e pouco, construíram a casa e o Doutor... o Major Ferreira nasceu perto da data de nascimento do Tio Rogério. Então eles eram todos contemporâneos, né? O Doutor Joaquim também. Tem uma foto aí que a gente aparece, que é de 1951, que eu achei por acaso, a Duduca me deu.

**Zezito:** Esse Doutor Joaquim era médico.

**Antonio:** Nessa foto eu estava na barriga da minha mãe. Nós vamos passar numa pedra aí que a Duduca contou a história que... chegou pra nós "Olha, essa pedra aqui foi a que a mamãe sentou lá, começou a vomitar..."

## Ainda na Santa Maria.

**Antonio:** Aqui é a parte mais importante, pra vocês, talvez não, mas é importante vocês **saberem a história daqui. Aqui tinha uma fazenda, eu consegui achar fotos. Coincidentemente, em 1999, eu tive aqui com a Claudine. Fui embora. Eu nem... e agora, em 2020, o Tonzico falou "Ô, você largou um álbum aqui."**

**Eu fui olhar o álbum de foto, era exatamente da fazenda, que ainda estava de pé. E depois, o Wagner me mandou umas fotos, ele teve aqui com o Zezito, em 2003, aí tem a fase... a primeira, de 99, a fazenda estava não-habitada, mas os móveis ainda estavam dentro. Quando o Wagner veio em 2003, ela já estava meia-boca. E aí... bom, a história, aqui são 6 irmãos, 4 homens, que é o Major Ferreira, o Doutor Joaquim, a Dona Lucila, o... quem que era o outro, Duduca? A Duduca não tá aqui.**




- Dona Marta? Não?

**Antonio:** Não, dos homens. Bom, eram 4 irmãos, o Doutor Joaquim, o Doutor Tomás, o Doutor Ulisses e o Major Ferreira. Todos Ferreira. (Ô, vocês não querem escutar a história não, é? Pessoal, presta atenção, é importante, vai. Vamos! Vamos contribuir). Então, aqui, todo mundo que você pensar da família Lino e Pinto viveu de renda daqui. Aqui tinham duas famílias, duas clãs, né, que eles chamam, tinha desse lado aqui os Ferreira e, do lado de cá, mais pra frente, o Sebastião Ferraz. Os Ferraz. Tinha Sebastião, Francisco, Joaquim, Manoel, tudo. Tinha tudo. Todo mundo da nossa família que trabalhou, ou trabalhou com Ferraz ou com Ferreira ou com os dois. Então o Expedito, por exemplo, trabalhou com Ferraz, o meu pai teve casa, a Duduca morou num lugar...

**Antonio:** A Duduca morou na casa dos... nas fazendas do Ferraz, onde nasceu o João. E vocês sabe que, quando eu estava pesquisando as coisas aqui, eu parei num lugar pra tirar foto, onde morou o Tio Rogério.

De repente, tô descendo, vem um cara numa moto, fechou meu carro e queria tirar satisfação. Ficou desconfiado. Risos.

**Expedito:** Estamos revivendo as origens.



**Antonio: Essa fazenda aqui, lá atrás, tinha um manguezal, que todo mundo se lembra, os mais adultos.**

**Zezito: Peguei muita manga pra fazer doce aí.**

**Antonio: Se eu me lembro, todo... o que aconteceu? Morreu os proprietários. Eles não tinham filhos mais, ficaram os netos e os netos venderam isso aqui. Venderam prum cara que a primeira coisa que ele fez aqui foi cortar as árvores centenárias, cortou todo o goiabal e derrubou a fazenda, a casa. Essa casa foi construída em 1896. É um negócio maravilhoso. vocês vão ver as fotos no livro. Construída em 1896. Ali, provavelmente, era a casa do caseiro. Então, do lado de cá, tinha um armazém onde guardava coisas, tinha um engenho de cana-de-açúcar, que fazia rapadura, cachaça. Aqui era produzida a melhor cachaça de Minas Gerais, chamada Predileta. E eles trouxeram maquinário importado pra fazer. E do lado de cá, logo**

**ali, onde tá aquela árvore ali, era a sede da fazenda. Depois vocês vão... eu vou mandar umas fotos pra vocês, vocês vão lembrar. E ali... o detalhe aqui é o seguinte, naquela época, a entrada, a rodovia... isso aqui não existia, essa avenida, a entrada era por lá. Dá pra ver ali ainda, né? E eles fecharam lá. Então nós vamos visitar onde eu nasci, o Luiz nasceu, onde nós moramos.**



**A casa da Tia Carminha é logo ali atrás. O caminho era por aqui, entendeu? E eles fecharam. Então por que que a casa do caseiro era ali? Porque você entrava pela estrada e chegava ali, aí tinha a fazenda. Isso aqui era tudo mato.**

**Quando eles criaram isso aqui, que eles chamam de Rio Bahia, eles mudaram, inverteram a entrada da fazenda. Então você vê que tá a porteira aqui. Eu, quando eu vim em 99, isso aqui estava tudo lindo, as casas, tudo. Eu tenho uma foto com perspectiva daqui que vocês vão ver depois, daqui a pouco eu mando. Bom, restou isso.**

**O Júnior, quando veio fazer homenagem pra mim, em 2011, ele veio tcom a Tia Carminha por lá, o Expedito, a Olga.**

**Olga:** Nós viemos por ali.

**Antonio:** A Tia Carminha, se vocês virem o filme que tá no YouTube, vocês vão ver que a Tia Carminha mostra onde estava a turbina que gerava a energia.

**Antonio:** Ainda tinha uma mureta aqui, que é onde dividia, escrito Santa Maria, entendeu? Então se vocês andarem, quiserem andar ali pelo mato, principalmente desse lado aqui, vocês vão achar a moenda, que era o tipo do tacho que fazia o melado. Eu trabalhei aqui. A minha função era o seguinte, porque naquela época você moía cana com cavalo ou boi. Então eu ficava com a cordinha o dia inteiro girando. Essa era a função. O papai ficava na caldeira das canas...(Acho que fiz isso em outra fazenda. Aqui não era com bois)




**Marcela:** Quantos anos, tio?

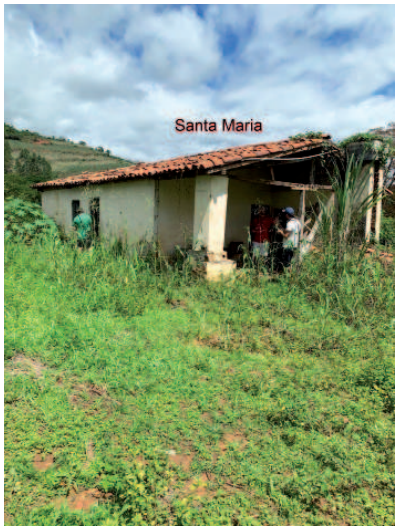
**Antonio:** Ah, tinha 7 anos.
- O Expedito não podia fazer isso não, né?

**Antonio:** O papai ficava... pô, o papai... ou quem que foi? Foi o Tio Sebastião, ficava pondo a cana e a moenda ia moendo. Então eu não fazia força, eu só seguia o boi, porque o boi, se não tiver alguém seguindo com a cordinha...

**Antonio:** E aquele cheirinho da cachaça... e você vai se animando. Daqui a pouco, o boi estava numa velocidade que...
- O boi entrava no grau.

**Antônio:** É, ele já entrava no clima. Só o cheirinho. O cheiro da preparação, não só da cachaça, como da garapa, do caldo de cana, é uma das coisas inesquecíveis na vida da gente. Nós vamos passar num lugar que tão produzindo e vocês vão ver. Então a cana é o seguinte, você joga a cana... era tudo... hoje, é industrializado, mas era tudo... aí tinha um... a garapa tá aqui, aí tinha um caninho... um caninho... tipo duma telha,

jogava num lugar e ali era onde fazia a fermentação. Aí eles pegavam o próprio bagaço da cana pra servir como lenha. E aí ia esquentando e o vapor ia saindo e aí caía num lugar, que seria a cachaça. Aí eles chamam de cachaça de cabeça, que a primeira vem muito forte, então a turma... tem gente que gosta de cachaça forte, outros não. E aí põe num tonel. Então era assim, era uma coisa...




**Olga:** Ô, Antônio, mais pra frente tem ainda a armação da casa deles, né, do...
- Tem mais nada.
- Não tem mais daquela...

**Antonio:** Era aqui, ó, não tem mais nada. Aqui é a casa do caseiro ou de máquinas.

**Marcela:** Essa é casa daquela época ainda?
-Sim.

**Antonio: Deixa-me falar, quando nós viemos, ainda tinha um muro e a gente conseguia ver um pedaço ali da moenda. De novo, não tem mais nada, provavelmente, tá atrás da bananeira ali. Então, se vocês quiserem descer, eu só tô explicando pra vocês terem uma noção, eu vou mandar as fotos, mas aqui era isso, né? Agora, nós vamos... quando a gente for na Tia Carminha, eu vou mostrar pra vocês como é que fazia pra passar pra cá. Lá naquele morro ali, no fundo lá, é a casa do Major e um pouquinho antes foi onde eu nasci, onde nós vivemos e dali que nós fomos pra São Pedro dos Ferros. Quando você sobe aquele morro lá atrás, a gente sai na Gameleira, que é onde eu contei pra vocês a história.**




**Antonio:** Lá na Gameleira, é uma estradinha, nós não vamos poder subir lá, talvez daí a gente consiga ir a pé. E aí o que acontece lá? Lá, a mamãe veio do Valão, em 47/48, foi morar na Gameleira, nasceu a Marlene, que faleceu, aí mudaram pruma casa 800 metros adiante, que foi onde nasceu a brilhante Olga.

**Olga:** Muito obrigada.




**Antonio: De lá, nós voltamos pra casa da perto da tia Carminha, onde eu vou mostrar pra vocês, que eu nasci, em 1951. Então, em 3 anos, a gente ficou em 3 lugares, entendeu? Aí, de lá, nós fomos pra São Pedro dos Ferros, entendeu? Então essa é a história. Eu detalhei bastante lá no livro e como a gente**

**tá com muito pouco tempo... então agora nós vamos lá na Vaninha pra dar um alô pra ela, o mais rápido que vocês puderem...**
- A gente pode ir lá?
- Pode entrar, procurar ali.

**Expedito:** Ô, Antônio... Tem um detalhezinho que passou.
- Pode falar, Expedito.

**Expedito:** Tem um detalhezinho que você nunca falou. Subindo aqui, ó, a gente caía lá numa tal de Cotia.
- Isso.

**Expedito:** E lá tinha moradores também e plantação de café.
- Tá ali, ó. É subindo ali.
- Subindo esse morro aqui, ó.
- Que vai pra Gameleira depois.
- E a gente fazia todo esse caminho.
- Tudo a pé.

**Antonio:** Quando chegar na Tia Carminha, fica mais fácil pra mostrar como é que era o morro, entendeu? Vamos lá, pessoal, 10 minutinhos e voltamos lá na Vaninha.

**Na casa da Vaninha, nascida em 1929!!!:**

**Vaninha:** Ih, meu filho. Tô muito velha.Nilza: Jr. Ela estava perguntando pra mim do seu pai.

**Vaninha:** Como não dá conta (reconhecer) do vocês não, porque foi tudo menino embora. Casou todo mundo, né, bem? E foi tudo pra lá, pro lado de...

**Vaninha:** Qualquer hora que Deus me levar, tô soltando tiro, porque o que ele deu [falas sobrepostas]. "Trabaiei" muito, trabalhei. Tenho vontade de trabalhar, mas não posso mais.

**Nilza:** A gente apanhou muito café juntas, cortou muita cana juntas.
- É?



**Nilza:** Eu, ela e a Carmem.

**Vaninha:** Trabalhando café. Trabalhamos muita coisa. Muita, muita, muita. Pra agora? Seja o que Deus quiser. Nada que tem pra mim vale não. Agora eles (filhos) é que tem que querer. faz pra eles, faz pra merecer, porque é muito bom a gente ter união. Tô aqui nessa cadeira, mas é muita gente que me visita né?

**Marcela:** A senhora gosta de receber visita aqui em casa?

**Zezito: Mas a gente... já viemos aqui outras vezes, a gente dava risada. Porque é muito alegre, é muito bom ter esse tipo de pessoa pra gente rever.**

**Vaninha:** "Nóis tudo" foi nascido nessas terras dessa gente aqui.

**Rodrigo:** Quanta coisa boa, hein, tio?

**Vaninha:** Até hoje, todos nascidos na terra deles.

**Zezito:** Vaninha, eles estão me levando por aí de ambulância, eu fecho os olhos e me levam pra onde eles quiserem.

**Vaninha:** Não é? É a mesma coisa aqui. Né, meu fio? Só nós tamo parado. Nessa formosura tá...

**Zezito:** Nós estamos parados agora.




**Marcela:** A senhora tá com quantos anos?

**Vaninha:** 92. Nasci em 1929!

**Marcela:** Nossa, bastante coisa, hein? Muita história, hein?

**Vaninha:** É muita coisa. Quando sobra nós dois, nós vamos buscando tintim por tintim. Acabei de... não faz nada, fica aí só comendo e bebendo e na luta dos pobrema da carne. Ai, meu fio. Óia, nóis dois...ele falou assim pra mim "Eu vou esquecer" Tem hora que mistura um bocado. Tem hora que mistura um pouco. A gente, né, vai ficando com a mente fraca. Mas com Deus no meio desse povo. A casa minha aqui fica lotada de gente.

**Marcela:** Que bom!

**Zezito:** Isso aí é muito bom.



**Vaninha:** Pergunta àquela menina que tá aqui também nos ajudando, que óia nóis hoje, vem de longe, minha fia, longe, longe, lá de Guidoval. Você sabe onde é? Vem debaixo de chuva.

**Toni:** Você quer tirar uma foto perto da minha mãe e a Vani aí?

**Zezito:** Vamos botar um final na história.
(Chorando de emoção)

**Toni:** Vani, óia pra cá pra nóis tirar uma foto? Vem cá, fio. Vem aqui pro meu lado aqui, ó.

**Marcela:** Quer ajuda aí, tio? você quer assistir a matéria?

**Jr:** Aqui deu. Ó, a foto.

**Toni:** Tira a mão da boca, Olguinha. Tá com a jabuticaba na boca?



**Vaninha:** Tem muita coisa que não pode falar. Eu tenho... Tem coisa boa pra falar. Hoje eu tô vendo muita coisa...
- Tira uma minha com ela.

**Vaninha:** Tô tão contente de ver ocês. Tô contente.
(Chorando emocionada)

**Já na tia Carminha e indo ver a casa onde nasci. O carro atolou no barro.**

**Antonio:** O livro, eu não obrigo ninguém a ler, mas me ouvir vai ter que ouvir. Vocês vão ter que me engolir! Risos. O papo tá bom, mas eu preciso contar uma história aqui, rápido. - Você quer que empurra?
- Quer que empurra?
- Joga a corda pra desatolar.

**Toni:** Vamos desatolar lá. Vamos desatolar. Pega as pedras aí, vamos pôr debaixo da roda.
- Cadê a Dona Marta? A Dona Marta ficou?

**Antonio:** Senão eu vou fazer que nem o Zezito, hein? Abriu a boca, eu já dou logo um peteleco. Risos.
- Já dá uma na costela.

**Antonio: Bom, aqui é o seguinte, aqui é a parte que eu me lembro da minha vida, né, eu saí daqui com 6 anos. Aqui, a nossa casa era do lado desse bambuzal. Aqui há controvérsias, um acha que é ali atrás, o outro... o fato é: era aqui, né? Aqui, nós tínhamos uma casa, eu consegui uma foto igualzinha, consegui fazer uma réplica da parte de dentro, como é que era, tá no livro lá, mas depois eu passo pra vocês. Aqui, nasceu... a Olga nasceu atrás daquele morro lá, numa outra casa. Lá atrás, era a Grota, perto da Gameleira. Não sei se vai dar pra gente ir, talvez... com certeza, não vai dar, tá tudo muito ruim. Muito barro. A... cadê o Expedito?**
- Tá aqui não.



**Antonio:** Bom, o Expedito já sabe da história. Então aqui nasceu... a hipótese aqui é que nós **chegamos aqui... porque a Olga nasceu em 50 lá e eu nasci em 51 aqui, então no final de 50, a gente mudou pra cá. Eu nasci em dezembro de 51. O Ivo nasceu, que faleceu com um ano e pouco, nasceu em 53. O Luiz nasceu em agosto de 54, todo mundo sabe, e a Maria Helena nasceu em 55 ... então, isso a gente foi pra São Pedro em junho de 57. Então eu estava com quase 6 anos, a Olga estava com 7, a Maria Helena era bebezinha, porque nasceu em 55, estava com 2 anos. O Ivo já tinha falecido e o Luiz, que em 54, estava com 1 ano e meio. Nós pegamos o trem, 12 horas de trem pra chegar lá, sem... a mamãe fazia aqueles embornal com frango, né, pra comer no caminho. Era só. A gente olhava aqueles caras vendendo biscoitos, não sei o que, não tinha dinheiro pra isso. E... bom, aqui, foi toda nossa história. Aqui tem uma história, nesse morro ali, escorregou uma vaca, foi a única vez que a gente comeu carne de vaca, porque a vaca escorregou, tiveram que sacrificar a vaca e eles abriram a vaca e distribuiu um pedaço pra todo mundo. Eu lembro disso até hoje, eu tinha 5anos.**




**Olga:** Comemos carne até.

**Antonio:** E aqui em cima, me veio uma imagem, recentemente, que eu sonhei que eu caçava tatu à noite, de lua cheia, coisa mais... é cada coisa que vem no sonho, né? Aí eu fui conversar com o Tonzico "Ué, você não se lembra? O papai era o maior caçador de tatu. Ele tinha inclusive um negócio lá que espetava no buraco lá e trazia o tatu já no espeto!" Eu falei "Então não era mentira?" "Não, toda molecada, quando tinha lua cheia, subia lá no morro com o meu pai..." Ele era o famoso aqui, procê ver... eu era criança, lembrava disso no meio do mato. Então tudo aqui era nossa história...

**Toni:** E aqui nasceu o Luiz?

**Antonio: Aqui nasceu o Luiz. É bem aqui. Agora, quando eu mostrar pra vocês a posição da casa... Caiu na minha mão também uma foto que... eu vim atrás da Duduca há muitos anos, falei "Duduca, você não lembra como é que era a casa?" "Não, ela tinha uma entrada assim, caía assim, a cozinha." E a gente rodou tudo aí, ver se achava alguma, que eu ia fazer uma maquete, né, fazer uma... e até pedi autorização pro cara fazer uma réplica aqui, né? Aí apareceu uma foto, que eu olhei e falei "É do jeito da coisa..." E é daqui da região. Não é a nossa. E mostrei pra Duduca, ela falou "É exatamente essa casa! Só que a janela da sala não era desse lado, era do outro." Pronto, resolvi o problema. Aí eu fiz a parte interna, que ela lembrava o que que tinha, tá lá no desenho e tal. E isso aqui tudo, as recordações... o meu pai fazia um baile aqui no terreiro, eu nem sabia que o meu pai dançava, depois eu descobri nesses trabalhos aí que ele era um belo dum dançarino, né? Aqui, era o Tio João Lino, logo depois, com a Tia Carminha. O Tio João Lino era irmão da mamãe. Do lado de lá, a Tia Niguita, acho que alguns já foram lá, né, que era irmã também da minha mãe.**




Assim que se atravessa a ponte pra entrar aqui, do lado esquerdo, lembra, Toni? Ali perto da Tia Carminha é onde nasceu a Nilza, em 1940. Então a nossa vida...

**Olga:** Ah, eu não sabia onde a Nilza tinha nascido, ela nasceu ali?

**Antonio:** A nossa vida toda...começou por aqui. Começou lá atrás, que hoje nós não vamos poder, por causa da chuva, que é onde é a fazenda do IEL, onde nasceu o Expedito e o Zezito.

**Toni:** Mas o Expedito não importa muito não. Risos.

**Antonio:** Não, nós já fomos lá. Ele já... nós já mostramos pra ele em 2017.

**Expedito:** Só fazer um registrozinho aqui também.

**Antonio:** Calma, deixa eu terminar a história. Depois eu vou fotografar. Eu tô que nem o Zezito, eu já falei, abriu a boca, eu saio na porrada. Risos.
- Abriu a boca, leva.




**Antonio:** A Duduca mostra pra gente que era um pouquinho mais embaixo. Agora, eu conversei com ela e a ideia é o seguinte, que a casa, o bambuzal era do lado de cá da casa. Então é como se fosse essa casa, virada pra lá, do lado do bambuzal. Porque ela falou que, quando a gente saía da cozinha, você olhava assim, do lado, tinha o bambuzal. Eu suponho que esse bambuzal não foi destruído e construído outro, em outro lugar. Então provavelmente é o bambuzal que tinha em 1950.
- Podia ser uma moita menor.
- E ela foi se alastrando, né?

**Antonio: Lá no fundo, a gente... o papai plantava arroz. Lá no fundo, que tem um riozinho. Lá no fundo, tinha uma bica e aqui, logo depois do bambuzal, vocês vão ver o desenho lá que eu levantei com a Duduca, tinha um chiqueiro dum lado e um chiqueiro do outro. E, logo em seguida, tinha um paiol. Eu reproduzi tudo numa planta lá, segundo a cabeça da Duduca, que é 100% fidedigna. Então é irrelevante também se a casa era mais ali ou mais aqui.**
- Não, o importante é o local, né?




**Antonio:** Fato é que derrubaram, é aqui que a gente nasceu, é aqui que a gente brincava e subindo aqui, nós vamos ter... vou mostrar por aqui primeiro, que a gente já mata o assunto.

**Antonio:** A gente... meninos? A gente, continuando ali, se vocês quiserem ir a pé depois, pode ir. Lá em cima... a fazenda do pessoal era toda lá, eles moravam pra lá, o Doutor Joaquim ali, o Doutor Tomas mais ali e o Major lá naquela casa, que eles eram todos do Rio de Janeiro. O Major construiu essa casa, eu não sei a data, mas quando eu nasci essa casa não existia não estava aqui.
- Essa é bem antiga.
- Então é chamada Casa do Major.
- Ali tem uma foto da mamãe e o Edinho tem uma foto... cadê o Edinho?
- Tá aqui.

**Antonio:** Você lembra que tirou ali, que você tirou, que tinha uma árvore enorme? Eu vou passar a foto pra vocês, do Edinho lá, todo sorridente. Tem a mamãe, tem o Expedito, várias fotos ali. (aqui houve engano, a foto com a Minervina e Edinho foi na casa da Neusa na Sementeira, não no Major).
- Ai, que legal.

**Antonio:** Vocês vão ver como era a casa original. Essa pessoa que tá morando ali, ele que comprou tudo isso. A primeira coisa que ele fez, eu preciso falar baixo, que a filha dele mora aqui. A primeira coisa que ele fez foi derrubar todo o manguezal, cortar todas as árvores centenárias e aqui nós tínhamos uma recordação de uma jaboticabeira enorme...
- Carambola. Tinha um pé de carambola enorme e um de...
- Graviola?
- Tinha um pé de caju bem grande na porta também.

**Olga:** Como que era aquele pé que a mamãe falava, que se sentava embaixo?

**Antonio: Tinha jabuticaba. Não, isso é outra coisa. Tinha jabuticaba, devia ter uns 200 anos, segundo consta, ele cortou porque fazia muita sombra na casa. Quando você chegava aqui, o pé de carambola era... aquela árvore ali devia ter uns 250 anos. Enorme. Aquilo, você chegava, você via carambola pendurada pra... ninguém nem comia, porque era tanta coisa. E o de jabuticaba, vocês sabem como é que é, né? Quando tinha... enfim, daqui é o seguinte, aquele morro lá, em 1947, 48, a turma vinha... nós morávamos atrás daquele morro, chamado Gameleira... nós não, eles. A turma, pra ganhar tempo, saía pra visitar a Tia Niguita, ele subia aquele morro, descia por aqui e vinha a pé pra visitar a turma. Visitar o Tio João Lino e visitar a Tia Niguita. E depois, subia tudo e...**
- E voltava. Nossa, hein?

**Antonio:** Se a gente puder... hoje, não vai dar. Se a gente subir ali, a gente sai na Gameleira.

**Olga:** Não precisa dar toda essa volta, né?

**Antonio:** Mas pena que a gente não vai nem ter tempo, mas seria um prazer levar vocês por esse caminho, até pra curtir como é que era 1940 e pouco. A minha vantagem aqui é o seguinte, aqui em Rio Branco, a gente tá tranquilo, porque quando vocês quiserem vir, tem o Tonzico, tem a Creusa...

**Antonio:** ... os netos, os bisnetos, é isso aqui, porque aqui que foi toda a origem nossa. Nos outros, o papai parou muito pouco.

**Olga:** Tinha milho plantado, né, pra todo lado.

**Antonio: É legal descobrir, por exemplo, onde o João nasceu. Vou ficar devendo, porque é impossível chegar lá, mas ele nasceu lá e em seguida meu pai se mudou, nunca voltou, quer dizer, não tem história pra contar, entendeu? Porque logo que ele... ele veio pra cá com 2 anos. Então não... claro que é importante, mas isso, qualquer época, vocês podem ir lá.**

**Olga:** Quer dizer que você nasceu aqui mesmo?

**Antonio:** Não me lembro. Risos.

**Antonio:** Essa aqui, a Olga, é a que mais tem memória. É claro que eu nasci aqui, ué! Eu era pequeninho... você era bebezinha, né? Tinha um ano e meio a mais. Risos.

**Olga:** Você lembra que a gente brincava de birosca aí?

**Antonio:** Eu lembro.

**Antonio: A Olga nasceu em 50, eu nasci em 51. A gente tem 1 ano e pouco de diferença. Então, quando a Olga veio pra cá, eu já estava na barriga da mamãe. Aqui, eu achei uma foto, que tá no livro também, mas a gente olhando a foto assim, quando eu olhei, não dei importância. Aqui... ah, desculpa, lá na Tia Carminha. A Tia Carminha, ela se casou em 25 ou 27 de setembro de 1951 e eu achei uma foto na casa da Regina, aqui, da filha da Tia Niguita, eu vim digitalizar fotos de todo mundo, que ninguém me manda foto, eu fui na casa do Luiz, peguei da Denise, peguei da Olga, peguei, enfim de vários irmãos... e vim aqui, peguei do Tonzico e peguei da Regina. Fotografei tudo. Tudo é foto da família. Eu não tenho nem noção. Aí, quando eu fui conversar com a Duduca "Ô, bobo, eu tenho uma foto dessa que eu já te dei, é do casamento da Tia Carminha!"**




**Antonio:** E eu falei "Quem que é essa turma aqui?" "Ué, ó aqui a Tia Olga com não sei quem!" No livre eu botei com os nomes. "Esse aqui é o Seu Izaltino!" A Duduca estava na frente deles, a mamãe só com a cabeça e eu na barriga dela. A Olga aparece bebezinha, no colo de alguém lá, acho que no colo do Expedito.

**Expedito:** Eu apareci porque tinha a cabeça comprida.

**Antonio:** É, a gente tá deduzindo que é o Expedito por motivos óbvios. Exatamente. E o cara, o fotógrafo foi muito generoso, pegou ele meio de perfil. Risos.

**Antonio:** A Duduca disse que a... nessa foto, porque ela lembra até o horário e o minuto, né? Risos. Ela disse que a Olga estava no colo da mamãe, mas você percebe, pela posição da mamãe, mesmo aparecendo só a cabeça, que não tinha criança. E por azar de tudo isso, apareceu um filho da puta, com um chapelão desses, vocês vão ver a foto, que cobriu todo mundo que estava atrás, e a mamãe então apareceu só a cabeça.

**Olga:** Se o Zezito tivesse lá na hora dessa foto teria xingado o moleque...
- E aparece o Doutor Joaquim, né?
- Joaquim... não, não, o Doutor Tomás.

**Antonio:** Doutor Tomás, que era o que fotografou. Aparece os meninos da Tia Olga. A Tia **Olga, a Tia Niguita**

**com a Graça no colo. Eu estava na barriga da mamãe, o Luiz não aparece, é óbvio, né, que ele foi depois. Então são relíquias que, graças a Deus, foram aparecendo na minha vida... na minha informação e a gente então tem uma foto da mamãe, ela é de 15, a foto é de 51, com 35 anos e o meu pai com 32 anos. Jamais imaginaria que a gente tivesse uma relíquia dessa.**
- Um momento registrado desse.

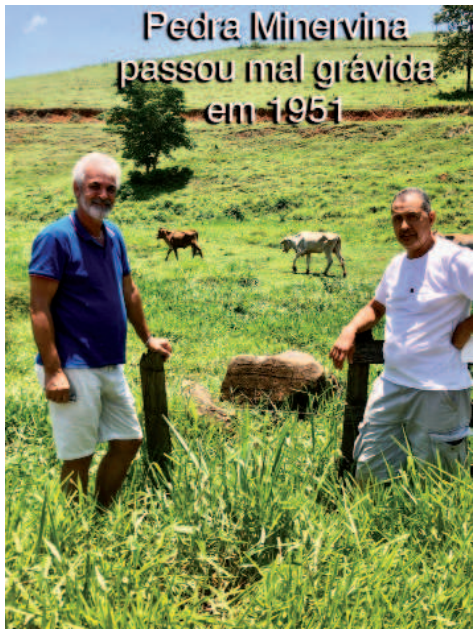
**Antonio: Um momento desse. É. Eu estou lá na barriga, não dá pra tirar. E tem a história, que eu vou mostrar pra vocês, se der, quando a gente sobe, tem uma pedra encostada lá. A Duduca, no final, estava tudo pronto já o livro "Vou te mostrar uma coisa, para aqui, tá vendo essa pedra? A mamãe se sentou aqui, vomitou pra caramba e a Tia Niguita deu uma dura nela! 'Oh, mulher, tá grávida de novo?'" Porque... aí** a... disse que a mamãe falou...
- A gente quer ouvir, pode engolir o choro aí.
- Agora termina.
- Respira fundo, chora.
- Ô, João, dá um pouco de água pra ele.
- E vamos ouvir.

**Antonio:** E era eu.

**Olga:** Ela falou "Quem sabe vem um filho bom?"

**Marta:** Quem sabe eu não vou ter um filho bom? A mãe contava essa história direto.
- Difícil, né?

**Antonio:** E é engraçado que, quando a Duduca falou isso, essa estrada que tá asfaltada, que a gente desceu, ela é nova. E a gente subia por aquela que nós fomos ver a casa da mamãe, lá onde ela nasceu. Eu falei "Como é que eu vou chegar pra Duduca que tem um erro aí, né? Porque... eu não vou contestar." Aí peguei ela no hotel, falei "Ó, Duduca, essa pedra não era na outra estrada não?" "Por quê?" Ela fica, né? "Não, porque antigamente não tinha só aquela estrada?" "Sim, só tinha aquela."




"Então..." "Deixa de ser bobo, a gente tinha que subir aquela estrada até lá em cima e andar lá. Aí tinha um trilho aqui no meio, que era uma perpendicular, que a gente ganhava tempo." Então você mata o assunto... e era onde estava a pedra.
- A pedra era ali.

**Antonio:** Então é assim que funciona no interior, vai criando um trilho, né? Nós ficamos... ao invés de ir pra lá e aqui, você fazia aqui um trilho.

**Antonio:** ... e a Nilza matou a charada na hora. Então tudo que eu sei... é... coisa, foi 95% da Duduca, a Olga contribuiu com algumas coisas, menos, porque ela também era criança. Agora, tem um detalhe, a Duduca é de 40, a Olga é de 50. Então 10 anos a mais... Por exemplo, eu fui morar no Paraná com 14 anos, eu lembro detalhes, né? Quando eu morei aqui, com 6, eu tinha alguns flashes só, entendeu?
- Uma visão, né?

**Antonio:** Então atrasou essa informação de ter a história da família, mas graças a Deus tá pronta. Eu acho que o fato de ter a tecnologia hoje, ficou muito melhor, porque se eu tivesse pensado nisso há 20 anos atrás, a gente não conseguiria achar tanta coisa, né?

**Toni:** Só caminhando com a vó, se ela tivesse boa.

**Antonio:** E aí essa é uma... não é falha, as coisas acontecem porque têm que acontecer, se eu tivesse tido o insight na época, se eu tivesse, se eu não sei o que, se eu não sei o que, eu pegava o meu pai e a minha mãe e pronto, você tinha a história...
- Verdade.

**Antonio: Mas a Duduca... acho que... por exemplo, onde o João nasceu, que foi o último lugar que a gente tentou achar, eu vim especialmente aqui um ano, eu, ela e o Expedito, eu falei "Eu vou achar o tal do Valão!" É longe. A Duduca disse que demorava 1 dia a cavalo pra chegar lá. Aí fomos, o Tonzico lembrava, porque a Lurdinha tinha um parente lá perto do tal do Valão. Estamos andando lá e pergunta e pergunta e a Duduca "É, eu lembro que tinha umas pedras assim, assado, é um morro de pedra e a casa era embaixo." E roda e roda e roda e roda. "Para!" Um morro de pedra "Para, que é aqui." Aí desceu lá, aqui a gente tinha a casa bem naquele cantinho, ali tinha uma bica, ali não sei o que.**

**Vários:** Lembra tudo. Puta que pariu. Caramba, mano! Impressionante!

**Antonio:** Se vocês quiserem subir na casa do Major, pode até entrar um pouquinho lá, pede licença, mas ele reformou tudo, não tem muito a ver, mas é importante subir lá sim e dar uma olhadinha.

**Marcela:** Vamos tirar foto.

**Zezé:** O Expedito ficou fantasiado com uma abóbora acesa na cabeça esperando o vô passar.
- Eu acho que foi então o Zezito.
- Foi aqui. Valeu a surra?

**Toni:** Já era uma surra calculada.

**Expedito:** Eu nunca vi meu pai correr tanto daquele jeito. Quase matou o véio.
- Ele descontou um pouquinho, né?
- Pernas pra que te quero.

**Expedito:** Teve uma noite que ele inventou de me dar um chute na bunda aqui que lascou, quebrou o pé dele. Ele ficou mancando um monte. Bem-feito. Risos.

**Marcela:** Tomou duas surras.

**Expedito:** Coruja, né? Ela saía do buraco assim, e ficava Piando.

**Jr:** Mas vocês tinham medo, quando era moleque, do Caboré? Sabia que era coruja?

**Expedito:** Não, do Caboré, eu não tinha medo. Aliás, eu tinha medo de tudo, né? Mas o medo que eu tinha maior era de cobra.
- E os cachorros?

**Expedito:** E cachorro. De cobra e cachorro, eu morria de medo.

**Marcelo: Quando a gente vinha com a Vó, a casa do major ainda estava intacta, ainda ficavam os talheres, os pratos, tu lembras disso? Quando você chegava, estava exatamente os livros, os coisas... tudo, que eles conservavam a casa exatamente como era. Era muito legal. E aqui tinha umas frutas, eu subia pra minha vó aqui, aí ela pegava a laranja do pé assim, e cortava, a gente chupava laranja.**
**- É, disse que era assim, uma laranja diferente.**

**Marcelo:** Isso, tinha. Tinha uma laranja desse tamanho assim, ó, a Vó enchia a sacola pra levar pra São Paulo, que ela gostava, né? Bom demais.

**Jr:** Vocês chegaram a conhecer o Major?

**Morador:** Não.

**Marcelo:** Só vieram pra... a casa é sua mesmo?

**Morador:** É, é minha comprei há pouco tempo. Eu vim pra essa região em 71 e tinha pouco tempo que ele, o Major, tinha morrido, né?
(O Major morreu em 1970).

**Expedito:** Nós viemos aqui, eu acho que foi em 2017, vocês tinham pouco gado ainda. Agora, tá bem maior o rebanho, né?
- É, aumentou.

**Expedito:** Que bom, né, menino?

**Morador:** O Major morreu, ficou pra irmã dele, que era solteirona. Depois, a irmã dele morreu, aí o sobrinho vendeu pra outra pessoa. Pro Ney Capobianco. Aí depois eu comprei do Ney.
- Ah, e você comprou do Ney.

**Jr:** O que você lembra aqui, Expedito?

**Expedito: O que eu lembro é que aqui a gente fazia plantação de milho, né, e até um dia o meu pai me colocou e o meu irmão, que já morreu, aqui, pra ficar trabalhando. A gente era muito pivetinho, né? Aí a gente passava o dia só enrolando. Não fazia nada não, ficava brincando com aqueles... com aquela... aquele bichinho que circula na folha de abóbora, como é que chama aquilo lá?**
**- Mandruvá?**

**Expedito: ... não, não, é um bichinho meio cabeçudinho assim, parecendo um tatu e a gente ficava brincando com aquele bichinho lá. Então o tempo ia passando. A gente não fazia nada não. E o meu pai já estava em outro lugar, tinha uma roça de milho em toda essa extensão aqui, até lá, que era nossa, que a gente plantava, colhia e depois dividia com o patrão. Era mais ou menos isso.**

**Jr:** E você e o Zezito que ajudavam o vô? Você e o João?

**Expedito:** Era eu e o João. As figuras principais daquela época, aqui, era o João e eu. O Zezito acho que já tinha saído fora e os outros eram muito pequenininhos ou nem tinham nascido ainda. Mais ou menos isso.

**Jr:** Márcio você tinha me falado ali, ó. O que você me falou da... que você vinha com a vó aqui, como é que é voltar e rever essas coisas?

**Márcio da Olga: É, então, eu vindo pra cá, vem muita lembrança, muita saudade dela. Então quando já começo a descer a estrada ali, eu já consigo chorar já, a água vem sozinha no zóio já. E andava com ela aqui, era uma segurança muito grande pra gente poder aprender, conhecer o que é a roça, o que é o gado, o que é o plantio, as casas, né, que ela contava as histórias pra gente aqui. E é emocionante tá de volta aqui. Não sei quando a gente volta pra cá, mas... a Tia Carminha também, a gente chega ali, você lembra logo das duas. Era um bate-papo forte, né, que elas tinham, contava história o dia inteiro, né, com a gente ali. Então é forte demais. Forte demais tá aqui. A gente sente a raiz da vó, a gente sente a presença dela, né? Então isso é... não tem preço, não tem preço. Não há o que faça a gente esquecer isso aqui. E reviver isso aqui, né, tantos anos depois... então hoje é importante tá aqui de volta e fazer essa homenagem pro tio, reconhecer o quanto ele foi importante em tudo, resgatando esse momento pra nós. Importante demais. Muito feliz.**

### Mostrando a casa do Francisco Ferraz e o moinho.

**Antonio:** Aqui, meninos. Cadê todo mundo? Pessoal, mais pra cá porque eu falo baixo, senão... fazer uma parada aqui, senão vão morrer atropelado ainda, eu vou ser culpado e processado.

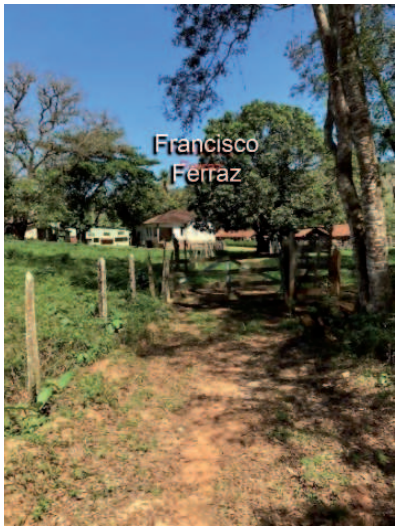
**Toni:** Tem um boi lá dentro da casa, Júnior. Olha, na varanda, o boi tomando uma fresca lá, ó.
- É de enfeite.

**Antonio:** Aquele ali... não, aquilo ali tem um rabicó, ele fica balançando com o vento. Ela balança, o vento bate e o rabo balança. E tem um chip lá dentro, de vez em quando, ela faz “Muuuuu!”. Hahaha.

**Antonio:** Bom, pessoal, essa casa aqui é o que eu falei pra vocês, tinha duas grandes famílias aqui, nessa região, a família dos Ferreiras...Três, três grandes famílias.
- Três grandes famílias. E a família do Ferraz. O senhor não fica me cortando não, viu? Risos.
- Isso dá demissão.

**Antonio:** Eu só conheci duas famílias aqui. Não vem questionar não.
- Isso é justa causa, corrigir o chefe, pô!
- É o espírito do Zezito.

**Antonio:** A percepção que eu tenho é que a parte dos Ferreira é muito menor do que... a dos Ferraz é muito maior, porque eles eram vários irmãos, então daqui pra lá, praticamente, tudo era Ferraz. Aquele pedaço ali, até o canto da mamãe lá, era Ferreira. Aqui é o seguinte, eles eram vários irmãos, o Sebastião Ferraz, que era o patrono geral, nós vamos no cemitério e vocês vão ver toda a hierarquia deles.




O Expedito trabalhou... nós vamos passar lá, nós vamos ver a casa, nós não vamos entrar de carro, mas dá pra ir até a pé. A casa tá lá, preservada.
- Não, dá pra gente passar.

**Antonio: O Expedito quase chorou lá... o Expedito, porque ele trabalhou com o Sebastião Ferraz, era um cara meio durão, não sei o que. Nós vamos passar, mais à frente, que é onde o João nasceu, o Joãozinho, cadê o João? Joãozinho?**

**Antonio:** Presta atenção, João! Lá, onde você nasceu.
A Duduca já me mostrou, por isso que eu não a trouxe.
- Ela já sabe.

**Antonio: Aqui é a casa do... aqui é o seguinte, é onde tinha um moinho. A água daqui é que abastecia lá o... aqui tem um açude, essa água veio aqui e esse moinho aqui que fazia o milho. Aqui era o lugar que todo mundo se abastecia, porque você trazia o milho, beneficiava e levava o fubá. Nós vamos lá na Camelinha, deve ter uns 6 km. Eu, com 9 anos, eu arriava o cavalo lá, sabe o que é arriar o cavalo? Não? É pôr a sela em cima. Se é o Zezito, você ia escutar uma boa. Risos.**

**Marcela:** Você que perguntou, eu estou bem quietinha aqui, ó.

**Antonio:** Eu, com 9 anos, eu arriava o cavalo, subia no cavalo, trazia o milho, ficava aqui, esperava o Seu... não era o Francisco, era um outro antigo, né, como é...
- Alexandre.
- O Alexandre. O Seu Alexandre, eles moíam, eu pegava o saquinho de fubá e ia pra lá, com o cavalinho.
- O Alexandre e seus filhos.

**Antonio:** Quando nós viemos aqui recentemente, nós encontramos o Seu Francisco, que já é velhinho, numa crise de nervoso... Puto da vida por causa do açude. Pelo seguinte, ele brigou com o irmão e o irmão cortou a água do açude e ele ficou sem água aqui. É coisa de irmão. Ele faleceu...
- Em tudo. Até na minha época era assim.

**Antonio:** Ele faleceu o ano passado e a Duduca, toda vez que a gente vem... eles fizeram uma casa lá no fundo, é bem antiga, não tem nada a ver, essa casa aqui, a mulher do Alexandre morreu, ela ficou meio assombrada, ela tá trancada desde... faz 50 anos. Ninguém arrisca abrir lá, porque acha que a mulher ainda tá lá fazendo coisa. Mas a casa é daquela época, deve ser de 1920, 1915. Muito antiga. Lá debaixo, ali, que vocês veem, é onde tinha uns negócio de... Ali é o porco que ele criava. Que era porco. Lá do outro lado, eles derrubaram agora, mas eu consegui entrar. Tinha toda a produção... os maquinários de fazer rapadura, inclusive tem aquelas... Aquelas medidas, né? Eles fazem o melaço, quando tá no ponto, eles fazem uns

quadradinhos de madeira e joga o melaço, espera secar, tira, vira os pedacinho de rapadura. Eu botei no livro também alguns.

**Toni:** E sabe por que o fubá daqui era bom? Tinha várias qualidades, né? Não sei se tô falando besteira, hein? É porque ele era moído na pedra, entendeu? Aí tirava o fubá, a quirela, tinha duas ou três qualidades de fubá, né, e lá eles plantavam arroz, vinha aqui e trocava um saco de arroz por um saco de fubá e assim era a negociação na época.
- Isso.

**Antonio:** Toni, vou falar que nem a Nilza. Terminou? Risos.

**Toni:** Terminei.

**Antonio:** Aqui também eu tirei foto com o Expedito, é a casa do Zé... do irmão, né, eu não sei se é Zé não sei o que, mas tá escrito, tá legendado. Essa casa estava fechada. Eles fizeram a gentileza de abrir, porque a mulher estava no Rio. É um susto quando cê entra, né, porque é uma coisa assustadora de medonho.

**Toni:** Se tem uma cruz ali, é porque acho que morreu alguém ali dentro. Ah, lá, quando tem cruz assim, na porta, é que morreu gente.




**Antonio:** Mas está lá. O importante aqui é a réplica, porque eram casas... tá vendo? Você olha essa e aquela, elas são muito similares, né?
- Ó, e se você prestar atenção...

**Antonio:** E muito antiga. Essa aqui, o cara falou que é mil novecentos e pouco, né? Então agora nós vamos andar mais um pouco... Não, só falar que é de pau a pique, ó, tá vendo? Eles rebocaram depois. Nós vamos andar mais um pouco e nós vamos ver a casa do Sebastião Ferraz. A gente vê só à distância, porque não tem nada lá também. Vamos passar perto do...

**Antonio:** Eu vou embora, hein? Eu vou embora, hein? Eu vou embora. Risos.

**Antonio: Nós vamos passar no Alexandre Ferraz... não, Alexandre não, Sebastião Ferraz, vamos passar onde o João da Nilza nasceu, não tem casa, mas dá pra ver. E nós vamos tentar ir na Camelinha, que é onde nós moramos em 1960, que ainda tem, se o cara não derrubou, que eu quis comprar, mas estava muito caro. A Duduca chegou lá, dá pra gente ver o cantinho lá onde a mamãe fazia a horta dela. A gente morou 1 ano e pouco lá, mas é o que a gente tem um pouco mais de lembrança e é a única que tá de pé... que estava de pé. É um barraco, na verdade, não é uma casa. Vamos ver se o cara deixa a gente entrar lá. (Infelizmente não conseguimos fazer isso. Muito barro)**

## Procurando a casa onde a Nilza morou em 1960.

- Não, não, mas é um pouquinho lá na frente... é, não tem mais nada não. Era por aqui.
- Essa casinha é antiga, hein?
- É, mas não é essa não.

**Antonio:** Aqui, João, é o seguinte, aqui era a plantação do Tuta. A roça dele, né?

**Antonio:** E, segundo a Duduca, vocês... eu desconfio que é um pouco mais na frente. Se for lá, eu te falo de novo, mas era bem na ribanceira aqui. Então eu acho que era na beira do **rio um barraquinho que ela tinha, que foi quando a gente voltou lá de São Pedro dos Ferros.**

**Antonio: E nós fomos pra Camelinha e ela ficou aqui. Aqui tem a história que ela... todo mundo tinha medo desse Sebastião Ferraz e um de vocês passava muito mal por falta de alimentação (Célia) e a**

**Duduca criou coragem e foi lá no Sebastião Ferraz e falou "Nós tamo precisando dum litro de leite, porque a minha filha tá passando muito mal e ele precisa tomar leite." E a partir daquele dia, o Sebastião Ferraz a mandou pegar, todo dia, um litro de leite. (Era a Célia)**

**João:** Essa história aí ela falou mesmo pra nós.

**Antonio:** E ela desmontou totalmente a ideia de que ele era um carrasco, que ele era não sei que. Eu não sei se é esse aqui, pode ser que seja depois desse muro, mas...
- Tá por aqui.
- Por aqui, então... mas eu tenho no GPS também, depois você pode clicar e acessar direitinho.

Infelizmente tivemos que voltar, não tinha chuva, mas tinha muito barro, ficou intransitável para carros.

**Bate papo com o Zezito, eu, o Júnior e o Expedito. Á noite no hotel. O Zezito iria embora dia 03/11/21 pela manhã.**

**Antonio:** (Falando com o Zezito) ... mais emocionante, porque lá em São Pedro dos Ferros, você nunca tinha voltado, né? Aqui, em Visconde, pelo menos você já tinha vindo outras vezes, né, então...

**Antonio:** Em São Pedro do Ferro, faz 60 anos, né, que a gente saiu de lá. 60. Aqui você já esteve em 2003, com o Wagner, já foi em Juiz de Fora, né?

**Zezito:** Em São Pedro dos Ferros, eu nem pensava em ir mais...

**Antonio:** Nunca... exatamente. É. Tudo bem que não tem mais nada lá, mas só o fato de você andar ali e lembrar que "Pô, eu passei por aqui!", né? Já é uma sensação muito legal.

**Zezito:** É pena que muita coisa da vida da gente vai desmoronando, da minha parte, desmoronou muita coisa. E essa coisa tá me fazendo falta. Não quero mais. Não quero mais, mas...

**Antonio:** Mas, ô, Zezito deixa eu te falar uma coisa, né, olha a evolução nossa, né? E você falou da Vaninha, falou do Fil, falou do Zil, falou do Vadinho. Você saiu daqui em 1960, você tá voltando aqui, mas você tá voltando aqui. Ó, a evolução que nós tivemos! As pessoas continuam aqui exatamente do mesmo jeito.

**Zezito:** A mesma coisa.

**Antonio:** O mesmo jeito. É o que a mamãe...É o que a mamãe falava "Eu tenho saudade de lá, mas é o seguinte, as pessoas continuam no mesmo lugar". Nós evoluímos, você foi pra São Paulo, trabalhou, construiu sua casa, fez...

**Zezito:** E esse mesmo lugar, é aquela coisa assim, por exemplo, a situação deles era a mesma que estava lá... 60 anos atrás.

**Antonio:** Você construiu sua casa, teve filhos, teve... Eles não construíram nada. Não construíram nada. Aquilo lá foi o Major que deu, né, em 1940, não sei o que, né?

**Zezito:** Porque lá em São Paulo a gente tem uma visão diferente, é progredir, queria progredir.

**Antonio:** Depende de mim, né? Ali, eles ficam dependendo do patrão, né?

**Zezito:** Então, com o tempo, já vai fazer uma casinha, vai educar, quer dizer, pra render... Arrumar um emprego melhor pra ganhar um pouco mais.

**Zezito:** Arrumar emprego melhor, o que eu fiz tanto.

**Antonio:** Você fez bastante. Chegou a arrumar dois empregos.

**Zezito:** Não arrumar um bom emprego, mas arrumar um emprego... eu disse, eu já trabalhei em dois empregos, por quê? Um só não estava dando. Precisava de mais dinheiro.

**Zezito: Então a gente se aventurava de trabalhar em dois, mas ainda bem que eu aguentei trabalhar**

**em dois. E parece que eu cheguei a trabalhar em três também.**

**Antonio: Eu me lembro que você trabalhava em três, porque você fazia uns bico nos domingo, [falas sobrepostas]...**

**Expedito: Ah, é, é isso mesmo. É isso mesmo. Além de...**

**Antonio: Aqueles bares que fechavam na cidade, no domingo, você arrumava um bico de garçom em algum outro lugar.**

**Zezito:** Além de eu ficar... de eu trabalhar em dois empregos, no sábado e domingo, eu ia fazer um extra. A gente chamava de um extra.

**Antonio:** Exatamente. Na área aí chama extra, de fazer um extra.

**Júnior:** E o trabalho aqui no hotel, como é que era, tio, quando você trabalhou no Grande Hotel?

**Zezito:** Esse Jr. quer saber de tudo. Risos.

**Antonio:** Esse é o fiscal, ele quer saber tudo mesmo.

**Zezito:** Olha, são coisas muito passadas, há muitos anos. E eu tive a maior sorte de **trabalhar com o Seu José Pereira Amato, apelido Zezinho era o do hotel, né, por acaso, eu não sei por que cargas d'água aquele homem... a mulher dele foi muito boa pra mim, os filhos dele foram crescendo também. Eu não sei se é porque eu fui bom, por isso que eles foram bons pra mim, mas eu sei que eu recebi deles tudo de bom. É o que eu tenho... de vez em quando... um dia desses, eu estava sonhando com eles, conversei com ele. Aí eu acordei, era sonho. Então eu estava sonhando, revivendo aquele tempo que eu trabalhava com ele, de garçom. A Dona Marina, a mulher dele, ela tinha empregada, mas pra pegar no chifre do boi, pra fazer a comida pra dar pro cliente, era ela que fazia. Isso, pra mim, é uma satisfação, porque ela fazia porque ela não queria erro no tempero da comida, ela não queria...**
- Queria agradar o cliente.

**Zezito:** Agradar o cliente. Tudo que ela fazia era pra agradar o cliente.

**Antonio:** E tudo que você gostava, que era tua profissão, né, de agradar o cliente. O cliente tem que sair satisfeito. Mas você trabalhou pouco tempo no Grande Hotel, né?

**Zezito:** É, eu acho que sim.

**Antonio:** Deve ter sido... eu não me lembro se foi muito... eu era pequeno...

**Expedito:** Mas você foi pra São Paulo através deles, não foi isso?

**Antonio:** Ele já contou a história, mas ele não estava no Grande Hotel mais.

**Zezito:** Não, não, e eu estava em Ubá.

**Zezito:** Eu estava em Ubá quando eu fui pra esse aí.
- Ah, é?

**Antonio:** Ele resolveu mudar pra São Paulo, esse Zezinho. Chegou lá, ele abriu um bar ou restaurante, não sei o que...
- Sim, sim.
-Aí chamou o Zezito.

**Expedito:** Eu cheguei a ir lá nesse bar em SP.

**Zezito: Aí ele mandou me chamar, né, através do genro dele ou amigo dele lá, esqueci o nome até, mas eu me lembro da história assim, mandou um recado pra mim que o Seu Zezinho queria falar comigo tinha um bar lá e ele queria que eu fosse tomar conta do bar dele. E eu fui. Mas era tudo mentira, né, porque ele não estava precisando de nada não. Aí eu fui e morei na casa dele fiquei lá morando na casa**

**casa dele por algum tempo e, como sempre, fui bem tratado, fiquei lá por alguns tempos na casa dele, dormindo, comendo e bebendo. E depois, nem sei como é que foi a situação...**

**Antonio:** Você mandou uma carta pro Tio Zé Pinto.

**Zezito:** É, mandei uma carta pro Tio Zé Pinto, que eu tinha já o endereço dele, aí Zé Pinto chegou e falou assim "Sr. Zé, esse agora não é mais seu não, é meu agora! Vou levar pra minha casa." Cheguei lá, fui muito bem tratado, a Tia Santa também me tratou muito bem e eu fui muito bem recebido. E eu agradeço até hoje isso aí. Então foi mais ou menos essa história que eu tive na vida. Que bom, né? Depois, pra falar a verdade, eu acho que eu nunca tive coisa ruim. Só tive coisa boa.

**Antonio:** Melhor coisa que você fez... foi tirar a gente daqui. Se não fosse você...(chorando)

**Zezito: Eu às vezes fico pensando que eu sou desprezado, que não tenho nada, que agora .... graças a Deus, mas aí eu olho pra trás e falo "Não, eu tô errado, eu fiz muita coisa boa, tá todo mundo olhando pra mim." (chorando)**

**Antonio:** Todos, você só fez coisa boa. Não tem...

**Zezito:** Olhando pra mim, você acabou de falar agora aqui. Então, isso...

**Antonio:** E essa sensação não é minha, é de todos os irmãos. E da mamãe e do papai.

**Zezito:** A satisfação eu chorei lá na ... de ver ela tão alegre que ela estava. Isso pra mim é vida. Enquanto outro ... Deixa. .... Não tem problema não.

**Antonio:** Você não precisa se preocupar com a crítica, você fez tanta coisa boa, que essas bobagens, de alguém falar mal, não sei o que, não tem peso nenhum.

**Expedito:** Ô, Zezito, você lembra, quando você foi lá, que a gente morava naquela casa que era num pasto...

**Zezito:** Eles quem?

**Expedito:** Não, nós morávamos lá, numa casa, ali perto do Gavião...

**Antonio:** Na Fazenda do Rubinho lá, que morreu a Maria Helena.

**Zezito:** Não, não lembro.

**Expedito:** Você lembra que a nossa casa, ela era cercada de arame, que era tudo pasto?

**Zezito:** Lembro nada.

**Antonio:** É aquela que tem a destilaria ali, quando a gente parou os carros.

**Expedito:** É, ali a gente morou. Tinha uma casa que a gente morou ali. Foi onde morreu a nossa irmã. Você está lembrado disso?

**Zezito:** Não.

**Marcelo:** Tio, rodei a cidade inteira. Não tem um lugar aberto. Não achei seu chá.

**Zezito:** Tá bom.

**Marcelo:** Fui em todas as farmácias possíveis.

**Zezito:** Ah, tudo bem.

**Marcelo:** Aí a moça falou que aqui tem o chá de erva doce e tem esse de seis ervas, e tem o camomila aqui.

**Zezito:** Agora eu quero tomar chá? Vocês todos pensavam que eu estava doente, por exemplo, o macaé é quando você tá com dor de barriga, toma o chá de macaé. Então quando falar "Eu tomo muito chá." Os caras pensavam que eu estava doente, por isso que eu estava tomando chá. Falei "Não, puta que pariu, não tô doente porra nenhuma." Eu gosto do chá. E realmente eu gosto muito de chá.

- Também gosto. Muito, muito.

**Expedito:** Então, mas voltando àquele negócio da casa lá. Você apareceu lá um dia e tinha, inclusive, duas professoras muito bonitas. O Rubinho, o administrador, namorava com uma e o dono da venda namorava com uma outra. E esses dois caras...

**Antonio:** Agora descobri por que que ele não voltou lá mais, ele foi expulso de lá. Risos.

**Expedito:** Aí esse cara, o Zezito, muito bonito, que só a coisa e as meninas já se interessaram por ele.

**Expedito: Ele quando foi lá nos visitar, ele foi lá usando essa frase "Eu vim aqui pra buscar vocês!" Foi assim que aconteceu. Vocês não vão ficar mais aqui, vocês vão embora.**

**Zezito:** Tem uma frase que eu aprendi assim: você não se elogia, deixe que os outros te elogie. E você tá falando isso aí. Você tá falando coisas... alimentando coisas que eu fiz. Tem coisa aí que eu não tô lembrado mais, né, mas...,

**Antonio:** Mas se tá falando bem, faz de conta. Se fosse mal, dizia "Olhe, não senhor, nunca fiz isso!" Agora, esse daí deixa quieto. Tá a favor, deixa... Risos.

**Zezito:** Mesmo que eu tivesse feito, eu ia falar que não. Risos.

**Antonio:** Se é a favor "Ah, é verdade. Bom, isso aí eu não estava me lembrando. Risos.

**Zezito:** Ah, é a favor? Então traz pra cá.

**Antonio:** É isso mesmo. A turma fala uns negócio desse pra mim também. O Ivan, por exemplo, escreveu uns negócios pra mim aí, eu falei "Ivan, vou ser sincero com você, eu não lembro nem de 20% disso, mas se você tá dizendo que é, eu vou... muito obrigado!"

**Zezito:** Porque tem coisas que...

**Antonio: Você sabe por que isso? Eu vou te falar. A gente faz, eu sei que você faz, eu faço, todos nós fazemos. A gente não faz com interesse, a gente faz por prazer. Então, quando você faz por prazer, você não fica com isso registrado no cérebro "Ah, eu fiz isso, um dia eu vou cobrar desse filho da puta.", entendeu? A gente faz porque faz, entendeu?**

**Zezito:** Eu estava falando pros meninos aí da ambulância o seguinte...

**Zezito: ... então, Antonio, você surgiu... e apareceu pra me ajudar. Então por que que você tá me ajudando? Porque eu mereço, talvez. (Chorando) Esse é o presente que Deus deu.**

**Antonio: Essa é a troca que você falou, eu faço uma coisa, eu não tô querendo troco, mas vem. Sem querer, você vê, você não esperava que, 60 anos depois...**

**Zezito:** Inclusive, quando você me convidou pra vir a Visconde, eu falei "Não vou não!"

**Antonio:** Exatamente.

**Zezito:** Eu não vou não. Foi verdade ou mentira?

**Antonio:** Foi verdade.

**Zezito: Eu não vou não. Depois, eu andei pensando, eu falei "É um puta pé no saco, né, e o cara tá fazendo tudo e eu não aceito?" Aceitei.**

**Antonio:** E a vontade você tinha, né? É melhor ainda, né?

**Zezito: Aí eu falei pra você "Vontade eu tenho..." Mas como eu estava nessa situação de não poder andar, eu falei "Não vou não, eu não posso andar, que que eu vou fazer lá?" Mas com a tua boa vontade, e Deus ajudou a todos nós, que apareceu o cara, o motorista, me tratou muito bem, apareceu o enfermeiro, que me tratou muito bem, até chamei de enfermeira.(rindo).**

**Zezito:** Eu tinha pensado que era enfermeira. Ele achou ruim de chamar... aí eu fui desculpar com ele agora. Ele falou enfermeira porque falaram pra ele. Rindo. (O enfermeiro era muito gentil aí o Zezito achava que ele era gay)

**Expedito: O Zezito se sentiu realizado mesmo, inclusive. Você, Antonio, foi quem proporcionou essa coisa. Eu ouvi dele essas conversas.**

**Expedito:** Que o cara realmente ficou muito agradecido por isso e valeu a pena mesmo. Esse esforço todo.

**Antonio: Eu não tinha dúvida não. Eu falei, eu quero fazer esse passeio, quero levar todos os irmãos. Inclusive o Zezito, mesmo que de ambulância. Tem que levar.**

**Expedito:** Valeu muito a pena. E se valeu pra ele, meu amigo, valeu pra todo mundo, né?

**Zezito: É o que eu falei pra Vaninha lá hoje "Você tá chorando de felicidade e eu também tô chorando!" Eu também tô chorando de felicidade de ver você, Vaninha. E se você chora, eu vou chorar também, mais ainda, porque é uma satisfação tão grande. A gente não sabe explicar, porque a gente não chora só porque apanhou.**




**Antonio:** É do coração. É isso, é sentimento bom, né? Você não chora de dor, você tá chorando de felicidade. Isso é que é bom, né? Exato. O duro é chorar de dor, né?

**Zezito: (Brincando com o Júnior) É um puta dum interesseiro, né?**

**Antonio: Não tá nem preocupado com a tua história, ele tá preocupado em fazer uma média com os filhos. É, o danado é assim.**

**Zezito: Aproveitando da minha infelicidade.**

**Antonio: Nunca faça o que esse Zezito fez. Risos.**

**Zezito: Agora, que é a pura verdade, é, mas se ele gostou ou ele não gostou, mas ele já ouviu.**

**Zezito: (Tirando sarro com um dos sobrinhos que estava nos olhando à distância)**

**Que que você tá olhando aí ô, não está entendendo po*** nenhuma? Quer que eu te explique de novo? Risos.**

**As fotos acima, foram tiradas enquanto ele falava essas últimas palavras e mostra a felicidade dele.**

**Aqui um adendo:**

**Terminamos esse papo com o Zezito, bem tarde da noite no hotel. Ele estava muito emocionado e descontraído. Ele em São Paulo, vivia num mal humor danado, nesses 3 dias de viagem ele parecia outra pessoa. Sempre brincalhão, algumas vezes irritado e muito crítico, mas na maioria das vezes rindo e tirando sarro da turma. Até piada ele contava.**

**Não podia ser diferente. Eu, com a preocupação de dar conforto a ele, acabei exagerando. Contratei uma ambulância com motorista e enfermeiro e mais a cuidadora dele. A ambulância não tinha o conforto que imaginei. Ele veio deitado e amarrado numa cama tipo maca com um colchonete muito fino Fiz besteira. Ele viajou quase 12 horas de SP a Visconde, com uma parada de algumas horas em Juiz de Fora na casa do primo Osmar.**

**Mesmo assim ele nos acompanhou em tudo, sem reclamar. Inclusive indo pra SPF, no dia seguinte à sua jornada de 12 horas até Visconde, onde chegou às 22hs. As 6 da manhã já estava para irmos até São Pedro. Mais 3 horas de viagem.**

**Trouxe ele mais duas vezes, em 2023, só que dessa vez alugamos um trailer com cama e banheiro.**

**O Rodrigo da Olga veio dirigindo e ele nem usou a cama, foi e voltou papeando com o sobrinho.**

**Mas valeu o sacrifício. Compartilhamos com ele bons momentos. Sem ele a viagem, pelo menos para mim, não seria completa.**





## 03.11.21 – Quarta-feira:




Com a volta para São Paulo, do Zezito, Júnior e alguns sobrinhos, fizemos mais alguns passeios onde se pudesse trafegar. Visitamos a prima Teresinha, neta do Chico Pinto, ele era irmão do pai do Izaltino.

**Fizemos isso nos dias 3 e 4 de novembro.**









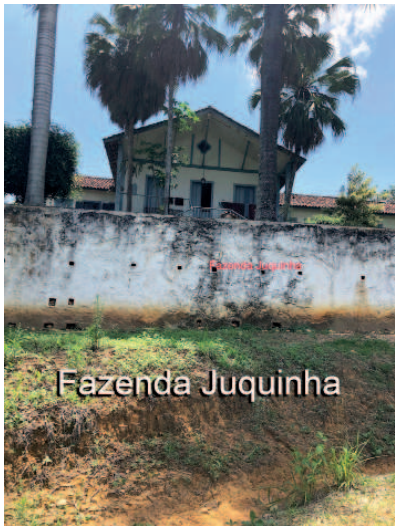




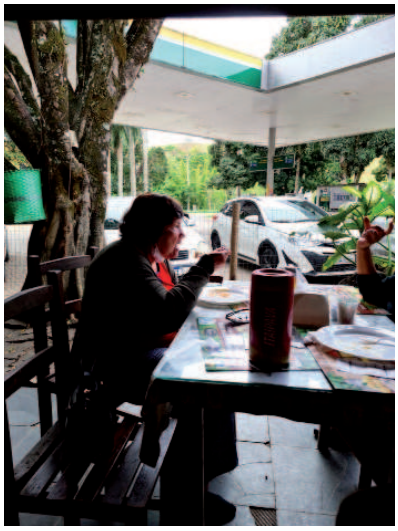


















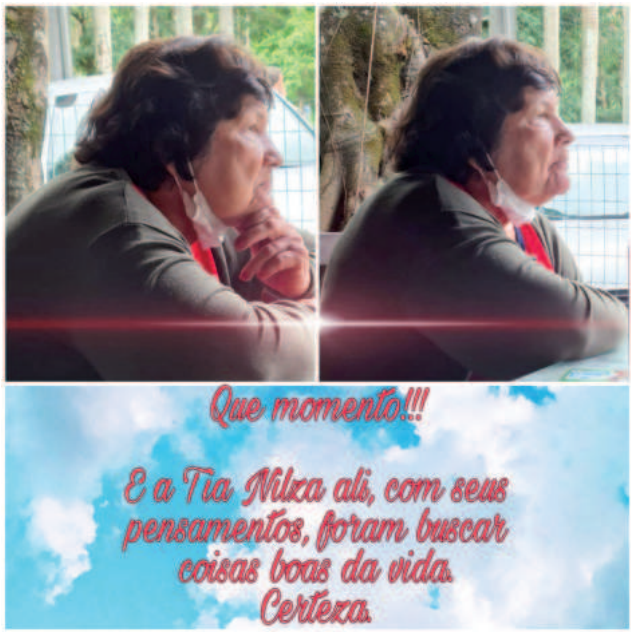







**No dia 05/11/2021 retornamos a São Paulo.**

**Tivemos um problema com o vôo da Nilza, por culpa minha e retornamos de carro, eu, ela e o Zezé. Uma aventura. Nos perdemos por falta de sinal de GPS. Chegamos em casa às 6 horas da manhã. Ela adorou a aventura.**



# Viagem número 8

## 06 a 12 de Setembro de 2022

## Visconde do Rio Branco

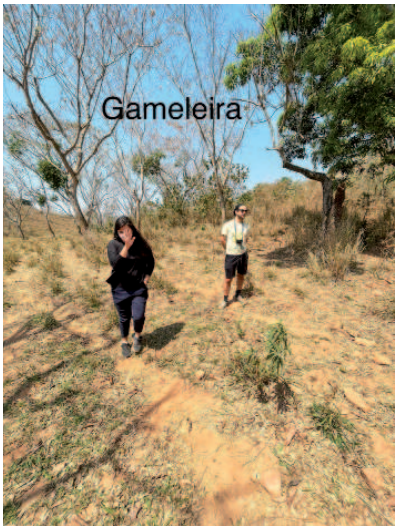
**Quem foi:**
**Antonio, Expedito, Nilza, Olga, Júnior, Janaina, Cris, Andréia, Bruno, Marcos, Zezé, Toni, João, Ivan, Nilson, Sibele e a Bárbara.**

Nessa oitava viagem, a 7ª a Visconde, fomos em 17 pessoas. O pretexto era comemorar o aniversário do Expedito que tinha completado 80 anos em 07/07/2022.

Aproveitei e convidei os filhos do meu irmão João para eles conhecerem o local onde o pai tinha nascido, no Valão. E conhecerem também a Camelinha (O Alípio, dono da casa sempre gentil em nos receber), Gameleira, fazenda do Juquinha Alvez, casa do Sebastião Ferraz entre outros locais que em 2021, por causa das chuvas, não conseguimos visitar.

Dessa vez não houve registro em áudio, apenas fotos.















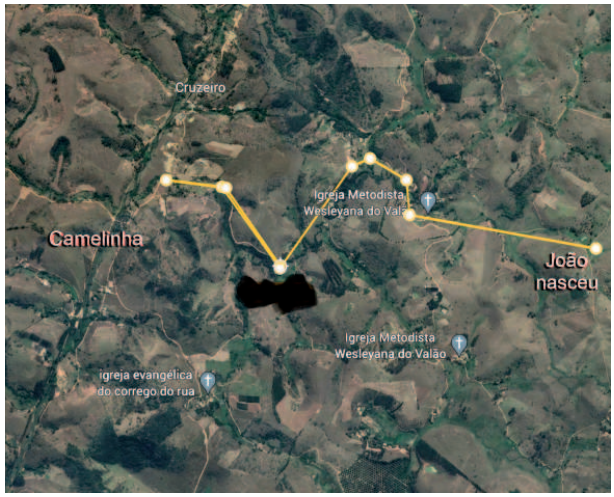

Camelinha


Camelinha com o
Alípio




Onde João
nasceu


Valão onde João
nasceu
21°04'33"S 42°43'47"W


Cruzeiro
Igreja Metodista
Wesleyana do Vala
Camelinha
João
nasceu
Igreja Metodista
Wesleyana do Valão
igreja evangélica
do corrego do rua

# Viagem número 9
## 19 a 22 de Maio 2023
## Visconde do Rio Branco
## (80 anos do Zizinho)

**Quem foi:**
**Antonio, Zezito, Rodrigo, Conceição.**

Em maio, o Zezito fez questão de ir à festa. Ele, assim como eu, não víamos o Zizinho há muitos anos, eu, quase 40 anos.

Foi muito legal, recordamos muita coisa, especialmente o inesquecível carnaval de 1975 no Clube dos Bancários.

Aproveitei e fui ao Clube para relembrar, mesmo ele estando inativo. Tirei algumas fotos que as quais publico aqui.

Aproveitei e conversei com algumas primas e primos, sobre a Minervina, foi emocionante. São histórias muito lindas.




























E a Parada do Rei.









# Viagem número 10
# 15 a 18 de setembro 2023
# Visconde do Rio Branco
# Bodas de ouro do Tãozico e Lourdinha

**Quem foi:**
**Antonio, Expedito, Olga, Zezito, Zezé, Toni, e filho João, Rodrigo, Érica Lurdes, Conceição.**

Nessa viagem também não tivemos registros, apenas fotos. O objetivo era prestigiar nossos queridos primos, Tãozico e Lourdinha.





















Outras fotos fora da festa. Fui com o Expedito no Clube dos Bancários onde passamos o carnaval de 1975. Conto a história em páginas anteriores.








E a Parada do Rei.





# Viagem número 11
# Borrazópolis
# Data: Setembro de 2024

**Quem foi:**
**Antonio, Expedito, Olga, Nildes e Antônia**



O tio Donato, assim como seu irmão Izaltino, meu pai, não paravam. Viviam mudando de fazendas.

Moramos com o tio Donato em 1966 no Paraná, na cidade de Borrazópolis.

Em 2017, para compor nossa história, estivemos em Borrazópolis, eu, e meus irmãos; Expedito, Nilza, Olga, Marta e meu filho Júnior. Não tinha mais nada por lá, nenhuma casa, apenas as terras.

Nessa ocasião visitamos um sítio que julgávamos ser o São Pedro. Não era.

Agora, em setembro/24, estivemos novamente em Borrazópolis, dessa vez foram; Antônio Lino (eu), meus irmãos; Expedito Lino e Olga Lino, e as filhas do Donato; Antônia e Nildes.

Com a Antônia e a Nildes, conseguimos ir ao local correto e aproveitamos para visitar outros locais, indicados por elas, onde o Donato e elas moraram.

Conseguimos mapear parte das suas andanças, com a ajuda das duas filhas e principalmente com a contribuição da Eurides, que, por telefone, me ajudou com sua memória brilhante relatando detalhes muito importantes.

Essas novas informações, somadas a outras que eu já tinha, me permitiu traçar esse resumo, que embora não seja completo, dá uma boa dimensão da história do Donato e família.

O Donato se casou em Visconde do Rio Branco – MG. Logo após o nascimento da Eva, se mudou para o interior de São Paulo, onde seu irmão Vitalino já morava desde 1938. É possível que o Donato tenha se mudado com o irmão mais novo, o José Francisco Pinto. Eles foram para a região de Presidente Prudente, em cidades como Martinópolis, Rancharia, João Ramalho e Quatá. Não se sabe qual foi a primeira. O primeiro filho do José, nasceu em Quatá em 1943 e faleceu em 1946. Depois vieram o Orlando, falecido em 1962, em SP, e o Jayme e a Olga. O primeiro do Donato, nascido fora de Visconde foi a Aparecida, em 1940.

Ao que consta, os 3 irmãos moravam muito próximos, e ao que parece, até em mesmos sítios, até início de 1950. Depois o José foi para a Capital e o Donato foi para o Paraná, inicialmente para o município de Bela Vista do Paraiso, quase divisa com o Estado de São Paulo e a 147 kms da Cidade de João Ramalho no Estado de SP.

O Izaltino nunca mais viu o Vitalino, a última vez foi em 1938. O Vitalino faleceu em 1986 em Campinas, a 100 km de distância. Coisas do destino.

Conto a história dele e dos filhos nos livros Nossa História.

Já o José, esteve em Visconde por volta de 1953. Se reencontraram em São Paulo, 9 anos depois, em 1963, quando o Izaltino e filhos mudaram para São Paulo. Quanto ao Donato, o Izaltino o encontrou em SP em outubro de 1965. Esse encontro aconteceu graças a um comunicado em programa sertanejo de rádio, colocado pela família do Donato que tinha perdido o contato do irmão José Francisco. Pedidos via rádio era muito comum na época. Os ouvintes mandavam carta pedindo o paradeiro de parentes e as duplas caipiras faziam esse apelo no programa.

A família do Donato veio pagar uma promessa em Aparecida do Norte em 1965, e como tinham o endereço do José Francisco, o encontro aconteceu. Foi ótimo, só que o Izaltino se empolgou e três meses depois estamos morando em Borrazópolis.

Convivi muito pouco com o tio Donato, praticamente os 11 meses em que morei em Borrazópolis. Minhas lembranças são positivas. Um tio muito sério, como todos os irmãos do Izaltino, mas uma pessoa extremamente bondosa, ética e muito trabalhadora. Características da família do meu pai.

São as mesmas características encontradas na família da Minervina também.

O roteiro do Donato foi mais ou menos o seguinte:

Dez/1910 – Nascimento em Visconde do Rio Branco-MG. O batismo dele consta como nascido em 03.01.1911, mas deve ter sido erro pois ficou confirmado que ele comemorava aniversário em dezembro.

1934 - Casamento com a Maria Pinto. Eles eram primos.

1936 – Nascimento do filho José, em Visconde, e falecido ainda criança.

1938 – Nascimento da Eva, em Visconde.

1939/1940 – Mudança para o interior de São Paulo. Para a região de Presidente Prudente.

14/07/1940 – Nascimento da Aparecida, já no interior de SP.

1940 A 1951: Morou em João Ramalho-SP, nas Fazenda Água Fria, Fazenda Águas de Prata e outras.

1952 – Mudou para Bela Vista do Paraiso no Paraná, cidade quase divisa do Estado de São Paulo, e foi morar na Fazenda Vergonta - onde nasceu a Nildes e depois morou na Fazenda Valones.

1954/1958 – Mudou para a Fazenda Jandainha, em Kaloré, a Eurides tinha 13/14 anos. Antes de chegar à Fazenda, a ponte estava quebrada e moraram algumas semanas na estrada, em barracas junto com ciganos.

1958/1960 - Mudou para a Fazenda Carmita, em Kaloré, ao lado da Jandainha, onde a Cida se casou em 1960 e nasceu seu filho Donizete em 1961.

1961/1962 - Foi para Marumbi, próximo a Kaloré, na Fazenda do José Andrade onde a Eva conheceu o marido.

1962/1963 Voltaram para a Fazenda Carmita, de onde a Eva saiu para se casar.

1964 – Foi para o Sítio do Zé Aliança em Kaloré, onde nasceu a Fátima filha da Eva. Nesse sítio foi onde houve a grande colheita de café, e, em outubro de 1965 foram para Aparecida do Norte e aproveitaram para encontrar os irmãos José Franscisco, que não via desde início de 1950 e o Izaltino, que não via desde 1940.

1965 – Mudou para Sítio São Pedro em Borrazópolis, onde em janeiro de 1966 o Izaltino e família foram morar com ele, até o Izaltino se mudar para outro sítio próxima da venda do Argemiro e logo em seguida mudar para o Sítio do Zé Ungares.

1967 – Com a volta do Izaltino para São Paulo, em fevereiro de 1967, o Donato se mudou para a mesma casa que o Izaltino morava no sítio do Zé Hungares.

1970 – Falecimento do Donato em 5 de setembro, em Borrazópolis.

1972 – Casamento da Antônia com o Expedito em São Paulo.

1972/1973 – Mudança dos filhos e esposa para São Paulo.

## Sítio São Pedro

(1966)







Sítio Zé Hungares(1967 a 1972)







Rio Kaloré
23°50'49"S 51°42'09"W
Entrada fazenda
jandainha


23°49'54"S 51°40'02"W
Sítio onde
Donato
morou em
1964/1965
Safra recorde
de café


Faz Carmita casa
onde Donato
morou


Kaloré
Fazenda
Jandainha
23°50'41"S 51°43'25"W
Morou em 1954/1955
1959
Morou em 1959/1960
E 1962/63
Fazenda Carmita


Período de 1961/1962
Eva conheceu o marido
Posto Grande Parada 2
Maringá


Faz Jandainha


Sítio N.Sra Aparecida
Do saudoso Alberto Razabone
Carlos
Razabone
Nildes Pinto




Casa ao
lado do Zé
hungares
onde
Antonia
trabalhou


Sítio São
Pedro


Sítio São
Pedro




RESTAURANTE
Casa da Marmita
RESTAURANTE

# Viagem número 12
# 22 a 25 de novembro 2024
# Visconde do Rio Branco
# Expedito e as mangas

**Quem foi:**
**Expedito, Marta, Olga, Zezé, Toni, Rodrigo.**

Bem, já contei aqui a paixão que o Expedito tem por manga. Fizemos várias viagens, mas não coincidiam com a temporada de manga em Visconde. Esse ano decidimos realizar a vontade dele. Decidimos ir em novembro.

Acabei não podendo ir, a Nilza também não pode.

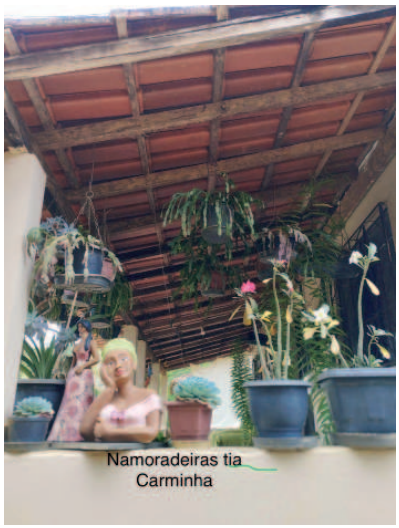
Antes de encerrar nossas histórias decidi incluir essa viagem. O Expedito merece essa homenagem. Eles curtiram, inclusive com um churrasco no Tãozico, pra variar.

Acho que ele vai ficar uns bons anos enjoado de manga. (risos)

Só temos fotos dessa vez















Zil e Creuza






RIO BRANCO PALACE HOTEL

# Viagem número 13
# Visconde do Rio Branco
# Data: 7 a 09 de Abril de 2025

**Quem foi:**
**Antonio e Expedito.**

Minha última ida a Visconde foi em Setembro de 2023, nos 50 anos do casamento do Tãozico e Lourdinha. Tinha a necessidade de visitar esse querido primo novamente pois recentemente ele passou por problemas de saúde. Deu tudo certo, mas precisa ir lá dar-lhe um abraço. Como já sabia, o primo está forte e esbanjando saúde, como sempre.

Convidei o Expedito e fizemos um bate volta de 2 dias. Aproveitei para uma rápida visita em alguns locais, como onde moravam as Cordeiras e onde morou nosso bisavó, João Ladislau Pinto, que ganhou até uma gruta com o nome de Gruta do Pinto, bem ao lado das Cordeiras. Logo abaixo tinha a Fazenda do Raimundo Iel e outra fazenda do Ferraz. Lá nasceram o Expedito e o Zezito.

Tínhamos conseguido contato com a filha do famoso Sunica, (Jesus Teixeira) que tinha uma venda ao lado da nossa casa na Camelinha. Na verdade, a venda não era dele, a propriedade sim.

Tomamos um café com a filha e o marido, muito simpáticos. A intermediação foi via Alípio e o neto da Vanina, o Mairon Coelho.

Mais surpresas: O Mairon é sobrinho do Alípio da casa da Camelinha onde moramos, e o marido da Vanina é primo do Tãozico. O marido da Vanina, Antônio Luiz de Freitas é parente do tio Zé Loide, marido da tia Olga. Mundo pequeno.

Fizemos um jantar na casa da Cleuza e do Zil, mas por ser durante a semana foram poucos. Mas tivemos a satisfação de receber o Alípio e sua esposa Angélica, além do Vadinho, a Regina e o marido Geraldo, a Neusa e o Pedro. E claro, o Tãozico e a Lourdinha.

A parte chata da viagem foi a constatação de deterioração de muitos imóveis que estavam relativamente em ordem em 2017. Por exemplo:

O cinema, já deteriorado, foi vendido e já está sendo demolido.

A casa e a venda do Sunica foram derrubadas.

A casa do Sebastião Ferraz, já está com o telhado caído.

A casa da Milota foi transformada para produzir açúcar. Ficou descaracterizada.

A casa da mãe do Francisco Ferraz, que estava fechada desde a década de 1960 foi derrubada.

Venda do Filipinho derrubada.

Fazenda Santa Maria derrubada desde os anos 2000.

A notícia boa é que o Grande Hotel, onde o Zezito e o Expedito trabalharam foi reaberto. Sem o glamour de outrora. A diária agora custa R$40,00!!! É mais para caminhoneiros ou para quem não faz questão de um mínimo de conforto.

Jantamos na terça dia 8/04/25 com o Tãozico e Lourdinha no Pierrot.Na volta, tiramos fotos da Costelaria Real, onde antes de chegar a Visconde em 24/09/2017, almoçamos, eu, Nilza, Olga, Marta, Expedito e o Júnior.

Logo em seguida, almoçamos no Parada do Rei, claro, para não perder o hábito. Às 14hs do dia 09/04/2025, já estávamos desembarcando em São Paulo.

## Fotos do jantar:





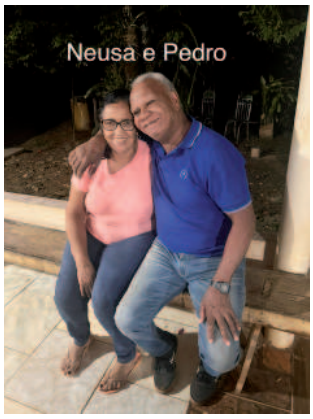














## Família do Sunica:










## Locais antes e agora:







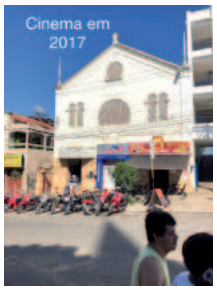




## Locais antes e agora:

















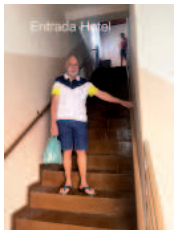






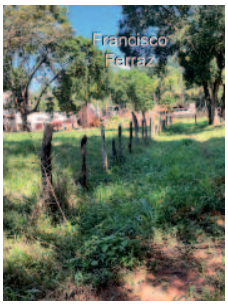












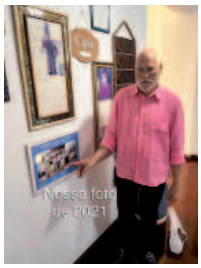







## Despedida de Visconde:


















# Lembranças avulsas



# Lourdes Lino Cruz Gomes (Filha da Niguita)
# (17/01/1940 – 13/06/2024)
# Data do depoimento: 21/05/2023




**A Lourdes nos deixou um ano depois desse papo.**

Tem uma coisa que eu sei e que eu achava muito bonito da sua mãe, Minervina, com a minha mãe, a Niguita, é que das irmãs, todas elas, as duas eram as que tinham mais intimidade uma com a outra o tempo inteiro.

As duas, elas se abriam uma com a outra, inclusive, isso aqui é fofoca, mas deixa pra... vou falar assim mesmo!

E você que sabe. Inclusive a mamãe ia pra lá, as duas, meu filho, bebia até uma cachacinha lá as duas juntas, então elas tinham os segredinhos delas lá e tinha dia que a mamãe até esquecia, mas ela de dia trabalhava muito, eu cuidava das coisas da minha mãe, agora a sua mãe, coitada, sempre tinha algum problema lá porque ela... não tinha uma igual eu, que eu toda vida fui mais... com meus irmãos eu ajudei minha mãe a criar os meus irmãos.

**Antonio:** É, depois ela teve a Nilza que ajudou um pouco também, né? Ajudou, pois é.

Ajudou, mas nessa época acho que a Nilza ainda estava... com a Nilza mais nova do que eu, né? E eu quando a minha mãe demorava pra chegar, que eu via que estava na hora de dar uma mamadeira ou fazer um almoço eu corria, sabe, fazia, que o papai chegava pra almoçar, né? Aí ela chegava e dizia de lá "minha filha, ainda bem que eu tenho você", eu só sei que as duas eram muito amigas...

**Antonio:** Elas sofreram muito, né?

Sofreram, as duas. Todas as duas sofreram muito. Mas sobre os meus avós, os meus avós não conheci nenhum, só minha vó Antonieta do lado do meu pai, da minha mãe nem vô, nem vó...

**Porque o João Lino que era o pai da Niguita, morreu em 1933. E a... a Minervina Antônio do Couto morreu em 1940, eu sei que a minha avó, que a minha mãe me contava da minha avó, é que a minha avó, meu vô, ele era uma... uma pessoa bem de vida, tinham muita terra, tinha muitos empregados. A mamãe chegou a mostrar pra nós tudo que era deles lá, a companhia que comprou tudo, mas ele tinha muito empregado, tinha muita terra.**
- O João Lino?

É, o João Lino, pai da minha mãe.

**Antonio:** Eu consegui a escritura da casa onde eles moravam, que eu até pus no livro. Consegui achar, ele comprou lá... ali na Fazenda Juliana ele comprou em 1920 e aí foi pra leilão, depois o Dr. Ulisses arrematou, aí tem umas histórias, né?

Pois é, aí a minha mãe falava que ele, todo dia, diz a minha mãe que ele jogava demais, mas diz minha mãe que ele tinha nome até de Coronel, que ele andava só de... de coisa...

**Antonio:** E você sabe da cor dele? Porque tem umas dúvidas se ele era moreno, se ele era... mais pra linha de... de negro.

Não, nem retrato deles nunca me mostraram. Aí eu sei, né, coitado, que ele... ficou devendo muito, a minha avó, diz que a... diz a minha mãe, não sabia de nada, tadinha.

Você vê, não teve nenhum Antônio, como você pra ajuda ela, porque se tivesse um pra entrar no meio, diz que arrematararam, mamãe que me contava, arrematararam, meu filho, que tudo que ele tinha, tudo por um preço muito baixo.

É, sim, sim, levaram de graça, né?

E eles ficou, meu filho, tudo passando até fome.

Eu sei que a minha mãe, não só minha vó passou muita vida pra criar esses meninos e sua mãe também, coitada. Ficou morando naqueles lugares lá, mas as duas meninas eram muito amigas mesmo assim, muito amigas. Mas até hoje eu sinto assim, de não ter conhecido meus avós, sabe?

**Antonio:** E a Niguita morreu cedo, né?

Morreu. A mamãe morreu muito cedo, a mamãe morreu muito nova, o cabelo pretinho... A minha avó também, a mãe da minha mãe também, a mãe da minha mãe morreu nova também.

**Todas elas passaram por muitas dificuldades, o meu pai, eu vou falar, o meu pai bebia demais. O meu pai e a mamãe sofriam muito por causa disso, que o meu pai saía pra... fazer compra, bebia tudo, chegava em casa de manhã, coitadinha da mamãe, passou muito... mas nós... mas o mais bonito que hoje é difícil acontecer isso, da pessoa ter aquela vontade própria, porque teve um dia que ele chegou de manhã em casa, mamãe esperando, ver se ele trazia comida, que ele chegou batendo na porta lá de manhã, você me desculpa, né, de eu falar essa história. Eu falo que hoje eu conto essa história porque eu acho que foi uma atitude muito bonita que o meu pai fez e de fé. Ó, e a mamãe vai e falou com ele, falou com ele "pois é, eu fiquei esperando as coisa pra você trazer pros seus filhos... e você chegar em casa de manhã, de mão abanando, sem nada...", aí ele pegou e falou pra minha mãe, falou assim "ó, você pode... abre a porta pra mim...", a mamãe nem queria abrir porta pra ele, falou "acho que não vai dar não, porque desse jeito eu que vou ter que criar meus filhos", ela falou, "não, pode abrir a porta pra mim que eu vou fazer um juramento pra você, de hoje em dia, enquanto existir Nossa Senhora das Graças eu não ponho mais cachaça na boca. Nada.", o tanto que nós nunca mais vimos meu pai bêbado, sabe? Podia fazer a festa que fosse, tinha que fazer o suco dele, nem refrigerante nem nada ele não bebia.**

**Antonio: Ele falou um negócio pra mim que eu me emociono até hoje. Ele estava falando como ele gostava da Niguita. Mas eu... ela já tinha falecido, aí ele falou... "você sabe que eu gosto dessa muié? Que eu já falei pra Deus, se eu morrer... se eu... eu vou morrer, quando eu reencarnar eu quero me casar com ela de novo!". [riso]**

Pois é, Nossa Senhora, era tão bonita aquela fazenda. Gente do céu!

Antonio: Mas você vê, ó, a mamãe, Minervina, perdeu o pai em 33, perdeu a mãe em 40, perdeu a irmã em 36, perdeu a Marlene em 48, que é a filha, perdeu o Ivo em 53, perdeu a Maria Helena lá em São Pedro dos Ferros em 1960. É muita perda, né? Depois, a tia Minervina que chamava de madrinha Zina eu gostava muito dela e ela...

**Elas faziam muita coisa, balaio, peneira ... Isso aí ela fazia, coitadinha, portanto as duas eram muito trabalhadeiras, elas faziam pra elas, elas nunca dependeram de marido não, portanto a minha mãe quando ela morreu, nós nem sabia que a mamãe só... ela lavava roupa de campo, a mamãe plantava... mandioca, né, batata, inhame, tinha as galinha dela, vendia os ovos dela, plantava jiló, quiabo e vendia. Portanto, quando a minha mãe morreu nós não sabíamos, o Zizinho chegou lá depois no dia, chamou nós lá e falou assim "ó, a mamãe tem um dinheiro lá no banco" A mamãe depositava lá, ela nem sabia! "Ó, a mamãe tem um dinheirinho no banco que ela depositou lá, nós vamos... ó, não vou repartir o dinheiro dela com ninguém, tá? O dinheiro dela eu vou gastar tudo com ela. Vou pagar ônibus pra levar os que quiserem ir no enterro, nós vamos comprar um lugarzinho lá, vamos fazer um coisa pra ela conforme ela merece lá no cemitério" Agora ela tem lá o jazigo no cemitério? Compraram tudo com o dinheiro dela.**

A Minervina, a sua mãe... a sua mãe era a mesma coisa, sua mãe, ela fazia as coisinhas dela também, elas compravam as coisinha delas lá que elas gostavam, tudo com o dinheirinho delas, uai. Elas não pediam dinheiro a ninguém pra comprar não, nenhuma das duas, sabe? Aí, minha filha, eu vou falar pra você, é muito bom a gente saber das coisa da vida da gente. Eu não sei assim, nada. Nossa, se elas faziam fofoca igual a gente faz hoje em dia...

**Antonio:** Então a minha ideia é essa, deixar um documento, a maioria nem lê, mas não tem problema, tá lá registrado.

**Eu... eu tenho muito orgulho de você, não é porque eu tô perto de você não, de você se interessar por essas coisas, porque na família, a nossa família é bem grande. Então, pois é, então... eu tô falando assim, não é porque tá perto de você, porque eu já falei isso com alguém, mas então é você da família que interessou a essa coisa e tão boa que a gente fica relembrando, a gente tem que saber, a pessoa porque já foi embora, mas a gente tem que lembrar das coisas deles, né?**

**Antonio:** E a tua mãe tinha uma fama também de bravona, né, assustava mais ainda, né?

É. Pois é, mas agora, pra você ver, eu nunca... assim, eu nunca, a mamãe batia mesmo, o papai não batia não, mas a mamãe batia mesmo, mas eu nunca tomei um tapa nem da minha mãe, nem do meu pai. E até hoje eu falo pros meus filhos, Antônio, se tem uma coisa que se acontecer comigo eu vou ficar muito triste na minha vida é ser chamada a atenção, sabe? Eu, nossa, eu tenho fé em Deus, sabe? Eu nunca gostei, sabe, de ser chamada a atenção das coisas, sabe? Então a minha mãe eu sempre obedeci, né, a minha mãe e meu pai, tudo. Portanto, eu me casei com quem eles quiseram. Não queria casar e eu ali, ó, mas, pra obedecer, eu falei "eu caso". Nossa senhora, mas no dia que eu ia me casar mesmo, mas que tristeza! Ao invés de eu estar alegre...

No caso da Nilza era diferente ela gostava muito, ela gostava do Tuta, quando nós íamos em algum lugar passear que ele estava, ela ficava alegre e tudo. Já eu não, nossa... vou te contar assim um negócio que é até vergonhoso, mas é a verdade, quando ele falava que ia lá em casa eu punha vassoura atrás da porta pra ele ir embora logo! Eles falavam isso, os antigos, agora vocês veem onde é que tinha amor aí? Antônio, eu punha a vassoura debaixo da porta pra ele ir embora depressa! Nossa senhora! E o meu pai mais a minha mãe gostavam dele, que ele era um rapaz trabalhador...

**Antonio:** Como é que é o nome dele?

**Lourdes:** É Félix. Mas todo mundo o chama de Fío. Ih, mas eles tinham muita coisa, "ah, hoje é dia do Fío vir aqui, você troca de roupa, veste aquela roupa tua e"...

**Antonio:** A lua-de-mel deve ter sido uma maravilha então, né?!

Nossa! Eu chorei a noite inteira de ter casado! Menino, que pecado, agora eu penso, meu Deus, será... o Senhor é muito bom pra mim, o Senhor não era pra gostar de mim, meu Pai, e o Senhor gosta porque eu sei que casamento é uma coisa sagrada, né? Nossa Senhora! Meu Deus, que falei aquelas palavras lá tudo

de mentira! Deus... mas dizem que... mas não foi culpa minha, foi pra obedecer meus pais, então Deus me perdoa.

Agora, eu gostava muito do Zezito. Eu mais o Zezito, fomos muito amigos. Depois que ele foi embora...você precisa de ver que cartas mais bonitas que ele escrevia pra mim. Eu gosto dele até hoje, né, coitado, assim, que eu gosto de vocês, gosto muito dele, era casado, tudo bem. Conosco era só amizade.

**Antonio:** É, ele era... ele continua bonito ainda, mesmo com a idade.

**Lourdes:** É, ele tá bonitão ainda, pô, coitado. É porque a gente fica velho, meu filho...eu também já tô velha, tô esquecendo das coisas também, o nome das pessoas, que eu tenho muito amigo, chega e eu esqueço o nome. Mas não tem jeito, né? A gente vai... com o tempo vai... Perdendo algumas coisas, faz parte da vida, né?

# Sebastião Lino da Cruz – Tãozico (Filho da Niguita)
# Data do depoimento: 21/05/2023




**Antonio:** Tãozico fale algumas coisas sobre a Minervina, e tia Niguita...

**Tãozico:** É, aquelas duas era uma coisa diferente, rapaz... dos irmãos dela era aquele monte de irmãos, mas as duas eram diferentes, né, cara? As duas tinham... quando encontrava as duas tinham algo a mais. Falavam a mesma língua. É, falavam a mesma língua e... e eu achava aquilo, eu era jovem ainda, eu achava aquilo... eu ficava assim: "rapaz, mas como é que as duas para pra entender, desentender", entendeu? Que eu acho que é bacana! Eu achava. Depois de muito tempo que eu fui ver que aquilo que elas falavam era importante.

**Antonio:** Você lembra alguma história das duas ou individualmente de alguma delas? Da tua mãe você já contou algumas coisas, né?

**Tãozico:** Ela... é muito difícil hoje você ficar assim... ainda mais que faz tanto tempo, eu era muito jovem na época e... e depois que sua mãe saiu daqui, mas a sua mãe, cara, quando ela tinha qualquer coisinha de diferente, ela corria na comadre Niguita, né? E a mamãe era pra comadre Zina, né?

A tia Zina, cara, a tia Zina era muito difícil, ela chegava junto mesmo. Era igual à Niguita mesmo, mas ela... ela... eu me lembro muito de... quando ela morava naquela casa pra cima da casa da Creuza lá, que a gente ia pra lá e o seu irmão Zezito era o bicho, né? E nós dois... nos entendíamos muito bem, mas desentendia muito mais! [risos] E ela ficava, coitada... ficava muito brava com a gente e... e a gente às vezes furava com ela por que a gente saía pra... e ela ficava assim, olhando o que que a gente estava fazendo, porque nós fazíamos coisas errada. Eu mais o Zezito fazia, fazia coisa errada mesmo. E ela era durona e mesmo quando chegava lá em casa, a mamãe tomava conta de nós dois, porque sabia que nós pegávamos pesado. Pô, eu estava dizendo, muito antes de você, o Zezito já vinha... já vinha aqui pra... pra... nos visitar, eu sentia saudade de vocês. Até hoje quando ele vem a gente chora. Mas a Minervina, coitada... e Niguita... elas ficavam muito triste às vezes, inclusive às vezes nem lembra mais, né? Mas ela ficou triste porque eu mais Zezito brigava, porque nós brigávamos e elas apaziguavam, elas faziam aquele troço todo, amanhã estava eu mais o Zezito jogando birosca, de repente estávamos brigando.

Quando eu fui lá, rapaz, em São Paulo e ela esqueceu até os filhos pra ver se... eu ficava em São Paulo, ela fazia tudo, camarada! Ela fazia tudo aquilo ali. Ela não queria mais que eu voltasse. Ela tinha um apego, cara, ela tinha um apego fora de sério, ela chegou lá, ela tinha que fazer aquilo que você faz, ela tinha que fazer na casa de todo mundo ali, tinha que visitar fulano, cicrano, beltrano, uma abóbora, ganhou uma abóbora, mamão. E às vezes ainda falava assim, né, às vezes... ê, mas a Nega às vezes comentava que às vezes a gente já era até casado e a gente comentava: "será que ela vai aguentar levar isso tudo pra São Paulo?!" [risos]. Aguentava. Aguentava, jogava nas costas dum neto, do outro, "leva um cadinho daí", e ia. Cara... ah, mas ela...

# Maura de Fátima Assunção (Filha da Niguita)
# Data do depoimento: 21/05/2023



**Antonio:** Maura fala um pouco da Minervina e da Niguita, sua mãe.

**Maura:** É, então, aí o que acontece? A tia Zina, né, eu... ela ia muito lá, né, pra visitar mamãe, elas eram muito unidas, né e eu lembro que a gente... eu caminhava muito com ela por ali pra ir na vizinhança, né? Ela sempre levava alguém de companhia. É, sempre alguém. Aí a gente ia na redondeza ali, na Vaninha, na tia Carminha, na Duti, lá na Fazenda Velha pegar manga que ela amava manga, sapoti, ela era apaixonada por sapoti, lá e tinha um pé de sapoti lá, né, na Fazenda Velha onde que tinha o... a destiladora, né, de cachaça, o alambique.

**Antonio:** Quem que era o dono ali da Sta Maria? Porque antes era o Major e tinha mais alguém, é o Dr. Joaquim... o Joaquim não, o Joaquim era do lado, né? Quem que ficou morando ali quando o Major foi lá pra perto da tia Carminha?

**Maura: O Joaquim. Era o Joaquim, só que ele não morava, ele ia a passeio, ele morava no Rio. Ele ia a passeio com os filhos e a esposa. Então, aí eu ia muito com ela ali, e a gente ia muito nos pais da... na casa dos pais da tia Carminha, que era o Zé Ventura e eu esqueci o nome da mãe da tia Carminha agora, que ela morreu primeiro que o Zé Ventura. Então, ela gostava muito dali que tinha muita manga, pegava manga, manga espada, manga...Sapoti. Pegava sapoti, tinha vários tipos de manga e dali a gente passava na Vâninha, a gente passava na Etelvina que era cunhada da Vâninha, né, casada com o irmão da Vâninha e a gente andava tudo ali, dali a gente ia no Ulisses Ferraz que era também ali onde que agora é do...**

**Antonio:** Provavelmente ia lá nos Cordeiros também, tudo a pé, né?

**Maura: Tudo a pé! Tudo a pé! Tudo a pé! Ela ia nas Cordeira, ela ia... rodava aquele Camelinha ali todinho a pé, aí dali a gente voltava... Então, aí a gente voltava e ia na casa da... subia ali onde que agora é do... Francisco, né, do Chico que era a fazenda do Major, né? E ali morava, a gente ia lá no tio João e tia Ciata (Anunciata, irmã do Sebastião) que morava naquela casinha que tinha lá dentro, depois... que nós moramos, pra construir a nossa casa nós moramos lá um tempo, depois nós fomos... É, depois nós fomos pra casa do Major porque aquela estava muito pequena pra gente e a D. Lucila cedeu pra nós lá. E dali a gente visitava ali e descia, passava no tio Zé Lodi que era os pais do Divino, né? E tinha outra pessoa ali que agora... Ali de frente, que era a família dos pais da... do sogro da Nilza, que era bem de frente da tia Olga. Ela conhecia todo mundo, então ela visitava tudo e todo lugar o que mais interessante que eu achava na minha tia é que todo lugar que ela passava alguém dava alguma coisa. E ela guardava pra levar pra São Paulo. E ela guardava pra levar pra São Paulo, ela gostava muito de coisas antigas... ferro de passar...levava caixa de João-de-Barro, ferro velho, aquele**

**moedor de carne velho, moedor de café, tudo ela pegava pra levar de recordação, ela enchia, e agora pra ir de charrete que tinha que pegar, naquela época não tinha... assim, ainda era... né? Ia de charrete pra cidade. Mas pra quando ela ia com isso tudo pra levar pra rodoviária tinha que ir de charrete, ou era o padrinho Joãozinho, né? Ou era o papai que levava. E ela ia com... não podia ir mais ninguém, Antônio, porque a charrete era lotada, enchia a... A mala do carro, mas ela estava sempre lá, é aquela pessoa sempre alegre, uma música que eu lembro muito dela é... sertaneja, eu não sei o nome da música "encosta a minha cabecinha no"...Aí quando a gente se sentava lá na cozinha da casa, né? aí toda vez, mamãe fazia pipoca, mamãe fazia pipoca, uma bacia de pipoca, a gente sentava perto da fogueira assim, né, o fogão ali, o papai botava uma bacia com... brasas ali dentro, a gente ficava aquecendo ali e o papai tocava sanfona, né? E ela cantava, e ela cantava essa música pro papai tocar. Entendeu? Então assim, são recordações maravilhosas que eu tenho.**



**Antonio:** Você tem ideia de quando seu pai ganhou aquela sanfona, não?

**Maura:** Não, porque... quando eu cheguei a ver meu pai com aquela sanfona eu era pequenininha, né? O papai já tinha.

**Antonio: Você sabe que eu... eu fui atrás, porque eu tirei a foto da marca e eu achei a empresa lá na Itália, aí... aí eles me responderam "olha, nós compramos essa empresa, pela característica dessa foto essa sanfona deve ser de 1930 e pouco", eu falei pra Regina, "guarda isso aí". É relíquia, eu falei pra ela, "Regina, isso é uma relíquia".**

**Maura:** Além da lembrança emocional, né? Inclusive eu falei pra ela ali que ela poderia ter guardado, né, assim, porque o meu sobrinho, né, o Marcus Vinícius, a gente já até mudou de assunto ali, né, ainda restaurou algumas coisas ali, você viu ali na frente, né, da Regina ali tem algumas coisinhas que ele restaurou, mas a máquina de costura da mamãe...

**Antonio:** Essas coisas têm que guardar.

**Maura:** Tinha que guardar o pilão, o moinho, né, de canjica que eu mesma usei muitos anos que eu morei lá com o papai, né, depois que mamãe faleceu. Quando mamãe faleceu...

**Maura:** Uma coisa que eu não... que eu não... deixa eu parar aqui porque... Agora, da sua mãe é isso que eu lembrava, eu lembro... e fui uma vez na... na casa dela, que eu não lembro o bairro, (Rua Hedi, 95) não me esqueço de jeito nenhum, eu fui com meu pai em São Paulo, foi a única vez que eu visitei família de vocês, que aí eu conheci, né, os primos... eles iam lá. E o Tio Zé Lodi ainda era vivo. Porque o papai também era muito amigo do tio Zé Lodi.

**Eu sei que na frente da casa ela tinha uma hortazinha, aí ela falou assim... Sebastião! você sabe o que que eu tenho aqui? Meu pé de jiló! Tá carregado, vou fazer um jilózinho pra nós com angu". "Vou fazer um jilózinho com angu pra gente matar a saudade de lá", aí ela fez aquele jilózinho com um angu, um arroz e um feijão.**

Aí do lado tinha um terreno baldio que ela usou como horta, ela plantava tudo lá, eu lembro direitinho, aí... aí que eu tô te falando, essa fisionomia que eu tenho dela, e quando ela ia, que era sempre esse mesmo... trajeto, chupava manga, aí fazia doce de manga. Ela fazia tudo pra poder levar, se tivesse pêssego, né, porque nas fazendas tinha muito... pessegueiro, né? Ela fazia, ela pegava aquela... chama laranjinha lá, japonesa, uma pequenininha que ela é agridoce, ela pegava aquela laranjinha, ela fazia licor... ih! Ela fazia licor de figo, ela fazia licor de jabuticaba... ela fazia doce de cidra! Aquela laranja cidra que ela fazia doce de laranja cidra, mas era maravilhoso.

Minha mãe, a Niguita, era rigorosa, né, na educação dos filhos e... a gente dá graças a ela o que somos hoje, né? Senão hoje a gente não seria nada, mas era assim, a minha mãe era uma pessoa muito nervosa,

porque ela era uma pessoa muito preocupada, né, com a alimentação dos filhos, com o bem-estar dos filhos, então, pra ela não perder o controle, né, de 10 filhos, ela tinha aquela... aquela parte dela assim meio que general, né? Tinha que ser o que ela queria e pronto. Um vez eu estava brincando de boneca, sentada, eu não esqueço disso, sentada assim na escada, que era a casa de pau a pique, né? Era... como se fosse uma sala de jantar, mas chamava de salinha, né? Na época, é onde ela colocava a máquina de costura dela, o... o guarda-louças, né? E aí eu sentei assim na escada, a... na frente era a cozinha, aqui era chão batido, né, aquela terra batida e alguém, ela tinha, estava ensinando as meninas, as mais velhas, a cozinhar e ela deixou alguém fazer, eu não lembro se foi a Fátima ou se foi a Graça que estava cozinhando, eu acho que é a Graça, que depois a Graça foi trabalhar na fazenda, e eu estava brincando com a minha boneca, que eu sempre fui de brinquedo, muito brinquedo, e aí ela... eu sentada na escada, ela sentiu o cheiro da comida queimada, ela veio... e eu estava sentada na escada e ela veio já com o chicote, eu "ai, mãe!!! Por que que a senhora tá me batendo? O que que eu fiz?!", de tão nervosa "sai da minha frente!", como eu ia adivinhar que a minha mãe queria passar ali? Então são coisas assim... mas ela também, quando ela queria acarinhar, todos os aniversários de todos os filhos, ela chegava pro filho e falava: "o que que você quer comer no dia do seu aniversário?", era uma comidinha mais simples, né.

Era aquela coisa feita com carinho e fazia comida, se o outro não gostasse tinha que comer assim mesmo porque era o aniversário do irmão, ela sempre tinha aquele carinho, não deixava ninguém andar descalço, era uma pessoa maravilhosa, ainda ontem eu estava conversando com o Iran, (Ex-prefeito, vivia na casa dela quando pequeno) né? Que ele... "eu não sabia nem que a sua mãe chamava Natália", eu falei pra ele, "é, chamava Natália", e ela... que ela começou a branquear o cabelo, **ela se deitava no meu colo, ela falava "eu vou me deitar no seu colo pra você tirar esses cabelo branco meu, que eu não quero ficar de cabelo branco não!". Eu falei "mãe, quanto mais tirar o cabelo, mais ele vai ficar branco", "não, não tem problema não"**, aí quando... a gente foi... conseguimos a bolsa pra estudar, ela acordava todo dia, estava chovendo, ela levantava, "pode botar o guarda-chuva, bota a capa", que o papai... que ela mesmo fazia umas capas lá, né, pra gente e "vai embaixo de chuva!", uma chuva que Nossa Senhora, torava até raio, granizo, tudo, "não pode matar aula, tem que estudar! Não seja burra que nem eu! Eu sou analfabeta que eu não tive condições de estudar! Vai estudar!", o papai sempre mais molenga, "ô, Niguita, hoje tá muita chuva, Niguita, deixa as meninas...", "não! Não pode matar aula", aí vamos lá, o papai se levantava, fazia o café "toma o café", cada uma fatiazinha de pão, dividia um pão pra três, era eu, a Antônia Célia e a Ana Lúcia, depois a Regina foi também.

**Antonio: Teu pai tinha temperamento totalmente diferente da tua mãe, né? A última vez que eu o vi, ele falou "mas você sabe que eu gostava demais da Niguita e eu fiz um juramento, se eu reencarnar de novo eu quero combinar com Deus que eu quero me casar de novo com ela".**

**Maura:** Aí, Antônio, eu lembro que foi assim, né? Essa luta toda, a gente chegava do trabalho, os pratos de comida de cada um no cantinho do fogão à lenha cobertinho lá, cada um já sabia qual era um monte. E dali a gente almoçava, ela "agora todo mundo vai pegar a enxada, bóra capinar que a gente tem que... que plantar o que comer", aí era sempre assim e a Fátima ficava em casa ajudando ela, mas também quando chegava... tinha dias, eu tenho uma foto dela, eu acho que você postou uma vez aí, os dois dançando, né? Que aí o papai, o padrinho Joãozinho, o padrinho Joãozinho tocava... padrinho Joãozinho, né?

**Todo mundo chamava ele de "padrinho". Aí o padrinho Joãozinho tocando violão e os dois dançando, aquela foto ali. Então era assim, sabe, aquela alegria, ela fazia café com leite, que ela fazia um café com leite diferente, né? Meio... meio salgadinho com doce, né? Um café com leite diferente, fazia as rosquinha, os bolinho dela lá, sempre...**

Aí depois nós fomos, fui pra Belo Horizonte, né? Eu e Antônia Célia, nos formamos, né? Aí falou "mãe, a gente aqui não tem futuro não, nós vamos pra Belo Horizonte, vamos morar com a Fátima, né?", A minha irmã. Aí ela "não, vocês têm que ir mesmo que aqui não ganha em nada, vocês estudaram, vocês têm que seguir a vida de vocês", o papai não, né? O papai queria todo mundo... enquanto a mãe geralmente que quer,

né, os filhos embaixo da asa, ela "não, eu quero o melhor pra vocês, vão sim", mas a gente ia sempre lá visitar, só que foi em 1982, eu sofri o acidente de carro feio que eu quase morri, né? E... fiquei 2 anos... fiquei 15 dias... eu fui parar em necrotério, isso não cabe agora, né? Aquela coisa toda.

E aí eu tive que... vou depois de 1 ano e 8 meses que eu podia já viajar, que eu fiquei em tratamento 2 anos sem poder andar, eu voltei pra lá. Voltei e fiquei com ela e papai, morando com ela e papai e ela cuidando de mim, Ela... ela cuidando de mim e tal, só que eu tinha mais cirurgia, tinha a cirurgia de reparo, né? E aí ela "ah, Maura, você não pode, eu não queria, filha, que você fosse operar de novo", eu falei "mãe, não se preocupe", tinha colocado platina e tinha que tirar a platina naquela época, né, tinha que botar platina aqui, eu falei "mãe, eu preciso ir, mãe", ela disse, "não, eu não gostaria que você fosse", isso já era em 83, "eu não gostaria que você fosse" Então, aí... antes de eu ir operar, no dia do aniversário do Marinho, esposo da Graça, né? O Max, estava chegando todo mundo, né, porque era um feriadão de 7 de Setembro, né?

### Sobre o dia do falecimento da tia Niguita em 10/09/1983:

**Estava chegando a Fátima, a Antônia Célia lá de... de Belo Horizonte que as meninas tinham casado, tinha família e tudo e estavam indo pra lá e o papai tinha ido buscar elas de charrete, e ela sempre acordava cedo, acendia o fogo, esperava, né, todo mundo e eu estava no quarto dormindo. Aí o papai chegou com as meninas, né, aí eu cheguei, fui lá pra cozinha, não tinha fogo no fogão, falei "pô, hoje mamãe não acordou ainda? Estranho", aí eu falei "estranho... mamãe não ter acordado ainda", aí eu lembro que a Antônia Célia chegou e falou assim "gente, que casa fria! Que que tá havendo? Essa casa tá muito fria", eu falei "eu não acendi o fogo no fogão ainda, mamãe ainda tá dormindo e tal", estava uma garoazinha, um tempo nublado, e papai foi no quarto, foi no quarto e... eu estava com o netinho, o filho da Antônia Célia no colo e... eu não sei onde eu joguei a criança, o papai "minhas filhas, vem aqui que a sua mãe não quer acordar"... perdi o chão, Antônio. Perdi o chão. Não deu pra despedir e, detalhe, e ela gostava muito de kibe, e eu amo kibe até hoje por causa disso, e eu tinha feito kibe na véspera e a gente tinha, né, que tinha... não sei quem a outra que estava lá, que a gente ficou, né, o papai contando as histórias lá pros netos, a gente ficou até tarde na véspera conversando e ela comeu o kibe e ela gostava da pinguinha, né? Ela e a Minervina, né? Gostava lá duma pinguinha lá escondidinha lá de vez em quando, e tomou e foi dormir, "gente, eu vou dormir que eu tô cansada, uma boa noite, dorme tudo, Deus abençoe vocês" e tal, foram as últimas palavras dela.**

**Antonio:** Você acha que poderia ter sido emoção dela estar tão ansiosa pra receber todo mundo? É possível, né?

**Maura:** Não, ela estava acostumada com esses encontros. Eu acho que foi por causa que ela não queria que eu operasse.

**Antonio:** Eu, a teoria que eu... a teoria que eu tenho que alguém já tinha me falado, não com os detalhes que você tá dando, é que eu acho que como ela era muito querida e gostava muito de vocês, essa ansiedade de receber todo mundo num dia e tal, talvez tenha...

**Maura:** Não, ela já estava acostumada.

**Antonio:** E o caso dela que que foi? Foi enfarto?

**Maura: Foi enfarto fulminante. Enfarto fulminante. Enfarto fulminante, sabe? E aí veio, né, porque a gente sempre teve amigo, né? Inclusive o Iran, né, que amava, o Iran foi criado lá em casa tudo, veio aí, trouxe médico, perito, tudo aquela coisa e todos veio...**

É e eu que enfeitei caixão, fui pegar, colher flores no campo pra enfeitar caixão, velório na época era feito dentro de casa.

E daí fui eu cuidar do papai, né? Então eu não pude nem desabafar na época que eu tinha que segurar a onda porque eu fiquei com medo, falei "pronto...", porque eles eram tão unidos, tão unidos... e eu nunca vi um casal tão unido na minha vida, agora vejo Zizinho e Maria Célia muito parecidos com meus pais.

Sempre unidos.

Depois do enterro, aí voltou todo mundo, só que aí depois foi todo mundo embora e ficou nós dois sozinho naquela casa vazia...

Foi difícil. Aí o que que eu fazia? Quando ele saía pra ir ordenar as vacas lá em cima, aí é que eu ia chorar, sozinha e aquela casa deserta e...Entendeu? Ela era intensa, "É, compra isso que as meninas vem, compra isso, isso é assim...", ela gostava muito de fazer, que hoje chama Dobradinha, né? Mas era o bucho, né, do boi, cozido, né e ela fazia aquele caldo, fazia um pirão, a gente comia, huuuum.... mas era... muito do bom. Não como mais Dobradinha. Não como.

E, eu lembro, Antônio, que eu estava... pode ser também, Antônio, uma lembrança, tá? Que eu estava cuidando de aposentar ela, ela era louca pra aposentar. E estava prestes, ela já tinha passado pra perícia, ela só estava esperando o resultado do perito. Porque ela já estava com tudo encaminhado, já tinha ido no INSS, eu estava colocando ela como minha dependente, tinha colocado, né, que eu tinha carteira assinada, que eu não tinha sido dispensada ainda do trabalho, que eu estava... né, de licença... licença médica, né? E... aí o que acontece? Eu botei ela como dependente e ela tinha passado pelo perito e ela fez a perícia, só que o perito é amicíssimo do Tonzico, o... Dr. Perillo, não sei se o homem ainda é vivo, não sei, o cara... pô, aquilo ali era capaz de ser mais flexível. Sabe? Uma porteira. Fui até numa clínica ali, ela foi fazer o exame e eu ainda perguntei, ela foi fazer eletrocardiograma, aquela coisa toda e fez... eletro acho que... não era eco, na época era um outro negócio lá, que na época não existia ainda o eco, né?

Então, o eletrocardiograma... e tinha um outro, um outro, se for o Raio-X, acho que foi o Raio-X, né, deve ser. **Aí eu perguntei: "Doutor, tá tudo bem?", ele respondeu; "isso é pra perícia, você não tem nada a ver com isso", quando foi na... segunda-feira... ela morreu foi que enterrou num domingo, quando foi... não sei se foi no domingo ou se foi na segunda que enterrou, agora eu não estou me lembrando, eu sei que um dia após o enterro dela o disgramado deu o resultado pra perícia, ela estava com problema sério cardíaco, com as válvulas todas entupidas... por que ele não falou? De repente dava até pra internar...**

# Cleusa Lino dos Santos (Filha Carminha)
# Depoimento em 22/05/2023



**Creusa:** Fale um pouco da Minervina.

**Creusa:** Eu lembro dela andando, né, pra todo lado, é... ia pra esses Camelinha aí, chegava pura poeira ela e a Nilza, mortas de fome, muita fome que as duas chegava, tá? Não paravam.

**Antonio:** Que tipo de fruta que ela gostava, você lembra?

**Creusa: Qualquer fruta. Qualquer uma, manga, elas não tinham hora de chupar manga, até de manhã elas chupavam manga. Elas tomavam café, daí a pouco elas estavam chupando manga, ela e a Nilza. E de sapoti, é, o sapoti é lá embaixo, né, na Fazenda Velha lá. Aí ela... já ficava aqui, eu já juntava as coisa dela pra levar no carro. Colecionava tudo, né? Catava tudo que era...**

Eu falava com ela assim: "comadre Zina, mas esse doce de leite da senhora tá muito duro" [risos] "chega lá, boba, eu ponho mais leite nele"... Agora se punha eu não sei!

**Antonio:** O tio João Lino, seu pai, era muito querido pelas irmãs né?

**Creusa:** Sim. Uma pena que quando ele morreu ele e a Niguita tinha se desentendido. Nada sério. Mas elas eram grudadas nele. Eram grudadas nele. Só a Carmem meio assim, que os dois não... batia bem não, que ele corrigia, né? Então... elas não se gostavam não. Nossa, ele chamava a atenção mesmo. Ele não era fácil não. A mamãe, a Carminha, se deu muito bem, a mamãe gostava muito da madrinha Olga. Não incomodava ninguém, ela não incomodava ninguém também, né? Uma pessoa boa.

**Antonio:** E você nunca viu falar do... dos pais do tio João Lino não?

**Creusa:** Uns dizem que eles tinham dinheiro, outros dizem que não... acho que não tinha não, né? Eu lembro que na época, assim, que a mamãe contava, né, que o tio Bastião que trouxe eles pra aqui. E a Ilda, né? Porque a Ilda também era novinha. Ela estava morando na casa da tia Niguita e a mamãe capinando aqui, aí a tia Niguita brigou com ela lá, ela juntou a trouxa... ela tinha dificuldade pra andar, né? ela veio andando, isso aí eu lembro, veio andando, andando... aí a tia Niguita gritava de lá: "Ô comadre Carminha, mete o cabo de enxada! Cabo de enxada!". Aí ela veio chegando, ficou aqui, aí depois o papai fez, puxou um cômodo pra ela.

Aí ela ficava ali, a gente dava comida, né, a mamãe fazia comida, dava a ela... e, mas ela saía dentro da nossa casa, o cômodo dela. Ela saía dentro do quarto onde nós dormíamos. Ele só fez um... Só fez o puxado. Já aproveitava as paredes que já existia. Hoje não existe mais esse quartinho. Quer dizer, na verdade ele pegou uma parede, abriu e fez a portinha... Fez a portinha e ela saía dentro do nosso quarto.

**Antonio:** Você conheceu o Laurindo, né? Esse Laurindo todo mundo conheceu por aqui, né?

**Creusa:** Conheceu. Conheceu. É, o papai tinha muita coisa com ele também.

**Antonio:** É? Então, esse Laurindo era irmão do João Lino pai do teu pai, entendeu?

**Creusa:** É, isso, o papai falava "eu vou lá no tio Laurindo".

**Antonio:** Como era a sua relação com seu pai?

**Creusa: Não tinham não. Não conversavam não. Papai, meu filho, nós estávamos aqui às vezes conversando com mamãe na cozinha aqui de noite, só dava um tossido lá na cama, cada um caçava seu rumo!**

**Antonio:** Tadinho, né? Ele morreu cedo, né? Mas era muito boa gente ele, né?

**Creusa:** Era muito novo. Depois que parou de beber, né, Antônio, aí já era...

**Antonio:** Ah, ele chegou a parar?

**Creusa:** Parou. Mas aí o... É, foi obrigado, mas aí já não durou muito tempo. A mamãe sofreu muito com o papai, tá? Só nunca foi de reclamar.

**Creusa:** Eu cheguei num ponto que eu falei com ela "ô mãe, por que que a senhora não larga o papai?", eu cheguei no ponto, porque ela trabalhava, cortava cana o dia inteiro, chegava em casa, tomava banho, jantava, ia dormir, ele cutucava ela a noite inteira, "Carminha, Carminha, você tá me escutando? Tá me escutando?", aquela falazada boba, coisa que não...

Aí ela falava "cala a boca, João! Eu preciso trabalhar amanhã e você não me deixa dormir", aí levantava com coisa que nem tinha passado a noite.

Aí pegava... e... coisa, aí ele ficava quietinho e dormia o dia inteiro, quando era de noite, a mesma coisa. Aí eu falava com ela... ela "ah, vocês não sabem que que é isso não"...

É, não tinha coisa não. Mas ela nunca reclamou dele, de jeito nenhum.

**Antonio:** As pessoas... a tia Niguita também, com o tio Sebastião sofreu muito.

**Creusa:** É, sofreu. De primeiro você vê que a gente... ninguém tinha condições, se tivesse um ovo ela fritava pra ele, dava a ele e nós não, aí nós falávamos, ela falava assim "ele bebe, vocês têm que deixar ele comer, ele tem que comer melhor".

Ele mais o Vadinho, (Oswaldo Lino de Freitas) da madrinha Olga, bebia demais, os dois quando se juntavam, quando o Vadinho aparecia aqui. Ih! Ficavam os dois fumando e bebendo. O Vadinho falava com ele "ô tio, não vai juntar nem um pernilongo perto de nós!", que junta o bafo e o cigarro... [risos] .

O outro Vadinho, (Osvaldo Lino dos Santos) o meu irmão, na época que o papai morreu, o Vadinho ainda não bebia não, o nosso, não bebia assim não, depois que ele começou a beber, agora parou, né? Graças a Deus.

# João Lino dos Santos – Zil (Filho Carminha)
# Depoimento 22/05/2023



**Antonio:** Zil, você lembra de coisas da mamãe? Você morou lá em São Paulo, né?

**Zil:** Lembro, morei com ela lá muito tempo lá. Ih, rapaz, eu nem lembro a data mais. Eu morava lá, ela me tratava muito bem, ela gostava de mim lá, sabe, que aí eu conversava com o tio lá, conversava com a Marta, brincava com aqueles meninos lá, o Luiz então. É, às vezes ela ia pra cidade, ela passava aqui, ela vinha com o João.

Tudo a pé. Ela passava aqui, ficava aqui um pouco pra depois ir, depois voltava, parava aqui de novo e aquela época chovia muito, sabe? Teve uma vez que eu lembro que ela veio da cidade, aí chegou aqui assim, era um... o terreiro aqui era tudo... barro, né? Aí o João com um saco de compra assim nas costas, sabe? O João toma um escorregão ali e cai com o saco de compra! [risos]

**Antonio: Falando do João, achei onde ele nasceu. A Nilza sabia tudo direitinho, sabe? A Nilza é um caso à parte, né? A Nilza... ela... ela falou "olha, eu lembro mais ou menos...", porque o João nasceu em 44, aquilo lá era mato puro, né? Foi direitinho, aí eu voltei outra vez, era muito mato, aí eu falei "ah, eu vou deixar", aí agora que eu trouxe os filho eu falei "nós vamos lá", aí subimos lá, procuramos tudo e não achamos nada, aí quando eu estava descendo, tiramos foto, ela falou "não, era ali", não achei resto de casa, aí o que aconteceu? Tô descendo, estava entrando no carro, vem um cara de chapéu lá andando meio rápido, porque nós invadimos a fazenda, aí eu falei "ah, deixa eu pedir desculpa pro cara, né?", aí eu falei "escuta, o senhor desculpa, eu ia roubar um bezerro aí, mas o senhor veio..." [risos] aí contei a história, ele falou "não, lá em cima tem sim o resto da casa...", eu falei "você não pode me"... Ele falou "essa casa aqui foi derrubada a muitos anos atrás, mas como é no meio do mato os tijolos ficam, né?".**

E aí ele falou "antes disso aqui era uma casa até daquela tipo pau a pique", né? Que mostra que 1944 as casas eram diferentes, né?

**Zil:** Sobre a Minervina ela era direto, ela saía juntando tudo aí, coitada.

**Antonio:** E como é que ela chegava no ônibus pra despachar tudo isso? Que eles não cobravam taxa nem nada?

**Zil:** Cobrava nada. Naquela época podia. Que ela usava pra fazer... fazer comida, ela fazia... pra esquentar comida. Ela levou um coiso de cupim desse tamanho, porque é grande aquilo pra carregar, né? Ela levava tudo quanto é... ela ia na casa de um, na casa de outro, os outro arrumava pra ela, ela saía juntando aquilo tudo.

**Antonio:** Seu pai era bravo?

**Zil:** Ah, o papai, nós tínhamos medo dele, que o papai era só de olhar pra nós, nós já estávamos... caindo fora, porque... aí quando ele tomava umas... eita... nós tínhamos que ficar longe... na Ângela também o papai bateu muito. Batia em nós, mas não era tanto, mas a Ângela apanhou muito, que ela tinha um tal de esfregar os pés assim, ó, os dedos, não sei como é que não arrebentava e pegava uma birra, limpava a poeira do chão se ele fosse em qualquer lugar, dentro do berço lá ela... fervia no choro. Ah, ele cortava ela no couro, ali dentro do berço. Um dia ela falou "vou contar à minha madrinha que o senhor é pecador!". [risos]

# Regina Aparecida Cruz (Filha da Niguita)
# Data do depoimento: 22/05/2023



**Regina:** Porque quando a sua mãe Minervina chegava, né, aqui, aí a minha mãe já ia encontrar com ela, né? Ai as duas ficava aí pelo quintal, é... falando, colhendo uma verdura, a sua mãe adorava um jiló, né? "Ah, eu quero um guisado", ela falava: "vamos fazer um guisado", ela misturava jiló, abóbora, tudo quanto era legumes, né? Aí eu ainda falava pra ela assim: "ô tia, eu também vou comer, porque tá cheirando", "eu que fiz! Eu que fiz!", tadinha. **Aí ela falou um dia pra mim assim: "ó...", aí eu me sentei assim, perto dela, a gente conversando, a mamãe do outro lado, ela encostou a cabeça assim no meu ombro, não, puxou minha cabeça e falou assim "encosta a sua cabecinha no meu ombro e chora...".**

**Aí eu peguei e falei assim "uai, mas por que que eu tenho que chorar?", "amanhã eu vou embora". Foi a última vez que ela teve aqui.**

A última vez que ela esteve quando a mamãe era viva, "amanhã eu vou embora, talvez eu demore a voltar aqui", aí eu falei assim "ah, não, tia Zina, a senhora vem todo ano!", **aí a mamãe falou assim, "ih, se você demorar você não vai me encontrar não", aí ela falou assim "por quê? Você vai mudar daqui?"**, aí a mamãe, "uai, não sei, né?", aí quando o padrinho Joãozinho faleceu, em 07/05/1982 né, aí ela chegou, aí a mamãe falou pra ela assim "viu, comadre? O que que eu te falei? Não foi eu, mas foi nosso irmão", aí ela falou assim "então, agora vamos as irmãs segurar os pés, e não vamos ficar com bobice de chorar não", a mamãe estava chorando, aí ela falou assim, "ô, boba, amanhã nós vamos sair, vamos lá pra Taninha. Vamos distrair a cabeça lá na Taninha. Ah, o compadre leva nós de charrete", aí saiu mamãe, ela, o papai, e a mamãe "ó, você cuida aí, minha filha. Eu vou lá pra Taninha", depois que passou, né, já tinha enterrado no outro dia, aí ela falou pra mim assim "ah, minha filha", a comadre... aí a tia Zina falou assim "ô... ô comadre, eu vou ficar aqui hoje", que ela vinha, ela ficava o dia inteiro lá na tia Carminha e aqui, na tia Carminha e aqui, aí a gente ainda brincava "tia Zina, tá tudo trincado o chão aqui de tanto a senhora passar mais a mamãe", que era lá em cima no Major, saía de lá, descia, parava na tia Carminha, ia, quando a gente às vezes estava pensando que a tia Zina tinha chegado na tia Carminha, ela já estava aqui de volta! Aí ela vinha com mamão pra ralar, pra eu ralar pra ela, aí que tem uma foto da mamãe, até você lembra que você tirou dela com o mamão? (Fevereiro de 1975) a mamãe estava vindo trazer aquele mamão pra ela, eu não me esqueço disso e tinha dois mamões, ela falou assim "não, deixa um madurar, pode deixar um madurar, eu quero só um", aí ela pegou e cortou o mamão, sabe? Ela não ralou, ela fez assim, em cubinhos. Mas ficou tão gostoso, rapaz... aí eu falei pra ela assim "tia Zina, como é que



a senhora fez aquele doce?", porque eu não estava aqui prestando atenção, e eu aprendi com ela. E hoje eu faço, né. E ela pegava você muito a gente pra circular por aí. Porque ela tinha mania de chegar e já pegar qualquer... Eu ia com ela lá na tal dumas Cordeiro. Nossa, eu quase morri de andar! Era, sim. Ah, ela ia até o Valão a pé! É, eu ia com ela lá naquelas Cordeiro, naquele Zé Adelaide por afora ali... na Camelinha.

Ah, a gente ia na tia Jandira, mas a gente quase morria de andar, porque ela andava igual um... ela andava de pressa pra caramba, ela é... ela é... pressa, a gente pegava essas estradas aí...

**Antonio:** A Maura me falou que vocês moraram ali perto da casa do Major enquanto estava construindo aqui.

**Regina:** Nós moramos na casa do Major. Sim nós já saímos da... quando a Maura... quando nós saímos daqui pra fazer essa casa, só morava eu, papai e mamãe, a Maura já morava em Belo Horizonte. Ela caiu, ela começou a cair todinha, aí o papai ficou com medo...Que as paredes estavam se soltando tudo.

**Antonio:** Ali na frente da casa... do lado da casa do Major tem uma... uma casa, quem que morou ali? Você sabe?

**Regina:** Ali foi a tia Anunciata e o tio João Martinho, que eram os tios do papai.

**Antonio:** Porque era uma casa muito parecida da casa que eu morei, que eu nasci, né?

**Regina:** É, ela tá lá. Ela ainda tá lá. Quem mora lá agora é o ..., o Zé da tia Carminha morou lá muitos anos.

**Antonio:** Agora tá depósito, ele encheu de... de entulho ali.

**Antonio: Agora, Regina, da parte, falando da tua mãe também, né? O João Lino que era o pai delas, casou-se com uma mulher que chamava Minervina Antônio do Couto. Aí já é da outra parte. Porque, na verdade, só pra vocês entenderem, né? Eu fui atrás, eu peguei, teve um João Lino que teve um filho chamado Antonino, esse Antonino casou e teve um filho chamado João Lino de novo, que é o que se casou com a... com essa Minervina Antonia do Couto e que teve esses filhos, teve o... aí entrou outro João Lino, que é o João Lino, né, o irmão da mamãe.**

**Regina:** O tio Laurindo é irmão desse Antonino.

**Antonio:** Que virou tio, é esse que todo mundo conhecia, que inclusive se casou com uma parente... Ele é irmão do João Lino, uai. Do nosso avô. Porque o Antonino teve o João Lino, teve o Laurindo e teve mais um monte de outros filhos.

**Regina:** Não, tinha uma outra também, a Mariínha, né? Que morreu... no parto.
- A mãe do Zezinho.

**Antonio:** Do Zezinho, diz que morreu agora, né? você sabe que não é "Zezinho" o nome dele, né? Ele chama Onício.
- É mesmo?!
- É, sabia?
- Não, pra mim ele chamava José e a gente chamava de Zezinho.
- Não, eu fui atrás de tudo isso aí, ele chama Onício.
- Meu Deus, aí ó! Ê! Eu jamais imaginava!
- Ela morreu no parto dele, né? Segundo dizem.

**Regina:** É, aí esses pessoal dos Ferraz cuidou dele, né? Um pouco antes meu pai e minha mãe até chegaram a cuidar dele... Ele vinha. Vinha. Porque ele tinha uma coisa com o papai mais a mamãe, porque até assim, aos seus 16, 17 anos que ele já podia trabalhar, ele saiu porque ele quis morar lá.

Ele morreu já tem bem tempo porque quando o papai morreu, papai vai fazer 19... não, papai 20... 22. Ah, ele deve ter uns 15 anos. (o Onício morreu em 1/1/2007 nasceu em 6/11/36)

**Regina:** Mudando de assunto, a mamãe, a tia Taninha e a tia Zina eram muito unidas. Muito! A tia Taninha então mais a mamãe, porque a tia Zina já... quando vinha aí que a mamãe: "vai buscar a Taninha", aí ficava

as três... Aí ficava as três o tempo inteiro. O tempo todo! Tinha, elas tinham. Mas as três, não sei de onde saía tanto assunto!

**Antonio: Tem uma história aí que uma vez a mamãe chegou, a Zina chegou, elas ficaram emocionadas, ficaram de boca aberta, não conseguia falar uma com a outra, né?**

**Regina: Aí a tia Zina chegou de surpresa. A mamãe levou um choque, e a mamãe falava mesmo "nossa, a Zina sumiu. A Zina sumiu" e a mamãe ficou assim, ó... não sabia se abraçava, não sabia que que fazia... porque... e a tia Zina também parou.**

**Antonio: Quer dizer que é verdade então essa história.**

**Regina: Essa é verdade. Aí eu falei: "meu Deus, as duas tá passando mal", fiquei naquela situação, né? Porque, uai, né, muita emoção, porque não sei se foi uns 5 anos ou mais que a tia Zina ficou sem vir aqui.**

**Antonio:** Você lembra uma vez que eu vim com a mamãe aqui que eu tinha um terninho, eu tirei uma foto, provavelmente foi aqui, só que não me trouxeram mais roupas, só trouxeram eu com o terno, aí eu brincava com vocês, aí... acho que a tia Niguita ou a mamãe mesmo lavava roupa, eu ficava trancado no quarto até secar pra pôr de novo, 40 graus aqui e eu de paletó preto! [risos]

**Regina:** Nossa, meu Deus do céu! Mas coitado, né? Era... antigamente, né, Antônio, a gente também não tinha assim, muita opção para as coisas, né?

**Regina:** Eu estava louca pra ir lá conhecer a Tia Olga, aí um dia o Tonzico saiu aqui pra ir lá pra Juiz de Fora, pra ver se ele me chamasse eu ia, aí agora, eu fui em Juiz de Fora eu tinha 2 anos de idade, aí eu doida pra ver a tia Olga, eu falei "ô meu Deus, acho que eu não vou ver a tia Olga mais" e tempos depois, com o falecimento do Orlando, aí o Tunim convidou a gente pra ir, aí eu fui, aí eu achei que nem ia me levar na tia Olga, ele falou "ah, eu vou te fazer uma surpresa". E a Jandira morava ali do lado. Pois é, mas aí não deu, eu não tive oportunidade de ir lá conhecê-la. A Creuza ainda falou assim "ó, Regina, aquela vez que nós fomos, pois é, foi eu, mamãe e a Neuza", eu falei "ah, mas vocês não me falaram nada", eu quando fiquei sabendo, elas já estavam de volta...

**Antonio:** Então, mas é engraçado a Jandira não vir pra cá, né?

**Regina:** A tia Olga vinha. Vinha. A tia Olga todo mês de julho. Depois que ela ficou assim, e a tia Olga tinha outra vantagem porque quando ela vinha pra ficar de férias com as meninas, o Horácio, as meninas dela, era mês de julho e dezembro, mas durante o ano todo, ela vinha assim, de dois em dois meses, porque o Osmar trazia, o Zé Lino trazia... Aí depois que o padrinho Joãozinho morreu, aí ela passou a vir ficar aqui em casa. Aí ela ficava aqui, depois a mamãe morre, aí ela ficou, ficava lá na tia Carminha.

**Ah, mas era muito legal, viu? A minha mãe era louca por futebol, aqui no campo, né? Se a tia Zina tivesse aqui mamãe nem punha o pé lá. Ficava andando com a tia Zina, "vamos pra tal lugar", assim "vamos lá na Vaninha, vamos lá na... na Fita? Vamos lá na... na comadre Madalena?", as duas ficavam andando pra todo lado, elas passavam até numa pinguela que tinha ali, lá embaixo.**

Sei que dali elas iam pra Dona Fita, ali elas iam lá na... na mulher do Sr. Alexandre Ferraz. Eu sei que elas rodavam o domingo inteiro depois do almoço.

**Antonio:** Ela não deixava nenhuma casa sem visita, né?

**Regina: Não, aí ela chegava com um peso... aquelas panelinhas de ferro dela, todo lugar que ela ia ela carregava uma panela de ferro, uma chaleira de ferro, chegava aqui, pegava areia, cinza e taque areia, taque areia, eta tia Zina. Aí Ana Lúcia disse que antes dela morrer, que Ana Lúcia foi lá, ela deu uma panelinha pra Ana Lúcia, de ferro, a Ana Lúcia "a minha fica lá, Regina, de enfeite", tão bonitinha...**

É, mas aqui como é que pode, né? A gente, né, Antônio, pensa que vai ter as... os parente a vida toda e num...

**Hoje, é que eu estava falando, foi ontem mesmo, eu e a Maura e a Graça conversando, se fosse no tempo, a sua mãe ainda era mais liberal, de todas as irmãs, a tia Zina era mais liberal. Agora, se fosse num tempo que a minha mãe fosse viva, jamais a minha mãe aceitaria um namorado dormir com uma namorada. Entendeu? Assim era a tia Olga, tia Carmem, tia Taninha também era muito rígida com essas coisas assim. Mas jamais eles aceitariam isso, a sua mãe eu sei por que aceitava, que a sua mãe é mais liberal, sua mãe já tinha mais, uma... mente mais aberta, né? Mas como ela também morava fora, já sabia de tudo lá fora, e as outras não, as outras ficaram... né?**

**A Zina gostava de cantar aquela também: "o Jardineira por que tá tão triste?", ela vinha de lá da tia Carminha e voltava cantando... ou então era "encosta a sua cabecinha no meu ombro e chora...", ela me chamava de neguinha, é. O padrinho Joãozinho me chamava de pretinha e ela de neguinha.**

**Antonio:** Você sabe a origem do nosso avô, não? Dos pais dela, não? Se é português, se é...

**Regina:** Ah, isso eu não sei. Outras pessoa que poderia ter... se tivesse dado tempo que poderia informar isso era o pessoal ali, né, a Tereza e o Valdir, a filha do Sr. Tomaz.

**Antonio:** Eu tenho a impressão de que houve uma mistura de vocês, do João Lino com algum indígena, porque vocês têm traço.

**Regina: Minha vó do lado do papai, minha bisavó era índia.**

**Antonio: Ah, tá, pode ser que esse tom de vocês seja mais DNA do teu pai e não da Niguita, né? Ah, então tá explicado!**

**Regina: É. Porque o meu pai contava que a avó dele foi "pega" no laço, roubando batata.**

**Antonio:** Então tá explicado, é. Eu estava achando que talvez o João Lino... o que que eu imaginei? Que o João Lino deve ser português, português gosta duma moreninha, né? Chega aqui, aqui era uma terra indígena, aí já... fez besteira e já nasceu toda a... então, mas é o lado do teu pai então.

**Regina:** É do meu pai, a minha bisavó, tataravó... bisavó, acho que era vó do papai.
- Porque o teu pai tinha a pele mais escura mesmo, né?
- Papai tinha.

**Antonio:** É, então é indígena mesmo, porque aqui você sabe, né? Isso aqui era tudo área indígena, até você me mostrou umas coisas que teu pai achou, né?

**Regina: É, a mãe do... do papai, ela tinha... ela era escurinha assim, morena, mas o cabelo lisinho, pretinho.**

**É de índio, né? Ela fazia duas tranças. Porque o negro tem o cabelo enrolado, o índio não, o índio é cabelo liso, é moreno, quase preto, mas é cabelo liso. Eu tinha uma foto dela aqui, mas aí meu primo, o João que trabalhava lá no hospital, o irmão do papai, pediu emprestado pra fazer um quadro e ficou com a foto, acabou falecendo e não me devolveu a foto, a única neta que tinha a foto dela era eu. Agora a mãe dele não mora aí... Ela mora em Juiz de Fora e eu não sei nem onde. E ele faleceu... então...**

A nossa vó, e ela não falava direito, diz eles... que eu não conheci, né? Não falava a nossa língua direito.

**Nossa família trabalhava muito né? A Taninha coitadinha, andava uma distância a pé! Da roça... ia e voltava todo dia, lá pro dr. Ulisses e ele nem pra falar pra ela assim "ô, Taninha, eu vou... fica aí, né, eu mando um carro, meu carro, o motorista aí te levar", essa gente... o Antônio, eu falei com a Creuza que nossos pais, tinham um trabalho quase que escravo, mas nossos pais...**

Meu pai trabalhava que nem um danado e não tinha dinheiro nem pra fazer uma viagem.

Meu pai, meu pai pra conhecer meus irmãos mais velhos, minha mãe tinha que levar no serviço lá fazendo cachaça. É, não tinha horário, não tinha nada. Não tinha hora de pegar nem de largar. Nem de pegar

e nem de largar, porque ele nem pegava, nem largava, ele dormia lá no meio do bagaço da cana que minha mãe contava.

**“ Quando a Graça nasceu... Porque quando ele... aí ele saiu, bebeu pra caramba e ele foi chamar, chamar a minha vó pra fazer o parto da mamãe e ele bebeu muito e ficou perdido e esqueceu, mas como a minha vó sabia da data, veio sem ele chamar, quando ele chegou a Graça já tinha nascido, aí ele falou assim “se existir Nossa Senhora das Graça, nunca mais eu ponho isso na boca”, e não pôs mesmo. Não colocou mais mesmo. Ele parou de beber então quando nasceu a Graça.**

A tia Zina contava pro papai e a mamãe, né? que uma vez tia Zina chorou aqui por isso meu pai foi falar com o Tio Izaltino. Contava pra mamãe, mamãe... às vezes papai também estava ouvindo, ah, mas um dia o papai passou uma no seu pai, rapaz... falou com ele. Ele falou “olha, eu não criei, eu não ensinei... eu as criei, mas não ensinei elas isso não. Eu não quero ver você fazer ela sofrer não”,

**Antonio:** E ele respeitava o teu papai, né?

**Regina:** Respeitava. Respeitava porque o papai uma vez, quando ele... que a tia Zina chegou, não sei qual deles, acho que era o Zezito, que a tia Zina, que ele saiu, foi trabalhar, né e deixou a tia Zina, aí ela ficou com o Zezito aqui em casa, e aí... e o papai já tinha criado elas todas, né, que era... o pedido da minha vó, ajudou a fazer... fez casamento delas, e aí o... ele começou a judiar dela desde essa época, aí ela veio embora, aí o papai “aqui você pode ficar”, ele veio buscá-la, eu lembro como se fosse hoje, tia Zina contando que ela... ele veio buscar, o papai correu ele, falou “você vai voltar aqui o dia que você virar homem, porque a sua mulher tá passando falta das coisas lá na sua casa que ela falou, tá com criança nova e você judiando dela desse jeito”.

**Antonio:** Porque o tio Sebastião tratava elas como se fossem filhas, né?

**Regina:** Papai casou elas todas, comprou roupa pra elas, enxoval, igual ele falou, não foi do bom porque era sozinho pra trabalhar porque era, né, minha vó largou tudo, padrinho Joãozinho, quando ela morreu ela deixou com 2 anos. Dia 17 agora fez 40 anos que o padrinho Joãozinho faleceu. Ele morreu no dia exato (07/05/1982, o Zizinho faz aniversário em 17/5) que é o mesmo dia do aniversário do Zizinho. O Zizinho estava fazendo festa lá em Guiricema, aí o... morreu, nós avisamos o Tunim, naquela época, né, lá na cidade já tinha telefone, ligou pra ele, ele estava numa festa, ele cancelou a festa, mandou parar tudo, veio pra cá

A tia Zina, isso a tia Zina nunca escondeu da gente, nunca. E era a mesma coisa o tio Zé Loide com a tia Olga. Ele também era muito ciumento.

Nossa senhora! Demais da conta! Falava muita coisa... inventava, né? A mente... a mente suja. Aí a tia Olga também era outra que reclamava e o tio falava na cara dele mesmo, não escondia não, ele falava até alto, firme e alto, né? É! “Ê, cumpadi, Sebastião, a Olga tem outro homem mesmo! Que eu tô achando que tem filho que não é meu não!”, ah, mas o papai saía nele... A tia Olga sofreu muito então com isso. Sofreu! Tia Olga sofreu muito também. Quando... quando a tia Olga foi pra Juiz de Fora ela já tinha... quando ela foi... ela foi pra Juiz de Fora em 60, eu nasci em 61, mas ela chegou a voltar. Voltou, a Martinha mesmo é da minha idade, a Martinha nasceu aqui.

**Antonio:** A Jandira foi mais cedo pra lá, né? Esse Zé Martins era daqui também? O marido dela?

**Regina:** Era o filho do tio João Martinho (Martins) que morava na casinha lá perto do...

**Antonio:** Ele era parente nosso, não?

**Regina:** Tio, uai. Além de ser primo, ele era primo do meu pai. Não, é primo do meu pai casado com a tia Jandira. É porque o meu tio, esse tio Zé Martinho (Martins) que tô te falando, de João Martinho, era irmão da mãe do meu pai e a tia Anunciata, era irmã da nossa vó do lado da mamãe. A tia Anunciata, ou Nunciata, era irmã da Antonia Minervina do Couto, que é mãe das nossas mães.
- Ah, da vó Minervina Couto?

- Da vó Minervina.
- Ah, meu filho, Anunciata não sei de quê, porque já morreu há tantos anos, né?

(A Regina se confundiu. A Anunciata nasceu em 1897 e se casou com o João Martins Costa em 1921, teve alguns filhos, entre eles o José Martins, em 1922. Esse José Martins se casou em 15/09/1944 com a tia Jandira. Não era parente da Minervina)

**Regina:** E ele era do lado do meu pai. Aí o meu pai, ele tinha... era dois, né? Porque ela ... tia, então... e o filho, os filhos parentes. Agora tem pouco tempo que morreu um filho deles, o Onofre, é Onofre, morava lá em Juiz de Fora. Aí tinha uma, eu não sei se já morreu, que mora em... em Belo Horizonte... ou, em São Paulo. Os filhos dela eu sei que mora em São Paulo.
- Os filhos dela quem?

**Regina:** Da... da filha, da Norfina, filha da Anunciata. (A Norfina era irmã do tio Sebastião)

**Regina:** A Geralda, filha da Anunciata ainda é viva e a Geralda mora acho que é lá pro lado do Gordura, mas eu não sei onde é que é. A Geralda, é viva. (A Geralda nasceu 20/11/1932 e estava viva em 2023)

**Regina:** O João Lúcio que era uma pessoa boa, o João Lúcio era branquelão mesmo! Sabe? E o pai do João Lúcio marido da Norfina... era... pai do Divino, você conhece o Divino? Pai do Divino. Tá aí também uma pessoa que se você... se chegasse a ver ele ia te dar muita informação.

**Antonio:** Esse Divino deve ter uns de oitenta e poucos anos, não?

**Regina:** É, o... Divino, ele... ele mora em Belo Horizonte, é casado com a irmã da tia Carminha.

**Regina:** E a mãe do Divino... ah, não, a mãe do Divino era... ela era irmã do papai. Aí... e ela... e ele tem muita informação a respeito, mas eu tenho certeza de que a tia Anunciata era irmã da nossa bisavó materna.,(Incorreto ela não era parente da mãe da Minervina)

**Antonio:** Vocês a chamavam de "tia"?

**Regina:** Chamava. Tia Anunciata. A gente, ela já estava velhinha e pra você ver, e o tio João, filho dela, que já era mais moreno, ela já tinha o olho azul. Ela era clarinha do olho azul, porém, baixinha, assim, igual a tia Olga. E a gente ia cortar essas vassouras de alecrim, essas vassouras de mato, a gente levava pra ela, porque ela já não aguentava cortar, a gente saía, né, pra cortar assim porque... limpava...Aí a gente ai cortar só pra ganhar, ela dava pra gente rosca, essas roscas, a gente enfiava a rosca no braço [risos] e ganhar ovo, um ovo pra chocar, pra galinha... pra gente tirar... pra gente vender, aí toda vez era uma briga pra entregar a ela a vassoura, porque aquela que entregasse que ia ganhar, né? Mas quando davam duas pessoas, por exemplo, eu e Maura, aí ela dava uma pra mim e outra pra Maura, quando estava mais gente não tinha como, que senão ela também ia ficar sem, né?

**Antonio:** Aí já entra o lado das bondades da família da... né? Já tem o DNA de generosidade... Quando é que ela morreu? Você sabe? Você lembra?

**Regina:** Ih, meu filho... quando ela morreu eu não tô lembrada, eu fui ao velório dela, mas eles tiraram ela daqui e levaram pra cidade mais o meu tio, lá... aqui ela estava bem...

**Antonio:** Mas você lembra quantos anos você tinha mais ou menos?

**Regina:** Ah, eu devia... ela morreu logo depois do Major. É, quando o Major morreu eu estava com 9 anos. Ele morreu em 1970. O major morreu dia 06 de janeiro de 1970. Eu sou de 61, eu estava com 9 anos. O dia do enterro do Major foi um dia que um rapaz estava escrevendo no campo ali o nome, que ele tinha mandado escrever, tinha feito o vestiário, ajudado a fazer o vestiário e estava escrevendo "Estádio Lincoln Ferreira", nesse dia eles estavam passando com o caixão.

**Regina:** A Anunciata morreu depois do Major. Porque o Major e a tia Ilda (7/5/33 -01/12/1970), a tia Ilda morreu também... no dia... no dia depois do Major.

**Regina:** A tia Ilda morreu em 1970 também, mas depois do Major.

E a tia Anunciata ainda era viva, só que a tia Anunciata estava morando lá na cidade com a filha dela, a Odete e... levou os dois pra lá, só que a tia Anunciata adoeceu e faleceu. O tio João ficou meio perdido, voltou sozinho pra cá a pé, carregando aquela mochilada nas costas. Aí a mamãe "ai meu Deus do céu, o que que o tio João veio fazer aqui? Agora que a tia Anunciata".

**Antonio:** Esse tio João não tem a ver com o tio João Lino, é outro tio?

**Regina:** Não, é um tio irmão da mãe do meu pai.

**Regina:** Aí a minha mãe falou assim "o que que ele veio fazer sozinho aqui?", aí levou as mochilas dele tudo pra lá, o papai "ah, vai ter que dar comida a ele, porque como é que ele vai cozinhar?", aí ele vinha todo dia, já a mamãe arrumava e levava comida pra ele lá. Aí mamãe "ah, tio, o senhor traz a roupa aí pra lavar", aí depois o filho dele veio de Juiz de Fora, aquele Onofre, buscou ele, aí levou ele, daí quase que ele morre sozinho lá, daí 4 dias que o filho buscou, ele adoeceu e internou numa... numa tardezinha, à noite ele já tinha morrido.

**Antonio:** Legal Regina, você me ajudou muito com essas informações e detalhes. Muito obrigado.

## Maria Célia Pereira Cruz (Esposa do Zizinho)
## Data do depoimento: Maio de 2023



Quero falar um pouquinho sobre sua mãe, a Minervina. Quando eu e Zizinho nos casamos há 54anos atrás fomos morar na Avenida Teófilo Dublê em Visconde. E para nossa alegria nossa casa era o ponto de chegada de todos os familiares que moravam fora. A tia Zina era uma delas! Que saudade!!!!!!! Estou me lembrando como se fosse ontem. Ela chegava tão alegre e feliz! Eu sempre fazia um almoço simples, mas muito gostoso para esperar todos que iam. O Zizinho lembrou aqui agora que eu fiz uma maionese e a tia Zina disse! Que salada gostosa! Conversávamos sobre nossas famílias e assuntos gerais enquanto aguardávamos a chegada do Sr. Sebastião meu sogro com sua charretinha que era o TAXI de todos que vinham de fora. Era só alegria. Então Antônio lembramos desses momentos bons que vivemos no passado.

# José Lino Pinto (Zezito)
# Depoimento em Visconde em maio 2023




**Rodrigo:** Andou muito nesse caminho aqui, né, tio? Aqui tá indo lá pra... pra tia Carminha.

**Zezito:** Igreja do Clemente. É, a igrejinha do Clemente, a gente vinha toda vez... todo domingo a gente vinha rezar aqui. É, e aqui embaixo tinha... a Venda do Chico Donato.

**Antonio:** Que que você lembra aí da igreja? Sabia que o Expedito ganhou no pau de cebo aí quando a gente estava indo pra São Pedro dos Ferros em junho de 1957?

**Zezito:** Que a gente vinha nas quermesses aí... tinha leilão de frango, de...Sabe aquele pau de sebo, Conceição? Você... tem um pau do tamanho daquele poste assim, e se punha uma nota lá em cima! [risos] A molecada subia naquele pau... pau de sebo, por que pau de sebo? E o sebo escorrega, então a gente deixava o primeiro subir pra tirar o sebo, pra depois... [risos]

**Rodrigo:** Ó, esse aí é o moinho, tio, que o Antonio tá falando, ó, eu vou abaixar aqui um pouco pro senhor ver um pouco melhor, eu já fecho já.

**Zezito:** Aqui nós não tamo no Morro do Pilão?

**Rodrigo:** Não.

**Zezito:** É porque o Morro do Pilão a gente vê o rio aí embaixo. Não era... tinha... lá tinha casa, não tinha ninguém que fornecia luz. Montaram o engenho, o fazendeiro aí montou o engenho e fornecia luz só pra eles e a luz... vagabunda, não clareava nada, muito escura e ela ficava assim, ó, porque não gerava... força, né, que nem hoje você vê a luz clarinha, né? Na época não tinha... aquela potência, né, assim.... aquela força pra... pra gerar a coisa, era usina de... de energia elétrica, mas não tinha tanta força. Era muito fraquinha.

Hoje é uma potência danada, né?

**Zezito:** O Sebastião Ferraz é irmão no Natinho. O Natinho era irmão dele, pobre pra caramba, vivia tomando... tomando dinheiro emprestado dele, aí ele se apoderou das terras do homem, do coitado do irmão. Não é que nem o... não é que nem o meu irmão Antônio, ajuda a gente, lá... [riso], esse irmão dele, o Alexandre, ele sugava o cara. O cara, ele morreu na miséria porque ele pedia emprestado porque ele não tinha condições de... ele não tinha condições de pagar também e o... e o Alexandre foi enriquecendo em cima dos outros. Quer dizer, aproveitando da bondade e da infelicidade do outro, né?

### Antonio e Zezito na Camelinha mostrando a casa onde moramos.

Antonio: Quando morreu a Maria Helena lá no... em São Pedro, a mamãe diz que ficou mal. Aí nós viemos pra cá, nós fomos morar aqui, aqui era uma casa, tem um pouquinho ainda de... ali era um... provavelmente era a sala, e aqui era os quartos que a gente ficava, aqui você já estava em Juiz de Fora, você não veio morar aqui, aqui tem ainda a marca do... do fogão, depois você vai olhar lá. Do fogão a lenha. Do fogão a lenha, tem a marca de... de coisa ainda e a gente plantava por aqui, eu me lembro.

**Antonio:** Você não chegou a lembrar de nada daqui então?
- Não.

**Antonio:** Então, aqui foi que a gente morou por 1 ano mais ou menos, aí depois nós voltamos pra São Pedro dos Ferros e... uma casinha bem pequenininha, aqui acho que provavelmente tinha uma sala que eu já mostrei, né? O Rodrigo também não pôde vir o ano passado, então deu uma...

**Antonio:** Não ia lembrar. Ele já estava morando em Juiz de Fora, já logo em seguida... acho que você já estava até indo pra São Paulo, porque nós viemos aqui... deve ter sido agosto de 60. Provavelmente você deve ter vindo aqui, mas a gente já tinha mudado então, você não chegou a vir nessa casa aqui não.

### Zezito e Vaninha:

**Vaninha:** Te ver de novo, ó! Olha lá, vê se você lembra daquilo. Ó... meu filho não esquece de nós, né?

**Antonio:** O Zezito estava louco pra te ver de novo.

**Vaninha:** Deus, perdoa da gente tar chorando.

**Marido da Vaninha:** É, que vocês moravam lá na casa lá mais em cima. Perto da Carminha. Pra cima da comadre Carminha, primeira casa. É, aí você Zezito, passou a ser candiero meu e o... e o Jerônimo, do Zé Jerônimo, passou pro compadre Osvaldo, porque ele mais o compadre...
- E você tem quantos anos? Quantos anos?

**Marido:** Tô com noventa e... 96.

**Antonio:** E continua mentindo?! Risos.

### Conversa com o Zezito no Filipinho:

**Antonio:** A Duduca disse que você tem uma história aqui do Filipinho, onde que era o Filipinho? Era aqui?
- Ah... o Felipinho? Era aqui, ó! [risos] Chamava o Morro do Filipinho.

**Antonio:** Isso, é aqui. A casa era ali do lado, ó, quando a gente voltar eu te mostro. Tem a história aí da galinha, que você trouxe umas galinha e o papai...

**Zezito: É, é... era o seguinte, a gente passava no Filipinho, preste bem atenção no que eu vou falar, a gente passava no Filipinho, ele cercava a gente pra... pra comprar dele lá. Ele era um italiano, mas lá embaixo na praça, em cima, a gente vinha por aqui, tinha um outro... que comprava... comprava também as galinhas e esse Filipinho, jogava um xaveco, "não vai lá não porque lá tá... o preço lá tá... X, que é mais baixo que o meu, né? Eu que pago mais caro", quem caía na conversa dele...vendia mais barato. Vendia pra ele e no fim é que lá embaixo é que pagavam mais.**

Antonio: E a história que você trouxe um monte de galinha, vendeu pra ele e não... e falou pro meu pai que você tinha... as galinha tinha fugido?

Zezito: Não, não foi bem assim não.[risos] Essa daí eu não sei dela não, eu sei...

**Antonio: Duduca diz que você chegou lá, o papai esperando o dinheiro, aí falou "não, sabe o que aconteceu, pai? As galinhas... fugiram", ele falou "como é que as galinhas fugiram se você levou pendurado na vara com os pés amarrados?!" [risos]**

**Zezito: Eu acho que eu desinteirei o dinheiro! Desinteirei o dinheiro, mas o Porque também tem outra história que eu desinteirei dinheiro pra eu comprar queijo, que eu adorava queijo, né? Até hoje eu gosto ainda! E a... a minha mãe fazia... costura pra fora, e falou "olha, precisa passar lá no compadre que ele vai te... te dar o dinheiro lá que eu costurei pra ele", ele deu... o dinheiro, sei lá quanto foi, se foi 2 reais ou sei lá, 1 real, sei lá que diabo foi, não era real aquela época. E eu tirei um tostão ou 200 réis pra comprar queijo e a... eu cheguei em casa com aquele dinheiro e eu falei que tinha perdido o dinheiro, falei "eu não sei"... não, eu falei que tinha... que o cara não pagou, mas a mãe sabia que o cara era bom pagador e é... falou: "é mentira.", aí ela saiu num trilho assim no meio do mato procurando se o dinheiro estava ali, era uma moeda, coitada da muié, procurou, procurou... falou "deixa eu ver sua boca", porque não achava o dinheiro!**




**Antonio: Vixe maria! Dentro da boca?**

**Zezito: Ainda tinha um pedaço de queijo lá dentro! Risos.**

**Zezito: Meu pai me levou pro meio do mato, aí ele falou... "olha, eu quero arrancar aqueles cupins dali você e o outro compadre ali que vai arrancando aqueles cupins", fizeram... tá me pagando pra arrancar os cupins eu vou arrancar, aí meu pai me encontrou, eu fui levar almoço pra ele, ele me levou num canto lá e falou assim "tá vendo aqui? Tem 8 cobras que eu matei, cada cupim que você arrancava, saía uma cobra lá de dentro e eu metia a enxada em cima", por quê? Já estava tão acostumado que ia ter uma cobra lá que quando eu arrancava o cupim, ele já estava esperando a cobra, aí ele estava lá com a enxada lá pra matar, "eu matei 8 cobras" Aí ele falou "vamos lá pra você ver" Tem uma cobra que vai... aí ele contou, tem uma cobra que vem aqui e ressuscita as cobras que eu matei, é coisa que não era possível, que não dá pra você acreditar, como é uma cobra tem o poder de ressuscitar outra que tá morta?**
- Mas é verdade?

**Zezito:** Não. Ele provavelmente não matava bem matada, era um negócio... esquisito.

# José Lino Pinto (Zezito)
# Relatados na sua casa em janeiro de 2023



**Antonio:** O Tio Zeloide também era carpinteiro também?

**Zezito:** O Tio Zeloide fazia de tudo. Ele trabalhava na roça, só que ele não ia carpir roça. Ele plantava fumo, o bendito do fumo, e aquilo lá também prejudicou a saúde dele. Ele catava a folha do fumo, deixava lá determinado tempo, depois ele enrolava aquelas folhas e ia fazendo aquele cordão que nem faz o fumo de corda hoje. Eu ajudei a fazer também aquilo lá. E aquilo também prejudicou a saúde dele e da madrinha Olga. Mas ele era mais assim... ele era mais de trabalhar assim, mais livre, né, mais independente. Então ele não era muito de ser empregado dos outros não. Ele ia lá, fazia o serviço dele na fazenda dos Ferreira. E aí gostaram dele e ele ficou lá bastante tempo fazendo casa, fazendo aquelas casas de pau a pique, né, que a gente fala hoje em dia, que ali você amarrava o pau inclusive com cipó. Ia no mato, catava o cipó, trazia, encaixava e amarrava no haste de bambu. Amarrava com cipó. Era esse o serviço dele.

## Sobre a Minervina:

**Já a minha mãe não foi qualquer uma mãe que eu tive. Ela tratava bem a todo mundo. Todos os filhos, mais velhos e mais novos. Me lembro dela quando morreu o Ivo, quando morreu a Marlene... a Marlene, você lembra? E ela chorou tanto, tanto, tanto e no final do choro dela de desespero, porque ela amava, ela começou a... ela transferiu o choro dela em riso. A raiva desse dia ela estava dando risada, mas ela não estava dando risada, ela já estava morta praticamente, porque não é novela que chora e que ri ao mesmo tempo.**

**E ela então, ela chorava, chorava, chorava, depois ela começava a dar risada, contar história e dar risada. Me lembro que tinha lá o Morro do Pilão, que era logo ali encostado, depois tinha... entrava na fazenda do... Panamericana, que a fazenda dos Ferreira fazia divisa com a Panamericana. Panamericana é aquela que só dá cana e o pai queria morar em Colônia, que tinha filhos e na Colônia o colono sempre tinha um pedaço de terra pra plantar o milho, plantar o arroz e a Companhia não dava nada. Só dava a casa pra ele morar e o resto não tinha nem quintal, que nem aqui a gente faz de plantar cana, planta aí tudo pra cima, lá não podia plantar nada, não tinha direito de plantar. Tinha que comprar tudo. Eu me lembro perfeitamente que o meu pai, ele ia fazer compra na venda do Joãozito. O Joãozito era um homem que montou essa venda lá e ganhava muito dinheiro, porque só tinha ele e todo colono ia lá comprar da mão dele. Era fiado, né? Não tinha dinheiro. Comprava, eu não me lembro assim, muito bem, se era fiado não. Mas ou era na caderneta... é, se é caderneta é fiado. Eu sei que ele tinha o direito a uma quantidade... aquele tanto em compras. Quando a gente trabalhava na fazenda, plantava. A gente não comprava feijão e nem arroz e mais umas coisas lá. Comprava só as coisas necessárias. Por exemplo, o arroz e o feijão a gente plantava, o milho a gente plantava e outras coisas mais que podia plantar.**

**Antonio:** Comprava óleo, açúcar, essas coisas que não tinha, né?

**Zezito: Então ia buscar o óleo e o açúcar na cidade. E açúcar, minha mãe juntava cana pra fazer o café. Você vê, não era uma coisa direita, mas...**

**Antonio: Ela fazia com a cana o café, pra adoçar?**

**Zezito: Com a cana. Ela punha na panela e deixava ferver, depois ela fazia o café, mas ficava uma merda. Mas a minha mãe sempre foi curiosa em fazer as coisas.**

**Antonio:** Essa é mais uma novidade que a gente não sabia.

**Zezito:** E o olha aqui no quintal, tem que olhar por nome não, é beldroega, tem aí no quintal. Depois ela ia lá, catava a beldroega, refogava e a gente comia. Essa taioba aí, por que que eu gosto tanto de taioba? Não sei se é por isso, mas ela que me ensinou a comer taioba. Até hoje eu sinto saudade da taioba, que a Lourdes não gosta, né? Não gosta nem de fazer. Não gosta de comer e nem de fazer pra mim. E tá cheio delas aí, graças a Deus. O cara veio carpir aí, carpiu, ele corta tudo, que pra ele é mato, né? Dessa vez, eu falei pra ele..."Deixa a taioba!"

**Zezito:** Minha mãe tinha um tempero fora de série. E a Duduca aprendeu bastante com ela, né? Ela fazia uma comida muito boa.

**Sobre outros assuntos:**

**Zezito:** ... quando foi no dia, eu lembro de indo mais tarde, sei lá que hora foi, ele chegou em casa, traz uma rapadura pra mim. Estava arrependido de me dar uma só.

**Antonio:** Quem que era? O Zé Lafaiete?

**Zezito:** Ele tinha amizade com o irmão dele, João Lafaiete, o pai, esqueci o nome. A gente se dava muito bem. E eu trabalhei pro Zé Lafaiete capinando lá. Ele era... ele era da fazenda dos Ferreira lá. Antes não, antes tinha... subindo ali pro... pra ir pra cidade passava... passava num lugar que entrava assim e ia lá na casa deles. Eu fui lá muitas vezes. Lá a casa é lá no final.

**Antonio:** Quando você foi pra cidade você tinha quantos anos mais ou menos? Porque você trabalhou pouco na roça lá em... no Clemente, né?

**Zezito:** Ah, é... é. Porque minha mãe queria que eu estudasse e na roça era só até o terceiro ano. Lá no Clemente. E quando foi... quando foi... é... quando eu fiz... quando eu tinha que fazer quarto ano eu tinha que fui pra cidade.

**Antonio:** Você tinha quantos anos?

**Zezito:** Dez, né? Deve ter sido em 1948, estudei na Escola Raul Soares, está até hoje lá na praça. Eu tirei o certificado do primário lá.

**Antonio:** Mas você chegou a trabalhar duro na roça, mesmo depois de 10 anos.

**Zezito:** Trabalhei duro na roça, trabalhei no cabo da enxada muito tempo. Eu tinha... quando eu vejo essas calças cortadas, desfiando...

**Antonio:** Que agora é moda, né? [risos]

**Zezito:** Que agora virou moda, eu tinha uma bronca daquilo, e eu não posso... eu... Morria de vergonha.

**Zezito: É, aí um dia o... eu preciso lembrar quem é que me levou pra Juiz de Fora. Era um cara... É, então, esse... esse cara, eu sei que esse cara... me conheceu... e... eu fui pra cidade. Um dia, eu acho que foi Juiz de Fora, ele falou assim... é... eu não sei por que foi lá, ele falou que ia me arrumar um emprego, "você vai trabalhar com o Seu Zezinho lá na cidade". É, o Seu José Pereira Matos. E aí eu fui trabalhar lá. Depois ele me trouxe pra São Paulo, em janeiro de 1961, era ali na Aclimação na Rua Milani. Ai o tio Zé Pinto foi lá e me trouxe para morar com ele no Jardim Penha na Rua Nova Friburgo, 32. E aí a... ele falou pra... falou pro Seu Zezinho lá "esse meu sobrinho aqui era do senhor, agora não é mais".**

**Antonio:** Agora, a minha curiosidade é o seguinte, como é que você arrumou dinheiro pra ir buscar a gente lá em... em São Pedro dos Ferros, essa turma toda...

**Zezito:** Eu nunca pensei nisso aí. Olha, eu também tô pra descobrir. Mas eu fazia hora-extra. Eu trabalhava... eu ganhava os ordenado e mais as hora-extra. E aquela hora-extra me... rendeu muito. Eu sei dizer que quando eu trouxe o pessoal pra cá, é... tinha uma estrada cheia de poeira, né? O carro... e aí aquela poeira entrava lá dentro do carro, e a gente tinha... tinha gente que... usava... um tipo duma capa, né? Pra não sujar a roupa. Isso foi da época que eu estava no Gouveia.

**Antonio:** No Gouveia. Porque quando a mamãe veio em 62 ela te encontrou lá, né? Ah, você deve ter trabalhado no... no Juca Pato uns 3 anos só.

**Zezito:** É, o último que trabalhei foi o Juca Pato.

**Antonio:** É, foi o... foi o Juca Pato, é. E... eu me lembro de você não no Juca Pato, eu me lembro no Gouveia. Que tinha aquele sanduíche lá, eu chegava lá e dava uma...

**Antonio:** Eu lembro de você trabalhando na... na chapa, né? Que era ali na Vila Mariana, Lins de Vasconcelos e naquele boliche lá na Rua das Fiandeiras. Mas isso já foi bem depois, né? No Juca Pato, o Gouveia, que mais? Fora as pizzaria que você abriu, né? Um monte de...

**Zezito:** É. O boliche foi o... foi o pior emprego que eu tive. O boliche é ali na Rua das Fiandeiras, né? Que era moda naquela época, né? Por que que foi a pior? A única coisa que eu... que eu aproveitei lá desse boliche foi que... eu já sabia trabalhar, né? Eu me lembro que tinha um tal de Rubens, que trabalhava comigo, e ele morava aqui em Arthur Alvim, bebia que nem um condenado, tinha dia que precisava carregar ele pra casa. Mas o cara sabia trabalhar muito bem. Ele me ensinou a servir à francesa. O que que é à francesa? É um garfo e uma colher, você pega a comida e servia na mesa com uma bandeja, né? É, pegava a bandeja e tchum. Eu não me esqueço disso. Esse Rubens bebia pra caramba, ele nunca parou de beber, morreu bêbado.

**Antonio:** E como é que ele servia à francesa bêbado? [risos] Porque chacoalhava tudo!

**Zezito:** O cara era danado, porque dizem, dizem que quando você não é alcoólatra ainda, quando você tá começando a beber, a bebida ajuda você a trabalhar. Então eu me lembro que eu, pra trabalhar eu tinha que beber, eu levava uma garrafa de... meia garrafa de pinga pro serviço, me lembro que um dia eu passando ali da...na... deixa eu lembrar o nome da...

**Zezito:** Eu passava ali no supermercado, comprava uma garrafa de pinga. E eu tinha uma... não podia levar a garrafa pro serviço, eu botava numa... numa... numa garrafa de Coca-Cola de 600ml...Porque ela não quebrava. Tampava ela bem, chegava até a botar uma rolha lá dentro e botar a tampa em cima da rolha que é pra não cheirar. Um dia eu deixei essa... essa... deixei a mochila, assim, falei "ah, a mochila...", deixei assim no chão, e a faxineira veio, sentiu o cheiro de álcool, eu falei "puta que pariu!", sentiu o cheiro de álcool... falei "você tá cheirando... acho que o seu nariz tá cheirando a álcool. Não tem álcool. Eu nunca vi álcool aqui", Risos. Mas era a cachaça que estava lá dentro da garrafa. E eu pra trabalhar eu tinha que beber. O organismo se acostumou. Agora que eu não posso beber mais, né, porque... eu tô tomando remédio, pra não atrapalhar. Foi difícil, parar de beber e fumar também foi difícil pra acostumar-se, mas o fumo do cigarro foi fácil, porque um dia cismei dar um pontapé no cigarro. Fumei bastante aí eu falei "bom, eu não vou fumar mais", por que que eu parei de fumar? Porque eu tragava, eu fumava 4 maços por dia, tragava, começou a arranhar a garganta. Aqui ficou... ficou... aquela coisa lá, depois eu...

### Sobre a Minervina:

**Zezito: Minha mãe foi muito boa pra mim. Me dava muito bem com ela. Eu cheguei a falar pra ela "mãe, a senhora não pode morrer." Quando morreu o Ivo, quando morreu o Ivo, o enterro saiu... saiu de casa, passou no Morro do Pilão, passou... lá no Sítio do Brás, passou no Bueiro, passou não sei onde lá, que eu não me lembro agora, e ela, a minha mãe falava assim, "tá indo lá no Morro do Pilão. Agora tá indo lá no Bueiro..." Zezito: E o Ivo tinha uma doença que... que a roupa dele colava**

**no corpo. Aí quando ela ia trocar a roupa puxava assim... Saía a pele grudada no... na roupa. Aí ela chorava, chorava, mas chorava, chorava!**

**Antonio: A Marlene você... a Marlene você chegou a conhecer também?**

**Zezito: Ô! A Marlene era a minha... o meu xodó. Ela pulava aqui em cima do meu pescoço e cruzava as pernas aqui em cima de mim. Sentava-se no meu pescoço. Que às vezes eu estava sentado, ela vinha e eu laçava por detrás assim.**

**Antonio:** Ela morreu com 2 anos e pouco, né? Muito nova. A Maria Helena você conviveu pouco, né? Porque... ela nasceu... a gente foi pra São Pedro, ela era bebezinha ainda, né?

**Zezito:** Foi ela que morreu com... aquele veneno? O médico falou assim, eu presenciei isso, o médico falou assim, chamou meu pai e falou "Seu Izaltino, a tua filha comeu... essa planta aqui", ele tinha a planta lá no jardim. "Comeu essa planta, chama Comigo-ninguém-pode".

**Antonio:** Você estava em Minas quando aconteceu isso, né? Porque ela morreu em abril de 60, então logo em seguida você deve ter... não, você não estava lá não. Você já tinha vindo pra São Paulo.

**Zezito:** Mas ela morreu... eu não me lembro quando que ela morreu.

**Antonio:** Na Fazenda do Rubinho, exatamente. Você já não estava lá mais. Você já estava em... ou Juiz de Fora ou Visconde. Acho que você estava em Juiz de Fora. Era aquela fazenda do Rubinho, você lembra que nós paramos lá com a ambulância, que tinha um... uma destilaria de cana lá? Era ali, aquela região ali que era o... a fazenda onde ela morreu. O dela eu me lembro bem, o dia. A mamãe também pirou ali, né, foi muito difícil.

**Zezito:** A mãe pirou, nunca mais ela voltou ao normal.

**Antonio:** É. É, pra você ver, ela perdeu a Marlene em 1948, 1953 perdeu o Ivo, em 1960 ela perdeu a Maria Helena, ela perdeu em... em 10 anos perdeu 3 filhos. Não é fácil, né?

**Zezito:** Minha mãe fazia mingau de couve e aqueles bolinho de ovo. Fazia frango, ela fritava o... ela fritava o frango e fazia o caldo com a farinha de milho, jogava lá, aquilo ficava uma... Tipo duma canja, né? Só que era bem cremosa, né? Bem... É farinha de... é farinha de milho, né? Ela fazia o macarrão Goela de Pato. Nunca mais vi falar nesse que chamava Goela de Pato. Era um macarrão grossinho que nem o Penne, mas ainda era um... o outro...Eu trabalhava com massa. Fazia capelete, fazia nhoque, fazia rococó, o que que é o rococó? É o gorgonzola amassado, e aí eu... o que que eu punha no gorgonzola? Azeite Chamava rococó.

**Zezito: Em culinária, fazendo comida mineira, aí me fez lembrar da minha mãe. Mingau de couve, aqueles bolinho de ovo lá... Canjiquinha... Com quiabo. Agora, o Expedito é que sabe contar essa história melhor, porque ele fez na casa dele, eu não fui lá, ah, não sei se eu fui lá, não sei se... sei que ele falou que ia fazer típico coisa da minha mãe fazia, por exemplo a canjiquinha, frango com quiabo, e ele fez, mas acho que eu não fui não, eu não sei.**

**Zezito:** Mudando de assunto, eu tô encucado com uma coisa, veio dois meninos aí dizendo que era filho do meu tio Vitalino, eu falei, "mas o Vitalino", aí comecei a indagar, "o Vitalino não era aquele assim, assado, sumido?", ele falou "não". E também não soube explicar. O Vitalino que ele fala é pai dele.

**Antonio: É o irmão do papai. Nós temos dois Vitalinos na família, nós temos o Vitalino Sobrinho, (apelidado de Nego) é filho do tio Rogério. E nós temos o... tio Vitalino, irmão do papai, que nem você chegou a conhecer, ele foi embora de... de Minas fugido. Ele largou 4 filhos, aquela... Elza era filha dele, e o tio Rogério cuidou, entendeu? Esses dois que você viu foram os dois que a gente encontrou agora na festa do livro da Nilza, entendeu? Que eu achei e eles tão morando lá em Campinas, eles são os filhos do... são nossos primos por parte do Vitalino que era irmão do papai. É, o papai falava muito desse Vitalino, né? Na verdade, ele acabou... ele... o Vitalino saiu lá de Visconde do Rio Branco em**

**1937 pelo que eu levantei, entendeu? Então nós... nem você, nem o Duduca, ninguém conheceu ele, porque ele nunca mais voltou lá, então é...**

**Zezito:** Ele fugiu com outra mulher.

**Antonio:** Fugiu com outra mulher e arrumou esses filhos aí que aparecem, que eu te apresentei lá na festa da Duduca, já são os filhos dele aqui de São Paulo, ele teve mais 9 filhos, ele teve 4 meninas lá em Visconde, saiu fugido e aqui teve mais 9. Mas ele nunca contou pros filhos essa história de que ele fugiu e tal. E eu que contei pra eles, aí que eles desconfiaram, "ah, ele era muito misterioso, não sei o que e tal...", e aí contou essa história, mas a gente não conheceu eles não.

## Rodrigo Pinto dos Santos
## Lembranças relatadas em 2023



Minha vó Minervina tinha muita fé. Eu lembro uma vez que eu perdi a carteira: "que tá procurando, fio?", "nossa, vó, não acho minha carteira. Não acho minha carteira", "daqui a pouco você acha, viu?", ela pegava um paninho com uma agulha, "tutututu", não dava um minuto... você achava a carteira!

- É. Ela era assim.

# Denise Pinto
# Lembranças relatadas em 2023



Agora, as histórias da Denise, vamos ver o que que ela tem pra contar pra gente.

**Denise:** Olha, eu lembro da vó, as viagens da vó, quando ela ia pra Minas, que ela todo ano ela fazia uma viagem pra lá, né? E aí, quando ela voltava, ela trazia um monte de coisa. Nossa, era uma delícia, as crianças aproveitavam pra caramba, né? Eu conheci doce de manga em pedaço por causa da vó. Rapadura e tudo que ela trazia, ela me dava sempre um pedaço de cada coisa, né? E a gente fazia a maior festa. E ela chegava cansada, né, mas toda feliz, olha, e cheia de malas, de coisas. Ai, que festa que era. Eu e as crianças, todo mundo ficava feliz.

**Então, outra coisa que eu lembro da vó é que aqui no quintal ela fazia uma horta, né? Ela plantava couve, almeirão, chuchu, pé de maracujá. E aí, aqui, a vizinhança, né, onde que corria quando chegava do trabalho, que queria fazer uma saladinha, um refogado? Ah, batia aqui na porta aqui de noite e comprava dela. A vó, ela ganhava dinheiro de tudo quanto é jeito. Durante o dia, depois do almoço, que ela já tinha almoçado, ela descansava um pouquinho, aí você pensa assim, à tarde, que ela fosse ficar sossegada, né? Imagina, ela ia lá pra cozinha e fazia doce de leite. Aí fazia uma forma de doce de leite, cortava em pedacinhos e pra onde que ela ia? Lá pra porta da escola vender. Agora, imagina quem é que não passava bem aqui, né, em casa? Eu, as crianças, os meninos aqui, nossa, fazia a festa com aquele docinho de leite da vó. Ai, a vó era fogo. E o vô ficava encantado com as crianças, né?**

**Ah, tem outra coisa também da vó que eu lembro, a vó e o vô, passou um caminhão aqui vendendo colchão na rua e eles 2 pegaram e combinaram, de repente, a vó vai lá na rua e comprou 2 colchões de cama de solteiro. Ah, toda feliz, ele pegou e falou assim "Comprei colchão pra cama dos meninos do Luiz." Ih, fazia a festa, né? Ela cuidava assim, da gente, das criança. E o vô, depois que as crianças estavam aqui, nossa, ele fazia de tudo pra eles também, pra agradar. O quintal ficou uma festa, né?**

**E a gente passava um pouco de necessidade e eles ajudavam pra caramba. Eu lembro também uma vez que a gente foi no mercado lá da Cisper, eu e a vó pra fazer compra, né? Lembrar da vó é fogo.**

**Passou tantos perrengues, né? E isso é porque a gente não lembra tudo.**

Então, eu lembro uma vez que eu fui no mercado da Cisper com a vó fazer compra, né? Aí tá eu e ela lá no mercado e ela tá colocando as coisa no carrinho, sabe? E eu preocupada, né, eu falava assim "Não, vó!" Eu querendo tirar, né? Eu tirei uma coisa, ela pegou e falou "Não, boba, deixa aí! Vamos levar sim que vai dar tudo certo." E aí a gente... fizemos a compra, viemos pra casa, né? Ai, a vó resolvia tudo quanto era problema, sabe? Se tem uma pessoa que faz falta na vida é a vó. Ele, assim, não deixava a gente gastar muita água, luz, né, o relógio deles ficava aqui na cozinha. Terminava o jornal, mesmo eu tendo criança pequena, ele achava que todo mundo já tinha que ir dormir. Se ficasse lá, que ele visse luz acesa ali, ele vinha aqui e desligava a luz, né?

**Então todo mundo ficava assim, quietinho, já tinha aquele horário de dormir, mas ele cuidava do jeitinho dele assim, né, com as crianças. E você sabe, quando faz tudo pela criança da gente, nossa, é como você tá no Céu, não é verdade? E eu sempre também achava que eu não tinha que aborrecer**

**eles, pela idade deles, sabe assim? Porque eu que estava vindo pra cá, né? Então eu pensava... eu sempre tive consciência, que eu falei assim "Eu não posso vim não sei de onde aborrecer uma pessoa que, primeiro, que já tá de idade, e segundo, porque é a casa deles. Eu que sou a intrusa." Se todo mundo pensasse assim, as pessoas viviam melhor, as noras, né, assim, noras, genro, as famílias, a pessoa que tá vindo pra sua casa, né? Eu penso assim.**

Então eu procurava sempre ficar no meu lugar, né? E você só tinha a ganhar com isso, com eles, você entendeu? Aí depois, mesmo esses perrengues que o vô fazia, depois que ele mudou, que ele ficou doente, ele me pediu desculpa, sabe? Ele tinha vontade de voltar pra cá, né, e ele achava que tinha feito assim, maldade pra mim, né? Mas é a idade dele, o jeito dele, ele não iria mudar por causa duma pessoa que era mais nova, né? Teve uma vez que eu... uma vez eu fiquei sem conversar com a vó, porque o Luiz tinha aqueles problemas lá, lembra? Tinha o quarto e cozinha aqui, e aí o vô e a vó ficava sempre conversando aqui na área, né, de manhã cedo. E eu já estava grávida do Rafael e a diferença é de 1 ano, sabe? Aí ela falou... ficou... eles estavam bravos, naturalmente, que o Luiz estava desempregado, eu não estava trabalhando, ninguém ia me dar trabalho pra grávida, né? Aí... e eles estavam bravos e tudo e ele falou "Ah, nós tamo sustentando uma cambada de vagabundos". Entendeu? Aí eu fiquei chateada, né, e fiquei um pouco sem conversar com a vó, mas aí ela pegou... o Luiz falou assim "Mãe, quem é que vai dar trabalho pra uma pessoa grávida?" Aí, quando eu estava assim, do Rafael, depois eu fiquei com mais disposição e fui fazer limpeza pra fora, né, porque ninguém ia te dar emprego registrado, entendeu?

Aí fui ganhar um dinheirinho assim, né? Aí ela foi ficando mais tranquila, porque também, né, é ruim você ficar só ajudando as pessoas, né? Aí ela pegou... e aí o Luiz Carlos teve catapora e era pequeno. Aí ela pegou e me ajudou, voltou a conversar comigo, eu voltei a conversar com ela. Tudo que ela falava pra mim eu seguia, sabe, a orientação dela, porque ela tinha muita experiência, tinha um monte de filho, né? E aí ela, tipo assim, ela estava fazendo comida, eu falava "Vó, eu pico o alho pequenininho, a cebola miudinha, né?

Como que a senhora coloca tudo grande aí, macetado de qualquer jeito e fica uma comida deliciosa, né?"

Entendeu? Eu não entendi, eu queria aprender, né? E aí ela ficava contente, que ela falava assim pra família, ela falava assim "Ah, o bom dela é que ela pergunta." Entendeu? Que eu tinha vontade de aprender, né? Ai, nossa, então ela só tinha mesmo pra ensinar, sabe?

Olha, é difícil, muito difícil. Eu sei que é difícil, viu? Difícil falar da vó, né? Mas olha, mas, ó, de todo esse perrengue que eu passei, foi 15 anos, o Luiz sem juízo, porque a gente ficou 33 anos juntos, né? E depois 15 anos, mais um pouco, ele ficou bem, porque depois que ele largou o vício da bebida e do cigarro, ele ficou... nossa, trabalhava dia e noite, né? Aí ficou bem, mas por experiência assim, de vida, valeu a pena, sabe assim, né? Uma história, né, de vida. Tive a minha família, meus filhos, né e tudo. Teve a gente, né, ele batalhou pra ficar nessa casa, que ele não saía daqui. Eu queria tanto levar ele pra morar pro meu lado.

A mulher sempre quer levar, né? Mas ele não saía daqui ele ia, ficava 1 mês e voltava, sabe? Ele nunca largava daqui, da casa dele, não. De jeito nenhum. Fomos morar em Franco da Rocha uma vez, 1 mês na casa do meu irmão, que ele tinha lá. Imagina, deu 1 mês, ele vendeu tudo, os armários, sabe assim? Tudo.

Ele falou "Eu não fico aqui." Coitado, ele trabalhava no Morumbi e tinha que subir, como daqui na Avenida São Miguel, só tinha eucalipto do lado, sabe? E era de noite, se você perdesse o ônibus lá embaixo, às 11 horas da noite, você tinha que subir a pé. Então imagina eu com medo lá em cima, né? E ele com medo de subir, né? Ele falou assim "O quê?" Ficou só 1 mês, vendeu tudo e voltamos. Ele voltou pra casa da vó e eu pra casa da minha irmã. Mas olha, é cada perrengue que eu vou te contar, viu? Tinha que ter muito amor, né?

Não dá pra acreditar que a gente venceu tudo isso, né? Nossa, graças a Deus, por isso que o Du fala "Mãe, tudo que você quiser. Que que você quer, mãe? A gente vai providenciar." Se eu quisesse, nossa, eu... se eu fosse aquela mãe que aproveita das coisa, tadinho, eles estavam ferrados, né? Falando sobre essas coisas me lembrei de mais. Entre 1980 e 1981 eu já estava namorando com o Luiz a uns 8 meses, ele trabalhava em uma oficina que era sua no bom retiro. Em um belo dia o Luiz sumiu por uns 3 dias, um amigo

em comum me passou o endereço da casa dele aqui na Rua Hedi, n° 95 Eu decidi vir, passei por vários problemas no caminho mas consegui chegar... Estava toda produzida com salto alto e não sabia que as ruas por aqui eram de barro, e na semana estava chovendo, imagina a lama. A vó atendeu o portão gentilmente, pediu para entrar, me serviu de tudo que tinha disponível, extremamente cordial. (Por volta de 1979) Na casa estava somente a vó e o vô, o Luiz estava no médico com o dente inflamado. O vô estava sentado na sala com o pé na mesa apoiado, comprimento e ficou acompanhando a conversa da cozinha. Depois que a vó perguntou quem eu era, e eu disse uma namorada do Luiz, ela me perguntou se eu sabia que ele era casado, eu disse que não sabia, que ele jurava que não era. A vó disse: De certa forma ele é casado somente no papel, que ele ficou 6 dias morando com a moça. Ficamos mais uns 30 minutos conversando ela foi um amor de anfitriã... Mas como as notícias foram muito fortes eu fui embora sem esperar o Luiz. Lembro do momento que conheci a vó, pois foi no mesmo dia que eu soube que o Luiz era casado. Outros casos eu estou bem esquecida Ela tinha várias plantações aqui no quintal, era uma empreendedora nata...Vendia couve, almeirão, chuchu e o pessoal batia aqui na porta para comprar a noite quando chegava do trabalho.

Ela era muito ativa e esperta. O vô era determinado e muito preocupado com tudo exemplo a água e a luz .

Uma vez eu peguei umas roupas da vizinha pra lavar e ganhar um dinheiro para casa...,Mas era tanta roupa e gastou tanta água, que o vô ficou bravo e logo cortou esse serviço de lavadeira “Esse empreendimento não foi aprovado pela diretoria” Risos. Banho também era monitorado, se passar do prazo determinado pelo vô, ele desligava a luz... Pois o relógio do quarto e cozinha meu ficava na cozinha dele.

# Expedito Lino Pinto
# Lembranças relatadas em 2023




**Expedito: É, eu tenho um causo que eu considero um dos mais interessantes pra ser comentado, é que naquela época o pessoal do interior em geral tinha um hábito de dar um animal pra um vizinho criar à meia.**

**E o meu pai deu uma leitoa pro nosso vizinho criar, engordar ela, e quando tivesse no ponto de abate, seria metade pra cada um. Nessa época, eu tinha lá meus 17 anos e esse senhor pra quem o meu pai deu a leitoa pra engordar, ele mudou de lá e veio pra Raul Soares. O tempo foi passando e ele nunca voltou lá pra resolver, pra dar a tal da metade da leitoa. Aí o meu pai falou "Ô, Expedito, vai lá, me traz essa metade dessa leitoa de qualquer jeito." E eu andei todo aquele percurso a pé, que tinha cerca de uns 18, 19 km. Quando cheguei na casa deles "Ah, mas a leitoa não tá gorda ainda, não tá no ponto de abater e parece até que ela tá doente, porque ela não engorda de jeito nenhum."**

**Eu falei "Não..." Eu muito bravo, né, doido pra sair na porrada, falei "Não, o meu pai, ele mandou eu vir aqui pra levar a metade dessa leitoa. Resolve aí, mata ela que eu levo a metade embora." Aí eu peguei... eles concordaram comigo, mataram a leitoa ali naquela hora, me deram a metade e eu voltei com essa metade da leitoa pra casa. Agora, o engraçado de tudo isso é que se essa leitoa tivesse engordado, por exemplo, o dobro do que ela pesava no momento, imagina o sofrimento que era pra mim, né? Levar aquela coisa nas costas e andar 18, 19 km de volta com aquela leitoa nas costas.**

**É uma coisa curiosa que realmente aconteceu e que hoje a gente considera um absurdo um negócio desse, né? Mas é uma das história muito curiosa que aconteceu comigo.**

**Eu acho que o cara não engordou a porca que o papai deu não, era outra. Risos.**

**Antonio:** Legal. Pode contar outras. Você deve ter várias. Algumas coisas da mamãe, do papai.

**Expedito:** Outra passagem que eu considero que vale a pena destacar é que ali, na fazenda dos Ferreira, antigamente não tinha aquela Rio-Bahia, que a gente dava o nome de Rio-Bahia. Ali tinha uma reserva de mata. A gente ia buscar lenha ali e tudo. E aí a fazenda contratou uns serralheiros pra serrar umas tábuas, né? Serrar aquelas toras e serrar umas tábuas. Tinha aquele serrote com duas hastes, um ficava de um lado e de outro puxando e formava aquelas tora em tábua. Aí era um... como eles não trabalhavam no domingo, eu e o João fomos lá, escrevemos um monte de palavrão naquelas tábuas. Quando foi na segunda-feira, eu estava lá na sala da minha casa sem saber de nada, é lógico, o meu pai já chegou descendo aquela vara

grossa, que é uma vara dum tipo de planta chamado marmelo, que não quebrava de jeito nenhum. Bateu, bateu, bateu até cansar. E me mandou ir trabalhar lá na roça, em outro lugar, que até o momento eu estava ali na sala mexendo com arroz, esses arroz de abril, fazendo alguma coisa ali na sala. E ele me tirou dali e me mandou lá pro meio do mato lá, pra trabalhar em outras coisas.

Outra coisa que eu também não consigo esquecer, isso já lá em São Pedro dos Ferros, chegou o almoço pra nós, tinha um monte de peão lá trabalhando, a hora que eu abri o caldeirão, que eu já era muito enjoadinho pra comer, vi aquele monte de abóbora, eu as peguei e separei, coloquei na tampa do caldeirão, que eu não queria comer aquela abóbora. E meu pai só olhou assim, de lado, meio como se não estivesse gostando daquela situação. E quando chegou à noite, eu apanhei pra caramba só por causa daquela cena. Aí ele disse que eu não devia ter feito aquilo na frente dos outros. É um absurdo que não tem tamanho, né, a forma dos pais, naquela época, de educar os filhos. Eles tratavam a gente como se a gente fosse um inimigo qualquer.

Não existia aquele amor que hoje a gente percebe que os pais têm pelos filhos. A gente era tratado de qualquer jeito. Se fosse preciso bater até quebrar as costelas, eles batiam e não estavam nem aí.

São os 3 destaques que eu tenho pra tá comentando com relação ao meu relacionamento com o meu pai. Já da minha mãe eu não lembro quase nada.

**Expedito:** O que eu lembro da minha mãe é que ela tinha um vidrinho de Biotônico Fontoura e ela mandava a gente buscar pinga pra ela lá na venda... como é que chamava aquela venda ali do Clemente do Meio?

**Expedito:** Aí eu ia lá buscar a pinga pra ela. E naquele tempo não tinha aquelas pontes, não tinha nada. Tinha uma pinguela pra gente passar, ali perto de onde tá morando os nossos sobrinhos agora, né, o Zé e o Vadinho. Chegava lá na venda, se era pra comprar 5 reais de pinga, a gente comprava 2,50 e comprava doce com o resto do dinheiro. Quando chegava em casa, próximo da minha casa, tinha uma mina d'água, a gente enchia aquela garrafinha com água e entregava pra ela.

**Antonio:** Mas quando ela veio visitar vocês aqui, em São Paulo, você lembra alguma coisa quando ela chegou?

**Expedito: É, eu tenho algumas lembranças da minha mãe, por exemplo, quando eu estava em Juiz de Fora, né? Por acaso, um dia ela chegou lá sem eu saber de nada, que naquele tempo era comum, né? Ninguém tinha como se comunicar com ninguém, a não ser através de carta. E como a minha tia já morava lá, né, que era a irmã dela, ela apareceu lá onde eu estava trabalhando, num hotel.**

**Mas foi uma cena muito... a gente disparou a chorar, chorar, chorar e não parava mais de tanta emoção de tá vendo a minha mãe ali, depois de muito tempo sem ver ela, que eu saí lá da roça e fui pra Juiz de Fora e fazia muito tempo que eu não via ela.**

**Mas foi uma emoção... olha, muito forte e eu não parava de chorar. Essa aí é uma das coisas que eu lembro da minha mãe.**

**Antonio:** E aqui em São Paulo você não lembra? Da chegada dela, por exemplo, ela veio uma vez aqui sozinha, né? Com o João, pra ver vocês. Foi, pelas minhas contas, foi em 62, final de 62, que ela encontrou o Zezito lá no Gouveia.

**Expedito:** Não, eu não tenho lembrança dessa passagem não. Eu não consigo lembrar de nada dessa época aí não. Quando o Zezito fala que minha mãe pirou e nunca mais voltou ao normal, não é bem assim! Ela tinha algumas crises, como pôr exemplo? Você estava conversando com ela dava pra perceber, ela saía do normal e ficava dizendo coisas desconexas, mas só em vezes em quando acho que eu era um dos filhos mais presentes na vida dela nos últimos anos que viveu , como eu trabalhava em supermercado trazia pra ela uma variedade de coisas que ela gostava muito e também pôr morar bem perto dela. Aquela casa que a gente morava na Faz. do Rubinho, era cercada de arame porque ali em torno dela era tudo pasto, sentido gavião do lado esquerdo tinha uma criação de búfalo, e o capim mais indicado pra eles era o colonial, do lado direito bem lá no fundo a gente plantava arroz de abril, na época da colheita a gente ficava com água até a cintura e de quebra tinha um parasita de nome sanguessuga que mordia as pernas da gente o tempo todo! Um dia

o Rubinho apareceu pôr lá montado num burro e me pediu pra ir buscar o almoço dele naquele burro, aí começou o meu pesadelo, aonde tinha uma vala ela pulava por cima e eu cada vez mais apavorado mais pra frente vinha vindo um conhecido com um carro de boi e pra zuar comigo fez um gesto na intenção de surtar o burro e deu certo pra ele é claro, o burro saiu em disparada comigo e quando eu já estava próximo da cerca de arame ele deu uma rabichada e eu voei por cima do pescoço dele e só deu tempo de enfiar pôr baixo da cerca e ele continuou tentando tirar tudo que tinha sobre o lombo dele " ufa! Escapei da morte porque se ele tivesse me acertado um coice acho que seria fatal".

**Em 1965 a tia Santa um dia chegou na minha casa e me viu tremendo de frio com um calor acima de trinta graus, ela achou estranho e me levou no médico particular na ponte rasa, o médico me pediu uma chapa dos pulmões e quando viu o resultado me disse, entrega pra sua empresa foi aí que fui internado num sanatório em Cotia já num estado grave por causa da tuberculose, ou seja se estou vivo até hoje, agradeço primeiro a nossa Tia Santa, ela foi realmente uma santa pra todos nós.**

Sr. Tomáz, pra você ver como é o destino, né? Jamais poderia imaginar que um... uma pessoa tão importante na minha vida, que é o Seu Tomás, vir parar na capa do seu livro. É uma coisa muito inexplicável.

Naquela época eu era muito doente, tinha a barriga cheia de vermes e ele me levou pra fazenda e ficava... cuidando de mim. E a cozinheira era a Tia Taninha. E ela fazia aquelas comida especiais pra mim que ele... indicava. E ele ficava com aquele rastelo na mão, debaixo daqueles pés de jaca, o tempo todo raspando, e eu ali, ensebando perto dele. E ele me adotou assim, como se eu fosse um filho, ele gostava muito de mim.

É uma coisa muito emocionante a gente... é... ver essas coisa acontecer assim, tão, digamos assim, tão real, né?

# Olga Lino Pinto dos Santos
# Lembranças relatadas em 2023



**Antonio:** Agora vamos ver as memórias da Olga. Pode começar, Olga.

**Olga:** Então, eu vou começar lá no Morro Redondo, né, que eu lembro muito dela lá eu era muito criança, não fazia nada pra ajudar ela também no serviço não, mas de vez em quando ela punha a gente pra carpir lá, eu e você lá. E a gente ia. E eu lembro que eu não sei por que que ela tinha mania de me bater. Ela mandava eu procurar uma agulha perdida... em você ela não batia, mas ela batia em mim. E uma vez ela, ali no Morro Redondo, ela me bateu, não sei por que, com uma corda de poço, a Dona Izolina que me socorreu, me colocou... você foi junto, me colocou numa bacia de água com sal lá e tal. Essa passagem eu lembro dela.

Mas eu lembro que ela fazia uns lanches muito gostosos pra gente levar pra escola. Ela fazia viradinho de feijão com farinha, arroz, assim, gostoso, punha numa latinha e a gente ia comer, os moleques lá ficavam rindo, né, porque era só nós levávamos esse tipo de lanche. E depois a gente mudou lá pra casa da goiaba. Aí nós dois vivíamos lá subido nos pés de goiaba também. Ela mandava a gente catar café embaixo do pé, aquele café que cai ali e que sobra, e a gente ficava chorando de medo de cobra, não catava nada direito e ela ia pra roça sempre, né?

A mãe era uma pessoa trabalhadeira demais da conta. Ela largava a gente sozinhos e ia pra roça. E trabalhava com aquela enxada nas costas, parecia um homem, aquele pé tudo sujo, e voltava. E depois, quando a gente mudou aqui pra São Paulo, e eu fui... ela me colocou... eu tinha 12 pra 13 e ela me colocou pra estudar no Henrique Pegado, mas não fiquei nem 1 mês porque a servidora lá... a servente lá estava precisando de uma menina na casa dela pra trabalhar e ela já me mandou pra lá com a mulher. Lá pra Vila Ré. E eu fui.

Cheguei lá, tinha o marido com câncer lá não sei na onde, deitado numa cama e 3 moleques. E não deu muito certo. Eu ia a pé daqui até lá. Eu sei que eu passava por cima ali na Igreja Nossa Senhora Aparecida, do alto da Ponte Rasa. Ia e voltava, mas só a cada 15 dias, né? Aí fiquei lá, depois que eu saí de lá, o João trabalhava... o João trabalhava lá no Parque Dom Pedro, no bar do Seu Manoel e a mulher dele estava precisando duma empregada. Aí o João me mandou pra lá, lá pro Ipiranga. Aí de lá eu fui pro... vocês tinham mudado pro Paraná, aí eu fui pro Paraná. Eu sei que eu chorava tanto por causa da minha mãe que molhava o travesseiro. E ela também tinha saudade de mim, mas ela me largava, viu? Mudava, me deixava pra trás.

Eu nem sabia o dia que ela ia mudar pro Paraná. Ela foi. E aí eu fui pra lá também, depois que o meu pai escreveu aquela carta eu fui.

Voltamos pra cá e eu continuei trabalhando em casa de família e a minha mãe também dando apoio, né? Aí ela, quando nós voltamos de lá, eu e você, nós alugamos uma casa na Rua Santa Margarida, na Vila Buenos Aires. Fomos nós 2 numa casa de móvel usado e compramos todos os móveis e mandamos entregar pra ela e ela foi morar lá. Depois ela mudou, depois ela mudou pra cá, pra Rua Hedi. E ela gostava muito

de mudar, ela e o meu pai. Não paravam em lugar nenhum. Mas ela era uma mãe que ela fazia... ela não tinha nada impossível pra ela.

Quando a gente morou lá na Fazenda do Rubinho, eu lembro que um dia furaram um poço lá, parece que eu tô vendo aquele poço, muito fundo, com tijolinho assim, sabe? Cimentado e tijolinho, aberto em cima, tudo... não tinha fechado, não tinha nada... buraquinho nenhum, era um buracão mesmo do poço. E caiu o baldinho dela lá dentro, ela fez eu descer na escada lá embaixo pra buscar esse balde. Outra vez, a gente morava na... também no Rubinho e ela queria que eu fosse na Tia Chiquinha buscar não sei o que pra comer lá, que a Tia Chiquinha estava... pedir pra Tia Chiquinha um negócio de comida. E ela me pôs num cavalo sem sela, eu passei no meio daqueles búfalos pretos ali, morrendo de medo.

Ela era aventureira, viu? E punha a gente pra fazer. Ela não deixava a gente assim, de preguiça. Ficava com preguiça, a gente já levantava e já ia fazer as coisas. Ela fazia questão de fazer isso, porque ela não tinha preguiça pra nada, ela era uma pessoa... na verdade, eu nunca conheci ninguém igual a minha mãe não.

E ela não tinha dor que segurava ela, não tinha cansaço, não tinha preguiça, não tinha raiva de ninguém, ajudava as pessoas.

Tinha uma vizinha lá, do Luiz lá, quando a gente mudou pra lá, que ela estava doente, a minha mãe levava comida em um prato. Que ela tinha aquele carinho, aquele amor, ela tinha uma amizade com a Dona Cacilda, amizade de irmã, a amizade com as pessoas assim, dela, não tem mais... hoje, não tem igual mais. Minha mãe não ficava sozinha não, igual eu fico aqui não. As vizinhas todas vinham na casa dela e conversava muito e gostava muito dela e falava bem dela. Ela era lembrada em todo lugar que a gente ia. É, não fazem mais pessoas como ela, sabe?

E ela tinha muita dó de mim, né? Quando eu fiquei... me casei lá, que eu separava daquele homem.

Quando eu me casei, eu dava dinheiro pra ela sempre. Depois que eu me casei, continuei dando. Fui morar ali na Rua Jaci, né, junto com o Expedito e eu recebia e passava lá pra dar dinheiro pra ela. Não deixava ela sem dinheiro, no que eu podia dar, né, o pouquinho que eu tinha, eu levava pra ela. E ela ficava muito contente. Um dia eu fui trabalhar na... eu consegui trabalhar lá na Vila Mariana, não sei quem que me arrumou esse da Rua Joaquim Távora, e eu estava em casa, não estava trabalhando. Aí ela acordou sem o gás, porque gás pra ela era um problema. Quando o gás ia passar minha mãe nunca tinha dinheiro. Aí eu não falei nada pra ela, eu fui embora trabalhar. Quando eu cheguei lá, eu falei pra minha patroa, eu falei "Olha, a minha mãe ficou lá sem gás, sem dinheiro pra comprar o gás, a senhora não pode me adiantar 30 cruzeiros pra mim levar pra ela?" Na hora. Ela me deu os 30 cruzeiros, eu fui lá, levei pra ela, ela pegou o gás, dormi lá, no dia seguinte fui trabalhar de novo. Não gostava que ela passava falta dessas coisinha assim, sabe?

Essenciais, né? Agora, o que eu pude fazer, eu fazia.

E é isso, minha mãe é... quando eu larguei do Roberto, eu ia pra lá. Não precisava nem pedir pra ela não.

Ele aprontava lá, eu catava tudo e já ia pra lá. Com aquelas crianças tudo lá e ia. Eu chegava lá, ela atendia na boa, ficava contente, passava 15 dias, ela falava "Minha filha, não é melhor você voltar pra sua casa? você tá aqui toda mal dormida, né, toda... as criança tudo aí, não é melhor você voltar?" Aí eu pensava bem, não queria não, voltava. Isso aconteceu umas 5, 6 vezes, mas ela me dava o maior apoio. A última vez que eu... penúltima vez que eu separei, que eu estava grávida do Rodrigo, eu fiquei lá 1 ano e 4 meses na casa dela. Depois voltei porque não tinha o que fazer, né? Mas ela me dava um apoio assim, de mãe mesmo, não falava mal de mim, não reclamava dos outros.

Minha mãe era minha amiga, amiga do peito mesmo.

Ela tinha uma admiração por mim. Ela falava bem de mim para as pessoas, sabe? A Olguinha é trabalhadeira, a Olguinha é isso, a Olguinha é aquilo. Ela gostava demais de mim. E, quando ela morreu, parecia que eu tinha perdido a mão, né, porque ela me fez muita falta naqueles tempo lá. O papai, ele nunca me bateu.

Nunca me bateu, nunca implicava comigo. Quem implicava comigo era o Zezito, o papai não. O papai, ele gostava muito de mim. Tinha uma paciência comigo danada.

**Então, ela também... ela tinha umas histórias muito tristes da vida dela, né? Coisa que hoje em dia os filhos não fazem, a gente reunia tudo do lado dela, fazia uma roda. E ela começava a contar os casos dela, do filho que perdeu e das outras irmãs que ela criou sozinha. O amor que ela tinha por aquelas irmãs era uma coisa impressionante. E a gente escutava e chorava, né, junto com ela. E a gente pegava mais amor nela ainda, né, porque ela tinha uma história de vida danada. E uma história de vida que venceu sem dinheiro, sem estudo. Ela venceu, porque ela criou 11 filhos. A gente, hoje em dia, não consegue criar 1 sem reclamar. Ela criou tudo com amor.**

**O Expedito não contou aí que ela veio pra Juiz de Fora pra ver eles? Nossa, ela morria de saudade desses meninos, que eles saiam de casa... o Zezito... morria de saudade. Ela fazia um esforço danado, não tinha... fazia lá os sanduichinhos dela e pegava o ônibus e vinha ver eles mesmo, ela não ficava sem ver não. Ela era muito amorosa. Esforçada, amorosa.**

Pra mim foi um dos piores momentos que passei na minha vida, vendo a nossa irmãzinha agonizando na cama com o corpinho todo pigmentado pôr causa do veneno, a minha mãe de repente se transformou, ficava rindo o tempo todo, pegou uma tesoura e começou a cortar o cabelo, o Luiz que tinha ela como coleguinha ficou muito abalado! Foi muito triste, e difícil de esquecer são passagens na vida da gente que nunca deveria acontecer.

**Moramos em São Pedro na fazenda do Rubinho um dia minha mãe saiu pra roça e ficamos sozinhos eu, o Luís, o Antônio a Maria Helena e a Marta, aí saímos pelo campo pegando frutinhas pra comer e quando voltamos a Maria Helena sentou na escada da cozinha e me falou tô com dor na barriga. Chamamos a mamãe que socorreu ela com o que ela sabia. O papai estava em Rio Branco e ia chegar. Ela era muito grudada com ele e ficava perguntando, disse que queria comer macarrão cumprido que é o espaguete, meu pai chegou umas 5.30 e foi comprar mais só achou o Ave Maria, minha mãe fez mais ela não comeu ficou no colo do papai. Ela dormia comigo, quando percebi que ela estava vomitando sangue chamei a mamãe que mandou meu pai ir até a fazenda pra pedir socorro. Era madrugada e estava chovendo. O Rubinho mandou um trator e minha mãe e pai foram levar ela pro hospital em São Pedro, quando chegou no hospital ela morreu. Estávamos esperando na porta de casa, quando minha mãe chegou só com o cobertorzinho dela aí choramos muito, principalmente o Luiz que era muito ligado a ela. Eu pensei que nessa nossa caminhada ela tivesse comido alguma fruta venenosa mais o médico disse que foi "comigo ninguém pode" a Duduca disse que ela é o Luiz brincavam de fazer comidinha amassada tudo numa vasilha e essa vez ela comeu. Tadinha sofremos muito. Ela morreu um dia antes do meu aniversário, eu ia fazer 10 anos, ela morreu com 5, muito triste.**

# Marta Lino Pinto
# Lembranças relatadas em 2023



Quando eu era pequena, eu era muito apegada com o meu pai, eu gostava demais dele e ele de mim, né?

E eu me lembro que, quando a gente veio, as minhas lembranças são a partir de quando a gente veio pra São Paulo, né? Então eu lembro que a gente morava na casa da Tia Santa e o meu pai trabalhava abrindo poço, né, construindo poço e ele chegava em casa todo sujo, né, todo... às vezes machucado e já chegava meio alterado, porque ele tomava umas cachacinhas lá com os companheiros dele. E às vezes ele vinha pra casa com aqueles companheiros dele lá, sentavam-se lá, continuavam bebendo, né, até a hora da janta. E eu gostava muito dele, né, e o meu pai pedia pra eu cantar pra ele e eu gostava muito de cantar pra ele. Então eu subia num banquinho e cantava pra ele. Eu decorava tudo aquelas letras, né, de música. Era muito pequena, eu devia ter o que quando a gente veio pra São Paulo? 3, 4 anos, né? (Quase 6 anos) E eu subia num banquinho e ficava cantando pra ele, pra aqueles companheiros dele, né? Eu lembro que uma das músicas que eu cantava era o famoso Churrasquinho de Mãe, né, do Teixeirinha. Eu decorei aquela letra inteira, não sei como, porque eu era muito pequena e eu cantava e ele achava a maior graça naquilo, né? E aí, quando eu terminava de cantar, ele sempre me dava um dinheirinho. Aí eu corria na venda do Seu Miguel, né, que era ali pertinho, pra comprar um doce. E era assim todo dia, né?

E aí eu me lembro que, há uns anos atrás, eu passei uma situação muito difícil na minha vida e eu estava muito deprimida e as coisas estavam dando tudo muito errado pra mim e teve um dia lá que eu chorei o dia inteiro, eu não via saída pra aquela situação, eu não sabia como resolver e tudo que eu tentava não dava certo. E naquela noite, eu fui dormir chorando, né? Eu dormi chorando. E daí eu tive sonho. Eu sonhei que eu estava cantando pro meu pai, né, e eu cantava aquela música "Quando o carteiro chegou..." E eu cantava e o meu pai ficava olhando pra mim. E quando eu terminei de cantar, ele olhou bem nos meus olhos e falou pra mim "Uma menininha que sobe em cima de um banquinho pra cantar pra homens sujos, machucados e bêbados, é uma menina muito corajosa!" Eu sei que... eu, no dia seguinte, eu acordei renovada, eu nunca esqueci esse sonho e eu tenho certeza que o meu pai falou comigo naquela noite. E eu me fortaleci a partir daquele dia e as coisas seguiram.

Houve uma época que a inflação era muito alta, né? E os produtos nos supermercados, eles eram marcados assim, várias vezes ao dia. Você ia comprar o negócio de manhã, quando chegava de tarde já era outro preço, né? Então a situação estava muito difícil, né, pra quem era assalariado. Então eu e minhas amigas, mais duas amigas, a gente bolou um plano de fazer as compras no atacadão. Então a gente fazia assim, a gente fazia compra pra 3 meses, né? A gente ia no atacadão, comprava tudo de fardo, né, comprava aquele monte de coisa. Hoje em dia, qualquer um pode comprar no atacadão, né, mas naquele tempo não era assim, você tinha que comprar numa quantidade muito grande. Então nós íamos em 3 no atacadão ali da marginal e a gente comprava tudo de fardo. Fardo de arroz, de feijão, de tudo que desse pra comprar. Linguiça, leite

condensado, enfim, tudo. E a alegria dos meus pais era quando eu chegava com aquela compra, porque era muita coisa. Então era fardo de arroz entrando, de feijão, lotava aquela varanda, né?

E tudo em muita quantidade, né, coisa que, por tudo que eles passaram, né, era uma cena que eles não estavam acostumados, né? Então o papai, ele escutava o barulho do carro lá fora, ele já pegava a cadeira dele e punha na varanda. Era um prazer dele ver a compra chegando. E a mamãe a mesma coisa, né? Eles ficavam ali na varanda e a gente pondo as coisas pra dentro e aquele monte de coisa, não tinha nem onde guardar direito e tal. Só que aí assim, a minha compra nunca durava 3 meses, né? A compra das minhas amigas durava 3 meses e a minha não.

Eu falava "Mas que coisa, gente! Por que que a minha compra não dura 3 meses, né?" E daí eu descobri que eu chegava com a compra e, no dia seguinte, fazia fila lá na porta de casa, porque com a mamãe com aquele coração enorme que ela tinha, ela saía distribuindo tudo que eu tinha comprado. Então ficava aquela fila, a turma saindo com sacolinha de lá de casa com as coisas que eu tinha comprado. Então a minha compra nunca dava pra 3 meses, né? E a primeirona ali, que vinha logo cedinho com a sacolinha, era a Tia Carmem, né? Ela já levava a compra dela do mês, né, e assim por diante. E eu também nunca liguei, né, porque eu também tenho o coração bom, tinha dó deles, né, mas era assim, vinha a turminha nossa ali, toda com as suas sacolinhas e, no fim, a minha compra não dava pra 3 meses.

Eu tive o privilégio, de conviver com os meus pais assim, no final da vida deles, quando eu fui morar lá, já depois de adulta, né, que eu voltei pra casa e eu fui morar com eles. Então eu tenho muitas histórias, e foi mais uma oportunidade na vida de ser paparicada, porque os 2 eram incríveis comigo. Meu pai e a minha mãe, eles me tratavam superbem, era uma paparicação total comigo. E aí eu tenho uma história engraçada, que foi quando eu comecei a dirigir... e estava começando a dirigir, comprei um fusca velho lá, tal, e nossa, e o drama era colocar aquele fusca na garagem, porque ali, a garagem da Romelândia, o espaço pra entrar o carro era minúsculo ali, né? De um lado e do outro. E eu não acertava pôr o carro lá dentro, o carro já estava todo zoado, na tentativa de pôr ali. Então o que que eles faziam? O papai ficava na janela e a minha mãe ficava no quintal. E eles ficavam, né, "Mais pra lá, mais pra cá, vai de fasto agora, volta!" E eu ficava horas ali pra pôr o carro.

Aí teve um dia lá, que não sei que rolo que deu, que eu tentei entrar com o carro e a mãe falando, ele falando na janela e eu sei que deu uma bobeira lá que eu ralei todinho o carro na entrada, arrancou o negócio lá que fica do lado do fusca, aquele negócio redondo, quase que eu atropelo a minha mãe. E eu sei que aquilo ali rendeu, viu? Porque eles brigaram uma semana por causa daquilo. O papai falando que foi culpa da mamãe, que não estava me orientando direito, ela botando a culpa nele, porque ele ficou falando junto com ela e aí me atrapalhou. Nenhum dos 2 punham a culpa em mim, que era uma péssima motorista. Eles ficavam se culpando. Isso aí foi uma semana de briga, quem era o culpado de eu ter ralado todo o fusca na entrada?

A nossa família tem uma coisa maravilhosa, que eu acho assim, todas as crianças são bem-vindas na nossa família. Não interessa de onde veio, como que veio, como que apareceu, mas são todas bem-vindas, amadas e respeitadas, né? E isso não foi diferente com a Marcela. Meus pais adoravam a Marcela. Adoravam. Ela era tratada como uma princesa dentro daquela casa. E repetindo o como eu era na infância, a Marcela também era muito apegada com o meu pai, né? Ela era um grude com ele, né, e ela chamava ele de vovozinho e ele ria muito com ela, ele adorava ela. E ele costumava ficar ali na calçada com ela, na nossa calçada, em frente à casa da Romelândia, ela ficava andando de bicicletinha pra lá e pra cá e ele ficava ali brincando com ela, tomando conta, tal. E ela sempre o chamava pra andar de bicicleta com ela, "Vamos, vovô, andar de bicicleta!" E ele, naquela época, já usava a muleta, né? E ele falava pra ela "Não dá! O vovô tem problema na perna, tá usando muleta, eu não posso andar de bicicleta com você." E ela estava sempre pedindo isso pra ele. Ela vivia paparicando-o, que nem eu fazia, estava sempre grudada com ele, penteando o cabelo dele, fazendo gracinha pra ele. Ele era louco por ela, né? E tanto que, no final da vida, ele falava pras pessoas que iam lá em casa, que essa menina era a única alegria da vida dele, né?

E ela era danadinha, ela subia... quando ele estava já com cama de hospital, ela subia na cama do hospital, ficava colocando bolacha na boca dele, e chocolate, tudo as coisas que ele não podia comer, ela ia e dava escondido pra ele "Vovozinho, vovozinho..." E ia pondo as coisas pra ele comer. Mas aí, quando ele faleceu, ela estava com 5 anos, né? E eu fiquei numa situação muito difícil, porque era um apego enorme, até porque ela não teve pai, então era o homem da vida dela, né? E daí eu fiquei assim, sem saber, né, como que eu vou dizer isso pra ela? Eu optei por não levar ela, no velório/enterro, eu achei que era muito pesado, era muito pequenininha, mas eu tive que contar. Então depois que tudo passou, eu sentei com ela e fui contar pra ela que o vovô tinha ido morar no Céu, aquele jeito que a gente fala com criança. E ela olhou pra mim e falou assim "Ô, mãe? Agora lá no Céu, será que o vovô já tá andando de bicicleta lá?" Foi essa a reação dela.

Outra história engraçada de quando eu estava aprendendo a dirigir é que numa madrugada daquelas lá, o papai passou muito mal e gemia, gemia, não sei o que, de madrugada. Logo chamei a Olga, que morava na pracinha, nós fomos levar ele pro hospital, né? E eu com o meu fusca todo rebentado, sem saber dirigir direito, botei ele no banco de trás e lá fomos nós duas. Aí, quando chegou lá na Radial Leste, já quase chegando no hospital, eu dei uma bobeira lá, acho que eu passei por cima da calçada, passei em cima duma pedra lá, eu sei que o carro pulou e meu pai que estava deitado atrás, gemendo, foi o caminho inteiro gemendo, gemendo, gemendo, meu pai pulou atrás, aí sentou atrás do carro "Que que foi? Que que foi?" "Foi nada não, pai! Só passei ali em cima da calçada, tal." Daí ele foi sentadão lá atrás, bonzinho, já parou de gemer, parou com tudo, conversando e não sei o que. E aí a Olga virou pra mim e falou "Olha, pode fazer meia-volta e voltar pra casa que ele sarou, viu?"

Uma história engraçada que tem com esse fusca aí foi que no dia do velório do papai lá, que estava velando lá na Quarta Parada. E você pôs um ônibus lá pra levar o pessoal até o cemitério. Eu nem lembro mais onde que foi o enterro. Acho que foi no Morumbi, né? Botou um ônibus. Aí aquele carro era o fim da picada, né?

No velório eu te perguntei, você acha que tem algum problema deixar meu carro aqui e eu vou de ônibus com todo mundo? Será que tem algum problema deixar o carro aqui e tal?" Aí você virou bem na minha cara e falou assim "Olha, você tem que entender uma coisa, Marta, você não tem carro." Risos.

Ainda quando eu era bem pequena, meu pai fez amizade com uma mulher e essa mulher, ela tinha uma filha assim, mais ou menos da minha idade. E meu pai me levava na casa dela. Aí eles ficavam lá tomando alguma coisa lá na mesa, tomando um vinho, sei lá o que eles ficavam tomando e eu ficava ali no chão brincando com a menina, né? E fomos várias vezes na casa dessa mulher. Eles ficavam lá batendo papo, conversando, conversando, conversando e eu brincando com a menina. E aí acho que a minha mãe não gostou muito dessa história e uma vez ela veio perguntar pra mim aonde que eu ia com o meu pai, quando a gente saía assim, de tarde e tal. Aí eu muito... eu era pequena ainda, não tinha noção das coisas, contei pra ela, né, que a gente ia na casa duma mulher, que o meu pai ficava bebendo com a mulher e eu ficava brincando com a menina. Meu Deus do Céu, olha... só não saiu morte ali porque não era pra ser, viu? Mas foi uma brigaiada dos 2 que, olha... e eu me senti muito culpada, não entendia as coisas direito. Pra mim, eles não estavam fazendo nada demais, só conversando. Mas minha mãe ficou com um ciúme... Nossa Senhora! Ela quase bateu no velho. Mas ela falou tanto, tanto, tanto, tanto, foi uma encrenca que, olha, até hoje eu não esqueci disso.

Ah, essa eu não posso deixar de contar. Quando eu fui morar lá com a mamãe, e com a Marcela pequeninha, e a gente dormia na mesma cama, e todos os dias das crianças, o Dia das Crianças, a mamãe colocava um doce debaixo do meu travesseiro e um doce debaixo do travesseiro da Marcela. Era assim que ela era, muito carinhosa com a gente. Muito incrível. Acordava, no Dia das Crianças, estava lá um docinho pra mim e um docinho pra Marcela debaixo do travesseiro.

# Antônio Felício da Costa
# Lembranças relatadas em 2023




Uma que foi muito legal foi quando eu tinha mais ou menos uns 8 anos, nessa época minha vó era quem fazia algumas roupas pra nós, também na quela época se usava muito pouco o tal do flexecler o famoso ziper era coisa de gente rica, minha vó então fez um calça pra mim e colocou esse tal de ziper, eu não via a hora de usar a calça nova, era um domingo, falei pra minha mãe, mãe vou na missa com a calça nova tá?

Era costume nosso, ir à missa todos os domingos e depois ir pra casa da vó comer macarrão com frango.

Então tomei um banho e fui me arrumar, quela época não existia cueca pelo menos pra nós, coloquei minha camiseta todo animado minha mãe tinha acabado de passar a calça nova, então fui me arrumar vesti a camisa coloquei a calça fechei o botão na cintura e fui fechar o zíper, quando puxei o zíper de uma vez o pingolinho estava um pouco pra fora, e esse maldito zíper pegou bem na pelinha, pensa num moleque que chorava e gritava e não deixava ninguém por a mão, gritava falava chama a vó, chama a vó. Como morávamos muito perto qualquer coisa que acontecia era a vó quem resolvia, até por que ela tinha um cuidado muito especial com a gente, então foram chamar a vó e lá vem a veia correndo achando que era coisa grave, quando me viu naquele desespero já foi logo perguntando pra Nilza; o que aconteceu minha fia, a mãe falou o que tinha acontecido a veia já pediu pra ver e já foi logo resolvendo, num segundo ela resolveu, depois foi só risada e eu brabo pra caramba. Nunca mais coloquei essa calça e tudo que tinha zíper eu nem chegava perto. Risos.

# Márcio Lino dos Santos
# Filho da Olga Lino
# Lembranças relatadas em 2023



Falando da Vô Minervina. Aqui o sentimento que vem é o Amor. Tudo o que ela fazia era com amor.

Uma pessoa acolhedora, protetora, repartia tudo o que tinha e não faltava, pelo contrário as coisas se multiplicavam. Quando pequeno era uma alegria só estar na casa dela, com ela, sempre tinha algo novo para aprender. Ela não parava, muitas vezes saíamos na rua com ela e ela não podia ver um pé de mamão, pedia para nós, eu e o Marcelo, para arrancar e levar pra casa, ia fazer doce. Nunca esqueço o dia em que ela torrou café, ainda morando na casa da Marta, na rua Romelândia, aparecia vizinhos pedindo um pouco do pó de café, era legal. Se preocupava com todos, quando o Sr avisava que ia lá era uma alegria só pra ela e para todos. O Sr sempre deixava uns trocados com ela e ela dividia um pouco, corríamos para a venda de doces.. Até o ovo frito que ela fazia era diferente, sei lá, nunca comi igual em lugar nenhum. Várias comidas dela eram assim. Eu não gosto de quiabo e ela fazia, com frango, comia mesmo assim. A rapa da polenta, torresmo, a sopa de farinha amarela, os doces de leite, pé de moleque, arroz doce, doce de abóbora, ela fazia muita coisa. Ela descia na Ponte Rasa, bairro próximo, para comprar galinha, trazia a galinha viva, matava no quintal, aproveitava quase tudo da danada. Dava aqueles ovinhos amarelos para comermos, ela falava que fazia bem. Uma vez ela foi matar a galinha na nossa frente, nós da cidade né, ficávamos com dó e a Vó dizia, não fica com dó não senão ela não morre, sai pra lá vocês então se estão com dó. Ela morou em nossa casa quando não mais podia ficar só. Era divertido, ela era engraçada e sempre tinha uma história para contar, igual a Tia Nilza. Eu chegava do serviço a noite e achava que ela estava dormindo, subia a escada sem fazer muito barulho, e pá, não tinha jeito, ela ouvia e perguntava... é o Márcio? Vem cá dar um boa noite. Ela gostava de conversar comigo, bom, com todos, mas sentia que era diferente, eu ajudava muito em casa e ela via. Ela adorava ficar na calçada vendo as pessoas passando, os carros. Adorava uma Pizza de Muçarela...”me dá um pedaço dessa que estica, bobo”, e ela nem podia comer pizza tadinha rs. Da um aperto no peito em lembrar dela, a presença dela dava segurança, pessoa sem estudo, mas muito sábia e vivida, sofreu muito, mas teve seu alento mais tarde. Quando ela faleceu eu estava em casa, sozinho na sala ouvindo música, minha mãe estava com ela e me ligou, disse assim: A morte é coisa mais linda, a paz que a pessoa encontra, a vó suspirou e partiu filho. Chorei pacas, nossa, tinha perdido muito mais que uma avó naquele dia. Sinto a falta dela todos os dias, sempre lembro. Ela tinha um coração bom demais. Dificilmente ela reclamava de algo, até quando sentia dor ficava quietinha para não avisar, não gostava de “dar trabalho” ou ir para o hospital de jeito nenhum. Essa para mim era Vó Minervina, uma companheira mãe, amiga e protetora.

Márcio Pinto dos Santos – 19/01/2023.

# Marcelo Pinto dos Santos
# Depoimento em 2024



A vó Minervina foi minha segunda mãe. Cuidou muito de mim com muito carinho.

Vivi a infância inteira com ela, me deu tudo que podia dar, carinho, amor, comida e afeto, só gratidão.

Minha principal lembrança, e breve, foi quando morávamos numa casa, que tinha uma praça grande na frente, atrás da casa dela, na rua Romelândia, no bairro de Vila Cisper.

Minha mãe se separou de meu pai, e ele levou a única televisão que tinha, uma Mitsubishi, ele era doente por ela, e ficamos sem tevê, me lembro que conseguimos uma, ficamos usando ela por um tempo.

Mas ela um dia pifou e ficamos uns dias sem, pois não tínhamos dinheiro pra consertar naquele momento.

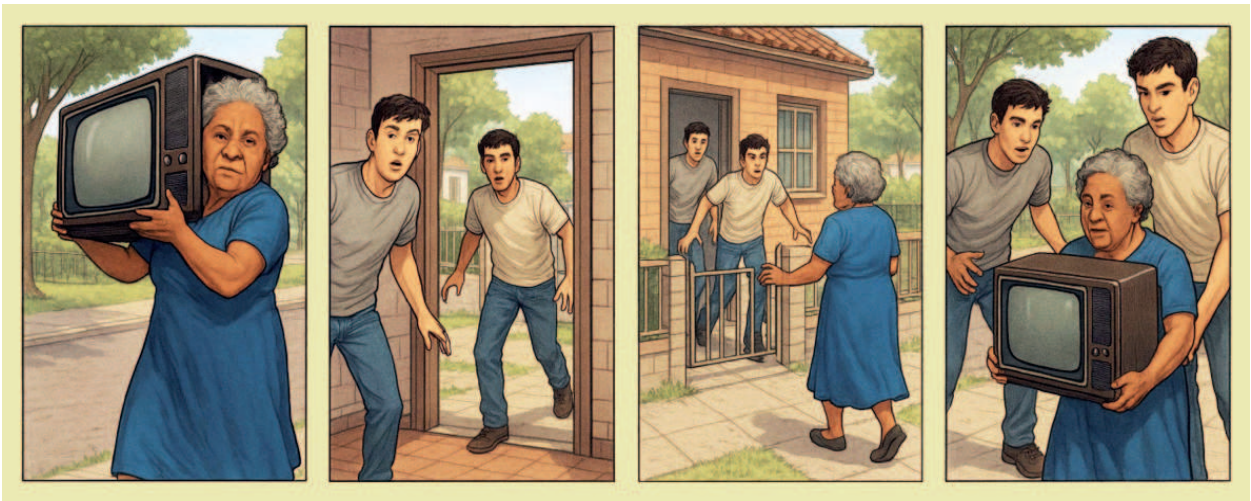
Uma dia minha vó falou, leva a tv pra arrumar que eu me viro e ajudo a pagar, para vocês não ficarem sem tv, falamos, tá bom vó, um dia a gente leva. Por preguiça e falta de dinheiro, enrolamos e não levávamos a tv nunca, rsrs. Até que certo dia, estava no quarto do fundo, não me lembro o que estava fazendo, quando olho, a tv não estava na estante, a porta da sala e portão abertos, quando olho na calçada, vejo minha vó com a tv no ombro levando ela para consertar. Imagine uma tv pesada!

Corremos atrás dela, eu e o meu irmão Márcio, e pegamos dela e levamos lá, no cara da eletrônica que tinha na época. Ele fez o orçamento e minha vó autorizou o conserto.

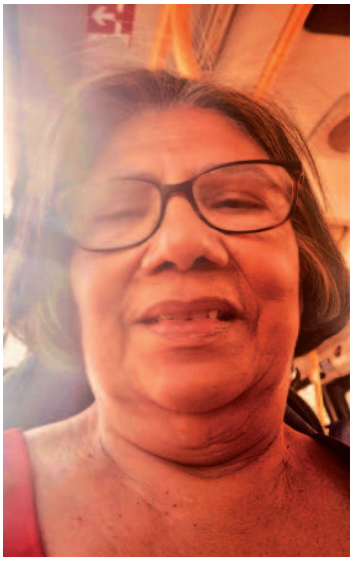
Isso foi algo espantoso pra mim. A força que ela tinha, fiquei impressionado, pois a tv era bem pesada.

Fiquei com vergonha e emoção ao mesmo tempo, da coragem e vontade dela.

Pra mim, foi um aprendizado inesquecível.



## Antonia Célia Cruz (Filha da Niguita)
## Depoimento em 2025



São tantas lembranças boas que nem sei por onde começar! Quando vi está foto dela com o tio, as lembranças vieram à tona e tive vontade de chorar, deu tanta saudade! Ela era muita querida (e é) e sempre que avisava que ia chegar, nós ficávamos na expectativa e, ansiosas por sua chegada!

Muito carinhosa com a família, mamãe sempre guardava alguma coisa pra ela levar pra São Paulo! Tipo, quando matava porco, dava pra ela, torresmo e carne de lata! Ela também gostava de colecionar utensílios domésticos, ferro de passar roupa, panela de pedra, etc. Sinto muita saudade da tia Minervina, poderia falar muitas lembranças boas dela, mas estou emotiva, não estou conseguindo. Mas são lembranças do coração.

## Maria das Graças Lino Esteves (Filha da Niguita)
## Depoimento em 2025



Não tive muito contato com minha tia Minervina pois sai de Visconde muito jovem, nessa época ela já não morava mais lá. Me lembro que ela era uma pessoa muito alegre muito amiga de minha mãe, eu já estava casada morando no Rio de Janeiro e fui visitá-la, em 1976 em São Paulo, ela ficou muito feliz e me recebeu muito bem.

Essa visita ficou marcada como boas lembranças dela na minha vida

# Epílogo


João, neto, Janaína, filha, Antônio, Leonardo, filho, Claudine, esposa, Júnior, filho, Pedro, neto e Paula, nora. Fev/ 2022

E finalmente terminam as histórias. E o livro. Foi uma maratona desde julho de 2017. Estou finalizando esse livro em 16/04/2025.

Foram quase 8 anos dedicados a esse projeto. Foi muito emocionante e espero que vocês se emocionem também.

Leiam com calma, mesmo que 2 ou 3 páginas por vez. Estimulem seus filhos e netos a fazerem o mesmo.

Vamos manter viva a memória dos nossos antepassados. Para quem receber o livro, guarde-o com carinho para que as futuras gerações tenham acesso a essas histórias. Verdadeiras. Não deixem de acessar o site da família. Tem muita coisa lá.

Todo esse trabalho foi muito gratificante. Fico ligeiramente frustrado por não conseguir saber as origens dos nossos antepassados. Desconfio que a família Pinto, nossos trisavós pelo lado paterno do Izaltino, sejam italiana, mera suposição. Pela elegância, postura, e altura. Embora Pinto seja muito popular em Portugal. Da família Lopes de Carvalho, nossos trisavós por parte da mãe do Izaltino, suponho que sejam portugueses, ou até mesmo espanhóis. Da família Luís da Silva nossos trisavós no por parte da Minervina não tive muita informação. Da família Lino dos Santos, nossos trisavós pelo lado paterno da Minervina, suponho que sejam portugueses.

Continuarei nas pesquisas. Quem sabe? A linhagem das mulheres fica muito mais difícil pois elas se casam e assumem o sobrenome do marido.

Quase 90% do que consegui dos nossos antepassados devo à amiga Eliane Brandão que com muita competência digitalizou todos os livros da igreja de Visconde. Meu muito obrigado a ela. Como já disse no livro anterior a Eliane surgiu por acaso em um contato que fiz a ela, moradora do Rio de Janeiro. No primeiro contato ela revelou que era madrinha do Renato filho do Tãozico. Seu vínculo com Visconde se deu por casamento com um dos netos dos Ferreiras. O mundo é ou não pequeno?

Quero agradecer a todos que tiveram paciência comigo e agradecer especialmente meus irmãos, com louvor a Nilza que, como disse, seria impossível resgatar tantas histórias sem a sua dedicação e memória prodigiosa. Agradecimento especial ao meu filho Júnior que nos acompanhou e registrou tudo isso. Agradeço também aos que se prontificaram a deixar seus depoimentos. Um grande abraço a todos.

Antônio Lino Pinto
https://www.familialinopinto.com.br/
antoniolinopinto198@gmail.com
Telefone: (11) 99405.5343